

CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA

Rumo a uma nova síntese



CRISTIANA BARRETO
HELENA PINTO LIMA
CARLA JAIMES BETANCOURT
ORGANIZADORAS



CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA

Rumo a uma nova síntese

CRISTIANA BARRETO
HELENA PINTO LIMA
CARLA JAIMES BETANCOURT
Organizadoras

CRÉDITOS

Presidenta da República do Brasil

DILMA ROUSSEF

Ministro de Estado da Cultura

JUCA FERREIRA

Presidente do Instituto do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional

JUREMA DE SOUZA MACHADO

Diretoria do Iphan

MARCOS JOSÉ SILVA REGO

ANDREY ROSENTHAL SCHLEE

TT CATALÃO

LUIZ PHILIPPE PERES TORELLY

Coordenação Editorial

SYLVIA MARIA BRAGA

Copidesque e revisão

SYLVIA MARIA BRAGA

Projeto Gráfico e Capa

RARUTI COMUNICAÇÃO E DESIGN/CRISTIANE DIAS

Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação

CELSO PANSERA

Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi

NILSON GABAS JÚNIOR

Coordenadora de Pesquisa e Pós-Graduação

ANA VILACY GALÚCIO

Coordenadora de Comunicação e Extensão

MARIA EMÍLIA DA CRUZ SALES

Coordenação Editorial

NÚCLEO EDITORIAL DE LIVROS

Produção Editorial

IRANEIDE SILVA

ANGELA BOTELHO

Designer Gráfico

ANDRÉA PINHEIRO

Editora Assistente

TEREZA LOBÃO

Imagem da capa: Vaso da cultura Santarém, acervo Museu Paraense Emílio Goeldi. Foto: Glenn Shepard.



Cobra-canoa (*kamalu hai*)

(desenho de Aruta Wauja, 1998; Coleção Aristóteles Barcelos Neto).

Kamalu Hai é a gigantesca cobra-canoa que apareceu para os Wauja, há muito tempo, oferecendo-lhes a visão primordial de todos os tipos de panelas cerâmicas, o que lhes conferiu o conhecimento exclusivo sobre a arte oleira. As panelas chegaram navegando e cantando sobre o dorso da grande cobra que antes de ir embora defecou enormes depósitos de argila ao longo do rio Batovi para que eles pudessem fazer sua própria cerâmica. Segundo o mito, esta é a razão pela qual apenas os Wauja sabem fazer todos os tipos de cerâmica (Barcelos Neto, 2000).

Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese / Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima, Carla Jaimes Betancourt, organizadoras. Belém : IPHAN : Ministério da Cultura, 2016.

696 p.: il.

ISBN 978-85-61377-83-0

1. Cerâmica – Brasil - Amazônia. 2. Cerâmicas Arqueológicas. I. Barreto, Cristiana. II. Lima, Helena Pinto. III. Betancourt, Carla Jaimes.

CDD 738.098115

ÍNDICE

PREFÁCIO - Michael Joseph Heckenberger	11
APRESENTAÇÃO - Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima, Carla Jaimes Betancourt	13
PRESENTACIÓN - Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima, Carla Jaimes Betancourt	15
PARTE I - A HISTÓRIA MOLDADA NOS POTES: INTRODUÇÃO A UMA LONGA VIAGEM	17
NOVOS OLHARES SOBRE AS CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA Helena Pinto Lima, Cristiana Barreto, Carla Jaimes Betancourt	19
NÃO EXISTE NEOLÍTICO AO SUL DO EQUADOR: AS PRIMEIRAS CERÂMICAS AMAZÔNICAS E SUA FALTA DE RELAÇÃO COM A AGRICULTURA Eduardo Góes Neves	33
TIPOS CERÂMICOS OU MODOS DE VIDA? ETNOARQUEOLOGIA E AS TRADIÇÕES ARQUEOLÓGICAS CERÂMICAS NA AMAZÔNIA Fabíola Andréa Silva	41
QUADRO CRONOLÓGICO DOS COMPLEXOS CERÂMICOS DA AMAZÔNIA	52
MAPA ARQUEOLÓGICO DOS COMPLEXOS CERÂMICOS DA AMAZÔNIA	53
PARTE II - SUBINDO O AMAZONAS NA COBRA CANOA	55
II.1. NORDESTE AMAZÔNICO	57
LA CERÁMICA DE LAS GUYANAS Stéphen Rostain	59
LA TRADICIÓN ARAUQUINOÍDE EN LA GUYANA FRANCESA: LOS COMPLEJOS BARBAKOEBA Y THÉMIRE Claude Coutet	75
OS COMPLEXOS CERÂMICOS DO AMAPÁ: PROPOSTA DE UMA NOVA SISTEMATIZAÇÃO João Darcy de Moura Saldanha, Mariana Petry Cabral, Alan da Silva Nazaré Jelly Souza Lima, Michel Bueno Flores da Silva	91
“C’EST CURIEUX CHEZ LES AMAZONIENS CE BESOIN DE FAIRE DES VASES”: ALFARERAS PALIKUR DE GUYANA Stéphen Rostain	103
O QUE A CERÂMICA MARAJOARA NOS ENSINA SOBRE FLUXO ESTILÍSTICO NA AMAZÔNIA? Cristiana Barreto	123
A CERÂMICA MINA NO ESTADO DO PARÁ: OLEIRAS DAS ÁGUAS SALOBRAS DA AMAZÔNIA Elisângela Regina de Oliveira, Maura Imazio da Silveira	133
A CERÂMICA MINA NO MARANHÃO Arkley Marques Bandeira	155
O COMPLEXO CERÂMICO DAS ESTEARIAS DO MARANHÃO Alexandre Guida Navarro	167

II.2. BAIXO AMAZONAS E XINGU	179
ARQUEOLOGIA DOS TUPI-GUARANI NO BAIXO AMAZONAS Fernando Ozorio de Almeida	181
CERÂMICAS E HISTÓRIAS INDÍGENAS NO MÉDIO-BAIXO XINGU Lorena Garcia	193
CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DA VOLTA GRANDE DO XINGU Letícia Morgana Müller, Renato Kipnis, Maria do Carmo Mattos Monteiro dos Santos, Solange Bezerra Caldarelli	207
CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA FOZ DO XINGU: UMA PRIMEIRA CARACTERIZAÇÃO Helena Pinto Lima, Glenda Consuelo Bittencourt Fernandes	221
CERÂMICA E HISTÓRIA INDÍGENA DO ALTO XINGU Joshua R. Toney	235
CERÂMICAS DA CULTURA SANTARÉM, BAIXO TAPAJÓS Joanna Troufflard	249
CERÂMICA SANTARÉM DE ESTILO GLOBULAR Márcio Amaral	265
AS CERÂMICAS DOS SÍTIOS A CÉU ABERTO DE MONTE ALEGRE: SUBSÍDIOS PARA A ARQUEOLOGIA DO BAIXO AMAZONAS Cristiana Barreto, Hannah F. Nascimento	275
CERÂMICAS POCÓ E KONDURI NO BAIXO AMAZONAS Lílian Panachuck	293
II.3. AMAZÔNIA CENTRAL	303
AS CERÂMICAS SARACÁ E A CRONOLOGIA REGIONAL DO RIO URUBU Helena Pinto Lima, Luiza Silva de Araújo, Bruno Marcos Moraes	305
AS CERÂMICAS AÇUTUBA E MANACAPURU DA AMAZONIA CENTRAL Helena Pinto Lima	319
CONTEXTO E RELAÇÕES CRONOESTILÍSTICAS DAS CERÂMICAS CAIAMBÉ NO LAGO AMANÃ, MÉDIO SOLIMÕES Jaqueline Gomes, Eduardo Góes Neves	337
UMA MANEIRA ALTERNATIVA DE INTERPRETAR OS ANTIPLÁSTICOS E A DECORAÇÃO NAS CERÂMICAS AMAZÔNICAS Claide de Paula Moraes, Adília dos Prazeres da Rocha Nogueira	351
A TRADIÇÃO POLÍCROMA DA AMAZÔNIA Jaqueline Belletti	365
A FASE GUARITA NOS CONTEXTOS DO BAIXO RIO SOLIMÕES Eduardo Kazuo Tamanaha	383
A SERPENTE DE VÁRIAS FACES: ESTILO E ICONOGRAFIA DA CERÂMICA GUARITA Erêndira Oliveira	391

II.4. SUDOESTE DA AMAZÔNIA	401
VARIABILIDADE CERÂMICA E DIVERSIDADE CULTURAL NO ALTO RIO MADEIRA Silvana Zuse	403
A CERÂMICA POLÍCROMA DO RIO MADEIRA Fernando Ozório de Almeida, Claide de Paula Moraes	421
CERÂMICAS DO ACRE Sanna Saunaluoma	433
A FASE BACABAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A INTERPRETAÇÃO DO REGISTRO ARQUEOLÓGICO NO MÉDIO RIO GUAPORÉ, RONDÔNIA Carlos A. Zimpel, Francisco A. Pugliese Jr.	439
DOS FASES CERÁMICAS DE LA CRONOLOGÍA OCUPACIONAL DE LAS ZANJAS DE LA PROVINCIA ITÉNEZ – BENI, BOLIVIA Carla Jaimes Betancourt	455
CONTINUIDADES Y RUPTURAS ESTILÍSTICAS EN LA CERÁMICA CASARABE DE LOS LLANOS DE MOJOS Carla Jaimes Betancourt	469
II.5. ALTA AMAZÔNIA	483
TRAS EL CAMINO DE LA BOA ARCOÍRIS: LAS ALFARERÍAS PRECOLOMBINAS DEL BAJO RÍO NAPO Manuel Arroyo-Kalin, Santiago Rivas Panduro	485
LA CERÁMICA DE LA CUENCA DEL PASTAZA, ECUADOR Geoffroy de Saulieu, Stéphen Rostain, Carla Jaimes Betancourt	503
CERÁMICA ARQUEOLOGICA DE JAEN Y BAGUA, ALTA AMAZONIA DE PERU Quirino Olivera Núñez	519
COMPLEJO CERÁMICO: MAYO CHINCHIPE Francisco Valdez	533
LA CERÁMICA DEL VALLE DEL UPANO, ECUADOR Stéphen Rostain	549
PARTE III - PARA SEGUIR VIAGEM: REFERÊNCIAS PARA A ANÁLISE DAS CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA	563
A CONSERVAÇÃO DE CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA Silvia Cunha Lima	565
GLOSSÁRIO	577
Processos tecnológicos	579
Denominações formais e funcionais das cerâmicas	594
Contextos arqueológicos das ocupações ceramistas	607
Conceitos e categorias classificatórias	615
REFERÊNCIAS	629
ÍNDICE ONOMÁSTICO	681
AGRADECIMENTOS	687
SOBRE OS AUTORES E SUAS PESQUISAS	689



APRESENTAÇÃO

De enorme ousadia é o caso do tombamento de Brasília, que, além de incidir sobre uma cidade criada havia apenas trinta anos, se fez de forma atípica, ao reconhecer o Plano Urbanístico de Lucio Costa como o foco da proteção, exigindo que os controles do Iphan incidissem não apenas sobre os tradicionais aspectos volumétricos e construtivos, mas também sobre a destinação de uso dos imóveis, essência do ideário da cidade racionalista e funcional expresso pela distribuição espacial de funções prevista pelo Plano Piloto. Ainda entre os modernos, o organizador da publicação, professor Nestor Goulart dos Reis Filho, destaca a Vila de Serra do Navio, cidade projetada por Oswaldo Bratke para a companhia mineradora Icomi, implantada no interior do Amapá na década de 1960, posteriormente abandonada e hoje sendo reocupada por outro perfil de moradores. Preservar o projeto de Bratke implicou primeiro solucionar questões fundiárias e legitimar sua presença naquela comunidade, tema com que o Iphan vem lidando desde então, felizmente com resultados já muito palpáveis.

Os pareceres vistos individualmente são também preciosos. Que organização tem o privilégio de ter reunido em seu entais para a gestão dos bens pós-tombamento, já que os conjuntos apresentam heterogeneidades, ou seja, nem tudo deve ser preservado, uma vez que há em seu interior áreas e bens desconformes, em mau estado de conservação, que, importante dizer, são apontadas pelos relatores não como impeditivos do reconhecimento, mas, ao contrário, como motivadores para se buscar a tutela do estado visando à reversão dos problemas.

Resta agradecer ao ex-presidente do Iphan, Luiz Fernando de Almeida, que idealizou essa série, à sempre competente e enriquecedora organização de Nestor Goulart, à equipe de publicações do Iphan, chefiada por Luiz Philippe Torelly, a todos da casa que tratam com tanto rigor os acervos documentais e, em especial, aos Conselheiros, pela grandeza de seu trabalho em favor do mais alto interesse público, fonte do orgulho que ostentamos de termos sido capazes de construir, ao longo de décadas, uma política e um órgão de patrimônio com a qualidade dos que temos hoje no Brasil.

Jurema de Sousa Machado

Presidenta do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Março 2016



Este livro reúne as contribuições da Oficina Internacional “Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese”, realizada no Museu Paraense Emílio Goeldi, em novembro de 2014, e apresenta o resultado das inúmeras pesquisas arqueológicas recentes e em curso, que lidam com a cerâmica como fonte de análise e interpretação, para reconstruir a enorme diversidade de ocupações humanas da região.

Não foi à toa que o Museu Goeldi sediou o evento. O Museu tem uma história centenária em pesquisa arqueológica na Amazônia e projetos liderados por seus estudiosos definiram importantes parâmetros para a análise de cerâmicas da região. O MPEG foi o ponto de partida de pesquisas pioneiras incluindo as duradouras contribuições de Curt Nimuendaju, Peter Paul Hilbert, Betty Meggers e Mário Simões.

A instituição abriga um acervo igualmente centenário, com coleções de referência de muitas áreas da bacia amazônica e sua reserva técnica é considerada um parâmetro nacional e internacional. Com este livro o Museu dá continuidade à sua missão, tomando novamente a dianteira ao produzir e divulgar o conhecimento sobre as diferentes tradições de cerâmicas amazônicas.

No momento em que o Museu comemora seus 150 anos, as pesquisas atuais continuam contribuindo substancialmente para o desenvolvimento cultural e produção de conhecimento científico sobre a Amazônia. A política institucional do Museu Goeldi é de trabalhar em parceria com outras instituições, visando à colaboração e intercâmbio técnico-científico, além de promover a formação de recursos humanos e a comunicação do conhecimento. Este livro, constituído de contribuições de pesquisadores que atuam em diferentes instituições e áreas da Amazônia, promete ser uma obra de referência para as futuras gerações de arqueólogos.

Dr. Nilson Gabas Jr.
Diretor, Museu Paraense Emílio Goeldi



PREFÁCIO

Arqueólogos amam cerâmica. É mesmo difícil não se encantar pela beleza das vasilhas das culturas amazônicas, que atingiram um nível de realização artística que se equipara às melhores cerâmicas artesanais de todo o globo. Quem não se emociona ao encontrar um pote inteiro ou um fragmento das cerâmicas incrivelmente diversas e sofisticadas que forram o chão de muitos sítios arqueológicos? Na Amazônia, onde se tem pouco mais do que a cerâmica, em termos de cultura material, é fácil entender porque ela acabou por dominar a arqueologia da região, a ponto de quase excluir outras evidências. Contudo, qualquer pessoa que já tenha passado algum tempo entre os povos indígenas ainda vivos da região, sabe bem que a cerâmica é apenas uma pequena fração dos itens da cultura material, a qual continua rica e diversa, apesar dos percalços pelos quais passaram nos últimos séculos.

Devo admitir que as cerâmicas arqueológicas exercem bem menos encantamento sobre mim. O volume de cacos recuperados nos sítios é assustador, a maioria deles nem sempre muito atraente, e representando uma tarefa analítica muito além da capacidade e paciência de muitos arqueólogos de campo. Frente aos montes de pequeninos fragmentos que parecem aqueles pedacinhos de ração para cães, e que acabam povoando as mesas de laboratório, até o mais meticuloso especialista em cerâmica acaba por sentir certa aversão.

Até pouco tempo atrás, as cerâmicas eram coletadas nos sítios, sem que muita atenção fosse dada aos seus contextos, apenas com o intuito de mapear as principais mudanças ocorridas entre os grandes sistemas culturais que se estenderam através da região. Ao longo de todo o século XX, a análise cerâmica não era um meio para se atingir um fim, a compreensão detalhada da rica história cultural da maior floresta tropical do mundo, mas um fim em si mesma, voltada para a mera documentação de mudanças macroscópicas em grandes regiões. Onde estão as pessoas?

A metodologia dominante consistia em triar a cerâmica em tipos definidos por alguns poucos atributos, dos quais o tempero tinha total supremacia. As primeiras tentativas de desenvolver uma análise mais detalhada, considerando mais atributos, em uma análise “modal”, foram feitas em áreas adjacentes à Amazônia brasileira, mas tiveram pouco impacto na pesquisa arqueológica no Brasil. Decoração e variações da forma, tratamentos de superfície e outros atributos eram tidos como embelezamentos supérfluos dos tipos e variedades básicos, e quase nunca eram explorados, em detrimento das seriações que, por sua vez, geravam as típicas curvas em forma de navio, uma após a outra, com o intuito de definir fases e tradições dentro de um sistema cultural genérico, o qual supostamente teria passado por algumas grandes mudanças ao longo dos milênios de ocupação humana, operando sempre com um modelo do tipo “tamanho único”, onde tudo cabia dentro de um conceito generalizante de floresta tropical.

A descoberta de cerâmicas tão antigas e complexas na Amazônia quanto em outras partes das Américas tem sido um



importante elemento para uma séria revisão da história cultural da Amazônia. Nas décadas recentes, os arqueólogos iniciaram estudos que exploram os usos da cerâmica em diversos contextos culturais, incluindo a pesquisa sobre como estas tecnologias se inserem no sistema cultural como um todo. Mas as análises de cerâmicas na região não acompanharam os avanços científicos ocorridos em outras partes do mundo, permanecendo enraizadas em pressupostos de continuidade – de que pouco havia mudado – e corroborados pela apressada e grosseira classificação das cerâmicas feita para cumprir os requisitos mínimos da arqueologia de salvamento. A arqueologia amazônica cresceu exponencialmente nos últimos anos, em grande parte devido ao aumento do desenvolvimento econômico na região e aos estudos de impacto arqueológico para o licenciamento ambiental de empreendimentos diversos. Muito desta arqueologia ainda é conduzida fora dos padrões desejáveis de análises de campo e laboratório, e ignoram referências básicas de análises especializadas.

Este livro vira o jogo. Ele representa a primeira obra de referência que traz uma sólida base para estudos contemporâneos de cerâmica. Aqui estão reunidos muitos dos mais importantes nomes da arqueologia amazônica hoje, apresentando o primeiro esforço de síntese sobre a mais relevante das categorias de artefatos – as cerâmicas. Ele instiga o leitor a penetrar no vasto potencial dos estudos de cerâmica para a arqueologia antropológica. De repente, estudiosos da história cultural regional são chamados a considerar tanto questões de lógica funcional como de agência, de relações de poder e dos significados destas ricas indústrias para as pessoas que as fizeram. O livro ajuda a visualizar as armadilhas de pensarmos as mudanças de acordo com modelos embasados no que aconteceu em outras partes do mundo e nos alerta para a necessidade de considerarmos práticas sociais e culturais, e suas mudanças ao longo do tempo, em seus próprios termos. Por sua vez, novas maneiras de se formular questões tradicionais da arqueologia na Amazônia, como o surgimento da vida em aldeias, a domesticação, os sofisticados sistemas de manejo dos recursos, a desigualdade social, e as sociedades complexas, acabam por contribuir para o estudo destes processos globalmente.

Ainda há muito por fazer, como, por exemplo, análises químicas e petrográficas para estabelecer a proveniência da argila ou análises detalhadas de funções e sinais de uso, e outras ainda, mas isto representa um necessário diagnóstico crítico do campo. Contudo, o tratado aqui presente sugere que a arqueologia regional amadureceu e está preparada para tratar de tópicos de ampla relevância teórica. Esta obra representa o ponto alto para análises cerâmicas e ficará como um esteio de referência para estudos cerâmicos e sua importância para se entender a herança dos povos indígenas da Amazônia, ainda pouco conhecida, ao longo de muitas décadas por vir.

Michael Joseph Heckenberger



INTRODUÇÃO

Esta publicação é o resultado da oficina internacional Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese, realizada no Museu Paraense Emílio Goeldi, em novembro de 2014, com o objetivo de sistematizar e trocar informações sobre as pesquisas com cerâmicas arqueológicas na bacia amazônica. Deste evento participaram 25 pesquisadores de diferentes instituições do Brasil e de outros países da América Latina e da Europa. Agora, juntam-se a estes outros pesquisadores convidados para também participarem deste livro que, assim como a oficina, tem um forte espírito coletivo. Nem a oficina nem o livro teriam sido possíveis sem o entusiasmo e a participação de todos.

Esta força colaborativa certamente foi gerada pela necessidade de uma síntese mais atual que, diante da enorme quantidade de pesquisas e novos dados sendo produzidos, e também da diversidade de complexos cerâmicos sendo identificados, torna-se cada vez mais necessária.

Ao longo da história da Arqueologia da Amazônia alguns esforços de síntese foram realizados, a começar pela obra de Meggers, a partir da publicação seminal em 1957, *Archaeological Investigations in the Mouth of the Amazon*, que acabou se tornando a “bíblia” para estudos cerâmicos da Amazônia brasileira por décadas, além de postular teorias sobre as origens dos diferentes complexos cerâmicos.

Para o Alto Amazonas, a obra de Lathrap, *The Upper Amazon* (1970), não só sintetizou os dados disponíveis até então, como também lançou novos modelos para entender as cerâmicas arqueológicas como resultado do enorme potencial criativo das culturas da floresta tropical, que teriam se difundido na bacia amazônica mediante levas migracionais de determinados grupos linguísticos.

Nas décadas seguintes, o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (PRONAPABA) levou a cabo o programa metodológico impulsionado por Meggers, identificando dezenas de fases arqueológicas para as cerâmicas de diferentes áreas e tradições da Amazônia brasileira. O guia de análise *Como interpretar a linguagem da cerâmica* (Meggers, 1970), bem como as publicações posteriores do PRONAPA, como, por exemplo, o *Índice das Fases Arqueológicas* (Simões, 1972) representaram importantes tentativas de sistematização terminológica e metodológica.

Desde então, não houve, de fato, mais nenhuma iniciativa coletiva de sistematizar e sintetizar os dados sobre as cerâmicas arqueológicas da Amazônia. Publicações importantes, como *Unknown Amazon* (McEwan; Barreto; Neves, 2001), e *Arqueologia Amazônica* (Neves, 2006) deram um passo decisivo no sentido de fornecer uma síntese da Arqueologia Amazônica para um público mais amplo. Mas, desde então, os cenários da pré-história amazônica, que podem ser montados a partir das cerâmicas, ficaram bem mais complexos, como se pode vislumbrar nos volumes editados por E. Pereira e V. Guapindaia, *Arqueologia Amazônica I e II*, resultantes do I Encontro Internacional de Arqueologia Amazônica realizado em Belém em 2008 (Pereira; Guapindaia, 2010).

O que se pretende com este livro escrito a muitas mãos (ao todo 45 colaboradores, entre autores e coautores) é cobrir a enorme lacuna bibliográfica sobre as cerâmicas arqueológicas da Amazônia em geral, publicando tanto os resultados de pesquisas quanto seus contextos de forma sintética e relativamente sistemática.



Esta lacuna fica evidente pela enorme dificuldade por que passam estudantes e pesquisadores iniciantes quando se aventuram no entendimento das diferentes classificações e abordagens de análise utilizadas.

Por isso, este livro foi concebido visando à formação de futuros arqueólogos na Amazônia, para que possam atuar tendo como referência as sínteses e debates aqui compartilhados.

Foi com este espírito didático que pensamos a estrutura do livro como uma longa viagem de imersão nos rios de cerâmicas da Amazônia. A primeira parte, *A HISTÓRIA MOLDADA NOS POTES: CONVITE A UMA LONGA VIAGEM*, anuncia um pouco do que está por vir. Fala-se do início, isto é, das primeiras cerâmicas da Amazônia, em um texto no qual Eduardo Neves revisita a relação entre a cerâmica e a agricultura; e também do fim, isto é, tratando das cerâmicas indígenas hoje, como o faz Fabíola Silva para as cerâmicas Asurini, entrelaçando fim e finalidade, lembrando do nosso objetivo maior que é, a partir das cerâmicas, chegarmos às pessoas e seus modos de vida. A preocupação didática fez também com que fornecêssemos aos nossos viajantes um mapa de referência, que retrata tanto a diversidade geográfica como a dinâmica temporal de distribuição dos diferentes complexos cerâmicos tratados nos textos.

A segunda parte, *SUBINDO O AMAZONAS NA COBRA CANOA*, cobra esta presente na cosmologia e narrativas de muitos povos amazônicos, faz alusão ao mito xinguano que conta que as cerâmicas, panelas cantantes, foram trazidas no dorso da grande cobra-canoa Kamalu Hai, tendo esta permitido que os índios Wauja vissem os desenhos primordiais pintados nas panelas. Além disso, a grande cobra-canoa, antes de partir, defecou grandes quantidades de barro ao longo do rio Batovi, para que os Wauja pudessem fazer suas próprias cerâmicas. Ao reproduzir os desenhos em suas próprias panelas, iniciaram assim uma longa tradição cerâmica, exclusiva àquele grupo. Nossa viagem fala dos diferentes complexos cerâmicos da Amazônia, que remontam a tradições ancestrais. O percurso inicia-se na foz do Amazonas e sobe o grande rio até seus afluentes na Bolívia e Peru. Dividimos esta parte em cinco etapas da viagem: Nordeste Amazônico, Baixo Amazonas e Xingu, Amazônia Central, Sudoeste da Amazônia, e Alta Amazônia.

Na terceira parte, *PARA SEGUIR VIAGEM*, compilamos algumas referências para a análise das cerâmicas arqueológicas da Amazônia, uma espécie de souvenir para o viajante levar consigo: um texto sobre análises arqueométricas e conservação de cerâmicas na Amazônia; um glossário de termos descritivos e classificatórios, específicos para as cerâmicas amazônicas; um índice onomástico de nomes próprios, em que constam, além de autores, os nomes de sítios, fases, tradições e complexos arqueológicos em geral; e uma bibliografia mestra. Por fim, optamos por manter as contribuições dos diferentes autores latino-americanos em espanhol, na sua língua original, como parte de um esforço ainda tímido, mas muito necessário, de estreitarmos relações com nossos vizinhos amazônicos, tanto na linguagem como nos métodos e terminologias utilizadas. O glossário bilíngue tem como finalidade ajudar esta aproximação.

Boa leitura e boa viagem!

Cristiana Barreto
Helena Pinto Lima
Carla Jaimes Betancourt

INTRODUCCIÓN

Esta publicación es el resultado del taller internacional Cerámica Arqueológicas de la Amazonía: Rumbo hacia una nueva síntesis, realizado en el Museo Paraense Emilio Goeldi en noviembre del 2014, con el objetivo de sistematizar e intercambiar información sobre las investigaciones de la cerámica arqueológica en la cuenca del Amazonas. En este evento participaron 25 investigadores de diferentes instituciones del Brasil y otros países de América Latina y Europa. Ahora, se han integrado otros investigadores invitados, para cooperar con esta publicación, que al igual que el taller, tiene un fuerte espíritu colectivo. Ni el taller, ni el libro habrían sido posibles sin el entusiasmo y la participación de todos.

Sin duda, esta fuerza de colaboración fue generada por la necesidad de una síntesis actualizada, que dada la enorme cantidad de nuevos datos de investigación producidos, así como la diversidad de complejos cerámicos identificados, se hace cada vez más imperiosa.

A lo largo de la historia de la arqueología amazónica existen algunos esfuerzos, comenzando por la obra de Meggers, a partir de la publicación fundamental de 1957 “Archaeological Investigations in the Mouth of the Amazon”, que se convirtió desde hace décadas en la “biblia”, no solo para los estudios de cerámica de la Amazonía Brasileña, sino para las teorías postuladas sobre los orígenes de los diferentes complejos cerámicos.

Para el Alto Amazonas, el trabajo de Lathrap, *The Upper Amazon* (1970), no sólo sintetiza los datos disponibles hasta el momento, sino que también propone nuevos modelos para entender las cerámicas arqueológicas como consecuencia del enorme potencial creativo de las culturas de la selva tropical, que se difundieron en la Cuenca Amazónica, mediante oleadas migracionales de determinados grupos lingüísticos. En las décadas siguientes, PRONAPABA (Programa Nacional de Investigación Arqueológica de la Cuenca Amazónica), llevo a cabo un programa metodológico, impulsado por Meggers, mediante el cual se identificaron decenas de fases arqueológicas para las cerámicas de diferentes áreas y tradiciones de la Amazonia brasileña. La guía de análisis *Cómo interpretar el lenguaje de los tuestos* (Meggers 1970) y publicaciones posteriores de PRONAPA, como por ejemplo, *Índice das Fases Arqueológicas* (Simões, 1972), fueron importantes intentos para la sistematización terminológica y metodológica.

Desde entonces, no hubo realmente ninguna iniciativa colectiva para sistematizar y sintetizar datos sobre las cerámicas arqueológicas de la Amazonía. Publicaciones importantes como *Unknown Amazon* (McEwan, Barreto y Neves, 2001) y *Arqueologia Amazônica* (Neves, 2006), dieron un paso decisivo hacia la difusión de una síntesis de la Arqueología Amazónica para un público más amplio. Sin embargo, desde entonces, los escenarios de la prehistoria amazónica, que pueden ser reconstruidos desde la cerámica, se tornaron mucho más complejos.

La intención de este libro escrito por muchas manos (en total 45 colaboradores, entre los autores y coautores), es cubrir la enorme laguna bibliográfica sobre cerámica arqueológica de la Amazonía en general, publicando tanto los resultados de las investigaciones como sus contextos de manera sintética y relativamente sistemática. Esta laguna se hace evidente, por la enorme dificultad que pasan los estudiantes e investigadores cuando comienzan a aventurarse en la comprensión de las diferentes clasificaciones y enfoques analíticos utilizados. Por lo tanto, este libro está pensado para la formación de los futuros arqueólogos de la Amazonía, para que actúen como resúmenes de referencia y síntesis de debates aquí compartidos.

Fue con este espíritu didáctico que pensamos en estructurar el libro como un largo viaje de inmersión por los ríos de las cerámicas amazónicas. La primera parte, *A HISTÓRIA MOLDADA NOS POTES: CONVITE A UMA LONGA VIAGEM*, anuncia un poco de lo que está por venir. Se habla de un inicio,

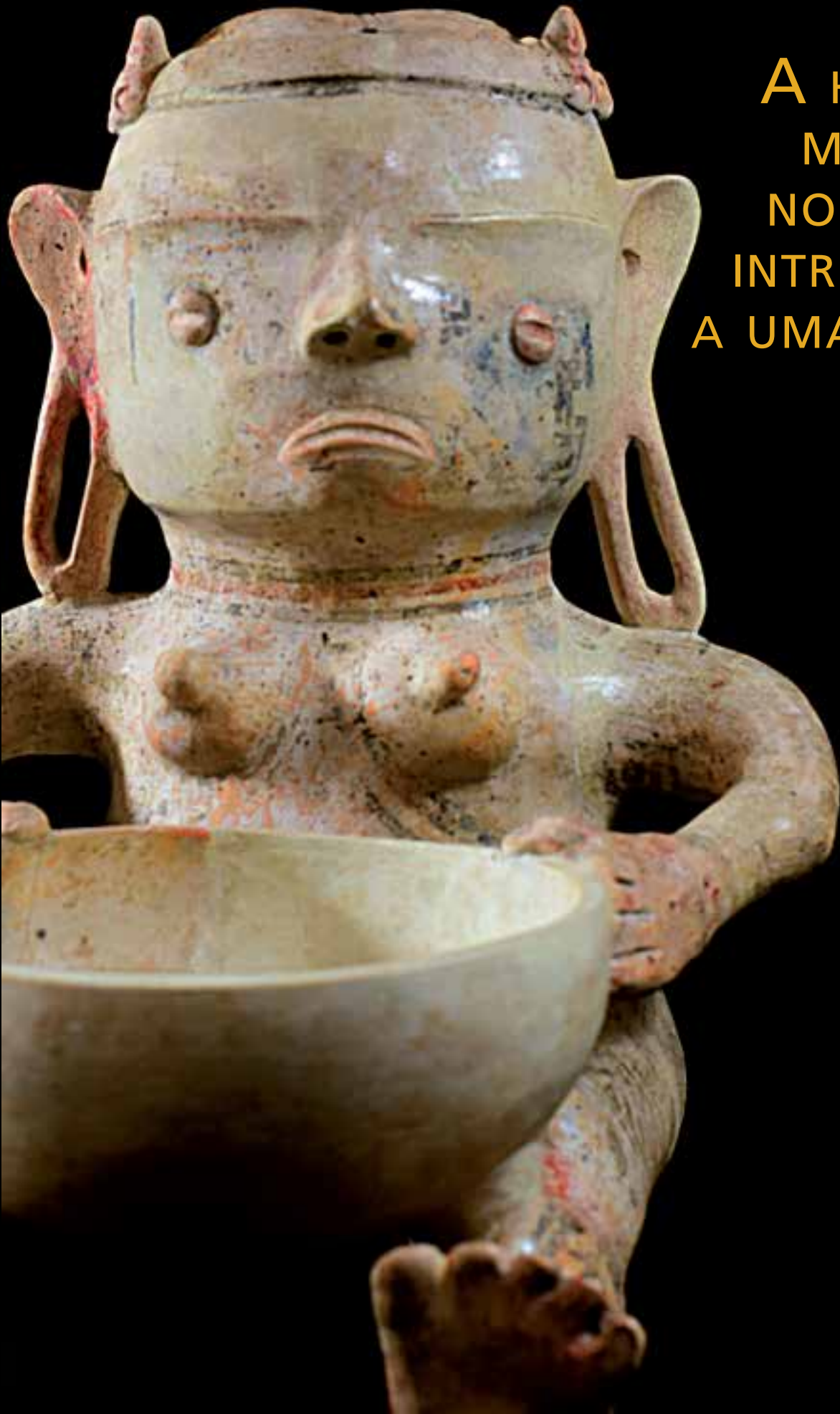
de las primeras cerámicas de la Amazonía, en un texto, en el cual Eduardo Neves, revisa la relación entre la cerámica y la agricultura; y también el final, tratando sobre las cerámicas indígenas de hoy, como lo hace Fabiola Silva para la cerámica Asurini, entrelazando el fin y la finalidad, que nos recuerda nuestro mayor objetivo que es, a partir de las cerámicas, llegar a la personas y a sus estilos de vida. La preocupación didáctica también nos ha llevado a ofrecer a nuestros viajeros un mapa de referencia, lo que representa tanto la diversidad geográfica, como la dinámica temporal de la distribución de los diferentes complejos cerámicos tratados en los textos.

En la segunda parte, SUBINDO O AMAZONAS NA COBRA CANOA, esta serpiente que forma parte de las narraciones de origen de muchos pueblos amazónicos, hace alusión al mito del alto Xingu que cuenta que las cerámicas fueron traídas en el dorso de la gran serpiente Kamalu Hai, la que permitió que los indios Wauja viesen los primeros dibujos pintados en las ollas. Para que al reproducirlos en sus propias fuentes se iniciara una larga tradición cerámica, exclusiva de aquel grupo. Nuestro viaje nos habla de diferentes complejos cerámicos de la Amazonía que remonta a tradiciones ancestrales. La ruta comienza en la desembocadura del Amazonas y sube este gran río y sus afluentes hasta Bolivia y Perú. Dividimos esta travesía en cinco etapas: Nordeste amazónico, Bajo Amazonas y Xingu, Amazonas Central, Sudoeste amazónico y Alta Amazonía.

En la tercera parte, PARA SEGUIR VIAGEM, compilamos, algunas referencias para el análisis de la cerámica arqueológica de la Amazonía, una especie de souvenir para que el viajero lleve en su equipaje: un texto sobre análisis arqueométricos y la conservación de la cerámica en el Amazonía; un glosario de términos descriptivos y clasificatorios específicos para las cerámicas amazónicas; un índice onomástico de nombres propios, que contiene, además de los autores, los nombres de los sitios, fases, tradiciones y complejos arqueológicos en general; y una bibliografía maestra.

Finalmente, decidimos mantener las contribuciones de diferentes autores latinoamericanos en español, en su idioma original, como parte de un esfuerzo aún tímido, pero muy necesario, de estrechar relaciones con nuestros vecinos países amazónicos, tanto en el lenguaje, como en los métodos y terminologías utilizadas. El glosario bilingüe tiene como fin ayudar a esta aproximación.

Buena lectura y buen viaje!



A HISTÓRIA
MOLDADA
NOS POTES:
INTRODUÇÃO
A UMA LONGA
VIAGEM

Parte 1





NOVOS OLHARES SOBRE AS CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA

Helena Pinto Lima
Cristiana Barreto
Carla Jaimes Betancourt

ABSTRACT

Ceramics are the most abundant class of archaeological remains in the Amazon, and have always awakened the curiosity of the outsider. For archaeologists, these objects are true documents which inform us about technological traditions, social relations and symbolic universe of peoples who once produced, used and discarded them. Although the development of Amazonian archaeology has led current research to focus on new evidences of monumentality and management of natural resources, the enormous diversity of cultural contexts observed on ceramic objects still challenges the discipline. In this paper, we show how archaeological perspectives on the ceramic record in the Amazon have changed over time, thus reflecting different theoretical and methodological approaches. We also invite the reader to join us on a long trip up the Amazon River, visiting the varied ceramic complexes of each region and discussing the main questions involved in the reconstruction of these Amazonian ancestral traditions.

RESUMEN

Las cerámicas son la clase más abundante de restos arqueológicos en la Amazonía, y siempre han despertado la curiosidad de los viajeros y exploradores. Para los arqueólogos, estos objetos son verdaderos documentos que nos informan acerca de las tradiciones tecnológicas, relaciones sociales y universo simbólico de los pueblos que los han producido, utilizados y descartado. Aunque el desarrollo de la arqueología amazónica cambió el foco de la investigación actual para centrarse en nuevas evidencias de la monumentalidad y la gestión de los recursos naturales, la enorme diversidad de contextos culturales observadas en los objetos de cerámica sigue siendo un reto para la disciplina. En este artículo, mostramos cómo las perspectivas arqueológicas en el registro de cerámica en la Amazonía han cambiado con el tiempo, lo que refleja diferentes enfoques teóricos y metodológicos. También invitamos al lector a unirse a nosotros en un viaje subiendo el río Amazonas, visitando los diversos complejos cerámicos de cada región y discutiendo las principales cuestiones implicadas en la reconstrucción de estas tradiciones ancestrales de la Amazonia.

“Toda arte impõe uma forma a uma matéria. Mas entre as artes ditas da civilização, a cerâmica é provavelmente aquela na qual a passagem entre a matéria prima e o produto se dá de forma mais direta, com menos etapas intermediárias entre a matéria prima e o produto, saído das mãos do artesão já formado, antes mesmo de submetido à queima”. (Claude Lévi-Strauss 1985:235, tradução nossa).

A arte de transformar argila em formas cerâmicas remonta a milhares de anos. Esta é uma tecnologia que tem sido explorada e apurada por populações antigas em todo o mundo, desde seus primórdios. Objetos cerâmicos presentes hoje no registro arqueológico são encontrados em contextos tão diversos, como, por exemplo, os soldados de terracota na China, as ânforas da Grécia antiga e as urnas funerárias da Amazônia, que até nos esquecemos que são frutos de uma mesma tecnologia. A versatilidade da argila permite explorar formas, texturas e volumes em variações infinitas, mas, apesar disso, a maior parte dos objetos cerâmicos é feita a partir de projetos de *design* com repertórios bastante rígidos e funções bem definidas, sendo as vasilhas ou os recipientes, de longe, os mais comuns.

O *design* de uma peça é definido por uma complexa combinação de fatores que vão desde as qualidades da argila, as técnicas conhecidas e usadas nas etapas de fabricação dos objetos, o desempenho funcional esperado do objeto, além das escolhas estéticas individuais e coletivas. Porém, mais importante, os objetos cerâmicos, assim como outros, simbolizam escolhas culturais e são, ao mesmo tempo, produtos e vetores de relações sociais. Neste sentido, os objetos cerâmicos podem ser lidos pelos arqueólogos como verdadeiros documentos que nos falam das tradições tecnológicas, das relações sociais e dos universos simbólicos dos povos que os produziram e utilizaram. A possibilidade de acessar estes testemunhos de diferentes lugares e contextos cronológicos nos permite não só traçar as histórias de diferentes tradições ceramistas, mas também de diferentes modos de vida e de processos sociais.

Na Amazônia, as cerâmicas são a classe mais abundante de vestígios arqueológicos. Isso certamente se deve ao fato de que, entre a larga gama de artefatos produzidos por povos indígenas na região, cestarias, plumárias, tecidos, cuias, armas de madeira, flautas em osso, colares de semente, etc., as cerâmicas, juntamente com as pedras, são aqueles que apresentam melhores condições de preservação no meio tropical, muitas vezes constituindo o único vestígio material da atividade humana ocorrida em um lugar. Mesmo que seja encontrada muito fragmentada ou erodida, sua simples presença é um testemunho inequívoco da atividade humana. Por outro lado, a presença abundante de cerâmica em muitos sítios arqueológicos da Amazônia nos fala também da importância desta tecnologia para os povos indígenas: não só as vasilhas ocupam papel importante nos complexos sistemas de processamento e consumo de bebidas e alimentos, mas também atuam como mídia para compartilhar e transmitir ideias através das imagens pintadas, gravadas ou modeladas em suas paredes. As urnas funerárias em cerâmica preservam os restos humanos dos ancestrais e, muitas vezes, constituem novos corpos para outra vida pós-morte. Em muitos dos contextos funerários amazônicos, as cerâmicas parecem ter tido um protagonismo na demarcação de lugares sagrados, e talvez esta escolha se deva a sua alta durabilidade e preservação ao longo do tempo. São objetos feitos para durar. Para além das vasilhas, a cerâmica também foi a tecnologia escolhida para a confecção de muitos outros tipos de artefatos, como estatuetas, bancos, cachimbos, rodela de fuso, pesos de rede, apitos, chocalhos, pingentes, bodoques etc. Assim, devemos nos aproximar das cerâmicas arqueológicas, não só pelo fato de que elas muitas vezes representam os únicos vestígios materiais disponíveis, mas porque ocupavam, de fato, um papel importante na vida cotidiana e ritual dos povos indígenas da Amazônia.

Outro aspecto não menos importante das cerâmicas é o potencial que seus vestígios apresentam para tratar da identidade dos lugares, não só para nós arqueólogos, mas para outros povos indígenas. Pensando-

se naqueles lugares persistentes que foram ocupados por diferentes populações ao longo do tempo, aqueles lugares tão comuns na Amazônia que os arqueólogos costumam chamar de sítios multicomponenciais, muitas vezes reocupados devido à paisagem ali construída (com elementos tais como a terra preta de índio, plantas e árvores frutíferas, caminhos, aterros etc.), a cerâmica ali deixada não só integra esta paisagem produzida, mas também pode ser categorizada por povos que venham a ocupar o lugar enquanto cerâmicas dos ancestrais, dos inimigos, de povos parentes ou simplesmente de “outras gentes”. Isto, sem dúvida, é de fundamental importância para as pesquisas arqueológicas colaborativas feitas hoje em terras indígenas. Assim, é importante retermos o fato de que a cerâmica não só pode ser lida como testemunho do passado, mas também que a sua leitura pode operar em diferentes regimes de historicidade.

As arqueologias da cerâmica na Amazônia: o legado dos pioneiros e os novos olhares

A arqueologia da Amazônia tem passado por grandes avanços e questionamentos paradigmáticos nos últimos anos. Ao mesmo tempo em que as pesquisas recentes têm revelado um grande número de evidências da construção de estruturas monumentais, com sítios e formações de terra, tais como geoglifos, estradas, valas, aterros, montículos, campos elevados e megalitos, por exemplo (Heckenberger, 2008; Schaan et al., 2012; Rostain, 2013, entre outros), também tem ficado cada vez mais claro que a Amazônia não era uma floresta virgem e intocada, e que boa parte da subsistência de seus antigos habitantes provinha de um manejo extensivo das florestas e savanas da região, sem necessariamente envolver a agricultura intensiva (Neves, 2013; Rostain, 2013). Aos poucos vemos a Amazônia se afastar dos modelos clássicos que associam o advento da cerâmica à domesticação de plantas e à produção agrícola. Como então o estudo das cerâmicas se encaixa nestes novos cenários?

Mesmo com o atual foco da arqueologia amazônica voltado para entender as novas evidências de monumentalidade e de manejo dos recursos naturais, a enorme diversidade de contextos culturais e padrões de transformação da paisagem ainda é surpreendente, e pouco se sabe sobre os processos históricos e sociais que engendraram essas diferentes formas de construção de paisagens culturais. A principal maneira de mapearmos esta grande diversidade cultural no tempo e no espaço é através das cerâmicas produzidas por essas populações passadas. Além disso, a cerâmica é o suporte de informações mais específicas sobre as áreas de atividade, funcionalidades, sistemas tecnológicos, áreas de interação e redes, mudanças estilísticas etc.

Desde os primórdios da arqueologia amazônica, as cerâmicas têm servido como guia fundamental na identificação e delimitação geográfica dos grandes complexos culturais e distribuição das tradições regionais.

Recordemos que já no princípio do século passado, um dos precursores da arqueologia americanista, Erland Nordenskiöld ([1916] 2009: 221), sugeria que os Arawak foram os portadores da ideia de construir montículos ou tesos com a finalidade de proteger seus cultivos, cemitérios e casas. Este traço cultural era então conhecido na ilha de Marajó, nos Llanos de Mojo e no alto rio Paraguai até o delta do rio Paraná. Anos mais tarde, o mesmo pesquisador (Nordenskiöld, 1930: 27) argumentava sobre a grande dispersão do grupo linguístico Arawak, mediante as semelhanças observadas entre os materiais cerâmicos inciso-modelados provenientes de Santarém e do delta do Paraná. Os complexos cerâmicos da bacia

amazônica conhecidos até então eram poucos e chamaram mais a atenção pelos atributos genéricos, distribuídos ao longo de um grande território, que de uma ou outra forma manifestavam certa familiaridade estilística.

Décadas mais tarde, a cerâmica foi protagonista nas propostas de Meggers e Evans, nos anos 1950 e 1960, trazendo inicialmente para a Amazônia os sistemas classificatórios de Horizontes, e depois os de Tradição e Fase, sempre embasados na definição de tipos cerâmicos (ou tipos-variedade) e nos métodos de seriação, para ordenar os tipos no tempo e no espaço. O principal pressuposto, hoje bastante questionado, é o de que as sequências seriadas, organizadas em curvas lineares de popularidade dos diferentes tipos, apontariam, de forma sistemática, as principais mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Fora da Amazônia brasileira, um caminho diferente foi percorrido por Cruxent e Rouse, ao proporem o conceito de Série (Cruxent; Rouse, 1958-59) para organizar inicialmente a cronologia regional da Venezuela, mas que foi posteriormente estendido para outras regiões do norte da América do Sul, sobretudo para a área circum Caribenha e para as Guianas. Cruxent e Rouse empregam o termo série para designar “*grupos de estilos similares e contíguos*”, de tal maneira que as características compartilhadas tenham sido transmitidas por difusão de uma área para outra, e tenham persistido de um período para outro, e não inventadas de forma independente. Este conceito, uma maneira de lidar com a distribuição cronológica e espacial ao mesmo tempo, tem por base as análises modais, e embora usadas para materiais de todos os períodos, inclusive o pré-cerâmico, funcionou melhor para agrupar as cerâmicas. Ao contrário do método proposto por Meggers e Evans, as análises modais (ou componenciais) tinham por pressuposto que as classificações deveriam se embasar nas regras estruturais usadas pelos artesãos para fabricarem as vasilhas, os “modos”, os quais poderiam ser descobertos a partir das combinações recorrentes de atributos. A classificação assim feita das cerâmicas em diferentes Séries teve um forte impacto na arqueologia das terras baixas das regiões citadas acima, sobretudo no que diz respeito àquelas cerâmicas classificadas nas séries denominadas Saladoide, Barrancoide e Arauquinoide.

A cerâmica foi também protagonista nos estudos de Lathrap e seus alunos nos anos 1970, os quais, além de incorporarem as análises modais, avançaram em dois aspectos essenciais para se entender as cerâmicas amazônicas como marcadores de processos de interação social: por um lado, a correlação entre a distribuição de matrizes de estilos cerâmicos e a dispersão dos grandes troncos linguísticos ameríndios, aplicando conceitos de difusão cultural (Lathrap, 1970; Brochado, 1989, por exemplo); e, por outro, um entendimento mais profundo sobre os processos tecnológicos e sociais envolvidos na constituição de estilos cerâmicos a partir de estudos etnoarqueológicos (DeBoer, 1979, 1990; Roe, 1995, por exemplo).

Com exceção dos trabalhos de Brochado, essas propostas tiveram, à época, pouca penetração no Brasil, onde a partir de 1970 já se ensaiava o Programa de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (PRONAPABA), coordenado por Mário Simões e integrado pelas equipes de Eurico Miller, Ondemar Dias e Celso Perota. Segundo Brochado (1970), um dos objetivos do PRONAPABA foi testar a validade das classificações anteriores de Meggers e Evans (1961) e esclarecer a distribuição geográfica dos vários estilos e tradições. Os esforços do PRONAPABA ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990, em refinar o trabalho Meggers e proceder à seriação e classificação dos complexos cerâmicos locais em fases e tradições gerou uma enorme quantidade de dados relativamente padronizados, uniformizou a terminologia, e possibilitou a comparação de conjuntos cerâmicos de diferentes regiões, ajudando a sustentar, assim, os modelos de ocupação humana para a Amazônia defendidos por Meggers (Meggers; Evans, 1961; Meggers et al. 1988; Meggers, 1997). O Museu Paraense Emílio Goeldi e sua equipe tiveram então um papel

fundamental na organização deste conhecimento, não só servindo como base logística das pesquisas, mas também preservando as coleções cerâmicas de cada projeto de forma sistemática, incluindo as “coleções tipo” de cada fase e tradição então curadas pelos pesquisadores envolvidos.

Quarenta anos mais tarde, é evidente que o quadro classificatório anteriormente proposto por esses pioneiros precisa ser atualizado, com revisões e refinamentos, e, acima de tudo, precisa integrar novos conceitos e métodos. Assim, embora as classificações das cerâmicas em fases e tradições, e o repertório terminológico do aporte desta escola ainda constituam a mais importante referência para a maioria dos arqueólogos que trabalham na Amazônia brasileira, muitos descobriram que é necessária uma grande mudança de direção nos métodos de classificação e interpretação da cerâmica amazônica (Schaan, 2007; Machado, 2007; Barreto, 2010; Lima e Neves, 2011) e no desenho de um modelo geral mais dinâmico para a cronologia cultural da região (Neves, 2008; Heckenberger, 2008, por exemplo).

As análises vêm dando mais ênfase aos diferentes modos de fazer cerâmica, definindo complexos cerâmicos a partir da definição, não só das regras estruturais, mas das escolhas reais feitas pelo artesão em cada etapa da cadeia operatória, desde a coleta da argila até o acabamento dos potes. A ênfase anteriormente dada a alguns poucos elementos, tempero e técnica decorativa, para organizar as sequências seriadas, agora dá lugar a análises componenciais multivariadas, embasadas na observação de centenas de variáveis relativas não só às técnicas de fabricação, mas também às morfologias de diferentes partes da vasilha, aos motivos decorativos e aos sinais de uso e descarte. Assim, a variabilidade das cerâmicas é não só melhor documentada, possibilitando caracterizações e comparações regionais mais precisas, mas também há um melhor entendimento da complexidade dos processos da qual ela é resultante. Além disso, tanto a etnoarqueologia como a etnologia estão fazendo grandes avanços na compreensão das relações entre identidade e cultura material, incluindo a cerâmica, trazendo novas informações sobre regimes nativos de materialidade e como o comportamento simbólico dos povos pode afetar os padrões de produção de cerâmica, uso e descarte (Silva, 2008; Barcelos Neto, 2006, 2012; Vidal, 2011).

Para além dos métodos de análise da cerâmica, o maior avanço tem sido na correlação dos atributos da cerâmica com os contextos específicos em que elas são encontradas. Escavações mais amplas, com maior rigor no registro estratigráfico e, sobretudo, com maior atenção aos inúmeros tipos de feições em que elas se inserem, têm possibilitado uma visão mais integral e contextual para a interpretação da variabilidade cerâmica.

Mais importante, o crescimento da arqueologia na Amazônia nas últimas décadas levou a um maior número de áreas pesquisadas, revelou uma enorme diversidade de complexos estilísticos e, sobretudo, aumentou nossos questionamentos quanto às classificações, denominações e áreas culturais anteriormente definidas pelos pioneiros.

Não só complexos cerâmicos mais antigos foram encontrados, mas também a principal hipótese cronológica do modelo meggeriano, que pressupunha que os quatro grandes horizontes estilísticos – Zonado Hachurado, Borda Incisa, Policromo e Inciso-Ponteados – tiveram sua origem fora da Amazônia, não é mais válido (Neves, 2007: 365).

Hoje sabemos que as cerâmicas da Amazônia estão entre as mais antigas das Américas. Se considerarmos as datações de Taperinha, no baixo Amazonas (remontando a ca. de 8000 anos AP), e da Tradição Mina, no litoral do Pará (remontando a ca. de 6000 anos AP), podemos falar de tradições tecnológicas milenares com origens locais. Por outro lado, quanto mais as pesquisas avançam, maior é a diversidade de estilos cerâmicos evidenciados, diversidade esta tão grande, comparável apenas à diversidade linguística que esta região comporta. Além de termos complexos cerâmicos mais antigos e mais diversos, continuidades

e rupturas estilísticas parecem variar muito mais regionalmente, tornando a cronologia cultural da região bem mais complexa.

Em que medida esta diversidade está relacionada à antiguidade desta tecnologia na região, isto é, devido ao fato de que algumas poucas matrizes antigas tiveram mais tempo para aí se ramificar e se diversificar, como argumentou Roosevelt (1992: 44-45), – ou simplesmente é resultante de uma multiplicidade de centros criativos que se sobrepõem ao longo do tempo, ainda não está claro. Apesar desta diversidade e das expressões bem regionalizadas, muitos estilos cerâmicos compartilham atributos que atravessam regiões, por vezes com dispersão pan-amazônica, refletindo talvez matrizes tecnológicas comuns ou extensas redes de interação.

Novos olhares sobre as cerâmicas arqueológicas amazônicas têm levantado algumas inquietações bastante persistentes: Como trabalhar com a enorme diversidade de estilos cerâmicos documentados em toda a bacia amazônica, reconhecendo também, por vezes, os atributos persistentes a longo prazo e inter-regionais? Como lidar tanto com a singularidade de alguns estilos quanto com a natureza híbrida dos outros? Como estabelecer áreas culturais, limites e padrões de interação com base em semelhanças e diferenças de conjuntos cerâmicos? Como trabalhar com temas iconográficos e modos de representação na cerâmica, juntamente com atributos tecnológicos e funcionais? Será que o mapeamento em separado de cada atributo da cerâmica pode ser mais revelador do que a construção de tipos embasados na combinação deles? Ou devemos melhorar a análise multivariada, a fim de construir tipologias mais fortes?

Estas são algumas das perguntas mais comuns compartilhadas pela maioria dos arqueólogos que trabalham hoje na região, independentemente do seu contexto e dos métodos de análise arqueológica. Essas questões precisam ser discutidas mais amplamente, em escala regional, em um esforço coletivo de sistematização e síntese. O atual momento da Arqueologia amazônica coincide com a formação de uma nova geração de arqueólogos, muitos deles tendo tido como escola o Projeto Amazônia Central (PAC) e depois o Laboratório de Arqueologia dos Trópicos (Arqueotrop), além de outros programas duradouros de pesquisa, como os de arqueologia em terras indígenas. Coincide também com o início da formação de novos núcleos de arqueólogos acadêmicos na Amazônia, mais regionalizados, como na Universidade do Oeste do Pará (UFOPA) em Santarém, na Universidade de Rondônia (UNIR) em Porto Velho, e no Instituto Estadual de Pesquisas do Amapá (IEPA), no Amapá, além da intensificação de pesquisas nas Guianas. O Museu Goeldi continua a ser a principal referência para a pesquisa arqueológica na Amazônia, tanto por suas coleções que materializam a história das pesquisas, como pela profícua produção científica, trazendo tanto continuidade como renovação às pesquisas com cerâmicas arqueológicas. Junta-se a isso a enorme quantidade de pesquisas realizadas em âmbito do licenciamento ambiental de grandes empreendimentos, também formando novos arqueólogos e gerando uma grande quantidade de dados novos, os quais muito lentamente se fazem acessíveis. Sem dúvida, esta nova geração, bem representada neste livro, será a autora de uma nova síntese de conhecimentos arqueológicos da Amazônia. Aliás, algumas sínteses regionais têm sido paulatinamente construídas, como para a Amazônia Central, o Amapá e Guianas. Outras áreas como o Acre e Rondônia vêm sendo objeto de esforços concentrados de várias equipes, mas outras, como Roraima e algumas áreas vizinhas da Amazônia peruana e colombiana permanecem ainda muito desconhecidas.

Se uma grande síntese ainda não é possível, os trabalhos apresentados neste livro certamente contribuem para aprofundarmos o nosso conhecimento e termos uma visão mais integrada das diferentes arqueologias da cerâmica feitas na Amazônia hoje. Convidamos o leitor a viajar por este conhecimento, subindo o rio Amazonas, visitando os diferentes projetos de pesquisa e seus resultados aqui sintetizados, contando as histórias de cada lugar, moldadas pelas cerâmicas.

Introdução a uma longa viagem

Neste livro, partindo do litoral e estuário amazônico, iniciamos a nossa viagem visitando as antigas comunidades sambaquieiras, produtoras da cerâmica Mina e os moradores das palafitas maranhenses. Do outro lado do estuário, temos a síntese proposta para a compreensão da diversidade estilística das Guianas, Amapá e baixo Amazonas, procurando conectar a arqueologia da calha do Amazonas com seu grande-rio-irmão, o Orinoco, com o qual muitas trocas têm sido feitas ao longo dos últimos milênios. Subiremos o grande rio em uma viagem de imersão nos complexos cerâmicos ancestrais de toda a região, passando pela bem conhecida arqueologia da Amazônia Central e arredores; e procurando compreender a enorme variabilidade artefactual e linguística do alto Madeira, com seus vizinhos bolivianos e peruanos; e os donos da esplêndida arquitetura monumental dos geoglifos, das lomas, estradas e canais. Por fim, pousamos na alta Amazônia, onde as cerâmicas começam a conversar com estilos andinos e a arquitetura da terra dá lugar à da pedra.

Os avanços da arqueologia na região amazônica como um todo, ao longo dos últimos 20 ou 30 anos, é uma realidade para a maior parte dos países que compõem as bacias do Amazonas e Orinoco. Algumas sínteses mais bem consolidadas podem ser observadas. Por exemplo, nas Guianas já se pode obter um panorama das ocupações pré-colombianas, assim como das diferentes culturas cerâmicas com tradições milenares, dispersas por amplas áreas (Rostain, neste volume). As culturas Saladoide, Barrancoide, Arauquinoide, Aristé, Koriabo, etc. têm sido cada vez mais bem entendidas, compreendidas em uma clara sequência cronológica, embora ainda seja um desafio integrá-las frente aos dados obtidos para a Amazônia brasileira.

Os avanços obtidos para a arqueologia das Guianas têm sido fundamentais no sentido de possibilitar uma visão da arqueologia do Orinoco em continuidade com a do estuário amazônico. Parece consenso entre os arqueólogos que a interconexão desses dados (Amazônia brasileira, Guianas e países do norte da América do Sul) permitirá um entendimento mais abrangente das ocupações ameríndias na região.

A arqueologia das Guianas tem em comum com algumas outras áreas da Amazônia a presença de hiatos cronológicos, por volta de 4000 a 3000 anos AP, e parece ser uma dessas regiões onde, apesar da ocupação antiga e diversificada, não temos uma sequência linear que desembocaria na formação de sociedades complexas, com grandes centros de poder e assentamentos hierarquizados. Ao contrário, as evidências de grande fluxo estilístico e redes de troca ao longo da costa guianense e área estuarina (Barreto, 2010) parecem nos dizer que o padrão de extensas redes de relações entre aldeias distantes, observado hoje pelos etnólogos (Gallois, 2005), ocorria também no passado. Também a variedade de contextos encontrados no Amapá e Guianas nos faz mudar um pouco a perspectiva sobre os tesos de Marajó, pois deixam de ser o testemunho único e isolado da capacidade dos povos ameríndios desta região de alterar profundamente o ambiente e construir paisagens culturais carregadas de significados ecológicos e simbólicos. A diversidade estilística das cerâmicas de Marajó também precisa ser repensada diante destes novos contextos, o que é feito por Barreto (neste volume) em relação tanto aos conjuntos da Tradição Policroma da Amazônia do continente como em relação aos diversos estilos encontrados dentro da ilha.

Rostain sugere um florescimento de sociedades mais complexas nesta área por volta do ano 1000, com o auge da cultura Marajoara e outras culturas arqueológicas locais do Amapá, também tradicionalmente associadas à Tradição Policroma, como Maracá, Caviana e Aristé. Contudo, a diferença entre estes estilos locais parece ser muito mais marcada, principalmente quando comparados ao restante dos estilos locais

da Tradição Policroma que ocorrem na Amazônia central e no alto Amazonas de forma muito mais homogênea. Isto tem levado alguns autores a questionarem a extensão da Tradição Policroma às Guianas, Amapá e área estuarina (Neves, 2013; Almeida, 2013; Barreto, neste volume).

A leste do estuário, o litoral do Pará e do Maranhão apresenta uma das cerâmicas mais antigas da Amazônia, produzida populações sambaquieiras da Tradição Mina (Simões, 1981; Roosevelt, 1995; Oliveira; Silveira neste volume; Bandeira, neste volume). Durante algum tempo, a cerâmica Mina foi considerada o complexo cerâmico mais antigo da América do Sul, rivalizando com tipos mais antigos da costa norte do continente, o que veio a forçar uma revisão sobre a ocupação humana da área tropical e sua relação com inovações culturais e centros de invenção independentes (Hoopes, 2004; Roosevelt, 1995). O avanço das pesquisas com estas cerâmicas permitem um melhor controle da antiguidade e duração dessas ocupações. Bandeira (neste volume) mostra a surpreendente persistência temporal das ocupações Mina do Maranhão, datadas entre 5.800 anos AP (assim como as datas antigas no Salgado do Pará, Oliveira e Silveira, neste volume) e 1.245 anos AP.

Se a questão da antiguidade das cerâmicas Mina está bem estabelecida e já colocada em outro patamar, Bandeira (neste volume) aponta para novas questões de pesquisa, tradicionalmente negligenciadas, como a presença de tipos cerâmicos considerados intrusivos ou a indústria lítica e os materiais em ossos e conchas associados às cerâmicas. Da mesma forma, Oliveira e Silveira salientam a necessidade de se compreender as relações entre as ocupações sambaquieiras e as ocupações dos sítios de terra preta, como é o caso do sítio Jabuti, que apresenta cerâmicas Mina em contexto de terra preta (Silveira et al., 2011).

Ainda no litoral, em uma região geograficamente situada num limite entre a Amazônia e o Nordeste brasileiro, acreditamos que ao trazermos os contextos e as cerâmicas das estearias para as discussões da arqueologia amazônica teremos mais chances de compreender a complexa história desta região. As pesquisas sobre as estearias da baixada maranhense, ocupações lacustres com palafita, nas quais se preservaram os esteios e a cultura material, têm refletido sobre a filiação amazônica e as origens históricas dessas sociedades palafíticas, cujas datações remetem ao período pré-colonial tardio (AD 770/900 a AD 1045/1085) (Navarro, neste volume). Ressalta-se que os lagos formam um bioma típico amazônico, caracterizado pelos férteis campos de várzea, nos quais se identificou a construção de tesos (op cit). Para além desta paisagem cultural amazônica, as pesquisas têm evidenciado cada vez mais as relações não só com os contextos amazônicos, mas também com o Circum Caribe, a exemplo das cerâmicas e do muiraquitã encontrados nesse contexto (idem). Tais relações são atestadas pelas similaridades das cerâmicas com as amazônicas tardias, da Tradição Inciso Ponteadas, das estatuetas com base semilunar e perspectiva simbiótica, assim como as policromias ali evidentes.

As pesquisas realizadas ao longo da calha do baixo Amazonas e foz do rio Xingu têm mostrado intensos fluxos estilísticos e uma enorme variabilidade cerâmica, com ocupações ligadas a povos de matrizes Arawak, Tupi e Karib (Muller et al.; Lima e Bittencourt; Barreto e Fernandes, neste volume). Nesta área, dados linguísticos, etnoarqueológicos e etnohistóricos têm apoiado algumas interpretações sobre a variabilidade cerâmica no registro arqueológico. Parece que aqui teremos não só um cenário semelhante às extensas redes das Guianas e Amapá, como também novos eixos de organização destas redes, para além da direção leste-oeste facilitada pelo Amazonas. A clara presença de cerâmica Koriabo em sítios em Monte Alegre, Almeirim, Gurupá, semelhantes àquelas identificadas nas Guianas e Amapá por Rostain e Saldanha et al. (neste volume), indica que também as vias fluviais que nascem no planalto das Guianas e deságuam no Amazonas podem ter servido como rotas de comunicação e trocas, a exemplo de algumas rotas de fuga de escravos documentadas para períodos históricos.

Santarém, que desde Nimuendaju acumula uma tradição longeva de pesquisas com as cerâmicas arqueológicas, e é base para muitas discussões acerca da complexidade social e dos cacicados na Amazônia (Roosevelt, 1993; Gomes 2001, 2007), tem passado por mudanças paradigmáticas nas pesquisas. O foco se distanciou das cerâmicas como principais testemunhos da complexidade social, para integrar outras categorias de vestígios (líticos, feições, paisagens) e outras propostas de pesquisa em abordagens mais contextuais, como propõe o capítulo de Troufflard, neste livro. Por outro lado, o complexo cerâmico Santarém continua a ser pesquisado em todas as suas variações, quer no estilo globular aqui tratado por Márcio Amaral, quer nas emulações estilísticas em áreas periféricas a Santarém, como Barreto e Fernandes identificaram em Monte Alegre.

Continuando a nossa viagem Amazonas acima, a arqueologia da Amazônia central possui uma base de dados mais sólida, com pesquisas sistemáticas desde 1995, resultando em uma série de dissertações e teses sobre temáticas variadas. De fato, a Amazônia central representa hoje uma região com boas condições para o teste de modelos ou hipóteses antigos e novos sobre a ocupação humana. Os resultados de tais pesquisas mostram, por exemplo, que os sítios com cerâmicas policromas são muito mais recentes na área de confluência entre os rios Solimões e Negro do que previa o modelo de Lathrap (1970). Pode-se partir de abordagens exploratórias para estudos mais refinados sobre processos de formação dos sítios (Moraes, 2013), espacialidade intrasítio (Stampanoni, 2014), distribuições regionais de certos complexos (Tamanaha, Belletti, ambos neste volume). Sobre as cerâmicas, podemos ver novas abordagens, como a apresentada por Oliveira (neste volume) sobre os temas e linguagens iconográficas da cerâmica Guarita, e a proposta de Moraes e Nogueira (também neste volume) sobre as possibilidades interpretativas das variações de uso dos antiplásticos na cerâmica.

De maneira geral, a arqueologia da Amazônia central nos ensina que, com uma base empírica mais sólida pode-se avançar em questões de diferentes ordens. Novas perspectivas que associam as mudanças observadas na tecnologia cerâmica a mudanças observadas nos padrões de assentamento e construção de paisagens culturais constroem histórias regionais de longa duração já bem mais detalhadas, ao mesmo tempo que permitem aplicar conceitos advindos da antropologia da arte e da interlocução com a etnologia, para também entender aspectos ideológicos dos povos estudados (Moraes e Neves, 2012).

Por outro lado, enquanto que para a área de confluência dos rios Negro e Solimões o diálogo dos pesquisadores com os estudos anteriores parece ter sido mais produtivo, com reavaliações das tipologias proposta por Hilbert (1968) (p. ex. Lima, 2008; Lima et al., 2006; Moraes, 2007, 2013; Neves, 2013) para outras áreas, especialmente as de atuação do PRONAPABA, as questões classificatórias ligadas à variabilidade cerâmica ainda não estão bem resolvidas (p. ex. as cerâmicas Saracá do rio Urubu apresentadas por Lima et al. (neste volume) e as cerâmicas Axinim do rio Madeira (Moraes, neste volume).

Na Amazônia Central, a precedência de ocupações com cerâmicas antigas Pocó-Açutuba e Borda Incisa em relação às cerâmicas Guarita é evidente na confluência do Negro e Solimões (Lima, 2008; Neves, 2013; Neves et al., 2014; Tamanaha, 2014, entre outros) e também no médio Solimões (Tefé) (Gomes, 2014; Neves et al., 2012). No entanto, Tamanaha (neste volume) salienta a ausência desta relação na região de Coari, onde os sítios de ocupação policroma aparecem, via de regra, em sítios unicomponenciais. Este autor sugere que esta pode ter sido uma zona tampão (*buffer zone*), que separava complexos regionais Borda Incisa. Igualmente no mesmo período cronológico, Moraes e Almeida sugerem a existência de uma outra zona tampão no rio Madeira, que divide o alto e o baixo curso. Juntas, essas duas *buffer zones* poderiam explicar o longo período de estabilidade que parece ter se dado na Amazônia Central,

atestado pelas longas sequências de cerâmicas Borda Incisa. Ainda com as zonas tampão, tanto no Solimões como no Madeira, mais tarde estas áreas foram palco para a expansão de grupos portadores da cerâmica policroma. A síntese oferecida por Belletti (neste volume) discute justamente a natureza desta rápida expansão, se de fato correspondendo à expansão de povos de fala Tupi pela Amazônia, e a forma belicosa com que estes novos habitantes tomaram as antigas aldeias da calha do Amazonas.

O conhecimento arqueológico sobre as ocupações do sudoeste da Amazônia se mostra em franco crescimento. O volume das pesquisas tem aumentado em quantidade e qualidade. A área é interessante por mostrar mais um campo aberto para atuação da arqueologia, em parceria com a linguística histórica, a exemplo das discussões sobre a expansão Tupi. De fato, o alto rio Madeira é considerado como chave para o entendimento das origens da TPA e (talvez) dos povos de fala Tupi. Como colocam Moraes e Almeida (neste volume), é no alto trecho desse rio onde se encontra a maior diversidade de grupos de línguas Tupi, sendo um suposto centro de expansão, e quem sabe de origem desses grupos. Evidências linguísticas acompanhadas por datações antigas para materiais policromos e longas sequências culturais parecem corroborar esta hipótese (Neves, neste volume).

Por outro lado, as pesquisas no vale do Guaporé (Zimpel e Pugliese, neste volume) nos dão uma enorme profundidade temporal para as cerâmicas nesta região, iniciando em torno de 4000 mil anos AP no sambaqui de Monte Castelo, com o contexto conchífero confirmando a sua importância para se pensar o surgimento das cerâmicas na Amazônia a partir de um modo de vida em que os moluscos ocupam papel importante, referendando o mesmo fenômeno já conhecido para o baixo Amazonas, no sambaqui de Taperinha, e para o litoral do Pará e Maranhão, nos sítios conchíferos da Tradição Mina (Zimpel e Pugliese, neste volume). Aqui, em períodos seguintes abundam os sítios com valas ou zanjas, tanto no lado brasileiro (margem direita do Guaporé) como no lado Boliviano (margem esquerda, onde o rio é denominado Iténez).

Um mapeamento feito com tecnologia Lidar (*Light Detection and Ranging*) constatou que valas circulares e elípticas, como as documentadas na literatura arqueológica, formam parte de um sistema muito extenso de valas. Uma vala maior circunda uma área de cerca de 200 hectares, incluindo no seu interior valas menores circulares ou elípticas (Prümers, 2012, 2014; Prümers e Jaimes Betancourt, 2014), com claras indicações de áreas de uso diferenciado, e que agora começam a ser investigadas. Contextos domésticos e funerários de diferentes ocupações foram datados a partir de 300 d.C. até 1500 d.C. Como parece não haver sobreposição das camadas culturais, a sequência cronológica desses sítios enormes deve ser abordada horizontalmente, reconstruindo a história de formação e expansão do sítio, considerando ainda as variáveis funcionais (Jaimes Betancourt, neste volume).

A região de Llanos de Mojos mostra fronteiras culturais bastante rígidas. Apesar das ocupações contemporâneas em diferentes áreas e de uma relativa proximidade geográfica, a cerâmica dos montículos monumentais a sudeste dos Llanos de Mojos (600 dC a 1400 dC) forma um complexo distinto, denominado Tradição Casarabe. Esta apresenta atributos mais aparentados com alguns complexos do nordeste amazônico, como o uso intensivo de raladores, encontrados também no Amapá; ou decorações com pintura em negativo, características da Tradição Policroma. Após a cronologia apresentada por Nordenskiöld (1909) em princípios do século passado, Jaimes Betancourt (neste volume) apresenta uma fina sequência cerâmica dividida em cinco fases, o que nos ajuda a melhor entender os processos de transformação, tanto súbitas como paulatinas, nos níveis locais e regionais, mostrando o grau de interação, competição e demais relações entre estas populações ao longo do tempo.

No Acre, a intensificação das pesquisas se dá a partir de 2007, com projetos acadêmicos e de contrato. A maioria das pesquisas tem focado nos sítios do tipo geoglifo, que hoje já somam cerca 400, distribuídos por toda a Amazonia Ocidental (Saunaluoma, neste volume). Estes sítios são construídos principalmente para fins cerimoniais, sem evidências de uso habitacional permanente (*idem*). A densidade da cultura material nos geoglifos é baixa, enquanto que em sítios compostos por pequenos montículos, também identificados no Acre, é mais alta, sendo estes últimos mais recentes do que as datações obtidas para os geoglifos, com datas que indicam uma intensificação de uso entre 200 ACE. e 900 AD. Quanto às cerâmicas, Saunaluoma aponta paralelos estilísticos com outras coleções da Amazônia ocidental, embora reconheça que tal hipótese ainda precise ser melhor estudada. Mais do que isso, é importante que diferentes tipos de sítios, e não somente os geoglifos, sejam pesquisados na região.

Movendo-nos para a alta Amazônia, percebemos o quanto ainda precisamos avançar na pesquisa colaborativa entre os projetos das áreas amazônicas do Brasil, Bolívia, Equador e Peru. A questão da expansão da Tradição Policroma, identificada no rio Napo (Equador e Peru) por Evans e Meggers (1968), nunca havia sido retomada, de fato, a partir dos dados agora disponíveis no Brasil. Quarenta anos depois, o trabalho de Arroyo-Kalin e Rivas Panduro (neste volume), ainda em fase inicial, traz dados que implicam considerar uma sequência bem mais complexa das ocupações tardias desta área e associações de outros estilos, como as cerâmicas corrugadas, em concomitância com as policromas. O mesmo se pode dizer para as cerâmicas do rio Pastaza (afluente do Marañon) estudadas por Salieu et al. (neste volume), cujas urnas policromas apresentam evidentes semelhanças com as da sub-Tradição Jatuarana no alto Madeira (Zuse, neste volume), mas que ocorrem também juntamente com cerâmicas corrugadas.

Mais para o interior do Peru e na área fronteira com o Equador, em afluentes mais distantes do rio Marañon, F. Valdez e Q. Olivera (neste volume) estudam sítios de contextos antigos e recentes, com óbvias relações com a Amazônia, e que talvez constituam as melhores evidências de contato entre a região andina e as terras baixas. O intercâmbio entre a costa do Pacífico, Andes e Amazônia foi comprovado para diferentes períodos e culturas arqueológicas. A arqueologia pré-colombiana tem demonstrado que as fronteiras e modelos de isolamento entre estes ambientes são percepções ocidentais equivocadas, construídas a partir de uma exacerbação da dicotomia entre o andino e o amazônico. As sociedades pré-colombianas estabeleceram relações de intercâmbio por milhares de anos, trocando objetos, tecnologias e ideias. Um dos exemplos mais antigos é complexo cerâmico Mayo-Chinchipe, que se inicia por volta de 5300 anos AP e dura até 2300 AP, e apresenta uma cerâmica variada, que poderia se inserir nos contextos das cerâmicas amazônicas, não fosse pela presença dos vasos com alça estribo, aliás, os mais antigos do continente, e que depois seguem ocorrendo apenas entre as culturas andinas.

Mais acima, entre as cabeceiras dos rios Pastaza e Napo no Equador, Rostain (neste volume) nos traz o caso das cerâmicas Upano, associadas a uma história de assentamentos que chegam a se organizar em escala urbana, com plataformas monumentais, e que parecem mais andinos do que amazônicos, mas que após algumas centenas de anos desaparecem e dão lugar a uma ocupação de pequenas aldeias por povos ascendentes dos Ashuar, mostrando-nos uma dinâmica não linear dos processos de ocupação humana em termos de padrões de organização social nesta região, que talvez reflita a sua posição intermediária entre os Andes e a Amazônia.

Aqui terminamos a nossa viagem, próximo a Quito, cidade da qual partiu Orellana para desavisadamente explorar o Amazonas e dar a conhecer ao mundo ocidental um universo em si, diferente de tudo o que havia sido visto antes. Universo este que agora os arqueólogos tratam de reconstituir sua história, contada em grande parte através das cerâmicas.

Rumo a uma nova síntese

Cientes de algumas lacunas importantes, como os contextos do noroeste amazônico, não só no Brasil, mas também na Colômbia e Venezuela, nossa viagem percorre assim os principais resultados das pesquisas com cerâmicas arqueológicas de quase toda a Amazônia. Como coloca Saldanha et al. (neste volume) “por trás desta diversidade podemos reconhecer certos padrões recorrentes relacionados aos artefatos cerâmicos e estruturas associadas, o que permite uma nova síntese para a região”.

Embora o título do evento que gerou este livro faça alusão à busca de uma síntese, sabemos que neste ponto uma síntese para as cerâmicas arqueológicas da Amazônia ainda não é possível (e talvez até nem mesmo desejável), haja vista não só a desigualdade do estado de conhecimento das diferentes áreas, mas também a diversidade de temas e histórias contadas pelos diferentes estudos das cerâmicas. Mas, ainda assim, acreditamos que os trabalhos mostrados neste livro reflitam de maneira convincente o quadro atual das pesquisas. Para resumir em poucas palavras este quadro, as mais marcantes são, sem dúvida, diversidade, não só das cerâmicas, mas dos modos de vida dos quais elas resultam, e dinâmica, com histórias pouco lineares e muitas mudanças, mesmo que dentro de tradições longevas.

Ao final desta viagem aprendemos que a cerâmica continua sendo uma fonte privilegiada de informações, desde que vista em contexto, e que a comparação entre complexos cerâmicos pode nos informar sobre diferentes modos de interação social e de formação de redes entre diferentes povos e seus territórios. Algumas abordagens (outrora criticadas) e hipóteses que correlacionam língua e cultura material seguem sendo perseguidas de maneira relativamente independente em diferentes projetos de pesquisas arqueológicas, como é o caso das correlações de Pocó-Açutuba/Barrancoide com o tronco linguístico Arawak, da Tradição Policroma com o tronco Tupi, e das cerâmicas Koriabo e da Tradição Inciso-Ponteado com o tronco Karib. Este quadro certamente deverá ainda ser questionado – ou talvez apurado a partir de relações mais específicas e histórias locais mais bem documentadas – mas deixando claro também a necessidade da arqueologia estreitar relações tanto com a linguística, de um lado, como com a etnohistoria, de outro. O estudo de cerâmicas etnográficas certamente também pode contribuir de forma definitiva para estes modelos ainda bastante grosseiros, mas que aos poucos vão sendo lapidados.

De qualquer forma, a ideia de que possamos traçar a história das cerâmicas amazônicas a partir de grandes matrizes antigas, talvez correspondendo mais a alinhamentos ideológicos do que propriamente linguísticos, para então trabalharmos as especificidades locais, parece um caminho produtivo. Hoje, vemos que em algumas regiões, como no baixo Amazonas, os complexos cerâmicos parecem ter sido mais fluidos e dinâmicos, enquanto que em outras, como na Amazônia Central, os padrões de interação parecem ter gerado complexos mais homogêneos e persistentes, embora com variações locais. As duas pontas da Amazônia, tanto o estuário e o litoral, como a alta Amazônia, mais expostas a influências externas e diversas, também exibem uma maior diversidade de estilos cerâmicos, mas ainda é difícil entender os padrões de fluxo estilístico e configuração de estilos locais nessas áreas.

Enfim, está claro que ainda há um longo caminho a se percorrer no que diz respeito ao conhecimento sobre as ocupações ceramistas na longa duração da história indígena amazônica, sobretudo quanto às histórias locais em relação às esferas de interação suprarregionais, e aos diferentes regimes de historicidade operantes no passado. No entanto, os dados empíricos já disponíveis permitem um avanço, inclusive teórico, da arqueologia amazônica como um todo, mostrando que modelos de

subsistência e organização social, consagrados para explicar os desenvolvimentos sociais em outras partes do mundo, não têm funcionado bem para a Amazônia. Caso esta situação fosse diferente, o ecletismo metodológico observado nas pesquisas apresentadas neste livro poderia, de fato, dificultar uma nova síntese, mas face à diversidade de contextos arqueológicos que vêm sendo encontrados, este ecletismo talvez seja saudável e até mesmo desejável.

Por fim, fica aqui registrada a motivação maior ao reunir os trabalhos apresentados neste livro em nossa longa viagem, que é a de construir um balanço do que foi feito, do que está sendo feito e do que falta fazer no estudo das cerâmicas. Conhecer as dinâmicas locais, afinar cronologias, realizar comparações artefatuais pontuais, que incluam “o modo de fazer, pensar e apreciar” a cerâmica nos abrirá portas para entendermos como as relações sociais foram se entrelaçando através dos rios, canais e caminhos. Este livro rompe as fronteiras geopolíticas atuais, para mais uma vez unir os povos protagonistas do passado pré-colombiano amazônico.

Assim, como a cobra-canoa surgiu das águas trazendo as panelas cantantes à vista dos Wauja, estimulando-os a fazer suas próprias panelas, esperamos que esta viagem sirva de incentivo aos estudantes a fazerem suas próprias incursões pelas histórias moldadas nas cerâmicas arqueológicas amazônicas.



NÃO EXISTE NEOLÍTICO AO SUL DO EQUADOR: AS PRIMEIRAS CERÂMICAS AMAZÔNICAS E SUA FALTA DE RELAÇÃO COM A AGRICULTURA

Eduardo Góes Neves

RESUMEN

Las primeras cerámicas amazónicas y la falta de correlación con la agricultura

Este artículo muestra que, en el contexto de las tierras bajas tropicales de América, no existe una correlación entre los inicios de la producción cerámica y la adopción de la agricultura, lo que genera una crítica del concepto de Formativo, consagrado en la Arqueología Americanista.

ABSTRACT

The first ceramics from the Amazon and its lack of correlation with agriculture

This article shows that, in the context of the tropical lowlands of the Americas, there is no correlation between the beginning of ceramic production and the adoption of agriculture, what calls for a critique of the concept of formative well established in Americanist Archaeology.

Introdução

O estudo dos biomas e povos da Amazônia e outras regiões tropicais úmidas tem um papel importante no desenvolvimento da ciência moderna. Desde o início do século XIX, com os esforços pioneiros de Alexander von Humboldt, estudiosos ocidentais têm percorrido os trópicos, na Amazônia e alhures, em busca de respostas para questões básicas, como a explicação para o surgimento e desenvolvimento da diversidade biológica. Não é por acaso que tanto Charles Darwin e Alfred Russel Wallace, os proponentes da teoria da evolução, tiveram seus momentos de revelação, tal como reza a lenda, durante viagens, respectivamente, ao arquipélago de Galápagos e ao arquipélago Malaio. Por outro lado, as florestas tropicais têm mantido, ao longo dos anos, uma imagem associada a ambientes prístinos, escassamente ocupados por seres humanos ao longo dos milênios. Tais perspectivas se traduzem em políticas públicas modernas para a ocupação dessas áreas, que frequentemente têm resultados catastróficos porque são baseadas em noções de ausência, carência ou escassez.

No Novo Mundo, durante o século XIX, o estudo da história natural da bacia amazônica e seu processo de ocupação humana foi o campo de testes para importantes debates científicos. Um desses debates diz respeito ao papel do uniformitarismo geológico versus a ocorrência de eventos catastróficos no desenvolvimento de novas espécies. Como se sabe, até o início do século XIX, teorias catastrofistas, cujo proponente mais conhecido foi Cuvier, foram propostas para explicar a evidência fóssil, àquela altura já amplamente conhecida pelas pesquisas de anatomia comparada e paleontologia, como resultado de sucessivos processos catastróficos que teriam ocorrido no passado e levado à extinção de espécies. Por outro lado, graças às propostas dos então pioneiros geólogos Hutton e Lyell, começou a tomar forma uma perspectiva alternativa, que de certo modo funda a geologia moderna, a do *princípio do uniformitarismo*: a qual propunha que eventos que ocorrem no presente ocorreram da mesma maneira e com a mesma intensidade no passado. Catastrofistas e uniformitaristas tinham, portanto, concepções absolutamente distintas sobre os ritmos da história natural e o próprio passado: acelerado e relativamente mais rápido para os primeiros, lento e com uma profundidade cronológica quase infinita para os segundos (Grayson, 1983; Gould, 1987).

Louis Agassiz, um naturalista suíço, que eventualmente tornou-se professor na Universidade de Harvard, onde fundou o Museu de Zoologia Comparada, foi um defensor acalorado da perspectiva catastrofista, baseado em sua experiência prévia de pesquisa com os glaciares alpinos de sua terra natal (Grayson, 1983). Decidido a provar que eventos catastróficos de glaciações não estiveram restritos apenas a regiões alpinas no passado, Agassiz organizou, em 1865, com apoio de financiadores de Boston e do Imperador Pedro II, uma grande expedição à Amazônia – a Expedição Thayer. A hipótese a ser testada com os dados de campo era simples, mas elegante: se glaciações foram de fato prevalentes no passado, os sinais de sua ocorrência deveriam também ser encontrados nas regiões mais improváveis, como os trópicos equatoriais amazônicos.

Da viagem de Agassiz ao Brasil sobrevivem relatos escritos por ele e por sua esposa, Elizabeth. Talvez mais importante tenha sido o fato de o naturalista ter-se feito acompanhar por um grupo de jovens estudantes, que se tornariam também figuras importantes por seus próprios méritos. Uma delas foi William James, o filósofo, irmão do também famoso escritor Henry James. Outro foi o geólogo canadense Charles Frederick Hartt, que acabou por se instalar no Brasil, onde criou o Serviço Geológico do Império, antes de falecer precocemente no Rio de Janeiro. A função inicial de Hartt na expedição Thayer era encontrar evidências geológicas de geleiras na Amazônia, mas ele também foi atraído pela arqueologia da área, para onde voltou posteriormente, e onde fez observações importantes, que o colocam como um dos fundadores da arqueologia brasileira (Freitas, 2002).

Em suas pesquisas, Hartt foi pioneiro em descrever as belas cerâmicas da ilha de Marajó e os férteis solos antrópicos conhecidos como terras pretas de índio, atualmente foco de estudos intensos por toda a Amazônia. Particularmente interessantes foram a identificação e coleta de amostras do sambaqui fluvial de Taperinha (Hartt, 1885). Localizado próximo da moderna cidade de Santarém, no Baixo Amazonas (Papavero; Overall, 2012), Taperinha tem o que são consideradas as mais antigas cerâmicas produzidas no Novo Mundo, com datas de cerca de 7.000 anos (Roosevelt et al., 1991). Depois de ser examinado por Hartt, esse importante sítio foi escavado mais uma vez pela arqueóloga Anna Roosevelt na década de 1980, sem ser posteriormente estudado. As coleções de Taperinha permanecem armazenadas no Peabody Museum, em Harvard, e no Field Museum, em Chicago, para onde foram enviadas por Hartt e Roosevelt.

Os dados de Taperinha são importantes porque se juntam a um grupo crescente de evidências que atestam que a Amazônia foi um cenário importante para a história da ocupação humana do Novo Mundo, incluindo a domesticação de plantas e produção inicial de cerâmica. No século XVI DC, quando os europeus chegaram à América do Sul, foram confrontados, na Cordilheira dos Andes, por sociedades centralizadas e hierárquicas, como o Império Inca. A evidência da arquitetura monumental em pedra, também abundante nos Andes e na costa desértica do Oceano Pacífico, no atual litoral do Peru, foi igualmente utilizada para estabelecer uma imagem da história cultural dos povos indígenas sul-americanos que permanece forte até o presente: a noção de que, na América do Sul, a costa árida do Pacífico e as terras altas andinas foram berços da civilização, enquanto as terras baixas tropicais tiveram um papel periférico na ocupação humana do continente.

Nos últimos anos, pesquisas feitas na Amazônia têm contribuído para mudar esse quadro. Torna-se cada vez mais claro que a Amazônia era densamente povoada na época da chegada dos europeus, e que as sociedades que ali viviam exibiam uma ampla variedade de padrões de organização social e política (Heckenberger; Neves, 2009). Se no passado andino as rochas eram amplamente disponíveis como material construtivo, na Amazônia foram os solos que cumpriram tal papel. Consequente, o que se reconhece atualmente como aterros, valas, canais, diques, em alguns casos com grandes dimensões, só recentemente foram reconhecidos como resultado da autoria humana (Heckenberger, 2003; Rostain, 2012; Schaan, 2011).

Essas novas evidências mostram que a Amazônia e seus povos tiveram um papel importante na história da ocupação humana do continente, e não podem mais ser entendidos a partir de perspectivas que os colocam em contextos periféricos, como receptores de inovações ocorridas alhures e para lá transplantadas. Há, portanto, espaço para uma nova síntese da arqueologia sul-americana que incorpore tais desenvolvimentos recentes e construa uma narrativa feita a partir do estudo do próprio registro arqueológico e não de hipóteses elaboradas ao longo da história recente do continente. Neste texto, procurarei esboçar brevemente algumas dessas hipóteses.

As primeiras cerâmicas amazônicas: origem única ou múltipla?

Um dos fatos mais notáveis da arqueologia do novo mundo nas últimas décadas possivelmente tenha sido a constatação silenciosa de que os centros iniciais de produção cerâmicas estão localizados longe dos supostos centros de domesticação de plantas e emergência de sociedades estratificadas pelo continente. Dentre esses centros iniciais há, na América do Norte, uma série de sambaquis localizados no litoral e regiões lagunares na costa da Flórida e Geórgia, nos Estados Unidos, com datas que chegam a mais de 5.000 anos de idade

(Anderson; Sassaman, 2012: 107). Na América do Sul, o quadro é talvez ainda mais interessante: há pelo menos quatro centros de produção inicial, todos eles localizados ao longo de um arco que inclui distintos ambientes tropicais, distribuídos por terras baixas, em ambientes litorâneos, estuarinos ou ribeirinhos: Valdivia, com datas de mais de 5.500 anos, na zona de bosque seco do atual litoral equatoriano (Marcos, 2015), San Jacinto e Puerto Hormiga, no baixo rio Magdalena, no Caribe colombiano (Oyuela-Caycedo, 1995; Reichel-Dolmatoff, 1965), Mina e talvez Alaka, com sambaquis e sítios a céu aberto na região coberta atualmente por manguezais, que vai do Suriname, passando pelo litoral do Salgado até o golfo Maranhense (Simões, 1981; Roosevelt, 1995; Silveira; Schaen, 2005) e Taperinha, no sambaqui fluvial homônimo (Roosevelt, 1995; Roosevelt et al., 1991). Embora a hipótese de que tais centros tenham sido de fato independentes pareça plausível e receba o apoio da maioria dos autores que trabalham com o tema (Roosevelt, 1995; Oyuela-Caycedo, 1995; Raymond, 1998), não há, como sempre em arqueologia, unanimidade sobre essa questão: em um artigo pouco citado e publicado já no final de sua vida, Meggers (1997) refuta a noção de múltiplos centros independentes, chamando a atenção pela notável semelhança entre motivos decorativos encontrados em cerâmicas de distintas partes das terras baixas tropicais, o que seria um reflexo, nesta perspectiva, de derivarem, todas elas, de um centro de origem comum.

De qualquer modo, a despeito da discussão sobre um único ou múltiplos centros, nunca é demais ressaltar que todos os locais com cerâmicas antigas têm em comum o fato de serem ambientes tropicais de terras baixas. Mesmo os achados recentes feitos por Valdez (2007) e Olivera (2014), de cerâmicas antigas – datadas em cerca de 4.500 anos e com semelhanças notáveis aos estilos mais tardios de Chorrera e Cupinisque, do litoral do Equador e costa norte do Peru – realizaram-se também em contextos de transição entre a cordilheira dos Andes e seus vales orientais amazônicos. Tal constatação, por si só seria suficiente para refutar de antemão os princípios – mais políticos que científicos – que asseguram aos trópicos um papel marginal e até mesmo deletério na história de nossa espécie *Homo sapiens*. Sabe-se, hoje, que a ocupação humana das terras baixas tropicais é tão antiga como em outras partes do continente (Dillehay, 2008; Roosevelt et al., 2002) e que algumas inovações importantes como o início da produção cerâmica provêm também desses contextos.

A diversidade social amazônica no presente no passado

A Amazônia é reconhecida pela sua biodiversidade, mas ela é também uma região de grande diversidade sociocultural, o que pode ser aferido pela grande diferença entre as línguas e famílias de línguas indígenas expressadas até hoje na região, uma das mais altas em todo o planeta. Tal diversidade cultural foi também prevalente no passado, conforme se percebe pelas distintas culturas arqueológicas – representadas, por meio de diferentes manifestações de produção material, padrões de assentamento e formas de relação com o meio ambiente – preservados nos sítios da região. A diversidade cultural antiga e contemporânea da Amazônia não é, no entanto, algo dado *a priori*. Ela se constituiu ao longo dos milênios, através de histórias políticas e econômicas dos povos antigos da região, que estabeleceram processos de isolamento e interação que forjaram o padrão verificado nas etnografias contemporâneas. Quanto feita à luz de tal constatação, a leitura do registro arqueológico das ocupações iniciais da Amazônia faz bastante sentido, pois parece que desde os primeiros povos que ocuparam a região tiveram modos de vidas distintos, o que pode ser aferido, por exemplo, pelas distintas indústrias líticas encontradas no final do Pleistoceno e início do Holoceno: no estado do Mato Grosso, na bacia do alto rio Guaporé, o sítio Abrigo do Sol apresentou datas entre 14.700 e 8.930 AP (Miller, 1987: 63-64) para uma indústria lítica diversificada de seixos, núcleos e lascas, enquadrada

no *Complexo Dourados* – também encontrado na porção sudoeste de Rondônia, na Chapada dos Parecis. Outros sítios que evidenciam a ocupação humana da Amazônia na transição Pleistoceno-Holoceno localizam-se no médio rio Caquetá (ca. 9.000 AP; Gnecco; Mora, 1997), nas savanas das Guianas (Rostain, 2012), nas imediações de Santarém (ca. 11.000 AP; Roosevelt et al., 1996), na Amazônia central (ca. 8.500 AP; Neves, 2013) e na bacia do médio Tocantins (Bueno et al., 2013). Tal quadro de diversificação é compatível com a hipótese de distintos centros iniciais de produção cerâmica e, mais ainda, com a imensa diversidade linguística verificada na região, dentre as maiores registradas no planeta.

A colaboração entre arqueologia, antropologia cultural e linguística é um procedimento antigo e tem sido utilizado em outros contextos como a Polinésia (Kirch, 2000) ou o neolítico europeu (Anthony, 2007; Renfrew, 2000). Para alguns autores, o padrão de distribuição de línguas verificado no planeta antes do século XVI DC resultou, em grande parte, de processos de expansão demográfica decorrentes da domesticação de plantas e animais no início do Holoceno (Bellwood, 2006). Na arqueologia das terras baixas da América do Sul, tal enfoque foi levado adiante por autores como Lathrap (1970), Meggers (1979), Brochado (1984) e Rouse (1992). Mais recentemente, pesquisas realizadas na Amazônia central têm mostrado que as mudanças nos estilos cerâmicos verificadas nas sequências regionais correspondem também a mudanças nas formas e contexto de ocupação dos assentamentos, que podem ser interpretadas como correlatos de ocupações por diferentes grupos linguísticos (Neves, 2011).

Ao contrário, no entanto, da Polinésia ou Europa ocidental, onde, com algumas exceções, até o século XVI DC eram faladas línguas de uma única família, como o Indo-Europeu, na Europa, ou o Austronésiano, na Polinésia, a quantidade de famílias linguísticas representadas na Amazônia é muito grande, incluindo desde aquelas com grande dispersão geográfica, como Arawak e Tupi até àquelas com distribuição regional mais localizada, como Jivaro ou Tukano, dentre muitas outras. Há, também, principalmente na Amazônia ocidental, uma grande quantidade de línguas isoladas, representadas em áreas também restritas. Assim, se estiver correta a hipótese de Bellwood e Renfrew (2002), correlacionando processos de dispersão de línguas à emergência da agricultura, pode-se, propor para a Amazônia, que não houve ali um único sistema agrícola no passado, e que, mais que isso, a agricultura tenha sido relativamente menos importante no passado da região, ao menos se comparada a outros locais do planeta (Neves; Rostain, 2012). Tal hipótese é ainda preliminar e necessitará ser testada, mas um exame da escassa evidência atualmente disponível para o contexto inicial da produção de cerâmicas parece apoiá-la, pois aparentemente não há uma correlação observada entre a domesticação inicial de plantas e o início da produção cerâmica no novo mundo.

Algumas diferenças notáveis entre as arqueologias do Novo e Velho Mundos

Quando se compara o processo de domesticação de plantas e animais, bem como a emergência da desigualdade social institucionalizada nas Américas e Crescente Fértil, alguns contrastes são notáveis. Talvez o maior deles seja o grande intervalo cronológico que existe entre as primeiras evidências de domesticação de plantas e a emergência da vida urbana, ou mesmo aldeã, nas Américas (De Saulieu; Testart, 2015). Enquanto no velho mundo, no Levante e Anatólia, tais processos tenham ocorrido quase simultaneamente, a ponto de haver uma discussão acirrada sobre qual deles teve antecedência sobre o outro (Zeder, 2011), nas Américas, em locais como o México e Equador, as evidências de domesticação de plantas estão claramente associadas

a grupos de tinham economias diversificadas, baseadas na caça, pesca e coleta, e também no cultivo de plantas domesticadas, e que mantiveram tais modos de vida por milênios (Piperno, 2011).

Nas Américas, a domesticação de plantas e, principalmente, a incorporação de uma planta domesticada à dieta de uma determinada população parece ter sido, sobretudo, um processo de escolha e não o resultado de um imperativo adaptativo, tal como bem indicado por Hastorf (2006) para os contextos do litoral Pacífico do Peru. É plausível supor, portanto, que no Novo Mundo não houve pressões adaptativas para uma adoção rápida da agricultura, mesmo com um quadro de domesticação antiga de plantas, do mesmo modo que houve pouquíssimas pressões para a domesticação de animais (Stahl, 2014). O exemplo do milho é ilustrativo nesse sentido: trata-se de uma planta domesticada na Mesoamerica, na região do rio Balsas, há pelo menos 7.000 anos (Piperno, 2011), que se espalhou rapidamente pelo continente, chegando, dentre outros locais, ao Equador há 6.000 anos (Piperno, 2011) e ao longínquo litoral do Uruguai há cerca de 4.500 anos (Iriarte et al., 2004). Está claro que a mera presença do milho entre tais populações, tão distantes umas das outras, não indica que tenham sido agricultoras, mas sim, uma vez mais, grupos oportunistas e generalistas que tinham padrões de consumo baseados no manejo e cultivo de recursos naturais e selvagens. É interessante notar, nesse sentido, que em 1492 DC as plantas ameríndias que tinham mais dispersão pelo continente eram o milho e o tabaco, cujos usos, em muitos casos estão mais associados a contextos recreativos ou religiosos que propriamente ao consumo puramente alimentício. Finalmente, a própria distinção entre “natural” e “selvagem”, nesses casos resulta mais de um grosseiro imperativo classificatório tributário de uma herança intelectual forjada em outros contextos e baseada em outras experiências, do que propriamente um reflexo mais fiel de categorias ameríndias de classificação.

No caso das cerâmicas mais antigas das Américas, talvez o melhor estudo dos contextos produtivos a elas associadas tenha sido o feito por Bonzani e Oyuela-Caycedo (2005) em San Jacinto. Localizado próximo ao litoral do Caribe colombiano, as escavações em superfícies amplas realizadas no sítio permitiram a evidenciação de estruturas bem preservadas de processamento de alimento, formadas por cavidades revestidas por argila e, em alguns casos, com a presença de rochas fragmentadas pela ação do fogo, desassociadas espacialmente dos locais onde são encontradas cerâmicas. Para Oyuela-Caycedo (1995), tal falta de associação sugere que as cerâmicas iniciais de San Jacinto não estariam associadas ao processamento de alimentos, mas sim ao consumo de bebidas em eventos festivos. No caso amazônico, os dados obtidos nos sítios da fase Mina e em Taperinha não permitem ainda que se saibam quais eram as atividades produtivas das populações que os habitaram, mas parece plausível propor que tampouco eram agricultoras, embora seja quase certo de que restos de plantas domesticadas sejam ali identificados. Neste ponto, os dados bastantes preliminares obtidos em escavações de sítios na bacia do alto rio Madeira contribuem para o avanço da discussão.

O que a arqueologia da bacia do alto Madeira pode nos dizer sobre a dissociação entre cerâmicas e agricultura na Amazônia antiga ?

Apesar das evidências de ocupações humanas desde o final do Pleistoceno, muitas regiões da Amazônia parecem ter presenciado ocupações descontínuas ao longo do Holoceno, principalmente no Holoceno médio (ca. 6.000 a 3.500 AP – Araújo et al., 2006; Neves, 2013). Tal hiato, no entanto, não se manifesta

na bacia do alto Madeira, nos locais onde se têm estabelecido sequências cronológicas mais controladas (Almeida; Neves, 2014). De fato, a arqueologia do sudoeste amazônico mostra significativas continuidades nas ocupações humanas desde tempos recuados, com registros relativamente contínuos para todo o Holoceno (Lombardo et al., 2013), um quadro distinto do observado para muitas áreas das terras baixas da América do Sul. A despeito da possibilidade desse fato poder estar relacionado a um viés tafonômico na formação e na preservação de contextos do Holoceno médio; ou mesmo nas metodologias aplicadas aos levantamentos arqueológicos que têm privilegiado as pesquisas voltadas a outros períodos, o padrão de continuidade nas ocupações ao longo do Holoceno no alto Madeira demanda investigações mais aprofundadas, para que se compreenda como ocorreu o processo de diversificação cultural e como se desenvolveram as relações entre populações humanas e o meio ambiente ao longo de milênios na Amazônia.

Os sítios recentemente escavados pela equipe do Arqueotrop e por outros projetos ligados ao licenciamento ambiental no alto Madeira região têm confirmado os resultados obtidos por Eurico Miller sobre a antiguidade e a continuidade daquelas ocupações (Almeida; Neves, 2014; Miller et al., 1992), evidenciando pacotes arqueológicos densos, com sobreposições de camadas arqueológicas bem marcadas, com depósitos antigos de terras pretas datados ao redor de 7.000 BP.

Terras pretas têm recebido uma grande atenção por parte de arqueólogos, agrônomos e ecólogos porque representam um sinal claro de modificações da natureza, no caso dos solos, por parte dos povos indígenas que ocuparam a região no passado (Neves et al., 2003). Há também uma hipótese que associa a formação de terras pretas ao processo de domesticação de plantas (Clement et al., 2010). Um dos melhores contextos de ocupações relativamente contínuas e formação de terras pretas antigas no sudoeste da Amazônia foi identificado por Miller, em suas escavações no sambaqui de Monte Castelo, que tem sido também objeto de estudos do Arqueotrop nos últimos anos (Pugliese; Zimpel, neste volume).

Localizado na planície aluvial do rio Branco, a cerca de 20 km de sua confluência com o rio Guaporé, o sambaqui Monte Castelo tem a forma elíptica, com cerca de 160 m em seu eixo basal maior e cerca de seis metros de altura (Miller, 2009: 105). As intervenções realizadas por Miller na década de 1980 e pelo Arqueotrop em 2014, indicaram grande quantidade de fragmentos cerâmicos, artefatos líticos, restos de plantas (incluindo grãos de milho em uma camada de cerca de 4.000 anos de idade), além de fauna abundante, incluindo caramujos do gênero *Pomacea*, que constituem a matriz do sambaqui. As datações realizadas por Miller situam o contexto de produção cerâmica em cerca de 4.000 anos AP, o que é compatível com o encontrado em outros sambaquis amazônicos. Sobre a ocupação sambaquieira há ainda evidências de cerâmicas em estratos datados em cerca de 5.200 anos AP, ainda em estudo, sobrepostos a estratos ainda mais antigos, com artefatos líticos associados a terras pretas, cujas datações recuaram até 8.300 AP. Trabalhos recentes realizados em sambaquis semelhantes, localizados na Amazônia boliviana, mas sem a presença de cerâmica, a cerca de 200 km em linha reta de Monte Castelo, confirmam as datas antigas, por volta do início do Holoceno, para o início da construção do sambaqui (Lombardo et al., 2013).

Os dados de Monte Castelo são ainda preliminares, mas sugestivos. Se, a partir de um exame inicial, a presença no sítio de restos de milho associados a ocupações cerâmicas do final do Holoceno médio, com cerca de 4.000 anos de idade, sugeririam uma associação entre agricultura e a produção oleira, parece-me mais interessante considerar que o sambaqui apresenta um contexto similar a sítios como San Jacinto, onde as cerâmicas iniciais estão dissociadas do processamento de alimentos (Oyuela-Caycedo, 1995); ou ao cerrito de Los Ajos, no Uruguai, onde a presença do milho há mais de 4.000 anos não indica que tais populações fossem agricultoras (Iriarte et al., 2004). É também bastante provável que

este tenha sido também o contexto em outros sítios com cerâmicas antigas nas terras baixas tropicais, como as ocupações da fase Mina – com ou sem a formação de sambaquis – da costa do Pará e Guiana Francesa, no sítio Eva-2, onde se estabeleceu o cultivo de milho e outras plantas com datas de cerca 6.000 anos BP (Pagán-Jimenez et al., 2015; van den Bel, 2015). Em vista disso, pode-se supor que eventualmente os dados de Taperinha trarão resultados semelhantes.

Temas para futuras pesquisas

Se, de fato, trabalhos futuros confirmarem a dissociação entre o início da produção cerâmica e da agricultura para a Amazônia e outras áreas das Américas, talvez cheguemos ao momento de rejeitar o uso de categorias como “arcaico” e “formativo”. Tais conceitos, principalmente o último, foram criados como ferramentas para substituir, no contexto americano, conceitos aparentemente bem-sucedidos aplicados no contexto do velho mundo, como os de “mesolítico” e “neolítico” (Ford, 1969; Willey; Philipps, 1958). Mesmo no velho mundo, na Eurásia, discussões recentes têm mostrado contextos antigos de produção de cerâmica, ainda no final do Pleistoceno, aparentemente dissociados do início da domesticação de plantas e em áreas também supostamente marginais, como a Sibéria ou norte da Escandinávia (Jordan; Zvelebil, 2009: 38).


Se as hipóteses aqui esboçadas tiverem algum valor, pelo menos estas servirão para que novas categorias analíticas sejam buscadas, baseadas na premissa de que as trajetórias históricas dos povos ameríndios foram bastante distintas das dos povos do Velho Mundo.

O estudo de cerâmicas amazônicas, apesar de centenário, tem ainda muitas outras questões a resolver, algumas delas aqui elencadas: houve um hiato na produção cerâmica no final do Holoceno médio? Qual a relação entre cerâmicas das fases Mina e Ananatuba ou outros complexos posteriores da foz do Amazonas? Pode-se considerar “amazônicas” as cerâmicas antigas da Amazônia andina? Parecem mais com Chorrera e Cupinisque, complexos da costa do Equador, que complexos “Amazônicos”? Qual a relação entre as cerâmicas Saladoides do baixo Orinoco (Oliver, 2014) e as Pocó-Açutuba da calha do Amazonas (Neves et al., 2014)? Por que não se identificaram ainda outros sambaquis, como Taperinha, no baixo Amazonas?

Tais questões, enumeradas rapidamente, mostram um caminho promissor para pesquisas, que alia tanto questões conceituais mais amplas quanto problemas detalhados de estabelecimento e refinamento de cronologias. Talvez seja por essa rica combinação entre teoria e prática, notável desde os tempos de Hartt, que a arqueologia da Amazônia consiga manter a sua vitalidade até hoje.

Agradecimentos

Agradeço a Bruna Rocha, Vinícius Honorato, Manuel Arroyo-Kalin e Stéphen Rostain, por me indicar textos que enriqueceram as discussões aqui apresentadas, bem como a Helena Lima, Cristiana Barreto e Carla Jaimes Betancourt, pelo convite para participar deste livro e do evento que o gerou.



TIPOS CERÂMICOS OU MODOS DE VIDA? ETNOARQUEOLOGIA E AS TRADIÇÕES ARQUEOLÓGICAS CERÂMICAS NA AMAZÔNIA

Fabiola Andréa Silva

RESUMEN

Tipos cerâmicos o modos de vida? Etnoarqueología y las tradiciones cerámicas de Amazonia.

La comprensión de las tecnologías de cerámica de las personas que vivieron en el pasado, es uno de los objetivos de la investigación arqueológica. Se trata de entender el ciclo de vida de los objetos de cerámica y cómo o la manera de cómo, ellos están entrelazados con los procesos de construcción y transformación de las identidades de quienes los producen, usan y desechan. En este artículo me propongo reflexionar sobre el potencial de la investigación etnoarqueológica para la comprensión de la variabilidad formal de las colecciones arqueológicas de cerámica Amazónica y para la (de)construcción de las tradiciones y fases cerámicas, “rumbo hacia una nueva síntesis.”

ABSTRACT

Ceramic types or ways of life? Ethnoarchaeology and the ceramic traditions from the Amazon.

The understanding of past ceramic technologies is one of the goals of archaeological research. It entails the understanding of ceramic objects' life cycles as well as how they are entangled to processes of building and transforming identities of those who produced, used and discarded them. In this paper I intend to consider the potential of ethnoarchaeology research for understanding formal variability of Amazonian ceramic assemblages and for the (de)construction of ceramic traditions and phases, “towards a new synthesis”.

Compreender as tecnologias cerâmicas das populações no passado é um dos objetivos da pesquisa arqueológica. Trata-se de tentar reconstituir o ciclo de produção dos objetos cerâmicos, desde a seleção e preparo da matéria-prima, o processo de manufatura, as técnicas de queima e a elaboração dos acabamentos de superfície, além de definir seus usos e reusos, as estratégias de armazenagem e as formas de distribuição dos artefatos e, finalmente, de explicar as razões para o seu descarte. Ao resgatar as cadeias operatórias de produção e uso dos objetos cerâmicos, os arqueólogos buscam apreender os estilos técnicos dessas populações, ou seja, as escolhas culturais que definiram o modo como os objetos cerâmicos foram produzidos e/ou utilizados. A partir disso, tentam identificar e entender os processos de construção e transformação das identidades dos povos ceramistas no passado.

Nesta longa empreitada de desenvolvimento da pesquisa arqueológica, diferentes abordagens teórico-metodológicas e perspectivas de análise têm sido empregadas, dentre as quais a etnoarqueologia cerâmica. Um dos objetivos da pesquisa etnoarqueológica é “abrir uma janela” que permita a projeção do olhar etnográfico para o passado arqueológico, a fim de entender como se deu a relação humana com o mundo material. Nas últimas décadas, a etnoarqueologia cerâmica produziu inúmeras reflexões sobre a relação entre os indivíduos e as vasilhas cerâmicas. Esses artefatos vêm sendo estudados do ponto de vista dos processos tecnológicos, da organização social de produção, das estruturas de ensino-aprendizagem, do consumo, distribuição e descarte. Esses estudos têm mostrado que os artefatos cerâmicos têm uma multiplicidade de significados econômicos, sociais, políticos e simbólicos, estando engendrados nas diferentes esferas da vida social. (p.ex. Miller, 1985; Arnold, 1985, 1993; Arnold III, 1991; Kramer, 1997; Longacre, 1991; Longacre; Skibo, 1994; Stark, 1998; Skibo; Feinman, 1999; Hegmon, 2000; Stark, 2003; Arthur, 2006; Stark; Bowser; Horne, 2008).

Etnoarqueologia e a variabilidade cerâmica na Amazônia

A maioria dos pesquisadores que trataram da cerâmica amazônica se debruçou sobre o problema das tipologias e classificações (Tradições e Fases) desses conjuntos artefatuais, com o objetivo de criticar, reiterar, refinar, reelaborar ou redefinir essas categorias (p.ex. Schaan, 2007; Lima; Neves; Petersen, 2007; Garcia, 2012; Almeida, 2013; Corrêa, 2014; Neves et al., 2014). Como sabemos, tais categorias vêm sendo definidas principalmente a partir da análise das características físicas (atributos) das vasilhas e fragmentos cerâmicos, isto é, da descrição dos aspectos relativos à “variabilidade formal” desses artefatos: matéria-prima, tamanho, espessura, peso, profundidade, textura, cor, consistência, acabamento de superfície e morfologia (Schiffer, 1987: 15-17). Um dos resultados dessas pesquisas foi o estabelecimento de uma relação entre a variabilidade formal dos conjuntos cerâmicos arqueológicos e a diversidade das populações ceramistas no passado amazônico. Ou seja, buscou-se demonstrar as recorrentes correlações no registro arqueológico entre os tipos artefatuais cerâmicos e a sua distribuição espaço-temporal (intra e inter-sítios), com os diferentes padrões de assentamento e de subsistência, e a configuração social e política das populações ceramistas (Neves, 2008). Nos últimos anos, vários pesquisadores têm estudado os conjuntos artefatuais cerâmicos com o objetivo de entender mais profundamente os processos de ocupação, reocupação e movimento territorial, as estratégias econômicas, as redes sociais e políticas, as fronteiras culturais, os processos de transformação cultural, as identidades e aspectos do universo simbólico das populações ceramistas amazônicas ao longo do tempo (p.ex. Almeida, 2013; Barreto, 2009; Corrêa, 2014; Garcia,

2012; Gomes, 2008, 2012; Guapindaia, 2008; Heckenberger, 2011; Lima; Neves, 2011; Moraes; Neves, 2012; Neves, 2011, 2012; Pereira, 2003; Schaan, 1997, 2008, 2012; Stenborg; Schaan, 2012; Tamanaha; Neves, 2014).

Neste contexto de pesquisas, como a etnoarqueologia cerâmica pode contribuir para a reflexão sobre os significados da variabilidade formal dos conjuntos cerâmicos arqueológicos amazônicos e a definição de tradições e fases cerâmicas?

A imensa quantidade de estudos etnoarqueológicos sobre tecnologias cerâmicas já evidenciou que a variabilidade formal resulta das escolhas técnicas dos artesãos durante o processo produtivo. Diferentes autores ressaltaram que tais escolhas são motivadas pelas atividades (performances) às quais o artefato se destina, pelo conhecimento e experiência do artesão, bem como por diferentes fatores situacionais¹ (Schiffer; Skibo, 1997). Neste sentido, aspectos como as características mineralógicas e a proveniência das argilas, as diferenças de preparo da pasta cerâmica (p.ex. Arnold, 1985: 38-52, 2000; Gosselain, 1998, 1999; Stark et al., 2000), as etapas e técnicas de manufatura (p.ex. Costin, 1991; van der Leeuw, 1993), os mecanismos de transporte e a distribuição dos artefatos (p.ex. Graves, 1991; Arthur, 2006: 55-72; Welsch; Terrell, 1998), o uso, reuso, padrões de armazenagem e descarte (p.ex. Nelson, 1991; Skibo, 1992, 2012; Arthur, 2006: 73-134), bem como as diferenças individuais de conhecimento tecnológico e as estruturas de ensino-aprendizagem (p.ex. Stark; Bowser; Horne, 2008) são elementos que precisam ser levados em consideração nas análises sobre a variabilidade formal da cerâmica. Esses estudos também apontam que essas escolhas técnicas estão embasadas nos sistemas de representações sociais e, portanto, os seus aspectos simbólicos também precisam ser considerados nas análises, especialmente quando se pretende entender a capacidade agentiva dos objetos cerâmicos nos processos de construção das identidades e alteridades (p.ex. Mahias, 1993; Stark, 1998; Gosselain, 1992, 1998, 1999, 2002). Em resumo, os estudos etnoarqueológicos demonstram que a variabilidade formal dos artefatos cerâmicos tem diferentes dimensões de significados – prático, social, político e simbólico. Por exemplo:

1) *Sobre a pasta cerâmica*: os estudos etnoarqueológicos demonstram que a composição da pasta cerâmica pode estar relacionada a aspectos como a proximidade, facilidade e possibilidade (econômica e política) de exploração das fontes de argila (p.ex. Arnold, 1985: 38-52; Arnold III, 1991: 20-26; Neupert, 2000; Gosselain, 2002: 33-78; Silva, 2008: 246), as características da performance das argilas e antiplásticos durante a manufatura (p.ex. permeabilidade, extensibilidade, firmeza) e queima (p.ex. contração e refração das argilas e dos antiplásticos) das vasilhas (p.ex. Arnold III, 1991: 36-39; Gosselain, 1992: 565, 2002: 33-78; Silva, 2000: 57-62), o uso diferenciado (p.ex. cozinhar, servir, transportar e armazenar) das vasilhas (p.ex. Arnold, 1971, 1993: 73-80; Arthur, 2006: 73-91), a organização social da produção cerâmica (p.ex. especializada ou não-especializada, grupo doméstico, indústria doméstica, workshops) (p.ex. Arnold III, 1991: 92-98), o estabelecimento de micro-estilos e de diferenciação identitária entre os ceramistas (p.ex. Dietler; Herbich, 1989: 152; Gosselain, 2002), o significado simbólico e a agência das matérias-primas (p.ex. Gosselain, 1999, 2000, 2002; Silva, 2000: 61, 64-65).

2) *Sobre as morfologias*: as distintas morfologias podem estar relacionadas com as atividades (cotidianas e rituais) a que as vasilhas se destinam. Em vários contextos, observa-se que as vasilhas para cozinhar apresentam o contorno esférico, bordas extrovertidas, bases arredondadas, diâmetro da boca menor

1. Os fatores situacionais são definidos como "as externalidades comportamentais, sociais e ambientais que atuam sobre a cadeia comportamental de um artefato e são incorporadas em cada componente específico da atividade" (Schiffer; Skibo, 1997: 34).

que o do corpo e apresentam tamanhos variados, relacionados com a esfera social na qual serão utilizadas (p.ex. doméstica e pública) e os tipos de uso (p.ex. cotidiano e ritual). Estudos etnoarqueológicos e experimentais demonstraram que, em termos de performance, esse contorno intensifica o desempenho da vasilha no cozimento dos alimentos, e com menos gasto de combustível, pois ele facilita a transmissão do calor (p.ex. Skibo, 1994; Aronson et.al., 1994; Kobayashi, 1994). As vasilhas de cozinhar com paredes finas têm maior resistência ao choque térmico – menor propensão a rachaduras pela exposição ao calor – e os alimentos são processados e esfriados mais rapidamente, porém esta característica estrutural as torna menos resistentes ao estresse mecânico (p.ex. Braun, 1983; Silva, 2000: 62-65, 192-194, 2008: 246-247, 2009). Aquelas com paredes grossas apresentam menor resistência ao choque térmico, porém conservam os alimentos quentes por mais tempo e são mais resistentes ao stress mecânico. Além disso, em certos contextos, as vasilhas para cozinhar de uso doméstico e cotidiano apresentam tamanhos diretamente relacionados com a composição dos grupos domésticos e normalmente são menores do que aquelas de uso ritual e/ou público. As vasilhas para servir e consumir alimentos apresentam morfologias muito diversificadas e com combinações (p.ex. alças e apêndices), geralmente têm bordas extrovertidas ou diretas, diâmetro da boca igual ou superior ao do corpo, bases planas ou arredondadas e são de tamanho menor que as vasilhas utilizadas para processar os alimentos, inclusive, as vasilhas para consumir alimentos costumam ser menores que as utilizadas para servir. Os tamanhos diferenciados, contornos formais e combinações, tipos de bordas e bases costumam ser apresentados por alguns etnoarqueólogos como características que facilitam o acesso dos consumidores ao alimento e a manipulação das vasilhas. As vasilhas destinadas ao transporte e armazenagem de líquidos costumam ter contornos formais diversos e com combinações (p.ex. gargalos, ombros e carenas), diâmetro da borda bem menor que o do corpo, bases planas ou arredondadas e tamanhos compatíveis com o modo e frequência de uso (p.ex. grandes para armazenagem, pequenos para o transporte). Para alguns etnoarqueólogos as morfologias e combinações, as bases planas ou arredondadas deste tipo de vasilha e os tamanhos variados facilitam a manipulação e a deposição destas sobre o solo e/ou encaixadas e apoiadas em estruturas de armazenagem. O diâmetro da borda bem menor que o do corpo permitiria proteger o conteúdo armazenado de possíveis contaminações do ambiente externo e impediria o derramamento do conteúdo durante o deslocamento da vasilha (p.ex. DeBoer; Lathrap, 1979; Rice, 1987: 207-242; Arnold, 1993: 116-130; Mayor, 1994; Silva, 2000: 89-90, 2009; Arthur, 2006: 73-120; Skibo, 2012). No que se refere às morfologias das vasilhas de uso ritual pode-se observar que em alguns contextos elas podem ser muito destacadas em relação àquelas de uso cotidiano, como, por exemplo, entre os Asurini do Xingu, em que a *tauva rukaia (japepa)* é uma vasilha de grande tamanho, exemplar único no contexto da aldeia, depositada no lugar dos rituais de iniciação e dos mortos e que reproduz a morfologia do *japepa'i*, que é a vasilha para cozinhar os alimentos no cotidiano (p.ex. Silva, 2000: 101-111) (Figura 1). As diferenciações nos contornos formais e nos seus tamanhos também podem estar relacionadas às estruturas e processos de ensino-aprendizagem das tecnologias cerâmicas. Estudos etnoarqueológicos demonstram que as irregularidades nos contornos formais das vasilhas podem resultar das diferenças de especialidades entre as ceramistas, e que as miniaturas de vasilhas podem ser utilizadas como recurso didático na aprendizagem das ceramistas iniciantes. A regra de residência pós-marital do tipo patrilocal também pode resultar na diversidade morfológica do conjunto artefactual cerâmico, mas somente nos casos de exogamia e quando as mulheres já são ceramistas experientes. Isto não ocorre quando a aprendizagem da tecnologia cerâmica se dá após o casamento e a partir dos ensinamentos da sogra ou das mulheres que fazem parte do grupo doméstico do marido (p.ex. Silva, 2009, 2010; Bowser;



Figura 1. *Tauva rukaia*: a vasilha ritual dos Asurini do Xingu. Foto: Fabíola A. Silva.

Patton, 2008; Wallaert, 2008; Herbach; Dietler, 2008; Degoy, 2008). A etnoarqueologia também tem mostrado que relações interculturais, de comércio e distribuição da cerâmica geram a diversidade (local e regional) nas morfologias cerâmicas. Estas podem ser motivadas pelas demandas externas (p.ex. uso e expectativa de performance das vasilhas), que suscitam o surgimento de inovações e miniaturizações nos conjuntos artefatuais cerâmicos ou, ainda, pela apropriação e reprodução dos estilos cerâmicos de outrem (p.ex. Gosselain, 1992, 1999, 2000; Stahl et al., 2008; Beck, 2009; Silva, 2013) (Figura 2).

3) *Sobre os tratamentos/acabamentos de superfície*: os tratamentos/acabamentos de superfície podem ser muito diversificados e apresentar uma infinidade de performances (práticas e/ou simbólicas). Estudos etnoarqueológicos demonstram que estes aspectos podem estar diretamente relacionados com a funcionalidade das vasilhas. Assim, vasilhas utilizadas cotidianamente para cozinhar usualmente não são pintadas na face externa, têm paredes alisadas ou com acabamentos plásticos e apresentam a aplicação de resinas e engobos impermeabilizantes nas faces interna e externa (p.ex. Silva, 2000: 71-73). Já os estudos experimentais demonstraram que os acabamentos plásticos de superfície (p.ex. corrugados, ondulados e escalonados) costumam intensificar o desempenho das vasilhas para o cozimento dos alimentos, pois aprimoram a transmissão de calor através da superfície das vasilhas e mantêm os alimentos quentes por mais tempo. Por outro lado, as paredes lisas proporcionam a dispersão mais rápida do calor, resfriando os alimentos mais rapidamente para o consumo. As vasilhas utilizadas para servir, consumir, transportar e armazenar alimentos e líquidos recebem maior variedade de acabamentos/tratamentos de superfície, incluindo as incisões, excisões, pinturas e aplicação de engobos e resinas. Normalmente, em se tratando

de vasilhas utilizadas para transportar e armazenar líquidos, a aplicação de engobos e resinas também tem uma função impermeabilizante (Skibo, 2012). No que se refere às vasilhas pintadas ou com excisões e incisões, a etnoarqueologia tem demonstrado que a variabilidade de tipos e combinações dos motivos decorativos pode resultar da criatividade individual de cada ceramista. Por outro lado, a padronização dos motivos pode estar relacionada com as estruturas de ensino-aprendizagem (rígidas, flexíveis, verticalizadas e horizontais) ou com os processos de especialização da atividade ceramista (p.ex. Dietler; Herbich, 1998; Silva, 2010; Stark; Bowser; Horne, 2008; Herbich; Dietler, 2008; Degoy, 2008; Gosselain, 2008). Além disso, os motivos decorativos também costumam ser sistematicamente reproduzidos (intragrupo) porque estão relacionados com o universo simbólico de seus produtores, materializando aspectos da sua cosmologia, tendendo a ser contextualmente específicos, pois atuam nos processos de construção das identidades sociais e das etnicidades. Por outro lado, os motivos decorativos também estão sujeitos a transformações e dispersão espacial ao longo do tempo, em função de processos de interação social ou de apropriação simbólica de outrem (p.ex. DeBoer, 1991; Arnold, 1993: 140-196; David et al., 1988; Gosselain, 1992, 2000; Haour et al., 2010; Silva, 2010).

Considerando a importância que a pesquisa amazônica sobre os conjuntos artefatuais cerâmicos atribui para a correlação entre a padronização artefactual e a identidade, gostaria de finalizar esta explicação sobre os resultados dos estudos de etnoarqueologia cerâmica – que obviamente não têm a pretensão de esgotar a bibliografia – ressaltando trabalhos de vários autores que têm buscado refletir sobre o modo como a variabilidade formal da cerâmica pode servir ou não como um parâmetro para a identificação de identidades e fronteiras culturais.



Figura 2. O aprendizado inter-geracional da tecnologia cerâmica. Foto: Fabíola A. Silva.

Em seus estudos etnoarqueológicos sobre a cerâmica da África sub-sahariana, Gosselain (1992, 1998, 2000, 2002, 2008) tem chamado a atenção para o fato de que algumas ações da cadeia operatória da produção de vasilhas são deliberadamente expressões e afirmação de identidades (p.ex. decoração das vasilhas), enquanto outras são menos conscientemente articuladas pelos agentes sociais (p.ex. técnicas de manufatura). Além disso, o autor demonstra que as ações técnicas estão relacionadas com diferentes processos de interação social – e isto faz com que existam diferenças importantes nos processos de transformação e dispersão de alguns atributos cerâmicos. Assim, os atributos decorativos das vasilhas (p.ex. motivos pintados e apêndices) e algumas morfologias (p.ex. contornos simples ou recorrentes), por serem mais visíveis e tecnicamente mais maleáveis e deliberadamente envolvidos nos processos de construção e afirmação de etnicidades – no caso dos motivos decorativos –, estariam mais abertos a transformações no tempo – as identidades são construídas de forma conjuntural e situacional – e/ou à dispersão espacial – as cerâmicas são distribuídas e comercializadas e podem ser copiadas ou replicadas (emulação). Por outro lado, os atributos das pastas e das técnicas e as sequências de ação para a produção das vasilhas, por serem menos visíveis e tecnicamente mais estáveis, bem como estariam menos sujeitos à imitação por outrem e seriam mais prescritivos ao longo do tempo. Estes estariam mais relacionados aos processos de interação interpessoal (p.ex. endoculturação) e, portanto, mais arraigados ao *habitus* dos ceramistas. Dietler e Herbich (1989: 152; 1998), em seus estudos sobre os Luo, um povo africano dividido em subgrupos que ocupam um território no oeste do Kenya, demonstraram que o uso de determinados antiplásticos nas pastas cerâmicas não estava relacionado com nenhuma questão referente à performance da argila, mas sim às tradições locais de manufatura e, portanto, servia como um elemento de diferenciação das comunidades de ceramistas em associação com as diferenças morfológicas e decorativas, constituindo verdadeiros microestilos locais. Ao mesmo tempo, estes estilos evidenciaram que determinados tipos de vasilhas (p.ex. armazenar água) produzidas por ceramistas pertencentes a uma mesma comunidade de ceramistas podiam ser semelhantes do ponto de vista morfológico, mas diferiram na escolha dos motivos decorativos e na estruturação destes nos campos decorativos. Nas Filipinas, Stark, Bishop e Miksa (2000) observaram que duas comunidades ceramistas Kalinga (Dangtalan e Dalupa), que distam apenas dois quilômetros uma da outra, também constituíam tradições cerâmicas locais, distinguindo-se pelas técnicas de seleção das argilas, pela morfologia e padrões decorativos de seus artefatos. Segundo os autores, estas distinções refletiam as diferenças nas alianças sociais e políticas dessas duas comunidades, apesar dos casamentos intergrupais e da frequente interação entre elas.

Estes exemplos levantam algumas questões interessantes para os arqueólogos interessados em entender a relação entre padronização artefactual, identidade e fronteiras sociais: 1) populações com proximidade geográfica podem apresentar diferenças nas tecnologias cerâmicas, apesar das interrelações entre si; 2) grupos falantes de línguas pertencentes a uma mesma família linguística podem apresentar tecnologias cerâmicas distintas e constituir microestilos cerâmicos; 3) os processos de endoculturação resultam numa maior homogeneidade cerâmica intragrupo e possibilitam a constituição de comunidades de ceramistas; 4) diferentes atributos cerâmicos têm diferentes significados relacionados à construção de identidades e etnicidades; 5) atributos visíveis da vasilha cerâmica (p.ex. motivos decorativos e alguns contornos formais) são mais susceptíveis à transformação no tempo e dispersão espacial intergrupos; 6) os estudos sobre identidades e fronteiras sociais precisam levar em conta as cadeias operatórias de produção das cerâmicas (estilo tecnológico) e não apenas os aspectos morfológicos e decorativos (estilos visuais). Nos últimos anos, o debate sobre os significados das tecnologias se ampliou, e cada vez mais se tem concordado que as escolhas tecnológicas são o produto de processos sociais complexos e que as ações técnicas podem –

mas nem sempre – definir e/ou refletir as fronteiras sociais. No entanto, esses estudos também mostram que essas fronteiras são fluidas e permanentemente negociáveis e mutantes (p.ex. Stark, 1998; Stark, Bowser; Horne, 2008).

Como já foi mencionado anteriormente, na Amazônia as tradições e fases foram definidas com o objetivo de situar determinados tipos de artefatos no tempo e no espaço e, ao mesmo tempo, associá-los com as populações ceramistas arqueológicas. Na maioria das vezes, isto foi feito de modo a traduzir a variabilidade formal dos artefatos como uma forma de estilo emblemático, ou seja, como definidora de identidades e fronteiras sociais ou, ainda, de “culturas arqueológicas”. Com esta afirmação não estou fazendo uma crítica a este modo de atribuir significado à variabilidade artefactual, pois a minha explanação sobre os estudos etnoarqueológicos mostra que este é um dos significados que se materializa na diferenciação dos conjuntos artefatuais cerâmicos; e elaborar as tipologias a partir da noção de identidade e etnicidade pode ser um instrumento útil para se construir as histórias culturais (p.ex. Neves, 2011, 2012). No entanto, deve-se ter cuidado para não entender a variabilidade artefactual exclusivamente a partir deste viés interpretativo, ou seja, entender os tipos sempre como um reflexo direto da tradição e/ou filiação cultural e tampouco permitir que as tipologias e categorias classificatórias se tornem um fim em si mesmo para a pesquisa arqueológica (Pikirayy, 2006; Silva, 2007; Noelli, 2008). Conforme busquei demonstrar, as razões da variabilidade formal dos artefatos são múltiplas e estão relacionadas com as escolhas tecnológicas dos seus produtores. Além disso, a distribuição espaço-temporal dos tipos artefatuais pode ser entendida como resultante de inúmeros processos, tais como: interações sociais, comércio, deslocamento populacional, recorrências tecno-funcionais e variações isocréticas intra e intersítios (p.ex. Chilton, 1998; MacEachern, 1998; Welsch; Terrel; Gosselain, 2000; Silva, 2009, 2010). Vários autores já se debruçaram sobre a questão das tradições e fases e não pretendo retomar esta discussão sobre a plurissemântica dessas categorias e nem discutir o modo como várias delas foram definidas no Brasil – esta revisão crítica já foi feita e há uma extensa bibliografia disponível. O problema, a meu ver, não são as tipologias e classificações em si, pois estas são ferramentas inerentes à prática arqueológica tanto para facilitar a comunicação entre os pesquisadores – o que parece não ter acontecido em nosso país (Consens; Seda, 1990; Dias, 2007) – bem como para os propósitos interpretativos do registro arqueológico (Neves, 2010). Assim, sem querer polemizar sobre este tema, gostaria apenas de lembrar que o entendimento do que seja uma tradição e uma fase pode diferir entre os pesquisadores. Além disso, as tipologias não são universais, pois existem distintos entendimentos e percepções na classificação dos artefatos. Em outras palavras, as tipologias e as categorias classificatórias são eminentemente uma construção subjetiva do pesquisador e, por isso, estão sujeitas a permanentes revisões à medida que novos olhares são lançados sobre os materiais arqueológicos (Whittacker et.al., 1998; Adams; Adams, 1991).

Sem dúvida é um desafio para nós, arqueólogos, elaborarmos as tipologias dos conjuntos artefatuais arqueológicos, ordená-los no tempo e no espaço e, acima de tudo, dar significado a eles, sem termos acesso a uma infinidade de dados sobre os modos de vida daqueles que os produziram no passado. No entanto, como disse Yarrow (2010: 24), o pensamento arqueológico constituiu-se a partir do “conhecimento da ausência”, que não significa “ausência de conhecimento”, ou seja, a ausência de determinados dados é a razão mesma da existência da arqueologia como disciplina científica. Neste sentido, as pesquisas etnoarqueológicas têm muito a contribuir para a reflexão sobre a variabilidade formal dos conjuntos artefatuais cerâmicos amazônicos e na (des)construção das tradições e fases cerâmicas, “rumo a uma nova síntese”.

Conclusão

Nos últimos dezoito anos (1996-2014), tenho observado as mulheres Asurini do Xingu fazendo suas vasilhas cerâmicas. Neste período, uma das coisas que mais me impressionaram enquanto etnoarqueóloga foi observar que a arte da olaria se constitui, acima de tudo, numa atividade prazerosa para elas, que sempre mostram com satisfação as suas vasilhas, e acumulá-las é algo que lhes dá grande prazer (Figura 3). Os Asurini utilizam a mesma expressão para dizer que um objeto foi feito por eles ou pertence a eles: *je uapá*, que significa “eu fiz, eu sou o dono”. A relação da ceramista com as suas vasilhas é tão importante, que, quando uma ceramista morre, elas devem ser quebradas e jogadas fora “para ninguém ficar se lembrando dela, sentir saudade”. Quando um Asurini morre não se pode pronunciar o seu nome “porque ele pode querer levar consigo quem o nomeou”, conseqüentemente também é necessário destruir tudo aquilo que traz a sua lembrança. Isso está relacionado à distinção crucial que os Asurini fazem entre vivos e mortos, entre os que têm *ynga* (seres unos, vivos) e os que são *anynga* (seres divididos, espíritos). As coisas que pertenceram às pessoas enquanto elas viviam guardam as suas habilidades, vontades e afetos, portanto, as vasilhas cerâmicas são uma extensão dos corpos e da subjetividade daquelas que as produziram e usaram ao longo da vida (Müller, 1990; Silva, 2000, 2008).

Este exemplo dos Asurini faz lembrar que as tecnologias estão imbricadas nas tramas da socialidade humana, na medida em que as atividades técnicas e os instrumentos técnicos mediam relações entre pessoas e também entre pessoas e esferas não humanas. Assim, para além do seu pragmatismo, as tecnologias podem e devem ser entendidas como um modo de produzir significados e relações sociais ou ainda como uma forma de (re)criação do mundo material e simbólico.



Figura 3. Tapira Asurini elaborando um torrador de farinha. Foto: Fabíola A. Silva.

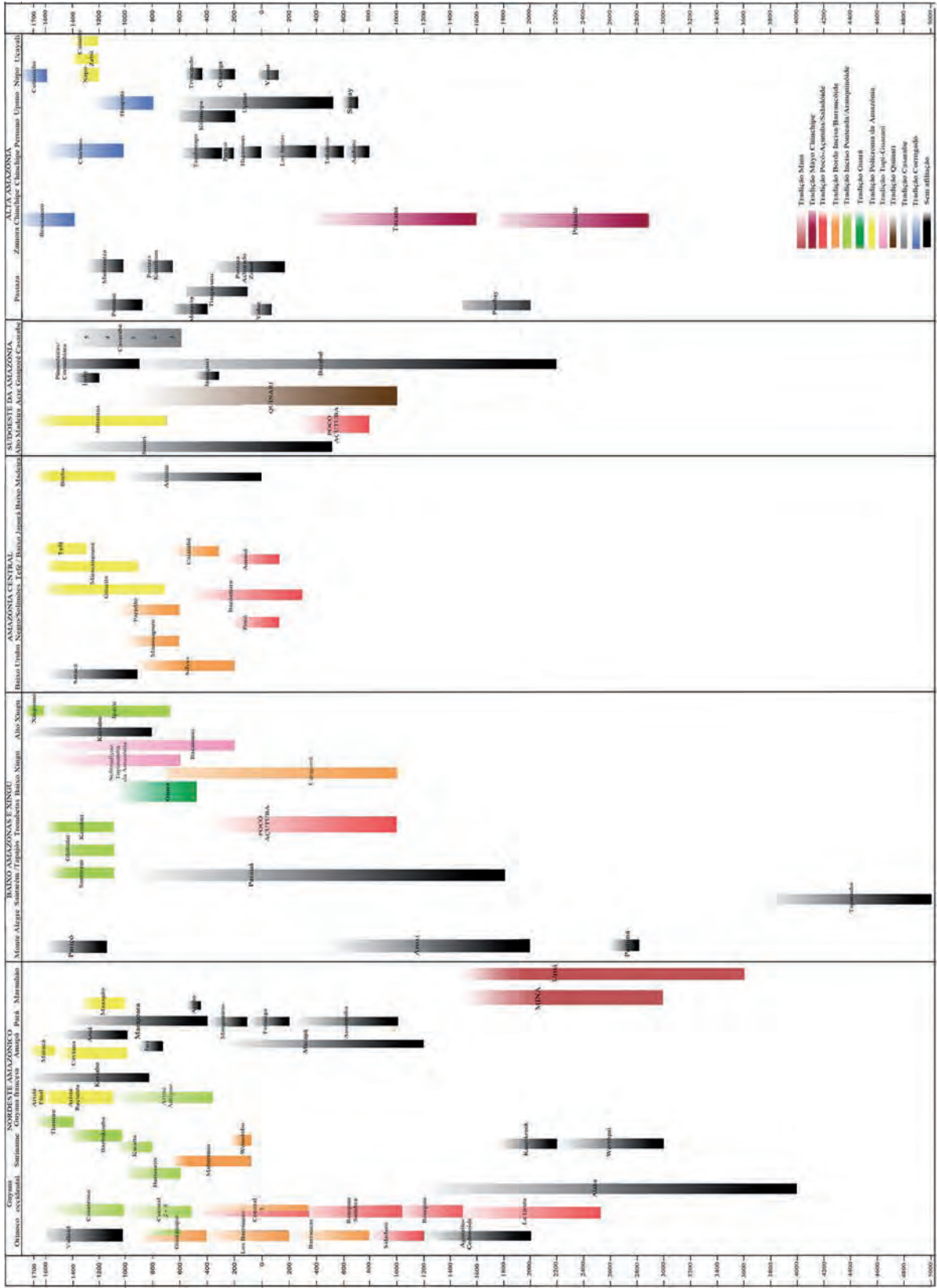
Nas cosmologias ameríndias, os artefatos são simultaneamente coisas e objetificações de subjetividades, a personificação das relações sociais ou, ainda, da intencionalidade não material (Santos-Granero, 2009). Vários trabalhos têm evidenciado que os artefatos são uma expressão objetiva do conhecimento, capacidades e sentimentos de seus produtores e podem ser percebidos como uma extensão destes, compartilhando sua subjetividade (Santos-Granero, 2009). Além disso, os objetos também são sujeitos dotados de agência e, de fato, “sua existência indica a presença (potencial ou real) do outro” (Barcelos Neto, 2008: 29).

Assim, é importante que nós arqueólogos tenhamos sempre em mente que as vasilhas cerâmicas ou seus fragmentos, independentemente de suas tipologias e classificações em tradições e fases são, antes de tudo, “pessoas”. Sua variabilidade evidencia gentes e modos distintos de se organizar e viver na paisagem e, também uma enorme variedade de outros processos culturais. Em outras palavras, o que eu quero ressaltar é que por trás dos tipos cerâmicos e das tradições e fases arqueológicas existe um universo de relações sociais e de significados culturais que cabe à arqueologia amazônica continuar desvendando.

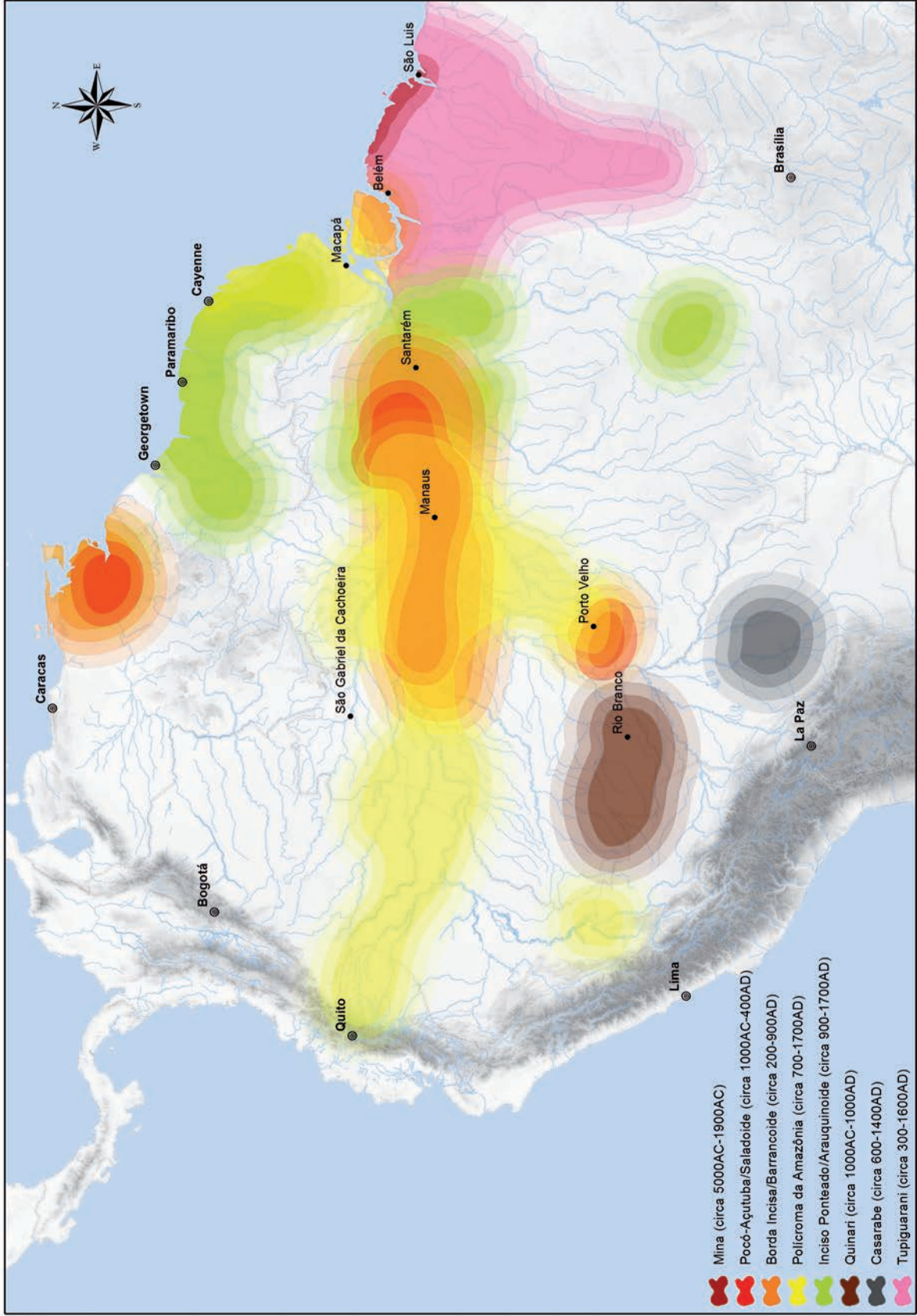
Agradecimentos

Aos Asurini do Xingu, pelos muitos ensinamentos sobre tecnologia cerâmica. À Cristiana Barreto, Helena Lima e Carla Betancourt, pela organização do evento e pelo convite para participar desta publicação. Ao Francisco Noelli, pela leitura e sugestões ao texto.

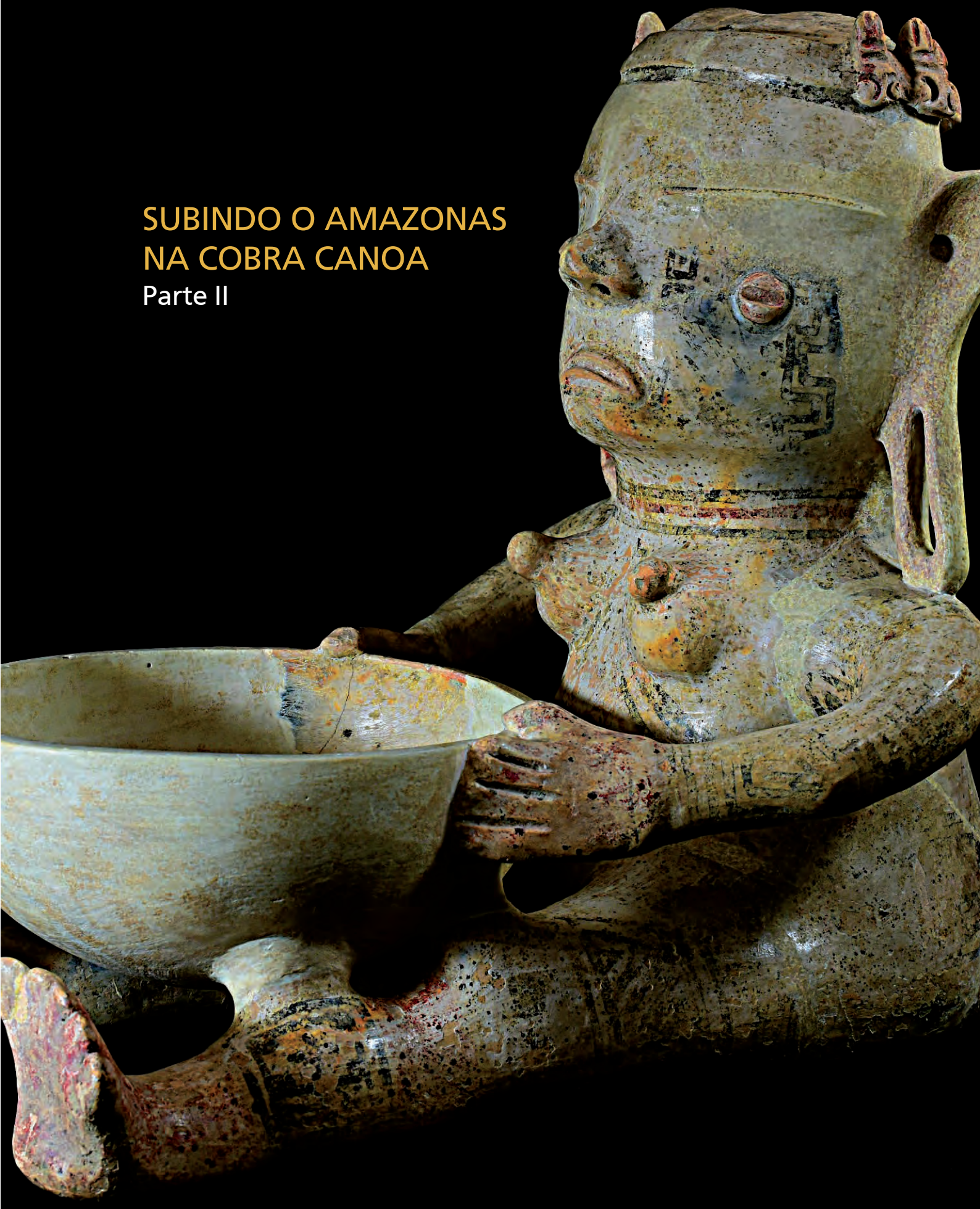
Quadro cronológico dos complexos cerâmicos da Amazônia.



Dispersão aproximada dos principais complexos cerâmicos mencionados nesta obra.



SUBINDO O AMAZONAS
NA COBRA CANOA
Parte II



NORDESTE AMAZÔNICO



Carved by
Mestre Aurélio Gomes



LA CERÁMICA DE LAS GUYANAS

Stéphen Rostain

RESUMO

A cerâmica das Guianas

Os progressos realizados na arqueologia guianense nos últimos 30 anos deixaram uma visão geral da história da colonização pré-colombiana da região sobre diferentes culturas ceramistas. Apesar da ocupação humana das Guianas iniciar há cerca de 10.000 anos, somente com o surgimento de povos semissedentários, a partir de 8000 anos BP, que vimos emergir a cerâmica. Durante o período formativo, que se estendeu entre 4500 e 2000 anos AP, algumas aldeias Saladoídes começam a surgir no Suriname ocidental em 2200 aC. A tradição Barrancoíde veio a partir 900-700 aC e manteve-se em algumas regiões até 700-800 AD. Originária do foco Apure-Médio Orinoco, a tradição Arauquinoíde se espalhou gradualmente para leste, ao longo da costa do Guianas, onde gerou seis culturas individuais a partir de 600 dC. Por outro lado, a partir de 350 dC, a Guiana oriental foi ocupada por comunidades indígenas originárias da baixa e média Amazônia, especialmente a cultura Aristé, que durou até a era colonial. A cultura Koriabo finalmente apareceu no interior desde 750 AD para se espalhar por todas as Guianas.

ABSTRACT

Ceramics from the Guianas

Advances made in the Guianas' archaeology for 30 years authorize us to draw an overview of the history of the pre-Columbian peopling of this region and the different ceramic cultures. Man is present in the Guianas for almost 10,000 years, however it is necessary to wait until semi-sedentary occupations ca. 8000 years BP to see the first pottery. During the Formative period between 4500 and 2000 years BP, some Saladoid villages are known in Western Suriname in 2200 BC. The Barranoid tradition arrived ca. 900-700 BC and stayed in some regions up to 700-800 AD. Originated in the Apure-Middle Orinoco center, the Arauquinoid tradition spread progressively to the East, along the Guianas coast where it gave birth to six distinct cultures from 600 AD. On the another hand, from 350 AD, Eastern Guianas were inhabited by communities originating in the centers of Low and Middle Amazon, especially by the Aristé culture that continued up to the colonial period. Finally, the Koriabo culture appeared inland ca. 750 AD to spread among all the Guianas.

Introducción

Los progresos realizados en arqueología guyanense desde hace unos treinta años permiten hacer un panorama de la historia del poblamiento de esta región de 1,8 millones de km² (Figura 1)¹, pero igualmente describir a las grandes familias cerámicas precolombinas que allí se hallan. Hasta ahora, raros son los autores que han publicado cronologías y tipologías para la Guyana (Williams, 2003; Plew, 2005), Surinam (Versteeg, 2003) y Guyana francesa (Rostain, 1994a). Todas ellas se limitan a un territorio nacional de origen colonial, lo que imposibilita tener una visión global del antiguo poblamiento. Es por esta razón que he propuesto, hace unos años, un esquema tipo cronológico para el conjunto de la Guyana basado en los recientes descubrimientos arqueológicos y el estudio de la colecciones provenientes de las diferentes Guyanas (Rostain, 2008, 2012a).

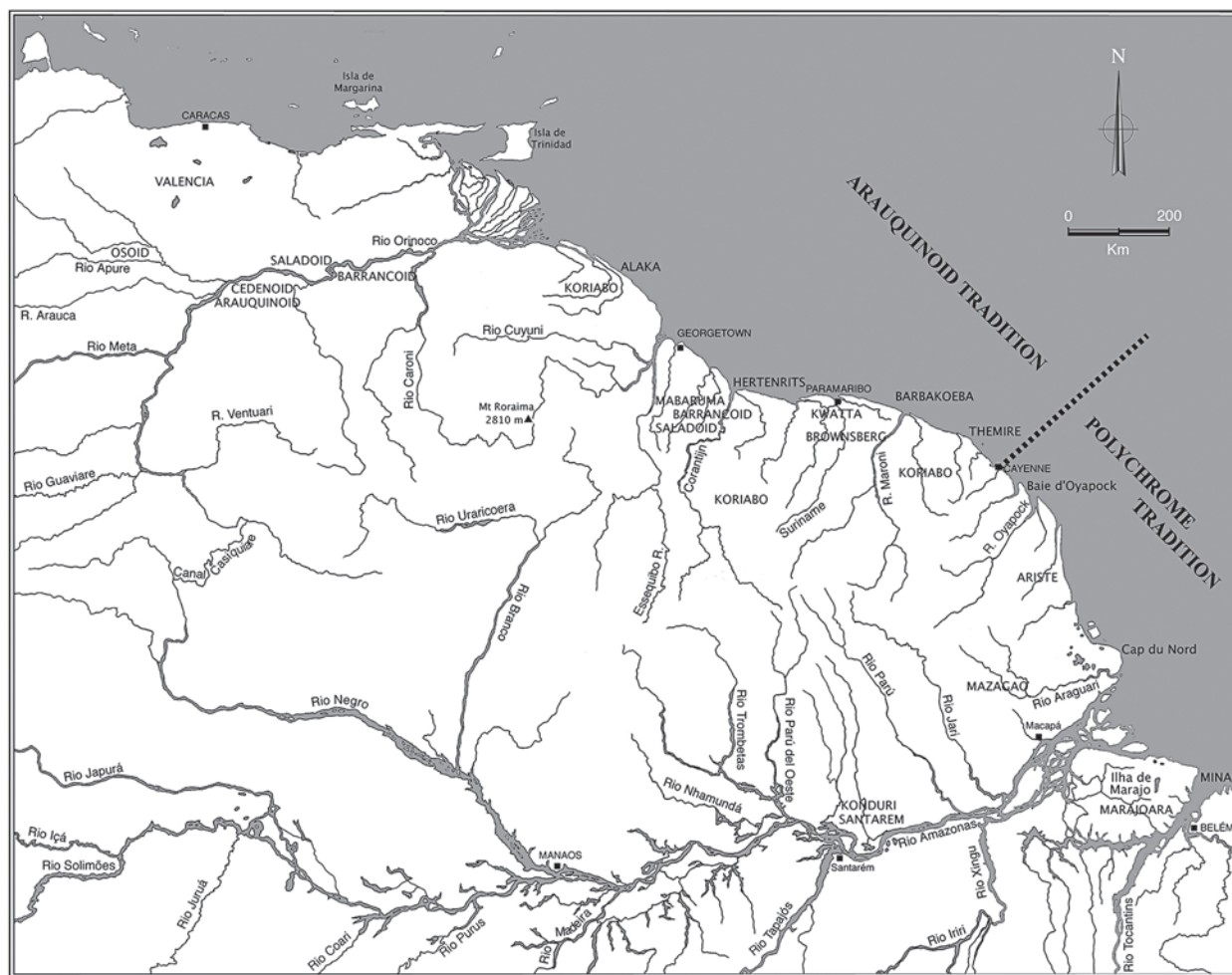


Figura 1. Mapa de la “Isla de Guyana” con las principales culturas arqueológicas. Dibujo: Rostain.

1. Se comprende aquí a las Guyanas en su más amplia acepción, es decir la región delimitada por el océano Atlántico, el Orinoco, le Canal de Casiquiare, el Río Negro y el Amazonas (Rostain, 2012a). Sin embargo, el artículo se concentra esencialmente en las tres Guyanas costeras: Guyana, Surinam y la Guyana francesa.

Primeras cerámicas

Si bien el Hombre está presente en las Guyanas desde hace cerca de 10.000 años, hay que esperar a las nuevas ocupaciones semi sedentarias a partir de 8000 años AP para ver surgir cerámicas, cuando pescadores recolectores se instalaron poco a poco en el bajo Amazonas y en una parte del litoral, edificando notablemente conchales denominados localmente *sambaquís*. En la periferia meridional de las Guyanas, las cerámicas más antiguas de América del Sur tienen así fechas de 7080 años AP en el *sambaquí* de Taperinha cerca de Santarém, e incluso más temprano cerca de la gruta de Pedra Pintada con fecha de 7600 años AP (Roosevelt et al., 1991; Roosevelt, 1995).

En el litoral atlántico, los *sambaquís* de cultura Mina du Pará en Brasil tienen fechas entre 5700 y 3300 AP (Simões, 1981), mientras que las de aquellos de Guyana de cultura Alaka están entre 6800 y 3550 años AP (Williams, 1992; Meggers, 2007).

Pero los sitios Formativos de las Guyanas no se encuentran todos al borde del mar o del río. En Guyana francesa, el sitio de Eva-2, cuya fecha está entre 6200 y 4000 años AP, está en una pequeña colina de arena blanca de la alta planicie costera del Pleistoceno, en la junción del bosque y el litoral, al este del Sinnamary (van den Bel, 2006). Allí, en el nivel inferior fueron descubiertos tiestos erosionados, con un desgrasante de arena cuarzosa.

Más al interior, en pleno medio forestal, en el sur de Surinam, en las cuevas de grabados rupestres de Werehpai, no muy lejos del pueblo de Tirió de Kwamalasamutu, se encontró cerámica tosca y mal conservada con fecha entre 4930 y 4200 años AP (Versteeg, 2007).

Cerámica, sedentaridad y agricultura

La cerámica y la agricultura se instalaron progresivamente en Guyana, paralelamente a la generalización del sedentarismo. Fue necesario esperar 4000 años AP para ver a los grupos construir verdaderos pueblos, fabricar cerámica y herramientas para cultivar campos abiertos en el bosque con la ayuda de hachas y fuego. Estos horticultores dominaban su territorio atravesándolo a pie o navegando en piraguas por los ríos. Podemos imaginar que en aquella época, vivían en pueblos de pequeñas dimensiones, comparables con los establecimientos amerindios actuales. En muchos casos, apenas el medio que los rodeaba se agotaba, el grupo se desplazaba hacia un área más propicia, mientras que otros perennizaban su hábitat, inventando sistemas agrícolas más permanentes. El medio comenzó entonces a ser más explotado y transformado, fenómeno que tomó cada vez más importancia.

El período Formativo que se extendió entre 4500 y 2000 años AP, vio entonces la multiplicación de pueblos de granjeros sedentarios y el nacimiento de sociedades más estructuradas. En Venezuela, la tradición Agüerito-Cedenoide en la confluencia del Orinoco y del Apure tiene fecha de 5300 a 4000 años AP (Zucchi; Tarble, 1982; Zucchi et al., 1984; Lathrap; Oliver, 1987). El sitio de La Gruta-Ronquín, en el medio Orinoco (2600-1000 aC), dio cerámica de tradición Saladoide caracterizada por un decorado muy prolijo con motivos geométricos pintados en blanco sobre fondo rojo y modelos zoomorfos de largas incisiones aplicadas en los bordes (Cruxent; Rouse, 1958-59; Vargas Arenas, 1979, 1981). Desde su foco original en el bajo y medio Orinoco (Cruxent; Rouse, 1958-59), la tradición Saladoide ha mostrado

una notable expansión a partir del último milenio antes de nuestra era, esencialmente hacia las Pequeñas Antillas en donde conoció su mayor popularidad.

No obstante, también se expandió hacia el este, hasta la parte occidental de Surinam en donde, a lo largo de los ríos pequeños, se implantaron sitios. El sitio de Kaurikreek se extendía en un área de una hectárea sobre una elevación arenosa al borde de una ensenada y estaba frente a una planicie pantanosa. Un carbón de madera recogido en excavación dio una fecha de 2200-1750 aC (Versteeg, 1978). La cerámica se caracteriza por un desgrasante original, a base de laterita, calcedonia, caolín y cuarzo (Versteeg, 2003) y un decorado de pequeños cordones aplicados en forma de red en las barrigas, recordando así los diseños de la cestería. Completan este estilo decorativo, modelados zoomorfos muy elaborados y huecos (Figura 2). De igual manera el este de Guyana comenzó a revelar sitios Saladoides muy antiguos cuya cerámica es comparable con aquella de Kaurikreek (Whitehead et al., 2010).

El sitio de Wonotobo estaba implantado en una pequeña colina de 200 m del medio Corentijn, en Surinam, no lejos de los rápidos. Sus fechas están entre 70 y 200 dC (Boomert, 1983). A parte de las asas en forma de pedúnculo, el decorado es diferente de aquel de Kaurikreek y el desgrasante está compuesto por arena blanca. Su decorado dominante consiste en diseños redondeados y paralelos pintados de rojo sobre una base blanca o lo contrario. Existen de la misma manera incisiones paralelas o en abrazadera delimitados por anchas incisiones (Figura 2).

Estos sitios surinamenses de tradición Saladoide estaban hacia el interior del litoral y ligados a cursos de agua. Por el momento, al este del río Corentijn, que constituía el límite oriental de la extensión de esta tradición en Guyana, no se ha identificado ninguna implantación Saladoide. Si bien, durante este período se multiplicaron los pueblos, todavía son numerosos los lugares desiertos en Amazonía, disponiendo así las poblaciones, de grandes territorios.

La cerámica de las tradiciones del medio Orinoco

Al inicio de nuestra era, el poblamiento de dos grandes cuencas fluviales amazónicas se densificó. Las orillas aluviales del Amazonas y del Orinoco, particularmente fértiles, atraían en efecto a los agricultores para producir de manera intensiva. Esta expansión demográfica provocó el desplazamiento de comunidades que se expandieron a lo largo de la costa de las Guyanas. Una pseudo revolución neolítica (sin domesticación de animales) comenzó en las Guyanas hacia 300 dC concretándose definitivamente a partir de 600 dC. Las orillas de los ríos y la costa fueron habitadas por poblaciones que controlaban y transformaban su entorno. Las tradiciones fuertes que nacieron en el bajo y medio Orinoco jugaron un papel esencial y fundador en el conjunto de la Amazonía, pero igualmente en las islas antillanas.

La tradición Barrancoide surgió hacia 900-700 aC y permaneció en ciertas regiones hasta 700-800 dC (Sanoja Obediente, 1979). Reemplazó a la tradición Saladoide, a veces en el mismo sitio, en las Guyanas costeras hasta el oeste de Surinam. Estaba representada por las culturas Abary y Mabaruma. En el sitio de Wonotobo, aparece superpuesta a la precedente ocupación Saladoide (Versteeg, 2003). La cerámica es similar aunque de mejor calidad y decorados nuevos. Los bordes característicos son más gruesos, muy abiertos horizontalmente, decorados con muy anchas incisiones paralelas, rectas o bastante a menudo curvas. Son corrientes las asas decoradas. Las protuberancias redondeadas incisas en espirales son diagnósticas.

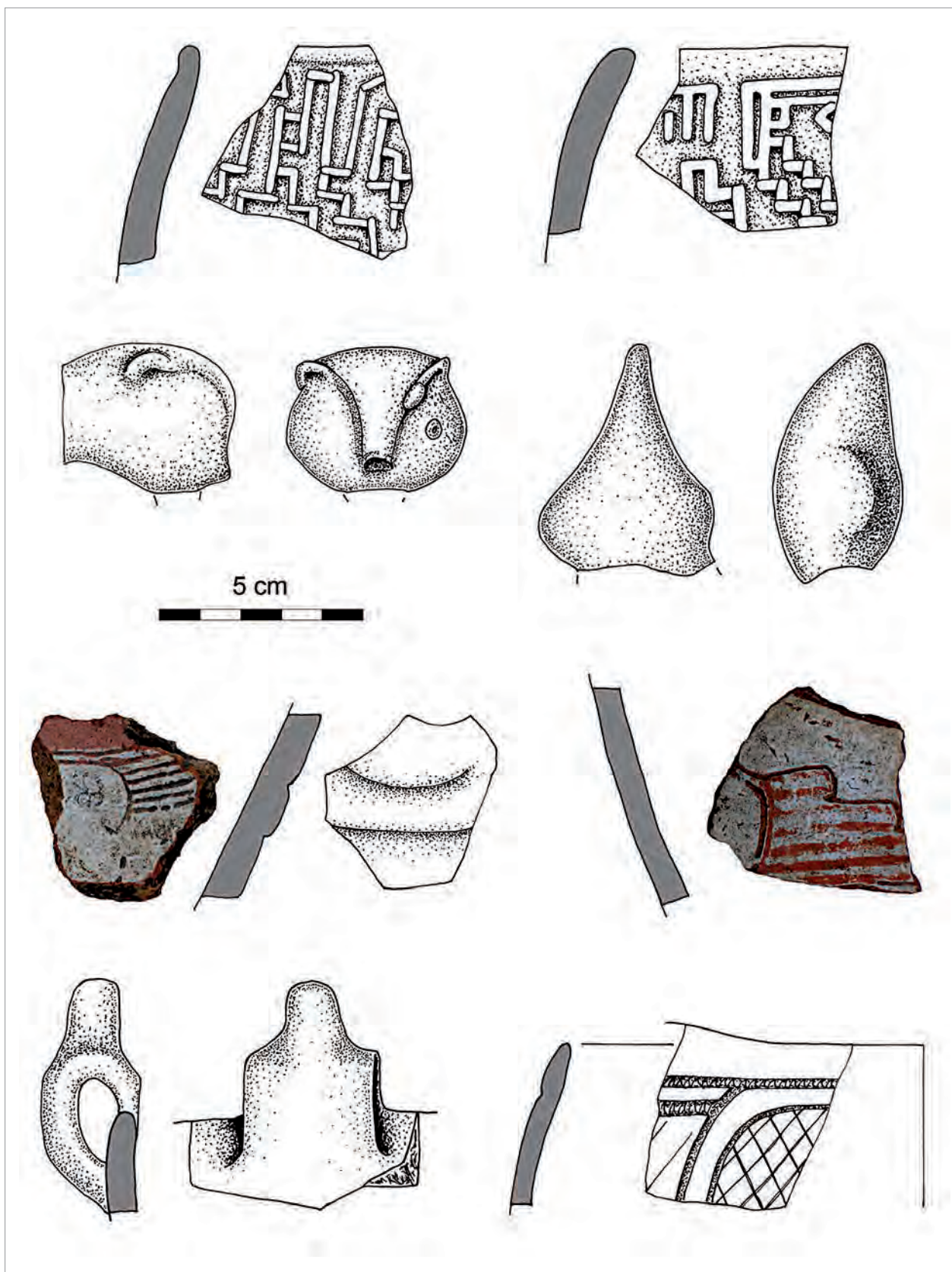


Figura 2. Cerámica Saladoide de los sitios de Kaurikreek (fila de arriba) y de Wonotobo (abajo) en el oeste de Surinam. Foto y dibujo: Rostain.

Los modelados antropo zoomorfos salidos son frecuentes y a veces es posible reconocer un animal como el tapir, muchos parecen ser entidades mixtas, ni por completo humanos ni totalmente animales. Se podrían ver más bien imágenes de espíritus del bosque (Figura 3).

Los grupos Mabaruma, de tradición Barrancoide también edificaron los montículos de hábitat Buckleburg-1 y 2 así como los primeros campos elevados de las Guyanas (Versteeg, 1983). La fecha más antigua obtenida en la loma de Buckleburg-1 es de 1845 +/- 45 años AP mientras que su abandono fechado por el nivel más reciente de ocupación en la cima, se remonta a 1315 +/- 55 años AP (Versteeg, 1985). La cerámica desgrasada con cuarzo *cariapé*, concha molida o mica, es típica Barrancoide.

Más recientemente, la intensificación de la construcción de campos elevados en las tierras bajas de las Guyanas correspondió a subidas de poblaciones de tradición Arauquinoide. Estas comunidades presentaban una fuerte homogeneidad cultural marcada por algunas variaciones locales, en especial en la artesanía cerámica. Originaria del foco Apure-Medio Orinoco, la tradición Arauquinoide se extendió progresivamente hacia el este, a lo largo de la costa de las Guyanas en donde constituyó un conjunto específico, a partir de 600 dC Entre el Guyana oriental y la isla de Cayena, dio nacimiento a seis culturas individuales pero con las que compartió características esenciales. Yendo de oeste a este, estas se denominan Apostadero, Mabaruma Tardif, Hertenrits, Kwatta, Barbakoeba y Thémire (Rostain; Versteeg, 2004). Todas estas culturas pertenecen a la misma tradición Arauquinoide y deben ser concebidas como una continuidad geográfica, cronológica y cultural (Rostain, 2003). La cerámica se caracteriza por formas y decorados recurrentes, el apareamiento de estatuillas y de modelados claramente antropomorfos, a diferencia de la precedente tradición Barrancoide cuyas representaciones eran híbridas, de elaborados modelados zoomorfos dobles, de los objetos cerámicos con cuernos y estatuillas femeninas encintas.

La cultura Arauquinoide más antigua del litoral, con fecha de alrededor de 600 dC, se hizo manifiesta al este de Guyana y al oeste de Surinam, entre los ríos Berbice y Coppename. Estas poblaciones Hertenrits construyeron montículos de arcilla sobre el nivel de las altas aguas para instalar sus pueblos.

Al inicio, la cerámica de estilo Hertenrits Antiguo era relativamente simple y tosca con labios incisos y cordones sinuosos aplicados. Se diversificó y se volvió notablemente elaborada a partir de los alrededores de 1000 dC durante el Hertenrits Reciente. Principalmente desgrasada con arcilla refractaria, esta presenta muchas formas abiertas. Los bordes son a menudo alzados de cada de lado de los platos, formando a veces pedúnculos marcados, eventualmente dobles. Los decorados se componen de labios dentados, cordones horizontales puntuados u ondulados, eventualmente en espiral, bordes interiores puntuados, incisiones paralelas en forma de espiga. Las asas verticales aplastadas hechas con rollitos paralelos son comunes. Otras están es aplastadas sin dejar pasar ni un solo dedo por debajo y son incisas con dos líneas de muescas que van hasta la barriga.

Muy frecuentemente pequeños modelados salidos, a veces gemelos y que sobrepasan el borde, parecen representar seres híbridos humano/animal (Figura 4.1). El apareamiento de representaciones claramente antropomorfas es interpretado como el signo de la emergencia de una estratificación social y de un culto de los ancestros jefes (Roosevelt, 1997). Las estatuillas de mujeres encintas son frecuentes en las culturas Arauquinoide. Podría ser tentador querer asociar este tipo de representación con un culto de fertilidad en el caso de esas poblaciones de agricultores cuya dieta dependía mucho, evidentemente, de las cosechas en campos elevados. Finalmente, se debe señalar la presencia de toda una serie de objetos enigmáticos de cerámica, al parecer de uso ceremonial: artefactos tubulares con dos cuernos o discos con protuberancia central.



Figura 3. Cerâmica Barrancoide de la costa de Guyana. Foto: Rostain.

Tres culturas Arauquinoideas, se sobreponen cronológicamente, escalonándose del río Coppename a la isla de Cayena, implantando sus pueblos en las barras arenosas y ocasionalmente en las orillas altas de la desembocadura de los ríos. A más de cada una poseer estilos cerámicos distintos, parecen haber ejercido actividades particulares complementarias. Los intercambios estaban facilitados por la distribución lineal del hábitat a lo largo de los cordones arenosos, y los productos circulaban por vía marítima o según la ruta que conducía de pueblo en pueblo, estos estaban dispuestos sobre los cordones de arena paralelos al río. Es posible caracterizar de forma bastante rápida a estas tres culturas, denominadas Kwatta, Barbakoeba y Thémire.

La cultura Kwatta, localizada en un espacio de alrededor de 100 km de largo para 30 km de ancho entre los ríos Coppename y Suriname dio una fecha entre 1140 y 895 años AP (Versteeg, 2003). La cerámica, refinada y desgrasada principalmente con arcilla refractaria, pero igualmente con *cariapé*, arena o conchas molidas. Existen muchos cuencos y vasijas, pero, al igual que en las demás culturas Arauquinoideas, los más comunes y a menudo con bordes alzados son las fuentes y platos abiertos. El decorado principal es el labio inciso, cordones ondulados, cordones incisos o puntuados, engrosamientos exteriores que forman una serie de olas horizontales (Figura 4.2). Los bordes interiores típicos y muy originales son formas de varios engrosamientos incisos. Finalmente, encontramos pequeños modelados zoomorfos. Además, la pintura roja es frecuente, y está a menudo aplicada en bandas de 2 cm de ancho o más. Los cementerios estaban localizados en los sitios de hábitat, frecuentemente bajo el nivel de ocupación.

La cultura Barbakoeba ocupa el territorio más extenso entre los ríos Cottica en Surinam y Kourou en Guyana francesa, es decir alrededor de 200 km de largo para un promedio de 25 km de ancho. Las dataciones obtenidas hasta ahora se sitúan entre 990 +/- 30 y 825 +/- 30 años AP, pero es probable que la gama cronológica sea mayor. Como el resto de sus productos manufacturados, la cerámica era tosca y con un decorado burdo. Este, siempre manifestando poca habilidad, consistía en filas de punteados o de impresiones digitales, cordones aplicados eventualmente punteados, rollos aparentes o modelados zoomorfos muy estilizados en especial con cabezas dobles que tenían los ojos en forma de pastilla perforada (Figura 4.3). Finalmente, hay fondos de vasijas tan particulares, hechos con un rollo envuelto en espiral, que se encuentra igualmente en la cerámica Kwatta. En los trabajos de relleno, se sacan regularmente a la luz del día, urnas funerarias en general, de forma ovoide y a veces con pequeños modelados simples aplicados (Cornette, 1987; Rostain, 1994a; Janin, 2002; Thomas, 2002; ver también Coutet, en este volumen).

Ocupando un territorio de unos 100 km de largo por 30 km de ancho entre el río Kourou y la isla de Cayena, el aspecto híbrido de la cultura Thémire es sin duda su característica más notable. En el sitio de Bois Diable, hacia Kourou, esta se sobrepuso a las ocupaciones anteriores Barbakoeba (Rostain, 2012a). En efecto, es la última manifestación de la tradición Arauquinoidea tanto desde un punto de vista geográfico como cronológico. La mayoría de las dataciones obtenidas la ubican entre 510 +/- 40 y 260 +/- 50 años AP, lo que indica un encabalgamiento con el período colonial. Además, artefactos de origen europeo – vidrio, loza, metal e incluso una bala redonda de plomo – fueron hallados asociados al material amerindio en el sitio de Glycérias en la isla de Cayena (Rostain, 1994a). Las formas cerámicas muy abiertas son comunes, al igual que los labios incisos, las incisiones paralelas verticales u oblicuas o incluso en espiral, las puntuaciones, los cordones aplicados, los bordes alzados y los modelados zoomorfos. La pintura blanca sobre fondo rojo o, rara vez, a la inversa, así como también las superficies rojas son muy frecuentes (Figura 4.4). Una diferencia importante se observa sin embargo en el decorado cerámico en relación a aquella de la tradición Arauquinoidea de Guyana con la introducción de una decoración extranjera. Los



Figura 4. Cerâmica Arauquinoide del litoral de las Guyanas. 1. Cultura Hertenrits del Surinam occidental. 2. Cultura Kwatta del Surinam central. 3. Cultura Barbakoeba del este de Surinam y oeste de Guyana francesa. 4. Cultura Thémire de Guyana francesa central (varias escalas). Foto: Rostain.

diseños en espiral y el uso de pintura roja y blanca, a veces negra, no pertenecen al corpus Arauquinoide. Este estilo es claramente el resultado de una influencia de las poblaciones de tradición Policroma del litoral oriental, en la isla de Cayena y la desembocadura del Amazonas. Ciertos tiestos son claras imitaciones del estilo Aristé Reciente o pertenecen a piezas importadas.

Durante el período tardío precedente a la conquista europea, la isla de Cayena constituye una región de unión entre las culturas ligadas al foco cultural del medio Orinoco y aquellas del foco del bajo Amazonas (Rostain, 1994b, 2012b). Originaria de la esfera Arauquinoide, la cultura Thémire, por su posición fronteriza, sufrió las consecuencias de un vecindario con grupos de origen muy distinto, lo que dio lugar al nacimiento de una cultura mixta original.

La cerámica de las tradiciones del bajo Amazonas

El medio y bajo Amazonas constituían el foco más notable de las tradiciones culturales amazónicas. Diversas culturas nacieron de estas tradiciones, siendo la Policroma la más prolífica, puesto que al menos unas quince entidades diferentes estuvieron relacionadas con ella. Estas se escalonan de la desembocadura del Amazonas hasta el pie de los Andes con extensiones en Perú y Colombia. Mientras más subimos desde la desembocadura del Amazonas a los Andes, más recientes son los sitios de diferentes culturas Policroma, lo que indica que esta tradición habría nacido en la parte baja del gran río (Neves, 2006), aunque existan nuevas investigaciones cuya tendencia sería la de ubicar su apareamiento en Madeira (Almeida, 2013). Esta tradición conoció sobre todo un dinamismo raro en la orilla izquierda del bajo Amazonas, en donde variadas culturas más cercanas se frecuentaban. La profusión de culturas Policromas primas entre ellas, en el Amapá y las islas de la desembocadura del Amazonas, es asombrosa y sin comparación con el resto de la Amazonía. Tenemos la impresión de grandes sociedades complejas que florecen al borde del océano y del río en los alrededores del año 1000.

Una de las cerámicas más notables de la tradición Policroma era una urna funeraria antropomorfa, ricamente decorada, que contenía huesos o las cenizas del difunto antes de ser enterrada o más frecuentemente, colocada en una cavidad rocosa (Figura 5.6). Agrupadas en un cementerio al aire libre, en una gruta o un pozo artificial, las urnas formaban una asamblea de seres metamorfoseados, recreando en un microcosmos cerrado, las reuniones de los vivos. Todo parece indicar que, a pesar de un cambio de estado, la vida comunitaria y la identidad cultural eran reconstituidas como un espejo en el caso de los difuntos, buscando perpetuar así sin fin, la imagen de la sociedad.

Cuatro culturas se frecuentaban en el sur del Amapá, de las cuales, tres están ligadas a la tradición Policroma: Maracá, Caviana y Aruã. La cultura Maracá estuvo implantada a lo largo del pequeño afluente Maracá que termina en el Amazonas, pero la única datación disponible da 360 +/- 40 años AP (Guapindaia, 2001). Las urnas funerarias representaban ya fuera hombre o mujeres sentados sobre un banco, un animal de cuatro patas, pintados con diseños policromos en donde las rectas predominan. La cultura Caviana, presente en la costa de Amapá, se caracteriza por urnas funerarias, tubulares u ovoides, que representan un hombre o una mujer, con atributos sexuales muy marcados y frecuentemente sentados en un banco. La cabeza sirve generalmente de tapa y los brazos y ciertas piezas en tres dimensiones son extremadamente realistas. Las pinturas negras, café o rojas, con delicadísimos diseños en espiral cubren a toda la pieza. El espacio territorial de la cultura Aruã se limita a las islas de Mexiana y de Caviana, en el estuario del

Amazonas. Esta fue primero considerada como la más antigua cultura cerámica de Amapá a causa del aspecto burdo de su cerámica (Meggers; Evans, 1957). Sin embargo, las dataciones absolutas obtenidas para la cultura Aristé demuestran que los Aruã fueron posteriores (Rostain, 1994a). Las urnas funerarias Aruãs son tubulares con un rostro humano modelado en el cuello y una abertura orientada hacia el costado o también, representan animales.

A partir de 350 dC, la Guyana oriental estuvo ocupada por comunidades originarias de los focos del bajo y medio Amazonas. Los primeros fueron grupos de cultura Aristé Antigua, tal vez ligados a la tradición Incisa-Puntuada del bajo Amazonas (Meggers; Evans, 1957; Rostain, 1994a). Se difundieron en Amapá, dando nacimiento a dos culturas con desarrollos diferentes: Aristé Antiguo y Mazagão (Meggers; Evans, 1957). La segunda se mantuvo al sur del río Araguari, mientras que la cultura Aristé colonizó el norte del Amapá. Tres fases sucesivas se distinguen en la secuencia Aristé (Rostain, 1994a, 2012b): Antigua (350 - 1100 dC), Reciente (1100 - 1600 dC), Final (1600 - 1750 dC). Estas tres fases corresponden a tres estilos cerámicos, definidos gracias al material de las colinas de Ouanary en Guyana francesa (Figura 5) (Rostain, 1994a, 2011): las culturas Aristé Antiguo, Aristé Reciente y Aristé Final.

La cultura Aristé Antiguo representada por el tipo Ouanary Entallado, se divide en tres variedades (Bruyère, Patagaïe, Moustique) definidas según el tipo de desgrasante, diversas características de la pasta y formas de bordes, mientras que las formas generales de alfarería y los decorados no muestran diferencias notables. El tipo Ouanary Entallado, es desgrasado con arena cuarzosa fina o media, angulosa, o fina desafilada y brillante. En la muestra colectada en Guyana francesa (Rostain, 1994a), el material doméstico representa 96 % del muestreo y el material funerario 4 % pero, igual que para el tipo Enfer Policromo de la cultura Aristé Reciente, existen a más de los tiestos, muchas piezas funerarias enteras. Las formas domésticas son budares, cuencos y platos hondos de cuerpo globular o abierto, y ollas. Las formas funerarias son cuencos de cuerpo globular cuya parte superior es troncónica, cuencos y platos hondos de labios con muescas, platos chicos convexos o de boca ancha, tablillas y pequeñas placas. El decorado, presente en 10 % del material, está constituido principalmente por pintura roja, blanca o negra (la tricromía es rara y se reserva a las piezas funerarias), de incisiones rectilíneas o curvas, filas de puntuaciones, muescas, peinado, impresiones digitales (Figura 5.3). Estos decorados están a veces dispuestos en composiciones muy elaboradas.

El tipo Ouanary Entallado es comparable a los tipos de desgrasante de arena del complejo Aristé de Amapá: Aristé Ordinario, Aristé Pintado, Davi Inciso, Flexal Raspado, Uaçá Inciso (Meggers; Evans, 1957). Sin embargo, si diferencias de pasta, tipo de desgrasante y forma justificaban la definición de tres variedades en el tipo Ouanary Entallado, las formas y los decorados eran demasiado homogéneos para justificar la creación de varios tipos.

La cultura Aristé Reciente, ligada a la tradición policroma, está representada por el tipo infierno policromo. La cerámica es desgrasada con tiestos molidos. El material doméstico representa 80 % del muestreo cerámico y sus formas son budares, cuencos, fuentes o cuencos de boca ancha, cuencos con borde muy ancho o ligeramente cerrados, platos, escudillas, platos grandes o platos hondos de boca ancha, damajuanas globulares con la parte superior vertical, ollas globulares con la parte superior ancha, piezas con ranuras (llamados “ralladores”). Las formas funerarias consisten en cuencos con perfil compuesto, grandes cuencos con cuerpo globular y la parte superior vertical, fuentes, cuencos, platos hondos a veces de sección cuadrangular, cuencos, escudillas, tazones o platos chicos de boca ancha, tablitas y placas, ollas carenadas. Un fragmento de figurina antropomorfa hueca y un tortero en forma de disco fueron igualmente descubiertos. El decorado

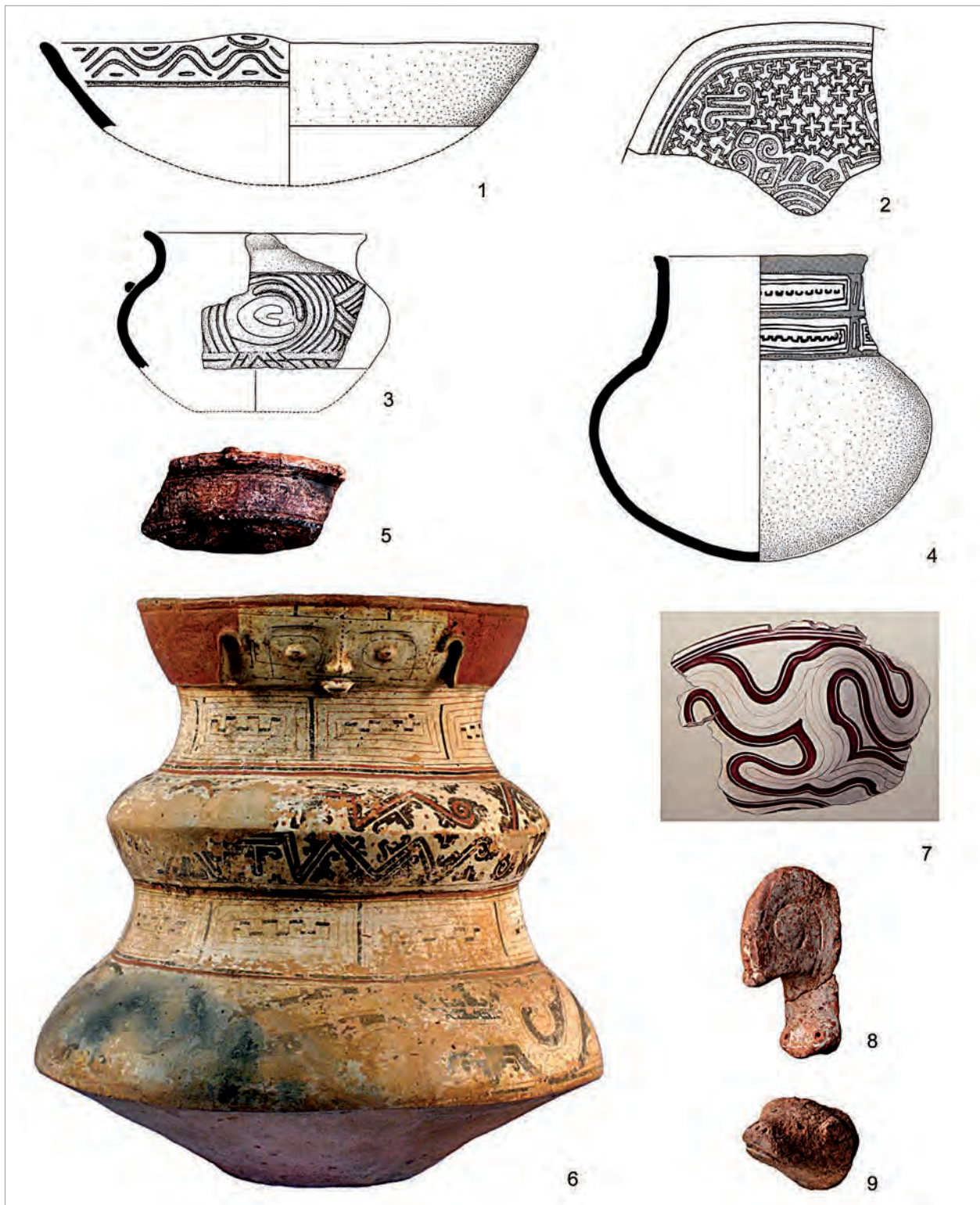


Figura 5. Cerâmica Aristé de la boca del Oyapock, Guyana francesa. 1. Plato inciso domestico Aristé Reciente. 2. Plato inciso domestico de estilo Caripo Kwep. 3. Olla incisa domestica Aristé Antiguo. 4. Urna funeraria pintada en café y negro Aristé Final. 5. Rana modelada sobre un cuenco funerario pintado Aristé Reciente. 6. Urna funeraria antropomorfa pintada Aristé Reciente. 7. Cuenco funerario pintado Aristé Reciente. 8. Modelado funerario Aristé Reciente representando probablemente una zarigüeya. 9. Modelado funerario Aristé Reciente representando probablemente una nutria (varias escalas). Foto y dibujo: Rostain.

de la cerámica doméstica, presente en un 12 % de los tiestos en los sitios de hábitat, se compone de incisiones rectilíneas o curvas simples o elaboradas, y filas de muescas. El decorado funerario, presente en un 62 % de la cerámica en las grutas funerarias, principalmente constituido por pintura roja, blanca, negra, rara vez amarilla – a menudo compone motivos policromos – y por aplicados zoomorfos o antropomorfos, ambos muy elaborados.

El tipo Infierno Policromo es idéntico a los tipos Sierra Ordinario y Sierra Pintado del complejo Aristé de Amapá (Meggers; Evans, 1957). La presencia o ausencia de decorado no constituyen criterios suficientes para hacer una distinción. Además, el tipo Infierno Policromo presenta decorados que no han sido señalados en el tipo Sierra Pintado, inspirándose en ciertos decorados y formas de los tipos Ouanary Entallado y Caripo Kwep que lo preceden.

El estilo Aristé Final está marcado por la evolución del decorado Aristé Reciente gracias al surgimiento de nuevas influencias. El material hallado hasta hoy es esencialmente funerario. Las formas cerámicas se diversifican en: urna cuadrangular, pluri-lobulada o globular con cuello recto. El decorado del conjunto de estas piezas está a menudo dispuesto en una franja horizontal de líneas rectas, almenadas, angulosas, raramente curvas (Figura 5.4). Difiere netamente del decorado Aristé Reciente y se acerca a algunos del complejo Mazagão y en especial a aquellos de la cerámica Palikur moderna.

Las urnas funerarias de los tipos Ouanary Entallado y sobre todo Infierno Policromo presentan una gran variedad de formas, a menudo únicas. Por otro lado, a pesar de la recurrencia de ciertos temas decorativos, cada pieza muestra una gran originalidad. Las urnas Infierno Policromo de sección rectangular, que parecen surgir al final de la secuencia, representan tal vez nuevas influencias.

La evolución progresiva de la cerámica Aristé refleja la persistencia de una cultura estable con pocas influencias externas después del período inicial de adaptación. Los antiguos temas decorativos son retomados y desarrollados a lo largo de la secuencia, y la aparición de la policromía durante el Aristé Reciente no modifica de manera fundamental los decorados, sino todo lo contrario, por la soltura del trato pictórico y las composiciones más complejas. Esta cerámica no es sin embargo, totalmente característica de la tradición Policroma amazónica ya que no utiliza la escisión, técnica decorativa sintomática de esta tradición. La cultura Aristé puede más bien ser considerada como un estilo “satélite” de la tradición Policroma. De todos modos, presenta muchas características en común con la cultura Marajoara, también afiliada a la tradición Policroma, que se desarrolla a la misma época en la isla de Marajó (Meggers; Evans, 1957; Roosevelt, 1991; Schaan, 1997, 2008; Barreto, 2009).

En medio de la secuencia, una cerámica original, aparentemente ligada a la tradición Incisa-Punteada que se desarrolla en el medio y el bajo Amazonas, aparece en los sitios Aristé del bajo Oyapock y no en Amapá. Este estilo Caripo Kwep es desgrasado con cortezas quemadas y molidas. El material doméstico representa un 95% del muestreo cerámico. Las formas domésticas son budares, ollas globulares con borde metido o parte superior muy ancha, platos, platos grandes, platos hondos anchos de sección cuadrangular o cuerpo vertical (Figura 5.2). Las formas funerarias son jarras con perfil compuesto, escudillas anchas, grandes budares con bordes. El decorado doméstico, presente en un 15% del material, está constituido principalmente por incisiones rectilíneas o curvas, filas de punteados o muescas, peinado y apliques zoomorfos. El decorado funerario está hecho a base de pinturas rojas a veces sobre fondo blanco. Las composiciones, pueden ser, aquí también, a veces muy elaboradas.

El estilo Caripo Kwep no se observa aparentemente en Amapá y se limita a la bahía de Oyapock. Parece pertenecer a la antigua tradición Incisa-Punteada: es parecido al estilo Pocó del río Trombetas (Hilbert; Hilbert, 1980) y al estilo Anajás de la isla de Marajó (Meggers; Evans, 1957). Presenta importantes semejanzas, tanto tecnológicas como decorativas, con la cerámica del medio Amazonas, especialmente el estilo Itacoatiara (Hilbert, 1968) y un cierto parentesco con el estilo Açutuba, fechado de 300 aC a 400 dC (Lima et al., 2006).

La introducción de este nuevo estilo no parece estar acompañada por cambios culturales. Si esta intrusión cerámica es el resultado de la llegada de inmigrantes, estos habrían cohabitado pacíficamente con los Aristé. En las Guyanas, la fusión y escisión son mecanismos clásicos en las relaciones en el seno de un grupo o entre etnias diferentes.

La cultura Koriabo: una tradición guyanense

A partir de 1000-1200 dC se produjeron alteraciones culturales que se manifestaron con el desaparecimiento o surgimiento de sociedades y que afectaron a la Guyana.

Así, la cultura Koriabo apareció en el interior hacia 750 dC y en la costa hacia 1100 dC, manteniéndose largo tiempo en ciertos lugares, durante el período colonial. Podía comprobarse su presencia hasta la segunda mitad del siglo XVIII, en el Approuague en Guyana francesa (Rostain, 1994a), mientras que, más al oeste, grupos de la misma cultura migraban hacia las Pequeñas Antillas en donde perduraron un poco más largo (Boomert, 1987).

Sin embargo la cultura Koriabo es particular pues representa al único conjunto verdaderamente guyanense, tal vez de origen local, al que no se reconoce más allá de esta región. En efecto, se reveló casi simultáneamente y bien identificada en el conjunto de la Guyana, desde el Oyapock hasta el Orinoco y del centro de la Guyana hasta la costa. Además, el aspecto verdaderamente notable de la Koriabo era su unidad estilística en las formas de los decorados cerámicos a través de esta inmensa región. La composición de la pasta variaba evidentemente de un área a otra, en función de las fuentes de aprovisionamiento, pero hay formas específicas de recipientes que se repetían en todo lado y decorados incisos y aplicados elaborados muy particulares se hallaban en todos los sitios, incluso distantes a cientos de kilómetros.

La cerámica Koriabo es muy distintiva tanto en sus forma como en sus decorados. El desgrasante cambia mucho de una región a otra: arena más o menos fina, cuarzo machacado, mica, concha molida, *cariapé* (corteza de árbol quemada y molida), etc. Las dos formas más estandarizadas son la olla globular, a menudo con cuatro abultamientos laterales en la barriga, cuello vertical y labio evertido, así como también la vasija de paredes cóncavas evertidas y borde con múltiples lóbulos (Figura 6). Los bordes engrosados de labio plano inciso y anchas líneas son también característicos. Los decorados combinan las finas líneas incisas y las anchas incisiones poco profundas hechas con un palito dentado, los cordones a veces incisos, las pastillas anulares aplicadas y la pintura blanca, negra o roja. Los diseños son volutas y espirales. Los rostros más o menos simples están representados por pastillas, botones y cordones aplicados. Los modelados son a veces muy elaborados aludiendo a seres híbridos animales/humanos. El felino, jaguar u ocelote, domina el bestiario realista (Figura 6).



Figura 6. Cerámica Koriabo de Surinam, donde se reconocen representaciones de felino en la primera fila. Foto: Rostain.

Conclusión

La dominación de las poblaciones Arauquinoides en la costa occidental de las Guayanas parece desmoronarse al inicio del segundo milenio. Estas desaparecieron poco a poco al oeste (culturas Hertenrits y Kwatta), mientras que al este recibieron e integraron marcas culturales de grupos llegados del interior (culturas Barbakoeba y Thémire). En la misma época, los grupos Aristé del este de Guyana conocieron profundos cambios. Las comunidades del litoral de Guyana sufrieron entonces fenómenos de declive o de mutación al inicio del segundo milenio. En cambio, un golpe fatal fue aquel dado por la llegada de los Europeos en los siglos XV y XVI, provocando la total desestabilización del mundo amerindio.

La conquista europea favoreció migraciones indígenas y la huida de grupos que buscaron escapar de las persecuciones. Los archivos señalan así, el abandono de islas de las Pequeñas Antillas, del delta del Orinoco y del bajo Amazonas. Ciertas de estas tribus vinieron a instalarse en Amapá, aparentemente más calmo. Se mezclaron con los Aristé, perturbando su estabilidad. Agrupamientos de etnias y cruces estilísticos se dieron desembocando en la emergencia de comunidades híbridas reconstruidas, entre las cuales figuran los actuales Palikur del norte de Amapá, así como probablemente también, los Kali'na de Guyana francesa y de Surinam. Pero esto es otra historia...

Agradecimientos

A Belém Muriel por la traducción de este texto, al museo de Fort Zeelandia en Paramaribo y al museo de Arqueología y Antropología de Cambridge por su acogida.



LA TRADICIÓN ARAUQUINOÍDE EN LA GUYANA FRANCESA: LOS COMPLEJOS BARBAKOEBA Y THÉMIRE

Claude Coutet

RESUMO

A Tradição Arauquinoide na Guiana Francesa: os complexos Barbakoeba e Themire.

A cerâmica é um dos materiais mais bem preservados do território amazônico. Como uma verdadeira relíquia ameríndia essencial do seu passado, é necessário extrair o máximo de informações dela. Na Guiana Francesa, a pesquisa com tecnologia cerâmica tenta explicar a variabilidade da cerâmica Arauquinoide, especificamente dos complexos Barbakoeba e Themire, respondendo à pergunta sobre a existência de uma entidade sociocultural representada pela tradição Arauquinoide e complexos culturais associados. O método utilizado, a análise tecnológica, associada a uma abordagem etnoarqueológica, é um processo que não havia sido usado ainda nesta região. O principal objetivo é desenvolver uma plataforma de dados sobre as técnicas diagnósticas e os métodos usados no fabrico e acabamento das cerâmicas. Posteriormente, os complexos cerâmicos sítios Barbakoeba e Themire, localizados ao longo da costa da Guiana, foram examinados seguindo o procedimento de teste que recria a cadeia operatória de produção cerâmica. Este tipo de análise investigou quais são os critérios mais decisivos para a identificação das diferentes culturas e confirmou os atributos culturais dos complexos Barbakoeba e Themire. Em conclusão, considera-se a tradição Arauquinoide uma entidade supracultural e macrorregional; uma ampla esfera de interação, onde os grupos culturais se uniram em uma complexa rede de trocas de mercadorias, pessoas, técnicas e ideias.

ABSTRACT

The Arauquinoid tradition in the French Guiana: The Barbakoeba and Themire complexes.

Ceramic represents one of the best preserved materials in Amazonian territory. Since it is an essential relic of the Amerindian past, it is necessary to extract a maximum of information. In French Guiana, research, from a technological point of view, on Arauquinoid ceramic variability, and specifically on Barbakoeba and Themire complexes, answer the question concerning the existence of a socio-cultural entity underlying the Arauquinoid tradition and cultural complexes associated. The method implemented “technological analysis associated with an ethno-archaeological approach” constitutes a process that had not been applied in this region. It aims first to draw up a baseline of diagnostic surface features for the techniques and methods used in ceramics manufacturing and finishing. Afterwards, ceramic assemblages from Barbakoeba and Themire sites along the Guiana coast have been examined according to an analysis procedure that recreates the operational sequence of ceramic production. This type of analysis asked questions about the criteria which are the most decisive in identifying cultures and has provided confirmation of Barbakoeba and Themire cultural attributes. In conclusion, the Arauquinoid tradition is thought to have been a macrorregional supra-cultural entity; an interaction sphere where cultural groups came together into a complex network of trade in goods, people, techniques, and ideas.

En Guayana francesa, las tradiciones culturales amazónicas más conocidas y representadas son las Policroma y Arauquinoíde. Sin embargo, no hace mucho tiempo que el reconocimiento de la tradición Arauquinoíde es efectivo en la comunidad científica local.

En la costa de las Guayanas, cuatro culturas se atribuyen a esta tradición: Hertenrits, Kwatta (en Suriname), Barbakoeba (en el este de la costa de Suriname y en la costa oeste de Guayana francesa) y Thémire (en la isla de Cayena y alrededores) (Rostain; Versteeg, 2004) (Figura 1). La tradición Arauquinoíde fue identificada en Guyana francesa por S. Rostain a fines de los años 1980 a través de los complejos Barbakoeba y Thémire (Rostain, 1994a-b). Pero había un cuestionamiento hasta esos últimos años sobre la gran difusión que implicaba ese descubrimiento (Hildebrand, 1998; Bel, 2014): es decir, del medio Orinoco (por lo menos) donde aparece la tradición Arauquinoíde alrededor del siglo VI, hasta la Isla de Cayena donde se encuentra todavía en el siglo XVII.

Entonces, para confirmar, o refutar, la hipótesis de la difusión de la tradición Arauquinoíde, mi investigación doctoral fue desarrollar un análisis tecnológico de las cerámicas Barbakoeba y Thémire (Coutet, 2011). Tal análisis permite completar el conocimiento morfo-estilístico que tenemos ya para estos complejos.

Un estudio tecnológico de estas cerámicas – basado sobre un referencial de marcas de manufactura – tiene como objetivo reunir nuevos datos, incluido un conocimiento profundo de la cadena operativa de la cerámica Arauquinoíde y de sus variantes culturales. La interpretación de las variabilidades tecnológicas se utiliza para cuestionar la organización sociocultural de la tradición y de las culturas asociadas.

1. Contexto teórico: el reconocimiento de estilo técnico

Tradicionalmente, el arqueólogo clasifica la cerámica de acuerdo con sus rasgos morfo-estilísticos y las características de su pasta (colores, desgrasantes etc.). Los conjuntos así definidos representan una piedra angular en el desarrollo de las llamadas «culturas arqueológicas». Por otra parte, sabemos que, por lo general, es poco prudente hacer coincidir esas culturas arqueológicas con grupos socioculturales, homogéneos en el espacio y en el tiempo. Y en este sentido, a menudo tenemos la tentación de explicar la variabilidad cerámica con eventos exteriores: la hipótesis más común, frente a un cambio de estilo, es la llegada de una nueva población (Gelbert, 2003).

Más allá de esta primera utilización de los restos de cerámica, se propuso modelos teóricos considerando la cerámica como estrechamente relacionada con el medio ambiente y/o con la organización socio-económica y cultural de la sociedad. Entre esos modelos, se desarrolló, a partir de finales de 1970, el concepto de estilo tecnológico o técnico (Lechtman, 1977) que puso el estilo en un patrón más amplio que esto de las características morfo-estilística. El estilo tecnológico ya no se reducía a los elementos más visibles del artefacto, pero afectaba a todo el proceso de manufactura.

La fabricación de un objeto debe ser pensado como una serie de opciones, conscientes e inconscientes, que surge como una búsqueda de rendimiento y un reflejo de los valores sociales e ideológicas de los artesanos (Lemonnier, 1986; Gosselain; Livingstone Smith, 1995; Sillar, 1996, 2000).

Las investigaciones de Olivier Gosselain (1992, 1995, 2000, 2002), que trata de las tradiciones cerámicas del sur del Camerún, contribuyeron en gran medida al desarrollo del análisis del estilo técnico y permitieron

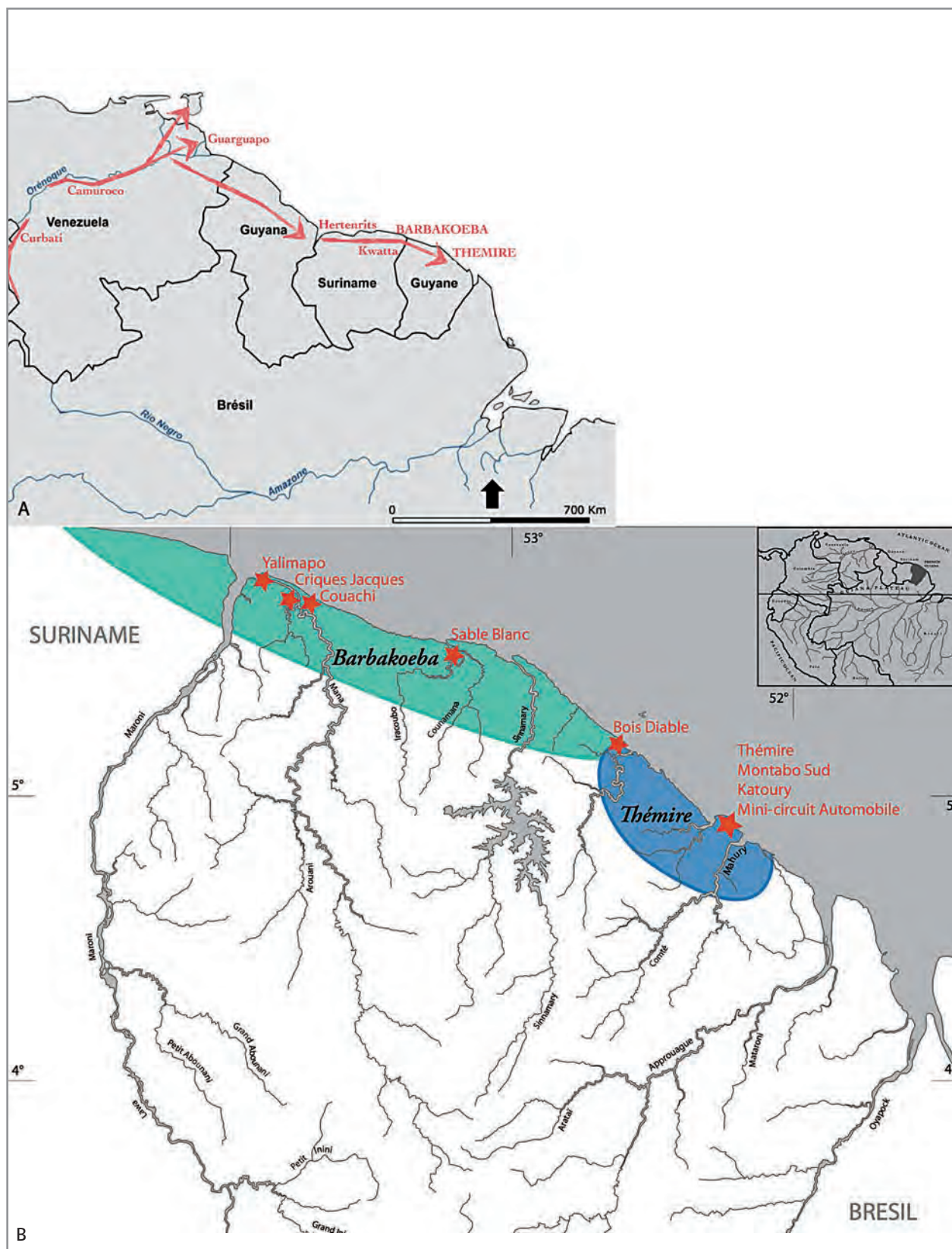


Figura 1. A) Reparticion esquematica de la tradicion Arauquinoide en las Guyanas. B) Reperticion de la cultura Barbakoeba y de la cultura Thémire en Guyana Francesa.

que la reconstrucción de las cadenas operatorias se conviertan en una herramienta privilegiada para el reconocimiento de las identidades sociales. Según O. Gosselain, las opciones tecnológicas “se llevan a cabo bajo el peso de los hábitos adquiridos socialmente, culturalmente sobredeterminados y potencialmente investidos de significado” (Gosselain, 2002: 10). Argumenta que las etapas más discretas de la fabricación de los artefactos son el resultado de gestos, muy estables en el tiempo, consecuencia de automatismos adquiridos por aprendizaje (Gosselain, 2000). Estos hábitos, técnicos como sociales, corresponden a tradiciones cerámicas, que cuando se consideran en relación con los estilos formales y ornamentales, pueden reflejar identidades culturales.

Entonces, para percibir mejor – en sus diferencias y en sus similitudes – la diversidad de culturas presentes en la costa de la Guayana francesa en el primer milenio (de 300 a 1700 dC según las culturas seleccionadas) y tratar de entender su organización socio-cultural, me interesé con la tecnología de la cerámica amerindia. Por lo tanto, el primer paso fue la creación de un referencial de huellas de gestos y herramientas dejadas por la alfarera durante la fabricación de vasijas.

2. La constitución de una herramienta: el referencial de huellas de manufactura

Basándose sobre las investigaciones que construyeron el cuadro teórico y metodológico del estudio de la tecnología cerámica, el análisis macroscópico de las huellas de fabricación y de acabado permite reconstruir antiguas cadenas operatorias con la ayuda de un referencial. Así la primera fase de mi pesquisa se fundó en un enfoque etnoarqueológico y consistió en la realización de un referencial de huellas de manufactura a partir de la alfarería contemporánea. Por eso, trabajé con las alfareras kali’na (grupo lingüístico Caribe) del Oeste de la Guyana y con una alfarera pahikweneh (o palikur, grupo Aruak) viviendo en la costa central (Figura 2).

Los Kali’na son famosos por la calidad de su alfarería desde el siglo XIX. Existe hoy más o menos veinte artesanas kali’na en el oeste de la Guyana. En cambio, la alfarería de los Pahikweneh cayó en desuso hasta su reciente valorización gracias a una cooperativa artesanal.

Olivier Gosselain (2002: 11) opina que “el carácter rutinario, especializado y discreto de los comportamientos técnicos les da tanto más estabilidad a través del espacio y el tiempo”. Aunque las sociedades amerindias sufrieron mutaciones culturales al curso de los cincos últimos siglos, las cadenas operatorias probablemente no se cambiaron a lo largo del tiempo. Además, la singularidad del medio natural (el litoral de la Guyana) garantiza la permanencia de recursos y de herramientas. La arcilla empleada se extrae en la zona costera y las herramientas tradicionales, siempre utilizadas, se fabrican a partir de materiales naturales: calabazas, bambú, guijarros, semillas y plumas.

Ya existen datos experimentales y etnográficos para el reconocimiento general de técnicas y métodos de fabricación o de acabado (Rye, 1981; Rice, 1987; Huysecom, 1994; Gelbert, 1994, 2003). No obstante, ya no se había realizado la constitución de un referencial de huellas de manufactura por la alfarería de las Amerindias de Guyana.



HUELLAS / ATRIBUTOS DIAGNOSTICOS	OPERACION	HERRAMIENTA	
	Fisuras entre dos placas	Base formado a partir de dos placas modeladas	/
	Rollo en espiral	Base Formado com un rollo	/
	Fisuras a la union de rollos	Montaje con rollos	/

Figura 2. Repartición de las culturas Kali'na y Pahikweneh y tabla de referencias de huellas y atributos diagnósticos de la manufactura cerámica.

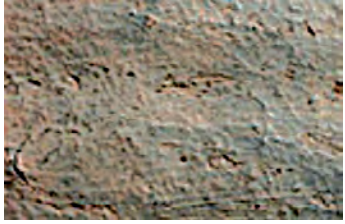



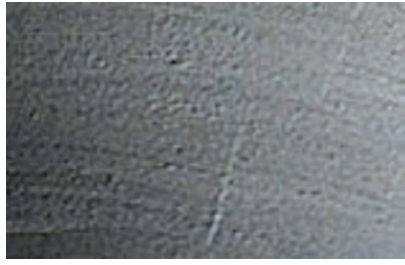


HUELLAS / ATRIBUTOS DIAGNOSTICOS		OPERACION	HERRAMIENTA
	Ondulaciones en le axo vertical	Montaje con rollos	/
	Imbricacion de los rollos: plano, plano con borde, concavo/convexo, en punta	Montaje con rollos	/
	Huellas de dedos	Pellizando/estiramiento	/
	Surcos en U paralelos	Raspado	Calabaza con muescas
	Strias finas paralelas incluidas dentro de bandas cóncavas, a veces cortada perpendicularmente por una ranura	Raspado	Calabaza
	Bandas paralelas atravesadas por surcos irregulares	Raspado	Palo de bambú
	Huellas digitales y golpes en la pared interna	Mantenimiento de la pared para raspar la superficie exterior	/

Figura 2. (cont.) Repartición de las culturas Kali'na y Pahikweneh y tabla de referencias de huellas y atributos diagnósticos de la manufactura cerámica.




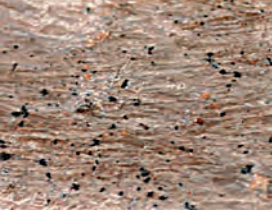



HUELLAS / ATRIBUTOS DIAGNOSTICOS	OPERACION	HERRAMIENTA
	Cepillado	Calabaza o palo de bambú
	Brunido en superficie mojada	Guijarro o semilla dura
	Bruñido en zona con textura de cuero	Guijarro o semilla dura
	Bruñido en superficie seca	Guijarro o semilla dura
	Pulido	Guijarro o semilla dura
	Barniz	/
	Engobe	Algodón

Figura 2. (cont.) Repartición de las culturas Kali'na y Pahikweneh y tabla de referencias de huellas y atributos diagnósticos de la manufactura cerámica.

Potencialmente, las huellas dejadas en la cerámica pueden ocurrir en todas las etapas de su fabricación. Sin embargo, en la mayoría de los casos, las últimas operaciones de tratamiento de superficie eclipsan los vestigios de las primeras (desbaste, formación). Hay que contar pues con vasijas poco cuidadas dejando aparecer las marcas de su desbaste o formación.

La tabla de referencia (Figura 2) expone todas las huellas y atributos diagnósticos encontrados para identificar el material arqueológico. Se puede ayudar con la reconstitución de cadenas operatorias puesto que vemos la superficie de las vasijas a cada etapa de su fabricación.

Probando este referencial con colecciones etnográficas y arqueológicas de algunos museos de las Guayanas¹ me di cuenta que no sólo la cadena operatoria usada por las Amerindias contemporáneas había cambiado poco sino que estaba muy frecuente a través de la Amazonía. Pero hay diferencias que son visibles a partir de variantes en los métodos de fabricación o en el cuidado concedido a la fabricación o al acabado de las vasijas. Y son estas diferencias que van a permitirse hacer la distinción entre los complejos de una misma tradición cerámica.

3. La caracterización tecnológica de la tradición Arauquinoíde

Para llevar a cabo una caracterización tecno-estilístico de la cerámica de tradición arauquinoíde, analicé siete ensamblajes de diferentes sitios Barbakoeba y Thémire. Los sitios Barbakoeba incluyen Bois Diable, Sable Blanc y Crique Jacques que se encuentran en la costa oeste de la Guyana. Los sitios Thémire están ubicados en la isla de Cayena. Estos son: Montabo Sud, Katoury, Thémire (sitio epónimo de la cultura) Mini Circuito Automóvil (Figura 1).

El estudio de este material se realizó siguiendo un procedimiento de análisis tecnológico de la cerámica introducido por V. Roux y M.-A. Courty (2007). La aplicación de esta metodología tiene el objetivo de reconstituir las cadenas operatorias de producción de la cerámica como unidad técnica principal y sus variantes. La unidad técnica principal representa una tradición cerámica y sus variantes, los complejos asociados.

En los ensamblajes estudiados, las técnicas de fabricación de la cerámica son las mismas en cada uno de los sitios, Barbakoeba como Thémire. ¿Entonces, cuáles son las grandes características de la tradición Arauquinoíde en el litoral de la Guyana?

3.1. FASE 1: LA PREPARACIÓN DE LA PASTA

El análisis empieza con la fase de preparación de la pasta. Esta etapa no puede ser reconstituida en su totalidad (que no se sabe, por ejemplo, si la arcilla se seca antes de su uso, ni como se ordena). Sin embargo, me di cuenta de que la preparación de la pasta era variable y no proporcionaba distinción a escala de la tradición. La única regularidad notable es el uso de chamote (tiesto molido) como desgrasante

1. Museu Paraense E. Goeldi, en Belém, Stichting Surinaam Museum, en Paramaribo, Musée des cultures guyanaises et Musée départemental, en Cayena.

principal, pero la presencia de otras inclusiones, la abundancia y el tamaño de todos los elementos no plásticos y la calidad de la mezcla pueden variar.

3.2. FASE 2: EL DESBASTE DEL RECIPIENTE

El desbaste de una vasija empieza con el aplanamiento de una bola de masa que formará una base circular plana². La pared entonces se construye a partir de una superposición de rollos en anillos. Es importante recordar que esta técnica está lejos de ser la única técnica sin energía cinética rotativa: unos ejemplos son el modelado, el moldeado, la trilla, etc., y todos los métodos que usan una combinación de estas técnicas. Por lo tanto, nos enfrentamos a una particularidad tecnológica que parece caracterizar a la mayoría de las tradiciones cerámicas definidas en la cuenca del Amazonas.

3.3. FASE 3: LA FORMACIÓN DEL RECIPIENTE

Desde la etapa de formación de la olla, uno comienza a distinguir las diferencias culturales. Sin embargo, podemos describir las principales técnicas utilizadas en la tradición Arauquinoíde.

La primera operación de formación constituye la combinación del pellizado y del estiramiento de los rollos por presiones interdigitales discontinuas. La alfarera pelliza la pared colocando el pulgar en la superficie interior y los otros dedos en el exterior de la vasija. Se ejerce presiones discontinuas alrededor de la olla para soldar los rollos entre sí y estirarlos hacia arriba.

El pellizado/estiramiento conduce a una fuerte deformación de la pared que necesita después la ejecución del raspado. Este raspado se realiza utilizando el borde de una herramienta plana o convexa (un pedazo de calabaza por ejemplo) con la que se aplica una presión perpendicular a la pared. Los atributos diagnósticos de la acción (ranuras paralelas finas incluidas dentro de bandas cóncavas, surcos verticales aislados) y la forma de la herramienta se identifican en el lado interno de los fragmentos. El raspado tiene resultados diferentes: 1) el borde de la herramienta adelgaza y regulariza la pared y 2) su perfil convexo hace posible la formación de la vasija.

3.4. FASE 4: EL ACABADO

Las varias técnicas de acabado resaltadas son el pulido, el bruñido, el alisado y el engobe. Como anécdota, también observamos un barnizado a base vegetal. Pulido y bruñido son las principales técnicas de acabado aplicadas.

En los complejos arauquinoídes, que no parecen tener influencias externas, observamos que el alisado se utiliza en segundo lugar y el engobe es raro. Este es el caso del complejo Barbakoeba. Laure Degoy (1998) también lo señaló para el complejo Herttenrits (de tradición Arauquinoíde) en la costa oeste de Surinam. Sin embargo, en la cultura Thémire, marcada por la influencia de la tradición Policroma, veremos que el engobe es más común que el alisado.

Profundizando el análisis de la cadena operatoria, la variabilidad cuantitativa y cualitativa de estas técnicas de acabado es uno de los factores principales de la diferenciación cultural que se puede observar.

2. En el sitio de Bois Diable, se observa algunos ejemplos excepcionales de bases modelados con un rollo en espiral.

4. La diferenciación cultural: los complejos cerámicos Barbakoeba y Thémire

La caracterización de las culturas arauquinoídes de Guyana francesa necesita el estudio de múltiples elementos: las proporciones de las diferentes técnicas de acabado utilizadas, el cuidado en la fabricación de vasijas y en su acabado, y finalmente el aspecto ornamental y morfológico. Estos son los primeros criterios para la identificación de las culturas arqueológicas. Sin embargo, S. Rostain (1994a: 496) insiste en que las “múltiples fusiones y superposiciones entre los complejos de esta tradición [Arauquinoíde] dan homogeneidad a su conjunto, que ahora dificulta la distinción estilística de un complejo al otro”. En consecuencia, L. Degoy consideró, al término de su investigación, que un enfoque tecnológico permitiría mejor entender las relaciones entre las diversas culturas de la tradición Arauquinoíde (Degoy, 1998).

4.1 CARACTERIZACIÓN TECNO-ESTILÍSTICA DEL COMPLEJO BARBAKOEBA

4.1.1. CONTEXTO

En la costa oeste de la Guayana francesa, la cultura Barbakoeba se difunde entre 1000 y 1400 dC (Rostain; Versteeg, 2004; Coutet, 2009, 2014). Conocemos cinco sitios principales en contextos predominantemente funerarios o rituales con enterramientos en tumbas o en urnas. Aunque obviamente contextos de hábitat existen, no fueron todavía estudiados.

4.1.2. LA CADENA OPERATORIA

Las primeras etapas de la cadena operatoria clasifican esta cultura en la tradición Arauquinoíde. Sin embargo, la etapa de formación está descuidada: los rollos están mal soldados entre sí, debido a un raspado insuficiente. Si bien las operaciones de acabado borran las uniones, no es suficiente para hacer más sólida la vasija.

La preparación de la pasta es generalmente de mala calidad: las inclusiones (chamote o minerales) son demasiado gruesos y el amasado recibe poca atención.

En el final, se hace hincapié en dos aspectos. En primer lugar, los tratamientos de superficie están generalmente descuidados, en segundo lugar, el engobe (solamente rojo) se aplica en pocas ocasiones.

4.1.3. FORMAS Y DECORADOS PRINCIPALES

Las formas identificadas son principalmente vasijas abiertas como escudillas (Figura 3C), cuencos (Figura 3A-B), platos hondos (Figura 3D) que a veces pueden ser muy grandes. Son de perfil convexo o ensanchado.

También hay recipientes cerrados como jarras, botellas y frascos (Figura 3E-F). Jarras, de gran tamaño y de forma ovoide, están utilizadas como urnas funerarias. Pero, este uso tal vez es secundario porque para depositar los huesos, el cuello debe ser fracturado.

La cerámica de estilo Barbakoeba es simple, muy escasamente decorada. Se puede observar:

- Apliques zoomorfos (evocando entre otros, anfibios y tortugas), antropomorfos o estilizados; están ubicados al base del cuello.

- Decoración corrugada sobre los bordes de platos hondos (Figura 3D);
- Cordones modelados y punteados o fila de puntos subrayando el cuello o el labio (Figura 3F),
- Uso escaso de engobe rojo (probablemente solo en vasijas excepcionales).

La cerámica de cultura Barbakoeba tiene fuertes semejanzas con las culturas arauquinoideas del Suriname (Boomert, 1993; Versteeg, 2003, Rostain, 2008) donde se encuentra el mismo tipo de urna funeraria, ovoide y sin cuello (Coutet, 2015). También está ligada a la cerámica Thémire que reemplaza gradualmente la cerámica Barbakoeba al difundirse hacia el este del litoral guyanés (Rostain; Versteeg, 2004).

4.2. CARACTERIZACIÓN TECNO-ESTILÍSTICA DEL COMPLEJO THÉMIRE

4.2.1. CONTEXTO

La cultura Thémire se desarrolló aproximadamente en el mismo tiempo que la cerámica Barbakoeba y desapareció en los inicios de la colonización. Esta cultura se encuentra en la isla de Cayena, pero se percibe en el oeste hasta el río Sinnamary (Figura 1).

En la isla de Cayena, los sitios Thémire corresponden a grandes aldeas situadas en antiguas líneas costeras o a sitios que ocupan la cima de colinas. Excavaciones con grandes decapados permitieron descubrir multitud de agujeros de poste y alineamiento de tiestos dejando adivinar paredes de casas (Mestre et al., 2005). En los últimos años, se hallaron estructuras funerarias (Bel, 2014): se llenan los pozos de cerámica rota y dispuesta de manera que sea capaz de cubrir un cuerpo humano. Este patrón también fue registrado en el sitio de Barbakoeba.

4.2.2. LA CADENA OPERATORIA

La cadena operatoria de la cerámica del complejo Thémire pertenece también a la tradición Arauquinoíde.

La pasta es de buena calidad. Contiene chamote y varias inclusiones minerales que pudieran derivarse de las arcillas utilizadas. De manera secundaria, encontramos *caraipe*.

La manufactura de los recipientes se hace con cuidado y se deja pocas huellas en la superficie de las vasijas. Las técnicas de acabado son las siguientes: la mayoría está pulido (incluyendo el bruñido de manera secundaria), el engobe y en menos frecuencia el alisado (la minoría en esta cultura).

4.2.3. FORMAS Y DECORADOS

La cerámica del complejo Thémire muestra temas decorativos frecuentes de la tradición Arauquinoíde de las Guayanas. Las formas y ornamentos más emblemáticos del complejo Thémire son:

- Cuencos pintados de rojo y blanco (Figura 3H).
- Cuencos decorados de líneas incisas en la parte superior de la pared (Figura 3G).
- Escudillas con muescas en los labios y con la superficie interior pintada con engobe rojo.
- Ollas y jarras con líneas oblicuas incisas en el cuello (Figura 3LM).
- Platos hondos carenados con pinturas policromas (Figura 3I).

- Finalmente, el cuello de botellas decorado con incisiones asociadas con una banda de color rojo (Figura 3N).

Mientras que el engobe blanco está totalmente ausente de otras culturas arauquinoídes, la característica más notable del estilo Thémire es el uso frecuente de engobe rojo y de bicromía rojo y blanco (Versteeg, 1985; Boomert, 1993). A diferencia de la cultura Barbakoeba, decoraciones plásticas son numerosas y elaboradas. Se trata principalmente de líneas incisas organizadas en diversas disposiciones (líneas oblicuas, cuadrillos, enrejados etc.) que crecen en los bordes a veces en combinación con el engobe rojo, labios en muescas. Menos frecuentes son los apéndices zoomorfos y antropomorfos modelados.

Las estatuillas embarazadas, constituyen un hallazgo excepcional, mientras que en las culturas arauquinoídes mas occidentales de las Guayanas como Hertenrits, son un rasgo común (Rostain, 2008).

Por otro lado, la cultura Thémire se presenta como una transición entre la tradición Arauquinoíde y la tradición Policroma, proveniente de la cuenca del Amazonas, especialmente en la cultura Ariste, la cual fue recientemente ubicada al este de la Guyana francesa (Rostain, 1994c).

La cerámica Thémire incorpora ambas características: occidentales (incisión y punteado) y orientales a través de la influencia de la tradición Policroma incluyendo el uso popular de motivos geométricos (complejos y curvilíneos) pintados en blanco y rojo, y ocasionalmente negro (Rostain, 2011).

5. La variabilidad intra-cultural

El análisis tecnológico de cada uno de mis corpus y su comparación revelan, desde un nivel avanzado de análisis, una variabilidad significativa.

5.1. LA PASTA

Esta variabilidad se expresa primero en la preparación de la pasta. Hay muchos factores que pueden entrar en consideración: las funciones de las vasijas, los recursos disponibles, las habilidades o elección de las artesanas, la movilidad de los objetos, o de las alfareras, etc. Se puede, a través de los diversos análisis, excluir la hipótesis de la elección funcional porque, cualquiera que sea la masa, nos encontramos con los mismos tipos de contenedores. En el caso de los complejos de los sitios de la isla de Cayena, vemos que las inclusiones son más diversas que en los sitios de la costa occidental. Esto podría ser un reflejo del medio ambiente, geológicamente no tan rico como la isla de Cayena. También podría estar relacionado con la elección individual. En cuanto a la variabilidad observada en la calidad de la preparación de la pasta, es probable que hubiera diferencias de habilidad de un alfarero al otro.

La pasta, ya sea en sus componentes o calidad de la preparación, no aparece como un criterio para realizar bien la clasificación de las cerámicas de la costa de Guayana. Sin embargo, la caracterización de su composición dominante a través de la tradición parece concluyente: una de las principales diferencias entre la cerámica Arauquinoíde de Venezuela con la cerámica de las Guayanas es el uso de espículas de esponjillas (*cauixi*) en vez de desgrasante de chamote (Rostain; Versteeg, 2004).

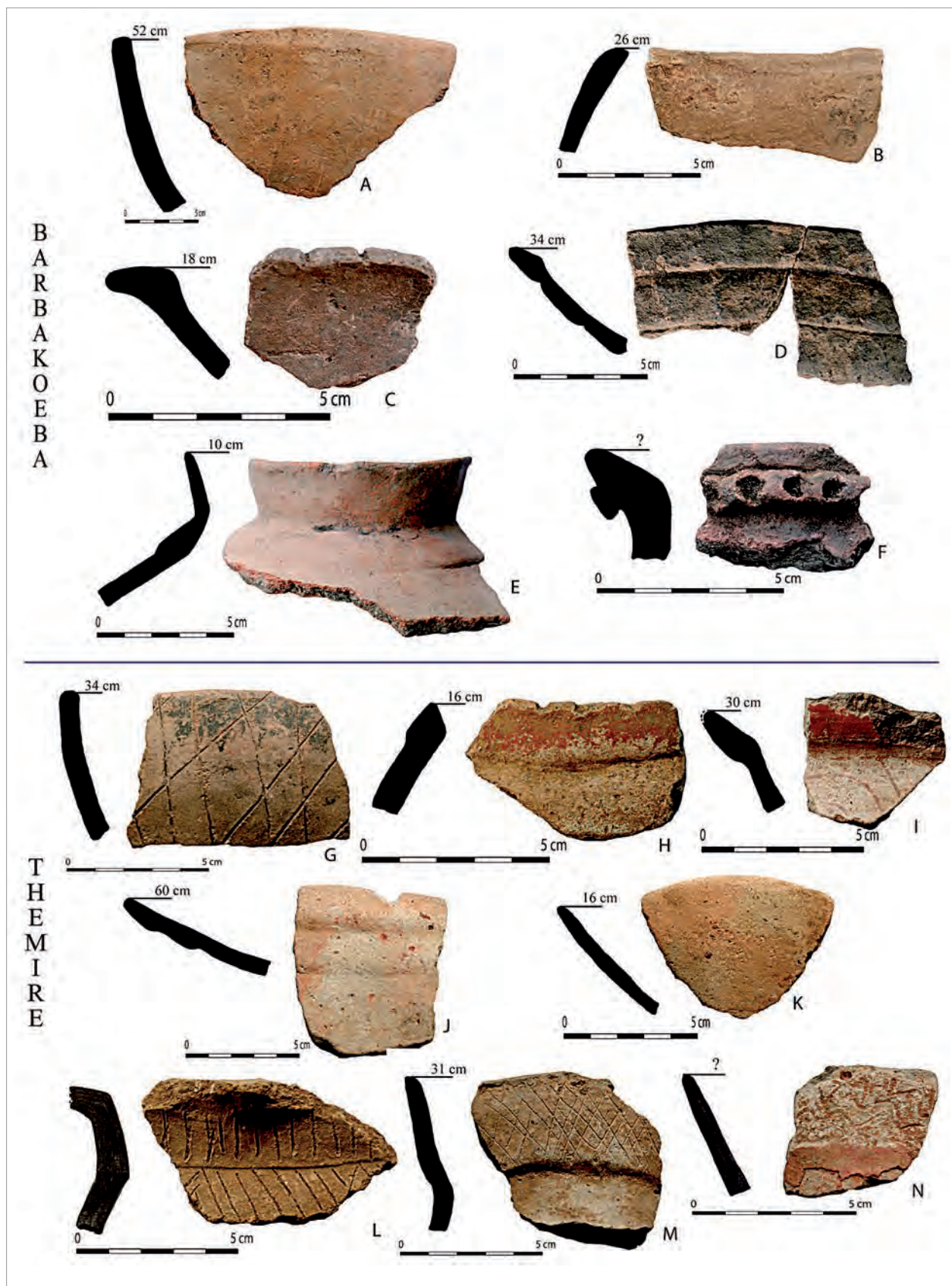


Figura 3. Selección de formas y decorados de los complejos Barbakoeba y Thémire.

5.2. EL ESTILO DECORATIVO Y LAS FORMAS

El examen de los elementos decorativos y morfológicos de una cultura nos ha enseñado que más allá de una cierta homogeneidad de formas, colores, patrones, ubicación de la ornamentación, hay una variabilidad intra-cultural. En otras palabras, cada pueblo, en una escala que puede ser sincrónica como diacrónica, tiene peculiaridades morfo-estilísticas. Algunas comunidades prefieren decorar sus vasijas con motivos de color rojo sobre un fondo blanco, otros con motivos blancos sobre un fondo rojo.

Esta variabilidad puede testimoniar muchos aspectos de la organización de estas comunidades: por ejemplo, modalidades de aprendizaje o especialización artesanal. Las comunidades amerindias contemporáneas no posibilitan una investigación detallada en esta dirección ya que quedan muy pocas alfareras y observé transmisión de conocimiento entre sólo dos personas.

Para explorar estos temas y para comprender mejor cómo el análisis tecnológico permite proponer inferencias acerca de la organización socio-cultural y económica de las sociedades, la investigación de F. Silva (2007) sobre el «significado de la variabilidad artefactual» resulta inspiradora.

Mediante el estudio de la producción cerámica actual Asurini (Xingú), F. Silva destacó varios factores que causan la variabilidad en esta producción. El cuidado en la manufactura de las vasijas, el registro morfológico y los patrones decorativos son los principales elementos de la cerámica afectados por estas variabilidades.

En primer lugar, las razones de este resultado son opciones pragmáticas en relación a la función y al propósito de los recipientes y por otra parte, a la organización social de Asurini. La unidad básica de esta organización es un grupo doméstico, en la escala de la familia extendida, dentro de la cual se organiza el aprendizaje de la cerámica: las mujeres de más edad (madre, tía, abuela, etc.) enseñan a las más jóvenes. Así, cada grupo doméstico es una unidad de producción que se caracteriza por su propio repertorio estilístico y por la atención que se brinda a la decoración y al acabado de la vasija (Silva, 2007).

Los motivos de la cerámica Asurini pertenecen a un modelo tradicional compartido por todo el grupo cultural. Sin embargo, las características de este modelo se puede recombinar ofreciendo múltiples oportunidades para la expresión individual.

Las alfareras son capaces de reconocer los vasos de cada una de ellas. Esta observación se aplica también a las alfareras Kali'na, creyendo una amplia variedad de formas y variando los motivos dentro del marco establecido de la tradición estilística kali'na. La innovación y los préstamos personales dinamizan las variaciones en la familia o en la comunidad. Las ceramistas kali'na contemporáneas siempre están buscando nuevas ideas de formas y decorados. Se inspiran en los platos europeos o ilustraciones antiguas. Colecciones de los museos a partir de fines del siglo XIX demuestran el mismo espíritu. Mujeres, por jugar o para satisfacer ciertos pedidos (Collomb, 2003; Collomb; Taladoire, 2001) imitaron objetos occidentales de la olla a la zapata hasta la *watrakan* (jarra de agua) más utilitaria. Hoy en día, se están centrando en particular en la producción para turistas con vasijas de menor tamaño o figurinas (para facilitar el transporte aéreo). Los decorados muy elaborados, que antes eran reservados para cerámica ritual, ahora decoran nuevas formas.

Producciones cerámicas amerindias son el espejo de sus relaciones interculturales. Variabilidad morfo-estilística testimonia la fortaleza de estas relaciones y la capacidad de adaptación e innovación de las alfareras.

La variabilidad observada en los corpus de cada sitio arqueológico parece ilustrar esta misma energía y podría corresponder a este tipo de organización cultural. La alfarería se queda principalmente en una producción doméstica donde la expresión individual puede florecer a partir de un modelo común a todo el grupo.

Se puede tener acceso, a través del análisis tecnológico, a todos los niveles de la escala, de la tradición hasta la unidad de producción, dependiendo del grado de variabilidad que se toma en cuenta.

6. La tradición Arauquinoíde: ¿una esfera de interacción?

El procedimiento de análisis tecnológico mostró la homogeneidad de la cadena operatoria de la cerámica Arauquinoíde de la escala macro-regional de toda la costa occidental de las Guayanas. Según este análisis, la tradición Arauquinoíde muy probablemente es el testimonio de una realidad socio-cultural y económica.

El análisis de los conjuntos arqueológicos refleja varios niveles de organización social:

- Una entidad macro-regional.
- Unidades culturales que ocupan territorios más pequeños.
- Por último, pueblos con unidades familiares.

Desde un punto de vista tecnológico, las unidades culturales se diferencian gracias a cambios visibles, tanto en la calidad de la pasta utilizada como en la calidad de las operaciones de fabricación y de acabado o en la popularidad de las decoraciones. Estas culturas, como Barbakoeba y Thémire, también tienen un repertorio morfo-estilístico particular a través del cual percibimos la continuidad de un complejo al otro. Sin embargo, todavía es difícil especular sobre el tipo de relaciones entre estas culturas.

En el nivel más bajo de nuestra escala, se puede considerar a las comunidades cuya producción parece organizada en diferentes unidades domésticas. Estas se manifiestan, en particular, a través de diversas composiciones de pasta, una variabilidad relativa en su preparación y opciones de estilo ligeramente diferente.

El modelo de esfera de interacción parece más apropiado para entender la forma en que se organizaron las sociedades de tradición Arauquinoíde.

La uniformidad tecnológica y la recurrencia de ciertos patrones decorativos podrían ser el resultado de un origen común para estas poblaciones, pero también (y más probablemente) consecuencia de la movilidad de las personas (y especialmente las mujeres a través de matrimonios interétnicos o de raptos). Las técnicas de formación, acabado y decoración son conocimientos que se mudan con ellas.

Dentro de esa esfera, ambas culturas, Barbakoeba como Thémire, reflejan una uniformidad tecno-estilística propia. Podemos imaginar que, al igual que las poblaciones post-coloniales, podrían mantener intercambios económicos, construir alianzas, compartir una ideología común al tiempo que testimonian identidades sociales y lingüísticas propias (Arvelo-Jiménez; Biord, 1994; Neves, 2001; Gallois, 2005).

Dentro de estas unidades culturales, aldeas y comunidades familiares conservan cierta libertad en la elección de la pasta, forma y ornamentación de su alfarería, manteniendo al mismo tiempo, una tradición tecnológica y estilística común a todo el grupo.

Así, los diferentes grados de organización socio-cultural de la tradición Arauquinoide podrían encajar en un modelo donde las sociedades interactúan en el seno de una red de intercambios complejos sobre la que se superpone un terreno supra-cultural común.

La herramienta de análisis representada por el referencial de huellas de manufactura podría complementarse con estudios etnográficos similares con otros grupos ceramistas en la Amazonía. La multiplicidad de huellas inventariadas continuará perfeccionando nuestro conocimiento de las antiguas tradiciones cerámicas y especialmente de los grupos humanos que componían aquellas tradiciones.



OS COMPLEXOS CERÂMICOS DO AMAPÁ: PROPOSTA DE UMA NOVA SISTEMATIZAÇÃO

João Darcy de Moura Saldanha
Mariana Petry Cabral
Alan da Silva Nazaré
Jelly Souza Lima
Michel Bueno Flores da Silva

RESUMEN

La región de la desembocadura del Amazonas es conocida como una de las más diversificadas en términos de estilos cerámicos de la historia precolombina de la Amazonia. Desde el estudio sistemático del área realizado por Meggers y Evans (1957), una serie de complejos cerámicos fueron reconocidos y organizados en cronologías relativas. Sin embargo, en el caso del actual estado de Amapá, nuevos datos han contribuido para la comprensión de la ocupación pre-colonial de la región: la cronología se extendió al Holoceno Medio, con sitios arqueológicos relacionados con grupos de cazadores-recolectores; también se encontraron sitios con cerámica antigua, fechada entre 4000 y 3000 AP; y se documentó la proliferación de estilos cerámicos, con la coexistencia de al menos cinco complejos diferentes en la zona desde el segundo milenio DC. Este artículo tiene como objetivo presentar los datos arqueológicos actuales relacionados con los complejos cerámicos hasta ahora reconocidos en Amapá, estableciendo un marco cronológico y estilístico de estos complejos, así como esbozando sus patrones de asentamiento característicos, para finalmente, proponer una nueva síntesis cultural para la región.

ABSTRACT

The region of the Amazon estuary is known as one of the most diversified in terms of ceramic styles for the Pre-Columbian history of Amazonia. From the systematic study of the area by Meggers and Evans (1957), a series of ceramic complexes were recognized and organized into chronologies. For the state of Amapá, new data, however, have contributed to the understanding of the pre-colonial occupation in the region. Recently the chronology was spread to the Middle Holocene, with archaeological sites related to hunter-gatherers. Sites with ancient pottery, dated between 4000 and 3000 BP, were also found. Besides that, the proliferation of ceramic styles was documented, with the coexistence of at least five different complexes in the area since the second millennium. This article aims to present current archaeological data related to the ceramic complexes recognized in Amapá, establishing a chronological and stylistic context of these complexes, and outlining its characteristic settlement patterns, to finally propose a new cultural synthesis for the region.

A região da Foz do Amazonas é conhecida como uma das mais diversificadas em termos de estilos cerâmicos da história pré-colonial amazônica (Neves, 2006). Desde o levantamento sistemático da Foz do Amazonas por Meggers e Evans (1957), uma série de estilos cerâmicos foram reconhecidos e organizados em cronologias relativas. No caso do atual estado do Amapá, no entanto, poucos projetos posteriores desenvolveram trabalhos sistemáticos¹, resultando em escassas informações sobre a diversidade e as características detalhadas do patrimônio arqueológico da área. Desde a criação de uma equipe arqueológica no estado do Amapá, essa imagem está sendo alterada. Graças a uma amálgama de arqueologia acadêmica e preventiva realizada por membros do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), o banco de dados arqueológicos disponível na área tem aumentado consideravelmente.

Até agora, a cronologia foi estendida para o Holoceno Médio, com sítios arqueológicos relacionados a grupos caçadores-coletores; foram localizados sítios com cerâmicas antigas, datadas entre 4000 e 3000 BP; e a proliferação de culturas arqueológicas ceramistas foi documentada, com a coexistência de pelo menos cinco diferentes complexos na área, a partir do segundo milênio depois de Cristo. No entanto, será proposto que, por trás desta diversidade podemos reconhecer certos padrões recorrentes, relacionados aos artefatos cerâmicos e estruturas associadas, o que permite uma nova síntese para a região.

Este artigo tem como principal objetivo apresentar os dados arqueológicos atuais, concernentes aos complexos cerâmicos até agora reconhecidos no Amapá, estabelecendo um arcabouço cronológico e estilístico desses estilos, bem como delinear os padrões de assentamento característicos de cada cultura arqueológica, propondo, por fim, esta nova síntese cultural.

Os primeiros complexos cerâmicos

A arqueologia do Amapá tem demonstrado que a região foi ocupada há pelo menos 7000 anos BP, com o achado de uma série de sítios com contextos líticos, além de alguns contextos de cerâmicas datadas do período arcaico, cronologicamente associadas às cerâmicas Mina (Silveira; Schaan, 2005) e Alaka (Evans; Meggers, 1960). Os sítios estão datados entre 7800 e 4230 AP (ver tabela de datações no final do artigo).

Estes sítios estão localizados em uma diversidade de ambientes tanto próximos do litoral quanto no interior, mostrando o uso de diferentes paisagens na região. São sítios a céu aberto, abrigos rochosos e sambaquis.

A cerâmica é escassa, bastante fragmentada e erodida, sem possibilidade de reconstituição de formas. O antiplástico predominante é o quartzo moído, ocorrendo alguns casos de cariapé. A indústria lítica associada é de lascamento bipolar e unipolar, com alta predominância de quartzo como matéria-prima. É uma tecnologia expediente, com presença de poucos e pequenos artefatos unifaciais.

Alguns sítios apresentam estruturas de pedras, formadas por conjuntos circulares de seixos, associados a artefatos líticos lascados e fragmentos cerâmicos. Concentrações de rocha bastante semelhantes estão sendo encontradas em contextos arcaicos da Guiana Francesa, datados entre 5.500 anos AP. (Mestre; Delpech, 2008) e 3.800 anos AP. (Van den Bel; Delpech et al., 2006). Van Den Bel (2010) sugere que tais estruturas podem ser consideradas como uma característica marcante para estas ocupações

1. Um destes projetos foi desenvolvido por arqueólogos do Museu Emilio Goeldi junto ao rio Maracá (ver Guapindaia, 2001).

ceramistas antigas no interior da região das Guianas, da mesma forma que as estruturas sambaqueiras Alaka e Mina do litoral.

No entanto, como em várias outras partes da Amazônia, existem hiatos na cronologia de ocupação da região, que podem ser tanto derivados de fatores taxonômicos ou amostrais quanto de uma verdadeira ausência de sítios relacionados a estes períodos. A partir de 3.000 AP acontece uma verdadeira ruptura na cronologia, que vai ser retomada somente no início da era cristã.

O primeiro milênio da era cristã

Dois complexos cerâmicos foram reconhecidos no Amapá datando do primeiro milênio da era cristã, sendo um ao sul, junto ao estuário amazônico, e outro ao norte, na costa atlântica.

O complexo sul, datado entre 1400 e 1200 AP, será aqui denominado “Jarí”, por ser o vale de rio onde este foi localizado. Dois tipos de sítios foram reconhecidos. Os mais densos estão em locais contendo terra preta arqueológica, que podem ter uma espessura média de 20 cm. Tais sítios são caracterizados pela presença de estruturas de casas, marcadas pela concentração de buracos de poste, sepultamentos humanos secundários em urnas lisas e estruturas de estocagem caracterizadas por grandes jarros enterrados, muitos com marcas de fermentação de líquidos na parte interna e fuligem na externa. Em um sítio foi reconhecido o fundo de uma cabana retangular, caracterizado por um piso de argila queimada.

A maior parte da cerâmica é lisa e utilitária, conforme sugere a profusão de marcas de uso existentes. Os antiplásticos mais utilizados são o Cauixi e Cariapé. As poucas cerâmicas decoradas são caracterizadas por incisões finas, delimitadas em campos com outras incisões mais espessas, geralmente na borda das peças. Em muitos aspectos lembram as cerâmicas da tradição Hachurada-zonada, conforme descrita por Evans e Meggers (1968). As formas podem ser jarros não restringidos e restringidos, tigelas não restringidas e pratos.

Ao norte, um complexo já descrito por Rostain (1994), denominado *Ouanary Encoché*, caracteriza o início da longa sequência de ocupação da região pela denominada Fase Aristé (Meggers; Evans, 1957).

De acordo com Rostain, o Ouanari Encoché inicia em torno do princípio da era cristã, e termina em torno de 1000 AP. (Rostain, 1994a: 418). Esta cerâmica é encontrada na base da estratigrafia dos sítios, principalmente as grutas, sendo caracterizado por antiplástico de quartzo e decorações predominantemente incisais, porém com um componente policrômico. Sua característica mais marcante é a presença expressiva de bordas com incisões na flange labial, com alguns apliques, predominantemente abstratos ou zoomorfos – características que remetem a uma filiação com a cerâmica Borda Incisa. Há também pintura monocromática vermelha ou branca, havendo pintura policrômica somente nas peças “cerimoniais” encontradas nos abrigos sob rocha (Rostain, 1994a: 418; Coutet, 2009: 372).

Dois tipos de sítios foram reconhecidos: sítios habitação e sítios cemitério. Os sítios habitação podem conter a presença de estruturas tipo fossos que circundam o topo das colinas, interpretados como defensivos (Mestre, 1997). Estes sítios contendo fossos, foram datados entre 1800 e 1100 AP, o que possivelmente indica uma situação de instabilidade na região no período. Uma escavação em área ampla (3000 m²) em um desses sítios com fossos mostrou que no interior da área circundada existe a presença de pequenas casas circulares contendo fossas no entorno, interpretadas como lixeiras.

Os sítios cemitério estão localizados em abrigos rochosos, sob a superfície da área abrigada, sem enterrar. As cerâmicas funerárias incluem urnas, tigelas rasas com flange, grandes tigelas e pequenos copos (Rostain, 1994a: 63).

O segundo milênio depois de Cristo

A partir do ano 1000 AP, o Amapá cristaliza uma série de entidades arqueológicas, caracterizando uma das áreas mais diversas da Amazônia. Foram identificados pelo menos cinco complexos diferentes, que são total ou parcialmente contemporâneos, todos definidos através de cerâmicas altamente decoradas, tomadas como “fósseis-guia” para identificação dessas culturas arqueológicas. Tais estilos cerâmicos estão distribuídos nas três principais áreas fisiográficas do Amapá: a costa atlântica e estuarina e as terras altas do interior.

Os complexos cerâmicos presentes na costa foram encaixados nas fases Aristé, Mazagão, Marajoara e Maracá (Meggers; Evans, 1957; Guapindaia, 2001), além de um novo estilo identificado através de coleções de museus e descrito na bibliografia arqueológica como Caviana (Rostain, 2013). Já no interior montanhoso, as cerâmicas foram reconhecidas como afiliadas à fase Koriabo (Evans; Meggers, 1960).

Os pesquisadores que se voltaram ao estudo dos contextos associados a esses diferentes complexos, até muito recentemente reforçam em suas sínteses uma compreensão normativa de culturas arqueológicas, e os únicos pontos de discussão referem-se à caracterização geral, cronologia e à origem ou dispersão (Meggers; Evans, 1957; Boomert, 2004).



Figura 1. Cerâmicas e contextos relacionados ao complexo Jari



Figura 2. Cerâmicas e contextos relacionados ao complexo *Ouanary Encoché*

Com isso, a maneira como a classificação de sítios arqueológicos nestes complexos tem sido usada segue uma tendência mais ampla de encaixar o registro arqueológico em uma categoria homogênea e, principalmente, baseado tão somente nas urnas decoradas. Schaan (2007) já alertava para esta situação no contexto da fase Marajoara: “Ao tratar a ‘fase’ como uma entidade homogênea e não passível de transformações, fossilizamos o registro arqueológico e deixamos de utilizar o estudo dos artefatos para entender processos de mudança cultural de longo termo, um dos objetivos maiores da arqueologia” (Schaan 2007: 87).

Enquanto a classificação é certamente necessária como forma de organizar os dados e torná-los compreensíveis para uma audiência maior, o desconforto está na série de suposições que tem sido adicionadas ao termo “fase” ou “cultura arqueológica” ao longo dos cinquenta anos de existência da Arqueologia dita científica na Amazônia.

Desta forma, o problema é quando este termo carrega junto um pacote de outras afirmações que vão além de uma descrição de características próprias do conjunto. Do ponto de vista de um novo enfoque teórico que tem norteado a Arqueologia amazônica contemporânea, existe hoje em dia um consenso entre os arqueólogos, de que as culturas arqueológicas não representam unidades sociológicas, sendo então consideradas meras classificações dos vestígios arqueológicos, baseadas em características do material encontrado nos sítios.

Tendo isto em mente passamos a descrever os complexos cerâmicos de uma maneira mais fluida. De fato, as pesquisas recentes no Amapá, na Guiana Francesa e no Suriname demonstram que amplas redes de troca

deveriam estar em funcionamento no litoral e no interior das Guianas no período pré-colonial (Veersteg, 2003; Boomert, 2004; Rostain, 2009; Van den Bel, 2010), fazendo eco com as sugestões de antropólogos, de que as atuais redes de trocas ameríndias devem ter profundidade temporal (Gallois, 2005).

A partir do ano 1000 BP, a costa atlântica foi ocupada pelo componente policrômico da fase Aristé, denominada por Rostain (1994a) de “*Enfer Polychrome*” (Figura 1). Esta cultura arqueológica é principalmente caracterizada por um tipo específico de cerâmica, com incisões, pinturas policrômicas e modelagem antropomorfa (Cabral; Saldanha, 2011). Apesar de ser um marcador para o período recente da Fase, esta forma não é a única, e nem de longe a mais recorrente. Lado a lado com as peças antropomorfas, temos a presença de formas zoomorfas, tigelas com incisões largas no interior das vasilhas (descritas como “raladores” por Hilbert (1957)), vasilhames com incisões curvilíneas, ou, na maioria das vezes, simplesmente lisas, sem decoração. O antiplástico mais recorrente é o caco moído, mas há presença de cerâmicas contendo quartzo ou granito moído.

Os sítios de habitação possuem tamanhos variados, mas nunca ultrapassando 10.000 m². Há ocorrências de feições antrópicas nestes sítios, como caminhos escavados que levam da margem dos rios até o topo dos sítios, cuja natureza ainda não é totalmente compreendida (Green et al., 2003). A camada de ocupação não ultrapassa 50 cm.

Os lugares mais impressionantes com ocorrência desta cerâmica certamente são, os sítios cerimoniais/funerários. Estes tipos de sítios podem ser tanto monumentos quanto lugares naturais.

No primeiro caso temos a ocorrência de sítios megalíticos, com poços funerários ou poços isolados. A maior parte dos sítios megalíticos é formada pelo arranjo circular de grupos de blocos de granito em posições horizontal, vertical ou inclinada, dispostos no topo de colinas. Os tamanhos e composições são variáveis. Algumas estruturas são pequenas, com menos de 10 metros de diâmetro, formadas por blocos medindo menos de um metro. A maior estrutura megalítica circular até agora encontrada mede mais de 30 metros de diâmetro, sendo formada por grandes blocos, alguns deles com mais de três metros acima do nível do solo (Cabral; Saldanha, 2008).

Os poços funerários são estruturas cilíndricas, com câmara lateral escavadas na crosta laterítica, em cujo interior foram colocadas vasilhas contendo ossos humanos (Goeldi, 1905).

Outro tipo de sítio cerimonial/funerário com ocorrência de cerâmica Aristé são cavernas ou abrigos rochosos, formadas na crosta laterítica ou em afloramentos graníticos. Nestes casos, a cerâmica é encontrada distribuída na superfície das áreas abrigadas (Saldanha; Cabral, 2012).

Um outro conjunto descrito por Meggers e Evans é especialmente relevante para esta caracterização do conhecimento arqueológico no contexto da costa amapaense. A chamada fase Mazagão foi criada a partir de escavações em apenas seis sítios arqueológicos, e sobre o estudo de peças coletadas anteriormente em outros sítios na porção centro-sul do Amapá (limitada pelo rio Araguari ao norte e rio Jari ao sul). Depois das pesquisas de Meggers e Evans (1957), este material não foi mais estudado, com exceção das famosas urnas Maracá, que foram considerados um estilo separado da fase (ibid.: 78)².

Meggers e Evans consideravam que a fase Mazagão não teve um grande prolongamento temporal, e a associação em alguns sítios com contas de vidro europeias reforçava um caráter mais recente para o conjunto.

2. No caso das urnas Maracá, seus contextos não serão aqui descritos, pois estão exaustivamente detalhados nos trabalhos de Guapindaia (2001).



Figura 3. Cerâmicas e contextos relacionados ao complexo *Enfer Polichrome*

As características da fase apontam para sítios pequenos, sobre áreas não alagáveis e mais altas, oferecendo vantagens defensivas, com profundidades quase superficiais até 45 cm (ibid.: 102). Os autores sugerem ainda que seriam vestígios de uma população pequena.

A cerâmica tem como características o uso de areia, quartzo, mica e posteriormente cariapé como tempero (ibid.: 103). As decorações são incisadas, com formas curvilíneas e traços profundos. Os autores sugerem que os desenhos mais grosseiros são do início da fase, tornando-se mais “bem desenvolvidos” e retilíneos no final da sequência (idem). Deve ser lembrado que este “início da fase” é justamente o período em que Boomert sugere que haveria uma ligação de origem entre as fases Koriabo, Mazagão Antigo e Aristé Antigo.

Um sítio interessante para problematizar este contexto dos estilos cerâmicos na costa estuarina do Amapá é o Curiaú Mirim. Localizado junto à várzea do Amazonas, na cidade de Macapá, este é caracterizado pela presença de um sedimento escuro misturado com fragmentos cerâmicos e pelo sepultamento de urnas.

A escavação em área ampla realizada mostrou o uso diversificado do espaço, com a ocorrência de estruturas de casas, caracterizadas por buracos de poste cercando áreas contendo estruturas funerárias.

As estruturas funerárias podem aparecer em grupos ou isoladas, em diferentes profundidades em relação à superfície atual do terreno, algumas logo abaixo de 20 cm, enquanto outras podem estar enterradas a mais de 150 cm, localizadas dentro de poços (dois deles com câmara lateral, semelhantes aos descritos para a cerâmica Aristé). O sítio também mostrou uma grande diversidade de estilos cerâmicos presentes no mesmo local, havendo cerâmicas com decorações características das fases Marajoara, Mazagão e Caviana sepultadas lado a lado neste mesmo sítio (Figura 2).

Uma análise mais particular dos contextos onde se encontram estas cerâmicas, principalmente os poços funerários pode dar uma luz a esta diversidade de estilos cerâmicos. Apesar das diferenças morfológicas dos poços, o que os une são seus conteúdos e contextos semelhantes. Em todos os poços, à primeira vista encontramos grandes quantidades de artefatos, que poderiam ser encaradas como estruturas de refugio ou lixeira, porém, ao examiná-las com maior cuidado, percebemos algumas recorrências entre essas estruturas, o que permitiu nos aproximarmos de seus possíveis significados.

A maioria destes artefatos jogados e misturados com muitos carvões e restos ósseos de animais dentro dos poços, em formato de bolsão, são relacionados à fase Marajoara. Após ultrapassar este contexto inicial de deposição, surge um contexto mais estruturado, claramente arranjado, de urnas das fases Mazagão e Caviana (que tecnologicamente são idênticas, com exceção da policromia e antropomorfismo da segunda), em associação com ossos humanos.

As datações realizadas, situadas entre 1000 e 700 AP permitiram verificar a contemporaneidade das fases, o que nos traz as seguintes problemáticas: 1) a fase Caviana, que até então era um estilo separado dos demais por ser reconhecida apenas por coleções de museus (Rostain, 2013) seria, de fato, a presença do antropomorfismo e policromia na fase Mazagão? As cerâmicas da fase Marajoara neste contexto estariam relacionadas a festins acompanhando os sepultamentos?



Figura 4. Cerâmicas e contextos relacionados ao complexo Mazagão/Caviana/Marajoara.

Quanto ao interior do estado do Amapá, em área predominantemente montanhosa, a principal cultura arqueológica até agora encontrada está relacionada à fase Koriabo (Figura 3). A atribuição de um conjunto cerâmico ao Koriabo é feita a partir de componentes decorativos e morfológicos específicos, ocultando, desta forma, as outras classes de conjuntos decorados ou, mais ainda, os elementos simples e utilitários. Koriabo é, de fato, caracterizado pelas formas “tóricas”, “ouriçoformes” e as tigelas ovoides ou arredondadas com uma forma singular, contendo uma grande flange labial, muitas com lábio polilobado (“floriforme”). É também caracterizada por um repertório decorativo que pode associar incisão/gravura, a raspagem, finos aplicados e a pequenos apliques em forma de pastilhas para formar as decorações complexas. Estas últimas são principalmente encontradas nas classes morfológicas de tigela com flange e pote tórico, e são circunscritas a zonas bem definidas desses objetos. Estas sequências decorativas se organizam em torno de um elemento pastilhado (modelado-aplicado), figurativo ou simbólico, disposto no corpo, no caso dos potes; ou sobre as flanges, no caso das tigelas.

Não existe uma boa representação de pintura nos conjuntos, e na maioria das vezes a pintura corresponde a um banho que recobre a parede interna dos vasos, principalmente relacionado às formas floriformes. Pinturas policrômicas são também encontradas, principalmente em tigelas carenadas ou tigelas simples com bordas ocas.

Inicialmente, através de uma estimativa cronológica baseada na estratigrafia e da presença de cerâmicas consideradas intrusivas nos sítios, a Fase Koriabo foi datada relativamente entre 800 e 400 AP (Evans; Meggers, 1960).

Entretanto, desde a publicação do trabalho de Evans e Meggers, uma série de datações radiocarbônicas foram realizadas em sítios com cerâmica da Fase Koriabo. As primeiras datações realizadas em sítios no Suriname resultaram em 2290±50 e 410±60 anos AP. Algumas destas datações, no entanto, são discutidas. Segundo Versteeg (2003), as datas mais antigas não entram no quadro da Fase Koriabo, tendo havido um erro na interpretação dos resultados das escavações que forneceram as datas. Estes sítios, ainda segundo Versteeg (Op. cit.), mostram duas ocupações cerâmicas distintas – a primeira de um conjunto cerâmico ainda não determinado, e a segunda da fase Koriabo. As datações foram realizadas em profundidades diferenciadas e todas teriam sido atribuídas à fase Koriabo, sem levar em conta que poderiam ter vindo dos níveis mais fundos e, logo, da cerâmica ainda não determinada (Rostain, 1994a: 458). Apesar dessas discussões, atualmente há um consenso, baseado nas datações radiocarbônicas, de que a Fase Koriabo se estende entre 1200 a 400 AP (Boomert, 2004).

Os sítios pesquisados no Amapá, apesar de conterem urnas, são de contexto predominantemente doméstico. A estratigrafia é formada por uma primeira camada de Terra Preta Arqueológica, camada arenosa, com espessura média de 40 cm, mas que chega a um metro em alguns pontos.

As escavações de dois sítios em área ampla (entre 2200 e 6800 m²), realizadas através de decapagem mecânica, trouxeram importantes contribuições para o entendimento desta cultura arqueológica.

A quantidade de material arqueológico e a distribuição geral das estruturas indicam a presença várias estruturas de habitação. Em porções das áreas escavadas, principalmente na periferia das casas, grandes concentrações de cerâmica foram encontradas, indicando um padrão de descarte no entorno da aldeia.

As estruturas encontradas tratam-se de buracos de postes, fossas, concentrações de rochas, fogueiras e deposições de cerâmicas inteiras.



Figura 5. Cerâmicas e contextos relacionados ao complexo Koriabo

Neste último caso, a maior parte destas cerâmicas foram claramente depositadas em fossas. Algumas destas estruturas continham restos ósseos humanos, ligando estas deposições à função funerária.

É interessante notar que parece haver certa correspondência entre alinhamentos de buracos de postes e agrupamentos de urnas funerárias, indicando que estas estão relacionadas com as casas, possivelmente depositadas em seu interior.

Questões finais

A área do atual estado do Amapá foi ocupada por complexos cerâmicos distintos, desde pelo menos cinco milênios antes do presente. Após hiatos na cronologia, seguidos por uma gradual ocupação a partir do início da nossa era, a região tornou-se uma das mais diversificadas em termos de estilos cerâmicos da Amazônia.

No entanto, os novos dados, provindos tanto das análises cerâmicas quanto dos padrões de assentamento, estão indicando que esta diversidade reconhecida (através de cerâmicas mais decoradas), pode estar, ao fundo, mostrando outros tipos de processos, e não necessariamente uma diferenciação “étnica”, como sugere o termo “Fase” (Dias, 1995; Schaan, 2007).

Estes problemas desafiam a nossa tradicional ênfase aos aspectos tipológicos e classificatórios baseados somente na cerâmica, sugerindo que isto deve ser ultrapassado e a ênfase deveria ser dada à associação entre os artefatos, estruturas e padrões de assentamento, reconhecendo que as formas, os conteúdos e as associações das deposições artefatuais encontradas nos sítios são resíduos de uma sequência de ações, cuja finalidade é estabelecer ligações materiais com lugares específicos. Desta maneira, estes resíduos podem ser vistos como “deposições estruturadas” (Richards; Thomas, 1984), comunicando significados através de suas formas, conteúdos e qualidades simbólicas.

Isto pode ser feito, conforme Barreto sugere, integrando “*the vast amounts of data being produced from environmental studies and settlement histories with stylistic analysis of ceramics. This promises to improve understanding of the rich mosaics of particular and pan-Amazonian cultural identities which flourished in the two millennia before the European conquest*” (Barreto, no prelo).

No caso do Amapá, apesar da alta diversidade propalada na bibliografia da região (como antes referenciado), e procurando fazer uma “nova síntese”, podemos perceber, a partir dos artefatos e deposições, dois conjuntos distintos:

De um lado, um conjunto mais litorâneo, contendo cerâmicas utilitárias cujo repertório tecnológico remete ao uso de antiplásticos de quartzo e caco moído, além de uma “tradição monumental” ligada a contextos funerários, com uso de megalitos, cavernas e poços, com deposição de urnas com representação humana, associadas a outras mais simples, conjunto que sugerimos ser derivado de grupos do tronco linguístico Arawak. Este conjunto integraria as fases Aristé, Mazagão/Caviana/Marajoara e Maracá. De fato, esta ampla área litorânea seria, de acordo com fontes etno-históricas e a históriaêmica dos atuais grupos Palikur, território de diversos grupos Arawak ou Arawaknizados, que formavam, já no século XVII, uma grande confederação de clãs (Grenand; Grenand, 1987; Rostain, 1994; Passes, 2004).

De outro lado temos um conjunto mais do interior, ligado à fase Koriabo. Os sítios são mistos, ao mesmo tempo habitação e funerário, e densos, com espessas camadas de terra preta. As cerâmicas são temperadas predominantemente com quartzo moído, ocorrendo ainda o cariapé. Os conjuntos decorados raramente estão associados a sepultamentos, mas sim à “bolsões” cerimoniais. O antropomorfismo não está ligado à forma da cerâmica, mas sim compondo figuras aplicadas no corpo das vasilhas, em associação de zoomorfos e incisões com formas abstratas. Sugerimos que este conjunto, devido à correlação de datações de sítios arqueológicos associadas com fontes etno-históricas, estaria ligado a grupos de língua Karib.

Por fim, ressaltamos que esta “nova síntese” proposta é ainda especulativa, mas outros aspectos que a sustentam não conseguiram ser explorados aqui, devido ao formato proposto para o artigo. No entanto, desenvolver esta proposta é um dos focos atuais dos projetos arqueológicos do IEPA, que buscam, através de um “*four field approach*”, construir uma longa história indígena para esta região amazônica-guianense.



“C’EST CURIEUX CHEZ LES AMAZONIENS CE BESOIN DE FAIRE DES VASES”: ALFARERAS PALIKUR DE GUYANA

Stéphen Rostain

RESUMO

C’est curieux chez les Amazoniens ce besoin de faire des vases. Ceramistas Palikur da Guyana.

O conhecimento do processo técnico de fabricação da cerâmica ajuda consideravelmente a entender as especificidades de cada comunidade ceramista. Assim, um trabalho de observação foi realizado durante um mês pelo autor, em setembro de 1989, no povoado Palikur de Persévérance, próximo a Saint-Georges, no baixo Oiapoque, Guiana Francesa. Este estudo permitiu descrever em detalhes, pela primeira vez, a cadeia operatória da fabricação da cerâmica deste grupo. Consiste em 13 etapas que podem ser agrupadas em cinco fases principais: a coleta da matéria-prima, a preparação da pasta, a modelagem, o acabamento, a decoração e a queima. Estes diferentes passos são apresentados sucessivamente a partir dos dados coletados entre os Palikur e comparados às cerâmicas dos demais grupos ceramistas da Guiana Francesa, para avaliar as diferenças e semelhanças técnicas existentes entre elas.

ABSTRACT

C’est curieux chez les Amazoniens ce besoin de faire des vases. Palikur ceramists from Guyana.

The knowledge of the technical process of pottery making greatly helps to understand specificities of each ceramist community. Thus, an observational study has been realized during one month by the author, in September 1989, in the Palikur village of Perseverance, near Saint-Georges in the Lower Oyapock, French Guiana. This study allowed describing in detail for the first time the production line, the “*chaîne opératoire*”, of the Indian pottery of this group. It includes 13 steps that can be gathered into five main phases: collection of raw materials, paste preparation, shaping, finishing and decoration, cooking. These different steps are successively presented on the basis of collected data among the Palikur, then compared with other ceramic groups of French Guiana, to evaluate technical differences and similarities that can exist.

El caso de los Palikur

Los Amerindios hicieron y hacen aún uso importante de la cerámica. Este material, poseedor de un carácter de notable perennidad, es el vestigio más frecuente descubierto en los sitios arqueológicos. Su estudio permite, por una parte, el control cronológico de los sitios, y por otra, abre la comprensión de las diversas actividades de cada grupo.

La cerámica es considerada como una artesanía relativamente estable en el seno del grupo, conservadora y poco permeable ante las innovaciones. Según Lévi-Strauss (1985), toda modificación en relación a la tradición y a la experiencia correría el riesgo de provocar la pérdida de piezas, y esto explicaría el espíritu conservador de las alfareras así como también la progresividad de los cambios en las técnicas y decorados. Durante una misión científica con los Palikur de Guyana francesa, el alfarero Alphonse Ioio afirmaba no inventar las formas que modelaba, sino retomar los modelos que su madre le había enseñado.

Entre los seis grupos amerindios que viven actualmente en Guyana, solo cuatro fabrican todavía cerámica: los Palikur y los Kali'na en el litoral, los Wayana y los Wayãpi en el interior¹ (Figura 1). Los Lokono y los Emerillon han abandonado ya esta artesanía. A pesar del lugar creciente que ocupan los objetos manufacturados en las sociedades amerindias, el arte cerámico es todavía vivo y rico en Guyana. Así, la producción cerámica de los Kali'na, la más importante de Guyana y sin duda la más elaborada, es abundantemente utilizada o destinada a la venta. Si bien las técnicas cerámicas se parecen de un grupo a otro, la cerámica amerindia actual de Guyana es bastante diversificada en sus realizaciones. Los cuatro grupos alfareros presentan un amplio abanico, tanto en la calidad como en formas y decorados, incluso si a veces existen similitudes. En el pasado, los grupos cerámicos eran más numerosos y la competencia con los productos europeos no existía. La alfarería era entonces todavía más variada y abundante.

La misión "Palikur", realizada durante un mes por el autor, en septiembre de 1989, en Persévérance, cerca de Saint-Georges en el bajo Oyapock, tenía como objetivo la observación de la artesanía cerámica palikur, poco conocida en esa época² (Rostain, 1990). Aunque el arte de la alfarería pierda su importancia en la sociedad palikur, se mantiene notable y presenta una característica totalmente original para el mundo amerindio: se trata en efecto de uno de los raros grupos de América del Sur, junto con los Yanomami, los Urubú y los Yekuaná (Lévi-Strauss, 1985; Lima, 1987), en el cual los hombres tienen por un lado, una parte activa en la fabricación de la cerámica, arte esencialmente femenino en las sociedades amerindias³. A pesar que la participación masculina en la recolección y transporte de las materias primas (arcilla, desgrasante) es bastante común en la mayoría de las sociedades amazónicas y que los hombres y los niños

1. Definimos una tipología cerámica para estos cuatro grupos amerindios, basada en los mismos criterios que la tipología arqueológica (pasta, superficie, forma, decorado, artefacto, etc.). Sin embargo esta tipología al no entrar en el marco de este estudio no es presentada aquí.

2. Si las cerámicas kali'na o wayana son largamente descritas en varios textos, los únicos datos disponibles en la cerámica palikur consisten en algunas páginas de Curt Nimuendaju (1926).

3. Ciertos arqueólogos han sugerido que, antaño, una parte de la cerámica fuese tal vez fabricada por los hombres. Basándose en las importantes diferencias de formas y decorados y en las áreas de repartición de los vestigios en los montículos artificiales de cultura Marajoara de la isla de Marajó. Anna Roosevelt (1991) supone que la alfarería doméstica habría podido ser confeccionada por las mujeres, y la cerámica ceremonial, con decorado elaborado, por los hombres. Así mismo, en los Carib insulares de las Antillas, la dicotomía lingüística de la terminología cerámica, así como algunas fábulas indicios dados por algunos cronistas (La Borde, 1674; Rochefort, 1658, citados por Allaire, 1984), sugirieron a ciertos autores que algunas cerámicas eran originalmente fabricadas por los hombres (Allaire, 1980, 1984; Boomert, 1986). El relato de Antoine Biet parece indicar que fue igualmente antaño el caso de los Kali'na de la Isla de Cayena: "*Cuando la lluvia impide salir a los hombres, estos se ocupan los unos a hacer [...] alfarería de tierra para la cual son bastante hábiles*" (Biet, 1664: 355).

Sin embargo estimamos que los indicios que apoyan la hipótesis de un trabajo cerámico antiguo masculino son débiles. Es necesario dominar perfectamente la técnica cerámica para realizar piezas elaboradas ceremoniales, y es la confección regular de cerámicas domésticas la que confiere a las mujeres toda su habilidad. Entonces, me parece poco probable que los hombres hayan podido realizar puntualmente piezas elaboradas. Sin embargo, el decorado de ciertas cerámicas les fue otorgado.

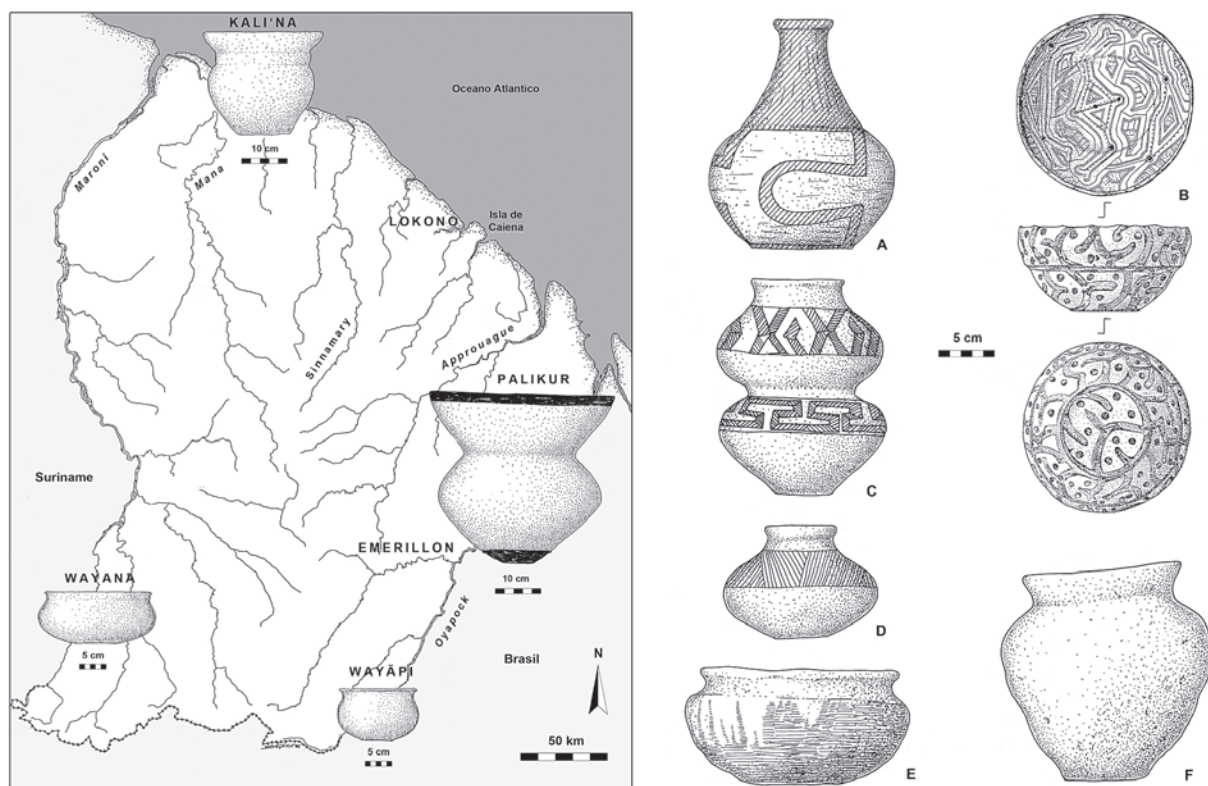


Figura 1. Mapa de los grupos ceramistas actuales de Guyana francesa y algunas de sus cerámicas (A-B: Kali'na; C-D: Wayana; E-F: Wayápi).

contribuyen a veces igualmente en la decoración, la confección de la cerámica es el dominio de las mujeres. Sin embargo, en el caso de los Palikur, casi siempre son los hombres quienes realizan las pinturas decorativas y algunos son inclusive ceramistas. A parte de esta característica, la técnica cerámica palikur es bastante representativa y las observaciones hechas durante la misión etno-arqueológica servirán como base para la descripción de la fabricación de la cerámica amerindia. Las diferencias, pero también las similitudes, con los demás grupos alfareros de Guyana serán señaladas a medida que avancemos.

La cadena operatoria de la fabricación de la cerámica amerindia sigue trece etapas:

1. Recolección de la arcilla.
2. Recolección del desgrasante.
3. Flexibilización de la arcilla.
4. Preparación del desgrasante.
5. Mezcla de la arcilla y del desgrasante.
6. Modelado.
7. Alisado.
8. Secado.
9. Pulimiento.
10. Decoración con incisión.
11. Cocción.
12. Decoración con pintura.
13. Barnizado.

Se puede agrupar a estas etapas en cinco fases principales:

1. la recolección de materia prima;
2. la preparación de la pasta;
3. el modelado;
4. el acabado y la decoración;
5. la cocción.

La recolección de materias primas

Antes de comenzar la confección del objeto, la primera operación consiste en juntar los diferentes materiales necesarios para la misma. Se trata esencialmente de arcilla y desgrasante (Figura 2).

La arcilla es recogida durante la estación seca, en el fondo de un riachuelo, en las orillas de un río o en las sabanas. Así, en el caso de los Palikur, a inicios del siglo XX, “*la arcilla amarillo grisácea fue extraída del fondo de un lago poco profundo de la sabana sumergiéndose en él*” (Nimuendaju, 1926).

Se prefiere la arcilla de las orillas de los cursos de agua por su facilidad de extracción, puesto que en la sabana, es por lo general necesario cavar bastante profundamente para hallar una buena arcilla. Siendo su calidad determinante para la fabricación de las cerámicas, la arcilla es siempre cuidadosamente seleccionada. Los lechos de ciertos riachuelos son particularmente famosos por la calidad de esta. Para los Kashinawa, el sitio del pueblo puede escogerse incluso en función de la cantidad de arcilla que se puede encontrar en las cercanías (Lévi-Strauss, 1985). Ciertos grupos como los Palikur, evitan las arcillas demasiado ricas en materias vegetales o en arena. Por el contrario, los Wayana y Wayãpi, prefieren aquellas que contienen naturalmente arena y a las cuales no requieren aumentar ningún desgrasante.

En el caso de los Kali'na, “*se la encuentra en muchos sitios, [...] sobre todo en las regiones en donde hay sabanas; [...] en los lugares en los cuales el suelo aluvial se vuelve sabanas. [...] Me han dicho que la arcilla se hallaba sobre todo tuna esiwō (al borde del agua) a lo largo del curso superior de los ríos y de las ensenadas*”⁴ (Ahlbrinck, 1931: 343). Los hombres wayana van a recogerla en los ríos alrededor del Litany (Caway, 1988), y los Wayãpi en el lecho de ciertas ensenadas que se han secado durante la estación seca (Grenand, 1972).

El excelente conocimiento de su entorno que poseen los Amerindios, no escapó a los colonos. Así, es probable que la instalación en el siglo XVII, de la alfarería colonial Bergrave en un yacimiento de arcilla en Rémire, en la isla de Cayena francesa, haya contado con la guía de informantes amerindios (Le Roux, 1989). La presencia de tuestos de cerámica amerindia en este sitio europeo tendría que apoyar esta hipótesis. Es necesario subrayar por otro lado, que los colonos utilizaron frecuentemente conocimientos técnicos de los Amerindios para instalarse en la región: *Sería ventajoso fabricarlas (a las cerámicas) lo que evitaría el comercio de los Holandeses. Los Indios están en capacidad de guiarnos a este respecto. Sus canaris⁵ contienen hasta 60 pintas, en las cuales se las halla de diferentes colores como también caolín. En abundancia, este*

4. *On la trouve à beaucoup d'endroits, [...] surtout dans les régions où il y a des savanes; [...] aux endroits où le sol alluvial se change en savanes. [...] On m'a dit que l'argile se trouvait surtout tuna esiwō (au bord de l'eau) le long du cours supérieur des rivières et des criques.*

5. *Canaris* era el término empleado por los cronistas hasta el siglo XIX para designar a las grandes ollas amerindias destinadas generalmente a la preparación del *cachiri*.



Figura 2. Recolección de materias primas. A: Extracción de la arcilla en un riachuelo. B: Transporte de la arcilla. C & D: Derrumbe de un árbol para recolectar el desgrasante *kwep*. E: Macheteo del tronco con la cabeza de un hacha para despegar la corteza de la albura. F: Marcas del macheteo sobre el tronco sin corteza.

*sirve para hacer la porcelana. En Cayena no sirve sino para blanquear las casas que se levantan cubiertas de tierra [...]. Se podrían encontrar los ingredientes en el lugar para la cerámica tal como lo hacen los Indios.*⁶ (Carta de Préfontaine a Choiseul, 1763, citada por Le Roux, 1989).

Por otro lado, los Amerindios respetan los yacimientos y, según diversas creencias, la recolección de la arcilla a menudo no puede hacerse sino durante ciertos períodos, a veces solo en la primera noche de luna llena y en condiciones bastante particulares. Del mismo modo, en los Wayãpi, las mujeres que están menstruando o embarazadas, no están autorizadas a manipular la arcilla (Grenand *in litteris*, 1993) y, en los Palikur, esta prohibición parece limitarse solo a las primeras. En el caso de los Kali'na, en donde solo las mujeres de edad podían antes recoger la arcilla, era indispensable agradecer al “espíritu de la arcilla” con pequeñas ofrendas modeladas, que se depositaban en el yacimiento, para evitar que la arcilla fuese aspirada por el suelo, quedando solo la arena. Los granos de arena presentes en los bancos de arcilla son, para los Kali'na, resultado de la negligencia de este rito (Cornette, 1991). De la misma manera, cuando las mujeres Tanimuka de Colombia van por primera vez en busca de arcilla, ofrecen una vasija y coca a *Namatu*, dueña de las ollas (Lévi-Strauss, 1985). Al pie de los Andes, las mujeres Yurucaré se aíslan para recoger arcilla, celebran ciertos ritos y mantienen un silencio total para evitar que las cerámicas se resquebrajen durante la cocción (Lévi-Strauss, 1985).

La calidad de la arcilla es de todas formas primordial para la fabricación de la cerámica. Así, durante la misión en donde los Palikur, si bien el modelado no presentó problema ninguno, la cocción de las ollas se reveló difícil. La mayor parte de ellas se resquebrajó durante los primeros minutos de cocción. Varias suposiciones se expusieron para explicar este fracaso:

- La ceramista Luisa Ioio consideró que las condiciones no eran buenas e hizo notar que el lugar de cocción estaba muy cerca del pueblo y que esta proximidad era nefasta por causa del ruido y de los gritos de los niños.
- El alfarero Alphonse Ioio estimó que aquello provenía de la mala calidad de la arcilla. Argumentó además que esta había sido recogida en nueva luna, cuando las grandes mareas subían a la tierra y que la arcilla entonces contaminada por la sal no era la más utilizable. Tal tipo de peligro es igualmente reconocido por los Kali'na (Ahlbrinck, 1931).
- Por mi parte, la explicación precedente era aceptable, y pensé que la subida de calor fue igualmente demasiado rápida, el montón de ramas utilizadas no había sido armado con suficiente cuidado. Hay que señalar que ninguna cerámica fue antes confeccionada en este pueblo de Persévérance, en donde los Palikur están instalados solo desde hace cerca de 25 años. La misión “Palikur” era para los antiguos ceramistas del pueblo el reanudar con esta artesanía. El problema principal fue entonces ubicar bolsas de arcilla de buena calidad alrededor de Persévérance. Como lo demuestra el análisis granulométrico de las muestras recogidas, los Palikur encontraron una mejor arcilla para trabajar la cerámica algunos meses después de nuestra misión. Las condiciones requeridas para que las piezas tuviesen éxito se fueron identificando poco a poco con el paso de los días, y otras explicaciones sobre el resquebrajamiento de las cerámicas se debatieron, en especial la insuficiencia de desgrasante en el caso de una arcilla tan plástica

6. *Il serait avantageux d'en fabriquer (des poteries) ce qui ôterait le commerce des Hollandais. Les Indiens sont en état de nous guider à cet égard. Leurs canaris contiennent jusqu'à 60 pintes, on en trouve de différentes couleurs ainsi que du kaolin. Abondante elle sert à faire la porcelaine. A Cayenne elle ne sert qu'à blanchir les maisons qui sont levées embossillées de terre [...]. On pourrait trouver les ingrédients sur place pour la poterie ainsi que le font les Indiens.*

(la ceramista decide cuál es la buena proporción para el tacto, lo cual requiere de experiencia). Las piezas modeladas en adelante, con una cantidad mayor de desgrasante, soportaron mejor la cocción y ciertas de entre ellas pudieron ser cocidas en su totalidad.

En todo caso, el análisis granulométrico mostró la calidad relativamente mediocre de la arcilla utilizada. Esta, al ser demasiado fina y plástica, quizás no haya sido la más apta para el trabajo, cualquiera fuese la cantidad de desgrasante utilizado.

La mayor parte del tiempo la arcilla es demasiado pegajosa y plástica como para ser modelada. Es entonces necesario aumentarle un elemento no plástico para volverla más firme y manejable, “*la Caribe dice poner kwepi* (corteza quemada) *en la arcilla para que resista*” (Ahlbrinck, 1931: 343). El desgrasante puede ser de origen diverso: arena, roca molida, fragmentos vegetales, conchas machacadas, cerámica molida, osamentas trituradas, espigas de esponja de agua dulce (*cauixi*), etc.

Los Palikur y los Kali’na, al igual que numerosos grupos amazónicos utilizan la ceniza molida de la corteza de un árbol de la familia de los *Chrysobalanaceae* (*Licania* sp. y *Couepia* sp.)⁷, llamado *kwep* por los Palikur y *kwepi* por los Kali’na⁸. La utilización de este desgrasante se desarrolló quizás en el origen, en el bajo Amazonas, y ciertos autores ven un nexo histórico entre el uso del desgrasante de ceniza vegetal y los grupos filiación Aruak (Willey, 1987). Sin embargo, la amplia difusión que esta técnica conoció (Linné, 1931) vuelve difícil la atribución de su invento a un grupo lingüístico preciso.

Para recoger el desgrasante, el árbol es derribado y el tronco macheteado con la parte de atrás de la cabeza de un hacha a fin de despegar la corteza de la albura. Si bien esta operación es fácil en un árbol recientemente cortado, se volverá en cambio muy difícil luego, a menos que se esperen unos seis meses para que se despegue por sí sola. Después se cortan los pedazos de corteza para transportarlos hasta el pueblo en un *katourf*⁹.

Las especies llamadas *kwep* parecen ser relativamente comunes en los alrededores del pueblo de Persévérance, así solo fueron necesarios unos quince minutos para que Alphonse Ioio identificara a un *kwep* en el bosque. Los Kali’na d’Awara deben recorrer unos treinta kilómetros para hallarla (Cornette, 1991). La escasez de estas esencias utilizables obliga a veces a los ceramistas a buscar otro desgrasante y los Palikur, por ejemplo, cubrían la ausencia de *kwep* tomando tiestos molidos (Nimuendaju, 1926). Tal tipo de actitudes debe ser recordada por el arqueólogo porque muestra los límites de las tipologías basadas principalmente en el desengrasante.

La preparación de la pasta

La arcilla traída al pueblo es limpiada de todas sus impurezas (vegetales, pedregullo) y amasada en una bandeja con ayuda de un palo (sacudidor) de madera para hacerla más homogénea y plástica. Luego podrá ser conservada más de una semana aunque se oxide y amarille ligeramente en la superficie, solo si es vuelta a humectar regularmente (Figura 3). Antes de su utilización, la arcilla es golpeada con una

7. Alphonse Ioio utilizó un *Licania alba* (Herbier del centro ORSTOM de Cayena: determinación Sabatier 1990, coll° Rostain & Piolat, n° 1).

8. La palabra *kwep* designa a la vez al árbol y al desgrasante.

9. Cuévano de carga de fibras de (*Ischnosiphon arouma*) guarumo tejidas.



Figura 3. Preparación de la pasta. A: Golpeo de la arcilla para hacerla más homogénea y plástica. B: Quemada de la corteza de *kwep*. C: Molienda de las cenizas de *kwep*. D: Tamizado del polvo de *kwep*. E & F: Mezcla de la arcilla con el desgrasante *kwep*.

maja en un mortero, en el cual se añade poco a poco agua. Cuando la arcilla proviene de un nuevo yacimiento, se puede poner a cocer un puñado para probar su reacción al fuego.

Los fragmentos de corteza de *kwep* son puestos a secar al sol y luego quemados. Las cenizas son molidas en un mortero de madera con la ayuda de una maja, hasta obtener un fino polvo que después será tamizado.

La arcilla es amasada en una fuente grande de madera o en una espata de palmera y se la añade paulatinamente puñados de desgrasante. La ceramista estima el buen equilibrio de estos dos elementos, ya sea con los dedos o la lengua¹⁰. Este está finalmente compuesto por mitad de arcilla y mitad de desgrasante. Luego se forman varias bolas de unos treinta centímetros de diámetro cada una. Cuando la recolección de la arcilla no coincide con un período de fabricación de cerámica, la preparación de la pasta puede ser diferente. Por ejemplo, en el caso de los Kali'na, la arcilla lavada y limpiada es puesta a secar en bolas de unos cincuenta centímetros de diámetro. Las bolas secas son trituradas en un mortero y el polvo que se obtiene, eventualmente tamizado, se mezcla con el polvo de *kwep*. Solamente después, la mezcla será humectada y luego moldeada (Ahlbrinck, 1931; Cornette, 1991).

*El denominado Brun, pariente del Señor Monsieur Barguenon, Dependiente de la Compañía, dice que en el río del Ouyapoc, se hallan doussins, o dicho de otra manera, venas de cieno que los Indios toman y que muelen con pedazos de hojas de caret para hacer unir el barro y darle un cuerpo y que con esta mezcla hacen piedras, las dejan secar largo tiempo al sol, después de haberles dado la forma que quieren y haberlas perforado.*¹¹ (Goupy des Marets, 1690: 29).

El modelado

Dado que el torno del ceramista es desconocido por los Amerindios, el procedimiento más utilizado es el montaje de rollos, que es la técnica cerámica más antigua: “*la cerámica de tierra en la cual son hábiles aunque no tengan ruedas como nuestros Alfareros, haciéndolo todo por suma de partes, unas a otras*”¹² (Biet, 1664: 355).

Al inicio del modelado, la ceramista, sentada en un banco bajo, tiene la plancha de soporte en su falda. Los puñados de pasta humedecida son amasados en forma de cilindros de alrededor de 20 a 30 cm de largo y de 2 cm de diámetro. La base del recipiente se compone de una bola de pasta extendida en forma de disco sobre la plancha; los rollos son colocados y juntados unos sobre otros, sobre esta base. Se los hace adherirse lo más posible entre ellos, al aplastarlos juntos. La unión de los rollos es igualmente convexa/cóncava, pero los montajes más simples, como la unión plana, o más sofisticados, como en escalera, se pueden igualmente identificar en las cerámicas arqueológicas. Es montaje es identificable en los tiesto por las fracturas que se producen frecuentemente en la unión de los rollos (Figura 4).

10. De manera similar, las alfareras de América del Norte “*mordisquean o prueban a veces la pasta para apreciar su textura y otras calidades consideradas necesarias para una cocción exitosa*” (citado por Lévi-Strauss, 1985: 232). Hoy en día, los geomorfólogos actúan a veces de la misma manera.

11. *Le nommé Brun, parant de Monsieur Barguenon, Commis de la Compagnie, dit que dans la rivière de Ouyapoc, il s’y trouve des doussins ou autrement dit des venes de vase que les Indiens prennent et qu’ils broyent avec des morceaux de feüilles de caret pour faire lier cette vase et luy donner un corp et que cette mixtion, ils en font des pierres, les laissant seicher longtemps au soleil, après qu’ils leur ont donnez la figure qu’ils veulent et les avoir percez.*

12. *La poterie de terre, à laquelle ils sont fort adroits, quoy qu’ils n’ayent point de roües comme nos Potiers, faisant le tout par addition de parties les unes sur les autres.*



Figura 4. Modelado. A: Taller de cerâmica a Persévérance. B: Niños aprendiendo a hacer cerâmica. C: Formación del primer rollo de pasta sobre la base de recipiente. D y E: Modelado de las paredes del recipiente. F: Alisamiento de las paredes con un raspador de calabaza.

Durante el montaje, las paredes de la olla se aplanan regularmente y alisan con ayuda de una fruta de palma maripa (*Maximiliana maripa*) de cáscara dura y/o con un raspador de calabaza tallada de forma biselada o dentada (Figura 6). El raspador de la alfarera wayana es a veces una tusa de maíz (Caway, 1988).

Ciertas piezas crean problemas particulares. Para las vasijas grandes de *cachiri*¹³ por ejemplo, es necesario durante el secado, mantener las paredes muy abiertas con la ayuda de pedazos de madera. Hay que subrayar

13. Cerveza poco alcoholizada obtenida por medio de fermentación de yuca diluida en agua que los Amerindios consumen en grandes cantidades.

que en este tipo de montaje de rollos, las paredes tendrán tendencia a ser cada vez menos gruesas a medida que la pieza crece.

Los bordes son cortados e igualados con cuchillos afilados de bambú.

Otras tres técnicas de modelado son igualmente conocidas en Guyana, pero menos utilizadas: las placas, el moldeado y el modelado.

El montaje por ensamblaje de placas es una técnica que se observa en ciertas piezas arqueológicas, que procede del montaje en rollos. En lugar de enrollarse cilindros, se hacen placas que se yuxtaponen entre ellas de la misma manera que los rollos. Esta técnica puede ser observada por fracturas del recipiente pues las uniones de placas quedan claras horizontalmente y verticalmente.

El moldeado, rara vez visto, puede ser utilizado para hacer recipientes o galletas de yuca, pero igualmente pequeños objetos, silbatos, figurillas, etc. (Figura 5). Para los recipientes, se cava un hueco en el suelo, con la forma deseada. Las paredes se cubren con hojas en las cuales la alfarera aplica y alisa uniformemente galletas de pasta (Nimuendaju, 1926). Al secarse, esta se ha retraído volviéndose posible el sacarla. Las paredes exteriores, que conservan la marca de las hojas, se alisan eventualmente. Ciertas poblaciones amazónicas moldean igualmente sus recipientes en canastas de cestería (Lima, 1987).

Para obtener un cuerpo hueco de silbato o figurilla, la alfarera aplica la pasta en un molde, como el exterior de un cuenco o calabaza. Se confeccionan así dos mitades, que luego se juntan una con otra.

Finalmente, el modelado permite obtener pequeñas formas más o menos complejas, a partir de una bola de pasta amasada. Se confeccionan entonces asas, colas u orejas destinadas a ciertas piezas, así como figurillas decorativas animales o humanas. En Amazonía, únicamente los Tapirapé hacen directamente sus cerámicas por medio del modelado de una masa de arcilla (Lima, 1987). Las muñecas destinadas a los pequeños se realizan también por medio de moldeado. Si bien esta técnica es excepcional hoy en día, diversos objetos pequeños modelados (torteros, figurillas, soportes de ollas etc.) han sido hallados en sitios arqueológicos guyanenses.

Pueden surgir impedimentos durante el trabajo. Los Marubo no consumen caza pequeña (Lima, 1987), y las alfareras palikur evitan comer pescado; nadie puede comerlo en el taller de cerámica. Durante la misión “Palikur”, un niño que así lo hizo, fue sacado inmediatamente del lugar. Este impedimento se acerca a los mitos que ligan seres acuáticos con el barro para cerámica (Grenand *in litteris*, 1993). En numerosos grupos, las mujeres que están menstruando no pueden fabricar cerámicas.

Los terminados y las decoraciones

Si bien el tratamiento de la superficie final realizado en la cerámica es esencialmente funcional, su aspecto estético no puede ser puesto de lado. Actualmente en Guyana, se observan tres operaciones principales de terminado: el alisado, el pulido y el engobe.

El alisado permite regularizar y uniformizar la superficie de la pasta. Se efectúa en las paredes aún húmedas del objeto, a menudo con ayuda de un alisador, a veces mojado, de fruto de palmera maripa (*Maximiliana maripa*) o de piedra. Para este trabajo, los Kali'na, los Wayãpi y los Wayana utilizan generalmente una media cabeza de hongo (Ahlbrinck, 1931; Caway, 1988); ciertos políporos poseen la textura de un cuero rígido (Grenand *in litteris*, 1992).

Luego, las piezas son puestas a secar durante tres días, preferiblemente a la sombra para evitar una evaporación demasiado rápida que podría fisurar el objeto.

El pulido realizado en la cerámica seca, homogeneiza la superficie y le da una cierta impermeabilidad. Esta operación reviste un aspecto funcional particularmente importante pues muchas cerámicas están destinadas a transportar líquidos y deben quedar perfectamente impermeables. Se lo efectúa con ayuda de un pulidor, pequeño guijarro liso, grano, pedazo de hueso, y a veces hasta una bola de resina que dará un aspecto brillante a la pasta. Esta operación puede intervenir después de la decoración y la cocción: “*antes de que la fina capa ocre (la pintura) esté completamente seca, ella lustra toda la superficie de la vasija con un alisador de hueso*” (Capitan, 1882: 650). Ciertos alisadores de piedra hallados en las excavaciones conservaban huellas de pintura roja arrancada a la cerámica.

El engobe es la aplicación de una arcilla diluida. Esta operación efectuada todavía a veces ahora, es difícilmente discernible en las piezas arqueológicas. Particularmente, una diferencia de tonos entre la superficie y el interior de la pasta, e incluso la presencia de finas rajaduras en superficie, no son elementos determinantes para probar la presencia de engobe (Arnal, 1989).

“*De manera general, los mismos modelos decorativos son aplicados en diferentes soportes: pintura corporal, cestería, tejido y cerámica*” (Lima, 1987) y, en la arqueología guyanense, esta universalidad estética aparece por ejemplo en la pareja cestería/cerámica (Rostain; Wack, 1988). Tales correspondencias de decorados se ubican en varios sitios arqueológicos de América del Sur (Wiley, 1987). Ya sea en el caso de los Kali'na, los Palikur o los actuales Wayana, los mismos dibujos, con las mismas interpretaciones adaptadas al soporte, son retomados en la cerámica, la cestería, las calabazas, las pinturas corporales, los bancos, etc. Entonces, la libertad de creación del artista parece ser débil, sometida a los cánones estilísticos de la comunidad, si se quiere que su producción sea reconocida e interpretada por todos.

A parte de la habilidad y las reglas gráficas propias de cada grupo, los decorados hablan universalmente del mundo animal, de los sueños y de las criaturas mitológicas, que son igualmente fuentes de inspiración. Cuenta un mito el origen del estilo gráfico de los Wayana y de los Aparai, que un monstruo acuático, el *Tulupèré*, perseguía a los ancestros de los Wayana en el Alto Paru, hasta que estos lograron matarlo. Al descubrir los diseños que adornaban los flancos del animal, los reprodujeron en sus cestería y cerámica (Van Velthem, 1976; Schœpf, 1972). Este mito, que simbólicamente reconstituye los inicios de la fusión de los Wayana y los Aparai (Schœpf, 1985), ilustra la estrecha relación entre el arte amerindio y el mundo. El *Tulupèré* podría simbolizar igualmente un grupo enemigo, de nivel artístico elevado y que tanto los Wayana como los Aparai habrían combatido en el transcurso de sus antiguas migraciones.

Los decorados se aplican ya sea antes de la cocción, en la cerámica húmeda o seca, ya sea en la pieza cocida. Se presentan en la parte más visible de la cerámica, generalmente al interior de los recipientes abiertos y al exterior de los cerrados. Están a menudo localizados en el labio y el cuerpo, rara vez en la base exterior. Se distinguen tres grandes modos de decorado: la modificación de la superficie, la aplicación de elementos modelados y la coloración¹⁴.

La modificación de la superficie consiste en deformar o sacar la materia superficial de la cerámica. Hoy en Guyana, se reconocen seis técnicas:

14. Utilizamos aquí la definición de Hélène Balfet et al. (1983).



Figura 5. Terminados y decoración. A: Pulimiento de la paredes del recipiente con una fruta de palma maripa. B: Moldeado de una figurina de tortuga sobre una calabaza. C: Incisión del labio del recipiente con un clavo. D: Impresión del labio del recipiente con un palito de madera. E y F: Pintura.

- La incisión es una de las más frecuentes. Se la practica durante el modelado en la arcilla todavía plástica, con la ayuda de un palito puntiagudo o redondeado, y también a veces, actualmente, con herramientas metálicas. Las incisiones pueden ser líneas, muescas, puntuaciones. Una técnica particular, el corrugado, busca dejar aparentes en el exterior, los rollos y subrayar a veces, su junción por medio de una incisión.
- El peinado consiste en hacer con un peine, grupos de incisiones paralelas, rectilíneas o curvas.
- El grabado es netamente más raro.

- La escisión es excepcional.
- El raspado concierne generalmente a las grandes superficies de una pieza más que a los bordes, y puede ser igualmente efectuada con ayuda de un palo con extremidad dentada. En el caso de ciertos surcos que se presentan como anchos cortes poco profundos, se puede hacer a veces el acercamiento entre esta técnica y la incisión.
- La impresión está esencialmente representada por impresiones repetitivas digitales, o de palitos, en el labio o el cordón. Puede ser involuntaria, como es el caso de las caras inferiores de placas para cocer que representan las huellas del lecho de hojas o de la cestería en la cual se confeccionaron las piezas.

El modelado y la aplicación de elementos modelados, realizados durante este proceso o enseguida de él, es hoy más raro en el caso de los recipientes domésticos que en el de las piezas destinadas a la venta o a una función ceremonial y lúdica.

A menudo se observa el decorado modelado en las cerámicas arqueológicas de Guyana, especialmente en los elementos de aprehensión y para ir del simple cordón, botón, pastilla hasta las figuras elaboradas de animales o humanas. Las figuras zoomorfas son frecuentemente cabezas de tortuga estilizadas, constituidas por dos pastillas aplicadas sobre un botón, o muy realistas, tortugas completas con miembros desmesuradamente alargados o incluso seis modelados distintos que representan la cabeza, los miembros y la cola, aplicados al borde del recipiente que representa el cuerpo; batracios, serpientes o pájaros bastante realistas, en menor cantidad mamíferos.

Los apliques que representan partes del cuerpo humano, esencialmente observados en las urnas funerarias policromas de cultura Aristé, son por lo general elementos simples ensamblados: ojos, cejas, boca, nariz, orejas, manos, pies, senos y ombligo.

La pintura ampliamente utilizada desde siempre en Guyana, es la técnica más corriente. El decorado es aplicado antes o enseguida de la cocción, o también mucho después. Los tintes, de origen vegetal, pueden ser igualmente utilizados en la madera o calabazas y, por ciertos casos, en la piel. Los más difundidos son el rojo, blanco, marrón y negro. Amarillo, azul y naranja son más raros. La etnografía distingue varias materias primas para fabricar colores (Tabla 1).

Estos pocos ejemplos no son limitadores, y la amplia gama de colorantes utilizados en Amazonía merecería un estudio específico.

Hay que apuntar que los colores pueden hallarse modificados por el paso al fuego. Así, las rocas ricas en hierro se volverán rojas en oxidación, con corazón oscuro en reducción y amarillo en hidro-oxidación (Prous, 1990).

En los tiestos arqueológicos solo los tintes de origen mineral han sido reconocidos hasta hoy por medio de análisis de laboratorio. Concreciones minerales colorantes raspadas, rojas y negras, fueron halladas en varios sitios. Sin embargo, los colorantes de origen vegetal se degradan más rápidamente que aquellos de origen mineral y ciertos decorados pintados han desaparecido hoy en las piezas arqueológicas. Durante el lavado de tiestos en la excavación, el negro y el blanco de los decorados se revelaron menos resistentes que el rojo.

En la actualidad, el procedimiento de obtención de la pintura es sensiblemente en todo lado. Las arcillas, concreciones raspadas o molidas, las cortezas, granos, plantas u hojas, se echan en el agua para luego amasarlas o ponerlas a hervir.

Tabla 1. Algunos colorantes cerámicos amerindios actuales (según Ahlbrinck, 1931; Grenand *in litteris*, 1992; Rostain, 1994; Schœpf 1979).

COLOR	ORIGEN	GRUPO UTILIZADOR
rojo	mineral: tierra ferruginosa, arcilla, concreciones ¹⁵	Palikur (<i>Kamewa</i>), Kali'na (<i>kuli</i>), Wayana
blanco	mineral: caolín	Kali'na (<i>tawa</i>), Wayana (<i>nunuö</i>), Wayãpi (<i>tuyusi</i>), Palikur
amarillo	mineral: arcilla	Wayana
azul	mineral: arcilla	Wayana
azul	animal: concha marina ¹⁶	Palikur (<i>parakwa</i>)
rojo oscuro	vegetal: <i>Chrysobalanaceae</i> , <i>Licania heteromorpha</i> ¹⁷	Palikur (<i>inotawiye</i>)
negro	vegetal: <i>Humiriaceae</i> , <i>Sacoglottis guianensis</i> ¹⁸	Palikur (<i>asiu</i>)
negro	vegetal: <i>Rubiaceae</i> , <i>Genipa americana</i>	Palikur (<i>arasgu</i>)
negro	vegetal: <i>Melastomaceae</i> , <i>Miconia myriantha</i> y <i>Myrtaceae</i> , <i>Myrcia</i> sp ¹⁹	Palikur (<i>karaegu</i>), Kali'na (<i>kumeti</i>), Wayãpi
negro	vegetal: <i>Bignoniaceae</i> , <i>Bignonia chica</i> ²⁰	Kali'na (<i>kalawilu</i>)
negro	vegetal: <i>Convolvulaceae</i> , <i>Ipomoea batatas</i> (patata dulce) ²¹	Kali'na (<i>tëpuru napî</i>)

El decorado más simple consiste en recubrir una cerámica con una capa uniforme, a menudo roja, a veces blanca, con la mano o con un algodón impregnado con el tinte. Los diseños muy elaborados se realizan con un pincel hecho con un palito en cuyo extremo se fija una pluma de garza agamí (*Psophiidés*, *Psophia crepitans*), una brizna de algodón (Figura 6), o una mecha de cabello agarrada en una pepa de arcilla (Schœpf, 1979).

La pintura en negativo o reservada está poco representada en los recipientes arqueológicos de Guyana. Hoy, los Tukuna del alto Solimões y los Marubo del alto Javari, afluente del precedente, decoran el interior de las cerámicas con motivos abstractos en reserva no pintada sobre fondo oscuro. Trazan sus diseños con ayuda de resina, cera o arcilla, luego ahúman el objeto o lo pasan por carbón o también lo embadurnan con materiales orgánicos oscuros. Después del enfriamiento, retiran la película de resina o cera dejando así surgir el decorado en reserva (Lima, 1987).

Si bien los diseños son hoy en día, en su mayoría abstractos, algunos sin embargo pueden mostrarse muy realistas, representando a menudo animales. En el caso de los Palikur, los diseños abstractos simbolizan esencialmente serpientes, tortugas, peces, armadillo, jaguar, conchas, a veces plantas y árboles como el mangle. En el grupo Kali'na, los animales más representados, sobre todo por modelado, son las tortugas, armadillos, monos, pájaros y anfibios (Fretey; Renault-Lescure, 1978).

15. El análisis por difracción en rayos X de concreciones minerales rojas utilizadas por los Palikur muestra una dominante de hematita, con presencia de moscovita y cuarzo.

16. El azul aplicado después de la cocción es fabricado con la hiel y concha machacada luego diluidos (Grenand *in litteris*, 1992).

17. Herbario del centro ORSTOM de Cayena: determinación Sabatier 1990, col° Rostain e Piolat, n° 10bis y 11.

18. Grenand *in litteris* (1992).

19. La corteza raspada del *kumeti* es mezclada con carbón de madera (Ahlbrinck, 1931; Grenand *in litteris*, 1992).

20. Delawarde (1980); Wack (1988). Este colorante es rojo carmín en pintura facial (Grenand *in litteris*, 1992).

21. Ahlbrinck (1931).

La cocción

Etapa más delicada de la fabricación, la cocción, al deshidratar la pasta, la solidifica impidiéndole volverse otra vez plástica con el contacto con el agua.

Desconocedores del fuego, los Amerindios utilizan la técnica de cocción llamada “en montón” en la cual, las piezas no encerradas se cocen en un ambiente oxidante. La temperatura de cocción en estas condiciones, así como la subida del calor son difícilmente controlables. Es en el transcurso de esta fase que los riesgos son mayores. Si los accidentes de calor pueden ocasionar solo simples manchas negras en la superficie de la pieza, pueden del mismo modo provocar su fisura o su estallido.

La cocción se hace en las horas de calor del día. Durante esta fase, el color gris de la pasta se modifica volviéndose beige, crema, marrón oscuro, etc.

En general, las ollas, dispuestas una al lado de otra en el suelo, son cubiertas con cortezas y ramas cuidadosamente escogidas y colocadas en forma de pirámide, y luego se prende fuego a la estructura. Las cortezas van a quemarse rápidamente mientras que las ramazones se consumirán más lentamente.

En los Wayana, las piezas son simplemente colocadas cerca de un fuego de madera y regularmente volteadas para presentar todas las caras a las llamas. Las pilas de corteza no se construyen sino únicamente para la cocción de las piezas grandes.

Los Kali'na, cuya producción cerámica es importante, arman estructuras de cocción muy elaboradas: las ollas dispuestas en un lecho de tiestos de cerámica cubiertos por cortezas, luego un estructura cónica de ramas de madera árbol yarumo (*Moraceae, Cecropia* sp.), mantenida por un círculo de hierro se arma encima de las ollas (Ahlbrinck, 1931).

Los Tirió de Surinam cocen el budare, placa para cocer las galletas de yucca, colocándolo verticalmente en la ceniza caliente, rodeada por un montón de brasas no muy al rojo vivo. Se echa regularmente cenizas finas a la pieza para impedir que se raje y se la voltea muy despacio, de cuatro a seis veces según el diámetro y la intensidad de la hoguera foyer, para obtener una cocción homogénea (Frikel, 1973).

Ciertos grupos amazónicos disponen las piezas a ser cocidas sobre soportes de cerámica, piedra o hechos con fragmentos de termiteros. Se pueden depositar igualmente en el interior de los recipientes brasas ardientes (Lima, 1987).

El análisis mineralógico y químico de tiestos arqueológicos proveniente del sitio de Rorota en la Isla de Cayena, aporta algunos indicios sobre el modo de cocción. La cerámica fue cocida en montón, en un ambiente neutro o, poco reductor y la temperatura llegó al menos hasta los 376 °C pudiendo alcanzar los 500 °C (Seurin, 1976).

Parecería ser que durante la cocción, la falta de respeto a los impedimentos es particularmente peligrosa para la cerámica. En el caso de los Palikur, como también de los Tanimuka (Lévi-Strauss, 1985), los gritos y ruidos que hacen los niños corren con el peligro de romper las piezas, es por ello que esta se hace en un lugar ligeramente retirado del pueblo. Del mismo modo, las mujeres kayabi no pueden hablar, orinar o defecar durante la cocción y los Xukuru no cocen cerámica si hay luna nueva (Lima, 1987). La alfarera tanimuka no come ni bebe, no se baña y guarda continencia sexual (Lévi-Strauss, 1985).

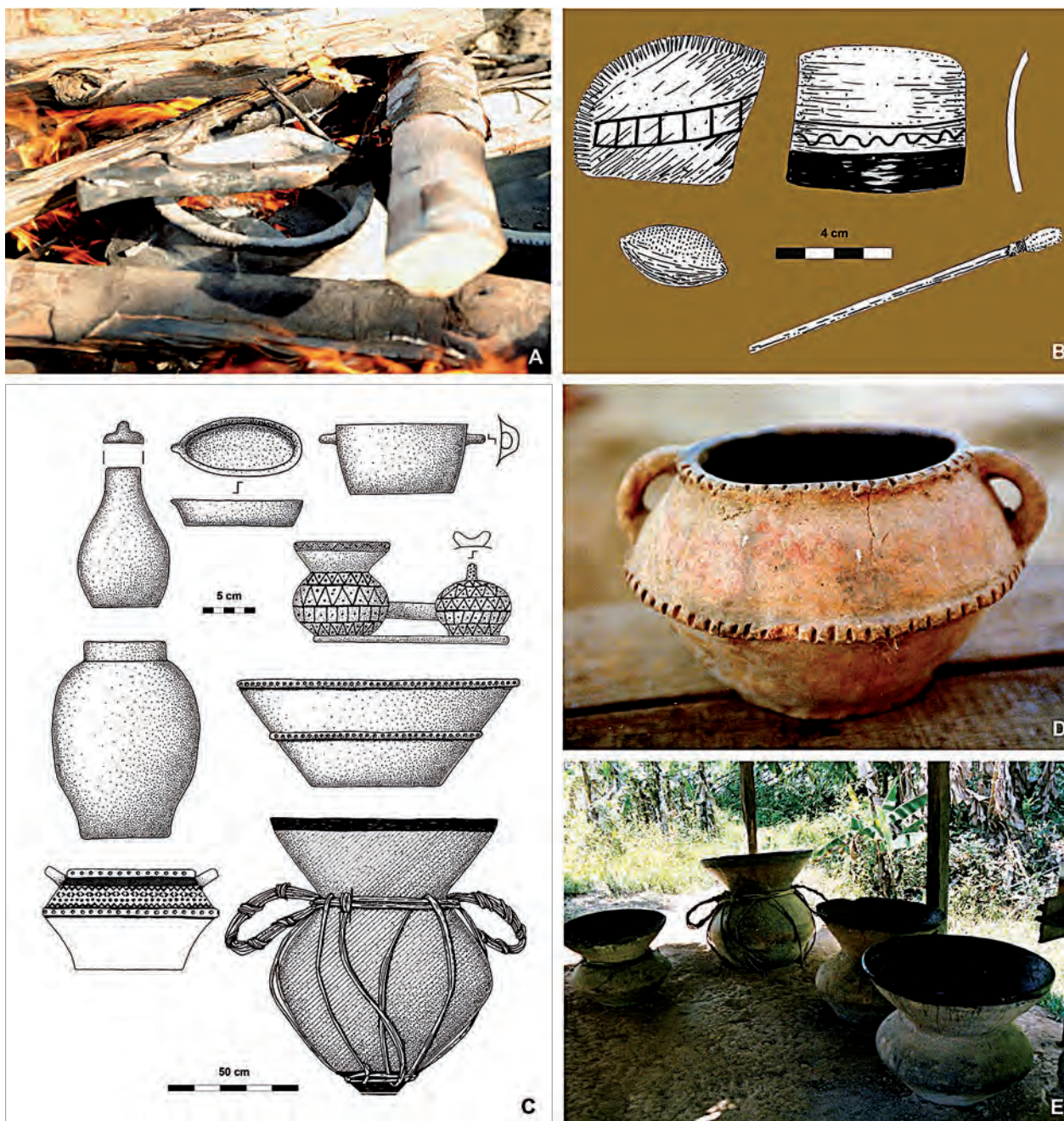


Figura 6. Cocción y recipientes. A) Cocción “en montón”. B) Herramientas para la fabricación de la cerámica incluyendo raspadores de calabaza tallada de forma biselada y dentada, un pulidor de fruta de palma maripa, un pincel de madera y algodón. C y D) Recipientes Palikur. E) Casa dedicada a la preparación y consumo de cerveza chicha en grandes ollas.

Los últimos terminados

Después de la cocción, a veces pueden intervenir la decoración y ciertos terminados.

En algunos grupos como los Palikur, los diseños incisos antes de la cocción se frota a veces en la cerámica aún caliente, con un pan de *mani* (*Clusiaceae*, *Symphonia globulifera* y *Moronobea coccinea*). Esta operación coloreará los diseños en negro y lo que desborde será limpiado con un cuchillo (Grenand *in litteris*, 1992).

Este procedimiento de decorado por incrustación del color es sin embargo raro en Guyana, tanto en los grupos antiguos como en los contemporáneos.

La alfarera palikur cubre igualmente las paredes internas aún calientes de las grandes vasijas de cachiri con goma de *mani*, la misma que aplicada en capa espesa, protegerá de la mordacidad de la bebida que contendrá. Los Wayãpi utilizan de igual modo y con el mismo objetivo, la corteza de *tulili* (*Caesalpinaceae*, *Sclerolobium paraensis*), tumbado anteriormente y macerada en agua fría (Grenand *in litteris*, 1992).

En la mayoría de los grupos amazónicos, las cerámicas están a menudo cubiertas por un barniz vegetal destinado a impermeabilizar sus paredes²². Se lo aplica de preferencia en la cerámica aún caliente a fin de impregnar lo más posible la pasta. Fragmentos de exsudación vegetal solidificada que pudieron haber servido para este uso, fueron recogidos en varios sitios arqueológicos. Algunos de entre ellos estaban moldeados con la forma de la pequeña bolsa que los conservó. Estos parecen proceder del árbol *courbaril* (*Caesalpinaceae*, *Hymenaea courbaril* – *yítai* en wayãpi, *simiri* en Kali'na, *mëpu* en wayana y *simiru* en palikur – Grenand com. pers. 1989), aún utilizado para la obtención de barniz cerámico por numerosos grupos amazónicos. Para esta función, los Kali'na emplean igualmente el *kumeti* (*Myrtaceae*, *Myrcia* sp) o caoba (*Anacardium occidentale*) (Ahlbrinck, 1931). Cuando las placas no se destinan al uso inmediato (intercambio), los Tirió las cubren con un barniz que desaparecerá en la primera cocción (Frikel, 1973).

Si bien las cerámicas dañadas por el uso o por un accidente son a veces reparadas, como en el caso de los Marubo que cogen las fisuras con resina (Lima, 1987), el proceso es raro y la mayor parte del tiempo, estas son usadas para funciones secundarias (soporte de fogón, tapa, pulidor, conservación de objetos, preparación de arcilla refractaria, etc.), o bien abandonadas o tiradas.

De dónde nació la mujer

Presente siempre en la vida amerindia, la cerámica, fundamentalmente utilitaria (Figura 6), tiene también numerosas funciones en otros campos, tanto lúdico como ornamental o ceremonial.

Especialidad en la artesanía amerindia, la técnica cerámica confiere a aquella que la practica, un lugar particular y la maestría de este arte constituye una ventaja importante durante las alianzas y matrimonios. La maestra-ceramista puede incluso llegar a un puesto de igual valor que aquel de los maestros chamanes (Rostain et al., 2014). Las crónicas señalan raptos de ceramistas. Nuevas corrientes pudieron nacer así en el seno de ciertos grupos. En el alto Xingu, los Waurá son los únicos que hacen cerámica que intercambian con sus vecinos. Es por esto que los grupos enemigos de los Waurá, como los Suya, les raptan frecuentemente mujeres que se volverán sus propias alfareras (Lima, 1987). En Guyana, los raptos de mujeres son conocidos en el pasado: “*ella fue antaño tomada Esclava por nuestros Kali'nas en donde los Palicours*”²³ (Biet, 1664: 155).

La mujer está además simbólicamente identificada con la cerámica, “*puesto que la arcilla con la cual se las hace es hembra, como la tierra – dicho de otro modo, ella tiene un alma de mujer*” (citado por Lévi-Strauss, 1985: 33). La primera mujer de la creación, en el caso de los Guarani, sale de un plato (Goeje, 1943).

22. Esta práctica es además típicamente amazónica puesto que en la Prehistoria andina, se hacían brillantes a las pinturas cerámicas, puliéndolas luego de la cocción (Roosevelt, 1991).

23. *Elle avoit autrefois esté prise Esclave par nos Kali'nas chez les Palicours.*

Tan omnipresente en la sociedad amerindia, la cerámica encuentra entonces lógicamente su lugar en la mitología. Ciertos mitos amerindios establecen un lazo entre la agricultura y el uso de la alfarería, creando así una frontera entre la naturaleza y la cultura, y designando a la cerámica por su aspecto de obra cultural (Lévi-Strauss, 1985). Para los Tembé, los pedazos de dos cerámicas se hallan en el origen de la noche y en varios otros mitos, fue una olla rota la que provocó el diluvio original (Goeje, 1943). Al indicar los problemas que puede suscitar la destrucción de la cerámica, tales mitos, subrayan el valor que esta conlleva.

Agradecimientos

A Belém Muriel por la traducción de este texto.



O QUE A CERÂMICA MARAJOARA NOS ENSINA SOBRE FLUXO ESTILÍSTICO NA AMAZÔNIA?

Cristiana Barreto

RESUMEN

¿Qué nos enseña la cerámica marajoara acerca de flujo estilístico en la Amazonia?

En este artículo se revisa la cerámica Marajoara y su clasificación dentro de la Tradición Polícroma de la Amazonía, con el fin de comprender la dinámica de la circulación estilística y los significados de la variabilidad artefactual. El análisis de vasijas completas, aporta nuevos conocimientos a la comprensión de cómo las diferentes técnicas se combinan en el mismo recipiente. La identificación de los diversos conjuntos de técnicas decorativas, que pueden conducir a los mismos o similares efectos visuales, parecen indicar que tanto dentro de la isla de Marajó, y a lo largo de la tradición regional más amplia, las cerámicas de algunos estilos comparten un fuerte modelo de apariencia visual, más que un conjunto de conocimientos tecnológicos rígido. Presentamos aquí un esfuerzo analítico para entender la relación de Marajó con la Tradición Polícroma de la Amazonia y para comprender mejor los procesos de flujo estilístico, préstamos y emulaciones, en el establecimiento de estilos locales.

ABSTRACT

What can we learn with Marajoara ceramics about stylistic flow in the Amazon basin?

This article revisits Marajoara ceramics and its classification within the Amazonian Polychrome Tradition in order to understand dynamics of stylistic flow and meanings of stylistic variability. The analysis of complete vessels brings new insights to the understanding of how different techniques are combined in the same vessel. Identification of diverse sets of decorative techniques which can lead to the same or similar visual effects seem to indicate that both within Marajó island, and along the wider regional tradition, the ceramics shared a strong visual appearance model, rather than a rigid set of technological knowledge. We try to advance here some questions regarding the relationship of Marajoara ceramics with the Amazon Polychrome Tradition in order better understand the dynamics of stylistic flow, borrowing and emulation in the building of local ceramic styles.

As cerâmicas Marajoara e suas diferentes histórias

As cerâmicas Marajoara talvez sejam as mais bem estudadas da Amazônia. Desde que Meggers e Evans publicaram *Archaeological investigations at the mouth of the Amazon* há 58 anos, propondo uma classificação dos diferentes estilos encontrados na ilha de Marajó, classificação esta casada com uma teoria sobre a origem e o desaparecimento dos povos que produziram estas cerâmicas, a arqueologia do Marajó e da Amazônia em geral já passaram por algumas reviravoltas. Talvez a mais importante delas seja a refutação da ideia de que os estilos Marajoara teriam uma origem externa à Amazônia, andina ou circum-caribenha, e a constatação de que ali ocorreu um longo e complexo processo local de desenvolvimento de grupos humanos que atribuíram um papel especial às cerâmicas em suas atividades cotidianas e cerimoniais.

Tanto Roosevelt (1991) quanto Schaan (2004), cada uma à sua maneira, procuraram escrever esta nova história para o Marajó, voltando-se contra a base de sustentação da teoria de Meggers, isto é, as limitações ambientais insuperáveis que teriam impedido o surgimento de sociedades locais mais complexas e, conseqüentemente, que pudessem ter produzido cerâmicas tais quais as Marajoara. Para explicar este desenvolvimento local, Roosevelt apostou na agricultura e Schaan no manejo de recursos aquáticos.

Para Roosevelt, as cerâmicas Marajoara, com sua ênfase em representações antropomorfas, sobretudo femininas, a exemplo das urnas funerárias e das estatuetas, pertencem ao hall de cerâmicas típicas de sociedades com um modo de vida voltado para o trabalho agrícola, em que as pessoas (e não mais os animais) assumem maior protagonismo, e nas quais as mulheres têm um papel importante tanto na produção como no preparo dos alimentos (Roosevelt, 1988, 1992). Contudo, não só a prática de uma agricultura intensiva no Marajó não se confirmou, como também estão ausentes nas cerâmicas Marajoara qualquer referência à importância de produtos cultivados, contrastando de forma inequívoca com as cerâmicas andinas e mesoamericanas, onde representações de milho, por exemplo, são frequentes. Ao contrário, o trabalho de Schaan, com a iconografia das cerâmicas Marajoara, enfatiza a profusão de animais representados, chamando a atenção para combinações e hibridizações de corpos animais e humanos (Schaan, 1997, 2001).

As análises iconográficas que realizamos com peças inteiras de cerâmicas Marajoara não só confirmam a ênfase na relação humanos-animais, mas também aproximam as formas de representação e linguagens estilísticas Marajoara às artes típicas de sociedades “contra o estado” (Lagrou, 2011), com um *ethos* mais caçador-coletor, onde predominam ontologias perspectivistas e práticas xamânicas de transformação corporal (Viveiros de Castro, 2002), tais quais nas sociedades ameríndias documentadas hoje na Amazônia pela etnologia contemporânea. Além disso, sugerimos que a complexidade da cerâmica Marajoara não seja necessariamente resultante de processos de intensificação de complexidade social e hierarquização, mas sim da complexidade, diversidade e extensão das redes de interação social e fluxo estilístico em que estavam inseridas estas sociedades (Barreto, 2009, 2010, 2016).

Olhando para além do Marajó, vemos outros conjuntos cerâmicos igualmente complexos em termos temáticos e tecnológicos, com narrativas e linguagens pan-amazônicas que, de diferentes maneiras, retratam a relação humanos-animais, enfatizam as qualidades transformativas do corpo e fazem referências recorrentes a determinados seres mitológicos (Barreto, 2014).

Apesar das cerâmicas Marajoara serem umas das mais estudadas dentro da arqueologia amazônica, a questão de como elas se inserem dentro deste universo pan-amazônico é ainda pouco explorada na Arqueologia

amazônica. Se as várias histórias reconstruídas a partir delas contribuíram para um melhor entendimento do que se passou no Marajó entre 350 e 1400 AD, explorar sua posição dentro do leque de manifestações cerâmicas da Amazônia pode ser um exercício bastante frutífero para compreendermos as dinâmicas de formação de estilos e fluxos entre eles, dispersão territorial e fronteiras estilísticas, e as cosmologias e formas sociais relacionadas a estes estilos, questões estas tão prementes na arqueologia corrente da Amazônia, como atesta a maior parte dos trabalhos reunidos neste livro.

As cerâmicas Marajoara e a Tradição Polícroma da Amazônia

O poeta José Saramago dizia que “é preciso sair da ilha para ver a ilha”. De fato, olhar a cerâmica Marajoara a partir da variabilidade da Tradição Polícroma da Amazônia pode ajudar a iluminar o que realmente está sendo compartilhado tanto pelos grupos que habitaram o Marajó, como por seus contemporâneos de outras áreas da bacia amazônica.

Desde a proposta seminal de Meggers e Evans, de definição de grandes tradições cerâmicas arqueológicas da Amazônia (Meggers; Evans, 1961), as cerâmicas Marajoara passaram a compor não só uma das fases da Tradição Polícroma da Amazônia, mas talvez aquela que Meggers considerasse a mais emblemática. Dentre os traços diagnósticos inicialmente mencionados para o Horizonte Polícromo (mais tarde, Tradição Polícroma) estavam a pintura vermelha e preta sobre engobo branco, e decorações com incisão, excisão, retoques (pintados antes da queima) e acanalados. Os autores alertam para o fato de que, apesar de serem recorrentes as bordas reforçadas e cambadas, não parece haver uma grande homogeneidade nas morfologias das vasilhas, com exceção das urnas funerárias antropomorfas.

O casal trabalhou nas duas pontas da dispersão geográfica desta Tradição, no Marajó, na foz do Amazonas, e no rio Napo, no Equador, já no sopé dos Andes, onde, apesar da distância, as cerâmicas exibem semelhanças estilísticas surpreendentes, talvez mais próximas entre si do que outros estilos de fases vizinhas desta tradição. Muito provavelmente esta semelhança tenha levado Meggers e Evans a identificar a área de origem da Tradição Polícroma na região andina, entre as cabeceiras do rios Napo e Caquetá.

Apesar da homogeneidade observada essencialmente nas técnicas decorativas (em contraposição às morfologias das vasilhas), Meggers e Evans pouco exploraram a relação entre estas técnicas e os efeitos visuais dos vasilhames, as narrativas e linguagens iconográficas. Se nestas cerâmicas a policromia se destaca como atributo que confere grande eficácia na performance visual, sobretudo na comunicação e compartilhamento de um repertório de símbolos, o casal de arqueólogos preferiu construir sua tipologia em cima de outros critérios. Especificamente no Marajó, embasaram as classificações tipológicas em variações de pastas e nas técnicas decorativas (em detrimento dos motivos), o que foi replicado para o restante das fases, em pesquisas posteriores, por seus colaboradores. Os 16 tipos assim estabelecidos para as cerâmicas Marajoara correspondem mais a diferentes combinações de um diversificado repertório de técnicas, do que a diferentes modelos de artefatos (tomados na sua integridade) culturalmente compartilhados (Barreto, 2010).

À medida que novas pesquisas com cerâmicas da Tradição Polícroma vêm ocorrendo, fica mais clara a ideia de que a variabilidade entre os diferentes complexos locais se dá justamente na maneira como as diferentes técnicas são empregadas para se chegar a vasilhas com os mesmos efeitos visuais ou aparências

muito semelhantes e com temáticas recorrentes. Na Amazônia Central, por exemplo, Tamanaha identificou diferenças consideráveis entre as pastas e as morfologias das bordas entre os sítios estudados, remetendo a diferentes tecnologias locais nas cerâmicas Guarita, mas que visualmente são muito semelhantes (Tamanaha, 2012). Almeida explorou o efeito visual da policromia nas cerâmicas do alto rio Madeira que, mesmo compondo imagens feitas com diferentes técnicas e motivos, podem ser facilmente vistas e reconhecidas à distância (Almeida, 2013). Mesmo na decoração aplicada a determinadas vasilhas como, por exemplo, o recorrente motivo gráfico da cobra de duas cabeças, parece haver uma variedade considerável na maneira como eles são impressos sobre as vasilhas, na técnica para compô-los, nas cores, no grau de estilização e encadeamento, etc. (Oliveira, neste volume).

Além de um aspecto visual semelhante e dos motivos ou temas, o que também parece estar fortemente compartilhado é uma maneira específica de figurar corpos humanos, as diferentes partes são compostas por animais específicos (Barreto, 2014: 126). Este tipo de linguagem figurativa fica mais evidente nas urnas funerárias antropomorfas da Tradição Polícroma, onde, não raro, os braços do corpo humano representado são compostos por cobras e os ombros por cabeças de pássaros e assim por diante. No Marajó, este tipo de linguagem também ocorre, como, por exemplo, na figuração dos olhos, indicados quase sempre pela forma estilizada de um escorpião. Há aqui, portanto, um claro traço de cosmologias que operam a partir daquilo que Karadimas denominou de “organização corporal das espécies” (2005: 402), isto é, criações primordiais onde cada espécie é formada a partir de corpos ou partes corporais de outras espécies naturais. Este processo de construção de corpos, identificado como um traço bastante comum nas cosmologias amazônicas por Santos-Granero (2012: 41), não aparece assim traduzido nas cerâmicas de complexos arqueológicos anteriores, como as cerâmicas Pocó-Açutuba e Borda Incisa/Barrancoide, apesar da profusão de representações animais, sobretudo em pequenos apêndices modelados. Este tipo de linguagem “construcionista” (este é o termo proposto por Santos-Granero) se sobressai, portanto, como uma característica marcante das cerâmicas da Tradição Polícroma em geral.

Em outras palavras, o que parece ter sido compartilhado nas cerâmicas da Tradição Polícroma, é menos um conjunto de técnicas relativas à performance utilitária das vasilhas (em geral mais afetada pelas características da pasta e da morfologia), e mais um modelo ideológico veiculado através de uma determinada linguagem visual, onde se incluem a policromia, a maneira de figurar e compor corpos e a recorrência de determinados temas, como as cobras bicéfalas e, mais importante, uma concepção de como os seres são formados.

Como a cerâmica Marajoara se encaixa dentro desta arena de compartilhamento? Desde os questionamentos de Schaan sobre as categorias classificatórias de fases e tradições na arqueologia do Marajó e da Amazônia em geral (Schaan, 2007), novas propostas têm surgido sobre a posição da fase Marajoara dentro da Tradição Polícroma da Amazônia, propondo uma visão mais dinâmica dos processos que desembocaram na diversidade de técnicas e estilos presentes na cerâmica Marajoara. Através de uma análise dos estilos de representação nas cerâmicas funerárias, identificamos alguns princípios estruturalmente diferentes na maneira de se conceber o corpo e a relação deste com a morte (ou com o contexto funerário), que poderiam corresponder a sistemas cosmológicos bastante distintos, como entre os dos povos falantes de línguas Arawak e Tupi. Sugerimos que a maioria dos diferentes estilos encontrados na cerâmica Marajoara, provavelmente os mais antigos, identificados com o período clássico Marajoara – ca. 700 a 1100 dC., de acordo com Schaan (2004: 262), – como os das grandes urnas Joanes Pintado, refletem padrões de concepções da morte mais próximos a um *ethos* Arawak, com uma arte mais emblemática, com ênfase nas entidades

ancestrais, traduzidos no uso de cerâmicas rituais por alguns princípios muito claros na composição de corpos, tais quais o da representação desdobrada (Barreto, 2009: 147; 2014: 126). Contudo, alguns estilos específicos, Pacoval e Anajás, talvez mais recentes – ou simplesmente mais regionalizados dentro da ilha, apresentam urnas antropomorfas que retratam indivíduos da mesma forma que no restante da Tradição Policroma, figurando corpos humanos sentados, compostos da mesma forma quimérica ou construcionista, (Figura 1). Também sugerimos que o foco no indivíduo (em contraposição aos emblemas e figuras que remetem a seres ancestrais) poderia indicar um *ethos* mais próximo de povos falantes da língua Tupi, e talvez mesmo a uma ideologia que esteja sendo propagada pela bacia amazônica através das cerâmicas associadas à Tradição Policroma. Propusemos, então, que apenas alguns estilos das cerâmicas Marajoara poderiam ser incluídos propriamente no universo de expressões ideológicas compartilhadas nas cerâmicas da Tradição Policroma (Barreto, 2009). Assim, os diferentes estilos de cerâmica Marajoara parecem documentar também uma diversidade ideológica dentro da ilha.

A partir de outro caminho analítico, mas que vai de encontro às nossas ideias, Neves propõe um modelo para a dinâmica e direção da expansão da Tradição Policroma na bacia amazônica, em que o Marajó ocuparia uma posição essencialmente marginal a este processo. De acordo com Neves: “*nunca houve de fato uma expansão da tradição policroma pelo Baixo Amazonas e estuário, o que eventualmente levará que se considere que a fase Marajoara foi um fenômeno local e híbrido da foz do Amazonas, tributário de diferentes complexos locais antigos, relacionado apenas indiretamente à tradição policroma*” (Neves, 2012: 257).



Figura 1. Os diferentes estilos da fase Marajoara correspondem também a diferentes maneiras de retratar o corpo na cerâmica funerária. À esquerda, a urna funerária do estilo do Joanes Pintado retrata o corpo de um ser híbrido, meio humano, meio ave (Acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTI); à direita urna funerária do estilo Pacoval, mais semelhante às urnas da Tradição Policroma da Amazônia, com os braços formados por cobra bicéfala (Acervo do Museu Etnográfico de Berlim). Foto: Fernando Chaves.

O que se nota, de fato, no Marajó, é que a enorme variedade de estilos cerâmicos parece estar organizada a partir de diferentes modos de combinar elementos de um mesmo repertório de técnicas, morfologias e motivos gráficos, repertório este bem delimitado. A análise de objetos inteiros nos permitiu identificar a presença de diferentes estilos definidos por Meggers em um mesmo vasilhame. Alguns vasos, por exemplo, são compostos de campos decorativos que combinam até três dos estilos definidos por Meggers (Figura 2). Tal repertório pode ter se formado a partir da intensa interação de diferentes grupos dentro da ilha, assim como da absorção de elementos estilísticos externos através de redes de troca, o que examinaremos mais adiante.

Schaan (2007) argumentou que os diferentes estilos podem refletir diferentes identidades sociopolíticas no interior da ilha, chefias concorrentes, inclusive de forma regionalizada. Assim, ao longo do rio Anajás, a oeste do lago Arari, haveria uma predominância de estilos com pintura policrômica, do tipo Joanes Pintado, e do uso de incisões e excisões combinadas com engobos brancos e vermelhos (tipos Arari e Anajás simples, e tipos Arari exciso vermelho e Anajás inciso vermelho). Já a leste do lago Arari, todos os estilos estão presentes e ocorrem de forma mais misturada, e há grande frequência de peças com incisões sobre engobo branco (Anajás inciso branco), incisões sobre engobo duplo (tipo Anajás inciso duplo) e pintura vermelha (ou retoques) sobre incisões e engobo branco (tipo Pacoval inciso). Ou seja, ao que tudo indica, a cerâmica Marajoara seria produto da interação de diferentes grupos que compartilham um determinado repertório de elementos e técnicas decorativas, mas acabam por combiná-los de formas particulares ao longo do tempo e em diversos espaços. Este processo de hibridização parece intenso, sendo difícil estabelecer até que ponto este fenômeno é apenas local ou se permeado por redes de contato e fluxo estilístico para além do Marajó, conforme discutido por nós (Barreto, 2010). Schaan refere-se à



Figura 2. Vaso da fase Marajora que combina três dos estilos definidos por Meggers e Evans (1957): na borda, estilo Anajás Branco Inciso; no bojo central estilo Arari Vermelho Exciso; na base, estilo Joanes Pintado. (Acervo Coleção Instituto Cultural Banco Santos/MAE). Fotos: Denise Andrade e Cristiana Barreto.

rivalidade entre diferentes cacicados dentro da ilha, ao que acrescentamos que, em vista das diferenças ideológicas observadas, é possível que o controle de redes de troca e, portanto, da apropriação simbólica de elementos externos, seja um vetor importante nas dinâmicas políticas locais.

O que resta explicar, a partir deste novo cenário de desmembramento da fase Marajoara da Tradição Policroma, é a semelhança aqui apontada entre alguns estilos das cerâmicas da fase Marajoara e de fases da Alta Amazônia, para além das semelhanças já documentadas na maneira de figurar corpos nas urnas antropomorfas de alguns estilos Marajoara, como o Pacoval, com urnas da Tradição Policroma da Amazônia (Barreto, 2014). A resposta pode estar em duas relações presentes no universo cerâmico em geral: 1) a relação entre técnica decorativa e efeito visual, pensando-se na possibilidade de diferentes cadeias operatórias gerarem produtos semelhantes; 2) a permeabilidades de estilos locais em regiões com alto fluxo estilístico.

Cadeia operatória, técnica e efeito visual

A primeira relação pode ser explorada a partir de um exemplo específico. Dentre os tipos cerâmicos mais complexos estabelecidos por Meggers e Evans para a cerâmica Marajoara estão os denominados “Anajás inciso duplo” e “Pacoval inciso retocado” (1957: 332, 366). Ambos os tipos apresentam vasilhas com superfícies externas recobertas por delicados motivos geométricos gravados em vermelho, realçados pelo fundo esbranquiçado do engobo branco ou creme. Os desenhos podem apresentar basicamente dois motivos, escalonados angulosos e espirais duplas (estas muitas vezes formando os membros de figuras humanas) (Figura 3). A cadeia operatória do acabamento de ambos estes estilos seguem indicadas na tabela abaixo.

ETAPAS DO ACABAMENTO APÓS ALISAMENTO E PRÉ-QUEIMA	ANAJÁS INCISO DUPLO	PACOVAL INCISO RETOCADO
1	Aplicação de engobo vermelho	Aplicação de engobo branco
2	Aplicação de engobo branco	Incisão e/ou excisão revelando cor avermelhada da cerâmica
3	Incisão profunda revelando a superfície do engobo vermelho	Retoques de pintura vermelha sobre partes de incisão e/ou excisão
Efeito visual	Motivos destacados em vermelho sobre fundo branco	Motivos destacados em vermelho sobre fundo branco

Como vemos, apesar das diferenças nas técnicas e na ordem em que elas são aplicadas, os efeitos finais conseguidos são bastante semelhantes (Figura 3). Do outro lado da Amazônia, no rio Napo, o mesmo fenômeno ocorre, por exemplo, nas diferentes urnas antropomorfas com desenhos realçados em vermelho. A cadeia operatória aqui varia entre algo semelhante a do estilo Pacoval Inciso Retocado, como o tipo Rocafuerte Inciso (com a sequência incisão/engobo branco/retoque vermelho sobre incisão), e outras onde apenas a pintura é aplicada sobre o engobo branco, obtendo os mesmos efeitos visuais (Evans; Meggers, 1968). Assim, parece-nos que para além das semelhanças entre determinadas cadeias operatórias (Pacoval Inciso retocado e Rocafuerte Inciso, por exemplo), também o tipo de variabilidade

de cadeias operatórias e técnicas empregadas são compatíveis entre estilos da fase Napo e estilos da fase Marajoara. Ou seja, também fora do Marajó temos variações nas cadeias operatórias, mas nem por isso elas resultam em variações no aspecto visual final das cerâmicas. Portanto, dentro do Marajó, assim como na fase Napo, teríamos aquilo que Sackett denominou de variação isocréstica: caminhos equivalentes para se obter objetos com a mesma finalidade (Sackett, 1968: 630). Esta variação, ou seja, as diferentes escolhas aprendidas e transmitidas socialmente devem, segundo este autor, refletir tanto interação social como contexto histórico, e talvez seja o que tenhamos de mais próximo na variabilidade cerâmica para se definir estilos étnicos. *“A variação isocréstica, na cultura material [...] é diagnóstica ou idiomática de etnicidade, e é esta variação que pode ser percebida como estilo”* (Sackett, 1991: 33). Mas qual a finalidade comum a estas diferentes maneiras de fazer os potes? Reproduzir e uniformizar linguagens visuais com as mesmas expressões simbólicas? Usar a cerâmica como mídia que expressa pertencimento ou compartilhamento de um mesmo universo ideológico? Tudo indica que tal tipo de variabilidade seria absolutamente compatível com padrões de interação social de sociedades multiétnicas, em que diferentes grupos, ao mesmo tempo que guardam e reproduzem estilos próprios, também compartilham e reproduzem outros elementos estilísticos em esferas mais amplas, seja através da convivência por proximidade geográfica ou por redes de troca.



Figura 3. Tigelas dos estilos Anajás inciso (esquerda) e Pacoval Inciso (direita), fase Marajoara. Diferentes cadeias operatórias para efeitos visuais semelhantes. Acervo do National Museum of American Indian (Washington) e Coleção Instituto Cultural Banco Santos/MAE. Fotos: Cristiana Barreto.

Fluxo estilístico

Nesta discussão, resta-nos explorar a segunda relação apontada acima, que é justamente a permeabilidade de estilos locais em regiões com alta intensidade de fluxo estilístico e os processos sociais que estimulam este fluxo. Está claro que sistemas regionais mais abertos, tais quais os descritos por Heckenberger para os Arawak (2002, 2005) são mais permeáveis, assim como a localização geográfica em áreas de maior intensidade de contatos (como ao longo de rios e estuários), conforme apontado por Roe (1995: 41), também favorecem a complexidade estilística.

Em trabalho anterior (Barreto, 2009: 113), sugerimos que o fluxo estilístico, no caso do Marajó, pode ser analisado em termos de apropriações de símbolos de prestígio e poder dentro de uma dinâmica de

hierarquias regionais, como proposto por Schaan (2007), onde ocorrem processos de empréstimo, emulação, imitação e modificação de símbolos externos que possuem um componente de prestígio¹. Na cerâmica, isto pode ser feito de diferentes maneiras, como, por exemplo, replicando morfologias, técnicas ou motivos gráficos (conjunta ou separadamente) que serão percebidos ou reconhecidos como associados a um determinado grupo, podendo-se ainda reter, mesclar ou modificar elementos locais tradicionais. Além disso, as emulações e empréstimos de elementos estilísticos podem ter ainda um papel bastante ativo, no sentido de não só representar a associação a um determinado grupo social ou a valor de prestígio, mas também de modificar a natureza e intensidade desta associação. Na cerâmica, estas possibilidades são verdadeiramente infinitas, e até que se tenha um controle muito preciso do que eram as esferas e elementos de compartilhamento, esta gramática das emulações e empréstimos nem sempre é passível de documentação pela arqueologia.

Contudo, o conjunto artefactual Marajoara apresenta alguns itens que são particularmente mais propícios a este tipo de análise, que são os raros objetos em pedra verde (nefrita ou jadeíta), que aparecem associados aos contextos funerários, tais como pingentes, muiraquitãs, contas de colar e labretes. A falta destas matérias-primas na ilha, assim como os poucos exemplares conhecidos, atestam a sua origem externa, assim como o seu caráter de item raro, de difícil acesso e, por isso, de maior valor, constituindo assim o que Boomert (1987) identificou como insígnias de prestígio que circulavam através das extensas redes de trocas entre as elites de grupos do Baixo Amazonas, Orinoco e Caribe. O mais interessante, contudo, é que no Marajó são conhecidos muitos exemplares de peças cerâmicas que replicam muiraquitãs e labretes, sobretudo os muiraquitãs batraquiformes, produzidos obedecendo as mesmas regras de perfurações duplas (na lateral e parte traseira da peça), o que possibilitava exatamente o mesmo tipo de amarração da peça. Esses muiraquitãs cerâmicos, além de numerosos, apresentam também o mesmo tipo de variabilidade morfológica que a gama de muiraquitãs líticos conhecidos para a região do Tapajós-Trombetas (Figura 4). A confecção de muiraquitãs cerâmicos parece, assim, ser resultante de um tipo de emulação agentiva, que ao replicar um elemento de prestígio, acaba por alterar o seu significado, diminuindo o seu caráter exclusivo e transformando-o em um item de fácil acesso e replicação.



Figura 4. Muiraquitãs (acima) e labretes (abaixo) em cerâmica associados à fase Marajoara (Coleção do Instituto Cultural Banco Santos/ MAE; Fotos: Cristiana Barreto). À direita, para referência, um muiraquitã lítico típico da região de Santarém (Acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTI; Foto: Cristiana Barreto) e um labrete em calcedônia também encontrado no Marajó.

1. Usamos a definição de Miller (1985: 185) de emulação, isto é, o desejo de imitar ou copiar um grupo que está no poder e a adoção de produtos ou estilos associados a este grupo.

O que este exemplo nos ensina é justamente que a permeabilidade de um conjunto artefactual cerâmico para fluxos estilísticos se dá dentro de processos sociais específicos, cheios de sentidos, significados e intenções, e não necessariamente de forma espontânea somente a partir da interação de grupos sociais por proximidade ou vizinhança geográfica, ou mesmo por pertencimento a um mesmo sistema regional. Assim, ainda que o Marajó esteja em uma situação geográfica privilegiada para participar de redes que poderiam ter operado via rotas fluviais e costeiras ao longo da área estuarina, do Baixo Amazonas e do litoral norte paraense, a seleção, absorção e controle de como esses elementos estilísticos externos entram no repertório marajoara certamente não se dava de maneira aleatória, devendo ser minimamente determinado pelas dinâmicas internas dos diferentes grupos que habitavam a ilha durante a fase marajoara, e possivelmente marcadas pelo que Schaan identificou como rivalidade entre diferentes chefias em expansão (Schaan, 2004).

Considerações finais

Ao longo deste artigo buscamos aprofundar a análise sobre alguns dos processos que podem ter gerado a grande variabilidade tecnológica e estilística encontrada nas cerâmicas da fase Marajoara. Sugerimos que a recente revisão proposta por alguns autores de dissociá-la da Tradição Polícroma da Amazônia e tratá-la como um fenômeno híbrido (Neves, 2012; Almeida, 2013) trazem novos problemas, como o de explicar a semelhança estilística entre complexos cerâmicos tão distantes no espaço, como os da fase Napo (no Equador) e alguns estilos da Fase Marajoara. Ao analisarmos as diferentes cadeias operatórias desses estilos, concluímos que, apesar das diferentes sequências de técnicas de acabamento utilizadas, há uma clara intenção de se reproduzir um mesmo padrão visual e que, portanto, pelo menos alguns estilos das cerâmicas da fase Marajoara (Anajás inciso ou Pacoval Inciso, possivelmente mais recentes), se não participam plenamente desta grande esfera de compartilhamento estilístico pan-amazônico que representa a TPA, ao menos foram fortemente influenciados por certos princípios estilísticos desta tradição, e que contrastam com outros estilos da ilha, como os estilos Joanes e Arari, por exemplo. Assim, se pensarmos a fase Marajoara como o desenvolvimento de um sistema regional híbrido ou multiétnico, em que especificidades estilísticas demarcam identidades discretas dentro da ilha, devemos também pensar o que está sendo compartilhado dentro deste sistema regional, como, por exemplo, as temáticas humano-animal e as linguagens de representação de corpos (Barreto, 2014).

Por outro lado, esta relação ainda mal definida com a Tradição Polícroma nos leva a tentar isolar e melhor entender como se dão os processos de absorção e emulação de elementos externos às linguagens locais que se desenvolveram no Marajó, o que é possível de ser observado em algumas categorias específicas de objetos cerâmicos, como nos muiraquitãs e labretes líticos reproduzidos em cerâmica.

Acreditamos que muitas das ideias aqui propostas só poderão ser avaliadas a partir de um melhor entendimento do desenvolvimento desses diferentes estilos locais ao longo da fase Marajoara, quando contextualizados em uma cronologia mais fina. Isto certamente nos levaria a entender melhor como a tardia expansão da Tradição Polícroma da Amazônia a partir de 800 AD veio não só interferir no surgimento de alguns estilos locais, como Pacoval e Anajás inciso, e qual impacto isso teria tido sobre as redes de interação regional da qual participavam os grupos que habitavam o Marajó, sobretudo em seu desenvolvimento final.



A CERÂMICA MINA NO ESTADO DO PARÁ: OLEIRAS DAS ÁGUAS SALOBRAS DA AMAZÔNIA

Elisângela Regina de Oliveira
Maura Imazio da Silveira

RESUMEN

La cerámica Mina del estado de Pará: alfareras de las aguas salobres de Amazonía

Entre los años 1966 y 1973, el arqueólogo Mario Simões (MPEG) coordinó el Proyecto Salgado en el litoral paraense, desarrollando prospecciones regionales y excavaciones. A través del análisis de los atributos tecnológicos y decorativos de los fragmentos cerámicos identificados en los sambaquis investigados, Simões define la fase arqueológica Mina. Paralelamente, en base a las características tecnológicas del material cerámico encontrado en diferentes ocupaciones de sambaquis del norte-noreste de Brasil, este investigador estableció la tradición Mina. Las dataciones ^{14}C , entre 5570 y 3490 años AP (3.620 a 1.540 aC), para las fases Uruá y Mina respectivamente, posicionan a la tradición Mina como uno de los complejos cerámicos más antiguos del continente americano. Al final de los años 2000 nuevas investigaciones en el área de Salgado, identificaron cerámica Mina también en sitios arqueológicos sin Sambaqui y asociada con Terra Preta Arqueológica. Desde inicios del año 2010 están en marcha nuevos análisis tecnotipológicos de cerámica de la fase Mina. Por lo tanto, el propósito de este capítulo es presentar una historia de la investigación arqueológica de la costa de Pará, una breve caracterización de la cerámica de la fase Mina, su importancia en el debate sobre el inicio de la producción cerámica en la Amazonía, así como los datos obtenidos recientemente y las perspectivas futuras.

ABSTRACT

Mina ceramics from Pará: ceramists from the brackish waters of Amazonia

Between 1966 and 1973, archaeologist Mario Simões (MPEG) coordinated the Salgado Project in Pará coast, developing regional excavations and survey activities. Through the analysis of technological and decorative attributes of ceramic fragments identified in the surveyed middens, Simões defined the Mina archaeological phase. In parallel, based on technological characteristics of the ceramic materials identified in different shellmound sites in the north-northeast of the Brazil, this researcher established the Mina Tradition. Radiocarbon dates between 5570 and 3490 years BP (3620 to 1540 BC) obtained for the Uruá and Mina phases respectively positioned the Mina Tradition as one of the oldest ceramic complexes in the Americas. At the end of the years 2000, new research in the Salgado area also identified Mina ceramics in sites with Terra Preta (black earth) which are not shellmounds, and since 2010 a new project is undertaking technological and typological analysis of Mina phase ceramics. Therefore, the purpose of this chapter is to present a history of archaeological research in the Para coast, a brief characterization of Mina ceramics, its importance in the debate about the emergence of pottery production in the Amazon, as well as data recently obtained and future prospects.

Arqueologia no litoral paraense e o Projeto Salgado

O litoral Atlântico paraense – ou microrregião do Salgado – compreende a zona litorânea que se estende da baía do Marajó à foz do rio Gurupi, no nordeste do estado do Pará (Figura 1). Trata-se de uma região recortada por profundas reentrâncias na linha costeira, com inúmeras ilhas separadas do continente e entre si por canais ou furos, e que possui uma miríade de ambientes (dunas, mangues, planícies costeiras, terraços marinhos, praias, campos salinos e matas) que propiciam o desenvolvimento de grande variedade de recursos da flora e fauna terrestres e aquáticas. As principais baías formadas pelos estuários dos mais importantes rios que drenam esta região são as de Maracanã, Pirabas, Japerica, Quatipuru, Caeté e Gurupi (Mendes et al., 2001; Souza Filho, 2005; Souza Filho et al., 2008).

Vestígios de ocupações humanas pré-coloniais nesta região são conhecidos no meio científico desde a segunda metade do século XVIII, através da publicação de relatos escritos por viajantes naturalistas. A maior parte das informações relacionavam-se a sítios arqueológicos denominados **sambaquis**, localmente conhecidos como “minas de cernambi” ou simplesmente “minas” (Lins et al., 2004).

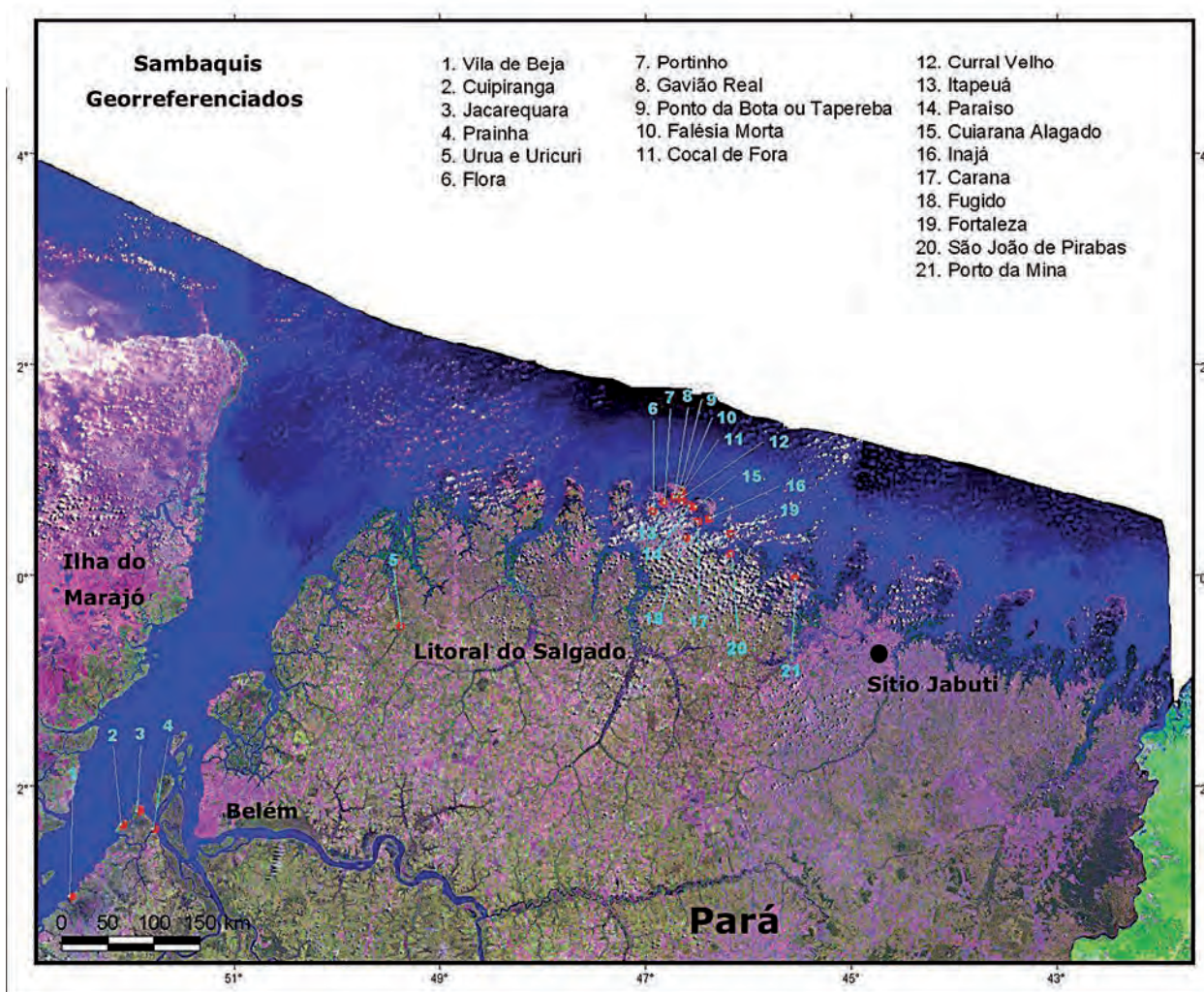


Figura 1. Imagem de satélite da região leste do estuário Amazônico e do Salgado Paraense com a localização dos sambaquis registrados pelo Projeto Salgado e do sítio Jabuti (Silveira et al., 2011).

Tais crônicas já destacavam a intensa exploração da matriz de conchas das “minas de cernambi”, com a finalidade de produção de cal, utilizada principalmente na construção civil e na pavimentação de ruas. Este quadro de exploração possibilitou, por um lado, maior acesso tanto aos locais de implantação quanto aos vestígios arqueológicos dos sambaquis e, por outro, a rápida destruição de grande parte desses sítios arqueológicos.

A partir da análise descritiva, por vezes comparativa com materiais identificados em sambaquis do litoral sul do país, alguns viajantes naturalistas publicaram relatos, com maior ou menor grau de detalhamento, sobre os vestígios e o ambiente no entorno dos sambaquis amazônicos.

A primeira publicação sobre sambaquis litorâneos no estado do Pará data de 1768 e refere-se à presença de grandes “minas” às margens dos rios Maracanã e Marapanim (Noronha, 1856). Porém, o relato mais sistemático sobre esse tipo de sítio arqueológico se deve a Domingos Soares Ferreira Penna.

Na segunda metade do século XIX Ferreira Penna descreveu sete sambaquis localizados entre as baías de Salinas e Japerica, registrando detalhadamente suas dimensões, formas, vestígios encontrados e estado de conservação. De acordo com Penna, os sambaquis localizavam-se em áreas próximas a ambientes variados, como praias, campos salinos, florestas, dunas, mangues, lagos, rios e igarapés, sendo geralmente circunscritos por manguezais (Ferreira Penna, 1876).

Ferreira Penna também foi responsável por relatar a existência de sambaquis ao longo do Baixo Amazonas, perto de Óbidos e no baixo Tocantins, onde identificou os sambaquis Curuçá e Jassapetuba, próximos à cidade de Cametá, estado do Pará (Ferreira Penna, 1973).

Ainda na segunda metade do século XIX, dentre todos os viajantes que registraram informações sobre os sambaquis amazônicos, em sua grande maioria geólogos de formação, destacam-se Barbosa Rodrigues (1876) e Charles F. Hartt (1885). Este último, apesar de realizar visitas a alguns sítios no litoral Atlântico, tinha interesse principalmente nos sambaquis fluviais do Baixo Amazonas, tendo sido responsável pela identificação, dentre outros, do sambaqui Taperinha (Hartt, 1885; Roosevelt et al., 1991).

Em fins do século XIX e início do século XX, Jacques Huber e Karl von Kraatz-Koschlau, em expedição à região litorânea Bragantina (Kraatz-Koschlau; Huber, 1900) e os geólogos Friedrich Katzer (1933) e Othon Henry Leonardos (1938) escreveram relatos sobre os sambaquis do estado do Pará. Após essas contribuições, seguiu-se um período de mais de 30 anos até que os sambaquis localizados no litoral paraense voltassem a ser foco de interesse de pesquisas científicas.

Desta forma, a primeira pesquisa arqueológica sistemática no litoral do Salgado paraense foi desenvolvida somente em fins da década de 1960. Mário Ferreira Simões e Conceição G. Corrêa, pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), foram os responsáveis pela coordenação do **Projeto Salgado**. Os objetivos deste projeto, delineados segundo as diretrizes estabelecidas pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) e Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (PRONAPABA), eram estabelecer sequências do desenvolvimento cultural e temporal da ocupação humana pré-colonial no litoral do Pará, reconstruir os padrões de subsistência adotados por estas sociedades e fazer análises comparativas dos dados aí obtidos com os de complexos similares localizados na Guiana, Colômbia, Venezuela e nos estados do Maranhão e Bahia (Simões, 1981).

Durante o levantamento arqueológico na área, a equipe do Projeto Salgado registrou o avançado estado de deterioração da maioria dos sambaquis da região, quase que totalmente destruídos pela já mencionada

exploração para fabricação de cal, além de atividades agrícolas e processos erosivos naturais, em consequência da dinâmica costeira. No total foram registrados 46 sambaquis e 16 sítios arqueológicos relacionados a grupos ceramistas não sambaqueiros (Corrêa, 1985; Corrêa; Simões, 1971; Simões, 1981).

Os sambaquis do Salgado, como fora anotado por Ferreira Penna (1876), geralmente situam-se nas margens de rios, furos e no interior de baías e ilhas, sendo quase sempre cercados por manguezais. Embora normalmente ocupando pequenas áreas, variando de 0,1 a 2 ha, a espessura do refugio arqueológico alcançou até 4 m de profundidade em alguns desses assentamentos, de acordo com o observado a partir das escavações realizadas pela equipe do Projeto Salgado (Simões, 1981).

A fauna malacológica é composta predominantemente por *Anomalocardia brasiliana*, seguida por *Crassostrea* sp. e *Mytella* sp. A abundância das conchas destas espécies, aliada a presença em grande quantidade de carapaças de crustáceos e ossos de peixes, em comparação com as evidências de vertebrados terrestres, levou Simões a sugerir que os grupos humanos que aí viveram possuíam uma dieta predominantemente voltada aos recursos aquáticos (Simões, 1981).

Em razão do estado de conservação, os trabalhos de escavação nos sambaquis foram centrados naqueles considerados pelos coordenadores do Projeto Salgado como mais bem preservados: **PA-SA-5: Porto da Mina** e **PA-SA-6: Ponta das Pedras**.

Nestes sambaquis foram realizadas coletas superficiais e abertura de cortes estratigráficos escavados em níveis artificiais de 20 cm (Figura 2), nos quais foi coletada a maior parte das amostras de peças cerâmicas, líticas, ósseas e em conchas, além da evidenciação de fogueiras e sepultamentos primários (Simões, 1981). Devemos aqui ressaltar que a mesma metodologia foi aplicada na escavação dos sítios não sambaquis do litoral (Corrêa, 1985; Corrêa; Simões, 1971).

O material cerâmico proveniente dos 62 sítios arqueológicos registrados no litoral paraense foi agrupado por Simões e equipe nas seguintes fases: Areão, Marudá, Mina, Mururé, Quatipuru, Tijoca, Tucumã e Uruá (Corrêa, 1985; Corrêa; Simões, 1971; Simões, 1981).

Em razão do enfoque aqui definido, não serão detalhadas informações referentes às fases Areão, Marudá, Mururé, Quatipuru, Tijoca e Tucumã, relacionadas aos 16 sítios não sambaqui catalogados. Os dados disponíveis sobre as mesmas encontram-se nos trabalhos de Conceição G. Corrêa, principalmente sua dissertação de mestrado (Corrêa, 1985; Corrêa; Simões, 1971).

Todavia, deve-se destacar que desde os anos 1980 este material não foi objeto de novas interpretações, tampouco foram feitas análises complementares, tecnotipológicas ou físico-químicas. Portanto, questões relacionadas à continuidade e mudanças na longa história da ocupação humana da zona litorânea do estado do Pará permanecem em aberto.

Por exemplo, os dois sítios da fase Areão, localizados em áreas de dunas e sobre aterros, foram relacionados à tradição Mina, em razão da semelhança no emprego de alguns atributos (forma, decoração e antiplástico) na confecção dos artefatos cerâmicos e na ocupação do mesmo ambiente, em comparação com a fase Mina (Corrêa; Simões, 1971). Mas o que exatamente isto quer dizer? Infelizmente, os dados atualmente disponíveis não permitem a condução de debates acerca de quaisquer hipóteses que possam ser estruturadas acerca desta questão.

No atual estágio do conhecimento arqueológico acumulado, situação semelhante pode ser observada com relação a todas as ocupações sambaqueiras na Amazônia.



Figura 2. Aspectos do trabalho de campo no sítio PA-SA-05: Porto da Mina. a) Abertura de corte estratigráfico (Foto: Mário Simões, 1968. Acervo MPEG). b) Coleta de amostras para análise de pólen no perfil da Quadra I (Foto: Mário Simões, 1968. Acervo MPEG).

A tradição Mina e ocupação sambaqueira da Amazônia

Em praticamente todos os sambaquis amazônicos já identificados (litorâneos e fluviais) foi encontrado material cerâmico de pequenas dimensões, com antiplástico predominantemente de areia, caraipe e concha moída. Nesses sítios, os vestígios cerâmicos não se restringem às camadas superficiais da estratigrafia, em grande parte ocorrem do topo a base ou são encontrados até grandes profundidades (Gaspar; Silveira, 1999; Miller, 2009; Perota, 1992; Perota; Botelho, 1994; Roosevelt, 1995; Roosevelt et al., 1991; Simões, 1981).

A produção cerâmica entre os grupos sambaqueiros do litoral Norte é uma das características que mais os distinguem daqueles localizados no litoral das regiões Sul e Sudeste do país, para os quais há um extenso histórico de pesquisas arqueológicas (Barbosa-Guimarães; Gaspar, 1998; De Blasis et al., 1998, 2007; Gaspar, 1998, 2000; Lima, 1999/2000; Tenório, 2003, 2004). Nos sambaquis do Sul/Sudeste a ocorrência de cerâmica se restringe à superfície e aos primeiros níveis da estratigrafia, sendo considerada pela grande maioria dos autores como uma cultura distinta e posterior a sambaqueira, geralmente associadas às tradições Una, Tupiguarani e Taquara (Gaspar, 2000; Buarque, 1999; De Blasis et al., 2007).

Outra característica distinta nos sambaquis do Norte, em comparação com os localizados em outras partes do Brasil, é a invariável antiguidade da produção cerâmica a eles associada, ao redor de 8 e 2 mil anos AP (Gaspar; Silveira, 1999; Perota, 1992; Perota; Botelho, 1994; Roosevelt, 1995; Roosevelt et al., 1991; Silveira et al., 2011; Simões, 1981).

Com relação à produção cerâmica no interior de sociedades sambaqueiras, ao observar que este padrão se estendia até a região Nordeste do Brasil (Calderón, 1964) e ao litoral Norte da Guiana (Evans e Meggers, 1960), a equipe dos programas PRONAPA e PRONAPABA preconizou a existência de uma tradição

ceramista regional. A gênese desta tradição estaria relacionada à dispersão de grupos sambaquieiros produtores de cerâmica localizados no Equador e Venezuela, cujas datações eram as mais antigas até então conhecidas. A este complexo do nordeste da América do Sul, Mário Simões deu o nome de tradição Mina (Simões, 1981).

Não obstante, esta tradição permanece pouquíssimo conhecida. Em linhas gerais, possui grande alcance geográfico e profundidade cronológica, cuja definição está intimamente ligada ao estabelecimento, pelo próprio Mário Simões, da fase Mina, a partir do material cerâmico encontrado nos 43 sambaquis catalogados entre os anos 1960 e 1970 no âmbito do Projeto Salgado.

Avaliando as “semelhanças nos padrões de assentamento, subsistência e características da cerâmica”, Simões (1981: 20) postulou que a tradição arqueológica Mina englobaria ocupações relacionadas à exploração de meios aquáticos fluviais, estuarinos ou litorâneos. Além disso, tais populações seriam produtoras de cerâmicas com formas predominantemente simples e abertas, superfícies sem decoração ou com incisões e engobo em pequena quantidade, e cujo antiplástico, em maior ou menor escala, apresentaria conchas trituradas em sua composição.

Assim sendo, de acordo com as informações disponíveis, a esta tradição foram relacionadas as seguintes fases (Silveira; Schaan, 2005; Silveira et al., 2011; Simões, 1981):

- **Mina:** relacionada aos sambaquis do Salgado paraense e da Ilha de São Luís, no Maranhão (Bandeira, 2008, 2012; Silveira et al., 2011; Simões, 1981);
- **Uruá:** relacionada aos sambaquis da região do Salgado, em cuja matriz foi observada predominância de conchas de gastrópodes fluviais (Simões, 1981);
- **Areão:** relacionada a dois sítios não sambaquis localizados em aterros na região de areões, dunas e campos a noroeste da ilha de Marudá, município de Marapanim, zona do Salgado paraense;
- **Castália:** relacionada ao sambaqui fluvial da Ponta do Jauari, no Lago Grande do Curuá, a oeste da cidade de Alenquer, Pará, no Baixo Amazonas (Hilbert, 1959; Simões, 1972);
- **Macapá:** relacionada a dois sambaquis fluviais localizados nas margens do igarapé Paranã, também conhecido como Tamanduá, na margem direita do baixo rio Xingu (Perota, 1992);
- **Alaka:** relacionada aos sambaquis do litoral da Guiana (Evans; Meggers, 1960; Williams, 1981);
- **Guará** (fase e tradição): relacionada a dois sambaquis (PA-AL-44: Guará I e PA-AL-45: Guará II) localizados na margem esquerda do baixo rio Xingu, especificamente na foz do igarapé do Guará, estado do Pará (Perota; Botelho, 1994);
- **Periperi** (fase e tradição): identificada nos sambaquis localizados por Valentin Calderón no Recôncavo Baiano (Simões, 1972).

Com relação às fases **Castália** e **Macapá**, apenas descrições gerais sobre a localização dos sítios e materiais associados foram publicadas (respectivamente, Hilbert, 1959; Perota, 1992). Se pesquisas detalhadas foram realizadas, os resultados nunca vieram a público, tampouco houve novas pesquisas de campo e/ou análises laboratoriais com relação a estes contextos (Silveira; Schaan, 2005). Destaca-se, todavia, a cronologia antiga obtida para o complexo Macapá, com datas entre 3170 e 1650 anos AP para os dois sítios identificados. Tais dados aproximam temporalmente a ocupação destes sambaquis localizados no baixo rio Xingu com a ocupação do litoral do Salgado (Tabela 1).

No caso das fases/tradições **Guará** e **Periperi** nunca foi, de fato, estabelecida relação com a tradição Mina. Apesar de Simões (1981) e Perota e Botelho (1994) citarem que estes complexos e a tradição Mina possuíam similaridades, tal possibilidade foi apenas aventada. Com relação à fase/tradição Guará, as características gerais descritas para o material cerâmico são, de fato, semelhantes as da fase Mina, bem como a cronologia, ao redor de 2255 e 550 anos AP (Tabela 2). Porém, apenas dois sambaquis fluviais localizados no baixo Xingu foram relacionados a ela, e após o trabalho de Celso Perota não voltaram a ser objeto de estudos (Perota; Botelho, 1994).

Com relação à fase/tradição Periperi, até os dias atuais apenas o sambaqui litorâneo Pedra Oca foi de fato escavado. Localizado na região norte da cidade de Salvador, na Baía de Todos os Santos (BA), estava parcialmente destruído, assim como os sambaquis do Salgado, quando o arqueólogo Valentin Calderón o escavou nos anos 1960 (Calderón, 1964). De acordo com este autor, nos 51 fragmentos cerâmicos coletados predominavam a técnica de manufatura roletada, o uso de antiplástico mineral (areia grossa e fina), o alisamento simples das superfícies e formas de contornos simples. Além da ocupação sambaqueira, a cronologia recuada (Tabela 2) são os pontos de semelhança desta fase/tradição com a tradição Mina.

Apesar de outros sambaquis terem sido descobertos e escavados no estado da Bahia desde então (Amancio-Martinelli, 2007; Silva, 2000), estas pesquisas centraram-se em aspectos geológicos do processo de formação deste tipo de sítio. Assim sendo, não há descrições detalhadas sobre o material cerâmico e/ou hipóteses sobre as relações ou não deste com o complexo Mina. Desta feita, tal proposição jamais foi refutada ou confirmada.

Nota-se que, aparentemente, a semelhança entre todos estes complexos reside no fato de que os sítios arqueológicos em questão são sambaquis cujas sociedades eram adaptadas ao forrageio em meio ambiente aquático e às quais está associada uma antiga indústria ceramista, na qual predomina a utilização de areia e conchas como elementos antiplásticos.

Para a fase **Uruá** também não há descrição detalhada do material associado. De acordo com Simões, esta seria posterior à fase Mina, em razão da mudança no padrão de subsistência (diversificação da caça e restrição da coleta de moluscos a uma grande espécie de gastrópode fluvial, *Pomatia linneata* ou Uruá), na dimensão reduzida destes sambaquis em comparação com os relacionados à fase Mina¹ e a crescente adoção de maior quantidade de areia, em detrimento das conchas como aditivo para a pasta cerâmica (Silveira; Schaan, 2005; Simões, 1981). Contudo, este cenário foi desestruturado em meados dos anos 1990, em razão da publicação de datações muito recuadas, relacionadas ao sítio PA-SA-23: Uruá, como será apresentado adiante.

Por outro lado, apesar de também não possuírem informações detalhadas publicadas com relação aos diferentes tipos de materiais arqueológicos, estratigrafia, padrão de assentamento ou análises dos espaços intra e intersítios, as fases **Mina** e **Alaka** são contextos recorrentemente citados na bibliografia. Este quadro se dá em razão da cronologia destes complexos (Tabelas 1 e 2) e o uso que alguns autores fazem do seu posicionamento na discussão sobre a antiguidade da produção cerâmica no continente americano (Hoopes, 1994; Meggers, 1987b, 1997; Meggers; Evans, 1983; Oliveira, 2008; Roosevelt, 1992, 1995; Roosevelt et al., 1991).

1. Cabe ressaltar que apenas três sambaquis filiados à fase Uruá foram identificados no litoral do Salgado, em comparação com os 43 relacionados à fase Mina. Dessa forma, não há parâmetros seguros para correlações entre o tamanho dos assentamentos relativos a cada fase.

A antiguidade da cerâmica na Amazônia

Com datação ^{14}C de 5115 ± 195 anos AP para a fase Mina (Simões, 1981) e de 5965 ± 50 anos AP para a fase Alaka (Hoopes, 1994; Roosevelt, 1995; Williams, 1981), ambos os complexos situam-se entre os mais antigos de todas as Américas (Hoopes, 1994; Meggers, 1987b, 1997; Roosevelt, 1995). De fato, diversificadas sequências de datações ^{14}C provenientes de diferentes sítios arqueológicos até o momento indicam o norte da América do Sul como sendo a região onde se encontram os mais antigos sítios arqueológicos com indícios de produção cerâmica (compilação e revisão destes dados podem ser obtidas em Hoopes, 1994; Meggers, 1987b, 1997).

É possível observar na Figura 3 uma polarização destes sítios nos extremos leste e oeste sul-americanos. Na porção oeste, tais sítios encontram-se na região costeira ou nas suas proximidades. Na porção leste, os sítios localizam-se no litoral da Guiana (fase Alaka) e na bacia amazônica, no baixo curso dos rios Amazonas (cerâmica Taperinha) e Xingu (fase Macapá) e na zona costeira (fases Mina e Uruá).

Até a década de 1980, os dados disponíveis na bibliografia sugeriam que o início da produção cerâmica ocorreria na área a oeste. Contudo, a publicação de datações ^{14}C entre 8 e 6 mil anos AP, provenientes do sambaqui Taperinha, localizado no Baixo Amazonas (Roosevelt et al., 1991), e da datação ^{14}C de 5570 ± 125 anos AP para o sítio PA-SA-23: Uruá (fase Uruá) no início da década de 1990 (Roosevelt, 1995), ofereceu novas perspectivas ao debate acerca dos mecanismos que influenciaram o início da produção cerâmica no continente.

Tais dados, principalmente a datação para a ocupação ceramista do sambaqui Taperinha (Figura 4), em torno de 1500 anos, mais antiga que as referentes aos sítios do extremo oeste do continente, motivaram uma revisão dos paradigmas estabelecidos, uma vez que postulavam, por um lado, uma grande antiguidade para a ocupação humana no interior da Floresta Tropical e, por outro, que a tecnologia cerâmica não havia sido aí introduzida em período tardio.

Cabe destacar que ao longo deste processo houve acalorados debates teóricos e éticos. Dois dos momentos mais tensos destes embates, relacionados à publicação da datação que recuou a temporalidade da tradição Mina em quase 500 anos, proveniente do sambaqui Uruá, e de uma série de datações igualmente antigas relacionadas ao complexo Alaka, podem ser encontrados na leitura dos trabalhos de Betty Meggers (1997), Anna Roosevelt (1995, 1997) e Denis Williams (1997).

À época, Betty Meggers trabalhava com a hipótese da antiguidade precursora do complexo cerâmico Valdivia, localizado no litoral sul do Equador, como também com o modelo teórico difusionista para explicar tanto a origem quanto a suposta dispersão deste complexo pelo noroeste da América do Sul (Ford, 1969; Meggers, 1987b, 1997; Meggers; Evans; Estrada, 1965).

A gênese do complexo Valdivia foi teorizada principalmente através do estabelecimento de cronologias relativas, obtidas pela análise comparativa de atributos estilísticos e tecnológicos do material cerâmico. Desta forma, Meggers e colaboradores identificaram traços semelhantes entre as indústrias cerâmicas da fase Valdivia e do complexo Jomon, o mais antigo conhecido no mundo, datado em cerca de 12700 anos AP (Aikens, 1995).

Com o objetivo de construir uma explicação para esta difusão, Meggers, Evans e Estrada elaboraram, em meados dos anos 1960, a famigerada tese da **migração Transpácífica**. Segundo esta tese, a tecnologia

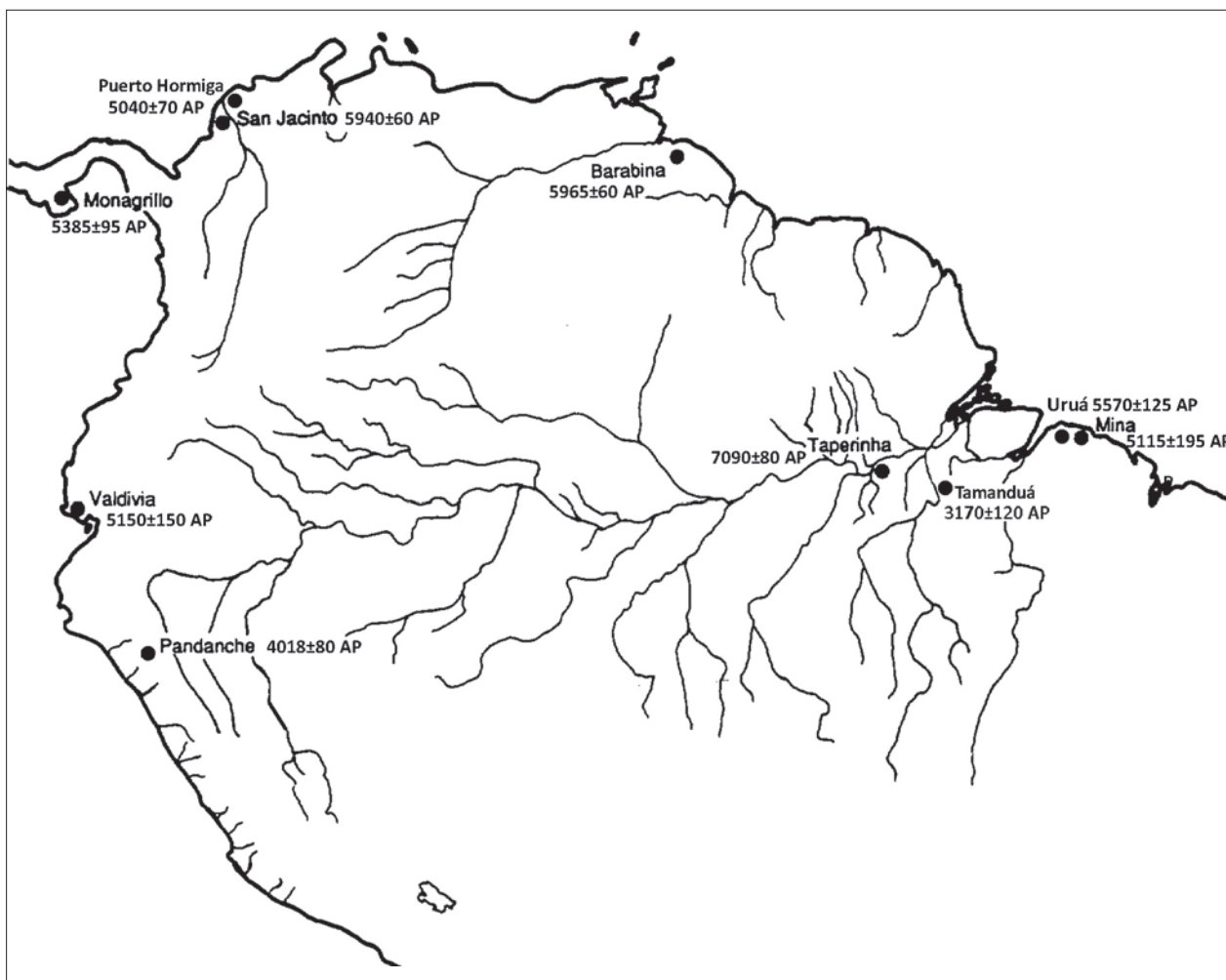


Figura 3. Mapa indicando a localização dos sítios arqueológicos nos quais foram identificados alguns dos complexos cerâmicos mais antigos do continente Americano – datações não calibradas (adaptado de Hoopes, 1994: 12)

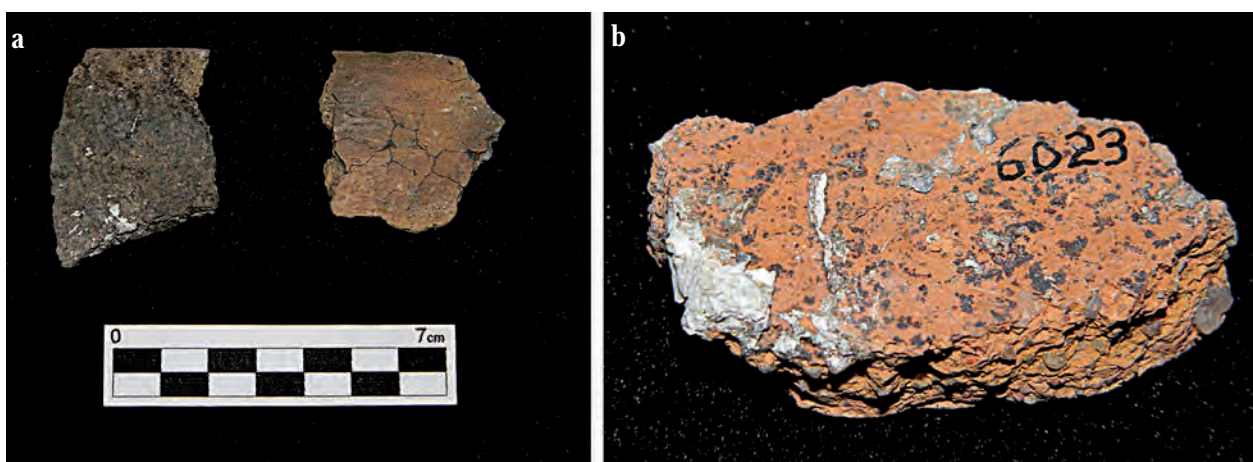


Figura 4. Fragmentos cerâmicos provenientes do sambaqui fluvial Taperinha, baixo Amazonas. 4a) Dois fragmentos de borda com decoração plástica (incisões e entalhe no lábio) coletados por Charles F. Hartt em 1871 (Foto: Elisângela Oliveira. Acervo MPEG). 4b) Detalhe da pasta (com grande quantidade de antiplástico mineral) de um fragmento cerâmico coletado por Anna Roosevelt e equipe durante escavação realizada em 1987 (Foto: Elisângela Oliveira. Acervo MPEG).

cerâmica teria sido introduzida no litoral do Equador por volta de 5000 anos por naufragos japoneses, cultura que então dominava as técnicas oleiras há quase 8 mil anos. Para os autores, tal migração explicaria o nível de sofisticação decorativo e técnico encontrado no complexo Valdivia e nos demais complexos cerâmicos americanos do período Formativo, que dele teriam derivado (Meggers, 1987b; Meggers; Evans; Estrada, 1965).

Em posição diametralmente oposta, Hoopes (1994) e Roosevelt (1995) conceberam o início da produção cerâmica como um processo dinâmico, no qual estariam envolvidos diversos centros independentes de inovação, para cujo desenvolvimento a existência prévia de um centro produtor e fornecedor de tecnologia não seria condição primordial, tampouco inegável.

Além da posição teórica divergente, Roosevelt indicou que, independente do processo pelo qual se desenvolveu a técnica da fabricação cerâmica no continente, os mais antigos indícios desta produção localizam-se nas terras baixas da América do Sul, ao longo do curso do rio Amazonas. Portanto, se ao modelo de centros independentes se sobrepõe, de fato, o difusionismo tal qual definido por Meggers, fazia-se necessária a inversão da rota de difusão (Roosevelt, 1995; Roosevelt et al., 1991).

De fato, o contexto cronológico disponibilizado no início dos anos 1990 para os complexos ceramistas do interior da Amazônia possibilitou um maior embasamento das críticas ao rótulo de área periférica com o qual historicamente a bibliografia apresentava a ocupação humana na Floresta Tropical (Meggers, 1954, 1979, 1987a, 1998; Meggers; Evans, 1957; Steward, 1948). Por outro lado, permitiu também a polarização, durante alguns anos, entre os modelos interpretativos acerca do início da produção cerâmica nas Américas.

Este quadro contribuiu para o fato de muitos arqueólogos relegarem a segundo plano outros aspectos igualmente importantes neste debate, como a extrema diversidade de formas, técnicas de manufatura, decorações e certamente funções dos artefatos cerâmicos dos complexos iniciais tanto do oeste quanto do leste, bem como, para além da confecção dos artefatos cerâmicos, a implantação na paisagem, estratégias de subsistência e a variedade de outros vestígios (líticos, ósseos, faunísticos, malacológicos, sepultamentos) associados a estes sítios.

O fato de o início da produção cerâmica ter se processado no interior de sociedades sambaquieiras é um padrão observado nos antigos complexos cerâmicos do continente (Barnett; Hoopes, 1995; Hoopes, 1994; Roosevelt, 1995). Apesar de pesquisadores terem apontado diferenças com relação ao ambiente ocupado e às características tecnológicas do material cerâmico relacionado aos sambaquis fluviais do Baixo Amazonas e os localizados no litoral Atlântico Amazônico (Hoopes, 1994; Roosevelt, 1995; Roosevelt et al., 1991; Silveira; Schaan, 2005), esses grupos compartilharam algo neste estilo de vida que parece ter impulsionado não apenas o início do fabrico de vasilhames cerâmicos, como também a manutenção desta produção durante um longo período de tempo, e que permanece desconhecido.

Apesar de alguns autores terem proposto teorias para explicar as razões do início da produção cerâmica, como Oyuela-Caycedo (1995), que vê no surgimento da cerâmica o nascimento de uma nova categoria de objetos de poder e distinção social, que apenas posteriormente foi transferida para a esfera coloquial, este processo ainda está por ser investigado de maneira incisiva. Portanto, o debate com relação aos mecanismos precursores da produção cerâmica está apenas no início.

Tabela 1. Cronologia da tradição Mina no estado do Pará (adaptado de Gaspar; Silveira, 1999: 251-252; Hoopes, 1994: 7-8; Roosevelt, 1995: 117; Simões, 1981: 18).

Durante a compilação dos dados foram observadas algumas incongruências (destacadas em negrito). Por exemplo, no sítio Porto da Mina, a amostra SI1038 publicada por Roosevelt (1995) possui os mesmos dados que a amostra SI1036 publicada por Simões (1981), que por sua vez foi divulgada por Roosevelt (1995) com profundidade (nível) e datação (AP) diferentes. Optamos por apresentar os dados tais quais publicados originalmente, destacando as informações conflitantes.

NOME DO SÍTIO	TIPO DE SÍTIO	FASE	NÍVEL (CM)	NATUREZA DA AMOSTRA	LABORATÓRIO N.º, AMOSTRA ²	DATAÇÃO ¹⁴ C AP	DATAÇÃO ¹⁴ C AC ³	REFERÊNCIAS
PA-SA-05: Porto da Mina	sambaqui	Mina	60 - 80	Carvão	SI 1035	4610 ± 55	2660	Roosevelt, 1995
PA-SA-05: Porto da Mina	sambaqui	Mina	60 - 80 (corte 2)	Concha	SI 2543	4740 ± 80	2790	Roosevelt, 1995
PA-SA-05: Porto da Mina	sambaqui	Mina	60 - 80 (corte 2 - quadra A)	Concha (antiplástico)	SI 2544	4380 ± 80	3340 - 2790*	Hoopes, 1994 Roosevelt, 1995 Simões, 1981
PA-SA-05: Porto da Mina	sambaqui	Mina	120 - 140 (corte 2 - quadra A)	Carvão	GX 2472	5115 ± 195	4350 - 3390*	Hoopes, 1994 Roosevelt, 1995 Simões, 1981
PA-SA-05: Porto da Mina	sambaqui	Mina	180 - 200	Concha	SI 2545	4695 ± 80	2745	Roosevelt, 1995
PA-SA-05: Porto da Mina	sambaqui	Mina	180 - 200 (corte 2 - quadra A)	Concha (antiplástico)	SI 2546	5050 ± 85	3100	Roosevelt, 1995 Simões, 1981
PA-SA-05: Porto da Mina	sambaqui	Mina	280 - 300 (corte 2 - quadra A)	Carvão	SI 1036	5045 ± 95	_____	Simões, 1981
PA-SA-05: Porto da Mina	sambaqui	Mina	180 - 200	Carvão	SI 1036	5070 ± 95	3120	Roosevelt, 1995

2. Os laboratórios, identificados pelas siglas, são:

BETA: Beta Analytic (Miami - EUA)

GIF: Centre de Faibles Radioactivités - Laboratoire Mixte CNRS-CEA (Gif-sur-Yvette, França)

GX: Geochron Laboratories, Inc. (EUA)

KIA: Leibniz Laboratory for Radiometric Dating and Stable Isotope Research - Christian Albrechts University of Kiel (Alemanha)

SI: Smithsonian Institution (Washington, DC - EUA)

3. Datas calibradas de acordo com Roosevelt (1995: 117), com exceção das três sinalizadas com o símbolo (*), estas calibradas a 2 sigma, 95%, com o programa CALIB 3.03 (Stuiver; Pearson, 1993), de acordo com o apresentado por Hoopes (1994: 7-8).

Tabela 1 (cont.). Cronologia da tradição Mina no estado do Pará (adaptado de Gaspar; Silveira, 1999: 251-252; Hoopes, 1994: 7-8; Roosevelt, 1995: 117; Simões, 1981: 18).

Durante a compilação dos dados foram observadas algumas incongruências (destacadas em negrito). Por exemplo, no sítio Porto da Mina, a amostra SI1038 publicada por Roosevelt (1995) possui os mesmos dados que a amostra SI1036 publicada por Simões (1981), que por sua vez foi divulgada por Roosevelt (1995) com profundidade (nível) e datação (AP) diferentes. Optamos por apresentar os dados tais quais publicados originalmente, destacando as informações conflitantes.

NOME DO SÍTIO	TIPO DE SÍTIO	FASE	NÍVEL (CM)	NATUREZA DA AMOSTRA	LABORATÓRIO N.º. AMOSTRA ²	DATAÇÃO ¹⁴ C AP	DATAÇÃO ¹⁴ C AC ³	REFERÊNCIAS
PA-SA-05: Porto da Mina	sambaqui	Mina	220 - 240	Carvão	SI 1037	4750 ± 65	2800	Roosevelt, 1995
PA-SA-05: Porto da Mina	sambaqui	Mina	280 - 300	Carvão	SI 1038	5045 ± 95	3095	Roosevelt, 1995
PA-SA-05: Porto da Mina	sambaqui	Mina	300 - 320	Carvão	GX 2473	4340 ± 235	—	Gaspar e Silveira, 1999
PA-SA-06: Ponta das Pedras	sambaqui	Mina	40 - 60 (quadra A)	Carvão	SI 1030	4500 ± 90	3500 - 2910*	Hoopes, 1994 Roosevelt, 1995 Simões, 1981
PA-SA-06: Ponta das Pedras	sambaqui	Mina	60 - 80 (quadra A)	Carvão	SI 1031	4090 ± 90	—	Simões, 1981
PA-SA-06: Ponta das Pedras	sambaqui	Mina	60 - 80 (quadra A)	Carvão	SI 1031	4090 ± 95	2140	Roosevelt, 1995
PA-SA-06: Ponta das Pedras	sambaqui	Mina	80 - 100 (quadra B)	Carvão	GX 2474	3490 ± 195	1540	Roosevelt, 1995 Simões, 1981
PA-SA-23: Uruá	sambaqui	Uruá	60 - 80	Carvão	SI 1032	545 ± 70	—	Gaspar e Silveira, 1999
PA-SA-23: Uruá	sambaqui	Uruá	140 - 160	Carvão	GX 2475	3665 ± 160	—	Gaspar e Silveira, 1999
PA-SA-23: Uruá	sambaqui	Uruá	160 - 180	Carvão	SI 1033	2105 ± 135	—	Gaspar e Silveira, 1999
PA-SA-23: Uruá	sambaqui	Uruá	200 - 220	Carvão	SI 1034	5570 ± 125	3620	Roosevelt, 1995
PA-SA-04: Areão	cerâmico a céu aberto	Areão	—	—	—	1430	—	Corrêa, 1985
PA-SA-75: Jabuti	cerâmico a céu aberto com TPA	—	70 (perfil 1)	Carvão	KIA 24922	2900 ± 26	1106 - 1050	Silveira et al. 2010, 2011
PA-AL-18: Tamandua	sambaqui	Macapá	—	—	BETA 27418	3170 ± 120	—	Perota, 1992
PA-AL-18: Tamandua	sambaqui	Macapá	—	—	SI 3517	1650 ± 70	—	Perota, 1992

Tabela 2. Cronologia das tradições/fases Guará (baixo rio Xingu, estado do Pará) e Periperi (Recôncavo Baiano) e da fase Alaka (litoral norte da Guiana). Comumente a literatura indica relações, ainda não detalhadamente descritas, entre estes complexos cerâmicos e a tradição regional Mina (adaptado de Gaspar; Silveira, 1999: 252-254; Perota; Botelho, 1994: 57-58; Roosevelt, 1995: 117; Simões, 1972: 61).

NOME DO SÍTIO	TIPO DE SÍTIO	FASE	NÍVEL (CM)	NATUREZA DA AMOSTRA	LABORATÓRIO N.º. AMOSTRA ²	DATAÇÃO ¹⁴ C AP	DATAÇÃO ¹⁴ C AC ⁴	REFERÊNCIAS
PA-AL-44: Guará I	sambaqui	Guará	—	Carvão	BETA 17125	550 ± 80	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-44: Guará I	sambaqui	Guará	—	Carvão	SI 7142	840 ± 60	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-44: Guará I	sambaqui	Guará	—	Carvão	SI 7143	850 ± 85	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-44: Guará I	sambaqui	Guará	—	Carvão	SI 7144	1485 ± 75	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-45: Guará II	sambaqui	Guará	—	Carvão	SI 7149	860 ± 55	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-45: Guará II	sambaqui	Guará	—	Carvão	SI 7145	870 ± 85	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-45: Guará II	sambaqui	Guará	—	Carvão	BETA 21769	920 ± 80	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-45: Guará II	sambaqui	Guará	—	Carvão	SI 7148	940 ± 130	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-45: Guará II	sambaqui	Guará	—	Carvão	SI 7141	1000 ± 55	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-45: Guará II	sambaqui	Guará	—	Carvão	SI 7174	1050 ± 60	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-45: Guará II	sambaqui	Guará	—	Carvão	BETA 21770	1060 ± 70	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-45: Guará II	sambaqui	Guará	—	Carvão	BETA 27419	1080 ± 80	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-45: Guará II	sambaqui	Guará	—	Carvão	BETA 27025	1090 ± 60	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-45: Guará II	sambaqui	Guará	—	Carvão	BETA 21768	1200 ± 80	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-45: Guará II	sambaqui	Guará	—	Carvão	SI 7150	1255 ± 70	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-45: Guará II	sambaqui	Guará	—	Carvão	BETA 27023	1370 ± 80	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-45: Guará II	sambaqui	Guará	—	Carvão	BETA 27027	1480 ± 120	—	Perota e Botelho, 1994
PA-AL-45: Guará II	sambaqui	Guará	—	Carvão	SI 7146	2255 ± 55	—	Perota e Botelho, 1994

4. Datas calibradas apresentadas de acordo com Roosevelt (1995: 117-118), a exceção daquelas sinalizadas com o símbolo (*). Para a amostra SI 470 do sítio Pedra Oca não foi mencionada a técnica de calibragem (Martin, 2005; Simões, 1972), as demais estão de acordo com o apresentado por Hoopes (1994: 7-8), calibradas a 2 sigma, 95%, com o programa CALIB 3.03 (Stuiver; Pearson, 1993).

Tabela 2 (cont.). Cronologia das tradições/fases Guará (baixo rio Xingu, estado do Pará) e Periperi (Recôncavo Baiano) e da fase Alaka (litoral norte da Guiana). Comumente a literatura indica relações, ainda não detalhadamente descritas, entre estes complexos cerâmicos e a tradição regional Mina (adaptado de Gaspar; Silveira, 1999: 252-254; Perota; Botelho, 1994: 57-58; Roosevelt, 1995: 117; Simões, 1972: 61).

NOME DO SÍTIO	TIPO DE SÍTIO	FASE	NÍVEL (CM)	NATUREZA DA AMOSTRA	LABORATÓRIO N.º. AMOSTRA ²	DATAÇÃO ¹⁴ C AP	DATAÇÃO ¹⁴ C AC ³	REFERÊNCIAS
Pedra Oca	sambaqui	Periperi	—	—	SI 470	2915 ± 130	880 ± 130 *	Calderón, 1964 Martin, 2005 Simões, 1972
Pedra Oca	sambaqui	Periperi	—	—	GIF 877	2245 ± 110	—	Calderón, 1964 Martin, 2005
Pedra Oca	sambaqui	Periperi	—	—	GIF 878	2709 ± 110	—	Calderón, 1964 Martin, 2005
Barabina (Barambina)	sambaqui	Alaka	cutre C-6 c. 35	Carvão	SI 4332	4115 ± 50	2880-2490 *	Hoopes, 1994 Roosevelt, 1995 Williams, 1981
Barabina (Barambina)	sambaqui	Alaka	cutre C-11 c. 65	Carvão	SI 4333	5965 ± 50	4950-4730 *	Hoopes, 1994 Roosevelt, 1995 Williams, 1981
Barabina (Barambina)	sambaqui	Alaka	40 - 60 (cutre 1 #64)	Turfa	SI 5741	5065 ± 70	3115	Roosevelt, 1995
Barabina (Barambina)	sambaqui	Alaka	65 - 80 (cutre 1 #65)	Turfa	SI 5742	4525 ± 75	2575	Roosevelt, 1995
Barabina (Barambina)	sambaqui	Alaka	100 - 120 (cutre 1 #66)	Turfa	SI 5743	5460 ± 65	3510	Roosevelt, 1995
Seba Creek	depósito de turfa	Alaka	83 - 100 (cutre 2 - nível A)	Turfa	SI 5448	4325 ± 50	2375	Roosevelt, 1995
Seba Creek	depósito de turfa	Alaka	70 - 82 (cutre 2 - nível B)	Turfa	SI 5449	3945 ± 50	1995	Roosevelt, 1995
Seba Creek	depósito de turfa	Alaka	100 - 120 (cutre 2 - nível X)	Turfa	SI 5451	5455 ± 55	3505	Roosevelt, 1995
Hosororo Creek	sambaqui	Alaka	cutre 3 #67 c. 60	Turfa	SI 6635	3185 ± 65	1235	Roosevelt, 1995

Tabela 2 (cont.). Cronologia das tradições/fases Guará (baixo rio Xingu, estado do Pará) e Periperi (Recôncavo Baiano) e da fase Alaka (litoral norte da Guiana). Comumente a literatura indica relações, ainda não detalhadamente descritas, entre estes complexos cerâmicos e a tradição regional Mina (adaptado de Gaspar; Silveira, 1999: 252-254; Perota; Botelho, 1994: 57-58; Roosevelt, 1995: 117; Simões, 1972: 61).

NOME DO SÍTIO	TIPO DE SÍTIO	FASE	NÍVEL (CM)	NATUREZA DA AMOSTRA	LABORATÓRIO N.º. AMOSTRA ²	DATAÇÃO ¹⁴ C AP	DATAÇÃO ¹⁴ C AC ³	REFERÊNCIAS
Hosororo Creek	sambaqui	Alaka	cutte 3 #69 c. 90	Turfa	SI 6637A	3690 ± 90	1740	Roosevelt, 1995
Hosororo Creek	sambaqui	Alaka	cutte 3 #69 c. 90	Conchas	SI 6637B	3350 ± 50	1400	Roosevelt, 1995
Hosororo Creek	sambaqui	Alaka	cutte 2 #70 c. 110	Turfa	SI 6638A	3975 ± 45	2025	Roosevelt, 1995
Hosororo Creek	sambaqui	Alaka	cutte 2 #70 c. 110	Conchas	SI 6638B	3115 ± 65	1165	Roosevelt, 1995
Hosororo Creek	sambaqui	Alaka	cutte 2 #71 c. 120	Turfa / conchas	SI 6639C	3390 ± 55	1440	Roosevelt, 1995
Hosororo Creek	sambaqui	Alaka	cutte 2 #71 c. 120	Turfa	SI 6639B	3385 ± 60	1435	Roosevelt, 1995
Hosororo Creek	sambaqui	Alaka	cutte 2 #71 c. 120	Conchas	SI 6639A	3385 ± 85	1435	Roosevelt, 1995
Kabakaburi	sambaqui	Alaka	cutte 75 c. 90	Carvão	SI 7019	4890 ± 75	2940	Roosevelt, 1995

A cerâmica Mina do Pará: nas águas salobras da Amazônia

Aqui apresentaremos as principais características do material cerâmico da fase Mina, relacionado aos sítios arqueológicos localizados no estado do Pará. Tal fase foi identificada também em sambaquis localizados no estado do Maranhão, contudo, o desenvolvimento da pesquisa, bem como a descrição do material aí localizado será tema de outro capítulo deste livro. Desde fins da década de 2000, estudando os sambaquis localizados na Ilha de São Luiz, o pesquisador Arkley Bandeira (Bandeira, 2008, 2012) é o responsável pela redação deste capítulo específico.

Em princípio definida através da análise de alguns atributos tecnológicos e decorativos do material cerâmico, a fase Mina caracteriza-se pelo emprego de conchas moídas e areia como antiplástico, o uso de engobo vermelho e incisões como decoração e o predomínio de formas simples, do tipo tigela, nas vasilhas cerâmicas (Simões, 1981).

Como anteriormente mencionado, tal definição se deu a partir da análise do material identificado nos sambaquis PA-SA-05: Porto da Mina e PA-SA-06: Ponta das Pedras (Figura 5). A grande quantidade de fragmentos coletados em escavações e coletas de superfície, pouco mais de 64 mil, em linhas gerais apresentam:

- técnica de manufatura acordelada (ou roletada);
- alisamento simples em ambas as superfícies;
- queima incompleta;
- uso (combinado ou não) de conchas moídas, areia e caraipé como elementos antiplásticos;
- espessura raramente ultrapassando 1 cm;
- com relação ao raro emprego de decorações, os tipos plásticos mais comuns são inciso, escovado e roletado. A decoração pintada mais comum é o engobo vermelho;
- formas simples de vasilhas. Estas presumidas pela ausência de carenas, pois o estado de conservação dos fragmentos, aliado à pequena dimensão dos mesmos não possibilitou a realização de projeções para reconstituição gráfica de formas;
- alto grau de intemperismo observado em ambas as superfícies dos fragmentos cerâmicos e relacionado a questões pós-deposicionais (principalmente reações químicas e físicas envolvendo a ação do carbonato de cálcio presente nas conchas (Rodrigues, 2010, 2014).

Fazem parte do conjunto de elementos relacionados à fase Mina, além das peças cerâmicas, artefatos líticos (lâminas de machado polidas, raspadores, moedores, percutores, lascas e quebra-cocos) em ossos (incluindo um possível carimbo), dentes e conchas. Também foram escavados três sepultamentos humanos, dois no sítio PA-SA-06: Ponta das Pedras e um no sítio PA-SA-05: Porto da Mina (Figura 6). Tais sepultamentos estavam acompanhados por peças líticas, em ossos e conchas (Simões, 1981: 15).

Tais dados, coletados no início dos anos 1970, permaneceram por 40 anos as únicas informações disponíveis relacionadas à fase Mina. Todavia, nos anos 2000 pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi desenvolveram projetos de pesquisa de campo e laboratório com o intuito de, por um lado, ampliar o conhecimento sobre as ocupações sambaquieiras do litoral paraense e, por outro, visitar as coleções



Figura 5. Cerâmica da fase Mina. 5a) Fragmento de parede, sítio Porto da Mina (Foto: Mariana Schilipake. Acervo do MPEG). 5b) Fragmento de parede, sítio Porto da Mina (Foto: Elisangela Oliveira. Acervo do MPEG). 5c) Fragmento de borda, sítio Porto da Mina (Foto: Mariana Schilipake. Acervo do MPEG). 5d) Fragmentos de parede, sítio Porto da Mina (Foto: Elisangela Oliveira. Acervo do MPEG).

formadas pelo Projeto Salgado (Lopes, 2012; Oliveira, 2012; Silveira et al., 2010). Dessa forma, o debate acerca dos sambaquis da região Norte e sua cerâmica característica tem gradativamente reocupado espaço nas agendas de discussões no meio acadêmico (Bandeira, 2008, 2012; Silveira et al., 2011).

Os projetos “Piatam mar – Arqueologia” e “Estudos arqueológicos de sambaquis na costa amazônica – Pará” retomaram as pesquisas arqueológicas de campo na área litorânea do estado do Pará nos anos 2000. Ambos os projetos, coordenados por Maura Imazio da Silveira (MPEG), sendo o segundo financiado pelo CNPq, objetivaram coletar dados para melhor compreender a dinâmica das sociedades humanas pré-históricas que habitaram esta região, através da atuação de uma equipe multidisciplinar de pesquisa.

Os trabalhos de campo resultaram na delimitação e escavação de um sítio arqueológico com manchas de TPA associadas à ocorrência de fragmentos cerâmicos em superfície e em profundidade. A localização do sítio **PA-SA-75: Jabuti** foi reportada à equipe de arqueólogos do Museu Goeldi pelos Profs. Drs. Ulf Mehlig e Moira Menezes, pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) no *campus* da cidade de Bragança, que coordenam projetos de pesquisas botânicas e zoológicas na área da “Reserva Extrativista Marinha Caeté –Taperuçú” (Silveira et al., 2010).



Figura 6. Diversidade de vestígios associados a fase Mina. 6a) Artefato em concha da espécie *Pugilina Morio* (Tombo 2312). Sítio PA-SA-32: Sumaúma (Foto: Elisângela Oliveira. Acervo do MPEG). 6b) Carimbo em osso (Tombo 2481). Sítio PA-SA-5: Porto da Mina (Foto: Elisângela Oliveira. Acervo do MPEG). 6c) Sepultamento humano primário – indivíduo adulto do sexo feminino (Tombo 2125). Sítio PA-SA-06: Ponta das Pedras (Foto: Janduari Simões. Acervo do MPEG). 6d) Artefato lítico (Tombo 2157). Sítio PA-SA-6: Ponta das Pedras (Foto: Mariana Schilipake. Acervo do MPEG). 6e) Conta lítica (Tombo 2301). Sítio PA-SA-24: Urucuri (Foto: Edithe Pereira. Acervo do MPEG). 6f) Artefato lítico (Tombo 2535). Sítio PA-SA-5: Porto da Mina (Foto: Mariana Schilipake. Acervo do MPEG).

O sítio arqueológico Jabuti foi registrado em junho de 2008, durante visita de reconhecimento ao local indicado pelos pesquisadores da UFPA. A área do sítio está em uma ilha de terra firme situada em meio a um campo salino no litoral do município de Bragança (PA), próximo à localidade de Ajuruteua (Silveira et al., 2010, 2011). Localiza-se na margem esquerda do rio Caeté, distante 36 km do litoral (Figura 1).

Ainda no ano de 2008, o sítio foi delimitado através da abertura de tradagens equidistantes em malha padronizada. Também o perfil de dois espaços que já se encontravam abertos foram limpos e retificados para análise da estratigrafia (Silveira et al., 2011). Após este trabalho, no segundo semestre de 2011 foi realizada a primeira etapa de escavações neste sítio.

O material cerâmico identificado no sítio Jabuti (Figura 7) possui, em geral, características tecnológicas e morfológicas da fase Mina. Contudo, algumas diferenças significativas foram observadas com relação aos atributos decoração e antiplástico.

Enquanto no material dos sambaquis o uso de decorações (plástica e/ou pintada) é limitado, na amostra até agora obtida do sítio Jabuti a ocorrência de motivos plásticos com diversos tipos de incisão, entalhe no lábio das bordas e escovado, bem como presença de engobo branco e vermelho foi observada em considerável quantidade. Na análise do atributo antiplástico foi identificado recorrente emprego de conchas, um dos elementos definidores da fase Mina, porém, esta coleção apresenta diversidade muito grande de elementos antiplásticos, diferente do observado na cerâmica dos sambaquis. Além das conchas, caraipé A e B, carvão, cauxi, caco moído, rocha triturada e areia foram utilizados, geralmente de forma associada entre si, com predomínio de concha moída + caraipé e cauxi + caco moído.

De acordo com a interdisciplinaridade proposta pelo projeto “Estudos arqueológicos de sambaquis na costa amazônica – Pará”, a pesquisadora Suyanne Flávia Santos Rodrigues, do Instituto de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Federal do Pará, analisou em seu mestrado (Rodrigues, 2010) e doutorado (Rodrigues, 2014) os friáveis fragmentos cerâmicos com antiplástico de concha coletados no sítio arqueológico Jabuti.

Como resultado, foi identificada diferença no estado de conservação das conchas presentes na pasta cerâmica. As análises indicaram que a concha triturada de fato passou, e continua passando por um processo de intemperização que torna o seu aspecto diferenciado em relação aos fragmentos que apresentam conchas com maior grau de conservação.

Uma vez demonstrado que este processo de intemperização das conchas no antiplástico da pasta cerâmica existe, cabe aos arqueólogos teorizar a respeito. Poderia esse processo ser decorrente do uso diferenciado dos vasilhames cerâmicos? Conseqüentemente, este antiplástico pode ser utilizado como marcador de formas de uso? Pelo fato desta diferenciação ter sido apenas recentemente observada, as implicações advindas deverão ser criteriosamente analisadas não apenas por arqueólogos, mas também por geólogos e geoquímicos, principalmente.

Ainda no âmbito do projeto “Estudos arqueológicos de sambaquis na costa amazônica – Pará”, em 2012 uma equipe realizou a delimitação e abertura de uma área de escavação no sambaqui fluvial Jacarequara, localizado na ilha de Trambioca, município de Barcarena (PA), no Baixo Amazonas (Figura 1).

Este sambaqui foi identificado em 2004, durante as prospecções realizadas no âmbito do projeto “Levantamento das potencialidades arqueológicas e históricas na área dos Municípios de Barcarena e Abaetetuba”. Tal projeto, coordenado pelos arqueólogos Maura I. da Silveira e Fernando Marques (MPEG), obteve auxílio financeiro do CNPq.



Figura 7. Material cerâmico do sítio Jabuti (sugestão: prancha com as 2 fotos enviadas (7a e 7b). 7a) Cerâmica do sítio Jabuti (Foto: Elisângela Oliveira. Acervo do MPEG). 7b) Cerâmica do sítio Jabuti (Foto: Paula Sampaio. Acervo do MPEG).

O material cerâmico encontrado em toda estratigrafia do sítio **PA-BA-40: Jacarequara** também pode ser relacionado à fase Mina. Atualmente este material encontra-se em análise. Contudo, de maneira preliminar, pode ser assim descrito:

- técnica de manufatura roletada (ou acordelada);
- queima incompleta;
- predomínio no uso de conchas moídas, associadas ou não a carvão, como antiplástico. Presença também de areia e caraipé;
- fragmentos raramente ultrapassando 1 cm de espessura;
- alisamento simples, porém as peças apresentam alto grau de deterioração em suas superfícies;
- predomínio de motivos decorativos plásticos (incisões simples ou formando motivos em zigue-zague, entalhes nos lábios, escovado, acanalado). Com relação à decoração pintada, o uso de engobo vermelho e branco foi identificado;
- formas de contornos simples;
- alto grau de intemperismo observado em ambas as superfícies dos fragmentos cerâmicos e relacionado a questões pós-deposicionais – principalmente reações químicas e físicas envolvendo a ação do carbonato de cálcio presente nas conchas (Rodrigues, 2010, 2014).

Dessa forma, os dados preliminares obtidos na análise da cerâmica Mina encontrada nos sítios Jabuti e Jacarequara indicam um padrão semelhante que as distinguem daquela identificada nos sambaquis do Salgado. À primeira vista, tanto o sítio com TPA, na zona litorânea (Jabuti), quanto o sambaqui fluvial, do Baixo Amazonas (Jacarequara) apresentam uma grande variabilidade tecnológica oleira, refletida principalmente no uso de decorações plásticas e de diferentes tipos de antiplástico.

Estes dados reforçam a emergente necessidade de ampliação das pesquisas não apenas na zona litorânea, como também ao longo dos estuários e por todo Baixo Amazonas. Ainda estão por serem feitas sistematizações referentes aos aspectos tecnológicos, morfológicos e estilísticos do complexo Mina, bem como não existem análises do grau de variabilidade que apresenta entre os diferentes tipos de sítio nos quais ocorre.

Novos trabalhos devem possibilitar o resgate de contextos mais bem preservados, através da utilização de técnicas e abordagens que permitam a obtenção de maior quantidade e diversidade de informações acerca dessas sociedades.

Por exemplo, como dito no início, no âmbito do Projeto Salgado as escavações foram realizadas em níveis artificiais de 20 cm, em poucos cortes estratigráficos abertos, o que certamente limita muito as interpretações dos dados obtidos. Outro fator que restringe o alcance das interpretações acerca deste material refere-se à pequena área escavada, no caso do sítio Porto da Mina, por exemplo, o corte estratigráfico foi de 2 x 4 m, resultando na escavação de 2 quadras de 2 x 2 m.

Os projetos aqui citados pretendem retomar as escavações nos sambaquis do Salgado e do estuário. Dessa forma, certamente vários aspectos destas populações poderão ser melhor compreendidos: as antigas populações ceramistas eram todas sociedades sambaquieiras? Estas sociedades desapareceram ou se transformaram? Influenciaram ou foram absorvidas por outras populações? Quais as implicações da variabilidade material entre estes grupos?

Agradecimentos

A toda a equipe (pesquisadores, técnicos, bolsistas, alunos de graduação e pós-graduação) que atuou em campo e laboratório nos projetos aqui mencionados. Agradecemos também a todo o quadro funcional (pesquisadores, técnicos e bolsistas) da Reserva Técnica Mário Simões da área de Arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Em especial, mencionamos a técnica Sra. Regina Farias, responsável pela Reserva Técnica Mário Simões, e a bolsista de iniciação científica (CNPq-PIBIC 2009-2011) Maria Ferreira Schilipake. Sem o árduo trabalho de ambas a reorganização de toda a coleção do Projeto Salgado não teria sido possível, bem como a obtenção de muitos dos dados aqui expostos.



A CERÂMICA MINA NO MARANHÃO

Arkley Marques Bandeira

RESUMEN

La cerámica Mina de Maranhão

Este artículo discute una cerámica con características técnicas y tipológicas bastante peculiares, asociada a los grupos de pescadores-recolectores de los asentamientos comúnmente llamados concheros, ubicados en la Costa de la Amazonía Ecuatorial, específicamente en los estados de Pará y Maranhão. La cerámica encontrada en estos sitios se inserta en una tradición regional, llamada Mina (Simões, 1981), establecida con una antigüedad, según Simões (1981), entre 3000 a 1600 AC, Roosevelt (1995), entre 5570 a 3490 años AP y Bandeira (2013), entre 5800 a 1245 años AP.

ABSTRACT

Mina ceramics from Maranhão

This article discusses a ceramic complex with technical and typological characteristics quite peculiar, related to fishing-collecting activities in sites commonly called sambaquis (shellmounds). Located on the coastal equatorial Amazon, in the states of Pará and Maranhão, the pottery found at these sites were classified as pertaining to the Mina Tradition by Simões (1981). The antiquity of this tradition was established by different research projects ranging between 3000-1600 BC (by Simões, 1985), between 5570 to 3490 years BP (by Roosevelt, 1995), and between 5800 to 1245 years BP (by Bandeira, 2013).

Introdução

Este artigo discorre sobre uma cerâmica com características técnicas e tipológicas bastante peculiares, associada a assentamentos de grupos pescadores-coletores, comumente denominados de *sambaquis*, situados no Litoral Equatorial Amazônico, especificamente nos estados do Pará e Maranhão¹.

A cerâmica encontrada nesses sítios foi inserida em uma tradição regional denominada de *Mina* (Simões, 1981)², com idade estabelecida, segundo Simões (1981), entre 3.000 a 1.600 aC e Roosevelt (1995), entre 5.570 e 3.490 anos AP³ e, segundo Bandeira (2013), entre 5.800 até 1.245 anos AP.

Em relação aos aspectos técnicos e tipológicos, a cerâmica *Mina* foi caracterizada por apresentar o uso de conchas trituradas como antiplástico, a manufatura acordelada, formas arredondadas, base plana, bordas diretas, inclinadas ou extrovertidas, com lábio plano ou arredondado, banho vermelho e uso utilitário. Foram observados alguns padrões decorativos, com ênfase no tratamento plástico, a exemplo do escovado, raspado, roletes não obliterados e incisos (Simões, 1981).

Coube a Raimundo Lopes os primeiros estudos sobre a cerâmica *Mina* no Maranhão, ainda na década de 1920, quando relatou que “não encontramos nos sambaquis cerâmica pintada, mas apenas gravada, com bordas marcadas a dedos, raspagens etc., formando desenhos geométricos” (Lopes, 1970: 183). Essa mesma cerâmica foi descrita por Curt Nimuendaju, em uma de suas cartas, quando ele visitou o Sambaqui da Maiobinha, em São Luís, no ano de 1928 (Nimuendaju, 2000).

Apenas na década de 1970, os sambaquis da Ilha de São Luís foram novamente revisitados, no âmbito do *Projeto São Luís*, de autoria de Mário Ferreira Simões, que escavou e datou o primeiro sítio arqueológico no Maranhão (Bandeira, 2008).

A partir das informações de Simões e equipe, a temática dos sambaquis cerâmicos foi novamente retomada por Bandeira, em 2005, que criou o *Projeto Sambaquis do Maranhão*, cujo principal objetivo foi estabelecer o contexto espaçotemporal para a ocorrência da cerâmica *Mina* no Maranhão (Bandeira, 2013).

Este trabalho apresenta uma síntese sobre os resultados obtidos nas investigações do autor, especificamente no que concernem os sítios arqueológicos com ocupações humanas vinculadas à cerâmica *Mina*.

Distribuição espacial e inserção ambiental

No Maranhão, a cerâmica *Mina* distribui-se regionalmente em sambaquis localizados principalmente entre o litoral das Rias Maranhenses (costa ocidental) e a área mais próxima ao Delta do Parnaíba (costa oriental). No entanto, os sítios mais conhecidos estão localizados no Golfão Maranhense e na Ilha de São Luís, conforme a Tabela 1.

1. Apesar dos sambaquis cerâmicos serem conhecidos em várias partes da América do Sul, as pesquisas mais sistemáticas se concentraram na Guiana, Equador, Colômbia, e no litoral norte do Brasil.

2. A Cerâmica *Mina* foi estabelecida por Mário Ferreira Simões na década de 1960, a partir de dados obtidos em 62 sítios arqueológicos no Pará, dos quais, 43 eram sambaquis litorâneos; três eram sambaquis de gastrópodes fluviais e 16 eram sítios cerâmicos a céu aberto. O autor concluiu que a cerâmica *Mina* possuía correlações com outros complexos cerâmicos da América do Sul, a exemplo da Fase Alaka, Castália e Peripiri (Simões, 1981). Além disso, criou cinco fases arqueológicas para os sítios cerâmicos próximos ao litoral ou com supostas correlações culturais com a cerâmica *Mina* no Pará, a exemplo da própria fase *Mina* para alguns sambaquis cerâmicos, Uruá para os sambaquis com gastrópodes fluviais e Areião, Tucumã e Marudá para os sítios não sambaquis (Simões, 1978).

3. Pesquisas realizadas nos últimos 40 anos no Panamá (Wiley; McGimsey, 1954), Equador (Meggers et al., 1965), Colômbia (Reichel Dolmattoff, 1955, 1965), Venezuela (Rouse; Cruxent, 1963), Guiana (Evans; Meggers, 1960) e Brasil (Calderón, 1964; Simões, 1973; Hoopes, 1994; Roosevelt, 1997), vêm revelando a presença de sambaquis cerâmicos nas áreas costeiras da América Central, com idades compreendidas, entre os 7° e o 3° milênios AP.

Os sambaquis do Litoral Ocidental associam-se a regiões costeiras e estuarinas, bem como a áreas alagadas da Baixada Maranhense, ao passo que os sítios do Litoral Oriental estão localizados em ambiente dunar ou em áreas próximas à praia. No Golfão Maranhense os sítios Mina estão nas desembocaduras dos rios, em área marítima e estuarina, associadas ao ecossistema de manguezal.

Tabela 1. Sítios com cerâmica Mina conhecidos no Maranhão.

ITEM	SIGLA	NOME DO SÍTIO	MUNICÍPIO	REGIÃO
1	STD	Sambaqui do Tamarindo	São Vicente Ferrer	Litoral Ocidental
2	SAB	Sambaqui Areia Branca	Cururupu	Litoral Ocidental
3	SIM	Sambaqui Ilha das Moças	Cururupu	Litoral Ocidental
4	SMC	Sambaqui do Mocambo	Cururupu	Litoral Ocidental
5	STR	Sambaqui Turiaçu	Bacuri	Litoral Ocidental
6	SSB	Sambaqui Ponta de São Bento	São Bento	Litoral Ocidental
7	SCT	Sambaqui do Croatá	Tutóia	Litoral Oriental
8	SBG	Sambaqui do Bacanga	São Luís	Golfão Maranhense
9	SMB	Sambaqui da Maiobinha	São Luís	Golfão Maranhense
10	SVV	Sítio Vinhais Velho	São Luís	Golfão Maranhense
11	SQP	Sambaqui do Quebra Pote	São Luís	Golfão Maranhense
12	SGP	Sambaqui do Gapara	São Luís	Golfão Maranhense
13	SMN	Sítio Maracanã	São Luís	Golfão Maranhense
14	SPD	Sambaqui do Pau Deitado	São Luís	Golfão Maranhense
15	SPQ	Sambaqui da Panaquatira	São José de Ribamar	Golfão Maranhense
16	SPD	Sambaqui do Pindaí	São José de Ribamar	Golfão Maranhense
17	SSN	Sambaqui do Sarnambi	São José de Ribamar	Golfão Maranhense
18	SSL	Sambaqui Salinas	São José de Ribamar	Golfão Maranhense
19	SAS	Sambaqui Alto do Sarnambi	São José de Ribamar	Golfão Maranhense
20	SFZ	Sambaqui Fazendinha	São José de Ribamar	Golfão Maranhense
21	SPL	Sambaqui do Paço do Lumiar	Paço do Lumiar	Golfão Maranhense
22	STD	Sambaqui do Tendal	Paço do Lumiar	Golfão Maranhense
23	SMV	Sambaqui do Marval	Paço do Lumiar	Golfão Maranhense
24	SMJ	Sambaqui do Mojó	Paço do Lumiar	Golfão Maranhense
25	SIB	Sambaqui do Iguaíba	Paço do Lumiar	Golfão Maranhense

A Ilha de São Luís, também denominada de Ilha Grande, Ilha de *Upaon Açu* e Ilha do Maranhão, situa-se no Golfão Maranhense, na porção norte do Maranhão, Nordeste do Brasil, e limita-se ao norte com o Oceano Atlântico; ao sul, com a baía de São José e com o Estreito dos Mosquitos; à leste com a baía de São José e à oeste com a baía de São Marcos. Trata-se de uma porção da costa brasileira formada por um grande e complexo sistema estuarino, destacando-se as baías de São Marcos e de São José (IMESC, 2011)⁴.

4. O Golfão Maranhense é um grande e complexo sistema estuarino posicionado em ângulo reto em relação ao litoral; sua hidrodinâmica é movida pelo regime de marés semidiurnas. Ele é largamente aberto ao norte sobre a plataforma continental, onde se comunica diretamente com o Oceano Atlântico Sul, através da abertura compreendida entre a baía de Cumã e a baía dos Tubarões, com cerca de 100 km (UFMA, 2003). O Golfão se interioriza através das baías de São Marcos e de São José ao encontro de drenagens independentes; o sistema Mearim/Pindaré/Grajaú, na baía de São Marcos, e o rio Itapecuru, na baía de São José (Arraial). Esta unidade de acumulação fluviomarinha caracteriza uma costa baixa, extremamente recortada por numerosos canais e estuários, com uma exuberante faixa de mangue ao longo dos vales fluviais afogados.

A cerâmica Mina apresentada neste estudo está distribuída em sambaquis localizados na Ilha de São Luís (MA), a exemplo do Bacanga, Panaquatira, Paço do Lumiar, Vinhais Velho e Maiobinha, conforme a Figura 1.

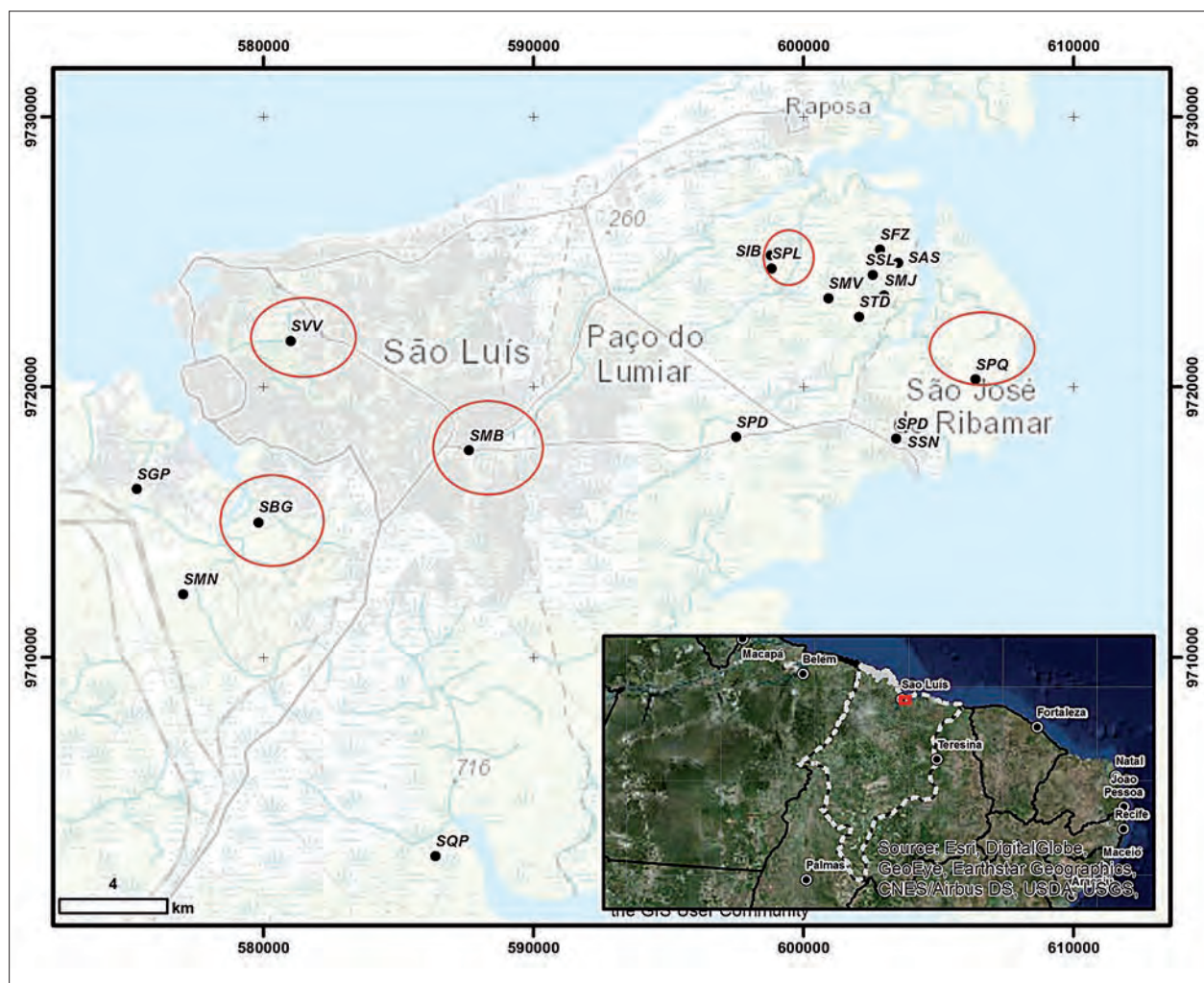


Figura 1. Localização dos Sambaquis na Ilha de São Luís (MA).

Cronologia

A inserção temporal da cerâmica Mina nos sítios arqueológicos da Ilha de São Luís foi estabelecida com base em 46 datas, distribuídas pelos cinco sítios apresentados neste estudo. Foram empregadas as técnicas de Absorção de CO_2 para estabelecimento de ^{14}C em conchas; Termoluminescência e Luminescência Opticamente Estimulada para datação de cerâmica e sedimento e AMS para carvão, concha e osso (Bandeira, 2013), conforme a Tabela 2.

De acordo com a cronologia apresentada, a ocorrência inicial para cerâmica Mina na Ilha de São Luís se deu entre 5.800 a 5.730 anos AP, conforme datas obtidas para os Sambaquis do Bacanga e Panaquatira. A partir de 2.500 anos AP essa cerâmica se distribuiu por outros sítios, a exemplo do Vinhais Velho,

Tabela 2. Cronologia dos sítios com cerâmica Mina na Ilha de São Luís (MA).

ITEM	SÍTIO	MÉTODO	IDADE	VARIACÃO	CALIBRAÇÃO	LABORATÓRIO	CAMADA	MÁX. DATA	MÍN. DATA
1	Bacanga	LOE/TL	5800	1100	-	Fatec-SP	Conchífera	6900	4700
2	Bacanga	LOE/TL	4800	1100	-	Fatec-SP	Conchífera	5900	3700
3	Bacanga	LOE/TL	4100	1000	-	Fatec-SP	Conchífera	5100	3100
4	Bacanga	LOE/TL	3900	1000	-	Fatec-SP	Conchífera	4900	2900
5	Bacanga	LOE/TL	3800	800	-	Fatec-SP	Conchífera	4600	3000
6	Bacanga	LOE/TL	3500	800	-	Fatec-SP	Conchífera	4300	2700
7	Bacanga	¹⁴ C	2430	200	-	CNEN-RJ	Conchífera	2630	2230
8	Bacanga	LOE/TL	2100	500	-	Fatec-SP	Conchífera	2600	1600
9	Bacanga	¹⁴ C	2070	200	-	CNEN-RJ	Conchífera	2270	1870
10	Bacanga	¹⁴ C	1940	200	-	CNEN-RJ	Conchífera	2140	1740
11	Bacanga	¹⁴ C	1830	200	-	CNEN-RJ	Conchífera	2030	1630
12	Bacanga	¹⁴ C	1480	200	-	CNEN-RJ	Conchífera	1680	1280
13	Bacanga	AMS	2150	30	AP 2290 a 2280	Beta Analytic	Conchífera	2180	2120
14	Bacanga	AMS	1860	30	AP 1860 a 1710	Beta Analytic	Conchífera	1890	1830
15	Bacanga	AMS	1910	30	AP 1920 a 1910	Beta Analytic	Conchífera	1920	1820
16	Maiobinha	¹⁴ C	1245	95	-	Smithsonian Institute	Conchífera	1340	1150
17	Maiobinha	¹⁴ C	1405	70	-	Smithsonian Institute	Conchífera	1475	1335
18	Maiobinha	¹⁴ C	1865	130	-	Smithsonian Institute	Conchífera	1995	1735
19	Maiobinha	¹⁴ C	2090	80	-	Smithsonian Institute	Conchífera	2170	2010
20	Maiobinha	AMS	2183	93	-	LACUFF-RJ	Conchífera	2276	2090
21	Paço do Lumiar	AMS	1540	30	AP 1910 a 1690	Beta Analytic	Conchífera	1570	1510
22	Paço do Lumiar	AMS	1780	30	AP 1730 a 1600	Beta Analytic	Conchífera	1810	1750
23	Paço do Lumiar	AMS	1810	30	AP 1860 a 1710	Beta Analytic	Conchífera	1840	1780

Tabela 2 (cont.). Cronologia dos sítios com cerâmica Mina na Ilha de São Luís (MA).

ITEM	SÍTIO	MÉTODO	IDADE	VARIACÃO	CALIBRAÇÃO	LABORATÓRIO	CAMADA	MAX. DATA	MIN. DATA
24	Paço do Lumiar	AMS	908	77	-	LACUFF-RJ	Conchífera	985	831
25	Paço do Lumiar	AMS	1729	89	-	LACUFF-RJ	Conchífera	1818	1640
26	Paço do Lumiar	AMS	120	116,29	-	LACUFF-RJ	Conchífera	236,29	371
27	Paço do Lumiar	AMS	2030	30	AP 2060 a 1920	Beta Analytic	Conchífera	2060	1900
28	Paço do Lumiar	AMS	1910	30	AP 1920 a 1010	Beta Analytic	Conchífera	1920	1820
29	Paço do Lumiar	TL	865	110	-	Fatec-SP	Conchífera	975	755
30	Paço do Lumiar	TL	920	160	-	Fatec-SP	Conchífera	1080	760
31	Paço do Lumiar	TL	960	130	-	Fatec-SP	Conchífera	1090	830
32	Paço do Lumiar	TL	510	65	-	Fatec-SP	Conchífera	575	445
33	Panaquatira	LOE/TL	760	40	-	Fatec-SP	Conchífera	800	720
34	Panaquatira	LOE/TL	1584	204	-	Fatec-SP	Conchífera	1788	1380
35	Panaquatira	LOE/TL	5730	1640	-	Fatec-SP	Conchífera	7370	4090
36	Panaquatira	LOE/TL	3920	370	-	Fatec-SP	Conchífera	4290	3550
37	Panaquatira	LOE/TL	4630	790	-	Fatec-SP	Conchífera	5420	3840
38	Panaquatira	LOE/TL	780	250	-	Fatec-SP	Conchífera	1030	530
39	Panaquatira	LOE/TL	770	140	-	Fatec-SP	Conchífera	910	630
40	Panaquatira	AMS	1800	30	AP 1670 a 1620	Beta Analytic	Conchífera	1830	1770
41	Panaquatira	AMS	1770	30	AP 1720 a 1570	Beta Analytic	Conchífera	1800	1740
42	Panaquatira	AMS	1840	30	AP 1830 a 1700	Beta Analytic	Conchífera	1870	1810
43	Panaquatira	AMS	1800	30	AP 1820 a 1690	Beta Analytic	Conchífera	1820	1630
44	Vinhais Velho	AMS	2198	93	-	LACUFF-RJ	Conchífera	2291	2105
45	Vinhais Velho	AMS	2510	30	AP 2600 a 2500	Beta Analytic	Conchífera	2790	2690
46	Vinhais Velho	AMS	1950	30	-	Beta Analytic	conchífera	1980	1920

Maiobinha e Paço do Lumiar. Datas mais recentes apontam que esse tipo cerâmico começa a desaparecer em torno de 1.950 a 1.245 anos AP, com a data mais recente em torno de 510 anos AP, a exemplo do Sambaqui do Paço do Lumiar (Bandeira, 2013).

A distribuição das datas relacionadas com a cerâmica Mina e sua correlação com outros tipos cerâmicos com cronologia já estabelecida na Ilha de São Luís é ilustrada nas Figuras 2 e 3.

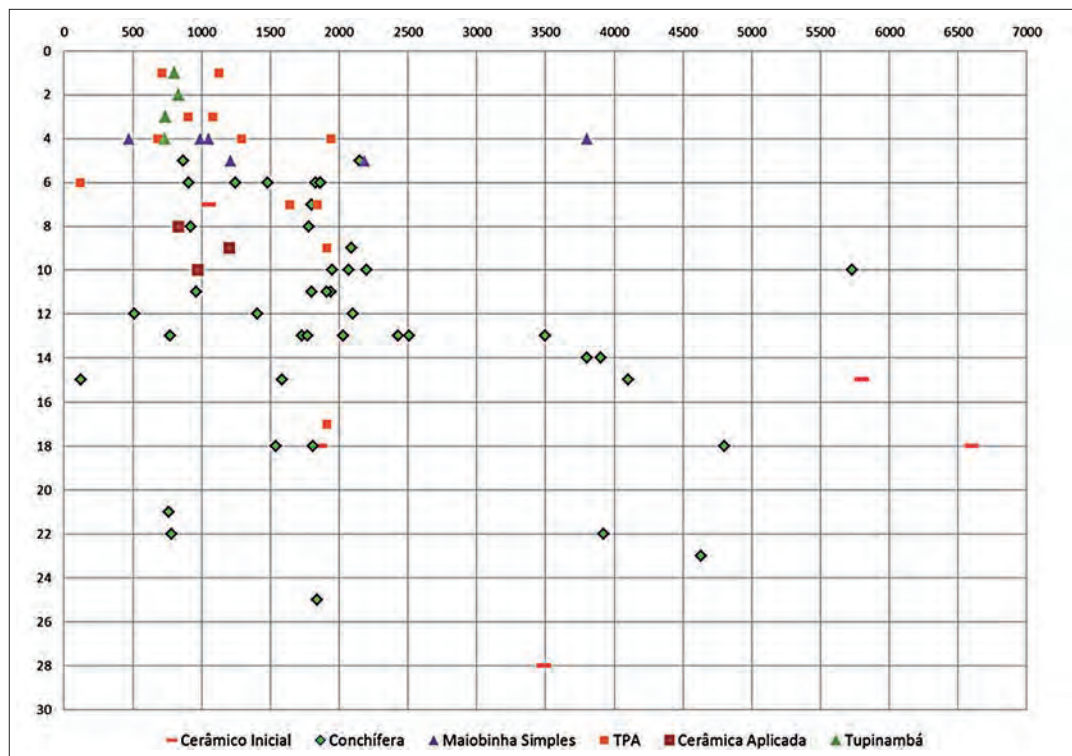


Figura 2. Distribuição das datas para as ocupações humanas na Ilha de São Luís (MA), com ênfase no período conchífero associado à cerâmica Mina.

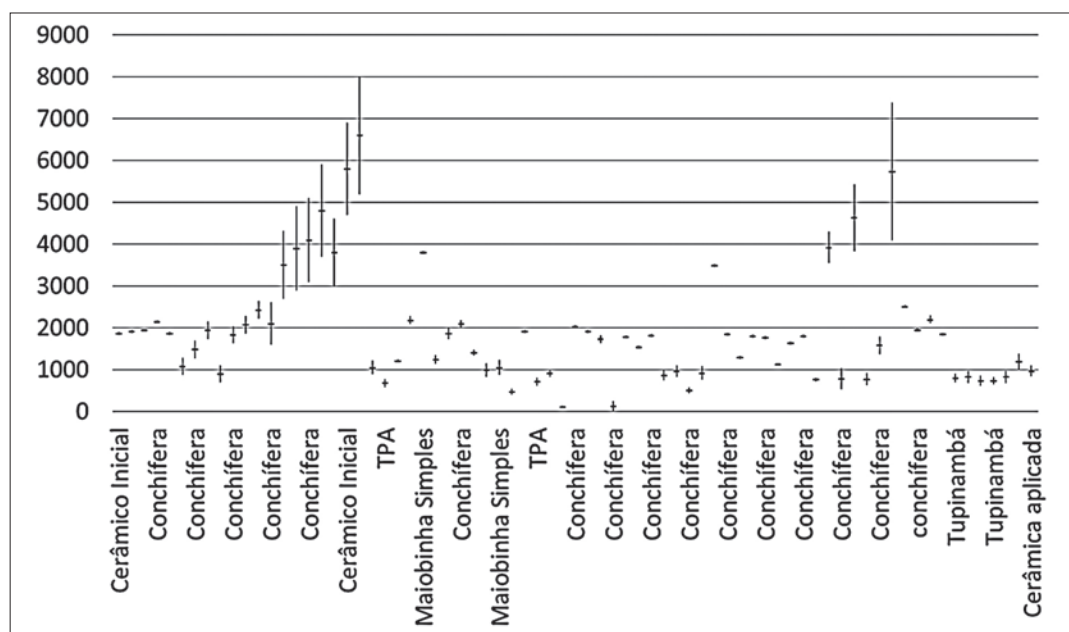


Figura 3. Distribuição do período de ocupação associado à cerâmica Mina (conchífero) e outros períodos de ocupação da Ilha de São Luís.

Contexto arqueológico padrão de assentamento

Os sítios arqueológicos com ocorrência de cerâmica Mina apresentam grande dispersão espacial de vestígios arqueológicos, por vezes formando vários montículos, que dão um caráter colinar ao assentamento. O pacote arqueológico é formado majoritariamente por conchas depositadas em sedimento de coloração enegrecida, com a presença de valvas de moluscos e vestígios faunísticos associados a grande concentração de cerâmica e instrumentos líticos polidos e lascados, e artefatos em ossos e conchas.

A ocorrência majoritária de conchas no registro arqueológico justifica a denominação desses assentamentos como concheiros ou sambaquis. As principais estruturas arqueológicas observadas nesses sítios são fogueiras estruturadas com blocos de laterita repletas de restos alimentares e carvão; buracos de estacas e sepultamentos primários (Figura 4).

O pacote arqueológico alcança, em média, 1,70m de profundidade, chegando a cerca de 3,20m no Sambaqui do Panaquatira e apenas uma fina lente de conchas com 40 cm de espessura no Sítio Vinhais Velho. Trata-se de sítios com estratigrafia complexa, formados por uma variedade de camadas, muitas vezes criando palimpsestos.



Figura 4. Sambaqui do Bacanga com a evidenciação da ocupação conchífera associada à cerâmica Mina. Foto: Arkley Bandeira, 2010.

Atributos tecnológicos da cerâmica Mina

Análises por EDXRF em fragmentos de cerâmica Mina indicaram o uso de argilas associadas ao Grupo Barreiras, a exemplo de siltitos argilosos ocre, argilas avermelhadas e argilas esbranquiçadas, como a exemplo da Caulinita, Illita e Esmecitita.

A queima da cerâmica Mina variou conforme o sítio arqueológico, o período de ocupação e o tipo de matéria-prima utilizada na manufatura do recipiente. Em termos gerais, a queima redutora esteve presente na grande maioria da amostra avaliada nos Sambaquis do Bacanga, Panaquatira e Paço do Lumiar (Figura 5). A queima oxidante foi predominante nos sítios Vinhais Velho e Maiobinha. Além desses dois grandes grupos, foram observadas variações na queima que não representaram peso estatístico, a exemplo de redutora interna, redutora externa, oxidante interna, oxidante externa e queima com núcleo.

Análises por microscopia petrográfica com luz polarizada transmitida indicou que o principal antiplástico utilizado foram conchas trituradas e calcinadas. Apesar da presença majoritária dessa matéria-prima, em muitos fragmentos foram observadas associações da concha com outros elementos, a exemplo do mineral, vegetal, carvão, caco moído e osso.

O uso da concha como antiplástico, elemento diagnóstico da cerâmica Mina, confere um aspecto de melhor *performance* ao objeto, do que propriamente uma escolha pautada em critérios estéticos. O emprego dessa matéria-prima confere aos grupos associados à cerâmica Mina um conhecimento profundo das propriedades tecnológicas da concha e a sua correlação com a queima dos recipientes.



Figura 5. Recipiente cerâmico filiado à Tradição Mina, escavado no Sambaqui do Bacanga. Foto: Arkley Bandeira, 2010.

A esse respeito, Feathers (2006) indica que o uso da concha triturada ou previamente calcinada tem uma influência dramática na composição da cerâmica, influenciando na resistência mecânica dos recipientes, na absorção da umidade, no aumento da tenacidade e diminuição dos riscos de fratura, facilitando o processo de queima, etc. Além disso, o uso da concha relaciona-se com a espessura das paredes dos recipientes e seu formato, que são mais finas e globulares.

Em relação aos aspectos tipológicos, a cerâmica Mina é majoritariamente manufaturada pela técnica de sobreposição de roletes ou roletada. Os atributos morfológicos mais característicos demonstram o predomínio das bordas diretas, com ocorrência discreta de bordas extrovertidas, introvertidas, reforçada externa e internamente, associadas a lábios arredondados, planos e plano-arredondados. O bojo é simples, com formato arredondado e sem contorno complexo, com espessura da parede variando entre 5 a 10 mm e base plana.

O tratamento de superfície característico da cerâmica Mina é o alisamento, empregado principalmente na face interna dos recipientes. Além disso, o alisamento associa-se ao banho vermelho também na face interna.

A decoração é majoritariamente plástica, empregada na face externa dos recipientes, entre a borda e o bojo, com predominância do escovado, incisos, excisos, acanalados, digitados e unglados.

Em alguns fragmentos cerâmicos foram observados elementos que forneceram informações sobre o emprego social da cerâmica Mina, a exemplo dos orifícios de suspensão, marcas negativas de folha e cestaria, e evidências de uso, como manchas de gordura, marcas de raspagem e limpeza dos recipientes, fuligens e esfumaçados, decorrentes do emprego da cerâmica para cozimento de alimentos, possivelmente de pescados e frutos do mar em fogueiras. A respeito dos aspectos taxonômicos, muitos fragmentos apresentaram percolação, rachaduras, descamamento e marcas de radículas.

A reconstrução dos conjuntos cerâmicos atesta que os recipientes foram utilizados no cotidiano dos grupos humanos na preparação, consumo ou armazenagem de alimentos e líquidos, tratando-se, portanto, de uma cerâmica utilitária, associada a uma subsistência mais focada na pesca e na coleta de frutos do mar, do que associada a algum tipo de cultivo.

Considerações finais

A cerâmica Mina, ao longo de sua trajetória enquanto objeto de estudo, passou por fluxos e refluxos concernentes à produção do conhecimento acerca de seu contexto espaçotemporal. Em um primeiro momento, foi referenciada por naturalistas e etnógrafos, a exemplo de Raimundo Lopes e Curt Nimuendaju, no primeiro quartel do século passado. Apenas na década de 1960, estudos sistemáticos foram realizados por Mário Ferreira Simões, cujos resultados movimentaram a arqueologia das terras baixas, visto que a cerâmica Mina foi considerada o complexo cerâmico mais antigo da América do Sul, rivalizando com tipos mais antigos da costa norte do continente e forçando uma revisão sobre a ocupação humana da área tropical e sua relação com inovações culturais e centros de invenção independentes (Hoopes, 2004; Roosevelt, 1995).

Apesar disso, muitos autores interpretaram a cerâmica Mina sob um viés difusionista, ora introduzida por povos andinos, visto que a complexidade cultural e inovações tecnológicas não eram esperadas nas

terras baixas brasileiras (Meggers, 1997), ora como o complexo cerâmico mais antigo, que deu origem as várias tradições ceramistas subsequentes, principalmente na costa Nordeste do Brasil (Brochado, 1984). Pesa nessa avaliação o fato de que outros tipos cerâmicos existentes nos assentamentos Mina foram negligenciados ou considerados intrusivos pelos arqueólogos, assim como conjuntos cerâmicos não foram correlacionados com outros aspectos da cultura material, a exemplo da indústria lítica e os materiais em ossos e conchas.

Devido às semelhanças estilísticas e tecnológicas, alguns pesquisadores postularam a relação dos conjuntos Mina com outros tipos cerâmicos da América do Sul, notadamente as tradições e fases com datas mais recuadas, a exemplo da Alaka, do Litoral da Guiana (5.965 e 4.115 anos AP); Valdivia e Machalilla, da Costa do Equador (5.620 \pm 256 a 4.300 \pm 100 anos AP); da San Jacinto e Puerto Hormiga, da Costa Norte da Colômbia (5.940 \pm 80 a 5.665 \pm 75 anos AP, até 5.090 \pm 80 anos AP) (Simões, 1981) e Fases Castália dos sambaquis fluviais do Baixo Amazonas, e Periperi e Pedra do Caboclo, do litoral baiano e sergipano (700 a 1.000 anos aC) (Brochado, 1984).

As pesquisas atuais (Gaspar; Imázio, 2000; Bandeira, 2013; Oliveira, 2014) estão mais focadas em refinar as cronologias regionais e buscar especificidades tecnológicas e estilísticas dos conjuntos cerâmicos em uma área tão extensa, do que propriamente buscar evidências de um centro inovador e dispersor da cerâmica Mina para América do Sul.

Em se tratando da cerâmica Mina na Ilha de São Luís, as evidências acumuladas ao longo de quase 100 anos de pesquisas, quando as cerâmicas foram referenciadas pela primeira vez nos sambaquis maranhenses, já permitem associar este conjunto cerâmico aos grupos humanos adaptados ao ambiente marítimo e estuarino relacionados aos manguezais, e tendo como atividade predominante a pesca e a coleta de moluscos e frutos de palmeiras, principalmente nas baías de São Marcos, São José e Arraial.

A temporalidade da cerâmica Mina está bem estabelecida, com o início da produção datado em torno de 5.800 anos AP, a exemplo dos Sambaquis do Bacanga e Panaquatira, corroborando com as datações mais antigas já conhecidas para a cerâmica Mina do litoral do Salgado, no Pará, e o seu desaparecimento do registro arqueológico datado em torno de 1.245 anos AP, conforme ocorrido nos Sambaquis do Paço do Lumiar, Maiobinha e Vinhais Velho.

Apesar da cerâmica Mina também ocorrer em associação a outros conjuntos cerâmicos, principalmente filiados à Tradição Tupiguarani, cujos fragmentos foram muitas vezes considerados intrusivos e não analisados, a perspectiva atual é compreender essa situação pelo viés dos processos associados à formação do registro arqueológico, que vem afetando e perturbando as camadas e, inevitavelmente, misturando materiais de temporalidades diferentes.

No caso da Ilha de São Luís, é comprovada a reocupação dos sambaquis por outros grupos culturais em tempos distintos, o que justifica a presença de conjuntos cerâmicos diferenciados em assentamentos Mina. Essa situação é mais factível do que propriamente uma interação estilística ou uma mudança tecnológica e tipológica no modo de fazer a cerâmica Mina.

Essa assertiva ganha sustentação, visto que os sítios Minas foram reocupados por outros povos, que produziam cerâmica totalmente diferenciada, o que indica uma substancial variabilidade nos tipos cerâmicos nesses sítios, sendo os grupos Mina uns dos primeiros povoadores dessa região.



O COMPLEXO CERÂMICO DAS ESTEARIAS DO MARANHÃO

Alexandre Guida Navarro

RESUMEN

El complejo cerâmico de los palafitos de Maranhão

La Prehistoria de la porción occidental del Estado de Maranhão, Brasil, fue caracterizada por poblaciones lacustres que vivían en palafitos en los lagos y los ríos de esta región. El área comprende una grande región de 26 mil km² y posee algunas cuencas hidrográficas como la de los ríos Pericumã y Turiçu. Pocos estudios se han realizado sobre este tema. Hasta la fecha sabemos que estas comunidades escogieron estos lugares por cuenta de los recursos alimentares, y la pesca aun es la principal actividad de las comunidades que allí habitan. Presentaremos las características cerâmicas principales de un sitio estudiado en el río Turiçu. Los artefactos son caracterizados por pintura roja y negra, algunas veces sobre engobe blanco o crema, hay la presencia de apliques y estatuetas. Hemos fechado este sitio por ¹⁴C, cuya temporalidad comprende da fecha de 930± 30 BP (BETA – 404757).

ABSTRACT

The ceramics from stilt houses of Maranhão

The Prehistory of the western portion of the State of Maranhão, Brazil, was characterized by lacustrine populations living in dwellings in the lakes and rivers of this region. The area comprehends a large region of 26 000 km² and has some water basins such as the Pericumã and Turiçu rivers. Few studies have been done on this topic. So far we know that these communities chose these places on behalf of the alimentary resources, and fishing is still the main activity of the communities that live there. We present the main features of ceramics from a site in the Turiçu River. The artifacts are characterized by red and black paint, sometimes on white or cream slip, and the presence of fixtures and figurines. This site was preliminarily dated by ¹⁴C at 930± 30 BP (BETA – 404757).

Apresentando as estearias

Este texto resulta de um projeto de pesquisa acadêmica intitulado “*O Povo das Águas: carta arqueológica das estearias da porção centro-norte da Baixada Maranhense*”, realizado pelo Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Maranhão (LARQ/UFMA) sob a coordenação do autor. Trata-se de projeto multidisciplinar, que objetiva a realização de pesquisa arqueológica, com a realização de delimitação dos sítios arqueológicos mediante as atividades interventivas e não interventivas, escavação arqueológica, coletas de amostras, análises de laboratório, curadoria e educação patrimonial.

O resultado esperado é uma Carta Arqueológica das Estearias localizadas na porção centro-norte da Baixada Maranhense, estado do Maranhão, Brasil. Para além disso, buscar-se-á compreender a dimensão temporal e espacial dessas comunidades pré-históricas, tendo em vista a ocupação e adaptação desses povos na região geográfica em análise.

As estearias foram moradias lacustres construídas com esteios de madeira que serviam de sustentação para as construções superiores, dando origem, assim, às palafitas pré-históricas (Raimundo Lopes, 1924; Correia Lima, 1989; Leite Filho, 2010; Figura 1). No continente americano, este tipo de sítio arqueológico aparece em casos isolados na América do Sul, como nos relatos de Vespúcio em 1499 sobre comunidades que viviam em palafitas na costa venezuelana. No entanto, sabemos pelas crônicas, que em algumas áreas da Amazônia brasileira, populações viviam em palafitas, aliás, até hoje vivem. No entanto, vestígios materiais parecem existir somente no Maranhão.



Figura 1. Da esquerda para a direita e sentido horário. Mapeamento do sítio Armíndio. Desenho artístico reconstituindo uma aldeia palafítica. Paisagem da área de estudo. Estearia do Coqueiro, no município de Olinda Nova do Maranhão. Foto: Alexandre Guida Navarro.

No Brasil, diversos autores consideram que as estearias são os sítios arqueológicos menos conhecidos no território nacional (Prous, 1992; Martin, 1996). No entanto, há relatos de palafiteiros no Alto Amazonas realizadas pelas expedições de Ursua e Aguirre (1516). Além disso, franceses estabelecidos no Maranhão, no início do século XVII, ao realizarem um reconhecimento no rio Amazonas, fizeram referência às populações que viviam em palafitas sobre lagos (D'Évreux apud Leite Filho, 2010).

Esses sítios estão localizados na Baixada Maranhense, uma microrregião situada a oeste e sudeste da ilha do Maranhão, que compreende uma área de aproximadamente 20.000 km² dentro da Amazônia Legal, sendo uma região que conta com mais de 500 mil habitantes (IBGE 2006, Figura 2). É um território muito pobre, com os menores índices IDH não só do estado do Maranhão, como de todo o Brasil, cuja população vive da subsistência da agricultura tradicional, da pesca, da criação de pequenos animais e do extrativismo vegetal, especialmente do coco do babaçu. As principais cidades dessa área são Penalva, Pinheiro, Viana, São Bento e Santa Helena.

As estearias estão localizadas ao longo dos diversos lagos, que se caracterizam pela formação de um sistema hídrico composto de rios, campos inundáveis e lagos de variados tamanhos, que se definem pela sazonalidade do clima (as inundações ocorrem no primeiro semestre de cada ano) (Franco, 2012). Os lagos da Baixada Maranhense têm origem geológica recente, pleistocênica, sujeitos a inundações periódicas na época das chuvas, pois acabam recebendo as águas fluviais, além do que auferem, inclusive, as águas dos rios da região quando de seu transbordamento, como o Pindaré, Pericumã e Turiaçu (Corrêa et al., 1991; Ab'Sáber, 2006). Pertencem, também, a um bioma típico da região amazônica, que se caracteriza por campos de várzea.

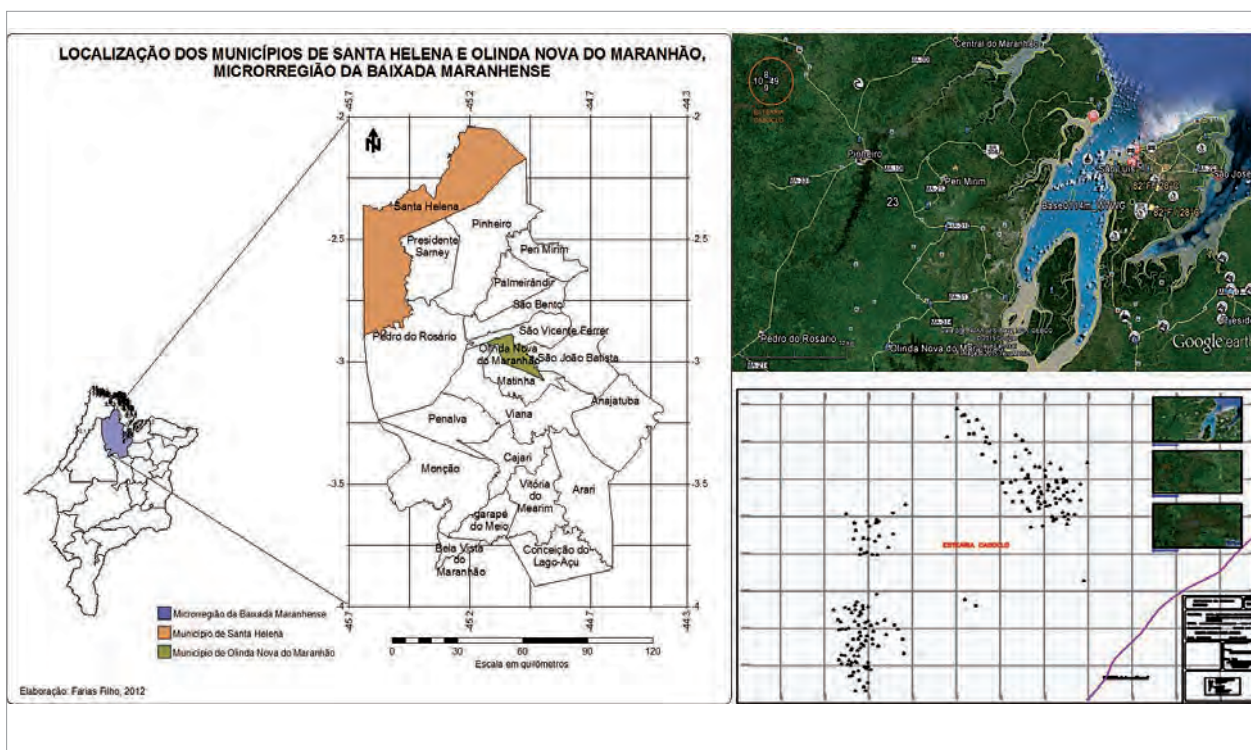


Figura 2. Mapa da área de pesquisa. Google maps. Estearia do Caboclo mapeada.

As estearias foram estudadas por alguns pesquisadores como Raimundo Lopes (1924), cujos resultados de suas pesquisas foram publicados na obra *Torrão Maranhense*. Depois de seus estudos, houve um grande lapso de pesquisas na região. Nas décadas de 1970 e 1980, o antropólogo Olavo Correia Lima realizou, juntamente com seus alunos, algumas prospecções e escavações na cidade de Penalva. No entanto, as pesquisas de maior envergadura foram realizadas por Mário Simões, arqueólogo do Museu Emílio Goeldi, no Pará, cujo material arqueológico foi enviado para aquela instituição, além do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Esses pesquisadores concordam que a principal característica da formação arqueológica destes sítios é a utilização de esteios, geralmente construídos com madeira de lei, como o pau d'arco (*Tabebuia* sp.), que sustentavam as habitações das populações que ali residiam.

Pesquisas arqueológicas atuais realizadas na região amazônica vêm demonstrando que as várzeas dos rios da região foram densamente povoadas por sociedades de tipo cacicado na Pré-Histórica amazônica (Roosevelt, 1980; Heckenberger, 2005; Neves, 2006). Embora ainda seja muito prematuro definir o tipo de organização social das estearias, é importante ressaltar que o bioma aquático e as condições ideais de obtenção de alimentos são parecidos com o das várzeas amazônicas, o que nos leva a inferir que este rico ambiente foi fundamental para o desenvolvimento das sociedades palafíticas. Evidência dessa adaptação é fornecida pelo relato de Simões (1981), que mediu uma das estearias e conseguiu delimitar sua área em 2 km², portanto, um sítio de dimensões consideráveis.

Por outro lado, fica sem resposta quem eram essas comunidades lacustres. Para Raimundo Lopes (1916), eram populações tardias, de filiação amazônica, que estariam migrando para a região da Baixada. Para Correia Lima (1989), eram grupos Nu-arawaque que foram expulsos mais tarde pela ocupação Tupiguarani. Já para Leite Filho (2010: 255), as estearias foram formadas por “grupos intrusivos na região que se organizaram em aldeias autônomas ou inversamente em um conjunto de habitações com algum vínculo político entre si dado sua homogeneidade cultural e contemporaneidade.”

A cultura material prospectada e escavada nas estearias de Penalva indicam uma cerâmica de boa qualidade, porém quase sempre sem pintura, modelada e com apliques zoomorfos (como coruja e o urubu) e antrotopoormorfos, dando forma a assadores circulares, fusos e vasos em miniatura (Correia Lima, 1989). Segundo Corrêa et al. (1991), a cerâmica encontrada no Cajari é temperada com areia e conchas moídas, sendo o cauixi utilizado em poucas ocasiões. Foram coletados vasos com gargalos e tigelas. Com relação ao material lítico, foram encontrados machados polidos e adornos de pedra verde, conhecidos como muiraquitãs (Correia Lima, 1989). Nos trabalhos de Corrêa et al. (1991) foram coletados batedores de seixo e de arenito, contas cilíndricas, lascas, raspadores e quebra-cocos. Muiraquitãs de pedra verde foram coletados por Lopes (1924), sendo um deles de ágata vermelha.

Outro importante relato é a existência de “ilhas e tesos” (Correia Lima, 1991) em algumas áreas dos lagos, cujas comparações geográficas, e, por conseguinte, dos *mounds* foram feitas por Lopes (1924) com a região marajoara, sem, no entanto, estabelecer discussões mais profundas. O próprio Correia Lima (1991) afirma que exumou uma igaçaba em um desses tesos, evidenciando, assim, que foram utilizados pelas comunidades que habitaram a região. Desse modo, como relatado anteriormente, as estearias ocupam um quadro peculiar na Pré-História brasileira, elas foram pouco pesquisadas, e, portanto, requerem maior atenção acadêmica.

O sítio do Armíndio e seu complexo cerâmico

Este sítio está localizado na bacia hidrográfica do rio Turiaçu. O material cerâmico estudado provém de uma doação, cuja pessoa coletou o material cerâmico, e o manteve em sua casa e depois procurou o LARQ para fazer a doação, cuja tramitação foi legitimada pela ação do IPHAN/Maranhão. Posteriormente, foi feito o reconhecimento e mapeamento do sítio, em janeiro de 2015.

Para a análise cerâmica utilizamos três autores: Chmyz (1968), Shepard (1956) e Rye (1981). O sítio foi mapeado pela equipe do LARQ/UFMA e foi feita uma datação¹⁴C em madeira do esteio (Tabela 1).

Tabela 1. Datação por C14 dos sítios, datas calibradas.

SÍTIO ARMÍNDIO	SÍTIO CUBA	SÍTIO BOCA DO RIO	SÍTIO CABOCLO	SÍTIO JENIPAPO	SÍTIO CABELUDO	SÍTIO COQUEIRO	SÍTIO PONTA D'AREIA
AD 1045/1085 Beta-404757	AD 770/900 Beta-406837	AD 885/995 Beta-406836	AD 895/935 Beta-406835	AD 775/820 Beta-406834	AD 885/990 Beta-430864	AD 250/295 Beta-430863	AD 165/175 Beta-430862

Foi realizada uma análise tipológica dos fragmentos cerâmicos e dividindo-se a coleção nas seguintes categorias: forma rasa (prato), vasilhames do tipo meia calota, vasilhames esféricos, vasilhames do tipo meia esfera, estatuetas e fusos (Tabela 2 e Figuras 3 e 4).



Figura 3. O complexo cerâmico das estearias. Note-se estatueta em forma de coruja, estatueta feminina com genitália à mostra, aplique zoomorfo e decoração dos vasilhames. Destaque para a última imagem inferior do lado direito: pintura em vermelho sobre engobo branco com incisões em forma de gregas. Fotos: Alexandre Guida Navarro e Aurea Costa.

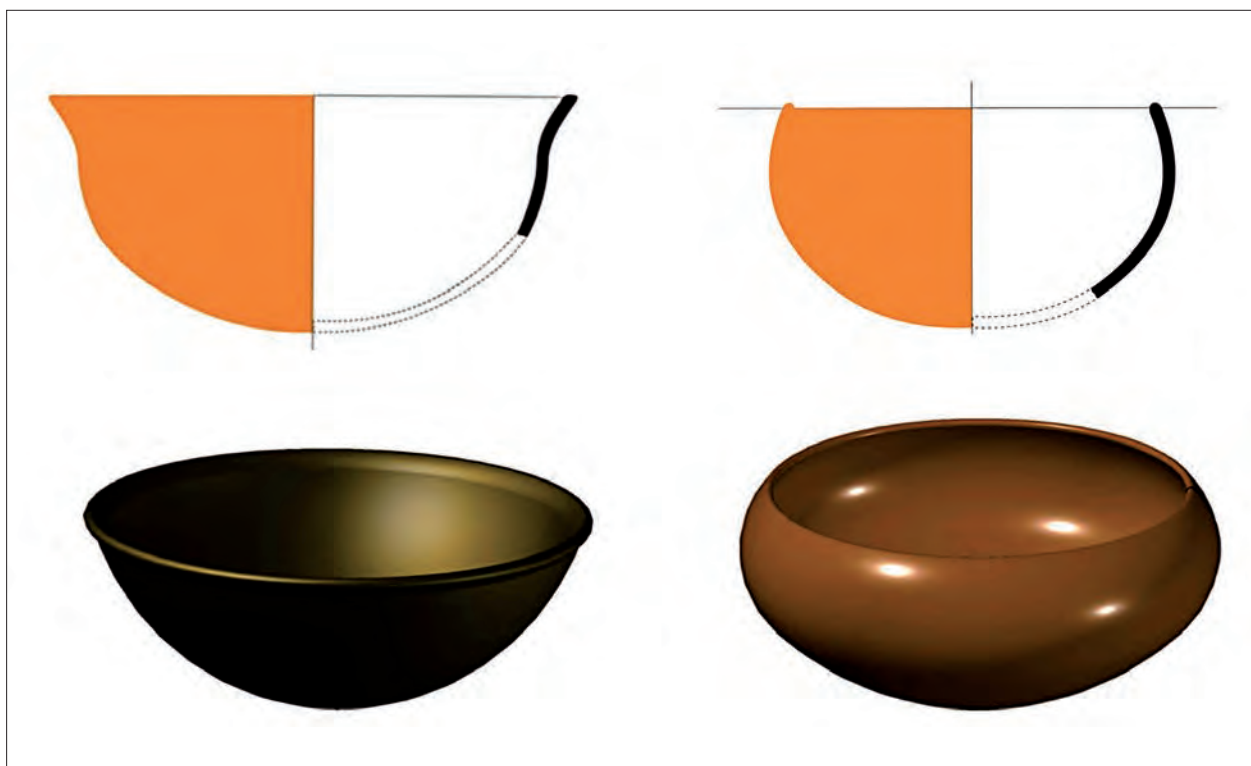


Figura 4. Reconstituição em 2D e 3D das formas cerâmicas. Feito por Tayse Handreyza.

Tabela 2. Tipos e características das cerâmicas das estearias.

	TECNOLOGIA				
	ANTIPLÁSTICO	QUEIMA	ACABAMENTO DE SUPERFÍCIE	TÉCNICA DE MANUFATURA	MARCA DE MANUFATURA
TIPO 1. VASILHAME TIPO RASO	Mineral, cauxi e caco moído	Redutora int. e oxidante externa	Alisado	Acordelamento	Negativo
TIPO 2. VASILHAMES MEIA CALOTA	Mineral, cauxi e caco moído	Núcleo redutor	Alisado, alguns casos brunidura	Roletado e modelado	Alisado, alguns casos brunidura
TIPO 3. VASILHAME MEIA ESFERA	Mineral, caco moído, cauxi	Redutora / oxidante interna, redutora externa	Alisado possui	Acordelamento	Não
TIPO 4. VASILHAME ESFÉRICO	Mineral, cauxi e caco moído	Redutora	Alisado	Roletado	Não possui
TIPO 5. ESTATUETAS	Mineral e cauxi	Redutora	Alisado	Modelado	Não possui
TIPO 6. FUSO	Mineral, caco moído e cauxi	Oxidante externa, redutora interna	Alisado	Modelado	Não possui

Tabela 2 (cont.). Tipos e características das cerâmicas das estearias.

	MORFOLOGIA	DECORAÇÃO	USO E DESCARTE	INTERAÇÃO ESTILÍSTICA	FUNÇÃO
TIPO 1. VASILHAME TIPO RASO	Bases planas Borda direta Contorno simples e formas irrestritivas	Não possui	Presença de fuligem resultante de cocção	Assadores tupis?	Assadores
TIPO 2. VASILHAMES MEIA CALOTA	Forma de meia calota Borda direta, introvertida e extrovertida Contorno simples e formas restritivas e irrestritivas	Pintura vermelha e preta, algumas com engobo branco e creme Um exemplar de pintura vermelha sobre engobo branco Decoração plástica: incisão e aplique	Marcas de fuligem por cocção	Um exemplar, tradição inciso-ponteada (Konduri?) Um exemplar, tradição policroma da Amazônia? Um exemplar tradição borda incisa?	?
TIPO 3. VASILHAME MEIA ESFERA	Vasilhame em forma de meia esfera Bordas diretas e extrovertidas Contorno simples e formas restritivas e irrestritivas	Pintura vermelha e preta, algumas sobre engobo branco e creme Local: lábio, bojo, base (interno e externo) Motivo: Linhas horizontais, verticais, gregas, volutas, triângulos estilizados Decoração plástica: apliques	Marcas de fuligem por cocção	?	Armazenamento ou cocção de sólidos a curto prazo. Pequenas dimensões do artefato, espessuras finas, proporcionalidade entre boca e base e/ou verticalidade pouco maior que horizontalidade.
TIPO 4. VASILHAME ESFÉRICO	Vasilhames em forma esférica Bordas diretas, introvertidas e extrovertidas Contornos simples e formas restritivas	Pintura vermelha e preta sobre a superfície da cerâmica (interna e externa). Linhas verticais e horizontais. Triângulos estilizados	Marcas fuligem por cocção	?	Armazenamento de líquidos a longo prazo. Diminuição da boca em relação à base, aumento da porção vertical.
TIPO 5. ESTATUETAS		Plástica com modelados e apliques. Sem indicio de pintura	Marca de fuligem por cocção	?	Chocalho? Ritual?
TIPO 6. FUSO			Marcas de fuligem por cocção		tortuais de fuso

Uma característica da coleção é a presença de pequenos vasilhames cerâmicos, que provavelmente serviam para armazenar quantidades bem controladas de líquido no seu interior ou sementes para o plantio, como indica Burke et al. (1971). Algumas delas têm incisão nas bordas e no bojo, outras são pintadas, geralmente de vermelho e preto, com ou sem a presença de engobo. Os pratos são utensílios planos e muitos possuem marcas de esteiras como negativo, sendo o mais frequente o trançado, indicando que serviam como assadores. As estatuetas caracterizam-se pela representação de animais, sobretudo a coruja, o macaco, a tartaruga e o sapo. Algumas delas são antropozoomorfos, sendo a zoomorfa a mais recorrente. A maioria delas possui um padrão escultórico: as pernas estão abertas, formando uma meia lua, e algumas delas apresentam a genitália feminina à mostra. Uma delas, em especial, evoca a questão do perspectivismo na arte destes povos: deitada é um sapo, de pé é uma coruja com o tronco humano, além dos braços, também humanos. Quase todas elas possuem outro traço importante: o desenho do umbigo. Os fusos também são um importante tipo de artefato encontrado nas estearias, e em tamanhos diferentes (Figura 3).

A principal técnica de manufatura observada é a modelagem, sendo a queima redutora a mais comum. Com relação ao antiplástico, predomina o cauixi, aparecendo também o caco moído, os minerais (em especial os grãos de quartzo), o carvão e às vezes o caraipé. Os apliques são outra característica diagnóstica dos artefatos. Em geral, possuem uma forma mamiforme, às vezes zoomorfa. Outros artefatos que aparecem em menor escala são vasilhames com alças e vasos com gargalo. A iconografia se destaca por traços geométricos, que delimitam padrões dentro da composição estilística do vaso: são gregas ou linhas em espiral que vão circundando o interior das peças. As cores predominantes são a vermelha e a preta. Provavelmente, muitas trazem desenhos de motivos que representam a pele dos animais, como um exemplar em que podemos notar as marcas do casco da tartaruga ou da pele de uma cobra surucucu, que era comum na região da Baixada Maranhense. Ainda é difícil enquadrar as estearias dentro das tradições arqueológicas das terras baixas da América do Sul. No entanto, podemos observar alguns exemplares das tradições policroma da Amazônia, borda incisa e inciso ponteadas. A datação bastante recuada do sítio Ponta D'Areia (165 dC), associada à Tradição Borda Incisa, indica uma revisão na literatura associada a esta Tradição com grupos palafíticos da Amazônia.

Novos trabalhos: escavação arqueológica e coleta sistemática

No final do ano de 2014 finalizada uma escavação no sítio arqueológico do Encantado, no povoado de Cuba, próximo à cidade de Pinheiro, que fora mapeado no ano anterior (Figura 5). Mesmo tendo sido quase todo destruído, o sítio do Encantado tem grandes dimensões. A área total atual do sítio é de 13 hectares, com a presença de 171 esteios. Quanto à escavação, abrimos duas quadrículas de 1m x 1m próximas ao marco zero do mapeamento. A escavação mostrou-se eficaz somente nos primeiros 40 cm de intervenção, sendo que depois disso o solo ficava totalmente encharcado com a presença de água, o que levou à interrupção do procedimento. Na estratigrafia é possível visualizar uma faixa mais clara do solo, onde se dá a concentração do material arqueológico, sendo mais comum a partir dos 30 cm de profundidade. Os artefatos que se destacaram foram dois tortuais de fuso e um fragmento de apliance aviforme.

Com relação à coleta sistemática, realizou-se o mapeamento dos sítios, em especial o do Armíndio e do Caboclo (Figura 2). Primeiramente localizamos os esteios fixando em cada um deles uma estaca com uma fita amarela. Desse modo, foi possível localizar os pontos e mapeá-los com a estação total. Em seguida, foram feitas quadrículas de 1m x 1m e, depois de alinhá-las com a localização exata no mapa,



Figura 5. Diferentes momentos da escavação no sítio Encantado, povoado de Cuba, município de Pinheiro. Fotos: Alexandre Guida Navarro e Cássia Betânia Ferreira.

com a estação total, foram coletados os artefatos correspondentes a cada ponto do mapa. Como o trabalho foi realizado na época da estiagem, os lagos apresentavam, em média, de 40 a 60 cm. de profundidade, sendo a água turva e com pouca movimentação das ondas. Existe uma grande quantidade de material orgânico no fundo desses lagos, possivelmente antropizado, e que corresponderia, por exemplo, às palhas ou palmeiras que serviram para a confecção do teto das cabanas. Sementes e cocos de babaçu aparecem em grande quantidade. Encontramos quatro artefatos de madeira, sendo um artefato para o cabeamento do machado, duas hastes de fuso e outro que ainda não podemos identificar (uma arma, tacape? ou remo) (Figura 6). Coletamos aproximadamente cinco mil artefatos, que se encontram no LARQ para serem analisados.

Os líticos correspondem, em sua maioria, aos polidos, como os machados e batedores (Figura 7). Na coleta tivemos a surpresa de encontrar um muiraquitã. Sabemos que este tipo de material lítico foi retirado no lago Cajari por Raimundo Lopes, no início do século XX. Esta peça é o primeiro artefato coletado nas estearias, de forma sistemática, depois dos achados de Lopes. A análise mineralógica foi realizada pelo Prof. Dr. Marcondes Lima da Costa (UFPA) e constatou-se que é de pedra verde e confeccionado a partir dos minerais tremolita/actinolita. A peça possui 2,8 cm de altura por 1,8 cm de comprimento, tendo dois furos laterais e marcas do retoque do lascamento e polimento no verso. Com relação ao estilo, é híbrido, pois o abdômen e patas são idênticas aos muiraquitãs tradicionais, no entanto, a cabeça ora assemelha-se a traços caribenhos, quanto aos das terras altas da América do Sul (os olhos quadrados e o motivo bipartite da cabeça), em especial à cultura La Tolita da Colômbia.



Figura 6. Materiais em madeira retirado da estearia do Armindio. Da esquerda para a direita: tacape ou remo?, haste de fuso e cabeamento de machado. Fotos: Cássia Betânia Ferreira.



Figura 7. Artefatos líticos. Machados e muiraquitã de pedra verde tremolita/actinolita. Fotos: Alexandre Guida Navarro e Marcondes Lima da Costa.

Considerações finais

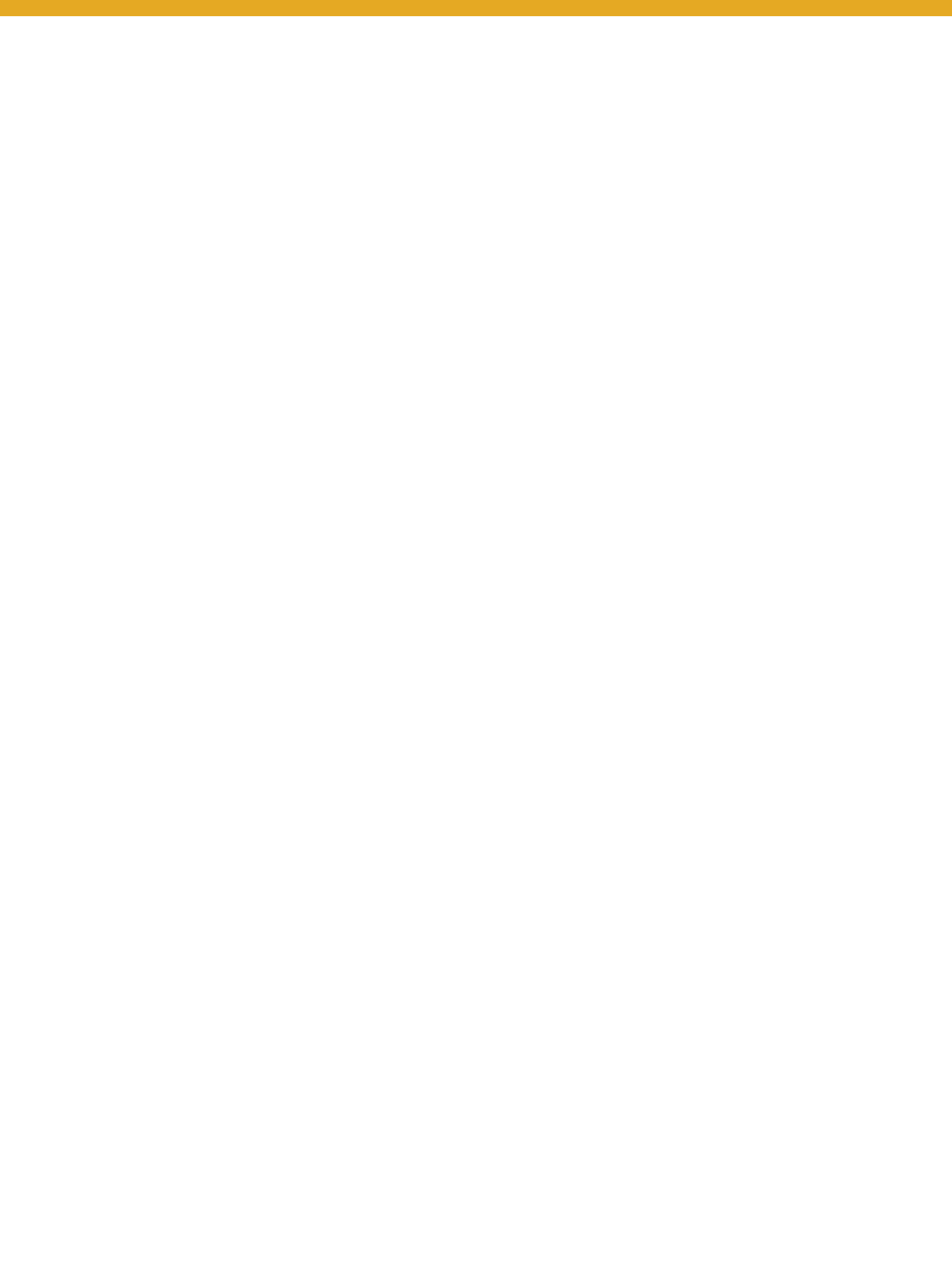
Como conclusão deste trabalho, podemos afirmar que a análise da coleção cerâmica estudada através de sua tipologia, apresenta:

- Predominância do antiplástico cauxi, caco moído e mineral de quartzo (diferentemente daquelas estudadas por Mário Simões, que assinalou a ausência de cauxi nelas, o que, para nós, precisa ser revisto);
- Queima redutora;
- Técnica de manufatura por acordelamento ou roletado;
- Presença de pintura vermelha e preta sem engobo, com pouca incidência de engobo;
- Destaque para formas esféricas, meia esfera e meia calota (com apliques);
- Confecção de materiais simbólicos a partir das estatuetas;
- Presença preponderante de tortuais de fusos.

Por fim, há que ressaltar que as estearias são um tipo de sítio arqueológico muito pouco estudado na literatura arqueológica das terras baixas da América do Sul. Por estarem bem conservadas, são um testemunho importante das sociedades que habitaram esta região amazônica. Nelas é possível encontrar ainda vestígios paleobotânicos, arquitetura, cerâmica decorada, lítico e artefatos mais elaborados como os muiraquitãs, evidenciando, assim, a atividade de longo comércio em que estes artefatos possivelmente estiveram envolvidos. Com relação à organização política, fica por elucidar se eram sociedades de tipo cacicado ou sítios sazonais, em decorrência do meio aquático. Evidências da complexidade arquitetônica dos sítios (a quantidade e disposição dos esteios); a homogeneidade da cultura material, como é evidente nos tipos cerâmicos; a mensagem simbólica apresentada pelas pinturas dos vasilhames e estatuetas (na sua maioria animais predadores e figuras humanas femininas com a marca da genitália) e a contemporaneidade dos sítios (800 a 1000 dC), indicam, a nosso ver, uma homogeneidade cultural dessa sociedade, levando-nos a pensar em cacicados de grande escala regional.

Agradecimentos

À Helena Lima pelo convite para participar deste livro, estendendo os agradecimentos às colegas Cristiana Barreto e Carla Betancourt. À equipe LARQ/UFMA, IPHAN/Maranhão e ao apoio institucional do Departamento de História (DEHIS) e do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS), ambos da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Aos colegas Prof. Ms. João Costa Gouveia Neto (UEMA), pelas discussões sobre as estearias, ao Prof. Dr. Marcondes Lima da Costa (UFMA), pela análise mineralógica do muiraquitã, ao Prof. Dr. Antonio Parga (IFMA), pela realização do mapeamento com estação total, ao Prof. Ms. Marcelino Farias (UFMA), pela confecção do mapa da área estudada e à Profa. Áurea Costa (Laboratório de Fotografia da UFMA). À estagiária Tayse Handreyza, pela colaboração na produção das fotografias. Por fim, ao apoio financeiro do IPHAN através da Superintendente Kátia Bogéa e da FAPEMA, através dos editais REBAX e ACERVO MUSEOLÓGICO, ambos de 2013, e que ainda estão vigentes.



BAIXO AMAZONAS
E XINGU





ARQUEOLOGIA DOS TUPI-GUARANI NO BAIXO AMAZONAS

Fernando Ozorio de Almeida

RESUMEN

Arqueología de los Tupi-Guarani en el bajo Amazonas

El objetivo del presente estudio es presentar la alfarería de los grupos Tupi-Guarani del sudeste de la Amazonía. Para comprender la variabilidad de esta cerámica es necesario realizar una comparación con la alfarería producida por los Tupinambá costeros y los Guarani. También se realizará una comparación entre la Tradición Tupiguarani y la cerámica manufacturada por otros Tupi y grupos non-Tupi que por ventura influenciaron estilísticamente a esta Tradición.

ABSTRACT

Archaeology of the Tupi-Guarani in the Lower Amazon

The aim of this paper is to present the ceramic material produced by the Tupi-Guarani groups who inhabited vast regions of south-eastern Amazonia. To understand the variability of these ceramics it is necessary to compare them to those produced by the Coastal Tupinambá and the Guarani. Further comparison will be undertaken between the Tupiguarani Tradition and the ceramics manufactured by other Tupi, and non-Tupi groups, which may have stylistically influenced this tradition.

Introdução

A cerâmica Tupi-Guarani foi produzida durante cerca de dois milênios por grupos falantes de línguas da família homônima. Trata-se de uma das cerâmicas arqueológicas mais amplamente difundidas das terras baixas sul-americanas. A coerência nas formas de produção, uso e descarte dessa cerâmica indica um estilo tecnológico (cf. Dietler; Herbich, 1989); a permanência temporal e a dispersão espacial de muitas das escolhas que constituíram as cadeias operatórias dos vasilhames permitem dizer que esse estilo é uma Tradição; enquanto que os dados arqueológicos, etno-históricos e etnográficos correlacionam de maneira extraordinária a família linguística Tupi-Guarani ao estilo tecnológico.

A cerâmica, por ser o elemento mais encontrado nas áreas antigamente ocupadas por esses grupos, é a principal definidora dessa Tradição. Os atributos politéticos¹ da Tradição Tupiguarani são o uso de manufatura acordelada, o antiplástico de caco moído e/ou mineral, a presença de vasos compostos (um ângulo na parede) ou complexos (dois ou mais ângulos nas paredes), com base convexa ou ovalada, vasilhas com decorações plásticas corrugadas, unguladas, digitadas, raspadas, escovadas, quase sempre encontradas no exterior do vaso, assim como o uso de pigmentos vermelho, preto e branco, que aparecem como banhos, faixas e/ou motivos geométricos, dentro ou fora dos vasos. Urnas funerárias também são comuns e, em geral, são reutilizações de grandes painéis cobertos por uma tigela (Buarque, 2010; La Salvia; Brochado, 1989).

A Tradição Tupiguarani pode ser dividida em três subtradições: Subtradição Guarani, Subtradição Tupinambá da Mata Atlântica (ou do litoral) e Subtradição Tupinambá da Amazônia. Neste artigo será discutida a cerâmica dessa última Subtradição como também, de maneira sucinta, outros elementos que caracterizam esse agrupamento: o lítico, a terra preta, os padrões de assentamento e os formatos das aldeias. Para compreender o contexto do sudeste amazônico, será necessário também discutir os possíveis fatores que asseguraram a persistência ou levaram a mudanças na cerâmica desses grupos, as semelhanças e diferenças com relação a outros grupos Tupi, assim como as possíveis influências que grupos não Tupi tiveram e que podem ser identificadas na cerâmica dos Tupi-Guarani.

A presença de cerâmica Tupi-Guarani nas bacias dos rios Xingu e Tocantins foi inicialmente definida por pesquisas do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (PRONAPABA), conduzidas respectivamente por Celso Perota (1992) e Mário Simões (Simões; Araújo-Costa, 1987). Posteriormente, as pesquisas prosseguiram por meio de projetos de arqueologia de contrato (e.g. Caldarelli, Araújo-Costa; Kern, 2005; Scientia, 2008), com destaque para uma série de levantamentos na área de interflúvio entre esses rios, na serra dos Carajás (e.g. Kipnis; Caldarelli; Oliveira, 2005; Magalhães, 1994; Pereira et al., 2008; Silveira et al., 2008; Simões, 1986) e outras áreas de mineração (Garcia, 2012). Além dessas pesquisas, um grande número de sítios na área de encontro dos rios Tocantins e Araguaia foi levantado pela Fundação Casa da Cultura de Marabá, sob a coordenação de Noé Von Atzigen. Foi na área de encontro desses rios, foco central deste artigo, que existiu um dos maiores núcleos pré-coloniais de ocupação Tupi-Guarani (Almeida, 2010) (Figura 1).

Essas pesquisas, muitas ainda em andamento, têm permitido a construção de um quadro cronológico bastante consistente para a Subtradição Tupinambá da Amazônia, com mais de 60 datações radiocarbônicas ou de

1. Atributos que são recorrentes, mas cuja presença individual não é necessariamente obrigatória para a inserção de uma determinada indústria nessa Tradição.

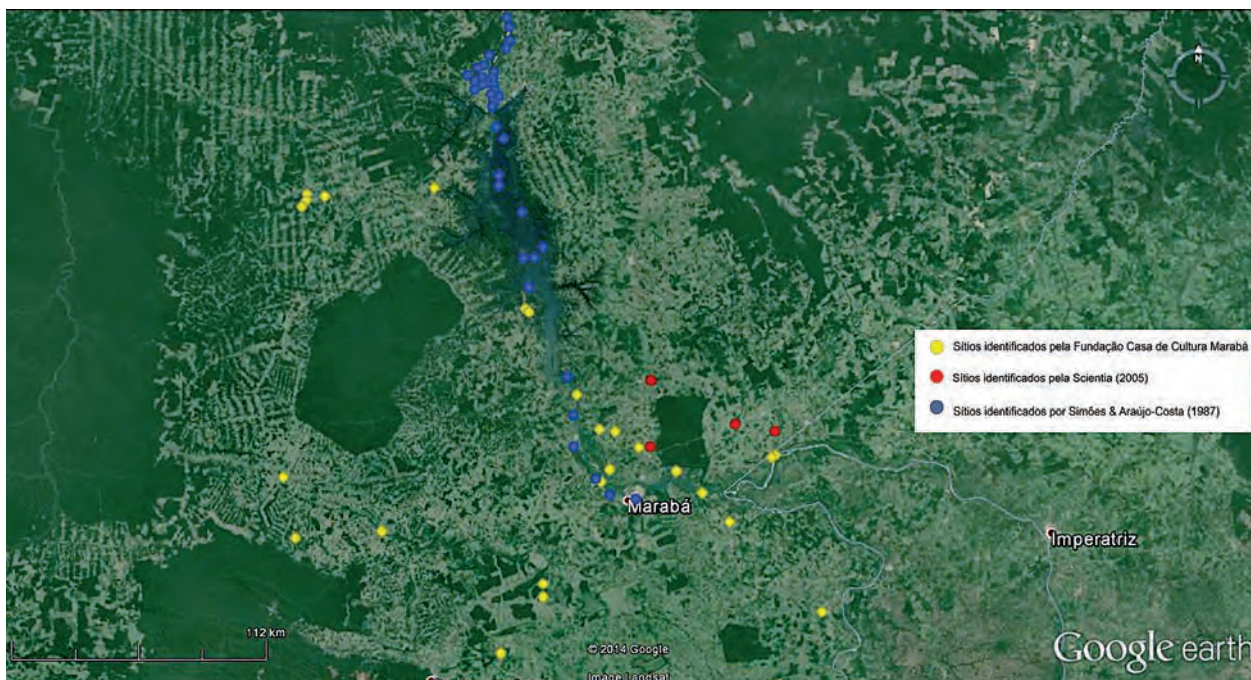


Figura 1. Localização de sítios Tupi-Guarani na bacia do baixo rio Tocantins (Google Earth).

termoluminescência. As datas sugerem que os Tupi-Guarani ocupavam o sudeste amazônico desde pelo menos o século 1700 AP até o século 200 AP, período em que vários relatos históricos (e.g. Vieira, 1997 [1659]) já indicavam a presença de grupos Tupinambá na região (cf. Almeida, 2008; Garcia, 2012; Pereira et al., 2008; Silveira et al., 2008). Ainda hoje, uma série de grupos Tupi-Guarani, como os Asurini, os Araweté e os Parakanã, segue habitando essa região, incluindo áreas a leste do baixo Tocantins e no interior do atual estado do Maranhão (e.g. os Tenetehara, os Ka'apor e os Awá-Guajá). Dentre esses grupos, os únicos Tupi-Guarani a ainda produzirem cerâmica são os Asurini (cf. Müller, 1990, 1992).

Apesar de poucos dados disponíveis, tanto a etnografia (cf. Fausto, 2001; Viveiros de Casto, 1986) quanto a arqueologia (Almeida; Garcia, 2008) da região sugerem que não havia um de padrão na organização das casas dos Tupi-Guarani: muitas vezes dispersas de maneira aleatória, às vezes seguindo um formato circular ou ainda restritas a uma grande cabana. Trabalhos de etnoarqueologia (Silva, 2000) e de arqueologia (Almeida, 2008) também apontam a existência de lixeiras nos arredores das aldeias. Nessas áreas de deposição secundária (cf. Schiffer, 1987), onde os fragmentos cerâmicos são encontrados desarticulados, em posições verticais e transversais, também são frequentes detritos de material lítico, restos de carvão e fauna. Observou-se, no entanto, que alguns sítios (e.g. Cavalo Branco) possuíam grande quantidade de material bem estruturado, com disposição horizontal na subsuperfície, o que remete a um possível contexto primário de deposição.

A etnografia (cf. Balée, 1994) e a arqueologia (Almeida; Garcia, 2008; Garcia, 2012) parecem estar de acordo quanto a um padrão de reocupação dos sítios, que ocorre tanto em áreas previamente habitadas por grupos Tupi-Guarani como em locais antes habitados por grupos produtores de cerâmicas distintas. Fundamental para a compreensão dos processos de reocupação é considerar possíveis estruturas temporárias (para caça, pesca ou roça) no entorno das aldeias. Estruturas estas que serviam para mapear (uma cartografia geográfica e mítica) o território de um grupo que de outra forma não possuía limite geográfico definido (cf. Ladeira, 2008).

A grande diferença entre o tamanho dos sítios, variando de algumas dezenas de metros a vários hectares, com significativas diferenças entre a tecnologia cerâmica e lítica, é um forte indicador da distinção entre aldeia e estrutura temporária. A presença de pacotes rasos de terra preta (+30 a 40 cm), com coloração mais clara do que as identificadas, por exemplo, em sítios nas margens do rio Amazonas (cf. Petersen, Neves; Heckenberger, 2001; Kern, 1996), assim como o espaçamento entre as datações de um mesmo sítio contribuem para que se argumente a favor de uma grande mobilidade por parte desses grupos (Denevan, 2001; Almeida, 2008; Almeida; Garcia, 2008).

O material lítico é restrito a uma indústria expedita, com predomínio de lascas corticais unipolares ou bipolares, por vezes retocadas, produzidas com o material encontrado nos sítios ou nas áreas de entorno, especialmente seixos de rio. No caso do baixo Tocantins, é comum encontrar vestígios de silexito, arenito silexificado, quartzo ou quartzito (Almeida, 2008). Os artefatos polidos, lâminas de machado e os adornos (tembetás?) fogem desse padrão expedito do material lítico (Figura 2). Nos sítios do baixo Tocantins e do interior maranhense é comum encontrar lâminas de machado em “T”. Souza (2013) sugere que esse tipo de artefato seria um diagnóstico lítico dos grupos Tupi-Guarani.



Figura 2. Material lítico polido encontrado no sítio São José, baixo Tocantins (Foto: Fernando Ozorio de Almeida).

Os Tupi-Guarani da Amazônia Oriental (a Subtradição Tupinambá da Amazônia)

Comparada com as Subtradições Guarani e Tupinambá da Mata Atlântica, a Subtradição Tupinambá da Amazônia possui grande variabilidade interna. Esta temática será discutida mais adiante. No entanto, são muitas as semelhanças com as demais Subtradições como: o uso do acordelado; a queima incompleta; um alisamento nem sempre perfeccionista (muitas vezes atrapalhado por antiplásticos de grande dimensão); engobos (ou banhos) brancos, vermelhos ou marrons (barbotina); formas angulosas, incluindo carenas, ombros e bordas cambadas (suportes de tampa?); bordas reforçadas e lábios arredondados. Os ângulos dividiam os vasilhames em segmentos e delimitam os campos decorativos, principalmente na face externa,

também podiam ser ressaltados por faixas vermelhas, brancas e/ou pretas. As pintadas (vermelhas, pretas, brancas, marrons e às vezes amarelas) eram feitas em ambas as faces dos vasos. Na face interna, uma pintura poderia cobrir toda a superfície; na face externa, ela geralmente ficava restrita ao bojo superior. As decorações plásticas, em geral, eram feitas apenas na face externa, incluindo os lábios (digitados e/ou unglados). O destaque plástico, assim como nas demais Subtradições, é o corrugado, ainda que digitados, escovados, roletados (i.e. a face externa sem alisamento) e unglados sejam comuns e por vezes até predominantes (Figura 3).

Também são muitas as diferenças entre as Subtradições. A cerâmica amazônica possui paredes mais finas e é bastante comum encontrar decorações incisas nos vasilhames, raras nas demais. As espessuras dos motivos pintados, em especial os executados na face interna, tendem a ser muito mais espessos nas indústrias amazônicas que nos grupos do sul e do litoral. Além disso, é comum na cerâmica amazônica a utilização de pintura branca sobre engobo vermelho, o que também pouco ocorre na cerâmica dos grupos litorâneos e meridionais. Talvez a maior ausência entre os elementos que compõem o agrupamento amazônico frente às duas outras subtradições seja o caco moído. Em alguns sítios foi observada uma grande presença de grãos de quartzo angulosos na argila, um possível indício de que esse material não seria natural na argila, e sim triturado e inserido pelas oleiras. Pode-se apontar para uma ocasional presença de carvão na pasta, assim como de caraipé, mais raramente.

Outras particularidades da cerâmica amazônica Tupinambá são a presença de rodas de fuso (ou seja, a reciclagem de fragmentos de vaso), bordas vazadas e um uso alternativo dos unglados, com a função de criar superfícies mais aderentes entre os roletes na hora de confeccionar os vasos. Pequenas vasilhas com um acabamento de superfície malfeita e fragmentos com incisões irregulares e assimétricas remetem ao processo de ensino-aprendizagem das pequenas artesãs (cf. Almeida, 2013a). Também foi observado o uso de placas de argila em determinadas partes dos vasos, como bases e carenas, um reforço nas partes mais frágeis dos vasilhames. A recorrência de fragmentos com muitas perfurações sugere que esses grupos possuíam vasos tipo “cuscuzeiros”.

A grande variabilidade nas formas indica que as indústrias dos grupos Tupi-Guarani da Amazônia atendiam a todas as principais funcionalidades indicadas para vasilhames cerâmicos: armazenagem, transporte, preparo e consumo (cf. Rice, 1987; Figura 4). A presença de vasos com pescoço sugere que foram utilizados para armazenar e servir líquidos, a presença de tigelas abertas e rasas permitiriam o preparo e o serviço de alimentos sólidos, enquanto que a grande quantidade de pratos com grandes diâmetros indica a presença de assadores. Também são recorrentes fragmentos com fuligem, sugerindo que eram levados ao fogo. Parece haver uma considerável frequência de fragmentos corrugados (ou com marca de folha ou simplesmente mal-alisados) com a fuligem, o que pode significar outra funcionalidade para essa tradicional “decoreção” Tupi-Guarani. Rice (1987: 129) argumenta que esses tipos de tratamento que tornam a superfície irregular teriam a função de melhorar a condução térmica dos vasilhames. Na análise espacial realizada no sítio Cavalão Branco foi possível perceber uma concentração de grandes pratos (tipo assadores) em determinada parte do sítio, indicando um uso comunitário, enquanto que os demais vasilhames com fuligem encontravam-se dispersos, indicando usos nucleares (Almeida, 2008).

Garcia (comunicação pessoal) observou a presença de tigelas com bocas alongadas (retangulares) na cerâmica do baixo Xingu, a mesma forma diagnóstica na indústria dos grupos litorâneos, e que era utilizada para o consumo de fermentados (Brochado, 1991). Na Tradição Tupiguarani, de maneira geral, esse conjunto – panela para preparo e armazenagem e tigela para serviço e consumo – teria um possível reuso como



Figura 3. Decoração plástica e pintada dos Tupi-Guarani do baixo Tocantins (Foto: Fernando Ozorio de Almeida).

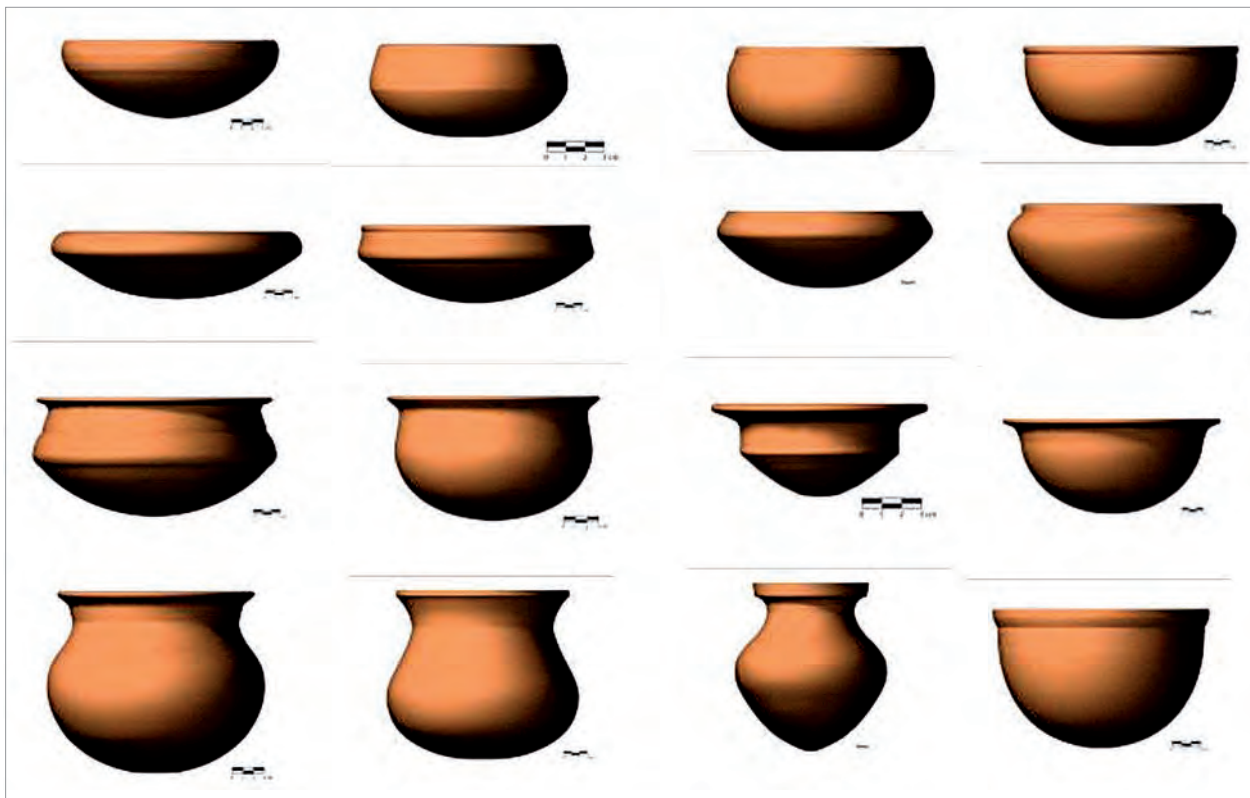


Figura 4. Tipos de formas encontradas no sítio Cavalo Branco, baixo Tocantins.

urna e tampa funerárias. Nota-se, entretanto, uma baixa presença de urnas funerárias nos sítios arqueológicos dos antigos Tupi-Guarani amazônicos, o que permite pensar, com base na etno-história dos Tupinambá do litoral (cf. Fernandes, 1963, 1970) e da etnografia dos Araweté do sudeste amazônico (Viveiros de Castro, 1986), que a estrutura funerária ideal (e mais recorrente) era o estômago do inimigo.

É possível dizer que a iconografia dos Tupi-Guarani pode, de maneira quase unânime, ser inserida no conjunto das figuras geométricas bidimensionais. Dentre as várias possibilidades, é possível identificar uma recorrência de motivos antropomorfos – o que pode ser visto como uma nítida distinção frente ao clássico modelado tridimensional zoomorfo encontrado na cerâmica da Tradição Barrancoide – seja ela na forma de gregas (cf. Müller, 1990: 250), seja na forma de outros padrões (Figura 5).

Persistência e mudança entre os Tupi-Guarani

Durante o longo período em que foram produzidos os utensílios da Tradição Tupiguarani, ocorreram mudanças estilísticas nesses materiais. Um dos maiores desafios atuais da chamada “arqueologia Tupi” é compreender como essas mudanças ocorreram em diferentes contextos. Sabe-se, por exemplo, que a maior distinção cronotipológica já proposta para a arqueologia desses grupos, uma que dividia a cerâmica em agrupamentos (Subtradições) Corrugados, Escovados e Pintados, não funciona (Prous, 1992: 411). Pode-se dizer que a presente perspectiva de análise de cerâmica, ao utilizar uma grande quantidade de atributos politéticos para caracterizar as indústrias cerâmicas e assim escapar das armadilhas essencialistas do uso

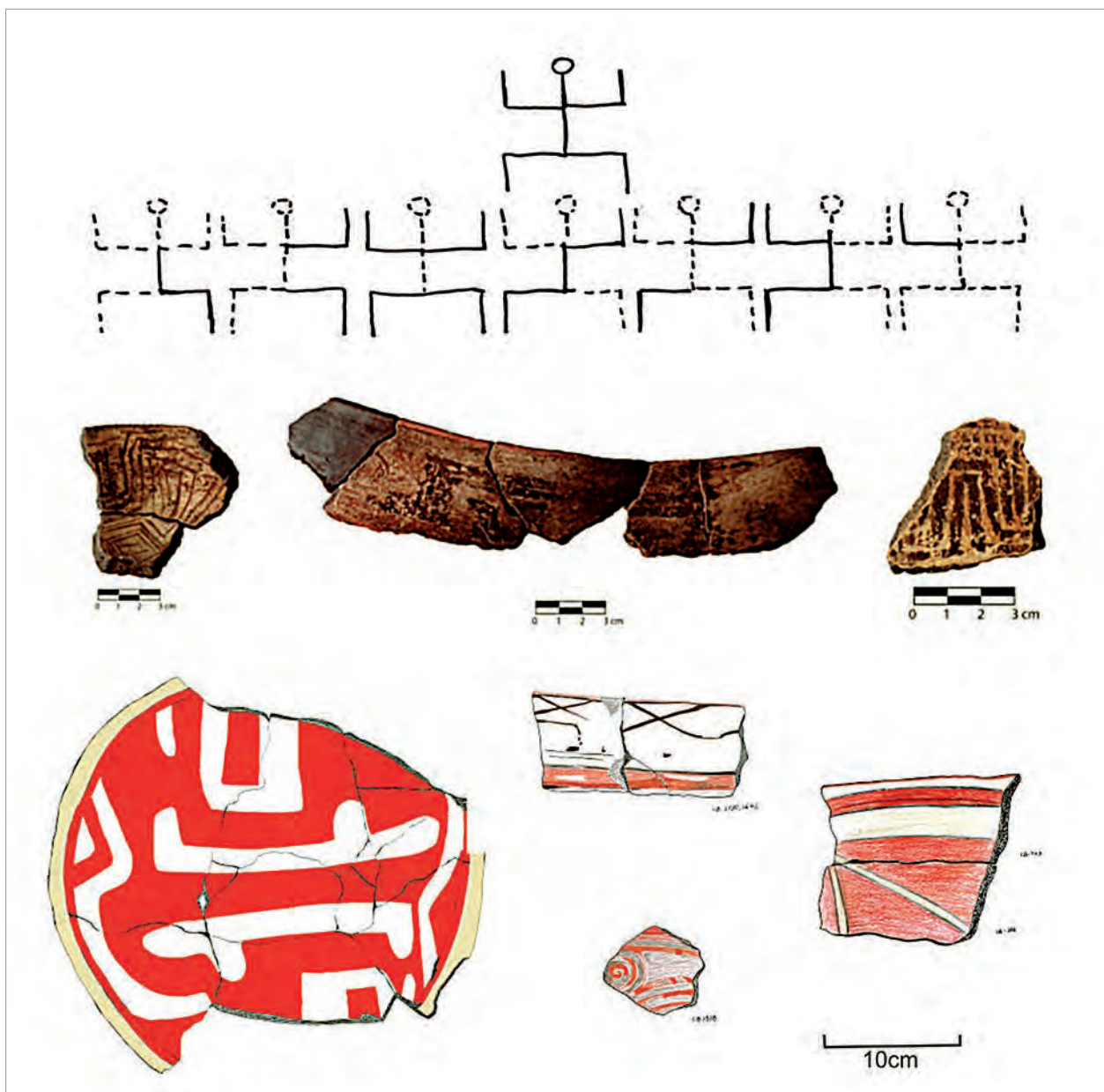


Figura 5. Acima, a relação entre as gregas e o antropomorfismo, segundo Ribeiro (1989); no centro, os motivos em gregas do sítio Cavallo Branco; abaixo, outros motivos do mesmo sítio.

de atributos tipo “fóssil-guia”, cria para si mesmo uma maior dificuldade quanto à compreensão de mudanças de frequência no tempo (Needham, 1975: 358). Da mesma forma, a inserção de possíveis diferenças espaciais intrassítios da cerâmica adiciona mais uma variável, que complexifica a leitura vertical (quem escava só uma unidade não possui esse problema!). O que não impede a busca pela identificação e interpretação das variações e da variabilidade através do tempo.

Parte das mudanças resulta de inovações ou de recombinações de elementos por parte das ceramistas, dentro de uma restrita gama de possibilidades disponíveis, estabelecida por uma rígida estrutura de práticas. A consolidação de uma alteração dentro da estrutura estilística provavelmente necessária,

antes, da aprovação das pares artesãs: a estrutura só pode ser alterada por quem já faz parte dela (Bowser; Patton, 2008: 108).

Nesse sentido, grandes mudanças eram indesejadas, e é certo que foram intensamente desestimuladas dentro dos diferentes grupos relacionados a essa Tradição. Caso contrário, não se encontraria tamanha semelhança entre indústrias cerâmicas separadas por grande amplitude temporal e geográfica. A causa desse “conservadorismo” estilístico pode ser explicada por uma série de fatores. Um fator-chave é a rede de conexões historicamente documentada entre esses grupos, e que eram ritualmente construídas: as cerimônias antropofágicas serviam tanto para sacralizar alianças como para sacramentar vinganças contra inimigos. As sínteses históricas (Fernandes, 1963, 1970) e antropológicas (Viveiros de Castro, 1986) ratificam a onipresença do duo alteridade e predação, indicando que tanto o aliado quanto o inimigo ideal é o igual, um cunhado ou aparentado que fala a mesma língua e segue os mesmos costumes.

Outro fator-chave para a compreensão da coerência espacial e temporal da cerâmica Tupi-Guarani é o caráter universal de muitos dos elementos que constituem esse estilo, e que são recorrentes em diferentes suportes materiais de um mesmo grupo. Universalidade que também foi observada em outros grupos ceramistas das terras baixas sul-americanas. Por exemplo, os Shipibo-Conibo, grupos de língua Pano do Alto Amazonas, produtores de cerâmicas com motivos pintados ou incisos, que são idênticos aos encontrados em seus tecidos e pinturas corporais. Foi justamente a percepção da persistência milenar dos elementos “universais”, desde a cerâmica arqueológica Cumancaya até os Shipibo-Conibo atuais, que levou DeBoer (1991: 148) a cunhar o termo “*pervasive style*” e a indicar que eram esses *pervasive elements* os que teriam a menor possibilidade de serem alterados: a mudança em um suporte acarretaria em uma alteração geral, um cataclismo cultural.

Os motivos geométricos dos Tupi-Guarani também eram universais, aparecendo em vasos rituais para o preparo e consumo de fermentados (o cauim), nos chocalhos e bordunas, que protagonizavam a morte do inimigo, como também nas pinturas corporais dos participantes das grandes festividades que celebravam a memória dos antepassados e a incorporação do outro. No caso do matador, esses motivos seriam posteriormente incisos no seu corpo, conferindo-lhe o prestígio de um grande guerreiro. Em síntese, mesmo que qualquer um dos elementos que compõem um estilo estivesse sujeito a mudanças, alguns elementos (os universais) estavam menos ameaçados do que outros. No caso da cerâmica Tupi-Guarani, pode-se apontar que não somente os motivos pintados possuíam uma grande persistência e um imenso repertório, como também toda a parafernália relacionada aos rituais festivos que caracterizavam esses grupos, incluindo os vasos utilizados para preparo e consumo desses fermentados (cf. Noelli; Brochado, 1998: 118).

No âmbito individual ou do grupo, mudanças radicais na forma de se fazer cerâmica ou em quaisquer outros aspectos materiais ou imateriais desses grupos significariam, portanto, um risco grande de exclusão dentro do grupo ou da rede que ligava as aldeias. Viu-se que os Tupi-Guarani apoiavam o esteio central de sua identidade na manutenção de aspectos semelhantes com seus pares de mesma língua e cultura. Ao mesmo tempo, é na manutenção de pequenas diferenças – e essas certamente podem ser encontradas no material cerâmico – frente a esses pares, que residia outra parcela importante da identidade de cada um dos grupos. Variação que também ocorreria individualmente nas diversas ceramistas de um mesmo grupo. Em síntese, é na tensão duradoura entre permanência (Tradição) e mudança que se deve compreender as práticas oleiras e a variabilidade artefactual desses grupos (Bowser; Patton, 2008: 108).

Entre os Tupi

A falta de informação sobre a cerâmica dos demais grupos Tupi – visto que a família Tupi-Guarani é apenas uma dentre as dez famílias que compõem o tronco Tupi – dificulta identificar se a mesma correlação entre língua e cultura material se repete nas demais famílias. Os poucos dados disponíveis parecem indicar, entretanto, que Miller (2009) está correto (pelo menos em alguns casos) em defender a existência de um estilo particular para cada uma das famílias. As amplas lacunas sobre a olaria dos demais grupos Tupi também dificultam a comparação desta com a Tradição Tupiguarani, ainda que algumas inferências possam ser feitas. Por exemplo, o conjunto de vasos para preparo, armazenamento e serviço de fermentados documentado etnograficamente (Caspar, 1958) e arqueologicamente (Miller, 1983; Cf. Almeida, 2013b) para os Tupi-Tupari (grupos que habitam a bacia do Médio Guaporé) parece semelhante ao mesmo conjunto funcional Tupi-Guarani. Um conjunto funerário similar também pode ser encontrado na bacia do alto rio Ji-Paraná, local tradicionalmente habitado por grupos Tupi-Mondé (Almeida, 2013b; Miller, 2009), que aparentemente também (como os Tupi-Guarani) utilizavam decorações corrugadas em suas cerâmicas (Cruz, 2008; Zimpel Neto, 2009). A semelhança das formas de muitos vasos arqueológicos do alto Ji-Paraná e a cerâmica até hoje produzida pelos grupos Suruí (Tupi-Mondé da região) fornece outro argumento a favor dessa hipótese. No entanto, se Miller (2009) estiver correto na sua correlação entre a cerâmica da Tradição Jamari e os grupos Tupi-Arikém – e a proximidade entre os dados arqueológicos e etno-históricos sugere que sim – significa uma provável completa ausência de afinidade entre esse estilo cerâmico e o dos Tupi-Guarani.

Um elemento que parece diferenciar os Tupi-Guarani dos demais Tupi é a ampla presença de decorações pintadas na cerâmica dos primeiros. A distribuição geográfica dos Tupi ao longo da bacia sul do Amazonas talvez seja a chave para explicar essa diferença. Isso porque são justamente os grupos orientais, nas bacias dos rios Xingu e Tocantins, os que aplicavam a policromia em seus vasos. Contribui para esse quadro o fato de os vasos Juruna (os únicos Tupi não Tupi-Guarani da Amazônia Oriental) possuírem essa policromia (Oliveira; Galvão, 1969), assim como o fato de os grupos Tupi-Guarani amazônicos mais ocidentais, que habitavam a bacia do rio Tapajós (e.g. Kayabi e Kawahiva), **não utilizarem** essa policromia (cf. Stuchi, 2010), o que talvez signifique que nem todos os grupos Tupi-Guarani produziam cerâmica de estilo homônimo.

Uma das mais significativas consequências de separar geograficamente os grupos Tupi ocidentais e orientais e de ligar a gênese do estilo cerâmico Tupi-Guarani aos grupos orientais é um deslocamento para leste no foco da área-chave para a compreensão da dispersão dos grupos Tupi-Guarani. Em outras palavras, a chamada expansão Tupi-Guarani (cf. Brochado, 1984; Lathrap, 1970; Noelli, 1996) não teria ocorrido a partir da bacia do alto Madeira, no atual estado de Rondônia, conforme advogaram linguistas (Rodrigues; Cabral, 2012; Migliazza, 1982) e arqueólogos (Miller, 2009; Schmitz, 1991). Os movimentos de migração e expansão dos grupos Tupi-Guarani produtores de cerâmica homônima teriam ocorrido a partir do sudeste amazônico, no entorno das bacias dos rios Xingu e Tocantins, local com maior diversidade linguística dentro dessa família (Melo; Kneipp, 2006) e maior diversidade estilística (Revista Mana, 21(3): 499-525. 2015).

No entanto, essa divisão geográfica entre os grupos Tupis orientais e ocidentais e entre presença/ausência de policromia pode ser demasiadamente simplista ao se considerar a presença da chamada Tradição Policroma da Amazônia (TPA) em sítios no alto Madeira e no Alto Amazonas, áreas historicamente ocupadas por

grupos Tupi. Não será aprofundada aqui a possível relação entre os Tupi e a TPA. No momento, o que é fundamental para a compreensão sobre a cerâmica Tupi-Guarani do leste amazônico é o fato de que, ao contrário do que defendiam Brochado (1984) e Lathrap (1970), não existe uma relação direta entre a TPA e a Tradição Tupiguarani. A cerâmica Tupi-Guarani é mais antiga que a cerâmica TPA, e as formas cerâmicas de cada um desses agrupamentos é distinta, por isso devem ser consideradas como duas Tradições distintas (Almeida, 2013b), o que não significa que inexistam semelhanças entre ambas as Tradições, mas apenas que uma (Tupiguarani) não é um resultado diacrônico (de grupos cultural e linguisticamente semelhantes) da outra (TPA).

Os Tupi-Guarani e os não Tupi

Definida a área de ocorrência da policromia na cerâmica amazônica Tupi-Guarani, restaria compreender porque ela é encontrada nos grupos orientais e não nos grupos ocidentais. Uma hipótese que de maneira alguma pode ser descartada é a da invenção independente do uso dos pigmentos na cerâmica desses grupos. Entretanto, a ampla ocorrência espacial de cerâmicas policrômicas – as Tradições Saladoide (Lathrap, 1970; Cruxent; Rouse, 1959; Rouse; Cruxent, 1963; Rouse, 1986) e Pocó-Açutuba (Guapindaia, 2008; Hilbert; Hilbert, 1980; Lima; Neves; Petersen, 2006; Neves et al., 2014) – em um período que antecede em mais de 1.000 anos a presença da cerâmica Tupi-Guarani, parece ser um indicador de que esses estilos policrômicos antigos podem ser a chave para a compreensão de estilos pintados mais recentes, incluindo (além do estilo Tupi-Guarani) a cerâmica da Tradição Polícroma Amazônica e a cerâmica dos Shipibo e Conibo (DeBoer; Lathrap, 1979). A influência estilística de um ancestral comum permitiria explicar porque esses grupos linguisticamente distintos e com localização geográfica diferenciada (no caso dos Tupi-Guarani frente aos demais) possuíam estilos cerâmicos com muitas semelhanças.

Nessa perspectiva, o surgimento do estilo cerâmico Tupi-Guarani estaria intimamente ligado a um processo de incorporação de elementos existentes em uma cerâmica mais antiga, em contatos que ocorreram no sudeste amazônico, provavelmente no entorno do início da era cristã (Almeida, 2013b). A policromia seria o exemplo mais visível, mas outras características como a presença de formas angulosas também podem ter sido incorporadas pelas oleiras Tupi-Guarani. Essa incorporação de elementos exógenos ocorreria ao mesmo tempo em que outras características eram preservadas. Já foi citada a presença de urnas funerárias, corrugados, vasilhas para preparo e consumo de fermentados em outros grupos Tupi. Da mesma forma, a presença de antiplástico mineral em muitas das cerâmicas dos Tupi (Almeida, 2013b) talvez seja outro elemento que existiu na olaria dos Tupi-Guarani antes do surgimento do estilo homônimo. Caso essa hipótese esteja correta, significa que nem toda a história pré-colonial dos grupos Tupi-Guarani foi caracterizada pela persistência de elementos ou por sonolentas mudanças estilísticas: o próprio surgimento do estilo teria sido uma ruptura que marcaria definitivamente a separação dos Tupi-Guarani frente aos demais grupos Tupi.

Tendo em mente esse quadro de influências estilísticas de grupos produtores de antigas cerâmicas policrômicas, frente às rígidas estruturas das práticas oleiras Tupi-Guarani aqui descritas, pode-se pensar que mesmo após o surgimento do estilo Tupi-Guarani, o contato com grupos exógenos foram por vezes mais impactantes do que as mudanças indicadas internamente. A cerâmica arqueológica do Centro-Oeste brasileiro analisada por Robrahn-González (1996), também possui elementos recorrentes Tupi-Guarani

nas cerâmicas Uru e Aratu e vice-versa. No contexto amazônico, no interflúvio Xingu-Tocantins, Garcia (2012, Capítulo XX) identificou elementos de uma antiga cerâmica inciso-modelada em cerâmicas Tupi-Guarani, levando a uma confusão classificatória no momento de definir a chamada fase Carapanã (Figueiredo, 1965; Simões; Corrêa; Machado, 1973). Da mesma forma, a cerâmica da fase Tauá do baixo Tocantins parece possuir ao mesmo tempo elementos Tupi-Guarani, Inciso-Modelados e Marajoaras (Almeida, 2013b; cf. Miller et al., 1992; Meggers et al., 1988; Nimuendaju, 2004; Simões; Araújo-Costa, 1987), o que dificulta inserir essa fase em uma classe arqueológica específica, assim como compreender o significado de tamanha variabilidade (provavelmente relacionada a núcleos de interação).

Em síntese, o que se pode observar nesse momento é um quadro de grande complexidade, com muitas variáveis na história cultural dos grupos Tupi-Guarani. Grande parte dessa complexidade deve-se à inserção da arqueologia dos grupos amazônicos dessa língua e Tradição na discussão. Os estudos dos sítios da Subtradição Tupinambá da Amazônia possuem um imenso potencial de pesquisa, como a caracterização da variabilidade artefactual no tempo e no espaço dos vestígios desses grupos, a relação com os seus vizinhos Timbira (para leste), os diversos grupos Jê do Brasil Central, os grupos que habitaram a Ilha do Marajó ao norte, e os demais grupos Tupi que ocupavam extensas áreas para o oeste. O fato de que o sul da bacia amazônica, a região ocupada por muitos grupos Tupi, é uma das áreas que sofrem maior pressão por parte dos interesses econômicos privados e estatais, torna urgente a divulgação dos dados que retratam a imensa riqueza histórica desses grupos. Espera-se que este artigo seja uma pequena contribuição neste sentido.



CERÂMICAS E HISTÓRIAS INDÍGENAS NO MÉDIO-BAIXO XINGU

Lorena Garcia

RESUMEN

Cerâmicas y historias indígenas en el medio-bajo Xingu

Las diferentes trayectorias históricas relacionadas a la ocupación indígena del medio-bajo Xingu y sus áreas entre sus afluentes delimitan un palimpsesto de ocupaciones humanas que se encuentra registrado en los sustratos del suelo y en el paisaje. Gran parte de esas trayectorias está referida al proceso de establecimiento de las poblaciones hablantes de lenguas del tronco Tupi y familia lingüística Tupi-Guaraní, que se encuentra entrelazado a las historias de los pueblos de lenguas Aruak y Karib. Las cerâmicas arqueológicas del medio-bajo Xingu materializan esas historias indígenas de larga duración en la Amazonia y se convierten en centro de las reflexiones presentadas en este texto.

ABSTRACT

Ceramics and indigenous histories in the lower-middle Xingu

The different historical trajectories related to the Amerindian occupation of middle-lower Xingu, and its elevated areas, delineate a palimpsest of human settlements registered in soil deposits and the landscape. Most of these trajectories focus on the process of occupation of Tupi-speaking populations, or groups from the Tupi-Guarani linguistic family, which is intertwined with the histories of Aruak and Karib-speaking populations. Archaeological ceramics from the middle-lower Xingu materialize these long-term indigenous histories in Amazonia, and are the source of the interpretation presented in this text.

Introdução

A concentração de grupos falantes de línguas Tupi-Guarani no médio-baixo Xingu e áreas de interflúvio sempre chamou a atenção de antropólogos, linguistas e arqueólogos (Métraux, 1927; Nimuendaju, 1948; Rodrigues, 1964; Ribeiro, 1983; Brochado, 1984; Viveiros de Castro, 1986; Meggers et al., 1988; Baleé, 1989; Urban, 1992; Silva, 2000; Fausto, 2001). No século XIX não foi diferente, pois viajantes e cientistas expedicionários já notavam, nessa época, a diversidade linguística das populações xinguanas. Não à toa, o Xingu ganhou destaque em algumas hipóteses de origem Tupi, apoiadas nos movimentos pós-contato, possivelmente influenciadas pelos períodos de fuga da pressão europeia (Noelli, 1996: 18; Métraux, 1927; Figueiredo, 1965). Após o início das pesquisas arqueológicas, a ideia de uma migração histórica dos povos Tupi-Guarani para o Xingu foi substituída por hipóteses que situavam a origem pré-colonial das populações Tupi na Amazônia (Lathrap, 1970; Brochado, 1984). Essas hipóteses foram corroboradas pelas datações obtidas para os sítios arqueológicos localizados entre os rios Xingu-Tocantins, na Amazônia Oriental (Araújo Costa, 1983; Simões, 1986; Simões; Araújo-Costa, 1987; Meggers et al., 1988).

O estabelecimento das populações Tupi-Guarani na Amazônia Oriental encontra-se materializado na ampla quantidade e na distribuição de sítios arqueológicos correlacionados pela proximidade, cultura material, camadas espessas de terra de preta arqueológica, e em cronologias que revelam mais de 1.800 anos de ocupação até o século XXI. Esse processo de ocupação deixa evidente que profundas transformações sociais ocorreram ao longo do estabelecimento das populações Tupi-Guarani no leste amazônico, o que evolui tanto a sucessão de ocupações mais antigas associadas aos ancestrais das populações falantes de línguas Aruak e Karib (ca. 1000 aC a 700 dC) quanto a formação de territórios historicamente conhecidos e relacionados às trajetórias históricas dos povos de línguas Juruna e Tupi-Guarani que vivem no médio-baixo Xingu.

Nesse contexto, a Amazônia Oriental vem sendo entendida não apenas como rota de expansão (Brochado, 1984; Noelli, 1996, 2008; Heckenberger et al., 1998; Almeida, 2008; Garcia, 2012; Corrêa, 2014), mas também como área onde ocorreu a diversificação cultural dos povos de línguas Tupi-Guarani (Almeida, 2013a; Corrêa, 2014), a qual deve ser compreendida dentro de um processo histórico de mobilidade dessas populações, que abarca dinâmicas de fluxo (pré-colonial) e refluxo (pré-colonial e pós-colonial) como parte da formação de territórios (Corrêa, 2014) e construção das paisagens ao longo do tempo (Balée, 2008, 2013). Esses movimentos de fluxo e refluxo são identificados pela linguística para períodos pré-coloniais. Conforme Corrêa (2014), do ponto de vista da linguística, os povos de línguas Juruna do alto e médio Xingu, assim como os Mundurucu do Tapajós são tidos como fracionamento mais antigo das línguas Prototupi, com origem situada entre os rios Madeira, Guaporé e Aripuanã. As línguas Juruna, Mundurucu, Tupi-Guarani, Awetí e Mawé compõem o ramo oriental de diversificação linguística do Prototupi, situado entre os rios Arinos, Tapajós, Xingu, Bacajá e Tocantins, a leste do rio Amazonas.

Com estes desmembramentos [das famílias Juruna e Mundurucu] temos a definição de um Proto-Mawé-Awetí-Tupi-Guarani, provavelmente instalados entre o alto Juruena e Arinos. O próximo fracionamento originou o Proto-Mawé tendo seus falantes, seguido para o baixo Tapajós entrando em contato com os ascendentes dos Mundurucu que aí também se encontravam. A partir de então os falantes do Proto- Awetí-Tupi-Guarani teriam mantido um contato com grupos do tronco Karib oriundos do norte amazônico, recebendo influência e empréstimos

linguísticos destes na região do alto rio Arinos. Outro grupo teria se fracionado originando os falantes do Proto-Awetí ao seguirem para leste na direção dos formadores do Rio Xingu. Com a separação do Proto-Awetí temos consequentemente a definição do Proto-Tupi-Guarani que iniciaram entre 2500 a 1500 AP um amplo processo de diferenciação devido a processos de divisão e separação de suas comunidades ainda nas proximidades do rio Arinos (Corrêa, 2014: 122).

A cartografia histórica reflete parte dessas configurações territoriais indígenas pré-coloniais. No médio-baixo Xingu, as populações de línguas Tupi-Guarani e Juruna são identificadas nas narrativas históricas desde o século XVII, predominando na região até o século XIX, quando, por já estarem diminuídas demograficamente, teriam seus territórios tomados pelas populações Mebêngokrê-Kayapó (Frikel, 1963, 1968; Vidal, 1977; Viveiros de Castro, 1986; Turner, 1992; Fausto, 2001; Gordon, 2006), tendo estas últimas a seu “favor” o impacto irreversível da colonização europeia, seguido do avanço da sociedade nacional (Hemming, 2009 [1978]). Essa história indígena de longa duração está materializada nos corpos das cerâmicas e será aqui abordada mediante a apreensão do conhecimento arqueológico já produzido sobre os complexos cerâmicos do médio-baixo Xingu e áreas de interflúvio, além do estudo de coleções cerâmicas arqueológicas e etnográficas dessa mesma região (Figura 1).

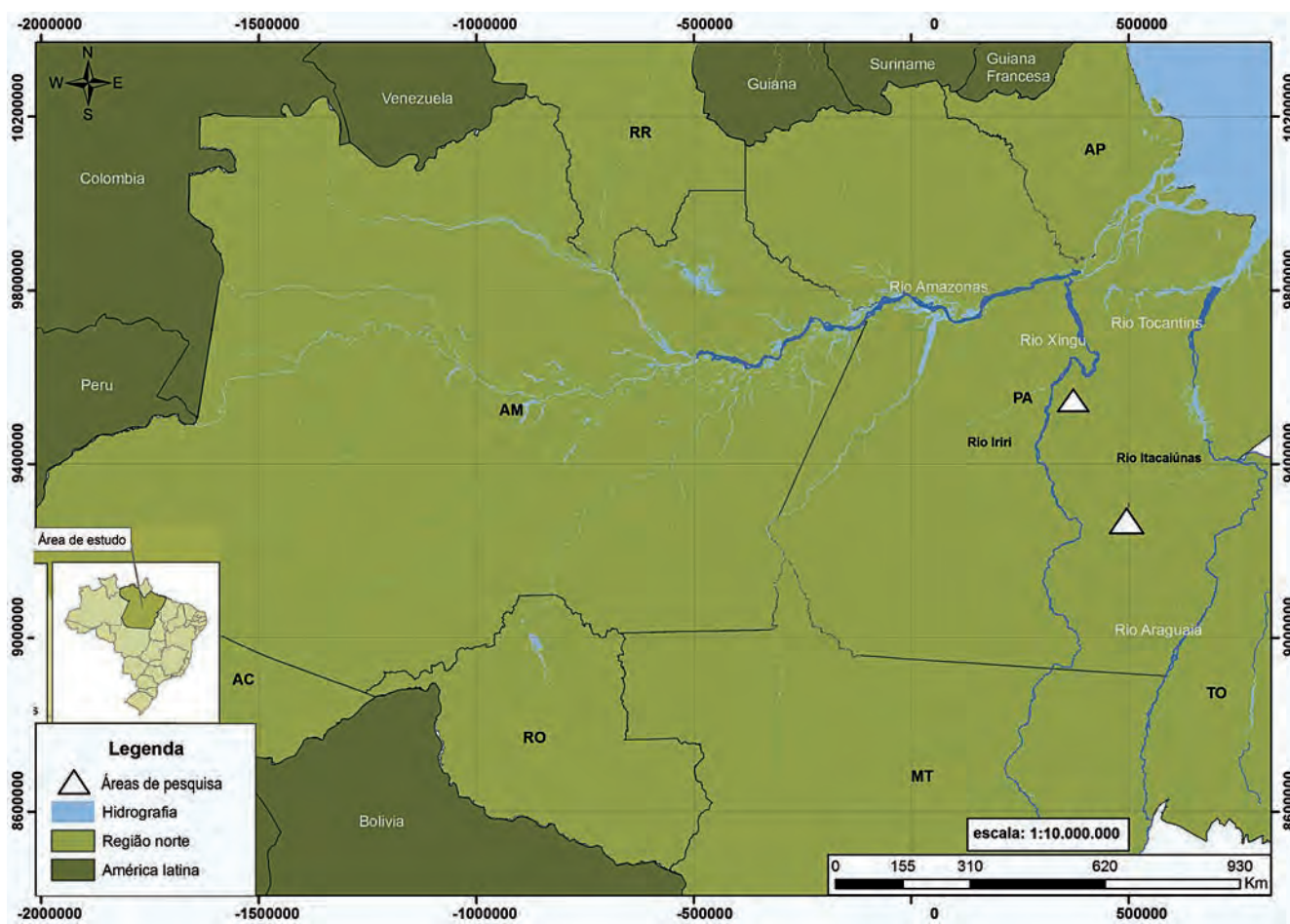


Figura 1. Mapa com indicação das áreas de pesquisa. Fonte: IBGE, 2005. Diagramação: Renato Gonzáles.

Cartografia das fases arqueológicas

Assim como as gravuras rupestres identificadas nos relatos dos viajantes dos séculos XVIII e XIX que passaram pelo médio-baixo Xingu (Pereira, 2003: 166), as vasilhas cerâmicas, algumas vezes associadas a sepultamentos, sempre chamaram a atenção do “olhar estrangeiro” que se aventurou por esses lados. Não por acaso, a visibilidade desses objetos arqueológicos resultou na formação das primeiras coleções, a partir do início do século XX, com a expedição de Curt Nimuendaju pelo médio-baixo Xingu (Nimuendaju, 1948; Palmatary, 1960) e por outros missionários e pesquisadores que o sucederam.

As coletas realizadas na década de 1960 deram origem às fases arqueológicas do interflúvio Xingu-Tocantins – fases Itacaiúnas e Carapanã (Frikel, 1963, 1968; Figueiredo, 1965; Simões; Corrêa; Machado, 1973). Alguns anos depois, o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (PRONAPABA) realizou as primeiras escavações sistemáticas no médio-baixo Xingu (Perota, 1977, 1978, 1992). Em decorrência dessas escavações, foram classificadas as fases Independência, Cacarapí, Criajó, Arara, Pacajá e Curuá. As fases Itacaiúnas, Carapanã, Arara, Pacajá foram vinculadas à Tradição Tupiguarani; as fases Independência, Cacarapí, Criajó foram vinculadas à Tradição Polícroma; e a fase Curuá, associada à Tradição Inciso-Ponteadado.

Tabela 1. Síntese das fases arqueológicas.

FASE ARQUEOLÓGICA	TRADIÇÃO	HIDROGRAFIA	CRONOLOGIA DATAÇÃO ¹⁴ C E TL	ASSOCIAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL
Itacaiúnas	Tupiguarani	Médio Xingu e Itacaiúnas	200 dC a 1500 dC	Povos de línguas Tupi-Guarani
Arara	Tupiguarani	Médio Xingu	-	-
Pacajá	Tupiguarani	Médio Xingu	1270 dC e 1410 dC	-
Cacarapí	Polícroma	Baixo Xingu	Entre 900±50 dC e 1650±60 dC	-
Independência	Polícroma	Baixo Xingu	-	-
Carapanã	Borda Incisa/ Inciso-Ponteadado	Médio Xingu e Itacaiúnas	1000 aC a 700 dC	Povos de línguas Aruak e Karib
Curuá	Inciso-Ponteadado	Médio Xingu	1675±75 dC e 1775±55 dC	Povos de línguas Karib

Fontes: Simões (1987); Simões, Corrêa e Machado (1973); Simões e Araújo Costa (1978); Perota (1978); Araújo Costa e Caldarelli (1988); Almeida (2008); Silveira et al. (2008); Garcia (2012).

As fases arqueológicas associadas às Tradições Tupiguarani, Polícroma, foram limitadas a trechos diferentes do rio. Nesse sentido, as fases Independência, Cacarapí e Criajó – vinculadas à tradição Polícroma – seriam restritas ao baixo Xingu, parte mais navegável do rio, e chegariam até a cachoeira da Volta Grande do Xingu. A partir desta até o médio curso do rio, registrar-se-ia as fases Pacajá e Arara pertencentes à Tradição Tupiguarani. Tal configuração foi interpretada pela arqueóloga Betty Meggers et al. (1988),

mediante a existência de marcadores ecológicos de fronteiras culturais. Na perspectiva de Meggers et al. (1988), a classificação das fases Polícromas no trecho de ria do Xingu obedecia a um padrão de ocupação indígena na Amazônia, que excluía as áreas de terra firme, vistas como barreira ecológica ao desenvolvimento de sociedades politicamente mais “avançadas”, sendo estas associadas às cerâmicas da Tradição Polícroma (Meggers, 1988 apud Carneiro, 2007: 141).

A revisão realizada por Almeida (2013a) das cerâmicas vinculadas à Tradição Polícroma do baixo Tocantins, Tapajós e Marajó indica que há uma inconsistência dessa Tradição nessas regiões, por extensão, considera incerta a existência da Tradição Polícroma no Xingu. Para Almeida (2013a), os complexos cerâmicos da Amazônia Oriental vinculados à Tradição Polícroma estão mais próximos estilisticamente das Tradições Borda Incisa/Inciso-Ponteado, abrindo a possibilidade de que isso também se aplique às fases Polícromas do baixo Xingu (Almeida, 2013a: 40). Almeida (2013a) entende que ao invés de marcadores ecológicos de fronteiras culturais (Meggers et al., 1988), cachoeiras como a existente na Volta Grande do Xingu serviram como lugares de entroncamento das redes de contato entre as populações indígenas pré-coloniais, aspecto que explicaria a variabilidade da cerâmica indicada pelas pesquisas do PRONAPABA no médio-baixo Xingu, e dos sítios do baixo Tocantins estudados pelo autor. Até o momento, quase nada se sabe sobre as cerâmicas da foz do rio Xingu e da Cachoeira da Volta Grande do Xingu. As pesquisas em desenvolvimento nessa área poderão agregar novas contribuições (Lima, comunicação verbal, 2014; Müller, comunicação verbal, 2014).

Como resultado do PRONAPABA, considerou-se que a localização geográfica da bacia do Xingu, entre o rio Tapajós – onde ocorrem sítios arqueológicos da Tradição Inciso-Ponteado – e a bacia do Tocantins e seu afluente, o rio Itacaiúnas – onde já havia registros de sítios associados à Tradição Tupiguarani – indicava a existência de uma área de transição entre essas duas tradições arqueológicas, o que teria resultado na superposição e substituição gradativa de uma (Tradição Tupiguarani) pela outra (Tradição Inciso Ponteado) (Simões; Araújo Costa, 1978; Araújo Costa; Caldarelli, 1988: 68). Alguns anos depois, Fernanda Araújo Costa e Solange B. Caldarelli, após coordenarem o amplo levantamento arqueológico na área de abrangência do Reservatório da UHE Kararaô, no médio-baixo Xingu, consideraram que a área compreendida pela UHE Kararaô revelaria uma “terceira tradição”, com elementos culturais da Tradição Tupiguarani e da Tradição Inciso Ponteado (Araújo Costa; Caldarelli, 1988: 168). Essa mesma percepção já havia levado Simões e Araújo Costa a proporem a criação da Tradição Itacaiúnas, uma tradição híbrida, vinculada tanto à Tradição Tupiguarani, quanto a tradições arqueológicas da bacia amazônica, englobando as fases Itacaiúnas e Carapanã (Figueiredo, 1965; Simões; Corrêa; Machado, 1973).

As cerâmicas do interflúvio

Com base na revisão das coleções vinculadas às fases Itacaiúnas e Carapanã (Garcia, 2012), bem como da escavação de sítios contextualizados na área de abrangência das mesmas (Scientia, 2010), busca-se dar alguns passos na compreensão do estilo tecnológico (Cf. Sacket, 1977; Stark et al., 2000) dessas cerâmicas, que mesclavam atributos das tradições Tupi-Guarani e Inciso-Ponteado. Nesse exercício, o estilo tecnológico dessas cerâmicas passou a ser reconhecido através das diversidades culturais das populações indígenas em termos de línguas, sistemas culturais e trajetórias históricas, o que perpassa a percepção das diferentes temporalidades e espacialidades, em um movimento que aproxima dialeticamente o passado

e o presente, e que revela os traços de continuidades e transformações culturais que configuram a cultura material de diferentes contextos arqueológicos, evidenciando ocupações realizadas pelos povos Tupi, Aruak e Karib na Amazônia (Lathrap, 1970; Brochado, 1984; Neves, 1999, 2008; Heckenberger, 1996, 2001, 2007; Rostain, 2011; Rostain; Versteeg, 2004; Almeida, 2013a, 2013b; Corrêa, 2014). Sem desconsiderar as contribuições iniciais, a fase Itacaiúnas foi contextualizada como parte da história dos povos de línguas Tupi-Guarani e a fase Carapanã, associada a cerâmicas antigas e ao estilo tecnológico que identifica os complexos cerâmicos relacionados a ancestrais Aruak e Karib.

Os sítios arqueológicos vinculados a ocupações pré-coloniais mais antigas, correlacionadas à fase Carapanã, estão distribuídos ao longo dos subafluentes do rio Itacaiúnas, na bacia do Tocantins (igarapés Salobo e Cateté) (Silveira et al., 2008; Garcia, 2012), subafluente do rio Fresco, na bacia do Xingu (igarapé Carapanã), no igarapé Pau d'Arco, afluente do rio Araguaia (Simões; Corrêa; Machado, 1973) e possivelmente no rio Curuá, subafluente da margem esquerda do médio Xingu, e entorno das grandes serras que existem na região (Serras dos Carajás, das Andorinhas e do Cachimbo) (Garcia, 2012, 2014). Nas proximidades dos rios Itacaiúnas e Fresco, os sítios estão inseridos em topos planos de colina e médias vertentes, e tendem a apresentar uma ou duas manchas de ocupação, configuração espacial circular ou semicircular, ausência ou presença de terra preta. Neste último caso, em geral são associados a ocupações pré-coloniais Tupi-Guarani (Silveira et al., 2008; Garcia, 2012). Esses sítios, registrados desde o primeiro milênio antes da era cristã, remetem aos primeiros sinais de transformação no padrão social para essa parte da terra firme amazônica, até então conhecida pelas ocupações pré-cerâmicas sucedidas durante o Holoceno inicial e médio, seja nos abrigos das Serras de Carajás, seja no complexo da Serra das Andorinhas ou mesmo em áreas abertas próximas ao médio-baixo Rio Tocantins (Kern et al., 1992; Magalhães, 1994; Kipnis et al., 2005; Silveira et al., 2008).

Tabela 2. Relação das coleções pesquisadas por referências hidrográficas.

COLEÇÕES	ACERVO	REFERÊNCIA HIDROGRÁFICA
Frei Protásio Frikel, 1965	MPEG – Acervo Arqueologia	Itacaiúnas e Cateté
Padre Candela, 1966	MPEG – Acervo Arqueologia	Pau d'Arco
Otávio Silva, 1969	MPEG – Acervo Arqueologia	Médio Itacaiúnas
Galeão da Silva e José Maria dos Santos, 1969	MPEG – Acervo Arqueologia	Baixo Rio Fresco
Moreira Neto, 1959	MPEG – Acervo Arqueologia	Médio Xingu e Fresco
Sítio Ourilândia 2	FCCM – Fundação Casa de Cultura Marabá	Rio Cateté
Sítio Onça Puma 3	FCCM – Fundação Casa de Cultura Marabá	Rio Cateté

As cerâmicas antigas possuem formas abertas e formas restringidas com menor recorrência. O corpo das vasilhas foi manufaturado por acordelamento, sendo compostos por superfícies finamente alisadas e curvas, que quebram os contornos contínuos entre o fundo e a boca. Os ângulos bem marcados no corpo das vasilhas são associados à adição de flanges labiais, à extroversão das bordas e à presença de ombros. Isso também ocorre com as vasilhas de base plana, cujo ângulo acentuado é mais perceptível na face interna, especialmente nas formas rasas e abertas. Os recipientes menores, de fácil manipulação e transporte, são os mais recorrentes, sendo mais raros os vasilhames de maiores dimensões (largos e profundos).

Uma das características mais notáveis nos complexos da cerâmica antiga está na reprodução restrita de determinadas variáveis formais. Nesse caso, assinalam-se tanto a aparente homogeneidade da pasta cerâmica quanto os acabamentos de superfície, que giram em torno: 1) das incisões em linhas finas e rasas, compondo triângulos concêntricos, traços horizontais, verticais ou diagonais paralelos, formando desenhos que remetem a trançados de cestarias; 2) da seleção de determinadas morfologias que acompanham os modelados de figuras zoomorfas ou zooantropomorfas; 3) da localização dessas últimas na parte superior do corpo e na boca das vasilhas; 4) e da confecção de lábios planos ou com flange para compor as vasilhas. Obviamente há variações na forma como esses elementos são combinados, mas a maneira como são aplicados, acabados e reproduzidos é comum a coleções das cerâmicas antigas.

Os modelados zoomorfos e zooantropomorfos eram aplicados na parte superior externa do corpo das vasilhas ou junto à boca de vasilhas abertas. Nestas últimas, a face dos modelados por vezes é posicionada de forma a olhar para a parte interna das vasilhas rasas. Os modelados zoomorfos foram restringidos a produção de determinados animais, variando entre morcegos, macacos, aves (*e.g.* urubus, urutau), peixes e sapos, cujas representações naturalistas os tornam facilmente reconhecíveis.

Apesar de menos conhecidas, essas ocupações mais antigas, ocorridas no interflúvio Xingu-Tocantins, evidenciam cerâmicas que, como notado por Roosevelt (1992: 65) nos sítios do Baixo Amazonas, “parecem coincidir com a proliferação de uma série de estilos suprarregionais de outras regiões amazônicas, marcados pela inscrição de motivos geométricos e representações animalísticas”. As cerâmicas se assemelham a complexos relacionados tanto a ocupações da Tradição Borda Incisa quanto a ocupações mais recentes dos complexos da Tradição Inciso-Ponteado (Meggers; Evans, 1961; Lathrap, 1970; Cruxent; Rouse, 1958; Howard, 1947; Roosevelt, 1992; Gomes, 2005; Lima, 2008; Neves, 2008; Guapindaia, 2008; Almeida, 2013b).

Os sítios Tupi-Guarani dos interflúvios apresentam tamanhos e formas variadas, e estão inseridos em diferentes compartimentos de relevos, topos de colina, vertentes e terraços não inundáveis. Localizados junto aos igarapés e a drenagens secundárias, esses sítios estão frequentemente ligados pela proximidade, configurando a existência pretérita de grandes aldeias compostas por manchas de terra-preta e lixeiras em forma de montículos (Garcia, 2012; Silva et al., 2011; Almeida, 2008; Silveira et al., 2008; Pereira et al., 2008; Kern; Costa; Frazão, 2004; Araújo Costa, 1983; Smith, 1980). As datas mais antigas para a ocupação Tupi-Guarani, situada no século II da era cristã, são menos frequentes em relação às datações contextualizadas a partir do século VI da era cristã (Almeida, 2008; Silveira et al., 2008; Pereira et al., 2008; Garcia, 2012), o que pode ser compreendido não apenas como um reflexo do andamento das pesquisas arqueológicas, mas também como resultado do processo de estabelecimento gradativo das populações Tupi-Guarani no leste amazônico (Brochado, 1984; Noelli, 1996; Heckenberger; Neves; Petersen, 1998; Almeida, 2008; Garcia, 2012; Corrêa, 2014).

As cerâmicas Tupi-Guarani associadas à fase Itacaiúnas evidenciam escolhas de fontes de matéria-prima com “argila ideal”, que não demandam uso de aditivos para serem processadas, aspecto que caracteriza a produção cerâmica entre as populações Tupi-Guarani da região dos interflúvios Xingu-Tocantins, desde o período pré-colonial até os dias de hoje (Silva et al., 2004: 58). A aparência grosseira da pasta cerâmica é superada por acabamentos que resultaram em alisamentos finos e pela diminuição da porosidade da superfície das vasilhas.

Os dados relacionados às formas mostram que a maior parte das vasilhas era composta por lábios arredondados, planos, com bordas diretas, extrovertidas e com flange. As bases eram convexas ou planas,

com extremidades abauladas. Dentre as formas cerâmicas observa-se que há uma maior variabilidade morfológica entre as categorias que correspondem às formas abertas e restringidas com contorno composto, e entre as miniaturas com diâmetros de 3 a 7 cm. Essas miniaturas evidenciam um mesmo padrão produtivo das grandes vasilhas, com associação entre forma e acabamento de superfície.

Dentre os acabamentos plásticos, destacam-se o corrugado, o roletado, apliques e apêndices antropomorfos, zoomorfos e incisões que apresentam grande variedade na combinação dos traços geométricos. Os traços horizontais foram aplicados no contorno externo dos lábios e bordas. Essas incisões seriam feitas por traços finos, espaçamento regular e às vezes cobertas por engobo vermelho. As incisões e os motivos incisivos enfeitavam a face externa dos recipientes, a parte superior das vasilhas e, em alguns casos, o fundo ou a face exterior da base. As pinturas também foram expressas por traços geométricos semelhantes às incisões, com o predomínio da bicromia – vermelho e preto –, reprodução de desenhos geométricos e motivos pintados, em sua maioria, na face interna dos recipientes. As pinturas na face externa são marcadas pela presença de faixas na parte superior das vasilhas, ressaltando a mudança de ângulo no corpo delas ou contornando o lábio. Os traços pintados eram majoritariamente aplicados sobre um fundo previamente pintado. Essa padronização é mais perceptível nos traços e no modo como eles se apresentam do que nos motivos, em virtude de esses últimos, além de serem resultado de combinações variadas de traços, serem parcialmente visíveis devido à fragmentação das vasilhas arqueológicas. Os apliques e apêndices modelados nos conjuntos Tupi-Guarani, apesar da importância quanto aos seus significados, são menos frequentes em relação à cerâmica antiga. Trata-se da produção de faces e cabeças humanas e de animais mais estilizadas, com formas menos reconhecíveis, o que resulta em representações zooantropomorfas ou antropozoomorfas, sem correspondência taxonômica nítida do ponto de vista biológico, aspecto esse notado por Barreto (2009) no padrão estilístico pan-amazônico dos complexos cerâmicos pré-coloniais mais recentes (apud Almeida, 2013b: 93). As faces humanas também foram adicionadas a vasilhas mediante incisões (Figura 2).

As cerâmicas das margens

Ao longo do rio Xingu os sítios arqueológicos encontram-se em extensos terraços não inundáveis, nas Ilhas e no topo alto dos morros do Xingu. O topo dos morros ocupados chegam a alcançar 100 m de altitude em relação à margem do rio. Porém, esses morros já não são comumente ocupados. Historicamente, povos Juruna, falantes de línguas do tronco Tupi, também conhecidos como “*Tupis impuros*” (Nimuendaju, 1948; Galvão, 1979; Ribeiro, 1983), juntamente com outras populações, incluindo os Xipaya e os Kuruaya, estes últimos de língua Munduruku, ocupavam uma vasta região do médio-baixo Xingu e construíam suas aldeias nos terraços, topos altos dos morros e ilhas do Xingu (Figura 3).

Conforme relatos históricos, toda a região da volta grande do Xingu até a desembocadura do rio Fresco, afluente da margem direita do médio Xingu, já foi território antigo dos Juruna (Lima, 2005) (Figura 4). Do ponto de vista arqueológico, o estudo dos sítios e coleções arqueológicas da T.I. Kuatineму, onde vivem os Asurini do Xingu, vêm ajudando a contar essa história de ocupação indígena do médio-baixo Xingu. Assim como os Asurini, os povos Juruna hoje conformam outra geografia territorial, vivendo no Alto Xingu e na Volta Grande do Xingu, territórios de seus antepassados.

As coleções provenientes dos sítios arqueológicos situados às margens do médio-baixo Xingu apresentam maior variabilidade em relação às cerâmicas dos interflúvios, especialmente no que diz respeito aos

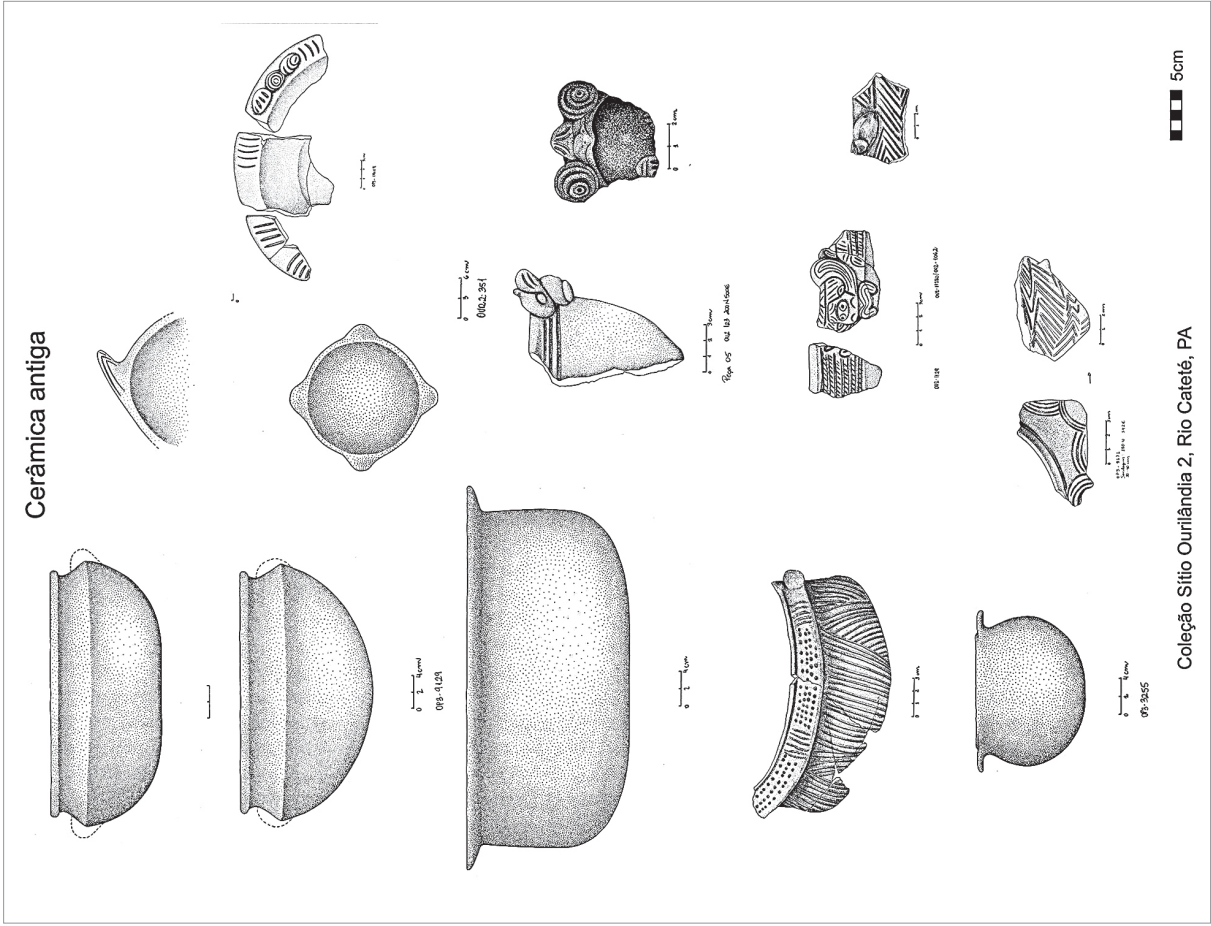
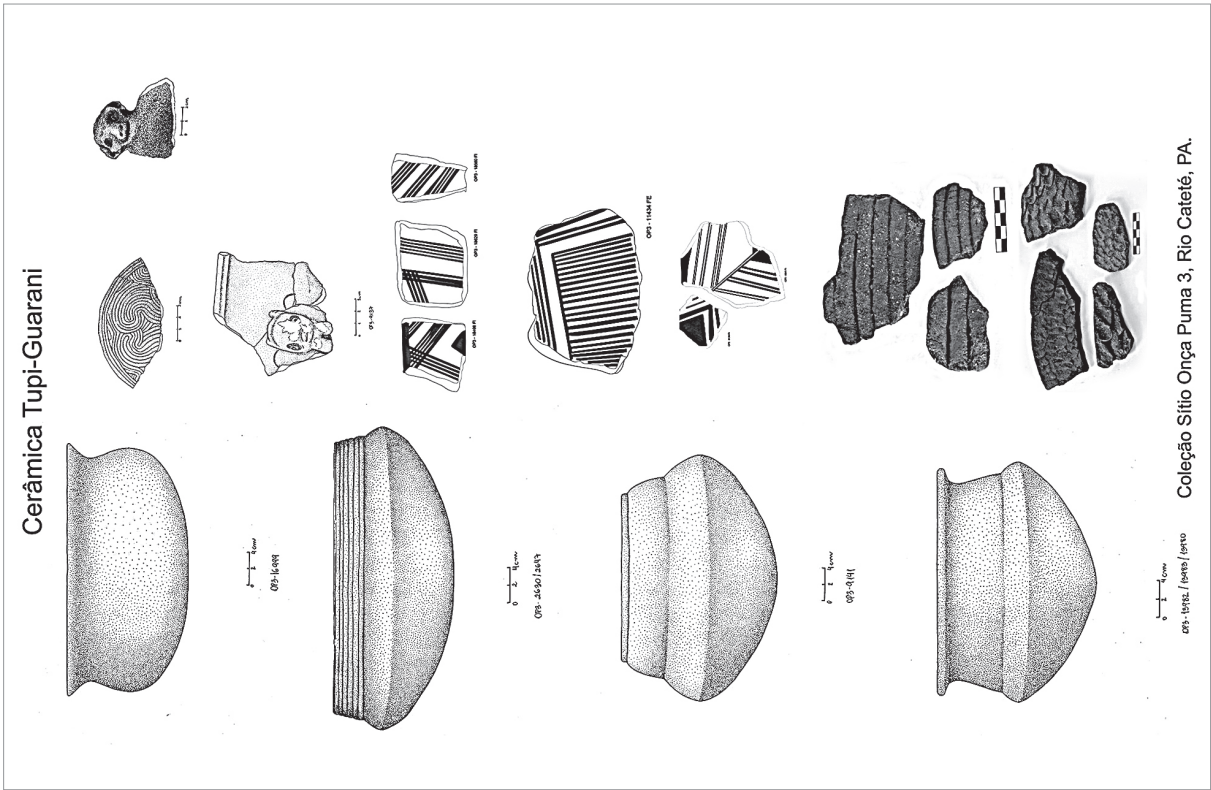


Figura 2. Cerâmicas de sítios arqueológicos localizados na área de interflúvio, desenhos: Erêndira Oliveira e Val Moraes.



Figura 3. Festa do Caxiri entre os Juruna do médio Xingu, Stein [1884], 1942. Detalhe das vasilhas cerâmicas.



Figura 4. Vasilha cerâmica povo Juruna, coletada por H. Coudreau em acampamento abandonado no médio Xingu, acervo MPEG-Antropologia, Foto: Lorena Garcia.

acabamentos de superfície. Trata-se de cerâmicas com pasta composta predominantemente por grãos minerais de quartzo e feldspato em grande proporção. Nesses conjuntos ocorrem vasilhas com espículas de cauxí e caraípe, o que ficou mais visível nas cerâmicas dos sítios da margem esquerda do Xingu e do rio Iriri. Ocorrem vasilhas abertas e restringidas, rasas e profundas, com bases planas, convexas e cônicas, com ombros, pescoço e bordas com flange. As bordas indicam a existência de vasilhas de maior volume e grandes assadores com face externa corrugada. As vasilhas eram finamente acabadas com paredes de espessuras grossas (1 cm-2,5 cm) e finas (0,5 cm-0,7 cm), e alisamentos finos. Os acabamentos de superfície apresentam excisões, incisões com motivos triangulares, traços ondulados e espirais, corrugados, roletados, apliques e apêndices zoomorfos e antropomorfos. A grande maioria dos fragmentos apresentam superfícies erodidas, o que é comum a coleções cerâmicas de toda a região Xingu-Tocantins (Figura 5).

Em termos estratigráficos e cronológicos, a contextualização dessas coleções está em andamento. No entanto, é possível apontar que as características dos sítios arqueológicos do médio-baixo Xingu e áreas de interflúvios dialogam com os dados históricos e linguísticos. Ainda que de modo preliminar, esses conjuntos suscitam reflexões entorno das seguintes questões: 1) as cerâmicas dos sítios às margens do médio Xingu e foz de seus tributários apresentam diferenças estilísticas em relação às cerâmicas dos interflúvios relacionadas principalmente aos acabamentos plásticos de superfície, menor visibilidade da pintura em relação à decoração plástica, presença de fragmentos com cauxí e caraípe¹ associados a morfologias e pastas distintas dos conjuntos dos sítios onde eles aparecem; 2) essas diferenças parecem dialogar com a linguística histórica que situa os ascendentes de línguas Juruna no médio-baixo Xingu; 3) a princípio, as cerâmicas pré-coloniais e pós-coloniais dos povos de línguas Juruna e Tupi-Guarani apresentam similaridades estilísticas entre si e incorporaram em seus estilos tecnológicos características observadas na variabilidade formal dos complexos cerâmicos associados aos povos de línguas Aruak e Karib do Alto Xingu, Tapajós e Baixo Amazonas; 4) pesquisas mais recentes no médio-baixo Xingu e áreas de interflúvios vem identificando sítios arqueológicos com cerâmicas antigas (Silveira et al., 2008; Garcia, 2012; Almeida, 2013b) cujo estilo tecnológico está vinculado aos complexos de ocupação Aruak e Karib. Parte desses sítios apresentam cronologias que antecedem a ocupação Tupi-Guarani nessa mesma região.

Tabela 3. Relação das coleções pesquisadas por referência hidrográfica.

COLEÇÕES	ACERVO	REFERÊNCIA HIDROGRÁFICA
Coleção Sítios arqueológicos da T.I. Kuatinemu	MAE/USP – Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT)	Médio Xingu, Igarapé Piranhaquara, Igarapé Ipiaçava
Coleção Levantamento Arqueológico na Área do Reservatório Kararaô	MPEG – Acervo Arqueologia	Médio-baixo Xingu, Igarapé Ituna, Rio Bacajá
Coleção T-876	MPEG – Acervo Arqueologia	Rio Iriri-Xingu
Coleção Willian Baleé	MPEG – Acervo Arqueologia	Médio Xingu
Coleção Lauro Sodré – Coletas H. Coudreau.	MPEG – Acervo Antropologia	Médio Xingu

1. Caraípe ocorre nas cerâmicas dos sítios arqueológicos da região dos interflúvios, porém de modo pouco visível. Durante a pesquisa de mestrado (Garcia, 2012), foi realizada a análise do sítio arqueológico Ourilândia 2, situado na região do rio Cateté, composto por 19.608 fragmentos, dentre os quais foram identificados Caraípe em dois fragmentos.



Coleções MPEG/Arqueologia

Coleções Asurini do Xingu-LINTT

Figura 5. Cerâmicas de sítios localizados as margens do médio-baixo Xingu, e foz do Iriri. Acervo, MPEG e LINTT. Fotos: Lorena Garcia

Considerações finais

Robert Carneiro, pesquisador que se dedicou a discussões arqueológicas de processos de ocupação das áreas de terra firme amazônica, observou que a cerâmica é o elemento que conecta as histórias das populações que viveram nos sistemas ecológicos de várzea e terra firme. Segundo Carneiro (2007), se esses sistemas não fossem inter-relacionados não seria possível correlacionar os estilos cerâmicos identificados no Amazonas e desembocadura dos rios com aqueles encontrados ao longo do alto-médio curso dos tributários do Amazonas (2007: 139-141). Parafraseando a arqueóloga Ana Roosevelt, os complexos cerâmicos dessas regiões resultaram em agrupamentos que aos poucos se rompem, na medida em que o conhecimento sobre eles aumenta (Roosevelt, 1992: 66).

O modelo arqueológico formulado por Corrêa (2014) sugere o leste amazônico como a região em que os antigos falantes de línguas Proto-Tupi-Guarani e Karib teriam vivenciado situações de contato, perceptíveis na diversificação das línguas e da cultura material dos primeiros. Esse modelo tem respaldo da linguística histórica e dos registros históricos pós-contato, e pode ser aprofundado a partir do estudo das cerâmicas arqueológicas e etnográficas. A ancestralidade dessas populações no Xingu e interflúvios remonta a contextos culturais diversificados e trajetórias históricas que devem ser compreendidas em seus próprios termos, para que assim as comparações suprarregionais reflitam, de fato, a complexidade materializada nos corpos das cerâmicas. No alto Xingu, os processos de ocupação dos antepassados Aruak e Karib se encontram arqueologicamente relacionados aos sítios da fase Ipavu, datada entorno de 800 dC (Heckengerber, 1996, 2001). Uma das particularidades da fase Ipavu está em sua expressão plástica, reunindo estilos que a aproxima tanto da história dos ancestrais de línguas Karib (formas e acabamentos inciso-ponteados-modelados) quanto dos ancestrais de línguas Aruak (formas e acabamentos com modelados, pinturas e policromia) (Heckenberger, 1996; Toney, 2012). No médio-baixo Xingu, é possível dizer que as cerâmicas Tupi-Guarani reúnem estilos que as aproximam das histórias dos ancestrais de línguas Karib e Aruak, mas, ao contrário desses últimos, cujas cerâmicas não apresentam fronteiras estilísticas bem definidas, as cerâmicas Tupi-Guarani são constituídas por estilo tecnológico muito bem demarcado. Nessa região, apesar do volume de dados arqueológicos serem significativos, eles ainda carecem de maior contextualização espaço temporal. Até o momento, a variabilidade formal da cerâmica é o principal elemento arqueológico que corrobora pensar as histórias indígenas do médio-baixo Xingu.

Agradecimentos

À Cristiana Barreto, Helena P. Lima e Carla J. Betancourt, por oportunizarem esse espaço de compartilhamento de ideias e encontro entre pesquisadores das diferentes regiões amazônicas, dedicados às cerâmicas. À Fabíola A. Silva, orientadora que vem acompanhando a minha trajetória de pesquisa. À Maura I. Silveira, Cláudia Garcés, Dirse Kern, Regina Ferreira e Suzana P. Santos, pela recepção e suporte técnico durante o estudo das coleções do MPEG. Ao apoio institucional do PPG MAE/USP e LINTT, suporte financeiro e de infraestrutura da Scientia Consultoria Científica, e ao Programa CAPES/MAE.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DA VOLTA GRANDE DO XINGU

Leticia Morgana Müller
Renato Kipnis
Maria do Carmo Mattos Monteiro dos Santos
Solange Bezerra Caldarelli

RESUMEN

Consideraciones iniciales acerca de la cerámica de Volta Grande del río Xingu

Este artículo presenta algunos datos preliminares sobre una muestra de material cerámico recuperado en los sitios arqueológicos estudiados dentro del proyecto “Arqueología preventiva en las zonas de intervención CHE de Belo Monte, Río Xingu, PA,” realizado por Scientia Consultoria Científica en la región el Volta Grande del río Xingu. Debido a que el análisis de materiales arqueológicos se encuentra todavía en una etapa inicial, se presenta una evaluación preliminar de la cerámica recolectada, exponiendo algunas de sus principales características, con énfasis en la descripción del material que se encuentra en todos los sitios de construcción en Belo Monte y alrededores.

ABSTRACT

Initial considerations about the ceramics from Volta Grande of the Xingu River

This paper assesses, in a preliminary fashion, a sample of the ceramic materials recovered from archaeological sites excavated within the project “Preventive Archaeology in the Areas Intervened by CHE Belo Monte, Xingu River, PA” conducted by Scientia Consultoria Científica along a stretch of the lower Xingu River known as “Big Bend” (*Volta Grande*). The analysis of archaeological material, still at the beginning stages, draws up an initial assessment of the ceramic materials, reporting some of its main features, with emphasis on the description of the materials from archaeological sites found in the Belo Monte Construction Site and vicinity.

A Usina Hidrelétrica Belo Monte situa-se na Região Norte do Brasil, no estado do Pará, ocupando a área conhecida como Volta Grande do rio Xingu, afluente pela margem direita do rio Amazonas, localizado entre os paralelos 3°00' e 3°40'S e os meridianos 51°30' e 52°30'W, nos municípios de Vitória do Xingu, Altamira e Brasil Novo (Figura 1). A instalação deste complexo implicou na construção de outros empreendimentos a ele associados e/ou dele decorrentes, tais como quatro canteiros de obras, linha de transmissão da usina principal, linha de transmissão da usina complementar, porto fluvial de apoio às obras, vila residencial de Santo Antônio de Belo Monte e reassentamentos urbanos em Altamira, além de obras de infraestrutura, como novas estradas e ponte sobre o canal de fuga da usina na BR-230, rodovia Transamazônica. Tais áreas foram prospectadas em sua totalidade, para verificação de ocorrência de sítios arqueológicos. Somente as áreas do reservatório principal e intermediário foram pesquisadas por amostragem, devido às suas dimensões. Ao todo, foram prospectados aproximadamente 16.500 hectares.

Anteriormente aos estudos para o licenciamento ambiental da obra da UHE Belo Monte, a área foi pesquisada por Perota (1977), no âmbito do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (PRONAPABA). Durante um mês, o pesquisador percorreu grandes áreas da região do curso médio do rio Xingu, (re)cadastrodo sítios arqueológicos na região de Altamira e proximidades. Dentre estes sítios, 13 ficam na área do empreendimento da UHE Belo Monte, sendo que alguns deles receberam novas intervenções nestes últimos anos para o licenciamento da obra da hidrelétrica.

As pesquisas arqueológicas para o licenciamento ambiental do empreendimento foram realizadas em várias etapas ao longo dos últimos 30 anos, conforme Araújo Costa e Caldarelli (1988), Pereira (2001), sendo que o próprio *lay out* do empreendimento mudou muito ao longo desses anos todos, até a configuração atual. As pesquisas arqueológicas realizadas conjuntamente com a fase de implantação do empreendimento iniciaram em 2010, com inúmeras prospecções que resultaram no cadastramento de 198 sítios arqueológicos, incluindo sítios cadastrados durante as pesquisas de estudos de impacto ambiental desenvolvidas anteriormente por Araújo Costa e Caldarelli (1988), Pereira (2001) e os sítios identificados por Perota (1977). Simultaneamente às prospecções arqueológicas, foram realizados os resgates dos sítios localizados nas áreas diretamente afetadas pelas obras, sendo o material exumado levado para o laboratório da Scientia Consultoria Científica, em Altamira. Devido à complexidade e vulto do projeto, que envolve uma extensa área territorial, uma grande quantidade de sítios registrados e aproximadamente três milhões de peças coletadas, decidiu-se organizar os sítios arqueológicos em grupos separados por sua origem espacial para o estudo do material arqueológico, para que, posteriormente, seja possível cotejar as informações obtidas nas análises e se ter uma visão detalhada de todo o cenário arqueológico da área.

O primeiro grupo de sítios cujos materiais foram analisados provém da área do Canteiro de obras Belo Monte e suas adjacências, e são as características do material cerâmico desses sítios, que serão aqui apresentadas. Este recorte localiza-se na região mais a jusante do empreendimento, ao final da área encachoeirada. Nas imediações da cidade de Altamira, o rio Xingu sofre uma acentuada deflexão, formando a chamada Volta Grande, de grandes corredeiras, com um desnível de 85 metros em 160 km. No fim desse trecho, à altura da localidade de Belo Monte, o rio se alarga consideravelmente, apresentando baixa declividade até a sua foz e sofrendo efeitos de remanso provocados pelo rio Amazonas (Scientia, 2010).

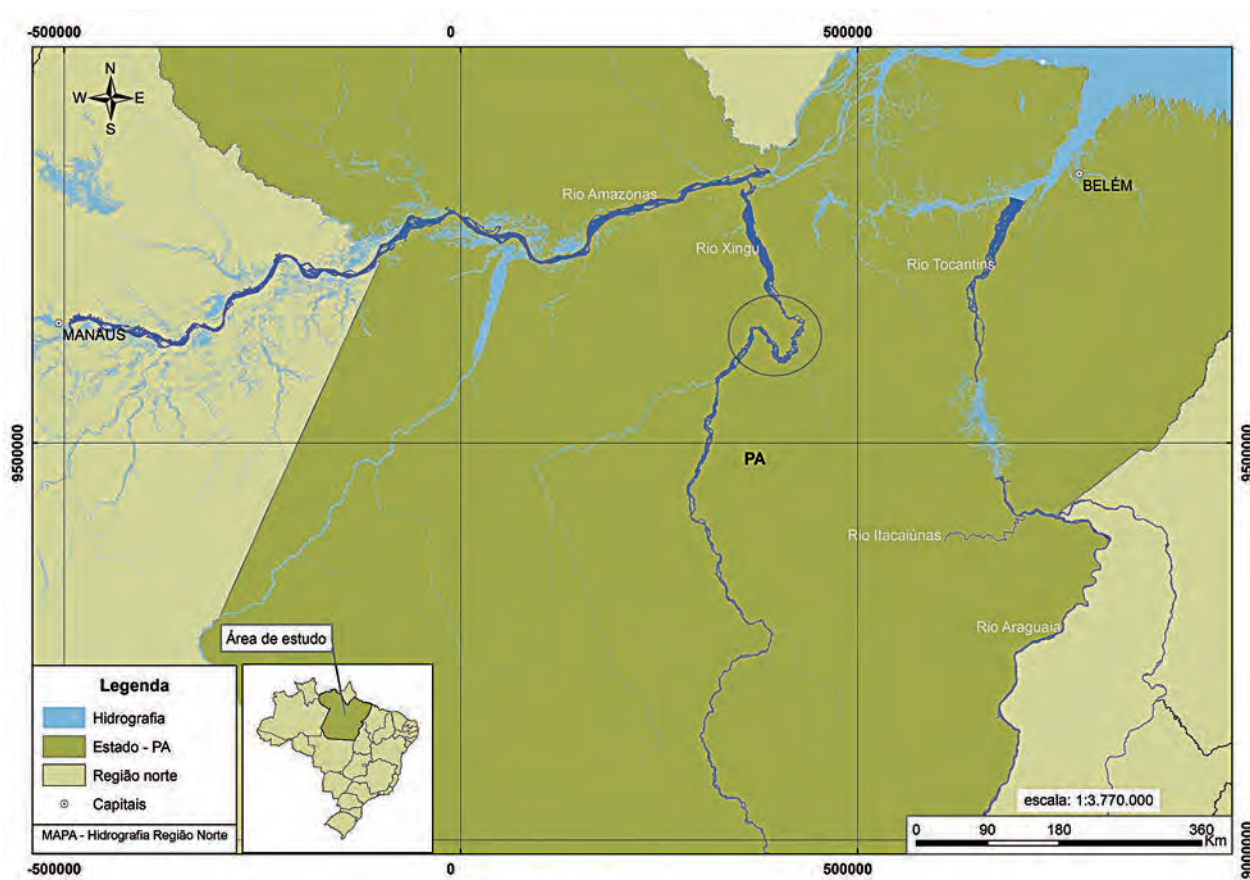


Figura 1. Localização da área de estudo. O círculo evidencia a região da “Volta Grande do Rio Xingu”. Fonte: Mapa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <http://mapas.ibge.gov.br/interativos/arquivos/downloads> > adaptado por Renato Gonzalez. Acesso em: 14/abr/2015.

A região média e baixa do rio Xingu: etnografia e arqueologia

O rio Xingu está localizado entre as regiões hidrográficas da bacia do Tocantins (Rio Itacaiúnas) e do Tapajós, dois grandes cursos d’água sobre os quais já existe um conhecimento arqueológico produzido por pesquisas sistemáticas, sendo conhecidas duas principais tradições arqueológicas para estas áreas: Tupiguarani para a Bacia do Tocantins e Inciso-Ponteadado para a Bacia do Tapajós (Araújo Costa; Caldarelli, 1988). Diferentemente dessas bacias, as pesquisas arqueológicas no baixo e médio curso do rio Xingu ainda são insipientes, fornecendo pouco conhecimento arqueológico comparado ao potencial que a área oferece.

As pesquisas arqueológicas na porção média e baixa do rio Xingu vêm sendo desenvolvidas desde a década de 1970, com trabalhos de Simões et al. (1973) na porção média, e por Perota (1977, 1992) na porção inferior do rio. Mais recentemente, pesquisas ligadas ao empreendimento hidrelétrico foram realizadas por Araújo Costa e Caldarelli (1988) e Pereira (2001) e, embora pontuais, fornecem um panorama do material arqueológico encontrado, dialogando com as propostas de divisões em fases e tradições apontadas pelos primeiros pesquisadores.

Simões et al. (1973) estudaram o material cerâmico proveniente de coletas de um sítio habitação localizado próximo do encontro do rio Fresco com o rio Xingu, denominado PA-RF-1. Este sítio apresentava TPA e foi classificado pelos pesquisadores como pertencente à Fase Carapanã que, segundo esses autores, apresentava características que se assemelham à cerâmica encontrada na região de Itacaiúnas. A cerâmica apresentava tempero mineral, com exceção de apenas um fragmento que foi classificado como intrusivo, com presença de cariapé na pasta. O tratamento dado à superfície era, principalmente, simples (74,2% da amostragem), seguido por Carapanã vermelho (10,49%), corrugado (4,84%), pintado (2,82%), acanalado (2,82%), roletado (1,2%), modelado (1,2%) e inciso (0,8%). Segundo os autores, comparando o seu material com uma amostragem procedente de Altamira, constataram que este último era “totalmente diferente, não só da fase Carapanã¹, mas também entre si, sugerindo a existência de duas ou mais fases distintas para esse trecho do rio” (Simões et al., 1973: 133).

Para o baixo Xingu, Perota (1992) identificou cinco tradições ceramistas, a saber: Tradição Policroma, situada jusante da Volta Grande do rio Xingu, com datações entre 1.050 ± 50 e 300 ± 60 AP; Tradição Mina, representada por dois sambaquis fluviais localizados na mesma área da Tradição Policroma, porém, margem direita do rio, com duas datações: 3.170 ± 120 AP e 1.650 ± 70 AP; Tradição Itacaiúnas (Tupiguarani), a montante da primeira cachoeira do rio Xingu, com datações entre 690 ± 90 AP e 400 ± 90 AP; Tradição Incisa Ponteada, a montante da cidade de Altamira, com datações entre 275 ± 75 AP e 175 ± 55 AP; e Tradição Guará, representada por dois sambaquis fluviais localizados nas proximidades da cidade de Senador José Porfírio, com datações que a situam entre 1.485 ± 75 AP e 840 ± 60 AP.

Pouco antes da publicação de Perota (1992), definindo as tradições arqueológicas identificadas nas imediações da Volta Grande do Rio Xingu, a pesquisa de campo realizada por Araújo Costa e Caldarelli (1988) pelo Programa de Estudos Arqueológicos na Área do Reservatório de Kararaô (PA) apresentou dados sobre a cultura material existente na região, com detalhamento do material lítico e cerâmico encontrado em diferentes sítios. Segundo as autoras, a cerâmica apresentava características quase sempre rústicas, com acabamento de superfície na maioria das vezes alisado, porém o estado de conservação das peças prejudicava a análise deste atributo, já que as peças quase sempre haviam sofrido erosão. A amostragem cerâmica neste projeto era de 2.859 peças, que apresentava areia como principal tempero (quartzo), algumas vezes com grãos medindo 1cm de diâmetro. O cauxi estava presente em 1,35% dos fragmentos coletados, o caco moído apareceu em apenas 0,1% das peças coletadas e o cariapé em 0,27%. A decoração (plástica ou pintada) estava presente em aproximadamente 10% da amostra. As peças pintadas com fundo vermelho ou branco eram as mais frequentes entre as decorações (7,12%), e em seguida estavam as peças que apenas apresentavam banho vermelho ou branco (1,39%). As incisões foram identificadas em 0,98% das peças, e eram do tipo fina e larga, podendo aparecer com combinação com outras técnicas, como excisa, ponteada, pintada, modelada e entalhada. A decoração classificada como modelada (0,21%) podia ser do tipo semiesferas aplicadas, filetes aplicados sobre bojos e paredes de vasilhas modeladas formando pequenas protuberâncias semiesféricas. A ponteada aparece em 0,18% das peças, principalmente em combinação com inciso e aplicado em flanges e lábios, e a decoração digita aparece no lábio de 0,11% das peças. Chama-se atenção para o baixo número de peças com decoração corrugada e roletada na amostra: apenas um exemplar de cada. As autoras concluem o estudo considerando que

1. Recentemente, Garcia (2012:210) em sua dissertação de mestrado estudou sítios localizados no interflúvio Xingu-Tocantins, revisando algumas fases arqueológicas pré estabelecidas. Para a autora, a fase Carapanã apresenta características que a aproximam da Tradição Borda Incisa, relacionada com a expansão de grupos Aruak.

[...] o material de Kararaô, no entanto, parece produto de uma única ocupação e suas características homogêneas em muito se assemelham às do material então enquadrado na Tradição Tipugarani: o mesmo antiplástico de quartzo anguloso, as mesmas técnicas decorativas, presentes em baixos percentuais (Araújo Costa; Caldarelli, 1988: 167).

Etnograficamente é conhecida a existência de três troncos linguísticos na região de estudo: Gê, Tupi e Karib, de diversas etnias, conforme pode ser observado no Mapa etnográfico de Nimuendaju (1981 [1944]; Figura 2). Alguns desses grupos têm seus deslocamentos conhecidos no espaço, como os Juruna (Tupi), que no tempo da colonização portuguesa ocupavam a foz do Xingu, e a partir do século XVII foram sendo empurrados para o curso médio desse rio (Simões, 1963: 78). Em 1967, já situados a montante da Volta Grande, os Juruna tiveram sua cerâmica estudada por Oliveira e Galvão (1969), que apontam para o uso de cariapé como tempero, confecção através do acordelado, existência de aplicação de peças zoomorfas, pintura feita geralmente após a queima, usando principalmente a base vermelha. Galvão (1952 apud Oliveira; Galvão, 1969) aponta para a existência de depressões digitais nas bordas, porém, Oliveira e Galvão não encontram estas digitais no grupo trabalhado por eles em 1969.

Os sítios estudados no canteiro Belo Monte

Na área de estudo, “Canteiro Belo Monte e adjacências”, foram pesquisados vinte sítios arqueológicos, sendo que a coleção arqueológica de cinco destes sítios ainda está em processo de análise² e um dos sítios refere-se apenas à presença de estruturas de polimento (sítio Santo Antônio 3). Entre estes sítios, verifica-se:

- 1) Variedade na forma de implantação na paisagem, com sítios localizados na margem do rio Xingu (Santo Antônio 9 e Santo Antônio 11) e outros mais distantes (Santo Antônio 8, Santo Antônio 13, Belo Monte 1, Belo Monte 2, Turiá 1) (Figura 3);
- 2) Disparidade no grau de preservação, com sítios como Turiá 1, Santo Antônio 5, Santo Antônio 6 e Santo Antônio 7, apresentando-se altamente antropizados anteriormente ao empreendimento, com a construção de estradas, uso do solo com maquinário e a construção de moradias, prejudicando substancialmente a sua análise;
- 3) Diferença nas dimensões dos sítios (Tabela 1), sendo os sítios Santo Antônio 1, Santo Antônio 8 e Santo Antônio 9 os que apresentaram maior área, e os sítios Belo Monte 1, Belo Monte 2, Belo Monte 3, Santo Antônio 4, Santo Antônio 10 e Santo Antônio 13 apresentaram menor área de dispersão.
- 4) Diferenças no grau de intervenção arqueológica, que influenciaram diretamente a amostragem de material obtido em cada sítio. Os sítios resgatados, quando mais íntegros, tiveram maior número de peças coletadas, enquanto que em sítios apenas delimitados a quantidade de peças coletadas foi inferior, porém, sempre proporcional à área do sítio (Tabela 1).

É comum pesquisas arqueológicas e/ou etnográficas apontarem para a presença de caixi ou cariapé na cerâmica do Alto Xingu e de outros locais amazônicos (Simões, 1967; Oliveira; Galvão, 1969;

2. Ainda estão em processo de curadoria e análise os sítios Belo Monte 3, Belo Monte 5, Belo Monte 6, Santo Antônio 2 e Santo Antônio 11.

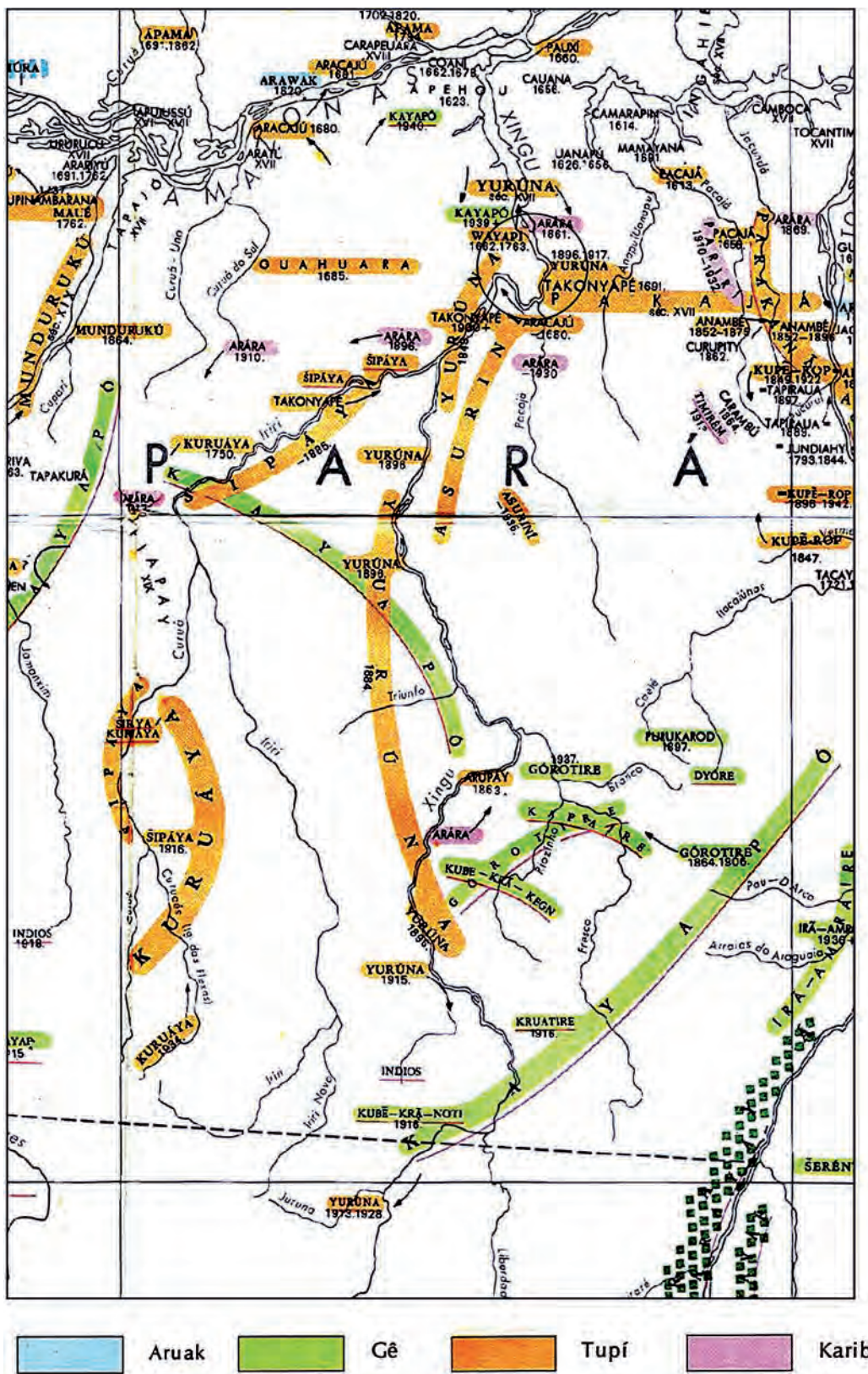


Figura 2. Recorte do mapa etnográfico de Curt Nimuendaju destacando a bacia do rio Xingu, principalmente a porção média e baixa. O círculo chama atenção para a região da Volta Grande, local onde esta pesquisa está sendo realizada. Fonte: Nimuendaju, 1981 [1944].

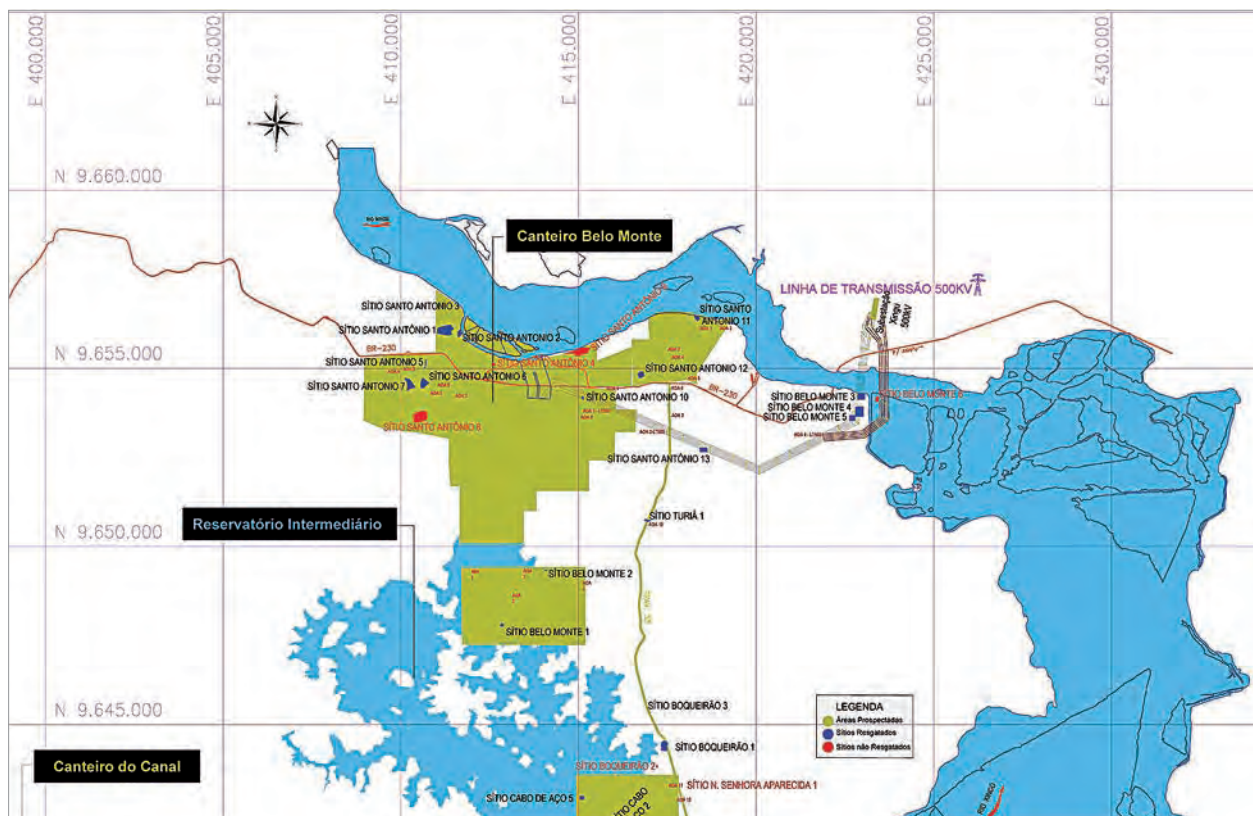


Figura 3. Dispersão espacial dos sítios localizados na área artificial “Canteiro Belo Monte e adjacências”. Fonte: Scientia, 2015.

Simonsen; Oliveira, 1980; Becquelin, 1993; Heckenberger et al., 1999). A presença desses temperos foi, inclusive identificada por Perota (1992) na área deste estudo, em sítios de tradição Polícroma e Inciso-Ponteadado. No entanto, o material cerâmico estudado até o momento, proveniente do projeto UHE Belo Monte, apresenta baixíssimo índice de cauxi ou cariapé na composição da pasta. Elementos como quartzo rolado, quartzo anguloso, feldspato, óxido de ferro e mica estão presentes nos fragmentos de todos os sítios até então analisados, fazendo com que a cerâmica, em geral, apresente aspecto grosseiro, pesado e mineralizado. É frequente também a presença de grãos com mais de 2 milímetros de espessura nesta pastas, geralmente de quartzo anguloso, por vezes atravessando a peça de face interna a face externa. O Cariapé aparece em baixa densidade em dois sítios, presente em 0,7% dos fragmentos analisados do sítio Santo Antônio 10 e 0,5% no Belo Monte 4. O cauxi também aparece de forma muito sutil em três sítios, ocorrendo em apenas 4% dos fragmentos analisados do sítio Santo Antônio 10, 1% dos fragmentos do Santo Antônio 9 e 0,3% do Belo Monte 4.

Há de se notar, no entanto, uma considerável diferença na presença destes elementos no tempero da cerâmica do sítio Santo Antônio 1. Neste sítio, 11,9% dos fragmentos apresentam tempero de cauxi com outros minerais, 18,1% possuem argila com outros minerais, e em 11,6% há cauxi com argila e outros minerais, ou seja, 23,5% dos 6.088 fragmentos analisados apresentam cauxi. Verificou-se, ainda, que frequentemente nas peças que não apresentavam cauxi na composição, apenas argila e minerais diversos, o cauxi estava presente na argila adicionada à pasta. O contrário também ocorreu: quando a pasta apresentava cauxi, a argila adicionada era desprovida deste elemento, sugerindo a utilização concomitante de duas fontes de matéria-prima para a confecção desses artefatos.

Tabela 1. Resumo das características dos sítios estudados.

SÍTIO	ÁREA TOTAL (M ²)	CERÂMICA EXUMADA	LÍTICO EXUMADO	TPA	PESQUISA DE CAMPO	ANÁLISE LABORATORIAL
Turiá	5.400	2.063	77	Não	Resgate	Concluído
Santo Antônio 1	67.450	32.360	196	Não	Resgate	Concluído
Santo Antônio 2	18.900	6.852	39	Não	Resgate	Em andamento
Santo Antônio 3	-	-	-	-	Oficinas de polimento	-
Santo Antônio 4	1.800	94	0	Não	Delimitação. Sítio fora de área de impacto	Concluído
Santo Antônio 5	4.000	288	1	Não	Resgate	Concluído
Santo Antônio 6	3.600	104	0	Não	Resgate	Concluído
Santo Antônio 7	61.100	112	0	Não	Resgate	Concluído
Santo Antônio 8	145.800	1.203	7	Sim	Delimitação. Sítio fora de área de impacto	Concluído
Santo Antônio 9	195.000	1.405	31	Sim	Delimitação. Sítio fora de área de impacto	Concluído
Santo Antônio 10	6.000	1.733	71	Não	Resgate	Concluído
Santo Antônio 11	24.000	5.147	120	Sim	Resgate	Em andamento
Santo Antônio 12	27.200	482	1.331	Não	Resgate	Concluído
Santo Antônio 13	7.200	1.177	21	Não	Resgate	Concluído
Belo Monte 1	6.300	147	224	Não	Resgate	Concluído
Belo Monte 2	2.400	43	1	Sim	Resgate	Concluído
Belo Monte 3	8.525	15.148	364	Não	Resgate	Em andamento
Belo Monte 4	42.000	2.849	483	Não	Resgate	Concluído
Belo Monte 5	14.400	1.329	1.841	Não	Resgate	Em andamento
Belo Monte 6	12.000	31	1	Não	Delimitação. Sítio fora de área de impacto	Em andamento

O cariapé apareceu em apenas oito fragmentos, correspondendo a apenas 0,2% das 6.088 peças analisadas. Estas peças com a presença de cauxi no tempero geralmente não apresentam mais a superfície original, por serem frágeis e suscetíveis à erosão. Apesar desta aparente diferença entre a composição do tempero dos artefatos cerâmicos do sítio Santo Antônio 1 e os demais, não se pode tomar tais características como marcadores de diferenças culturais. Dentre os sítios estudados, o Santo Antônio 1 localizava-se mais a jusante do rio Xingu, em topo de morro, distante aproximadamente 150 metros em linha reta da margem do rio, de onde provavelmente era extraída a argila com cauxi. O Santo Antônio 1 também é o sítio que apresenta maior número de material arqueológico coletado entre os estudados daquela localidade, podendo tratar-se do local de permanência mais duradoura destes grupos, sendo que os demais sítios

nos arredores talvez estejam relacionados a atividades específicas, como confecção de instrumentos líticos, locais de plantio, assentamentos com pouca duração etc. A variabilidade de formas e técnicas empregadas no fabrico da cerâmica neste sítio, apresentando inclusive peças mais bem elaboradas e com maior variabilidade nas decorações, permite fazer uma leitura do espaço como um local onde se realizavam atividades diárias por grupos maiores e, possivelmente, atividades cerimoniais. Nesta área obteve-se inclusive a reconstituição parcial de dois recipientes que apresentam forma quadrangular/retangular, como pode ser observado na Figura 4. Destaca-se, ainda, a ausência de TPA (Terra Preta Antropogênica) neste sítio, apresentando apenas sedimentos mais escurecidos em algumas regiões dispersas.

As características gerais das demais coleções analisadas provenientes dos sítios da área do canteiro de obras e adjacências podem ser assim resumidas:

a) A queima verificada nos fragmentos cerâmicos é, em geral, oxidada, com percentual de núcleo reductor variando entre os sítios. Esta queima, aliada à composição da pasta, confere coloração avermelhada, marrom, bege ou alaranjada às cerâmicas;

b) O tratamento dado às superfícies dos recipientes foi principalmente o alisamento, predominando nas formas de alisamento médio, tanto nas superfícies internas quanto nas externas de todos os sítios analisados.

c) Ainda no que concerne ao tratamento das superfícies, além do alisamento, encontram-se também tratamentos crômicos na forma de banho vermelho e engobo branco, este último podendo ser bastante espesso. O tratamento com cromo vermelho era mais frequente na forma de banho que de engobo, e não estava presente em nenhuma face dos fragmentos cerâmicos dos sítios Belo Monte 1 e Belo Monte 4. Nos demais sítios, sua presença foi percebida numa porcentagem que varia de 0,34% até 8,7% nas faces internas e 1,36% até 12,5% nas faces externas. Em geral, este tratamento aparece em maior número na face externa. Diferentemente do tratamento vermelho, o tratamento branco era mais frequente na forma de engobo, e estava ausente nos mesmos sítios citados para ausência do tratamento vermelho, além dos sítios Santo Antônio 4 e Santo Antônio 12. A presença deste tratamento nas superfícies cerâmicas nos demais sítios poderia ser de 1,59% até 9,59% das faces internas analisadas e 2,32% até 13,33% das faces externas (Tabela 2).

d) Com relação à decoração plástica, não foram encontradas peças com esta característica nos sítios Santo Antônio 4 e Santo Antônio 5. Nos demais sítios ela esteve presente na face interna de 0,07% até 2,11% dos fragmentos analisados, e na face externa de 0,79% até 9,25%. A forma mais recorrente de decoração plástica são as diversas formas e traços de incisão e os digitados no lábio ou em filetes aplicados junto à borda (Figuras 4 e 5). As incisões apresentam-se finas e superficiais, largas e superficiais, finas e profundas e largas e profundas. Em geral eram produzidas com a argila ainda mole, com exceção de uma única peça do sítio Santo Antônio 10 (Figura 5), onde se percebe que a incisão fina foi feita quando a argila já estava seca. As marcas digitadas também apresentam variedade de tamanho e forma, com marcas unguiladas delimitando a depressão. A decoração plástica corrugada, frequentemente presente em sítios do Médio-Alto Xingu e interflúvio Itacaiunas (Faria, 2012; Simões, 1967; Garcia, 2012) é rara e, dentre os sítios analisados, esteve presente em apenas três fragmentos do sítio Santo Antônio 1.

e) As bordas petalares ou recortadas, descritas na bibliografia sobre outras regiões da Amazônia (Van Den Bel, 2010: 84) aparecem de forma bastante fragmentada nos sítios Santo Antônio 13, Santo Antônio 1 e Santo Antônio 10. Às vezes o fragmento apresenta parte do bojo, mas em muitos casos o que se tem é apenas a porção correspondente ao semiarco do lábio (no caso da borda petalar), com fratura no último rolete da borda, deixando o seu negativo na fratura. Nota-se que em todos os casos essas bordas apresentam o engobo branco na face interna.



Figura 4. Fragmentos cerâmicos do sítio Santo Antônio 1. As peças cat. n° 1.702, 2.591 e 2.481 são zoomorfos modelados e aplicados sobre a superfície de recipientes. A peça cat. n° 3.594, por outro lado, foi moldada a partir da parede do recipiente e aplicado algumas áreas anatômicas, como olhos e narinas. As peças cat. n° 1.830, 3.614, 3.639 e 4.304 são fragmentos de bordas petalares de diferentes contornos. Todas apresentam na face interna engobo branco. A peça cat. n° 4.853 refere-se à remontagem de um perfil de recipiente com forma quadrangular/retangular. Na face externa deste recipiente, na porção correspondente ao bojo superior e borda foi aplicado engobo branco. A peça cat. n° 1.954 representa a remontagem de um perfil de recipiente que apresenta no lábio decoração digito-ungulada. A decoração digitada também aparece sobre filetes aplicados junto ao lábio, na face externa, como pode ser observado no fragmento cat. n° 5.819. Sítio Belo Monte 4: os fragmentos cat. n° 36 e 313 são exemplos de decoração incisa. Sítio Belo Monte 1: Fragmento cat. n° 94 com sutil decoração acanalada na face interna. Fonte: Scientia Consultoria Científica.



Figura 5. Montagem com material de diversos sítios: Sítio Santo Antônio 13: a peça cat. n° 607 representa a remontagem de fragmentos de borda petalar e a peça cat. n° 87 representa a remontagem de fragmentos de borda recortada, ambas apresentam engobo branco na face interna. A peça cat. n° 107 representa parte de um recipiente de pequenas dimensões com banho vermelho na face externa e duas faixas amarelas paralelas sobre o tratamento vermelho. A peça cat. n° 94 representa a remontagem de um recipiente carenado de dimensões médias. Sítio Santo Antônio 8: a peça cat. n° 102 refere-se a um zoomorfo, em vistas lateral e frontal; a peça cat. n° 188 refere-se a um bojo com aplicação de pequenas massas de argila, formando a figura de um zoomorfo (sapo) e a peça cat. n° 185 é um fragmento de borda aonde foram aplicados olhos e narinas, formando um zoomorfo. Sítio Santo Antônio 10: a peça cat. n° 384 refere-se a um fragmento de bojo com decoração incisa feita com argila já seca, o cat. n° 71 refere-se a um fragmento de bojo onde foram aplicadas massas de argila modelando uma figura zoomorfa e o fragmento cat. n° 1.248 é um bojo com decoração incisa ponteadada. Sítio Santo Antônio 9: cat. n° 01 apresenta decoração incisa e os fragmentos cat. n° 03 e 121 são bordas recortadas com engobo branco na face interna. Fonte: Scientia Consultoria Científica.

f) As decorações zoomorfas aparecem em baixa quantidade. Encontraram-se estas decorações de duas formas: peças modeladas e depois aplicadas na superfície do recipiente ou, aproveitando a superfície, moldaram-na e depois aplicaram alguns itens anatômicos, como olhos e narinas. Tais decorações foram identificadas nos sítios Santo Antônio 10, Santo Antônio 8, Santo Antônio 1 e Santo Antônio 6. As peças zoomorfas modeladas e depois aplicadas sobre a superfície de um recipiente aparecem no sítio Santo Antônio 1 e Santo Antônio 8, com representação aparentemente de boto e aves estilizados. Os zoomorfos construídos sobre a superfície aparecem nos sítios Santo Antônio 1, Santo Antônio 6 e Santo Antônio 10, e são peças que apresentam acentuada erosão ou fragmentação. Uma característica recorrente nestas peças, no entanto, são os olhos e narinas, geralmente formados pela aplicação de pequenas massas de argilas e, sobre esta massa, a realização de traço inciso no centro ou da impressão de círculos concêntricos.

Após breve descrição das coleções analisadas, é possível perceber algumas tendências nas características dos sítios e materiais cerâmicos. Há um conjunto de sítios sem TPA, que apresentam material cerâmico mais simples, com pouquíssima decoração plástica e sem tratamento cromático ou raros fragmentos com banho vermelho. O contorno destes recipientes também é mais simples, com raras carenas e inflexões, sem apresentar rebuscamento de bordas, apliques ou apêndices. Em geral, tais sítios também apresentam um número pouco mais alto de material lítico, em comparação com os demais. Fazem parte deste conjunto os sítios Santo Antônio 4, Santo Antônio 12, Belo Monte 1 e Belo Monte 4.

Há, ainda, um segundo conjunto composto por sítios como o Belo Monte 2, Santo Antônio 10, o Santo Antônio 13, o Santo Antônio 8 e o Santo Antônio 9, que apresentam material cerâmico semelhante, com incidência de decoração plástica, tratamento de superfície com presença de engobo branco e banho vermelho, bordas recortadas, petalares ou com marcas digitadas no lábio. As características de composição da cerâmica deste segundo grupo se assemelham ao material do sítio Santo Antônio 1, que, no entanto, diferencia-se por apresentar um alto número de fragmentos com cauxi na pasta

Um dado interessante notado nestas análises preliminares é a quase ausência de fragmentos com decoração plástica corrugada, geralmente presente em sítios de Tradição Tupiguarani (Pereira, 2008; Garcia, 2012) e identificada em sítios das proximidades, como no sítio “Praia do Pepino”, localizado no mesmo município (Faria, 2012), que também apresentou material unglado, pintura vermelha, apliques antropomorfos e rodela de fuso, além de três urnas funerárias. Se, por um lado, a ausência de decoração corrugada no material cerâmico analisado não se alinha às características geralmente vinculadas à Tradição Tupiguarani, verifica-se, no entanto, que o tempero quase que exclusivamente mineral em todos os sítios analisados e a frequência de carenas vai ao encontro do que é costumeiramente apontado para aquela tradição (com exceção do sítio Santo Antônio 1). Além do material cerâmico em si, no sítio Santo Antônio 11 (ainda em estudo) parte da área do sítio apresentava TPA e foram exumados quatro recipientes estruturados, sendo que em um destes recipientes havia em seu interior uma pequena lâmina polida, sugerindo tratar-se de acompanhamento funerário partilhando das características Tupiguarani.

Se as características apontadas nos estudos preliminares ora concordam, ora discordam daquelas habitualmente atribuídas à Tradição Tupiguarani, há outros atributos percebidos no segundo conjunto de sítios descritos (sítios com maior variedade de decoração e tratamento de superfície, alguns apresentando TPA), como incidência de bordas recortadas, filetes com marcas digitadas aplicados na face externa de bordas, apliques zoomorfos com olhos com círculos concêntricos ou entalhes sobre pequena massa de argila aplicada que se assemelham ao material descrito por Van den Bel (2010) para sítios Koriabo, de Tradição Borda Incisa.

Tabela 2. Características de tempero e decoração das coleções analisadas.

SÍTIO	PEÇAS ANALISADAS	TEMPERO	DECORAÇÃO PLÁSTICA	DECORAÇÃO CROMÁTICA
Turiá	661	Mineral	0,8%FI, 0,64%FE	4,83%FI, 8,69%FE (vermelho, branco)
Santo Antônio 1	6.088	Mineral, 0,15% com cariapé, 23,51% com caixi	0,34%FI, 6,66%FE	4,76%FI, 12%FE (vermelho, branco, preto)
Santo Antônio 2	3.866	-	-	-
Santo Antônio 4	94	Mineral	-	6,25%FI, 12,5%FE (vermelho)
Santo Antônio 5	162	Mineral	-	1,16%FI, 4,65%FE (vermelho, branco)
Santo Antônio 6	63	Mineral	4,65%FE	4,65%FI, 6,98%FE (vermelho, branco)
Santo Antônio 7	102	Mineral	4%FE	14,67%FI, 17,33%FE (vermelho, branco)
Santo Antônio 8	516	Mineral	0,2%FI, 1,66%FE	12,08%FI, 13,13%FE (vermelho, branco)
Santo Antônio 9	312	Mineral, 1% com caixi.	0,34%FI, 9,25%FE	11,64%FI, 22,95%FE (vermelho, branco)
Santo Antônio 10	1.364	Mineral, 0,4% com caixi, 0,7% com cariapé	0,16%FI, 2,65%FE	2,88%FI, 4,09%FE (vermelho, branco, preto)
Santo Antônio 12	152	Mineral	0,72%FI	8,7%FI, 10,14%FE (vermelho)
Santo Antônio 13	965	Mineral	2,21%FE	2,45%FI, 14,85%FE (vermelho, branco)
Belo Monte 1	104	Mineral	2,11%FI, 3,16%FE	-
Belo Monte 2	30	Mineral	0%FI, 14%FE	14%FI, 14%FE (preto, vermelho)
Belo Monte 4	1.550	Mineral, 0,3% com caixi, 0,5% com cariapé	0%FI, 0,79%FE	0%FI, 0,07%FE (vermelho)

FE: Face Externa; FI: Face Interna.

Datações radiocarbônicas foram realizadas com amostras de carvões de seis sítios desta área, que apontam para uma ocupação do território por grupos ceramistas há pelo menos cinco mil anos. Novamente, vê-se nestes resultados a distinção entre os dois grupos de sítios já citados anteriormente. O primeiro grupo, que apresenta material cerâmico mais simples, sem bordas digitadas, raros tratamentos cromáticos e um número maior de material lítico aparecem com datações mais recuadas, e são representados pelos sítios Santo Antônio 12 (^{14}C 5.170 \pm 30 BP – n^o Beta 423120), Belo Monte 5 (^{14}C 5.352 \pm 32 BP – OxA 32911) e Belo Monte 4 (^{14}C 2.287 \pm 28 BP – OxA 32910). O segundo grupo, que apresenta maior variedade em decorações plásticas e tratamentos de superfície cromática, algumas vezes com TPA e menor densidade de material lítico apresenta datações mais recentes e são representados pelos sítios Turiá 1 (^{14}C 1.152 \pm 27 BP – OxA 33037), Santo Antônio 10 (^{14}C 843 \pm 27 BP – OxA 33034) e Santo Antônio 2 (^{14}C 778 \pm 27 BP – OxA 33035).

Estes encontros e desencontros entre o material cerâmico do baixo/médio Xingu com tradições arqueológicas conhecidas já foi apontado por Araújo Costa e Caldarelli (1988). Apesar de notarem maiores semelhanças entre a sua coleção e a tradição Tupiguarani, as autoras ressaltam que a cerâmica Kararaô apresenta, concomitantemente, elementos diagnósticos de outra tradição arqueológica, como a decoração incisa-ponteadada, apliques modelados, borda incisa, flanges e base anelar, que sugerem influência ou proximidade da tradição Incisa Ponteadada (Araújo Costa; Caldarelli, 1988). Comparando o material estudado com as duas tradições arqueológicas, as autoras sugerem a possibilidade de que a ocupação cerâmica ora identificada refira-se a uma terceira unidade, portadora de elementos das duas tradições.

Estas aproximações entre o material estudado neste projeto com o material de outras pesquisas realizadas anteriormente fazem parte do período inicial de reflexão. Por este motivo, apresentam-se aqui apenas alguns aspectos do material cerâmico estudado até o momento. Devem ser consideradas em futuras análises a forma de dispersão desses materiais nos sítios, as análises radiocarbônicas, o estudo do material lítico, enfim, outros elementos que consolidem as interpretações sobre a ocupação humana na região.

Todas essas informações preliminares nos permitem antever a riqueza e a importância desses conjuntos de sítios arqueológicos registrados ao longo de um recorte espacial que chega a 14 mil hectares de floresta amazônica. Toda essa região foi prospectada pelos arqueólogos em busca de vestígios da presença humana numa área ocupada milenarmente por povos indígenas e, secularmente, pelos diversos segmentos da população nacional que circularam e ocuparam o local, deixando suas marcas em sítios cerâmicos, líticos, lito-cerâmicos, de arte rupestre e, em menor escala neste projeto, também em sítios históricos, todos atuando como testemunhos do rico patrimônio cultural do Xingu, em especial o arqueológico.

Embora ainda se esteja no início do processo de análise e de produção de conhecimento, as atividades de arqueologia preventiva nas áreas de intervenção da UHE Belo Monte se apresentam como uma grande oportunidade para se conhecer um pouco mais dos variados aspectos da vida e do cotidiano das diferentes populações que habitaram o Baixo/Médio rio Xingu, região estratégica para o estudo da pré-história amazônica. Trabalham-se, em grande parte, com sítios que são testemunhos da presença de grupos indígenas que praticavam a agricultura, a caça, a pesca e a coleta, constituindo-se nos artesãos de uma floresta amazônica intensamente antropizada e rica de significados, ao expor de forma científica a intensa e fecunda articulação entre o homem e o ambiente amazônico.



CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA FOZ DO XINGU: UMA PRIMEIRA CARACTERIZAÇÃO

Helena Pinto Lima
Glenda Consuelo Bittencourt Fernandes

RESUMEN

Cerâmicas arqueológicas de la boca del río Xingu: una primera caracterización

En este artículo se presenta una caracterización preliminar y el contexto general de un complejo cerámico previamente desconocido, ubicado en la boca del área del río Xingu. La arqueología de esta región aún está floreciendo, los datos fueron recolectados el año 2014, con las primeras investigaciones arqueológicas hechas a profundidad en Gurupá/PA. Aquí presentamos las colecciones recogidas en Carrazedo, así como materiales de otros dos sitios/colecciones del área. Discutimos semejanzas y diferencias de estos materiales en comparación con otros complejos del bajo Amazonas. Aunque todavía es incipiente, la arqueología del área de la confluencia entre los ríos Xingu/Amazonas es prometedora.

ABSTRACT

Archaeological ceramics from the mouth of the Xingu River: A preliminary characterization

In this article we present a preliminary characterization and the general context of a previously unknown ceramic complex at the mouth of the Xingu River area. The archaeology of this region is still blooming. Data was collected in 2014, at the first deep archaeological investigations undertaken in Gurupá/PA. Here we present the ceramics collected at Carrazedo, as well as materials from two other sites/collections of the area. We discuss similarities and distinctions of these materials compared to other lower Amazon ceramic complexes. Although still nascent, the archaeology of the confluence of Xingu/Amazon river area is promising.

Introdução

O município de Gurupá está localizado na confluência do rio Xingu com o delta do rio Amazonas (Mesorregião do Marajó), inserido no setor insular-estuarino da zona costeira paraense (Figura 1). O município encontra-se entre duas importantes áreas culturais da Amazônia no período pré-colonial tardio: Santarém e Marajó. Neste sentido, a área se mostra estratégica, que poderia ser interpretada enquanto entreposto em uma região fronteira ou até mesmo um centro ainda não conhecido na Amazônia antiga.

Embora Gurupá faça parte do contexto arqueológico geral do Marajó (comportando uma das maiores ilhas do arquipélago), diferentemente do Marajó, poucas pesquisas arqueológicas foram realizadas no local, resumindo-se a um breve inventário realizado em 2008-2009, em que foram localizados 40 sítios, 12 ocorrências e sete áreas com potencialidade arqueológica, além do Forte de Santo Antônio de Gurupá (Schaan; Martins, 2010).

A documentação historiográfica (documentos, relatos e iconografias) e os resultados das pesquisas arqueológicas iniciais demonstraram uma grande potencialidade arqueológica, cujos vestígios remontam a uma significativa história ainda por ser desvelada. Os testemunhos dessa história são os patrimônios (material e imaterial) existentes no local, que incluem os sítios pré-coloniais e coloniais, remanescentes de ocupações mais recentes (incluem-se aqui os sítios de terra preta arqueológica, o Forte de Gurupá, quilombos, os cemitérios judaicos etc.), bem como a memória e histórias orais relacionadas à cultura e história local.

Alguns desses sítios históricos apresentam enormes proporções, compostos por grande variabilidade artefactual, incluindo cerâmicas de origem histórica e pré-colonial, artefatos líticos e outros, aflorando em matrizes de terra preta antropogênica que atingem até 2 km de extensão e até 2,5 m de profundidade.

Um estudo aprofundado dos vestígios arqueológicos do município de Gurupá vem a preencher uma grande lacuna no registro arqueológico do Baixo Amazonas, especificamente do sistema regional de trocas, que provavelmente ultrapassou fronteiras temporais e culturais, permanecendo ativa até o período da borracha.

O presente artigo é fruto de pesquisas implantadas na região por meio do Projeto “OCA GURUPÁ – Origens, Cultura, e Ambiente”, desenvolvido no âmbito institucional do Museu Paraense Emílio Goeldi, através de um grupo de pesquisadores e bolsistas da Coordenação de Ciências Humanas (CCH-MPEG) e colaboradores externos. Até o momento, o projeto realizou levantamentos de sítios, o mapeamento topográfico digital, a delimitação e escavações estratigráficas no sítio arqueológico Carrazedo, e o registro de coleções cerâmicas sob a guarda de moradores locais.

Desse modo, nosso objetivo é evidenciar dados, mesmo que iniciais, obtidos através das análises da coleção cerâmica coletada, para que assim possamos ter uma primeira caracterização tecno-estilística e tipológica para o conjunto. Tal caracterização contribui para compreendermos os significados dessas cerâmicas no contexto da ocupação regional e inserir este complexo cerâmico ainda desconhecido no panorama atual do conhecimento sobre as cerâmicas arqueológicas da Amazônia.

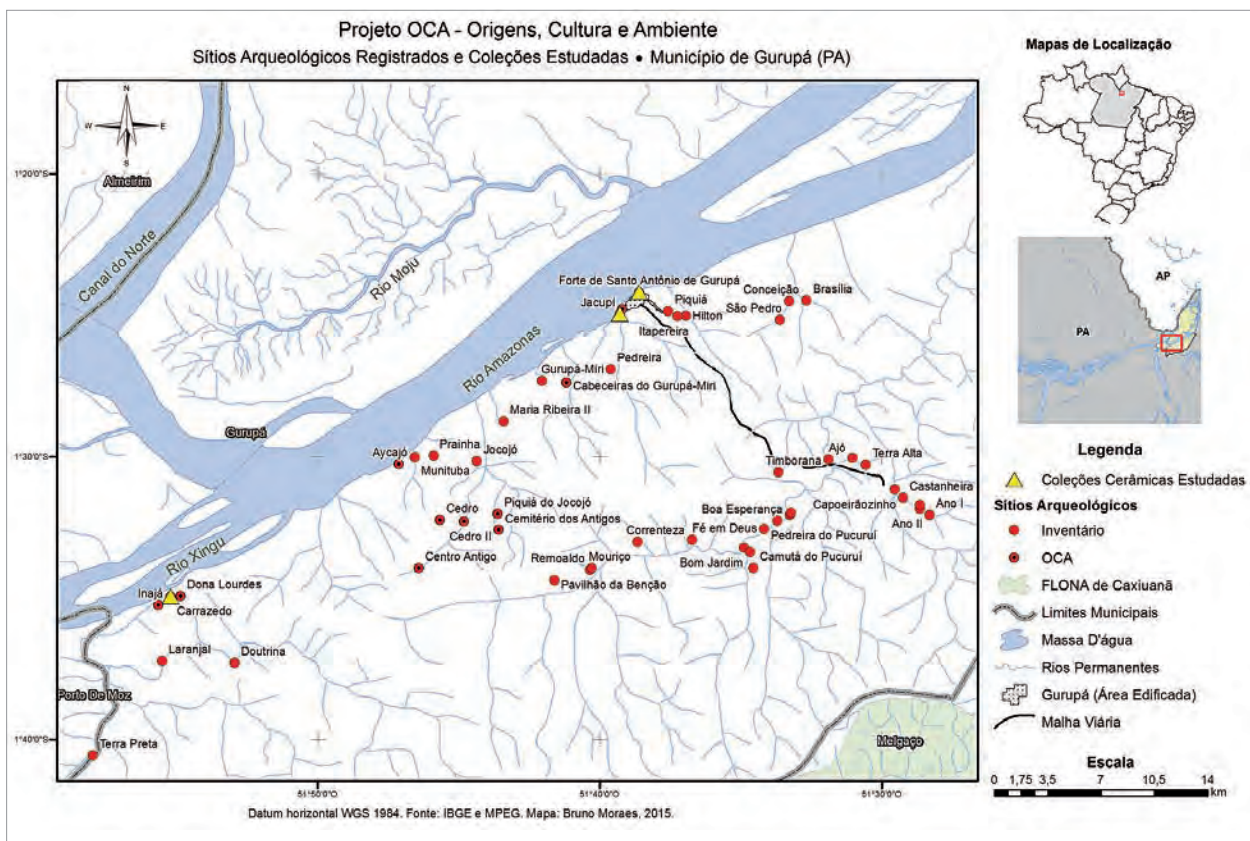


Figura 1. Mapa da área de pesquisa com localização dos sítios arqueológicos identificados. Inventário por Schaan et al. (2010) e novas áreas, com destaque para os três sítios mencionados no texto. Elaboração: Bruno Moraes.

O sítio Carrazedo e o material encontrado

O sítio Carrazedo foi eleito para a primeira intervenção do OCA, em função de suas características: é um sítio de enormes proporções a céu aberto, implantado no topo de um elevado terraço na margem direita do rio Xingu, próximo a sua foz no rio Amazonas. Configura-se como pré-colonial e histórico, com ruínas de estruturas edificadas (fundações) visíveis no terreno. Do topo do terraço se tem excelente visualização do rio Xingu, assim como acessos secundários aos igarapés que o contornam.

Até o momento mapeamos uma porção de aproximadamente 10 ha de terra preta arqueológica (TPA), mas é certo que esta seja ainda maior (estimamos uma área de 30 ha para o sítio). O setor denominado “Terraço” foi investigado em maior detalhe, onde foi possível visualizar composições de montículos, plataformas aplainadas e caminhos interconectando esses complexos, bem como seguindo em direção ao rio. Durante a etapa de campo, em agosto de 2014, esta área estava recentemente aberta para o plantio de roça (coivara). A vantagem em trabalhar em uma área recentemente aberta e limpa é a visualização da superfície do terreno, tanto em termos de feições topográficas (montículos, plataformas e terraços) quanto em termos de exposição dos vestígios arqueológicos na superfície. Além disso, a ausência de estruturas históricas (antigas ou recentes) edificadas neste setor sugere ser esta uma das áreas de maior integridade ou conservação dos vestígios relacionados às ocupações pré-coloniais.

Depois do mapeamento digital com Estação Total, este setor foi gradeado em quadrantes de 10x10m, de acordo com os alinhamentos conhecidos do grid (ver croqui, Figura 2). Cada quadrante foi nomeado a partir de seu vértice NE e registrado (fotograficamente) a partir do leste. Cada vértice foi sondado com uma tradagem.

Um desses complexos de plataforma plana com montículo adjacente foi escavado, a fim de se testar a hipótese de tratar-se de plataformas habitacionais (casas) com montículos de descarte a elas relacionados, pois, nesta perspectiva, esses montículos possuiriam um papel fundamental no processo de formação das TPA (Schmidt et al., 2014), além de apresentarem uma grande variabilidade de material (cerâmico) descartado. Selecionamos para o presente estudo os materiais do contexto monticular escavado, esperando encontrar, assim, uma amostra da variabilidade representativa dessas ocupações pré-coloniais do sítio e da região.

Assim, na área do montículo localizada no topo do montículo do terraço 2 foram abertas duas unidades adjacentes (N490 E598/599), formando uma área de 2x1 m². O método utilizado para a realização da escavação foi uma combinação de níveis naturais e artificiais (10 cm). Assim sendo, quando se percebia uma mudança na camada dentro do mesmo nível artificial, este foi subdividido. Além disso, foi aberta uma unidade teste de 1 m² nesta mesma linha E-W (N490) na área plana do terraço, que chamamos de piso doméstico.

Durante as escavações no montículo revelou-se um contexto com materiais bastante fragmentados (sem quebras *in situ*), mistura de materiais, inclusive muitas sementes e ossos de animais em diversos níveis. A escavação evidenciou contextos arqueológicos profundos, até 170 cm, de onde foram coletados apenas microfragmentos. A estratigrafia foi dividida seis camadas. No topo do montículo observa-se um contexto mais profundo, e com maior quantidade de vestígios arqueológicos dispersos e fragmentados. Ao contrário, na área plana (suposta plataforma habitacional), foram evidenciadas feições interpretadas como marcas de poste. Nesta área, denominada “piso doméstico”, aparecem raros fragmentos cerâmicos ou outros materiais, algumas feições e solo mais compactado. Tais características parecem corroborar a hipótese inicial para as duas áreas: a de montículo como lugar de descarte e a plana como espaço de habitação.

Além disso notamos, na escavação do montículo, a singularidade e o potencial informativo das cerâmicas pré-coloniais coletadas, que incluem apliques antropozoomorfos, contas de colar e outros pequenos artefatos. Assim, selecionamos o material do montículo para a análise cerâmica detalhada. Em laboratório, depois do processamento curatorial do material (limpeza, triagem, quantificação, numeração, armazenamento), as análises em andamento têm abordado principalmente os aspectos tecno-estilísticos e contextuais do vasilhame (p. ex. Lima, 2008, 2013; Machado, 2006, entre outros). Uma abordagem funcional tem sido dificultada pelo alto índice de fragmentação das cerâmicas do montículo, o que permite pouco avanço das inferências funcionais do vasilhame. Amostras de fragmentos têm sido selecionadas para análises arqueométricas (para identificação da composição elementar das argilas e pigmentos) e para a laminação (para identificação e estudo dos antiplásticos), mas estes dados ainda não estão disponíveis.

A maioria do material coletado refere-se a paredes de vasilhas sem decoração, e foi integralmente analisado (todos os maiores do que 3 cm). A técnica de manufatura identificada em toda a coleção foi a roletada, e não mostra predominância clara de um padrão de coloração ou queima sobre outro. Por outro lado, podemos dizer que as inclusões, principalmente as minerais, dão à coleção um aspecto geral rugoso (não polido) e pesado. Há o predomínio de areia fina e grossa, seguido respectivamente de caco moído, hematita, cauxi, caraipé, carvão, houve também o aparecimento de conchas, geralmente associadas a fragmentos com a superfície branca. Os materiais que contêm cauxi associam-se, em sua maioria, com fragmentos que contêm superfície alaranjada, mas também aparecem nos fragmentos com a superfície branca e bege.

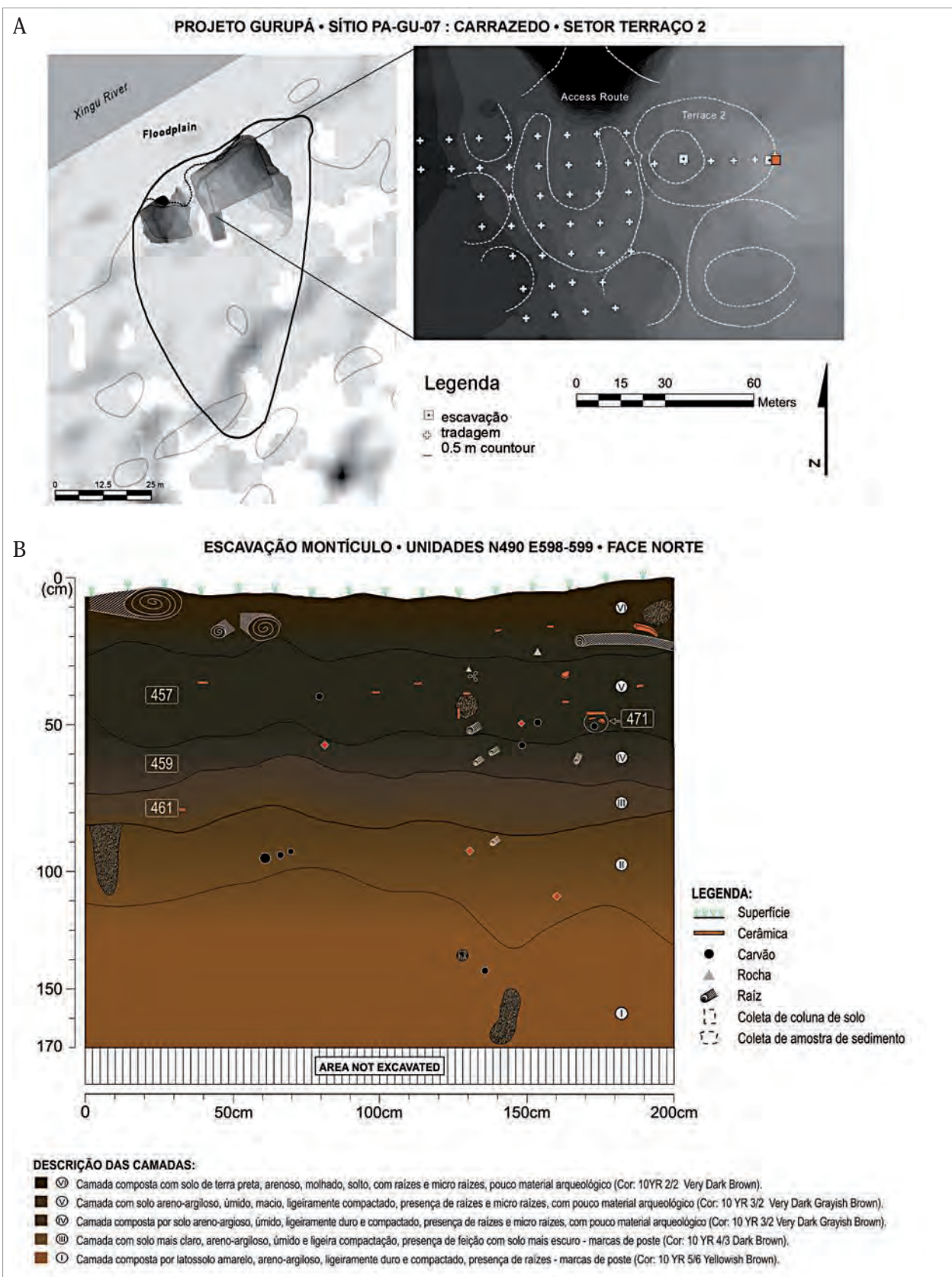


Figura 2. A) Mapa do sítio Carrazedo com localização das intervenções realizadas. Elaboração: A. Browne Rieiro. B) Perfil da escavação realizada no montículo (unidades N490 E598-599), cujas cerâmicas foram analisadas. Elaboração: T. Viana.

Como já dito, devido ao alto índice de fragmentação, ainda temos dificuldades nas inferências de morfologia e função, embora alguns conjuntos de formas tenham sido identificados, que serão descritos mais adiante. Um tipo de decoração recorrente e bem característico da coleção, dentre aqueles que possuem decoração, apresentam incisões finas, associadas a apliques circulares ou em filetes, com ponteados ou ungulados. Além das decorações plásticas, são notáveis também os fragmentos com engobo branco e cinza. Sobre a recorrente presença de engobo cinza, ainda não temos clareza se a coloração resulta de um processo intencional ou se trata de um processo tafonômico – de todo modo, peças com estas características estão presentes em grande número na coleção. Além disso, há materiais que apresentam faixas finas e grossas pintadas em vermelho e preto sobre o engobo branco ou cinza.

A natureza das associações (forma/pasta/decoração) ainda devem ser melhor investigadas, mas já podemos assinalar alguns conjuntos ou ‘tipos’ bastante acentuados na coleção. Até o momento identificamos sete conjuntos distintos, que nos revelam, mesmo de forma preliminar, informações importantes sobre os seus aspectos técnicos e morfológicos.

O conjunto 1 é formado por vasos bem abertos floriformes, com flanges floriformes, lobuladas e lábios recortados. São semelhantes a algumas encontradas em Almerim (ver foto em Barreto e Fernandes, neste volume) e em Monte Alegre/PA. Esses vasos representam uma característica das cerâmicas Koriabo (Van Den Bel, 2010; Barreto, neste volume). Essas bordas ou flanges labiais dão suporte para aplicação da decoração, e tem sua extensão maior que a curvatura da própria altura do vaso. Com relação à pasta, a maioria tem cor alaranjada bem forte ou bege-acinzentada. A decoração apresenta engobo branco e/ou cinza, que, conforme mencionado, pode ser intencional ou não. Apenas alguns fragmentos deste tipo apresentam vestígios de pintura vermelha (linhas). O conjunto 2 compõe-se de vasilhas abertas e/ou pratos, provavelmente com grandes diâmetros, borda extrovertida e acabamento do lábio digitado. Possuem superfície alaranjada ou bege/amarronzada. No conjunto 3, aparentemente temos dois subconjuntos, um deles com bordas diretas e incisões paralelas e outro com bordas levemente extrovertidas ou reforçadas externamente, com incisões em linhas finas paralelas e/ou formando motivos geométricos. São painéis abertas, de superfície alaranjada/bege, lábios geralmente com acabamento arredondado e a decoração encontra-se na face externa da vasilha. O conjunto 4 apresenta vasilhas bem abertas, com borda direta ou extrovertida. Na face interna apresenta superfície escovada, tanto no corpo quanto na borda, e suas cores variam entre bege e alaranjado.

No conjunto 5 as vasilhas parecem ter pequenas dimensões, com formas globulares com ou sem pescoço. Possuem bordas restritivas, com aplicação de flanges na borda ou lábio. Esses flanges formam uma superfície ampliada na parte superior do vaso, que recebe a decoração. A decoração consiste em incisões largas, filetes ou esferas aplicadas com ponteados ou incisos, formando motivos antropo/zoomorfos. Tanto esta decoração quanto a forma têm grande variabilidade e são bem típicas da cerâmica do sítio Carrazedo. Além disso, esse conjunto pode aparecer em formas mais simples com aplicação de um ou mais roletes junto à borda da vasilha e com acabamento ungulado. No conjunto 6 evidenciamos formas semelhantes as do conjunto 3 – vasilhas irrestritivas simples, com bordas reforçadas externamente, lábios planos ou arredondados. Não possuem decoração. Finalmente, o conjunto 7 apresenta vasilhas irrestritivas (cuias), de paredes finas e com pequenas dimensões. Possuem bordas extrovertidas, decoradas com incisões paralelas horizontais na face superior.

Na Tabela 1, elencamos as principais características distintivas dos conjuntos cerâmicos. Outras características não foram apontadas porque a coleção ainda se encontra em análise.

Tabela 1. Conjuntos cerâmicos identificados no sítio Carrazedo.

CONJUNTO	FREQUÊNCIA POR NÍVEIS (CM)	MORFOLOGIA	PASTA	DECORAÇÃO	OCORRÊNCIA REGIONAL
1	10-20 (3 frag) 30-40 (5 frag) 40-50 (8 frag) 50-60 (1 frag) 60-70 (1 frag)	Vasos bem abertos floriformes com bordas extrovertidas/flanges labiais, lobulares, superfície abaulada e lábios recortados	Alaranjada (forte) ou bege acinzentada	Engobo branco ou cinza. Pintura vermelha eventual	Almerim/PA (Nimuendaju, 2004) Altamira (Muller et al., neste volume) Amapá (Cabral 2011), Guiana Francesa (Van Den Bel 2010). Monte Alegre/PA (Barreto, 2014, com. Pessoal)
2	10-20 (1 frag) 50-60 (2 frag) 60-70 (2 frag)	Vasilhas abertas, bordas extrovertidas, lábio digitado	Alaranjada/bege amarronzada	Sem decoração	Monte Alegre/PA (Barreto, 2014, com. Pessoal)
3	10-20 (1 frag) 20-30 (2 frag) 30-40 (7 frag) 40-50 (4 frag)	Vasilhas abertas, com bordas diretas, incisões paralelas (subconjunto 1); bordas levemente extrovertidas ou reforçadas (Subconjunto 2)	Alaranjada/bege amarronzada	Incisões finas paralelas e/ou formando motivos geométricos	Amapá (Cabral, 2011)
4	0-10 (1 frag) 10-20 (1 frag) 40-50 (2 frag)	Vasilhas abertas, com borda direta ou extrovertida	Bege e Laranja	Escovado na face interna no corpo e na borda	Monte Alegre/PA (Nimuendaju, 2004)
5	20-30 (3 frag) 30-40 (2 frag) 40-50 (6 frag) 60-70 (3 frag)	Vasilhas pequenas, restritivas, com aplicação de flanges decoradas	Alaranjada/bege	Incisões largas c/motivos antropozoomorfos ou esferas aplicadas	Monte Alegre/PA (Barreto, 2014, com. Pessoal), Amapá (Cabral, 2011); Guiana Francesa (Van Den Bel, 2010)
6	10-20 (5 frag) 20-30 (1 frag) 30-40 (3 frag) 40-50 (1 frag)	Vasilhas simples, irrestritivas, lábios planos ou arredondados	Bege	Sem decoração	
7	40-50 (2 frag)	Vasilhas pequenas, irrestritivas, borda extrovertida	Bege/amarronzado	Incisões paralelas horizontais	

Na escavação do montículo no sítio Carrazedo, além dos artefatos cerâmicos, também os materiais líticos mostraram informações significativas sobre a ocupação do sítio. Nas duas unidades adjacentes escavadas foram encontrados vários pequenos fragmentos de seixos de quartzo, entre eles alguns com marcas de percussão sob bigorna, provavelmente usados para fazer dentes de ralador ou outros pequenos instrumentos cortantes e perfurantes. Identificamos também pequenos blocos não modificados de caulinita, o que sugere a utilização dela para fabricação de contas: as três contas coletadas na escavação estão em análise geológica, mas suas características sugerem ser da mesma matéria-prima. Somam-se a isto os fragmentos de lâmina de machado e lascas com marcas de retiradas. Portanto, podemos dizer, com base numa análise ainda preliminar, que no sítio Carrazedo existem pelo menos duas indústrias líticas: uma de seixos, restrita aos níveis mais profundos, e uma (possível) ligada à produção de contas¹. A variabilidade dos líticos sugere mudanças tecnológicas, de acordo com a profundidade (~70 cm), sendo os níveis mais profundos ligados à transformação de pequenos seixos e os mais recentes com grandes blocos de arenito e óxido de ferro, nem todos visivelmente transformados. Ainda é cedo para fazermos afirmações quanto às diferenças tecno-estilísticas das cerâmicas em relação à profundidade. O conjunto cerâmico parece um tanto homogêneo, mas, se confirmadas variações consistentes, poderíamos interpretar como momentos distintos de ocupação. As datações radiocarbônicas, a serem providenciadas brevemente, também poderão esclarecer nessa questão.



Figura 3. Apliques cerâmicos coletados na escavação do montículo no rio Carrazedo. Foto: N. Smith.

Outras coleções cerâmicas

A fim de oferecer um panorama mais abrangente acerca da variabilidade cerâmica de Gurupá, incluímos neste trabalho dados dos materiais provenientes de outros dois sítios arqueológicos estudados no âmbito do projeto OCA. Trata-se do sítio Gurupá, onde se localiza o Forte de Santo Antônio de Gurupá, uma

1. Análises líticas realizadas por Kelton Mendes (bolsista MPEG), com apoio da Dra. Jaqueline Rodet (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG).

fortificação holandesa datada de 1616 que, mais tarde, passou para o domínio português; e o sítio Jacupi. Ambos encontram-se nos limites (leste e oeste) da área urbana de Gurupá, às margens do rio Amazonas (Figura 1).

A presença de cerâmica indígena e outros artefatos históricos em superfície junto à orla da cidade e próximo ao Forte já havia sido documentada anteriormente (Schaan; Martins 2010: 119). O próprio sítio arqueológico “Gurupá” (UTM 22M 0428415/9844882), multicomponencial, é composto pelas edificações do Forte de Gurupá e por cerâmicas pré-coloniais e em todo o seu entorno. De fato, não é exagero dizer que a cidade toda está assentada sobre um grande sítio arqueológico. Mesmo que descontextualizado, este material permite um apanhado sobre a variabilidade artefactual e o processo de ocupação da região de Gurupá. Sua presença na área do Forte é um indício de que esta área foi intensamente ocupada antes da construção do mesmo. Os registros materiais e as fontes documentais históricas demonstram que a área teve também uma ocupação indígena intensa durante o período histórico colonial.

Especificamente no Forte, a abordagem arqueológica em campo se deu por meio de uma parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por ocasião da construção de obras de consolidação da encosta do terraço onde se situa a fortificação. Inicialmente, identificaram-se iconografias antigas que fazem menção ao forte, incluindo gravuras e desenhos de plantas e fotografias antigas. Em campo, foi feito um cuidadoso registro das estruturas edificadas existentes, e coletas de superfície em uma escavação-resgate de um depósito coluvial que estava erodindo da encosta do barranco do forte e monitoramento das obras de consolidação do barranco, peneirando todo o sedimento removido. O trabalho permitiu recolher uma expressiva coleção de materiais arqueológicos, como: lascas de material lítico, uma grande quantidade de fragmentos de bordas, paredes e bases de vasilhas cerâmicas, a maior parte com vestígios de decoração, bem como materiais relativos à época do contato e pós-contato. Foi constatada a presença de mais de vinte contas ou miçangas azuis e brancas, fragmentos de faiança portuguesa decorada em azul, além de alguns pregos, cravos, etc. Foram registrados também ossos de tartaruga e outros animais.

Em relação à cerâmica, por se tratar de um conjunto coletado em área de aterro, pouco ou nenhuma inferência crono-estratigráfica pode ser atribuída aos estilos identificados. Trata-se de uma enorme variabilidade, esperada para esta condição de deposição. Algumas características reconhecíveis das cerâmicas indígenas analisadas até o momento são a técnica de manufatura roletada com superfícies alisadas, e uma ampla variação em termos de queima, cor da superfície e de temperos. Entre os antiplásticos foram identificados caco moído, caraipé (*Licania* spp.), carvão e concha. Este último relacionado a um tipo específico de forma – tigelas ou pratos de grandes dimensões com borda extrovertida (Figura 4), e muitas delas com ossos (carapaças de quelônio) no seu interior. A maior parte dos fragmentos não decorados apresentou fuligem na superfície externa. Atribuímos alguns desses fragmentos ao período de contato, aonde se nota a tecnologia da cerâmica indígena com elementos europeus (Figura 4).

Quanto às decorações, foram registradas tanto as crômicas quanto plásticas, em proporções semelhantes. Entre as crômicas, encontram-se os engobos em variações de vermelho e branco, pintura preta, marrom, alaranjada e vermelha sobre engobo branco em linhas finas e faixas e também pontos, em motivos geométricos. É notável um zoomorfo, que aparenta tratar-se de um escorpião pintado em vermelho sobre engobo branco. As técnicas de decoração plástica incluem incisões finas paralelas, roletes ou filetes aplicados com entalhes ou incisões (Figura 4).



Figura 4. Cerâmicas coletadas no Forte de Santo Antônio de Gurupá. Fotos: N. Smith.

Essas cerâmicas arqueológicas e os artefatos históricos coletados representam apenas uma pequena amostra do potencial da área em questão, que deve ser investigada em maior detalhe no âmbito das pesquisas arqueológicas futuras.

Ainda na área urbana de Gurupá, no outro extremo da cidade, encontra-se o sítio arqueológico Jacupi, cujas cerâmicas provenientes de uma coleção particular (coleção Jean-Marie Royer, proprietário do terreno onde o sítio se encontra) foram estudadas. O sítio arqueológico Jacupi está localizado em uma reserva ambiental particular, delimitada a nordeste pelo Igarapé Jacupi, na margem do rio Amazonas. Os resultados do reconhecimento confirmam que este é um sítio de terra preta de proporções modestas (aprox. 1,5-2 ha mapeados) que apresenta relevo da superfície antrópica na forma de montículos circulares que parecem delimitar terraços habitacionais comparáveis aos encontrados em Carrazedo (Figura 2). Quatro terraços foram identificados em parte da propriedade usada atualmente para horticultura, vizinhos a uma área de campinarana (sucessão secundária), onde foi possível obter uma boa visibilidade de solo. Esta área mede, aproximadamente, um hectare. O levantamento mostrou sinais de transformações culturais, com alta frequência de espécies antrópicas indicadoras, especialmente Inajá (*Attalea maripa*), bem como áreas antrópicas de ocorrência de castanha do Brasil (*Bertholletia excelsa*).

Uma pequena trincheira para construção doméstica, deixada em aberto pelo proprietário para inspeção pela equipe de arqueólogos, mostra que o depósito de terra preta nesta área tem em torno de 20 cm de profundidade. Notavelmente, esta é a trincheira da qual se relata ter extraído uma pequena urna funerária com restos humanos, juntamente com outros pequenos vasos e estatuetas antropomórficas/ zoomórficas (Royer, comunicação pessoal, 2014) (Figura 5).

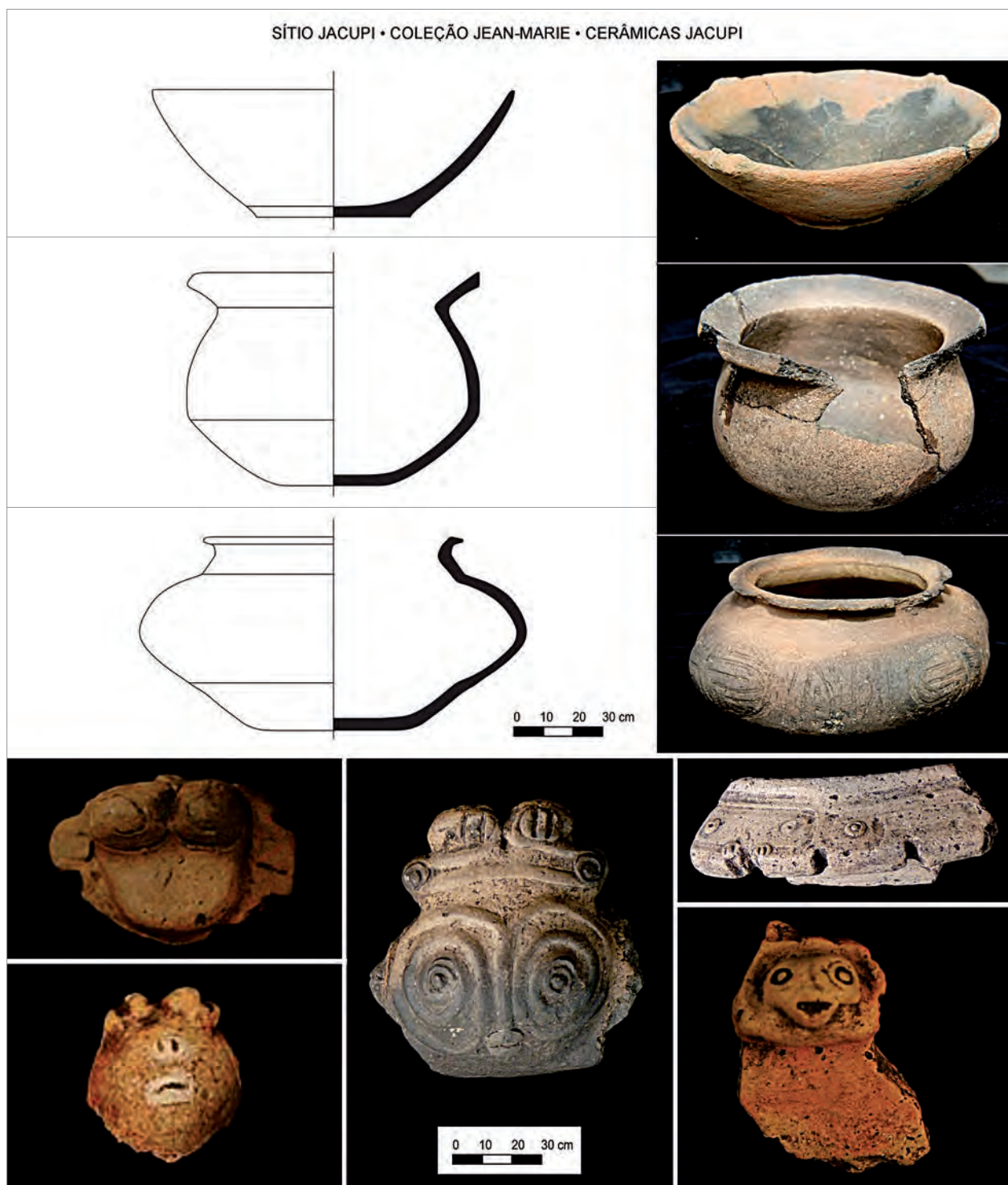


Figura 5. Cerâmicas do sítio Jacupi, coleção Jean-Marie Royer. Fotos e desenhos: H. Lima, prancha elaborada por T. Viana.

Apesar de pequena (13 no total, sendo: 4 vasos, 2 fragmentos de borda e 7 apliques), a coleção é bastante representativa (Figura 5). Os temperos, sempre misturados, mostram a presença de areia/rocha triturada, caraipé, carvão, cauixi, além de hematita (óxido de ferro) na confecção das vasilhas, esta última possivelmente oriunda das próprias fontes de matéria-prima. As vasilhas e bordas da coleção possuem pequenas dimensões, com diâmetros da borda variando entre 10 e 20 cm (formas reconstituídas na Figura 5). O vaso que continha ossos em seu interior, uma pequena urna funerária com 12 cm de altura e 14 cm de diâmetro da boca (# 1), possui uma peculiar forma globular, com protuberâncias (empurradas de dentro para fora) abauladas no bojo, um pequeno pescoço e borda extrovertida. Essas protuberâncias foram decoradas com incisões em linhas finas, retas e curvas, em motivo cruciforme. Assim como as demais peças, apresenta queima redutora. O tempero majoritariamente composto por rocha triturada (quartzo) confere à vasilha uma superfície rugosa e maior peso. Possui características semelhantes à cerâmica descrita como Koriabo, tanto no médio Xingu (área da Usina Belo Monte) das Guianas/Amapá.

Com exceção de duas peças simples, as demais possuem decoração plástica. Destaca-se uma borda com flange entalhada e esferas aplicadas com ponteados. Os demais apliques e bordas são semelhantes aos materiais analisados do sítio Carrazedo, com a notável presença de esferas e filetes aplicados com ponteados, ungulados e entalhados, associados a incisões em linhas finas, em composições antropomorfas e zoomorfas (Figura 5). De modo geral, todos sugerem a mesma associação já mencionada com as cerâmicas Koriabo.

Uma pequena vasilha modelada (# 12), aparenta ser um coletor de látex, que remontaria ao período histórico da borracha (início do séc. XX) em Gurupá.

Contextualização regional e interações estilísticas

Como dito anteriormente, o município de Gurupá encontra-se entre duas importantes áreas culturais da Amazônia, Santarém e Marajó. Além disso, tem seus limites ao norte e a oeste com o estado do Amapá (Schaan et al., 2010), que se localiza na desembocadura do rio Amazonas e possui grande diversidade de culturas pré-coloniais, muitas relacionadas com a tradição Policroma. Entre elas está a cultura Aristé, que domina o litoral da Guiana oriental, desde o rio Araguari no Amapá e também a baía do Oiapoque, na Guiana Francesa, incluindo a ilha de Caiena (Rostain, 2011).

Ainda de acordo com Rostain (2011), no sul do Amapá estão presentes os complexos Mazagão, Maracá e Aruã. Do mesmo modo, refere-se também à cultura Koriabo hipoteticamente originada no interior da planície das Guianas, e que tem suas características presentes em diversos sítios do Brasil, especialmente os localizados na fronteira meridional das Guianas e no centro e Baixo Amazonas.

As propriedades estilísticas da cerâmica Koriabo, de acordo com Cabral (2011: 95), são “as decorações incisivas associadas com pequenos apliques, seguidamente com uma impressão anelar no seu interior, além de bordas lobadas, com decoração incisa e pequenos rostos”. Com relação ao tempero, suas características são o uso de areia rica em mica, que gera um efeito de brilho na cerâmica, e o pouco uso do cauixi (Evans; Meggers, 1960: 144-115 *apud* Cabral, 2011: 94).

Pesquisas realizadas no Amapá nos últimos anos, pela equipe de arqueologia do Instituto de Estudos e Pesquisas do Estado do Amapá (IEPA), num contexto de arqueologia preventiva, nos anos de 2007 e

2009 foram verificadas as primeiras observações de características Koriabo nos conjuntos cerâmicos da região, em que foram registrados 37 sítios arqueológicos. Com escavações em área ampla foi possível a identificação de estruturas de habitação e funerárias, sendo que a cerâmica com características Koriabo estava associada a um conjunto não identificado de vasilhas domésticas e com pouca decoração. Posteriormente, ainda em 2009, o sítio Laranjal do Jari 1 foi escavado também no contexto da arqueologia preventiva, e os dados preliminares do material analisado indicam, mais uma vez, uma separação entre os conjuntos tipicamente Koriabo e um conjunto de vasilhas sem decoração (Cabral, 2011).

De acordo com análises preliminares, pode-se dizer que alguns componentes dos conjuntos cerâmicos do baixo rio Xingu (do sítio Carrazedo e de Gurupá) partilham características da cerâmica Koriabo, especialmente quanto à decoração, pois não são raros os fragmentos que apresentam decoração com incisões finas e largas, juntamente a apliques modelados circulares (esferas aplicadas) com ponteados central, algumas vezes sugerindo rostos. Ao mesmo tempo, na cerâmica de Carrazedo há predominância da areia como tempero.

Vale ressaltar que os elementos semelhantes elencados não nos permitem dizer, de fato, que a cerâmica de Gurupá pertence à fase Koriabo. Para além das semelhanças, é importante também destacarmos as diferenças e as características próprias da cerâmica de Gurupá. Neste sentido, podemos citar, entre as decoradas, o uso frequente do engobo branco/cinza, barbotina, vermelho e bege/alaranjado respectivamente. Já nas cerâmicas simples, além das superfícies alisadas, há também as que apresentam polimento externo. Com relação ao seu tempero, nos primeiros níveis há predominância do caco moído associado à rocha triturada e cauixi, respectivamente; nos níveis mais profundos houve maior presença de carvão e caraipé, juntamente com caco moído, rocha triturada e cauixi. Em menor proporção, e em morfologias específicas, há também a presença de concha moída. Essas características podem nos apontar um caminho a ser seguido quanto aos marcadores culturais da cerâmica de Carrazedo, pois não é nossa intenção negligenciar a cerâmica doméstica (Van den Bel, 2010), mas sim inseri-las em análises mais aprofundadas, uma vez que somente assim poderemos ter dados mais concretos e completos com relação à ocupação da região do baixo rio Xingu.

Considerações finais

As observações preliminares das cerâmicas da foz do rio Xingu demonstram elementos estilísticos que sugerem intercâmbio cultural (pelo menos de atributos cerâmicos) com as distintas da foz do Amazonas e Guianas. A hipótese, baseada na localização estratégica do Baixo Amazonas, sugere que Gurupá possa ter ocupado um papel de destaque no contexto sociopolítico das ocupações pré-coloniais da Amazônia e tem norteadas as pesquisas em andamento na região, especialmente no sítio Carrazedo.

Como visto, as semelhanças de alguns elementos da cerâmica da confluência dos rios Xingu e Amazonas com a fase Koriabo existem, porém, é difícil afirmar tal classificação, pois isso seria “engessar” o registro arqueológico em um conjunto homogêneo. Neste sentido, características cerâmicas parecem não se enquadrar diretamente aos conjuntos arqueológicos já estabelecidos para a Amazônia, tais como as Tradição Polícroma da Amazônia ou a Tradição Incisa e Ponteadas, o que, em nosso entendimento, não se trata de um problema, visto que o conjunto cerâmico de Gurupá é ainda desconhecido da comunidade científica e tentar encaixá-lo sem a devida reflexão em uma ou outra tradição seria perder

a oportunidade de percebermos os processos de mudança cultural da região (Schaan, 2007). Neste sentido, o desafio então recai em conhecermos toda a coleção cerâmica de Carrazedo, para que, dessa forma, concordando com as reflexões de Cabral (2011), possamos nos voltar para suas características particulares e refletir sobre o seu contexto individualmente, para, a partir disso, buscar comparações.

A caracterização que apresentamos aqui, embora preliminar, pode contribuir para compreender os significados dessas cerâmicas no contexto da ocupação regional do baixo rio Xingu e inseri-las no panorama atual do conhecimento sobre as cerâmicas arqueológicas da baixa Amazônia. Podemos afirmar que os traços das cerâmicas Koriabo, anteriormente pensados como um fenômeno material restrito ao nordeste Amazônico (Guianas, Amapá), aparece também na margem sul do rio Amazonas, mostrando que a calha do Amazonas não era uma fronteira.

Agradecimentos

Agradecemos aos moradores do Carrazedo e ao Sr. Jean-Marie Royer, que trabalham pela salvaguarda de importantes sítios e coleções arqueológicas. Do mesmo modo, agradecemos ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Agroextrativistas de Gurupá; à Associação dos Remanescentes de Quilombos do Município de Gurupá (ARQMG); e à Prefeitura Municipal de Gurupá, pelo apoio prestado nas etapas de campo. Igualmente, aos colaboradores científicos do OCA-Gurupá, entre eles Anna Browne-Ribeiro, que conseguiu o primeiro aporte financeiro do projeto; a Kevin McDaniel, pelo apoio com as análises cerâmicas; a Kelton Mendes e Jaqueline Rodet, pelas análises líticas, ao Bruno Moraes pela leitura crítica, sugestões no texto e confecção de mapa. Entre 2013-2014, o projeto contou com financiamento do Programa de Capacitação Institucional do Museu Goeldi (PCI-MPEG) e da National Geographic Foundation (Browne-Ribeiro, 2013).



CERÂMICA E HISTÓRIA INDÍGENA DO ALTO XINGU¹

Joshua R. Toney

RESUMEN

Cerámica y historia indígena en el Alto Xingu

El Alto Xingu posee una de las más cortas cronologías entre las regiones amazónicas mejor conocidas. Sin embargo, durante este período relativamente corto, una tradición cerámica se desarrolló en el Alto Xingu, que puede acomodar la variación local en términos de patrones de asentamiento y subsistencia. Este registro está mejor documentado en sitios cerámicos ubicados en pequeños afluentes cerca de las cabeceras del río Xingu. Al mismo tiempo, las áreas inmediatamente al sur de la cabecera han recibido menos atención. Estas dos microrregiones presentan una única tradición cerámica continua, conocida arqueológicamente desde el siglo VIII hasta el siglo XVIII. La tradición cerámica Xingu destaca por su largo período de desarrollo tecnológico, con un aumento en el uso de cauixi como atemperante y el tamaño de los contenedores para la preparación de alimentos. Los avances tecnológicos se añaden a la continuidad estilística, con variaciones locales documentadas en las concentraciones de aldeas en el período tardío. A lo largo de este período de aproximadamente 1.000 años, también se han documentado rasgos similares a las tradiciones exógenas a la cuenca del río Xingu.

ABSTRACT

Ceramics and indigenous history of the Upper Xingu

The Upper Xingu region has one of the shortest prehistoric ceramic records of any well studied area of the Amazon River basin. During this relatively short period however, a ceramic tradition developed in the Upper Xingu to accommodate local variation in settlement and subsistence. This record is best documented at ceramic period sites on smaller tributary rivers near the headwaters of the Xingu River, while those areas just south of the headwaters have received somewhat less attention. Both of these two micro regions represent the same continuous ceramic tradition, known archaeologically from as early as the 8th century to as late as the 18th century. The Xinguano ceramic tradition is characterized by long term development in ceramic technology that includes the increased use of cauixi sponge as a tempering agent and the increased size of food processing vessels. Technological developments are coupled with a continuity in style where local variation is documented at village clusters later in time. Traces and similarities of traditions outside the Xingu River basin are also documented over this roughly 1000 year period.

1. Tradução do inglês por Erêndira Oliveira.

Introdução

A extensão da pré-história do Alto Xingu é relativamente curta, quando comparada à da grande Amazônia. Os primeiros assentamentos com presença de cerâmica só aparecem a partir da segunda metade do primeiro milênio AD. As cerâmicas presentes nesses sítios incorporam estilos que são encontrados ao longo do rio Amazonas, algumas centenas de anos antes de aparecerem no Alto Xingu. Ao longo do tempo, a fase ou período Ipavu, expressão local tardia das tradições amazônicas Barrancoide e Inciso-Ponteadado, teria mudado tecnologicamente, para se adequar às mudanças relacionadas ao aumento populacional e à economia de subsistência. A partir do Segundo milênio AD, esta tradição local continuou a se transformar, incorporando, inclusive, formas e estilos decorativos que teriam chegado posteriormente à área, advindas de regiões mais distantes, como o rio Orinoco; ou mesmo de áreas próximas, como a foz do rio Xingu. Finalmente, em um período de maior variabilidade regional, surgiu um conjunto de vasos já conhecidos historicamente. Tais vasos são mais padronizados quanto à forma, tamanho e tecnologia, e quase não possuem decoração, sendo considerados verdadeiros vasos utilitários. Tudo isso aconteceu em um intervalo de 1000 anos, criando o que o mundo ocidental viria a conhecer como a Tradição Xinguana. Esta tradição, resultado de um milênio de contínuo desenvolvimento, foi primeiramente registrada pelo explorador Karl Von den Steinen, ao chegar ao Alto Xingu, em 1884, marcando o início do período histórico e inaugurando uma era de exploração europeia na região (Steinen, 1886, 1894; Meyer, 1899; Schmidt, 1902). As primeiras descrições etnográficas detalhadas de tribos vivendo nos quatro rios principais das cabeceiras orientais do Xingu, os rios Batovi, Curisevo, Culuene e Tanguro, começaram a fazer alusão à pré-história da área a partir da combinação entre antropologia e história oral. Uma primeira observação acerca da história do Alto Xingu e das origens dos movimentos de diversas tribos para dentro e fora do rio, data do início do século XX:

É dito que migrações semelhantes, dentro de uma área relativamente pequena teriam sido feitas pela maioria das tribos, antes da visita de Von den Steinen... logo, a tendência seria em direção a uma certa mistura tribal e concentração populacional nas cabeceiras do rio (Levi-Strauss, 1948: 323).

Tal “tendência” à movimentação regional de tribos locais e formação de assentamentos ao longo dos cursos fluviais teria continuado pela década seguinte ou mais, até a criação formal do Parque Indígena do Xingu (PIX) em 1961 e, sem dúvida, contribuiu para a configuração dos conjuntos cerâmicos pré-históricos hoje encontrados nos sítios arqueológicos pré-históricos tardios e históricos da área. Investigando mais intensamente no passado, na pré-história inicial, ainda não está claro quando tal tendência aos movimentos populacionais começou, ou a partir de onde os primeiros ocupantes do Alto Xingu teriam iniciado sua jornada.

As investigações arqueológicas sobre este período mais antigo do Alto Xingu tiveram início nos anos de 1940 e 1950, quando antropólogos começaram a incluir observações arqueológicas pontuais em seus trabalhos. Muitos destes estudos mantiveram-se ao norte do paralelo doze, no braço principal do rio Xingu, onde os sítios arqueológicos são designados como AX (alto Xingu), enquanto em outras áreas, ao sul do paralelo doze, antes da principal confluência dos tributários das cabeceiras, os sítios são designados como FX (formadores do Xingu) e receberam menor atenção (Simoes; Araujo-Costa, 1978) (Figura 1).

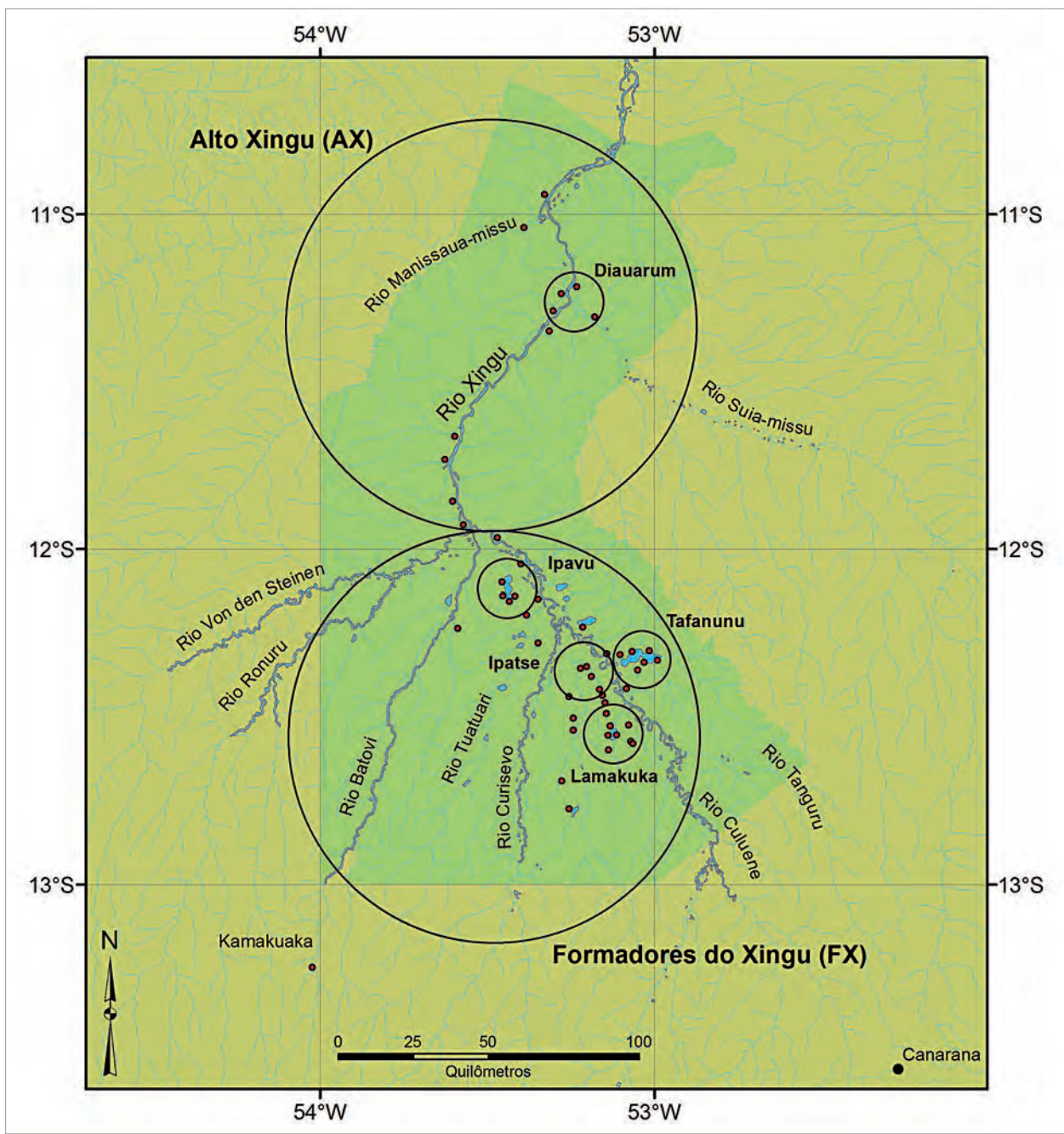


Figura 1. Mapa do Alto Xingu, com destaque para as áreas de estudo (círculos grandes), complexos pré-históricos tardios (círculos pequenos), e sítios arqueológicos conhecidos (pontos vermelhos), dentro da área do Parque Indígena do Xingu (área marcada em verde).

Em 1953 e 1954, enquanto conduzia um trabalho de campo etnográfico entre os Kuikuro, Gertrude Dole realizou uma pesquisa arqueológica na área FX, ao longo do baixo rio Culuene (Dole, 1961). Os testes pontuais de Dole resultaram em conclusões fundamentais sobre a cerâmica pré-histórica da região. Também importante, ela reconheceu os desafios tafonômicos da arqueologia da área, que incluem uma falta de clareza estratigráfica no solo, principalmente em ambientes não deposicionais, onde era praticamente impossível separar centenas de anos de ocupação contínua, abandono e reocupação de sítios. Apesar desses

obstáculos, Dole foi a primeira a observar que a cerâmica pré-histórica tardia era frequentemente pintada de vermelho, raramente incisa, temperada com *cauíxí*, e tinha bordas com flanges labiais que gradualmente apresentavam uma menor variabilidade, ao passo que a cerâmica pré-histórica inicial tinha menos pintura vermelha, presença de tempero *cariapé*, misturado com *cauíxí* e tendia a apresentar bordas angulares ou extrovertidas. Mário Simões fez observações similares quando conduziu uma pesquisa regional que incluía escavações arqueológicas em sítios FX, próximos ao lago Ipavu e sítios AX, próximos ao Posto Diauarum. A pesquisa de Simões também produziu dados suficientes para várias observações. Simões concluiu que os sítios Ipavu e Diauarum eram culturalmente distintos, tanto em localização quanto em cronologia, e que o Diauarum teria substituído o Ipavu lentamente, no século XI. Ele atribuiu estes nomes a fases arqueológicas do Alto Xingu e, enquanto Diauarum permanece como um único complexo arqueológico baseado na localidade, Ipavu é usado também para se referir ao período cerâmico mais antigo conhecido para a área. Assim como Dole, Simões baseou sua divisão básica no fato de que os sítios próximos ao Posto Diauarum continham cerâmica com uma alta porcentagem de *cariapé*, enquanto os sítios próximos ao lago Ipavu continham cerâmica com alta porcentagem de *cauíxí*. Embora Dole e Simões tenham observado a mesma diferença tecnológica, a variação no tipo de tempero é, de certa forma, reveladora da natureza da arqueologia da região. Dole atribuiu tal diferença ao tempo (trabalhando com um sítio) e Simões ao espaço (trabalhando em sítios distintos).

Uma reanálise da cerâmica proveniente das escavações de Posto Diauarum (MT-AX-01) sugeriu que uma tendência similar à encontrada por Dole estava presente em três das unidades escavadas por ela, onde a presença de *cauíxí* foi percebida em mais de 50% do tempero da cerâmica pré-histórica tardia (Toney, 2012: 208). Tal característica é ainda corroborada por dados recentemente coletados nos sítios FX de Nokugu (MT-FX-06) e Helugihutu (MT-FX-13) e faz parte de um padrão geral do Alto Xingu de aumento no uso de *cauíxí* ao longo do tempo (Toney, 2012: 275). A tabulação dos dados brutos de Simões também revela que os vasos pré-históricos tardios do MT-AX-01 tinham bases espessas de base plana, com um alto grau de padronização da forma, muito semelhante ao seus contemporâneos FX, enquanto que as formas dos vasos pré-históricos iniciais eram menos robustas e mais diversificadas. Finalmente, entre as observações originais de Simões está a “presença de fragmentos de cerâmica, característicos de uma região, em sítios de regiões diferentes” (Simões, 1967: 142). Esta última observação sobre variantes regionais contemporâneas é percebida por todo o Alto Xingu, tanto em sítios AX como em sítios FX, durante a pré-história tardia. As observações de Simões sobre a presença de atributos estilísticos mistos em diferentes sítios pré-históricos tardios, em combinação com as descrições de Lévi-Strauss sobre a movimentação de tribos para dentro e fora do Alto Xingu, mais os registros de reocupação recente de sítios feitos por Dole e as descrições detalhadas de Heckenberger das várias reocupações em sítios como, por exemplo, o MT-FX-06 (Heckenberger, 2005: 79-90), sugerem que entender a complexidade dos sistemas regionais é um aspecto importante da pré-história tardia do Alto Xingu, aspecto este que é amplamente visível através dos vestígios cerâmicos.

Cronologia

As primeiras datações de C14 providenciadas para o alto Xingu por Simões, limitaram o período de ocupação das áreas AX e FX ao intervalo entre os séculos XI e XIII (Simões, 1967, 1972; Becquelin, 1993). Datas mais recentes dos sítios FX, atreladas diretamente às características de assentamento e

combinadas com análises detalhadas dos conjuntos cerâmicos, providenciaram um quadro mais amplo da pré-história do Alto Xingu (Heckenberger, 2005: 87-88). Michael Heckenberger tem conduzido o mais abrangente trabalho de datação no Alto Xingu, como parte do Projeto Etnoarqueológico da Amazônia Meridional, gerando a cronologia mais completa para a região até o momento, baseada em datas de C14, associadas com o desenvolvimento de estruturas de terra em vários assentamentos FX.

Com base no trabalho de Heckenberger e nas observações de Dole (1961), Simões (1967) e Becquelin (2000), é apresentada aqui uma cronologia cerâmica que tenta dar conta das transformações sutis através da pré-história inicial, bem como do conjunto diversificado de variação regional na pré-história tardia. A análise detalhada de conjuntos cerâmicos provenientes de dois assentamentos FX, MT-FX-06 e MT-FX-13, é então utilizada como a base de dados primários para as recentes interpretações da cronologia cerâmica (Toney, 2012).

Embora esteja dividida em períodos, pautados por visíveis mudanças nas configurações e tamanhos dos acampamentos, assim como em mudanças sutis na tecnologia cerâmica, esta cronologia é representada como uma tradição contínua, que vai desde o primeiro assentamento conhecido para o Alto Xingu até a chegada de Von den Steinen. Além dos atributos decorativos, uma análise detalhada da tecnologia cerâmica revelou mudanças graduais que correspondem a outras dimensões da mistura cultural, e entre assentamentos na pré-história tardia.

Tal cronologia tem início com a primeira ocupação na região, por volta de 700 AD. Esta é a primeira etapa do que tem sido classificado como período ou fase Ipavu. Tal período é seguido pela formação de assentamentos, por volta de, aproximadamente, 1.250 AD em diante, e é representado arqueologicamente por aldeias com praças centrais (*village plaza berms*). Este é o último período da fase Ipavu (fase Ipavu tardia) e representa a expansão populacional e da complexidade sociopolítica no Alto Xingu.

Finalmente, um longo período de ocupação, abandono e reocupação de assentamentos, desde 1500 AD, ou mesmo antes, até a chegada de von den Steinen, e talvez até depois, é expresso arqueologicamente por depósitos superficiais em vários sítios, incluindo aqueles com assentamentos formados por grupos que teriam chegado mais recentemente na região. Este é o período Proto-histórico (ou o que Heckenberger chama de Período Galático, a fim de abarcar a complexidade dos assentamentos desenvolvidos integralmente e interconectados regionalmente) e inclui claras evidências de variação regional, tanto nas características dos assentamentos quanto em estilo, tecnologia e decoração cerâmica, com possíveis níveis de produção cerâmica por aldeia (dada a padronização formal em alguns assentamentos individuais).

A descrição das diferenças e similaridades nos conjuntos cerâmicos que correspondem a esses três períodos que se sobrepõem é mais bem feita a partir da descrição da tecnologia, incluindo a forma, tempero e tamanho. Além disso, quando se trata de distinguir a variação regional do período tardio no Alto Xingu, os motivos decorativos introduzidos também são úteis para identificar arqueologicamente complexos ou agrupamentos de assentamentos. Como notado por Dole e Simões, o tempero é a diferença tecnológica mais óbvia percebida ao longo do tempo no Alto Xingu e, por isso, merece especial consideração. O tempero mais abundante em todos os períodos é o *cauixi*, seguido do *cariapé*, embora sua proporção mude ao longo do tempo. Apesar da importância do *cauixi* na cerâmica amazônica, ele tem sido pouco estudado em detalhes, para além da sua presença ou ausência. Na Amazônia Central, Hilbert identificou primeiramente o *cauixi* como um possível indicador cronológico ou de processos migratórios (Hilbert, 1955: 33-37), o que foi reafirmado no trabalho de Simões (1967). Tal espícula é conhecida também em regiões mais distantes, como na bacia do médio Orinoco, onde aparece

repentinamente durante a fase Corozal, por volta de 1000 BC, tornando este um dos primeiros complexos das terras baixas com exemplos de cerâmicas temperadas com *cauixi* (Roosevelt, 1997: 159). O *cauixi*, uma esponja de água doce, fica preso aos galhos das árvores durante o período de cheia e, quando o nível do rio baixa na estação da seca, os galhos com aglomerados de espículas são coletados. Sabemos, com base em observações etnográficas, que os galhos secos cobertos com *cauixi* são então queimados e as cinzas e as esponjas carbonizadas são misturadas com a argila como tempero principal (Heckenberger, 1996). Tendo em vista que grandes quantidades de esponjas são naturalmente acumuladas nas margens do rio quando o nível da água abaixa, do mesmo modo que os detritos marinhos, algas, ou conchas são acumulados na linha da maré alta, seria provável encontrarmos uma certa quantidade de *cauixi* em toda cerâmica feita da argila coletada próximo às margens do rio, precisamente onde as ceramistas do Alto Xingu buscam sua argila. Há pelo menos um estudo amazônico que diferencia a *Metania reticulate*, uma espécie de esponja encontrada em áreas alagáveis, e a *Drulia uruguiensis* ou *Oncosclera navicella*, encontrada sobre os fundos rochosos dos rios amazônicos, e conhecida por suas grandes espículas e alta quantidade de sílica, mas até o momento essa distinção não foi detectada na análise cerâmica (Gomes; Vega, 1999: 319). Tal distinção de pelo menos dois ou três tipos de *cauixi* poderia oferecer um melhor entendimento sobre as fontes de argila ou possíveis padrões de trocas, se utilizados para definir a proveniência da argila e, portanto, também da cerâmica. Embora não seja comum diferenciar os tipos de *cauixi* presentes na pasta cerâmica, ainda podemos medir as quantidades do tempero, e parece claro que as cerâmicas Ipavu iniciais apresentam menos *cauixi* que as cerâmicas da fase Ipavu tardia no Alto Xingu.

No tocante à decoração, as cerâmicas da fase Ipavu inicial são mais relacionadas à Tradição Inciso-Ponteadado, conhecida em outras áreas da Amazônia (Prous, 1991: 441). Elas são caracterizadas por vasos pequenos e com paredes finas, e o padrão decorativo principal é uma fileira de linhas incisadas paralelas, localizadas em bordas reforçadas e/ou extrovertidas (Figuras 2 e 3). Tais vasos são globulares e apresentam uma base em pedestal, em vez da base plana encontrada em períodos posteriores. É proeminente, nesta versão local da tradição Borda Incisa (e posteriormente por toda a Amazônia), a presença de ponteados unglados feitos com o polegar ao longo da extremidade dos lábios destes vasos. Esses ponteados são tão distintivos que permitem discernir a destreza manual ou ao menos o padrão de rotação do vaso durante a aplicação da técnica decorativa, podendo ser caracterizados tais quais os padrões de gestos reconhecíveis na aplicação, rotação e torção de cordas utilizados em outros estudos (Petersen et al., 2001).

Além de serem geralmente menores e menos espessos que os vasos de períodos posteriores, os exemplares da fase Ipavu inicial, no Alto Xingu, apresentam grandes proporções de *cariapé* (22% do tempero total), quando comparados com vasos dos períodos posteriores (16% do tempero total), embora ainda estejam misturados com *cauixi* (Toney, 2012: 242). A presença de *cauixi* aumenta em torno de 18% durante a transição da fase Ipavu inicial para o período Proto-histórico, quando este representa 67% do tempero total, ao passo que o *cariapé* diminui em torno de 27%, constituindo apenas 15% da totalidade de tempero no período Proto-histórico (Toney, 2012: 242). A morfologia dos vasos, tanto a borda quanto o corpo, fazem parte da mesma tradição dos vasos mais tardios, embora suas funções possam ter sido diferentes, com base nas mudanças de tamanho e tecnologia. Em geral, os atributos métricos para os tipos mais comuns de vasos mostram, ao longo do tempo, uma tendência ao aumento da espessura média do lábio, em torno de 22%, da fase Ipavu para o período Proto-histórico, com um aumento correspondente de 8% no diâmetro da borda (Toney, 2012: 238).

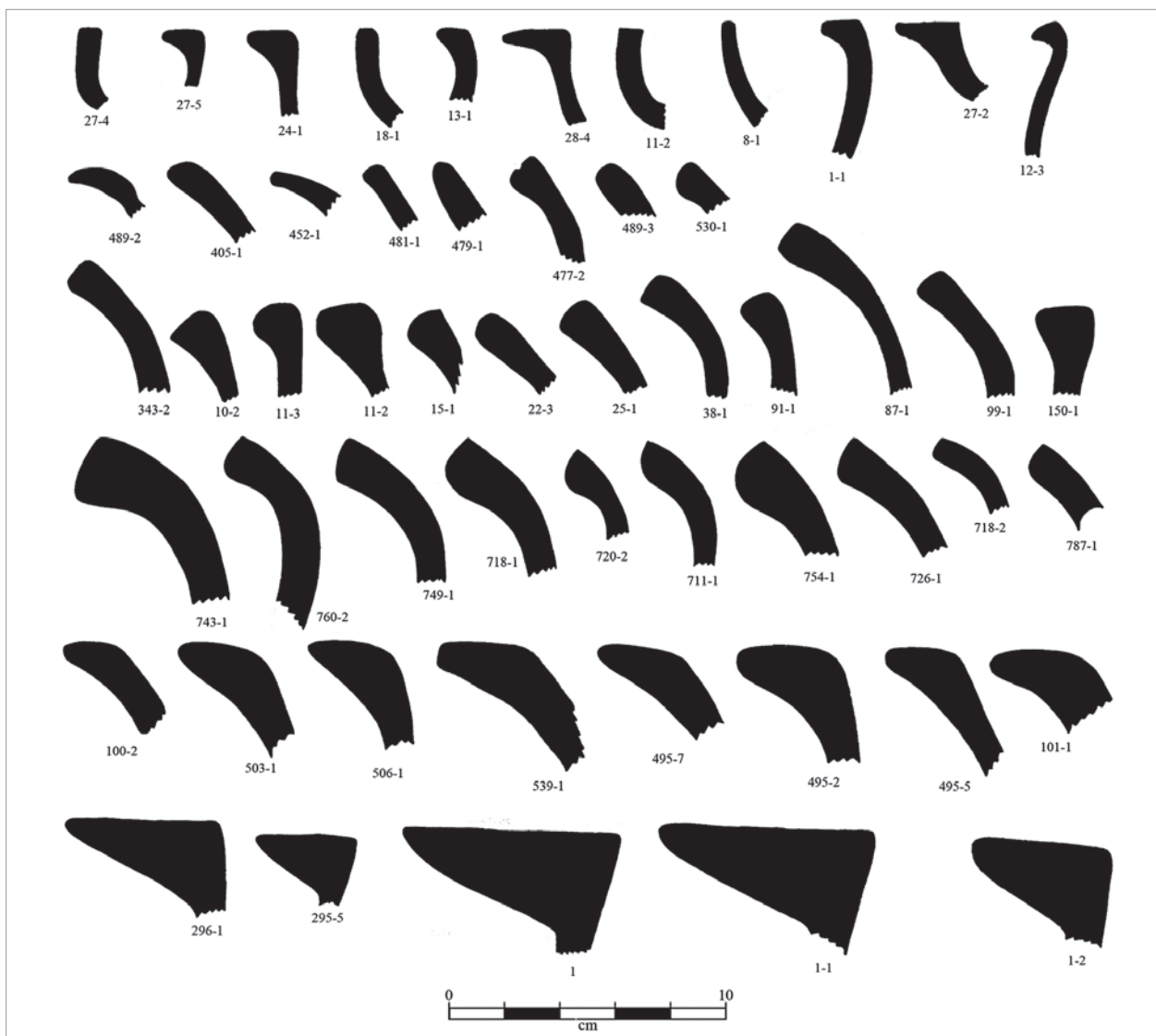


Figura 2. Perfis de bordas cerâmicas. De cima para baixo: Linha 1, pequenos vasos com decoração inciso-ponteados dos períodos Ipavu inicial e tardio (MT-FX-06); Linha 2, vasos médios sem decoração na borda, período Ipavu inicial (MT-FX-06); Linha 3, vasos médios sem decoração na borda do período Ipavu tardio (MT-FX-06); Linha 4, vasos maiores sem decoração na borda do período Proto-histórico (MT-FX-06); Linha 5, vasos maiores sem decoração na borda do período Proto-histórico (MT-FX-13); Linha 6, vasos maiores com decoração “espinha de peixe”, período Proto-histórico (da esquerda para a direita, MT-FX-01, MT-FX-01, MT-FX-11, MT-FX-12, MT-FX-12. Ver a Figura 4 para os motivos decorativos).

A análise das cerâmicas da fase Ipavu tardia, que não são facilmente separáveis das da Ipavu inicial, mostrou um aumento da uniformidade dos conjuntos durante este estágio de transição entre as cerâmicas da fase Ipavu inicial e o período Proto-histórico. A cerâmica Ipavu tardia é, na realidade, composta pelo mesmo conjunto básico de formas presentes na cerâmica Ipavu inicial. As mudanças sutis percebidas na cerâmica Ipavu correspondem às bem documentadas mudanças sociopolíticas que estavam ocorrendo no período (Heckenberger et al., 2008). Com o aumento do tamanho da cerâmica ao longo do período Ipavu tardio, o desvio padrão do tamanho médio dos vasos demonstra uma maior uniformidade ou padronização, que alcança seu clímax no período Proto-histórico, e é bem documentada historicamente (Toney, 2012: 238; Von den Steinen, 1884).



Figura 3. Várias aplicações de linhas paralelas incisadas e entalhados ungulados da Tradição Inciso-Ponteadada do sítio MT-FX-06. De cima para baixo: Linha 1 e 2, período Ipavu inicial; Linha 3, período Ipavu tardio; Linha 4, período Proto-histórico.

A tendência a uma redução da variabilidade de temperos ao longo do tempo corrobora a observação de uma padronização, em que o *cauxi* permanece como o tempero principal por todos os períodos. No entanto, sua dominância no período Proto-histórico sugere um esforço consciente em usá-lo em detrimento de outros tipos de tempero disponíveis (Toney, 2012: 242-243). Tais mudanças no período Ipavu tardio representam a última variação na cerâmica local antes da influência Carib que ocorre no final deste período, quando a variação regional, até mesmo em um nível intrassítio, torna-se mais claramente distinguível (ver na Figura 2, as fileiras 4 e 5, que representam as bordas padronizadas provenientes de sítios dos períodos Ipavu tardio e Proto-histórico Inicial). Becquelin (1993, 2000) propôs uma data final para o período Ipavu, por volta de 1350 AD, com base nas datas radiocarbônicas obtidas no Lago Miararré, próximo ao Lago Ipavu. Tal sugestão para o final do período Ipavu enquadra-se bem às datas de C14 obtidas para o Ipavu tardio no sítio MT-FX-13, entre 1260 e 1300 AD e pode sugerir uma chegada de grupos Carib na região, antes mesmo do período Proto-histórico (Heckenberger, 2005: 87).

O período Proto-histórico é representado por um conjunto de cerâmicas locais, com influências Carib e também pela continuação e posterior padronização das formas representativas do período Ipavu. A cerâmica do período Proto-histórico, no Alto Xingu, é representada por estilos aparentemente coexistentes: a) a cerâmica Arawak local, que teria se desenvolvido durante os períodos Ipavu Inicial e Tardio (Figura 4, ver também Figura 2, linha 4); b) um segundo conjunto representado por formas, assim como por padrões decorativos, com possíveis correlatos em sítios Konduri, de Oriximina, do Alto Amazonas; e talvez até mesmo da Venezuela (Hilbert, 1955; Lathrap, 1970: 166-167; Osgood, 1943: Prancha 7) (Figura 5 e ver também Figura 2,

linha 5); c) e uma terceira morfologia a que Dole se refere como “Kuikuru antigo” e Heckenberger como Complexo Oriental do período Proto-histórico tardio (Figura 6, e Figura 2, linha 6). Heckenberger observou, inclusive, algumas possíveis similaridades com as cerâmicas da Tradição Uru, no Brasil Central, ao sul do Alto Xingu (Heckenberger, 1996; Wüst; Barreto, 1999).

Esses vários conjuntos cerâmicos representam tanto tradições locais quanto formas introduzidas. O primeiro representa o desenvolvimento final do estilo Arawak local (ver Figura 4). As outras duas formas representam estilos introduzidos. As formas semelhantes à cerâmica Konduri são datadas em um sítio do Complexo Ocidental por volta do século XIII ou mesmo posterior a este período. As cerâmicas do Complexo Oriental são encontradas, por exemplo, em sítios localizados no Lago Tafununu (MT-FX-14) e datam de 1500 AD (Heckenberger, 2005: 104) e também em sítios mais ao norte, no Lago Ipavu (MT-FX-01), ao sul, no Lago Lamakuka (MT-FX-12) e no Lago Ipatse, no Complexo Ocidental (MT-FX-11). Tais vasos tendem a ser mais escuros, e não apresentam pintura nem engobo. Cerâmicas com esta forma e decoração de borda não estão presentes nos sítios MT-FX-06, MT-FX-13 ou em qualquer outro sítio do Lago Ipatse, à exceção do MT-FX-12, que apresenta a ocupação Carib mais recente a oeste do rio Culuene, de acordo com a história oral local e as datas de C14 obtidas, que situam o sítio em torno de 1770 AD (Heckenberger, 2005: 106), muito depois dos períodos Ipavu e Proto-histórico anteriormente descritos. Dois dos aspectos mais marcantes do estilo decorativo desta cerâmica são relacionados às bordas expandidas externamente, planas e espessas (ver Figura 2, linha 6). Primeiro, as bordas assim expandidas em flanges labiais nos grandes vasos contrastam com as bordas gradualmente extrovertidas que aparecem ao longo dos períodos Ipavu Inicial e Tardio (e continuam no período Proto-histórico na cerâmica não associada aos Carib. Ver Figura 2, linhas 3-5). Em segundo lugar,



Figura 4. Fragmentos de bordas cerâmicas do período Proto-histórico do sítio MT-FX-06, mostrando a forma final dos vasos Arawak desenvolvidos localmente.

motivos “espinha-de-peixe” são incisos na borda após a queima do vaso. Isso também contrasta com os ceramistas de períodos anteriores, e até mesmo de outras possíveis tradições contemporâneas (para um exemplo, comparar os motivos incisos nas Figuras 5 e 6), que aplicavam todas as formas de motivos incisos na argila úmida ou em ponto de couro, antes da queima. Não está claro se esta aplicação do motivo “espinha-de-peixe” é uma imitação de um estilo local *in situ* ou uma versão mal executada de um estilo externo ao Alto Xingu, embora a última hipótese seja mais provável, em função de vários fatores. Primeiro, há poucos motivos “espinha-de-peixe” incisos na cerâmica inicial do Alto Xingu. Segundo, assim como apontado por Lathrap (1970), e se suas suposições de que isso representaria uma invasão Carib são verdadeiras, o estilo poderia ter sido introduzido por homens Carib que, no entanto, não teriam a habilidade para executá-lo:

Se está correto assumir que estilo artístico e tecnologia cerâmica são domínios femininos, seria previsível que esses padrões fossem transmitidos de forma pouco compreendida e truncada, uma vez que haveriam poucas, se é que alguma, mulher propriamente treinada, saindo do antigo centro da terra Carib (Lathrap, 1970: 164-165).

Ainda permanece a questão se os Carib do Alto Xingu simplesmente acrescentaram um estilo importado a uma cerâmica já produzida localmente ou se importaram tudo de uma só vez, tanto o estilo quanto a forma. Na tentativa de tentar explicar a mistura do estilo local alto xinguno com o posterior estilo pré-histórico Carib, nós podemos atentar, por exemplo, para as descrições de Lathrap sobre o movimento Barrancoide, do Orinoco para a Amazônia meridional:

A tomada do baixo Orinoco estava longe de ser o limite da cobiça territorial dos povos Barrancoides. Antes do estilo Barrancas ter se iniciado nas colônias em Las Barrancas, ele estava se espalhando, vindo dos assentamentos no baixo Orinoco. Uma onda se moveu ao longo da costa da Guiana, para o leste [...] Algum tempo depois um estilo cerâmico Barrancoide se propagou em Trinidad [...] As rotas de migração e padrões de distribuição dos povos Barrancoides das Antilhas, Venezuela e Guiana fazem com que seja quase certo que foram eles os invasores que introduziram o Maipure-Arawak nessas áreas (Lathrap, 1970: 114-116).

Descrevendo estes movimentos e “invasões”, em termos de tecnologia cerâmica e estilo, este autor afirma, ainda, que:

A natureza do estilo cerâmico moderno do Alto Xingu, trazido para a área por falantes do Maipure, sugere uma semelhança a última derivação da Tradição Barrancoide na Amazônia Central [...] Nos dois milênios seguintes à expansão Maipure, muitos grupos teriam adotado os estilos de seus vizinhos ou modificado seu próprio estilo, como forma de não deixar mais evidente a derivação Barrancoide (Lathrap, 1970: 127).

O reconhecimento de vários estilos cerâmicos contemporâneos no registro arqueológico do Alto Xingu durante os períodos Ipavu tardio e Proto-histórico correspondem bem à variação dos padrões de assentamento documentada para toda a região (Heckenberger, 2005: 106). Isso tem levado à identificação de vários complexos generalizados no período Proto-histórico. Os padrões de assentamento e as datas de C14 sugerem que havia certos agrupamentos ou complexos localizados geograficamente, organizados em torno de lagos e na confluência de certos rios. Os primeiros complexos regionais identificados foram aqueles nomeados por Simões nos Lagos Ipavu e Diauarum, como descrito anteriormente. Heckenberger observou alguns complexos pré-históricos distintos na região FX, no Lago Tafununu (Complexo Oriental), Lago Ipatse



Figura 5. Fragmentos de bordas cerâmicas do período Proto-histórico do sítio MT-FX-13, com motivos decorativos que mostram uma possível influência Carib, com modelados semelhantes ao tipo Arauquinoide.



Figura 6. Cerâmicas do período Proto-histórico, com motivos decorativos que mostram uma possível influência Carib. Na linha de cima, fragmentos do sítio MT-FX-01 (Lago Ipavu), na linha do meio, sítio MT-FX-11 (Lago Ipatse) e na linha de baixo, sítio MT-FX-12 (Lago Lamakuka).

(Complexo Ocidental), e no Lago Lamakuka (Agrupamento ou Complexo histórico Kuhikugu). Com base nos padrões de assentamento e de análise cerâmica, fica claro que os sítios do Lago Tafununu representam os vizinhos Carib dos grupos Arawak dos Lagos Ipatse e Lamakuka, na pré-história tardia (já no final da fase Ipavu e pelo período Proto-histórico).

Resumo e discussão

Este capítulo descreve os padrões de mudança e continuidade no estilo e tecnologia cerâmicos no Alto Xingu, ao longo dos períodos Ipavu inicial e tardio (por volta de 700 a 1250 AD ou mais) até o período Proto-histórico, este mais complexo regionalmente (por volta de 1500 AD ou antes, até o início do século XIX). Nesta periodização geral dos sítios FX (e provavelmente nos sítios AX) podemos comparar conjuntos cerâmicos e tecer conclusões sobre o desenvolvimento da tecnologia cerâmica durante um período de aproximadamente 1.000 anos, e sua relação com as mudanças nos padrões de assentamentos e de movimentos populacionais correspondentes. A importância da presença de potes cada vez maiores para processamento pode ser observada nas melhorias tecnológicas aplicadas a estes, sobretudo com relação à forma e às preferências de tempero. Esses vasos são claramente o tipo de vaso dominante no período Proto-histórico, quando estes constituem 70% do conjunto cerâmico total, representando um aumento de 45% em relação ao período Ipavu inicial (Toney, 212: 240). Além disso, o aumento na espessura média da borda e do lábio e no diâmetro da borda, combinado com uma diminuição no desvio padrão da média, demonstra uma maior uniformidade ou padronização dos vasos.

Por volta do final do primeiro milênio AD, grupos teriam começado a se mudar para as cabeceiras do rio Xingu. Esses grupos trouxeram uma tradição cerâmica mais ou menos semelhante à Tradição Inciso-Pontado, esta encontrada muito antes por toda a bacia amazônica. Após o início dos assentamentos na região e com o aumento populacional, os grupos do Alto Xingu passaram a reorganizar o sistema político e social, tornando-os mais centralizados, fato que é evidenciado por planos de assentamento mais elaborados. Tais mudanças necessitavam de uma maior produção de alimentos, afetando a manufatura cerâmica e resultando na gradual transformação de alguns tipos de vasos relacionados diretamente à produção de alimentos. Dados antropológicos e arqueológicos atuais sugerem que tal produção era baseada no cultivo e processamento da mandioca. A demanda pelo armazenamento de mandioca processada e, portanto, pela produção de recipientes para tal função, induziram as mudanças tecnológicas nas cerâmicas utilizadas especificamente para processá-la.

No primeiro momento em que os europeus chegaram à costa brasileira, as movimentações populacionais no Alto Xingu tinham resultado em um aumento da densidade populacional. A expansão de assentamentos resultante desse processo teria levado ao estabelecimento de novas aldeias, expressas arqueologicamente na variabilidade regional. Tais agrupamentos ou complexos populacionais desenvolveram suas próprias variações estilísticas, mantendo, no entanto, algumas similaridades tecnológicas com relação aos vasos previamente já padronizados. As evidências da mistura cultural na região durante o período Proto-histórico são visíveis na variabilidade decorativa e nas trocas por todo o Alto Xingu. Com base nesses vários conjuntos cerâmicos da pré-história tardia podemos notar as evidências de um sistema regional, em que a produção cerâmica local de cada aldeia teria resultado na transmissão de conhecimentos de manufatura específicos, através de possíveis relações de troca entre grupos, casamentos exogâmicos ou mesmo práticas de sequestro

(Schultz, 1961: 327). Mesmo dentro deste intercâmbio regional, está claro que um conjunto de formas mais padronizadas de vasos Arawak teria se consolidado em algum momento após o período Ipavu; e talvez simultaneamente à introdução e eventual abandono de formas Carib, durante o período Proto-histórico. Para Dole, isto estaria relacionado diretamente ao uso de vasos maiores para processamento de alimentos. Com base nas linhas de fratura abaixo da borda desses vasos, a autora concluiu que as formas de cerâmica Carib não poderiam aguentar a pressão da técnica alto xinguana de drenagem da massa de mandioca, através de esteiras no topo dos vasos, diferentemente do uso do *tipiti* para esta tarefa, como em tantas outras partes da Amazônia (Dole, 1960: 246). Assim como o *tipiti*, muitos estilos decorativos e de manufatura que não aparecem nas cerâmicas do Alto Xingu são encontrados por todo o resto da Amazônia, em conjuntos similares à cerâmica Barrancoide. A última pista que denota a chegada tardia de grupos amazônicos no Alto Xingu é a falta de evidência, ao longo de séculos, de desenvolvimentos anteriores ao surgimento de assentamentos maiores, no início do período Ipavu. Em vez disso, é possível observar um rápido desenvolvimento desde o primeiro assentamento conhecido até o período Proto-histórico (Heckenberger, 2005: 72). Um último exemplo da disjunção temporal entre desenvolvimentos regionais na Amazônia e no Alto Xingu pode ser conferido em torno da foz do rio Tapajós, em Santarém. Embora contemporânea ao desenvolvimento da Tradição Policrômica, Santarém não apresenta indícios desta tradição, uma vez que o horizonte Inciso-Ponteadado é dominante na região, da mesma forma que a Arauquinoide é presente na Venezuela, em vez da Polícroma amazônica. Isto também deve se dar no Alto Amazonas e no Alto Xingu, onde, ao invés de uma Tradição Policrômica verdadeira, há formas mais relacionadas às Inciso-Ponteados/Arauquinoide (ver Figura 6). Tal hiato de dispersão de certos estilos pode sugerir que algumas das suposições feitas por Lathrap estavam certas, indicando que poderíamos esperar certas ondas de desenvolvimento por toda a Amazônia, e não apenas um padrão geral de desenvolvimento simultâneo. Não há dúvida de que estudos futuros irão delinear de forma mais clara os padrões iniciais de assentamento e os distintos complexos cerâmicos do período Proto-histórico no Alto Xingu, para situá-los dentro de um contexto amazônico mais amplo. No entanto, é também claro que as cerâmicas da pré-história do Alto Xingu são muito específicas regionalmente para que se encaixem em qualquer uma das grandes tradições amazônicas.



CERÂMICAS DA CULTURA SANTARÉM, BAIXO TAPAJÓS

Joanna Troufflard

RESUMEN

Cerâmicas de la cultura Santarém, Bajo Tapajós

Sociedades indígenas que se desarrollaron en el curso Bajo del río Tapajós alrededor del siglo VIII y IX produjeron cerâmicas clasificadas por los arqueólogos pertenecientes a la tradición Inciso-Punteada (1000-1700 dC). Como ellos constituyeron una rica fuente de información de la cultura Santarém, sus cerâmicas han sido estudiadas por científicos desde finales del siglo XIX. A pesar que existen numerosos estudios arqueológicos sobre la cultura Santarém, no hay información publicada que pudiera dar una imagen general de los estudios arqueológicos de los últimos 100 años. Por lo tanto, este capítulo es uno de los primeros intentos para destacar las contribuciones de las investigaciones arqueológicas de los grupos indígenas que vivieron en esta región durante la época pre y postcolonial. Esta revisión evidencia un cambio gradual de la perspectiva de estudio en los últimos años; mientras las primeras investigaciones se centraron en el estudio de la cultura Santarém en términos espaciales y cronológicos basados el desarrollo de tipologías de cerâmica, investigaciones más recientes se han centrado en combinar estudios de cerâmica y paisaje en una perspectiva ecológica-histórica. Estos cambios teóricos y metodológicos han incrementado nuestro entendimiento de las sociedades indígenas, haciendo hincapié respecto al impacto de los pueblos indígenas en las transformaciones ambientales.

ABSTRACT

Ceramics from the Santarém culture, Lower Tapajós

Indigenous societies that developed in the Lower Tapajós around the 8th or 9th centuries produced ceramics classified by archaeologists as from the Incised and Punctuate Tradition (ca. 1000-1700 AD). As they constitute the richest source of information about the Santarém culture, these ceramics have been studied by scientists since the end of the 19th century. Although there are now numerous archaeological studies about the Santarém culture, no published work has given us a general picture of the last 100 years of archaeological research. Therefore, this chapter is one of the first attempts to highlight the contributions of archaeological research of indigenous groups that lived in the Lower Tapajós during pre- and post- colonial times. This review shows a gradual change of study perspective in the last 100 years; while previous research focused on understanding the Santarém culture in spatial and chronological terms through the creation of ceramic typologies, more recent research aims to combine ceramic and landscape studies in a historical ecological framework. These theoretical and methodological changes increased our comprehension of indigenous societies by emphasizing the impacts of indigenous people on environmental transformations in a long-term perspective.

Introdução

O desenvolvimento das pesquisas arqueológicas na Amazônia brasileira na segunda metade do século XX foi marcado por abordagens teóricas influenciadas pelo neoevolucionismo e a ecologia cultural (Schaan, 2013) e metodologias herdadas do histórico-culturalismo (Barreto, 2000; Neves, 2010; Schaan, 2013, 2007, 2000). De fato, essas teorias e metodologias foram trazidas ao Brasil pelos arqueólogos americanos Betty Meggers e Clifford Evans, que conduziram o primeiro projeto de arqueologia nacional de larga escala – Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa) – em território brasileiro. Assim, eles ajudaram a fomentar a primeira geração de arqueólogos no país (Barreto, 2000).

Hoje em dia, enquanto a herança do histórico-culturalismo se manifesta, especialmente na análise cerâmica, por meio do uso dos conceitos de “fase” e “tradição”, as perspectivas da ecologia cultural e do neoevolucionismo foram substituídas por novas abordagens. Assim, no final dos anos 1980, a emergência da ecologia histórica, influenciada pelo conceito de paisagem, definido por Carl Sauer (1925), através das noções de história e agência, teve uma grande influência na arqueologia amazônica (Schaan, 2013). A ecologia histórica tem como objetivo estudar as relações entre as sociedades e o meio ambiente através de uma perspectiva regional e diacrônica, com a ajuda de metodologias interdisciplinares (Balée, 2006; Crumley, 2006, 1994; Marquardt; Crumley, 1987).

Essas mudanças teóricas e metodológicas ao longo do tempo são perceptíveis através dos estudos sobre as ocupações indígenas passadas, desenvolvidos durante cerca de 100 anos na região de Santarém. O objetivo deste capítulo é de apresentar uma breve revisão bibliográfica dos estudos sobre a “cultura Santarém” e a sociedade dos Tapajó, com ênfase nas cerâmicas da “fase Santarém”, do final do século XIX até o presente¹. Assim, pretendemos responder a duas perguntas principais: como foram e são estudadas as sociedades indígenas que habitaram a região de Santarém entre os séculos VIII ou IX até os séculos XVIII e XIX, período pós-colonial marcado pela emergência dos fenômenos de etnogênese e culturas híbridas? O que mais de 100 anos de pesquisas arqueológicas na região trouxeram para o entendimento dessas sociedades? Os tópicos abordados são a geografia da região, o histórico das pesquisas desenvolvidas na região, a descrição da cerâmica associada à cultura Santarém e as interações culturais em escala regional.

A geografia da região

A cidade de Santarém, localizada no Baixo Tapajós, apresenta em sua frente o encontro das águas claras do rio Tapajós e das águas escuras provenientes do rio Amazonas. É debaixo desta cidade que se encontram os vestígios das sociedades indígenas que habitaram a região a partir do Pleistoceno antigo e produziram uma das indústrias cerâmicas mais antigas do continente sul-americano, há cerca de 8.000 anos (Roosevelt et al., 1991). Os primeiros relatos etnohistóricos sobre a região descrevem que a foz do rio Tapajós era densamente povoada (Acuña, 1641; Carvajal, 2011 [1542]; Heriarte, 1964 [1874]; Teixeira, 1950 [1639]).

1. Arqueólogos utilizam os termos “cultura Santarém” quando se referem à cultura arqueológica associada aos índios que habitavam a região de Santarém entre os séculos VIII ou IX e XVI, e usam “fase Santarém” para caracterizar as indústrias cerâmicas classificadas dentro da Tradição Inciso Ponteadas (Meggers; Evans, 1961). O termo “Tapajó” denomina o grupo indígena majoritário na região durante o período colonial, como foi descrito nos relatos etnohistóricos dessa época (Quinn, 2004). Enquanto o nome do rio se escreve “Tapajós”, o nome do grupo indígena se usa no singular: “Tapajó”.

Este dado foi devidamente confirmado pelas pesquisas arqueológicas que se desenvolveram na região desde o final do século XIX.

Enquanto o rio Amazonas, de águas brancas, representa o maior recurso hídrico para a cidade de Santarém, o rio Tapajós é o curso de água mais importante próximo ao platô de Belterra, pois delimita a porção oeste deste relevo. O platô pertence à planície amazônica, cuja época de formação remonta ao período o Plio-Pleistoceno (Sombroek, 1966: 274). A elevação do platô situa-se entre 60 e 180 m acima do nível do mar, com altitude de 175 m no município de Belterra, 180 m no rio Curuá-Una e 60 m entre os rios Nhamundá e Trombetas (Sombroek, 1966: 21). Apesar da existência de inúmeros igarapés, o platô é afastado dos grandes rios. Esta situação geográfica levou os seus antigos moradores a construir poços, que por vezes se aproveitaram do relevo natural do terreno para armazenar as águas das chuvas (Nimuendaju, 1952 [1939]).

O clima da região é úmido equatorial e sub-úmido, com temperaturas que variam entre 25 e 26°C, 30 e 31°C e 21 e 23°C (Embrapa, 2001: 9). A pluviometria é em média de 2.000 mm por ano (Embrapa, 2001: 9). A região é caracterizada por duas estações, chuvosa e úmida. A estação chuvosa que dura de dezembro até junho é responsável por mais de 70% da chuva anual (Embrapa). Esta dualidade climática não teve só consequências para o armazenamento de água pelos habitantes do platô de Belterra que usaram poços, mas também para a produção cerâmica, que foi certamente uma atividade sazonal (Arnold, 1985: 71).

Existem dois tipos principais de solos na região de Santarém, que são naturais e antrópicos. O solo dominante é o latossolo kaolinítico amarelo, formado por um sedimento chamado de “argila Belterra” originário da erosão dos depósitos kaoliníticos provenientes dos Andes e dispersos pela Amazônia (Sombroek, 1966: 275). Terras Pretas Arqueológicas (TPA), incluindo terras mulatas, estão presentes no platô de Belterra (Embrapa, 2001; Schaan, 2012; Smith, 1980; Sombroek, 1966; Woods; McCann, 1999; Woods; Denevan, 2009) e também abundam junto à foz do rio Tapajós, onde estão localizados os dois sítios arqueológicos maiores: Aldeia e Porto.

Histórico das pesquisas na região – estudos pioneiros do final do século XIX e início do século XX

Os estudos pioneiros na região de Santarém, conduzidos no final do século XIX, forneceram dados preciosos sobre a dispersão espacial da cultura Santarém na região. Através de suas expedições, Barbosa Rodrigues (1875), James Orton (1875), Carlos Frederico Hartt (1885), Friedrich Katzer (1903 apud Woods; Denevan, 2009) e Curt Nimuendaju (2004, 1952 [1939]) observaram pela primeira vez a presença das Terras Pretas Arqueológicas (TPA). Todos esses cientistas, à exceção de Orton, associaram esses solos férteis às antigas ocupações humanas da região.

Barbosa Rodrigues (1875), Carlos Frederico Hartt (1885) e Curt Nimuendaju (2004, 1952 [1939]) efetuaram escavações e descreveram as cerâmicas confeccionadas pelas antigas sociedades indígenas da região. O botânico Barbosa Rodrigues (1875: 21) associou as margens do rio Tapajós e as chapadas das serras ao redor com as antigas ocupações dos Tapajó. E também observou a presença de indústrias líticas e cerâmicas em vários locais nos arredores de Santarém, como Piquiatuba, Ypanema, Mararú e Taperinha.

O geólogo Carlos Frederico Hartt escavou o sambaqui presente em Taperinha, localizado 40 km a leste de Santarém, onde encontrou uma cerâmica descrita como tosca (Hartt, 1885). Em Itaituba, ele observou a cultura material dos “moradores do alto”, constituída por cerâmica decorada, ídolos antropomorfos, igaçabas e rodela de fuso (Hartt, 1885). E também descreveu as decorações presentes nas cerâmicas constituídas por incisões geométricas, impressões de dedos, modelados e cerâmicas com marcas de cestaria que associou ao uso doméstico (Hartt, 1885: 61).

No início do século XX, o etnólogo germano-brasileiro Curt Nimuendaju conduziu prospecções e escavações na região. Nimuendaju era associado do Museu Emílio Goeldi, em Belém, e do Ethnographical Museum em Gothenburg na Suécia. Entre 1923 e 1926, registrou 65 sítios arqueológicos localizados ao sul de Santarém, nas regiões de Alter do Chão, Samahuma e Arapixuna, na margem sul do Lago Grande de Vila Franca, e na margem direita do Amazonas, entre o Lago Grande de Vila Franca e o Arapixuna (Nimuendaju, 1952 [1939]: 9). Pesquisas recentes mostraram que este limite se estende ainda mais para o sul, pois foram encontradas cerâmicas da cultura Santarém a 230 km de Santarém (Martins, 2012). Alguns sítios identificados por Nimuendaju com cultura Santarém também possuíam cerâmicas associadas aos Konduri, habitantes da margem esquerda do Amazonas, contemporâneos dos Tapajó. A delimitação geográfica entre Tapajó e Konduri foi estimada por Nimuendaju na Serra de Parintins (Nimuendaju, 2004: 155).

Nimuendaju foi o primeiro pesquisador a identificar a concentração de TPA na cidade moderna de Santarém. No platô de Belterra, ele observou a presença de poços artificiais, tesos e caminhos indígenas (Nimuendaju, 2004, 1952 [1939]). Ele também elaborou um mapa etnolinguístico dos povos indígenas brasileiros onde mencionou a existência dos Tapajó, principais habitantes do Baixo Tapajós no século XVII (Nimuendaju, 1981 [1944]).

Em relação à cerâmica de Santarém, Nimuendaju observou paralelos estilísticos dessas indústrias com as cerâmicas provenientes do sul da América Central (Nimuendaju, 1952 [1939]: 12). Ele também concordou com a perspectiva de Palmatary (1960) que comparou essas cerâmicas às indústrias do Baixo Mississippi, na América do Norte (Nimuendaju, 1952 [1939]: 12). E associou as cerâmicas densamente decoradas com contextos cerimoniais e também distinguiu as cerâmicas confeccionadas pelos povos que habitaram o Baixo Tapajós na época pré-colonial das indústrias da época colonial (Nimuendaju, 2004: 151-153).

Estudos de coleções museológicas: de 1939 a 2002

Os estudos de coleções museológicas dispersas pelos museus do mundo foram pioneiros para o conhecimento desta cultura. De fato, a maioria desses trabalhos ocorreram antes que se obtivessem datações absolutas para os sítios arqueológicos da região, e tinham como objetivo situar essa cultura em termos cronológicos. Eles também representaram uma imensa contribuição para subsidiar tipologias cerâmicas usadas pelos arqueólogos até a atualidade. Em termos teóricos, o aumento dos trabalhos arqueológicos na região também coincidiu com estudos de coleções mais direcionados para o estudo da complexidade social dos Tapajó.

Helen C. Palmatary (1960, 1939) conduziu o primeiro estudo tipológico das cerâmicas associadas a cultura Santarém, com coleções presentes nos Estados-Unidos, Europa e Brasil. Esta autora adotou uma perspectiva

difusionista, por meio de uma classificação que tinha como objetivo encontrar semelhanças entre os “traços” presentes nas cerâmicas de Santarém e as “áreas culturais” do sudeste dos Estados Unidos e da Argentina. Dessa forma, ela interpretou as semelhanças dos “traços” como ligações culturais existentes entre o Baixo Tapajós e o vale do Mississippi.

Durante o mesmo período, Frederico Barata (1954, 1953a, 1953b, 1951, 1950) analisou os aspectos artísticos de cerâmicas da cultura Santarém provenientes do sítio Aldeia. Ele elaborou uma tipologia para as vasilhas decoradas, sendo os três tipos mais conhecidos descritos como vaso de cariátides, vaso de gargalo e vaso globular (Barata, 1950). E também analisou cachimbos cerâmicos, que associou ao período colonial (a Missão do Tapajós foi fundada em 1661 pelo padre Betendorf), pois, segundo o autor eles teriam sido executados por missionários ou pelos Tapajó sob a influência dos mesmos (Barata, 1951).

Conceição G. Corrêa (1965) estudou 119 estatuetas antropomorfas e zoomorfas de várias coleções presentes no Museu Emilio Goeldi (coleções Frederico Barata, Padre Maier, Townsend e Nimuendaju). Através desta pesquisa, a autora concluiu que as estatuetas analisadas eram majoritariamente antropomorfas, femininas e com base semilunar.

Durante os anos 1970, Regina McDonald (1972) propôs uma abordagem estrutural das cerâmicas procedentes de Santarém, baseada na hipótese dos Tapajó terem sido um grupo Carib. Assim, ela relacionou a iconografia das cerâmicas com um mito Warrau, sendo esses indígenas pertencentes ao tronco etnolinguístico Carib, para interpretar elementos cosmológicos presentes na cerâmica.

Uma nova abordagem dos estudos de coleções museológicas, com mais ênfase nas pesquisas arqueológicas (que aumentaram neste período) foi conduzida por Vera Guapindaia. Seu trabalho baseou-se em fontes etnohistóricas, arqueológicas e museológicas para investigar os aspectos tecnológicos das cerâmicas da “coleção Frederico Barata”, formada por artefatos coletados no sítio Aldeia, e armazenada no Museu Emilio Goeldi. A sua pesquisa evidenciou a diversidade cultural do sítio Aldeia com produções cerâmicas classificadas dentro de cinco grupos: cerâmica tipicamente Santarém, cerâmica não decorada, cerâmica decorada com marcas de esteiras, cerâmica com decoração incisa geométrica e cerâmica tipicamente Konduri (Guapindaia, 1993). A autora também identificou a existência de dois perfis técnicos: cerâmicas pertencentes ao período colonial e cerâmicas indígenas. Dentro deste segundo grupo estão as cerâmicas decoradas e sem decoração (interpretadas como utilitárias), associadas aos Tapajó e as outras interpretadas como correspondendo a cerâmicas de outros grupos ou mais antigas (Guapindaia, 1993).

O estudo mais recente de coleções museológicas foi publicado por Denise Gomes, em 2002. A pesquisadora estudou o acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP) (Gomes, 2002). Através deste trabalho, ela formulou hipóteses sobre a organização social e a cronologia para o desenvolvimento das culturas da área do Tapajós-Trombetas. E interpretou a diversidade cerâmica do conjunto através de dois modelos: o “peer-polity interaction” de Renfrew (1986) e o “Sistema de Interdependência Regional do Orinoco”, desenvolvido por Arvelo-Jiménez e Biord (1994). Enquanto o primeiro modelo foi utilizado para interpretar similaridades entre as sociedades que dominaram o Baixo Amazonas com as do Médio Amazonas, o segundo modelo serviu para entender a diversidade estilística regional.

Pesquisas recentes em sítios localizados na foz do rio Tapajós: de 1983 a 2014

As pesquisas recentes na região de Santarém apresentam abordagens teóricas e metodológicas influenciadas pela ecologia histórica. De fato, a ecologia histórica oferece uma perspectiva regional muito pertinente para o estudo das sociedades complexas do tipo cacicado, pois a integração regional e a interação dessas sociedades através de trocas locais e regionais é justamente característica dos cacicados (Drennan, 1995). A ecologia histórica enfatiza uma perspectiva de longa duração (Balée, 2006; Crumley, 1994; Marquardt; Crumley, 1987) que, no contexto da arqueologia amazônica, caracteriza-se pela utilização combinada de fontes etnohistóricas, arqueológicas e etnográficas. Enfim, a abordagem da ecologia histórica também ressalta a riqueza dos estudos interdisciplinares (Crumley, 1994), que na arqueologia amazônica são amplamente ilustrados pelos estudos dos sítios arqueológicos de TPA, onde arqueólogos e pedólogos trabalham em conjunto. Nesta perspectiva, as indústrias cerâmicas são estudadas no contextos mais amplos das interações entre as sociedades e o meio ambiente, que resultaram em transformações da paisagem. Assim, essas pesquisas focalizam mais a análise dos padrões de assentamento e a criação de modelos interpretativos referentes à organização social dessas sociedades.

O “Projeto Baixo Amazonas”, conduzido pela arqueóloga Anna Roosevelt, iniciou em 1983 com pesquisas no Marajó, Taperinha, Pedra Pintada, bacia do rio Curuá e Santarém (Roosevelt, 2009). Em 2007, o projeto desenvolvido em Santarém, na forma de um curso de arqueologia ambiental, teve como contrapartida brasileira a arqueóloga Denise Schaan. O objetivo do projeto foi entender as ocupações indígenas antigas no Baixo Amazonas e os impactos desta ocupação sobre o meio ambiente (Schaan; Roosevelt, 2007-2008: 4-5). Escavações no sítio Porto permitiram encontrar feições arqueológicas como fundações de casas, pisos, enterramentos e bolsões cheios de cerâmicas intencionalmente quebradas (Roosevelt, 2009). Com base em suas pesquisas arqueológicas e de etnohistória, Roosevelt formulou um modelo de complexidade social para as antigas populações de Santarém. Ela argumentou que esta região teria sido povoada por um cacicado complexo, centralizado e guerreiro (Roosevelt, 1993, 1989). Esta teoria, que dá muita ênfase para as fontes etnohistóricas e ressalta grandes diferenças entre os povos passados e presentes, tem sido criticada por Gomes (2009, 2007).

Denise Gomes conduziu pesquisas arqueológicas em três áreas principais na região de Santarém: na comunidade Parauá e nos sítios arqueológicos Aldeia e Porto. Ela realizou o seu doutorado sobre a comunidade Parauá, localizada a 120 km ao sul de Santarém, na margem sul do rio Tapajós. Através do estudo de nove sítios, a pesquisa teve o objetivo de testar os limites de influência da cultura Santarém. No entanto, ao invés de encontrar vestígios relacionados a esta cultura, a pesquisadora escavou uma ocupação do período formativo datada entre 4.000 e 8.000 anos (Gomes, 2010, 2008). Baseada em análises cerâmicas, a pesquisadora concluiu que apesar dos habitantes de Parauá terem interagido com os grupos Tapajó e Konduri (dos Baixo e Médio Amazonas), esta área não pertencia ao domínio do cacicado dos Tapajó.

Ellen Quinn, aluna de Roosevelt, baseou a sua pesquisa de doutorado sobre a comparação entre cerâmicas escavadas pelo “Projeto Baixo Amazonas” datadas entre 1298-1451 e cerâmicas provenientes de várias coleções museológicas (Museu da cidade de Santarém, Museu Emilio Goeldi e acervos de coleções privadas) (Quinn, 2004). A pesquisadora usou fontes etnohistóricas, dados arqueológicos, datações radiocarbônicas e comparações de coleções museológicas para investigar a cronologia das cerâmicas presentes nas coleções

museológicas e refletir sobre a organização social do cacicado dos Tapajó. Esta autora concluiu que ambos os grupos cerâmicos apresentam o mesmo “estilo Santarém”, e foram confeccionados pelos Tapajó do período pré-colonial. Dessa forma, essas indústrias cerâmicas não seriam o resultado das interações com os europeus no período colonial.

Como uma continuação das pesquisas iniciadas pelo “Projeto Baixo Amazonas”, e devido às construções planejadas na área ocupada pela Companhia das Docas do Pará, um projeto de arqueologia de salvamento foi conduzido por Denise Schaan na área do sítio Porto, entre 2008 e 2014 (Alves, 2012; Schaan; Alves, 2015). Dentro deste projeto, foram escavadas várias feições arqueológicas como vasilhas enterradas e bolsões. As datações evidenciaram dois períodos de ocupação, durante o Formativo (entre 14C 1.375 AC e 10 AD) (Schaan; Alves, 2015: 56) e durante a fase dos Tapajó, com datas entre AD 900 e 1600 (Schaan; Alves, 2015: 63).

O sítio Porto foi igualmente pesquisado por Denise Gomes e José Gouvêa Luiz, que conduziram um trabalho de geofísica no espaço intrassítio obtendo assim informações relacionadas a práticas de descarte, produção líticas e práticas funerárias em contextos domésticos (Gomes; Luiz, 2013).

No sítio Aldeia, Symanski e Gomes (2012) investigaram contextos históricos e estudaram a diversidade das práticas culturais entre os séculos XVIII e XIX. Segundo os autores, durante este período, a cidade era dividida em dois núcleos principais, um povoado por portugueses e outro onde moravam os indígenas (eles formavam uma mistura heterogênea de vários grupos devido aos deslocamentos forçados do período colonial). Os resultados desta pesquisa mostraram a emergência de uma sociedade multicultural composta por indígenas, portugueses, luso-brasileiros, mestiços e escravos africanos e caracterizada pelo aumento de práticas culturais híbridas.

Pesquisas recentes em sítios localizados no platô de Belterra: de 2006 a 2015

Pesquisas arqueológicas no platô de Belterra iniciaram em 2006, com um diagnóstico arqueológico dirigido por Denise Schaan na BR-163, no trecho Santarém-Rurópolis. Este diagnóstico serviu de base para um projeto de salvamento arqueológico conduzido no mesmo trecho da rodovia BR-163, entre 2006 e 2012. O objetivo desse projeto foi de coletar informações sobre os sítios localizados ao longo da rodovia que ia ser asfaltada. Além do impacto da estrada, a maioria dos sítios ao longo da BR sofrem atualmente os impactos da agricultura mecanizada.

Em 2011, outro projeto denominado “Selva Cultivada” foi conduzido na região, sob a coordenação de Per Stenborg e Denise Schaan. Este projeto interdisciplinar desenvolvido por arqueólogos e pedólogos de origem sueca e brasileira, tem como objetivo estudar as relações das sociedades indígenas com o meio ambiente, antes e depois do contato dos indígenas com os europeus (Stenborg et al., 2014). Ele tem duas metas: estudar os artefatos provenientes da região de Santarém que foram coletados por Nimuendaju nos anos 1920 e estão armazenados no Museum of World Culture em Gotemburgo; e conduzir novas escavações na região (Stenborg et al., 2014). Através desses dois projetos, 111 sítios arqueológicos foram prospectados em áreas de platô ao longo do rio Tapajós, em áreas de serra, nas encostas de rio e próximo a lagos (Schaan, 2014). Dentre desses sítios prospectados, 68 estão localizados no platô de Belterra (Schaan, 2015).

Os resultados dessas pesquisas mostraram que enquanto os maiores sítios arqueológicos estão presentes na foz do rio Tapajós (o sítio Aldeia mede 70 ha e o sítio Porto 42 ha), há uma proporção maior de sítios de tamanho superior a 1 ha no platô de Belterra (Stenborg et al., 2014). Existem 28 sítios localizados no platô que possuem poços escavados pelos antigos indígenas da região. Esta é uma característica dos sítios de platô, pois nenhum poço foi encontrado nos sítios ribeirinhos.

À primeira vista, os sítios localizados na foz do rio Tapajós e no platô apresentam uma cultura material similar à cerâmica da Tradição Inciso Ponteadada, e feições arqueológicas como pisos domésticos, bolsões e vasilhas enterradas. Porém, as análises cerâmicas revelaram diferenças nos temperos das cerâmicas provenientes de ambos locais: enquanto nos sítios ribeirinhos há mais presença de *cauixi* usado como tempero principal, nos sítios de platô este tempero é encontrado em menores quantidades e misturado com outros temperos, como caco moído, rocha triturada, areia e caraipé (Schaan, 2015). Assim, os resultados preliminares mostraram uma ausência de hierarquia entre os sítios em relação às competências das ceramistas (Schaan, 2015).

Enquanto Gomes (2007) argumenta que sociedades autônomas coexistiam com sociedades hierárquicas numa escala regional e partilhavam uma ideologia predatória, Schaan (2012) sugere que a organização sociopolítica dos Tapajó poderia ser entendida através do modelo de “peer polity interaction”, de Renfrew (1986). De fato, este modelo tem o objetivo de estudar mudanças em complexidade social entre unidade sociopolíticas independentes (“polities”) através da sua interação em escala regional (Renfrew, 1986).

A cronologia dos sítios localizados em ambas as áreas geográficas revela que o sítio Porto teve uma ocupação anterior, entre AD 900-1600, aos sítios de platô datados do período pré-colonial tardio a colonial (entre os séculos XIV e XVIII) (Stenborg et al., 2014: 153).

Cerâmicas da região de Santarém - os Tapajó

Existem várias fontes de conhecimento para estudar as antigas sociedades indígenas que se desenvolveram no Baixo Tapajós por volta dos séculos VIII-IX. As fontes etnohistóricas escritas por exploradores, administradores coloniais e missionários contêm informações interessantes sobre o cotidiano dos indígenas que habitaram em Santarém entre os séculos XVI e XIX. Por exemplo, essas fontes descrevem a existência de vários grupos assentados nas margens sul e norte do rio Amazonas. Os Tapajó e Konduri são descritos como grupos dominantes na região, com organização sociopolítica e religiosa parecidas (Heriarte, 1964 [1874]). Assim, enquanto os Tapajó teriam dominado a região de Santarém, os Konduri residiam na região do Nhamundá-Trombetas. Ambos os grupos participavam de um sistema de trocas em nível regional, ilustrado, por exemplo, pela difusão dos pingentes de pedra verde (Schaan, 2012). Além da existência desses grupos dominantes, os relatos também mencionam que esses índios não entendiam a língua Tupi. Este dado, suplementado por análises cerâmicas, conduziu vários pesquisadores a propor afiliações de origem Arawak para os grupos Tapajó e Konduri (Linné, 1932; Métraux, 1930; Nordenskiöld, 1930).

Esses grupos sofreram um colapso demográfico dramático com a colonização europeia da região, e foram descritos como grupo extinto no início do século XIX (Martius, 1867 apud Stenborg, 2004: 119). Porém, pensar na extinção completa desses grupos não deixaria de ser uma visão essencialista de suas identidades, pois os séculos de colonização foram seguidos por fenômenos de etnogênese definidos como “a adaptação criativa dos povos indígenas frente a uma história geral de mudanças violentas” (Hill, 1996: 1, ênfase minha).

Fase Santarém: formas, iconografia e tecnologia

As cerâmicas associadas com esses grupos foram classificadas pelos arqueólogos como pertencentes à Tradição Inciso-Ponteadado (Meggers; Evans, 1961), caracterizada pela presença de decorações incisa, ponteadada e modelada e são encontradas no Orinoco, Amazônia, Amapá e Guiana inglesa (Meggers; Evans, 1961). Essas cerâmicas são classificadas em dois grupos associados a cada um dos grupos indígenas que dominaram a região: os Tapajó e os Konduri. A cerâmica associada aos Tapajó é chamada de “fase Santarém” e foi encontrada nos Baixo e Médio Amazonas, incluindo a foz do rio Tapajós e o platô de Belterra (Figura 1).

Apesar dos Tapajó terem confeccionado artefatos líticos de grande destaque, como os *muirakitãs* de pedra verde, machados e fusos, as cerâmicas dominam em quantidade, seja nas coleções museológicas ou nas escavações. Por isso, a maioria das pesquisas citadas acima têm como foco principal o estudo da sociedade dos Tapajó através dos vestígios cerâmicos. Há vários estudos que descrevem os artefatos mais característicos da cultura Santarém e alguns trabalhos enfocam uma categoria específica de artefato como, por exemplo, os cachimbos (Barata, 1951), *muirakitãs* (Barata, 1954; Boomert, 1987; Moraes et al., 2014) ou estatuetas antropomorfas e zoomorfas (Corrêa, 1965).

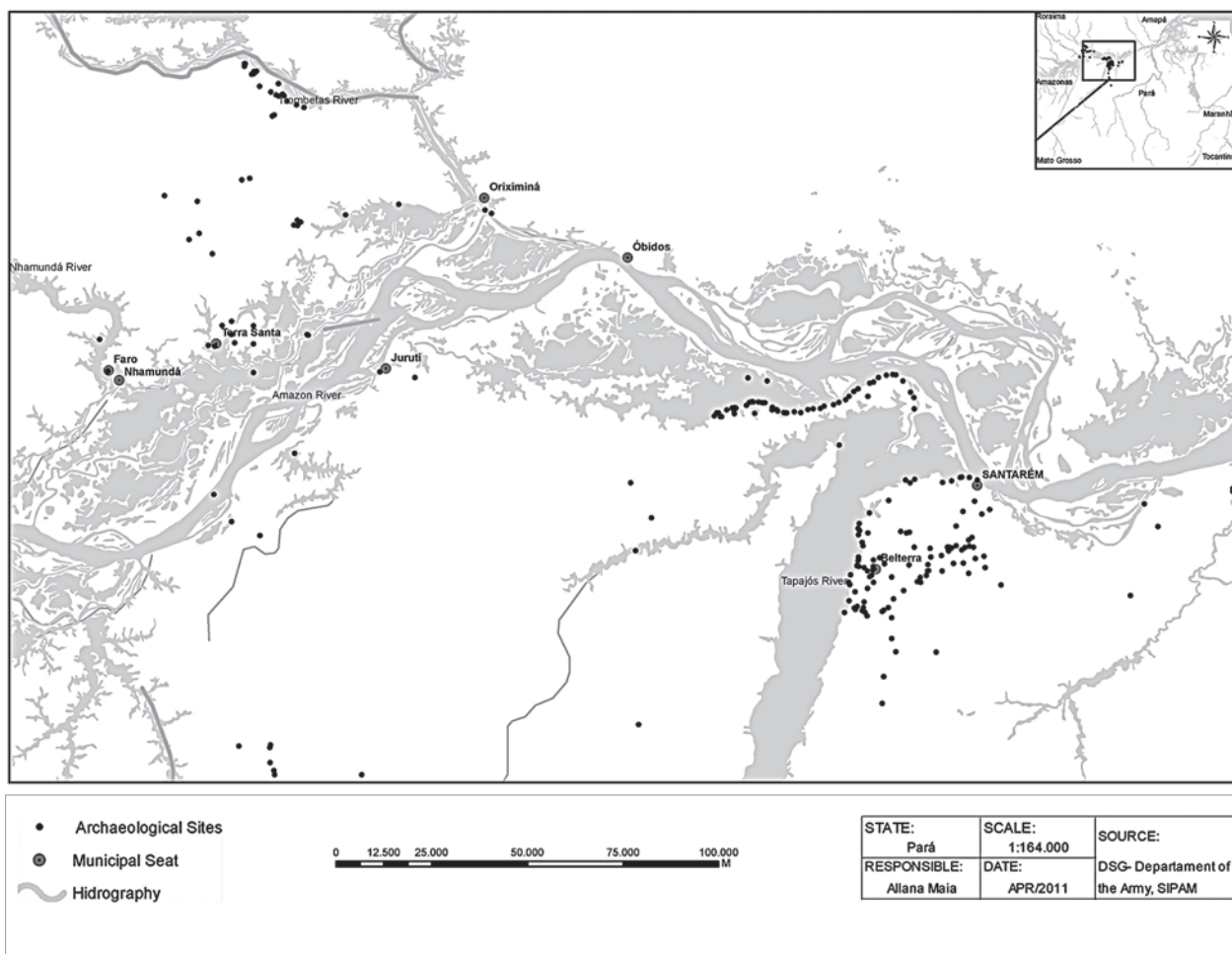


Figura 1. Distribuição dos sítios arqueológicos associados a ocupação dos Tapajó no Baixo Amazonas (Fonte: Schaan, 2014: 57).

Alguns vasos da cultura Santarém são encontrados com muita frequência nas escavações arqueológicas, porém, em estado de fragmentos. São geralmente interpretados à luz das peças inteiras existentes em coleções museológicas e são considerados fragmentos diagnósticos da cultura Santarém. Os três tipos de vasos mais emblemáticos desta cultura – vaso de cariátides, vaso de gargalo e vaso globular – foram assim denominados por Barata (1950) e descritos mais tarde por Guapindaia (1993), Gomes (2001) e Schaan (2012).

Os vasos de cariátides são nomeados com base na analogia formal da posição de suas figuras modeladas com as esculturas femininas que servem de colunas no templo Erechtheion na acrópole de Atenas. Eles são compostos por um vasilhame de formato redondo à volta do qual se encontram uma combinação de apêndices zoomorfos (cabeças de urubus) e antropomorfos (Figura 2). Este vasilhame repousa sobre três figuras antropomorfas (as cariátides) e possui uma base anelar oca, sobre a qual as figuras estão sentadas. Os apêndices modelados podem apresentar uma única figura que, conforme a perspectiva, pode ser interpretada como humana ou animal ou uma combinação de ambas. Existem exemplos onde as três figuras antropomorfas usam suas mãos para cobrir os seus olhos, orelhas ou boca. Há decorações de incisão na borda e na base.



Figura 2. Vaso de cariátides com iconografia que combina elementos zoomorfos (cabeças de urubus) e antropomorfos (figuras femininas sentadas) (altura: 18 cm; acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Foto: Wagner Silva).

Os vasos de gargalo podem ser classificados em dois tipos: o pescoço do vaso funciona como um chapéu que repousa sobre a cabeça de uma figura antropomorfa ou o corpo do vaso representa uma figura antropomorfa ou zoomorfa como tartaruga, sapo ou onça (Schaan, 2012). No primeiro tipo, a parte mediana do vaso é composta por quatro apêndices zoomorfos e antropomorfos modelados, dois dos quais são cabeças de jacarés com outros animais, posicionados em cima delas e dois outros que representam sapos. Há decorações incisadas no gargalo e na base.

Os vasos globulares têm um corpo que apresenta dois apêndices opostos representando a cabeça e o rabo de um animal (onça, cutia ou jacaré) ou uma figura antropomorfa (Figura 3). Por vezes, cobras e pequenas figuras antropomorfos sentadas também estão presentes no corpo do vaso. Há decorações incisadas no pescoço do vaso.

Os cachimbos de cerâmica foram descritos pela primeira vez por Linné (1928) e estudados por Barata (1951) e Guapindaia (1993), sendo que ambos associaram este tipo de artefato à presença europeia na região. Diferentemente do resto dos artefatos associados à cultura Santarém, em que predominam elementos faunísticos, a iconografia dos cachimbos apresenta uma abundância de elementos florísticos (Guapindaia, 1993). Por isso, acredita-se que os cachimbos tenham sido confeccionados por missionários ou indígenas convivendo com estes durante o período colonial (Barata, 1951).



Figura 3. Vaso globular com dois apêndices opostos representando a cabeça e o rabo de uma onça (altura: 40 cm; largura: 48 cm; acervo Arqueológico da Reserva Técnica Mário F. Simões. MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi. Foto: Fernando Chaves).

As estatuetas antropomorfas são todas modeladas e foram classificadas em dois grupos principais: pequenas estatuetas femininas com base semilunar em posição ereta e grandes estatuetas ocas femininas ou masculinas em posição sentada (Gomes, 2001). Existem mais estatuetas femininas do que masculinas, mas ambas apresentam adornos e pinturas corporais. As estatuetas femininas apresentam genitais, seios e por vezes barriga grávida (Figura 4). Segundo Barreto (2016), devido à sua padronização, essas estatuetas poderiam representar uma figura feminina específica da elite ou da mitologia dos Tapajó. Com base numa comparação iconográfica das estatuetas do Marajó e de Santarém, Schaan (2012) descreve as estatuetas da cultura Santarém como mais realistas e argumenta que, enquanto no Marajó as estatuetas representariam o poder das elites, em Santarém elas figurariam indivíduos específicos, ligados à organização sociopolítica.



Figura 4. Estatueta antropomorfa feminina representada com barriga grávida (altura: 26,5 cm; largura: 17,5 cm; espessura: 11 cm; acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Foto: Fernando Chaves).

Pela quantidade de estatuetas femininas desta cultura e as descrições de várias personalidades femininas com *status* elevado nos relatos etnohistóricos da região, Gomes (2001) sugeriu que essas sociedades apresentavam uma organização matrilinear. Segundo a pesquisadora (Gomes, 2001), essas estatuetas teriam tido a função de armazenar bebidas, provavelmente fermentadas, e poderiam ter sido usadas como urnas funerárias.

Além de formas e decorações, os antiplásticos misturados com a argila no processo de produção da cerâmica informam sobre as escolhas sociais feitas pelas ceramistas (Viana et al., 2011). A cerâmica de Santarém é geralmente temperada com uma esponja de água doce chamada *cauxi* (*Parmula batesii*), caco moído, rocha triturada e/ou caraipé (casca de *Licania scabra* sp.). O *cauxi*, “mãe da coceira” em língua Tupi, (Viana et al., 2011: 40), pode estar presente naturalmente na argila ou ser adicionado à mesma. O uso deste aditivo pode ser explicado por vantagens tecnológicas, pois o uso de temperos orgânicos permite uma maior leveza dos vasilhames, o que facilita o transporte e a resistência à quebra (Skibo et al., 1989). Como indica o seu nome, o *cauxi* possui a desvantagem de provocar alergias para quem o manipula. Segundo Hilbert (1955: 35), é possível que as ceramistas se protegessem dessas coceiras usando substâncias como a jutaica ou a tabatinga branca. Pesquisas conduzidas no sítio Aldeia sobre a ocupação da região de Santarém no período colonial evocam uma predominância do caraipé sobre o *cauxi* como tempero dominante na cerâmica (Guapindaia, 1993; Symanski; Gomes, 2012).

Contextos arqueológicos

As práticas rituais dos antigos ocupantes do Baixo Tapajós são entendidas por meio de dois contextos arqueológicos principais: bolsões contendo cerâmicas cerimoniais, líticos e restos alimentares (Figura 5) e enterramentos secundários. Cerâmicas coletadas em bolsões podem ser encontradas em três contextos: (1) intencionalmente quebradas, (2) numa mistura entre cerâmicas rituais e domésticas e (3) vasilhames inteiros (Gomes, 2010). No primeiro caso, classificado como “contexto de retenção”, os objetos são duplamente isolados do espaço cotidiano e do contato com os humanos (Gomes, 2010). Esses objetos associados a grandes cerimônias teriam sido quebrados intencionalmente e isolados como estratégia de controlar as suas agências sobre os humanos (Gomes, 2010). No segundo caso, classificado como “contexto de dispersão”, artefatos de uso ritual e cotidiano são encontrados em feições em forma de valas, interpretadas como lixeiras (Gomes, 2010; Gomes; Luiz, 2013). Este contexto é associado a rituais menores, realizados sem a presença de especialistas (Gomes, 2010). No terceiro caso, chamado de “contexto de deposição in situ”, o artefato é encontrado no seu local original de uso.

Os relatos etnohistóricos associam duas práticas funerárias aos índios Tapajó: o endocanibalismo, onde os ossos pulverizados e misturados com alimentos ou bebidas seriam ingeridos pelos indígenas (Heriarte, 1964 [1874]) e a mumificação dos corpos (Betendorf, 1910 [1661]). Segundo Schaan (2012), essas diferenças ilustravam provavelmente diferenças de *status*. Enterramentos secundários têm sido encontrados em vários sítios da região, como, por exemplo, no Porto (Gomes; Luiz, 2013; Schaan; Alves, 2015), no sítio Carapanari (Gomes, 2010) e nos municípios de Itaituba, Rurópolis e Aveiro (Martins et al., 2010).

Interpretações recentes sobre a esfera religiosa dos Tapajó baseiam-se em ontologias relacionais. Essas ontologias que consideram as relações entre humanos e não humanos (animais, plantas, coisas) têm como objetivo de questionar as dualidades como natureza/cultura, nós/outros, sujeito/objeto, mente/corpo, propostas pelas ontologias modernistas (Watts, 2013: 1). Nesta perspectiva, Gomes (2012, 2010) e Barreto



Figura 5. Parede leste do bolsão F3, sítio Porto de Santarém (Fonte: Schaan; Alves, 2015: 109).

(2016) interpretaram a iconografia das cerâmicas de Santarém à luz do perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro, 1996). Baseando-se em elementos iconográficos como metamorfose, xamanismo e mitologia presentes nas cerâmicas, Gomes (2012, 2010) argumenta sobre a existência de traços cosmológicos comuns aos índios americanos (norte e sul) que perduraram através do tempo. Com base num estudo de caso das práticas rituais das sociedades antigas do Marajó e de Santarém, Schaan (2015) afirma que existiria um idioma religioso comum ao nível regional que seria responsável por mudanças sociopolíticas. Assim, em vez de relacionar a diversidade da cultura material a grupos etnolinguísticos específicos, esta perspectiva associa as mudanças nas práticas rituais ao crescimento demográfico e territorial dos grupos que foram expandindo o seu poder político na região.

Interações regionais

Interações regionais entre grupos dos Baixo e Médio Amazonas datam do período Formativo (3800 AP – 2740 AP) (Gomes, 2011: 276) e podem ser ilustradas pela dispersão da cerâmica Barrancoide (Gomes, 2011; Horborg, 2005; Stenborg, 2009). Além disso, a Tradição Pocó, que se desenvolveu na região do

Nhamundá-Trombetas por volta de 2000 AP (Gomes, 2002: 287) também existe no Baixo Tapajós. Afiliações crono-estilísticas até existem entre cerâmicas Pocó e Açutuba da Amazônia Central (Gomes, 2002). Presentes já no Formativo, as interações entre sociedades indígenas aumentaram com a emergência das sociedades complexas, por volta do primeiro milênio BC (Carneiro, 2007, 1970; Heckenberger, 2005; Moraes; Neves, 2012; Roosevelt, 1993, 1989; Schaan, 2004, 2000).

No Baixo Tapajós, a diversidade dentro da cerâmica de Tradição Inciso-Ponteadado ilustra interações como comércio e trocas entre os vários grupos etnolinguísticos que habitaram a região durante o período pré-colonial, como os Tapajó e os Konduri (Gomes, 2011; Schaan, 2012; Stenborg, 2009). Essas trocas ocorreram por vias terrestres, por meio dos caminhos indígenas (Carvajal, (2011 [1542]: 39-41), e por via fluvial, por meio dos rios principais e secundários (Filho, 2010).

Com base nas pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Baixo e Médio Amazonas, Schaan (2012) afirma que existem semelhanças na distribuição dos sítios na paisagem e na cultura material dos Tapajó e Konduri. Comparações entre as cerâmicas associadas a ambos grupos revela diferenças e semelhanças. Assim, a cerâmica de Santarém apresenta uma decoração mais sofisticada e é mais resistente à água, as formas apresentam bordas ocas e linhas curvas ausentes na cerâmica Konduri. Porém, esta cerâmica tem mais decoração ponteadada, apresenta motivos de “espinha de peixe” e base trípede, que são elementos ausentes na cerâmica de Santarém (Schaan, 2012). Enfim, as cerâmicas associadas a ambos grupos apresentam bordas duplas, pintura vermelha e peças com impressão de cestaria (Schaan, 2012).

As interações regionais no Baixo Tapajós foram transformadas com a colonização europeia da região. Enquanto os séculos XVI e XVII foram marcados pelas consequências dramáticas da colonização: colapso demográfico, deslocamentos forçados, guerras e escravidão, os séculos XVIII e XIX inauguraram a emergência de uma sociedade multicultural, caracterizada por manifestações culturais híbridas (Symanski; Gomes, 2012). Assim, mesmo que os fenômenos de etnogênese e manifestações culturais híbridas já existissem na Amazônia pré-colonial, foram devidamente amplificados durante a colonização europeia (Heckenberger, 2006). Neste contexto, também ocorreram guerras e novas alianças entre comunidades indígenas e entre indígenas e portugueses, que trouxeram mudanças para os poderes indígenas então estabelecidos na região (Whitehead, 1993).

Conclusão

Esta breve revisão bibliográfica de mais de 100 anos de estudos sobre a cultura Santarém evidenciou mudanças nas orientações teóricas e metodologias dos pesquisadores ao longo do tempo. Os estudos pioneiros desenvolvidos no final do século XIX e início do século XX tiveram como foco principal entender a ocupação das antigas sociedades do Baixo Tapajós em termos espaciais e etnolinguísticos. Já os estudos de coleções museológicas efetuados entre 1939 a 2002, e baseados na análise de peças cerâmicas inteiras ou semi-inteiras, raramente encontradas em contexto arqueológico, representam uma contribuição inestimável para a fomentação de tipologias e interpretações iconográficas das peças. As pesquisas atuais usam a ecologia histórica numa perspectiva regional, diacrônica e interdisciplinar, mas não parecem enfatizar tanto outra grande preocupação deste paradigma: uma reflexão sobre soluções para problemas relacionados ao meio ambiente no presente e futuro, com base no conhecimento do passado (Marquardt, 1994).

A ecologia histórica, assim como a arqueologia da paisagem, tem como objetivo estudar as interações entre as sociedades e o meio ambiente, porém ambas apresentam heranças teóricas diferentes (Kantzer, 2008). De fato, enquanto a ecologia histórica está ligada à arqueologia processual e estuda “os humanos como parte da paisagem”, a arqueologia da paisagem nasceu da antropologia pós-moderna, e tem o objetivo de entender as “paisagens como criações das sociedades” (Kantzer, 2008: 57-58, tradução minha). Assim, talvez por suas limitações materialistas, as abordagens da ecologia histórica têm sido combinadas com outras perspectivas, como, por exemplo, as ontologias relacionais, que facilitam o estudo das cosmologias e das práticas rituais das sociedades do passado.

Enquanto não se pode negar a contribuição inestimável das primeiras pesquisas sobre a cultura Santarém, há de se ressaltar os grandes avanços na compreensão dessas sociedades passadas, por meio de abordagens históricas com perspectiva de longa duração, que combinam o uso das fontes etnohistóricas, arqueológicas e etnográficas. De fato, essas pesquisas enfatizam a agência indígena e estudam as mudanças culturais de uma forma integrada, considerando os estudos cerâmicos junto com a análise das transformações das paisagens pelas sociedades. Enfim, certos aspectos da cultura Santarém foram menos investigados e serão certamente explorados por meio de futuras pesquisas com foco nos modelos de organização social, contextos domésticos onde foram realizadas as atividades cotidianas dessas sociedades e as mudanças culturais ocorridas no período do contato dos indígenas com os europeus.

Agradecimentos

Agradeço a Cristiana Barreto e Helena Lima, pelo convite para participar deste livro. Sou grata ao Michael Heckenberger, por sua orientação e todo o incentivo que me dá nesta jornada do doutorado, a professora Denise P. Schaan, pela leitura crítica do texto, pois os seus comentários foram de uma grande ajuda. Também agradeço a Tallyta Suenny Araújo da Silva e a Angélica Rodrigues, pelas suas sugestões. Claudine Vallières pela ajuda com a elaboração do resumo em inglês e Felipe Opazo fez a tradução para o espanhol. Sou grata às professoras Cristiana Barreto e Denise P. Schaan, por terem me enviado as figuras utilizadas neste capítulo. Enfim, agradeço a CAPES (Proc. N°1079/12-3) pelo financiamento que me possibilita fazer o doutorado na University of Florida e ao Departamento de Antropologia desta universidade, pela concessão de uma bolsa de pesquisa (2015 James C. Waggoner Jr. Grant-in-Aid).



CERÂMICA SANTARÉM DE ESTILO GLOBULAR

Márcio Amaral

RESUMEN

Cerámica Santarém de estilo globular

El estudio tipológico de la cerámica en las tierras bajas es objeto de ardiente debate académico que impregna el origen y la distribución de las industrias cerámicas amazónicas, y cuál metodología aplicar en la organización tipológica. En las últimas dos décadas, el trabajo de campo ha exhumado una considerable cantidad de formas y tipos de decoración no registrados o clasificados en estudios pasados, los cuales estaban principalmente enfocados a colecciones descontextualizadas. Esta situación crea posiciones divergentes, por un lado, enriquece el estudio de la cultura material, por otro, desestructura las clasificaciones anteriormente postuladas. El hecho es, que la dinámica de la industria cerámica en la cultura Santarém es perceptible en diversas formas. En este capítulo nos enfocaremos en el tipo llamado estilo globular Santarém. El material tiene características diagnósticas que nos remite a la cerámica globular registrada en las áreas Nhamundá-Trompetas, y se sitúa cronológicamente una fase anterior a la cerámica Santarém.

ABSTRACT

Globular style in Santarém ceramics

The typological study of ceramics in the lowlands is the subject of ardent academic debate that addresses both origin and distribution of Amazonian ceramics industries and what methodology is best to apply in typological analysis. In the last two decades, fieldwork has exhumed considerable amount of vessels with shapes and types of decoration unregistered or not classified in past studies that were mainly done with decontextualized collections. This situation creates divergent positions; on the one hand it enriches the study of material culture, and on the other, disrupts conventions previously postulated. The dynamics of the ceramic industry in the Santarém culture is noticeable in several ways. In this chapter we will focus on a type called globular style from Santarém. The material has diagnostic features that refers to the globular ceramic recorded in Nhamundá-Trombetas areas, dated to earlier periods than Santarém pottery. This style seems to be one of the components at the origin of the Santarém ceramics.

Introdução: origens das cerâmicas das terras baixas

A produção de objetos cerâmicos nas terras baixas amazônicas certamente foi precedida pela manufatura de utensílios perecíveis de origem vegetal, e parece estar atrelada à necessidade humana de se armazenar de maneira eficaz líquidos e alimentos sólidos, e de processamento dos mesmos. A princípio, os objetos são concebidos face às necessidades meramente funcionais e com o tempo, vasos e tigelas são imbuídos de significados simbólicos e culturais (Barreto, 2010).

Concernente à origem ou às origens de complexos cerâmicos nas terras baixas sul-americanas, acreditamos que sua emergência pode ter ocorrido por meio de invenção independente em vários pontos (Roosevelt, 1991). Todavia, isso não equaciona as problemáticas relacionadas à transferência de informação e tecnologia, o que de fato foi transferido e quais foram os mecanismos de transferência (Raymond, 2009), sendo plausível que o acesso de um grupo social à informação e tecnologia em fluxo continuado ou intermitente fosse favorecido pelo seu posicionamento em determinada área geográfica (Roe, 1995).

Para o baixo curso do rio Amazonas, na região de Santarém, evidências arqueológicas da manufatura precoce de material cerâmico no Holoceno tardio apresenta as datas mais recuadas até o momento para as cerâmicas sul-americanas. O estabelecimento de uma cronologia inicial foi obtida por uma série de datações realizadas em amostras exumadas por ocasião dos trabalhos de escavação de Roosevelt (1991) no sambaqui de Taperinha, que as coloca em uma faixa cronológica entre 7000-8000 AP, anterior a qualquer complexo cerâmico conhecido para as terras baixas. A reconstituição das formas resultou em tigelas simples, de boca irrestritiva, com decoração curvilínea incisa, temperadas com areia, saibro e carvões, tendo alguns fragmentos com sinais de oxidação e fuligem na parede externa, indicativos prováveis de exposição ao fogo e uso no processamento de alimentos.

Do Formativo ao Pré-colonial Tardio

No período conhecido como Formativo, o incremento e sofisticação de complexos cerâmicos nas terras baixas, segundo Lathrap (1970) e Roosevelt (1991), toma impulso com o estabelecimento generalizado de aldeias sedentárias de agricultores ao longo das várzeas dos grandes cursos aluvionais em cerca de 5000 AP. Nesse período, a manufatura de cerâmicas já estava consolidada com características identitárias de cunho sociocultural, como uma espécie de assinatura que as ligava à determinado grupo ou área geográfica, como as séries de horizontes antigos Saladoide e Barrancoides presentes nas bacias do Orenoco e Amazonas (Evans; Meggers, 1961).

No Pré-Colonial tardio ocorreu o ápice do desenvolvimento populacional e cultural na Amazônia, com extensas áreas de terras pretas, abundância de cultura material e alterações substanciais na paisagem, que projetam um panorama sociocultural que foi subitamente atropelado pela chegada do invasor europeu. Neste período, insere-se a refinada cerâmica arqueológica de Santarém, cuja assinatura a remete historicamente aos índios Tapajós, que na década de 1970 foi denominada de fase Santarém da Tradição Inciso-Ponteadado, um estilo cerâmico supostamente com origem na bacia do rio Orinoco, na Venezuela, e que é encontrado na região do Baixo Amazonas banhada pelos rios Nhamundá, Trombetas e Tapajós. (Schaan; Amaral, 2012). No período da invasão, as crônicas seiscentistas e setecentistas (Carvajal, 1941;

Heriarte,1874; Acuña,1941) apontam que os Tapajós dominavam e influenciavam amplas áreas do baixo curso do rio homônimo e trechos a montante e a jusante do rio Amazonas, abrangendo cerca de 20.000 km² (Nimuendaju,1949). Nimuendaju propôs que o epicentro da cultura Tapajós seria a atual cidade de Santarém, nas áreas que constituem o seu antigo núcleo urbano e na área portuária, compondo um depósito arqueológico com mais de quatro quilômetros quadrados (Figuras 1 e 2).



Figura 1. Cerâmica globular de Santarém em estratigrafia. Sítio Amapá 1. Foto Márcio Amaral.



Figura 2. Fragmento de borda do bairro Aldeia, com local de fixação de apanique pela técnica de ranhuras. Foto: Márcio Amaral.

A redescoberta da cerâmica Santarém

A redescoberta da cerâmica Santarém por investigadores não arqueólogos em meados do século XIX e início do século XX, período áureo do colecionismo ocidental, fomentado por museus europeus e estadunidenses, acabou gerando uma demanda de ordem classificatória para a cultura material coletada em sítios arqueológicos ou de posse de moradores locais em pontos diversos do baixo curso do rio Amazonas. Um dos primeiros pesquisadores a se debruçar sobre a questão das problemáticas concernentes ao surgimento, tecnologia, classificação e cronologia para a cerâmica arqueológica das terras baixas amazônicas foi Charles Frederick Hartt (1885), que curiosamente era geólogo. Hartt apresenta uma proposição de ordem classificatória para a cerâmica da cultura Marajó, com base em coletas e escavações empreendidas por ele e seus colaboradores, bem como dados comparativos entre a primeira e a cerâmica Santarém dos moradores do alto.

Tipologias classificatórias para a cerâmica Santarém

Segundo Rosa (2008), no período que compreende meados do século XIV e as primeiras quatro décadas dos XIX, havia uma busca expressiva por objetos exóticos para serem expostos em gabinetes de curiosos e antiquários. Nesse período a arqueologia não era considerada disciplina científica e a origem do material arqueológico era fruto de variadas especulações interpretativas. Da segunda metade dos XIX ao início do século XX, consagra-se como período descritivo classificatório.

No início do século XX, o difusionismo dicotômico, que associava língua e cultura material aos padrões de distribuição de conjuntos cerâmicos (Nordenskiöld, 1930) era utilizado na elaboração de sínteses históricas em arqueologia nas terras baixas, para classificações que consistiam em localizar pontos de origem e distribuição geográfica dos traços cerâmicos comuns, na tentativa de correlacionar padrões com prováveis dispersões de grupos linguísticos (Rosa, 2008).

Os primeiros estudos aplicados à cerâmica Santarém centraram-se em classificá-la com base em análises estilísticas. Segundo Schaan e Amaral (2012), os estudos em coleções de acervos arqueológicos pertencentes a museus e em coleções privadas se deram em função do alto custo com pesquisas de campo. Palmatary (1939) havia apontado que o estudo de coleções representava uma alternativa viável. Todavia, devemos considerar que a forte influência determinista nas abordagens relacionadas ao estudo da cultura material das terras baixas Amazônicas, contemplava Santarém e Marajó como “anomalias” de origem exógena, e teriam como ponto de origem regiões localizadas na América Central e nos Andes, via processos difusionistas, (Linné, 1932; Nordenskiöld; 1930), fato que restringia o estudo da cultura material às coleções museológicas.

Influenciado pelos trabalhos de Nordenskiöld (1930), o primeiro a propor uma ordem classificatória referente ao complexo cerâmico dos índios Tapajó foi Curt Nimuendaju (1949), que agrupou formas e detalhes técnicos, gerando uma série de motivos diagnósticos representados nos vasos de cariatídes, nas bases trípedes, figuras sentadas, motivos mão no rosto, rãs subindo paredes, olhos aplicados e incisos em forma de grão de café entre outros.

Na década de 1930, Helen Palmatary inicia o seu trabalho pioneiro com o estudo de coleções oriundas de Santarém e do Lago Grande de Vila Franca, pertencentes a Museus da América do Norte, Suécia e Brasil.

O trabalho de Palmatary (1939, 1960) tem o mérito de não estar centrado somente em classificar tipos cerâmicos. A autora apresenta um bem elaborado contexto histórico para a região, alerta para a necessidade de trabalhos sistemáticos de campo para o vale do Tapajós, compara similaridades e diferenças técnicas existentes entre, a cerâmica de Santarém e do Marajó (que considera mais antiga) e dissocia uma relação direta entre ambas, destacando que Santarém, embora apresente motivos em preto, vermelho, sobre fundo branco (ou creme), prima pela modelagem naturalista. Segundo a autora, de mais fácil acesso a interpretação, enquanto que na cerâmica do Marajó há predominância de técnicas incisão, excisão, modelagem e pintura, com motivos geométricos complexos, que limitam o processo de interpretação.

Um segundo estudo de coleções museológicas de relevância está contido na dissertação de mestrado de Vera Lúcia Guapindaia (1993), em que a autora prima por uma caracterização tecnológica da cultura Santarém. Guapindaia utiliza como subsídios para falsear hipóteses as crônicas e relatos históricos (Carvajal, 1941; Cruz, 1900; Acuña, 1941; Rojas, 1941; Betendorf, 1941; Heriarte, 1874; Daniel, 1940; Spix; Martius, 1981; Bates, 1944) e a coleção “Frederico Barata” pertencente ao museu Paraense Emilio Goeldi, formada em sua maioria por objetos coletados na área que foi o último núcleo Tapajós em Santarém, o bairro Aldeia. Segundo Guapindaia, o estudo da coleção cerâmica suscitou a construção de um perfil tecnológico favorecendo o levantamento de problemáticas relativas à organização social dos extintos índios Tapajós.

Um terceiro trabalho relevante no âmbito do estudo de coleções está presente em “Cerâmica Arqueológica da Amazonia”, publicado por Gomes (2002), com base na coleção cerâmica Santarém e Konduri, pertencentes ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, e tinha como finalidade fornecer subsídios cronológicos para as áreas Nhamundá-Trombetas e testar hipóteses de que existiria um cacicado socialmente e politicamente centralizado em Santarém. Neste estudo, a autora dispõe de dados “novos” (Pós-Palmatary), com o estabelecimento de uma cronologia preliminar, por analogia a cerâmicas datadas para o norte da América do Sul, entre 1000-1500 AD, classificadas por Meggers e Evans (1961) como pertencentes à Tradição Incisa e Ponteadada.

A exemplo de Palmatary (1939, 1960) e Guapindaia (1993), Gomes traça um panorama histórico e de pesquisa para o Baixo Amazonas. Para Gomes, “a classificação cerâmica instrumentalizou uma sequência cronológica hipotética” usando como critérios diagnósticos forma, decoração e tecnologia, observando que nem sempre foi possível atingir a uniformidade da nomenclatura, na medida em que existem formas, combinações de padrões decorativos e tipos de antiplástico ainda não registrados anteriormente (Gomes, 2002).

A cerâmica de Santarém

Inserida na tradição (e posteriormente horizonte) Inciso-Ponteadado por Meggers e Evans (1961), a cerâmica de Santarém é geralmente representada por três utensílios diagnósticos, que são os vasos de gargalo, vasos de cariátides e vasos globulares antropomorfos e zoomorfos. No segundo quartel do século XX, Frederico Barata realizou um trabalho relevante, com propostas explicativas e meticoloso detalhamento

estilístico, considerando que a cerâmica Santarém apresenta uma regularidade monolítica que beira a monotonia Barata (1953) e Roosevelt (1992) afirma que houve uma ruptura abrupta do modo pintado ao inciso e ponteadado. Para Schaan (2007), esses pressupostos constituem o fundamento para caracterizar análises tipológicas utilizadas em fases cerâmicas, como porta de acesso para explicar a entrada de outro grupo social no registro arqueológico.

Todavia, o conjunto cerâmico Santarém apresenta aspectos formais que denotam continuidade, evolução e inovações que foram incorporadas, compondo uma indústria pré-contato de alta sofisticação, que era desejada e levada para outras áreas via redes de troca (Heriarte, 1875).

A cerâmica Santarém, ao ser inserida no Horizonte Inciso-Ponteadado, fica enquadrada em uma classificação onde perpassa a ideia de conjuntos cerâmicos distintos e divididos entre o modo pintado e inciso-ponteadado. Isto, no entanto, não é corroborado pelas evidências presentes em contextos estratigráficos, que apresenta inclusive a fusão de ambos estilos em uma mesma peça. Sua contemporaneidade é atestada por datações realizadas em contextos bem preservados, que as coloca na mesma linha temporal. Trabalhos relevantes de Silva (2009) entre os Assurini, Barreto (2009) para o Marajó, Gomes (2010) para Santarém, discutem as implicações das técnicas decorativas, das representações e seus significados nas cerâmicas amazônicas do passado e do presente. Entretanto, essa problemática é pouco abordada pelos investigadores que parecem se preocupar mais com questões de ordem classificatória que com processos envolvidos no quadro evolutivo da cerâmica Santarém. Complexos cerâmicos contendo diferenças entre o modo pintado e inciso-modelado estão presentes em cerâmicas da tradição Borda Incisa antiga na região do Baixo Amazonas, ao exemplo da cerâmica Pocó (Hilbert, 1955), que concomitantemente apresenta os modos pintado e inciso-modelado, anteriores à Santarém em cerca de dez séculos. Isso nos leva a ponderar que estilos de artefatos diversificados na Amazônia estão associados a processos pré-coloniais de longa duração, e que nas cerâmicas das terras baixas, mudanças estilísticas podem ser elementos-chave de mudanças ideológicas e culturais nas sociedades indígenas amazônicas (Barreto, 2010)

Cerâmica Santarém de estilo globular

Como parte da dinâmica na manufatura cerâmica, processos de invenção, interação, empréstimos e reinvenções precisam ser considerados para as terras baixas e para a região do baixo curso do rio Amazonas, sendo a região de Santarém uma provável área de convergência cultural em períodos pretéritos.

A não observância deste fato nos tolhe a oportunidade de perceber processos de mudança cultural. Com isso, perdemos a oportunidade que deveria ser, na verdade, o foco da pesquisa arqueológica (Schaan, 2007). Um exemplo provável de reinvenção para a área de Santarém está caracterizado em um tipo cerâmico que lembra o estilo globular, presente nas calhas dos rios Nhamundá-Trombetas (Oriximiná, Terra Santa, Faro), descritas e datadas primeiramente por Hilbert, (1955), tendo como característica principal a sobreposição de esferas como possíveis representações zoomorfas, sendo desconhecidas as suas formas.

O estilo globular de Santarém está distribuído inicialmente nas áreas que compreendem o sitio urbano de Santarém (Prainha, Centro, Aldeia, Porto), margens do baixo Tapajós, Rio Arapiuns, Lago Grande de Vila Franca e nas áreas de planalto ao sul de Santarém, mapeadas e escavadas no âmbito dos projetos de Salvamento BR-163 e Selva Cultivada, onde trabalhos de prospecção e escavações revelaram um

modo pintado, com apliques modelados, que guarda semelhanças com o estilo globular nas áreas Nhamundá-Trombetas (Gomes, 2002; Amaral, 2004; Schaan; Amaral, 2012). As cerâmicas de estilo globular parecem ter influenciado as cerâmicas da fase Aldeia no centro de Santarém e áreas de planalto, pois vasos globulares zoomorfos e antropomorfos denotam nas bases em pedestal uma clara influência deste estilo, além de grafismos e incisões presentes em vasos clássicos da Tradição Inciso-Ponteadado (Amaral, 2004). Este fato parece indicar que ocorreram processos de aprimoramento, empréstimos e evolução na indústria cerâmica regional, ao contrário de substituições abruptas. Neste sentido, Gomes (2002) identifica uma forma de evolução nas representações modeladas que se tornam naturalistas. Um ponto singular na cerâmica de estilo globular de Santarém é a sua borda reforçada externa, derivada de utensílios que possuíam borda vertical ou extrovertida, e que em determinado período passaram a ser dobradas, formando um dos traços diagnósticos deste estilo. Os apliques modelados na forma de urubu e asas estilizadas são fixados nas bordas dos vasos pela técnica de ranhuras, uma característica própria da cerâmica Santarém (Figuras 3 e 4).

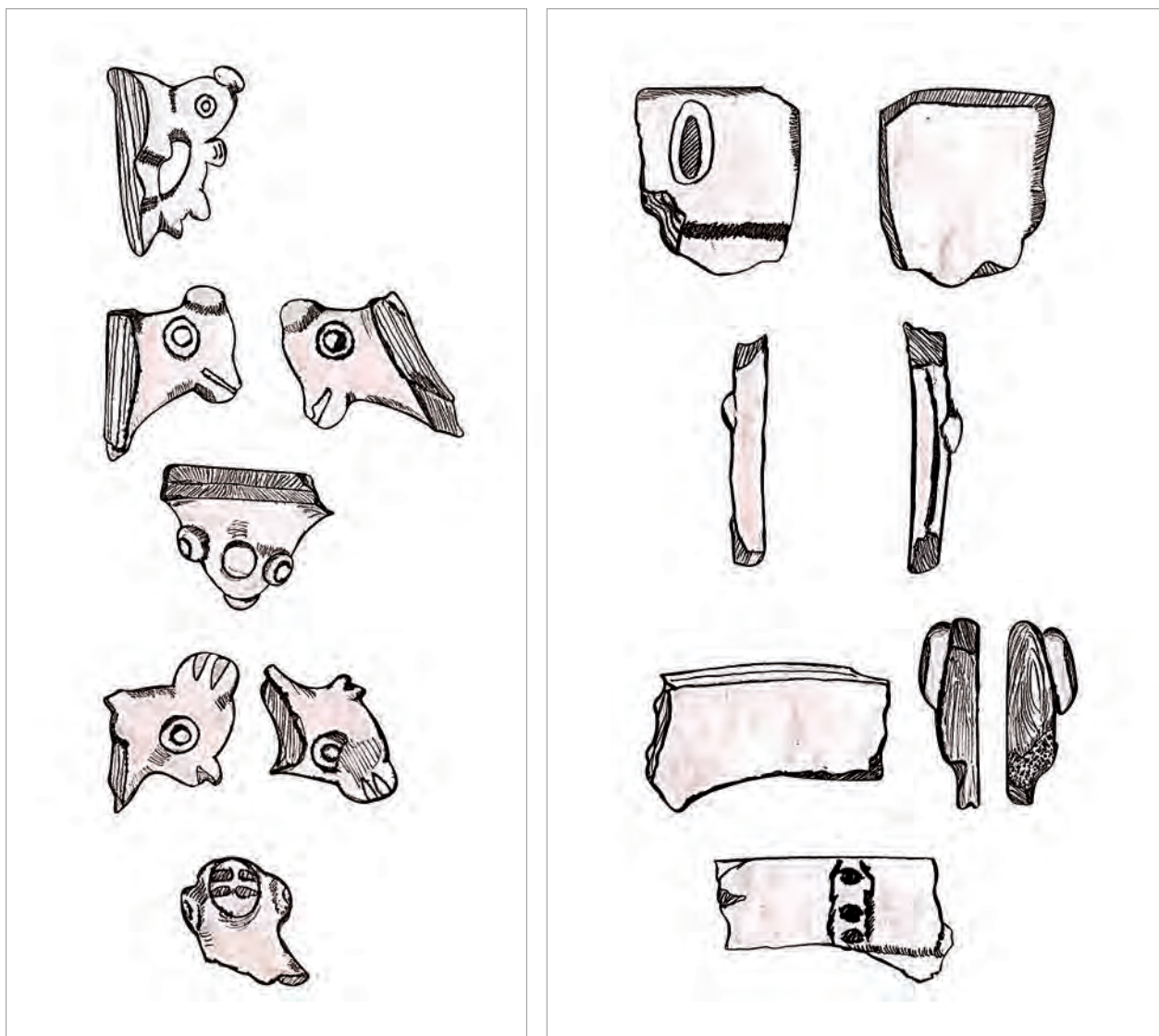


Figura 3. Apliques modelados com superfície aplicada com ranhuras. À esquerda apliques zoomorfos; à direita apliques sobre borda com botões e filetes aplicados.

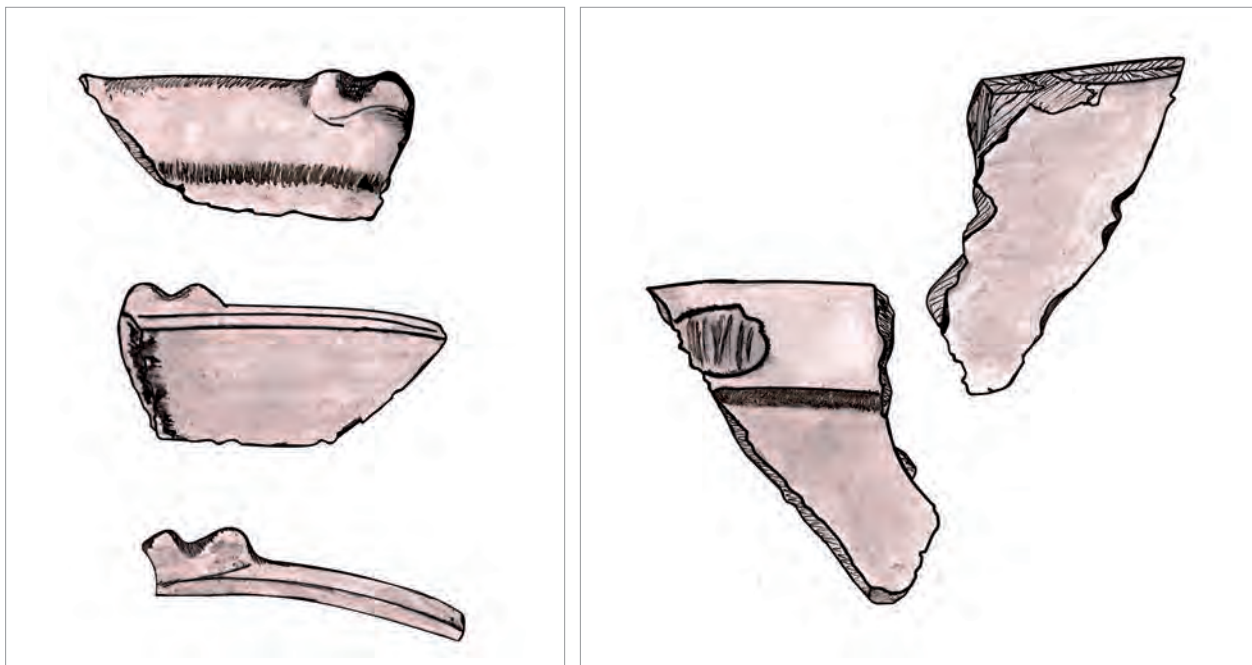


Figura 4. Fragmentos de borda com apliques. À esquerda, aplique no lábio, formando asa; à direita negativo de aplique com ranhuras.

Com base em reconstituições de fragmentos registrados em superfície e no pacote estratigráfico foi possível inferir que as vasilhas apresentam forma, modos de manufatura e técnicas decorativas similares a tigelas tronco cônicas invertidas (bordas extrovertidas, flanges labiais e base em pedestal). Com inovações que incluem a utilização de tampas, provavelmente encaixáveis em um canal existente no lábio, tendo na borda representações modeladas e no corpo pintura policroma, estas parecem indicar mudanças socioculturais no universo cerâmico Santarém, em um período próximo à chegada dos primeiros invasores europeus no século XVI (Figura 5).

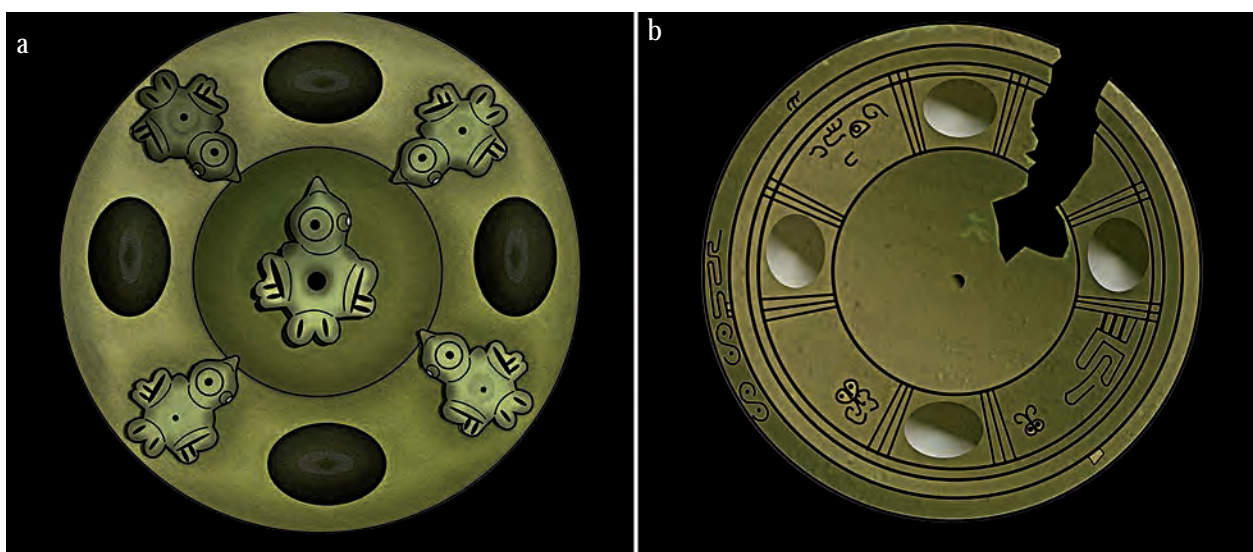


Figura 5. Provável tampa de estilo globular de Santarém encontrada na rua 24 de outubro. 5a) Face externa; 5b) Face interna. Vetorização de desenho por Luciana Leal.

Considerações finais

As crônicas apontam que no período do contato o centro da ocupação tapajônica na cidade de Santarém estava localizado um pouco a oeste do bairro Aldeia (mercado velho), e posteriormente deslocado para oeste, aos pés do morro da fortaleza. Para efeitos elucidativos, comparativos e cronológicos (pré-colonial, contato e colonial) serão necessários trabalhos sistemáticos de campo nestas três áreas do sítio urbano, para constatação de mudanças sincrônicas e diacrônicas na indústria cerâmica Santarém, favorecendo a compreensão e interpretação de mudanças socioculturais, como as observadas na cerâmica globular de estilo Santarém.

Também é preciso considerar que “variações” de estilo nem sempre são obras de invasão ou trabalho de oleira menos hábil ou aprendiz; e que processos de evolução local devem ser considerados, pois os “Tapajós” persistiram na linha temporal ao menos por cinco séculos, e certamente não chegaram (se é que chegaram) com uma indústria cerâmica pronta. Outras respostas podem ser exumadas nos sítios sedimentados localizados na faixa arenosa existente entre a margem do rio e a base do platô, bem como em suas bordas, que apresentou cerâmicas não datadas que fornecem indicativos de antiguidade e evolução que podem ter culminado com a cerâmica Santarém clássica registrada no período da invasão europeia.

Por fim, classificações cerâmicas e suas interpretações consistem em uma temática que historicamente tem suscitado acirrados debates acadêmicos e que segue sendo uma problemática a ser melhor trabalhada na arqueologia das terras baixas.

Guardadas as disputas acadêmicas, estamos longe de obter uma forma de classificação cerâmica isenta de falhas. O que tem contribuído de maneira positiva para a busca de novas respostas é o desenvolvimento da pesquisa de campo nas últimas duas décadas, onde novas formas ou tipos vão surgindo e desconstruindo classificações anteriores postuladas, abrindo desta maneira perspectivas para novas propostas classificatórias, metodológicas e interpretativas para a cerâmica Santarém.



AS CERÂMICAS DOS SÍTIOS A CÉU ABERTO DE MONTE ALEGRE: SUBSÍDIOS PARA A ARQUEOLOGIA DO BAIXO AMAZONAS

Cristiana Barreto
Hannah Fernandes Nascimento

RESUMEN

Las cerámicas de los sitios al aire libre de Monte Alegre: aportes para la arqueología del Bajo Amazonas.

Este artículo presenta los primeros resultados del análisis cerámico de materiales procedentes de sitios al aire libre en la región de Monte Alegre. Monte Alegre durante mucho tiempo ha sido conocida por los sitios de arte rupestre abundantes e impresionantes, así como por los registros de ocupación humana muy temprana en la cueva Pedra Pintada excavada por Roosevelt hace 20 años. Un nuevo proyecto de investigación en la zona, con un enfoque regional más amplio, empieza a investigar la diversidad de registros arqueológicos, incluidos los sitios de cerámica al aire libre de un período más reciente, comenzando alrededor del siglo XII dC. Los datos muestran que a pesar de la proximidad con Santarém y alguna influencia de sus estilos cerámicos, los materiales de Monte Alegre exhiben un patrón particularmente local, permeado por elementos no solamente del estilo Santarém (y Konduri), sino también por elementos de lo que parece ser un complejo estilístico intercultural en el bajo Amazonas, que está siendo identificado con materiales Koriabo. En base a estos datos, el artículo analiza las relaciones entre la duración de las ocupaciones de cerámica en la zona y los desarrollos sociales posteriores, así como la dinámica de los flujos estilísticos sugerida por estos materiales más recientes en contextos más amplios de la región del Bajo Amazonas.

ABSTRACT

Ceramics from open air sites in Monte Alegre: contributions for the archaeology of lower Amazon.

This paper presents the initial results of ceramic analysis with materials from open air sites in the Monte Alegre region. Monte Alegre has long been known for the abundant and impressive rock art sites, as well as for the records of very early human occupation at the cave Pedra Pintada dug by Roosevelt 20 years ago. A new research project in the area, with a wider, regional approach, is now investigating the diversity of archaeological records in the area, including open air ceramic sites pertaining to the a more recent occupational period, starting around the XII century AD. The data shows that despite the proximity of Santarém, and some influence from its ceramic styles, Monte Alegre ceramics exhibit a local, particular pattern, being permeated by elements from not only Santarém (and Konduri) styles, but also by what seem to be a cross-cultural stylistic complex in the Lower Amazon, now being identified with Koriabo materials. Based on these data, the paper discusses the relation between the longevity of ceramic occupations in the area and later social developments, as well as the dynamics of stylistic flows suggested by these more recent materials in the wider context of the Lower Amazon region.

Introdução

Apresentamos aqui os primeiros resultados das análises de cerâmicas provenientes de sítios a céu aberto pesquisados no âmbito do projeto “A Ocupação Pré-Colonial de Monte Alegre (Pará)”¹. O projeto visa entender a ocupação humana na região de Monte Alegre, em uma região da Amazônia que se destaca tanto pela antiguidade e longa duração registradas para a ocupação humana, como pela diversidade de vestígios e contextos arqueológicos, com sítios em abrigos e a céu aberto, indústrias líticas e cerâmicas variadas, além da arte rupestre.

Monte Alegre, município paraense localizado no Baixo Amazonas, a leste de Santarém, é certamente a região amazônica que mais despertou a atenção de viajantes, naturalistas e pesquisadores desde o século XIX, atraídos, sobretudo, pelo impressionante conjunto de serras areníticas com pinturas rupestres, que vêm sendo documentadas e estudadas por Edithe Pereira desde a década de 1980 (Pereira, 1992, 1996, 2003, 2010). Também na década seguinte, a arqueologia de Monte Alegre ficou conhecida pelas escavações coordenadas por Anna Roosevelt na Caverna da Pedra Pintada, gerando dados importantes sobre a antiguidade tanto de ocupações pré-ceramistas como de ceramistas, com uma sequência local de 11 mil anos (Roosevelt et al., 1996).

Contudo, em decorrência das datas antigas obtidas nas escavações de Roosevelt, pouca atenção foi dada às ocupações ceramistas mais recentes, mesmo tendo sido identificados muitos sítios cerâmicos nesta região, tanto junto às serras com abrigos e cavernas, a exemplo da própria Caverna da Pedra Pintada, como em áreas de floresta e cerrado, em solos de terra preta, e em campinaranas ao longo da várzea. Além disso, a sequência documentada na Caverna da Pedra Pintada oferece dados apenas pontuais daquele local específico, ficando difícil inseri-la em um contexto regional mais amplo de complexos cerâmicos para o Baixo Amazonas. Este novo projeto visa justamente entender a ocupação da região como um todo, e as dinâmicas dos diferentes sistemas de assentamentos ao longo do tempo.

A área pesquisada corresponde à área do Parque Estadual de Monte Alegre, e seu entorno imediato (Figura 1), abarcando um verdadeiro mosaico de ambientes diversificados, desde as serras areníticas, com suas variadas formações, entre as quais abrigos e cavernas com pinturas rupestres; e áreas planas com vegetações variadas, com ilhas de florestas em ambientes de savana, até as campinaranas e várzeas anualmente inundadas ao longo de pequenos e grandes lagos e do próprio rio Amazonas.

Vestígios cerâmicos ocorrem em quase todos os sítios arqueológicos identificados na área, por vezes representando ocupações de locais anteriormente habitados, estando presentes na área por milhares de anos até a colonização europeia. Para entendermos a dinâmica temporal e cultural dessas ocupações ceramistas é preciso não só entender as condições locais sobre as quais elas se dão, mas também os contextos cronoculturais regionais em que se inserem. Assim, além de apresentarmos os dados da análise cerâmica, levantamos também uma discussão sobre como inserir Monte Alegre no contexto regional dos complexos cerâmicos do Baixo Amazonas.

1. Este projeto é coordenado por Edithe Pereira junto ao Museu Paraense Emílio Goeldi e conta com a participação das autoras e dos pesquisadores Marcos Magalhães e Carlos Augusto Palheta Barbosa (MPEG), Maria Jacqueline Rodet, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Claide Moraes, Anne Rapp Py-Daniel e Myrtle Shock, da Universidade do Oeste do Pará (UFOPA). O projeto é financiado pelo CNPq.

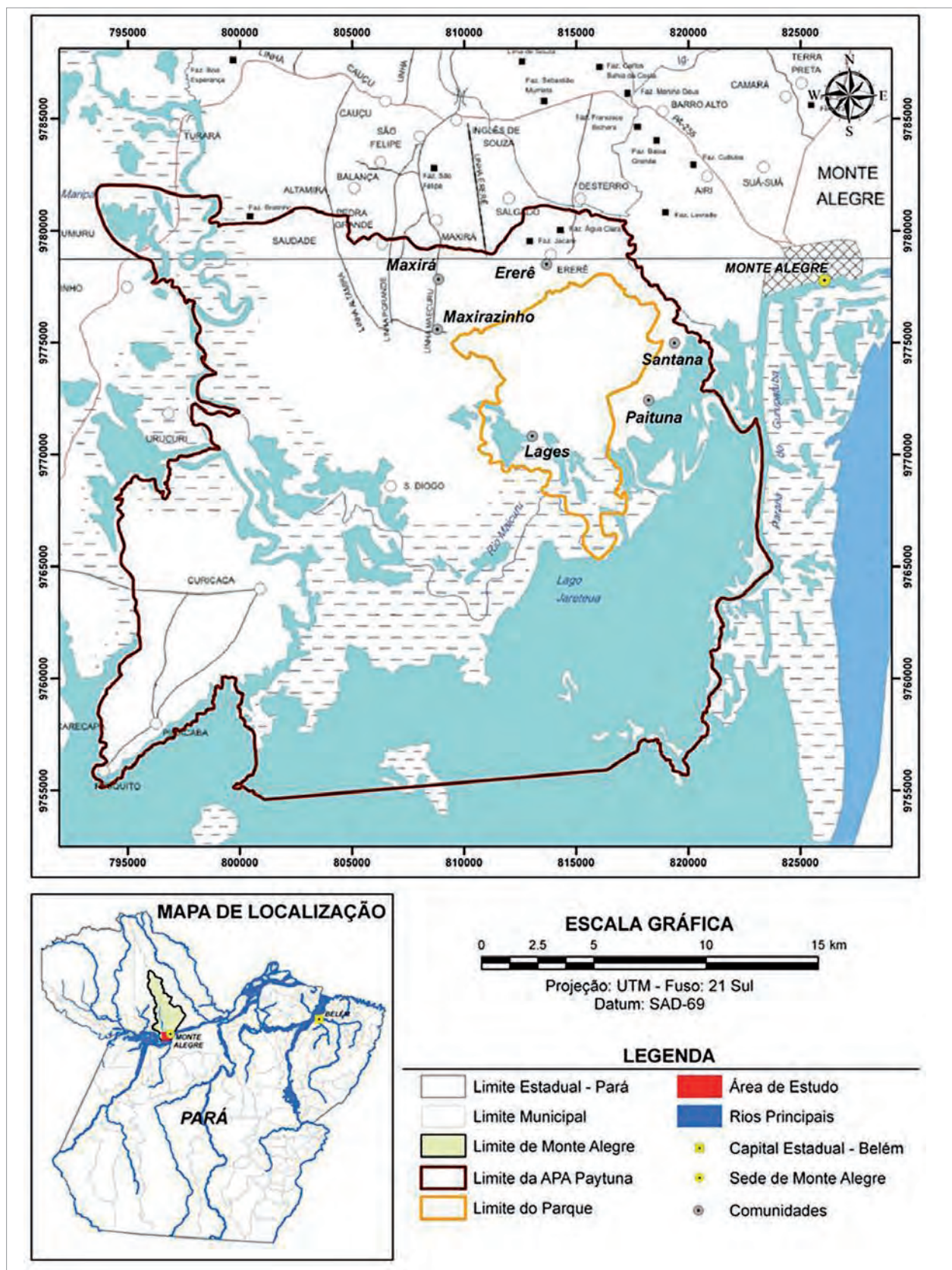


Figura 1. Localização da área de pesquisa. A área delimitada em amarelo corresponde ao Parque Estadual de Monte Alegre. Fonte: Secretaria de Meio Ambiente (PA), 2008.

Antiguidade e complexidade da sequência cerâmica em Monte Alegre

Na Caverna da Pedra Pintada, Roosevelt e colaboradores (Roosevelt et al., 1996) propuseram uma sequência de ocupação pré-colonial para Monte Alegre, de acordo com o esquema cronológico que Roosevelt propôs para toda a região amazônica, com os horizontes denominados de Paleoíndio, Arcaico, Formativo e Cacicados. Após o período Monte Alegre, que corresponde ao horizonte paleoíndio local (entre 10.200 e 9.800 AP), Roosevelt elenca os seguintes períodos de ocupações ceramistas:

- *Paituna* (7.580 e 6.625 AP), pertencente ao Arcaico, quando se dá a transição para a agricultura e para uma tecnologia cerâmica;
- *Aroxi* (3.603, 3.410 e 3.230 AP), inserida no período Formativo, quando a agricultura se instala definitivamente na região;
- *Pariçó* (675 e 430 AP), pertencente ao horizonte Cacicados, que marca o componente tardio da Caverna da Pedra Pintada, relacionado às mudanças que ocorreram substancialmente na cultura material, na economia, na demografia e na organização social e política das populações indígenas do Baixo Amazonas.

Devemos notar que, apesar da plausibilidade desta sequência, ela se embasa em uma interpretação histórico-cultural para toda a bacia amazônica, com um único sentido evolutivo, que se inicia com o paleoíndio e termina com os cacicados pré-conquista. Contudo, muitos projetos regionais na bacia amazônica vêm evidenciando que nem sempre a história da ocupação humana pré-colonial foi uniforme e unilinear, mas sim caracterizada pela alternância entre períodos de aparente estabilidade, entremeados por mudanças bruscas nos padrões de organização social, econômica e política de certas regiões. Além disso, existem hiatos cronológicos e processos regionalizados, como o fato de que, a partir de cerca de 7.500 BP, os sinais visíveis de ocupação ficam restritos a algumas regiões específicas, como a área estuarina e o Baixo Amazonas, onde se insere Monte Alegre (Neves, 2008).

Em relação às ocupações ceramistas, buscamos explorar duas questões. A primeira é a suposta relação entre a antiguidade da introdução da cerâmica na área (por volta de 7.500 anos AP, conforme proposto por Roosevelt²) e a complexidade dos conjuntos cerâmicos do final da sequência que desembocaria em cacicados complexos.

Por repetidas vezes, Roosevelt argumentou que, no Baixo Amazonas, o surgimento de cacicados ou de sociedades mais complexas, como em Santarém e Marajó, seria resultante do fato de que nessas regiões tem-se uma sequência ocupacional muito longa, introduzindo a ideia de quanto maior a profundidade temporal das ocupações locais, maior a probabilidade de uma trajetória levando à formação de cacicados complexos:

Está claro que os 'cacicados' na Amazônia provieram diretamente de culturas cerâmicas anteriores da Amazônia ocidental, bem distante dos Andes. A mais antiga delas foi encontrada no Baixo

2. Lembramos, no entanto, que a antiguidade da cerâmica na Caverna da Pedra Pintada é documentada de forma ainda bastante ambígua. Roosevelt menciona seis datas entre 7.580 e 6.625 anos AP para o que ela denominou de cultura Paituna, correspondente ao Arcaico local. As datas são provenientes de ossos de quelônios, conchas e de um fragmento de concha usado como tempero na pasta de uma cerâmica. A única cerâmica deste estrato, datada diretamente por TL resultou em uma data bem mais recente de 4.710 anos AP. Assim, consideramos que ainda são necessárias não só mais datações, mas também uma melhor caracterização desta cerâmica antiga do ponto de vista tecnológico e estilístico.

Amazonas e sua influência difundiu-se, a partir daí, em direção às várzeas pré-andinas e não o contrário. Muitas das sociedades complexas das terras baixas parecem ter sido culturas de longa duração que, ao invés de terem decaído no ambiente tropical, antes cresceram em escala e sofisticação ao longo do tempo e muitos dos seus sítios caracterizam-se como urbanos em tamanho e complexidade (Roosevelt, 1992: 54-55).

Assim, a questão que se coloca é qual a relação desta antiguidade com os desenvolvimentos posteriores à instalação desses ceramistas na região. Estaria esta relação na base da recorrente sobreposição encontrada em várias regiões da Amazônia de complexos cerâmicos diversificados recentes sobre ocupações cerâmicas formativas antigas (Pocó-Açutuba), como, por exemplo, na Amazônia Central, na região de Tefé e na região do Trombetas, conforme documentado por Neves et al., (2014)?

Por outro lado, considerando a proposta de Roosevelt, não deveríamos ter indícios da presença de um cacicado complexo também em Monte Alegre, vista a antiguidade e longa duração da ocupação local? Ou teríamos desenvolvimentos em ritmos distintos em regiões nucleares e periféricas aos grandes cacicados, em Santarém e em Monte Alegre, por exemplo? Estaria Monte Alegre sob a influência do cacicado de Santarém e, neste caso, porque ele teria se desenvolvido em Santarém e não em Monte Alegre, com uma sequência ocupacional mais antiga, de acordo com o que sabemos até o momento?

A segunda questão trabalhada no estudo das cerâmicas de Monte Alegre é a de uma caracterização estilística voltada para a sua relação com os contextos regionais vizinhos. Até que ponto semelhanças e diferenças estilísticas, quando inseridas no contexto mais amplo do Baixo Amazonas, podem revelar diferentes configurações na interação regional desses povos ceramistas? Mais especificamente, o que nos dizem os estilos sobre como essas sociedades se desenvolveram, se relacionados à participação e controle de determinadas sociedades em fluxos regionais, redes de troca, alianças de guerra, enfim, em processos de interação regional de diferentes alcances territoriais?

Monte Alegre no contexto regional dos complexos cerâmicos do Baixo Amazonas

Monte Alegre situa-se no que poderíamos chamar de “periferia” de Santarém. Embora esteja na margem oposta do Amazonas, a aproximadamente 200 quilômetros a nordeste, o Lago Grande de Monte Alegre integra uma extensa região de lagos ao longo da calha do Amazonas, próximo à foz do Tapajós, onde se encontra o sítio Aldeia, em Santarém. Sabemos também que desde a colonização até os dias atuais, há uma estreita relação econômica e administrativa de Monte Alegre com Santarém. Para além da relação com Santarém e a foz do Tapajós, pode-se dizer também que Monte Alegre pertence a um universo ambiental típico dos vales da calha Norte do Baixo Amazonas que têm suas nascentes no Planalto das Guianas e correm para o sul em direção ao Amazonas, relativamente encaixados em serras areníticas, e ao chegar na planície, espalham-se formando grandes lagos paralelos à várzea do Amazonas. Este é o caso dos rios Nhamundá, Mapuera, Trombetas, Paru do Oeste, Curuá e do Maicuru, sendo este último o que forma o Lago Grande de Monte Alegre.

Independentemente das serras onde existem muitos sítios em abrigos e cavernas, a região de Monte Alegre apresenta também muitos sítios cerâmicos a céu aberto, tanto no longo do rio Maicuru, como nas áreas serranas e de várzea.

Em 2012, prospecções realizadas tanto no âmbito deste projeto como também no de um inventário de sítios e coleções realizado em todo o município de Monte Alegre (Pereira et al., 2013), localizaram 34 sítios cerâmicos (dentre um total de 55 sítios, localizados na Figura 3). Além das cerâmicas documentadas nestes sítios, o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) também guarda algum material de proveniência de Monte Alegre, de diversas coleções formadas e doadas por viajantes, moradores e pesquisadores (entre estes Frederico Barata e Peter Hilbert). Nimuendaju esteve em Monte Alegre em 1924 e também coletou cerâmicas à superfície de sítios a céu aberto, documentadas em algumas das pranchas de publicação póstuma (Nimuendaju, 2004: 295-300). Visto que muitos dos sítios arqueológicos encontram-se hoje bastante impactados pelas atividades agropecuárias da região, restando poucos fragmentos diagnósticos à superfície, estes registros de épocas mais antigas são importantes para a documentação, justamente das ocupações ceramistas mais recentes, cujos vestígios em geral são os primeiros a serem destruídos.

Uma análise preliminar das cerâmicas dessas coleções mais antigas de Monte Alegre denotam claramente elementos típicos das cerâmicas Inciso-Ponteadas. A presença de cariátides, estatuetas, vasilhames com bases anelares e em pedestal, gargalos, decorações incisivas e ponteadas, apliques em filetes e botões, apêndices com caretas, bordas vazadas, bordas com alça, além de algumas das formas de vasilhames, remetem claramente aos estilos dos complexos cerâmicos Santarém e Konduri.

Contudo, apesar das semelhanças estilísticas, estas cerâmicas apresentam pastas mais heterogêneas, uma grande variedade na densidade do cauxi e um grau de acabamento bem mais grosseiro que a típica cerâmica tapajônica encontrada na área de Santarém, o que parece ser típico também das cerâmicas Konduri, de acordo com Hilbert (1955) e Guapindaia (2008:49). Além disso, existem outros elementos que parecem destoar dos repertórios conhecidos para ambos os estilos. Mesmo dentre os elementos Santarém ou Konduri conhecidos, apenas alguns parecem ter sido escolhidos para repetição em grande profusão, como as bordas com pequenas incisões ou entalhes paralelos, os ponteados em linha simples ao longo dos lábios e ombros e as flanges labiais formando bicos triangulares. Estes elementos são compatíveis com as variações observadas por Guapindaia (2008) e Gomes (2002), por vezes denominando estas variações como “Estilo de influência Konduri”, ou diferentes modos, tal qual o “Konduri ponteados em profusão” e outros (Figura 2).

Dentre as características que destoam dos estilos Santarém e Konduri, e que aparecem tanto nas coleções do Museu Goeldi como nas pranchas do material coletado por Nimuendaju (2004: 295-300), estão as flanges labiais extensas e planas, às vezes com abaulamentos circulares e com lábios recortados formando vários lóbulos, dando ao vaso um aspecto floriforme, semelhantes às bordas de vasos abertos descritos para a fase Koriabo, tanto nas Guianas como nas áreas mais montanhosas do Amapá (Rostain, 1994; Boomert, 2004; Cabral, 2011; Saldanha et al., neste volume). De acordo com Saldanha, um dos elementos mais característicos da cerâmica Koriabo são as tigelas contendo uma grande de flange labial, muitas com lábio “polilobado” ou “floriforme”.

Outros elementos que aparecem nestas coleções de superfície provenientes de Monte Alegre, como bordas ocas, tigelas com engobo ou banho na parte interna, apliques em filetes e botões (ou pastilhas) incisivos e ponteados, estão presentes tanto nas cerâmicas Konduri como nas cerâmicas Koriabo, apesar das formas dos vasilhames serem distintas. Assim, em Monte Alegre parece haver uma confluência de alguns elementos

Santarém e Konduri, com outros Koriabo, restando-nos entender a natureza do fluxo estilístico nestes horizontes mais recentes ao longo do Baixo Amazonas e a posição de Monte Alegre nesta dinâmica.

Considerando a possibilidade da região de Monte Alegre estar integrada ao universo cultural mais amplo, da calha norte do baixo Rio Amazonas, incluindo as Guianas e Amapá, e que o rio Maicuru, que deságua no Amazonas na altura de Monte Alegre, poderia ter sido uma via de fluxo estilístico em um eixo Norte-Sul, entre as áreas montanhosas das Guianas e Amapá e a região lagunar do Baixo Amazonas, voltamos a nossa atenção para uma melhor caracterização da distribuição temporal e espacial das cerâmicas Koriabo das Guianas e Amapá, disponível na bibliografia.

De acordo com Saldanha et al. (neste volume), a fase Koriabo, inicialmente identificada por Evans e Meggers (1960), foi datada relativamente entre 800 e 400 AP. Apesar de várias datas discordantes, hoje parece haver um consenso que as cerâmicas Koriabo se situam em uma faixa temporal entre 1200 à 400 AP (Boomert, 2004), indicando contemporaneidade com os estilos cerâmicos do Baixo Amazonas, tanto Santarém, com datas iniciando por volta de 800 AD (Gomes, 2002), como Konduri, estimado entre 1000 e 1500 AD (Hilbert, 1955; Guapindaia, 2008). As cerâmicas Koriabo foram inicialmente classificadas por Evans e Meggers como uma fase da Tradição Polícroma da Amazônia, mas hoje apresenta repertórios técnico-estilísticos mais bem conhecidos e documentados, com muitos elementos em comum com a cerâmica Konduri e com os estilos da Tradição Inciso-Ponteadado em geral, sobretudo no que diz respeito às decorações plásticas, com a presença de apliques antropomorfos e zoomorfos, aplicação



Figura 2. Peças provenientes de Monte Alegre em antigas coleções do Museu Paraense Emílio Goeldi. Acima, à esquerda, vaso de estilo Santarém com acabamento grosseiro; abaixo borda recortada, figura antropomorfa e decoração com apliques que remetem a outros estilos, notadamente Koriabo. Fotos: Cristiana Barreto e Edithe Pereira.

de filetes, botões e incisões sobre apliques. Contudo, sua enorme área de dispersão e os contextos específicos em que é encontrada colocam ainda muitas questões sobre a correspondência dessas cerâmicas a uma fase ou cultura específica, ou se seria apenas um gênero de cerâmica cerimonial, possivelmente compartilhado por muitas culturas que ocuparam a calha norte do Baixo Amazonas por um longo período de tempo (Cabral, 2011).

Ao analisar as amostras cerâmicas provenientes das escavações, consideramos a possibilidade de estarmos lidando com conjuntos cerâmicos que incluem este gênero de cerâmica cerimonial em uma matriz talvez mais semelhante às cerâmicas dos complexos Santarém e Konduri – ou outra diferenciada, de caráter mais local.

Dentre os 55 sítios arqueológicos conhecidos na área de pesquisa e seu entorno, 34 apresentaram material cerâmico na sua superfície. 29 são sítios a céu aberto, enquanto outros seis são sítios que estão em abrigos e cavernas das formações areníticas da região, muitos deles apresentando também registros rupestres e materiais líticos lascados e polidos (Figura 3).

Dentre os 34 sítios cerâmicos identificados, foram escavados três sítios a céu aberto: Santana (PA-MT-26), Coroatá (PA-MT-59) e Caminho da Pedra Pintada (PA-MT-60), localizados no mapa da Figura 3. Aqui vamos descrever com mais detalhe as cerâmicas dos dois primeiros sítios, sendo os que resultaram em amostras mais significativas.

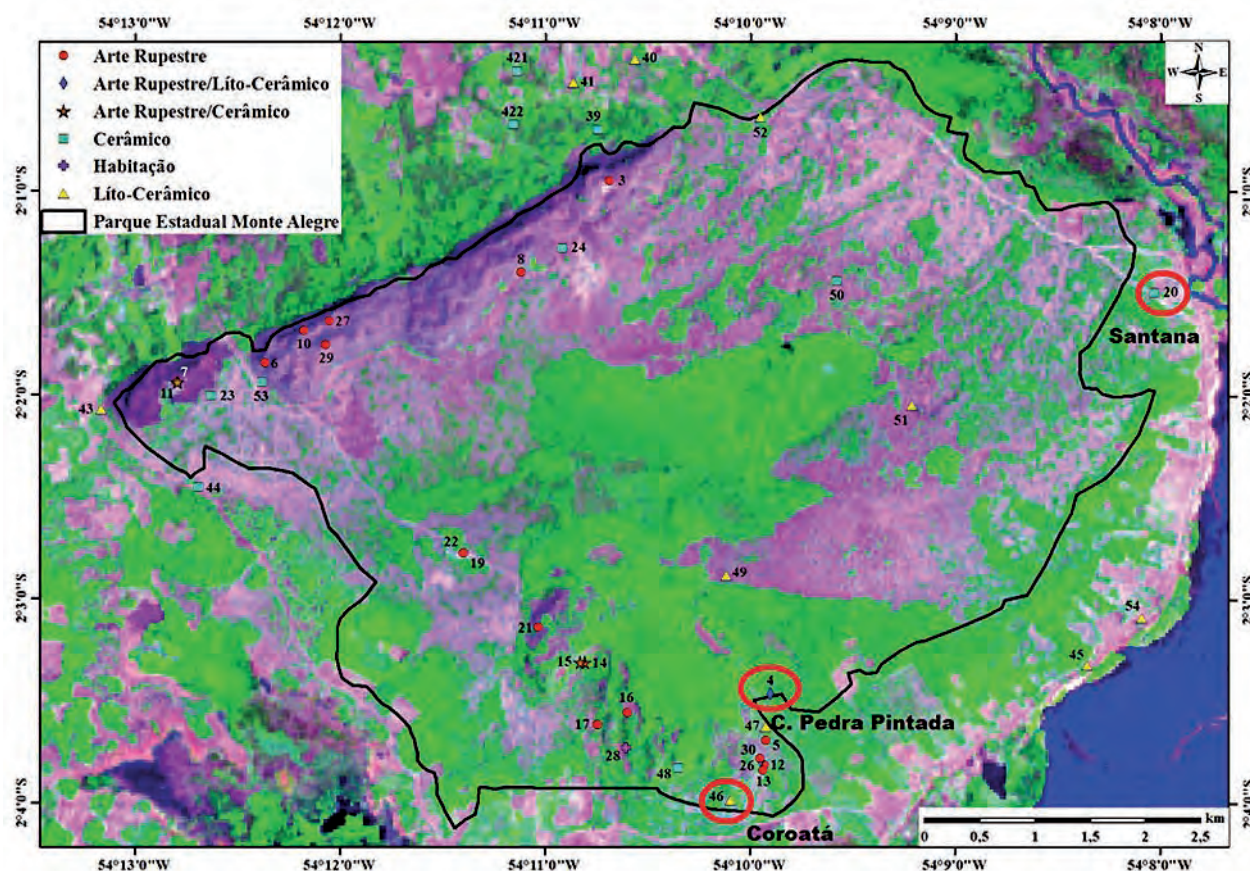


Figura 3. Localização dos sítios arqueológicos na área de pesquisa e entorno. Os sítios mencionados (Caverna da Pedra Pintada, Santana e Coroatá) estão circunscritos em vermelho. Mapa: Carlos Barbosa, 2015.

Cerâmicas do Sítio Santana (PA-MT-26)

Trata-se de um sítio de terra preta, localizado próximo aos limites do PEMA, junto à comunidade de Santana, e que abrange uma área aproximada de 300 x 250 metros, definida a partir da presença de terra preta associada à ocorrência de material arqueológico (cerâmica e líticos). Situado em média e baixa vertente, em setor mais plano e mais alto em relação ao igarapé Ererê, a vegetação atual é de capoeira, em função do desmatamento da área. Um grande lago marca a paisagem, estando a poucos metros do sítio, dependendo da estação, sendo este muito rico em peixes.

As amostras de cerâmicas analisadas deste sítio conta com um total de 2487 fragmentos cerâmicos. Este sítio foi escolhido para pesquisas mais sistemáticas por apresentar uma grande densidade de material cerâmico aflorando à superfície, ou sob uma leve camada de areia recobrindo a terra preta, o que costuma ser um bom indicador de solos antropizados.

Entre os trabalhos de campo e de prospecção e escavação, uma nova estrada foi aberta, cortando toda a extensão do sítio próximo à sua área central, revelando não só a terra preta, mas uma quantidade expressiva de fragmentos e peças semi-inteiras. Foi realizada uma coleta de materiais diagnósticos (bordas, bases e fragmentos decorados) ao longo desta estrada, o que proporcionou uma boa coleção de referência para a variabilidade cerâmica ao longo de toda a extensão do sítio (304 fragmentos). Além disso, em etapa de campo subsequente, foram realizadas sondagens para a delimitação do sítio, onde foram coletados mais 495 fragmentos. O grosso da amostra deste sítio, porém, provém de uma escavação realizada na área mais alta e plana, de 4 x 4 m, com 1.688 fragmentos.

As cerâmicas deste sítio apresentaram pouca variabilidade tecnológica e estilística. Mais da metade do material tem uma pasta bastante homogênea, com a adição de areia (55%), mas também aparecem cauxi (32%), caco moído (25%) e cariapé, este último em quantidades restritas a 1%. As paredes são bem alisadas e regulares, com pouca ou nenhuma variação de espessura. As vasilhas são relativamente bem queimadas, resultando em vasilhas de paredes relativamente finas e bem resistentes.

Dentre os tipos de forma mais recorrentes, encontram-se as vasilhas grandes, abertas, com base plana e contorno direto, tigelas médias com bordas infletidas externamente ou com ombros próximos às bordas, e os pequenos pratos com bordas espessas. As bordas frequentemente são ocas, dobradas ou reforçadas externamente e recebem pequenos apliques ou flanges labiais. A maior parte das decorações ocorre sobre as bordas, lábios e flanges labiais (Figura 4).

A proporção dos fragmentos decorados é baixa, totalizando apenas 10% do total do material, mesmo tendo sido feita a coleta de superfície direcionada para apenas peças com elementos diagnósticos (fragmentos de bordas, bases e paredes decoradas).

A decoração mais frequente é plástica (entalhes, incisões, ponteados, digitados e apliques), sempre na superfície externa (92%), e como já foi dito, na região das bordas e lábios, mas por vezes também em ombros. A pintura e o engobo vermelho aparecem em proporções bem menores. Um dos elementos mais diagnósticos são os ponteados e entalhes paralelos ao longo das bordas e ombros e os bicos formados nos lábios de bordas reforçadas, com apliques ou flanges (Figuras 4 e 5). Sobre as flanges são comuns linhas incisadas retas e onduladas.

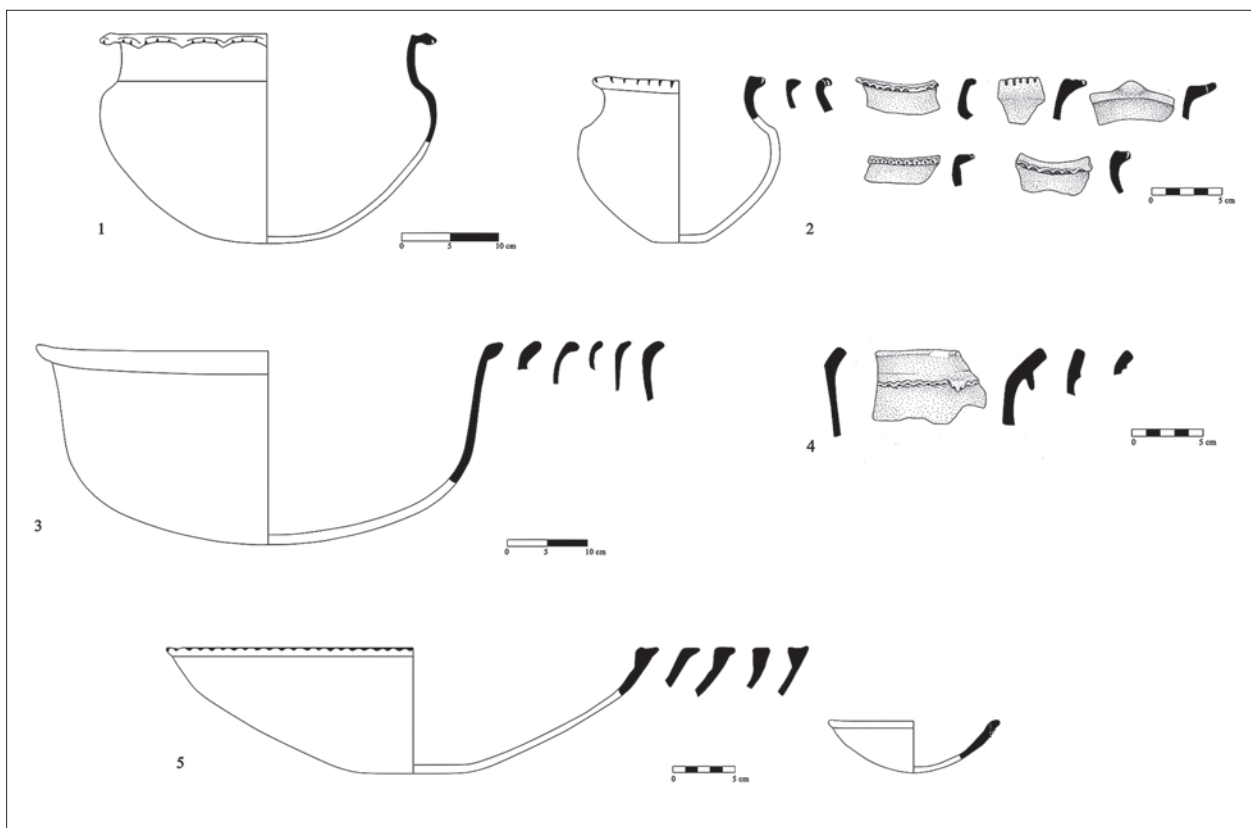


Figura 4. Morfologia de vasilhas e bordas decoradas dos sítios Santana (2 a 5) e níveis superiores da Caverna da Pedra Pintada (1). Desenhos: Erêndira Oliveira.

Quando há decoração nas paredes, estas também são feitas com incisões, acanalados rasos e escovados espessos, formando linhas paralelas ou motivos geométricos do tipo “espinha de peixe” (Figura 5).

Dos pontos de vista tecnológico e estilístico, não parece haver mudanças significativas na cerâmica coletada na superfície do sítio e nos diferentes níveis da escavação. Alguns elementos diagnósticos, como as bordas entalhadas com bico, perduram ao longo de toda a sequência arqueológica.

Até o momento, foram feitas três datações para este sítio. Duas datas obtidas por análise de termoluminescência³ de fragmentos cerâmicos provenientes da mesma camada espessa de sedimento escuro são condizentes com esta homogeneidade observada no material: 680+-90 anos AP e 720+-120 anos AP, e nos remetem a uma ocupação, por volta do século XIII. Uma terceira data de C14⁴, na base da mesma camada de ocupação resultou em 2420+-20 anos AP, o que nos remete a uma ocupação bem mais antiga, por volta do século IV antes da era cristã.

Estas referências cronológicas são bastante interessantes, na medida em que mostram que a ocupação cerâmica datada do século XIII certamente era contemporânea às ocupações conhecidas a oeste de Monte Alegre para as áreas de Santarém e Trombetas, correspondendo aos complexos cerâmicos Santarém e Konduri. De fato, a cerâmica encontrada neste sítio apresenta algumas semelhanças com as desses complexos, como as decorações incisivas e ponteadas e os apliques e flanges labiais.

3. Amostras n^{os} 3842 e 3843 processadas no laboratório Datação, São Paulo.

4. Amostra Beta-349954, data convencional 2420+-30 anos AP; data calibrada (2sigma) 2510 anos AP a 2350 anos AP.



Figura 5. Elementos decorativos das cerâmicas do sítio Santana: bordas com flanges e apliques incisos e ponteados formando bicos; paredes com incisões e acanalados em linhas paralelas; paredes com incisões finas em motivos “espinha de peixe”. Fotos: Cristiana Barreto.

Contudo, assim como nas coleções históricas do MPEG, o sítio Santana não apresenta materiais com o mesmo grau de acabamento e complexidade dos materiais tapajônicos, e parecem apenas emular alguns elementos desta cerâmica em uma versão menos elaborada e em combinação com um estilo local, com os elementos preponderantes descritos acima.

A datação mais antiga parece mais problemática, pois é improvável que o mesmo complexo cerâmico tenha tão grande antiguidade, mantendo os mesmos elementos diagnósticos. Contudo, é possível que esta data testemunhe outra ocupação humana no local, não só bem mais antiga, mas também com cerâmicas equivalentes ao período da Tradição Pocó-Açutuba, que aparecem a oeste de Santarém, na região de Trombetas, na Amazônia Central, em Tefé, entre outras, com algumas datas do primeiro milênio antes da era Cristã (Neves et al., 2014). Nas regiões de Trombetas e Santarém é comum que os sítios desta tradição sejam posteriormente reocupados por ocupações do complexo cerâmico e Konduri. Portanto, é possível que tenhamos uma situação análoga no sítio Santana. Talvez os poucos fragmentos com engobo vermelho e decoração pintada, subrepresentados nas amostras coletadas na escavação, resultem desta possível ocupação mais antiga, mas ações antrópicas em período mais recente podem ter misturado dois conjuntos cerâmicos distintos. Por enquanto, o melhor seria considerar esta data mais antiga com reservas, até que outros dados de contexto e mais datações indiquem, de fato, esta possibilidade de um horizonte cerâmico mais antigo neste sítio.

Cerâmicas do sítio Coroatá (PA-MT-59)

O sítio Coroatá é um sítio de terra preta em área plana, entre a encosta da Serra do Paituna e o Lago Tucumã. Apresenta uma área ovalada, de aproximadamente 150 por 200 metros, e conta com grandes blocos de arenito à superfície, já como o início dos afloramentos maiores, que compõem a base da serra. Um desses blocos apresentou pinturas rupestres. Este sítio está bastante próximo a outros sítios rupestres, além da própria Caverna da Pedra Pintada (Figura 3).

Aqui, a densidade da cerâmica é também bastante alta à superfície e foram realizadas uma coleta de superfície de elementos diagnósticos (bordas, bases e fragmentos decorados), várias sondagens e duas escavações de 1m² e 2x1m, respectivamente, resultando em um total de 577 fragmentos.

Apesar de uma amostra bem menor que a do sítio Santana, a análise da cerâmica identificou conjuntos muito mais diversificados do ponto de vista tecnológico e estilístico. As pastas levam os mesmos elementos e em quantidades semelhantes, areia (55%), cauixi (37%), caco moído (23%) e cariapé (1%). Isto nos mostra que as pastas das cerâmicas de ambos os sítios são compostas com as mesmas argilas locais e foram tratadas de forma similar. No entanto, as diferenças de espessura das paredes são mais amplas, mostrando dois modos distintos de acabamento; há vasilhas com paredes mais irregulares e diferentes graus de alisamento de sua superfície, e outras com um acabamento e regularidade mais consistentes.

Aqui a proporção de materiais decorados é de 31% (bem maior do que os 10% do sítio Santana). Os elementos decorativos são aplicados de forma diferente nas vasilhas, apesar de aqui também predominarem nas paredes externas (60% dos fragmentos decorados), isto é, menos comum do que no sítio Santana (80%). No sítio Coroatá, temos 20% dos fragmentos com elementos decorativos na superfície interna, e em outros 20% em ambas as paredes.

Esta maior variabilidade da localização dos elementos decorativos parece estar relacionada ao emprego de técnicas também mais diversificadas. Enquanto que no sítio Santana a decoração é predominantemente plástica (incisos, ponteados, entalhados, apliques etc.), no sítio Coroatá 72% dos fragmentos decorados apresentam pintura e/ou engobo. Há uma variedade de combinações com estas técnicas, com engobo vermelho ou branco sobre bordas recortadas, pintura vermelha em faixas, pintura amarela sobre engobo vermelho e pintura preta em linhas sobre engobo branco.

Algumas das morfologias reconstituídas para os fragmentos deste sítio podem ser vistas na Figura 6, como pequenas tigelas e vasilhas com boca restritiva. As decorações plásticas também são mais diversificadas, incluindo a aplicação de filetes e botões, incisões em círculos concêntricos, bordas abauladas e a representação escultórica de humanos (estatuetas) e animais (no bojo de vasilhas). Algumas destas características podem ser vistas na Figura 7.

Alguns elementos da cerâmica deste sítio, como as bordas em lóbulos e abauladas, com lábios recortados, assim como os botões com ponteados, as áreas pintadas de vermelho sobre engobo branco, deixando faixas mais claras que acompanham as bordas, parecem ser elementos diagnósticos da fase Koriabo. Como já observamos anteriormente, mais materiais que apresentam bordas em lóbulos com lábios recortados e que remetem aos vasos floriformes da cerâmica Koriabo são encontrados nas pranchas de desenhos de Nimuendaju dos materiais que coletou em Monte Alegre em 1924 (Nimuendaju, 2004) e nos materiais de coleções de inventário e históricas do MPEG.

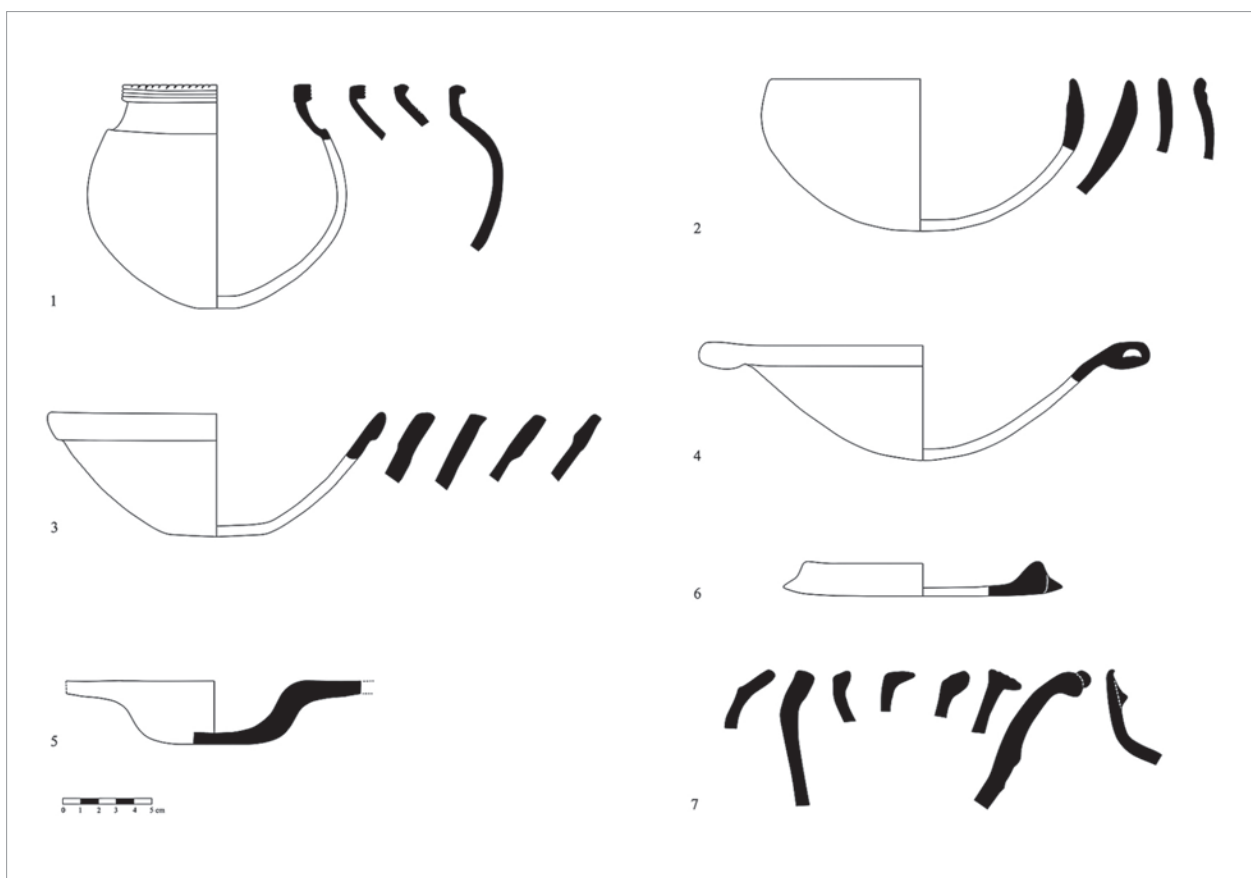


Figura 6. Morfologias e bordas do sítio Coroatá. Desenhos: Erêndira Oliveira.



Figura 7. Elementos decorativos do conjunto cerâmico do sítio Coroatá: borda recortada, pintura vermelha e amarela em faixas, botões aplicados e ponteados, e vasilhas zoomorfas. Fotos: Cristiana Barreto e Mayara Mariano.

Este tipo de borda tão característico também está presente em materiais provenientes de outras áreas Amazonas abaixo. Contudo, não está claro se pertencem a vasilhas com formas semelhantes às tigelas Koriabo. Vasos em pedestal foram encontrados em contextos funerários no sítio Jaburu, na foz do rio Paru, município de Almeirim, em escavações realizadas por uma equipe do MPEG coordenadas por Paulo Canto (Figura 8). Bordas deste tipo também estão sendo encontradas na região da Volta Grande do Xingu, nas pesquisas realizadas pela Scientia (Leticia Muller, 2014, comunicação pessoal), e na região de Gurupá, em pesquisas coordenadas por Helena Lima do MPEG (Lima; Fernandes, neste volume). Assim sendo, nos parece que estes elementos (bordas com flanges floriformes ou plurilobulares, com superfícies abauladas e lábios recortados) ocorrem com ampla dispersão ao longo do Baixo Amazonas, chegando até Monte Alegre. O fato de que em Almeirim estas bordas ocorram em vasos em pedestal (lembrando as “fruteiras” Santarém) em vez das tigelas encontradas nas Guianas e Amapá, talvez possa indicar o caráter fragmentário em que fluxos estilísticos ocorreram nesta região, com ceramistas emulando ou incorporando alguns elementos decorativos de seus vizinhos, como as bordas floriformes, e aplicando-os em vasos com formas da tradição local, como as vasilhas em pedestal.

No sítio Coroatá, outros elementos estilísticos remetem às cerâmicas Santarém e Konduri, como os vasos em pedestal e os vasos de gargalo, as estatuetas, os apliques em filetes e botões, a profusão de incisos e ponteados e a representação de animais no bojo de recipientes.



Figura 8. Vasilhas com base em pedestal e bordas floriformes provenientes da área da foz do rio Paru, Almeirim. Acervo MPEG. Coleta de Paulo Canto. Fotos: Amauri Matos.

Do ponto de vista da distribuição cronológica, este sítio forneceu duas datações: uma por termoluminescência 765 \pm 95 anos AP⁵ e outra de carvão por AMS, de 590 \pm 30 anos AP⁶. Este período dos séculos XIII ao XV é compatível com as datas mais recentes para ambas as fases Koriabo bem como para os complexos Santarém e Konduri.

Espera-se compreender melhor as relações das cerâmicas do sítio Coroatá com os complexos cerâmicos mais recentes do Baixo Amazonas a partir de uma cronologia mais detalhada, obtida tanto nas escavações de mais sítios a céu aberto na região de Monte Alegre como também das datações das cerâmicas coletadas nas escavações recentes da Caverna da Pedra Pintada.

5. Amostra processada no laboratório Datação, São Paulo, de número 3844.

6. Amostra Beta-349952, data convencional 590 \pm 30 AP, data calibrada (2 sigma) 650-580 AP.

Conclusões

As características das cerâmicas analisadas nos dois sítios aqui considerados indicam a intensa ocupação por grupos ceramistas, de sítios a céu aberto nesta área, pelo menos a partir do século XIII da era Cristã. Estas ocupações mais recentes, certamente devem corresponder ao período que Roosevelt identificou na cronologia da Caverna da Pedra Pintada, entre 675 e 430 anos AP, e que denominou de Pariçó⁷. Talvez esta ocupação esteja sobreposta a outra mais antiga, com manifestações menos evidentes no registro cerâmico, datando de alguns séculos antes da era Cristã, como parece ser comum nas áreas a oeste de Santarém.

Os resultados da análise remetem a três questões importantes. A primeira é que, considerando-se a longa ocupação documentada nas datas obtidas por Roosevelt na Caverna da Pedra Pintada, remontando a 11 mil anos antes do presente, vimos que os complexos cerâmicos mais recentes não necessariamente resultam de um longo processo histórico de adensamento populacional e aumento da complexidade social contínuo e crescente, conforme argumentou Roosevelt para explicar o surgimento de cacicados no Baixo Amazonas (Roosevelt, 2001). Ao contrário, os sítios não apresentam dimensões muito extensas, quando comparados à grande aldeia de Santarém; e também não apresentam estruturas de terra como os aterros do Marajó. As cerâmicas encontradas em Monte Alegre tampouco apresentam as características de acabamento refinado e complexidade estilística típicas dos complexos cerâmicos de Santarém e da fase Marajoara. Se a proximidade de Monte Alegre com Santarém indicaria a possibilidade de uma forte influência social, política e cultural do grande cacicado de Santarém sobre a região de Monte Alegre, ao contrário, as cerâmicas parecem remeter a um estilo bastante local, onde alguns elementos das cerâmicas Santarém e Konduri foram selecionados e incorporados ao universo estilístico bastante padronizado e ilustrado pelas cerâmicas do sítio Santana.

A continuidade da pesquisa deve indicar até que ponto podemos considerar este estilo de Monte Alegre como “periférico” ao grande núcleo que representa Santarém dentro da Tradição Inciso-Ponteadado, ou se estamos lidando com um estilo local, independente. Por ora, as cerâmicas parecem não indicar uma influência tão forte vinda do lado de Santarém.

A segunda questão importante é indicada pelas diferenças observadas nos conjuntos cerâmicos dos dois sítios aqui considerados. O sítio Santana, um pouco mais distante das serras, e próximo a um bom local para as atividades de pesca, apresenta uma cerâmica mais homogênea, menos decorada e mais utilitária, ainda que estes conceitos devam ser relativizados nas análises de cultura material ameríndia em geral. O sítio Coroatá, mais próximo aos sítios rupestres nas serras, contando inclusive com um painel de pinturas em bloco de arenito à sua superfície, apresentou um conjunto com cerâmicas mais decoradas, com representações humanas e de animais, possivelmente relacionadas a atividades de natureza ritual. Neste sítio, o material diagnóstico Koriabo pode corroborar a sugestão de Cabral (2011), de que se trata mais de um gênero de cerâmica cerimonial compartilhado por toda a região do Baixo Amazonas neste período do que propriamente um estilo cerâmico de um determinado grupo cultural. De qualquer forma, as diferenças das cerâmicas encontradas nestes dois sítios, que parecem ser contemporâneos, indicam usos distintos dos sítios a céu aberto, mostrando que, mesmo estando relativamente próximos entre si (cerca de seis quilômetros) e próximos do rio e da várzea, nem todos os sítios a céu aberto correspondem

7. Este é o nome de um dos sítios cerâmicos visitado por Nimuendaju, hoje um bairro de Monte Alegre próximo ao rio Amazonas.

a contextos estritamente residenciais ou domésticos. A maior quantidade e variedade de cerâmicas decoradas no sítio Coroatá, que também inclui pinturas rupestres, parece sugerir um uso diferenciado para atividades rituais. A correlação destas cerâmicas com a escavada na Caverna da Pedra Pintada deve trazer mais subsídios para melhor entendermos a espacialização das diferentes atividades dentro da área.

A terceira questão trazida pela análise dos materiais destes sítios é sobre a posição de Monte Alegre no contexto geral da arqueologia do Baixo Amazonas abaixo de Santarém. Inserida no eixo de deslocamentos leste-oeste, proporcionado pelo grande rio Amazonas, parece também ter sido palco de influências de grupos e manifestações estilísticas originários das áreas montanhosas do Tumucumaque ao Norte, região das nascentes do rio Maicuru, que deságua no Amazonas na altura de Monte Alegre. A expansão das pesquisas incluindo sítios ao longo deste rio deve fornecer pistas importantes para melhor situarmos o universo cultural no qual se inseriram as populações indígenas pré-coloniais de Monte Alegre. Os conjuntos cerâmicos dos dois sítios aqui analisados, ainda que distintos entre si, e constituindo um estilo local, parecem compartilhar de matrizes estilísticas comuns, com elementos presentes tanto nas cerâmicas Konduri como na cerâmica Koriabo. As cerâmicas de Monte Alegre talvez possam, assim, ser inseridas dentro de um universo mais amplo de “cerâmicas com K” (K de Karib), conforme a relação já aventada por diversos arqueólogos entre estas cerâmicas da Tradição Inciso-Ponteadado e grupos falantes de línguas Caribe, e que parecem se estender por toda a calha norte do Baixo Amazonas, mostrando que o fluxo estilístico se dava não só ao longo do eixo leste-oeste do grande rio, mas também norte-sul (ou serras guianenses – planícies lagunares do Amazonas).

Rostain (1994), ao discutir a área de origem e as possíveis direções de expansão geográfica das cerâmicas Koriabo, já apontava para estes possíveis deslocamentos norte-sul, mas considerou pouco provável a hipótese aventada por Hilbert (1982), de que este complexo tenha se originado no Amapá e se expandido pela costa oeste e depois adentrado o continente até a calha do médio Amazonas. Contudo, quando destas considerações de Rostain, nenhum sítio Koriabo havia sido encontrado na calha do Amazonas.

As cerâmicas de Monte Alegre parecem indicar que, no Baixo Amazonas, as fronteiras entre os complexos cerâmicos talvez sejam não só mais fluidas, mas também permeáveis a fluxos estilísticos mais fragmentários, podendo combinar elementos trazidos de diferentes tradições vizinhas a uma tecnologia local. Resta-nos entender como se dão estas escolhas e como elas se relacionam aos diferentes contextos de uso das cerâmicas. As diferenças observadas nos conjuntos cerâmicos dos dois sítios aqui apresentados parecem apontar para sítios onde a tecnologia local predomina de forma consistente, e outros onde ocorre uma mistura deliberada elementos estilísticos. Os dados provenientes das análises cerâmicas de outros sítios da área, assim como as análises de restos orgânicos e datações em andamento, devem contribuir para esclarecer estas questões.

Agradecimentos

Agradecemos a toda a equipe do projeto Monte Alegre, em especial a Edithe Pereira, pela coordenação; à secretaria de Arqueologia do MPEG, pelo apoio logístico; ao CNPq, pelo financiamento da pesquisa de campo; ao MPEG/MCTI, por uma bolsa do Programa de Capacitação Institucional de curta duração concedida a Cristiana Barreto para os trabalhos de laboratório e a Erêndira Oliveira pelos desenhos.



CERÂMICAS POCÓ E KONDURI NO BAIXO AMAZONAS

Lílian Panachuk

RESUMEN

Cerâmicas Pocó y Konduri en el Bajo Amazonas

El interés de este trabajo es presentar algunos de los resultados de investigación obtenidos por el análisis de los cinco sitios arqueológicos ubicados en el canal del río Amazonas, desplegado en diferentes paisajes y distancias del gran río. Los sitios elegidos están en el canal principal del río Amazonas, pero en diferentes paisajes: dos en la orilla del Amazonas (Terra Preta 1 y 2, Juruti / PA), uno en la parte superior de la colina suave en el río Trombetas (Oriximiná 3, Oriximiná / PA) y los otros dos en la parte superior de las colinas en el Lago Aduacá (Parintins 7 y 8, respectivamente Nhamundá y Parintins / AM). Las diferentes localidades estudiadas comparten la presencia de zonas de tierra antropogénicas variables, asociadas a material Pocó y/o Konduri, notablemente coincidente en su distribución espacial. Los sitios arqueológicos de la Amazonía no son fáciles de investigar, porque la cultura material se traspone espacial y temporalmente, presentando una variabilidad que debe ser abordada con análisis métricos de diferentes atributos y tomando en cuenta el mundo intangible. Sin duda, esta labor es un gran desafío.

ABSTRACT

Pocó and Konduri ceramics in the Lower Amazon

The interest of this article is to present some research results obtained by the analysis of five archaeological sites located on the main channel of the Amazon River, deployed in different landscapes, with different distances from the great river. The chosen sites are in the main channel of the Amazon, but in different landscapes: two in barranca of the Amazon River (Terra preta 1 and 2, Juruti/PA), one at a hill top in the Trombetas River (Oriximiná 3, Oriximiná/PA) and other two on hill tops in Lake Aduacá (Parintins 7 and 8, respectively Nhamundá and Parintins/AM). The different locations studied share the presence of variable areas of anthropogenic black earth associated with Pocó and/or Konduri archaeological materials, markedly coincident in their spatial distribution. To interpret the archeological record in the Amazon is not an easy task because the material culture overflows in space and time, presenting variability that must be grasped with strong metrics for the attributes, but also consider the intangible world. This is a great challenge.

Introdução: o contexto de pesquisas

Os sítios focalizados neste artigo foram escavados no âmbito de pesquisas preventivas de maior envergadura, executadas pela Scientia (2008, 2013, 2014) em dois projetos distintos: *Arqueologia Preventiva na Área de Intervenção do Projeto Juruti, PA* e *Arqueologia Preventiva na área de intervenção da Linha de Transmissão 500kV Oriximiná (PA) – Itacoatiara (AM) – Cariri (AM)*. Esses projetos geraram questões pertinentes e desdobramentos acadêmicos em monografias, dissertações e teses em diferentes instituições de ensino (Costa, 2008, 2011; Neves, 2010; Panachuk, 2011, 2014).

Os sítios escolhidos estão na calha do Amazonas, mas em paisagens distintas. Na barranca, à margem direita do grande rio, a ocupação se assemelha ao sítio de interflúvio estudado por Vera Guapindaia e equipe, o Cipoal do Araticum, no que se refere à presença de material Pocó desde níveis inferiores até os mais superficiais, compartilhando o espaço com material Konduri (Neves et al., 2014). Na margem direita do rio Trombetas, a ocupação estudada é exclusivamente Konduri, como também ocorre no sítio localizado no Lago do Aduacá, distante cerca de 150 km. Defronte a esse sítio, no mesmo lago, situado no município de Parintins, foi identificado material que se assemelha à série Saladoide (essa é uma sugestão inicial, para indicar semelhanças morfológicas e decorativas), no que tange aos aspectos decorativos, como na redução da paleta de cores (uso majoritário do branco e vermelho) em relação ao conjunto Pocó (uso de matizes vermelho ao vinho, laranja, amarelo, preto, branco) – e aspectos morfológicos, como na expressiva popularidade de vasilhas com bordas assimétricas, flanges labiais e carenas internas e externas, além de profusão de modelagens como apêndice ou aplique.

Trabalhar com o material arqueológico amazônico, na prática do campo e do laboratório, não é fácil, pois implica observar atributos mensuráveis, tratando com rigor e adequação a análise tecnológica da cultura material; mas é também abordar o mundo sensível pelo artefato. As coisas, tomamos emprestado o sentido dado por Ingold (2013: 27-28), acionam um emaranhado de fios vitais, num local onde vários acontecimentos se entrelaçam. Para este autor, as coisas vazam, transbordam das superfícies. Muitos fragmentos cerâmicos parecem que são mesmo um emaranhado, e a descrição de sua decoração e morfologia não é tão óbvia ou de fácil apreensão.

A efervescência dos estudos arqueológicos amazônicos nos últimos 30 anos, com refinamentos e novas questões sobre a ocupação pretérita amplificam a dinâmica da cultura material. Significa, em alguma medida, dizer que este quadro está sendo construído neste momento, e novas classificações e revisões conceituais estão em curso (a exemplo de Lima, 2008; Lima et al., 2006; Neves et al., 2014). Todas essas questões tornam os estudos amazônicos ainda mais instigantes.

Frente a essas dificuldades, neste artigo pretendo apresentar os sítios estudados, tentando caracterizá-los dentro do contexto do Baixo Amazonas, lançando algumas (poucas) observações gerais e questionamentos. O interesse deste artigo é tentar, pela primeira vez, sistematizar a minha experiência arqueológica no Baixo Amazonas, e contribuir de alguma forma para a interpretação sobre o passado naquela região.

Os sítios estudados

Nos itens seguintes, o foco será expor algumas características do material cerâmico arqueológico identificado nestes sítios, implantados em diferentes paisagens, em proximidade direta com corpos hídricos de grandezas distintas. Começaremos pelo rio Amazonas, depois seguiremos pelo Trombetas e então para o Lago do Aduacá.

Na barranca do rio Amazonas, Juruti-PA

No atual município de Juruti, estado do Pará, foram identificadas duas áreas adjacentes, com terra preta e material arqueológico, separadas por quase 500 m (Bueno; Machado, 2005). Esses locais foram nomeados como sítios diferentes: Terra Preta 1 e 2 (doravante, TP1 e TP2), e juntos somam quase 500.000 m² (respectivamente, 21M 600159 9760433 e 21M 599550 9759353).

As escavações incluíram abordagens extensivas e intensivas, totalizando uma amostragem de 238 m². A intervenção extensiva permitiu entender a dispersão de material arqueológico e sua relação com a terra antropogênica (Scientia, 2008; Costa et al., 2013). A intervenção intensiva garantiu o melhor entendimento de diferentes áreas contíguas, em locais mais densos de materiais arqueológicos (unidades variando entre 1 m² e 9 m²).

As áreas de concentração cerâmica e a disposição de terra preta acompanham o eixo do rio e, no geral, são consoantes, estando as áreas mais escuras associadas à maior concentração de material arqueológico (Costa et al., 2013; Figura 2). No entanto, a profundidade e densidade dos locais são diferentes: o pacote arqueológico é mais profundo (até 160 cm) e denso (60% do total de vestígios) na porção norte (TP 1) do que na porção sul (TP 2), com menor profundidade (60 cm) e densidade (40%), tendo a ocupação começado ao norte.

De acordo com as análises geoquímicas do solo (Costa, 2008; 2011, Costa et al., 2013), há maior concentração de Cálcio e Fósforo na porção norte (TP1), e na porção sul (TP2) a maior concentração é de Manganês e Magnésio. Consistentes com os resultados da flotação que indicam a presença expressiva de ossos e microvestígios cerâmicos e líticos ao norte (TP1), e de sementes ao sul (TP2), sendo o carvão comum em toda extensão (Scientia, 2008; Costa, 2008, 2011). A área intermediária a leste, onde há presença de terra preta, mas não foi identificado material arqueológico, pode ser interpretada como local para eliminação de resíduos orgânicos (Costa et al., 2013; Figura 4).

O material cerâmico comporta exemplares que podem ser classificados como Pocó, desde os níveis mais profundos, até os níveis mais superficiais, quando a maior popularidade é de fragmentos Konduri (Panachuk, 2011). Conforme indica Guapindaia (2008) para o sítio Boa Vista, aqui também não há nenhum hiato perceptível na mudança entre uma ocupação e outra, respectivamente Pocó e Konduri, e ainda mais, a primeira atinge os níveis superficiais, conforme indicado para o sítio Cipoal do Araticum (Neves et al., 2014: 141).

Embora não tenhamos identificado qualquer hiato na escavação, as datações indicam um lapso entre os níveis superiores e médios, havendo ainda uma data bastante recuada para o contexto (Tabela 1). É importante destacar que as datações nos níveis superiores (20 a 30 cm) de ambos os sítios indicam o mesmo período temporal, meados do século XIII/XIV, sugerindo contemporaneidade entre as ocupações. As datações apresentam lacuna de 1.100 anos aproximadamente, quando apresentam sequência ordenada até a profundidade de 100 cm, quando há nova inversão. Por fim, vale citar um resultado mais recuado, pois independente do significado, encontra-se na mesma faixa temporal de uma das datações obtidas para o sítio Boa Vista (Guapindaia, 2008; Tabela 1).

O material Pocó identificado no sítio caracteriza-se pela manufatura por acordelamento e modelagem, tempero mais popular foi no uso combinado entre o cauixi e o chamote, em geral com granulometria de até 1 mm. Destaca-se como tratamento de superfície o polimento e o uso de barbotina. A decoração crômica inclui o engobo branco e vermelho, respectivamente, na coleção analisada, além do uso vinho, laranja e preto, por vezes combinadas em policromia (vermelha/branca/amarela; vermelha/preta/branca, laranja/branca/vermelha, laranja/vermelho/branco) ou bicromia (vermelho/engobo branco, laranja/engobo branco, amarela/vermelho, vermelha/amarelo, vermelha/laranja, preta/vermelha) (Figura 1). A decoração mista, com uso conjunto da incisão e de linhas vermelhas é também popular no sítio. A decoração plástica

comporta majoritariamente incisos largos e finos, em linhas duplas escalonadas, raspados, acanalados. Trata-se de uma grande variabilidade artefactual, como bem informaram Hilbert e Hilbert (1980). Neste sítio, as características morfológicas específicas destacam-se as carenas internas e externas, gargalos, flanges labiais e bordas recortadas.

Tabela 1. Datações radiocarbônicas dos sítios Terra Preta 1 e 2.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	NÍVEL ARTIFICIAL	DATAÇÃO 1"
Terra Preta 1	20-30cm	640 ± 50 AP
Terra Preta 1	30-60cm	1760 ± 40 AP
Terra Preta 1	70-80cm	1960 ± 40 AP
Terra Preta 1	80-90cm	2040 ± 40 AP
Terra Preta 1	90-100cm	2090 ± 50 AP
Terra Preta 1	120-130cm	1710 ± 50 AP
Terra Preta 2	20-30cm	690 ± 40 AP
Terra Preta 2	90-100cm	8140 ± 80 AP



Figura 1. Terra Preta 1, Unidade 3, quadra 2/3, nível 100-110cm. Fonte: Scientia, 2008.

O material Konduri apresenta espessura delgada, queima totalmente oxidante, uso majoritário e intenso de cauxi, e da combinação cauxi e caco moído, conforme descrito por diferentes autores (Hilbert, 1955; Gomes, 2002; Guapindaia, 2008). A decoração é muito variada, incluindo incisões finas, ponteados, filetes, modelados e uma grande combinação entre eles, em especial o inciso ponteadado, o modelado inciso ponteadado, e o filete inciso e ponteadado. Diferentes bases anelares, em pedestal e trípedes, foram identificados. As bordas extrovertidas se destacam, além da alça ponte, e apliques zoomorfos conhecidas como uruburei, aves diversas (Gomes, 2002), possível lagarto, segundo os ceramistas e alguns moradores de Juruti (Figura 2)

Comparando o material das duas áreas, há diferenças e semelhanças resultantes das datações, análises geoquímicas e de flotação, conforme salientado anteriormente. Os resultados para o material cerâmico entre os sítios sugerem certa complementaridade e oposição entre os locais, indicando certos pares de oposição. O tempero predominante nos níveis mais profundos da porção norte é a combinação entre cauxi e caco moído e nos níveis superiores (a partir de 40 cm) é composto somente por cauxi; o contrário ocorre na porção sul. A porção norte comporta uma grande diversidade de tratamentos de superfície, em especial o polimento e uso da barbotina, enquanto a porção sul é menos diversa, quando é mais popular o alisamento. A decoração plástica mais comum na porção norte é o inciso e suas combinações, enquanto na porção sul é o modelado. A decoração crômica representa cerca de 20% na porção norte, e cerca de 10% na porção sul. O engobo predominante na porção norte é o branco, seguido do vermelho, enquanto na porção sul o predomínio é do vermelho, seguido do branco. A bicromia e a tricromia aparece majoritariamente na porção norte. As pinturas diretamente no suporte também ocorrem de forma distinta, ao norte somente o vermelho e o laranja; ao sul mais cores foram utilizadas, como vermelho (majoritário), branco, preto e laranja (Panachuk, 2012).



Figura 2. Terra Preta 1. Unidade 1 Nível 0-1-cm. Asa modelada aplicada ponteadada entalhada incisiva. Entendida como lagarto para a população local. Fonte: Scientia, 2008.

Esses pares de oposição, tão ao gosto da etnografia de Lévi-Strauss, precisam ser melhor avaliados, mas como os níveis superiores chegam a ser contemporâneos, de acordo com a datação do século XIII/XIV, seria possível pensar o local como comunidade, como uma área integrada, mas que mantém suas diferenças expressas na cultura material.

Na colina do Trombetas, Oriximiná-PA

O sítio Oriximiná 3 (UTM 21M 615.381E/9.815.683N) localiza-se na margem direita do rio Trombetas, em uma colina suave, cujo sopé acessa as praias de areias grossas e brancas no período de vazante do rio. O material arqueológico ocupa uma área total de 168.000 m²; e o pacote de ocupação pouco profundo, tendo em média até 20-30 cm (o que representa 83% do total de cerâmica do sítio), e máxima de 80 cm (Scientia, 2013). Vale dizer, que o sítio se encontra cerca de 20 km do eixo do Amazonas, que consegue empurrar o Trombetas, fazendo-o subir o seu próprio curso. Em campo nos surpreendemos com o “rio que corria ao contrário” – essa é sua influência.

Para a realização das intervenções arqueológicas, lançamos mão de estratégias extensivas (malha sistemática) e estratégias intensivas (superfícies ampliadas e trincheira), sendo que nesta última contamos com uma combinação entre escavação maquinada e manual (Stockton, 1974; Odell, 1992). O interesse foi de evidenciar uma grande área e ao mesmo tempo testar a metodologia e conhecer o trabalho com o equipamento, no caso uma Escavadeira 320C. Ao todo, foram escavados 309 m², sendo 73 m² na malha sistemática, e 236 m² distribuídas em quatro pontos do sítio, contemplando áreas mais escuras e densas, áreas de transição entre maior e menor densidade de material e terra preta.

Foi possível ganhar tempo na escavação maquinada, já que o nível mais superficial não possuía grande densidade de vestígios, e investir em evidenciar manualmente as composições formadas por conjuntos cerâmicos, microlascas, conchas inteiras e fragmentadas. Mesmo sem nenhuma datação, é possível apontar para uma única ocupação do local, dada a forma de distribuição espacial, a localização bem definida no pacote arqueológico e a estabilidade da cadeia produtiva cerâmica, além de muitos casos de remontagem entre os níveis artificiais.

O material cerâmico analisado neste sítio pode ser atribuído à cerâmica Konduri. Apresenta espessura fina, queima totalmente oxidada ou núcleo reduzido, em geral a predominância é de tempero de cauxi abundante ou em associação com quartzo e caco moído. A decoração pintada corresponde a 6% do material analisado, enquanto a decoração plástica atinge 7%. Trata-se de uma baixa frequência. A decoração crômica em geral comporta engobo vermelho, mais raro o branco e as linhas pretas diretamente no suporte. A decoração plástica inclui o inciso e combinações com o ponteadado, filete (como majoritários), mas aparece ainda digitado, entalhado, aplique e modelagens, marcas de cestaria, unglado, entalhado.

A morfologia inclui tigelas abertas com base anelar, pote globular com base tripode, assadores com base plana, recipientes em meia calota com borda recortada. Na borda há casos de flange e recortes, porém raros. Em muitos casos havia marcas de depósitos carbônicos na face externa das vasilhas (este é um ponto que pretendo investigar durante o doutorado), apontando para um uso intenso dos recipientes para a cocção.

Vale dizer que neste sítio foram encontradas duas estatuetas femininas quebradas (Figuras 3 e 4). Uma delas conserva somente a porção distal: trata-se de uma peça maciça, com base plana em semilunar e um feixe de quatro traços curtos em incisão formando um cone que marca o órgão sexual feminino (encontrada na superfície ampliada 3, nível 10 cm). A outra é oca e guarda a porção lateral direita, aparenta uma protuberância na parte proximal (que sugere o seio, com inciso circular como detalhe do mamilo), incisão dupla na porção adelgada marcando o pescoço da peça (e da representação), modelado oco desde a porção distal até a proximal, com incisões formando os detalhes anatômicos da peça (mãos e dedos), além de engobo branco com possíveis linhas erodidas vermelhas (escavada na trincheira, nível 40 cm).



Figuras 3 e 4. Estatuetas escavadas no sítio Oriximiná 3. Fonte: Scientia, 2013.

Nos outeiros do Lago do Aduacá, Parintins e Nhamundá-AM

Dois sítios foram identificados nesta área, nomeados sítio Parintins 7 e Parintins 8 (respectivamente, UTM 21M 499847 9737554 e 21M 498200 9736820), localizados no município de Nhamundá e Parintins, no Lago do Aduacá, onde fazem divisa territorial.

Os sítios são intervisíveis, estando cada um em uma colina do Lago do Aduacá, no entanto são bastante distintos.

O sítio Parintins 7 apresenta material Konduri, em ocupação única, em uma área de 30.000 m² de área, com terra preta e concentração cerâmica ocorrendo de forma coincidente e distribuição concêntrica. A profundidade com maior densidade de material cerâmico ocorre até 20 cm, mas alcança até 60 cm. O material cerâmico apresenta espessura fina (até 10 mm, em média), tempero predominante de cauxi, associado ao quartzo e ao óxido de ferro, geralmente em média inclusão e grãos médios (Orton et al., 1993: 238). A queima tende a ser totalmente oxidada ou totalmente reduzida. A decoração é expressiva quando se observa o material diagnóstico analisado, alcançando cerca de 35%, no entanto, representa somente 2%, se considerarmos a coleção total exumada. Essa é uma questão importante, como esse exemplo deixa claro, pode ser alterado radicalmente dependendo da composição amostrada.

A maioria dos fragmentos apresenta decoração plástica, e seus motivos são bastante variados, tendo sido elencados 19 expressões e combinações entre a incisão, ponteadado, filete, aplique, digitado, unglado, modelado, apliques geométricos, representações figurativas, acanalado e beliscado. O tradicional inciso ponteadado é o mais expressivo, depois do inciso. A variabilidade decorativa é grande, mesmo representando uma quantidade pequena da amostra total do sítio. A decoração crômica é majoritariamente composta por engobo vermelho, mas aparece também preto, laranja e branco. Nesta coleção foram identificados quatro pingentes, com os mesmos traços incisos para formar o grafismo, que evoca o batráquio, representação conhecida como muiraquitã.

O sítio Parintins 8 localiza-se em topo de colina às margens do Lago do Aduacá, distribuído por 168.000 m², contendo tanto terra preta e mulata quanto feições. O sítio, além de grande é profundo, alcançando até 2 m, e em média 60 cm com maior concentração de material, é bastante complexo, dada a grande variação da profundidade de terra preta, havendo locais onde a maior quantidade de material ocorre nos níveis mais profundos (a partir de 90 cm até 160 cm na Superfície Ampliada 15). O assentamento está organizado de forma a ocupar a porção aplainada do topo, acompanhando o eixo do canal que segue para o Lago do Aduacá.

Neste sítio, chama a atenção a variedade de morfologias com boca assimétrica ou de baixa simetria (Shepard, 1956: 228), representando 17% da amostra analisada. Ocorrem, em geral, boca quadrangular, retangular, ovoides, e possivelmente triangular. Em relação ao contorno do pote, a maioria apresenta contorno composto, seguido do simples e menos popular são os potes complexos. Isso implica em diferentes carenas internas e externas, flanges labiais, bordas recortadas. Neste sítio uma morfologia chamou bastante atenção por sua complexidade, apresentando borda quadrangular, com flange labial e corpo circular. Comporta pintura crômica na face externa e composição plástica na face interna da flange.

A decoração abrange 35% do material total da coleção escavada e 53% do material diagnóstico analisado. A composição plástica é bastante variada e inclui diversas técnicas e expressões em um mesmo pote. A decoração crômica comporta, em geral, uma grande redução na palheta de cores, com uso majoritário de engobo branco e composição vermelha. Nesta coleção os apliques e representações zoomorfas têm grande destaque. Foram identificados 105 apliques fragmentados, e ainda menos de 20 em fragmentos maiores, por vezes em potes semi-inteiros.

Estes dois elementos me fizeram levantar a questão de certa semelhança com a série Saladoide, mas a ausência de datações e a exclusividade do sítio colocam limites à interpretação. Ao identificar o sítio com tal série, não pretendo indicar direções migratórias, mas indicar semelhanças morfológicas e decorativas (Wilson, 1999).

Considerações finais

Esta breve descrição do material talvez sirva como exemplo da variabilidade da ocupação da paisagem e a sua alteração com presença de terra preta e grande concentração de cerâmica.

Os dois sítios analisados, atribuídos exclusivamente à ocupação Konduri (Oriximiná 3 e Parintins 7), são semelhantes na distribuição concêntrica dos vestígios cerâmicos, presença mais discreta de terra preta, em uma área de 168.000 a 30.000 m². Nestes, o pacote de ocupação está bem delimitado, os fragmentos

remontam entre os níveis, há grande estabilidade entre os atributos de produção da cerâmica (pensando em sua cadeia operatória). Estes sítios localizam-se em um rio médio e no canal de um lago, corpos hídricos de médio a pequeno, e ocupam tanto rios médios quanto cursos menores e, neste caso há uma diminuição da área ocupada.

Os outros três sítios (Terra Preta 1 e 2, Parintins 8) apresentam terras antropogênicas profundas (entre 160 cm a 200 cm), com distribuição acompanhando o eixo do copro d'água. A grande densidade de fragmentos cerâmicos em diferentes camadas não apresenta, em nenhum dos casos, hiato perceptível no solo ou descontinuidades bruscas entre culturas materiais. Ao contrário, como notado anteriormente (Guapindaia, 2008), há uma mudança na proporção de ocorrência, com a diminuição de fragmentos Pocó, mas não o seu desaparecimento repentino. Nestes casos, a transformação intensa do solo e espessura do pacote de ocupação, além da densidade de material cerâmico e da sua opulência, indicam uma ocupação constante. No maior sítio analisado (considerando TP1 e TP2), dada a justaposição das datas mais recentes, parece haver certa oposição entre grandes categorias técnico-analíticas da cerâmica analisada. O sítio Parintins 8 merece novas abordagens e análises, especialmente de seus padrões decorativos e morfológicos (uma das pretensões do doutorado). Chama a atenção estar alocado em um canal do Lago do Aduacá, e a relação entre a sua grande extensão e a profundidade do pacote arqueológico, chegando a 200 cm.

Neste artigo, espero ter apresentado uma caracterização geral dos sítios. Ainda há muito a ser feito, e pretendo levar novas e boas questões em conta durante a continuação destas pesquisas durante o doutorado.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer às organizadoras do evento em Belém e a todos os colegas participantes, com os quais pude aprender bastante sobre a Arqueologia Amazônica, em especial à Helena Lima. Aos colegas da Scientia e toda equipe envolvida com os estudos destes sítios, em especial à Solange Caldarelli, Dirse Kern e Daniel Cruz, por todo o apoio em laboratório e no campo.

AMAZÔNIA CENTRAL





AS CERÂMICAS SARACÁ E A CRONOLOGIA REGIONAL DO RIO URUBU

Helena Pinto Lima
Luiza Silva de Araújo
Bruno Marcos Moraes

RESUMEN

Las cerámicas Saracá y cronología regional del Río Urubu

La región baja del río Urubu está siendo concebida cada vez más, como un área de frontera cultural de finales del pasado precolonial. Estudios arqueológicos muestran una presencia ubicua de sitios cerámicos relacionados con tres distintas tradiciones cerámicas: Borde-inciso, Inciso punteada y Policroma. Aunque la relación entre estos tres tipos de tradiciones aún no se entiende por completo, la particularidad de este complejo cerámico tardío en la región es clara. Cerámica Saraca muestra características estilísticas híbridas que comprenden las tres diferentes tradiciones Amazónicas. Nosotros interpretamos la variabilidad local como una marca de procesos de roce interétnico. Se piensa que los procesos culturales tales como estos ocurren en contextos de fronteras culturales, y pueden resultar en la construcción de una identidad particular, teniendo la decoración de la cerámica como un indicador cultural.

ABSTRACT

Saracá ceramics and the regional chronology of Urubu River

The lower Urubu River region has been increasingly thought of as a cultural border area in the late pre-colonial past. Archaeological studies show a ubiquitous presence of ceramic sites related to three distinct ceramic traditions: Incised Rim, Incised-Punctuated and Polychrome. Although the relationships between them are not yet fully understood, the particularity of the late ceramic complex of the region is clear. Saracá ceramics shows hybrid stylistic traits comprising the three different Amazonian traditions. We interpret local variability as a mark of inter-ethnic friction processes. Cultural processes as such are thought to happen in contexts of cultural boundaries, and may result in a peculiar identity construction, having the ceramic decoration as a cultural indicator.

Introdução

A arqueologia da região do baixo rio Urubu (Médio Amazonas/Amazônia Central), sempre chamou a atenção de pesquisadores em função de sua grande variabilidade dos conjuntos artefatuais, assim como dos contextos ecológicos associados (Figura 1). Trabalhando na região, estes demonstraram dificuldade em conectar diretamente esses conjuntos às macrocronologias clássicas da Amazônia, agregando-os na chamada Tradição Regional Saracá (Simões; Machado, 1987). Situada nos limites geográficos e estilísticos da ocorrência da Tradição Polícroma da Amazônia (TPA) e da Tradição Inciso-Ponteadado (TIP), levantou-se, então, a hipótese de tratar-se de uma área de *fronteira cultural*. Esta hipótese vem sendo atualmente investigada no âmbito do Projeto Baixo Urubu, vinculado ao Museu Paraense Emílio Goeldi e ao Museu Amazônico da UFAM.

O projeto, em andamento desde 2009, tem se esforçado para apurar a cronologia de ocupação da área e para conhecer os significados da variabilidade da cultura material ali encontrada, dentro um esforço classificatório com fins interpretativos. Com foco na construção de uma história indígena de longa duração, os trabalhos nos sítios arqueológicos levaram à formulação de uma hipótese preliminar sobre a cronologia de ocupação da área. Essas pesquisas mostram evidências de ocupação humana que se estende desde os primeiros séculos DC e adentram o período colonial em alguns locais.

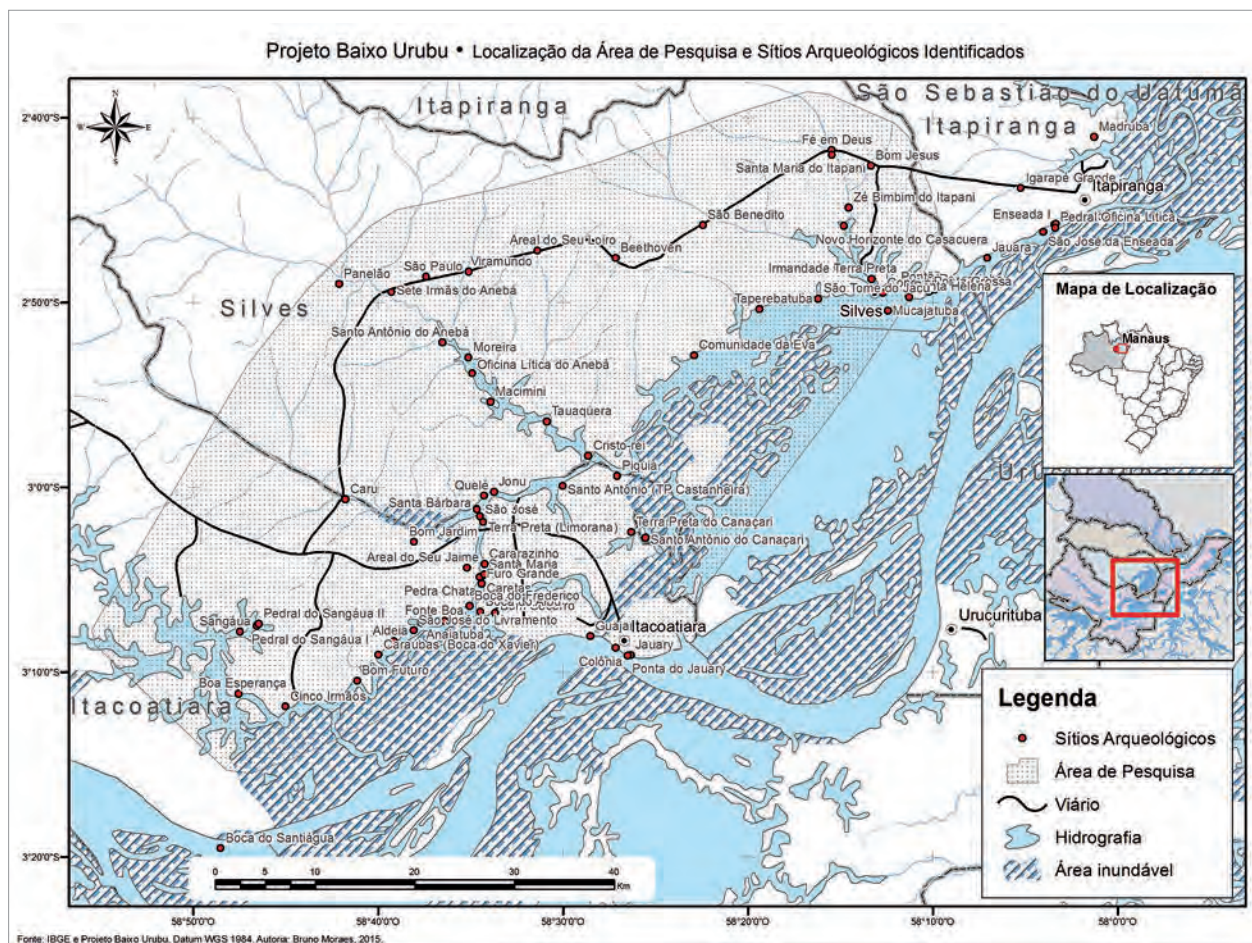


Figura 1. Mapa de localização da área de pesquisa com identificação dos sítios arqueológicos. Elaboração: Bruno Moraes.

Até o momento, os resultados das pesquisas possibilitaram observações interessantes sobre o contexto arqueológico da região, apoiadas em dados de naturezas variadas. O material cerâmico, sobretudo por sua presença ubíqua, apresenta uma oportunidade ímpar para apoiar inferências interpretativas sobre as relações sociais e culturais então presentes no passado local do médio e baixo rio Urubu.

Os trabalhos desenvolvidos identificaram materiais relacionados a três tradições cerâmicas, embora suas ligações e conexões ainda estejam sendo investigadas. Optou-se por adotar a nomenclatura das pesquisas anteriores, fases Silves (Simões; Machado, 1987) e Itacoatiara (Hilbert, 1968) para os conjuntos mais antigos, relacionados aos conjuntos Borda Incisa/Barrancoide (Lima, 2008) e Pocó-Açutuba (Lima et al., 2006; Neves et al., 2014), respectivamente, com o intuito de se promover uma comunicação entre os dados preexistentes e aqueles angariados pelo projeto. Para os conjuntos mais recentes, não adotamos a profusão de fases anteriormente definidas, mas o conjunto Saracá (tradição regional?) de fato atende à peculiaridade das cerâmicas híbridas que caracterizam a região. Considerou-se importante compreender os padrões classificatórios anteriores – que não necessariamente apresentavam uma clareza cognoscível – buscando compreender padrões percebidos pelos pesquisadores prévios que poderiam elucidar as novas hipóteses postas.

Histórico e problemas de pesquisas no rio Urubu

A primeira exploração científica do rio Urubu e áreas próximas se deve ao naturalista João Barbosa Rodrigues (1875), salientando a região como intensamente habitada por grupos indígenas (apud. Machado, 1991). Na década 20 do século passado (1926), o etnólogo Curt Nimuendaju, munido das informações providas por Barbosa Rodrigues (1875) e Bernardo Ramos (1930), identificou sítios arqueológicos nas margens do lago de Saracá, em frente a ilha de Silves, com a finalidade de coletar material arqueológico para o Museu de Gotemburgo (2004). Pode-se dizer que este antecedente de pesquisas, em conjunto com os trabalhos de Peter Hilbert (1968), Mário Simões (1979, 1981) e Simões e Machado (1984, 1987), reconheceu a dimensão e potencialidade da arqueologia local. Na ocasião, foram identificadas dezenas de sítios arqueológicos e pôde-se vislumbrar a diversidade dos estilos cerâmicos da região, marcada pela grande variedade de técnicas e motivos decorativos.

Mário Simões, pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi, realizou duas expedições à região, em 1979 e 1981. Seus objetivos eram a complementação de pesquisas anteriores realizadas em regiões adjacentes, buscando:

“[...] estabelecer as áreas de dispersão geográfica das duas grandes tradições ceramistas da Amazônia – Polícroma e Incisa Ponteadada –, as rotas de migração e difusão, além de possível influência dessas tradições sobre as fases locais e, finalmente, a elaboração de um quadro de desenvolvimento cultural da área desde os tempos pré-históricos até a conquista portuguesa.”
(Simões, 1981: 1 relatório não publicado).

Mas esses dados não foram conclusivos, sendo poucos os resultados publicados.

Os dados levantados por Simões (1980, 1981) e por Machado (1991), que viram na região uma questão importante a respeito da variabilidade cerâmica, e que ainda permanece por ser esclarecida, serviram como base para a condução desta pesquisa. Dando continuidade a essas proposições, o Projeto Baixo

Urubu teve como objetivo inicial realizar um mapeamento extensivo da arqueologia da área, identificando o tamanho, densidade, duração e a antiguidade das ocupações, além de entender a dispersão, organização social e os limites territoriais das ocupações humanas na região pesquisada. Seus objetivos também incluíram promover ações visando à socialização do processo de construção do conhecimento, através da educação patrimonial voltada à população local, além de possibilitar um diálogo entre diferentes percepções acerca do patrimônio arqueológico (Lima, 2009).

De forma mais abrangente, foram realizadas várias campanhas desde o seu início, em 2009, que empreenderam ações de levantamentos, resgates e ações de extroversão e divulgação científica e de educação patrimonial, especialmente nas comunidades sobre ou próximas aos sítios pesquisados. Os núcleos urbanos também receberam atenção especial nessas ações. É importante mencionar a integração entre o financiamento público de pesquisa (via Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, 2009-2012 e CNPq, 2014-2016) e o privado, através de projetos ligados à processos de licenciamento ambiental. Esta integração entre as parcerias públicas e privadas permitiram um grande fôlego para o projeto e possibilitaram trabalhos praticamente contínuos durante os anos de atuação da equipe. Muitos dos trabalhos também estavam ligados ao âmbito acadêmico, por meio de pesquisas de alunos de pós-graduação ou de iniciação científica. Receberam algum tipo de pesquisa em torno de 15 sítios arqueológicos da região, algumas delas não somente ligadas à arqueologia, mas também a outras áreas, como turismo e etnobotânica. As coleções desses sítios foram recolhidas para estudo, em diferentes níveis de amostragem. Os dados gerados levaram à formulação de uma hipótese preliminar sobre a cronologia de ocupação da área, bem como a interpretações sobre os modos de vida no passado (Lima; Moraes, 2011; Lima, 2013).

Atualmente, os trabalhos na região ocorrem através de uma parceria entre o Museu Goeldi e o Museu Amazônico. Com isso, a coleção arqueológica do rio Urubu é desmembrada nas duas instituições. Por exemplo, há sítios arqueológicos que foram pesquisados pelos dois projetos (Pronapaba e Baixo Urubu) e com coleções nos dois locais. As análises cerâmicas abrangeram ambas, inclusive em um esforço em reanalisar as coleções do Pronapaba, com o intuito de melhor compreender e avaliar as classificações anteriormente propostas.

Neste contexto, destaca-se a necessidade da integração entre as pesquisas de uma mesma região, estudadas em períodos distintos e sob perspectivas científicas diferentes. Ambas as incursões arqueológicas ao rio Urubu têm mostrado a grande variabilidade e as peculiaridades da indústria cerâmica local, hipotetizada enquanto expoente material de uma relação de fronteiras culturais (Lima, 2013).

A diversidade regional

Os levantamentos arqueológicos abordaram ecossistemas e compartimentos geográficos diferenciados, visando assim obter uma maior representatividade das ocorrências de sítios arqueológicos dentro da área de pesquisa. Foram identificados 71 sítios arqueológicos, dispostos em nichos ecológicos diferenciados e em matrizes distintas. Com o intuito de mapear tal variabilidade, foi proposta uma tipologia inicial, a partir da qual esses sítios foram classificados entre: 1) sítios cerâmicos, 2) sítios históricos 3) sítios lito-cerâmicos, 4) sítios líticos, 5) sítios-oficina de polimento; e 6) sítios com gravuras rupestres (Lima, 2013).

Os sítios cerâmicos são mais recorrentes na área de pesquisa, em especial aqueles compostos por Terra Preta Arqueológica (TPAs). Essas matrizes de terra preta estão geralmente localizadas nas margens de rios e igarapés e apresentam grande quantidade de cerâmicas em superfície e também em profundidade. Em alguns desses sítios foi possível também identificar a presença de estruturas monticulares, com diferentes formatos e tamanhos (Bassi, 2013, Bassi; Cavallini, 2013; Lima, 2013). Estes sítios estão inseridos em contextos de paisagens antrópicas, a exemplo da composição florística observada nas comunidades/sítios arqueológicos Pontão, Taperebatuba, Tauauqera (entre outros), especificamente nas áreas das terras pretas que os compõem (Silva, 2013; Smith, 2013; Lins et al., 2015).

As cerâmicas coletadas nestes sítios serão o foco do presente artigo, em uma tentativa de dimensionar a variabilidade encontrada na região, relacionando-as a tradições amplamente distribuídas na bacia Amazônica (e, sem dúvida, alvo de debates).

Variabilidade cerâmica e o quadro cronológico regional

Os dados e interpretações sobre os processos de ocupação dos sítios arqueológicos da região permitiram elaborar uma espécie de zoneamento preliminar da área, com base em critérios cronológicos e estilísticos.

Quanto às ocupações ligadas aos povos ceramistas, os dados e informações presentes na bibliografia indicam um período inicial antigo, em torno do princípio da era Cristã, representado pelas fases Sucuriju e Silves. Cabem aqui alguns comentários acerca dos dados encontrados na (ainda escassa) bibliografia sobre a arqueologia da região.

Os dados publicados e não publicados de M. Simões e Machado (Simões, 1979, 1981; Machado, 1991; Simões; Machado, 1984, 1987) fazem referência à existência de uma série de fases. Dentre os conjuntos datados mais antigos, os primeiros seriam compostos por materiais ligados à fase Silves, definida para alguns sítios da região do lago de Silves, e um segundo conjunto, também antigo, que foi denominado como fase Sucuriju, pertencente à TR Saracá, para a região do rio Urubu. Os conjuntos mais recentes definidos por esses autores são relacionados às Tradições Inciso-Ponteadado e Saracá. Os intervalos cronológicos desses conjuntos foram sintetizados na Tabela 1.

Tabela 1. Fases, Tradições e respectivos intervalos cronológicos obtidos por Simões e Machado para a área de pesquisa (Fonte: Simões, 1979, 1981; Machado, 1991; Simões; Machado, 1984, 1987).

FASE	TRADIÇÃO	INTERVALO CRONOLÓGICO
Silves	Borda Incisa	AD 200 ± 105 a AD 210 ± 65
Sucuriju	Saracá	AD 140 ±90 a AD 740 ±75
Anebá	Saracá	AD 570 ±90 a AD 940 ±185
Saracá	Saracá	s/d
Iraci	Saracá	s/d
Sanabani	Inciso-Ponteadado	AD 940 ± 85 a AD 1060 ± 180
Garbe	Inciso-Ponteadado	s/d

A notável duração de quase um milênio para a TR Saracá, com datações entre AD 140 \pm 90 (Sucuriju) e AD 940 \pm 185 (Anebá), com diferenças também entre os materiais que foram ora relacionados à Tradição Inciso-Ponteadó (Simões; Machado, 1987) e em outros momentos à Tradição Policroma (Simões; Machado, 1984) pode ser melhor elucidada a partir de novos dados.

De um lado, as semelhanças apontadas entre essas cerâmicas descritas como Saracá e a então chamada subtradição (fase) Guarita – e também com a fase Pocó, da região do Trombetas/Nhamudá – mostra uma consistência das ocupações ceramistas antigas, que têm sido sistematicamente identificadas nos últimos dez anos por diferentes autores em toda a região amazônica, que partilham de uma série de elementos comuns (Lima et al., 2006; Lima 2008; Guapindaia 2008; Costa 2012; Neves 2013; Neves et al., 2014, entre outros). Esses contextos, geralmente com datações entre 3.000 e 2.000 AP, apresentam uma forte padronização decorativa nas cerâmicas, que envolve elaboradas técnicas, tanto plásticas quanto pintadas. Neste último caso, a policromia aproxima essas dinâmicas antigas dos conjuntos recentes ligados à TPA, como a fase Guarita. Do mesmo modo, algumas decorações plásticas, como o amplo uso de modelados zoomorfos, incisões e excisões, e de flanges mesiais, que levam os conjuntos mais recentes a se assemelharem com as cerâmicas policrômicas antigas, embora resultem de contextos históricos completamente distintos (Lima, 2008).

É importante ressaltar a possibilidade de haver a presença desses contextos antigos – cuja denominação tem sido avaliada, mas geralmente reportadas sob o título de Pocó – também na região do Urubu, em uma correlação complexa que já havia sido percebida anteriormente por M. Simões, embora com interpretações distintas à época. Nesse sentido, somente a continuidade das pesquisas poderá desbravar tais caminhos – por certo cientificamente profícuos – uma vez que as onze datações radiocarbônicas realizadas pelo projeto até o momento apontam para uma história mais recente do que isso, com início a partir do século VI DC (Tabela 2).

Os contextos/conjuntos tecno-estilísticos estudados dividem-se em sítios unicomponenciais Borda Incisa ou Saracá; e sítios multicomponenciais Borda Incisa-Saracá, dentre os quais alguns mostram maior ocorrência de tipos da Tradição Policroma junto às cerâmicas Saracá enquanto que outros não.

Os contextos mais antigos, Borda Incisa, são representados pelos sítios Pontão (AM-SL-06) e Mucajatuba (AM-SL-08), localizados em frente à cidade e na área urbana de Silves, respectivamente. Esses sítios são muito interessantes, por apresentarem contextos relacionados às ocupações densas em grandes extensões de terra preta, que podem chegar a mais de um metro de profundidade em alguns pontos, em uma sequência aparentemente unicomponencial. Ressalte-se que foi para esses sítios que Simões definiu a chamada fase Silves (Simões; Machado, 1987), com as referidas datações antigas para um sítio localizado nas proximidades de ambos, o Ponta Grossa (AM-SL-08), ao qual a equipe do projeto não teve acesso.

Os sítios Pontão e Mucajatuba foram intensivamente pesquisados, em especial o primeiro, no qual 12 cortes estratigráficos com 1x1 m foram escavados, entre outras atividades de delimitação e mapeamento. As datações radiocarbônicas obtidas para estes dois sítios variaram entre os séculos VI e VII DC (Tabela 2), que, se comparadas aos contextos da Amazônia Central – região adjacente e melhor conhecida do ponto de vista da arqueologia – corresponderiam ao período de ocupação ligado à Tradição Borda Incisa, particularmente à fase Manacapuru (Lima; Neves, 2011). A presença de elementos tecnológicos e decorativos diagnósticos a este conjunto não deixa dúvidas quanto à sua filiação cultural à Borda Incisa/Barrancoide: assim como ocorre na fase Manacapuru, há certa predominância de bordas extrovertidas e de flanges

Tabela 2. Datações radiocarbônicas obtidas para a área de pesquisa.

SÍTIO	LOCALIZAÇÃO	NÍVEL / PROFUNDIDADE	DATAÇÃO RADIOCARBÔNICA*		
			IDADE CONVENCIONAL	IDADE CALIBRADA 2 SIGMA	Nº. DE LABORATÓRIO
Mucajatuba	Cidade de Silves	90-100 cm	1450±40 BP	Cal AD 550 to 1290	Beta-242446
Pontão	Península em frente à ilha de Silves	70cm	1230±40 BP	Cal AD 680 to 890	Beta-304001
Pontão	Idem	86cm	1170±40 BP	Cal AD 770 to 980	Beta - 304002
Pontão	Idem	53cm	1230±40 BP	Cal AD 680 to 890	Beta-304003
Santa Helena	Península em frente à ilha de Silves	39cm	1050±40 BP	Cal AD 900 to 1030	Beta - 304004
Santa Helena	Península em frente à ilha de Silves	64cm	490±30 BP	Cal AD 1410 to 1450	Beta-304005
Sete Irmãs do Anebá	Margem esquerda do rio Anebá (médio curso)	39cm	620±40 BP	Cal AD 1280 to 1410	Beta-303996
Sete Irmãs do Anebá	Margem esquerda do rio Anebá (médio curso)	67cm	850±40 BP	Cal AD 1050 to 1090 (Cal BP 900 to 860) and Cal AD 1130 to 1140 (Cal BP 820 to 810) and Cal AD 1140 to 1260 (Cal BP 810 to 690)	Beta - 303997
Sete Irmãs do Anebá	Margem esquerda do rio Anebá (médio curso)	94cm	1490±40 BP	Cal AD 450 to 450 (Cal BP 1500 to 1500) and Cal AD 460 to 480 (Cal BP 1490 to 1470) and Cal AD 530 to 640 (Cal BP 1420 to 1300)	Beta-303998
Tauaquera	Margem esquerda do rio Anebá (baixo curso)	66 cm	340±30 BP	Cal AD 1460 to 1640	Beta-304006
Jauary	Cidade de Itacoariara (Margem esquerda do rio Amazonas)	100cm	420±40 BP	Cal AD 1430 to 1520 (Cal BP 520 to 430) and Cal AD 1590 to 1620 (Cal BP 360 to 330)	Beta-303999
Jauary	Cidade de Itacoariara (Margem esquerda do rio Amazonas)	148cm	520±40 BP	Cal AD 1320 to 1350 (Cal BP 630 to 600) and Cal AD 1390 to 1440 (Cal BP 560 to 510)	Beta-304000

labiais nas formas das vasilhas, locais que são preferenciais para a aplicação da decoração, que consiste na modelagem de figuras, principalmente zoomorfas, esferas aplicadas com ponteados ao centro, incisões simples, duplas e múltiplas e também o engobo vermelho (Figura 2).



Figura 2. Cerâmicas Borda Incisa (Fase Silves) dos sítios Pontão e Mucajatuba. Fotos: H. Lima.

Os sítios multicomponenciais, com a sobreposição estratigráfica das ocupações com cerâmicas Borda Incisa por conjuntos mais recentes Saracá, podem ser exemplificados pelo contexto encontrado no sítio Sete Irmãs do Anebá, localizado na margem esquerda do rio Anebá, em seu médio curso. O sítio tem uma estratigrafia bastante “didática”, composta por dois contextos ocupacionais claramente separados na estratigrafia e com cerâmicas tecnologicamente diferenciadas. O conjunto mais antigo é relacionado à fase Itacoatiara (Figura 3), enquanto o mais recente comporta cerâmicas da fase Saracá. Foram feitas três datações radiocarbônicas ao longo da estratigrafia em uma escavação realizada no sítio, que revelaram uma sequência cronológica entre os séculos VI e XII DC.

Já o sítio Jauary, localizado na cidade de Itacoatiara, também multicomponencial, mostra uma estratigrafia extremamente complexa e perturbada, por se localizar em área urbana assaz antropizada. As datações radiocarbônicas evidenciam tal perturbação, com contextos profundos e relacionados às cerâmicas Itacoatiara, com datas muito recentes (ver Tabela 2), o que parece indicar mistura ou contaminação das mesmas. A diferença deste contexto em relação ao anterior aparece nas ocupações mais recentes, sendo, neste caso, predominantemente Guarita (TPA). Voltaremos a este sítio mais adiante, ao tratar das ocupações mais recentes da área.

O material supostamente antigo do sítio Jauary caracteriza-se pela associação da policromia com uma decoração plástica altamente rebuscada, o que assemelharia essas cerâmicas àquelas anteriormente referenciadas como Pocó ou Pocó-Açutuba (Lima et al., 2006; Neves et al., 2014). Soma-se a isso, a presença de flanges labiais decoradas através de incisões e excisões em motivos curvilíneos e modelagem com motivos biomorfos, sempre tendo o cauixi como tempero. Todos estes são elementos bastantes característicos da fase Itacoatiara, descrita por P. Hilbert (1968) e discutida por D. Lathrap (1970b) e, mais recentemente, por Lima (2008).

Esses contextos mais antigos ocorrem em grande parte dos sítios da região, geralmente em profundidade. Quando se está lidando com sítios multicomponenciais, esses conjuntos são geralmente identificados nos níveis estratigráficos mais profundos (como é o caso dos sítios Sete Irmãs do Anebá, Jauary, Taperebatuba, entre outros). Entretanto, vale ressaltar que nos sítios Pontão e Mucajatuba, as cerâmicas TBI (fase Silves) aparecem ao longo de toda a estratigrafia, em contextos unicomponenciais.

Há diferenças sutis entre esses materiais Itacoatiara e aqueles anteriormente descritos, referenciados como fase Silves. Independente das diferenças entre esses dois conjuntos, assim como o componente antigo da Tradição Regional Saracá (fase Sucuriju) (Simões, 1984), ambos estão relacionados ao início de uma ocupação humana em larga escala da região (Neves et al., 2014). Ainda não estamos certos quanto à separação cultural ou cronológica entre esses dois conjuntos antigos (Silves e Itacoatiara), de modo que tal quadro ainda pode vir a se modificar com o andamento das pesquisas.

Já o período mais recente da ocupação pré-colonial é caracterizado pela mescla de elementos ligados às tradições Incisa Ponteadada e Polícroma. Dentre os traços comumente associados à primeira, encontram-se o largo uso de ponteados, incisões finas e o tempero composto principalmente por cauixi e areia. Essas características ocorrem concomitantemente e, por vezes, num mesmo fragmento, em cerâmicas com traços predominantes da Tradição Polícroma (TPA), entre eles as vasilhas com borda reforçada e flanges mesiais e a pintura polícroma. Foi justamente a essa fusão regional de traços distintos que M. Simões denominou Tradição Regional Saracá (Simões; Machado, 1984, 1987). É importante notar que estratigraficamente e contextualmente esses elementos não se diferenciam e sugerem, mesmo, tratar-se de um único conjunto miscigenado. Ao que Simões separou como fases distintas (Anebá, Sanabani, Garbe, Saracá...) componentes da TR Saracá, englobamos sob uma mesma nomenclatura unificada, Saracá, ligada às tradições Inciso-Ponteadado e Polícroma.

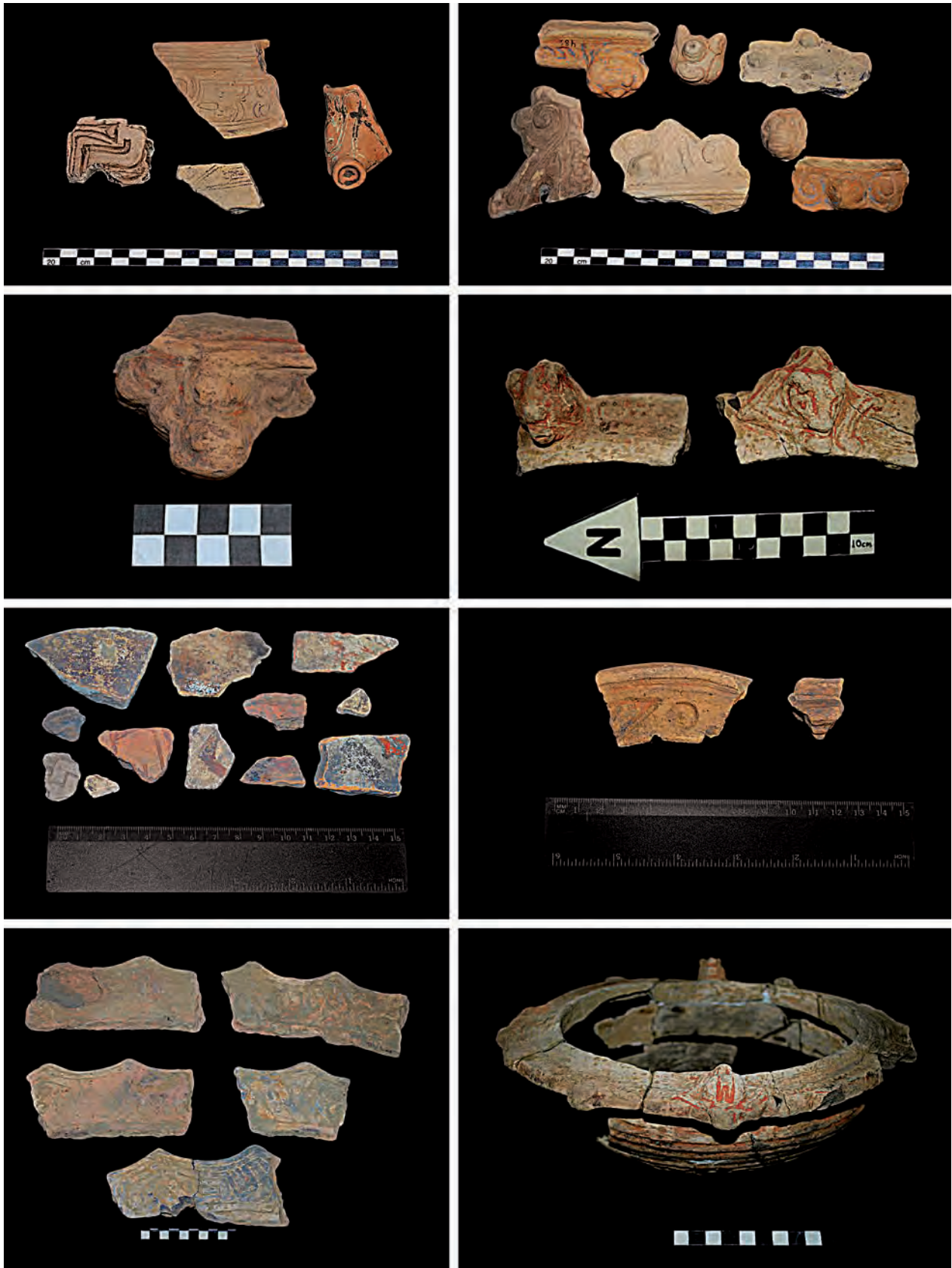


Figura 3. Cerâmicas Itacoatiara (Pocó-Açutuba) dos sítios Jauary, Sete Irmãs do Anebá. Fotos: acervo do Projeto Baixo Urubu.



Figura 4. Cerâmicas Saracá do rio Urubu, sítio Sucuriju (acervo MPEG). Fotos: N. Smith.

A aproximação das cerâmicas Saracá com a Tradição Inciso-Ponteado pode ser facilmente percebida através dos materiais cerâmicos ali encontrados, caracterizados pelo largo uso de ponteados, como os já descritos por Simões, ponteados-estampado, ponteados-arrastado e ponteados-repuxado, ou ainda o uso de outras técnicas que resultem num efeito visual semelhante, como o inciso-quadrado ou tracejado-quadrado. De fato, esta pode ser considerada a característica mais distintiva do conjunto: os ponteados, que são aplicados em áreas e setores específicos dos vasos globulares ou em meia-calota. Em geral, somente as porções inferiores dos mesmos (mesiais ou próximas das bases) são decoradas a partir desta técnica, uma vez que nas porções superiores, mais próximas das bordas, que geralmente são extrovertidas ou reforçadas externamente, as técnicas utilizadas são as incisões ou acanalados. Os pratos, tigelas e assadores, quando decorados, concentram as mesmas na face superior das bordas, também expandidas. Neste caso, são comuns, além das incisões, estampas de pequenas circunferências em toda a sua extensão. Os antiplásticos são variáveis, mas usualmente apresentam uma combinação de caixi, minerais, caco moído e, em alguns casos, também o cariapé ou caraipé (*Licania* spp.).

Os ponteados e flanges com acabamento entalhados e incisões finas inclinadas são importantes elementos diagnósticos da cerâmica Saracá do Rio Urubu. As vasilhas com estas características têm sempre uma espessura fina, variando de 3 a 8 mm. Os ponteados parecem ter sido elaborados por uma vasta gama de instrumentos que, associados às variabilidades gestuais, geram uma amplitude decorativa extremamente expressiva (Figura 4). Inferimos que esses instrumentos sejam compostos por pontas únicas ou múltiplas, que podem ser circulares ou achatados finos ou grossos; ou ter a extremidade em forma de u, v ou

retas compondo 90°. Os de múltiplas pontas podem ter três ou mais extremidades verticais paralelas circulares, podendo ser as pontas da mesma ou de espessuras diferentes. São marcantes na coleção instrumentos de fileiras verticais levemente côncavos, com várias pontas achatadas de mesma espessura e comprimentos iguais ou diferentes. Pode-se pontear ainda com as unhas ou pontas dos dedos, ocorrendo também grandes estampas com múltiplas pontas muito finas ou ligeiramente grossas.

Inseparável do processo de confecção do instrumento está o gesto que se utiliza para aplicar estampas. Estes podem variar de uma precisão, clareza e regularidade milimétrica a padrões aleatórios, podendo formar fileiras de entalhes aplicados em sentidos opostos ou de maneira a complementar a extensão de aplicação do instrumento. Pode-se ainda simular uma cobertura uniforme, mas que é resultado de um cuidadoso trabalho de repetição do instrumento, de pequeno ou grande porte. Ocorre a formação de fileira de um a cinco pontos, com intervalos paralelos e regulares entre os pontos. Com instrumentos de várias pontas ou individuais é possível repuxar suave ou intensamente a superfície, formando ou não nódulos ou protuberâncias. Os ponteados podem ser complementados por incisões ou intervalos lisos, formando padrões que remetem possivelmente a pintas, escamas, carapaças, espinhos ou outras representações que ainda não foram identificadas.

Alguns elementos estilísticos dessas cerâmicas, tais como a preferência pelas bordas como suporte para a decoração incisa, remetem aos conjuntos mais antigos existentes na região. Na região do rio Urubu e adjacências, as cerâmicas Saracá substituem as ocupações mais antigas, sobrepondo-se estratigraficamente aos conjuntos Borda Incisa/Barrancoide. Os processos culturais ligados a esses fenômenos ainda precisam ser melhor entendidos e interpretados, mas é válido registrar que alguns elementos de continuidade ocorrem entre as cerâmicas Silves/Itacoatiara e os conjuntos Saracá. Assim, a cerâmica Saracá pode ser caracterizada enquanto um conjunto de síntese, combinando elementos ligados a três das quatro tradições ceramistas definidas Amazônia: as tradições Borda Incisa, Inciso-Ponteados e Polícroma.

Cabe ressaltar, por fim, que embora com visível predominância na área de pesquisa, ela aparentemente se concentra no curso do rio Urubu e afluentes, sem, no entanto, adentrar com tal intensidade nos sítios que margeiam o rio Amazonas, pois, em alguns dos sítios estudados, mais próximos do Amazonas, há a clara preponderância dos materiais policromos (Figura 5), enquanto que em outros mais distantes da calha do Amazonas predominam os conjuntos Saracá. De fato, a concomitância regional, local e até mesmo contextual das cerâmicas Saracá e Guarita sugere um mesmo contexto cultural de apropriação e uso. Ainda não sabemos se as cerâmicas Guarita presentes nos sítios do rio Urubu foram produzidas localmente, mas essa questão está sendo investigada. De todo modo, parece clara a associação cultural dessas duas cerâmicas, inseridas num mesmo contexto de uso. De outro lado, a maior preponderância das cerâmicas Guarita (incluindo urnas Guarita/Miracanguera) na calha do Amazonas, ao passo em que as Saracá (ponteadas) se concentram em outras áreas, pode dar dicas importantes sobre a diversidade e contatos culturais na região. Neste sentido, é importante avaliar a correta distribuição dos contextos com cerâmica Saracá, para que se possa vislumbrar os processos históricos levados a cabo nessa região.

Levantamentos e estudos mais intensivos nos sítios localizados em um perímetro de interlocução entre esses dois contextos (rio Amazonas-Urubu), a exemplo dos “furos” ali existentes, como o Arauató, são áreas prioritárias para o estudo das relações entre esses conjuntos (Bassi, 2013). Com isso, as pesquisas ora em andamento procuram entender como se deram as relações históricas entre esses dois sistemas culturais e territoriais aparentemente distintos, que se aproximam e se mesclam em algum ponto do rio Urubu, revelando-se esta área como uma zona de fronteira cultural.



Figura 5. Cerâmicas policromas em contextos Saracá no rio Urubu, sítios Jauary e Sucuriju. Fotos: acervo do Projeto Baixo Urubu.

Considerações

As cerâmicas Saracá têm uma ocorrência regionalmente restrita e são mais recentes do que anteriormente proposto, com duração entre 900 dC e 1600 dC¹. A região do rio Urubu é a sua área de maior expressão. Internamente, elas possuem características de outros conjuntos, tais como as cerâmicas Borda Incisa/Barrancoide, Inciso-Ponteadado e das Polícromas. Sua associação ora à Tradição Inciso-Ponteadado (Simões;

1. Essa estimativa foi feita levando em consideração somente as datações obtidas pelo Projeto Baixo Urubu. As cerâmicas datadas por Simões estão sendo reanalisadas, com o intuito de melhor contextualizar tais datações.

Machado, 1987), ora à Tradição Policroma (Simões; Machado, 1984), pode ser explicada pela sua característica de síntese de atributos diagnósticos de ambas as tradições, em algumas áreas pendendo mais para um lado, em outras áreas para o outro. De fato, não pensamos ser possível associar a Tradição Regional Saracá à Tradição Inciso-Ponteado, tampouco é evidente a sua filiação direta à TPA, apesar das claras associações contextuais e culturais dos materiais.

Regionalmente, essas cerâmicas compartilham atributos ou associação de atributos com conjuntos de áreas adjacentes ao rio Urubu. Este é o caso das cerâmicas Cumaru descritas por Miller (1992) no rio Uatumã, na área da Usina Hidrelétrica de Balbina, e aparentemente com as cerâmicas Axinim, no rio Madeira – que apresentam uma forte relação geográfica com o rio urubu, além de possuir algumas características semelhantes, descritas por (Moraes, 2013: 144). Tais semelhanças estilísticas e contextuais, no entanto, não descaracterizam o conjunto Saracá enquanto um fenômeno regional circunscrito à área do rio Urubu e adjacências.

A cerâmica Saracá pode ser entendida enquanto um híbrido entre diferentes conjuntos presentes na região do médio e baixo Urubu e suas adjacências. A essa fusão regional de traços distintos, as interpretações propostas têm se apoiado na hipótese de que tal diversidade resulte de ressignificações locais de distintos padrões culturais, típicas de áreas de fronteiras culturais, que denotariam uma construção identitária peculiar, tendo a decoração cerâmica como um indicativo de forte marcação ou reafirmação desta mesma identidade étnica (Lima, 2013; Hornborg; Hill, 2011). Assim sendo, a questão que aqui se coloca é, do ponto de vista conceitual, se a peculiaridade do material cerâmico verificada no baixo rio Urubu pode mesmo ser representativa de uma zona de fricção étnica e/ou de fronteira cultural; ou se trata de (mais) um novo complexo arqueológico identificado, como parte de uma trama de relações geopolíticas entre os diferentes povos ameríndios na Amazônia pré-colonial.

Para esta indagação ainda não temos resposta, mas a continuidade e o avanço dos trabalhos nesta região e em áreas adjacentes poderão ser elucidativos a este respeito, o que pode dizer muito sobre a história profunda dos antigos habitantes da Amazônia Central.

Agradecimentos

Aos muitos colaboradores diretos do Projeto Baixo Urubu, entre estagiários, bolsistas, pesquisadores e voluntários; e aos inúmeros colaboradores indiretos, em especial aos moradores das comunidades e proprietários dos terrenos onde fizemos as pesquisas. Institucionalmente, o Projeto Baixo Urubu conta com o apoio do Museu Amazônico da Universidade Federal do Amazonas (MA-UFAM) e com o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). Os principais financiamentos vieram da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do Programa de Desenvolvimento Científico Regional (DCR-FIXAM) entre os anos de 2009-2012, e atualmente conta com o financiamento do CNPq pelo Edital Universal 14/2014 (2014-2016).



AS CERÂMICAS AÇUTUBA E MANACAPURU DA AMAZONIA CENTRAL

Helena Pinto Lima

RESUMEN

Las cerámicas Açutuba y Manacapuru de la Amazonía central

Este artículo está dedicado a resumir la información sobre los antiguos complejos cerámicos de la Amazonia central: Açutuba y Manacapuru, vinculados a las tradiciones Pocó-Açutuba y Borde-Incisa/Barrancoide. La cronología cerámica de la región fue propuesta por primera vez en la década de 1960, y más tarde fue bastante discutida y reevaluada. Nuevos datos y nuevas interpretaciones se han incorporado al conocimiento de los antiguos conjuntos de la Amazonia central. Por tanto, traemos un panorama más actualizado sobre el conocimiento de esos conjuntos.

ABSTRACT

Açutuba and Manacapuru ceramics from Central Amazon

This article synthesizes data about the early ceramic complexes from the Central Amazon, Açutuba and Manacapuru, associated, respectively with the ceramic traditions Pocó-Açutuba and Incised Rim/Barrancoide. The regional ceramic chronology was initially proposed in the 1960s and has since been substantially discussed and re-evaluated. New data and new interpretations have been incorporated into these early perspectives on the Central Amazon. Here we present an updated panoramic perspective on current knowledge about these complexes.

Introdução

Este artigo dedica-se a sintetizar as informações sobre os complexos cerâmicos antigos da Amazônia Central, relacionados às fases Açutuba e Manacapuru.

A cronologia de ocupação da Amazônia Central foi inicialmente proposta pelo arqueólogo alemão Peter Hilbert (1968). Através do estabelecimento de sequências seriadas, as pesquisas pioneiras de Hilbert sugeriram que a cronologia regional seria caracterizada por rupturas entre os conjuntos cerâmicos, associados a uma sequência cronoestratigráfica de acordo com os horizontes (posteriormente chamados de tradições) de Meggers e Evans (1961). Assim, a cronologia de Hilbert era composta por quatro conjuntos cerâmicos: as fases Manacapuru e Paredão, da Tradição Borda Incisa; a fase Guarita, da Tradição Policrômica da Amazônia; e a fase Itacoatiara, da Tradição Incisa e Ponteada (Hilbert, 1968, Meggers; Evans, 1961, 1983). À época, Hilbert contava apenas com poucas datações radiocarbônicas e com o estudo da estratigrafia dos sítios (muitos deles multicomponenciais) para elaborá-la.

O posicionamento e a antiguidade das fases cerâmicas desta região foram bastante discutidos, a exemplo da fase Itacoatiara, então proposta como muito recente, que foi posteriormente entendida como um conjunto antigo, posicionado na região do médio Amazonas (Lima, 2008; Lima, 2013). Igualmente, a fase Manacapuru gerou debates quanto a sua filiação cultural, sugerindo-se tratar de uma representação na Amazônia brasileira da série Barrancoide (Lathrap, 1970; Lima, 2008; Lima; Neves, 2011). Neste sentido, a sequência cerâmica da área de confluência dos rios Negro e Solimões foi retrabalhada em detalhes, o que culminou num refinamento de tal cronologia apresentado em Lima (2008). Tais análises levaram à formulação de uma nova hipótese sobre a cronologia de ocupação da área, quando identificaram-se as cerâmicas Açutuba, com datas entre 300 aC e 360 dC (Lima et al., 2006) e posteriormente datadas em até 600 dC (Neves, 2013). A definição deste novo complexo surgiu como um aprofundamento dos estudos das cerâmicas Manacapuru, estas datadas entre aproximadamente 600 e 1.000 dC (Lima, 2008; Neves, 2013).

Na ocasião da pesquisa foram analisados 7.789 fragmentos (ou vasilhas) de cerâmica provenientes de nove sítios arqueológicos localizados na área de confluência dos rios Negro e Solimões – Amazônia Central (Lima, 2008). Ainda no âmbito do mesmo estudo, a metodologia foi extrapolada para duas áreas adjacentes no Baixo Amazonas (sítio Pocó, rio Nhamundá/PA) e médio Solimões (Nova Esperança, município de Coari/AM), somando-se mais 1.323 fragmentos/vasos analisados, então tratados em uma perspectiva comparativa regional feita entre os sítios (idem: 324-330).

As análises cerâmicas, juntamente com a avaliação dos contextos e das datações radiocarbônicas, apontaram à necessidade de dividir os conjuntos anteriormente referidos como Manacapuru (Hilbert, 1968; Lathrap, 1970), propondo então a fase Açutuba, entendida enquanto um componente mais antigo da Tradição Borda Incisa/Barrancoide na Amazônia Central (Lima et al., 2006; Lima; Neves, 2011; Neves, 2013). Ainda em avaliação desses mesmos dados, frente a novos complexos conhecidos na bacia Amazônica, como no médio e Baixo Amazonas, nos rios Trombetas e Nhamundá, em Santarém, no médio Solimões, entre outros (Hilbert; Hilbert, 1980; Guapindaia, 2008; Gomes, 2011; Costa, 2012; Lima, 2013; Neves et al., 2014), propuseram que as cerâmicas Açutuba fariam parte de um fenômeno de expansão rápida de populações ceramistas ao longo da calha do Amazonas, carregando consigo feições culturais e inovações tecnológicas marcantes, entre elas o cultivo de plantas domesticadas ou manejadas e a produção das terras pretas junto a uma surpreendente coesão estilística das cerâmicas.

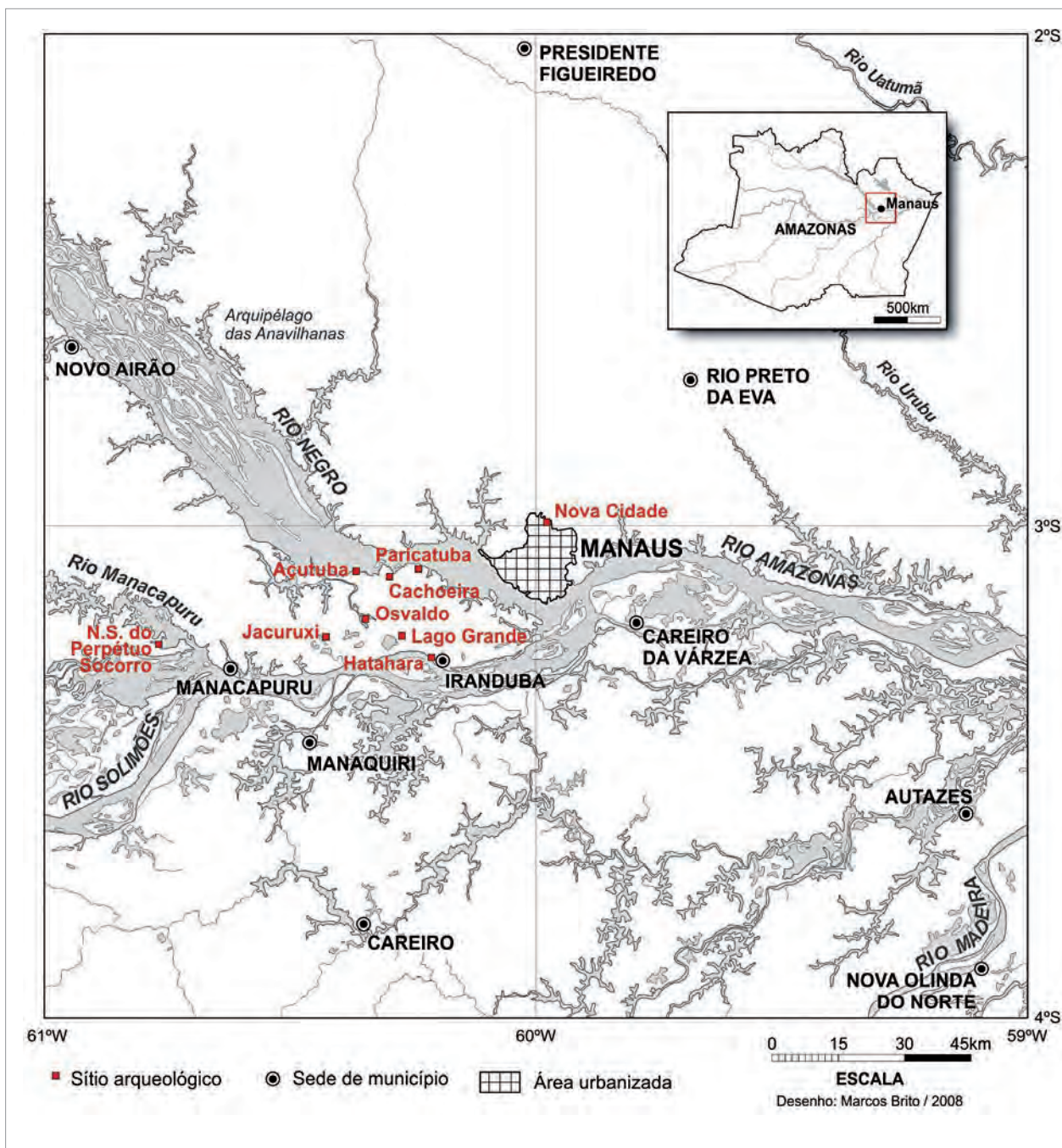


Figura 1. Mapa da área de pesquisa, com sítios estudados (Lima, 2008).

Pretendemos neste artigo oferecer um quadro descritivo sintético sobre essas cerâmicas antigas encontradas na Amazônia Central, estas mais amplamente relacionadas aos conjuntos Pocó-Açutuba (Neves et al., 2014) e à tradição Borda Incisa/Barrancoide (Lima, 2008; Lima; Neves, 2011) da bacia amazônica que, por sua vez relacionam-se aos contextos Saladoide/Barrancoide do rio Orinoco e Caribe (Rouse; Cruxent, 1963). A intenção aqui é apresentar sucintamente os dados (tecnológico-estilísticos, cronológicos, contextuais...) relativos a essas cerâmicas, fornecendo subsídios para discussões mais abrangentes sobre a história de ocupação por ceramistas na Amazônia Central.

Contexto: início e intensificação das ocupações por ceramistas na Amazônia Central

OCUPAÇÕES AÇUTUBA: “OS PIONEIROS”

As sequências cronoestratigráficas dos sítios arqueológicos da confluência dos rios Negro e Solimões mostram ocupações contínuas e aparentemente sem rupturas por milhares de anos, assim como reocupações, de modo que as posteriores sempre interferem nas anteriores. Os contextos ceramistas mais antigos, portanto, sofreram alterações constantes, que muitas vezes dificultam avaliações arqueológicas de atributos como formas de aldeia e espacialidade intrassítio. Não obstante, materiais Açutuba aparecem consideravelmente dispersos na Amazônia Central, o que remete a uma ocupação regional mais intensa. Foi argumentado anteriormente que estas ocupações estariam, desassociadas contextualmente, de sítios com matrizes antrópicas de solo (as terras pretas de índio ou terras pretas arqueológicas).

No entanto, materiais semelhantes na própria área de pesquisa e em regiões próximas têm mostrado a paulatina associação desses materiais Açutuba com as terras pretas. Tais dados levam à hipótese de que essas ocupações sejam as primeiras depois de um longo hiato na região, e que talvez tenham dado início, de forma sutil e não em todos os locais, à formação desses solos antrópicos. As terras pretas têm sido consideradas enquanto marcadores cronológicos e índices culturais ligados às populações com certa estabilidade e grau de manejo ou impacto ambiental (Schmidt et al., 2014; Neves, 2013; Neves et al., 2014).

A interpretação proposta é a de que tais conjuntos não sejam um produto de um desenvolvimento autóctone, mas sim formados em outros locais para que então fossem adaptados à região da Amazônia Central, trazendo consigo um arsenal tecnológico e simbólico já estruturado (Neves et al., 2014). Partindo desta perspectiva, determinados modos de vida teriam atingido a Amazônia Central em torno de 2000 anos AP, dentro de um processo de expansão (Pocó-Açutuba) advindo de outros locais, desde pelo menos o primeiro milênio aC, o que explicaria localmente o hiato cronológico desde a ocupação da região por grupos caçadores-coletores, que perdurou até o Holoceno médio, e as primeiras ocupações ceramistas, que só aconteceram milhares de anos mais tarde.

Pesquisas atuais têm retomado a discussão sobre a associação entre língua e cultura material, tópico muito polemizado na literatura arqueológica. Na Amazônia, algumas correlações desta natureza têm sido exploradas, como é o caso dessas cerâmicas Pocó-Açutuba e Barrancoides e as línguas Arawak. Tal hipótese foi proposta desde o início do século XX (Schmidt, 1917) e desenvolvida por Lathrap (1970), Heckenberger (2003), e Neves (et al., 2014). Embora ainda se deva testar, este é um apontamento fértil para a continuidade das pesquisas com cerâmicas antigas na Amazônia Central.

Dentro deste mesmo escopo se situam as cerâmicas Itacoatiara, que têm sido mais intensivamente estudadas, mostrando-se claramente mais antigas do que anteriormente proposto (Hilbert, 1968) e provavelmente ligadas à essa mesma expansão Pocó-Açutuba na calha do Amazonas (Lima, 2013).

Nos sítios que indicam uma ocupação mais intensa, foi identificada uma série de estruturas, como concentrações de cerâmicas e bolsões. Os bolsões e concentrações cerâmicas são muito evidentes nos sítios Hatahara e Açutuba, mas aparecem também em sítios de menor porte, como o Jacuruxi e Nossa

Senhora do Perpétuo Socorro. Estes dois últimos sítios merecem destaque, por estarem situadas justamente no limiar entre o que se poderia definir como Açutuba ou como Manacapuru. Estilisticamente, as cerâmicas não apresentam o tradicional “rebuscamento” Açutuba, mas ainda assim algumas de suas características juntamente com as datas e os contextos permitem ambiguidade na sua inserção cronoestilística. Embora já salientando tal problema, inicialmente ambas as ocupações foram relacionadas ao conjunto Manacapuru, em função da presença de terra preta e da ausência de traços diagnósticos Açutuba, como a policromia na decoração cerâmica (Lima, 2008: 270). Em trabalhos posteriores, Jacuruxi foi situado junto ao conjunto antigo Açutuba (Neves, 2013). O desenvolvimento das pesquisas levaram a pensar que esses dois sítios, ambos de pequeno porte, com terras pretas discretas, seriam justamente a chave para o entendimento das relações entre esses dois complexos cerâmicos. Independente do posicionamento desses contextos em uma ou outra fase cerâmica, os dois sítios mostram terras pretas incipientes em contextos unicomponenciais, com uma enorme concentração de feiçoes (bolsões, estruturas de combustão e fornos)(Figura 2a-c).



Figura 2a-c. a) Feição (concentração de cerâmicas). b) Açutuba escavada no sítio homônimo. c) Feições de combustão evidenciadas no sítio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Lima, 2008).

As datações para a fase Açutuba, obtidas a partir dos sítios Hatahara, Açutuba e Lago Grande, posicionam-se entre 300 AC e 600 DC, como pode ser visto na Tabela 1. Também os sítios NSP Socorro e Jacuruxi enquadram-se nesta faixa temporal (Tabela 2), embora Jacuruxi esteja claramente no limite mais recente do conjunto.

Tabela 1. Datas radiocarbônicas de ocupações da fase Açutuba nos sítios Açutuba, Hatahara e Lago Grande (Lima, 2008; Lima et al., 2006; Neves, 2013).

Nº AMOSTRA	PROVENIÊNCIA	PROF.	DATA (1 σ)	Nº LAB.
Ac 2611	T10	65 cm	1590 \pm 40 BP	Beta 178908
Ac 2652	T10	77 cm	1610 \pm 90 BP	Beta 178909
Ac 2230	T9	90-100 cm	2280 \pm 100 BP	Beta 178910
Ac 1A	U2	70-80 cm	1800 \pm 80 BP	Beta 90724
Hat 1860	N1152 W1360	170-180 cm	2310 \pm 120BP	Beta 143597
LG 566	N508 E596	100 cm	1940 \pm 60 BP	Beta 178920

Tabela 2. Datas radiocarbônicas de ocupações nos sítios NSP Socorro e Jacuruxi (Lima, 2008; Lima et al., 2006; Neves, 2013).

Nº AMOSTRA	PROVENIÊNCIA	PROF.	DATA (1 σ)	Nº LAB.
NSPS1767	F83	0-10cm	1860 \pm 40 BP	Beta 242450
NSPS1672	N1087 E1173	10-20cm	2000 \pm 40 BP	Beta 242449
JACU186	N1001 E1180	21 cm	1500 \pm 40 BP	Beta 242441
JACU274	N1000 E1003	35 cm	1580 \pm 40 BP	Beta 242442

OCUPAÇÕES MANACAPURU: "OS INTENSIFICADORES"

Como foi salientado no item anterior, não há claras evidências de rupturas entre as ocupações Açutuba e Manacapuru na Amazônia Central, embora estes últimos se diferenciem tanto estilística quanto contextualmente dos predecessores. Trata-se, ao contrário, de um processo de intensificação no uso e manejo do ambiente, o que leva, por exemplo, à intensificação da formação das terras pretas (Figura 3). A variação cronológica destas ocupações, estabelecida em torno dos séculos 600-1000 dC com datações para os sítios Açutuba, Osvaldo e Hatahara (Tabela 3), pode ser considerada arbitrária, mas mostra o momento em que essas ocupações e sua produção cerâmica associada já se organizam de uma maneira bem distinta das ocupações ceramistas iniciais da região.

Os sítios em que se encontram materiais relacionados à fase Manacapuru são mais numerosos do que os sítios com materiais Açutuba, e geralmente possuem depósitos mais densos. Conformam um padrão de assentamento circular, como é o caso do sítio Osvaldo, estudado em maior detalhe (Abreu, 2000; Portocarrero, 2007; Lima, 2008). Note-se que este dado não foi observado nas ocupações Açutuba, talvez pela dificuldade em verificar, especialmente nos sítios multicomponenciais e profundos. Estilisticamente, como se mostrará adiante, há mudanças sensíveis nas cerâmicas.

Tabela 3. Datações radiocarbônicas de contextos da fase Manacapuru nos sítios Açutuba, Osvaldo e Hatahara (Lima, 2008; Neves, 2013).

Nº AMOSTRA	PROVENIÊNCIA	PROF.	DATA (1 σ)	Nº LAB.
Ac II-B	U1	30-40 cm	1270 \pm 60 BP	Beta 90723
Ac II-B	U1	40-50 cm.	1230 \pm 70 BP	Beta 106437
Ac II-B	U1	50-60 cm	1590 \pm 60 BP	Beta 106438
Osv 332	S700 E1895 SE	20-30 cm	1350 \pm 40 BP	Beta 143627
Osv 581	S845 E2046 SE	40-43 cm	1100 \pm 40 BP	Beta 143626
Osv 170	S710 E1966	50-60 cm	1350 \pm 30 BP	Beta 143616
Osv 435	S710 E1966	61 cm	1340 \pm 40 BP	Beta 143617
Osv 505	S710 E1966	66 cm	1350 \pm 40 BP	Beta 143618
Osv 270	S845 E1921 SE	60-70 cm	1260 \pm 30 BP	Beta 143623
Osv 456	S710 E1966	73 cm	1320 \pm 60 BP	Beta 143619
Osv 457	S710 E1966	76 cm	1310 \pm 40 BP	Beta 143620
Hat 1892	N1152 W1360	155 cm	960 \pm 40 BP	Beta 143595
Hat 1855	N1152 W1360	160-170 cm	1070 \pm 70 BP	Beta 143596
Hat 1869	N1152 W1360	180-190 cm	1080 \pm 40 BP	Beta 143598
Hat 1873	N1152 W1360	192 cm	1300 \pm 40 BP	Beta 143599

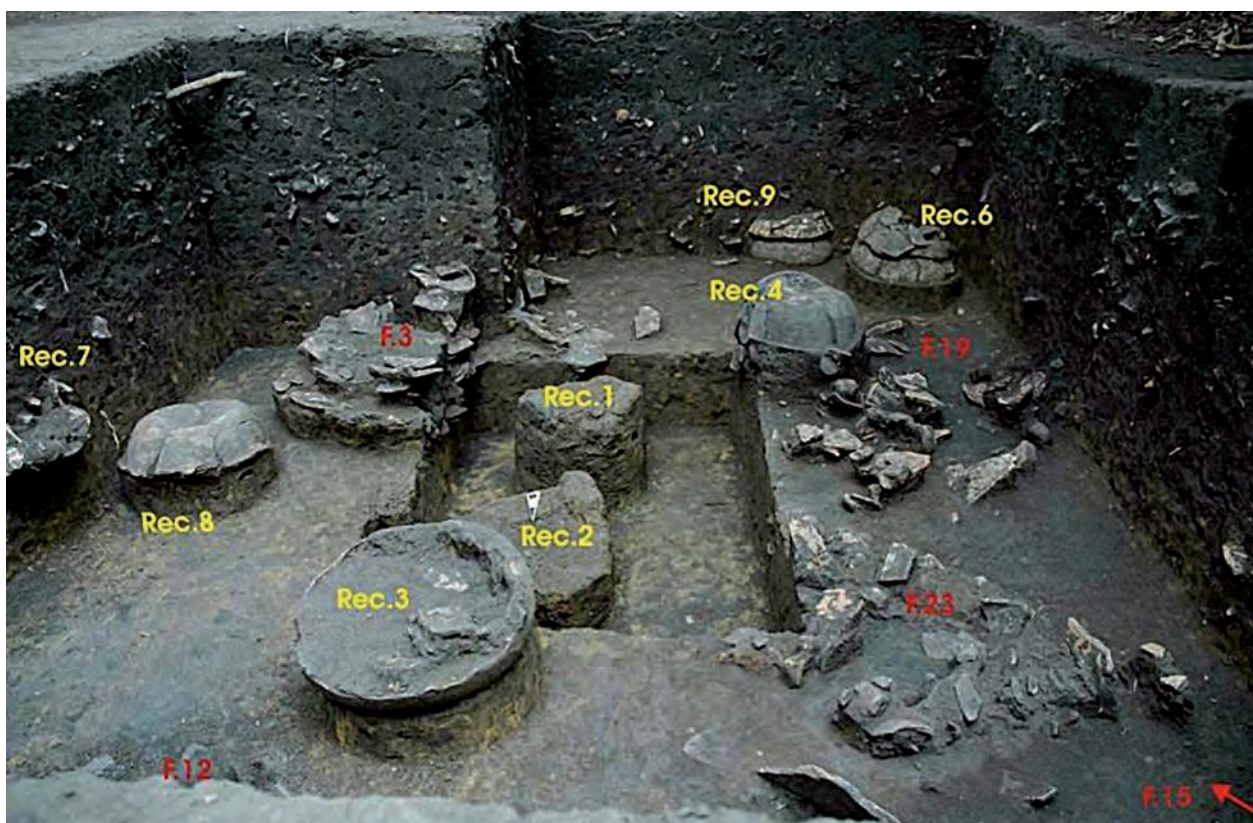


Figura 3. Pacote de terra preta escavado no sítio Hatahara (Lima, 2008).

As cerâmicas antigas da Amazônia Central¹

Antes de direcionar o enfoque aos conjuntos Açutuba e Manacapuru, vale mencionar a algumas cerâmicas antigas encontradas no sítio Açutuba, que apresentam características tecnológicas peculiares. São caracterizadas por uma pasta de coloração acinzentada, queimadas em ambientes redutores e temperadas com grande quantidade de cariapé (ou caraipé, fibras de entrecasca queimada de certas árvores da espécie *Licania*). A decoração é feita principalmente com incisões em linhas largas, que definem zonas que são posteriormente preenchidas por incisões finas, paralelas ou cruzadas (Figura 4). Este tipo de decoração remete aos materiais associados à Tradição Hachurada Zonada, a mais antiga tradição cerâmica definida para a Amazônia, com datas entre 500 aC e 500 dC (Hilbert, 1968: 272-273; Meggers; Evans, 1961, 1983). A datação radiocarbônica obtida diretamente para o tempero (cariapé) de um fragmento oriundo deste contexto acusou uma antiguidade de 590 aC., ou seja, uma das datas mais antigas obtidas para contextos cerâmicos da Amazônia Central.



Figura 4. Cerâmicas supostamente Hachurado Zonadas, mais antigas, escavadas no sítio Açutuba (Lima, 2008).

1. Algumas das descrições presentes nesta parte foram anteriormente publicadas em Lima e Neves (2011).

CERÂMICAS AÇUTUBA

As cerâmicas que compõem a fase Açutuba apresentam pastas com características variadas, mas quase sempre são leves e porosas. Alguns tipos de pasta se destacam. Uma primeira, de cor branca, aparece sempre associada a uma categoria de vasilhas com formas de contorno complexo e com pintura policrômica. A segunda, também bastante característica, tem um forte tom alaranjado e sua leveza e porosidade se destacam entre as demais. Esta pasta apresenta uma grande abundância de cauxi como tempero, apesar de este estar presente na maior parte dos fragmentos. Outro traço marcante desta pasta é a sua associação com a pintura e com alguns tipos cerâmicos bem característicos desta fase, como as estatuetas modeladas e as formas poligonais. As demais pastas, que ordinariamente aparecem distribuídas por todas as categorias, variam em tonalidades de bege-alaranjado, laranja-amarronzado e cinza. Além do cauxi, apresentam, em menor proporção, outros antiplásticos misturados, como grãos de quartzo e hematita, provavelmente componentes das próprias argilas. Outros aditivos também são utilizados, podendo aparecer em menor proporção junto ao cauxi ou, em casos mais raros, podem ser o componente principal do tempero. São eles, em ordem de frequência, o cariapé (ou caraipé – *Licania* spp.), o caco moído e nódulos de argila.

Também as queimas apresentam certa variação no tocante às formas e, principalmente, nos tipos de pastas. No entanto, observa-se uma maior frequência de queimas em ambientes oxidantes. Como exemplo, as pastas anteriormente citadas, nas cores branca e laranja-forte, são sempre oxidadas, enquanto as demais variedades de pasta apresentam uma grande variabilidade. Devido às condições gerais de preservação, que variam entre os sítios e, talvez, à sua antiguidade, as características da sua superfície nem sempre puderam ser observadas. Dessa forma, o tratamento de superfície mais detectado foi o alisamento, seguido pelo escovado, em detrimento de outras técnicas como a aplicação de resinas ou o polimento.

Essas cerâmicas são caracterizadas por uma variação formal extremamente ampla, com certa tendência para as formas abertas. Ao rebuscamento da decoração soma-se uma grande complexidade dos contornos dos vasos. A região próxima da borda (pescoço ou flange) é sempre mais espessa do que o corpo da vasilha, de maneira geral, sendo uma região preferencial para a aplicação da decoração. Esta, quando ocorre no bojo dos vasos, é uma extensão dos motivos das bordas, relacionada à composição da decoração total da vasilha. Neste mesmo sentido, os flanges labiais, que ocorrem com bastante frequência, são locais em que a decoração também é recorrente: todos apresentaram algum tipo de tratamento decorativo.

Os flanges labiais, assim como os lábios expandidos, consistem numa acentuada expansão externa da borda, a partir de um ponto de inflexão que geralmente dista entre 2 e 5 cm do lábio. São fabricados em separado, obtidos pela união de dois ou mais roletes, que são posteriormente afixados no corpo do vaso já no estágio de secagem. A união entre o rolete do corpo e o rolete do flange é feita por meio de um encaixe: fissuras em sentido oposto ao do rolete, obtidas por um instrumento pontiagudo ou pela própria unha são feitas sobre as extremidades a serem unidas, criando um encaixe. Uma vez afixado o flange, o ponto de união é recoberto por uma camada de argila em estado bastante plástico, e posta para secar. Flanges labiais são muito frequentes entre os materiais da fase Açutuba, podendo ser considerados como um traço diagnóstico desta fase cerâmica. Uma variada gama de técnicas e motivos decorativos é aplicada em sua face superior, a mais visível. Entre as técnicas utilizadas, excisões, incisões e modelagens muitas vezes associam-se a apêndices zoomórficos. Os lábios são sempre planos e cortados (Figura 5).



Figura 5. Técnica de encaixe para produção de flanges labiais (Lima, 2008).

Além dos flanges labiais, outros elementos morfológicos e estruturais característicos são flanges mesiais, apliques, apêndices modelados e estatuetas. Estes últimos, em geral com fins decorativos, são produzidos através de modelagem. Com exceção destes, a técnica de produção dos vasos é sempre a de sobreposição de roletes.

Os flanges mesiais são formados pela adição de um ou mais roletes a meia altura da parede externa dos vasos, dando-lhes uma forma bastante singular. Ainda que sejam um elemento típico da fase Guarita da Tradição Polícroma da Amazônia, os flanges mesiais ocorrem também entre os materiais da fase Açutuba, em pequena quantidade.

Embora haja uma grande quantidade de cerâmica com funções domésticas e utilitárias, impressiona o número de fragmentos decorados em relação ao total, o que pode ter implicações interessantes para a compreensão de tal variabilidade. A modelagem é largamente utilizada como recurso decorativo. Trata-se, em geral, de apêndices aplicados na borda ou no lábio dos vasos, representando figuras antropomorfas e zoomorfas (especialmente répteis e aves). Estão sempre associados a outras técnicas decorativas, como incisões de todos os tipos e pintura. Em pratos ou vasilhas muito abertas os apêndices são uma extensão modelada de flanges labiais. Ocorrem também em grandes tigelas, provavelmente adquirindo função utilitária, como alça.

Um traço diagnóstico das cerâmicas Açutuba é o rebuscamento das decorações plásticas. As incisões, finas ou largas e, na maioria das vezes, em linhas simples, são o componente decorativo mais recorrente nestas cerâmicas. Estão presentes na quase totalidade dos fragmentos decorados, frequentemente associadas a outras técnicas decorativas como a modelagem e a pintura. Um tipo característico de incisão que aparece quase sempre nestes materiais é aquele executado sobre a superfície da cerâmica já seca e queimada, e com engobo vermelho. Trata-se de uma prática realizada com uso de instrumento pontiagudo, dando um efeito bem diverso daquela feita antes da queima. Esta técnica é comumente encontrada em excisões nos materiais da fase Marajoara (tradição Polícroma).

Aparecem também excisões e acanalados, sendo estes últimos geralmente aplicados na face externa dos vasos, na região abaixo do flange labial ou do pescoço. Podem ser recobertos por engobo vermelho ou

por pintura em cores. A quantidade de fragmentos pintados é proporcionalmente inferior àqueles que recebem decoração plástica, mas a presença desta técnica em materiais tão antigos na Amazônia Central chama a atenção por diversos fatores, alguns deles já mencionados. Suas características técnicas são a aplicação de uma camada prévia de engobo branco sobre a superfície do pote e posterior pintura em linhas finas, faixas grossas ou em áreas, em diferentes tonalidades de alaranjado, vermelho, marrom e vinho. São muito semelhantes, em diversos aspectos, às cerâmicas Pocó do Baixo Amazonas. A estes conjuntos foi atribuída uma influência Saladoide, como se verá adiante. Cabe salientar que, a esta pintura, quando encontrada em contextos profundos, pode ser atribuído um caráter diagnóstico desta fase cerâmica.

A pintura policrômica é aplicada com um tipo específico de argila, leve e pouco densa, de coloração branca ou bege. Os tipos cerâmicos que recebem este tratamento são caracterizados por vasilhas de contornos compostos ou complexos. Esses materiais são similares aos da série Saladoide encontrada na Venezuela e Caribe, e às cerâmicas Pocó do Baixo Amazonas. Tanto no sítio Açutuba como Hatahara estes fragmentos ocorrem apenas nos níveis mais profundos: seu uso é abandonado, em detrimento das decorações plásticas.

Os conjuntos de vasilhas, ou “modos” com incisões em gregas sempre obedecem a padrões: incisões em linhas finas com motivos em gregas, zigue-zague, ou ondulados, sempre simétricos, são aplicadas na parte superior dos flanges labiais. Incisões lineares simples ou duplas são aplicadas nas extremidades das mesmas, funcionando como divisores que delimitam a área decorada. Na parte inferior dos flanges, na divisão entre esta e o corpo da vasilha, aplicam-se acanalados lineares, que dividem as duas seções do vaso. Essas linhas acanaladas podem ou não dar continuidade a motivos geométricos que são aplicados na face externa, onde também pode ocorrer engobo vermelho. As gregas e variantes são substituídas ao longo da sequência estratigráfica, por motivos mais curvilíneos e mais rebuscados (Figura 6a-c).

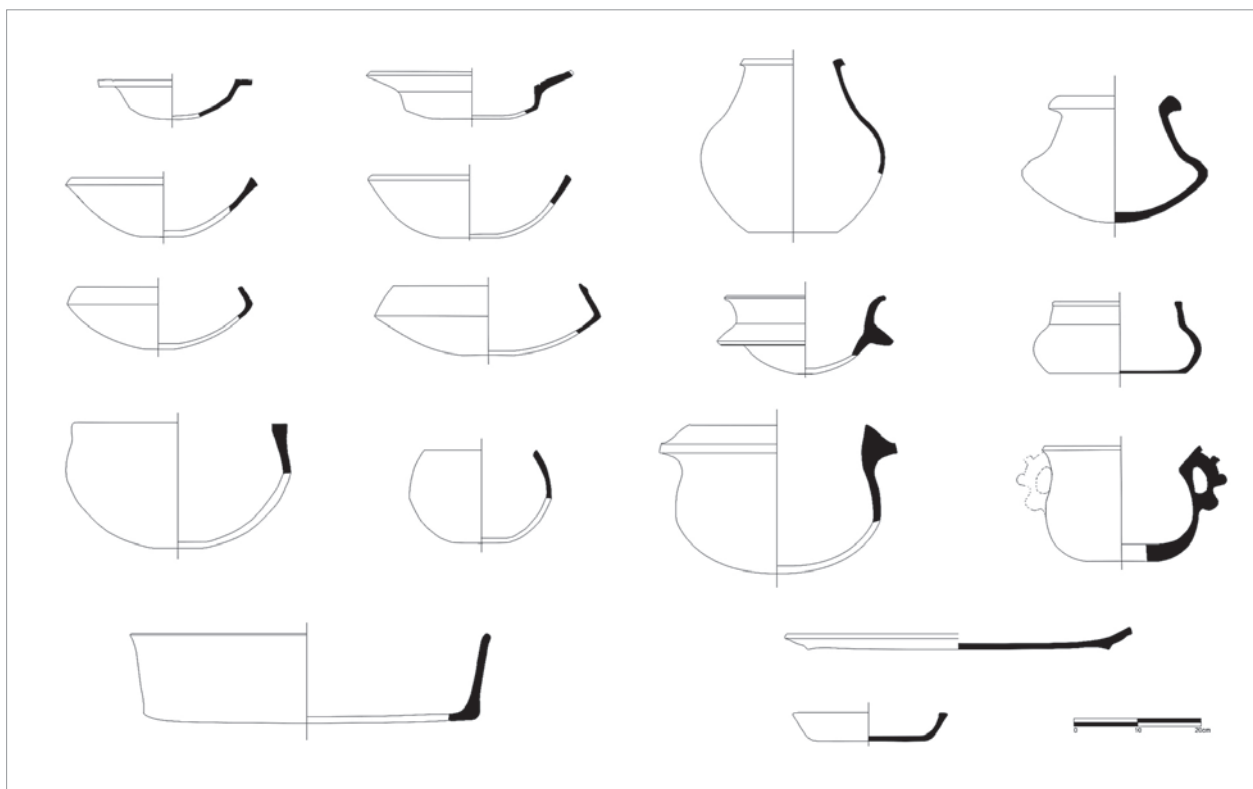


Figura 6a. Cerâmicas Açutuba da Amazônia Central (variabilidade formal).



Figura 6b. Cerâmicas Açutuba da Amazônia Central (fragmentos). Adaptado de Lima, 2008.



Figura 6c. Vaso Açutuba coletado em Manacapuru/AM (Acervo do MPEG). Foto:N. Smith.

CERÂMICAS MANACAPURU

A fase Manacapuru é composta por vasos de formas variadas, geralmente temperados com o cauxi (ou misturas de antiplásticos aonde o cauxi sempre aparece como preponderante). A decoração consiste essencialmente em incisões finas ou largas, simples, duplas ou múltiplas, engobo vermelho e na modelagem nas bordas de figuras abstratas, zoomorfas e antropomorfas, entre outros elementos. As cerâmicas contam com um número relativamente grande de fragmentos decorados, mas a proporção é muito menor do que o observado nas cerâmicas Açutuba mais antigas.

Essas cerâmicas são bastante diversificadas e, em relação à pasta, que varia de acordo com uma série de fatores, somente um tipo se destaca nesta indústria. Este possui, em geral, coloração marrom-acinzentada, queima preferencialmente redutora, e uma consistência densa e pesada, com um maior grau de dureza. O fato de a queima ser feita em ambiente redutor não faz com que sua qualidade diminua. Ao contrário, essas pastas são mais duras e resistentes do que aquelas da fase Açutuba. Ainda quanto à pasta, o cauxi é o tempero preponderante, com incidência de outros antiplásticos misturados a ele, em menor proporção, como o caco moído, nódulos de argila e o cariapé, que é quase inexistente. Há quartzo e hematita na quase totalidade dos fragmentos analisados. Quanto aos acabamentos de superfície, a quantidade de fragmentos que apresentaram polimento ou algum tipo de enegrecimento foi muito maior do que se pôde perceber nas cerâmicas Açutuba. Entretanto, a principal causa deste fato pode ter sido o estado de conservação destes materiais, como já explicitado.

A variabilidade formal é menor quando comparada com os conjuntos anteriores e há uma sensível tendência a vasos com formas mais fechadas. Foram encontrados, em diversos sítios, grandes vasos com gargalo carenado (com contorno complexo), recobertos por alguidares emborcados sobre eles, que assumiram a função de tampa, muito semelhante àquelas encontradas em urnas localizadas em sítios-cemitério Paredão (Lima, 2008).

Do mesmo modo que na fase Açutuba, há uma recorrência em modificar a estrutura do vaso, com vistas a tornar os lábios e pescoços dos vasos mais visíveis, e proeminentes. Estas serão as áreas preferencialmente utilizadas para aplicação da decoração, em geral, plástica. Mais uma vez, a plasticidade é uma marca desta indústria, tanto no que tange às formas quanto às decorações. De fato, pela tendência a formas restritivas, a presença de flanges labiais é menor que na fase Açutuba, e estes são substituídos pelas bordas extrovertidas. A técnica e o objetivo desta extroversão são sempre os mesmos nos flanges e nos lábios expandidos. A diferenciação entre um e outro é a alteração do volume do vaso. Os flanges labiais não alteram o volume, enquanto os lábios expandidos sim. Há também uma recorrência de apêndices e apliques modelados, bem como alguns exemplares de estatuetas, sempre decorados através de uma combinação de técnicas que, assim como em Açutuba, apresenta uma grande quantidade de motivos zoomorfos, com preferência pelas aves. Flanges mesiais são ausentes.

O engobo vermelho é muito frequente e geralmente ocorre associado a outros tipos de acabamento decorativo. No que diz respeito às decorações incisivas, aprecem em maior frequência as duplas ou múltiplas, em geral formando motivos retilíneos e geométricos. Técnicas que deixam de aparecer por completo são as excisões e a pintura policrômica. De fato, esta redução drástica ou completa da policromia é observada não somente nas cerâmicas Manacapuru, em relação às anteriores Pocó-Açutuba, mas também nas cerâmicas Caiambé do rio Solimões, próximo a Tefé (Costa, 2012). Esta redução possui um paralelo com cerâmicas das séries Saladoide e Barrancoide do Orinoco (Figuras 7 e 8).

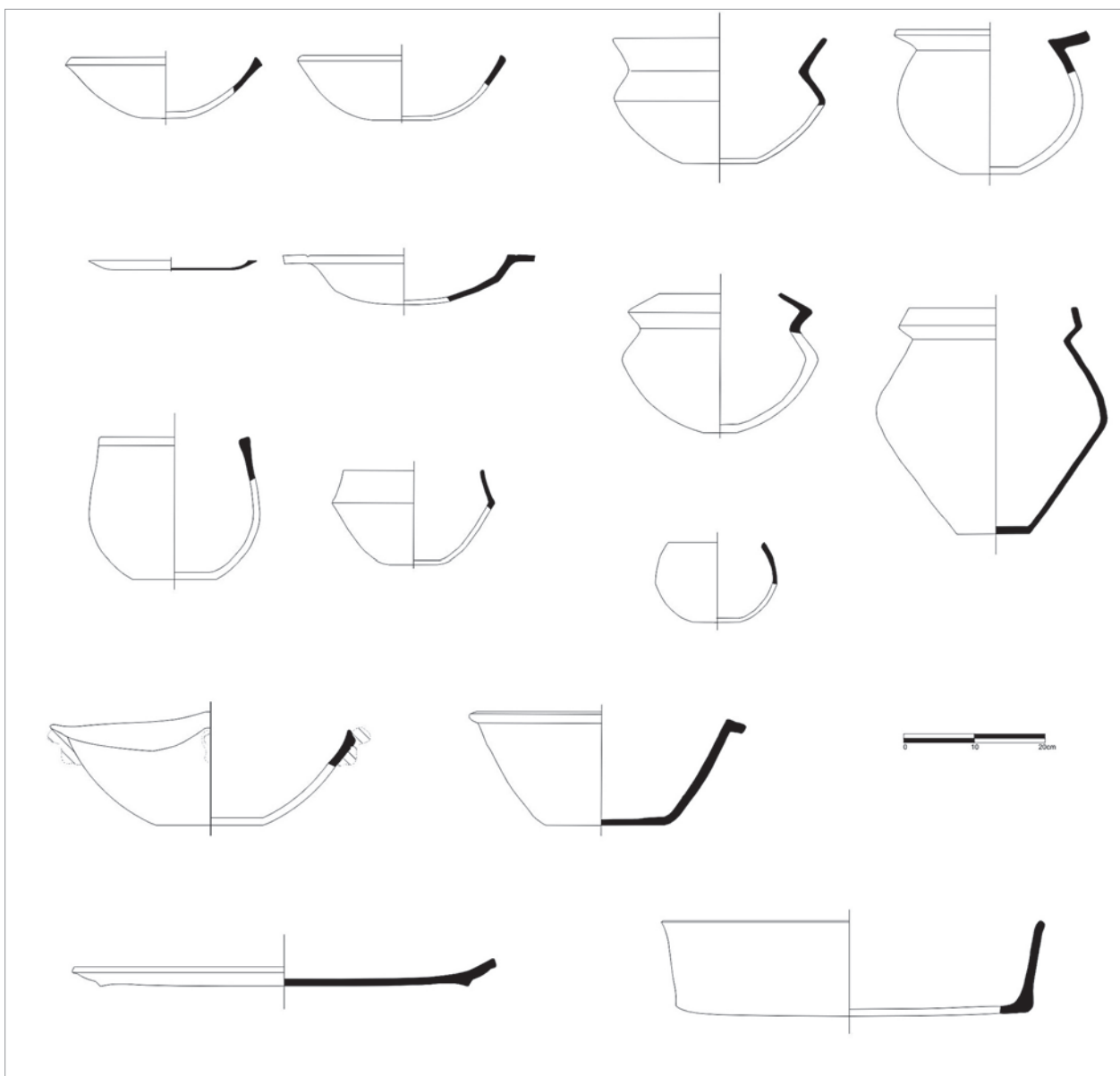


Figura 7. Cerâmicas Manacapuru da Amazônia Central (variabilidade formal).

As incisões em linhas largas e os acanalados tão comuns na fase Açutuba parecem ser substituídos pelas incisões duplas e múltiplas. Estas últimas representariam os momentos mais antigos da fase Manacapuru. As formas de vasos em que elas são aplicadas também mudam: uma vez que os flanges labiais não são mais recorrentes e dão lugar aos vasos com bordas extrovertidas, essas incisões passam a ser executadas na face externa de tigelas de contorno simples, de forma direta ou levemente expandida.

Surgem como acabamentos decorativos as técnicas de ponteadado, ungulado e digitado, aplicados comumente nos lábios, e que também são muito encontrados na fase Paredão, que sucede o conjunto Manacapuru na Amazônia Central. Peças com o acabamento do lábio ponteadado ou ungulado aparecem apenas nos contextos mais recentes de ocupação Manacapuru, quando esta coexiste com a fase Paredão, que apresenta o mesmo traço (Lima, 2008).



Figura 8. Cerâmicas Manacapuru da Amazônia Central (fragmentos e variabilidade formal). Adaptado de Lima, 2008.

As relações entre as cerâmicas Açutuba e Manacapuru

As análises dos materiais e contextos cerâmicos antigos da Amazônia Central permitiram um mapeamento de elementos indicativos de mudanças estilísticas ao longo do tempo, bem como das continuidades entre os conjuntos.

As cerâmicas antigas da Amazônia Central – Açutuba e Manacapuru – indicam um longo processo de desenvolvimento cultural, aparentemente iniciado com o fenômeno de expansão Pocó-Açutuba, e continuado na Amazônia Central pelas ocupações posteriores Borda Incisa. Dentro de tal organização podemos citar o uso preponderante do caixi como tempero, ao longo de centenas de anos. A conservação de seu uso poderia ser interpretada como uma escolha pragmática resultante da disponibilidade dessa matéria prima na região: na época da vazante dos rios, é possível coletar centenas destes espongiários em uma só manhã. Ocorre, no entanto, que esta não é a única matéria prima disponível, e nem a “melhor”. As cerâmicas da tradição Polícroma da Amazônia, por exemplo, são amplamente temperadas com cariapé. Também este tipo de vegetal é abundante em toda a área de pesquisa.

Apesar da similaridade da escolha do tempero, percebemos sensíveis diferenças entre as pastas das cerâmicas. O uso e tratamento das argilas parecem modificar com o passar do tempo. Materiais associados à fase Açutuba apresentam argilas de colorações claras, entre o bege e o alaranjado, e de consistência leve e porosa. Já as pastas Manacapuru são mais acinzentadas, densas e pesadas. Essas argilas podiam estar sendo coletadas em diferentes fontes, mas certamente eram tratadas e queimadas de maneiras diferenciadas (Lima; Neves, 2011).

Quanto às regras que regem a aplicação da decoração, verificamos elementos estruturais comuns às duas fases. Em primeiro lugar, há uma clara preferência pela parte superior das vasilhas para a aplicação de decorações plásticas, que são sempre marcadas pelo rebuscamento dos motivos modelados e incisos. Embora ocorram mudanças em técnicas e motivos ao longo do tempo, certas regras permanecem. Assim, a transformação cultural também representa, neste caso, um modo de sua reprodução. Se continuidade e mudança de uma cultura são uma relação essencialmente dialética, em que “... *a transformação de uma cultura também é um modo de sua reprodução.*” (Sahlins, 1989: 174), as mudanças tecnológicas (e estilísticas) e contextuais das cerâmicas Açutuba e Manacapuru representam reflexos de mudanças vivenciadas por estas populações. Ao rebuscamento decorativo encontrado nas cerâmicas Pocó-Açutuba substitui-se uma maior destreza em termos de técnicas manufaturais e acabamentos. Também a ampla variabilidade formal encontrada nos conjuntos mais antigos é substituída por uma maior padronização e limitação de formas. Contextualmente, nota-se uma intensificação da transformação do solo (as terras pretas) e um significativo aumento do tamanho e quantidade de sítios.

A variabilidade interna da fase Açutuba é bem maior do que no conjunto posterior Manacapuru. Sugere-se que na continuidade cultural (como proposto em Lima, 2008) tenha se dado um processo de aumento da quantidade de peças produzidas (sítios mais densos), concomitante a uma crescente padronização interna das cerâmicas (menor variabilidade).

Ressalte-se, por fim, que tais mudanças ocorreram de forma gradual, de modo que os limites entre um contexto e outro nem sempre são claros. Como foi salientado anteriormente, há fortes evidências de continuidade entre os complexos Açutuba e Manacapuru, mostradas pelos sítios Jacuruxi e NSP Socorro. Estes contextos, de fato, nos colocam no limiar do entendimento das reais significações das fases cerâmicas

encontradas na Amazônia Central. Neste caso, datações, contexto e cultura material mostram a que as relações entre uma e outra se deram em termos processuais.

A convivência espaço-temporal de diferentes fases cerâmicas é observável ao longo da história pré-colonial amazônica. Em uma perspectiva normativa de fases cerâmicas, tais conclusões pareceriam confusas, mas como se pode perceber, os limites materiais – observáveis entre uma e outra fase – são extremamente fluidos. E isso não é uma particularidade destes dois conjuntos: a fluidez de limites é inerente aos conjuntos artefatuais amazônicos, uma vez que estes são intimamente conectados, histórica e culturalmente (Lima; Neves, 2011).

Compreender este processo significa ser capaz de pensar mais profundamente sobre a relação entre aqueles por detrás das fases Manacapuru e Açutuba, o que aparenta ter um sentido de continuidade – muito mais do que de substituição ou ruptura, com a intensificação de determinados comportamentos associados ao seu modo de vida, e que levaram, dentre outras coisas, à formação das terras pretas.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Gasoduto Coari-Manaus (PETROBRAS), financiadores do estudo; à coordenação e equipe do Projeto Amazônia Central, vinculado ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, que abrigou a pesquisa de doutorado originária deste artigo. A Bruno Moraes, pela leitura atenta deste texto.



CONTEXTO E RELAÇÕES CRONOESTILÍSTICAS DAS CERÂMICAS CAIAMBÉ NO LAGO AMANÃ, MÉDIO SOLIMÕES

Jaqueline Gomes
Eduardo Góes Neves

RESUMEN

Contexto y relaciones cronológicas-estilísticas de las cerámicas Caiambé en el lago Amanã, medio Solimões, Brasil

El texto presenta nuevas informaciones contextuales y cronológicas de la fase Caiambé. Los resultados provienen de las investigaciones realizadas en la Reserva de Desarrollo Sustentable Amanã, medio Solimões, Amazonas, Brasil. Inicialmente se contextualiza la definición de la fase, así como las preguntas de investigación. Posteriormente, se exponen los sitios y contextos locales de fase Caiambé y los resultados del análisis de cerámica, con el fin de afinar sus características tecnológicas y contextuales. Finalmente, se discuten los posibles significados socio-políticos de su presencia en el lago Amanã, con el fin de entender los procesos de continuidad y cambio cultural a una escala mayor en el curso medio del río Solimões.

ABSTRACT

Context and chrono-stylistic relations of the the caiambé ceramics from Amanã Lake, Middle Solimões River, Brazil

This article presents new contextual and chronological data about the Caiambé archaeological phase obtained from research carried out at the Amanã Sustainable Development Reserve, in the Middle Solimões River valley, Amazonas, Brazil. It starts with contextualization of the phase definition and the research questions. Then we present both sites and local contexts of the Caiambé phase, together with the results of the ceramic analysis, aimed at refining technological and contextual data. Finally, we discuss possible socio-political meanings of this occurrence in the Amanã Lake, in order to understand the processes of continuity and cultural change on a larger scale in the Middle Solimões

Introdução

A fase Caiambé é uma manifestação na região do médio Solimões da tradição Borda Incisa (Hilbert, 1968). Essa tradição envolve um debate bastante intenso entre os pesquisadores, por uma série de motivos, dentre os quais, pelas suas cerâmicas apresentarem uma grande variabilidade estilística e morfológica, devido à sua ampla distribuição geográfica e sua associação aos contextos de terra preta (Lima, 2008).

Na Amazônia Central¹ o período correlacionado às ocupações Borda Incisa é considerado de adensamento populacional, quando as mudanças nas paisagens são mais intensas, associadas aos falantes de línguas Arawak, fruto de um processo de mudança lento relacionado às ocupações anteriores da tradição Pocó-Açutuba (Neves et al., 2014). A partir de meados de primeiro milênio da Era Cristã, a área parece abrigar um sistema regional multiétnico, com circulação de cerâmicas e compartilhamento de uma mesma cosmologia baseada na ocupação de aldeias circulares (Neves, 2013: 197). Portanto, relações entre as tradições Pocó-Açutuba e Borda Incisa são interpretadas sob a premissa de uma história de continuidades culturais, expressas na sobreposição de camadas culturais nos pacotes de terra preta, na tecnologia cerâmica e formato de aldeias. Após o período de um milênio de ocorrência dessas tradições, essa dinâmica não parece ter sido a mesma quanto ao surgimento e expansão da tradição Polícroma na calha do Amazonas – que, segundo os modelos atuais, foi relativamente rápida e envolveu conflitos e disputas por territórios (Moraes; Neves, 2012; Moraes, 2013).

As pesquisas nas últimas décadas se configuram como uma revisão das informações arqueológicas, oferecendo refinadas cronologias de ocupação e relativizando relações entre manejo de paisagens, dinâmicas sociais e produção e circulação de objetos. Desenha-se um processo de ocupação humana não necessariamente cumulativo, mas marcado pela alternância de períodos de mudança e estabilidade – cujos elementos nos remetem a histórias de longa duração (Lima, 2008; Neves, 2011, 2008). Apesar de todo o avanço na produção de novas informações arqueológicas, apenas agora diversas regiões começam a passar por esse processo de “revisitação”, após pesquisas pioneiras. Este é o caso do médio Solimões e baixo Japurá, uma região bastante interessante para pensar os fluxos e interações culturais por estar inserida entre duas importantes bacias de águas pretas e brancas.

Neste texto apresentamos resultados das pesquisas desenvolvidas no âmbito da elaboração do plano de gestão de uma Unidade de Conservação – a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA) – cuja área focal é o lago Amanã, um curso hídrico com 44 km de extensão. Os objetivos foram revisar a fase Caiambé e oferecer informações contextuais sobre a sua ocorrência, de maneira a pensar seus significados no quadro cronológico local e suas relações – se de continuidade, ruptura ou inovação – com complexos culturais anteriores e posteriores a ela, neste caso, respectivamente, as tradições Pocó-Açutuba e Polícroma.

A justificativa para essa questão será desenvolvida a seguir, junto ao breve histórico da definição da fase Caiambé, sua dispersão geográfica e datações disponíveis, para então apresentar novos dados contextuais de quatro sítios localizados no lago Amanã. Na terceira parte do texto são expostos o tratamento e análise das cerâmicas coletadas. Por fim, são discutidos alguns significados da fase Caiambé em escala local e regional. É no período de sua ocorrência que aldeias contemporâneas em diferentes pontos do lago Amanã começam a se estabelecer, com a formação de espaços específicos nas próprias aldeias e próximos a elas, reservados para a deposição de grandes urnas funerárias e rituais. Sugerimos que Amanã seja uma paisagem basicamente Borda Incisa, frente à expansão Polícroma pela calha do Amazonas.

1. Amazônia Central refere-se à região de confluência dos rios Negro e Solimões, que compreende a cidade de Manaus e arredores.

Definição da fase e questões de pesquisa

A fase Caiambé está presente nos principais lagos da região de desembocadura do rio Japurá no Solimões, próximo ao município de Tefé. O limite leste de sua ocorrência encontra-se em algum ponto entre a cidade de Coari e o lago Caiambé, e se estende pelo menos até as cidades de Fonte Boa e Maraã, a oeste (Figura 1). Esta foi identificada por Peter Hilbert, responsável pelas primeiras escavações na Amazônia Central na década de 1960. Caracterizada em seis estilos, suas cerâmicas são decoradas por incisões simples e duplas, sendo comum o uso de modelado, mas o que chama a atenção é a frequência da pintura em vermelho e do chamado estilo policromo – a combinação de vermelho e branco – que na seriação de Hilbert era estável em toda a estratigrafia (Hilbert, 1968).

Essas cerâmicas estavam associadas às camadas de terra preta, sobrepostas pela fase Tefé, da tradição Policroma da Amazônia, que foi classificada em três tipos que elucidam uma aparente baixa variabilidade. Hilbert, em sua primeira publicação a respeito dessas cerâmicas, fez apontamentos sobre uma sequência de transição gradual de uma fase para a outra, ao observar o uso concomitante dos antiplásticos cauxi e caraipé e a presença constante de policromia em ambas as fases (Hilbert, 1962). Essa informação é bastante importante por dois motivos: é representativo e frequente o uso de técnica pintada durante a fase Caiambé, o que é ligeiramente distinto da fase Manacapuru, sua contemporânea na Amazônia Central, em que a pintura é moderada e pouco significativa se comparada com as cerâmicas mais antigas da fase

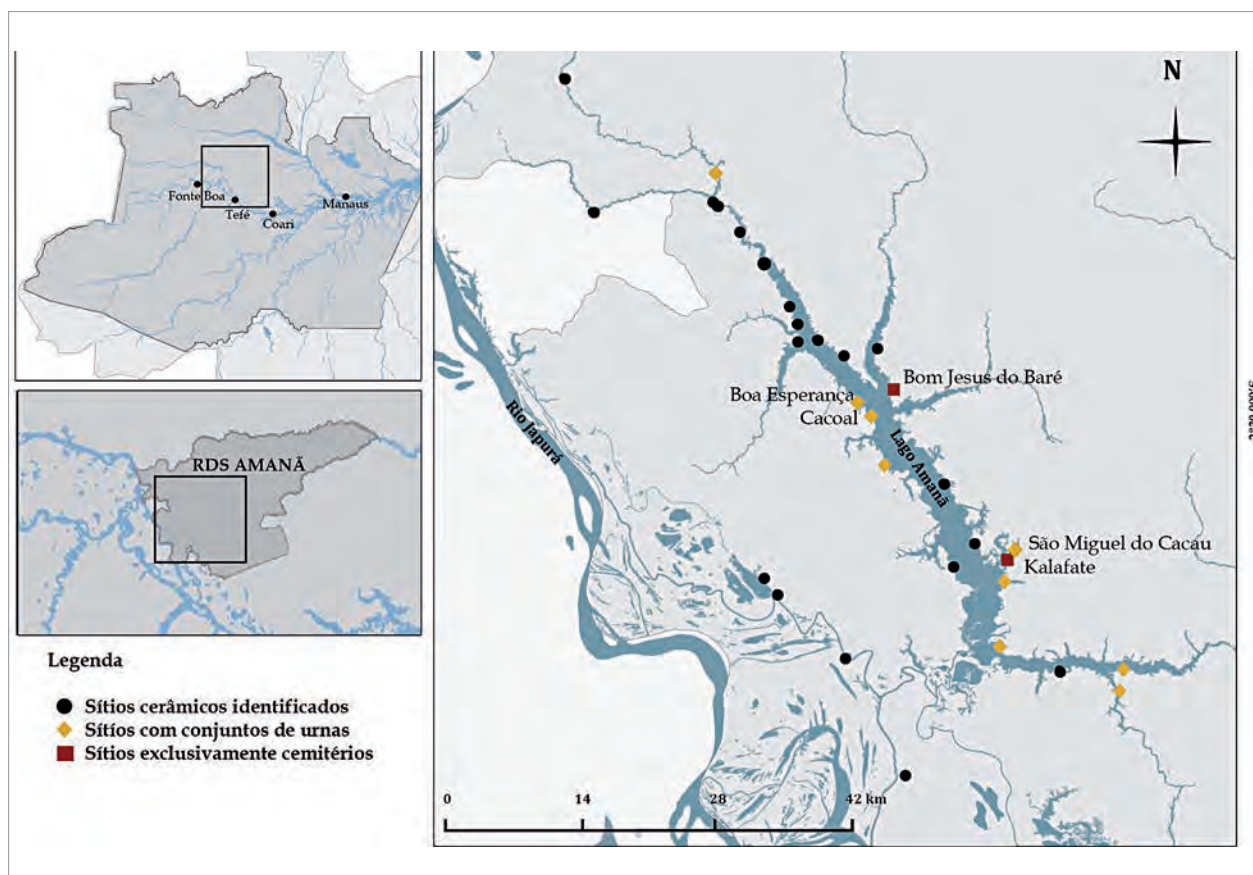


Figura 1. Mapa de localização da área de pesquisa e sítios arqueológicos identificados até o momento na RDS Amanã, com destaque para aqueles mencionados no texto.

Açutuba (Lima, 2008; Lima; Neves, 2011). A segunda questão diz respeito às pesquisas no baixo Japurá, que insere a região no contexto de ocupações da recém-definida tradição Pocó-Açutuba (Costa, 2012; Neves et al., 2014). Boa Esperança, o primeiro sítio estudado no lago Amanã, possui 14 hectares, com extensa área de terra preta, tendo uma ampla ocupação Pocó em sua base, mas composto por outros três complexos cerâmicos: a fase local e inédita Amanã mais profunda; e as fase Caiambé e fase Tefé mais próximas à superfície (Costa, 2012). As cerâmicas da tradição Pocó-Açutuba possuem uma ampla variabilidade tecnológica e decorativa, cujas técnicas de modelado e pintura se distinguem da tradição Borda Incisa e demonstram maior correlação com as séries Barrancoide e Saladoide da Venezuela (Lima, 2008). São cerâmicas antigas, que apresentam datas do primeiro milênio antes de Cristo, o que vêm sendo interpretadas como os primeiros sinais visíveis de uma colonização Arawak da calha do Amazonas (Neves et al., 2014).

Indícios da intensificação de ocupações no lago Amanã estão impressos na formação das camadas de terra preta datadas em meados do primeiro milênio. A fase Caiambé foi encontrada em todos os sítios escavados e, considerando as informações disponíveis para a Amazônia Central, é neste período que aldeias contemporâneas em diferentes pontos do lago começam a se estabelecer. Essa hipótese em certa medida pode ser aceita devido às datas obtidas em contextos por nós estudados. Há oito datas radiocarbônicas disponíveis para a fase (tabela 1), sendo as mais antigas de 640 ± 60 AD, publicadas por Hilbert (1968), e as mais recentes são próximas ao ano 1000 dC.

Nº LAB.	DATA	SÍTIO / LOCAL	AMOSTRA	PROVENIÊNCIA	PROF.	REFERÊNCIA
GrN-4331	640 ± 60 AD	Sítio Caiambé / Lago Caiambé	Carvão	Poço 1	45-75 cm	Hilbert, 1968
GrN-4332	730 ± 60 AD	Sítio Caiambé / Lago Caiambé	Carvão	Poço 1	45-75 cm	Hilbert, 1968
Beta-321196	1.080 ± 30 BP	Sítio Boa Esperança / Lago Amanã	Caraipé (cerâmica)	Unidade 2	30-40 cm	Costa, 2012
Beta-294196	1270 ± 30 BP	Sítio Cacoal / Lago Amanã	Carvão	Base de F3	97 cm	Gomes, 2014
Beta-386834	1270 ± 30 BP	Sítio Cacoal / Lago Amanã	Carvão	Interior de urna	Base	Gomes, 2014
Beta-383582	980 ± 30 BP	Sítio Cacoal / Lago Amanã	Carvão	Base de F6	77 cm	Gomes, 2014
Beta-383585	1240 ± 30 BP	S. Miguel Cacau / Lago Amanã	Carvão	Perfil estratigráfico. Camada II	35 cm.	Gomes, 2014
Beta-386836	990 ± 30 BP	S. Miguel Cacau / Lago Amanã	Carvão	Interior de urna	Base	Gomes, 2014

Os sítios da fase Caiambé na RDS Amanã

A principal característica da fase Caiambé é sua associação com as camadas de terra preta. No lago Amanã foram identificados 32 sítios, dos quais seis foram mapeados e quatro escavados e todos apresentam cerâmicas Caiambé. Cacoal e São Miguel do Cacao são sítios de contextos semelhantes, compostos por terra preta e grande quantidade de vestígios cerâmicos característicos de remanescentes domésticos. Apresentam datas contemporâneas e estão localizados em diferentes pontos do lago.

Cacoal encontra-se na porção superior da margem direita do lago, e sua área compreende 5,8 hectares, apresentando um formato elipsoide. Na porção NW do sítio há uma concentração de urnas, mas grande parte do pacote arqueológico concentra-se até 40 cm de profundidade, em uma distribuição homogênea por 400 m na orientação E/W. A partir dos 40 cm diminui a quantidade de cerâmicas, restringindo-se a uma área de 150 m; e aos 80 cm o sítio é praticamente estéril. Uma área de 4x1 m foi escavada para coleta de amostras e atingiu 1,90 m de profundidade. A camada de terra preta possui aproximadamente 50 cm, diferenciando-se em coloração, sendo considerada ainda em campo, como duas camadas culturais (Figura 2a). Há uma grande inversão estratigráfica para deposição de uma urna evidenciada a 1,3 m de profundidade; que foi escavada em campo, sem identificação de sepultamento. Sua morfologia é bastante complexa e singular, com um ombro alargado e um bojo elipsoide, com afunilamento até a base. A decoração é realizada por incisões duplas e pintura em diferentes tons de vermelho, vinho e amarelo, cujo motivo no ombro é diagnóstico da fase Caiambé, mas as bordas são decoradas com motivos típicos da fase Tefé (Figura 3).

São Miguel do Cacao está localizado na margem esquerda do igarapé Cacao, que deságua na porção inferior do lago Amanã. O pacote arqueológico distribui-se esparsamente por uma área de 3,1 hectares. Na porção nordeste do sítio se concentra a camada de terra preta e maior densidade cerâmica; e na oeste, há uma concentração de urnas aflorando na superfície do terreno de matriz argilosa. Uma área de 2x1 m foi escavada atingindo 80 cm de profundidade e nela foram coletadas duas urnas e escavadas em laboratório com identificação de dois sepultamentos (Rapp Py-Daniel, 2011). Em uma delas tratava-se de uma criança, acompanhada de estatueta chocalho e um prato. Na segunda urna foi identificado um indivíduo que, embora sem coerência anatômica, apresentou costelas e ossos pequenos associados, havendo possibilidade de um sepultamento primário (Costa et al., 2012). O pacote arqueológico é composto por duas camadas formadas por terra preta, que se diferenciam em coloração do solo e quantidade de vestígios materiais (Figura 2b). Na porção oeste foi coletada uma urna que apresentou em seu interior grande quantidade de cerâmicas decoradas com alto grau de remontagem, mas nenhum vestígio de sepultamento.

A estratigrafia e o contexto registrados nos dois sítios são, em certa medida, semelhantes. Nos dois casos, as camadas observadas se distinguem em coloração, mas não em textura, sendo mais claras nos níveis superficiais e tornando-se gradualmente mais escuras nos níveis profundos, quando há, de fato, uma mudança abrupta entre a terra preta e o solo argiloso característico da região². Em ambos os sítios o pacote arqueológico possui profundidade em torno de 50 cm, e a camada mais profunda possui estruturas diversas e intervenções para deposição de urnas. Por fim, há lugares específicos dentro dos sítios para enterramento de urnas, que podem ter sido formados em período posterior à ocupação das áreas de solo antrópico.

2. Essas distinções tênues, interpretadas em campo como possíveis camadas distintas de ocupação, podem ser também resultado do processo de formação do pacote de solo antrópico, cujos nutrientes poderiam ter migrado para os níveis mais profundos – uma hipótese que deve ser testada através de estudos geomorfológicos, com a continuidade das pesquisas.



Figura 2. a) Perfil estratigráfico do sítio Cacoal: observar as estruturas (feições) das quais são provenientes as amostras enviadas para datação (Foto: Marilene Ribeiro). b) Perfil oeste da unidade escavada no sítio São Miguel do Cacoal: destaque da proveniência da amostra datada e coleta de urna funerária (Foto: Jaqueline Gomes).



Figura 3. Urna coletada no sítio Cacoal e parcialmente remontada. Apresenta decoração pintada em diferentes tons de vermelho, vinho e laranja, com motivo típico da fase Caiambé (Fotos: Jaqueline Gomes).

Os próximos dois sítios são amostras de contextos funerários densos, já que dos 32 sítios identificados em torno do lago Amanã, 13 apresentam campos de urnas, nos quais foram contabilizadas mais de 320 recipientes aflorando à superfície (Furquim, 2014). Bom Jesus do Baré está localizado próximo ao sítio Cacoal, na margem esquerda do lago, e não apresenta solos antrópicos e estratigrafia com camadas culturais; sua área é de 0,7 hectares, com duas concentrações de urnas (Costa, 2012). Em 2 m² foram coletados cinco recipientes, apesar de outras cinco urnas terem sido evidenciadas nos limites da área escavada (Figura 4b). Devido ao estado de conservação, pastas muito friáveis e alto grau de fragmentação, apenas duas foram coletadas de forma íntegra. O uso funerário dos recipientes foi atestado em dois casos, e em pelo menos um deles (Figura 5g), o contexto registrado é de sepultamento primário (Costa et al., 2012). Sem datações absolutas, mas devido às características morfológicas e decorativas das cerâmicas, o sítio foi vinculado à fase Caiambé. O sítio Kalafate está localizado na porção inferior do lago e se restringe à presença de urnas em uma área de 0,22 hectares, ausência de terra preta e de fragmentos cerâmicos em subsuperfície, que não são associados aos grandes recipientes. Por não apresentar nenhuma estratigrafia e pela sua composição, consideramos plausível que o local tenha sido utilizado somente para o enterramento de urnas, demonstrando um contexto semelhante ao de Bom Jesus do Baré (Figura 4a).

Seria prematuro falar em padrão de assentamento, mas há uma organização espacial regional composta por sítios de habitação, que combina áreas domésticas e funerárias, e sítios cemitérios, de uso exclusivo para deposição de grandes urnas. Tais sítios estão implantados em espaços estratégicos, como entradas de igarapés que dão acesso a locais com concentração atual de recursos naturais, tais como castanhais, andirobais e áreas abundantes de caça³. Além do estilo comum entre as urnas coletadas nos diferentes tipos de sítios, há motivos presentes nas urnas que são também aplicados nas cerâmicas de contexto doméstico. Tais semelhanças estilísticas das cerâmicas são corroboradas pela contemporaneidade de diferentes assentamentos.

As cerâmicas

As cerâmicas provenientes dos sítios apresentados foram analisadas explorando aspectos da tecnologia e os processos de continuidade e mudança (Dietler; Herbich, 1998; Hegmon; Kulow, 2005; Lemonnier, 1992; Van der Leeuw, 2002; Van der Leeuw; Torrence, 1989; DeBoer; Lathrap, 1979; Shiffer; Skibbo, 1997; Silva, 2000). A análise foi realizada em três etapas, englobando a aplicação de uma ficha de análise baseada na cadeia operatória da cerâmica; formação de conjuntos morfológicos a partir de desenhos técnicos e reconstituições gráficas; e, finalmente, uma análise detalhada do sistema decorativo, sendo observados atributos como simetria e regularidade do conteúdo gráfico.

As cerâmicas da fase Caiambé apresentam grande variação na composição das pastas, mas cinco principais antiplásticos podem ser considerados como básicos: caraipé (*licania* ssp), cauxi (filo Porifera), minerais (grãos de quartzo e hematita), nódulos de argila e carvão. De modo geral, as pastas em que o cauxi é predominante, geralmente são mais uniformes, compactas e menos friáveis. São cerâmicas queimadas em ambiente oxidante, resultando em queimas completas. Nas pastas com caraipé a cerâmica geralmente é mais friável, a queima raramente é completa, apresentando maior variação da coloração dos núcleos.

3. Devido às pesquisas multidisciplinares realizadas para a elaboração do plano de gestão da unidade de conservação, há informações georreferenciadas sobre locais reconhecidos pelas populações atuais como de caça e coleta, que compreendem florestas de recursos extrativos amplamente difundidos nas porções de terra firme da RDSA.

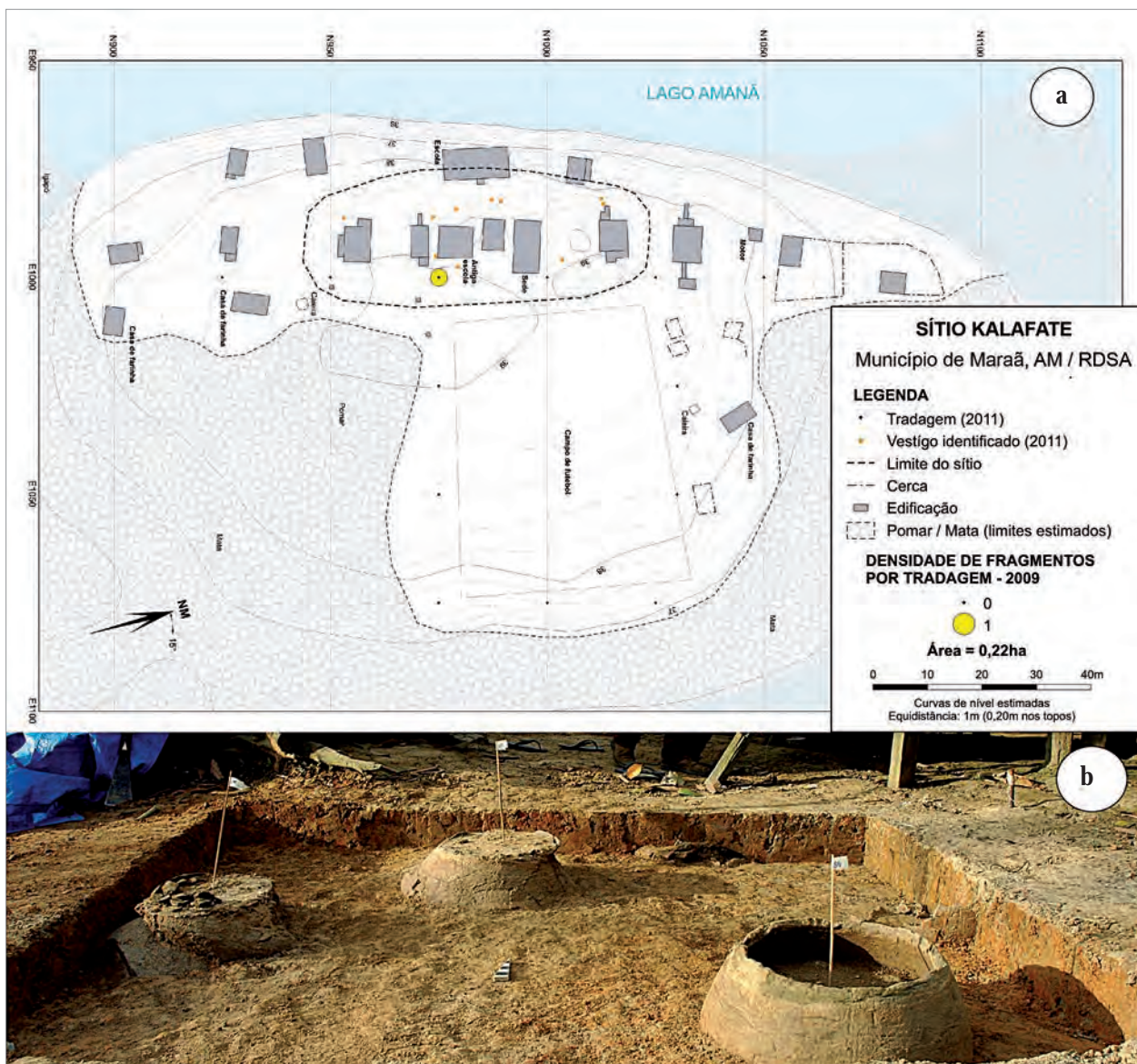


Figura 4. a) Mapa do sítio cemitério Kalafate. (Mapa: Marcos Brito); b) Escavação para coleta de urnas do sítio Bom Jesus do Baré. Foto: Bernardo Costa.

No sítio Cacoal, chama a atenção a quantidade de caraipé que é adicionada, às vezes tão abundante que pode ser vista a olho nu, com processamento grosseiro, ocorrendo negativos das partículas de caraipé na superfície do fragmento. A variabilidade é vislumbrada pela ocorrência e associação dos antiplásticos, a exemplo do sítio Cacoal, onde 32 misturas foram identificadas – consideradas as proporções dos aditivos básicos – o que nos leva a pensar que as distintas pastas estão mais relacionadas à performance dos vasos, do que necessariamente um índice de diferenciação cultural.

A principal técnica de manufatura é o roletado, mas nas bordas, apliques e estatuetas o modelado é geralmente usado. Há ainda a combinação de diferentes técnicas na produção de uma parte do vaso, sendo as bases produzidas através de roletes ou placas moldadas em apoio coberto de folhas, que imprimem suas formas na superfície externa das bases. As urnas analisadas apresentam paredes espessas, nas quais foram observadas combinações de rolete e placas na manufatura do bojo.

Entre os tratamentos de superfície, o alisamento é a principal técnica, seguida do polimento. O alisamento é bastante fino, sendo raro observar estrias ou irregularidades das junções de roletes ou até mesmo direções e movimentos que indiquem gestos. O estado de conservação da superfície dos fragmentos variou de forma expressiva, sendo provável que o polimento tenha sido mais frequente. O escovado ocorre nas paredes, mas não é significativo quando considerado quantitativamente. Outros acabamentos como enegrecimento são raros, ocorrendo em ambas as faces dos vasos.

O engobo foi considerado um aspecto decorativo nesta análise. Sua ocorrência é muito frequente, seja na cor branca ou em diferentes tons de vermelho. Parece haver uma distinção entre o engobo branco nas cerâmicas Caiambé e Tefé, enquanto nas últimas o engobo geralmente é aplicado em camadas espessas e possui uma textura bastante lisa – e em diferentes níveis de conservação – apresentando desgaste e menor grau de craquelamento, nas cerâmicas Caiambé percebe-se o uso menos padronizado, sendo aplicado em camadas de diferentes espessuras, e frequentemente em péssimo estado de conservação⁴. Corroborando as observações de Hilbert (1698), o engobo vermelho ocorre muitas vezes desgastado e com manchas, cujos vestígios estão na superfície externa do vaso e raramente em ambas as superfícies de paredes e bases. Em nossas análises constatamos o predomínio do engobo branco sobre o vermelho (Gomes, 2012; Furquim, 2014), o que é bastante peculiar das coleções do lago Amanã, primeiro porque nas cerâmicas analisadas por Hilbert sua ocorrência se restringe à associação à pintura vermelha no tipo Caiambé policromo, sendo também pouquíssimo relevante em outras fases da tradição Borda Incisa na Amazônia Central. Por fim, embora o engobo seja um elemento definidor de um tipo na classificação inicial desta fase, ocorre nas cerâmicas Caiambé o mesmo já observado por Lima e Neves (2011) nas cerâmicas da fase Manacapuru: na grande maioria das vezes o engobo está associado a outras técnicas decorativas, raramente sendo exclusivo em um fragmento. A observação microscópica de todos os fragmentos permitiu identificar, de forma frequente, vestígios de engobo e/ou pintura dentro de sulcos da superfície decorada – incisões simples e duplas ou acanalados –, sendo comum a aplicação de técnicas plásticas e pintadas em um mesmo projeto decorativo.

De modo geral, o uso da pintura é relevante e significativo, seja através da monocromia, bicromia ou policromia. A bicromia, via de regra, é executada na cor vermelha – e raramente em preto – em um fundo de engobo branco, que pode variar de um tom de cinza ao amarelado. Podem ser identificadas linhas largas e finas, e raramente detalhes específicos. A policromia, sempre que identificada, foi realizada exclusivamente em diferentes tons de vermelho, variando do vinho ao alaranjado.

Para a identificação das técnicas plásticas de decoração foram considerados os gestos e instrumentos utilizados na execução do projeto decorativo. Oito técnicas foram observadas no sítio Cacoal e seis no sítio São Miguel. As predominantes são incisões simples, duplas ou múltiplas e os acanalados, que podem ser aplicadas sozinhas ou combinadas, e foram registradas em 94% dos fragmentos da coleção. No restante dessa amostra foram observados ponteados ou estocados, digitado/ungulado, modelado e aplicações de esfera e rolete. O uso dessas técnicas é bastante tímido, enquanto a incisão e acanalado são técnicas preferenciais, que ocorrem predominantemente sozinhas e com um leque pequeno de combinações. No sítio Cacoal, das 481 peças que apresentaram decoração plástica, em apenas 17 foi registrado o uso combinado de técnicas plásticas.

4. Isto é interessante, por tratar-se de possíveis técnicas distintas de produção e aplicação do engobo, que se identificadas e melhor caracterizadas através de análises arqueométricas, podem contribuir para uma melhor diferenciação das cerâmicas Caiambé e Tefé.

Os elementos gráficos mais comuns na decoração são linhas retas únicas e paralelas horizontais, verticais e diagonais; linhas escalonadas; espirais retangulares; linhas onduladas, linhas em zigue-zague e curvas (ondas). Essas linhas podem variar de 1 a 5 mm de espessura, a depender da técnica usada – se incisão simples ou com instrumento de ponta dupla.

Um motivo típico é formado por linhas paralelas diagonais de 2-4 cm de comprimento, e em suas extremidades são adicionadas linhas curtas para a esquerda ou direita. Essas linhas curtas também podem ser usadas para preencher os campos vazios entre as linhas diagonais. Há certa variação de como são feitas tais combinações de elementos, formando, dessa maneira, motivos distintos, que são repetidos e mesclados com outros menores (retângulos, pontos, linhas curtas).

Embora o repertório gráfico seja muito rico, mesclando diferentes graus de linearidade que vão do retilíneo ao curvilíneo, a decoração apresenta uma estrutura bastante rígida: linhas horizontais delimitam o campo onde os elementos aplicados são repetidos, frequentemente no eixo horizontal de simetria, formando padrões unidimensionais em banda ou faixa (Shepard, 1956; Washburn; Crowe, 1988). Os movimentos de translação e reflexão com translação são os mais usados, assim como a rotação. Há também o uso de falsa simetria, na qual, quando olhada globalmente a decoração é simétrica, mas quando percorrido o motivo, ele apresenta pequenas distorções e assimetrias que acabam funcionando como um recurso para quebrar o ritmo visual.

Em termos morfológicos, sete conjuntos foram definidos com base na classificação de Shepard (1956), e podem ser vistos na Figura 5. Há uma tendência às morfologias irrestritivas, com evidente variabilidade de pratos, sendo diagnósticas aquelas com flanges labiais e bordas extrovertidas expandidas. Em alguns vasos as bordas para formação desses flanges possuem fortes inflexões. Essas bordas e flanges apresentam certa variação no acabamento dos lábios, porém uma característica particular é o recorte e modelagem dos lábios, que formam bordas irregulares, aspecto já pontuado por Hilbert (1968: 147).

Diferentes formas rasas, conhecidas como assadores, que apresentam grandes espessuras e variam muito em dimensões, são muito representativas. No sítio Cacoal, foi identificado um ralador, que parece ser, até o momento, o único fragmento desse tipo de artefato encontrado no Solimões-Amazonas. As morfologias restritivas englobam vasos de contorno simples, composto e complexo. Geralmente esses vasos apresentam como campo decorativo a porção superior do bojo. Os vasos de contorno complexo apresentam pelo menos duas inflexões entre o bojo e o lábio, formando vasos com gargalo carenado, típicos da tradição Borda Incisa, mas os exemplares encontrados no lago Amanã estão associados a contextos funerários e rituais. Ainda é importante salientar que as formas das bordas não apresentam uma grande variação, geralmente são retas ou contraídas, e em menor grau expandidas, sendo raro o reforço da borda com aplicação de outro rolete. Os lábios serrilhados são marcantes e diagnósticos, ocorrendo indistintamente em morfologias irrestritivas e restritivas.

Diferente de sua contemporânea Manacapuru, em que flanges mesiais estão ausentes (Lima; Neves, 2011: 216), a fase Caiambé apresenta alguns exemplares como este elemento morfológico, mas são pouco expandidos e com uma decoração minimalista e sóbria, havendo ainda aqueles de pequenas dimensões, sugerindo pertencer a vasos de pequenas proporções.

Apêndices e apliques modelados são frequentes, mas em menor escala, quando comparamos com fases da tradição Pocó-Acutuba, e tendem para características híbridas e abstratas, com menor ênfase para representação zoomorfa. Entre os conjuntos artefatuais encontram-se miniaturas, que são relativamente



Figura 5. Cerâmicas Caiambé provenientes do Lago Amanã. A) Bordas extrovertidas e flanges labiais típicas da fase Caiambé. B) Fragmentos de bordas de vasos restritivos. C) Flanges mesiais da fase Caiambé, de pequenas dimensões, pouco protuberantes e decoração minimalista. D) Conjuntos artefatuais: estatuetas; rodas de fuso e apliques. E) Vaso miniatura encontrado no interior de urna acompanhando um sepultamento, possui no bojo motivo decorativo diagnóstico da fase. F) Urna PN 685, sítio São Miguel do Cacau. G) Urna funerária, sítio Bom Jesus do Baré. (Fotos: Jaqueline Gomes).

frequentes, e também materiais de acompanhamento de sepultamentos no interior de urnas. Embora não seja possível afirmar o uso específico, as rodela de fusos apresentam diferentes morfologias, discoidais, com seções côncavas e planas, e também maciças, decoradas por incisões o que sugere ser peso de rede ou adorno. Considerando ainda a coleção estudada por Hilbert (1968), há exemplares de cachimbo e peças com sinais de moagem. Por fim, existe uma ampla produção de estatuetas, que vão do antropomorfismo às representações bastante naturalistas de animais, além das estatuetas abstratas maciças (que apresentam similaridades com outras encontradas na Amazônia Central) e aquelas híbridas, que mesclam elementos humanos e zoomorfos (Figura 5).

Considerações finais

Esta análise preocupou-se em caracterizar as cerâmicas Caiambé, dando pouca atenção à fase Tefé, encontrada esparsamente nos sítios estudados. Neste momento gostaríamos de trazer questões sobre as relações entre essas fases.

Vasos com flange mesial funcionam como um fóssil-guia da tradição Policroma da Amazônia na calha do Amazonas (Heckenberger et al., 2001; Oliveira, 2014). No lago Amanã, no entanto, este elemento morfológico está presente em todas as fases identificadas: Amanã, Pocó, Caiambé e Tefé, distinguindo-se nas formas com que são manufaturadas e decoradas. Entre os contextos escavados, apenas o sítio Boa Esperança apresentou todas as fases e ofereceu uma cronologia preliminar de ocupação do lago (Costa, 2012). O período mais tardio, relacionado à fase Tefé, parece ser o mais frágil dessa classificação em virtude dos escassos materiais encontrados, bem como de datações de cerâmicas que apresentam uma inversão cronológica, contrariando, em parte, os nossos modelos⁵.

Dessa maneira, há uma dificuldade em determinar os contextos da tradição Policroma no lago Amanã, onde os materiais são esparsos e aqueles que seguramente são vinculados a esta tradição, apresentam características muito marcantes, como vasos com flange mesial típica, vasos de bordas reforçadas e fragmentos de paredes excisas. É mais comum reconhecer elementos dessa tradição aplicados em vasos que seriam estruturalmente Borda Incisa. A urna coletada no sítio Cacoal representa uma síntese interessante dos principais elementos das fases locais, na qual se mesclam técnicas de policromia – em diferentes tons de vermelho e laranja, como nas cerâmicas mais antigas da tradição Pocó-Açutuba – e excisão de motivos referentes a cobras bicéfalas, extremamente comuns nas cerâmicas Policromas (Moraes, 2013; Oliveira, 2014).

A fase Caiambé apresenta ampla ocorrência de urnas depositadas em grandes concentrações, em contextos que sugerem ser exclusivamente funerários. Característica de fundamental importância nas fases Paredão e Manacapuru, os contextos funerários foram assinalados por Hilbert (1968) e melhor caracterizados recentemente (Moraes, 2006; Rapp Py-Daniel, 2008, 2014), mas até o momento estavam ausentes na literatura sobre a tradição Borda Incisa nesta área de pesquisa. Diante desse contexto funerário, não há

5. Um fragmento de cerâmica temperado com caraipe, com engobo branco e linhas incisivas duplas, associado à fase Caiambé no sítio Boa Esperança, foi datado em 1.080±30 BP (890-1.020 AD). Essa data é mais recente do que aquelas obtidas por Hilbert na definição da fase. No mesmo sítio, a datação de 1.220±30 BP foi obtida a partir de uma flange tipicamente Tefé, apresentando, portanto, uma antiguidade inesperada. Embora seja necessária cautela nas interpretações dessa data, considerada em conjunto com outras disponíveis para a Tradição Policroma em afluentes do médio Solimões, a saber: 850 dC; 763 dC e 770 dC (Neves, 2013), ela pode não ser aberrante na cronologia, reforçando o argumento sobre a expansão policroma como um processo complexo e não linear.

nenhum indício de urnas antropomórficas típicas da tradição Policroma no lago⁶. Não seria absurdo sugerir que o lago Amanã tenha sido um lugar significativo da paisagem do baixo Japurá durante o período da fase Caiambé, e depois durante a expansão da Policroma na calha do Amazonas, sendo um espaço de constituição física e espacial de memórias de uma ocupação milenar, iniciada durante o período da tradição Pocó-Açutuba (Neves et al., 2014). Por fim, considerando as informações cronológicas obtidas em nossas pesquisas, com mais datas próximo ao ano 1000 dC para ocupações Caiambé – aliada à falta de evidência de conflitos, que poderia ser atestada pela presença de estruturas defensivas – parece ser plausível considerar que nesta região, ao contrário do baixo rio Madeira e da confluência dos rios Negro e Solimões – as tradições Borda Incisa e Policroma envolveram relações amistosas, como casamentos, comércio, imitação e emulação entre os produtores dessas cerâmicas.

Agradecimentos

Este trabalho teve o apoio logístico e financeiro do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Marcos Brito confeccionou os mapas dos sítios; Laura Furquim foi responsável pela análise cerâmica do sítio São Miguel do Cacau; Sílvia Cunha Lima e Valdirene Moraes realizaram trabalhos de conservação e restauração das urnas; Anne Rapp Py-Daniel desenvolveu as análises funerárias. Bernardo Costa coordenou as escavações, com a participação de Jaqueline Belletti, Claudia Sá e Tereza Parente. Agradecemos ainda aos moradores da RDS Amanã, pela colaboração e participação nas pesquisas arqueológicas.

6. Meggers e Evans (1968: 19-98) citam o Lago Amanã como local de ocorrência de urnas antropomorfas da tradição Policroma, com base nos materiais e informações analisados por Metruax (1930) e Feriz (1963). Contudo, a urna antropomorfa em questão foi coletada no sítio Mapari, localizado na margem direita do médio curso do rio Japurá, a uma distância de aproximadamente 280 km do lago Amanã.



UMA MANEIRA ALTERNATIVA DE INTERPRETAR OS ANTIPLÁSTICOS E A DECORAÇÃO NAS CERÂMICAS AMAZÔNICAS

Claide de Paula Moraes
Adília dos Prazeres da Rocha Nogueira

RESUMEN

Una interpretación alternativa de los antiplásticos y decoración de cerámica de Amazonia

La meta principal de la arqueología es observar el material cultural con el objetivo de entender a las personas y su comportamiento social. Realizar esta tarea de forma práctica es un gran desafío. En la Amazonia, la industria cerámica es una de las principales manifestaciones de la cultura material. Afortunadamente para los arqueólogos, los pueblos de la Amazonia antigua tuvieron en la cerámica un importante soporte de representación simbólica. La riqueza tecnológica y decorativa de la cerámica abre muchas posibilidades de estudio. Al inicio de las discusiones científicas sobre la arqueología amazónica, la cerámica, tal vez por su elevada sofisticación, fue considerada uno de los únicos vestigios capaces de preservarse en el agresivo contexto del bosque tropical (Meggers, 1970). Este trabajo ha sido realizado en sitios arqueológicos próximos a Manaus, con cerámica conocida como fase Paredão y del bajo río Madeira, denominada fase Anixim. Este artículo mostrará a través del análisis cerámico y ensayos estadísticos, que a pesar de tener en la cerámica una fuente de entendimiento del pasado amazónico prometedora, estudios que integren las industrias cerámicas con análisis de otros vestigios son más convenientes a la hora de cumplir esa tarea.

ABSTRACT

An alternative way to interpret temper and decoration in ceramics from the Amazon

Searching for objects in order to understand people and their behavior inside a society is the main objective of archeology. Doing this in practice is a very challenging task. In the Amazon one of the main possibilities that we have of material culture preservation is related to the ceramics industries. Luckily for archaeologists, people of ancient Amazon saw in the ceramic an important support for symbolic representation. Technological and decorative richness of the ceramics opens up many study possibilities. At the beginning of the scientific discussions about Amazonian archaeology, perhaps because of its sophistication, pottery was considered one of the only materials able to preserve in the aggressive context of tropical forest (Meggers, 1970). This work was carried out in archaeological sites near Manaus, with ceramics known as the Paredão phase, and in the lower Rio Madeira region with material known as the Axinim phase. It will be shown through ceramic analysis and statistical tests that despite having, in the ceramic, a very promising source for understanding the Amazonian past, studies that integrate the ceramic industry with analysis of other archaeological remains are even more promising to fulfill this task.

Introdução

O estudo dos temperos e antiplásticos nas cerâmicas arqueológicas da Amazônia é uma matéria bastante controversa. Diante dos exemplos etnoarqueológicos observados nos trabalhos de DeBoer e Lathrap (1979) e Silva (2000), parece muito simplista a visão de que a variação nos componentes adicionados à argila no processo de fabricação da cerâmica significa mudanças culturais e cronológicas na ocupação de um sítio arqueológico. Em uma de suas últimas publicações, Betty Meggers (2009: 18) fez a seguinte afirmação:

Em particular fica agora evidente que as diferenças nos antiplásticos, usualmente consideradas como tendo apenas significado tecnológico, são culturalmente distintivas e sujeitas a deriva evolutiva.

Não discordamos da afirmação de Meggers, visto que o nosso próprio trabalho identificou claras mudanças no uso dos antiplásticos entre os conjuntos cerâmicos analisados. Discordamos dos resultados obtidos utilizando este critério como definidor de distinções culturais e variações temporais em sítios da Amazônia Central. Discordamos, ainda, do método utilizado para a definição de sequências seriadas e as posteriores interpretações dos significados dos estilos cerâmicos e das variações percentuais de ocorrência de antiplásticos nas amostras analisadas.

Sobre a metodologia de aquisição de coleções arqueológicas, Meggers afirma o seguinte:

Para minimizar seletividade, compensar perturbações erráticas e maximizar evidências cronológicas, amostras de cerâmica devem ser obtidas por escavações estratigráficas, Embora “estratigrafias métricas” tenham sido criticadas, a experiência demonstra que escavações em níveis de 10cm frequentemente revelam mudanças súbitas nas tendências e frequências relativas dos tipos cerâmicos que identificam episódios de abandono e reocupação não registrados na estratigrafia natural. Duas ou mais escavações estratigráficas em diferentes partes de um sítio fornecem mais informação sobre a história do assentamento que uma única escavação ampla ou trincheiras. Suas dimensões devem ser suficientes para fornecer pelo menos cem fragmentos de cerâmica por nível, de modo a minimizar a probabilidade de erro de amostragem. Na Amazônia, 1,5 x 1,5 ou 2 x 2 m são em geral adequados. Dimensões maiores devem ser evitadas porque elas podem incorporar refugio de ocupações não contemporâneas (Meggers, 2009: 18).

O leitor pode considerar que está fora de moda e que as críticas a este tipo de abordagem arqueológica já foram feitas, mas entendemos ser importante colocá-la em discussão, uma vez que afirmações recentes, como as de Zimmermann e Dias (2009: 13), parecem trazê-las novamente para o debate.

[...] muitos dos que condenam seu emprego, jamais sequer o experimentaram (algumas vezes, inclusive, sobretudo jovens iniciantes, que confessam repetir o que ouviram de seus mestres), como se tal fosse um comportamento científico válido.

Para abordar o tema da importância, ou não, dos antiplásticos como critérios definidores de escolhas culturais, apresentaremos dados e interpretações em locais que foram anteriormente estudados seguindo as premissas de Meggers e que atualmente foram revistos, considerando outros tipos de análise e o contexto em si. Um dos principais instrumentos utilizados para essa revisão foram diferentes análises estatísticas.

Os dois principais conjuntos que serão revisitados pertencem ao baixo rio Madeira e à Amazônia Central. Em ambos os casos as sequências seriadas produzidas para a região tiveram no antiplástico o principal definidor das fronteiras culturais. Experimentemos, então, através de alguns estudos clássicos de utilização da metodologia de seriação implantada pelo casal Meggers e Evans.

As cerâmicas Paredão após Hilbert (1968)

A fase Paredão foi definida com a escavação de apenas dois sítios arqueológicos e coleções de materiais de mais alguns outros sítios. No caso da fase Paredão, ao se trabalhar com amostras reduzidas de sítios arqueológicos, o entendimento do contexto e das ocupações tornou-se limitado. No sítio Paredão, o principal escavado, o próprio Hilbert apresenta a complexidade do contexto, mostrando que, além do material Paredão, no sítio também foram encontradas cerâmicas Guarita e Itacoatiara. Como entender um contexto tão complexo com a escavação de três cortes-testes de 1,5 x 1,5 metros?

O outro sítio escavado por Hilbert com material da fase Paredão, Divinópolis, apresentava uma estrutura monticular e vestígios de cerâmica Guarita. Dois cortes testes foram escavados neste sítio (Hilbert, 1968).

Portanto, cinco áreas escavadas em dois sítios arqueológicos multicomponenciais foram as bases para a sequência seriada definidora da fase Paredão. Como ordenar em sequência seriada o material não decorado de um sítio multicomponencial? Como calcular a porcentagem de material decorado e não decorado de um sítio multicomponencial? Parece que nestes casos a variação do antiplástico foi a grande saída.

Para repensar tal situação veremos os dados da variação de ocorrência de antiplástico estudada em uma coleção de cerâmica Paredão proveniente de um sítio unicomponencial. A revisão atual baseia-se na análise de uma coleção de 35.217 fragmentos de cerâmica. Na análise atual, o material foi dividido primeiramente entre bordas, bases e paredes (ambas com e sem decoração), alças, apliques, flanges, artefatos, estatuetas e trempes.

Com a definição de uma tipologia, que só foi possibilitada pelo estudo de uma coleção de um depósito unicomponencial, temos um exemplo que permite algumas interpretações alternativas para o uso de antiplásticos diferenciados, que não implicam mudanças socioculturais drásticas. O resultado obtido relembra o que foi constatado por DeBoer e Lathrap (1979) e Silva (2000) sobre as variações no uso dos temperos na argila entre ceramistas, entre uma feitura e outra pela mesma ceramista, e entre partes distintas do mesmo vaso, no caso dos primeiros autores; e a não utilização de temperos no exemplo estudado pela segunda autora, pelo simples fato da argila já apresentar a performance desejada pelas oleiras.

Na Tabela 1 são apresentados os antiplásticos evidenciados em cada tipo formal da cerâmica Paredão do sítio Antônio Galo. Cerca de 90% do material apresenta cauxi como antiplástico predominante. Se adicionados os casos em que o cauxi aparece como antiplástico secundário, este número sobe para quase 100%. Isto seria suficiente para definir que na fase Paredão as ceramistas tinham por regra o uso de cauxi como antiplástico. Porém, o mais interessante e esclarecedor na análise dos antiplásticos deste caso não é esta constatação.

Tabela 1. Ocorrência de antiplásticos, considerando apenas os valores de maior percentagem para cada tipo de cerâmica.

TIPOS	1º AP	2º AP	3º AP	4º AP	5º AP
Cuia com pedestal	Cauixi	Caco moído	Areia	Areia	-
Cesta com alça	Cauixi	Areia	Areia	-	-
Vaso com flange	Caraipé	Cauixi	Areia	-	-
Vaso com bordas irreg.	Cauixi	Carvão	Areia	Areia	Hematita
Alguidar	Cauixi	Caco moído	Areia	-	-
Assador	Cauixi	Areia	Areia	-	-
Cuia	Cauixi	Carvão	Areia	Areia	Hematita
Prato	Cauixi	Carvão	Areia	Areia	-
Tigela	Cauixi	Carvão	Areia	Areia	Hematita
Pote com gargalo	Cauixi	Carvão	Areia	Areia	Areia
Vaso globular	Cauixi	Carvão	Areia	Areia	Areia
Estatueta	Cauixi	Hematita	Areia		

Existe uma grande probabilidade de o cauixi já estar contido na argila (Moraes, 2013). Sendo este o caso, a presença do cauixi não necessariamente deixaria de ser uma escolha cultural. Como demonstrou Silva (2000), a escolha da argila leva em conta características de plasticidade, mas também dos antiplásticos já contidos na fonte.

Assim, o mais interessante foi observar o que acompanha o cauixi na pasta dos vasos cerâmicos Paredão (Tabela 1). Em grande parte do conjunto de vasos Paredão foi possível encontrar uma gama muito variada de antiplásticos, sendo mais comum a associação de cauixi com carvão e/ou caco moído. Ademais, foi importante notar que um grupo de vasos com funcionalidade específica possuía uma mistura de antiplásticos diferenciada para a confecção.

Os vasos que são utilizados exclusivamente sobre o fogo têm uma receita de antiplástico diferenciada do restante do conjunto. No caso, alguidares e assadores não são encontrados com carvão adicionado à pasta de argila. Na cerâmica Paredão, os dois tipos de vasos podem ser encontrados com duas pastas diferentes: os alguidares são feitos, na maioria dos casos, com uma pasta contendo cauixi e caco moído, porém uma parcela menor pode aparecer só com o cauixi e areia. Neste segundo caso, talvez o vaso seja confeccionado sem nenhuma adição de tempero na argila, uma vez que tanto o cauixi quanto a areia podem ocorrer no depósito de argila. Os assadores, apesar de semelhantes, ocorrem em maior quantidade contendo somente cauixi e areia na pasta, mas cerca de 40% dos exemplares analisados também apresentaram caco moído.

Com o método de ordenação Análise de Coordenadas Principais (PCO), foi possível perceber que, quando comparamos os tipos cerâmicos pela ocorrência de antiplástico, apesar de uma semelhança geral do conjunto, alguidares e assadores formam um grupo distinto (Figura 1a). De posse dessa informação foi rodado novamente o teste estatístico, colocando alguidares e assadores em comparação com o restante da coleção de tipos (Figura 1b). O resultado mostra que alguidares e assadores formam um conjunto coeso e distinto, e também demonstra que o restante do conjunto se divide em dois grupos, em grande parte sobrepostos.

Tentando interpretar estes grupos, observa-se que alguidares e assadores se separam por não apresentarem carvão; e os dois outros grupos se sobrepõem, em grande parte, pelo uso conjugado de carvão e caco moído. A concentração na parte inferior do gráfico deve-se ao número de vasos que apresentam principalmente carvão na mistura.

Resumindo as informações da Tabela 1, e considerando apenas os tipos de mistura de antiplásticos predominantes nos vasos cerâmicos, tem-se o resultado apresentado na Figura 1.

Como dito anteriormente, o cauxi é predominante em todos os tipos de vasos, mas além deste material, alguidares e assadores são produzidos preferencialmente com caco moído; e areia e os vasos para servir, armazenar e consumir alimentos são produzidos com a adição de carvão ou caco moído.

O carvão traz duas características para os vasos cerâmicos: leveza e porosidade. Um fragmento com carvão pode pesar cerca de 20% menos que outro que não o contém. A porosidade obtida pelo uso do carvão, se indesejada, pode ter sido causada pelo uso de engobos e barbotinas, frequentemente observados no conjunto analisado – ou mesmo com resinas impermeabilizantes, de difícil preservação em contextos arqueológicos.

Voltando ao caso dos vasos levados ao fogo, a porosidade é uma característica importante para a resistência ao choque térmico na hora da queima (Shepard, 1956: 126). Porém, a porosidade não é uma performance importante em vasos para cozinhar alimentos ao fogo (Skibo, 1992: 37; VanPool, 2001: 122). Pelo tamanho dos alguidares e assadores observados (podendo chegar a mais de 1 m de diâmetro) é possível imaginar

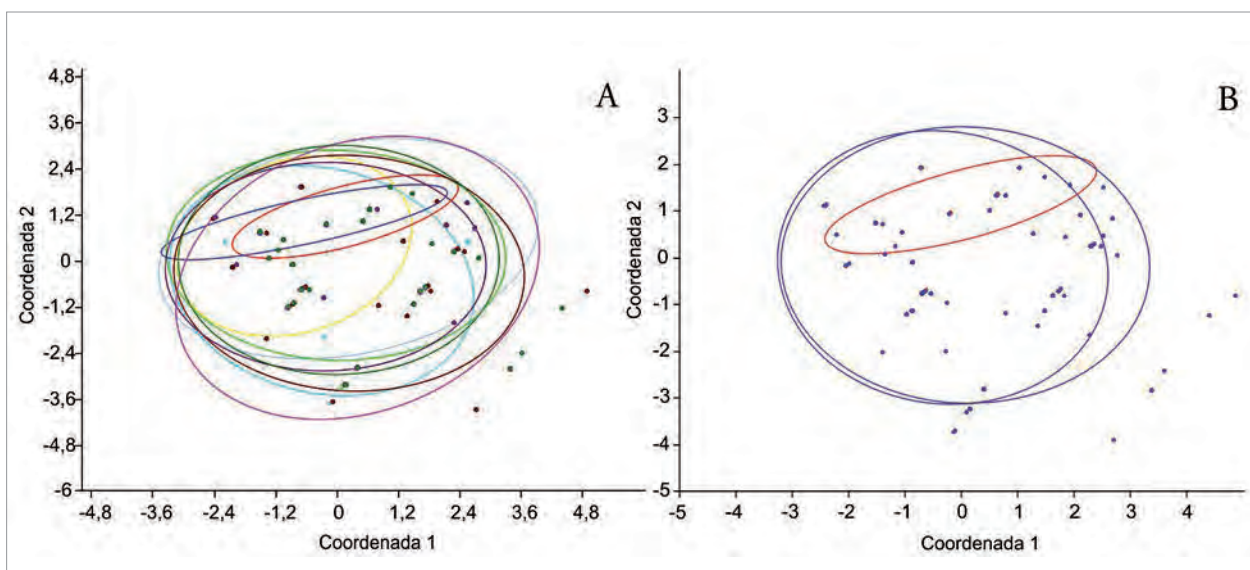


Figura 1. Projeção da primeira e segunda coordenadas principais para todos os tipos de cerâmica analisados para o sítio Paredão, derivada de uma Análise de Coordenadas Principais (PCO). O tamanho amostral de cada tipo encontra-se na Tabela 1, sendo que os tipos vaso com flange mesial e estatueta não foram incluídos na análise devido ao tamanho amostral insuficiente. Elipses em diferentes cores representam as áreas de distribuição de 95% das peças pertencentes a cada tipo. A) A elipse em vermelho representa 95% dos alguidares analisados e a elipse em azul 95% dos assadores. O índice de similaridade utilizado foi o índice euclidiano, com expoente de transformação $c=2$. As duas primeiras coordenadas explicam 62.9% da variabilidade dos dados, sendo que a coordenada 1 é responsável por 33.1% e a coordenada 2 29.8 % da variação encontrada. B) A elipse em vermelho representa 95% dos alguidares e assadores analisados e as elipses em azul representam 95% dos restantes tipos de cerâmica. O índice de similaridade utilizado foi o índice euclidiano, com expoente de transformação $c=2$. As duas primeiras coordenadas explicam 62.9% da variabilidade dos dados, sendo que a coordenada 1 é responsável por 33.1% e a coordenada 2 29.8 % da variação encontrada.

que são utensílios de pouca mobilidade. Portanto, leveza não é uma característica muito importante para eles. Como os vasos são utilizados sempre ao fogo não há a necessidade de uma primeira queima muito intensa; assim, pode-se pensar numa queima em temperatura menos elevada, para diminuir a possibilidade de fratura durante o processo. Grande parte dos fragmentos de alguidares e assadores apresentam pasta de coloração marrom/cinza, evidenciando uma queima incompleta.

Pela observação da conservação de fragmentos cerâmicos após os processos tafonômicos ocorridos no sítio arqueológico, é possível perceber que fragmentos com uso de carvão na pasta de argila apresentam durabilidade menor, pois é muito comum que sejam encontrados já bastante erodidos ou se desfazendo. Além disso, parece que os mesmos ocorrem principalmente na fabricação de vasos para o consumo de alimentos.

Se observarmos alguns exemplos etnográficos Shipibo-Conibo e Jívaro (DeBoer e; Lathrap, 1979; Harner, 1972), em ambos os casos os autores mostram que a durabilidade não é uma característica muito importante para os vasos utilizados no consumo de alimentos. Os vasos para consumo devem ser preferencialmente novos e bem decorados, principalmente quando são para oferecer comida ou bebida para um visitante. Uma vez que a decoração tem durabilidade muito menor que a parede do vaso, mesmo apresentando as características de porosidade que observamos nos exemplares temperados com carvão, o fato de trazer leveza seria uma característica que compensaria a menor durabilidade.

Identificadas as características mencionadas anteriormente, foi testado também como se comportaria a variação destes critérios ao longo da estratigrafia do sítio.

Foi feita primeiramente a distribuição quantitativa da ocorrência dos diferentes tipos de vaso ao longo dos níveis e, ao mesmo tempo, a variação de combinações de diferentes de antiplásticos verificadas. Caso houvesse uma mudança temporal do uso de um ou outro antiplástico (Meggers, 2009), isso ficaria perfeitamente visível. Com o programa de estatística PAST foram feitos ainda dendrogramas para cada tipo, agrupando por nível e ocorrências de similaridades no antiplástico dos vasos.

Para dar mais robustez aos dados foram feitos também testes estatísticos não paramétricos multivariados (ANOSIM One-Way-Análise de Similaridade), que compara as distâncias entre os grupos (níveis) com as distâncias dentro de cada grupo (nível).

Os resultados mostraram que não há diferenças significativas na variação do antiplástico por tipo ao longo dos níveis escavados. Pequenas diferenças em tipos, como alguidar, tigela e cuia devem-se principalmente à diferença no número de amostras entre um nível e outro ou da variação de ocorrências de antiplásticos naturais, como areia e hematita.

Considerando que o contexto da amostra vem principalmente de montículos, característica que só foi percebida devido ao trabalho detalhado de delimitação do sítio com tradagens e topografia refinada, e que o material poderia não apresentar variação temporal (estratigráfica) pelo fato de ter sido misturado durante a construção dos montículos, foi testada também a variação entre camadas, já que, neste caso, era possível diferenciar com clareza três eventos temporais no processo de formação do sítio (Figura 2). A primeira camada arqueológica foi formada antes da construção do montículo (camada II); a segunda camada é a própria camada construtiva do montículo (camada III); e a terceira camada formou-se após a construção do montículo (camada IV). Foi verificado se haveria alguma variação no antiplástico por tipo entre as três camadas. Para este teste foram utilizados apenas os tipos com número mais significativo de peças.

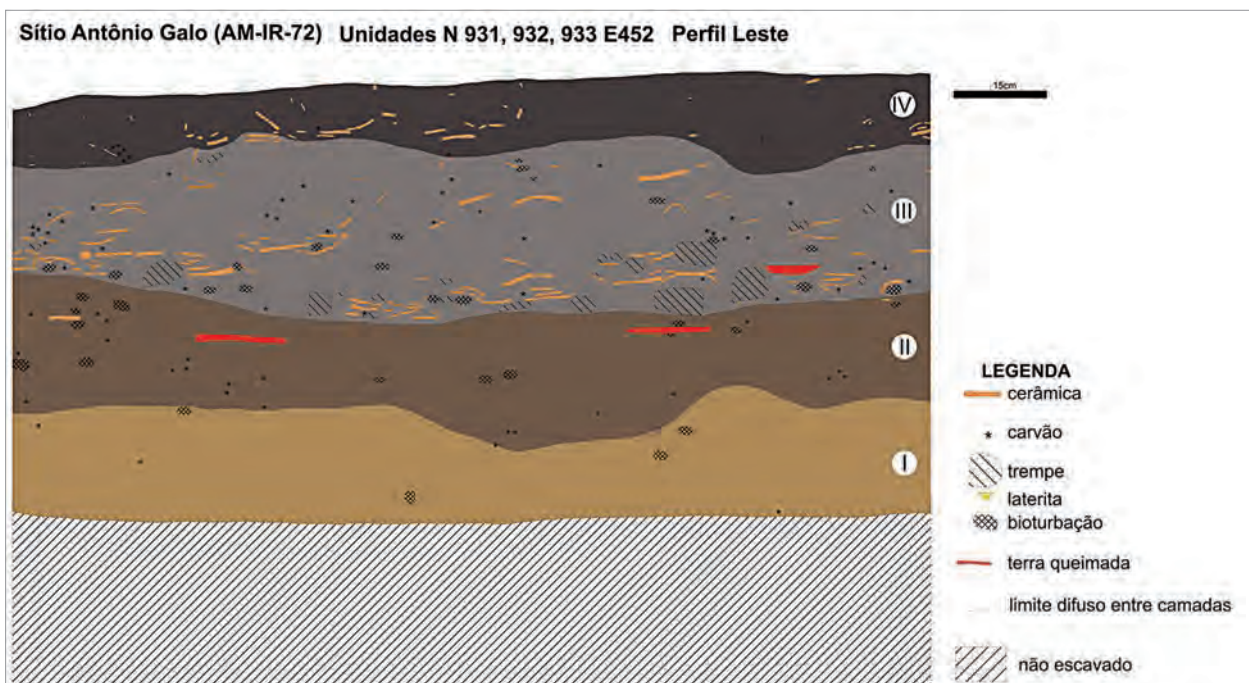


Figura 2. Perfil de escavação exemplificando as camadas associadas aos diferentes momentos do processo de formação do sítio arqueológico. I – período pré-ocupação; II – primeira ocupação do sítio arqueológico; III construção do montículo (plataforma elevada) e IV deposição de material arqueológico após a construção do montículo.

Mais uma vez, os testes estatísticos não apresentaram nenhuma variação por camadas. Fazendo uma análise PCO para todas as peças de cerâmica pertencentes à fase Paredão ($n=780$) separadas por nível de escavação, considerando 24 critérios analisados na cerâmica, foi possível perceber que não há nenhuma variação seriada contínua no conjunto de material do sítio (Figura 3).

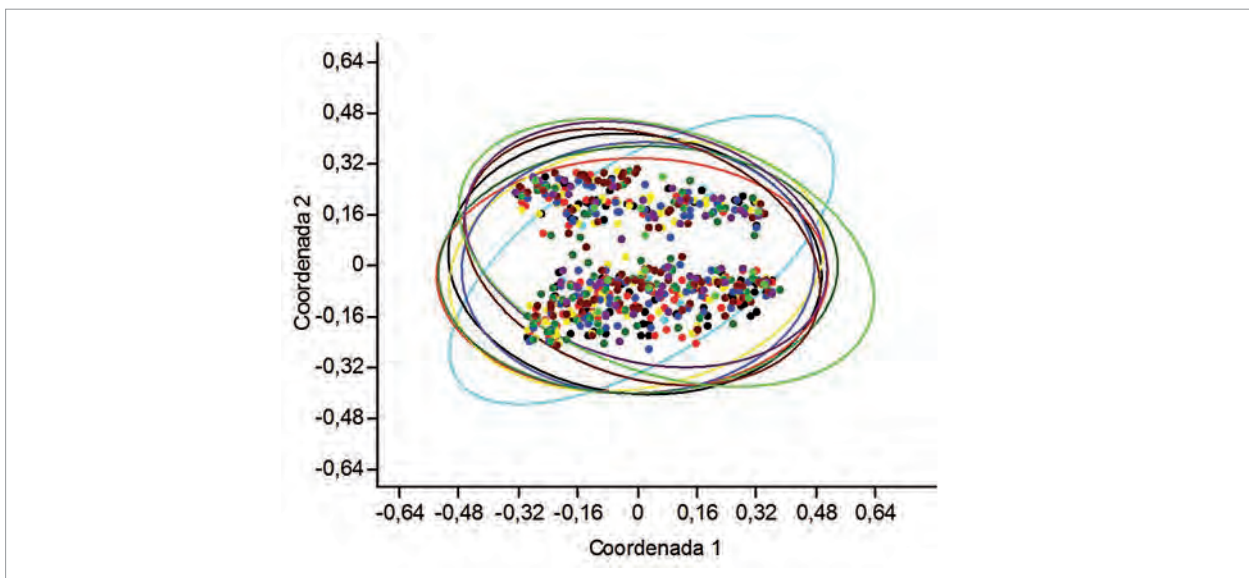


Figura 3. Projeção da primeira e segunda coordenadas principais para todas as peças de cerâmica pertencentes à fase Paredão ($n=780$) separadas por nível de escavação, derivada de uma Análise de Coordenadas Principais (PCO). PCO feita com base em 24 características das peças de cerâmica analisadas. Elipses a diferentes cores representam as áreas de distribuição de 95% das peças pertencentes a cada nível de escavação analisado. O índice de similaridade utilizado foi o índice de Jaccard, com expoente de transformação $c=2$. As duas primeiras coordenadas explicam 42.3% da variabilidade dos dados, sendo que a coordenada 1 é responsável por 23.7% e a coordenada 2 é responsável por 18.6% da variação encontrada.

Portanto, contrariando as proposições de Meggers (2009), a escavação de cortes teste de superfícies reduzidas e a posterior organização do material em sequências seriadas utilizando o antiplástico como material diferenciador, não tem eficiência para o entendimento das particularidades do processo de formação de um sítio arqueológico (relocações ou reocupações), pois, além de variar no tempo, como proposto originalmente, o antiplástico pode variar muito mais de acordo com a funcionalidade dos objetos.

A decoração da cerâmica Paredão

Existe uma diferença significativa na porcentagem de material decorado da fase Paredão, se comparado com os outros materiais cerâmicos encontrados na Amazônia Central (Moraes, 2013). A diferença entre as fases Paredão e Axinim é bastante significativa (4,2 e 7%). Em ambos os casos é possível perceber que a recorrência maior é de decoração com aplicação de engobo. Pinturas em linhas finas também ocorrem nos dois conjuntos. A fragilidade de engobos e pinturas e a perda total desses vestígios nos fragmentos cerâmicos certamente interfere neste quantitativo.

Foram encontradas evidências muito significativas para entender mais esta etapa da cadeia operatória de produção da cerâmica Paredão. Observando justamente os vestígios de engobo na superfície dos fragmentos cerâmicos foi feita uma descoberta interessante que pode ajudar a explicar a baixa porcentagem de cerâmica decorada no material da fase Paredão.

Durante a queima dos vasos, realizada a céu aberto é comum a ocorrência de manchas escurecidas na superfície da cerâmica. Em alguns fragmentos o engobo foi observado sobrepondo as manchas enegrecidas, o que demonstra que a sequência operatória inclui primeiro a queima e depois a decoração. A decoração muito provavelmente foi fixada somente com a utilização de resina, muito eficiente a curto prazo, porém de fácil decomposição no contexto arqueológico.

Com a perda da película de resina, a decoração tem pouca possibilidade de resistir à ação do tempo, visto que não foi fixada com a queima. A fragilidade da decoração e esta particularidade do processo de confecção seriam os principais fatores que estariam diminuindo a taxa de material decorado encontrado no registro arqueológico. Além disso, a pintura da cerâmica Paredão é feita em linhas muito finas, algumas menores que 1 mm (Figura 4), sendo possível identificar nos fragmentos de cerâmicas apenas resquícios do que foi pintado.

Uma das melhores possibilidades de identificar a pintura é quando o vaso que a apresentava foi reutilizado ao fogo. A fuligem age de maneira diferenciada no campo pintado. Quando a pintura se perde sobra justamente o negativo do traço destacado em meio ao resto do campo com fuligem. Pela gama variada de tipos cerâmicos com vestígio de pintura, acreditamos que grande parte dos vasos pintados, exceto os alguidares e assadores, praticamente todos os outros tipos apresentam algum tipo de pintura.

Os motivos decorativos

Tentando perceber de maneira mais detalhada a decoração da cerâmica Paredão foi realizada uma análise dos motivos decorativos passíveis de identificação. Os resultados foram bastante significativos, mostrando

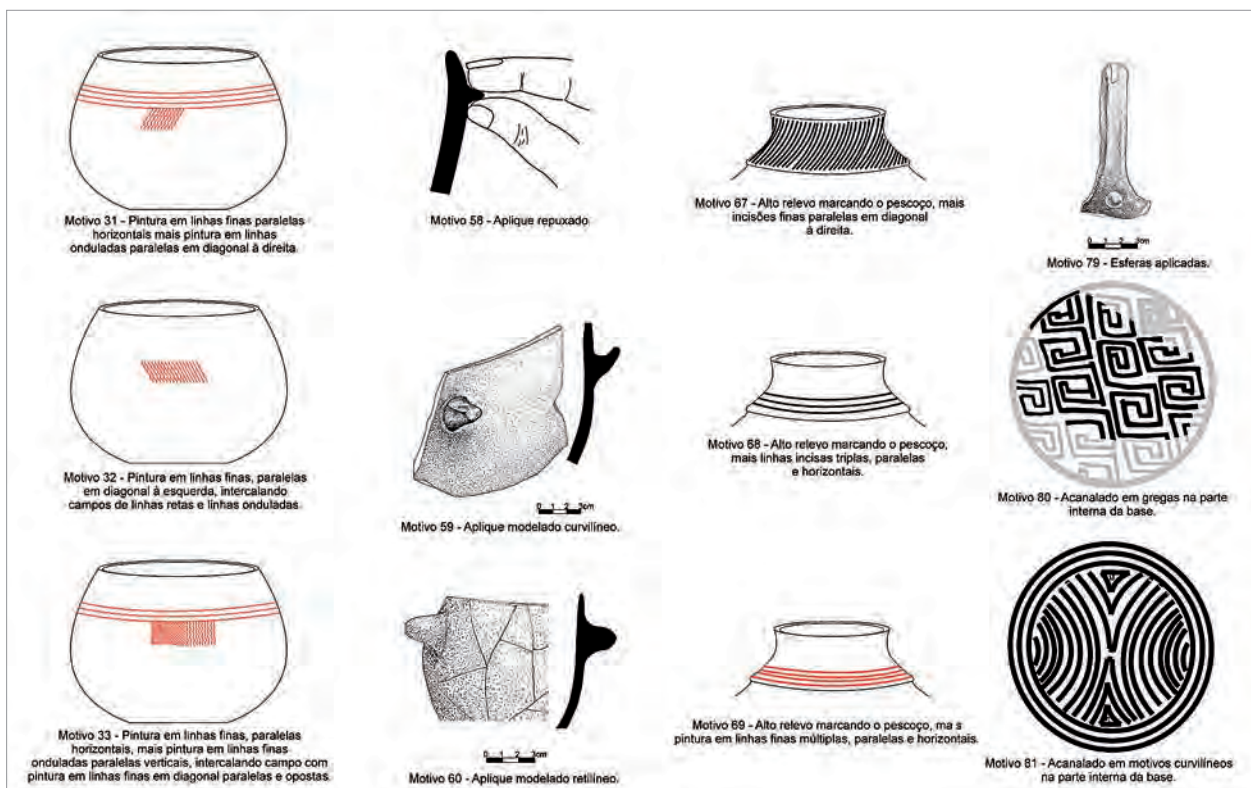


Figura 4. Alguns exemplos de variações dos motivos decorativos da cerâmica Paredão (para mais detalhes, ver Moraes, 2013).

que, como apontou Silva (2000), a individualidade do artesão pode se manifestar mesmo diante de um forte rigor no processo de confecção da cerâmica. Foram analisadas partes de motivos decorativos de 571 fragmentos de cerâmica. A análise possibilitou a identificação de 100 variações de motivos decorativos, com técnicas de decoração plástica e pintada (Figura 4). Dos exemplares observados, 293 apresentaram decoração na face interna, 274 na face externa e apenas quatro nas duas faces. Em decorrência da dificuldade de preservação da pintura, é muito maior a amostra de material apresentando decoração plástica (530). Em apenas 35 fragmentos identificamos decoração pintada e em seis decoração plástica e pintada. O local preferencial para a decoração é a borda – na face interna quando o vaso é irrestritivo e na face externa quando é restritivo (386 peças). O restante são: 58 peças com decoração no pescoço, 34 peças no bojo, 30 na alça, 28 no lábio, 13 na borda e no lábio, 12 na base, 5 no ombro, 3 no flange, 1 no lábio e bojo e 1 no pescoço e ombro.

Fora as incisões paralelas, aparecem muitos apliques modelados. Às vezes a combinação destes com ponteados formam representações semelhantes a olhos ou ainda figuras zoomorfas. As pinturas, apesar da amostra pequena, também mostraram bastante variação, podendo representar em alguns casos os mesmos motivos incisos.

Estes dados mostram que a tecnologia sofisticada de confecção da cerâmica Paredão não abriu mão de uma variação grande na decoração. Os motivos decorados interferem menos na morfologia da peça que os vistos, por exemplo, nas fases Açutuba e Konduri, mas têm importância muito significativa no conjunto do material. Portanto, um distintivo muito melhor que os antiplásticos para entender a cerâmica Paredão no contexto arqueológico da Amazônia Central seriam as particularidades das técnicas e os motivos decorativos.

Cerâmicas Axinim no rio Madeira

Antes da apresentação dos conjuntos em si, será apresentada uma revisão do material coletado por Simões e Lopes na década de 1980. Foi revisada uma parte desta coleção que está depositada no Museu Emílio Goeldi, e os resultados são apresentados a seguir.

No artigo publicado em 1987, Simões e Lopes definiram 3 fases arqueológicas para a região do baixo Madeira. A fase Borba é associada à Subtradição Guarita. As fases Axinim e Curralinho são associadas à Tradição Inciso-Ponteadado. Dos sítios pesquisados, 16 foram definidos como sendo da fase Borba (Urucurituba, Rosarinho, São Paulo, Guajará, Trocana, Caiçara, Flechal, Castanhal, Borba, Acará, Ideal, Novo Aripuanã, Vista Alegre, Boa Nova, Estirão e Taboca). A fase Axinim foi identificada em nove sítios (Santa Ana, Axinim, Bom Futuro, Retiro, Nazaré do Uruá, Itapinima, Seringal Belém, Fazenda II e Cachoeirinha). A fase Curralinho foi identificada em seis sítios (São Felipe, Mura, Conceição, Fazenda I e Curralinho). As três datações produzidas –, duas do sítio Curralinho (840±60 AD - SI-5378 e 1450±55 AD - SI-5377) e uma do sítio Fazenda I (885±90 AD - SI-5376) –, foram associadas à fase Curralinho (Simões; Lopes, 1987: 118-122).

A observação da documentação de campo produzida por Simões e Lopes em 1981 e uma análise do material coletado, priorizando o desenho das bordas e a documentação fotográfica do material diagnóstico, levaram aos dados apresentados.

Com base na documentação de campo, verificou-se que dos 31 sítios encontrados no Madeira, apenas oito foram escavados com um corte de 2X2 metros em cada sítio. São eles: Santa Ana, Rosarinho, Caiçara, Bom Futuro, Guajará, Fazenda I, Curralinho, Seringal Belém. No sítio Axinim foram retiradas urnas funerárias. De acordo com os dados apresentados, todos os sítios seriam unicomponenciais.

De acordo com Simões e Lopes (1987), o sítio Caiçara estaria associado à fase Borba da Subtradição Guarita e o sítio Curralinho à fase Curralinho, da tradição Inciso Ponteadado.

Observando o material foi constatado que o sítio Caiçara é multicomponencial (Moraes, 2013). No material do corte de 2x2 m, desde os primeiros níveis, aparecem materiais não associados à tradição Polícroma. Predomina o material policromo, mas aparecem fragmentos de alça, tripodes, apliques zoomorfos e fragmentos com decoração incisa, que claramente são do conjunto Axinim.

Segundo Simões e Lopes, o sítio Curralinho é associado à tradição Inciso Ponteadado. Depois de revisar o material do corte teste realizado no sítio, surge uma opinião divergente. O material predominante no sítio é também associado à tradição Polícroma, extremamente semelhante ao encontrado no sítio Caiçara. Assim como o Caiçara, este sítio é multicomponencial. Após 40 cm de profundidade aparece também material semelhante ao segundo conjunto visto no sítio Caiçara, com incisões finas e apliques modelados. Portanto, as datações realizadas no sítio, uma do nível 50-60 e outra do 70-80, são de um contexto multicomponencial.

Ao que tudo indica, a fase Curralinho não se confirma como um complexo cerâmico distinto na região do rio Madeira. As fases criadas por Simões e Lopes foram definidas com base em conjuntos artefatuais muito pequenos, justamente por terem seguido rigorosamente a metodologia “adequada” para a produção de sequência seriada apresentada no trecho de Meggers (2009), mencionado anteriormente.

As fotos apresentadas nas pranchas do material definidor das fases demonstram esse problema. O inciso fino e o modelado, traços diagnósticos da fase Axinim, aparecem também no material das fases Borba e Curralinho (Simões; Lopes, 1987: 130-132).

Com o processamento do material cerâmico escavado no sítio Vila Gomes e a produção de novas datações para materiais da região do baixo Madeira, é possível afirmar que a classificação dos sítios e as fases propostas pelos pesquisadores devem ser reavaliadas.

Em primeiro lugar, os traços diagnósticos do material cerâmico do sítio Vila Gomes não estão restritos ao conjunto conhecido como tradição Inciso Ponteada. O material mostra muitas características que remetem à cerâmica conhecida como Borda Incisa, que na Amazônia Central e no Baixo Amazonas estaria representada pelas fases Açutuba, Manacapuru e Pocó (Lima, 2008; Guapindaia, 2008; Hilbert; Hilbert, 1980).

Os dados regionais mostram as cerâmicas da tradição Borda Incisa como sendo as mais antigas, entre os séculos III AC e VIII DC. Em seguida teríamos as manifestações da tradição Policroma, séculos IX ao XVI (Lima, 2008; Guapindaia, 2008) e Inciso-Ponteado, séculos XI ao XVI (Gomes, 2002).

O material encontrado no sítio Vila Gomes é muito semelhante ao observado na coleção do Museu Goeldi, proveniente das escavações realizadas por Simões e Lopes e classificado como fase Axinim, da tradição Inciso Ponteada.

As cerâmicas Axinim – tipologia revisada

No sítio Vila Gomes foi encontrado um contexto unicomponencial da fase Axinim. Foram feitas poucas escavações, o que resultou em uma coleção pequena de fragmentos e vasos cerâmicos (13.509), mas que já mostra uma variedade formal e decorativa muito maior que a apontada por Simões e Lopes (1987). Pela variedade formal e decorativa, é certo que o conjunto também não é representativo de toda a variação cerâmica deste estilo no baixo rio Madeira.

Simões e Lopes definiram nove tipos cerâmicos na fase Axinim. Na revisão feita no material coletado por eles nos sítios Caiçara e Curralinho foram encontrados exemplares semelhantes aos tipos 1, 3, 4, 8 e 10 da tipologia original e mais um tipo prato (tipo 8 da nova classificação; Figura 5). Na nova proposta tipológica, os tipos 2, 5 e 6 seriam variações decorativas do mesmo tipo (equivalente ao tipo cuia 7, porém muito mais rasas). No material analisado não foram encontradas essas cuias tão rasas.

Tipologia da cerâmica do sítio Vila Gomes

No conjunto Axinim não foi possível alcançar o detalhamento da análise feita na cerâmica Paredão. A amostra muito mais limitada não permitiu muitas reconstituições formais. Escavações futuras serão necessárias para uma melhor compreensão do conjunto artefactual. De qualquer maneira, mesmo com poucos dados é possível fazer algumas considerações significativas.

Assim como na cerâmica Paredão, predomina a ocorrência de cauixi como antiplástico na argila. Das 614 bordas analisadas, o cauixi estava presente em 497 peças, seja como antiplástico principal ou secundário.

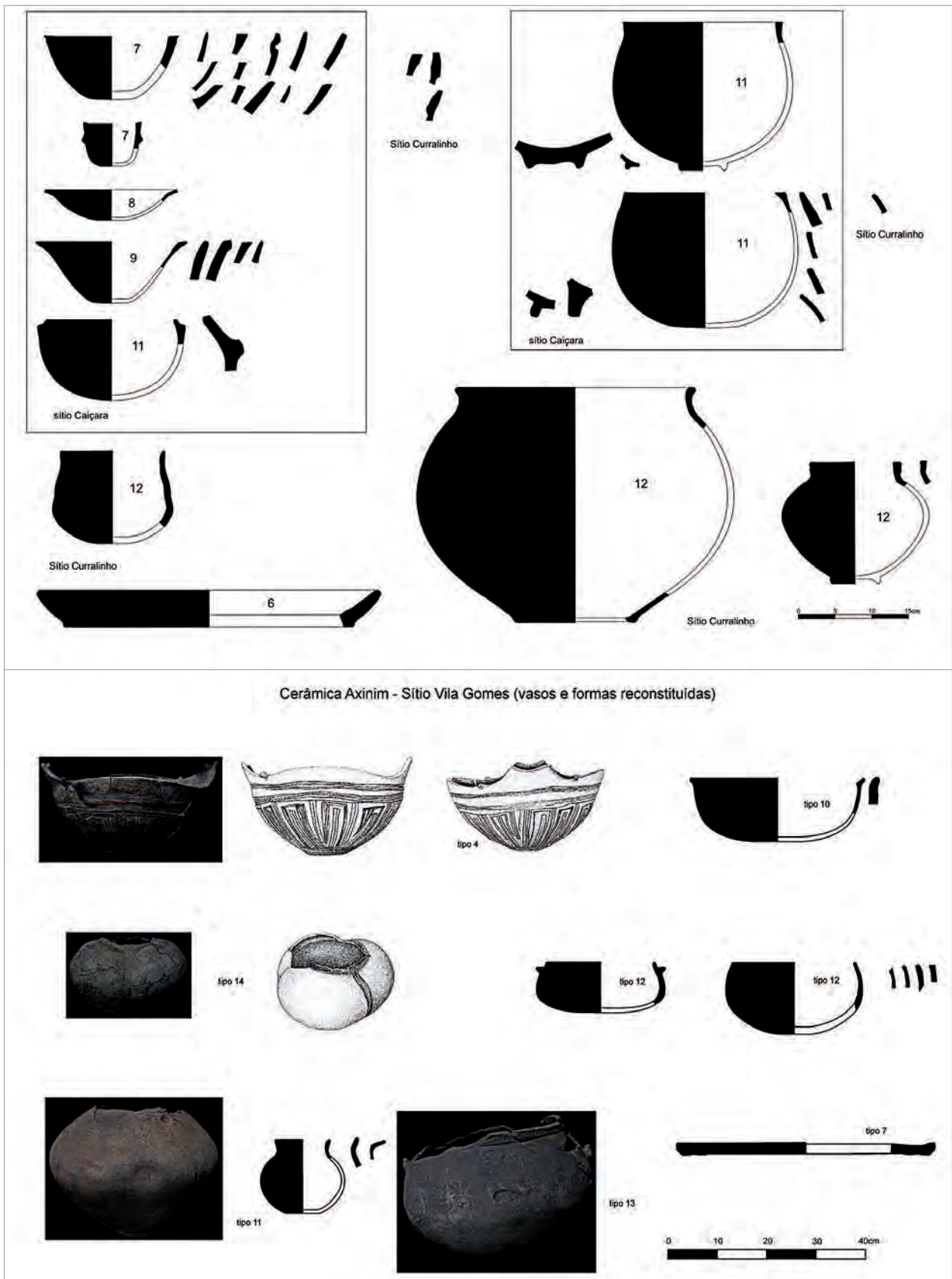


Figura 5. Exemplos demonstrando a variação formal da cerâmica Axinim (Desenho a nankin de Val Moraes).

Da mesma forma, o caraipé aparece em 176 peças, o caco moído em 131 peças e uma segunda variedade de caraipé (b) em 96 peças.

Não foi possível fazer a análise comparativa de antiplástico e forma neste conjunto, mas pelas variações observadas é possível supor que a função das vasilhas também pode ter determinado o uso de um ou outro antiplástico.

Em um dos vasos inteiros recuperado no sítio foi possível perceber o que já havia sido apontado por DeBoer e Lathrap (1979). Em diferentes partes do vaso é possível encontrar variações do uso de antiplástico. Em uma das urnas escavadas nas proximidades da borda é possível observar a presença de caraipé b, enquanto no restante do corpo do vaso este antiplástico não está presente.

A tipologia ainda incompleta que foi construída mostra um conjunto formal bastante variado. Os fragmentos e vasos que permitiram considerar a forma somam sete variações no sítio Vila Gomes. Muitos fragmentos menores parecem de formas diferentes das que foram reconstituídas, porém, dada a fragmentação e o pouco conhecimento a respeito do conjunto, a opção foi por reconstituir apenas os fragmentos maiores. Ainda assim, se somadas a formas observadas no sítio Vila Gomes com as encontradas no material dos sítios Caiçara e Curralinho (Figura 5), chega-se a 10 variações.

Decoração

Assim como na cerâmica Paredão, grande parte da decoração na cerâmica Axinim é representada por vestígios de engobo. Foram analisadas partes de motivos decorativos de 183 fragmentos/vasos de cerâmica. Foram identificadas 73 variações de motivos decorativos com técnicas de decoração plástica e pintada. Dos exemplares observados, 169 apresentaram decoração na face externa, apenas sete na face interna e sete nas duas faces. A amostra de decoração plástica é muito maior (170). Em apenas dois fragmentos foi identificada decoração pintada e em 12 decoração plástica e pintada. É preciso considerar o grau de fragmentação do material observado, processos tafonômicos podem ter influenciado muito na porcentagem de material pintado que pôde ser observado. O local preferencial para a decoração é o bojo (121 peças). O restante são: 19 peças com decoração na base; 11 peças no lábio, 8 peças no pescoço; 7 peças no lábio e no pescoço; 6 peças no lábio e no bojo; 5 peças na borda; e 1 no ombro.

A variação decorativa é muito grande e parece haver menos padronização que a observada nas cerâmicas Paredão. Dos motivos identificados, 57 são exclusivos, aparecendo apenas uma vez na amostra. Os motivos mais representativos são variações de campos zonados hachurados. São frequentes também as incisões múltiplas, que podem formar grandes campos incisos paralelos ou figuras geométricas. Os ponteados e modelados também são muito frequentes.

Novas interpretações

Depois da investida minuciosa na análise cerâmica, tem-se a impressão de que este é um dos vestígios que ajuda pouco a compreender as relações políticas do passado. De certo modo, parece que a grande maioria dos traços tecnológicos e estilísticos da cerâmica da Amazônia Central estão presentes inclusive

nas mais antigas. Os estilos mais tardios são como ressignificações dos anteriores. Mesmo que mais trabalhoso, um investimento nos estudos de espacialidade e das distribuições regionais de vestígios parece mais promissor (Moraes, 2013). Uma malha de tradagem bem definida e um trabalho de topografia refinada tem muito mais eficiência para entender as particularidades intrassítio.

A cerâmica precisa ser vista em contexto. Análises tecnológicas de antiplásticos e decorações, por si só, informam pouco sobre as ocupações.

As cerâmicas encontradas no sítio Vila Gomes são bastante singulares, certamente teremos que inseri-las em um novo complexo cerâmico. Mesmo com os problemas classificatórios encontrados nas fases definidas por Simões e Lopes, o pequeno conjunto de artefatos definido como fase Axinim é representativo dessa singularidade. Porém, na singularidade desse conjunto está também representada a pluralidade regional da ocupação pré-colonial amazônica. O material da fase Axinim, em sua pluralidade não cabe dentro da tradição Incisa e Ponteadada. O pouco que conhecemos do conjunto nos mostra que ele tem semelhanças muito próximas com a fase Paredão. As bordas com dupla incisão são muito próximas do que classificamos como fase Manacapuru. O estilo “barroco”, visto nas cerâmicas das fases Konduri e Tapajônica, está também representado. Tecnologias sofisticadas de decoração cerâmica, como o uso de incisões e excisões para contrastar campos de cores diferentes em superfícies engobadas, frequentemente vistos na cerâmica Marajoara, estão também representados. Curiosamente, o motivo decorativo mais recorrente na cerâmica Axinim é o zonado hachurado, que supostamente seria a cerâmica mais antiga da Amazônia (Hilbert, 1968). Estes dados mostram que apesar de ferramentas classificatórias necessárias, as fases e tradições não podem ser encaradas como barreira entre os conjuntos cerâmicos. As cerâmicas Axinim, assim como Pocó parecem não caber dentro das tradições definidas por Meggers e Evans e, ao mesmo tempo, parecem representantes de todas elas.



A TRADIÇÃO POLÍCROMA DA AMAZÔNIA

Jaqueline Belletti

RESUMEN

La Tradición Polícroma da la Amazonía

La Tradición Polícroma de la Amazonía se expande por una extensión de más de 6.600 km en distintos puntos de la cuenca amazónica; y su cronología se extiende por más 1.000 años en el registro arqueológico. Esa intensidad de su dispersión geográfica y cronológica, añadida a las elaboradas decoraciones de sus fragmentos, hace de esta tradición un tema ampliamente discutido en la arqueología amazónica. Este trabajo intenta presentar una compilación y revisión de los datos existentes sobre la Tradición Polícroma, por los cuales buscaremos puntar algunas cuestiones sobre los modelos explicativos existentes para esa tradición.

ABSTRACT

The Amazon Polychrome Tradition

The Amazon Polychrome Tradition occurs in an area of more than 6,600Km at different points in the Amazon basin, and the chronology last for more than 1,000 years in the archaeological register. The intensity of its spatial and temporal dispersion, in addition to the elaborate decorations, make this tradition a widely discussed topic within the Amazonian archaeology. This work presents a compilation and review of existing data on the Polychrome Tradition, through which we try to punctuate some questions about existing models for this tradition.

Histórico e conceitos

Esse texto sumariza dados extensivamente apresentados na dissertação de Mestrado “Arqueologia do Lago Tefé e a Expansão Polícroma”, recém-concluída. O objetivo aqui é apresentar uma síntese dos dados hoje conhecidos para a Tradição Polícroma da Amazônia (TPA), bem como fazer uma breve discussão dos modelos existentes sobre essa Tradição.

A Tradição Polícroma foi primeiramente definida por Howard (1947), cuja proposta inicial foi refinada por Meggers e Evans (1957, 1961, 1968). Para esses autores, os elementos característicos da TPA eram:

The diagnostic trait is a white slip and polychrome (red-and-black on white) painting. Other relatively complex decorative techniques typically associated include excision, incision retouched with red or white before firing, and grooving. Incision or excision on a red slipped or white slipped surface is also characteristic, whereas in all the other horizon styles the surface is typically unslipped. Vessel and rim forms are variable, but cambered rim and an exteriorly thickened form with a squarish or rhomboidal cross section may be diagnostic (Meggers; Evans, 1961: 8).

Ao longo do tempo, pesquisas realizadas em diferentes pontos da Amazônia foram identificando e classificando a cerâmicas policromas. Dada a sua dispersão geográfica, a TPA foi classificada regionalmente em diferentes Fases¹ (Guarita, Tefé, São Joaquim, Pirapitinga, Nofurei, Caimito, Napo, Apuaú, Samambaia, Manauacá, Borba, Marmelos, Pupunha, Jatuarana, Capuru, entre outras). Trabalhos recentes têm proposto a exclusão de Fases classicamente associadas à Tradição Polícroma (Marajoara, Koriabo, Tauá) (Almeida, 2013; Cabral, 2011). Adotaremos aqui essas propostas, pois diminuem os recortes cronológicos e geográficos já tão extensos.

Neste trabalho entendemos a Tradição Polícroma como um conjunto de características tecnológicas que, dada a sua dispersão geográfica e cronológica, pode apresentar variações regionais. Quando discutimos a presença e a dispersão dessa Tradição, pensamos nos diferentes mecanismos pelos quais determinadas tecnologias são transmitidas, emuladas ou mesmo trocadas através da negociação de bens. Dessa forma, não consideramos a Tradição Polícroma como correlato unicamente da expansão de um grupo linguístico, mas o reflexo de diferentes e complexas interações sociais e políticas que perduraram por mais de um milênio.

Para podermos compreender e caracterizar melhor a Tradição Polícroma em sua ampla dispersão cronológica e geográfica realizaremos uma extensa compilação de dados existentes para a TPA (Figura 1). Para facilitar a apresentação dos dados, sintetizaremos-los em três questões básicas: Onde? Quando? Como? As reflexões geradas sobre esses dados serão apresentadas por meio de outra pergunta: Por quê?.

1. Napo (Meggers; Evans, 1968), Caimito (Lathrap, 1970; Weber, 1975), Zebu (Bolian, 1975), Nofurei (Herrera; Bray; McEwan, 1982), Pirapitinga, São Joaquim, Tefé, Guarita (Hilbert, 1968), Apuaú, Samambaia, Manauacá (Simões; Lopes, 1987), Borba (Simões; Kalkman, 1987), Marmelos, Pupunha, Jatuarana (Miller, 1978, 1979, 1992), Capuru (Miller et al., 1992).

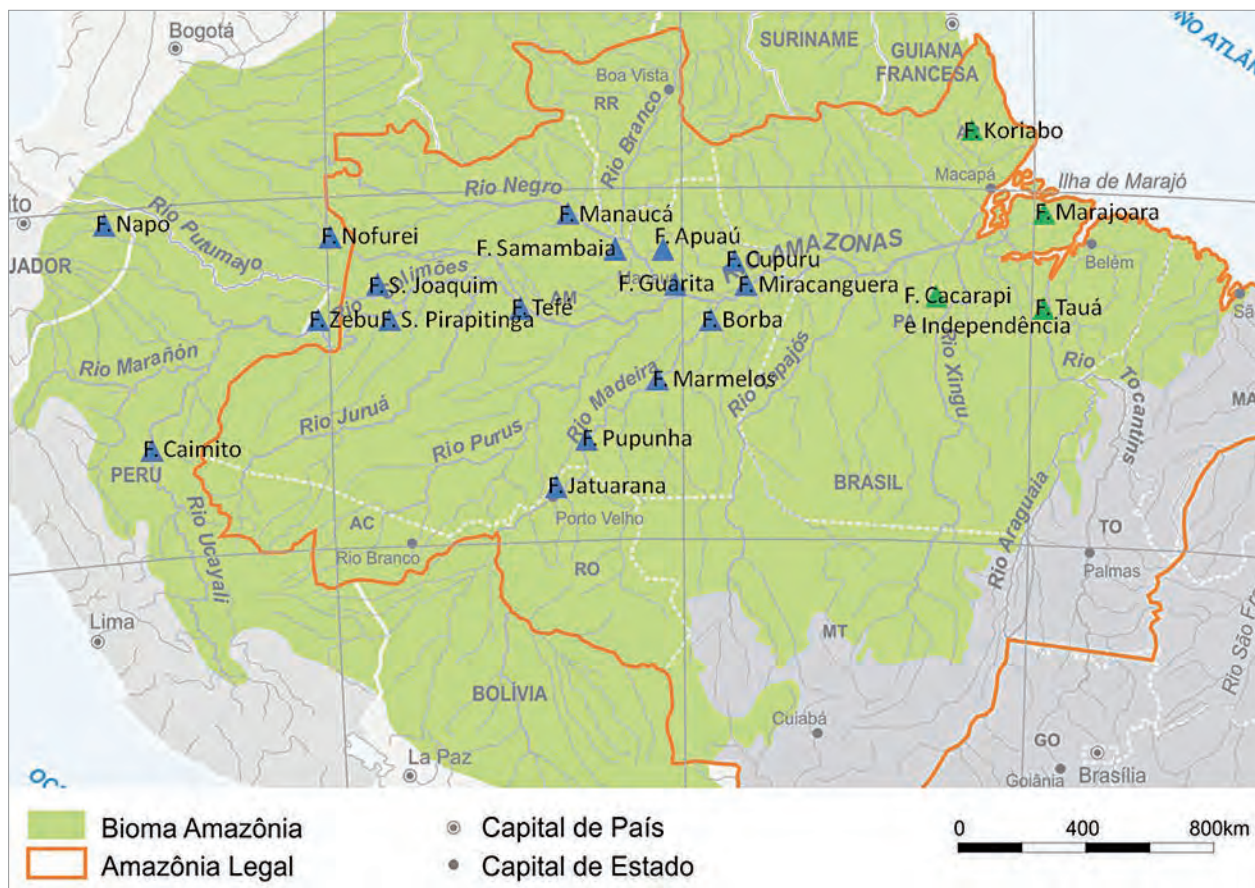


Figura 1. Dispersão das Fases da TPA. Em verde, fases cuja vinculação com a TPA estão sendo discutidas. Mapa elaborado por Jaqueline Belletti, base cartográfica Marcos Brito.

Onde? Distribuição geográfica da Tradição Polícroma

Hoje são conhecidos mais de 364 sítios arqueológicos com material relacionado à Tradição Polícroma da Amazônia, distribuídos por mais de 6.600 km, considerando apenas as distâncias entre os sítios nos grandes cursos. Sítios com material policromo são evidenciados nas calhas do Napo, Uçayali, Alto Amazonas, Solimões, Negro, Caquetá, Baixo Amazonas e seus afluentes.

A distribuição desses sítios parece esboçar algumas predominâncias regionais. Até o momento, observamos que na área de confluência dos rios Negro e Solimões a Tradição Polícroma aparece na última camada de sítios multicomponenciais, e poucos são os sítios unicomponenciais registrados na área (Lima, 2003). Nos cursos principais dos grandes rios (Solimões, Madeira e Negro) parecem predominar sítios unicomponenciais, enquanto que em cursos secundários (Tefé, Amanã, Uatumã, Urariá) parece haver o predomínio de sítios multicomponenciais (Simões; Corrêa, 1987; Costa, 2012; Belletti, 2013).

Entretanto, o Gráfico 1 deve ser observado com atenção, pois a amostragem de sítios densamente analisados ainda é baixa e as classificações feitas em décadas anteriores podem ser revistas, como demonstram Almeida (2013) e Moraes (2013).

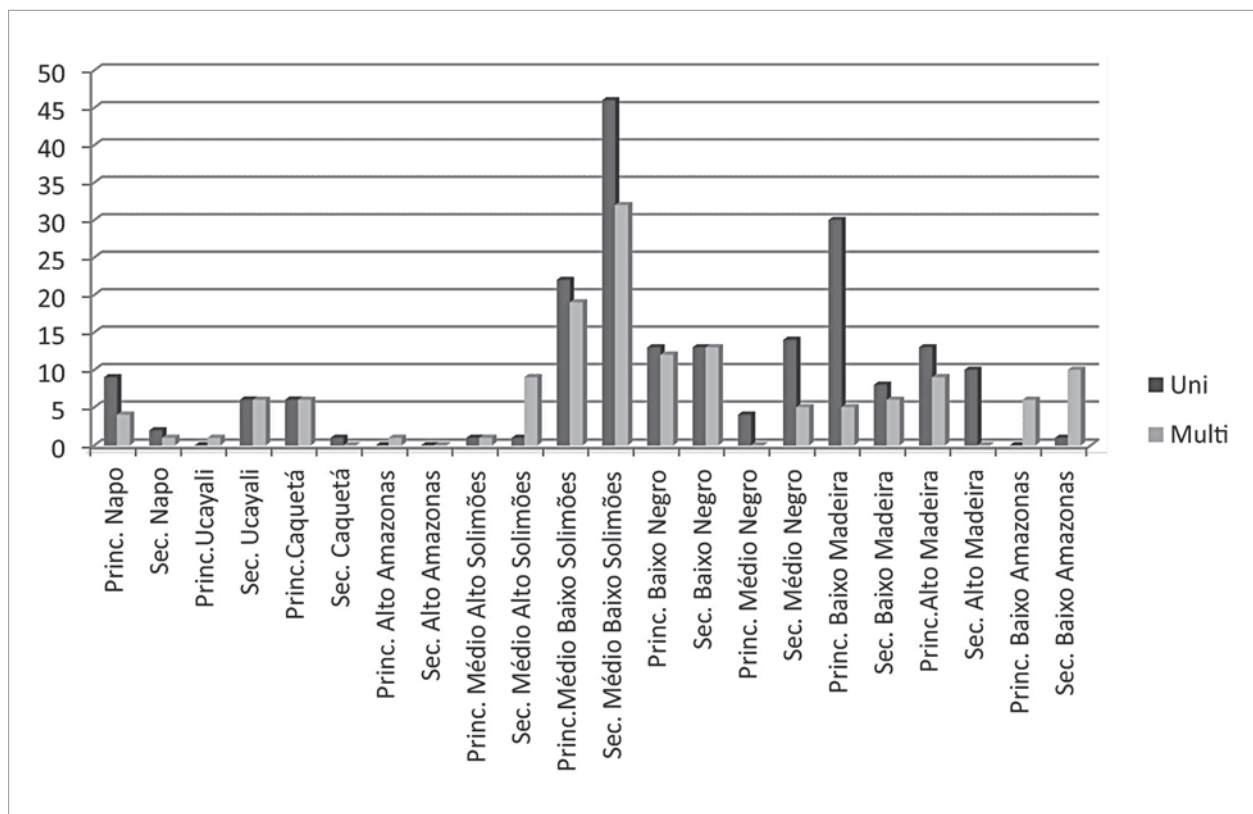


Gráfico 1. Distribuição de sítios uni e multicomponenciais policromos em diferentes calhas.

Quando? Cronologias regionais e a longa duração da Tradição Policroma

Hoje são conhecidas 61² datações para a Tradição Policroma. Recentemente, quando este artigo estava em finalização, produzimos novas datas para o lago Tefé, havia a possibilidade de que encontrássemos datas antigas, contudo, a antiguidade das datas encontradas nos surpreendeu: uma de 440 AD e outra 450 AD. Os resultados dessas datações para a interpretação do sítio, que possui também datas de 1.000 AD, ainda estão sendo discutidos, todavia, consideramos essas datas válidas. Agora será necessário que reflitamos sobre quais serão os impactos desses novos dados frente aos modelos vigentes para a Tradição Policroma.

À exceção dessas novas datações as datas mais antigas já aceitas e discutidas estão entre os séculos VIII e IX, cinco dessas datas encontram-se entre os cursos médios dos rios Negro e Solimões e apenas uma data desse período ocorre na calha do alto Madeira. Posteriormente, a partir de 1.100 AD, percebe-se um aumento não apenas na quantidade como também na dispersão geográfica dessas datas.

2. Sabemos que existem mais três datas produzidas por Miller et al. (1992) para a Fase Capuru e outras três produzidas por Herrera, Bray e McEvan (1992) para a Fase Nofurei, mas infelizmente não conseguimos ter acesso a essas datações.

Dentro do quadro geral de datas da TPA³, 10 datações são pós-coloniais, algumas alcançando o século XVIII, ou seja, a colonização europeia não marca o imediato extermínio das pessoas e redes de relações que produziam e permitiam a dispersão de cerâmicas policromas. Observando as cronologias regionalmente, o dado mais relevante é a concentração de datas no rio Madeira a partir de 1300, sendo que das 17 datas para região, 12 são posteriores a 1300 AD.

Apesar das datas serem mais frequentes e mais dispersas regionalmente a partir de 1100 AD, não podemos falar de uma rápida expansão. A dispersão das tecnologias policromas ocorre em um processo de longa duração. O que percebemos são processos locais que se estendem por mais de 500 anos, quando, então, por volta de 1000-1100 AD, a tecnologia policroma torna-se uma presença comum nos principais cursos da bacia Amazônica (Tabelas 1 a 7).

Tabela 1. Datas entre 400 AD e 499 AD.

CALHA	SÍTIO	DATA	REFERÊNCIA
Médio Solimões	Conjunto Vilas	440 AD \pm 50	Belletti, 2015
	Conjunto Vilas	450 AD \pm 50	Belletti, 2015

Tabela 2. Datas entre 700 AD e 899 AD.

CALHA	SÍTIO	DATA	REFERÊNCIA
Médio Solimões	Boa esperança	780 AD \pm 60	Costa, 2012
Santa Fé		880 AD \pm 60	Neves, 2010
São Paulo		895 AD \pm 92	Ribeiro, 2013
Baixo Negro	AM-MA-09	825 AD \pm 90	Simões e Kalkmann, 1987
Médio Negro	AM-BL-07	880 AD \pm 70	Simões e Kalkmann, 1987
Alto Madeira	Teotônio	740 AD \pm 50	Almeida, 2013

Tabela 3. Datas entre 900 AD e 1099 AD.

CALHA	SÍTIO	DATA	REFERÊNCIA
Alto Amazonas	14	1030 AD \pm 90	Bolian, 1975
Médio Solimões	Conj. Vilas	1070 AD \pm 50	Belletti, 2015
	São Paulo II	927 AD \pm 141	Ribeiro, 2013
	São Paulo II	1027 AD \pm 78	Ribeiro, 2013
	São Paulo II	1017 AD \pm 106	Ribeiro, 2013
	São Paulo II	1037 AD \pm 103	Ribeiro, 2013
	São Paulo II	1041 AD \pm 132	Ribeiro, 2013
Baixo Negro	Açutuba	1060 AD \pm 70	Lima, 2008; Tamanaha, 2012
Baixo Amazonas	SIP	950 AD \pm 50	Miller et al., 1992
Alto Madeira	Ass. Calderita	1060 AD \pm 60	Almeida, 2013
		1080 AD \pm 50	Almeida, 2013

3. Dessas 61 datas conseguimos dados para realizar a calibração de 38 delas. Foram calibradas as datas para os sítios Monense, Crato, Banheiro, Mondego, Itapiranema, Teotônio, Associação Calderita, Novo Engenho Velho, São Domingos, Campelo, Borba, Traipu, Boa Esperança, Cacoal, Conj. Vilas, Tauary, Açutuba, Hatahara, Antonio Galo, Lago do Limão, Laguinho, Monte Sinai, Nova Esperança, Santa Fé, ARA 7, ARA 15, Coari I, N-P-2 e N-P-3. Utilizamos o programa de calibração CalPal e a curva de calibração Hulu2007. Desta forma, o leitor fica ciente de que possíveis diferenças entre as datas aqui apresentadas e encontradas em outras publicações devem estar relacionadas à calibração dos dados. Na referida dissertação da qual este texto se origina, os dados cronológicos são mais detalhadamente documentados.

Tabela 4. Datas entre 1100 AD e 1299 AD.

CALHA	SÍTIO	DATA	REFERÊNCIA
Napo	N-P-2	1220 AD \pm 40	Megggers e Evans, 1968
	N-P-2	1230 AD \pm 40	Megggers e Evans, 1968
Alto Amazonas	14	1265 AD \pm 90	Bolian, 1975
Caquetá	ARA 15	1290 AD \pm 60	Herrera, Bray e McEvan, 1982
Médio Solimões	Cacoal	1240 AD \pm 30	Costa, 2012
	Coari I	1120 AD \pm 70	Hilbert, 1968
	N. Esperança	1160 AD \pm 40	Neves, 2010
	São Paulo II	1142 AD \pm 100	Ribeiro, 2013
Baixo Negro	Lago do Limão	1225 AD \pm 40	Moraes, 2006
Médio Negro	AM-BL-04	1220 AD \pm 65	Simões e Kalkmann, 1987
Baixo Médio Madeira	Borba	1260 AD \pm 50	Moraes, 2013
Alto Madeira	Banheiro	1160 AD \pm 60	
	Mondego	1240 AD \pm 40	Miller, 1979

Tabela 5. Datas entre 1300 AD e 1499 AD.

CALHA	SÍTIO	DATA	REFERÊNCIA
Napo	N-P-3	1480 AD \pm 160	Megggers e Evans, 1968
	TAM-2	1320 AD \pm 60	Lathrap, 1970
Ucayali	TAM-1	1375 AD \pm 105	Lathrap, 1970
Médio alto Solimões	Tauary	1410 AD \pm 20	Belletti, 2015
Médio Baixo Solimões	Laguinho	1330 AD \pm 40	Castro, 2009
	Monte Sinai	1320 AD \pm 50	Neves, 2010
	Monte Sinai	1320 AD \pm 50	Neves, 2010
Médio Negro	AM-BL-01	1365 AD \pm 60	Simões e Kalkmann, 1987
Alto Madeira	Monense	1360 AD \pm 50	Miller, 1979; Moraes, 2013
	Crato	1330 AD \pm 50	Miller, 1979; Moraes, 2013
	Itapiranema	1330 AD \pm 60	Almeida, 2013
	Itapiranema	1340 AD \pm 40	Almeida, 2013
	Itapiranema	1360 AD \pm 50	Almeida, 2013
	Ass. Calderita	1330 AD \pm 40	Almeida, 2013
	Novo Eng. Velho	1400 AD \pm 50	Zuse, 2014
	S. Domingos	1410 AD \pm 20	Zuse, 2014

Tabela 6. Datas entre 1500 AD e 1699 AD.

CALHA	SÍTIO	DATA	REFERÊNCIA
Caquetá	ARA 7	1540 AD \pm 70	Herrera, Bray e McEvan, 1982
Médio Solimões	Tauary	1550 AD \pm 60	Belletti, 2015
	N. Esperança	1670 AD	Neves, 2010
Baixo Negro	Hatahara	1530 AD \pm 70	Machado, 2005
Médio Negro	AM-MA-10	1545 AD \pm 60	Simões e Kalkmann, 1987
	AM-MA-10	1560 AD \pm 90	Simões e Kalkmann, 1987
Baixo Amazonas	SIP	1500 AD \pm 80	Miller et al., 1992
Alto Madeira	Campelo	1530 AD \pm 70	Zuse, 2014
	S. Domingos	1530 AD \pm 70	Zuse, 2014

Tabela 7. Datas entre 1700 AD e 1899 AD.

CALHA	SÍTIO	DATA	REFERÊNCIA
Baixo Negro	Ant. Galo	1780 AD \pm 110	Moraes, 2013
Baixo Madeira	Traipu	1710 AD \pm 80	Moraes, 2013

Como? Contextos arqueológicos, variabilidade artefactual cerâmica e suas correlações

CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS

Dois fatores são importantes na caracterização dos registros arqueológicos associados à Tradição Policroma: componencialidade e presença de terra preta de índio (TPI).

De modo geral, observa-se uma distinção no registro arqueológico da TPA entre sítios uni e multicomponenciais. Nos sítios multicomponenciais a camada policroma geralmente se restringe aos primeiros 10-30 cm e sua dispersão horizontal é mais restrita do que a das camadas dos conjuntos cerâmicos precedentes. Em sítios unicomponenciais, a profundidade do pacote policromo varia de aproximadamente 50 cm até 150 cm.

Esse padrão parece bem delimitado em diferentes calhas (Solimões, Negro, Napo, médio baixo Madeira, entre outras), contudo, os sítios multicomponenciais policromos do alto Madeira parecem ser diferentes. Ainda há poucos dados disponíveis para a presença policroma nessa área. Os dados mais conhecidos são apresentados por Almeida (2013) e Zuse (2014), mas não encontramos entre os diferentes sítios descritos pelos autores um padrão mais definido.

Grande parte dos sítios unicomponenciais apresentam TPI, entretanto, no médio Solimões e Napo são registrados também sítios policromos sem TPI. Belletti (2015) ao relacionar dados sobre a componencialidade, presença de TPI e variabilidade artefactual, postula que as diferenças no registro arqueológico entre os sítios com material policromo podem, em parte, ser explicadas por diferentes usos

do espaço. Para esta autora, sítios unicomponenciais policromos com grande quantidade e variedade de artefatos e pacotes mais espessos de TPI seriam as áreas de aldeias dos produtores de cerâmicas policromas. Sítios unicomponenciais rasos, com baixa quantidade e variedade de artefatos e sem formação de TPI seriam áreas de acampamentos. Os sítios multicomponenciais em que são encontrados pacotes policromos rasos, com baixa quantidade e variedade de artefatos, também seriam áreas de acampamento. Belletti formulou esta proposta a partir dos dados de Tamanaha (2012) para o médio-baixo Solimões. A autora acredita que em outros pontos da bacia amazônica ocorreram relações diferenciadas.

A principal ideia da proposta de Belletti é que a quantidade de material em um sítio não pode ser pensada como correlato direto de tamanho de população ou duração de ocupação, como demonstram estudos etnoarqueológicos (DeBoer; Lathrap, 1979; Gosselain, 1998; Silva, 2000).

ESTRUTURAS DEFENSIVAS

Na atual formulação dos modelos sobre a Tradição Policroma, a presença de estruturas defensivas em alguns sítios tem sido colocada como índice de relações conflituosas entre portadores da TPA e portadores de outras tecnologias cerâmicas, indicando um “ethos belicoso” por parte dos portadores da TPA (Moraes; Neves, 2012).

Até o momento em apenas cinco, dos mais de 364 sítios registrados com material policromo tais estruturas foram identificadas. Esses sítios estão localizados dentro de um espaço bastante limitado em relação ao todo da dispersão policroma, na área de confluência e no baixo Madeira, em locais os portadores da TPA estiveram em contato com portadores das cerâmicas Paredão e Axinim. Essas estruturas não são evidenciadas em outros locais, como médio Solimões, Ucayali ou Baixo Amazonas, onde é evidenciada uma clara relação de fluxos entre a tecnologia policroma e as tecnologias locais. Esses intensos fluxos onde não há estruturas defensivas registradas tendem a indicar relações não belicosas dos portadores da TPA em outras áreas.

Sintetizando, as evidências de estruturas defensivas são muito poucas diante do contexto geral de sítios policromos, e estas estão bastante circunscritas geográfica e contextualmente (área de confluência e baixo Madeira, locais de contatos com portadores das cerâmicas Paredão e Axinim) em pontos estratégicos, áreas de grande concentração de recursos e de controle da acessibilidade de diferentes pontos da bacia Amazônica.

Acreditamos que essa dinâmica belicosa esteja restrita às interações políticas particulares entre os portadores das cerâmicas Paredão e Axinim e os portadores da cerâmica policroma, não sendo suficientes para caracterizar um “ethos belicoso”.

VARIABILIDADE ARTEFATUAL DA CERÂMICA

A variabilidade artefactual da cerâmica policroma tem sido identificada e explicada através da criação de diferentes Fases. Entre essas está clara a existência de variabilidades dentro dos conjuntos tecnológicos regionais, bem como de continuidades dentro do conjunto tecnológico maior.

• TÉCNICAS DE ESTRUTURAÇÃO E PRODUÇÃO DE PASTAS

Quanto às técnicas de estruturação das vasilhas, predomina na TPA o roletado, ocorrendo modelado apenas para elementos pontuais.

Na produção das pastas, apesar de encontrarmos em quase todas as Fases o uso de caraipé ou cauixi, podemos observar diversidades regionais, tanto na frequência dos usos desses dois antiplásticos como na ocorrência de outros.

A Oeste, em Fases como Caimito e Zebu, vemos um destaque no uso de antiplásticos como caco moído e uma baixa popularidade do cauixi, muito popular nas pastas policromas do Solimões e Negro. O carvão aparece citado em muitas Fases, contudo, não é um dos antiplásticos mais significativos no Solimões, área de confluência e Baixo Amazonas.

Tamanaha (2012), em sua análise da Fase Guarita no médio baixo Solimões (em uma área de cerca de 400 km), evidenciou a variabilidade no uso de antiplásticos entre os sete sítios por ele analisados. O autor acredita que os antiplásticos não são um bom indicativo de continuidade dentro da Fase Guarita, cujos principais elementos comuns seriam a estética dos vasos e a manutenção de morfologias (Tamanaha, 2012: 125). Entretanto, pensamos que não podemos observar a presença/ausência de antiplástico de forma isolada, tendo em vista que esses elementos compõem pastas que se relacionam a diferentes performances (Schiffer; Skibo, 1997; Machado, 2005, 2005-2006).

Contudo, sem análises que visem entender as performances das pastas e vasos dentro das regionalidades e cronologias ainda pouco compreendidas da TPA não podemos utilizar a presença/ausência de antiplásticos como parâmetro para refletirmos sobre as continuidades da Tradição Policroma.

A variabilidade nos usos de antiplásticos dentro da TPA nos leva a refletir quanto à lacuna do conhecimento sobre as performances dos materiais cerâmicos dessa tradição. Sabemos quais materiais estão sendo utilizados, mas não sabemos por que os portadores da TPA selecionaram tais materiais e quais os significados dessa seleção.

• TÉCNICAS E MOTIVOS DECORATIVOS

Quanto aos elementos decorativos da TPA, ainda conhecemos melhor as técnicas que os motivos. A presença da pintura preta e vermelha sobre o engobo branco e o acanalado são as técnicas mais destacadas como índices de reconhecibilidade da cerâmica policroma, mas ambas as técnicas variam regionalmente.

Por exemplo, o acanalado, tão marcante na área de confluência, aparece também em outras regiões. No entanto, na calha do médio alto Solimões até o Napo é significativa a presença de acanalados feitos com instrumento de pontas múltiplas, os quais também são relatados para o rio Negro. Na Fase Jatuarana, os acanalados quase não ocorrem e encontram-se com mais frequência incisos largos, sendo a pintura branca sobre vermelha registrada nas outras fases, de forma discreta, destacada no material Jatuarana. Nessa Fase, as combinações de preto e vermelho sobre engobo branco ocorrem de forma discreta, enquanto predomina a bicromia (branco sobre vermelho, vermelho sobre branco ou preto sobre branco).

Os estudos sobre os motivos expressos nas cerâmicas policromas ainda são pontuais. Após as discussões iniciais de Weber (1992), trabalhos recentes de Moraes (2013), Oliveira (2014) e Vassoler (2014) vêm buscando explorar os elementos e temas presentes na iconografia da TPA.

Quanto à composição dos campos decorativos compostos por técnica acanalada, motivos diferentes aparecem representados e técnicas diversas de espelhamento são utilizadas enquanto a pintura pode ser usada para destacar motivos presentes dentro de um campo feito em acanalado (Oliveira, 2014). Oliveira aponta a diversidade nas representações entre as áreas próximas ao lago de Coari e do lago

de Manacapuru, a partir dos estudos de Moraes (2013) salienta o contraste das representações entre os rios Solimões e Negro.

Na maioria das fases da TPA, a pintura aparece elaborada por elementos diferenciados, cuja composição é complexificada por uma alternância no tamanho e assimetria dos motivos. Vassoler (2014) analisou a iconografia de um conjunto de vasos inteiros com decoração pintada da Fase Jatuarana, cujos dados demonstram a presença de elementos comuns entre a iconografia do alto Madeira e de outras áreas da TPA (Figura 2).

Contudo, no alto Madeira, os campos parecem compostos de forma diferente. Um ponto de destaque é o tamanho dos motivos, Vassoler (2014) mostra esses motivos sempre colocados de forma grande. Em outras áreas da TPA alguns motivos podem aparecer do modo destacado na composição do campo, entretanto, são permeados por outros motivos de menor tamanho.

Além dos ofídeomorfos, motivos ornitomorfos e antropomorfos são bastante comuns nas cerâmicas da TPA.

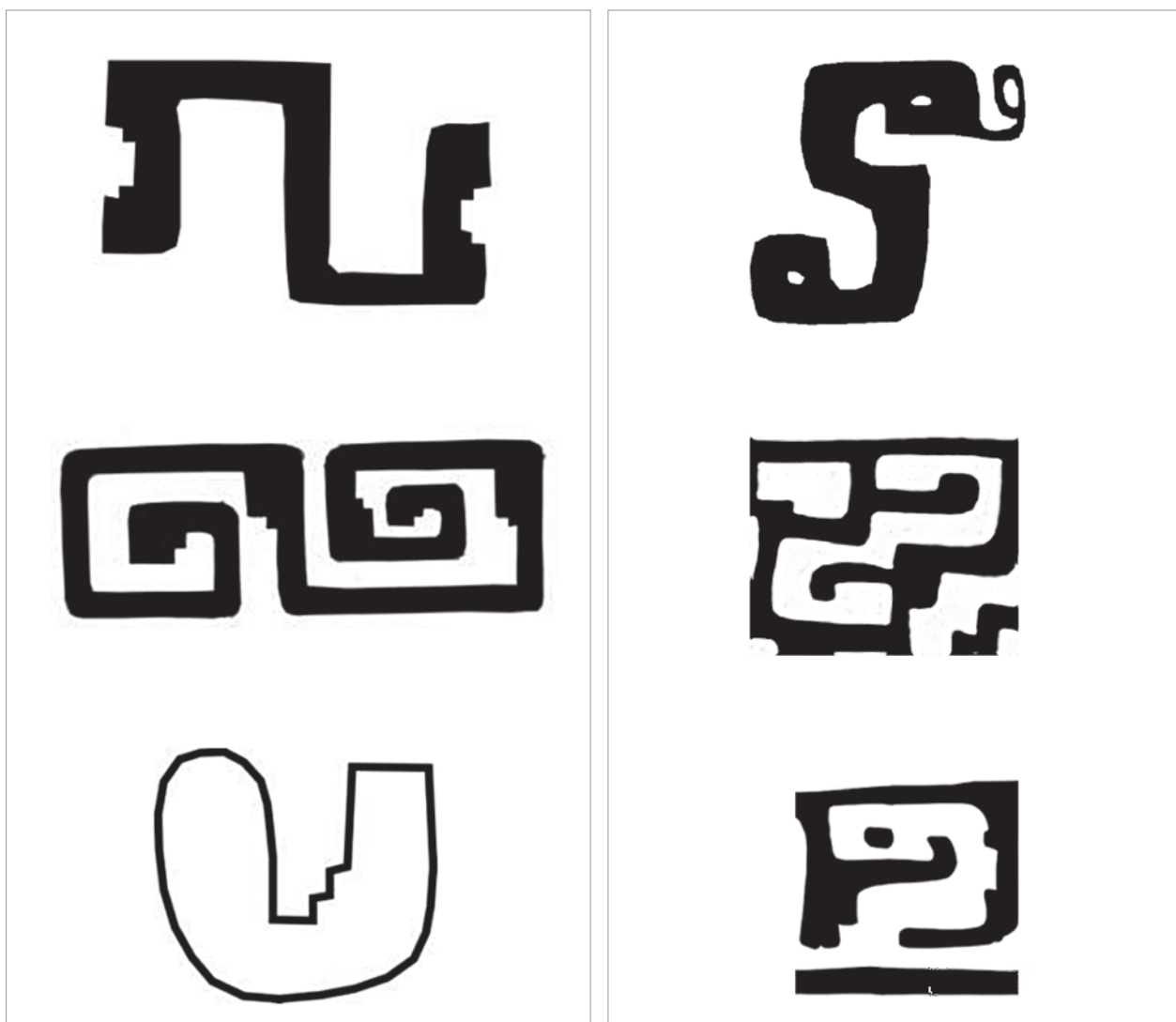


Figura 2. À esquerda, motivos da cerâmica policroma no Alto Madeira (Vassoler, 2014), à direita motivos encontrados no Médio Baixo Solimões e área de confluência (Moraes, 2013; Oliveira, 2014).

• MORFOLOGIAS

Quanto às morfologias, podemos encontrar entre as fases da TPA aquelas que apresentam sete formas e outras que chegam a 18 morfologias distintas. Algumas formas são bastante recorrentes entre as diferentes fases, enquanto outras são únicas em uma determinada fase. Identificamos 21 morfologias que ocorrem em mais de uma fase. Dessas, as que se repetem de modo mais consistente nas diferentes fases são as tigelas simples, vasos restritivos de contorno infletido composto e vasos restritivos de contorno composto angular com flanges mesiais.

Algumas morfologias parecem mais ocorrentes em determinadas áreas, como os chamados “pratos policromos”, que ainda não foram registrados nas fases mais a oeste, à exceção da fase Napo, mas são amplamente encontrados em outras áreas. Já os chamados “vasos com colo” (Moraes, 2013) são bastante recorrentes nas fases do Solimões e área de confluência, sendo encontrados também no Caquetá, mas não destacados em outras áreas.

Se olharmos os conjuntos de morfologias dentro das fases, as fases Caimito e Guarita destacam-se pela maior diversidade de morfologias, seguidas pelas fases Apuaú, Napo e São Joaquim, também com grande quantidade de morfologias diferenciadas e recorrentes em outras fases. Já a fase Jatuarana é uma das poucas que não apresenta vasos com flange mesial e, apesar da diversidade de formas da fase, apresenta poucas formas significativas recorrentes em outras fases (Figura 3a-d).



Figura 3a-d. Algumas as morfologias referidas no texto. a) Vaso com flange do Baixo rio Negro (Trindade, 2009); b) Vaso com flange do Baixo Médio Solimões (Oliveira, 2014); c) “Prato policromo” do Baixo rio Negro (Trindade, 2009); d) “Vaso com colo” do médio Solimões (Trindade, 2009).

Concordando com Lathrap (1970), acreditamos que a presença ou ausência de determinadas morfologias são elementos importantes para a compreensão da TPA, pois;

Al discutir las relaciones distantes entre los complejos cerámicos, seguiré partiendo de la suposición de que las indicaciones más fidedignas de relaciones históricas se encuentran en la existencia común de un conjunto similar de vasijas. Como sugerimos anteriormente, el conjunto total de vasijas hechas por un grupo puede proporcionarnos gran número de esclarecimientos relativos a su economía básica. El conjunto de formas esta también íntimamente relacionado con el ceremonial y la etiqueta involucrados en El servir e consumí alimentos. Las maneras de preparar e servir la comida, junto con las formas de las vasijas que esas actividades exigen, probablemente han perdurado por períodos más largos que los de tratamiento de superficie y los motivos decorativos. (Lathrap, 1970, p.144)

Outro fator importante a ser considerado em relação às morfologias é que, como apontam estudos etnoarqueológicos, dentro do processo de ensino aprendizagem o domínio técnico sobre a produção das formas é uma das etapas mais difíceis e requer um longo período de experiência, assim como o treino e a reprodução gradual da complexidade e dos tamanhos (Silva, 2000; Gosselain,1998).

Contextos funerários e a variabilidade das urnas da Tradição Polícroma

A presença de urnas funerárias antropomorfas é um dos elementos definidores da TPA (Meggers; Evans, 1961: 8), visto que são encontradas em grande quantidade e diversidade nos diferentes pontos de dispersão dessa Tradição. Entretanto, grande parte desses achados é fortuita, realizadas por moradores locais ou por pesquisas antigas, cuja precisão da localização é desconhecida. Um estudo detalhado das urnas antropomorfas é ainda uma grande lacuna no entendimento da Tradição Polícroma.

Em quase todas as áreas onde ocorrem peças policromas são identificadas urnas policromas, com exceção da calha do rio Negro, onde urnas antropomorfas só são encontradas na área de confluência. Acima deste ponto não há registro de urnas funerárias policromas no rio Negro.

Os dados contextuais sobre as urnas antropomorfas policromas são poucos, mas indicam um predomínio de deposição de urnas na horizontal, e apenas um contexto no Baixo Amazonas apresentou um urna depositada em pé. Os dados de cronologia também são escassos, contudo, os quatro contextos até o momento datados apresentam uma cronologia bastante recente no quadro geral da TPA (Tabela 8) (Figura 4).

Tabela 8. Cronologia de contextos de urnas antropomorfas policromas.

SÍTIO	CALHA	DATA
Tauary	Médio-Alto Solimões	1410 AD ± 20 e 1550 AD ± 70
Borba	Médio-Baixo Madeira	1310 AD ± 50
Traipu	Médio-Baixo Madeira	1710 AD ± 80
Monense	Médio-Baixo Madeira	1360 AD ± 50



Figura 4. Diversidade de urnas antropomorfas policromas. Proveniência das peças: A e B encontradas no entorno de Manaus, mas sem procedência exata. Urnas C, E e G sem procedência; Urnas D, M e N urnas da calha do rio Napo; Urna F Nova Olinda, Baixo Madeira; H, médio Solimões; I Tauary, médio Solimões; J, Jauary, Baixo Amazonas; L Jirau, Alto Madeira. Imagens A, B, C, E, F e G cedidas por Cristiana Barreto; Imagens D e M publicadas em Meggers e Evans (1968); Imagem H foto Eduardo Tamanaha publicada em Barreto (2008); Imagem I foto de Erêndira Oliveira; Imagem J foto de Silvia Cunha Lima; Imagem L foto de Danilo Curado, Imagem N reproduzida de Rostain (2013).

Interações estilísticas

Diferentemente da área de confluência dos rios Solimões e Negro onde parece haver uma ruptura bastante marcada entre a TPA e o conjunto Paredão (Moraes; Neves, 2012; Neves, 2012), em outras regiões é possível evidenciar o fluxo de elementos entre a TPA e conjuntos locais (Figura 5).

No médio alto Solimões, no sítio Conjunto Vilas, encontra-se uma série de fluxos entre as fases Tefé (Tradição Polícroma) e Caiambé (Tradição Borda Incisa) como a presença de motivos e técnicas de decoração policromas em morfologias borda incisa. No Baixo Amazonas, os fluxos entre as tecnologias locais e tecnologias policromas foi tão intenso que Simões (Simões; Côrrea, 1987; Simões; Machado, 1987) não conseguiu definir uma fase policroma para a região, apesar de perceber a intensa presença de elementos da TPA na área. Miller et al. (1992) posteriormente definiram a fase Capuru como correlato policromo na região, mas as fotos do material dessa fase mostram a ocorrência de morfologias borda incisa com técnicas e motivos decorativos da Tradição Polícroma.

Mais uma vez percebemos que diferentes padrões regionais ocorreram na TPA, e que a ruptura e conflito não parecem ter sido um padrão geral das relações entre os portadores da TPA e de outros conjuntos cerâmicos.

Por quê?

A grande dispersão geográfica e a presença recorrente de determinados atributos que oferecem alto grau de reconhecibilidade a diferentes conjuntos associados à TPA têm tido seu “porquê” explicado através da correlação direta entre a língua e a cultura material. Desde Lathrap (1970), cuja proposta foi esmiuçada por Brochado (1984), o “porquê” tem sido explicado pela expansão de populações falantes de línguas do tronco Tupi. Na formulação de seu modelo, Lathrap (1970) postulou que a origem do tronco Tupi, e dessa forma da TPA, estaria em algum lugar dos arredores da Amazônica Central.

Heckenberger, Neves e Pettersen (1998) constataram que na Amazônia Central não havia datas tão mais antigas para a TPA quanto seriam necessárias para que ali fosse o centro de origem da cerâmica policroma. Entretanto, acreditando na correlação entre a língua e a cultura material, e mais especificamente na chamada expansão policroma, Neves e colaboradores (Neves, 2012; Moraes; Neves, 2012; Almeida, 2013) incorporaram os novos dados da linguística histórica e passaram a postular que o centro de origem das cerâmicas policromas estaria no sudeste Amazônico, provavelmente em algum ponto do Alto Madeira, pois, segundo os dados linguísticos, esta seria a área de origem das línguas Tupi. Baseado na presença de estruturas defensivas em alguns sítios e no acréscimo de datas da TPA a partir do ano 1.000, Neves (2012), Moraes e Neves (2012) acrescentam ao seu modelo as ideias de rápida e belicosa expansão para a Tradição Polícroma.

Em síntese, hoje os “porquês” da TPA vêm sendo explicados por um modelo de rápida e belicosa expansão de grupos Tupi oriundos do alto Madeira. Neves (2012: 256-257) chega a estabelecer paralelos entre a chamada expansão policroma e a expansão Tupinambá pelo litoral. Para o autor, essa correlação estaria nas evidências de guerra, na rápida expansão, bem como em ocupações rápidas e em assentamentos pequenos.



Figura 5. Peças com mistura de elementos da tecnologia policroma e conjuntos locais; a) Estatuetas do sítio conjunto Vilas (Tefé-AM), a imagem à esquerda é de uma estatueta Caiambé bastante recorrentes na região, a imagem à direita é de uma estatueta com estrutura semelhante as da Fase Caiambé. Contudo, a extremidade representa um antropomorfo com o rosto marcado pela diadema característico da tecnologia policroma. Fotos: Erêndira Oliveira (Belletti, 2013); b) Peça encontrada no sítio Conjunto Vilas pela moradora dona Lídia (Tefé-AM), similar as tampas de urnas antropomorfas policromas. Contudo, os traços do rosto são elaborados com apliques típicos da Fase Caiambé. Fotos: Jaqueline Gomes (Belletti, 2013); c) Vaso com morfologia (“vaso canoa”) Borda Incisa e motivos em acanalado da tecnologia policroma (Miller et al., 1992).

A gama de dados compilados e brevemente apresentados nesse texto põe em discussão alguns pressupostos dos modelos vigentes.

a) Origem no Madeira: a maioria das datas antigas não está no Alto Madeira, e sim entre o médio curso dos rios Solimões e Negro, estando as datas mais antigas até o momento conhecidas no médio Solimões (Lago Tefé). Ao contrário, na calha do Madeira a maioria das datas é bastante recente para o quadro geral da TPA (centradas a partir 1.300 AD). Esses dados nos levam a repensar a hipótese da origem da cerâmica Polícroma no sudoeste Amazônico.

b) Rápida expansão: As datas aqui compiladas mostram que o material policromo ocorre desde 450 AD, tendo as dados mais consistentes a partir de meados de 700 AD (ou mesmo 800 AD, considerando perspectivas mais conservadoras) até 1700 AD, isto é, a temporalidade da TPA acontece através de uma longa duração, ocorrendo e se transformando no registro arqueológico por mais de 1.000 anos. Pelo menos entre 450 AD e 1.100 AD a dispersão do material policromo parece ter ocorrido de modo bastante gradual, após aproximadamente 1.100 AD essa dispersão passa a ocorrer de forma mais intensa.

c) “Ethos belicoso”: as evidências de conflitos relacionadas aos portadores da TPA são pontuais e restritas às relações estabelecidas com portadores das cerâmicas Paredão e Axinim. Em contraposição, são registradas relações mais fluídas em outras regiões (como Médio Solimões e Baixo Amazonas).

d) Ocupações mais rápidas e menos densas: como brevemente discutido no médio baixo Solimões, os sítios menores e menos densos da TPA parecem estar relacionados a áreas de acampamento. Em outros locais (como no sítio Conjunto Vilas, em Tefé), a presença de material policromo parece não estar relacionada a uma ocupação policroma, mas a redes de trocas e a emulação de elementos da tecnologia policroma. Sítios desse tipo deixam uma menor presença (quantitativa) de vestígios, ou seja, esta menor presença de material policromo em determinados sítios não está relacionada diretamente ao tamanho das populações e aldeias ou mesmo da duração das ocupações, pois outros fatores podem determinar a quantidade de material arqueológico em um sítio (DeBoer; Lathrap, 1979; Gosselain, 1998; Silva, 2000), como parece ser o caso de alguns sítios associados à TPA.

e) Padronização formal e decorativa: os dados levantados sobre a variabilidade artefactual policroma nos levaram a discutir a especialização de usos do espaço e a existência de variabilidades regionais, onde determinados atributos-chave oferecem a reconhecibilidade de alguns elementos do que podemos chamar de um estilo tecnológico policromo, entretanto, mais que uma rígida padronização formal e decorativa os dados indicam diferentes escalas de continuidade através das regionalidades.

Desta forma, acreditamos que a dispersão da tecnologia policroma ou de elementos de um estilo tecnológico (Schiffer; Skibo, 1997) policromo, pela bacia amazônica ocorreu por meio de diferentes mecanismos, que não apenas a expansão de um grupo linguístico. Emprestamos de Corrêa (2014) uma importante reflexão:

[...] ainda carecemos de inovação visto que os problemas que buscamos resolver subjazem ao século XIX: centro de origem, rotas de expansão, filiação linguística etc. Será que podemos ir além das questões apresentadas no século XIX? (Corrêa, 2014: 86).

Acreditamos que sim, podemos pensar outros “porquês” para a Tradição Polícroma, além da correlação direta entre cultura material e língua. Diante de todos os dados apresentados e discussões colocadas, não temos espaço para adentrar aqui nestes outros “porquês”, mas estes estão discutidos na referida dissertação de mestrado da autora.

Agradecimentos

Agradeço às comunidades do Lago Tefé por todo apoio e auxílio durante a pesquisa de mestrado, aqui exposta parcialmente. Agradeço ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e à CAPES pelo apoio financeiro. Agradeço a Fernando Almeida e Claide Moraes, pelo profícuo debate sobre a TPA, mesmo com posições por vezes diferentes, são referências essenciais para este trabalho, e quanto mais discutimos, mais aumenta a minha admiração por vocês. Agradeço também a Erêndira Oliveira, Meliam Gaspar e Rafael Lopes, por terem discutido as primeiras versões do artigo; ao Rafael, agradeço também pela revisão do texto. Agradeço a Eduardo Góes Neves pela orientação no Mestrado. Por fim, agradeço a Cristiana Barreto, Carla Jaimes Bettancourt e Helena Pinto Lima pela oportunidade de participar desta publicação.



A FASE GUARITA NOS CONTEXTOS DO BAIXO RIO SOLIMÕES

Eduardo Kazuo Tamanaha

RESUMEN

La fase Guarita en los contextos del bajo río Solimões

En este capítulo el autor presenta los datos sobre la Fase Guarita, de la Tradición Policroma del Amazonía, en los contextos del bajo río Solimões, Estado de Amazonas, Brasil. Se definió esta fase en la década de 1960, en la investigación arqueológica de Peter Paul Hilbert, y se convirtió en uno de los principales elementos de la hipótesis propuesta por Donald Lathrap sobre la correlación entre migración de los pueblos de habla Tupi y la consiguiente expansión de cerámica policromada en la Amazonía. Las ocupaciones relacionadas con la Fase Guarita suelen ser superficiales y corresponden con los últimos grupos alfareros que se asentaron en la región hasta el siglo XVI. Mediante el análisis de cerámica de varios sitios dispersos en el curso inferior del río Solimões, el autor explora aún más la discusión de la tecnología para la fabricación de recipientes de cerámica y su relación a través de la escala temporal y espacial, proporcionando nuevos datos en los debates sobre la Tradición Policroma del Amazonía.

ABSTRACT

Guarita phase in the context of the lower Solimões river

In this chapter the author presents the data about the Guarita Phase, of Amazonian Polychrome Tradition, in the Lower Solimões River's context, Amazonas state, Brazil. This phase was defined in the 1960s, in the archaeological research of Peter Paul Hilbert, and became one of the main elements in the hypothesis proposed by Donald Lathrap on correlating the migration of Tupi-speaking groups and with the consequent expansion of polychrome ceramics in the Amazon. The occupations associated with the Guarita Phase are usually superficial and correspond to the last pottery making groups that settled in the region until the sixteenth century AD. Based on the ceramic analysis of several sites dispersed throughout the lower course of the Solimões River, the author further explores the discussion of technology for the manufacture of ceramic containers vessels and their relationship through the temporal and spatial scale, providing new data on discussions about Amazonian Polychrome Tradition.

Cerâmicas da fase Guarita, da Tradição Polícroma da Amazônia (TPA), são facilmente identificáveis nas superfícies dos sítios arqueológicos na região do baixo rio Solimões. Sua alta visibilidade decorre de fragmentos com pinturas em vermelho, branco e preto, aliadas as decorações plásticas e depositadas em matriz de solo antrópico de terras pretas. Seus contextos estão associados às últimas ocupações pré-coloniais que antecedem a chegada dos europeus na região e foram definidos por Peter Paul Hilbert, em sua obra de 1968 (Hilbert, 1968: 152).

No entanto, as cerâmicas Guarita são citadas desde o século XVI, conforme os relatos do Frei Gaspar de Carvajal durante a expedição de Francisco de Orellana em 1542, onde relatava sobre uma aldeia na região do atual município de Codajás, nomeada por ele como “Aldeia da Louça”, pois possuía uma cerâmica de “la mejor que se há visto em el mundo, porque la de Málaga no se iguala com ella, porque es toda vidrada y esmaltada de todos colores y tan vivas que espantan” (Papavero et al., 2002: 31). Já no século XIX, esses fragmentos e vasos inteiros foram observados e publicados por diversos pesquisadores, como a obra “A Necrópole de Miracanguera”, publicada no volume “Antiguidades do Amazonas” (Rodrigues, 1879).

Ao longo do século XX, além dos trabalhos de Hilbert, ocorreram outras pesquisas relacionadas ao PRONAPABA e de pesquisadores independentes, na região do baixo rio Solimões e áreas adjacentes. Esses trabalhos trouxeram novas informações de sítios com ocupações Guarita ou associadas à Tradição Polícroma da Amazônia (Hanke, 1959; Simões et al., 1987; Miller, 1992).

Porém, tais contextos policromos só foram sistematicamente pesquisados entre 1995 e 2010, através do Projeto Amazônia Central. Os resultados derrubaram o “modelo cardíaco” de Lathrap e da possível relação de continuidade entre as fases Manacapuru, da Tradição Borda Incisa; e Guarita, na área de confluência entre os rios Solimões e Negro (Neves, 2013; Heckenberger et al., 1998; Machado, 2005). Outros trabalhos relacionados aos processos de licenciamento ambiental (Polioduto Urucu-Coari e Gasoduto Coari-Manaus) permitiram uma produção extensiva de dados entre os anos de 1998 e 2009 (Caldarelli, 1998; Neves, 2010). Ao todo foram identificados 73 sítios em um trecho que corresponde a aproximadamente 700 km, sendo que uma boa porcentagem desses sítios apresentou somente material policromo (oIdem). Como resultado dessas obras, surgiu o projeto multidisciplinar PIATAM (Inteligência Socioambiental Estratégica da Indústria do Petróleo na Amazônia), como forma de monitoramento dos impactos causados pelo transporte do gás e óleo pelo rio Solimões e seus afluentes. Este projeto identificou 86 sítios arqueológicos em todo o trecho e, em boa parte dos casos, foram encontrados fragmentos de material policromo (Tamanaha; Neves, 2014; Lima; Tamanaha, 2007, 2008) (Figura 1).

É importante salientar que a intensa pesquisa desenvolvida ao longo do baixo rio Solimões permitiu compreender duas áreas de ocupação Guarita: a área de confluência entre os rios Solimões e Negro e a região do município de Coarí (limite entre o baixo e médio curso do Solimões). Essa ampla amostragem geográfica contemplou sítios localizados em diversos contextos, como as margens altas e isentas de inundações do rio Solimões, áreas inundáveis sazonalmente, lagos e igarapés afluentes de primeira e segunda ordem.

No caso da área de confluência, onde há uma sólida base de dados, as pesquisas demonstraram a existência de grandes assentamentos com presença da Terra Preta de Índio (TPI) e estruturas monticulares artificiais associadas à Tradição Borda Incisa (TBI). Os sítios arqueológicos possuem depósitos multicomponenciais, em alguns casos chegando a quase 300 cm de profundidade, e seus estratos superficiais apresentam cerâmicas associadas à fase Guarita. Essas ocupações policromas marcam uma ruptura nas formas de assentamento e na técnica de produção de cerâmica, se comparado com as ocupações anteriores (Machado, 2005; Moraes,

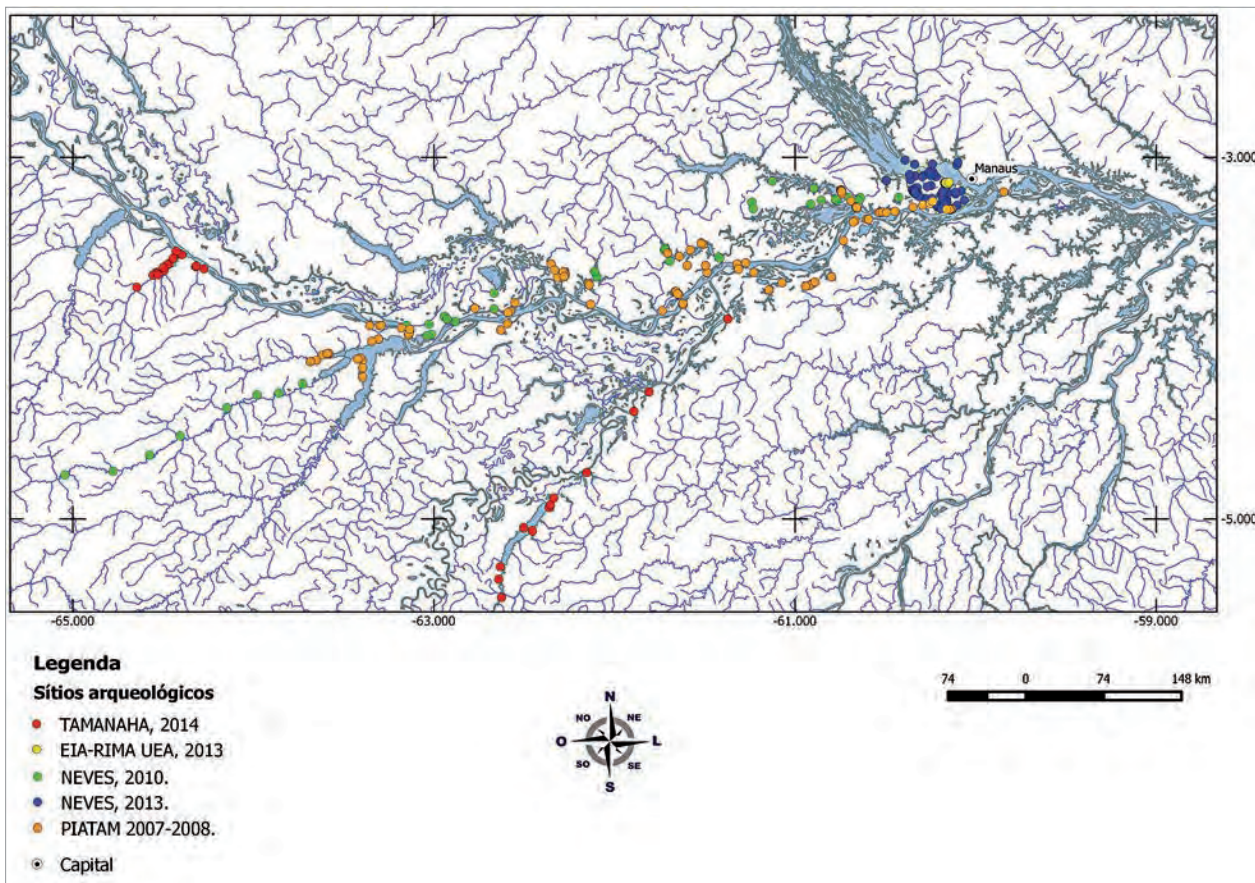


Figura 1. Mapa com a localização dos sítios arqueológicos na região do Baixo Rio Solimões. Autor: Eduardo Kazuo Tamanaha.

2006, 2013; Neves, 2003, 2008a, 2013; Lima et al., 2006; Lima, 2008; Castro, 2009; Rebellato, 2007; Trindade, 2009). Há também evidências de que a transição para as ocupações Guarita, ao redor do ano 1.000 DC, foi marcada por conflitos, o que é comprovado pela identificação de estruturas defensivas, como paliçadas e valas (Moraes; Neves, 2012; Neves, 2008b) (Figura 2).

Por outro lado, na região do município de Coari, o aparecimento de cerâmicas Guarita pode ter ocorrido de forma menos conflituosa, pois até o momento não há evidências, de ocupações anteriores. O único caso que apresenta uma ocupação anterior à chegada dos grupos policromos possui uma lacuna temporal de 270 anos entre o abandono do local e a sua reocupação (Tamanaha, 2012; Lima, 2008). Obviamente que essa ausência não implica em inexistência, podendo ser apenas uma questão de amostragem, mas dentre aproximadamente 22 sítios arqueológicos identificados e prospectados ao longo do Gasoduto Coari-Manaus na região de Coari, somente um único sítio apresentou uma ocupação anterior, e os demais são unicomponenciais, associados à cerâmica Guarita (Neves, 2010; Tamanaha, 2012). O mesmo não se pode dizer rio acima, dentro dos limites do município vizinho a Tefé, onde já foram identificados sítios multicomponenciais associados tanto à TPA (fase Tefé) quanto à TBI (fase Caiambé) (Hilbert, 1968; Costa, 2012; Gomes, 2014; Belletti, 2013). Se a região de Coari, de fato, não teve ocupações anteriores aos grupos policromos, possivelmente estaríamos diante de uma Zona Tampão (Buffer Zone), ou seja, uma área não ocupada, e que separava os dois complexos regionais da TBI – fase Paredão/Manacapuru na área de confluência e fase Caiambé na região de Tefé (Tamanaha, 2012; DeBoer, 1981; Myers, 1976).

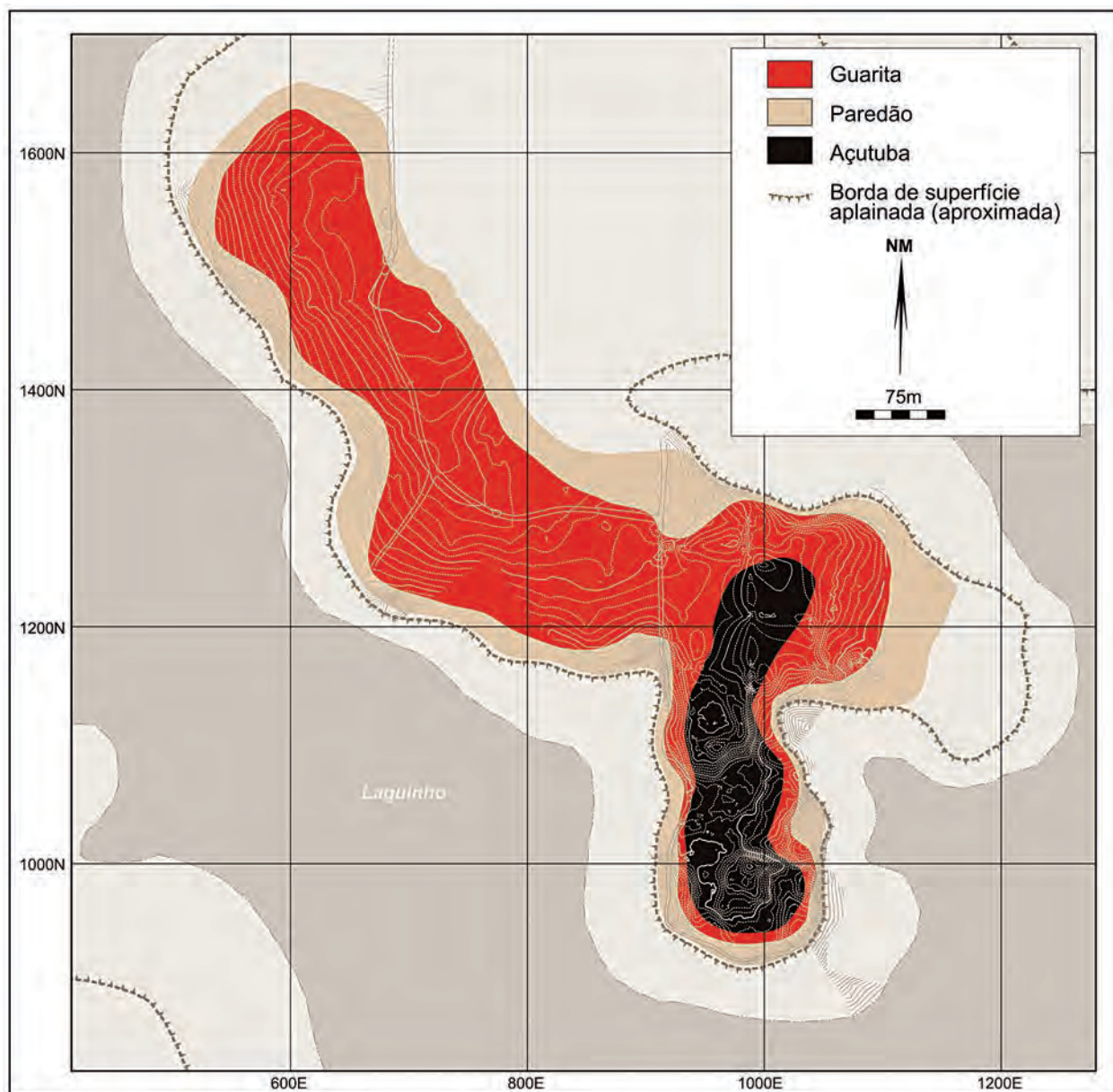


Figura 2. Distribuição dos diferentes estratos culturais no sítio Laguinho, município de Iranduba, Amazonas. Autor: Marcos Brito.

Com relação ao período de ocupação, as datas mais antigas se encontram na região de Coari, iniciando em 772 dC (Hanke, 1959) e 787 dC (Ribeiro, 2013). Porém, a maior concentração de datas obtidas para ocupações Guaritas estão a partir do ano 1.000 dC para todo o baixo curso do rio Solimões (Tabela 1). Ainda não está clara a origem desse fenômeno estilístico que teve seu auge a partir do segundo milênio dC, mas os dados nos auxiliam a entender melhor o processo multifacetado de expansão desses grupos, além de rever os modelos propostos por Lathrap (1970), com base em argumentações adaptativistas e de pressão demográfica na várzea como motor dessa expansão (Tamanaha; Neves, 2014).

Em suma, os sítios estudados abrangem uma grande região (700 km), um longo período cronológico (878 anos) e uma diversidade de contextos arqueológicos, como sítios com ou sem TPI enterrados por

sedimento aluvial, localizados em lagos de água preta ou rios de água branca, nos altos barrancos (*bluff*) isentos de inundação ou nas praias que surgem no período de seca, são alguns dos contextos em que a cerâmica Guarita foi identificada.

Tabela 1. Datas obtidas para a região do baixo rio Solimões (Tamanaha, 2012; Ribeiro, 2013) e calibradas em Calib Ver. 7.1.0.¹

SÍTIO	CÓDIGO	AMOSTRA	DATA CALIBRADA (2 SIGMA)
Açutuba	Beta 90009	Cerâmica	996 dC - 1005 dC (p. 0.012)1013 dC - 1217 dC (p. 0.988)
Açutuba	Beta 97529	Cerâmica	1212 dC - 1308 dC (p. 0.959)1361 dC - 1378 dC (p. 0.041)
Coarí I	-	Cerâmica	1176 dC - 1319 dC (p. 0.918)1164 dC - 1167 dC (p. 0.004)
Coarí II	-	Cerâmica	772 dC - 993 dC (p. 1.0)
Hatahara	Beta 143582	Carvão	1465 dC - 1466 dC (p. 0.004)1477 dC - 1650 dC (p. 0.996)
Lago do Limão	OxA 15504	Cerâmica	1314 dC - 1358 dC (p. 0.567)1380 dC - 1415 dC (p. 0.433)
Laguinho	Beta 258148	Cerâmica	1300 dC - 1369 dC (p. 0.602)1371 dC - 1420 dC (p. 0.398)
Monte Sinai	Beta 242444	Carvão	1291 dC - 1399 dC (p. 1.0)
Monte Sinai	Beta 242445	Carvão	1291 dC - 1399 dC (p. 1.0)
Nova Esperança	Beta 242447	Carvão	1162 dC - 1171 dC (p. 0.022)1175 dC - 1281 dC (p.0.978)
Santa Fé	Beta 242454	Carvão	885 dC - 1020 dC (p. 1.0)
São Paulo II	IPEN	Cerâmica	787 dC - 807 dC (p. 0.010)857 dC - 1222 dC (p. 0.990)
São Paulo II	IPEN	Cerâmica	1045 dC - 1096 dC (p. 0.068)1106 dC - 1124 dC (p. 0.018)

Diante desse cenário, na pesquisa de mestrado do presente autor, objetivou-se estudar sete sítios arqueológicos distribuídos ao longo do baixo rio Solimões, buscamos identificar características da cerâmica Guarita que pudessem variar ou permanecer em uma escala espaço-temporal (Tamanaha, 2012). Durante a pesquisa, foram explorados os atributos tecnológicos e morfológicos da cerâmica e as diferentes maneiras de interpelação desses atributos. Os dados obtidos resultaram na formação de 14 conjuntos, definidos a partir da morfologia, com base em atributos como inclinação e forma da borda, forma e contorno do vaso, tipo e local de decoração. Cada uma dessas morfologias possui alguma variação, o que não implica a alteração da composição do vaso.

Em relação à morfologia dos vasos, a análise demonstrou que há uma grande variabilidade formal na cerâmica desta fase, e que nem todas as formas identificadas dentro dessa variabilidade estão presentes em todos os sítios estudados. Ainda não está claro por que algumas formas aparecem somente em alguns sítios e não em outros, podendo ser esta uma questão relacionada aos tipos dos assentamentos escavados, como sugere Jaqueline Belletti (2013).

Quanto à variabilidade das técnicas identificadas no preparo e acabamento pasta, em uma escala intrassítio, independente do conjunto representado, averiguamos que há várias opções tecnológicas sendo utilizadas na confecção dos vasos, mas sempre com um predomínio de uma opção que se destaca das demais (e.g. cor da pasta, combinação de antiplásticos, acabamento do lábio etc.) (Figuras 3 e 4a-e). O predomínio

1. Datas calibradas *online* através do site <<http://calib.qub.ac.uk/calib/calib.html>>.

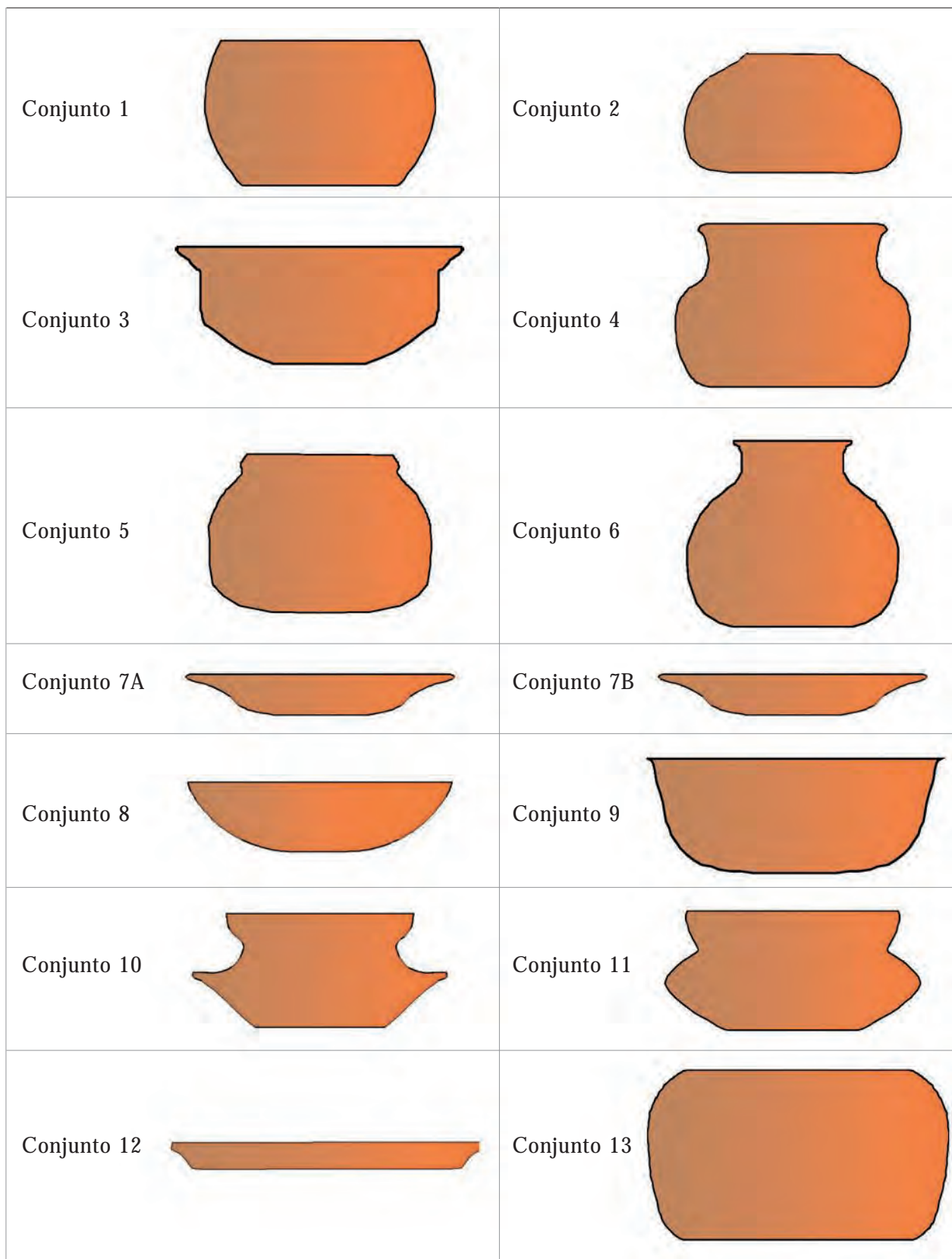


Figura 3. Morfologias identificadas durante o mestrado do autor (Tamanaha, 2012). Destaque (negrito) para os conjuntos representativos da fase Guarita. Fonte: Eduardo Kazuo Tamanaha.



Figura 4a-e. Exemplos de vasilhas cerâmicas (conjuntos 7A e 10) identificadas no Solimões. a) Sítio Camará; b) Área de confluência dos rios Solimões e Negro (sem informação sobre o sítio); c) Sítio Lauro Sodré; d) Município de Tocantins (sem informação sobre o sítio); e) Sítio Lago do Limão. Fotos: Márjorie Lima; Eduardo Neves; Erêndira Oliveira; Eduardo Kazuo Tamanaha.

de certas escolhas tecnológicas, até o momento, não parece ter correlação direta com um período cronológico ou local do assentamento. No entanto, quando abrimos para uma comparação regional intersítio, pode-se concluir que não há uma padronização tecnológica em relação ao preparo da pasta, contrapondo a morfologia dos vasos e as técnicas decorativas. Já era esperado que a policromia fosse um elemento permanente nessa cerâmica (não é por acaso que a fase Guarita está inclusa na Tradição Polícroma da Amazônia), com a presença de engobo branco ou vermelho associado a motivos pintados em tons que variam entre o avermelhado, o marrom e o preto. O uso da decoração plástica acanalada também é bastante recorrente, e em muitos casos acompanha e define a largura da pintura. Os lábios das bordas, de um modo geral possuem espessuras mais grossas que o resto do vaso, seja na forma “expandida” ou na presença do rolete de reforço externo. As flanges mesiais, que definem um conjunto específico de vasos, estão localizadas no meio do bojo ou um pouco acima, apresentando diferentes comprimentos.

A partir dessas informações pode-se sugerir que as variações tecnológicas, a permanência da forma nos vasilhames e os aspectos ligados aos padrões decorativos ou ao estilo estariam intrinsecamente relacionadas ao processo de escolha do artesão à relação de ensino e aprendizagem (Schiffer; Skibo, 1992, 1997; Arnold, 1985; Gosselain, 1998). Não obstante, a permanência de determinadas características, como a forma e a decoração, poderiam indicar uma estratégia relacionada ao compartilhamento de mensagens específicas ou um demarcador cultural de fronteiras e de relação social, considerando o estilo cerâmico como um elemento diagnóstico em uma esfera de interações entre diferentes grupos.

No entanto, apesar de ser notável a estabilidade formal dos vasos Guarita, a sua caracterização requer estudos mais densos, sendo necessário observar de maneira mais cautelosa a sua relação com as ocupações anteriores, refinar a cronologia de sua ocupação, os contextos em que foram depositados (e.g. lixeira ou funerário), aprofundar-se nas questões de uso e função para cada morfologia e identificar possíveis regionalizações desse estilo cerâmico, seja na localização dos campos decorativos ou nos seus motivos. Através das escavações em sítios unicomponentais de diferentes períodos cronológicos conseguiremos delinear um quadro mais preciso dessa manifestação policroma na bacia do rio Solimões, cujos resultados poderão ser comparados com as pesquisas desde a foz do Amazonas até a região sub-andina.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Petrobrás, Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDS-M-OS) e ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) pelo financiamento das pesquisas de campo e laboratório; às organizadoras do livro, pela oportunidade de participar desta publicação; ao corpo docente e aos funcionários do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), e aos colegas do PAC e do Laboratório de Arqueologia dos Trópicos (Arqueotrop), pela convivência e colaboração nas pesquisas.



A SERPENTE DE VÁRIAS FACES: ESTILO E ICONOGRAFIA DA CERÂMICA GUARITA

Erêndira Oliveira

RESUMEN

La serpiente de varias caras: Estilo e iconografía de la cerámica Guarita

La cerámica de la fase Guarita, perteneciente a la denominada Tradición Policroma de la Amazonia (TPA), ha sido foco de discusión para la elaboración de modelos de dispersión regional, filiación cultural y posición cronostilística de los complejos cerámicos Policromos. Este artículo busca comprender la homogeneidad y la variabilidad estilística de estos componentes cerámicos, así como los posibles significados socio-culturales de su dispersión, a partir del análisis de su variabilidad formal. Dando especial atención a los campos iconográficos de tipos morfológicos específicos de estos complejos, como el caso de los “cuencos con bordes mesiales”. De esta forma, se pretende entender mejor la cerámica Guarita, a partir de los procesos que podrían llevar a compartir un estilo específico (policromo) o de determinados elementos, como algunos temas recurrentes en la iconografía Amazónica.

ABSTRACT

The serpent of many faces: Style and iconography of Guarita pottery

The Pottery from Guarita phase, belonging to an archaeological tradition known as Amazon Polychrome (TPA), has been a central point for the discussion of regional dispersion models, cultural affiliation, and the chrono-stylistic stage of polychrome ceramic complexes. This article seeks to better understand the stylistic homogeneity and variability of these ceramic components, and the possible socio-cultural meanings of their dispersion, based on the analysis of its formal variability. Special attention is given to the iconography of specific morphological types of these complexes, as is the case of “vessels with mesial flange”. Thus, the main purpose of this article is to better understand the Guarita pottery, considering processes that may have led to the sharing of a particular style (polychrome) or certain elements, such as a few recurring themes in the Amazon iconography.

Introdução

A Tradição Polícroma da Amazônia (TPA) apresenta uma distribuição geográfica que vai desde a área de confluência entre os rios Solimões e Negro, na Amazônia brasileira, até o sopé dos Andes, no Equador, Colômbia e Peru (Neves, 2013). Dentre as fases cerâmicas que configuram este amplo conjunto Polícromo, a fase Guarita, nome definido para os complexos cerâmicos situados principalmente na Amazônia Central, entre a região de Coari e a área de confluência dos rios Solimões e Negro, tem sido um dos complexos mais estudados nos últimos anos de pesquisa na Amazônia Central, servindo como peça-chave para a formulação de hipóteses sobre dispersão regional e configuração sociocultural dos povos que habitavam a calha principal do Solimões antes da chegada dos colonizadores europeus.

A aparente “padronização estilística” (Neves, 2013, Neves; Moraes, 2012) deste conjunto cerâmico com outras fases da TPA, que seguem Solimões acima até os rios Napo (Equador) e Ucayali (Peru), tem sido interpretada, junto a outros fatores contextuais, como indícios de um possível processo de migração e expansão de determinados povos ao longo da calha principal do rio Amazonas através de estratégias bélicas, durante a virada do primeiro para o segundo milênio da era Cristã (Neves, 2013). No entanto, estudos recentes (Tamanaha, 2012; Belletti, 2013; Oliveira, 2014) desses complexos cerâmicos parecem indicar uma ampla variabilidade estilística em nível regional, na qual os aspectos tecnológicos empregados na produção cerâmica variam significativamente, contrapondo-se a uma aparente homogeneidade nos padrões iconográficos encontrados nos distintos complexos policromos (Tamanaha, 2012).

Nesse contexto, a cerâmica Guarita parece indicar um estilo bem consistente na calha principal do Solimões e área de confluência, configurando um padrão estético mais rígido nesta região. Tal homogeneidade estilística vem sendo interpretada, por um lado, como um possível correlato da existência de grupos com uma matriz cultural comum habitando estas áreas (Neves, 2013; Neves; Moraes, 2012); ou, por outro, como uma indicação da existência de um estilo particular na região, que teria se difundido através de redes de interação e/ou troca, talvez em processos relacionados a estratégias de comunicação, graus de prestígios e/ou de acesso a determinados recursos, entre outros (Belletti, 2013; Moraes, 2013; Oliveira, 2014; Tamanaha, 2012) (Figura 1).

Embora a complexidade do estilo Polícromo já tenha sido o ponto central de discussão na formulação de modelos para a configuração pré-colonial da Amazônia (Meggers; Evans 1957, 1961, 1968; Lathrap 2010 [1970]), os estudos mais recentes sobre o contexto arqueológico da região têm se debruçado sobre esses modelos, revisitando abordagens teóricas que definem não só o próprio conceito de “estilo”, mas também as formas pelas quais estas características foram utilizadas para tecer as linhas de dispersão e de correlação entre estes contextos distintos (Almeida, 2013; Barreto, 2005, 2008; Belletti, 2012; Moraes, 2013; Tamanaha, 2012).

Nestas novas perspectivas, questões como a distribuição geográfica e a similaridade entre os complexos têm sido interpretadas sob diferentes óticas, em que a interlocução com os estudos etnográficos permitem a formulação de novas hipóteses sobre os processos de transformações políticas, sociais, ideológicas e territoriais que poderiam ter levado às configurações do contexto arqueológico e às diferentes formas de propagação, emulação e diferenciação estilística. Além disso, a incorporação das teorias da agência e de conceitos próprios à Antropologia da Arte (Barreto, 2009) no estudo dos componentes arqueológicos amazônicos tem caracterizado a cerâmica como um agente de transformação e legitimação de novas estruturas sociais (Barreto, 2009: 30).



Figura 1. Cerâmicas da fase Guarita: a) Urnas antropomorfas encontradas na cidade de Uricurituba, AM. Fonte: Barreto, 2009; b) Urna policroma do acervo do Instituto Geográfico e Histórico de Manaus. Proveniência desconhecida. Altura: 60 cm. Fonte: Barreto, 2009; c) Vaso com Flange Mesial do sítio Lauro Sodré, próximo à Coarí, rio Solimões. Foto: Eduardo K. Tamanaha; d) Prato com decoração policroma do sítio Lauro Sodré. Rio Solimões. Foto: Eduardo K. Tamanaha.

Atualmente, algumas hipóteses versam sobre o papel do estilo cerâmico como marcador de redes inter-regionais e de processos de influência e emulação que teriam levado ao surgimento e propagação da cerâmica policroma. Tais hipóteses vão desde a caracterização do estilo Polícromo como um mecanismo estético de comunicação, de ampla reconhecibilidade, usado dentro de uma estratégia expansionista de povos falantes do tronco Tupi (Almeida, 2013) até o uso emblemático do estilo como um delimitador de fronteiras culturais entre grupos com sistemas tecnológicos distintos, que compartilhariam uma identidade visual, provavelmente relacionada a formas de legitimação política (Tamanaha, 2012). A padronização da cerâmica policroma na calha principal do Amazonas também poderia ter sido impulsionada por uma estratégia de demarcação de fronteiras territoriais, assegurando o acesso e utilização dos recursos da calha principal do rio a determinados grupos. Para Moraes (2013), os limites territoriais policromos seriam dados pelo controle dos recursos fluviais, a navegação e a pesca.

A delimitação de certos limites territoriais e identitários, assegurada por padrões estéticos específicos, pode ser observada em alguns casos etnográficos, dos quais um exemplo interessante é o contexto de produção e circulação de bens na calha do rio Ucayali, no Peru, descrito por Warren DeBoer (1990). É justamente a partir da proposta de estudar as formas de compartilhamento estilístico e as características estéticas que definem certos grupos que DeBoer consegue mapear a existência de um estilo policromo na calha principal do Ucayali, compartilhado entre os grupos de língua Pano, Shipibo e os grupos de língua Tupi, Cocama.

Nesse contexto, o domínio da calha principal do Ucayali por esses dois grupos define também um compartilhamento estilístico em que o acesso privilegiado aos recursos para a produção cerâmica acaba por configurar um estilo de “prestígio”. Este, por sua vez, comunica aos grupos vizinhos os limites do domínio territorial do rio principal. Ainda assim, o compartilhamento de certas características estilísticas não define um estilo homogêneo, mas sim um estilo semelhante, com assinaturas específicas de cada grupo. Os grupos que habitam os rios tributários, por sua vez, ou adotam estratégias que os diferenciam completamente, criando um estilo distinto ou passam a emular determinados elementos da cerâmica Shipibo e Cocama, como forma de pertencer a um grau de prestígio que é atribuído aos grupos da calha principal do rio (DeBoer, 1990).

Contextos como estes são fundamentais para analisarmos as distintas formas de propagação de um estilo particular, podendo estar relacionadas a processos de emulação e incorporação de elementos estéticos específicos, em que a intencionalidade por trás destes processos pode ser associada a fatores como hierarquias sociais, limites territoriais ou mesmo ao compartilhamento de mensagens específicas, sejam estas de caráter ideológico ou referentes a ontologias particulares.

Estilo e iconografia na Amazônia Central

Muito se tem discutido na arqueologia sobre o papel do estilo no entendimento das configurações culturais das sociedades pretéritas. O estilo, bem como a cultura material, têm sido vistos de forma mais ativa desde os anos de 1970 e 1980, em que autores como Shanks e Tilley (1992) já atribuíam aos mesmos um papel de mediação e reorientação das estratégias sociais. Os artefatos, enquanto veículos de informação, poderiam transmitir mensagens específicas de diferentes alcances, atuando como mantenedores ou modificadores culturais (Wobst, 1999: 121).

Dessa forma, e considerando o estilo enquanto veículo midiático, Peter Roe (1995) também propõe que os elementos expressos na cultura material definem a relação entre o observador e as entidades ali representadas, controlando o tipo de percepção desejada pelo artista. Assim, o grau de reconhecibilidade destes elementos é o que irá definir o estilo e suas propriedades midiáticas e comunicativas.

No tocante à fase Guarita, a reconhecibilidade do estilo, como tem sido interpretado até o momento, estaria na homogeneidade entre tipos morfológicos específicos a esta fase e na iconografia que, comparada a outras fases da Tradição Policroma, indicaria um estilo regional mais amplo. A presença de morfologias específicas poderia ainda sugerir a existência de atividades específicas, também compartilhadas entre distintos grupos. Um exemplo desses tipos morfológicos é o “vaso com flange mesial”, recipiente de forma restritiva que apresenta uma flange no meio do corpo, sobre a qual geralmente são produzidos campos iconográficos extremamente elaborados (Figura 2a-d).



Figura 2. Vasos com flange mesial. a) Vaso da fase Napo. Foto: Fernando O. Almeida. Acervo: MACCO (*Museo de Arte y Arqueología de la Ciudad de Coca*) Equador; b) Vaso da fase Guarita. Sítio Lauro Sodrê, rio Solimões. Acervo: PAC/UFAM; c) Vaso Guarita da cidade de Manacapuru, área de confluência. Foto: Ader Gotardo. Acervo: MAE/USP; d) Vaso Guarita do baixo rio Negro. Acervo: PAC/UFAM.

Este tipo de vaso pode ser encontrado de forma bastante padronizada desde o baixo rio Madeira, passando pela área de confluência e seguindo o curso do Solimões até os rios Napo e Ucayali. Apesar de serem tão característicos da TPA, em especial da fase Guarita, estes vasos podem ser encontrados também em outras fases pertencentes à Tradição Borda Incisa ou ainda mais antigas, como as Tutishcainyo e Shakimu, no rio Ucayali, com datas entre 2.000 e 750 aC (Lathrap, 2010 [1970]). Isso pode indicar uma sobrevivência deste tipo morfológico, talvez reservado a determinadas atividades específicas, que teria perpassado as mudanças estilísticas ao longo da história da ocupação pré-colonial da Amazônia.

Alguns exemplos etnográficos de tipos morfológicos utilizados em atividades específicas são as tigelas para o consumo de *Masato* (fermentado de Mandioca), produzidas pelos Shipibo e descritas por Lathrap (2010 [1970]: 217); e os vasos para *caapí*, utilizados pelos grupos Tukano do rio Negro. Sobre as tigelas Shipibo, Lathrap as descreve como vasos de tamanhos distintos, em que a localização do campo iconográfico por toda a superfície externa permite distintos ângulos de visualização dos grafismos impressos na cerâmica. Já os vasos para *caapí* são utilizados para preparar a infusão do *Banisteriopsis caapi* (McEwan, 2001) e têm características formais que o distinguem claramente de outros recipientes usados no preparo e cozimento de alimentos (McEwan, 2001: 186). Os vasos para *caapí* ainda foram

descritos por Neves (2001: 276) como morfológicamente semelhantes aos vasos Guarita, o que representaria uma rede de influência entre os rios Negro e Solimões, além da manutenção de alguns atributos estilísticos das ocupações Guarita pré-coloniais do rio Negro.

Em ambos os contextos descritos, os campos iconográficos dos recipientes estão diretamente relacionados à condução das visões provocadas pela infusão alucinógena e à mediação e controle entre os diferentes âmbitos aos quais os rituais permitem acesso. A associação entre a produção de grafismos e o controle e mediação da transformação do corpo e da predação pode ser notada em inúmeros exemplos etnográficos (Barcelos Neto, 2008; Belaunde, 2009; Lagrou, 2007; Van Velthem, 2009) e talvez indique um aspecto mais estrutural, no tocante aos sistemas gráficos ameríndios (Lagrou, 2013).

Para Lagrou (2013), as imagens e os grafismos ameríndios poderiam ser considerados como *“instrumentos perceptivos que implicam operações mentais específicas sustentadas por uma ontologia na qual a transformabilidade das formas e dos corpos ocupa um lugar central”* (Lagrou, 2013: 68). Desta forma, o dinamismo do grafismo ameríndio estaria relacionado a um jogo de percepção entre os referentes gráficos específicos e as projeções figurativas virtuais que estes sugerem, que, de maneira mais ampla, seriam consideradas técnicas perspectivistas, ao modo do caráter perspectivista de Viveiros de Castro, em que o espectador pode mudar o ponto de vista de acordo com um enquadramento específico. Ainda assim, o espectador só conseguiria acessar a figuração virtual sugerida pelo grafismo sob condições específicas ou estando preparado, ou seja, conhecendo a estrutura ontológica compartilhada. Esta, segundo a autora, seria a versão abstrata da lógica quimérica das imagens de Warburg e Severi (Lagrou, 2013: 69).

Assim, grafismos e objetos atuariam em conjunto dentro de performances específicas, e poderiam ser considerados como veículos midiáticos, compartilhando uma linguagem específica a cada contexto. Pensando por este viés, a aparente homogeneidade do estilo Guarita e do estilo Polícromo como um todo, poderia, de acordo com a lógica proposta por Lagrou (2013), estar mais relacionada ao compartilhamento de uma linguagem comum, seja através de redes de interação ou de emulação, que teria uma mesma base ontológica. Isso poderia sugerir ainda a existência de uma ampla rede de interação entre os grupos que habitavam a calha do Solimões.

O registro arqueológico da Amazônia Central mostra uma grande densidade populacional nos curso principal do Solimões, que provavelmente se caracterizava como uma grande avenida por onde circulavam “fluxos de informação” (Roe, 1995). Peter Roe (1995: 41) define esses fluxos como intimamente ligados a posições geográficas estratégicas, ditando assim a complexidade e a rapidez de diferentes ciclos estilísticos; sendo que ao pensarmos a configuração espacial da bacia amazônica, as variações estilísticas poderiam ocorrer de maneira mais dinâmica nos rios principais, verdadeiros centros estilísticos, onde a maior interação social pressuporia uma gama maior de elementos estilísticos para combinação.

Embora o estudo iconográfico das cerâmicas policromas, na Amazônia, seja um campo de pesquisa recente, é fundamental que a arqueologia dialogue com a antropologia e a etnografia, a fim de estabelecer pontes analíticas que permitam uma melhor compreensão sobre os processos de transformação social e as possíveis formas de configuração de redes de interação entre as sociedades pré-coloniais amazônicas.

Temas iconográficos e aproximações temáticas

A análise de determinados conjuntos de vasos com flange mesial da área de confluência e do médio Solimões tem apontado para um compartilhamento de um padrão iconográfico bem rígido entre esses artefatos, com possíveis variações de temas específicos, em que figuram elementos antropomorfos e

zoomorfos. Moraes (2013: 222) identifica na cerâmica Polícroma a possível existência de uma forma recorrente de estilização de figuras antropomorfas, geralmente acompanhadas de motivos zoomorfos, como o urubu-rei e a serpente bicéfala, que podem compor figuras únicas, antropozoomorfas. Tal característica também pode ser notada nos conjuntos do médio Solimões e área de confluência, nos quais se destacam as referências às serpentes. Este tema iconográfico, em que figuras animais compõem figuras humanas, tem sido interpretado como uma referência ao transe xamânico, à inversão de perspectivas e à transformabilidade dos corpos (Barreto, 2009; Gomes, 2001; Schaan, 1997) (Figura 3).



Figura 3. Decalques dos campos iconográficos de vasos com flange mesial. De cima para baixo: Vaso do sítio Lauro Sodré com detalhe de rosto antropomorfo formado pela junção de duas serpentes bicéfalas. (Desenho: Erêndira Oliveira); Vaso do sítio São Paulo II, Médio Solimões, com destaque para rosto antropomorfo com duas serpentes na lateral (Desenho: Claide Moraes. Foto: Thiago Trindade); Fragmento de flange com motivo antropomorfo do acervo MAE/USP, Cidade de Manacapuru (Desenho de Erêndira Oliveira); Vaso com motivo possivelmente antropomorfo do acervo do MAE/USP, Cidade de Manacapuru (Foto: Ader Gotardo. Desenho: Erêndira Oliveira); Vaso da fase Napo (Equador) do acervo do MACCO (*Museo de Arte y Arqueología de la Ciudad de Coca*), com motivo antropomorfo central com duas serpentes laterais (Foto: Fernando O. Almeida. Desenho: Erêndira Oliveira).

Essa recorrência de determinados padrões iconográficos poderia indicar um aspecto da reconhecibilidade do estilo, bem como de elementos ou temas compartilhados entre grupos, como já dito anteriormente. Além disso, tal reconhecibilidade do estilo Polícromo poderia residir na própria policromia e em algumas características tecnológicas que parecem identificar um padrão compartilhado por todo o Amazonas/Solimões até a selva peruana e equatoriana. Especificamente no caso dos vasos com flange mesial, pode-se notar uma variação regional quanto à sua morfologia, em que há uma aparente concentração de formas quadrangulares a oeste e formas circulares a leste. Além disso, nota-se também uma variabilidade quanto aos campos iconográficos destes vasos, que vai desde as técnicas empregadas na sua produção (usos diferentes da policromia e regularidade das incisões), até os motivos aplicados propriamente (simetrias, repetições e encadeamentos dos desenhos). Essas diferenças poderiam indicar assinaturas regionais de um estilo compartilhado (Figura 4).



Figura 4. Aproximações temáticas da serpente bicéfala: a) Detalhes de campos iconográficos de urnas da fase Tefé, Lago de Tefé. Médio Solimões. (Acervo do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Fotos: Erêndira Oliveira); b) Decalques de vasos com flange mesial do sítio Lauro Sodré. Médio Solimões (Desenho: Erêndira Oliveira).

Embora a iconografia da cerâmica Guarita apresente referências a seres antropomorfos, parece-nos que o tema da serpente tem sido um elemento de destaque na análise desses artefatos, pois é encontrado em distintos tipos morfológicos, podendo aparecer de forma mais estilizada ou mais figurativa, este último geralmente compondo campos iconográficos nas urnas funerárias.

Para Weber (1992: 108), a recorrência do tema da serpente bicéfala nas artes do novo mundo estaria relacionada ao compartilhamento de um modelo ontológico de múltiplos universos, aos quais o acesso é permitido a xamãs e sacerdotes. As expressões estéticas, enquanto forma de linguagem, legitimariam o poder destes. O autor aponta a importância da serpente, enquanto ser mitológico primordial em várias sociedades ameríndias, onde está principalmente relacionada aos mitos de origem e à capacidade de transição entre diferentes mundos. Este ser mítico é ainda amplamente relacionado ao domínio das águas e do submundo, assim como mantém o controle da pesca, dos rios e da agricultura (Lévi-Strauss, 1975). Além disso, a serpente também protagoniza inúmeras versões mitológicas sobre a dádiva do desenho entre alguns grupos ameríndios (Barcelos Neto, 2011; Belaunde, 2009; Lagrou, 2007, 2013), pois compartilha com os humanos a qualidade de “possuir desenho” (Lagrou, 2013:71). A Figura 4 mostra algumas aproximações iconográficas do tema da serpente bicéfala entre um conjunto de vasos com flange mesial encontrado próximo à cidade de Coari, no médio Solimões, e um conjunto de urnas funerárias vinculadas à fase Tefé, no médio Solimões, também inserida na Tradição Polícroma da Amazônia.

A serpente, assim como o urubu-rei, a coruja, o bagre, entre outros animais, povoam os mitos ameríndios e as relações estruturais de dualidade e transformação, atuando muitas vezes como mediadores entre os diferentes âmbitos, onde a necessidade de controle dos processos transformacionais é um dos pilares que rege as diferentes atividades cotidianas e rituais e, entre elas, a produção de artefatos (Barcelos Neto, 2008; Belaunde, 2009; Lagrou, 2007; Van Velthem, 2009). Neste caso, a recorrência de temas como o da serpente, nas variantes regionais do estilo policromo, poderia indicar o compartilhamento de uma linguagem simbólica específica, indicativa de uma ontologia compartilhada e talvez ligada a uma estratégia de legitimação territorial e/ou identitária

Considerações finais

Parece-nos que o estilo Polícromo é mais complexo que o sugerido até o presente momento, e que é necessário tentar melhor defini-lo enquanto estilo, e quais seriam os possíveis processos que levaram ao seu compartilhamento em uma amplitude geográfica tão significativa. Ao considerarmos a variabilidade formal destes componentes cerâmicos, podemos identificar algumas variações que indicam “assinaturas” regionais dentro do estilo policromo. No tocante aos padrões iconográficos, há uma maior padronização de alguns temas como o da serpente bicéfala, à medida que se sobe o Solimões, em direção aos rios Napo e Ucayali. As cerâmicas da fase Napo, cronologicamente mais recentes, apresentam elementos iconográficos e morfológicos aparentemente mais semelhantes aos percebidos no médio Solimões.

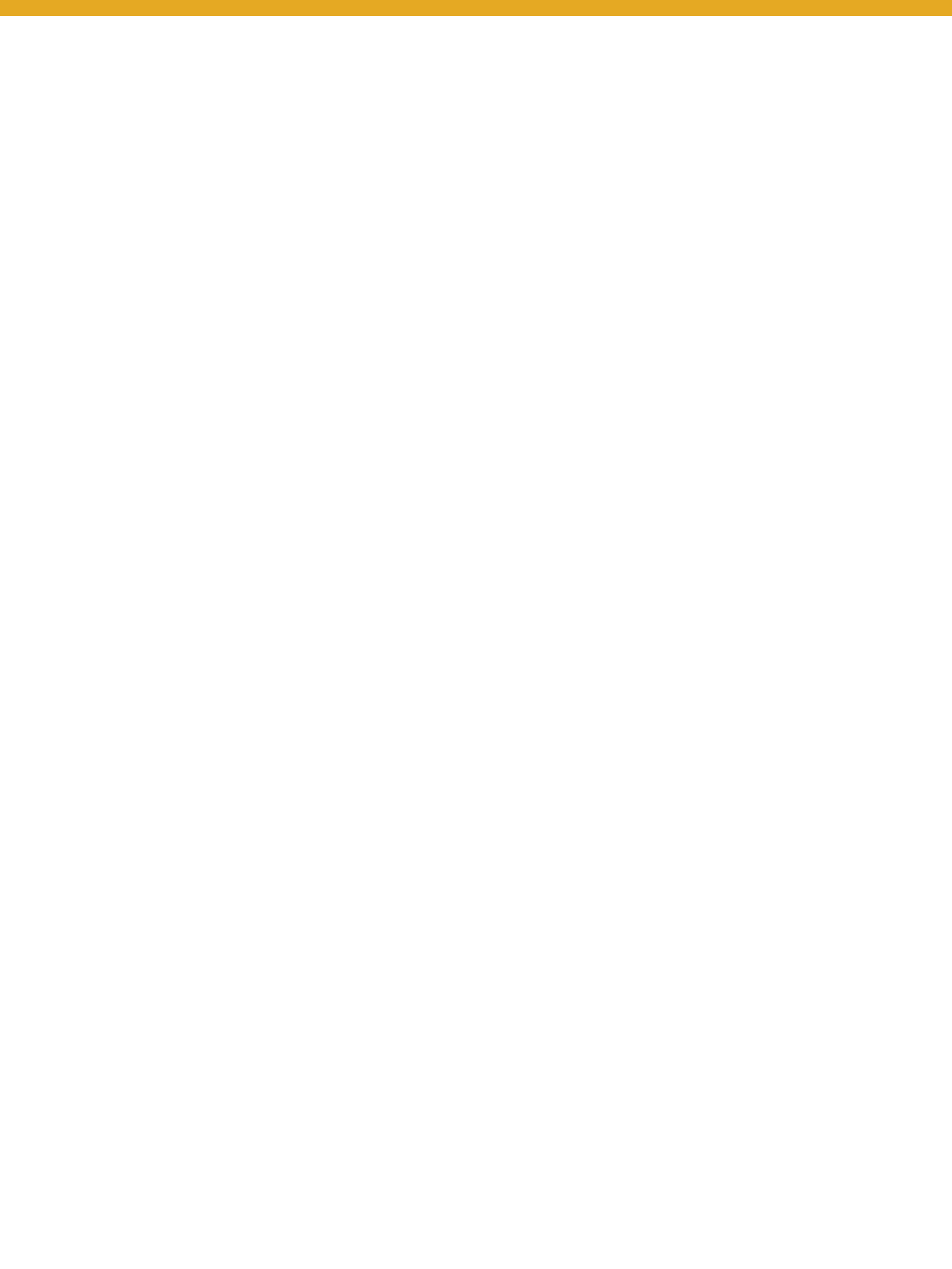
Isso poderia indicar a existência de um “estilo de prestígio”, conforme sugerido anteriormente, que teria assumido uma configuração mais rígida no médio Solimões, identificando limites territoriais e o acesso e determinados recursos da calha principal do Amazonas/Solimões. Ao considerarmos a posição privilegiada de determinados sítios policromos no curso principal do Solimões, podemos pensar as dinâmicas de

replicação, incorporação ou emulação de determinados padrões estilísticos, inseridas em redes de fluxos de informação de grande alcance e complexidade.

Para avançarmos no estudo dos estilos arqueológicos é preciso compreender o funcionamento destas redes de informação e interação em contextos distintos, a partir da interlocução entre a arqueologia, a antropologia e a etnografia, e problematizar quais seriam os distintos mecanismos de transmissão do estilo, suas particularidades e elementos transitórios nos contextos de produção, uso e distribuição dos componentes cerâmicos na Amazônia pré-colonial. Para Barreto (2005), as tradições estéticas percebidas nos materiais arqueológicos e etnológicos podem nos oferecer uma melhor compreensão das sociedades ameríndias no passado e no presente, de forma que, dentro desta perspectiva, as tradições estilísticas pretéritas não serão mais entendidas a partir de quadros de influências, mas como elementos ativos nos processos de transformação social.

Agradecimentos

Ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, pelo acesso às urnas funerárias expostas neste artigo e ao laboratório de pesquisas em arqueologia. Ao laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Ao Laboratório de Arqueologia dos Trópicos (Arqueotrop) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP).





SUDOESTE DA AMAZÔNIA



VARIABILIDADE CERÂMICA E DIVERSIDADE CULTURAL NO ALTO RIO MADEIRA

Silvana Zuse

RESUMEN

Variabilidad cerámica y diversidad cultural en el alto del río Madera

En este trabajo se presenta un resumen de las interpretaciones de la variabilidad cerámica en la parte alta del río Madeira, estado de Rondônia, en el suroeste de la Amazonía. El análisis de las opciones tecnológicas adoptadas por los alfareros en el proceso de fabricación de artefactos de cerámica, así como los datos contextuales y cronológicos de algunos yacimientos arqueológicos, permitió diferenciar cinco conjuntos tecnológicos que representan la diversidad histórica y cultural de la ocupación indígena en la región.

ABSTRACT

Ceramic variability and cultural diversity in the upper Madeira river

This paper presents a summary of the interpretations of the ceramic variability in the upper Madeira River, Rondônia state, southwest Amazon. The analysis of the technological choices adopted by potters in the process of manufacture of ceramic artifacts, as well as contextual and chronological data of some archaeological sites, enabled a differentiation of five sets of technologies representing the historical and cultural diversity of indigenous occupation of the region.

Variabilidade cultural no sudoeste amazônico

A Amazônia meridional é uma das áreas com maior diversidade cultural, ocupada por povos indígenas de língua Tupi, Macro Jê, Arawak, Pano e outras línguas isoladas, considerada como local de origem e dispersão dos povos Tupi e integrando uma esfera de interações na qual estavam envolvidos os povos de matriz cultural Arawak (Rodrigues, 1964, 1984; Nimuendaju, 1981; Migliazza, 1982; Menéndez, 1992; Urban, 1992; Noelli, 1996; Neves, 2012; Heckenberger, 2001, 2002, 2005; Crevels; Van Der Voort, 2008; Ramirez, 2010; Ericksen, 2011; Pessoa; Costa, 2014).

Na bacia do alto rio Madeira, as pesquisas arqueológicas desenvolvidas desde a década de 1970 revelaram uma longa sequência de ocupação, abrangendo o final do Pleistoceno e todo o Holoceno, com terras pretas arqueológicas antigas, indícios de manejo e domesticação de plantas e ocupações ceramistas nos últimos cinco mil anos, classificadas inicialmente em uma série de fases associadas a pelo menos cinco tradições arqueológicas distintas (Miller 1983, 1992, 1999, 2009a, 2009b, 2013; Cruz, 2008; Zimpel, 2009; Neves, 2006, 2012). No curso do rio Madeira, junto às cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio, município de Porto Velho/RO, as cerâmicas encontradas nas camadas de terra preta arqueológica foram inicialmente associadas à Subtradição Jatuarana, da Tradição Policroma da Amazônia (TPA), com datações de 2.730 ± 75 AP (SI-3950) no sítio RO-JP-01 Teotônio e 2.340 ± 90 AP (Beta-33456) no RO-PV-19 Igapó 1 (Miller, 1992), as quais, por serem bastante recuadas, geraram uma grande expectativa por parte dos arqueólogos em relação ao seu possível centro de origem nesta região, e de sua associação com povos do tronco linguístico Tupi. Além disso, a montante, na foz do rio Jaciparaná, afluente da margem direita do rio Madeira, a cerâmica de dois sítios com terra escura foi associada à fase Jaciparaná, de tradição desconhecida, enquanto no baixo rio Abunã, afluente da margem esquerda, foram localizados dois sítios com terra preta, gravuras rupestres e cerâmica atribuída à fase Pederneiras (Miller, 1992).

No sítio Teotônio, Almeida (2013) obteve uma datação de 1.250 ± 30 AP para o início da ocupação da Subtradição Jatuarana, portanto, em um período mais recente do que o inicialmente proposto por Miller (1992), enquanto datas mais recuadas de 1.550 ± 30 AP e 3.170 ± 30 AP podem ser associadas a uma ocupação ceramista mais antiga (pré-Jatuarana) e a uma ocupação pré-ceramista com terra preta, respectivamente. Além disso, o autor sugere que a cerâmica dos níveis mais profundos da escavação realizada por Eurico Miller neste sítio pode ser comparada com as cerâmicas Saladoide do baixo Orinoco e Pocó, do rio Trombetas. Para Almeida (2013: 298-299, 316), a grande variabilidade no registro arqueológico deste sítio fornece subsídios para pensar em um padrão multiétnico de ocupação no alto Madeira, em que o Teotônio seria um núcleo ou entroncamento nas redes de comércio, rituais festivos, troca de mulheres e alianças políticas, nas quais os Arawak seriam elementos-chave e os falantes do tronco Tupi teriam um papel importante.

As pesquisas arqueológicas desenvolvidas no âmbito dos projetos de licenciamento ambiental no rio Madeira nos últimos anos, identificaram 106 sítios arqueológicos no seu alto curso (Bertolo, 2014). Na área de impacto da usina de Santo Antônio foi desenvolvido o Projeto de Arqueologia Preventiva (Scientia, 2008), coordenado pelo arqueólogo Renato Kipnis, resultando na identificação e escavação de aproximadamente 50 sítios arqueológicos, implantados em planícies de inundação, terraços fluviais e superfícies de aplainamento, nas ilhas e margens do rio Madeira (Scientia, 2008, 2010, 2011a, 2011b, 2011c, 2011d; Tizuka, 2013; Tizuka et al., 2014; Kipnis et al., 2013), revelando uma longa sequência de ocupação

nos últimos 9.000 anos. No projeto de doutorado (Zuse, 2014) abordei os contextos arqueológicos e a variabilidade cerâmica de quatorze destes sítios (Figura 4), sendo que as datações e os dados de campo foram cedidos pela Scientia Consultoria Científica, bem como o acesso ao material arqueológico que analisei juntamente com colegas (Costa, 2010, 2013a, 2013b; Pessoa, 2012, 2015; Duram da Silva, 2013; Santos, 2013; Lima Costa, 2014). O que apresento neste trabalho é uma síntese dos resultados e reflexões que desenvolvi nestes últimos anos em torno da análise tecnológica da cerâmica no alto rio Madeira.

A variabilidade cerâmica foi abordada por meio da análise das escolhas tecnológicas que perpassam o processo de confecção e uso dos artefatos. Tais escolhas são decisões tomadas por indivíduos em um contexto social e simbólico específico, de acordo com as trajetórias históricas e a tradição tecnológica e cultural do grupo, e por isso representam diferentes identidades sociais e culturais (Balfet, 1991; Lemmonier, 1992, 1993; Schiffer; Skibo, 1992, 1997; Schiffer, 1995; Chilion, 1998; Dietler; Herbich, 1998; Gosselain, 1998; Silva, 2000, 2007, 2013; Skibo; Schiffer, 2001; David; Kramer, 2001; Dias; Silva, 2001; Pikirayi, 2007; Dias, 2007; Schaan, 2007). Para a compreensão de tais escolhas foi elaborada uma ficha de análise que contempla os atributos que caracterizam a pasta, as técnicas de confecção, os acabamentos de superfície, tratamentos cromáticos e plásticos, a queima, as marcas de uso, o estado de conservação e a forma da vasilha (forma, inclinação e espessamento das bordas; forma dos lábios; forma e diâmetro das bases; diâmetro de abertura das vasilhas; estrutura, contorno e altura quando possível), definidos com base nos principais manuais de análise cerâmica e trabalhos na Amazônia (Chymz, 1976; Rice, 1987; La Salvia; Brochado, 1989; Brochado, Monticelli; Neumann, 1990; Shepard, 1995; Orton et al., 1997; Silva, 2000; Machado, 2005; Dantas; Lima, 2006; Lima, 2008; Neumann, 2008, 2010; Garcia, 2010, 2012; Panachuk; Cruz, 2010; Vidal, 2011; Moraes, 2006, 2013, entre outros).

A caracterização das escolhas adotadas por ceramistas nas etapas da cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos, bem como em relação aos seus possíveis usos e descarte, permitiu identificar as ocupações em cada sítio, ao passo que a análise comparativa possibilitou diferenciar cinco conjuntos tecnológicos que representam a diversidade cultural existente na região em termos temporais e espaciais. A comparação com os outros contextos e com os modelos sobre a ocupação da Amazônia (Lathrap, 1970; Brochado, 1984, 1989; Urban, 1992; Noelli, 1996; Heckenberger, 2001, 2002), elaborados com dados da arqueologia, linguística histórica e etnografia, fornece subsídios para a compreensão da história indígena na região.

As cerâmicas antigas no alto rio Madeira

Em alguns sítios arqueológicos entre as cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio, identificamos uma cerâmica com características tecnológicas específicas, nos níveis mais profundos das escavações dos sítios Ilha de Santo Antônio, Santa Paula, Vista Alegre e Foz do Jatuarana, bem como no sítio Veneza e Boa Vista (setor 1) onde os contextos são unicomponenciais (Figura 4). Esta cerâmica é caracterizada pela grande diversidade de tratamentos plásticos, feitos predominantemente na face interna da borda ou na parte superior na face externa, às vezes associados à pintura de diferentes tonalidades, bem como pela grande variação na forma das vasilhas, apesar de sua reconstituição ter sido prejudicada pela alta fragmentação (Figura 1). No Quadro 1 resumimos as escolhas predominantes e mais significativas para a comparação entre os diferentes conjuntos tecnológicos identificados.

Quadro 1. Caracterização das escolhas tecnológicas predominantes e marcas de uso da cerâmica dos cinco conjuntos tecnológicos.

Atributos	CERÂMICAS ANTIGAS (SEMELHANTES A SALADOIDE, POCÓ E AÇATUBA)	CERÂMICAS COM DATAS EM TORNO DE 1.800 AP	CERÂMICAS BARRANCOIDE (INCISO-MODELADA OU BORDA INCISA)	CERÂMICAS MAIS RECENTES DOS SÍTIOS A MONTANTE	CERÂMICAS DA SUBTRADIÇÃO JATUARANA (TPA)
Pasta	Baixa inclusão de minerais (grãos de quartzo finos, arredondados ou subarredondados), com adição de caraipé e carvão; pasta porosa.	Alta inclusão de minerais (grãos de quartzo grossos e angulosos e subangulosos).	Baixa inclusão de minerais (grãos de quartzo finos, arredondados ou subarredondados), com adição de caraipé; poucos fragmentos com caixi.	Diversidade na escolha das pastas; somente mineral; com caraipé; e com caixi.	Baixa inclusão de elementos minerais (grão finos de quartzo, arredondados ou subarredondados), com adição de caraipé.
Técnicas de confecção	Acordelada (paredes, bordas e bases convexas) e modelada (bases planas e flanges).	Acordelada (paredes, bordas e bases convexas) e modelada (bases planas e flanges).	Acordelada (paredes, bordas e bases convexas) e modelada (bases planas, anelares, em pedestal e apêndices).	Acordelada (paredes, bordas e bases convexas) e modelada (bases planas, anelares e em pedestal, apêndices; trempes).	Acordelada.
Acabamentos de superfície	Alisamento (marcas semelhantes ao escovado), polimento, brunidura, barbotina, engobo vermelho, laranja, vinho e branco.	Alisamento fino e polimento.	Alisamento (predomina fino), polimento, brunidura, barbotina, engobo vermelho.	Alisamento fino, polimento, brunidura, finas camadas de engobo vermelho.	Alisamento fino, polimento.
Pintura	Em cores variadas (vermelha, laranja, vinho e branca), aplicadas no lábio ou na face externa das vasilhas, às vezes associadas a incisões.	Ausente	Raros fragmentos com pintura vermelha e branca.	Pintura vermelha em traços finos (pasta com caixi) e pintura vermelha e branca em traços largos (pasta com caraipé).	Pintura vermelha e branca ou preta e branca na face externa.

Quadro 1. (cont.) Caracterização das escolhas tecnológicas predominantes e marcas de uso da cerâmica dos cinco conjuntos tecnológicos.

ATRIBUTOS	CERÂMICAS ANTIGAS (SEMELHANTES A SALADOIDE, POCÓ E AÇATUBA)	CERÂMICAS COM DATAS EM TORNO DE 1.800 AP	CERÂMICAS BARRANCOIDE (INCISO-MODELADA OU BORDA INCISA)	CERÂMICAS MAIS RECENTES DOS SÍTIOS À MONTANTE	CERÂMICAS DA SUBTRADIÇÃO JATUARANA (TPA)
Tratamentos plásticos	Inciso em motivos variados, escovado, acanalado, unglado, serrungulado, exciso, inciso e exciso, ponteadado, inciso e ponteadado, modelado e aplique (incluindo zoomorfo).	Inciso (pequena variação dos motivos), modelado, ponteadado e inciso e ponteadado.	Inciso, inciso e ponteadado, roletado, modelado (lábio) e apliques (esferas ou zoomorfos)	Raros incisos simples ou ponteados; incisões sobre a pintura branca.	Incisões finas em motivos complexos sobre a pintura branca.
Morfologia	Grande variação da forma das vasilhas: no espessamento das bordas e lábios (destacando-se as expandidas), bases convexas côncavas e plano-côncavas, carenas (contornos compostos e complexos), flagens labiais e meiais, boca circular e irregular; diâmetro de abertura entre 10 e 28 cm; assadores com diâmetros maiores de 50 cm.	Predomínio de bordas diretas inclinadas externamente e expandidas; flanges labiais (algumas logo abaixo do lábio); ausência de ângulos nas paredes; presença de bocas elípticas e irregulares; bases plano côncavas e convexas côncavas; diâmetro de abertura assadores maiores de 50 cm.	Vasilhas de contorno infletido e simples; predomínio de bordas contraídas; presença de lábios com acabamento irregular, destacando-se os apontados; bases convexas côncavas, plano côncavas, anelares, em pedestal; raras asas e alças; paredes finas (predomínio entre 6 e 10 mm); diâmetro de abertura entre 6 e 52 cm; presença de assadores.	Grande variação nos tamanhos das vasilhas; diâmetro de abertura entre 4 a 59 cm e espessuras de 3 a 30 mm; e nas formas: simples, infletidas, compostas e complexas; borda e bases de todas as formas.	Vasilhas com formas infletidas, compostas e complexas, bases convexas côncavas, lábios arredondados, planos ou biselados; diâmetro de abertura variando entre 8 e 61 cm;

Quadro 1. (cont.) Caracterização das escolhas tecnológicas predominantes e marcas de uso da cerâmica dos cinco conjuntos tecnológicos.

ATRIBUTOS	CERÂMICAS ANTIGAS (SEMELHANTES A SALADOIDE, POCÓ E AÇATUBA)	CERÂMICAS COM DATAS EM TORNO DE 1.800 AP	CERÂMICAS BARRANCOIDE (INCISO-MODELADA OU BORDA INCISA)	CERÂMICAS MAIS RECENTES DOS SÍTIOS A MONTANTE	CERÂMICAS DA SUBTRADIÇÃO JATUARANA (TPA)
Marcas de uso	Fuligem e depósito de carbono.	Não identificadas	Marcas de fermentação, fuligem e depósito de carbono frequentes; reciclagem (fusos e possíveis adornos).	Frequentes marcas de fermentação, fuligem e depósito de carbono.	Marcas de fermentação em vasilhas pintadas (diferentes formas) e de fuligem em vasilhas alisadas (infletidas).
Queima	Predomina queima reduzida (núcleos escuros).	Queima oxidante (núcleos claros)	Predomina a queima reduzida (núcleos escuros).	Predomina a oxidante (núcleos claros).	Predomina a reduzida (núcleos escuros).



Figura 1. Cerâmicas antigas do sítio Veneza (A, E, H-M, R-Z, BB), Vista Alegre (C-D, F, P, Q) e Santa Paula (G, N, O, AA); e cerâmicas das ocupações em torno de 1.800 AP nos sítios Morro dos Macacos I (CC, DD, II), Vista Alegre (EE-MM) e Foz do Jatuarana (NN, OO). Fotos: Scientia Consultoria Científica (2011-2013).

Nos sítios Vista Alegre, Boa Vista e Foz do Jatuarana, próximos entre si e distando entre 2 a 7 km das cachoeiras, a cerâmica antiga ocorre em baixa frequência, associada a camadas arqueológicas pouco espessas (10 a 40 cm), com sedimento bruno ou bruno avermelhado (10YR5/3, 7.5YR5/4, 7.5YR4/6, 10YR3/4; 10 YR3/1, 2.5Y 5/4), mais escuro na feição do Boa Vista (bruno escuro 10YR3/3), com raros líticos e presença frequente de carvão. Já nos sítios Veneza e Santa Paula, nas cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio, respectivamente, esta cerâmica ocorre em camadas mais espessas, com sedimentos mais escuros. No primeiro sítio, está associada a uma camada de 100 cm de espessura média com sedimento de coloração variando entre bruno muito escuro e cinzento muito escuro (10YR2/2; 10YR 3/1), em uma área de forma elipsoidal de 204 m de largura e 340 m de comprimento, enquanto no Santa Paula, está presente nos níveis mais profundos, em sedimento bruno e bruno muito escuro (10 YR3/4, 10 YR2/2). Já no sítio Ilha de Santo Antônio a sua presença é muito discreta nos níveis mais profundos, enquanto no sítio Veneza o material lítico ocorre em grande quantidade, constituído principalmente por lascas de quartzo (com possíveis pré-formas para adornos) e nódulos de laterita ou argilitos polidos ou lascados em mais de uma face (adornos e fontes de pigmento) (Nisinga, 2014), e nos demais sítios os líticos ocorrem em pequena quantidade.

No sítio Vista Alegre, uma estrutura de combustão escavada no nível em que ocorre a maior quantidade desta cerâmica foi datada em ^{14}C 2.080 \pm 30 AP, sendo um bom referencial cronológico para estas ocupações. No mesmo sítio foi obtida uma datação de ^{14}C 3.140 \pm 40 AP, porém de difícil correlação, por tratar-se de um contexto muito perturbado. No sítio Boa Vista, esta ocupação foi datada em ^{14}C 2.010 \pm 30 AP, sendo a datação de ^{14}C 4.470 \pm 40 AP obtida em níveis mais profundos da mesma escavação, de difícil associação nesse momento da pesquisa. No sítio Foz do Jatuarana, a data de ^{14}C 2.780 \pm 40 AP pode ser associada a esta cerâmica mais antiga. Nos sítios próximos às cachoeiras, a cronologia dessas ocupações precisa ser mais bem definida, porém, no sítio Santa Paula, três datações próximas (^{14}C 1.550 \pm 30 AP, 1.530 \pm 30 AP e 1.520 \pm 40 AP) podem estar relacionadas a este contexto, apesar de terem sido obtidas nas amostras de uma unidade com uma feição e ocorrência de cerâmicas associadas a dois conjuntos tecnológicos distintos. Comparando os sítios, observamos que nas proximidades das cachoeiras ocorre uma maior frequência de fragmentos cerâmicos, dispostos em camadas mais espessas (com excessão do sítio Ilha de Santo Antônio) e de coloração mais escura, se comparados com os sítios mais afastados (Boa Vista, Vista Alegre, Foz do Jatuarana).

Estes contextos e a cerâmica antiga no rio Madeira apresentam semelhanças com aqueles evidenciados no Ucayali Central (*Tutishcainyo Inferior e Superior*, *Shakimu Inferior e Superior*) (Lathrap, 1970), no Orinoco (Saladoide) (Osgood; Howard, 1943; Rouse; Cruxent, 1963; Oliver, 2014), na Amazônia Central (fase Açutuba) (Lima et al., 2006; Lima, 2008; Neves, 2012), Baixo Amazonas (fase Pocó) (Hilbert; Hilbert, 1980; Guapindaia, 2008) e médio Solimões (Costa, 2012). Recentemente Neves et al. (2014) denominaram estas cerâmicas e contextos do primeiro milênio antes de Cristo, encontrados em uma ampla região da Amazônia, entre a bacia do rio Trombetas até o baixo rio Japurá, de tradição Pocó-Açutuba, relacionando estas ocupações à formação inicial dos solos antrópicos (terras pretas) e à presença de feições com fragmentos cerâmicos nessa área. As datações mais antigas para estes contextos foram obtidas no baixo rio Japurá, no rio Trombetas e em Santarém (próximas de 3.000 AP), enquanto nas demais regiões estão situadas entre aproximadamente 2.300 e 1.200 AP (Neves et al., 2014: 142).

No rio Madeira, apesar da formação das terras pretas mais antigas ser associada a ocupações pré-ceramistas (Miller et al., 1992; Almeida, 2013), e de não ter sido analisada, até o momento, uma possível continuidade entre estas e as ceramistas, tudo indica que os produtores desta tecnologia cerâmica chegaram à região

das primeiras cachoeiras do rio Madeira no primeiro milênio antes de Cristo, e que possivelmente as datações obtidas por Miller (1992) no sítio Teotônio (2.730±75 AP) e Igapó I (2.340±90 AP) também estejam relacionadas a estas cerâmicas policromas antigas.

Ocupações ceramistas em torno de 1.800 AP

Nos sítios arqueológicos Morro dos Macacos I, Vista alegre e Foz do Jatuarana, localizados entre as cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio, e afastados entre 2 e 7 km destas, uma cerâmica com características tecnológicas distintas sobrepõe a mais antiga. Há particularidades na escolha da pasta (minerais angulosos; ausência de caraipê), nos acabamentos de superfície (ausência de engobo e pinturas), menor variação nos tratamentos plásticos e motivos das incisões. Estas se diferenciam do conjunto mais antigo por serem mais largas, produzidas com um instrumento de sessão arredondada e com a vasilha úmida (a cerâmica mais antiga era produzida com um instrumento pontiagudo, na vasilha mais seca), nas flanges ou bordas, bem como a menor variabilidade nas formas, que são predominantemente simples, algumas com boca irregular (Figura 1).

Nos três sítios esta cerâmica está presente em baixa frequência, em camadas de 10 a 20 cm de espessura, junto a sedimentos de coloração bruno a bruno amarelado claro (10YR4/3; 7.5YR5/4; 10YR6/4). A datação ^{14}C 1.810 ± 40 AP foi obtida de um contexto unicomponencial com carvão e fragmentos cerâmicos no sítio Morro dos Macacos I. No sítio Foz do Jatuarana, a datação ^{14}C 1.890 ± 30 AP obtida no nível de maior concentração desta cerâmica também pode ser associada a esta ocupação. No sítio Vista Alegre esta cerâmica, presente nos níveis 20-30 e 30-40 cm, está sobre a mais antiga, que predomina no nível 40-50 cm, datada em ^{14}C 2.080 ± 30 AP. As diferenças tecnológicas desta cerâmica permitem distingui-la da mais antiga, bem como os contextos onde ocorrem (camadas menos espessas, coloração mais clara e menor frequência de fragmentos), porém não conseguimos relacionar estes materiais a conjuntos cerâmicos conhecidos na Amazônia.

Cerâmicas Barrancoide no alto rio Madeira

Nos sítios Ilha de Santo Antônio, Santa Paula e Brejo, localizados junto à cachoeira de Santo Antônio e Teotônio (Figura 4), nos níveis superiores da escavação e sobre a cerâmica antiga com características Saladoide, Pocó e Açutuba no caso dos dois primeiros sítios, identificamos uma cerâmica com características tecnológicas diferenciadas. Esta também está presente nos níveis mais profundos dos sítios Ilha São Francisco, Ilha das Cobras e Ilha do Japó, localizados a montante entre as cachoeiras do Teotônio e Morrinhos, com certa variação tecnológica em relação aos sítios da jusante. Esta cerâmica é caracterizada principalmente pelas superfícies bem alisadas, polidas, brunidas ou com engobo vermelho, raros fragmentos com pintura, que podem estar relacionados a ocupações posteriores nos sítios, e tratamentos plásticos frequentes, destacando-se as incisões, às vezes associadas a ponteados, modelados ou apliques (esferas aplicadas, algumas com um ponteados no centro, que aos pares formam olhos), além do roletado na face externa das bordas e o lábio modelado em forma de bicos ou ondulações. Em relação à forma das vasilhas, destaca-se a espessura fina, a ausência de pontos angulares (carenas), com predomínio de vasilhas de contorno infletido e simples, a recorrência das bordas contraídas, a variação na forma das bases (incluindo as anelares), as

raras asas e alças e os fusos e peças circulares ou elipsoides (possíveis adornos) confeccionados a partir da reciclagem de fragmentos cerâmicos. São comuns também as marcas de fermentação, indicando o uso de vasilhas no armazenamento e consumo de bebidas fermentadas (Figuras 1 e 3). A alta frequência de bolotas de argila e a ocorrência de lâminas e adornos líticos polidos também caracterizam estas ocupações. Relacionamos este conjunto artefactual às tradições Borda Incisa, Barrancoide ou Inciso-Modelada, cujas cerâmicas são encontradas em uma ampla região, como no complexo *Hupa-Iya*, no Ucayali (Lathrap, 1970), na Amazônia Central representada pelas fases Manacapuru e Paredão (Machado, 2005; Lima, 2008; Moraes, 2006, 2013; Neves, 2012) e no baixo rio Madeira pelas ocupações da fase Axinim, situadas entre 1.250 e 800 AP (Moraes, 2013). No alto Madeira estas cerâmicas apresentam semelhanças com as das fases Manacapuru da Amazônia Central e Axinim do Baixo Madeira, porém com especificidades tecnológicas em função das trajetórias e relações históricas específicas que estes povos estabeleceram na região.

Os contextos arqueológicos e as cerâmicas apresentam variações nos diferentes sítios abordados, mesmo que estejam bastante próximos. Estas são mais evidentes quando comparamos os sítios a jusante e a montante. Nos sítios próximos às cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio (Ilha de Santo Antônio, Brejo e Santa Paula) as cerâmicas concentram-se sobre a mais antiga (com exceção do Brejo, onde esta não foi identificada), estão associadas à terra preta (10YR2/2; 10YR2/1; 10YR3/1), ocorrem em maior frequência e apresentam especificidades tecnológicas (polimento mais frequente e elaborado; pequenas variações no acabamento dos lábios; maior diversidade e frequência de tratamentos plásticos), em relação aos sítios a montante (ilhas de São Francisco, das Cobras e do Japó). Nestes últimos, estas ocupações são as primeiras destes sítios, não estando sobrepostas a camadas mais antigas, com exceção do sítio Ilha do Japó, que possui uma possível ocupação pré-ceramista; e apesar de se constituírem nos sedimentos mais escuros da camada arqueológica (10YR3/2; 7.5YR4/6; 7.5YR3/3), são mais claros que as terras pretas dos sítios da jusante. Entretanto, as semelhanças nas escolhas tecnológicas referentes à pasta, a queima, presença de barbotina, engobo vermelho e tratamentos plásticos (inciso, lábio modelado, roletado e apliques zoomorfos), bem como a espessura e forma das vasilhas, permitem agrupá-las no mesmo conjunto. No sítio Ilha do Japó, a forma subcircular (230 m x 140 m) da mancha de terra preta, a presença de lâminas e adornos líticos polidos, fusos cerâmicos, fragmentos de bordas com apêndice de suspensão (asa) e de feições com formas arredondadas ou subarredondadas e elípticas (algumas são buracos de estaca) são características que o aproxima dos sítios da jusante, especialmente do sítio Ilha de Santo Antônio, que possui uma mancha circular de terra preta (300 x 320 m), feições de dois tipos, as cônicas de buraco de estaca e as maiores com fundo côncavo e artefatos cerâmicos e líticos muito semelhantes. Conforme veremos adiante, estes sítios também se diferenciam pelos conjuntos que sobrepõem esta cerâmica Barrancoide. As variações percebidas podem ser decorrentes, em parte, da diferença no tamanho da amostra analisada, muito maior nos sítios da jusante, bem como da variação temporal, o que somente poderá ser averiguado com a realização de datações para os sítios a montante.

Até o momento, as datações foram feitas para os sítios entre as cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio, e, dentre estes, o sítio do Brejo possui a cronologia mais bem estabelecida, indicando ter sido ocupado durante seis séculos. O setor 1, mais próximo ao rio, apresentou cinco camadas arqueológicas (intercaladas por sedimento fluvial estéril proveniente das cheias) com datações ^{14}C 1.120 ± 40 AP (620-630 cm), 1.040 ± 60 AP (590-600 cm), 1.160 ± 40 AP (470-480), 1.040 ± 40 AP (350-360 cm), 890 ± 40 AP (150-160) e 760 ± 40 AP (80-90), enquanto o setor 5, distante 50 m do rio em elevação intermediária, possui uma datação de ^{14}C 940 ± 30 AP; e o setor 3, mais distante do rio na parte mais alta, uma datação de ^{14}C 1.390 ± 40 AP. A comparação da cerâmica dos diferentes setores demonstrou que houve mudanças

tecnológicas ao longo do tempo, com maior variação quanto à escolha da pasta, à frequência de tratamentos plásticos e à presença de pintura, principalmente a partir de 900 AP, porém na amostra analisada estas variações não foram suficientes para comprovar a presença de outros conjuntos tecnológicos. No sítio Ilha de Santo Antônio foi obtida a datação de ^{14}C 990 \pm 40 AP para esta ocupação, e no sítio Santa Paula, acreditamos que seja posterior ao período de 1.500 AP, tendo em vista as datas ^{14}C 1.550 \pm 30 AP, 1.530 \pm 30 AP e 1.520 \pm 40AP estarem associadas ao contexto com presença das duas cerâmicas com características Pocó-Açutuba e Barrancoide, sendo de difícil correlação. Neste sítio estão presentes montículos distribuídos em torno de uma área central. Parece evidente, a partir dos referenciais cronológicos obtidos na Ilha de Santo Antônio e Brejo, que em torno do ano 1.000 dC a região era ocupada pelos povos portadores da cerâmica Barrancoide, com um possível sistema regional envolvendo relações de trocas e comércio, o que acarretaria na maior variabilidade de algumas escolhas tecnológicas e nas variações nos contextos dos diversos sítios (Figura 2).

Essas variações não ocorrem apenas entre os sítios da montante e os da jusante, mas são também evidentes quando comparamos estes últimos entre si. Enquanto naqueles próximos à cachoeira de Santo Antônio o material lítico polido e lascado é abundante, no sítio Santa Paula ocorre em frequência muito menor. Além disso, no sítio do Brejo as decorações plásticas são menos frequentes que nos sítios Ilha de Santo Antônio e Santa Paula, enquanto sobressai a presença de fuligem, o que pode indicar a existência de diferentes áreas de atividades em sítios bastante próximos. Já no sítio Santa Paula algumas vasilhas apresentam diâmetro de abertura e das bases maior que nos outros dois. Portanto, essas ocupações caracterizam-se pela grande diversidade nos contextos e cerâmicas, apesar das muitas semelhanças. Alguns fragmentos tipicamente Barrancoides aparecem também no sítio Teotônio (aplique zoomorfo). Uma questão importante a ser averiguada no decorrer das pesquisas é sobre as permanências e mudanças entre este conjunto (Barrancoide) e o mais antigo (semelhante à Saladoide, Pocó-Açutuba). Uma análise não sistemática já aponta semelhanças que podem representar relações históricas entre ambos.

Cerâmicas das ocupações indígenas mais recentes nos sítios a montante

Nos níveis superiores das escavações dos sítios Ilha São Francisco, Ilha das Cobras, Ilha do Japó e Ilha Dionísio, localizados a montante da cachoeira do Teotônio, identificamos uma cerâmica com características tecnológicas diferentes daquelas dos níveis mais profundos. Nos três primeiros este contexto está sobre a cerâmica Barrancoide, que descrevemos no tópico anterior, enquanto no Dionísio está separada por uma camada estéril de uma ocupação mais antiga, cuja cerâmica não conseguimos associar aos conjuntos que identificamos. A cerâmica em questão, dos níveis superiores destes sítios, é caracterizada pela maior variação na escolha da pasta, pela coloração laranja dos núcleos, superfícies bem alisadas, polidas, brunidas ou com engobo vermelho, raros tratamentos plásticos e presença de pintura, que ocorre na cor vermelha e em traços finos diretamente sobre a superfície das vasilhas com caixi ou em traços largos nas cores vermelha e branca (associadas com incisões) em vasilhas com caraipé na pasta. Além disso, as vasilhas possuem grande variação nos tamanhos, espessuras e formas (Figuras 1 e 4).

Nas quatro ilhas há a presença de feições de polimento e de gravuras rupestres. Nos sítios Ilha do Japó e Ilha Dionísio, dos quais exploramos mais as informações contextuais, esta cerâmica aparece associada a



Figura 2. Cerâmicas Barrancoide dos sítios Ilha de Santo Antônio (C-E, G-O, S, U, Y, BB, CC, FF-II, KK, LL, OO, PP, RR-XX, ZZ, AD-AI, AJ), Brejo (EE, JJ), Santa Paula (A, F, W, X, Z, AA, AB, QQ, YY, NN), Teotônio (T), Ilha São Francisco (B, AC, MM, WW), Ilha das Cobras (P, Q) e Ilha do Japó (DD, R). Fotos: Scientia Consultoria Científica (2011-2013).

uma camada de sedimento bruno escuro e bruno avermelhado escuro (7.5YR3/3; 10 YR 3/3; 2.5 YR 2/4), com presença de material lítico (lâminas e adornos polidos, seixos lascados de quartzo e sílexito, percutores e bigornas), bolotas de argila e estruturas de pequenos seixos amontoados. Em ambos foram evidenciadas estruturas de fragmentos cerâmicos dispostos na posição horizontal, podendo ser intencionalmente organizados e delimitando o início da ocupação. Ocorrem também fragmentos de trempe nos dois sítios. No Japó, a cerâmica ocorre em uma área circular e na Ilha Dionísio em uma área com forma semicircular ou de ferradura. Nesse sítio foram evidenciados dois possíveis contextos funerários (com apenas raros fragmentos ósseos pequenos) nas extremidades norte e sul da ilha, com vasilhas inteiras enterradas, algumas com tampa (fragmentos), associadas a estruturas de combustão, estruturas de seixos e de fragmentos cerâmicos, assim como a lâminas e adornos polidos e vasilhas em miniatura. Essas ocupações não foram datadas até o momento.

Identificamos semelhanças destes contextos com os da fase Paredão, da Amazônia Central e Axinim, do baixo Madeira (Moraes, 2013), e com os da tradição Descalvados, no Pantanal de Cáceres (Migliacio, 2002), porém não conseguimos associá-los a nenhuma dessas tradições. Algumas vasilhas provenientes do rio Guaporé, que compõem o acervo do Museu Estadual de Rondônia (Miller, 1983), assim como da área da UHE Jirau, expostas no Centro Cultural de Nova Mutum Paraná, possuem formas e tratamentos de superfície semelhantes às das quatro ilhas. Além disso, identificamos fragmentos ou vasilhas deste conjunto tecnológico de forma esporádica em alguns sítios a jusante, como no Brejo e Morro dos Macacos I, em que vasilhas com estas características ocorrem associadas a vasilhas da Tradição Polícroma da Amazônia, em possíveis contextos funerários. No sítio Teotônio, três vasilhas cerâmicas inteiras são bastante semelhantes (pastam acabamentos, forma) as da Ilha Dionísio. Já no sítio Vista Alegre, alguns fragmentos estão associados à cerâmica da ocupação da Tradição Polícroma da Amazônia, e no Brejo estes são mais frequentes no período final da ocupação. Sugerimos que estes contextos são evidências de relações de trocas entre povos que ocuparam predominante as proximidades das cachoeiras do Teotônio e Santo Antônio, e aqueles que ocuparam a área acima destas, entretanto, somente com a continuidade das pesquisas e a realização de novas datações poderá ser verificada a existência de uma fronteira cultural e territorial nesta área.

Cerâmicas da Subtradição Jatuarana (Tradição Polícroma da Amazônia)

As cerâmicas características da Tradição Polícroma da Amazônia nesta região, denominada Subtradição Jatuarana (Miller, 1992), estão presentes na maioria dos sítios pesquisados. Trata-se de uma cerâmica que apresenta pintura vermelha e branca ou preta e branca na face externa, algumas vezes associada a incisões finas e grande variabilidade na forma das vasilhas, incluindo os contornos simples, infletidos, compostos e complexos (Figuras 1 e 3).

Apesar de estarem presentes em toda a área pesquisada, na maioria dos sítios essas cerâmicas ocorrem apenas nos níveis mais superficiais da camada arqueológica, misturadas com os fragmentos de conjuntos tecnológicos mais antigos, sendo difícil caracterizar as suas ocupações. Este é o caso dos sítios Ilha de Santo Antônio, Brejo e Santa Paula, que apresentam fragmentos da subtradição Jatuarana nos níveis mais superficiais, junto à terra preta, sobrepondo e misturando-se com as cerâmicas Barrancoide. Na Ilha de



Figura 3. Cerâmicas da Subtradição Jatuarana (Tradição Policroma da Amazônia): sítios Ilha de Santo Antônio (A, B, E, F), Brejo (M), Novo Engenho Velho (N-Q, Z, AA), São Domingos (S), Morro dos Macacos I (C, K), Boa Vista (L, T, U), Vista Alegre (D, R, V, W), Santa Paula (Y) e Coração (G-J); e abaixo cerâmicas das ocupações mais recentes das ilhas a montante: sítio Ilha Dionísio (BB-II, KK-MM) e Ilha do Japó (DD, JJ). Fotos: Scientia Consultoria Científica (2011-2013).

Santo Antônio foram escavadas três vasilhas cerâmicas (possíveis urnas funerárias) Jatuarana enterradas na camada arqueológica da ocupação anterior Barrancoide, assim como no sítio do Brejo, em que foram encontrados fragmentos de uma vasilha policroma em um contexto semelhante. Vasilhas da subtradição Jatuarana também foram encontradas pelos moradores do sítio Morro dos Macacos I e do sítio Coração, enterradas e agrupadas em áreas com ausência de outros vestígios arqueológicos, sendo possíveis cemitérios com urnas e tampas. Já em uma área do sítio Boa Vista ocorrem cerâmicas desta tradição, incluindo panelas (fuligem), vasilhas pequenas para o consumo de alimentos e líquidos e vasilhas com pintura, também utilizadas para servir ou armazenar, tratando-se de um contexto unicomponencial com baixa densidade de material arqueológico. Além deste, nos níveis mais superficiais do sítio Vista Alegre (sobre a camada arqueológica da ocupação em torno de 1.800 AP), também ocorrem fragmentos de vasilhas cerâmicas com diferentes formas e funções. Portanto, nestes dois sítios foi possível identificar um contexto de ocupação relacionado à Tradição Policroma da Amazônia.

Nos sítios citados, os contextos associados a esta tradição não foram datados, porém em outros, localizados próximos a cachoeira de Santo Antônio, como o Novo Engenho Velho, São Domingos e Campelo, foram obtidas datações para contextos que, como indicam a triagem do material e as descrições de campo, possivelmente associados a esta Tradição. O primeiro sítio abordado na pesquisa de Pessoa (2015), foi datado em ^{14}C 490 ± 50 AP; o segundo em ^{14}C 500 ± 30 e 360 ± 30 AP; e o terceiro em ^{14}C 370 ± 40 AP, estando presentes as características como bordas expandidas e extrovertidas com ponto angular, bases plano côncavas, pintura vermelha e branca, decoração acanalada e apliques. No sítio Bom Futuro, localizado mais a montante da área, também foram encontradas cerâmicas com estas características.

As vasilhas cerâmicas da Subtradição Jatuarana apresentam uma grande variabilidade em relação às formas e decorações, apesar de apresentarem elementos comuns. Em alguns sítios predominam as pinturas pretas e brancas (Morro dos Macacos I, Boa Vista), em outros as vermelhas e brancas (Ilha de Santo Antônio, Vista Alegre, Coração); na maioria dos sítios é comum a pintura em traços largos, com exceção do sítio Coração onde são finos; em alguns sítios é comum a aplicação de incisões com motivos complexos sobre a pintura branca (Morro dos Macacos I, Boa Vista, Vista Alegre); em outros são frequentes os acanalados e apliques (Novo Engenho Velho, Campelo, São Domingos, Bom Futuro); na maioria dos sítios predominam formas infletidas, enquanto no sítio Coração sobressaem as compostas. A grande variabilidade morfológica e decorativa (Vassoler, 2014) parece uma característica desta tradição, sendo percebida em outras áreas da Amazônia (Lathrap, 1970; Tamanaha, 2012). À medida que é difícil, a partir dos dados obtidos delimitar o início dessas ocupações na região do alto rio Madeira, parece evidente que os produtores desta tradição tecnológica permaneceram na região até os séculos XVI e XVII, assim como no baixo curso do rio Madeira e na Amazônia Central (Moraes e Neves, 2012; Moraes, 2013). No alto rio Madeira, Almeida (2013) obteve as datações ^{14}C 1.250 ± 30 AP, 940 ± 40 AP, 980 ± 40 AP, 620 ± 60 AP, 540 ± 40 AP e 590 ± 40 AP para estas ocupações. Se a continuidade das pesquisas confirmar a cronologia disponível no momento, esses povos estiveram na região ao menos durante oito séculos. Conforme destacamos no tópico anterior, é comum a associação de fragmentos cerâmicos ou vasilhas desta tradição a outras com características tecnológicas do quarto conjunto que descrevemos (ocupações mais recentes dos sítios à montante), como nos sítios do Brejo, Morro dos Macacos I e Vista Alegre, indicando possíveis relações de trocas de objetos, pessoas ou conhecimentos, e delineando a hipótese de uma possível fronteira cultural na região. Tais perspectivas poderão ser contempladas com o andamento das pesquisas na região e o refinamento da cronologia.

Variabilidade tecnológica e diversidade cultural no Alto rio Madeira

Os artefatos são produzidos e utilizados de acordo com escolhas dos indivíduos em contextos sociais e históricos específicos, e segundo a tradição cultural do grupo. Sendo assim, entendemos que os cinco conjuntos tecnológicos (Figura 4) identificados representam a diversidade cultural que caracteriza a complexa história indígena de longa duração na região do alto rio Madeira. Entre os contextos evidenciados estão presentes elementos que podem ser associados à presença dos povos de matriz cultural Arawak, representados pelo menos por dois dos conjuntos tecnológicos: a cerâmica antiga (semelhante à Açutuba, Pocó e Saladoide) e a cerâmica Barrancoide.

Conforme Heckenberger (2001, 2002, 2005), algumas características como hierarquia social, regionalidade, sedentarismo, agricultura intensiva e cerâmica Barrancoide, que compõem o padrão cultural regional do alto Xingu, e que podem ser associadas aos povos Arawak, estão presentes em uma área abrangente, chamada Periferia Meridional da Amazônia, compreendida entre o alto, Xingu a leste, e as terras baixas da Bolívia, a oeste. Para este autor, a área de origem e dispersão dos falantes Arawak está na região entre o alto rio Negro e o alto rio Orinoco, de onde teriam partido para áreas bastante amplas, em direção a centros de dispersão secundários, entre eles o alto rio Madeira, expandindo-se para o oeste (Acre e Peru), sul (terras baixas da Bolívia) e leste (Periferia Meridional).

Nos últimos anos, abordagens multidisciplinares e comparativas têm demonstrado que as expansões dos falantes Arawak ocorreram através de uma série de ondas migratórias ao longo dos grandes rios da Amazônia, em um período de cerca de dois milênios, envolvendo relações históricas entre estes e os falantes da maioria das famílias linguísticas, como os Carib, Tukano, Pano e Tupi, resultando em

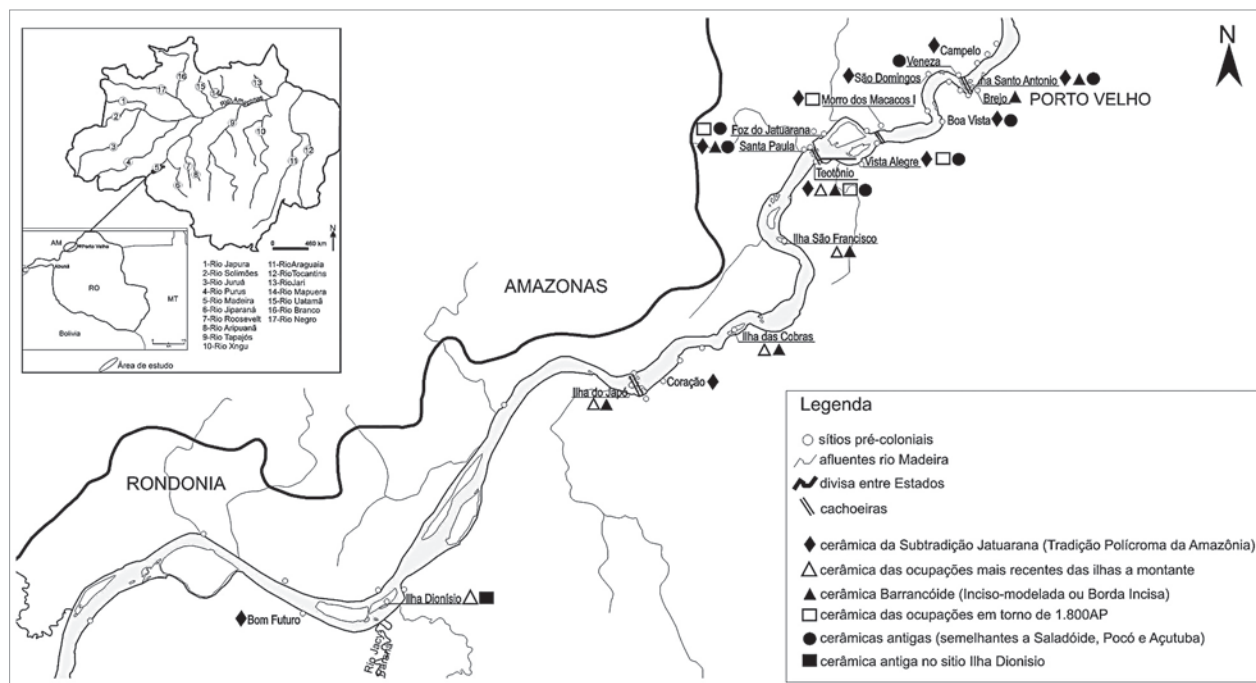


Figura 4. Mapa com a localização da área de estudo e distribuição dos conjuntos tecnológicos identificados nos sítios pesquisados (Mapa: Michelle Tizuka, 2014)

contextos multilinguísticos e etnogênicos (Hill; Santos Granero, 2002; Hornborg; Hill, 2011; Eriksen, 2011; Hornborg; Eriksen, 2011; Hill, 2013). De acordo com Eriksen (2011), teria existido uma extensa esfera de interações no sudoeste amazônico há pelo menos 2.000 anos até o período colonial, envolvendo os povos Arawak, tendo os rios Tapajós, Xingu, Tocantins, Purus, Madeira, Guaporé e *Madre de Dios* como importantes caminhos fluviais, abrangendo uma vasta região por volta de 1.000 dC, até se intensificarem as expansões dos falantes do tronco Tupi.

No alto rio Madeira, a presença de terra preta associada à cerâmica antiga (semelhante à Saladoide e Pocó-Açutuba) a partir de 2.780 ± 40 AP, entre as cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio, e à cerâmica Barrancoide, com datas entre 1.390 ± 40 AP e 940 ± 30 AP, entre a primeira cachoeira e Morrinhos, assemelha-se a outros contextos da Amazônia relacionados à presença dos povos Arawak (Lima, 2008; Moraes, 2013; Neves et al., 2014). Além disso, em torno de 1.000 AP ocorrem evidências de um aumento demográfico e de um possível sistema regional em que há uma maior frequência de fragmentos cerâmicos, a formação de espessas camadas de terra preta, presença de lâminas e adornos corporais polidos, a construção de montículos, no caso do sítio Santa Paula; e a grande variabilidade no registro arqueológico e nas escolhas tecnológicas na confecção dos artefatos cerâmicos. Sistemas regionais envolvendo a circulação de artefatos, pessoas e conhecimentos ocorrem na Amazônia, a exemplo do alto Xingu (Heckenberger, 2001) e alto rio Negro (Neves, 1999), e suas características estão presentes nos contextos arqueológicos da Amazônia Central (Lima, 2008; Neves, 2012; Moraes, 2013), no baixo rio Madeira (Moraes, 2013), alto rio Paraguai (Migliacio, 2002, 2006) e alto Guaporé (Erig Lima, 2012). Entendemos que a grande variabilidade nos contextos e cerâmicas associadas à presença de falantes Arawak pode ser compreendida pela própria característica da sua expansão, envolvendo relações históricas com outros povos, a formação de contextos multilinguísticos e etnogênicos, a recriação de identidades étnicas e sociais e transformações da cultura material.

A posterior ocupação da região do alto Madeira pelos povos produtores da cerâmica da Subtradição Jatuarana (TPA) acarretou numa série de transformações na história local, porém, somente o refinamento da sequência crono-estratigráfica poderá estabelecer a temporalidade e características deste processo. De acordo com as informações obtidas até o momento, em torno de 1.000 AP, enquanto alguns sítios eram ocupados pelos produtores da cerâmica Barrancoide (Zuse, 2014), outros eram relacionados às ocupações da Subtradição Jatuarana (Almeida, 2013). De acordo com as datas apresentadas, esses povos permaneceram na região até os séculos XVI e XVII, assim como ocorreu no baixo curso do rio Madeira e na Amazônia Central (Moraes, 2013).

Estudos da tecnologia cerâmica contribuem significativamente para a superação dos modelos evolucionistas e deterministas que dão ênfase às limitações do meio e das técnicas. São cada vez mais conhecidas as evidências de manejo e criação de paisagens e da diversidade de estratégias que os povos indígenas adotaram, tendo em vista a natureza complexa e fluida das identidades sociais e culturais. A partir de uma perspectiva contextual e histórica, buscando o aprimoramento das sequências culturais no alto rio Madeira será possível contribuir para o conhecimento da história indígena na região.

Agradecimentos

Agradeço a Scientia consultoria científica, pela disponibilização dos dados e estrutura para a realização da pesquisa. Ao Renato Kipnis, a Michelle Tizuka, Juliana Santi, Cliverson Pessoa, Angislaine Costa, Francisco Chagas, Edileno Duran, Karleny Costa e demais pesquisadores, pela colaboração.



A CERÂMICA POLÍCROMA DO RIO MADEIRA

Fernando Ozório de Almeida
Claide de Paula Moraes

ABSTRACT

The Polychrome ceramics from the Madeira river

The aim of this paper is to present the ceramic material of the so-called “Polychrome Tradition of Amazonia”, along the basin of the Madeira River. Besides the technological and stylistic elements of this pottery we will discuss other aspects of this tradition, including a brief history of its research, its chronology, and the settlement patterns. Based on the Madeira basin data, we argue that the Polychrome Tradition spread quickly throughout Amazonia. Furthermore, we suggest that through space and time, this style gained sophistication through the addition of new elements.

RESUMEN

La cerámica policroma del río Madeira

El objetivo de este estudio es presentar la alfarería de la llamada “Tradición Policroma de la Amazonia”, en la cuenca del río Madeira. Aparte de la descripción de los elementos tecnológicos y estilísticos de la cerámica, expondremos otros aspectos de esta Tradición, incluyendo una resumida historia de la investigación, su cronología y patrones de asentamiento. Argumentamos, en base a los datos de la cuenca del Madeira, que la Tradición Policroma se difundió rápidamente por la Amazonia. Además, proponemos que este estilo ganó en sofisticación, por la adición de nuevos elementos, a través del tiempo y del espacio.

Introdução

A cerâmica arqueológica da Tradição Policroma da Amazônia (TPA) encontra-se amplamente difundida na Amazônia em sítios localizados nas margens de drenagens primárias e secundárias pertencentes às bacias dos rios Madeira, Negro e Solimões. Consideramos que a cerâmica policrômica do Baixo Amazonas (e.g. fase Marajoara) é um agrupamento mais antigo, e não faz parte dessa Tradição (Almeida, 2013; Neves, 2012). Neste artigo discutiremos o material TPA do rio Madeira, assim como alguns aspectos das sociedades que produziram essas cerâmicas, dialogando também com trabalhos de áreas mais amplas da Amazônia.

A cerâmica da Tradição Policroma, de maneira geral, pode ser caracterizada pela presença de vasilhames com pasta clara, temperadas com caraipé, com ângulos nas paredes (carenas, ombros e bordas cambadas), com presença de flanges labiais e mesiais, decorações incisas, acanaladas e pinturas policrômicas (variações de tons vermelhos, preto e branco). Os sítios dessa Tradição muitas vezes possuem enterramentos secundários em urnas: as do médio e Alto Amazonas (Neves, 2012: 225) e as do baixo Madeira (Moraes, 2013) são caracterizadas por um rosto antropomorfo (a tampa do vaso) com uma “tiara”.

Esse conjunto foi inicialmente definido por Howard (1947), que sistematiza os dados da cerâmica Policroma, denominando-a uma *divisão*, sendo o primeiro autor a inserir esta cerâmica em um contexto mais amplo. Tal conjunto seria trabalhado por Meggers e Evans (1957) e Evans e Meggers (1968) em pesquisas na foz do Amazonas e no rio Napo. Ao propor a hipótese de que essa cerâmica teria se difundido rapidamente do alto para o Baixo Amazonas, esses arqueólogos a classificam como sendo um Horizonte (Evans; Meggers, 1968).

Posteriormente, a cerâmica Policroma foi retrabalhada por Lathrap (1970), Brochado (1984, 1989) e Brochado e Lathrap (1982). O argumento central do modelo proposto pelos autores era de que a cerâmica Policroma teria surgido na Amazônia Central, vinculada a grupos de língua Tupi, e possuiria uma profundidade temporal que permitia chamá-la de uma Tradição (Lathrap, 1970). O uso do termo “Tradição” Policroma segue em uso pela maioria dos arqueólogos (e.g. Almeida; Neves, 2014; Machado, 2005; Moraes, 2013; Tamanaha, 2012), e a relação dessa Tradição com grupos Tupi continua sendo constantemente debatida (e.g. Almeida, 2013; Moraes e Neves, 2012). Por sua vez, a hipótese de que a Amazônia Central era o centro de expansão dos grupos da TPA foi refutada, ao ser verificado que a cronologia dessa Tradição era recente nessa região, no início do segundo milênio da era cristã (Heckenberger; Neves; Petersen, 1998).

A incerteza quanto ao grau de relação entre a TPA e grupos Tupi, e quanto à região a partir da qual os produtores dessa cerâmica começaram a se expandir, levou os pesquisadores a voltarem os olhos para o rio Madeira. É no alto trecho desse rio onde se encontra a maior diversidade de grupos de línguas Tupi (Migliazza, 1982; Rodrigues; Cabral, 2012; Urban, 1992, 1996): do ponto de vista linguístico, um suposto centro de expansão desses grupos. Da mesma forma, uma datação de cal. 1049 a 750 aC relacionada ao material TPA do alto Madeira (Miller, 1992) fornecia uma evidência arqueológica quanto a um possível centro de expansão dos produtores dessa cerâmica. Ou seja, o contexto do rio Madeira o credencia como uma área-chave para a compreensão da história dos grupos indígenas que manufacturavam cerâmica da Tradição Policroma da Amazônia.

A TPA no rio Madeira

A caracterização da cerâmica da Tradição Policroma do rio Madeira foi definida durante os trabalhos do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (PRONAPABA) por Eurico Miller (1992, 1999) e Mário Simões (Simões; Lopes, 1987), que realizaram pesquisas no alto e baixo curso do rio, respectivamente. Tais pesquisas levaram à criação de subgrupos dentro dessa Tradição: a Subtradição Jatuarana, para o alto Madeira; e a fase Borba, para o baixo. Entretanto, a baixa variabilidade estilística entre as cerâmicas Borba e Guarita da Amazônia Central, torna desnecessário distingui-las (Moraes, 2013). Assim, denominaremos a cerâmica do baixo Madeira de cerâmica Guarita.

Os assentamentos de produtores de cerâmica Jatuarana encontram-se invariavelmente em áreas em que é possível observar uma grande ocorrência de palmeiras de urucurí (*Attalea excelsa* Mart.) e marajá (*Pyrenoglyphis marajá*) (Miller, 1992: 223). No baixo curso do rio, o caioué (*Elaeis oleifera*) é um forte indicador da presença de sítios (Junqueira, 2008). A cerâmica Policroma é identificada em todo o médio e baixo curso do Madeira (Figura 1). Nesse rio e nos seus principais afluentes os assentamentos geralmente ficam restritos às áreas navegáveis, incluindo os grandes lagos de meandro, a montante das maiores cachoeiras ou corredeiras. Rio acima das grandes cachoeiras (i.e. onde é impossível a navegação) são encontrados apenas sítios cerimoniais (funerários) (cf. Miller, 1992; Moutinho; Robrahn-González, 2010).

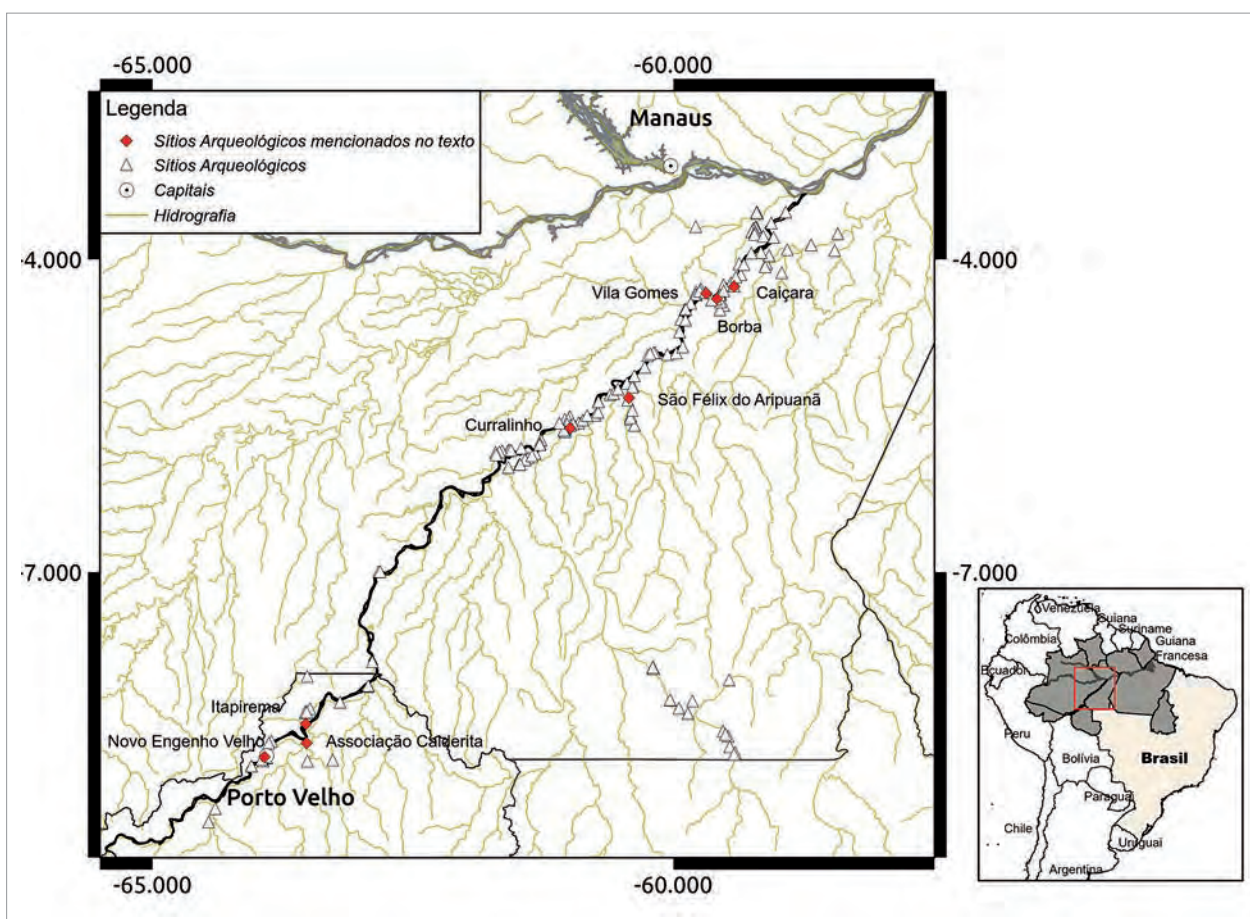


Figura 1. Sítios da Tradição Policroma na bacia do rio Madeira.

Não parece haver um padrão quanto à disposição das casas, embora seja possível argumentar que há um predomínio de sítios lineares. Um exemplo desse tipo de assentamento é o sítio Itapirema, localizado na margem esquerda do rio Madeira, em frente à foz do rio Jamari. Esse sítio possui aproximadamente um quilômetro de extensão, e é constituído por uma série de manchas de terra preta acompanhando as margens do rio (Almeida, 2013). No baixo Madeira, próximo à foz do rio Aripuanã, encontra-se o sítio São Félix do Aripuanã, também Polícromo, e com proporções ainda maiores que o sítio Itapirema: são dois quilômetros de extensão e até 500 metros de largura (Moraes, 2013). Rio acima, nas proximidades da cachoeira de Santo Antônio, pode-se encontrar o sítio Novo Engenho Velho, com material TPA, e que apresenta uma clara disposição circular (Zuse, 2014).

Aparentemente, a maioria dos sítios Polícromos no rio Madeira é unicomponencial. Quando nos aproximamos do baixo curso, o padrão se assemelha ao dos sítios da Amazônia Central, nos quais o material TPA é identificado no topo de estratigrafias complexas, relacionadas a múltiplas ocupações (Machado, 2005; Moraes, 2006; Lima, 2008; Tamanaha, 2012). No caso do sítio Itapirema, foi observado um único pacote arqueológico que tem uma cronologia com datas calibradas bem próximas: cal. 1.270 a 1.430 dC e cal. 1.310 a 1.360 dC. Ou seja, trata-se de uma aparente longa ocupação (i.e. mais de 100 anos) por um único grupo (Almeida, 2013). Já no sítio Associação Calderita, no baixo Jamari (alto Madeira), foi observada a reocupação pelo mesmo grupo produtor de cerâmica Jatuarana. Ao se comparar a área desse sítio (2,4 ha) com a do sítio Itapirema (8,5 ha), pode-se ter noção da variação da extensão dos assentamentos.

Uma possível explicação para a variabilidade na área dos assentamentos são as diferentes funções dos sítios. Por exemplo, no alto Madeira a presença de sítios com áreas de 3.500 m² no lago do Cuniã (Simões, 1983) seria relacionada a atividades de pesca. A presença de sítios com urnas funerárias no entorno da cachoeira do Jirau também é um claro exemplo de assentamentos TPA com funções específicas (cf. Miller, 1992; Moutinho; Robrahn-González, 2010). No caso do sítio Teotônio, que é multicomponencial, com presença de cerâmica Jatuarana e estruturas funerárias, pode-se argumentar que tais estruturas estariam relacionadas a outras ocupações.

Miller (1992: 223) indica a presença de sítios de “oficinas líticas” relacionadas à Subtradição Jatuarana. Nos sítios de habitação, o material lítico é bastante escasso e, em geral, restringe-se a algumas lâminas polidas fragmentas. Uma exceção vem do sítio Teotônio, no qual foi identificada uma grande quantidade de microlascas de quartzo (< 2 cm), assim como alguns percutores, quebra-coquinhos e calibradores. Nesse sítio, alguns artefatos líticos parecem relacionados à manufatura cerâmica, como seixos para polir e peças de granito com vestígios de pigmento vermelho, sugerindo que foram utilizadas para a extração desse pigmento por meio de conglomerados ferrosos (Almeida, 2013).

Raros no alto Madeira – uma exceção seria o sítio Teotônio – os sítios multicomponenciais que possuem um componente Polícromo passam a ser frequentes no baixo curso desse rio. Na área urbana do município de Borba, por exemplo, encontra-se o sítio homônimo, que apresenta material Axinim (Tradição Borda Incisa) nos estratos mais profundos e cerâmica Polícroma nos superficiais. O sítio Caiçara, escavado por Simões e Lopes (1987), apresenta estratigrafia idêntica. Nessa região, a cerâmica Axinim tem cronologia estimada por datações radiocarbônicas entre os séculos I e XIII da era cristã. Já a cerâmica Polícroma está datada entre os séculos XIII e XVII, mas provavelmente é mais antiga (Moraes, 2013).

A cerâmica Jatuarana é mais simples do que o material TPA encontrado no baixo Madeira e nos rios Negro e Solimões. Se considerarmos que o alto Madeira é, de fato, o centro de dispersão dessa Tradição –

o que está longe de ser uma certeza – e que o Alto Amazonas é um dos limites atingidos pela dispersão desses grupos, um olhar para a cerâmica TPA pode identificar uma acumulação de elementos entre esses extremos. Desde o início de sua cronologia, por volta do século VII dC, até a descrição da cerâmica Policroma dos Omágua do Alto Amazonas por Carvajal (1941 [1542]) quase mil anos depois, é possível observar que a TPA se desloca espacialmente e se torna mais complexa tecnologicamente. A dinâmica de movimentação desses grupos ao longo de drenagens amazônicas grandes e medianas, a intensidade dos contatos com outros grupos ao redor do ano 1.000 dC, refletiu-se nas escolhas tecnológicas das oleiras e, por consequência, teve influência nos estilos cerâmicos que compõem a TPA.

As flanges mesiais, por exemplo, são atributos diagnósticos da Tradição Policroma (Oliveira, neste volume), em especial na região da Amazônia Central (cf. Hilbert, 1968; Machado, 2005; Moraes, 2006; Tamanaha, 2012), mas ocorrem também no Alto Amazonas (Evans; Meggers, 1968; Lathrap, 1970; Weber, 1975), no médio rio Negro (Lima, 2013) e no baixo Madeira (Moraes, 2013; Simões; Lopes, 1987). No alto Madeira, as flanges mesiais não são relacionadas à cerâmica Jatuarana. Da mesma forma, a decoração acanalada, recorrentemente aplicada sobre as flanges mesiais, labiais ou sobre o ombro de vasos constrictos, é pouco recorrente no alto Madeira, onde é comum encontrar incisões mais finas. Miller (1992: 224) afirma que os acanalados aparecem nas cerâmicas Jatuarana mais tardias.

As urnas funerárias são o exemplo mais didático dessa complexificação tecnológica rio Madeira abaixo e rio Amazonas acima, enquanto que a forma cilíndrica, com bojo inferior arredondado, tampa com topo aplainado e uso de policromia como tratamento de superfície são recorrentes em toda a Tradição, a quantidade (e qualidade) dos atributos plásticos das urnas é muito maior na Amazônia Central e no médio e alto curso do Solimões do que no alto Madeira (cf. Evans; Meggers, 1968; Moutinho; Robrahn-González, 2010). Os atributos plásticos conferem um aspecto mais naturalístico ao antropomorfismo das urnas (cf. Barreto, 2009), assim como o fazem os elementos icônicos que compõem as decorações policrômicas. Neste sentido, foi observada uma grande padronização entre as decorações policrômicas do baixo Madeira, com a Amazônia Central e o Alto Amazonas (Moraes; Neves, 2012). Pinturas formando motivos escalonados, por sua vez, são comuns em todas as áreas de ocorrência da TPA, incluindo o alto Madeira (Figura 2).

De maneira geral, atributos modelados zoo ou antropomorfos são ausentes na cerâmica TPA do alto Madeira. Até o momento, a exceção é uma figura tridimensional zoomorfa encontrada no sítio Itapirema. Em geral, no alto Madeira os motivos incisos são encontrados na face interna de vasos extrovertidos ou de flanges labiais e possuem padrões bidimensionais bastante simples, geométricos, em formas de trapézio ou gregas. Nas bordas (ou flanges) recortadas é comum a ocorrência de motivos incisos formados por linhas paralelas que acompanham o contorno do recorte.

A policromia, por sua vez, é basicamente restrita a variações de pigmentos vermelhos e brancos, e é executada na face externa dos vasos. Pigmentos pretos, laranjas e amarelos são raros. Os motivos muitas vezes possuem espessura larga (> 2 cm) que são adequadas para serem observados de longe, como em grandes festividades (cf. Bowser, 2002). Em sítios com dimensões menores (e.g. sítio Associação Calderita com 2,4 ha de área) foi observada grande presença de fragmentos com engobo vermelho, mas ocorrem poucas peças com motivos pintados.

Nos sítios cerâmicos da calha do rio Madeira, o antiplástico não é um bom indicio da diferenciação cultural (cf. Tamanaha, 2012), pois nem todos os sítios Policromos possuem cerâmica temperada com caraipé (o suposto atributo diagnóstico desta Tradição), enquanto uma variedade de indústrias culturalmente



Figura 2. Material policromo do alto rio Madeira.

diferentes possui esse antiplástico. O sítio Itapirema, por exemplo, é temperado predominantemente com cauixi. A onipresença deste antiplástico na indústria cerâmica deste sítio sugere que se trata de uma intrusão na argila e não de um tempero (Almeida, 2013). No sítio Itapirema, o caraipé é pouco frequente, mas pode ser encontrado em duas formas diferentes “A e B” (cf. Wüst, 1990), variedades também encontradas no baixo Madeira. O caraipé A é o mais popular, sendo conhecido por seu aspecto fibroso, enquanto o caraipé B é constituído por filetes semelhantes ao cauixi, de cor branco leitoso e sem as extremidades afiladas. Uma diferença marcante é que, comparado ao cauixi, o caraipé B é facilmente visível a olho nu. Algumas amostras de cerâmica com caraipé B foram analisadas por Caroline Caromano (com. pessoal), que sugere se tratar das fibras de um fruto de palmeira (cf. Métraux, 1942).

Outro aspecto que diferencia o sítio Itapirema dos demais é a presença de dois tipos de argila, em algumas peças. Há documentação etnográfica do uso de mais de um tipo de argila na Amazônia peruana, como nos vasos dos Shipibo-Conibo do rio Ucayali, que utilizam até três tipos de argila em um mesmo vasilhame (DeBoer; Lathrap, 1979: 116-119). Nesses dois contextos, a diferença é que os Shipibo-Conibo utilizam diferentes argilas para distintas partes do vaso (base, parede e base), enquanto no sítio Itapirema os dois tipos de argila foram identificados na mesma parte do vaso (e.g. na borda).

As formas dos vasilhames são predominantemente abertas, com grande presença de tigelas rasas, muitas delas com flanges labiais e bases planas; e algumas com bocas com contornos irregulares angulares. São essas as formas em que as decorações incisas e pintadas são mais frequentes. A correlação entre essa forma e as decorações incisas e pintadas sugere que tais vasilhames poderiam ter uso ritual. A presença das flanges labiais e a baixa capacidade volumétrica indica que tais vasos seriam muito mais adequados para o serviço e consumo de alimentos sólidos do que de líquidos (facilmente derramáveis). Os sítios TPA do alto Madeira também possuem vasos com formas compostas ou complexas (um ou mais ângulos na parede), e muitos também com decorações incisas e/ou pintadas. Pratos espessos e com grandes diâmetros (até 60 cm) sugerem a presença de assadores. Grandes vasos constrictos (sítios Itapirema e Teotônio), com volumes que por vezes superam os 60 litros, sugerem a presença de vasilhas para armazenamento de alimentos (Almeida, 2013) (Figuras 3 e 4).

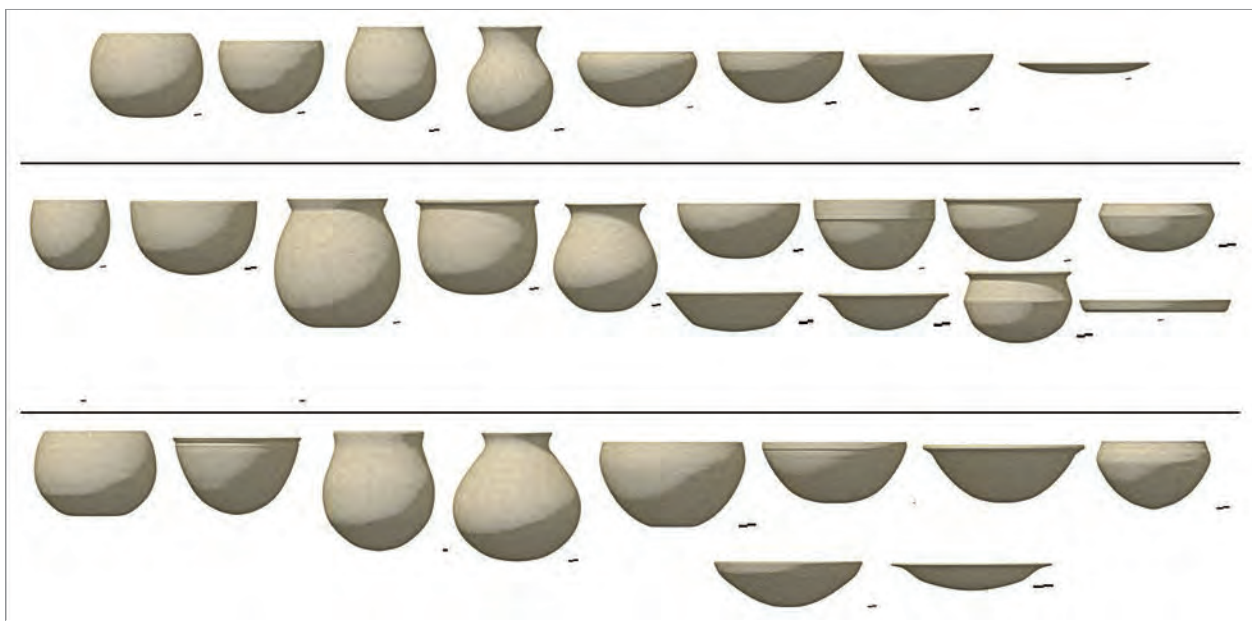


Figura 3. Formas cerâmicas do alto rio Madeira.



Figura 4. Material policromo do baixo rio Madeira.

No baixo Madeira não foram identificados vasos de volume grande, o que talvez se deva à pequena amostragem desse material. Assim como no alto Madeira, a indústria cerâmica parece mais voltada para o preparo e consumo de alimentos sólidos ou pastosos, pois é muito recorrente a presença de pratos rasos, adequados para o preparo e consumo de alimentos (Moraes, 2013).

Duas policromias, duas cronologias

Miller (1992: 224), ao descrever os atributos da Subtradição Jatuarana, indica que as análises preliminares dessa cerâmica sugerem “*mudanças significativas através do tempo*”, com predomínio de técnicas plásticas nas cerâmicas mais antigas e crômicas nas mais recentes. Entretanto, as análises recentes desse material, ainda em andamento, sugerem que se trata de dois agrupamentos policrômicos distintos. É possível sugerir que o mais antigo seria uma variante da Tradição Pocó-Açutuba (Neves, 2012; Neves et al., 2014; cf. Guapindaia, 2008; Hilbert; Hilbert, 1980; Lima; Neves; Petersen, 2006), enquanto que o mais recente faria parte da TPA (i.e. da Subtradição Jatuarana).

O material cerâmico Pocó-Açutuba encontrado nos níveis mais profundos do sítio Teotônio (+-200 cm) é uma indústria muito mais elaborada que a cerâmica Jatuarana, com fino acabamento, uma queima com temperatura elevada, o que conferiria aos vasos um aspecto lustroso e uma grande durabilidade. Conforme postulou Miller (1992), esse material encontra-se associado a fragmentos com grande variedade de decorações plásticas (e.g. escovados, ponteados, ungulados, serrungulados).

Mesmo com uma baixa quantidade de datas, a cronologia regional parece fornecer uma evidência consistente de que se trata de duas indústrias distintas (Almeida; Neves, 2014). A primeira, Pocó-Açutuba, identificada nos sítios Teotônio e Igapó 1 (alto Madeira), possuiria datas que recuariam até próximo ao início do primeiro milênio antes da era cristã. A segunda, mais recente, teria suas datas mais recuadas no século VIII dC e as datas mais recentes nos séculos precedentes à entrada dos europeus, e até o séc. XVII para a Amazônia Central (Figura 5). Em síntese, os dados atuais apontam para um hiato de mais de 1.000 anos entre as duas ocupações policrômicas do alto Madeira, o que também significa que a TPA não era tão antiga quanto foi postulado por Miller (1992, 1999). Neste artigo não buscaremos explicar a gênese da cerâmica TPA, mas apenas sugerir que uma das possíveis influências estilísticas para o surgimento da Tradição Policroma é justamente essa policromia mais antiga (cf. Almeida, 2013).

Os dados atuais apontam para uma TPA recente, e com ampla dispersão nos séculos VIII e IX dC: no alto Madeira, no baixo rio Negro e no médio Solimões (Almeida, 2013; Costa, 2012; Moraes, 2013; Simões; Kaukmann, 1987; Tamanaha, 2012). Essa difusão ampla e rápida da cerâmica Policroma de certa forma resgata o caráter de “Horizonte” utilizado por Meggers e Evans (1957, 1961; Evans; Meggers, 1968), e parece sugerir menos uma expansão linear (cf. Brochado, 1984, 1989; Lathrap, 1970) do que uma dinâmica intensa de movimentações de idas e vindas ao longo dos rios. A manutenção de muitos elementos que caracterizam a cerâmica Policroma até o período colonial (i.e. séc. XVII), no entanto, não invalida que se qualifique esse conjunto como uma “Tradição”.

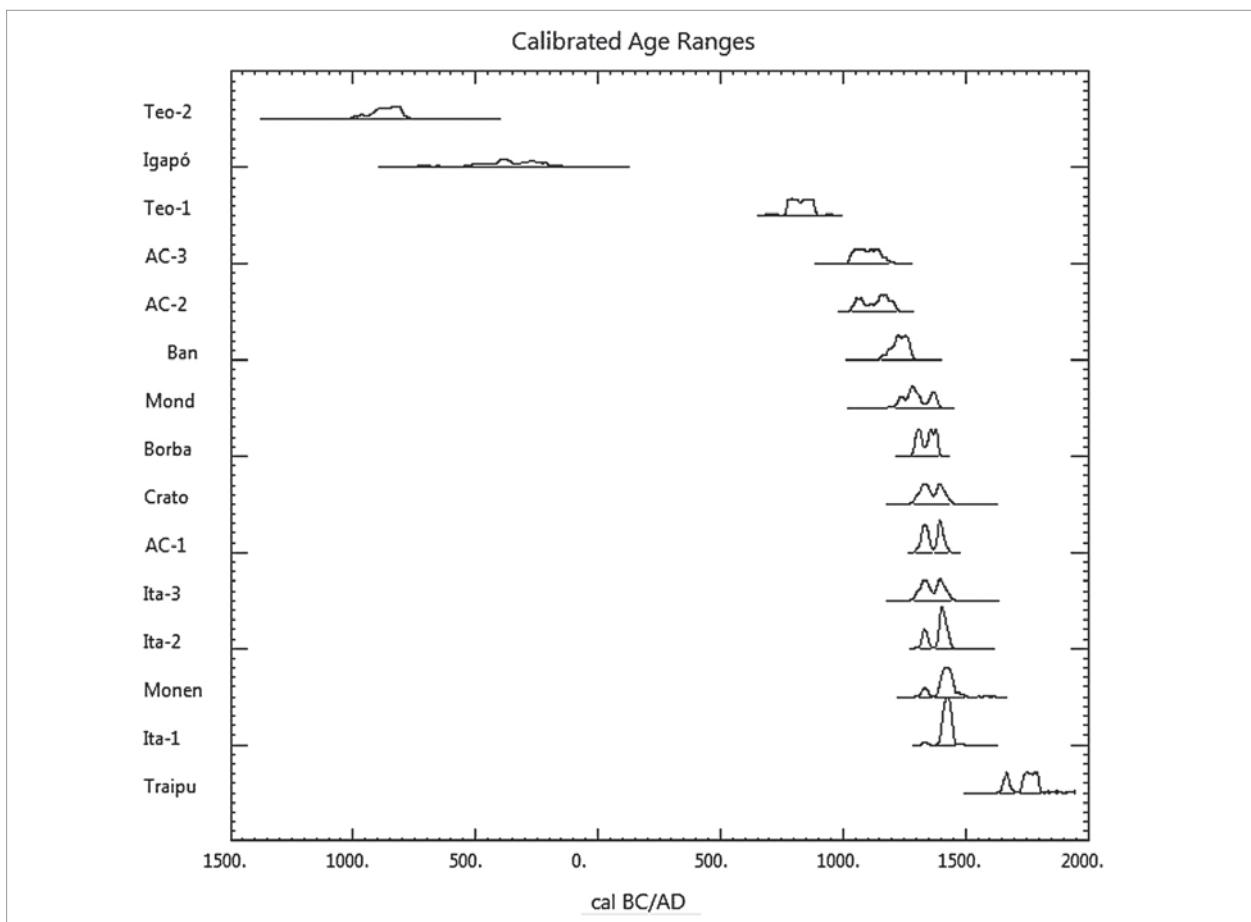


Figura 5. Cronologia para a TPA no alto Madeira. É possível visualizar a diferença cronológica com relação às datações da Tradição Pocó-Açutuba (Teo-2; Igapó), assim como a maior profundidade cronológica do alto (sítios Teotônio, Associação Calderita e Itapirema), frente à do baixo Madeira (demais sítios).

A expansão da TPA e o modelo das "Buffer Zones" (ou áreas tampão)

Trabalhos realizados nas últimas duas décadas na Amazônia Central e no rio Madeira têm demonstrado uma significativa presença de sítios Polícromos: mais de duas centenas de sítios identificados entre a região de Tefé e do alto Madeira (Almeida 2013; Moraes, 2013; Tamanaha, 2012; Zuse, 2014). A cronologia mostra que foram os produtores dessa cerâmica os últimos a ocuparem a região até o início do período colonial. Na Amazônia Central, especula-se que a maioria dos sítios mais antigos – relacionados às fases Açutuba, Manacapuru e/ou Paredão (Lima, 2008; Moraes, 2013) – foi reocupada por grupos com cerâmica TPA, enquanto que Solimões acima (entre os municípios de Manacapuru e Coari) quase todos os sítios escavados apresentaram somente vestígios de ocupações Polícromas (Tamanaha, 2012). Isso significa que os produtores dessa cerâmica tanto colonizaram novas áreas como também se aproveitaram de áreas com longas histórias de ocupação. Autores como Belletti (neste volume) atualmente buscam compreender as diferentes possibilidades funcionais dessas reocupações.

Arqueologicamente, o que se observa é uma ruptura estratigráfica nesses sítios multicomponenciais, muitos com ocupações milenares. De maneira geral, as ocupações cerâmicas pré-Policromas (Fases Açutuba, Manacapuru e Paredão) parecem relacionadas a um processo lento, contínuo, mas de crescimento demográfico irregular. Os sítios Manacapuru e Açutuba, predominantes nos primeiros séculos da era cristã, ocupam espaços consideravelmente menores que as ocupações seguintes. Por exemplo, o sítio Jacurixí, um sítio da Fase Açutuba estudado por Lima (2008), possui área de cerca de 5 hectares, enquanto que o sítio Açutuba, encontrado na margem direita do rio Negro, possui uma ocupação Paredão com cerca de 90 hectares de área.

A partir do século VII da era cristã, o cenário muda drasticamente. Na Amazônia Central começam a florescer ocupações de grande porte, como o caso do sítio Osvaldo, no Lago do Limão (Chirinos, 2007). Nesse momento, paralelo às ocupações da fase Manacapuru, surgem os primeiros sítios ligados à fase Paredão. A presença sincrônica de material Paredão em sítios Manacapuru e vice-versa sugere que o convívio entre os produtores dessas cerâmicas foi predominantemente pacífico (Mongeló, 2011). A existência das *buffer zones* ou zonas tampão nos arredores da Amazônia Central também pode ter contribuído para um longo período de estabilidade cultural (Tamanaha, 2012), até que essas *buffer zones* fossem ocupadas por grupos exógenos.

No século IX, aparecem na região as primeiras datas relacionadas a cerâmicas da Tradição Polícroma. Nesse período, é provável que as ocupações policromas já estivessem alastradas ao longo de grandes extensões do rio Madeira. As datas obtidas para o contexto Polícromo no baixo rio Madeira são mais recentes que as da Amazônia Central, porém a cronologia construída rio acima por Eurico Miller apresenta datas próximas do período observado na Amazônia Central. No município de Manicoré, Miller identificou sítios Polícromos – Mondengo (cal. 1218 a 1392 dC) e Banheiro (cal. 1161 a 1284 dC) – e sítios não Polícromos (Axinim?) rio abaixo de uma extensa área recentemente prospectada, e que possui somente sítios TPA (Moraes, 2013). Em outras palavras, a ausência ou baixa presença de material Axinim na atual fronteira dos estados de Rondônia e do Amazonas sugere a existência local de uma *buffer zone*, uma área de contenção separando os grupos do alto e do baixo Madeira, muito semelhante à descrita para o médio Solimões (Tamanaha, 2012) assim como para o Alto Amazonas (DeBoer, 1981) e para o baixo Jamari, na bacia do alto Madeira (Almeida, 2013). A localização dos sítios arqueológicos no baixo Madeira permite sugerir uma invasão da *buffer zone* por parte dos grupos Polícromos, e uma eventual contração dos grupos Axinim. A reocupação de sítios Axinim, nas proximidades de Manicoré, por grupos Polícromos, também subsidia essa interpretação.

Durante a revisão do material escavado por Simões e Lopes (1987) no sítio Currallinho, localizado no município de Manicoré, na margem direita do rio Madeira, percebeu-se que em grande parte da estratigrafia, principalmente após 40 cm de profundidade, o sítio apresenta cerâmicas Polícromas e Axinim. As datas obtidas no sítio sugerem que por volta do final do primeiro milênio da era cristã os grupos Polícromos já ocupavam a região. No entanto, nas proximidades da foz do rio Aripuanã encontra-se o maior de todos os sítios identificados no nosso levantamento arqueológico da região. O sítio São Felix do Aripuanã apresenta grande densidade de material TPA em uma área de terra preta estimada em 80 hectares, uma possível convergência com o modelo proposto por DeBoer (1981), em que aponta para a existência de grandes sítios nas áreas de fronteira, nos limiares das *buffer zones*.

Com a expansão Polícroma, a ocupação regional vinculada à Fase Axinim teria retraído drasticamente. Cerca de 140 quilômetros abaixo do sítio São Felix do Aripuanã encontramos dois sítios com fortes indícios de períodos conflitantes na região. Os sítios Vila Gomes e Borba, também de grandes proporções (o sítio Vila Gomes compreende uma área de 40 hectares), seriam amplos assentamentos de produtores de cerâmica Axinim, fortificados com valas defensivas. Parece que nesse momento, por volta do ano mil, o cenário regional evoluiu para o nível catastrófico proposto no modelo de DeBoer (1981). A presença de material Polícromo sobre o material Axinim nos sítios fortificados ou o desaparecimento da cerâmica

Axinim nos séculos seguintes sugere que as valas não foram suficientes para conter os invasores. O mesmo pode ser dito para a Amazônia Central. Por volta do século XII não existem mais registros relacionados aos produtores da cerâmica da Fase Paredão. Ocorre, então, no baixo Madeira e no médio Amazonas, uma onipresença Polícroma que perdurará até o período colonial.

Assim, em virtude das pesquisas incipientes realizadas até o momento, pode-se inferir um processo análogo de colonização de *buffer zones*, por parte de populações produtoras de cerâmica Polícroma no baixo rio Madeira e no médio Solimões. Pode-se igualmente sugerir a existência, a partir do século VII, de dois contextos quase que paralelos de contatos bélicos entre os produtores de cerâmica Polícroma e os de cerâmica Axinim no Madeira, e Polícroma e Paredão na Amazônia Central. A semelhança entre as cerâmicas Axinim e Paredão (Moraes; Nogueira, neste volume), torna esses contextos ainda mais semelhantes. A temporalidade desses contatos em ambos os contextos também é muito próxima, por volta do ano 1.000 dC (Moraes; Neves, 2012).

Muito ainda precisa ser esclarecido sobre essa caótica dispersão da Tradição Polícroma (Tamanaha, 2012; Tamanaha; Neves, 2014). Por exemplo, acredita-se que as drenagens secundárias amazônicas ainda foram subexploradas por pesquisas relacionadas ao tema. Resta compreender melhor o papel dos produtores de cerâmica Polícroma em regiões em que esse material não está associado a contextos conflituosos, como parece ser o caso do alto Madeira. Os componentes linguísticos e históricos também necessitam ser aprofundados. A presença maciça de grupos de língua Tupi no alto Madeira e a vinculação da cerâmica Polícroma aos Omágua do Alto Amazonas, também falantes de línguas desse tronco, parece sugerir a vinculação Tupi-Polícroma. Entretanto, a presença de material polícromo em áreas que não são historicamente vinculadas à presença de grupos Tupi, como na bacia do rio Negro (cf. Lima, 2013), sugere que o quadro não é tão simples, assim como o fato de os Omágua serem falantes de línguas pertencentes à família Tupi-Guarani (cf. Urban, 1992), historicamente ausente no alto Madeira (cf. Almeida, 2013).

Outro ponto espinhoso é explicar a geograficamente a ampla presença histórica, no baixo Madeira setecentista, de dois grupos antagônicos – os Tupinambarana (Tupi-Guarani) e os Iruri (não Tupi) – sendo que a arqueologia sugere uma certa homogeneidade cultural (Polícroma) para essa região nesse período (Cypriano, 2007; Menéndez, 1981/1982, 1984/1985). O mesmo vale para a presença histórica de grupos Manaó, de língua Aruak, na área da atual cidade de Manaus (Nimuendaju, 1944). Trata-se de um conjunto de elementos que sugerem a possibilidade de que a Tradição Polícroma não represente uma correlação literal entre língua e cultura material. Mesmo que a TPA fosse predominantemente Tupi, é possível que grupos não Tupi também produzissem material Polícromo, e que mesmo dentro do “núcleo” Tupi haveria muita heterogeneidade. Até certo ponto, essa heterogeneidade é esperada para grupos que empreenderam movimentações tão dinâmicas, como foi o caso de produtores de cerâmica TPA.

Tendo esse panorama em mente, pode-se afirmar que a chamada Tradição Polícroma da Amazônia se refere a um complexo emaranhado de histórias de vários coletivos indígenas, que ainda possui muitas lacunas: como se deram esses movimentos; as formas de ocupação e reocupação dos espaços (e.g. a importância da terra preta no momento de ocupar uma área); a variabilidade dos tipos de assentamento; a variabilidade espacial interna dos sítios; a importância da caça, da pesca, dos alimentos domesticados e não domesticados na economia desses grupos; as relações de guerra e comércio com os grupos com os quais tiveram contato; os rituais e grandes festividades; as teias de significados dos símbolos e ícones encontrados nos vasos; as diferenças entre as sociedades que produziram essas cerâmicas, a correlação entre língua e cultura material e a adoção dessa cerâmica por grupos linguisticamente distintos. Todos esses temas estão atualmente sendo trabalhados por muitos pesquisadores em diferentes contextos. Em todos esses contextos a análise cerâmica possui um papel preponderante.

CERÂMICAS DO ACRE

Sanna Saunaluoma

RESUMEN

Cerâmicas de Acre

En Acre, el registro de las investigaciones arqueológicas es bastante escasa y reciente, en comparación con muchas otras partes de la Amazonia. Ondemar Dias realizó los primeros estudios arqueológicos en Acre, bajo los auspicios de PRONAPABA a finales de 1970, y estableció las tradiciones de cerámica para la región. Los datos relacionados con el valle del río Juruá siguen siendo desconocidos. La tradición Quinari, establecida para la cuenca del alto Purús, contiene cinco sub-fases, de las cuales las fases Quinari, Iquiri y Xapuri están asociadas con sitios situados en las tierras altas entre los ríos Acre y Abuna en el Acre oriental. Conjuntos cerámicos que no se corresponden a las fases de la tradición Quinari han sido recuperados en varios sitios en la cuenca del Alto Purús. En consecuencia, para desarrollar una comprensión completa de las cerâmicas de Acre, es necesaria una reevaluación de las colecciones existentes, además de la adquisición de nuevos datos, cronológicamente y contextualmente bien definidos, procedentes de diferentes tipos de sitios arqueológicos y no solamente de los geoglifos.

ABSTRACT

Ceramics from Acre

In Acre, the record of archaeological research is quite scant and fairly recent, compared with that of many other parts of Amazonia. Ondemar Dias carried out the first archaeological studies in Acre, under the auspices of the PRONAPABA in the late 1970s, and established ceramic traditions for the region. The data pertaining to the Juruá river valley remain unknown. The Quinari tradition for the upper Purus basin contains five sub-phases, of which the Quinari, Iquiri, and Xapuri Phases are associated with sites in the interfluvial upland between the Acre and Abunã rivers in eastern Acre. Ceramic assemblages that do not readily correspond to the above-mentioned phases have been recovered at several sites in the Upper Purus Basin. Consequently, to develop a comprehensive understanding of the Acre ceramics, a re-evaluation of existing collections is needed, in addition to acquiring new, chronologically and contextually well defined data from different types of archaeological sites, not only from geoglyphs.

Introdução

No Acre, o registro das pesquisas arqueológicas é ainda bastante escasso e relativamente recente, em comparação com o de muitas outras partes da Amazônia. Ondemar Dias (2006) realizou os primeiros estudos arqueológicos no Acre, sob os auspícios do projeto PRONAPABA, no final da década 1970 (Dias, 2006). Durante o PRONAPABA, vários sítios pré-colombianos no Alto Purus e na bacia do rio Juruá, incluindo sítios de ocorrência cerâmica, sítios de acampamento, cemitérios de urnas e algumas estruturas de terra circulares foram pesquisados e registrados. Dias retornou ao Acre com suas alunas Rosa Mary Latini e Ieda Nícoli na década 1990, para investigar o material cerâmico dos sítios com estruturas de terra (Latini, 1998; Latini et al., 2001; Nícoli, 2000), estabelecendo tradições cerâmicas na região: Quinari para a bacia do rio Purus e Acuriá para o vale do rio Juruá (Dias, 2006). Ademais, na sua palestra no II Simpósio de Arqueologia da Amazônia Ocidental, Dias menciona duas outras tradições para a região de Juruá: Japiim e Muru (Dias, 2012). Até no momento, os dados sobre aquelas tradições do Juruá não foram publicados (Figura 1).

A Tradição Quinari é composta pelas fases Quinari, Iquiri, Xapuri e Yaco (Dias; Carvalho, 1988). A área de ocorrência das fases Quinari, Iquiri e Xapuri está nas planícies entre os rios Acre, Iquiri e Abunã, no leste do estado do Acre (Figura 1). A fase Yaco é encontrada na bacia de rio Iaco e seus tributários, próximo da fronteira com o estado de Amazonas. As fases Quinari e Xapuri seriam associadas às estruturas de terra geométricas – os geoglifos. Conforme o conhecimento atual, área de ocorrência da fase Yaco localiza-se fora da extensão central dos geoglifos. Na sua publicação mais recente, Dias (2006: 186-187) ainda se refere a fase Jacuru, apresentando pouco material e que esta se estenderia do norte do Acre ao município de Boca do Acre, no estado do Amazonas.

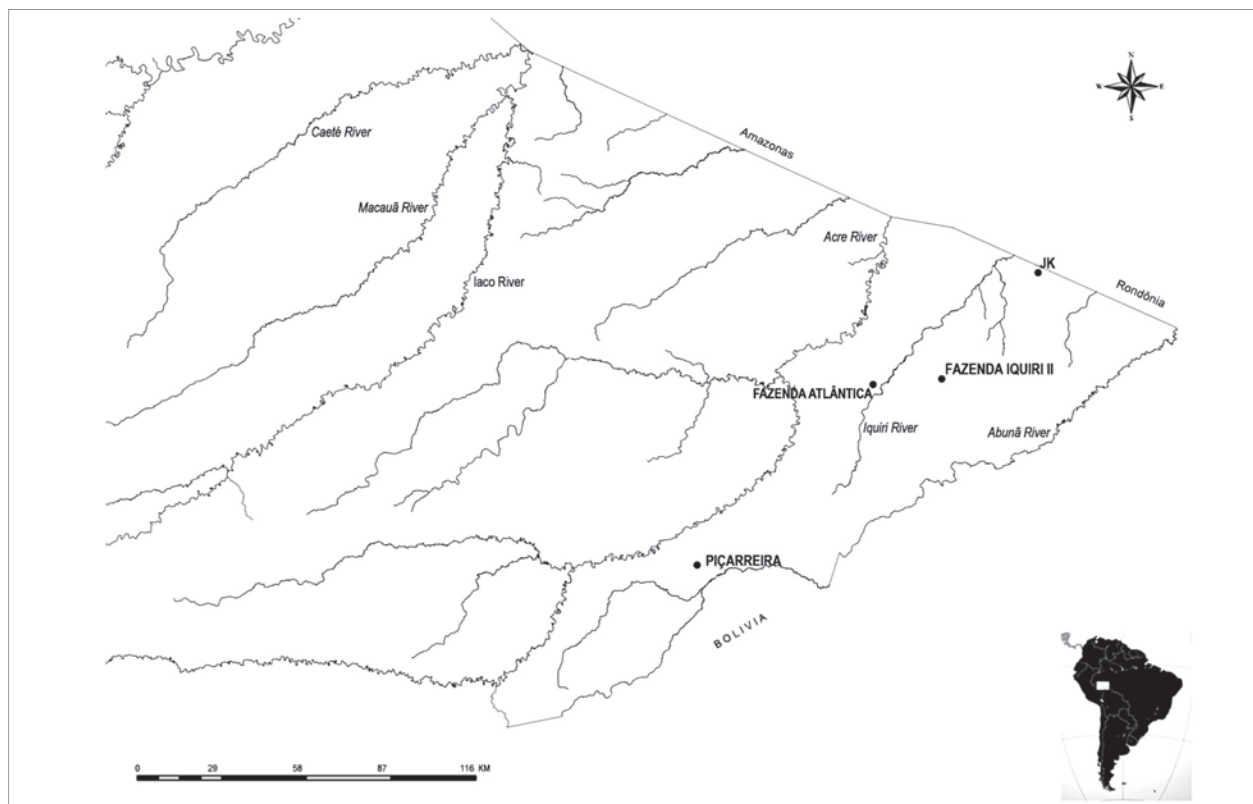


Figura 1. Localização dos principais rios do estado do Acre e sítios arqueológicos mencionados no texto.

Desde o ano de 2007, as pesquisas no Acre têm se intensificado consideravelmente. Tanto os projetos acadêmicos de pesquisa quanto os trabalhos de arqueologia de contrato têm aumentado o nosso conhecimento sobre a arqueologia regional, em particular sobre os sítios de geoglifos (Saunaluoma, 2013). Geoglifos são formados por valetas contínuas de diferentes formas geométricas (normalmente círculos e quadrados) e tamanhos variados, em associação com uma mureta exterior e caminhos em linha reta, que frequentemente conectam os geoglifos separados e os ligam aos igarapés adjacentes. Hoje, cerca 400 geoglifos, construídos principalmente para fins cerimoniais, sem evidências de uso habitacional permanente, são registrados na Amazônia Ocidental, sendo a grande maioria na região do Alto Purus. Recentemente, no âmbito das pesquisas com os geoglifos, outros tipos de sítios arqueológicos foram identificados, entre eles os pequenos montículos artificiais dispostos de forma circular ou oval. O número de sítios de montículos, que eram provavelmente sítios de moradia fixa, é bem menor, cerca 20 sítios conhecidos no Acre. Vale lembrar que o número de todos os tipos de sítios arqueológicos aumenta juntamente com o desmatamento avançado, que facilita identificação dos sítios através de imagens de satélite e prospecção no campo.

As datações radiocarbônicas e de TL obtidas nos sítios arqueológicos indicam o intervalo de tempo aproximadamente desde 1.000 aC até o final de século XV dC, sendo o auge do uso dos geoglifos de 200 aC a 900 AD (Dias, 2006; Saunaluoma, 2013). Os sítios de montículos são notavelmente mais tardios que os geoglifos datados até o momento.

Densidade da cultura material nos geoglifos é baixa, enquanto que nos sítios de montículos é alta. Nos sítios de geoglifos as cerâmicas foram encontradas acumuladas nas bases das valetas, nas muretas e em feições especiais, onde o material cerâmico cuidadosamente elaborado foi depositado intencionalmente, apontando a uma função votiva. Essas feições rituais foram encontradas nos fundos das valetas, próximo da entrada principal do sítio e nos pequenos montículos artificiais ou elevações registradas em alguns sítios. Nos sítios de montículos as cerâmicas estão concentradas nos próprios montículos. Nos dois tipos de sítio, as áreas planas cercadas pelas estruturas de terra encontram-se geralmente vazias de material cultural.

A cerâmica utilitária sem decoração, que representa a maior parte do material cerâmico recuperado nos sítios, é fragmentada e as superfícies são erodidas. Mesmo assim, frequentemente ocorrem engobos e banhos vermelhos, marrons e brancos. Fragmentos com superfície escovada são escassos. Nos sítios de montículos muitos fragmentos cerâmicos têm fuligem na superfície externa, como indicações do uso de cocção. Fragmentos de carvão e cariapé são os materiais de antiplástico mais comuns, mas hematita e caco moído também foram usados. A coloração da pasta de material cerâmica é bem variada. As bolhas de ar e núcleos escuros são geralmente encontrados na pasta. Nos sítios de montículos encontram-se amiúde fragmentos de recipientes formados pela rústica técnica de roletes. A cerâmica decorada é de melhor qualidade.

Segundo Dias (2006), a tradição Quinari apresenta uma grande variabilidade de formas cerâmicas entre os sítios, sendo as formas cilíndricas e globulares as principais. No material coletado durante as pesquisas recentes, as formas carenadas (Figura 2) são mais comuns que os cilindros. Os tipos de bordas mais frequentes são as diretas simples e as extrovertidas. O tipo de base mais comum é a plana, mas ocorrem também bases arredondadas e pequenas bases em pedestal.

Vasos antropomorfos globulares com pescoços e bases cilíndricas representando rostos humanos, utilizando a técnica de aplique, são considerados típicos da tradição Quinari (Dias, 2006). Porém, até o momento estes vasos não foram encontrados nos sítios acreanos depois das pesquisas realizadas por Dias. Vários



Figura 2. Uma vasilha carenada restaurada de sítio geoglifo Fazenda Atlântica com flange labial e decoração incisa. Diâmetro da boca 25 cm. Foto: Sanna Saunaluoma.

vasos antropomorfos (Figura 3), atualmente armazenados no Museu da Borracha, em Rio Branco, foram recuperados no início da década de 1970, por Arthur Jerosch, um residente local do município de Plácido de Castro. De acordo com o catálogo do museu, os artefatos foram encontrados depositados na superfície do solo na floresta, na região da bacia do rio Abunã. Portanto, para determinar a função e o contexto cultural desses vasos, seria necessária uma reavaliação para verificar se eles de fato têm uma correlação com os sítios de geoglifos – ou se eles foram fabricados por outra população que ocupava a região após a construção e o uso principal das estruturas geométricas de terra no Acre.

A decoração consiste principalmente em incisões de linhas horizontais paralelas, as quais muitas vezes são executadas nas bordas, e ocasionalmente no interior das vasilhas (Figura 4D). Incisões curvilíneas e escalonadas (Figura 4C), e ungulados (Figura 4A) também ocorrem, mas em menor proporção, assim como a cerâmica pintada em linhas vermelhas ou pretas sobre engobo branco (Figura 4B). Elementos moldados são praticamente inexistentes.

As coleções cerâmicas estudadas indicam uma clara diferença funcional, sendo a maioria composta por cerâmica utilitária associada às unidades residenciais e utilizada em armazenamento e processamento de alimentos, e a menor parte incluindo cerâmica a mais fina decorada, provavelmente utilizada nas atividades cerimoniais. Outros artefatos de cerâmica coletados são os tortuais de fuso. O material lítico consiste sobretudo, em amoladores e machados polidos simples.

Um exemplo da diferença funcional das cerâmicas provenientes de diferentes contextos é o material do sítio Fazenda Iquiri II, escavado recentemente, em 2014. Trata-se de um sítio arqueológico composto de diferentes tipos de estruturas de terra: montículos, muretas e valetas geométricas. Os 25 montículos do sítio, dispostos em forma oval, com diâmetro de aproximadamente 180 m, variam entre 10 m a 25 m



Figura 3. Vasos antropomorfos com rostos humanos. Museu da Borracha, Rio Branco/AC. Altura do vaso no centro: 18 cm. Foto: Sanna Saunaluoma.

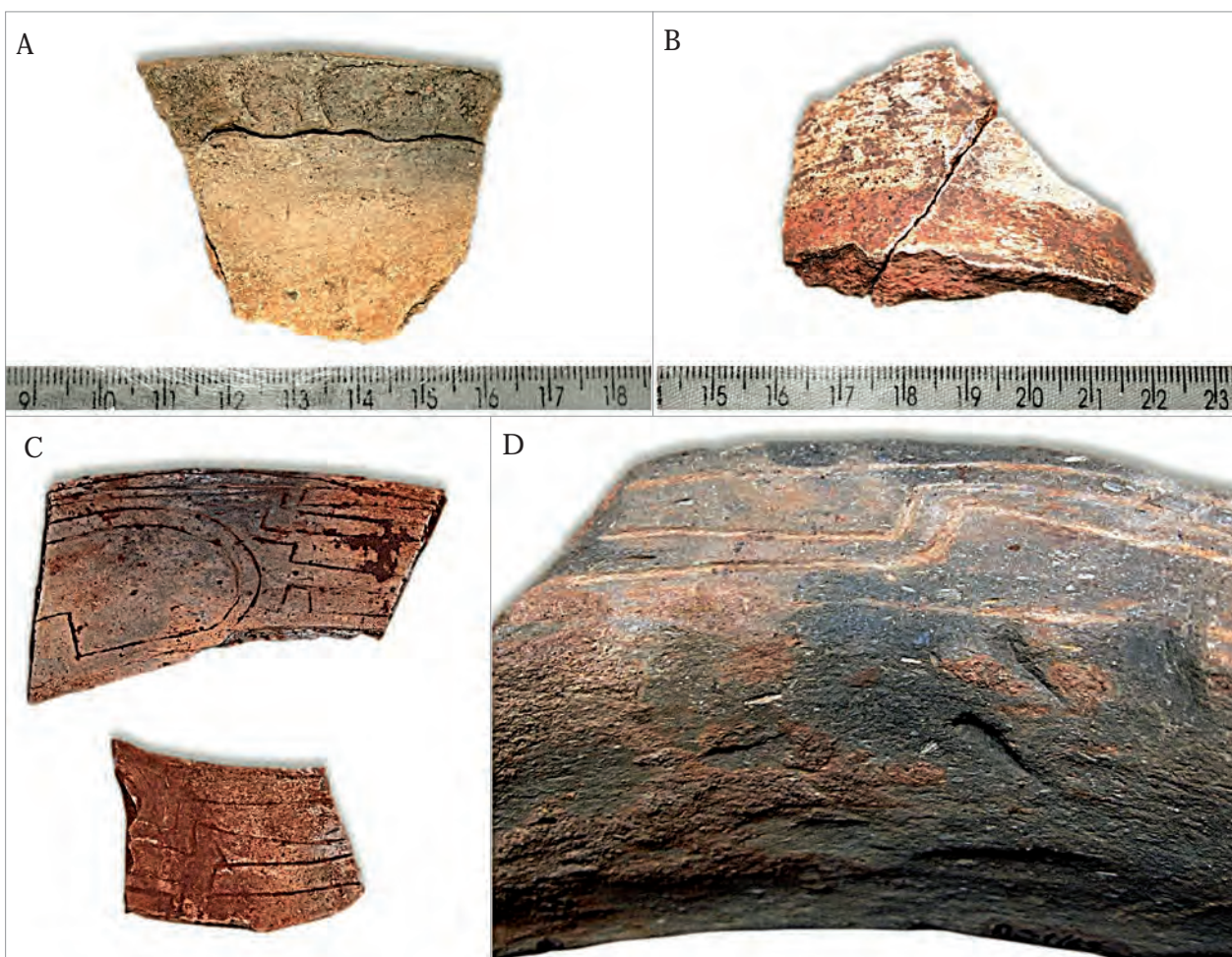


Figura 4. Cerâmicas do geoglifo Fazenda Atlântica: (A) uma borda unglada e (B) um fragmento pintado; (C) bordas finas decoradas de incisão coletadas do geoglifo Piçarreira; (D) incisões executadas no rebordo interior da peça coletada do geoglifo JK. Fotos: Sanna Saunaluoma.

de extensão em suas bases e de 1 a 2 m de altura. O geoglifo de valeta rasa quadrangular, com medidas de 140 x 140 m, situa-se 30 m a sudeste dos montículos. A maioria dos fragmentos cerâmicos escavados de um dos montículos são restos de recipientes para uso doméstico, enquanto que a cerâmica coletada no geoglifo é diferente em estilo, incluindo vários fragmentos de uma vasilha decorada de incisões finas de tipo “espinha de peixe” na borda e traços oblíquos executados no bojo (Figura 5). É altamente interessante que esse motivo de decoração não seja comum nas coleções cerâmicas obtidas anteriormente no Acre.

As cerâmicas acreanas apresentam algumas características típicas, amplamente reconhecidas em vários estilos pré-coloniais da Amazônia, tais como elementos decorativos incisos e unglados, e os engobos cobrindo os vasos inteiros. Paralelos estilísticos dos atributos da cerâmica fina podem ser encontrados entre certas coleções da Amazônia Ocidental, mas ainda não foram concluídos estudos sobre este tema. Muitos aspectos precisam ser estudados antes de se obter conexões estilísticas mais precisas com outras tradições Amazônicas.

Embora as coleções de cerâmica dos sítios do alto Purus correspondam à descrição geral da tradição Quinari e indiquem uma ligação cultural evidente na região, atributos menores da cerâmica indicam uma considerável variabilidade local. Isso foi comprovado através da análise estatística multivariada (Nícoli, 2000) e da análise química multielementar (Latini et al., 2001) realizados para identificar os diferentes componentes da cerâmica recuperada em diversos sítios. Cabe salientar que outros vários complexos acreanos de cerâmica são ainda descritos como pertencentes à “fase a ser designada” (Nícoli, 2000: 51-53).

Assim, o maior problema na descrição das cerâmicas do Acre é que ainda falta uma classificação regional bem definida cronológica e contextualmente. No entanto, para chegar a um entendimento sobre as cerâmicas acreanas, precisa-se de uma reavaliação das coleções existentes no leste do estado, que apresentam uma grande variabilidade, bem como publicar os dados sobre as cerâmicas da região do Juruá.

Além disso, obviamente, deveriam ser mais sítios de diferentes tipos, e não somente geoglifos, pesquisados.



Figura 5. Uma borda direta fina decorada de incisões, coletada de escavação realizada no geoglifo do sítio Fazenda Iquiri II. Foto: Sanna Saunaluoma.



A FASE BACABAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A INTERPRETAÇÃO DO REGISTRO ARQUEOLÓGICO NO MÉDIO RIO GUAPORÉ, RONDÔNIA

Carlos A. Zimpel
Francisco A. Pugliese Jr.

RESUMEN

La fase Bacabal y sus consecuencias para la interpretación del registro arqueológico en el medio río Guaporé, Rondônia. En este artículo se presenta el actual estado de investigación a respecto de la fase cerámica Bacabal, creada por el arqueólogo brasileño Eurico Miller a inicios de los años noventa para clasificar la alfarería encontrada en yacimientos arqueológicos relacionados a las áreas de bañado del suroeste de la Amazonia, en el medio curso de la cuenca del río Guaporé, en la frontera entre Brasil y Bolivia. Las fechas para la fase Bacabal abarcan desde ca. el 2000 aC hasta el 1000 d. C. Además, se discute la relación entre esta alfarería otros hallazgos alrededor y más allá del curso medio río Guaporé.

ABSTRACT

The Bacabal phase and its implications for the interpretation of the archaeological record of the middle Guaporé river basin, Rondônia. This article presents the state of the art of the studies about the Bacabal ceramic archaeological phase, created by the Brazilian archaeologist Eurico Miller in the early 1990's to classify the pottery found in archaeological sites related to wetlands in southwestern Amazon, more specifically the middle Guaporé river basin, in the border between Brazil and Bolivia. The dates for the Bacabal phase span from ca. 2000 BC until ca. 1000 AD and the relationship between this ceramic group and others found around and beyond middle Guaporé river is also discussed.

Introdução

O rio Guaporé está localizado na porção sudoeste da Amazônia, e seus cursos médio e baixo demarcam a fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Também conhecido como Iteñez no país vizinho, é usualmente considerado como o limite leste da região arqueológica conhecida como Llanos de Mojos. É um dos muitos tributários do rio Madeira, o maior afluente do rio Amazonas, e suas cabeceiras são próximas à cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, no estado do Mato Grosso, de onde percorre mais de 1.100 km em direção ao norte, até a sua confluência com o rio Mamoré, na porção norte da fronteira do estado de Rondônia com o território boliviano (Figura 1).

Iniciada em 1980, a pavimentação da rodovia que liga Cuiabá a Porto Velho possibilitou a colonização moderna do sudoeste amazônico e, como consequência, a região hoje tem liderado os índices de desflorestamento na Amazônia. Entretanto, devido a sua localização fronteiriça, à presença de terras indígenas, de comunidades remanescentes de quilombos e de outras formas de terras públicas, foram impedidas maiores devastações florestais, em comparação a outras áreas no estado de Rondônia. Atualmente, a vegetação da área é característica de floresta tropical, intercalada por extensas planícies inundáveis cobertas por gramíneas.

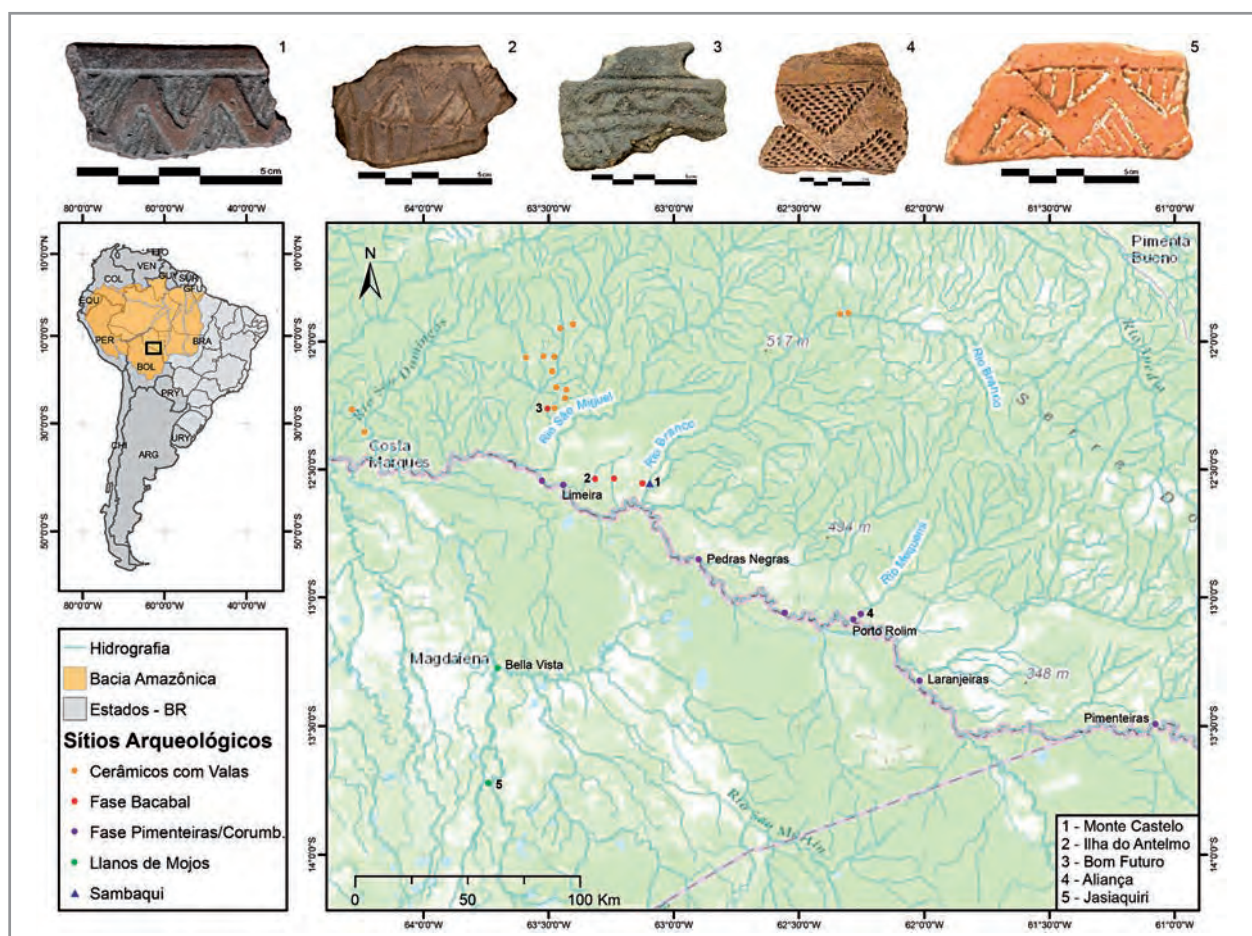


Figura 1. Mapa da localização de sítios arqueológicos no médio rio Guaporé, Rondônia, Brasil. Cerâmicas da fase Bacabal: Monte Castelo (1) Ilha do Antelmo (2) Bom Futuro (3) e outras encontradas em na região: Sítio Jasiaquiri (4: Jaimes Betancourt, 2014) Sítio Aliança (5: Jaimes Betancourt, 2011). Fonte: Datum WGS'84.

A bacia do rio Guaporé é um lugar onde foram registradas mais de 50 línguas diferentes. Essas línguas representam uma ampla diversidade de famílias linguísticas, além de grupos isolados e línguas não classificadas, sendo um dos pontos de maior divergência linguística da América do Sul. Arawak, Chapacura, Jabuti, Nambikwara, Pano e Tupi são as famílias registradas até o momento, além de outras 11 línguas isoladas. Para a linguística histórica, essa complexidade encontrada no presente pode ser resultado de diversas ondas populacionais que chegaram à região durante milênios (Crevels; van der Voort, 2009).

As primeiras notícias sobre a arqueologia do rio Guaporé foram divulgadas em Nordenskiöld (1912) e Becker-Donner (1956). Dados mais recentes foram produzidos pelas pesquisas coordenadas naquela região pelo arqueólogo Eurico Miller, que apresentou um significativo volume de informações (Miller, 1977, 1983, 1992a, 1992b, 2009b, 2013) resultantes de estudos desenvolvidos no âmbito do PRONAPABA (Simões, 1977, 1983; Simões; Lopes, 1987). Do lado boliviano, Dougherty e Calandra (1984-85 e 1985) e, mais recentemente, Jaimes Betancourt (2011), divulgaram informações mais detalhadas sobre coleções cerâmicas de diferentes pontos do rio Guaporé e de regiões bolivianas vinculadas à margem esquerda daquele rio.

Além da presença de sambaquis, no lado brasileiro da bacia têm sido registrados diversos sítios que possuem como características comuns a presença de Terra Preta de Índio (TPI) – frequentemente acompanhada de construções em terra, como valas circulares ou em arco – com camadas culturais que raramente ultrapassam 50 cm de espessura, além de enterramentos em urnas cerâmicas.

Para o sambaqui Monte Castelo, as ilhas de terra firme e os demais sítios espalhados pelo banhado, a cerâmica foi classificada como pertencente à fase Bacabal (Miller 1992b, 2009b), enquanto que para os sítios próximos à margem do médio rio Guaporé as cerâmicas foram classificadas segundo as fases Pimenteiras e Corumbiara (Miller, 1983). Neste capítulo vamos discorrer sobre o estado da arte da classificação cerâmica naquela região, apresentando as informações disponíveis e propondo uma nova abordagem a partir dos dados iniciais da pesquisa em curso¹.

Arqueologia no rio Guaporé

As primeiras pesquisas na região foram realizadas por Erland Nordenskiöld, que após percorrer os afluentes do lado boliviano do rio Guaporé – entre eles o rio Beni – coleta ou informações sobre os sítios arqueológicos no rio Mequéns, afluente do Guaporé em terras brasileiras. Na década de 1950, Becker-Donner (1956) também atuou na área e, de certa maneira, ambos os pesquisadores apontaram para uma uniformidade dos achados cerâmicos nos sítios do médio curso daquele rio, por meio do registro de recorrências nos motivos decorativos e na morfologia de alguns potes.

Após um período sem realização de pesquisas arqueológicas, a retomada dos trabalhos na região ocorre praticamente de forma concomitante no lado brasileiro e no lado boliviano – no estado de Rondônia e no departamento do Beni –, em áreas localizadas na porção média da bacia do rio Guaporé. Na Bolívia, Dougherty e Calandra (1984-85, 1985) realizaram escavações em diferentes sítios arqueológicos, criando cinco fases cerâmicas². Trata-se de sítios com a presença de TPI, em camadas de até 40 cm de espessura,

1. Projeto Médio Guaporé (PMG); Projeto Geoglifos e Sambaquis na Bacia do Médio Guaporé: uma proposta de levantamento arqueológico no sudoeste amazônico, desenvolvido pelo ArqueoTrop/MAE/USP, sob a coordenação de Eduardo Góes Neves e Francisco Antonio Pugliese Júnior (Portaria Iphan nº 05/2014).

2. Equijebe, Irobi, Bella Vista, Oricore e Canabasneca.

e que possuem construções em terra compostas por valas circulares que chegam a 5 m de profundidade e 10 m de largura. Segundo os autores, a cerâmica dessas fases apresenta a pasta temperada com cauxi e com chamote. A decoração predominantemente foi feita por incisões, por vezes muito finas, ocorrendo poucos adornos e tipos pintados. Foi registrado um enterramento em urna.

Esse cenário é muito semelhante ao que ocorre no Brasil, nos sítios onde foram descritas as fases Corumbiara e Pimenteiras, com características muito próximas às das fases de Dougherty e Calandra (1984-85, 1985). Dentre os sítios arqueológicos conhecidos do lado brasileiro, existem alguns pontos diferenciados em meio ao contexto homogêneo identificado na maioria deles, devido à antiguidade e à persistência dos testemunhos de ocupação. O Abrigo do Sol (Miller, 1977, 1987) e o sambaqui Monte Castelo (Miller, 1992b, 2009b) – localizados, respectivamente, no alto e no médio curso do rio Guaporé – remontam a uma jornada de pelo menos 10.000 anos de história. No Abrigo do Sol ocorrem conjuntos líticos compostos principalmente por seixos lascados e lascas brutas, mas também foram encontradas lâminas lascadas e polidas. Datas obtidas por Miller colocam as ocupações mais antigas daquele sítio entre 8.700 e 4.500 aC. Já o Sambaqui Monte Castelo é testemunho de ocupações cujas datações calibradas recuam cerca de 9.500 anos. A partir das camadas superiores do sambaqui (> -2,3m) são encontrados os vestígios cerâmicos atribuídos à fase Bacabal. Esta fase cerâmica possui datações calibradas entre 2.576 e 1.615 aC (Figura 2).

A fase Bacabal

O levantamento que vimos realizando na área tem confirmado o modelo de Miller (2009b), no qual os sítios arqueológicos relacionados à fase Bacabal ocupam áreas mais elevadas e aterros das planícies alagáveis do Pantanal do Guaporé, mas também tem demonstrado que as cerâmicas arqueológicas encontradas fora daquele ambiente – em áreas elevadas de São Francisco do Guaporé e até mesmo nos morros graníticos que se estendem ao sul da Serra da Cutia, já no município de Costa Marques – apresentam características compartilhadas com aquelas encontradas no pantanal. Os sítios típicos têm sido encontrados nas “ilhas” de terra firme, notadamente em locais com TPI e em aterros antrópicos, com material também ocorrendo com menos frequência em áreas com topografia favorável à ocupação sazonal – como locais mais altos que são habitáveis durante a estação seca e em cabeceiras de igarapés. No entanto, sítios relativamente distantes têm apresentado material assemelhado, não obstante estarem situados em áreas de ocorrência de padrões de assentamento distintos e de valas escavadas.

O sítio Ilha União é um bom exemplo de ocupação nas ilhas. Nas pesquisas realizadas durante o PRONAPABA foi encontrada uma dispersão de evidências por uma área elíptica, e os vestígios cerâmicos associados à fase Bacabal – assim como no sambaqui Monte Castelo – estão situados estratigraficamente acima de evidências líticas atribuídas ao período de ocupação pré-cerâmica da fase Cupim. Ocorrem estruturas compostas por aglomerados de material malacológico junto à TPI e líticos como: mão-de-pilão, mó, almofariz, lascas, percutor e nódulo de ferro com propriedade corante (Miller, 2009b).

Áreas topograficamente elevadas apresentam ocupações assemelhadas àquelas encontradas nos aterros antrópicos e os vestígios cerâmicos encontrados nesses locais são comumente associados a concentrações de palmeiras como o babaçu e o buriti, como é o caso da Ilha do Antelmo, outro típico sítio arqueológico associado à fase Bacabal.

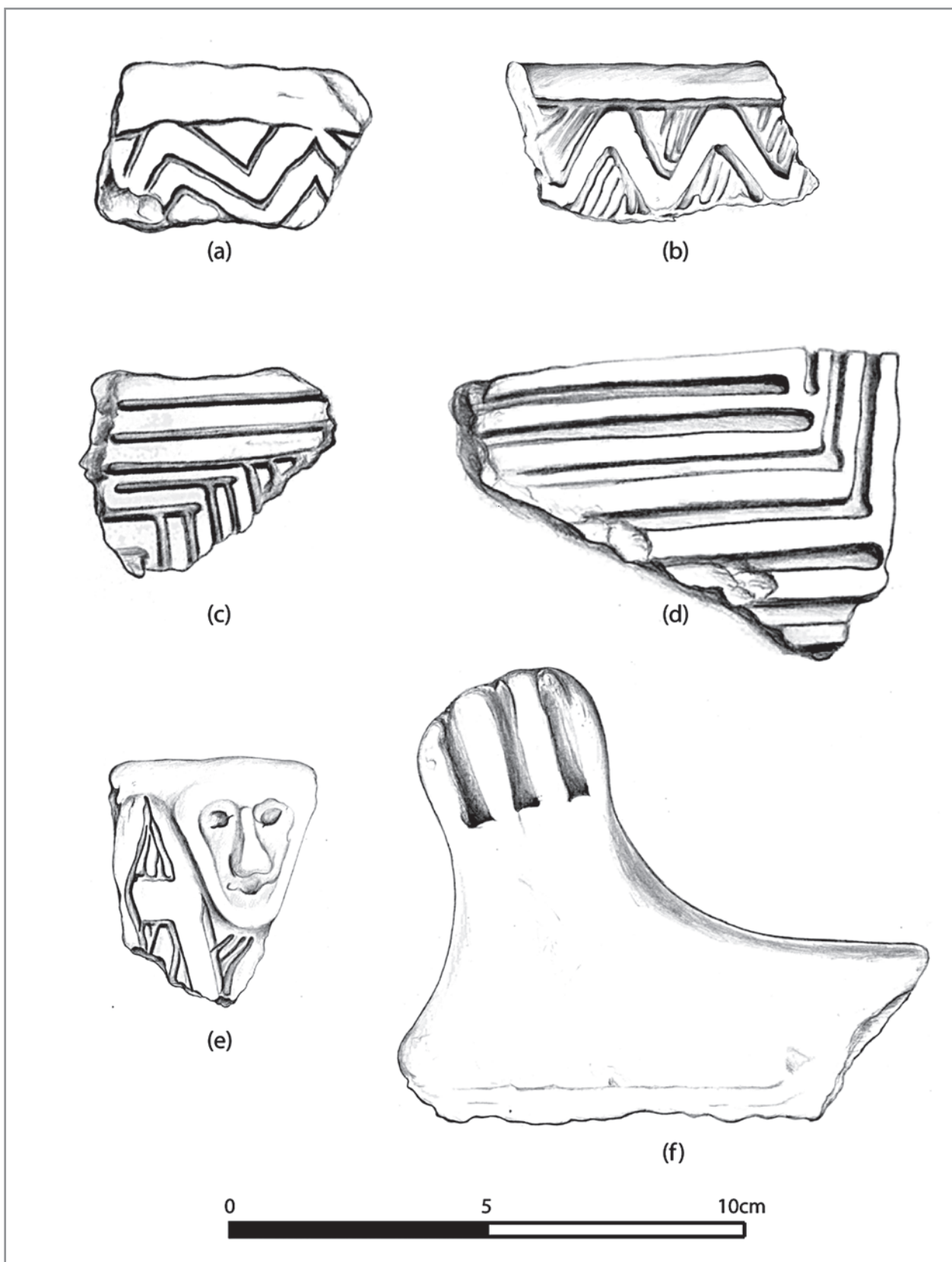


Figura 2. Cerâmica da fase Bacabal: a) Bacabal inciso; b) Bacabal exciso-inciso-hachurado; c, d) Inciso; e) Representação antropomorfa; f) Representação zoomorfa. Desenhos de Ubirajara Mello.

Entretanto, até o momento, o mais significativo testemunho arqueológico da história dos povos responsáveis pela formação do registro associado à fase Bacabal é, sem dúvida, o sambaqui Monte Castelo. Trata-se de um aterro construído, atualmente com dimensões aproximadas de 120 m de diâmetro e 6,30 m de altura, em que as camadas arqueológicas atestam diversos eventos construtivos ao longo de mais de 9.000 anos de ocupação. Há pacotes cuja matriz é composta primordialmente de solo antropogênico, enquanto em outros prevalece uma quantidade muito significativa de conchas de gastrópodes inteiras ou pouco fragmentadas e de outros vestígios zooarqueológicos (principalmente quelônios, cervídeos, roedores, diversas espécies de peixes, moluscos bivalves e alguns répteis). As camadas superiores apresentam alta densidade de evidências cerâmicas, muitas peças líticas e vários tipos de vestígios arqueobotânicos. Os sepultamentos são recorrentes; as covas são demarcadas com contornos ou aglomerações de conchas e contam com artefactual funerário associado³.

Fases Pimenteiras e Corumbiara

Na área de ocorrência das fases Pimenteiras e Corumbiara o maior volume de informações vem dos dados dos trabalhos de Miller (1977,1983,1992a, 1992b) e dos informes do PRONAPABA (Simões, 1977,1983) e Simões e Lopes (1987). Naquelas publicações foram identificadas diversas fases cerâmicas, mas somente as fases Pimenteiras e Corumbiara obtiveram uma descrição mais precisa, assim como datações absolutas divulgadas⁴.

Os sítios classificados como pertencentes a essas duas fases possuem características comuns, que vão desde o padrão de assentamento até elementos da tecnologia e da iconografia expressos na cerâmica. A distinção entre as fases é estabelecida a partir das diferenças na extensão dos assentamentos (onde os menores são encontrados nos sítios da fase Pimenteira), da maior variedade de tipos decorados na fase Corumbiara e da maior variedade morfológica dos tipos na fase Pimenteiras. Estas diferenças foram identificadas a partir dos resultados da seriação dos tipos cerâmicos encontrados em diversos sítios. Entretanto, a semelhança entre os dois conjuntos é apontada por Jaimes Betancourt (2011), que também acredita que, a partir dos dados divulgados, é possível identificar numa homogeneidade para a tecnologia cerâmica do médio rio Guaporé.

A fase Corumbiara possui 12 sítios com a presença de TPI e enterramentos, e área de dispersão de evidências sempre paralela ao rio. Os sítios possuem dimensões que variam entre 300 m e 900 m de comprimento e 150 m e 230 m de largura e a distribuição estratigráfica dos vestígios com profundidade sempre alcançando de 40 cm a 90 cm. Na fase Pimenteiras, as dimensões dos sítios variam entre 250 m e 600 m de comprimento e 80 m e 200 m de largura, com a profundidade variando de 20 a 50 cm. Nos sítios de ambas as fases são registradas valas escavadas, em sua maioria em forma de arco, geralmente ligando a área de ocorrência dos vestígios ao curso d'água mais próximo. Não são mencionados pelos pesquisadores maiores detalhes sobre essas construções, que por vezes são encontradas em grande quantidade, chegando a quatro estruturas em um só sítio (Miller 1983) (Figura 3).

3. A diacronia da longa sequência de ocupação do sítio é alvo do projeto de doutorado de um dos autores (FAPJ) e a descrição das suas camadas estratigráficas será publicada no momento oportuno.

4. Sucuri, Pirizal, Limeira e Guaporé.

Para essas fases também é apontada a presença de uma pasta elaborada com cauixi e cariapé, que aparece de forma isolada ou combinada. Os vasilhames são descritos como vasos, panelas e assadores, onde são encontrados, além dos tipos alisados, os tipos inciso, ponteados, filetes aplicados e modelados, ocorrendo isoladamente ou associados, e por vezes finalizados pela pintura branca. Os motivos descritos são paralelos, retilíneos e em zigue-zague, ocasionalmente complementados com estilos antropomorfos (Idem).

A partir da relação entre datações absolutas, seriações e elementos históricos, Miller pressupõe que os sítios dessas fases se situam cronologicamente entre 900-1700 AD.



Figura 3. Cerâmica da fase Corumbiara/Pimenteiras com motivos decorativos recorrentes. Fonte: Jaimes Betancourt (2011).

Interação entre as fases e quadro cronológico regional

A partir dos dados levantados e publicados até o momento é plausível afirmar que a cerâmica da fase Bacabal está incluída no contexto do aparecimento das primeiras culturas ceramistas na bacia amazônica. Trata-se de uma cultura arqueológica com datações que recuam mais de quatro milênios, e que compartilha elementos com os primeiros complexos cerâmicos conhecidos, notadamente em relação ao padrão de assentamento vinculado à exploração de recursos aquáticos, descrito tanto para a fase Mina (Bandeira, 2012) quanto para o baixo Xingu (Perota; Botelho, 1993) e para o sítio Taperinha (Roosevelt, 1991). Em todos esses sítios a tecnologia cerâmica apresenta um início repentino e um desaparecimento brusco, denotando pouca ou nenhuma relação de continuidade com as culturas arqueológicas subsequentes encontradas naquelas regiões.

Neste sentido, os dados aqui apresentados apontam para uma situação diferenciada no caso dos conjuntos arqueológicos da fase Bacabal, pois há indícios de que aquela fase cerâmica pode ter influenciado (ou até mesmo ser motivadora da ocorrência de) diversas outras indústrias cerâmicas que se situam no entorno da área de ocorrência dos sítios onde o material Bacabal tem sido encontrado. É interessante perceber que, além de haver sítios de significativa antiguidade localizados no alto e médio curso do rio Guaporé, em Rondônia está sendo construída uma sequência arqueológica em que dois locais distintos, porém próximos, iniciaram a produção de artefatos cerâmicos há 4.000 anos. Além da fase Bacabal, outro conjunto cerâmico situado entre Rondônia em Mato Grosso – mais especificamente entre os rios Machado e o Aripuanã – apresenta as datações mais antigas conhecidas para a cerâmica da tradição Tupiguarani. São dois conjuntos distintos, que possuem datações que recuam mais de quatro milênios e apresentam significativa continuidade na sequência de ocupação registrada arqueologicamente (Zimpel, 2009; Miller, 2009a).

Para Eurico Miller, a cerâmica da fase Bacabal tem vínculo direto com a cerâmica da cultura Valdívia do litoral do Equador. Além disso, a manifestação na cultura material relacionada a essa história de difusão de ideias não fica restrita à fase Bacabal. O autor ainda especula se a fase Bacabal pode ter se desenvolvido e se difundido para as áreas mais próximas do alto rio Guaporé e dali para o sul do Brasil, onde seria arqueologicamente representada pela tradição cerâmica Taquara/Itararé. Em relação ao presente trabalho, o que é mais significativo dentro da discussão desse modelo é a hipótese relacionada ao surgimento da fase Bacabal e de seu espraiamento para outras áreas próximas ao rio Guaporé, tanto em seu médio quanto em seu alto curso. Se, para o pesquisador, a cerâmica Valdívia chegou pelos Llanos de Mojos na Bolívia até o Pantanal do Guaporé, a fase Bacabal tem que estar representada em território boliviano por outros conjuntos cerâmicos ainda sem descrição divulgada.

Ainda segundo esse modelo, em áreas próximas ao alto curso do rio Guaporé, em locais de Cerrado e na encosta da Chapada dos Parecis, a cerâmica Bacabal influenciou as cerâmicas classificadas nas fases Aguapé, Poaia, Galera e Caju (Miller, 1975, 1977, 1987; Puttkamer, 1979) e, segundo Lima (2010), pela cerâmica conhecida como Capão do Canga (Miller, 2013: 349-350). Das fases arqueológicas conhecidas naquela região, as que possuem descrições e datações radiocarbônicas divulgadas são a Poaia, a Aguapé e a Galera (Figura 4). No alto rio Guaporé, estas são as cerâmicas mais próximas cronologicamente daquelas ocupações da fase Bacabal. A pasta das fases Poaia e Aguapé é composta de antiplástico de cariapé, associado a outros elementos não descritos. São apresentados vasos globulares e tigelas rasas, com alisamento e

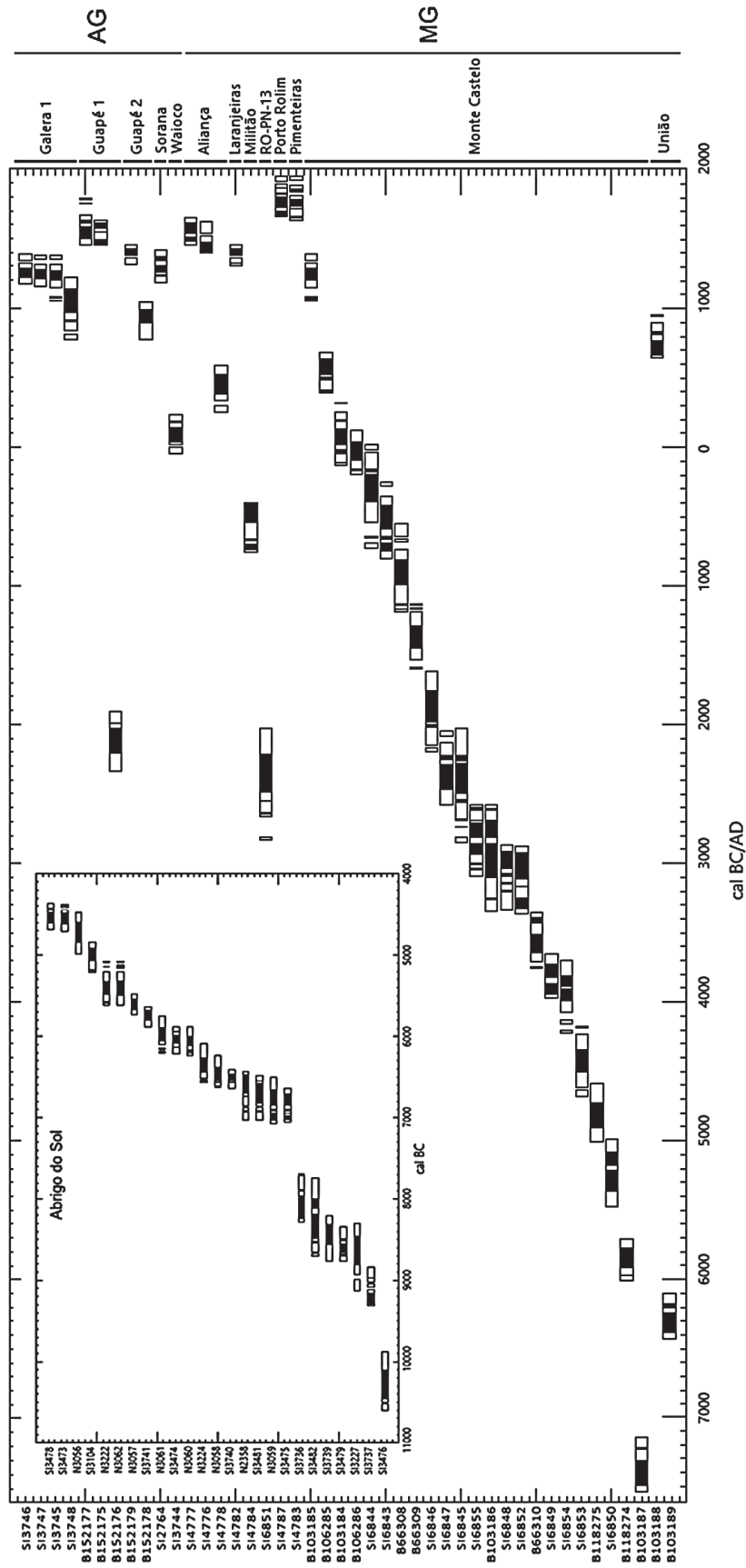


Figura 4. Datações radiocarbônicas calibradas para os sítios do alto (AG) e médio (MG) rio Guaporé.

decoreção incisa, motivos com linhas paralelas, curvas e em zigue-zague. As datas calibradas para as fases as situam entre 300 aC e o século II, sendo que a fase Aguapé é estratigraficamente superior à fase Poaia. Com características muito semelhantes às fases Poaia e Aguapé, Wüst (2001) descreve, também para o alto rio Guaporé, um conjunto cerâmico denominado Guapé, que possui motivos de linhas cruzadas na borda, por vezes ocorrendo concomitantemente motivos zoomorfos que podem estar relacionados a representações estilizadas de rãs. As datações ficam em torno dos séculos XIV e XVII.

Em relação à cerâmica da fase Galera, o seu registro ocorre em sítios a céu aberto, com a presença de enterramentos em urna e em abrigo-sob-rocha, na encosta da Chapada dos Parecis, ao longo do rio Galera. Situada cronologicamente entre os séculos IX e XIV, o padrão de assentamento é associado à presença de TPI, mas infelizmente ainda são inéditas as informações sobre a profundidade, a extensão ou a morfologia dos sítios arqueológicos. A decoreção da cerâmica apresenta incisões em linhas finas, com motivos horizontais e verticais em linhas retas; linhas inclinadas escalonadas; combinação de linhas retas e escalonadas em conjuntos espaçados entre si, com gravados zoomorfos; losangos e meio-losangos alternados e contínuos, com uma cruz puntiforme no centro; cruzeta simples e complexa; destaca-se o retoque branco sobre o inciso e os emblemas; ocorrendo vasos antropomorfos, pesos-de-fuso e pendentes (Miller, 2013b: 359).

A aproximação entre a fase Bacabal e as outras fases cerâmicas descritas para o alto Guaporé foi feita a partir da avaliação e da comparação dos dados sobre o tratamento de superfície e sobre os tipos decorados e seus motivos, “por serem estas variáveis as mais diagnósticas para a avaliação de traços culturais entre culturas doadoras e receptoras” (Miller, 2013b: 353). Os resultados indicam que a maior quantidade de analogias entre os tipos decorados da cerâmica Valdívia é mesmo encontrada na fase Bacabal, mas que a fase Aguapé também compartilha traços daquela tecnologia cerâmica, que teria vindo de tão longe. Contudo, essas comparações ficam restritas às fases do alto rio Guaporé. Sobre o médio curso, Miller interpreta de maneira sucinta que pode ter ocorrido uma assimilação dos grupos ceramistas Bacabal por povos portadores da cerâmica Corumbiara/Pimenteiras:

Os ceramistas das fases Pimenteiras e Corumbiara teriam ocupado as barrancas de terra firme do rio Guaporé e posteriormente as ilhas de terra firme onde ocupavam os ceramistas Bacabal, que são absorvidos com o tempo. (Miller, 2009b: 113).

Na sua análise, Miller não aponta diretamente como teria ocorrido essa “absorção”. Entretanto, nas fases descritas acima há certas características que parecem ser indícios de interações ocorridas entre as ocupações daquele período, não só em território brasileiro, como também no lado boliviano.

Neste sentido, Jaimes Betancourt (2011) contribui significativamente com a apresentação da cerâmica dos Llanos de Mojos (Jaimes Betancourt, 2003, 2011), pois, a partir dos dados da coleção reunida por Nordenskiöld no início do século XX (proveniente de locais onde Miller escavou décadas depois), a pesquisadora consegue estabelecer comparações entre as cerâmicas dos lados esquerdo e direito da bacia do rio Guaporé. Para esta arqueóloga, é pertinente considerar que houve o compartilhamento de atributos da iconografia cerâmica – poucos elementos são relacionados por comparações das morfologias e da composição das pastas – entre os sítios do lado boliviano e do lado brasileiro.

No presente trabalho, busca-se investigar de forma experimental, se as diferenças nos conjuntos cerâmicos são resultantes da variabilidade cultural no passado ou de diferenças cronológicas. A comparação dos traços em comum perpassa pelas comparações dos motivos estilísticos e estabelece uma relação de compartilhamento de traços culturais. Os sítios do médio rio Guaporé e dos Llanos de Mojos orientais

têm em comum não só elementos decorativos impressos na cerâmica, mas também características relacionadas ao padrão de assentamento, uma vez que o registro arqueológico daquelas áreas possui semelhanças nesse sentido: os sítios são sempre rasos (os mais típicos são encontrados com a TPI apresentando cerca de 50 cm de espessura), com estruturas em terra de formas variadas, e que aparecem tardiamente no contexto arqueológico regional, por volta do século X.

Dentro das coleções dos sítios comparados por Jaimes Betancourt (2011) é recorrente encontrarem-se fragmentos que fogem do padrão decorativo predominante no médio Guaporé, mas que podem ser comparados a cerâmicas de outras partes da bacia. Quanto ao sítio Bella Vista, apresenta informações sobre tipos decorativos de diferentes partes do Guaporé, que são encontrados no conjunto cerâmico daquele assentamento. A partir da coexistência dessas cerâmicas em diversos sítios e das evidências arqueológicas que levam a interpretá-los como assentamentos unicomponenciais, a pesquisadora afirma que as diferenças nos complexos cerâmicos não são cronológicas e podem ser interpretadas como testemunhos de contatos, trocas e influências.

Sendo assim, para Jaimes Betancourt (2011, 2014), o mosaico cultural encontrado nos Llanos orientais pode ser mais complexo que as diferenças encontradas nas construções em terra documentadas, e a cerâmica pode ter um papel fundamental para decifrar este código. Segundo a autora, a construção das zanjas não foi somente um fenômeno tardio, mas também um processo multicultural.

Portanto, ao considerarem-se as relações entre as fases cerâmicas descritas acima, de maneira geral, existem duas hipóteses estabelecidas: 1) os sítios Bacabal apresentam correlações, a partir da comparação de atributos estilísticos na cerâmica com sítios do alto rio Guaporé (Miller, 2013); 2) os sítios do médio Guaporé apresentam correlações estilísticas com a cerâmica dos sítios localizados nos Llanos de Mojos orientais (Jaimes Betancourt, 2011). Entretanto, uma questão permanece pouco explorada: entre o alto e o médio Guaporé existem elementos ou traços estilísticos que possibilitem o estabelecimento de correlações entre os sítios? Há relação entre a cerâmica encontrada nas ilhas de terra firme adjacentes ao rio – fase Corumbiara e Pimenteiras – e a fase Bacabal? Como visto, aparentemente as hipóteses correntes apontam para a direção contrária.

As comparações feitas por Miller (2009a, 2013) são voltadas para a avaliação dos tipos decorados – a tecnologia cerâmica, a morfologia dos potes e o padrão de assentamento não foram relevantes para o autor naquele momento. Entretanto, se avaliarmos estes parâmetros, percebe-se que podem ter no ocorrido relações entre a fase Bacabal e as demais fases do médio e alto Guaporé, e até mesmo em rincões mais distantes, já em solo boliviano. Essas interações dizem respeito – além dos motivos iconográficos – à tecnologia cerâmica e aos padrões de assentamento que vêm sendo investigados.

Primeiramente, é notável que elementos iconográficos ocorrentes na fase Bacabal também ocorrem nas fases Corumbiara e Pimenteiras. O motivo mais recorrente da fase Bacabal, classificado como Bacabal Exciso (Figura 1,1; Figura 2a), aparece em diversos conjuntos descritos no lado brasileiro e nos Llanos de Mojos (Figura 5). O motivo Bacabal Exciso e suas variantes incisadas ocorrem comumente em sítios da região, além de também ocorrerem como pintura nos Llanos de Mojos centrais e no Pantanal mato-grossense, mais especificamente na tradição Descalvados, onde há um padrão de assentamento muito semelhante ao verificado nas planícies encharcadas do Guaporé (Migliacio, 2006). É fato que a utilização desse elemento estilístico teve uma distribuição muito ampla, que não foi restrita à bacia do rio Guaporé.

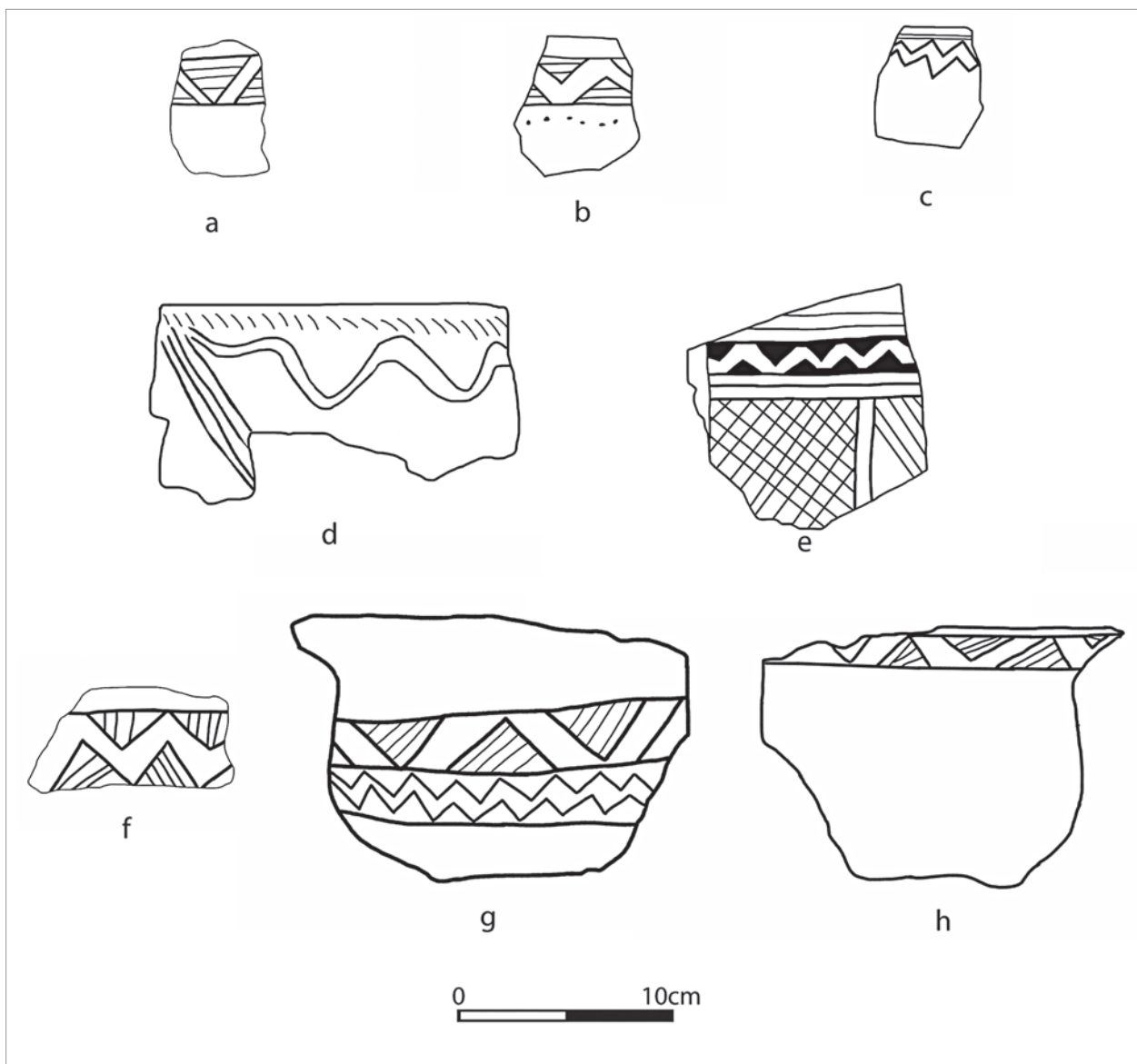


Figura 5. Ocorrência do motivo decorativo recorrente na fase Bacabal – Bacabal inciso e Bacabal exciso – e suas idiossincrasias nas fases Corumbiara e Pimenteiras – Sítio Aliança (a, b, c); Bolívia: Sítio Loma Mendoza (d); Sítio Jasiaquiri (f-h); Pantanal do Mato-Grosso, tradição Descalvados (e). Com exceção da figura (e), que tem o motivo representado em pintura vermelha sobre engobo branco, as demais são representadas a partir da técnica de decoração plástica. Figura elaborada a partir de imagens de publicações de Miller (1983), Jaimes Betancourt (2014), Prümmers (2014) e Migliacio (2006).

É significativo o fato de que um elemento muito comum na cerâmica Bacabal apresente essa vasta recorrência e que, além dos sítios das fases Galera, Poaia e Aguapé, também esteja presente nos contextos de sítios com estruturas construídas em terra. Porém, motivos iconográficos e padrões de assentamento assemelhados entre si não implicam necessariamente que os conjuntos arqueológicos onde se inserem essas indústrias cerâmicas apresentem similaridades tão evidentes. Este não é o caso dos sítios com estruturas em terra do sudoeste da Amazônia.

As cerâmicas das fases Corumbiara e Pimenteiras possuem uma característica em sua pasta que pode ser determinante para evidenciarmos uma possível relação entre esses conjuntos e a fase Bacabal. Na

sequência seriada dos tipos cerâmicos encontrados por Miller (1983: 371-374) está presente, em todos os níveis escavados, alguma evidência de cerâmica com cariapé, o que na fase Bacabal é encontrado somente a partir de 2.000 AP. Essa data marca a concomitância entre as ocupações do sambaqui e dos sítios na margem do rio Guaporé. Na sequência seriada percebe-se, ainda, que mesmo com o aparecimento do cariapé, os motivos decorativos da fase Bacabal continuam sem grandes mudanças e, como demonstramos anteriormente, alguns elementos iconográficos clássicos da fase Bacabal estão presentes nas fases Corumbiara e Pimenteiras⁵.

Uma das datas apresentadas por Miller para o século III AD (Miller, 1983: 190) relativa à fase Pimenteiras (que pesquisador considera demasiadamente antiga para o conjunto) deve ser reavaliada, em virtude do expressivo compartilhamento de atributos entre as fases Bacabal e Corumbiara e Pimenteiras, e do que pode ter ocorrido durante séculos de história igualmente compartilhada.

Uma abordagem mais cuidadosa sobre as fases Poaia e Aguapé e sobre suas possíveis ligações com as fases Corumbiara e Pimenteiras poderá ajudar a entender melhor a variabilidade presente nesses conjuntos. Esta hipótese é aventada pelas características dos sítios que temos estudado, uma vez que no médio Guaporé há motivos iconográficos que remontam a 4.000 anos, e que no alto Guaporé há a ocorrência do cariapé há pelo menos 2.500 anos (durante as fases Aguapé, Poaia, Capão do Canga), fato que até o momento é pelo menos um milênio mais antigo que a ocorrência desse antiplástico no médio curso do rio. Por outro lado, há de se considerar que essa mudança tecnológica marcada na pasta das cerâmicas que ocorre no lado brasileiro do Guaporé parece não ocorrer de maneira tão marcante no lado boliviano, pois nos sítios dos Llanos de Mojos os antiplásticos parecem ser compostos de elementos diferentes daqueles mais recorrentes na Amazônia brasileira, como o cariapé e o cauixi.

Os indícios que temos na Bolívia foram apresentados por Dougherty e Calandra (1984-1985) nas fases criadas para cerâmicas que ocorrem nas proximidades do território brasileiro, mas são encontrados em pequena proporção em relação à amostra total, e somente em fragmentos temperados com cauixi. As cerâmicas do rio Machupo e do sítio Granja do Padre apresentam também o uso do cauixi. Nas cerâmicas em que o motivo Bacabal exciso e suas variantes incisadas ocorreram, o antiplástico era composto prioritariamente de areia, chamote e, por vezes, conchas e caulim. Entretanto, mais ao norte, na cerâmica dos sítios com estruturas em terra de Riberalta descritos por Saunaluoma (2010), o cariapé parece ter sido utilizado mais amplamente, mas em contextos que a princípio não apresentam elementos iconográficos em comum com as cerâmicas do rio Guaporé.

É interessante perceber como ideias expressadas na iconografia da cerâmica podem ter percorrido mais de 300 quilômetros, diversificando-se por vários ambientes, sem que se alterassem significativamente aqueles aspectos mais rígidos da produção de cerâmica, como os componentes da pasta e a morfologia dos utensílios. Com base nessas possibilidades, o estudo das variedades de pasta no tempo e no espaço nos fornece indícios que ajudam no entendimento da diversificação e da multiplicação dos sujeitos que construíram a paisagem do Guaporé e dos Llanos de Mojos. É curioso perceber que, se não temos uma fronteira clara para os padrões de assentamento, uma vez que há um contexto bem difundido de construções em terra por todo o sudoeste amazônico, podemos constatar certos limites para a ocorrência de diferentes tipos de antiplásticos presentes nas pastas das cerâmicas desses assentamentos. Os dados disponíveis indicam que o rio Guaporé demarca uma área de transição entre culturas cerâmicas que possuem em sua pasta,

5. Para maiores detalhes consultar os gráficos das sequências seriadas em Miller (2009b: 108-110).

antiplásticos com características amazônicas e outras com antiplásticos com características do Chaco e do alto Paraguai. Sítios com cariapé estão relacionados ao contexto do alto rio Madeira (Zuse, 2014; Almeida, 2014) e às fases cerâmicas dos geoglifos do Acre (Dias, 2006), ocorrendo em território boliviano somente mais ao norte, nos sítios de Riberalta (Saunaluoma, 2010).

Considerações finais

A história da circulação e do compartilhamento de elementos iconográficos pode ajudar a entender os eventos que no passado estavam associados às construções em terra, fenômeno amplamente difundido em todo o sudoeste amazônico, e sobre o qual inicia-se o entendimento sobre a sua variabilidade cronológica e espacial.

Como vimos, determinados elementos que serviram para a comparação de Miller entre a fase Bacabal e as fases do alto Guaporé são encontrados tanto na cerâmica Corumbiara e Pimenteiras quanto nas áreas bolivianas mais próximas ao Brasil. Entender a relação entre as fases Pimenteiras e Corumbiara e a fase Bacabal pode ajudar a compreender a história das nações indígenas que modelaram a paisagem do sudoeste amazônico, pois, segundo as datas disponíveis, há uma sequência de ocupação que apresenta uma continuidade com maior antiguidade no lado oriental do rio Guaporé do que no lado boliviano. Se, por um lado as hipóteses correntes sobre as construções em terra no sudoeste amazônico colocam a difusão do fenômeno em um período tardio na longa história de ocupação da região (ca. 400 AD), por outro, temos no Brasil aterros que contêm mais de 8.000 anos de história e valas que podem ter começado a ser escavadas antes mesmo do século III.

Há de se considerar que o conjunto de construções em terra registradas na bacia do médio e baixo Guaporé pode fazer parte de uma história de ocupação regional mais ampla, em que os sítios arqueológicos se distribuem por uma região cujos contornos situam-se no Brasil, mas que estão relacionados às ocupações contemporâneas conhecidas para os Llanos de Mojos, na Bolívia. O refinamento da cronologia estabelecida para a região possibilitará que as ocupações responsáveis pela formação do registro arqueológico sejam investigadas em detalhes, de forma que os elementos compartilhados na cerâmica possam ser relacionados à variabilidade dos sítios arqueológicos e aos padrões de assentamento encontrados.

Entre os primeiros resultados obtidos em nossas pesquisas na bacia do médio rio Guaporé foi possível identificar um grande número de sítios típicos da fase Bacabal, significando uma ampliação considerável na área de ocorrência dos mesmos (antes restrita ao sambaqui e alguns sítios do entorno), que agora são encontrados em ilhas de terra firme um tanto distantes do sítio Monte Castelo, como o sítio Ilha do Antelmo e em outros assentamentos em áreas mais elevadas do município de São Francisco do Guaporé (Figura 1). Nos levantamentos realizados naquela área têm sido encontradas cerâmicas que podem ser diretamente relacionadas às ocupações Bacabal do Pantanal do Guaporé. As decorações apresentam, além das típicas representações de quelônios, por meio de apliques em vasilhames abertos (pratos), o zonado-hachurado com excisões e suas idiosincrasias (Figura 1 (1-3); Figura 2 (a,b), Figura 3, Figura 5), que compõe o maior número de vestígios decorativos encontrados nas vasilhas da fase Bacabal.

Neste trabalho discutimos os dados relacionados a dois conjuntos de cerâmicas arqueológicas do sudoeste Amazônico, classificados como pertencentes às fases Bacabal e Corumbiara/Pimenteiras. A análise destas fases pelas pesquisas em curso tem apontado que a área de dispersão da fase Bacabal deve ser ampliada, em consideração à influência verificada nos conjuntos cerâmicos que ocorrem subsequentemente por uma vasta região. Percebe-se que a área de ocorrência da fase Bacabal não está restrita ao sambaqui e aos sítios do seu entorno, e que elementos decorativos diagnósticos relacionados à fase – notadamente o Bacabal exciso e o Bacabal Inciso, que possuem datações que recuam a 3.000 aC e relativa estabilidade testemunhada durante três milênios, ao menos, no sambaqui Monte Castelo – ocorrem também em outros sítios da região do médio rio Guaporé e adjacências, como é caso dos sítios Jasiaquiri e Bella Vista, na Bolívia; e dos aterros da tradição Descalvados, no estado do Mato Grosso. Por outro lado, apesar de apresentar elementos decorativos compartilhados nos vasilhames e características semelhantes no padrão de assentamento dos sítios arqueológicos, elementos mais rígidos da tecnologia cerâmica – como a escolha dos temperos da pasta e a morfologia dos potes – aparecem geograficamente bem demarcados naquele cenário da Amazônia antiga, sendo possível identificar duas tendências culturais diferentes: uma localizada no lado oriental do médio rio Guaporé, com suas pastas amazônicas temperadas com cauxi e cariapé, e outra encontrada do lado ocidental da bacia, na qual as cerâmicas contêm a presença expressiva de chamote, um material antiplástico cuja incidência é muito mais representativa em conjuntos arqueológicos chaquenhos e andinos.

O que os dados indicam até o momento é que a distribuição dos conjuntos cerâmicos estudados representa um caso em que as fronteiras entre culturas arqueológicas não são resultado de situações de conflito no passado. Ao contrário, se por um lado as fronteiras bem demarcadas na tecnologia e na morfologia da cerâmica sustentam a possibilidade da presença de uma unidade cultural marcada na história antiga dos povos que habitaram o médio Guaporé, parece ter ocorrido situações de interação social, gerando os correlatos de intercâmbio cultural que são encontrados na forma de elementos em comum presentes em sítios dispersos por uma ampla região arqueológica.

Neste sentido, os dados produzidos pelo PMG apontam na mesma direção daqueles apresentados por Jaimes Betancourt (2011, 2014), quando a autora sugere que o processo de revolvimento de terra no sudoeste amazônico foi fruto de uma gênese multicultural. Entretanto, o período em que o fenômeno ocorre na região pode ser reavaliado, uma vez que há dados sobre ocupações mais antigas do que aquelas relacionadas à formação dos sítios nos dois últimos milênios. Considerando-se as datações produzidas no sambaqui Monte Castelo – que sugerem uma continuidade das ocupações Corumbiara/Pimenteiras remontando uma história de pelo menos 4.000 anos de revolvimentos de terra em uma região adjacente aos Mojos na Bolívia –, o início da história de construções em terra e de interações culturais pode estar vinculado ao Holoceno médio ou a um período de ocupação até mesmo mais antigo, ainda que o registro arqueológico dessas estruturas esteja, em sua maioria, em sítios cujas datações situam-se em um período relativamente bem mais recente (> 500 aC). Está em curso o estudo de contextos que antecedem a presença da cerâmica Bacabal nos sítios arqueológicos do médio rio Guaporé, em que os dados coletados serão utilizados para a investigação sobre a formação dos sítios em relação ao horizonte inicial de construção aterros encontrados em diversos pontos do sudoeste amazônico e áreas adjacentes, como o sambaqui Monte Castelo e outras “ilhas” antrópicas na Bolívia (Lombardo, 2013) e nos estados do Mato Grosso (Migliacio, 2006) e do Mato Grosso do Sul (Schmitz et al., 1998).

Agradecimentos

Este trabalho só foi possível com a colaboração da equipe do IDARON (Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia), de Celso Santos Júnior e Sandro Alves, da equipe da Reserva Biológica do Guaporé (ICMBio, REBIO Guaporé); do Departamento de Arqueologia da UNIR, além dos parceiros do ArqueoTrop, Carlos Augusto da Silva, Gabriela Carneiro, Myrtle Shock e Tiago Hermenegildo. Agradecemos ao constante apoio do Prof. Dr. Eduardo Góes Neves, cujo incentivo a esta pesquisa sempre supera o que de mais intenso se possa esperar de um orientador. Thiago Trindade contribuiu com informações valiosas de sua dissertação de mestrado. Os recursos da National Geographic Society foram fundamentais para a execução dos levantamentos e escavações realizados. Carlos Zimpel agradece ao CNPq e Francisco Pugliese à CAPES, pelas bolsas de doutorado.



DOS FASES CERÁMICAS DE LA CRONOLOGÍA OCUPACIONAL DE LAS ZANJAS DE LA PROVINCIA ITÉNEZ – BENI, BOLIVIA

Carla Jaimes Betancourt

RESUMO

Duas fases cerâmicas da cronologia ocupacional dos sítios com valas da Província de Iténez, Beni, Bolívia

Sítios arqueológicos cercados por valas estão dispersos pela Amazônia em um amplo espaço geográfico. No caso específico do nordeste dos Llanos de Mojos, vários desses sítios foram datados no período pré-hispânico tardio, entre 1.200 e 1.400 dC. No entanto, os novos achados arqueológicos documentam que, dentro de um mesmo sistema de valas, foram ocupados espaços diferentes ao longo de pelo menos mil anos, sem necessariamente se sobreporem. Embora ainda não esteja claro quando começou a construção das valas ao redor das aldeias, o padrão sequencial de ocupação no nível horizontal se mostra dinâmico e mantém uma ampla interação regional. Este artigo apresenta duas das fases cerâmicas da ilha florestal de Jasiaquiri.

ABSTRACT

Two ceramic phases in the occupational chronology of sites with ditches in the province of Iténez, Beni, Bolivia

Archaeological sites surrounded by ditches are scattered over a wide geographical area of the Amazon. In the specific case of the northeastern part of the Llanos de Mojos, several of these sites were dated to the late pre-Hispanic era, between 1.200 and 1.400 dC. However, new archaeological findings show that within a same system of ditches, different spaces were occupied at least for a thousand years without an occupational overlap. Although, it is not yet certain when they started to build ditches around the villages, the sequential pattern occupying a horizontal level is shown dynamic and maintains an extensive regional interaction. This article presents two ceramic phases of the forest Island of Jasiaquiri.

Introducción

Los sitios arqueológicos rodeados por zanjas están dispersos en un amplio espacio geográfico de la Amazonía y han sido estudiados en las últimas décadas en la región del Alto Xingú (Heckenberger, 1996, 1999, 2005, 2006, 2009; Heckenberger et al., 1999, 2008), el Acre brasileño (Saunaluoma, 2012, 2013; Saunaluoma; Schaan 2012; Schaan et al., 2007, 2010), el departamento de Pando en Bolivia (Arnold; Pettrol, 1988; Arellano López, 2002; Pärssinen et al., 2003, 2009; Saunaluoma, 2010), el noreste de los Llanos de Mojos (Dougherty; Calandra, 1984-85; Erickson et al., 1997, 2008; Erickson, 2006, 2010; Jaimes Betancourt, 2014; Nordenskiöld, 1924; Prümers et al., 2006; Prümers; Jaimes Betancourt, 2014; Prümers, 2010, 2012, 2013; Walker, 2008; 2011) y al oeste del estado de Rondonia en Brasil (Becker-Donner, 1956; Miller, 1983, Trindade, 2014). A pesar de las similitudes que pueden presentar estas obras, se tratan de manifestaciones culturales diferentes, con sus propios desarrollos cronológicos y sus particularidades históricas.

En el caso específico del noreste de los Llanos de Mojos, varias de estas zanjas fueron fechadas mediante radiocarbono arrojando una datación de finales de la época prehispánica, entre 1.200 y 1.400, (Erickson et al., 2008; Prümers et al., 2006; Prümers; Jaimes 2014; Jaimes Betancourt, 2014). Sin embargo, nuevos hallazgos arqueológicos, determinaron que la ocupación de los sitios tiene una dinámica más compleja y que pueden pertenecer a ocupaciones de periodos cronológicos anteriores, sin que necesariamente se registre una superposición cultural.

Este artículo presenta como ejemplo de lo anteriormente postulado, la cerámica de dos diferentes fases de ocupación documentadas dentro del espacio encerrado por la zanja de la isla de Jasiaquiri. Una ocupación datada entre 350-500 dC y la segunda entre 1.200 y 1.400 años de nuestra era, sin descartar la existencia de ocupaciones intermedias.

Sitios con zanjas al Noreste de los Llanos de Mojos

Durante la pasada década, las obras de zanjas del noreste de los Llanos de Mojos, fueron caracterizadas por su tamaño y forma, mediante prospecciones y mapeos superficiales (Erickson et al., 2008; Erickson, 2010). Esta labor no es nada fácil, considerando la tupida vegetación que cubren a estas obras de tierra y que impiden su visibilidad y envergadura.

Por este motivo, el año 2012, el Proyecto Arqueológico Boliviano Alemán en Mojos (PABAM) del Instituto Alemán de Arqueología, realizó un mapeo mediante Lidar (*Light Detection and Ranging*), que constató la existencia de varios sistemas de zanjas en un área de casi 200 km² (Prümers, 2012, 2014; Prümers; Jaimes, 2014). La precisión del levantamiento de sitios permitió comprobar que, aunque frecuentemente en la literatura arqueológica se hace referencia a zanjas circulares o elípticas, estas son tan sólo un componente del sistema de zanjas mucho más extenso, los cuales llegan a incluir y a encerrar dos o más zanjas circulares o elípticas. En la prospección alrededor del pueblo de Bella Vista, Prov. Iténez, (Beni – Bolivia) se registraron veinte sistemas de zanjas, siete de los cuales encierran áreas mayores a 200 hectáreas.

Tal como Nordenskiöld (1924: 199) y Dougherty y Calandra (1984-85: 47) lo notaron, los asentamientos de los antiguos habitantes de esta región se concentran en los terrenos altos que nunca se inundan. De

acuerdo a la prospección *Lidar*, todos los sistemas de zanjas se encuentran sobre elevaciones leves, entre las cuales corren arroyos intermitentes. En el caso de los sitios registrados, estos se ubican cerca de las orillas altas de los ríos San Martín y Baures (Prümers, 2014; Prümers; Jaimes, 2014: 29).

Las zanjas tienen diferentes alturas, algunas de las cuales superan los 3 m. A pesar de la erosión y de los procesos post deposicionales de los últimos 600 años, todavía varias presentan paredes verticales. Las excavaciones arqueológicas llevadas a cabo en el sitio BV-2 (Prümers, 2014; Prümers; Jaimes Betancourt, 2014), permiten proponer que originalmente estas zanjas fueron concebidas como fortificaciones de poblados y por eso tenían paredes rectas, con pendiente abrupta. Tal como lo describió el padre Eder, quien vivió en la región casi 30 años, las zanjas constituyen un obstáculo para el hombre y hace más difícil el asalto del enemigo (Eder, 1985 [ca. 1772]: 106).

La zanja de Jasiaquiri

El pueblo Jasiaquiri está ubicado en la provincia Iténez al noreste de los Llanos de Mojos. La mitad norte de esta región forma parte del escudo brasileño siendo el terreno ondulado y cubierto por bosque espeso. La mitad sur, está dominada por sabanas inundables, donde las pequeñas colinas naturales ofrecen los únicos lugares habitables. En este amplio espacio geográfico se han documentado diques y canales de varios kilómetros de largo, que conectan varias colinas boscosas, que se encuentran rodeadas por zanjas (Erickson, 2008: 174-175).

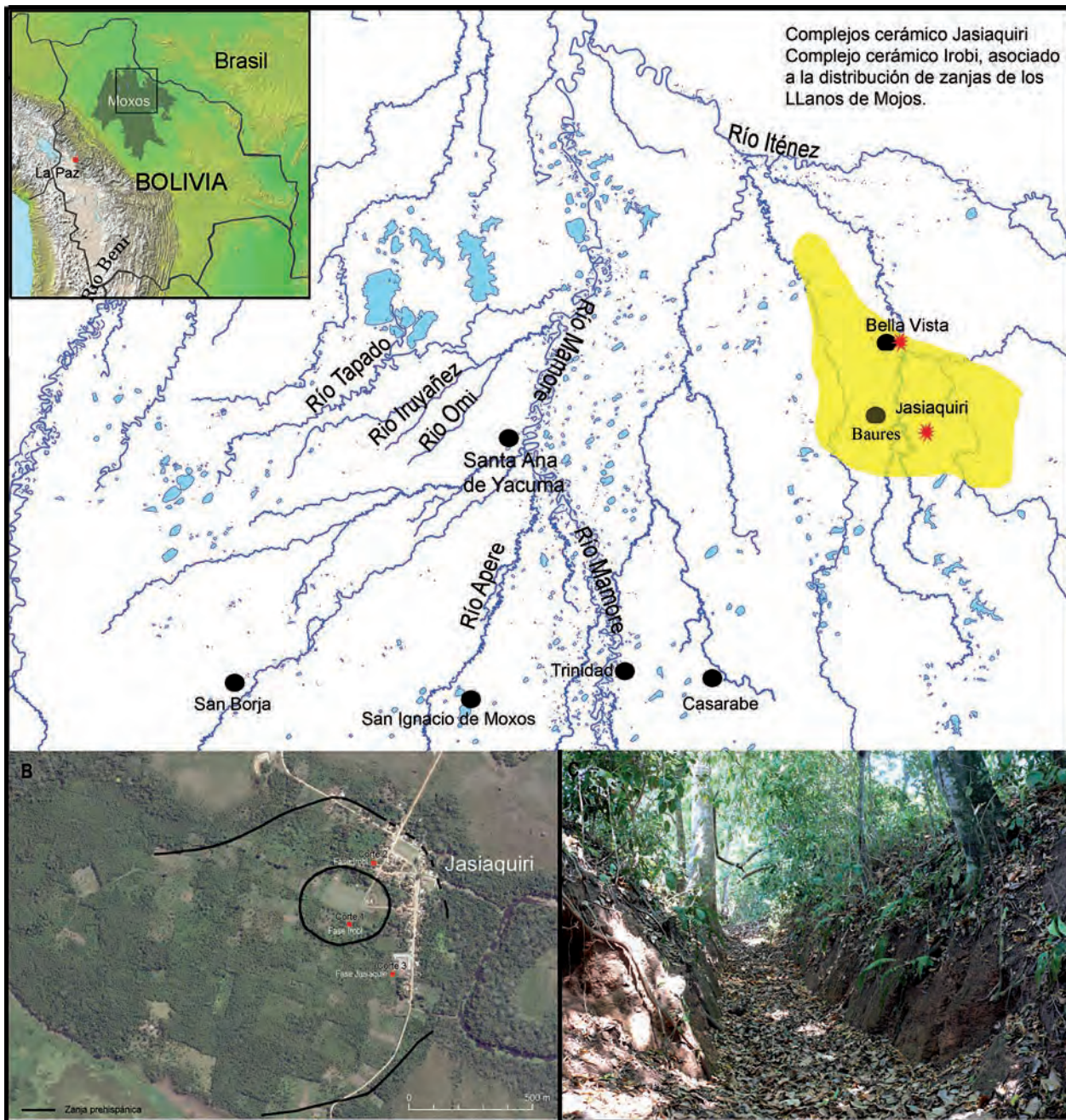
En la isla de bosque de Jasiaquiri se documentó un sistema de zanjas compuesto por lo menos por dos zanjas principales. Una zanja circular de unos 350 m de diámetro (Erickson, 2008) ubicada cerca del punto más alto de la isla y una zanja externa, significativamente menos profunda, que va paralelamente al borde de la isla, pero ligeramente desplazada hacia el interior de la misma, en el lado norte, este y sur (Prümers; Jaimes Betancourt, 2014b).

Un primer indicio sobre la profundidad cronológica de los largos procesos ocupacionales fue registrado a través de un hallazgo fortuito encontrado al sureste de la isla de Jasiaquiri, entre la zanja circular y la zanja externa. Este hallazgo comprueba que sociedades sedentarias se encontraban establecidas alrededor del siglo IV de nuestra era. Aunque todavía no se ha podido registrar toda la secuencia ocupacional de la isla, otra capa cultural correspondiente al siglo XIII de nuestra era fue excavada dentro de la zanja circular.

Estos hallazgos sirvieron, por un lado para conocer la secuencia cronológica de las sociedades que habitaron el lugar y por otro, para entender que en una misma isla rodeada por una zanja, podían existir varias ocupaciones horizontales, sin necesidad de una superposición cultural. Esto nos cambia completamente la concepción del crecimiento de las aldeas rodeadas por zanjas, las cuales se materializan de manera evidente en la cerámica, que tiene sus propias características culturales, en los patrones funerarios y probablemente también en la dieta y forma de preparar sus alimentos.

La cerámica de la ocupación temprana (350-500 dC) fue denominada Fase Jasiaquiri y la cerámica tardía (1.200-1.400 dC), lleva el nombre de Fase Irobi, ya que Dougherty y Calandra (1984-85), habían encontrado fragmentos cerámicos con el mismo estilo decorativo en la isla Irobi, situada muy cerca de Jasiaquiri.

Las diferencias cronológicas evidenciadas en la isla de bosque de Jasiaquiri, complican la problemática respecto al momento en el que fueron construidas las zanjas, ya que estas pueden igualmente corresponder a varios periodos de ocupación.



1. Mapa de distribución de los sitios con zanjas al noreste de los Llanos de Mojos, con la ubicación de los sitios Bella Vista y Jasiaquiri. B) Fases cerâmicas dentro del sistema de zanjas de Jasiaquiri. C) Perfiles de la zanja circular de Jasiaquiri

Cerâmica de la fase Jasiaquiri

Según los fechados radiocarbónicos efectuados en dos muestras procedentes de pozos de desechos asociados a la capa cultural, esta fase se sitúa entre cal AD 349-534 (2σ ; Ma 19253, BP 1631 \pm 22 BP) y cal AD 356-538 (2σ , MA 19254, 1619 \pm 32 BP).

Tecnológicamente el complejo cerâmico de la fase Jasiaquiri se caracteriza por tener paredes gruesas entre 0,7 – 1 cm de espesor. Las vasijas han sido expuestas a una cocción desigual o incompleta, que se observa

en la mayoría de las paredes que presentan un núcleo gris. Las superficies tienen tonos naranjas y marrones con claras manchas de cocción, que a pesar de haberse erosionado, todavía se encuentran bien alisadas y en algunos casos bruñidas, especialmente cuando han sido provistas de un engobe color marrón o naranja.

Las inclusiones no plásticas todavía están siendo caracterizadas petrográficamente mediante análisis de secciones delgadas y análisis químicos de su composición. Sin embargo, se puede adelantar que en diferentes tipos de pastas se observaron poros y cavidades vacías dejadas por la combustión de algún material vegetal, el cual podría ser *cauixi* y/o *cariapé*. También se identificó *chamote* o tiesto molido de granulometría media (> 0,25 mm - 0,50 mm) y gruesa (> 0,50 mm - 2mm), así como suaves gránulos de arcilla de color gris claro.

Las formas más emblemáticas que sirven para identificar a la fase Jasiaquiri son vasijas abiertas de contorno simple y borde directo (Figura 2a, 2b), que a veces tienen el engrosado internamente, resaltando un área que fue utilizada para la decoración (Figura 2f, 2g). Las incisiones fueron rellenadas por una pasta blanca (Figura 3f, 3i), la cual en la mayoría de los casos no sobrevivió al paso del tiempo.

Otra forma frecuente son las vasijas abiertas con bordes fuertemente evertido (Figura 2c-d, 3k-n), cuyo brusco cambio en la dirección del borde de la vasija, crea un ángulo o una leve curvatura con la sección superior del cuerpo, que hace que este tipo de vasijas sea fácilmente reconocible. El borde interior está decorado por gruesas incisiones formando motivos geométricos como triángulos hachurados contrapuestos (Figura 3l), doble hilera de puntos (Figura 3m), líneas horizontales con zigzag (Figura 3n) y grecas (Figura 3k). La decoración externa se da en casos excepcionales, repitiéndose algunos de los motivos decorativos de la cara interna de los bordes (Figura 3k-n). La amplia diversidad de formas de borde y labio que se encuentran en un mismo tipo morfológico de vasija, nos indica probablemente la individualización artesanal que existió durante este periodo de tiempo.

Las vasijas con paredes rectas, pueden también presentar pequeños bordes evertidos (Figura 3p). Su base de tipo pedestal, es una de las características más representativas para esta fase (Figura 2e). La decoración incisa combina líneas horizontales y verticales (Figura 3f), bastones contrapuestos (Figura 3o, p), punteados alargados o decoración modelada de un rostro zoomorfo.

Las formas cerradas no son muy recurrentes. Los cuencos carenados (Figura 2i) cambian muy ligeramente de dirección y están decorados mediante incisiones de triángulos o una banda con incisiones y digitado. Las vasijas cerradas con borde invertido (Figura 2k-l) aparecen de manera excepcional.

Las vasijas con cuellos invertidos (Figura 2n, 2m), cuellos rectos (2o), cuellos rectos con borde engrosado (3d, 3e) y cuellos abiertos con borde invertido (Figura 2j) son también muy recurrentes para esta fase. Algunas de ellas tienen pequeñas aplicaciones, remanentes de falsas asas en forma de U invertida y una base cónica (Figura 2j). En algunos casos el cuello de las vasijas tiene decoración externa incisa, con motivos muy similares a los anteriormente mencionados: triángulos concéntricos (Figura 3a), triángulos hachurados contrapuestos y dos bandas zigzag (Figura 3b), además de bordes engrosados externos con líneas incisas (Figura 3d), punteados circulares e impresiones sobre bandas aplicadas (Figura 3e).

Aunque en una frecuencia bastante baja, durante esta fase se registran grandes cazuelas con un diámetro entre 50 a 70 cm. Así lo atestiguan las bases planas y los bordes engrosados externamente, correspondientes a vasijas abiertas paredes rectas. Es importante mencionar que éstas carecen de improntas de cestería, tan características en las cazuelas de la fase tardía para otros sitios de la región (véase Prümers et al., 2006: 279-280; Jaimes Betancourt, 2013: 250-253; 2014: 282-285).

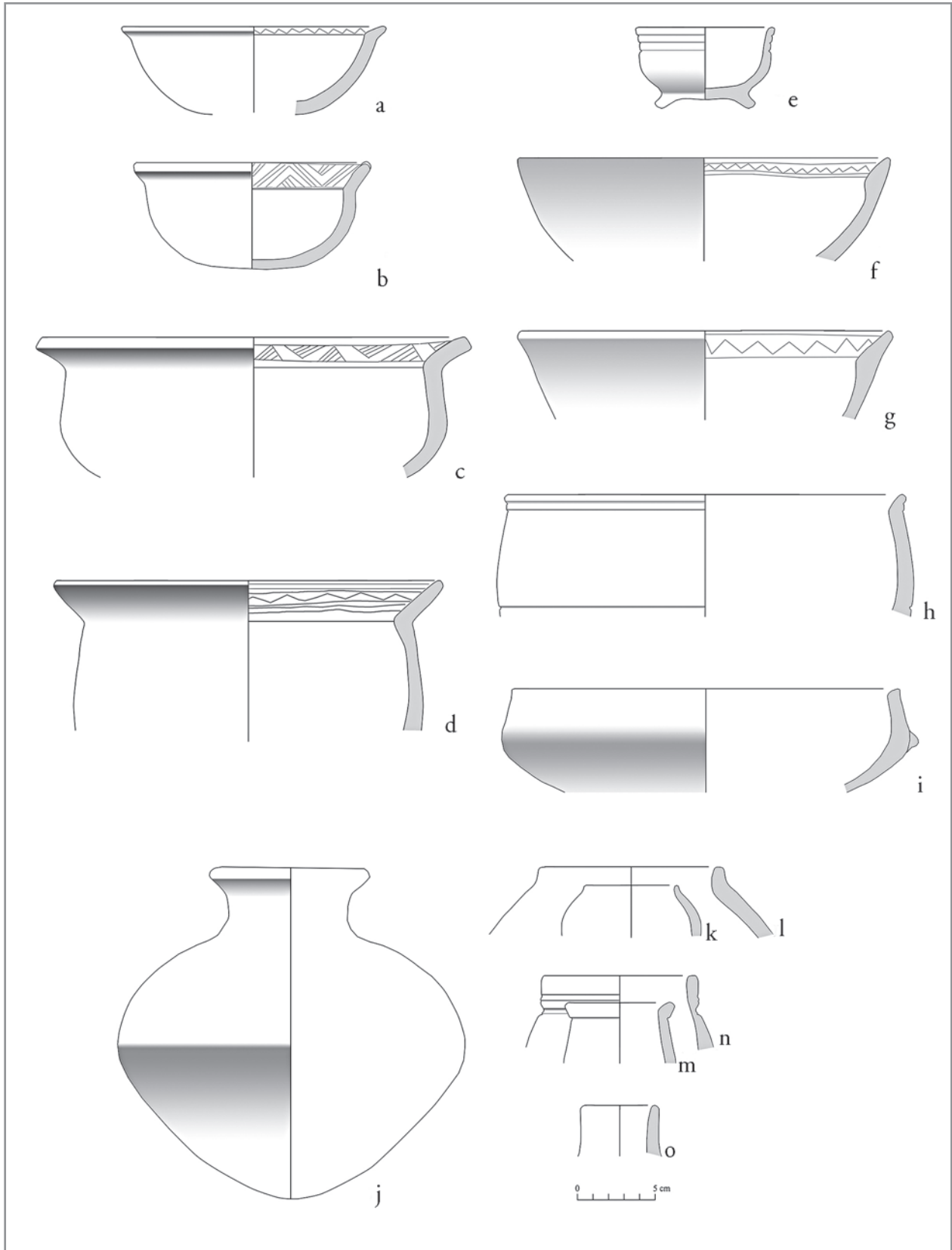


Figura 2. Formas de la cerámica de la Fase Jasiaquiri.



Figura 3. Cerâmica de la Fase Jasiaquiri (350-500 dC).

Distribución de la Fase Jasiaquiri

La caracterización de la fase Jasiaquiri (300-500 dC) y su comparación con los diferentes complejos cerámicos hasta ahora identificados, ha permitido que encontremos el material de esta fase en algunos fragmentos procedentes de los sitios arqueológicos de Matehuá y Pedras Negras, ambos ubicados a orillas del río Guaporé. Pedras Negras debe su nombre a las rocas negras que se encuentran alineadas parcialmente en el lecho del río. A mediados del siglo pasado, la antropóloga austriaca Etta Becker-Donner visitó este lugar en dos oportunidades y realizó excavaciones en varios sectores. Pedras Negras es un sitio arqueológico muy particular, primero porque presenta una meseta o planicie emplazada sobre una colina de 18 a 20 m de altura, que según Becker-Donner (1956: 203) tiene todas las características de ser una construcción claramente antrópica, y segundo porque esta planicie que se extiende hacia el norte, está bordeada por profundas zanjas. La zanja del lado este, se interna hacia tierra dentro y todavía no se ha documentado el nexo con la zanja que corre del lado oeste. Según Becker-Donner (1956: 203), las zanjas en el sector sur de la meseta, que corren a lo largo de la orilla del río, fueron cavadas sobre una elevación artificial, mientras que las zanjas hacia el norte, fueron cavadas en la superficie natural del terreno. Además, en la parte posterior de la meseta, existen huellas de una tercera zanja, menos profunda, que corre hacia el norte y va desapareciendo hacia el occidente. Según Becker-Donner (1956: 206) esta zanja constituiría una segunda protección, del lado posterior de la planicie, que posiblemente estuvo además fortificada mediante una palizada.

Mediante un reconocimiento superficial, Becker-Donner (1956: 204-205) sugiere que la ocupación arqueológica se extendió hacia el norte y oeste de la meseta. Las excavaciones en diferentes sectores del sitio, le permitieron observar que la capa cultural en el sector central de la planicie, alcanzaba los 60 cm de profundidad, mientras que en el sector norte y oeste de la meseta, una capa de tierra mucho más oscura, de color negro, posiblemente “*terra preta*”, llegaba hasta 1m de profundidad y contenía gran cantidad de fragmentos cerámicos. Justamente de uno de estos sectores, proviene la cerámica cuyas características morfológicas y decorativas son casi idénticas a las de la fase cerámica Jasiaquiri (Jaimes y Prümers 2015). Aquí se distinguen las vasijas abiertas con borde engrosado interno, los cuencos con bordes evertidos y las bases pedestal. Todos estos fragmentos tienen motivos decorativos similares a los encontrados en la fase Jasiaquiri, como el reticulado, la doble hilera punteada en el borde interno y los triángulos concéntricos. Al igual que la cerámica de la fase Jasiaquiri, las incisiones están rellenas de una pasta color blanco.

Al igual que lo encontrado en Jasiaquiri, en el sitio de Pedras Negras tampoco existe una superposición ocupacional, aunque a través de la cerámica se observan claras diferencias cronológicas entre las ocupaciones del centro de la planicie, con aquellas del sector norte y oeste de la meseta.

La cerámica de la Fase Irobi

Esta cerámica proviene de la pequeña excavación efectuada en la zanja circular de la isla de bosque de Jasiaquiri. Es una cerámica que se distingue principalmente por presentar una fina decoración incisa. Esta cerámica ya fue anteriormente registrada excepcionalmente en contextos especiales en las excavaciones

de PABAM en los sitios de Bella Vista (Prümers et al., 2006; Prümers, 2014; Jaimes, 2014). Sin embargo, en las excavaciones en la zanja central de Jasiaquiri, el 50% de la muestra analizada, consistente en 2.492 fragmentos cerámicos presentaba decoraciones de finas incisiones de espirales, grecas, rombos concéntricos y triángulos reticulados (Figura 4 e Figura5). El alfar de estas vasijas estaba compuesto de Cuarzo 7%, Fragmentos rocosos 15%, Masas opacas 2%, Cavidades 9% y Matriz 67%. Esta composición es casi idéntica en elementos y porcentajes a la del grupo de fragmentos finamente decorados encontrados en BV-2 y BV-3; es decir, es posible que se trate de una misma producción que circula entre varios sitios con ocupaciones contemporáneas.

Las formas domésticas de cazuelas y asadores son casi inexistentes en este sector de la isla, aunque se encontraron varios fragmentos en recolecciones superficiales. Las características morfológicas de las cazuelas son muy similares a sus contemporáneas registradas en BV-2 y BV-3, paredes rectas, bordes engrosados y evertidos e improntas de cestería en la superficie exterior de la base (Jaimes Betancourt, 2013, 2014).

El alfar está compuesto por Cuarzo 6%, Fragmentos rocosos 25%, Masas hematíticas 2%, Cavidades 15% y Matriz 52%. Lógicamente esta composición muestra algunas variaciones con los alfares domésticos de BV-2 y BV-3, lo cual podría ser un indicador de producciones locales de material doméstico.

Existe una amplia gama de vasijas con cuello, la mayoría de ellas con bordes rectos y labios adelgazados, que presentan una leve curvatura en la parte central del cuello (Figura 5a-c) también se encuentran decoradas por medio de finas líneas incisas de triángulos con grecas contrapuestas, espirales y triángulos hachurados (Figura 5). Su alfar es similar a aquel utilizado para los cuencos decorados y está compuesto de Cuarzo 3%, Fragmentos rocosos 12%, Masas opacas 2%, Cavidades 12% y Matriz 71%.

La fase Irobi es fácilmente reconocible en el material dedicado para fines de consumo de alimentos y bebidas. En el caso específico del sitio de Jasiaquiri, esta cerámica estaría además denotando diferencias espaciales respecto a las actividades que se llevaron a cabo en el sitio.

Este estilo cerámico de la Fase Irobi, fue encontrado en contextos cerrados de tumbas y pozos en las excavaciones efectuadas en Bella Vista fechados entre 1200-1400 dC, siendo contemporáneos con los fechados de Jasiaquiri (Prümers, 2014; Prümers; Jaimes Betancourt, 2014).

Distribución de la Fase Irobi

La cerámica finamente decorada de la Fase Irobi fue registrada en colecciones superficiales de otros sitios arqueológicos: sitio Aliança, a orillas del río Mequens (Jaimes Betancourt, 2012b; Becker-Donner, 1956; Miller, 1983), sitio de Pedras Negras, Rolim de Moura y Matehuá, a orillas del río Iténez (Becker-Donner, 1956; Miller, 1983) y en varios sitios con zanjas en la provincia Iténez: Chaco Moreno, Baures, Irobi (Dougherty; Calandra 1984-85), destacando los contextos excavados en Bella Vista por el proyecto PABAM (Prümers et al., 2006; Prümers, 2014; Prümers; Jaimes Betancourt, 2014).

La amplia distribución espacial de esta cerámica y su empleo como ofrenda en contextos funerarios invitan a reflexionar respecto al papel social que desempeñó esta cerámica y al modo en que el intercambio o circulación de estos objetos puede enmascarar o representar toda una serie de relaciones sociales a nivel regional. Todavía son pocas las evidencias para proponer si este estilo representa básicamente objetos ceremoniales o es de acceso restringido para élites locales. También queda por indagar el amplio circuito



Figura 4. Cerâmica de la Fase Irobi (1.200-1.400 dC).

de intercambio o distribución de este estilo. A diferencia de otros sitios investigados en la zona, se nota que en la zanja circular de Jasiaquiri tuvo un mayor acceso al uso de este material, ya sea por su cercanía con el lugar de distribución o por las actividades que se realizaron en el sitio.

Los tipos cerámicos de la fase Irobi que aparecen en diferentes colecciones de Nordenskiöld, Becker Donner, Miller, Dougherty y Calandra, Erickson y las colecciones del proyecto PABAM, son siempre los mismos (Jaimes Betancourt, 2012). Se trata de la cerámica fina con decoraciones incisas de grecas, espirales alargadas, triángulos reticulados, espirales circulares, conjuntos de líneas horizontales paralelas, grecas semi-concéntricas y triángulos achurados. Las formas más usuales son pequeños cuencos o pequeñas vasijas con cuello, ambas relacionadas a la función de servir líquidos (Figuras 4-5).



Figura 5. Cerámica de la Fase Irobi (1.200-1.400 dC).

El material de la Fase Irobi, encontrado por Miller (1983) en el sitio Aliança y Rolim de Moura fue denominado como Fase Misionera, asociado a fechados muy tardíos. Sin embargo, los hallazgos arqueológicos de tumbas prehispánicas con ofrendas de este estilo cerámico, reivindican la posición cronológica prehispánica para la cerámica de la Fase Irobi, por lo menos en los sitios investigados en la provincia Iténez, lo que no excluye que hubieran subsistido hasta el periodo colonial, considerando que esta provincia tuvo sus primeros contactos a fines del S. XVII.

Tampoco es oportuno proponer que la fase Irobi, es la manifestación de una cultura homogénea, asentada en la provincia Iténez y sobre ambas bandas del río Iténez o Guaporé, ya que debemos considerar las diferencias en los patrones funerarios entre varios sitios durante la fase Irobi. Mientras en Bella Vista, los entierros están conformados por grandes vasijas con cuello, en la mayoría de los casos volcadas, cuya parte superior ha sido cortada y la osamenta cubierta por un grupo de vasijas; la isla de Jasiaquiri, presenta para esta fase, pequeñas urnas funerarias, finamente decoradas, las cuales probablemente solo podían contener restos incinerados.

Conclusiones

Las investigaciones llevadas a cabo en varios sitios arqueológicos asociados a zanjas en la Amazonia, demuestran que existen claras diferencias regionales en cuanto a la complejidad, funcionalidad y tiempo de ocupación de estas obras. Su amplia distribución geográfica, muestra una gran variabilidad de complejos cerámicos con connotaciones cronológicas, funcionales y culturales.

Algunos de los sitios excavados en el Acre tienen una profundidad cronológica de un par de miles de años, determinándose el uso intensivo de los mismos entre el 200 aC y 900 dC (Saunaluoma; Schaan, 2012: 7). Sin embargo, hasta ahora no existe una secuencia cronológica que permita identificar los complejos cerámicos para determinados periodos de tiempo. Incluso, se plantea que la ausencia de cambios estilísticos en las colecciones cerámicas implicaría la continuidad cultural en las diferentes fases de ocupación (Saunaluoma; Schaan, 2012: 7-8). Resulta imposible que a lo largo de mil años, estas sociedades no innovaran, imitaran o inventaran nuevos estilos cerámicos. Esto especialmente si consideramos que estas sociedades mantenían una intensa interacción cultural basada en sistemas ideológicos similares, los cuales se supone se materializaban en las obras monumentales del Acre (Saunaluoma, 2012: 575-578; Saunaluoma; Schaan, 2012: 9).

De igual manera, la heterogeneidad del material cultural encontrado en sitios asociados a zanjas a lo largo del río Guaporé o en la región de Baures, ha sido interpretada por la mayoría de los investigadores como diferencias cronológicas (Becker-Donner, 1956; Miller, 1983; Dougherty; Calandra, 1984-85, 1985). Aunque también, éstas pueden ser coetáneas y materializar un panorama de ocupaciones multiétnicas (Jaimes Betancourt, 2012b).

Existe un consenso en la investigación de la región, acerca de que el material cultural se encuentra únicamente en una capa negra antrópica, de sedimentación poco profunda (entre 30 y 70 cm. de espesor) y fácilmente reconocible de la tierra estéril color rojiza (Becker-Donner, 1956; Miller, 1983; Dougherty; Calandra, 1984-85, 1985; Erickson, 2008, 2010; Prümers et al., 2006, 2012, Jaimes Betancourt, 2014). Esta característica, sumada a la baja densidad de cerámica encontrada durante las prospecciones y sondeos

estratigráficos, llevó a interpretar a algunos investigadores como Dougherty y Calandra (1984-85: 187-189; 1985:136) que se trataba de sitios brevemente ocupados y con una población muy dispersa. La causa sería la composición altamente ácida de los suelos que obligaba a las poblaciones a mantenerse en continuo movimiento.

Erickson (2010: 627) también propone que la baja densidad de material cultural encontrado dentro de las decenas de sitios con zanjas circulares prospectados, sugeriría el breve periodo de tiempo que estuvieron ocupados, e incluso duda que hayan sido en algún momento ciertamente sitios habitacionales o que hayan cumplido únicamente una función más pública o ritual.

Lo que se observa con el ejemplo de las ocupaciones de Jasiaquiri es que la heterogeneidad regional en la cerámica, además de ser un reflejo de la diversidad cultural de la región, es producto de cambios cronológicos sustanciales, que pudieron haber influido en los roles y actividades propiciadas en cada uno de los sitios arqueológicos. Después del hallazgo de las dos fases cerámicas en la isla Jasiaquiri, separadas espacialmente por tan solo cien metros, se debe reconsiderar la compleja tarea de reconstruir las secuencias ocupacionales de sitios rodeados por zanjas, ya que la dinámica de crecimiento de los mismos y la construcción de las obras defensivas a lo largo de más de un milenio todavía no han sido comprendidas.

Dentro de un sistema con zanjas, se encuentran áreas intensamente ocupadas, con acumulaciones de desechos que pueden llegar a tener casi un metro de estratigrafía, pero también existen espacios, donde las ocupaciones o transformaciones culturales no son tan evidentes. El extenso tamaño de los sitios, junto al patrón de reocupación horizontal invita a que desarrollemos estrategias de muestreo que nos permitan entender esa dinámica, no solo temporal sino también funcional de los sitios. De esta manera podremos dejar de lado las conclusiones simplistas que implican: una baja densidad demográfica, ocupaciones esporádicas, funciones rituales. Reconocer el patrón de ocupación intra-sitio e inter-sitio a lo largo del tiempo, nos abrirá las puertas a interpretaciones más acertadas y los análisis diacrónicos ayudaran en el entendimiento de esta problemática.

Por otra parte, observamos que entre la fase Jasiaquiri y la fase Irobi, existe un cambio cualitativo en la cerámica, además de cambios en los patrones de enterramiento (Prümers et al., 2006; Prümers, 2014; Prümers; Jaimes, 2014), por lo que no se puede descartar un cambio cultural que indique la llegada de nueva gente o nuevas influencias culturales.

La amplia dispersión de la fase Irobi, permite proponer la hipótesis de que a finales de la época prehispánica, las redes sociales en el sudoeste amazónico estaban intensamente establecidas. A lo largo del río Guaporé las fronteras culturales se vuelven más tenues, debido a la presencia de cerámica Irobi en varios sitios, lo que no quiere decir que el panorama cultural se esté homogenizando, ya que existen marcadas diferencias en los patrones de enterramiento. Es posible que el material fino de la fase Irobi, sea el reflejo del establecimiento de relaciones interculturales de manera más intensa.

Futuras excavaciones en varios de estos sitios, análisis contextual de los materiales y comparaciones a nivel regional, nos permitirán reconstruir mejor el pasado prehispánico sobre ambas bandas del río Iténez o Guaporé, antes y hoy un espacio sin fronteras reales.



CONTINUIDADES Y RUPTURAS ESTILÍSTICAS EN LA CERÁMICA CASARABE DE LOS LLANOS DE MOJOS

Carla Jaimes Betancourt

RESUMO

Continuidades e rupturas estilísticas na cerâmica Casarabe dos Llanos de Mojos

Este artigo apresenta e analisa a cronologia cerâmica de dois montículos monumentais do sudeste dos Llanos de Mojos. Esta fina sequência cerâmica, dividida em cinco fases, revela importantes continuidades e rupturas estilísticas ao longo de oitocentos anos (600-1400 D), refletindo a dinâmica ocupacional ocorrida em dois montículos de habitação na área Casarabe, próximo à cidade de Trinidad, no departamento de Beni. Esta sequência é apenas um exemplo que servirá para as análises regionais e nos abrirá portas para desenvolvermos temas como hierarquização e territorialidade.

ABSTRACT

Stylistic continuities and ruptures in the Casarabe ceramics from Llanos de Mojos

This article presents and analyzes the ceramic chronology of the monumental mounds located on the southeastern part of the Llanos de Mojos. This fine ceramic sequence, divided into five phases, reveals important continuities and stylistic ruptures occurred over eight hundred years (600-1400 D); reflecting the dynamics of occupancy occurred in two dwelling mounds in the Casarabe area near the city of Trinidad - Beni. This sequence is just an example that will serve to perform a regional analysis, and will open the doors to topics such as ranking and territoriality.

Introducción

Los montículos monumentales o “lomas”, se encuentran distribuidos únicamente al sureste de los Llanos de Mojos (Denevan, 1966; Erickson, 2000; Mann, 2008; Walker, 2008). Recientes prospecciones arqueológicas (Lombardo; Prümers, 2010), han ampliado su área de distribución inicialmente propuesta (Figura 1). De acuerdo a un cálculo basado en la prospección del área central de las lomas, existen 380 montículos grandes, los cuales están además frecuentemente asociados a islas de bosque, canales y terraplenes (Lombardo; Prümers, 2010: 1879).

El área donde se encuentran los montículos monumentales está lejos del Mamoré y presenta condiciones que permiten un asentamiento largo, imperecedero y seguro, lo cual promueve una relativa estabilidad (Dougherty; Calandra, 1984: 185). Además brinda la ventaja de poder realizar cultivos agrícolas sin la necesidad de construir campos elevados de cultivo, como en otras áreas de los Llanos de Mojos.

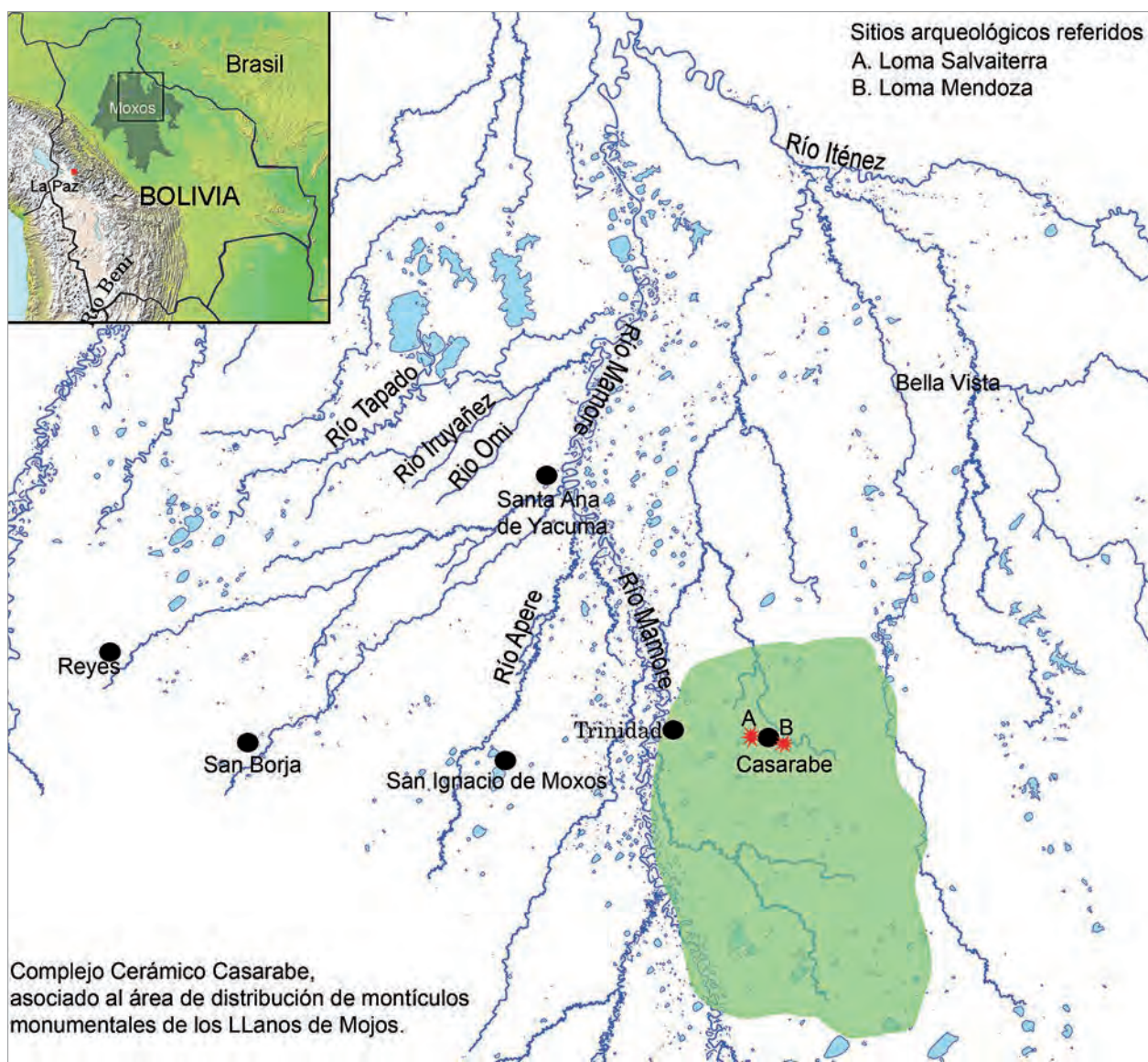


Figura 1. Mapa de distribución de la tradición cerámica Casarabe, asociada a los montículos monumentales de los Llanos de Mojos.

El análisis del patrón espacial reveló, que casi todos los montículos están ubicados a lo largo de franjas de bosque, que crecen en los depósitos fluviales de antiguos meandros de ríos (Lombardo; Prümers, 2010: 1877-1878). Al parecer los montículos más grandes están más cerca de los ríos y la mayoría de los montículos parecen estar situados al lado este del río Mamoré. El promedio del área que cubre un montículo es de 5,5 hectáreas, pero existen montículos mayores que cuadruplican esta área y pueden llegar a medir hasta 25 m de alto. Es decir, se observa una jerarquía de sitios, donde los montículos grandes, fungen como centros regionales y se conectan con los montículos pequeños, ríos y lagos por medio de sistemas de canales y terraplenes, maximizando de esa manera el acceso a los diferentes recursos disponibles en los ríos, lagos, bosques y la sabana.

Los montículos o “lomas”, son edificios compuestos por plataformas de tierra, resultado de procesos de construcción planificados desde la terraza base hasta las plataformas más altas que conforman una especie de pirámide (ver el mapa de la Loma Salvatierra bajo el término de Loma en el glosario). Aunque el diseño arquitectónico específico puede variar considerablemente de una a otra loma, existen rasgos arquitectónicos que se repiten en varios sitios, demostrando que los constructores de montículos compartían una cultura. Algunos sitios están rodeados por una o más calzadas poligonales concéntricas (Lombardo; Prümers, 2010: 1880), que cumplían una función defensiva y demarcaban un extensa área multifuncional: áreas públicas, viviendas, huertas y terrenos agrícolas, además de cementerios.

Historia de Investigación - cronologías anteriormente propuestas

La investigación de los montículos al sureste de los Llanos de Mojos, comenzó a inicios del siglo pasado con las excavaciones de Erland Nordenskiöld (1913) en las Lomas Velarde y Hernmarck, además de una recolección superficial en la Loma Masicito. En base a observaciones estratigráficas y diferencias estilísticas en el material cultural, se reconocieron en la Loma Velarde dos ocupaciones culturales: Velarde Inferior y Velarde Superior. Según Nordenskiöld (1913: 218), la fase Velarde Inferior, pertenece a una ocupación pre-montículo de gente que habitó en casas de palafitos, donde se encontró una capa ocupacional con una gran cantidad de caracoles intactos y no fracturados. El material cultural de esta fase se caracteriza por la presencia de vasijas tetrápodes, cuencos en forma de cucharas y vasijas con aplicaciones de rostros modelados, que interesantemente coexisten con una cerámica finamente pintada (Nordenskiöld, 1913: 221, figs. 68-76). La fase Velarde Superior, correspondería a los constructores del montículo propiamente. Este nuevo grupo era portador de un material culturalmente muy diferente compuesto por fuentes ralladores, manos de moler y una variedad de vasijas trípodas con decoración pintada. En la loma Hernmarck, Nordenskiöld (1913: 226-229) identificó un nivel cultural, que relacionó de acuerdo a la morfología de las vasijas y a los entierros en urna con Velarde Superior.

Posteriormente trabajos de Stig Ryden (1941), Wanda Hanke (1957), Bustos Santelices (1976, 1977) y Alicia Fernandez Distel (1987) registraron diferentes momentos de las ocupaciones de varios montículos. Las excavaciones de Dougherty y Calandra (1981-82) en la Loma Alta de Casarabe, brindaron una secuencia ocupacional de casi mil años, dividida en tres fases cerámicas: Casarabe, Mamoré y San Juan.

Las excavaciones del Instituto Alemán de Arqueología (Prümers, 2004, 2009, 2012, 2013; Jaimes; Prümers, 2015) en las Lomas Mendoza y Salvatierra, confirmaron que los montículos son complejas edificaciones arquitectónicas, varias veces remodeladas, donde se llevaron a cabo actividades domésticas y rituales. La secuencia estratigráfica y cultural, corroboran ocupaciones intensivas y continuas de más de 800 años (600-1.400 dC).

La tradición alfarera de las Lomas de Casarabe

El término de “tradición”, califica a un repertorio tecnológico y estilístico con una alta perdurabilidad en el tiempo (Wiley; Phillips, 1958). En los montículos de Casarabe esta tradición cultural se manifiesta a través de atributos tecnológicos y morfológicos que se han mantenido estables durante el tiempo de ocupación. Por ejemplo, tenemos instrumentos que por su funcionalidad eran importantes para el procesamiento de alimentos o elaboración de bebidas, tales como los ralladores y las manos de moler, artefactos en cuyos restos se encontró principalmente maíz (Dickau et al., 2012); y que aparecen recurrentemente durante toda la secuencia ocupacional.

Mediante un análisis individual de atributos tecnológicos, morfológicos y decorativos de la cerámica de la Loma Mendoza y Salvatierra, se identificaron cinco Fases cerámicas (Figura 2).

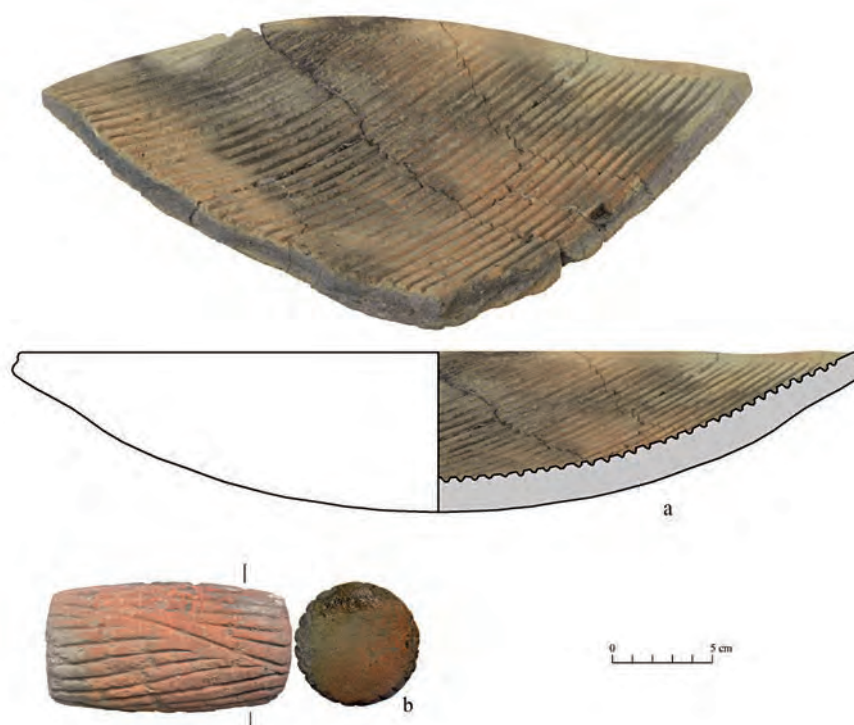


Figura 2. Ralladores y manos de moler de la tradición Casarabe.

1. Una detallada descripción de los alfares y los atributos tecnológicos pueden encontrar en Jaimes Betancourt (2012, 2012b).

Cronología relativa de los alfares en la tradición cerámica Casarabe

Tanto la arcilla como las inclusiones minerales y orgánicas encontradas de manera natural o añadidas deliberadamente, para mejorar la maleabilidad o evitar el encogimiento de las vasijas dependen del entorno geográfico. En el caso del área central y sureste de los Llanos de Mojos, donde están ubicadas la Loma Mendoza y la Loma Salvatierra, la materia prima es muy homogénea en su composición. La matriz se compone predominantemente de fracciones limosas y limo-arcillosas y menos frecuentemente de fracciones arcillosas o limo arenosas. En su composición mineralógica predomina el cuarzo e ilitas principalmente (Hanagarth, 1993: 102-103). Sin embargo, la manera de procesarla (antiplásticos, combustibles y pigmentos seleccionados), permitieron examinar cómo esta tradición alfarera puede presentar cambios temporalmente.¹ Si bien ningún alfar desaparece completamente en ninguna de las fases cerámicas, se evidenció cambios de moda y popularidad, en el uso de determinados alfares.

A nivel general se aprecia una mayor homogeneidad en la producción alfarera durante las Fases 1 y 2. En la Fase 3 se empieza a diversificar la producción con el alfar 3, el cual llega a dominar la manufactura alfarera durante la Fase 4a. En las Fases sucesivas, la producción se vuelve más heterogénea y ningún alfar específico es dominante.

A pesar de estos cambios percibidos en la producción cerámica, la contundente presencia del alfar 2 y posteriormente del alfar 3, a lo largo de toda la secuencia cerámica, hace difícil o casi imposible, atribuir un fragmento cerámico solo por su composición, acabado o color de superficie a una fase cronológica determinada, por lo que es necesario combinar estos elementos con categorías morfológicas o decorativas específicas, que ayuden a validar la propuesta cronológica.

Cronología relativa de los cuencos en la tradición cerámica Casarabe

En la alfarería de la Loma Mendoza, los cuencos presentan la mayor variabilidad morfológica. Se identificaron siete formas diferentes y cada una de éstas con numerosos tipos de bordes. Observando las formas generales de los cuencos y su distribución cronológica (Figura 3), advertimos que los cuencos abiertos tienen una larga perdurabilidad en el tiempo. Incluso el cuenco abierto carenado, aparece desde el inicio de la secuencia ocupacional, aunque con un porcentaje bastante reducido. Recién a partir de la Fase 4a los cuencos abiertos carenados se vuelven mucho más numerosos, en los cuales se reconocen varias formas de borde.

En contraposición a los cuencos abiertos, los cuencos cerrados parecen ser mejores indicadores cronológicos. Por un lado, se observa que los cuencos cerrados redondos están presentes durante la Fase 2 y principalmente la Fase 3. Un cambio relativamente brusco, origina que en la Fase 4a, los cuencos cerrados redondos sean remplazados por una variedad de cuencos cerrados carenados.

Observando la distribución en la secuencia estratigráfica de los cuencos y sus tipos de bordes específicos, se nota que existen algunos tipos de bordes peculiares que ayudan en la caracterización de cada fase ocupacional.

En la Figura 3 se eligieron los cuencos más representativos para cada una de las fases definidas, donde se puede apreciar el acabado y color de las superficies, pero ante todo el cambio consecutivo de la decoración externa e interna de la vasija.

En la Fase 1 se distinguen cuencos abiertos redondos con borde engrosado interior y labio biselado, o borde engrosado exterior y labio adelgazado. Estos cuencos tienen decoración interna pintada de color marrón rojizo de doble línea de triángulos alrededor del borde interno, cortas líneas paralelas verticales en el borde interno y cinco líneas paralelas que salen de un punto central hacia los cuatro ejes cardinales, a veces también combinados con líneas transversales.

En la Fase 2 se caracterizan los cuencos abiertos redondos con borde adelgazado o engrosado y cuencos cerrados con borde adelgazado. La decoración interna disminuye drásticamente y las superficies externas de los cuencos cerrados están embellecidas mediante líneas incisas con punteado.

En la Fase 3 los cuencos cerrados son más numerosos y presentan bordes invertidos rectos o borde con engrosado interior y labio adelgazado biselado. Esta forma también está decorada mediante incisiones de varios triángulos o espirales. Los cuencos redondos tienden a tener paredes más rectas cuyos bordes directos tienen labios aplanados o con biselado externo. La Fase 3 se caracteriza por la decoración de profundas incisiones de triángulos combinados con líneas horizontales. En muchos casos se observa además, cortas líneas horizontales o verticales distribuidas a lo largo del borde. La Fase 4a, presenta cuencos abiertos redondos con bordes rectos aplanados o ligeramente invertidos biselados. La decoración pintada en la cara interior muestra grupos de bandas horizontales, transversales o diagonales flanqueadas por líneas de puntos o líneas onduladas. Se instauran los cuencos abiertos carenados y aparecen los cuencos cerrados carenados con una gran diversidad de bordes. Ambos tipos morfológicos tienen decoración interna pintada y externa mediante la combinación de finas incisiones de triángulos, curvas concéntricas con delgadas bandas onduladas aplicadas y punteado en la parte superior de la vasija.

Los cuencos de la Fase 4b se caracterizan principalmente por los complejos motivos de pintura en negativo, formados por círculos, espirales y grecas. Los cuencos carenados tienen bordes engrosados con profundas líneas horizontales y líneas cortas verticales incisas sobre el vértice de la vasija.

En la Fase 5, los cuencos abiertos redondos se caracterizan por estar decorados mediante finas líneas escalonadas que forman diversos motivos como espirales y otros. Los cuencos cerrados redondos y carenados con borde invertido, labio aplanado o biselado tienen aplicaciones circulares o bandas con impresiones entre algunas de sus decoraciones.

Cronología relativa de las ollas en la tradición cerámica Casarabe

A menudo se cree que las formas de las vasijas domésticas, como por ejemplo las ollas para preparar alimentos tienden a ser más estáticas, tanto a nivel cultural como temporal. Sin embargo, en la secuencia de la tradición Casarabe, se puede apreciar transformaciones específicas que convierten a ciertos tipos morfológicos de ollas en buenos indicadores cronológicos. Lógicamente estos cambios se han dado de manera gradual y no excluye que varias formas de ollas se encuentran a lo largo de toda la secuencia cronológica (Figura 4).

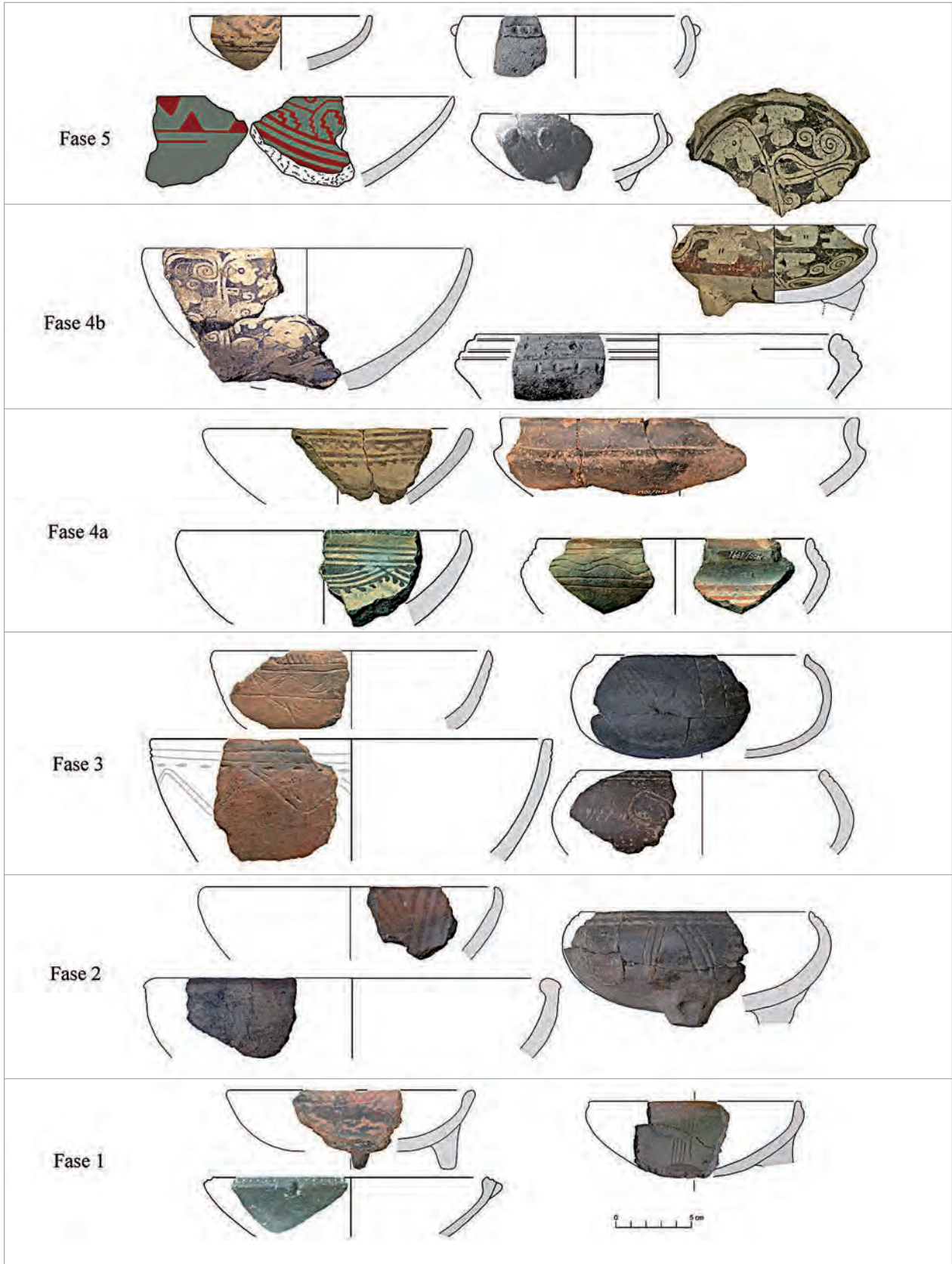


Figura 3. Cronología relativa de los cuencos en la tradición cerámica Casarabe.

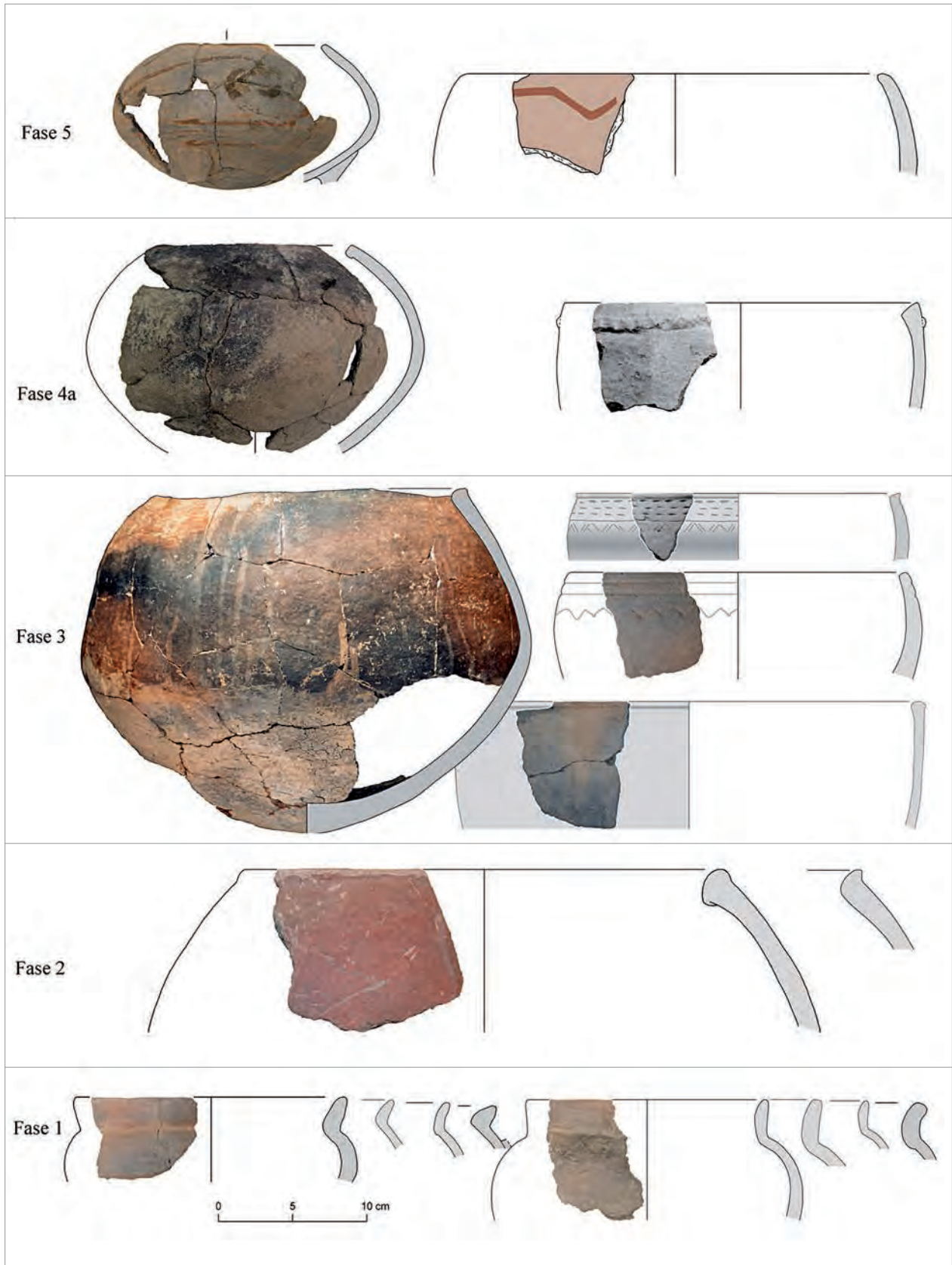


Figura 4. Cronología relativa de las ollas en la tradición cerámica Casarabe.

El cambio más radical en las ollas se da al inicio de la secuencia, cuando las ollas con cuello corto recto o abierto típicas durante la Fase 1, decaen fuertemente su frecuencia en la Fase 2, siendo remplazadas por ollas circulares con borde directo engrosado.

Si bien esta forma de olla globular y sin cuello, perdura desde la Fase 2 a lo largo de toda la secuencia, en la Fase 3 se incorporan ollas hexagonales de paredes rectas, así como ollas $>75^\circ$ de inclinación. Estas últimas presentan, durante la Fase 3, decoraciones en la parte superior y cerca al borde, de profundas incisiones con motivos triangulares, líneas onduladas y cortas líneas horizontales.

En la Fase 4a la gran mayoría de las ollas son hexagonales de paredes rectas. Una importante innovación es además la decoración en las ollas $>75^\circ$ de inclinación de una banda aplicada cerca del borde con impresiones circulares. Este motivo decorativo tiene una amplia distribución espacial en la región de los Llanos de Mojos.

En la Fase 5 se caracterizan las ollas hexagonales de bordes directos invertidos con labios aplanados o adelgazados. Algunas de ellas decoradas mediante bandas pintadas.

Cronología relativa de las ollas con cuello en la tradición cerámica Casarabe

Las pequeñas botellas son las únicas vasijas con cuello que morfológicamente tienen una connotación cronológica, ya que solamente aparecen durante la Fase 2 y 3 de la secuencia cerámica. El resto de las vasijas con cuello, tienen implicancias temporales sólo en combinación con las formas de borde y decoración.

En la Figura 5 se aprecian los bordes que identifican a cada una de las fases cerámicas, así como su decoración. La Fase 2 se distingue por el uso de una delgada banda ondulada que ha sido aplicada sobre el hombro de la olla, frecuentemente combinada con pequeñas incisiones o punteados. La Fase 3 tiene decoración de profundas líneas horizontales incisas alrededor del cuello de la vasija, muchas veces combinada con líneas verticales o triángulos.

En la Fase 4a y 4b, la decoración tanto externa como sobre el labio de la vasija fue mediante bandas pintadas con motivos geométricos que todavía faltan identificar específicamente.

Los bordes de las vasijas con cuello de la Fase 5 son fácilmente identificables, por sus bordes cóncavos con labios acanalados. La decoración es pintada de bandas onduladas verticales u semicírculos horizontales.

Interpretación de la secuencia cerámica de la tradición Casarabe

Una secuencia fina ayuda a evaluar procesos de transformaciones súbitos como paulatinos, tanto a nivel local como regional: abandono de sitios, remodelaciones, ampliaciones, etc. Igualmente las continuas interacciones de estas poblaciones originan una serie cambios graduales y/o repentinos en las tradiciones y patrones culturales, que influyen en la tecnología y estética de la cultura material.

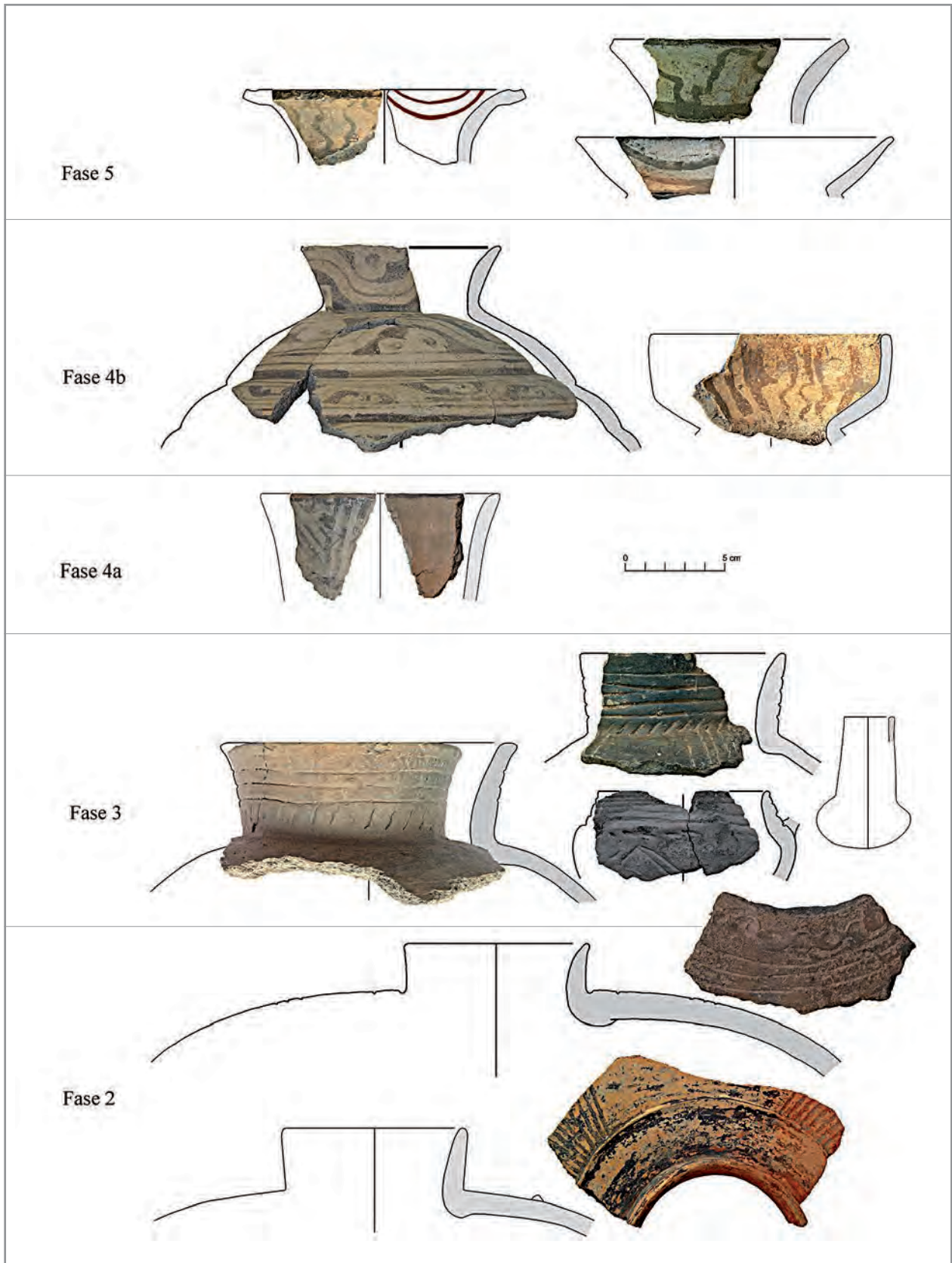


Figura 5. Cronología relativa de las ollas con cuello en la tradición cerámica Casarabe.

Es decir, las finas secuencias cerámicas de varios montículos, nos permiten ver el grado de interacción, competencia y relacionamiento de estas poblaciones a lo largo del tiempo. Tales hechos pueden ser inscritos en episodios históricos más concretos, que abarcan un lapso de tiempo entre dos y tres siglos y no así de un milenio. Mientras más fino sea el control cronológico, más acertadas serán nuestras interpretaciones respecto a las organizaciones sociopolíticas y las incidencias de las élites locales y regionales de los pueblos que construyeron los montículos de los Llanos de Mojos.

La cronología cerámica de los montículos de la Loma Mendoza y Salvatierra, refleja las alteraciones, renovaciones e innovaciones en la producción cerámica de generaciones de alfareros. Por un lado se advierten transformaciones que son respuestas a cambios culturales que alteraron los contextos sociales; existen cambios graduales y otros más rápidos como resultado de alteraciones acumulativas que se dan en diferentes atributos tecnológicos, morfológicos y decorativos de la cerámica. Se observa que entre la Fase 1, 2 y 3 existe una relativa continuidad cultural. Desde los inicios de la secuencia, existen elementos que van prevaleciendo y nuevos atributos morfológicos o decorativos que se van añadiendo paulatinamente, hasta remplazar los antiguos completamente. Durante la Fase 4a (1.000-1.200 dC) se dan una serie de cambios simultáneos; la producción cerámica, la cual había empezado a diversificarse en la Fase 3, rompe en la Fase 4 con la hegemonía del alfar 2 y el alfar 3 se constituye en el más importante. Estos cambios en la producción tecnológica de la cerámica, son también reforzados con los cambios morfológicos y decorativos de las vasijas. Aparecen nuevas formas de cuencos con nuevas técnicas y motivos decorativos, al mismo tiempo se registran nuevos tipos morfológicos de bases, soportes, asas y tapas que están acompañados del remplazo u olvido de anteriores atributos morfológicos y/o decorativos de las vasijas (Jaimes Betancourt, 2012).

Estos cambios estructurales se dan primordialmente en las vasijas de consumir y servir alimentos (cuencos y vasijas con cuello). Las vasijas para la preparación de alimentos sufren cambios más sutiles. También se hace evidente la ruptura estilística que se da entre la Fase 4a y 4b. Si bien muchas categorías morfológicas quedan intactas, el cambio parece ser más simbólico ya que se concentra especialmente en la instauración de nuevos y complicados motivos decorativos que seguramente fueron realizados por ceramistas especializados. Estos cambios han sido mejor observados en el caso de la Loma Salvatierra, donde centenares de fragmentos ricamente decorados fueron encontrados en el área central del montículo (Jaimes Betancourt, 2012).

Entre la Fase 4b y Fase 5 (1.200-1.400 dC) los cambios en la producción de cerámica también se dan relativamente bruscos. Se debe destacar el considerable aumento de producción del alfar 1 durante la última fase de ocupación y el abandono de la cerámica finamente pintada con la técnica de pintura en negativo, que fue principal característica de la Fase 4b. En la Fase 5, se crea una completa nueva gama de decoraciones pintadas mediante finas líneas escalonadas, que hasta ese momento nunca habían sido registradas.

Los cambios coetáneos identificados durante la Fase 4a van acompañados en ambos montículos con remodelaciones estructurales con la construcción de plataformas, que impactan en las dimensiones de los montículos y sus áreas de uso. Igualmente sucedió en la Loma Mendoza con la ampliación del sitio durante la Fase 4b y por último también es evidente un aplanamiento y remodelación del sitio durante la Fase 5 (Prümers, 2012, 2013). Estos continuos cambios a partir del año 1000 dC podría ser el reflejo de la competencia que llevaban a cabo entidades sociopolíticas, que conllevo a la dinámica de instaurar nuevas modas o rituales asociados a las élites gobernantes.

Esto se evidencia en las secuencias cerámicas tanto de la Loma Mendoza como de la Loma Salvatierra, cuando la producción alfarera se diversifica y las decoraciones de las vasijas cambian en las últimas tres fases de manera repentina, sobre todo en las áreas centrales de los montículos.

Lamentablemente, poco sabemos del panorama sociopolítico alrededor del 1000 dC en los Llanos de Mojos. Las alteraciones socioculturales en el montículo o los montículos del área de Casarabe, posiblemente involucraron movimientos poblacionales, cuyas dinámicas deberían poder ser verificables en otras regiones vecinas.

A nivel macro regional se tiene evidencias, que durante este mismo periodo de tiempo, en la cuenca del Amazonas se realizaron profundas transformaciones culturales, que originaron el reemplazo de largas ocupaciones de la fase Paredão o Manacapuru por aquellas de la fase Guarita. Esta fase forma parte de la tradición policroma, ya que presenta decoración negro y rojo sobre engobe blanco. Según Neves (2007: 131), la evidencia más temprana de la cerámica de tradición policroma proviene de la cuenca del alto Madeira, cerca de la actual frontera entre Brasil y Bolivia y tienden a ser asentamientos más dispersos y diseminados regionalmente.

En una escala regional de esta envergadura, los complejos cerámicos que forman parte de la tradición policroma son bastante diversos entre sí en términos cronológicos y espaciales. Por lo tanto es posible que el área de Casarabe y los Llanos de Mojos en general, no fueran ajenos a la ajetreada vida sociopolítica de otras entidades amazónicas y que las posibles rupturas socioculturales que se dieron a partir del 1.000 dC sean efecto de connotaciones más regionales que locales.

Comparaciones regionales

Durante las ocupaciones culturales de los montículos, se han dado diversos procesos de interacción social a escala local y/o regional. Resultado de éstos son las innovaciones estilísticas de la cerámica. Al intentar comparar la secuencia cerámica de los montículos de Casarabe con la secuencia propuesta por Nordenskiöld para la loma Velarde, surge el siguiente problema: la cerámica Velarde Superior, corresponde a la cerámica decorada de las Fases 4 y 5. La ausencia de las Fases cerámicas 1 a 3 nos lleva a proponer dos hipótesis: la edificación de la Loma Velarde se dio a partir del 900 dC o las excavaciones de Nordenskiöld en un área de periferia del montículo impidieron registrar las ocupaciones más tempranas, que se encuentran normalmente en el centro del montículo. Personalmente creo que la última opción es la más adecuada para entender este desfase en las cronologías ocupaciones de los montículos. Hasta ahora, en ninguno de los montículos excavados (Lomas Alta de Casarabe, Mendoza, y Salvatierra) se ha encontrado una ocupación pre-montículo asociada a cerámica con las características modeladas de Velarde Inferior. Es posible que estas ocupaciones se encuentren en áreas de pampa y muy por debajo de la superficie actual. Si realmente se trata de una ocupación pre-montículo se puede conjeturar que Velarde Inferior corresponde a un periodo anterior a las primeras ocupaciones de montículos, es decir antes del 500 dC.

La cerámica procedentes de excavaciones de otros montículos monumentales de la misma área, apuntan a que las secuencias culturales identificadas en la Loma Mendoza y Salvatierra son muy similares. Sin embargo, los otros pocos montículos excavados o prospectados muestran una historia fragmentada del desarrollo cultural de los montículos. Se debe considerar que en la mayoría de los casos, las excavaciones

se limitaron a pequeños cortes en un sector particular del montículo y normalmente se lograron excavar únicamente las ocupaciones tardías. En ese sentido, se debe mencionar que la cerámica de la Loma Hernmarck (Nordenskiöld, 1913) comparativamente con las secuencias cronológicas de la cerámica de la Loma Mendoza y Salvatierra (Jaimes Betancourt, 2012), corresponden a momentos tardíos de la ocupación, es decir a partir del 1000 dC.

En el caso de la Loma Alta de Casarabe (Dougherty y Calandra 1981-82), existe una -casi clara- correlación de secuencias cerámicas con la Loma Mendoza y Salvatierra. Es decir, la Fase Casarabe corresponde a la Fase 1 de la tradición Casarabe y la Fase Mamoré a la Fase 2. La única divergencia surge con la Fase San Juan, la cual parece contener principalmente cerámica de la Fase 3 de la tradición Casarabe. Llama la atención que el material pintado de la Fase 4 y 5 estén completamente ausentes en la secuencia de la Loma Alta de Casarabe.

Estas historias fragmentadas (Figura 6), apuntan a que posiblemente estos montículos no estuvieron coetáneamente ocupados. Por lo menos no durante todo el lapso de tiempo entre el 600 dC y el 1400 dC y que se habrían producidos ciertas mudanzas o abandonos, lo que influiría de manera determinante, en el panorama social y político de la región, y mucho más en los cálculos de inversión de trabajo y densidad poblacional (Denevan, 1964; Erickson, 2000, 2006; Walker, 2008; Lombardo; Prümers, 2010; Lombardo et al., 2014). Los cambios simultáneos en las formas, técnicas y motivos decorativos de las vasijas que se dan principalmente a partir del 1.000 dC son rupturas estilísticas posiblemente relacionadas a transformaciones sociopolíticas estructurales de la población, que todavía quedan por investigar.

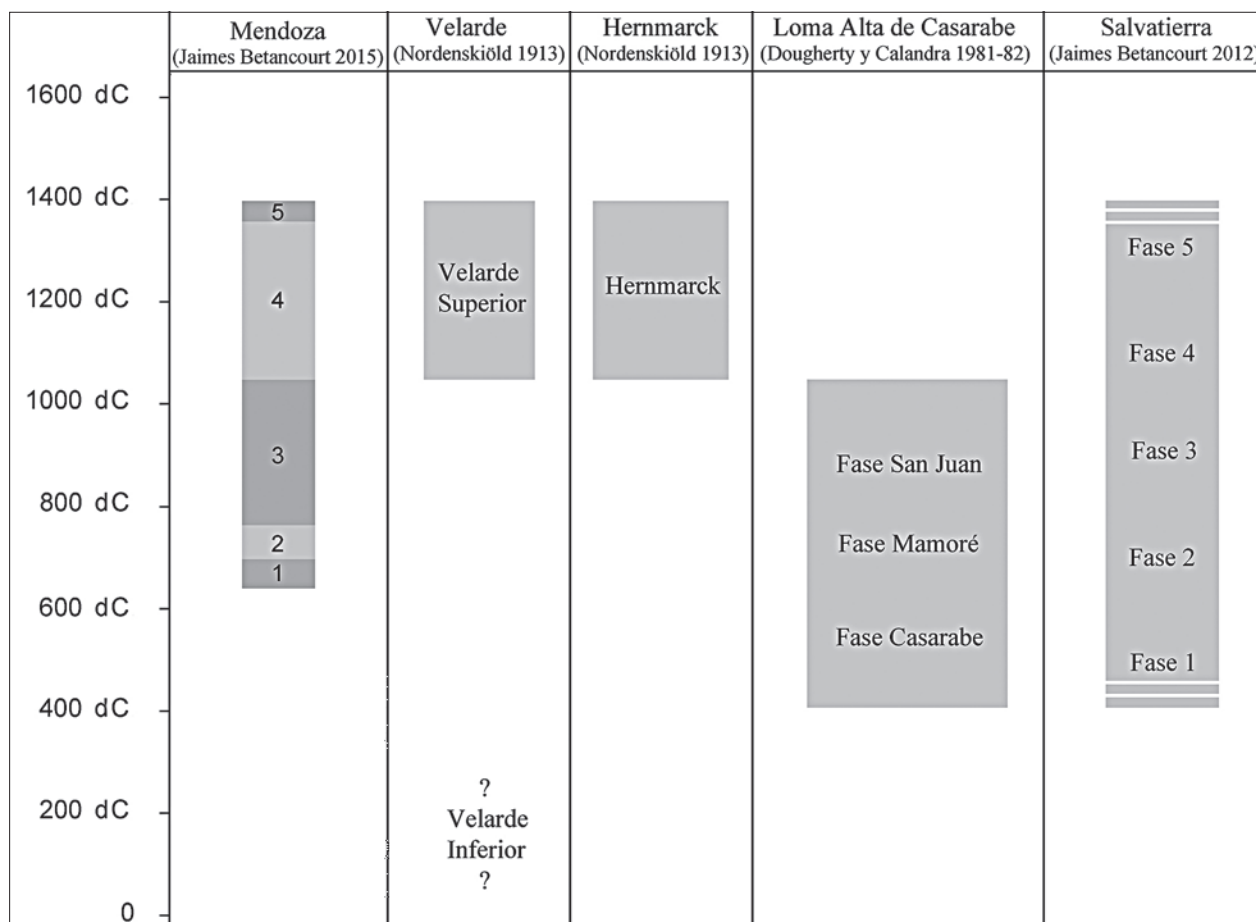
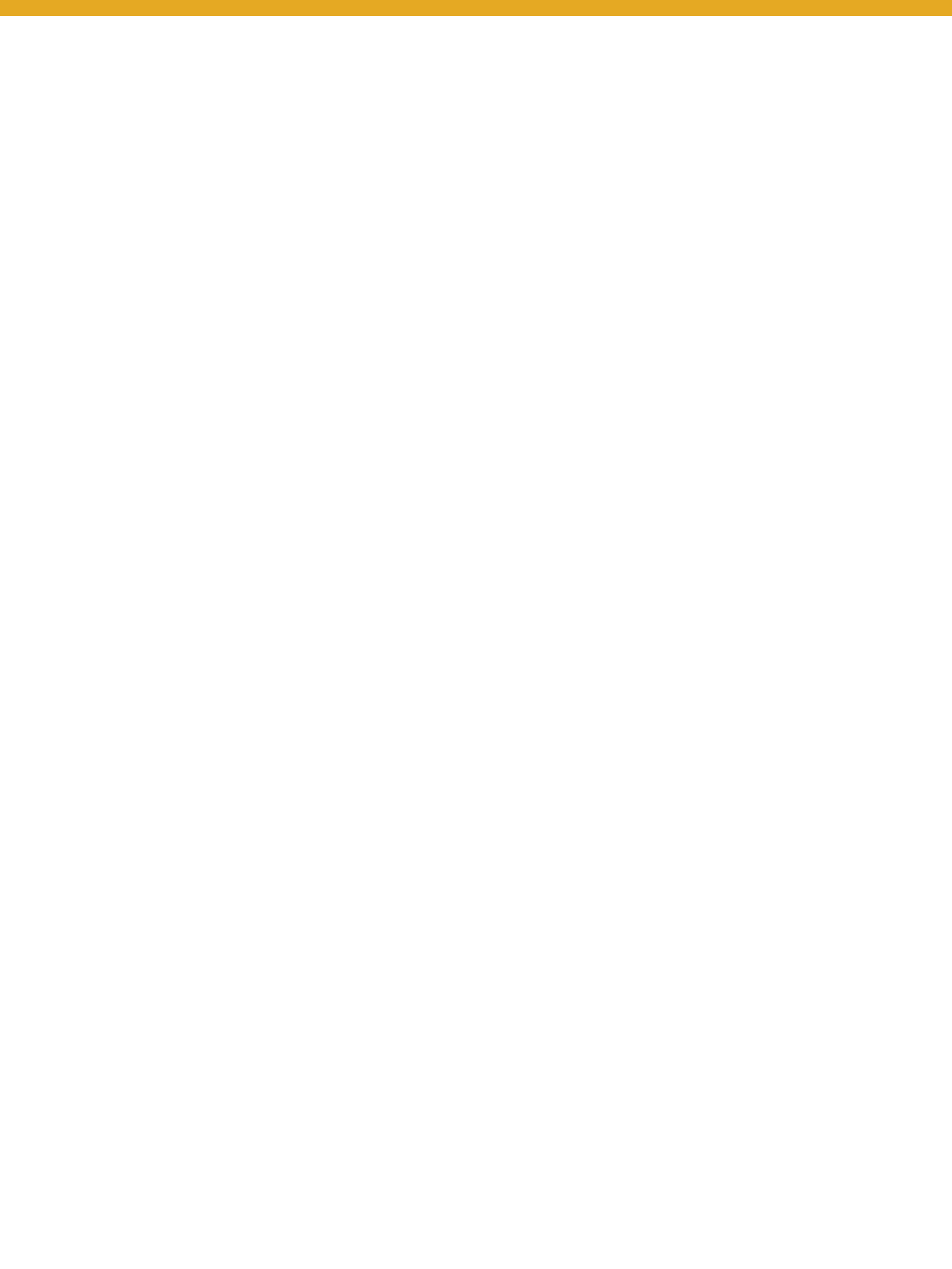


Figura 6. Secuencias cerámicas de los montículos excavados al sureste de los Llanos de Mojos.

Agradecimientos

Mi gratitud a Cristiana Barreto y Helena Lima, porque con su dedicación, fuerza y perseverancia este libro se hizo realidad. Agradecer al Proyecto Arqueológico Boliviano Alemán en Mojos, especialmente a su director Dr. Heiko Prümers por haberme brindado la linda oportunidad de establecer secuencias cerámicas del material procedente de las excavaciones en la Loma Mendoza (1999 – 2002) y la Loma Salvatierra (2004-2006).





ALTA AMAZÔNIA



TRAS EL CAMINO DE LA BOA ARCOÍRIS: LAS ALFARERÍAS PRECOLOMBINAS DEL BAJO RÍO NAPO

Manuel Arroyo-Kalin
Santiago Rivas Panduro

RESUMO

No caminho da cobra arco-íris: as cerâmicas pré-colombianas do baixo rio Napo

A arqueologia do baixo rio Napo foi inicialmente conhecida através da pesquisa pioneira de Clifford Evans e Betty Meggers (1968), cuja sequência de quatro fases é ainda a espinha dorsal da arqueologia da região. No entanto, nas últimas décadas, avanços diversos expandiram a nossa compreensão das ocupações pré-coloniais da bacia do rio Napo. As pesquisas arqueológicas na Alta Amazônia e as informações fornecidas pela arqueologia preventiva em Equador têm demonstrado que a cerâmica com decoração corrugada (fase Cotacocha) é parte de uma extensa tradição regional que começa no primeiro milênio da era comum. Por outro lado, o colecionismo missionário, que registra uma distribuição espacial da fase Napo a longo de todo o curso inferior do Napo equatoriano, documenta para esta fase um extenso vocabulário de formas de vasos e modalidades decorativas para uso doméstico, festivo-ritual, e funerário. As últimas pesquisas estendem a distribuição regional da fase Tivacuno, inserem a fase Yasuní numa extensa rede de interação do Formativo tardio, e – contrariando o modelo de áreas desabitadas entre às sociedades ribeirinhas na era pré-colombiana – registram um território de Omáguas proto-históricos que quase alcança a foz do rio Napo. Neste capítulo sintetizamos informações sobre as características formais, a distribuição regional, e a cronologia da cerâmica associada a estas fases e a outros complexos arqueológicos recentemente reconhecidos.

ABSTRACT

Following the path of the rainbow boa: Pre-Columbian ceramics of the Napo river

The archaeology of the lower River Napo was initially known through the pioneering research of Clifford Evans and Betty Meggers, whose four-phase sequence continues to be the backbone of the region's archaeology. However, in recent decades a number of advances have expanded our understanding of the pre-Columbian occupations of the Napo River basin. Archaeological research in the Upper Amazon and information derived from contract archaeology in Ecuador have shown that pottery with corrugated decoration (Cotacocha phase) is part of an extensive regional tradition that begins in the first millennium of the common era. Missionary collecting in the region, on the other hand, records the Napo phase along the entire lower reaches of the Ecuadorian Napo and documents an extensive vocabulary of shapes and decoration of domestic, festive-ritual and funerary vessels. The latest research extends the regional distribution of the Tivacuno phase, inserts the Yasuní phase in an extensive network of interaction of the late Formative, and - contradicting the model of uninhabited areas (buffer zones) between pre-Columbian riparian societies - records a territory of the proto-historic Omaguas that almost extends to the mouth of the Napo River. In this chapter we synthesize information about the formal characteristics, regional distribution, and chronology of the pottery associated with these phases and with other recently recognized archaeological complexes.

“pero es peculiar de ellas hacer la loza necesaria, pues son, por lo común, olleras á mano; y sin torno y con grande tino, hacen todo género de utensilios, ollas, cazuelas, platos, tinajas, tales cuales han menester para los usos de casa. Sacan estas piezas tan bien figuradas, tersas y templadas como los mejores alfareros. Las Encabelladas hacen loza más fina y delicada que las Omaguas; pero son éstas más hábiles para piezas grandes, como cántaros y tinajas. Unas y otras saben dar á la loza un barniz permanente, vistoso y fino, de manera que se limpian las piezas con mucha facilidad.” (s. XVIII, Chantre y Herrera, 1901:68)

Introducción

El curso del río Napo, uno de los mayores afluentes septentrionales del gran río Amazonas, recorre unos 1300 km por territorio ecuatoriano y peruano, dejando tras de sí por lo menos 178 islas fluviales. Luego de su nacimiento en las vertientes andinas, su lecho pedregoso serpentea entre los fuertes relieves del piedemonte subandino para luego alcanza la llanura Amazónica aproximadamente a partir de la confluencia de los ríos Napo y Coca. Su curso se torna entonces relativamente rectilíneo, con trechos dominados por morfología de anastomosis asociada a islas fluviales y meandros relictos asociados a cochas. En su curso inferior, recibe las aguas de tres tributarios principales – los ríos Aguarico (margen izquierda), Curaray (margen derecha), y Mazán (margen derecha) – que para los efectos de este capítulo subdividen el bajo río Napo (Figura 1) en cuatro secciones: el bajo Napo ecuatoriano, y el alto, medio, y bajo Napo peruano.

La cuenca del río Napo marca una región de gran interés histórico: se trata de la ruta fluvial que siguiera Orellana y su tripulación en el siglo XVI, la ruta utilizada por Pedro Teixeira para alcanzar la ciudad de Quito en el siglo XVII, y el asiento de misiones jesuíticas y franciscanas durante los siglos XVII y XVIII (de la Cruz, 1900 (1653); Chantre y Herrera, 1901; Uriarte, 1986). Las fuentes etnohistóricas sugieren que en el siglo XVI y XVII existían importantes asentamientos indígenas a lo largo de gran parte de su curso. En el Napo subandino se conocieron los grupos Quijos (Oberem, 1980)¹, en tanto que en las tierras bajas existieron grupos que hablaban lenguas de diferentes familias, tales como la Tucano Occidental y Tupi-Guaraní. Los hablantes de lenguas de esta última familia, concentrados principalmente entre los ríos Coca y Aguarico, eran conocidos como Omaguas u Omagua-Yeté (Chaumeil y Fraysse-Chaumeil, 1981; Cabodevilla, 1998) y se relacionaban con los grupos Omaguas del río Amazonas, con los Cocama de la cuenca del Ucayali, con los Cocamillas del río Huallaga, y con grupos Yurimaguas del río Solimões (Fritz, 1922; Michael, 2014). Hacia finales del siglo XVIII los Omagua del Amazonas occidental fueron diezmados por la acción misionera, el esclavismo, y las epidemias (Myers, 1989), mientras que los Omaguas del río Napo acabaron refugiándose en las cabeceras de tributarios del bajo Napo ecuatoriano (Oberem, 1967-8). Las noticias de siglos posteriores dibujarán un panorama de grupos más pequeños y múltiples familias lingüísticas que – tras la expansión del Quichua de tierras bajas – derivará en el mosaico de naciones indígenas que se conoce hoy en la región (Taylor, 1999).

1. La literatura arqueológica asocia los grupos Quijos del Napo subandino a la cerámica arqueológica de la fase Cosanga-Pillaro o Panzaleo (Porras, 1975a; Cuéllar, 2006; Yépez, 2008; Arellano, 2013).

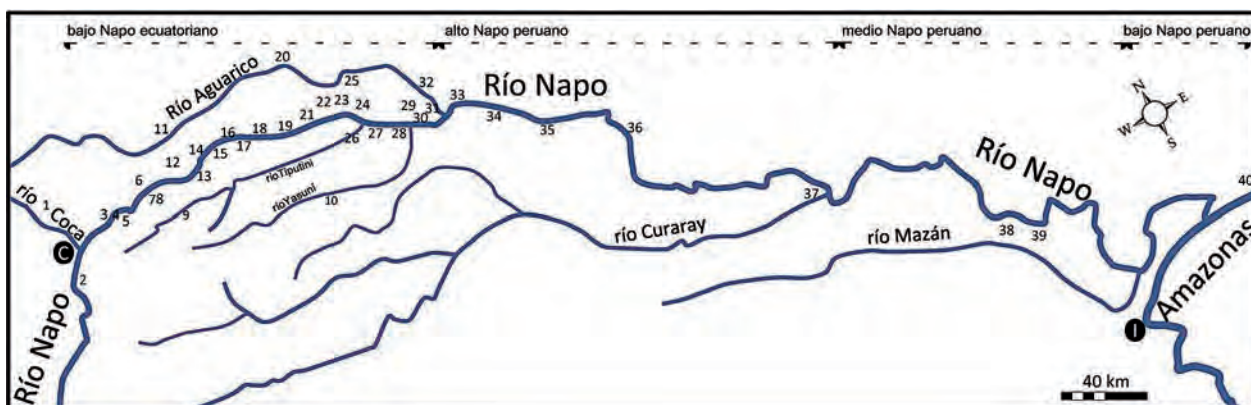


Figura 1. Mapa de los principales sitios mencionados en el bajo Napo y zonas aledañas.

C: Tradición Corrugada / fase Cotacocha; N: fase Napo; T: fase Tivacuno u otras fases con uso de pintura bi- y policroma del primer milenio de la era común; Y: fase Yasuní u ocupaciones afiliadas al Formativo tardío. En territorio ecuatoriano: C: Coca (Francisco de Orellana, Ecuador); 1. Plataforma Pata [Y,T,N] (Echeverría, 1999); 2. Caspisapa [C] (Arroyo-Kalin y Ugalde, 2015); 3. Forestal Huamayacu [C,N] (Cabodevilla, 1998; Arroyo-Kalin; Ugalde, 2015); 4. Isla de Los Monos [C] (Arroyo-Kalin; Ugalde, 2015); 5. Taracoa [C,N]; 6. Sendero Caimán (Laguna Limoncocha) [N] (Arroyo-Kalin; Ugalde, 2015); 7. NOOP1 [N] (Netherly, 1997); 8. NOOP 7 y 8 [T?] (Netherly, 1997); 9. Urna, río Tiputini [N] (Cabodevilla, com. Pers., 2014); 10. NOORH47, NOORH 48, NOORH 49 [C,N?] (Netherly, 1997); 11. Tierras Orientales [N] (Ochoa, 2007); 12. Aceipa Palmera [T] (Arellano, 2009); 13. Pilche [N] (Cabodevilla, 1998); 14. San Isla [N] (Cabodevilla, 1998); 15. San Roque [T,N] (Arellano, 2009); 16. Pañacocha [N] (Cabodevilla, 1998); 17. El Edén [Y,T,N] (Salazar et al., 2001; Ochoa 2007; Solórzano, 2007b); 18. Samona [N] (Cabodevilla, 1998); 19. Chiru Isla [T,N] (Tobar, 2005); 20. Sabalo [N] (Cabodevilla, 1998); 21. Ocaya [N] (Cabodevilla, 1998); 22. Sinchi Chicta [N] (Cabodevilla, 1998); 23. Cotacocha [N] (Cabodevilla, 1998); 24. Tiputini [N] (Evans; Meggers, 1968; Arroyo-Kalin; Ugalde, 2015); 25. Zancudo [N] (Cabodevilla, 1998); 26. Llanchara [T] (Evans; Meggers, 1968; Ortiz de Villaba, 1981; Arroyo-Kalin y; Ugalde, 2015); 27. Miranda Hill [Y] (Evans; Meggers, 1968); 28. Bello Horizonte (T) (Arroyo-Kalin; Ugalde, 2015) y Nuevo Rocafuerte [N] (Evans; Meggers, 1968); 29. Tambito Coquinche [T] (Arroyo-Kalin; Ugalde 2015); 30. San Antonio [N] (Schjellerup, 1997); 31. Boca Cocaya [N] (Cabodevilla, 1998). En territorio peruano: 32. Sirena del Aguarico [N?] (Arroyo-Kalin; Rivas 2013); 33. Fuerte Pantoja [Y,T] (Chamorro, 2011; Murga, 2013; Arroyo-Kalin; Rivas, 2013); 34. Vencedores [N] (Arroyo-Kalin; Rivas, 2013); 35. Tempestad [T] (Arroyo-Kalin; Rivas, 2013); 36. San Rafael [N] (Arroyo-Kalin; Rivas, 2013); 37. Angoteros Pampa [Y,N] (Bolaños, 1990); 38. San Felipe [N] (Arroyo-Kalin; Rivas, 2013); 39. Negro Urco [N] (Arroyo-Kalin; Rivas, 2013); 40. Orán [N] (Rivas; Myers, 2004); I: Iquitos. Diseño de mapa: Manuel Arroyo-Kalin.

La arqueología del río Napo de tierras bajas se conoció inicialmente a partir de las investigaciones pioneras de Clifford Evans y Betty Meggers (1968), quienes describieron una secuencia arqueológica consistente en cuatro fases. Observaciones provenientes de la actividad coleccionista misionera, la arqueología preventiva, e investigaciones recientes proveen nuevas informaciones que a la vez refinan y expanden dicha secuencia.

Las ocupaciones alfareras del Napo de tierras bajas

Aun cuando la expedición de Evans y Meggers (1968) se inicia en el Napo subandino, la mayor parte de su trabajo arqueológico se centró en las márgenes y tributarios del sector inferior del bajo Napo ecuatoriano. Dichas investigaciones definieron cuatro fases arqueológicas – Cotacocha, Napo, Tivacuno y Yasuní - basadas principalmente en las características de la cerámica. La fase Cotacocha, reconocida tanto en el Napo subandino como en el bajo Napo Ecuatoriano, fue considerada intrusiva en los contextos de la fase Napo y de probable fecha post-contacto. Las fases Napo, Tivacuno y Yasuní, en cambio, fueron fechadas con dataciones radiocarbónicas (Tabla 1, a1-4) que, respectivamente, sitúan sus ocupaciones hacia 1210-1280 dC (fase Napo), 550-660 dC (fase Tivacuno), y aproximadamente inicios de la era común (fase

Yasuní). Sintetizamos a continuación las informaciones sobre las características formales, la distribución regional, y la cronología de la cerámica asociada a estas fases y a otros complejos recientemente descritos.

La Fase Cotacocha y la Tradición Corrugada

Según Evans y Meggers (1968) la característica más distintiva de la fase Cotacocha es el uso de la decoración corrugada y acordelada, frecuentemente acompañada de punteado o unglado, en las zonas exteriores superiores de cuencos y ollas globulares. Se observa también el uso de la incisión, bordes doblados o evertidos, y ocasional presencia de bases anulares. Las vasijas estudiadas son fabricados por roletes con pastas que utilizan desgrasante de arena fina. Las investigaciones posteriores, por su parte, permiten replantear su posición cronológica. Ya Lathrap (1970) describe la presencia de cerámica corrugada en la tradición Cumancaya de la cuenca del Ucayali hacia el 780-990 dC (Tabla 1, b). En la cuenca subandina del río Upano, Rostain (1999) documenta la cerámica con decoración corrugada como diagnóstica de los grupos de la cultura Huapula, que habrían reocupado el sitio Sangay hacia 690-900 dC (Tabla 1, c). Por su parte Guffroy (2006) sintetiza la distribución de la cerámica corrugada en la Alta Amazonia y sugiere relaciones con la expansión de la familia lingüística Jivaro². Estas observaciones avalan que la cerámica afiliada a la fase Cotacocha en el bajo río Napo ecuatoriano forma parte de una tradición más antigua que abarca una extensa área de la Alta Amazonia. Esta inferencia es respaldada por las informaciones provenientes de investigaciones recientes en las zonas interfluviales al norte y sur del río Napo (Arellano, 2014).

Al norte del río Napo y alcanzando la frontera con Colombia, se registran hallazgos de cuencos y ollas, de formas globulares y carenadas (angulares y redondeadas), cuya característica diagnóstica más evidente es el uso del unglado, la impresión de dedos, la puntuación zonal digito-unglada, y la decoración corrugada y acordelada. Las ocupaciones asociadas, cuya alfarería incluye la presencia de urnas funerarias y fragmentos de coladores, han sido asociadas a edades de 250-630 dC y 1280-1410 dC (Tabla 1, d1, e1-10) en diversos sitios de la región circunscrita por los ríos Coca, Napo y Eno (Echeverría, 1999; Ochoa, 2007). Cerámica similar ha sido descrita asociada a ocupaciones de inicios del segundo milenio de la era común (Tabla 1, f1-2) en la cuenca del río San Miguel (Aguilera, 2003), a materiales datados hacia 890-1150 dC (Tabla 1, g) en Tarapoa (Carrera, 2003), y hacia 1225-1290 dC (Tabla 1, h) en Lago Agrio (Arellano, 2003). Se registra cerámica similar en la región interfluvial entre los ríos Coca y Napo (Bravo y Vargas, 2012), así como en sitios ubicados a ambos lados del río Napo entre los ríos Suno y río Coca (Figura 2, a-b) (Arroyo-Kalin; Ugalde, 2015).

Al sur del río Napo, Moreira (2013) reporta fragmentos de cerámica corrugada y decoración acordelada en Parroquia Taracoa, mientras que Rostoker y Netherly (1996) la registran como conjunto minoritario en el sitio NOOP-1, ubicado a orillas del río Indillama, un afluente de la margen derecha del bajo Napo ecuatoriano. De manera similar, Ochoa (2007) la detecta como componente minoritario en el sitio El Edén, en el sector del río Yuturi, afluente de la margen derecha del río Napo. Otros hallazgos reportados incluyen el sitio San Roque (Arellano, 2009) y los sitios NOORH47, NOORH 48 y Plataforma Ginta 1, ubicados en el río Dícaro, un afluente del río Yasuní (Echeverría, 1995; 2001).

2. Porras (1975b) reconoció la decoración corrugada, falso-corrugada, acordelada, unglada, así como el uso de inciso-punteado zonal grueso como parte de los tipos de la fase Pastaza, que asignó al Formativo. La posición cronológica de estos tipos fue examinada críticamente por Athens (1984). En un trabajo reciente De Saulieu (2006) sugiere la necesidad de separar completamente los tipos que presentan decoración corrugada de los tipos que usan incisión y punteado zonal finos, que son característicos de la cerámica Kamihum (DeBoer et al., 1977).

Tabla 1. Cronología de las ocupaciones alfareras del bajo río Napo y zonas aledañas

REF	SITIO	CÓDIGO DE MUESTRA	14C CONVENCIONAL		EDAD CALIBRADA (68.20%)	FUENTE
			EDAD AP	±		
a1	Nueva Armenia	P-269	769	51	1215-1280 dC	Evans y Meggers, 1968
a2		P-347	782	53	1210-1280 dC	
a3	Chacra Alfaro	SI-330	1440	70	550-660 dC	
a4	Puerto Miranda Hill	SI-300	2000	200	350 aC-250 dC	
b	Cumancaya	Y-1545	1140	80	780-990 dC	Lathrap, 1970
c	Sangay	Beta-100537	1210	80	690-900 dC	Rostain, 1999
d1	Pata 1	*	1270	80	660-860 dC	Echeverría, 1999
d2	Pata 1		2830	140	1200aC-830 aC	
e1	Guayabo	**	**	**	250-630 dC	Ochoa, 2007
e2	Nogales				420-640 dC	
e3	Itayacu - zona B				520-780 dC	
e4	Llurimagua 1 A				900-1030 dC	
e5	Llurimagua 1 B				1270-1320 dC	
e6	Itayacu Zona C	**	**	**	990-1160 dC	
e7	Chiluiza				1190-1290 dC	
e8	Pozo Rojo 1				1190-1290 dC	
e9	Jivino Rojo 2				1180-1290 dC	
e10	Conambo 1				1280-1410 dC	
e11	Edén-Yuturi				670-990 dC	
f1	Singüe 1	Beta-170955	**		1040 dC	Aguilera, 2003
f2	Singüe 1	Beta-170952			1290 dC	
g	Tarapoa	*	1030	60	890-1150 dC	Carrera, 2003
h	Lago Agrio	Beta-160843	740	40	1225-1290 dC	
i1	San Roque	Beta-168131	1340	80	620-780 dC	Arellano, 2009 Netherly, 1997
i2	San Roque	Beta-168133	1290	60	660-780 dC	
i3	Aceipa Palmeras	Beta-168135	1010	50	970-1150 dC	
j	NO0RH-49	*	1000	70	970-1160 dC	
k	CVE-Edén	Beta-229393	1620	40	390-540 dC	Solórzano, 2007b
Ref	Sitio		Fecha TL	Edad calendario		
l	Fuerte Pantoja	****	1408±21 a 2275±137		460 aC-560 dC	Murga, 2013

*: Laboratorio no informado; **: Fecha 14C y laboratorio no informados; ***: Fecha 14C y rango calibrado no informados; ****: Fecha TL (expresada en años AP)

Ochoa (2007) propone la denominación “tradición de decoración plástica” para denominar regionalmente la cerámica con decoración corrugada e inciso-punteada de la región mayor, destacando que a lo largo del tiempo estas modalidades son cada vez más frecuentemente combinadas en una única pieza y que el uso de desgrasantes se diversifica, adoptándose la apacharama (*caraipe*) y el chamote hacia comienzos del segundo milenio dC. Por su parte, Arellano (2009;2014), propone la denominación “tradición corrugado/falso-corrugado” y sugiere que sus portadores ocuparon principalmente las zonas interfluviales de la cuenca del bajo Napo ecuatoriano, cuyas márgenes habrían estado controladas por ocupaciones de la fase Napo hacia comienzos del segundo milenio de la era común.³

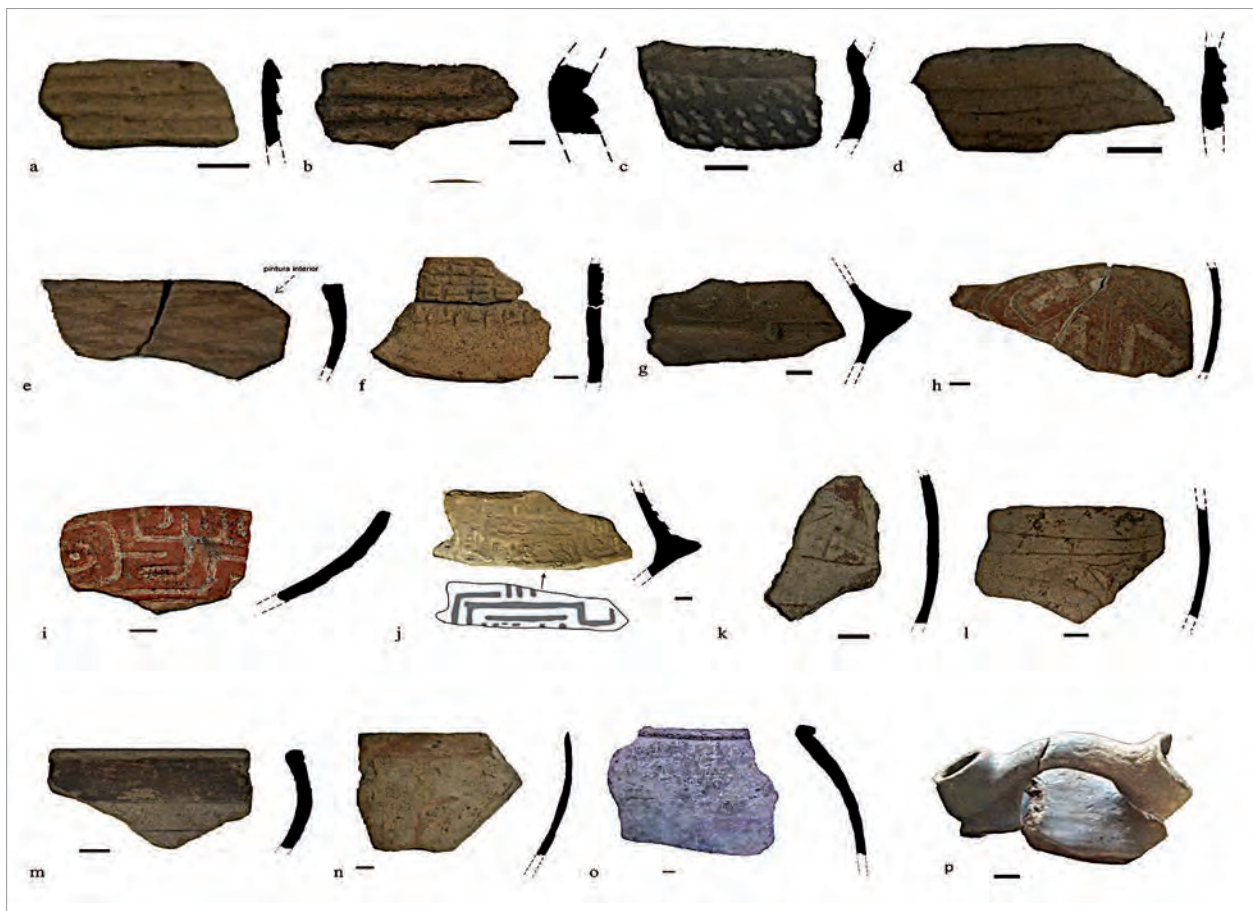


Figura 2. Cerámica diagnóstica de hallazgos recientes en el bajo Napo (Arroyo-Kalin y Rivas, 2013; Arroyo-Kalin y Ugalde, 2015). (a-e) Tradición corrugada, río Napo, Ecuador. Proveniencia: a: Comunidad Caspisapa; b: Comunidad Forestal Huamayacu; c,d,e: Isla de los Monos; f: Finca Esmeralda. (g-j) fase Napo, río Napo, Ecuador, Perú. Fragmentos de cuencos y ollas con decoración exterior incisa (g) y excisa (h, i, j), uso de pintura blanca y roja (h, i), y presencia de reborde mesial (g,j). Proveniencia: g: Tiputini Puerto, río Napo Ecuador; h: Sendero del Caimán, Limoncocha, Ecuador. i: Vencedores, río Napo, Perú; j: Negro Urco, río Napo, Perú. (k-o) Fase Tivacuno, ríos Tiputini, Cocaya, Ecuador, y río Napo, Ecuador y Perú. Decoración incisa, y uso de pintura blanco y roja en bandas. Destaca el motivo de triángulo de lados cóncavos (k y l, posiblemente n, o). Proveniencia: k: Comunidad Llanchama, río Tiputini, Ecuador; l, m: Bello Horizonte, río Napo, Ecuador; n: Tambito Coquinche, río Cocaya, Ecuador; o: Comunidad Tempestad, río Napo, Perú; p: Fuerte Pantoja, río Napo, Perú. Todas las barras de escala representan 1 cm. Fotos: Manuel Arroyo-Kalin.

3. Es de interés mencionar un hallazgo reciente en la Isla de los Monos, bajo Napo ecuatoriano. En esta isla fluvial del río Napo, un fragmento de plato decorado con pintura interior está asociado con cerámica de decoración corrugada (Figura 2, c-e).

La fase Napo

Evans y Meggers (1968) describen la fase Napo a partir de hallazgos arqueológicos provenientes del trecho del río Napo inmediatamente aguas arriba de la desembocadura del río Aguarico, además del estudio de piezas de colecciones y museos. Las investigaciones posteriores, los trabajos de arqueología preventiva, y la actividad coleccionista desarrollada por misioneros capuchinos del CICAME (hoy Fundación Alejandro Labaka) han complementado y extendido significativamente el conocimiento de la misma. La actividad coleccionista del CICAME, que se inicia pocos años después de la visita de Evans y Meggers, documenta a través de hallazgos aislados la presencia de cerámica de la fase Napo a lo largo de la totalidad del curso ecuatoriano del bajo río Napo, así como también en el medio y bajo río Aguarico (Ortiz de Villaba, Juan Santos, 1981; Cabodevilla, 1998), y en el alto río Tiputini (Cabodevilla, 2013).

Noticias adicionales provienen de los trabajos de arqueología preventiva e investigaciones realizados en el bajo Napo ecuatoriano a partir de los 90s.⁴ Entre ellos, los trabajos de Patricia Netherly identifican material cerámico diagnóstico de la fase Napo en el sitio NOOP-1 del río Indillama (Rostoker; Netherly, 1996), mientras que Arellano (2009) registra cerámica intrusiva de la fase Napo en el sitio San Roque, margen derecha del río Napo. Arroyo-Kalin y Ugalde (2015) registran cerámica de la fase Napo en la margen norte de la Laguna Limoncocha (Figura 2, g,h).⁵ Aguas abajo, se ha registrado cerámica de la fase Napo en el sitio Yuturi 1, localidad de Edén (Salazar, 2003; Bravo et al., 2007; Solórzano, 2007b), y en Chiru Isla, donde Tobar (2005b; 2005a) documenta una inusual cantidad de vasijas en excelente estado de conservación. Schjellerup (1997) registra la presencia de abundantes materiales arqueológicos de la fase Napo en el área de San Antonio, margen izquierda del río Napo, aguas abajo de Nuevo Rocafuerte. Por el río Aguarico, Salazar et al. (2001) registran cerámica de la fase Napo en la comunidad de Tierras Orientales, en el medio río Aguarico, mientras que Arroyo-Kalin y Rivas (2013) reportan cerámica policroma similar a la fase Napo en el lado peruano del curso inferior del río Aguarico.

Aguas abajo de la frontera, Bolaños (1990) registra la presencia de cerámica de la fase Napo en la localidad de Angoteros Pampa, en el alto Napo peruano. Arroyo-Kalin y Rivas (2013), por último, registran cerámica diagnóstica de la fase Napo en diferentes localidades del alto y medio Napo peruano, incluyendo Vencedores, San Rafael, y las comunidades de San Felipe y Negro Urco (Figura 1). Los hallazgos en esta última localidad (Figura 2, i-j) representan el último registro aguas abajo por el río Napo de la fase epónima. En su conjunto estos datos expanden significativamente los conocimientos de la distribución de la fase Napo aguas abajo de la ciudad de Coca.⁶ Sin embargo su cronología es por ahora incierta: aparte de las dataciones realizados por Evans y Meggers (1968), son escasos los contextos arqueológicos de la fase Napo que han sido fechados.⁷

Desde un punto de vista formal, la cerámica de la fase Napo se caracteriza por pastas que utilizan como desgrasante la apacharama (*caraipe*), la arena fina a gruesa, o el carbón. En general las vasijas son fabricadas con técnica de roletes alisados y el acabado frecuentemente incluye pulido. A partir de los datos publicados

4. Nos basamos aquí en nuestra revisión, actualmente en curso, del archivo de informes de arqueología preventiva del INPC del Ecuador. Omitimos reportes de materiales de la fase Napo que son difíciles de verificar a partir de las informaciones contenidas en algunos informes.

5. Iris Barry (1979) intentó sin éxito identificar depósitos estratificados en esta localidad.

6. El registro de cerámica de la fase Napo de manera intrusiva en el sitio Pata 3, cercano a la margen izquierda del río Coca (Salazar y Ochoa, 2007), así como formas de vasijas tenidas como coherentes con la fase Napo en el alto río Napo (Delgado, 1999), sugieren que la extensión occidental de la fase Napo aún debe ser precisada.

7. Netherly (1997) asigna a la fase Napo un sello con decoración excisa del sitio NOORH-49, ubicado al sur del río Yasuni, el que está asociado a carbón con una edad calibrada de 970-1160 dC (Tabla 1, j).

por Evans y Meggers (1968), observaciones de campo, y el estudio de la colección del CICAME (Figuras 3, 4 y 5)⁸, se puede reconocer un extenso vocabulario de tipos de vasijas y modalidades decorativas de uso doméstico, festivo-ritual, y funerario. En las vasijas de uso doméstico y festivo-ritual se observan bases planas, convexas, anulares, y en pedestal. Las paredes de las mismas pueden ser simples, carenadas o divergentes, y los bordes directos, evertidos, aplanados, cóncavos, y reforzados externamente, generando rebordes labiales planos y extendidos. Se reconstruyen platos; cuencos bajos, abiertos o profundos; ollas profundas, semi-cilíndricas, globulares, y de formas inflectadas (en las que las carenas pueden formar rebordes mesiales, ver Figura 4, d-g); tinajas de boca restringida; grandes bateas bajas; y – según Evans y Meggers (1968) – comales relativamente pequeños. Varias formas de platos y ollas tienden a rehuir la planta circular en favor de una forma base relativamente cuadrada (Figuras 3c y 4d), la que a veces es definida a través de esquinas y rebordes angulares que se proyectan.

Las decoraciones plásticas más características de la fase Napo son: las decoraciones de trazos gruesos y finos pintadas con policromía (principalmente basada en el uso de pintura roja, blanca, y negra, además de uso ocasional del naranja y amarillo); la incisión y el acanalado (producidos con una herramienta de uno, doble, o múltiples puntas); la excisión empleada para formar composiciones que pueden ser pseudo-negativas; y la adhesión de rebordes labiales o mesiales, que frecuentemente son cortados y decorados con acanalado o excisión. La incisión, excisión y pintura se emplean sobre superficies con o sin engobe previo (que suele ser rojo o blanco). Es común el uso de combinaciones de técnicas para delimitar paneles decorativos, aun cuando la incisión, el acanalado, y la excisión son casi siempre aplicados exteriormente mientras que la decoración pintada se aplica tanto interior como exteriormente. Si bien la pintura es usada para la composición de paneles decorativos (a veces precedida por incisiones leves que sirven de guía), también se le usa para pintar incisiones, acanaladuras, o zonas excisas que definen la composición. El uso combinado de la pintura y el engobe genera múltiples combinaciones bí o policromas tales como el blanco-sobre-rojo, rojo-sobre-blanco, negro sobre blanco, blanco-y-negro sobre rojo, y negro-y-rojo sobre blanco, además de pintura en negativo.

Las composiciones ejecutadas dentro de los paneles decorativos dispuestos en los cuerpos de las vasijas revelan una gramática estilística compleja y abstracta que, sin embargo, aparece marcada por diferentes formas de estilización de representaciones zoomórficas. Existen dos modelos de composición bien diferenciados que – de manera similar a los sub-estilos *quene* y *canoa* de la cerámica Shipibo-Conibo (Gebhart-Sayer, 1985) – pueden coexistir en una misma pieza. Uno de ellos, observable en superficies internas de platos y en urnas funerarias (Figura 3, b, c, e, g; Figura 5, a, f, h), se caracteriza por la ocupación del total del campo decorativo (*horror vacui*) con polígonos irregulares de formas estereotipadas. Los mismos son definidos por trazos recti- y curvilíneos formados por bandas anchas o líneas finas, pintadas simples o dobles, de ejecución firme y con trazos que ocasionalmente se entrecruzan. Las bandas son estilizadas de diferentes maneras tal que algunos detalles sugieren figuración zoomórfica. Las áreas delimitadas tienden a enmarcar diversos motivos abstractos hechos con trazo fino, incluyendo polígonos en línea fina, volutas, líneas formadas por puntos, puntillado, y motivos en cruz. Algunos de estos motivos pueden sugerir la estilización de fosfenos (Reichel-Dolmatoff, 1978) o bien recuerdan motivos empleados en la pintura facial entre grupos de la Amazonia occidental (Langdon, 1992). Otros, en cambio, sugieren

8. Nos basamos aquí en el estudio, actualmente en curso, de esta colección. El acceso a la misma, y a informaciones históricas sobre su proceso de formación, ha sido gentilmente facilitada por la Fundación Alejandro Labaka y el Museo de Arqueología y Centro Cultural Orellana (MACCO).



Figura 3. Ollas, cuencos, y sello. Colección CICAME-MACCO.

Dimensiones: a) alto: 31 cm, diámetro: 37 cm; b) alto: 8 cm, diámetro: 23.5 cm; c) alto: 9 cm, diámetro: 28 cm; d) alto: 17 cm, diámetro: 23 cm; e) alto: 17 cm, diámetro: 29.5 cm; f) alto: 18 cm, diámetro: 29 cm; g) largo: 9 cm, ancho: 5.5 cm. Fotos: Fundación Alejandro Labaka.

formas zoomórficas estilizadas que han sido interpretadas como fetos de caimanes y de culebras (Ortiz de Villaba, Juan Santos, 1981; Palacio, 1989; Cabodevilla, 1998). Las composiciones resultantes pueden ser pseudo-especulares o de representación desdoblada (Figura 5a), produciendo la sensación de simetría sobre el eje vertical, aun cuando los patrones completamente simétricos son escasos (¿acaso algunas vasijas serían pintadas en conjunto por dos artesanas?).

Un segundo modelo de composición, observable en platos, cuencos, ollas con rebordes labiales o mesiales, y tinajas está típicamente asociado con el uso de la excisión (Figura 4, a-f) con aplicación de engobe blanco, pero aparece también transportado a la decoración pintada (Figuras 3, d, 3, f, y 4, h). En este modelo las composiciones son a veces pseudo-negativas y la figuración frecuentemente genera líneas definidas por relieve que se enrollan, subdividen y bifurcan, nuevamente enfatizando representaciones desdobladas que ocupan la totalidad del espacio del campo de decoración. A veces los elementos de diseño forman grecas, volutas y/o escaleras (Figura 3, f) que se imbrican a manera de símbolo de ying-yang (Palacio (1991) los asocia a formas fetales y al mito de los gemelos entre los pueblos Amazónicos). En algunos casos, particularmente en escudillas y platos con decoración excisa, el campo de la composición exterior produce la sensación de cuatripartición a partir de la disposición alternada de los diseños bifurcados en lados opuestos de la vasija (Figura 4, c). Las composiciones resultantes de este modelo enfatizan formas ondulantes serpentiformes en las que se pueden ocasionalmente identificar estilizaciones que parecen representar ojos, fauces abiertas, barbillas de pez, y patas (ver también Oliveira, en este volumen). Es interesante observar que motivos bifurcados se registran también en sellos planos (Figura 4g), que probablemente habrían servido para decoración corporal y/o textil. Ello sugiere una relación entre la estilización de los patrones visuales de la piel de ofidios y la decoración corporal (Gallois, 1992; Taylor, 2008; Toral, 1992).

Además de estos modelos de composición 'abstracta', se registran también hallazgos de platos decorados con representaciones naturalistas de ofidios, en los cuales la decoración pintada replica con absoluto realismo el patrón característico de la piel de la Boa constrictor. En uno de ellos (Figura 3a) es interesante observar que la decoración naturalista de la piel de la misma, que se desenrolla en espiral desde el centro del plato, es acompañada por un campo decorativo formado por polígonos irregulares ejecutados en línea fina. El énfasis en la figuración de ofidios en la decoración cerámica de la fase Napo ciertamente recuerda a otros conjuntos cerámicos de la Tradición Policroma de la Amazonia (Schaan, 2001; Barreto, 2009).⁹

Las vasijas directamente asociadas a contextos funerarios son urnas funerarias de tamaño relativamente pequeño que en casi todos los casos sugieren enterramientos secundarios. Existen urnas de carácter no antropomórfico con tapaderas (Figura 4, b, d, e, g) y urnas antropomórficas (Figura 5). Ambas utilizan todos los elementos decorativos pintados de la fase Napo, especialmente el primer modelo de composición antes descrito. Las urnas antropomórficas – que utilizan puntualmente el alto relieve, el modelado, el apliqué, y el agregado para definir su identidad antropomórfica – pueden ser divididas de dos maneras (Figura 5). Desde el punto de vista de su abertura, existen urnas abiertas por la cabeza, urnas abiertas por la base, urnas donde la propia cabeza es la tapa, y urnas donde la cabeza actúa como boca de botella. Desde el punto de vista de la figuración antropomórfica, existe aquellas donde la misma es plasmada a través del uso de acanalado, pintura, apliqué sobre la forma de la vasija (estas últimas siempre son abiertas por la cabeza); aquellas en

9. Ortiz de Villaba (1987:14) registra la relevancia de estos motivos entre las actuales ceramistas Quichua-hablantes del Napo ecuatoriano: "Los dibujos más bonitos son el motelo y la pishcu amarum (boa arco iris). Con estos dibujos cualquier cosa se ve bonita". La boa arco iris y la anaconda ocupan un lugar fundamental en las cosmovisiones de tierras bajas (Roe, 1982; Gebhart-Sayer, 1985; Sullivan, 1988).



Figura 4. Platos y urnas funerarias no antropomorfas. Colección CICAME-MACCO. Dimensiones: a. alto 12 cm; , diámetro: 39 cm; b. alto: 34 cm, diámetro: 36 cm; c. alto: 9.5 cm, diámetro: 36.5 cm; d. alto: 36 cm, diámetro: 31 cm; e. alto: 44.5 cm, diámetro: 32 cm; f. alto: 35.5 cm, diámetro: 35 cm; g. alto: 24 cm, diámetro: 27 cm. Fotos: Fundación Alejandro Labaka.



Figura 5. Urnas funerarias antropomorfas. Colección CICAME- MACCO. Dimensiones: a. alto: 41 cm, diámetro: 22 cm; b. alto: 37.5, diámetro: 21.5 cm; c. alto: 23 cm, diámetro: 24 cm; d. alto: 42 cm, diámetro: 32 cm; e. alto: 65.5 cm, diámetro: 25 cm; f. alto: 22 cm, diámetro: 32 cm; g. alto: 49 cm, diámetro: 31 cm; h. alto: 34 cm, diámetro: 30 cm. i. alto: 40 cm (aprox.); diámetro: 20 cm (aprox.). Fotos: Fundación Alejandro Labaka.

la que la cabeza es modelada pero los atributos del tronco (incluyendo brazos, piernas, y otros) son adosados a una vasija; y aquellas (Figura 5e) donde el uso de una forma base cuadrada y la manera de presentar las extremidades da mayor realismo a la representación del cuerpo humano (en estas últimas la cabeza completa hace de tapa)¹⁰. La posición de las figuras antropomórficas es generalmente ‘sentada en el suelo con los pies sobre la tierra’, a veces estilizando una posición en cuclillas. Sin embargo se registran dos casos de urnas con piernas flexionadas y una sentada sobre un banco (Figura 5b).

Además de la cabeza¹¹, piernas y brazos, los elementos de la figuración antropomórfica incluyen rostros de diversas expresiones, orejas perforadas, pezones, y una identidad sexual que puede estar bien marcada, ya sea por el miembro masculino o por cobertores triangulares púbicos con un trazo vertical superpuesto (Figura 5 a, f, g, i). Entre los ornamentos adosados a los cuerpos representados – que generalmente son pintados y/o modelados - destacan trenzas; brazaletes y pantorrilleras en brazos y piernas; collares; máscaras; y diademas (en las que se observan acanaladuras y recortado). En algunos casos, las figuras representadas portan objetos, tales como discos y otros. En los casos en que se ha preservado la decoración pintada, se observa la utilización de motivos – a veces asimétricos – para la pintura facial; el uso de composiciones basadas en polígonos irregulares delineados por bandas gruesas o finas en el tronco y extremidades; y el uso de pintura para decorar brazaletes y pantorrilleras. En un caso, el tratamiento es antropomórfico-zoomórfico (Figura 5,i), dado que las piernas han sido pintadas como piel de felino, probablemente en alusión a prácticas shamánicas de transformación (Roe, 1982; Viveiros de Castro, 1998; Wright, 2013; Rosengren, 2015).

Las fases Tivacuno y San Roque

La cerámica de la fase Tivacuno fue registrada por Evans y Meggers (1968) en dos sitios del bajo río Tiputini, un afluente del río Napo que desemboca en su margen derecha, aguas arriba de la localidad de Nuevo Rocafuerte. La muestra de cerámica estudiada es pequeña pero las descripciones enfatizan la presencia de desgrasante principalmente mineral y minoritariamente orgánico, de formas reconstruidas como cuencos y ollas globulares, de decoración incisa, de engobe y pintura roja en bandas, y – excepcionalmente – de motivos pintados triangulares con pintura roja y blanca. La cerámica incluye también fragmentos retomados como afiladores y coladores. En el río Yuturi, el sitio El Edén – donde hay urnas funerarias datadas hacia el 670-990 dC (Tabla 1, e11) – y otros tres sitios, han sido afiliados a la fase Tivacuno (Ochoa, 2003; 2007). En el muelle de Chiru Isla, Tobar (2005b) registra cerámica ‘indeterminada’ que, a juzgar por fotos, es similar a hallazgos realizados recientemente en la comunidad de Llanchama (Arroyo-Kalin y Ugalde, 2015), a menos de 2 km de los sitios descritos por Evans y Meggers (1968). Las formas y modalidades de decoración de superficie de los materiales de Llanchama son coherentes con las descripciones de la cerámica de la fase Tivacuno. Entre ellos destacan fragmentos de vasija con decoración incisa fina, uso de pintura blanco y roja en bandas, y presencia del motivo de triángulo de lados cóncavos (Figura 2, k), característico de la decoración de la fase Tivacuno (Evans; Meggers, 1968: Figuras 22 y 23). Recientemente se identificaron otros cuatro sitios arqueológicos con cerámica similar en territorio ecuatoriano, tres en la cuenca del río Cocaya, un tributario del bajo río Aguarico (Figura

10. Porras (1987) sugiere que estas últimas estarían asociadas a la fase Yasuní. Desconocemos los criterios que utilizó para sugerir esta asignación.

11. A mediados del siglo XVII Laureano de la Cruz (1900 (1653):77) menciona la presencia de “una provincia de indios Omaguas, de cabezas chatas” aguas arriba de la desembocadura del río Aguarico. Cabodevilla (1998) sugiere que las formas de las cabezas de algunas urnas de la fase Napo evocan el tipo de deformación craneana de los Omaguas o cambebas.

2,n), y un cuarto en la localidad de Bello Horizonte (Figura 2, l, m), que está en la margen derecha del río Napo, cerca de Nuevo Rocafuerte¹² (Arroyo-Kalin; Ugalde, 2015). Este último es de gran interés al observarse en el mismo la presencia de un depósito melanizado estratificado que sugiere un paleosuelo antrópico enterrado bajo depósitos aluviales del río Napo. En el alto Napo peruano, por último, se ha registrado cerámica similar en el sitio Fuerte Pantoja (Chamorro, 2011; Murga, 2013) y en la localidad de Tempestad (Figura 2, o) (Arroyo-Kalin y Rivas, 2013).

Aun cuando han sido escasos los hallazgos adicionales asociados a la fase Tivacuno en el río Napo, es de interés mencionar una serie de conjuntos cerámicos contemporáneos o relacionados con esta fase. Hacia el interior de la margen derecha del bajo Napo ecuatoriano, Netherly (1997) registra dos grandes sitios, NOOP-7 y NOOP-8, cuya cerámica, que incluye cuencos y vasijas de borde evertido, “a primera vista revelaron algunas características de técnicas decorativas, que podrían relacionarles con el complejo cerámico de Pastaza” (Netherly; Echeverría, 1995). También en la margen derecha río Napo, Arellano (2009; 2014) registra la fase San Roque¹³. Se trata de un contexto fechado hacia el 620-780 dC (Tabla 1, i1-2) cuyas vasijas incluyen cuencos, cazuelas, vasos, ollas, jarras, escudillas, platos, y urnas – hechos con pastas de desgrasante principalmente mineral. Entre los tratamientos de superficie destaca el uso de pintura roja, negro y blanco sobre engobe marrón claro, oscuro, rojo o marrón rojizo, también la incisión y el acanalado. Las formas de vasijas escapan del patrón de la fase Napo y, a juzgar por las ilustraciones publicadas, podrían presentar semejanzas con formas de la fase Tivacuno. En el interfluvio Napo-Aguarico, Arellano (2009; 2014) reporta cerámica de la fase Aceipa y Palmera, que presenta gran similitud con la fase San Roque en términos de formas de vasijas y uso de pintura bicrómica, asociados a una edad calibrada de 970-1150 dC (Tabla 1, i3).¹⁴ Arellano también menciona los sitios de San Antonio, a orillas del río Jivino, con cerámica pintada similar a la encontrada en Aceipa Palmera (Arellano, 2014). En contextos arqueológicos entre los ríos Coca, Aguarico, Napo, y hasta la frontera con Colombia, se registra también el uso combinado de pintura rojo, negro y blanco asociado con cerámica corrugada (Carrera, 2003; Ochoa, 2007; Santamaría, 2014). En esta región aledaña, la edad de la cerámica pintada en rojo y blanco que Echeverría (1999) describe en el sitio Pata 1 (datada hacia el 660-860 dC, Tabla 1, d1), es coherente con la temporalidad de la fase Tivacuno. En síntesis, además de la tradición corrugada, no puede dudarse que a lo largo del primer milenio de la era común existieron en la región una pluralidad de alfarerías que enfatizaban formas de vasijas simples, incluían entierros en urna, y empleaban pintura bicolor y/o policroma como parte de sus decoraciones.

La Fase Yasuní y las ocupaciones del Formativo tardío

La fase Yasuní fue registrada por Evans y Meggers (1968) en dos sitios ubicados en la margen derecha del río Napo, aguas abajo de la desembocadura del río Tiputini. La cerámica de la fase Yasuní, muy erosionada, es descrita como de pasta fina y uso de desgrasante mineral y orgánico. Se enfatizan formas abiertas y globulares, con cuerpos simples o con carenas angulares. Se describen también la presencia de

12. Podría corresponder al sitio N-P-4, registrado por Evans y Meggers (1968).

13. Arellano (2009,2014) discute estos hallazgos en términos de dos tradiciones que denomina policroma y bicolor. Hemos preferido no usar esas denominaciones para evitar su confusión con la Tradición Policroma de Amazonia (TPA). En su definición actual la TPA incluye la fase Napo pero no la fase Tivacuno.

14. Hemos mencionado que Netherly asigna un sello con decoración excisa a la fase Napo (ver nota 7). Es interesante destacar que en las fases definidas por Arellano (2009) se registran sellos cilíndricos con utilización de técnica de excisión.

hombros redondeados y rebordes labiales. Las técnicas de decoración observadas son la incisión, la puntuación e incisión zonada (definiendo campos de decoración en la parte superior de la vasija), así como el ungulado (en bordes y carenas). La cronología y la presencia de decoración incisa hachurado zonal (Meggers; Evans, 1961) llevó a Evans y Meggers (1968) a situar esta fase en el período Formativo. Investigaciones recientes en el sitio Fuerte Pantoja, ubicado en la margen izquierda del alto Napo peruano (Chamorro, 2011; Murga, 2013; Arroyo-Kalin y Rivas, 2013) registran cerámica cuyas formas y modalidades de decoración son consistentes con las descripciones de la fase Yasuní. Un fechado por termoluminiscencia (Tabla 1, l) sugiere una ocupación entre aproximadamente 460 aC y 560 dC (Murga, 2013). Del estudio de estos vestigios realizado por Arroyo-Kalin y Rivas (2013) destaca la casi exclusiva presencia de desgrasante mineral, bordes finos y gruesos reforzados, labios redondeados y de media ojiva interna, y el uso de una acanaladura perimetral en labios extendidos. Se observan también algunos fragmentos pequeños decorados con incisiones finas paralelas y perpendiculares. Son características las vasijas con formas carenadas en la zona de inflexión cuello/cuerpo y en la sección media del cuerpo. Una observación de especial interés es el hecho que, en clara asociación estratigráfica con este conjunto, fueron hallados tres fragmentos de una botella de doble pico y asa puente, con golletes rectos y cortos, y engobe gris oscuro bruñido (figura 2,p). Un hallazgo similar, al parecer asociado a una edad calibrada de 390-540 dC (Tabla 1, k), es reportado por Solórzano (2007b) en la localidad de Edén. En la región entre el río Napo y el Coca, en el sitio Pata 1, Echeverría (1999) registra un fragmento de pico de botella con asa asociado a tiestos de paredes delgadas en un depósito fechado hacia 1200-830 aC (Tabla 1, d2). Registros similares en la cuenca del río Napo son mencionados por Bolaños (1990), Meggers (1997), y Arellano (2013), entre otros. En el área mayor se registran artefactos similares en la Amazonia ecuatoriana (Carrera, 2003; Valdez, 2008) y peruana (Lathrap, 1970; Morales, 1992; Rivas et al., 2008).

Discusión y conclusiones

La secuencia arqueológica del bajo Napo Ecuatoriano de Evans y Meggers (1968) continúa siendo la columna vertebral de la arqueología de la región. Sin embargo los hallazgos más recientes permiten reforzar algunas hipótesis previamente discutidas así como plantear algunas ideas nuevas. La fase Napo es reconocida como el miembro más occidental de la Tradición Polícroma de la Amazonía (Meggers; Evans, 1983), que incluye otros conjuntos datados hacia comienzos del segundo milenio de la era común: Aristé y Koriabo (Boomert, 2004), Marajoara (Meggers; Evans, 1957), Guarita, Tefé (Hilbert, 1968, ver también el capítulo de Tamanaha en este volumen), la cerámica polícroma del alto río Madeira (Miller, 1992, ver también el capítulo de Almeida en este volumen), Nofurei (Herrera et al., 1980-1), Zebú (Bolian, 1975), y Caimito (Weber, 1975). Diversos autores han sugerido una relación entre los portadores de cerámica de esta tradición y la expansión de grupos de hablantes de lenguas Tupi-Guaraní a comienzos del segundo milenio de la era común (Lathrap, 1970; Brochado; Lathrap, 1982; Meggers; Evans, 1983; Myers, 1989; Palacio, 1989; Cabodevilla, 1998, ver también el capítulo de Belletti en este volumen). En la Amazonía occidental, esta propuesta es respaldada por la distribución etnohistórica de los grupos que hablaban lenguas Tupi-Guaraní (Chaumeil; Fraysse-Chaumeil, 1981; Porro, 1981; Nimuendajú, 1987), específicamente los pueblos Omagua y Cocama, que coincide con la ubicación de diversos conjuntos de la Tradición Polícroma (Lathrap, 1970; Brochado; Lathrap, 1982; Meggers; Evans, 1983; Myers, 1989).

Se ha sugerido que las diferentes parcialidades o 'provincias' Omagua habrían estado separados por extensas áreas de despoblado (DeBoer, 1981), o bien delimitadas por la presencia de otros grupos étnicos (Cipolletti, 1997). En este sentido, las informaciones etnohistóricas relativas al río Napo (Chantre; Herrera, 1901; Uriarte, 1986) son claras en mencionar la presencia de grupos indígenas hablantes de lenguas de la familia Tucano Occidental entre los ríos Aguarico y Mazán, lo que refuerza la idea de un reducto Omagua ubicado agua arriba del río Aguarico. Sin embargo, los hallazgos recientes de cerámica arqueológica de la fase Napo en el alto y medio río Napo peruano amplían considerablemente la extensión espacial de este reducto, de hecho acercándolo significativamente a los hallazgos de cerámica de la Tradición Polícroma Amazónica de la localidad de Orán, a escasos 25 km de la actual desembocadura del río Napo (Rivas; Myers, 2004). Esta distribución extensa de la fase Napo documentaría un antiguo territorio (o mínimamente un corredor de expansión) dominado por grupos de habla Tupi-Guarani – los Omaguas proto-históricos – que pudo haberse extendido por la casi totalidad del curso del río Napo en tierras bajas. Contrariando los modelos de zonas de despoblado (DeBoer, 1981) o de una Amazonia occidental escasamente poblada en tiempos precolombinos (e.g. McMichael et al., 2012), la escasa visibilidad arqueológica de este territorio parece estar determinada por la ausencia de investigaciones arqueológicas intensivas y, probablemente, por consideraciones geomorfológicas (Ortiz de Villaba; Juan Santos, 1981; Myers, 1992).

En este escenario son de gran interés las síntesis de trabajos de arqueología preventiva realizados en el territorio septentrional ecuatoriano (Ochoa, 2007; Arellano, 2014), las que demuestran que grupos asociados con cerámica corrugada habrían sido anteriores y contemporáneos a los portadores de la fase Napo. Estas investigaciones sugieren que los grupos que usaban cerámica corrugada habrían evitado los territorios a orillas del río Napo y Aguarico pero, en cambio, ocupado las regiones interfluviales aleaños. En el contexto de las ocupaciones precolombinas Amazónicas, la densidad de hallazgos que estos trabajos reportan – así sea de pocos fragmentos de cerámica – no es menor (Solórzano, 2007a). La misma sugiere que las áreas interfluviales albergaban múltiples grupos de tamaño pequeño pero con capacidad de mantener extensas redes regionales de intercambio. De resultar extensible esta reconstrucción al curso del río Napo en territorio peruano, se reforzaría considerablemente un modelo de colonización precolombina de los grupos Tupi-Guarani centrado en las grandes avenidas fluviales de la Amazonia occidental. Al mismo tiempo, la profundidad temporal de las ocupaciones de la tradición corrugada y su coexistencia con complejos cerámicos anteriores a la fase Napo, como la fase Tivacuno, sugieren que ya durante el primer milenio de la era común existieron en el bajo Napo ecuatoriano y alto Napo peruano grupos cuyas tradiciones alfareras empleaban diversos elementos presentes en la cerámica de la Tradición Polícroma de la Amazonía, por ejemplo la fabricación de urnas funerarias y la decoración pintada bi- y policroma. Paradójicamente, la cronología de estas ocupaciones ha sido mejor establecida por dataciones radiocarbónicas que la propia fase Napo. La casi total ausencia de dataciones para esta última impide realizar comparaciones cronológicas sustantivas con otros complejos de la Tradición Polícroma de la Amazonía.

Por último, son de gran interés los hallazgos de materiales cerámicos que pueden ser afiliados a la fase Yasuní en el alto Napo peruano. Además de extender considerablemente la muestra de cerámica para caracterizar esta fase, destaca su clarísima asociación estratigráfica con fragmentos de botellas de doble pico y asa puente. Este hallazgo respalda diversas sugerencias (Lathrap, 1970; Morales, 1992; DeBoer, 2003; Arellano, 2013) relativas a la existencia de un extenso horizonte asociado al período Formativo tardío, cuya duración podría extenderse hasta los primeros siglos del primer milenio de la era común. Dicho horizonte sería contemporáneo con las ocupaciones ceramistas de la tradición Poco-Açutuba en la Amazonia brasileira (Neves et al., 2014), lo que plantea una secuencia de ocupación

del paisaje occidental Amazónico por grupos alfareros de una antigüedad comparable. ¿Qué similitudes y qué diferencias habrán existido entre los procesos históricos que ocurrieron en ambas regiones? Esperamos que investigaciones arqueológicas futuras permitan resolver estas y otras preguntas que surjan por el camino que dejó la boa arco iris.

Agradecimientos

Especiales agradecimientos a las organizadoras del taller “Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia. Rumo a una Nova Síntese” por su invitación a participar del mismo. Nuestras investigaciones aquí reseñadas fueron financiadas por una beca postdoctoral y un fondo piloto de la British Academy, además de recursos propios. Especiales agradecimientos a nuestros colegas y amigos María Fernanda Ugalde (Pontificia Universidad Católica del Ecuador, Ecuador), Fernando Mejía (Instituto Nacional de Patrimonio Cultural del Ecuador - INPC), Miguel Ángel Cabodevilla, Juan Carlos Andueza y Milagros Aguirre (Vicariato del Aguarico, Ecuador y Fundación Alejandro Labaka), Héctor Vargas y Carlos Duche (Fundación Sumak Allpa), Eduardo Neves (Universidade de São Paulo, Brazil) y Maritza Ramírez Tamani y Luis Angulo Paredes (Dirección Desconcentrada de Cultura de Loreto, Perú). Los trabajos de campo en Ecuador (al amparo de la autorización 160-2013 del INPC a María Fernanda Ugalde), y en Perú (en el marco del Plan Operativo Institucional de la DDC Loreto / MC a Maritza Ramírez Tamani) fueron apoyados por nuestros amigos José Oliver (UCL Institute of Archaeology), Manuel Coquinche (Nuevo Rocafuerte, Ecuador), Wilger Bosmediano Vaquero y Arbildo Del Águila Del Castillo (Iquitos, Perú), así como por la Alcadesa Anita Rivas (cantón Francisco de Orellana, Ecuador), el Alcalde Franklin Cox, el vice Alcalde Luis Cordobilla, y el Jefe de Planificación, José Jiménez (Cantón Aguarico, Ecuador), la Sra Ximena Freire (Museo Arqueológico y Centro Cultural de Orellana – MACCO, Ecuador), y la Alcaldesa Adela Jiménez Mera (Provincia de Maynas, Perú). Todas las visitas a emplazamientos arqueológicos fueron autorizadas por los habitantes de las comunidades, contándose también con la anuencia previa de la Federación Interprovincial de Comunas y Comunidades Kichwas de la Amazonia Ecuatoriana. Por último, agradecemos las discusiones y consejos de nuestros colegas y amigos Stéphen Rostain (Centre National de la Recherche Scientifique, Francia), Eduardo Góes Neves (Universidade de São Paulo), Geoffroy De Saulieu (Institut de Recherche et Développement - IRD, Francia), y Francisco Valdez (IRD).



LA CERÁMICA DE LA CUENCA DEL PASTAZA, ECUADOR

Geoffroy de Saulieu
Stéphen Rostain
Carla Jaimes Betancourt

RESUMO

A cerâmica da bacia do Pastaza, Equador

Os dados da província de Pastaza na Amazônia equatoriana, ainda muito incompletos, indicam a presença de culturas ceramistas (complexo Pambay), pelo menos desde o período formativo, cerca de 2000-1500 aC. Em seguida, os complexos de cerâmica evoluem sem grandes rupturas, mostrando ligações estilísticas óbvias entre si e com o mundo andino em um sentido amplo. Uma mudança importante ocorre entre o sétimo e nono séculos AD, marcada pela chegada da cerâmica com grandes vasos (vasilhas para chicha e urnas funerárias), e a presença mais ou menos importante do estilo com decoração corrugada. A tradição atual de cerâmica Quichua-Canelos, apesar de vir de uma endogênese colonial e republicana, é ao mesmo tempo herdeira desta época e integra elementos provenientes da Tradição Polícroma do rio Napo.

ABSTRACT

Ceramics from the Pastaza basin, Ecuador

The data of the Pastaza province in the Ecuadorian Amazon, although still very incomplete, indicates the presence of pottery cultures (Pambay complex) at least since the Formative period, about 2000-1500 BC. Then, the ceramic complexes evolve without major disruption, showing in a broad sense obvious stylistic links between themselves and the Andean world. A major change occurs between the seventh and ninth centuries AD, marked by the arrival of pottery with large pots (pots for Chicha and urns), and the presence to some extent important of corrugated style decor. Current tradition of pottery Quichua-Canelos, despite the fact it comes from a colonial and republican endogenesis, is heir of this period and at the same time integrates elements of the Napo River Polychrome tradition.

Introducción

La cerámica de la cuenca del Pastaza no estaba conocida hasta los últimos años. Los complejos arqueológicos y la cronología regional fueron definidos gracias a investigaciones recientes. La primera se dedicó al medio Pastaza, en la baja Amazonía ecuatoriana, con el estudio de colecciones privadas y un reconocimiento en la comunidad de Muitzentza, por Carlos Duche Hidalgo y Geoffroy de Saulieu el año 2006. Los datos de las fuentes de Pastaza provienen del material cerámico colectado al pie del volcán Tungurahua, bajo capas antiguas de erupción, por el vulcanólogo Jean-Luc Le Pennec (IRD) y estudiados por Geoffroy de Saulieu. Finalmente, una gran parte de los datos fueron obtenidos durante el proyecto de investigación interdisciplinaria “Zulay, el portal precolombino de la Amazonía”, llevado a cabo entre el 2011 y 2014, dirigido por Stéphen Rostain y financiado por el Ministerio de Relaciones Exteriores de Francia y el Instituto de Investigación para el Desarrollo. Esta investigación se concentró en el alto Pastaza, en la planicie de salida del cañón que se forma en el piedemonte de Los Andes, y donde fueron prospectados y excavados varios sitios arqueológicos. La cerámica colectada durante este proyecto fue estudiada por los tres autores.

El Pastaza nace de la unión a 1900 m de altura entre los ríos Chambo y Patate, al pie del volcán Tungurahua en la vertiente oriental de los Andes. El río baja un encañonado, y desemboca súbitamente, hacia 1200 m en un área plana de mesetas y colinas cubiertas de selva tropical. Luego, esta meseta tiene un escalón que baja al nivel de 600 m, en la selva baja. Las riberas del medio Pastaza, entre 600 y 250 m de altura, corresponden a una región de transición entre la alta y la baja Amazonía que se extiende sobre 130 km hasta la frontera con Perú. Allí, el río deja limones volcánicos fértiles¹.

La distinción entre la alta y la baja Amazonía no se hace únicamente con base a la geografía física, pero también tomando en cuenta el papel de los caminos y de los ríos. En la alta Amazonía, los caminos tienen una importancia crucial porque los ríos son difícilmente navegables dado el declive y el alto grado de pluviosidad. En la baja Amazonía, los ríos constituyen el lazo fundamental para los intercambios a larga y a corta distancia, siendo el río Marañón el que ocupa el primer lugar en importancia. En este sentido, el paso entre lo alto y lo bajo resultaría definitivo a nivel de la actual frontera con el Perú. En realidad, la parte alta del río Pastaza, constituye una zona de transición, pues el Bobonaza, un afluente del Pastaza, es navegable desde Canelos hasta su desembocadura, ubicada cerca del piedemonte andino. Su curso es paralelo al del Pastaza, así que mitiga el hecho de que el Pastaza no sea navegable. Por otro lado, la ribera sur del Pastaza es en este tramo más empinada que la otra. Esta configuración se explica por la geología y tiene por consecuencia que la mayor parte de los afluentes provienen de la ribera norte. En teoría, eso favorecería una circulación humana desde el norte, pero en realidad todo depende de las circunstancias: los datos etnohistóricos recientes (siglos XVII-XVIII) muestran que el Pastaza marca la frontera entre los grupos etnolingüísticos jíbaros y zaparoanos (frontera que se confirma por la oposición entre grupos cerámicos), pero en los periodos anteriores encontramos tradiciones cerámicas comparables, casi similares, en ambas riberas del río.

1. El mapa presentando la cuenca del Pastaza y los sitios citados en este artículo está ubicado como figura 1 en el artículo de Stéphen Rostain “La cerámica del valle del Upano”, en este volumen.

El Formativo

LA CULTURA PAMBAY

La distribución del complejo cerámico Pambay en el contexto regional no se conoce, pero probablemente se localiza en la comarca de Puyo dado que ha sido encontrado en dos sitios arqueológicos: Colina Moravia cerca de Shell, y Pambay en el suburbio norte de la ciudad de Puyo. Su cronología se sitúa en el Formativo (Figura 1) tardío como lo indican las tres fechas AMS provenientes de los sitios de Colina Moravia y Pambay.

NOMBRE DEL SITIO	CÓDIGO DE LABORATORIO	FECHA ANTES DEL PRESENTE SIN CALIBRAR	FECHA aC Y dC CALIBRADA 2σ , SEGÚN OxCal v4.2.4
Pambay	Lyon-9521	3135 ± 30 AP	1496-1302 aC
Colina Moravia	UBA-20797	3671 ± 32 AP	2141-1950 aC
Colina Moravia	Beta-324360	3460 ± 30 AP	1881-1692 aC

Los dos sitios fueron habitacionales. En la excavación en área efectuada en el sitio Pambay se registró el plano de 2/3 de una casa con fogón y huecos de postes.

De 200 tiestos, se distinguen cinco pastas que corresponden igualmente a formas y tratamientos diferentes. La pasta A (Figura 1.1-1.2 y 1.8 - 1.10), es la más común, con más de 80 tiestos. Se caracteriza por ser de color naranja teja con un desgrasante fino constituido por partículas blancas redondeadas que representan alrededor del 10% de la pasta. Corresponde a recipientes con paredes poco gruesas comprendidas entre 0,5 y 0,2 cm. Se trata sobre todo de recipientes cerrados, compuestos especialmente por cuellos verticales de vasija con bordes anchos y labios replegados hacia el exterior, y por cuencos simples con paredes convexas y labios replegados hacia el exterior. La superficie de los tiestos esta cuidadosamente alisada. La Pasta B (Figura 1.3) es frecuente ya que agrupa unos 60 fragmentos. Es una pasta beige, que recuerda a la Pasta A, pero con un desgrasante más abundante (30%). También es heterogénea y menos compacta que la Pasta A, y presenta superficies menos alisadas. A menudo los recipientes tienen una pared fina, (entre 0,6 y 0,8 cm de espesor), y poseen con frecuencia una carena. La Pasta C (Figura 1.4-1.5), con 30 fragmentos, posee un color de castaño a gris. La pasta se caracteriza por su desgrasante abundante (30%) de granos blancos de menos de 0,1 cm de diámetro. Si bien el exterior está a menudo alisado con cuidado, el interior de los recipientes, la mayoría de la veces carenados con borde vertical, presenta una superficie interior negra bruñida, con pulido negro brillante. El espesor de los tiestos va de 0,2 cm a 0,6 cm. Los 30 tiestos de Pasta D (Figura 1.6) tienen una textura tosca: el desgrasante abundante (30 a 40%) puede presentar granos de más de 3 mm. La superficie de los recipientes presenta generalmente un alisado grueso para recipientes carenados del tipo escudilla y vasija, con paredes de 0,6 a 0,8 cm de espesor. Para concluir, observamos un tiesto fino y carenado, recuperado a proximidades del hogar, el cual podría representar una última pasta F (Figura 1.7). Es de color crema clara con un desgrasante muy abundante (50%) constituido por granos blancos de menos de 1 mm.

Mayores ejemplos y descripciones sobre el complejo formativo Pambay se puede encontrar en las siguientes referencias bibliográficas: Rostain y Saulieu, 2013; Saulieu, Rostain y Le Pennec, 2014; Rostain y Saulieu 2014; Jaimes Betancourt et al. 2014; Rostain, Saulieu y Lézy 2014.



Figura 1. Cerâmica do Formativo. 1.1 hasta 1.10) Complejo Pambay proveniente del sitio Pambay; 1.11 y 1.12) Formativo de la región de Baños; 1.13) Complejo Pambay proveniente del sitio Colina Moravia; 1.14 y 1.15) Botellas de asa puente proveniente del trans-Cutucú, provincia de Morona Santiago (colección privada) (Foto Saulieu y Rostain).

APUNTES SOBRE EL FORMATIVO TARDÍO DE BAÑOS

El material formativo tardío de Baños proviene de la vertiente oriental de los Andes, al pie del volcán Tungurahua, el cuál domina los manantiales del río Pastaza. El material procede de hábitats precolombinos destruidos por una erupción mayor que data del año 1100 aC (cal). Las muestras son muy escasas (38 tiestos) y proceden de 3 localidades pero comporten algunos rasgos diagnósticos que permiten hacer comparaciones con el material contemporáneo del complejo Pambay.

El tamaño de los tiestos oscila entre 2,5 y 7 cm, con un espesor entre 0,3 hasta 0,8 cm. Notamos 3 tipos de pastas distintas. La más frecuente (25 tiestos), bastante homogénea, tiene un desgrasante local con partículas que no sobresalen 1 mm: anfíboles and plagioclasas. La cocción parece haber sido variable en todas las pastas. Los tiestos provienen de formas de ollas con cuello y cuerpo globular pero también se nota un cuenco carenado de 18 cm de diámetro con muescas debajo del labio (Figura 1.12). Todos los tiestos presentan un acabado de superficie alisado. Las decoraciones son pocas: además del muestado notamos punteado e incisiones en superficie asociadas con líneas bruñidas (Figura 1.11). Pese a la fragmentación del material, probablemente en parte debido al proceso catastrófico del enterramiento, es homogéneo y tiene rasgos comunes con otras culturas de la misma época. El cuenco carenado se hace muy similar al material de la cultura de Cotocollao (Villalba, 1988) en los andes, pero, también con el material de Pambay, sea formas de cuenco (Figura 1.13) o modalidades decorativas como las incisiones en superficie (Figura, 1.10)

El promedio de las fechas se encuentra más especialmente entre 2640 ± 45 años AP y 3195 ± 45 años AP (cf. Le Pennec et al., 2013). La calibración indica que la erupción pliniana ocurrió hacia 1100 aC.

Las referencias bibliográficas del complejo son Saulieu & Le Pennec, (2007); Le Pennec et al. (2013); Saulieu, Rostain y Le Pennec (2014).

A pesar de su estado fragmentado y limitado, el material del Formativo tardío muestra su inserción en unos conjuntos culturales contemporáneos de finales del Formativo ecuatoriano (Rostain; Saulieu, 2013). Hay que subrayar que el carenado, muy frecuente en el material de Pambay y Baños, es un elemento omnipresente en las diferentes tradiciones cerámicas del final de esta época, ya sea Machalilla y Chorrera en la costa pacífica (Meggers; Evans; Estrada, 1965), Cotocollao en la región de Quito (Villalba, 1988), o incluso en la Amazonia peruana con las tradiciones Tutishcainyo y Shakimu (Lathrap, 1970). Vista la cronología del material, no sería absurdo pensar que estas tradiciones formativas conforman parte del “*flash horizon*” que Warren DeBoer (2003) propone hacia el año 800 aC, e incluso un poco antes para la alta Amazonia. A la gran popularidad de los recipientes abiertos carenados tenemos que añadir para esta vasta región situada entre Perú y Ecuador, la presencia importante de botellas con asas en puente asimétrico (Figura 1.14-1.15), cuyo uso todavía es enigmático. Lo que sí es seguro es que las botellas enteras, o sus fragmentos, aparecen numerosamente en las provincias de Morona-Santiago y Pastaza, incluso en las proximidades de Puyo (Duche Hidalgo; Saulieu, 2009), pero muy raramente en situación primaria. La pasta, compacta y homogénea, así como una cocción a menudo realizada en atmósfera reducida, nos hace pensar en la pasta C de Pambay, en concreto la que tiene la particularidad de una decoración negra brillante en los cuencos o escudillas con bordes verticales.

Diversificación de las culturas estilísticas

LAS CULTURAS MORAVIA Y YALUZ

La cultura Moravia es la más representativa del sitio de Colina Moravia. Se la encuentra dispersa en toda el área excavada, aunque con variaciones. En efecto, los contextos más seguros se encuentran en la parte norte de Colina Moravia. Estratigráficamente es complicado atribuirlo a un solo momento de ocupación, aunque supuestamente corresponde a la segunda ocupación – en el sentido más amplio – del montículo.

Mientras algunas de las formas de los cuencos abiertos, rectos y cerrados (Figura 2.1 hasta 2.7) con un diámetro entre 12 y 24 cm, presentan decoración incisa, la mayoría de las vasijas con cuello no presentan ningún tipo de decoración (Figura 2.8 hasta 2.13). Tecnológicamente, la cerámica Moravia fue manufacturada con cuatro pastas locales, de las cuales una es característica del complejo Inciso Moravia. A diferencia del complejo más tardío de Putuimi, la cocción de este material ha sido en su mayoría en atmósfera oxidada. Las superficies en tonalidades naranjas y marrones, se encuentran bien alisadas e incluso en algunos casos hasta bruñidas, pero también se debe mencionar que se registró un elevado porcentaje de material erosionado.

Se distinguen incisiones finas y gruesas (Figura 2.14 hasta 2.17) con trazos de líneas verticales, diagonales, algunas de ellas combinadas con una fina banda vertical aplicada (Figura 2.16).

La decoración más original está compuesta por incisiones anchas de unos 2 mm y poco profundas, de 1 mm como máximo, dispuestas en líneas horizontales rectas o en zig-zag, que pueden igualmente formar figuras geométricas complejas y ajustadas (Figura 2.20- 2.22), que recuerdan a los motivos presentes en otros complejos amazónicos como el de Kilamope y el de Pastaza-Kamihun. Las dataciones provienen de los sitios Colina Moravia y Colina Balandino.

NOMBRE DEL SITIO	CÓDIGO DE LABORATORIO	FECHA ANTES DEL PRESENTE SIN CALIBRAR	FECHA AC Y DC CALIBRADA 2σ , SEGÚN OxCAL v4.2.4
Colina Moravia	Lyon-9514	1430 \pm 45 AP	547-666 dC
Colina Moravia	Lyon-9513	1505 \pm 30 AP	431-635 dC
Colina Balandino	Lyon-9523	1580 \pm 30 AP	410-546 dC

Las referencias bibliográficas del complejo son Jaimes Betancourt et al. (2014); Rostain y Saulieu (2013); Rostain, Saulieu y Lézy (2014).

El sitio de La Moravia se sitúa a una decena de metros al norte del cañón del río Pastaza. Un estudio ha permitido identificar el complejo Yaluz, mostrando similitudes con el complejo Moravia, pero que ha aportado una datación más antigua. Existen las mismas pastas que en el complejo Moravia, pero además encontramos una pasta característica, homogénea, compacta y bien cocida, en la cual las partículas de desgrasante son inferiores a 0,1 mm, y ocupan el 30% del volumen. Su fineza se debe al tratamiento de la superficie, meticulosamente lisa, pero también al escaso espesor de los tiestos, comprendido entre 0,4 y 0,7 cm, con algunos tiestos muy finos (hasta 2 mm). La cocción de este material ha sido en su mayoría en atmósfera oxidada también.



Figura 2. Cerâmica de cultura Moravia.

2.1 hasta 2.22) Material del complejo Moravia proveniente del sitio Colina Moravia. 2.23 hasta 2.27) Material del complejo Yaluz, sitio Yaluz cerca de Colina Moravia (Foto: Jaimes Betancourt)

No encontramos carenado, sino cuellos de vasija verticales y paredes convexas de recipientes abiertos. Los bordes de los cuencos (Figura 2.23 hasta 2.25) y las vasijas están evertidos, con ángulos internos marcados y labios con sección redondeada. Disponemos de pequeñas bases planas (3 cm de diámetro) o ligeramente cóncavas.

Si bien encontramos algunas incisiones acanaladas comparables al material del complejo Moravia, la principal modalidad decorativa parece ser la presencia de tratamientos de superficie con una finalidad de alisado fino dando impresión de un engobe. La segunda modalidad decorativa más frecuente es la realización de apliques de pequeños pastillaje con forma de « pan de azúcar » de 5 mm de diámetro por 5 mm de altura, y dispuestos de manera regular sobre la superficie del recipiente (Figura 2.26 y 2.27). Disponemos de una sola datación.

NOMBRE DEL SITIO	CÓDIGO DE LABORATORIO	FECHA ANTES DEL PRESENTE SIN CALIBRAR	FECHA AC Y DC CALIBRADA 2σ , SEGÚN OxCAL v4.2.4
Yaluz	Lyon-9520	1970 ± 30 AP	45 aC - 85 dC

La única referencia bibliográfica es Rostain y Saulieu (2014).

LA CULTURA TINAJAYACU

La definición del complejo Tinajayucu reposa sobre el estudio de 1352 tiestos, de los cuales 700 son diagnósticos, proviniendo todos de un solo basural.

La pasta generalmente de color crema, está dominada por un tipo que representa el 85% del total de los tiestos. Es homogénea con abundante desgrasante cuyos componentes no sobrepasan 1 mm de diámetro. La cocción es ligeramente oxidante e incompleta. Esta pasta tiene una variante más fina que representa el 4,5% del material. Y encontramos también una pasta burda, que compone el 5,3% de los tiestos, con un desgrasante muy abundante y heterogéneo, cuyos granos mates (de color gris, blanco o negro) sobrepasan a veces los 2 o 3 mm. La cocción de estas dos últimas pastas es similar a la primera. Existen otros tipos de pasta, pero débilmente representados. Las formas son variadas. Podemos dividir el material en dos grandes grupos: una vajilla no decorada (Figura 3.1 y 3.2) y una vajilla decorada (Figura 3.3 hasta 3.9). También podemos mencionar la presencia de un fragmento de cuello de botella proveniente de la capa más profunda. La vajilla no decorada presenta 11 formas, que son desgraciadamente difíciles de describir por completo a causa de la fragmentación del material. Cinco formas son cuencos, mientras que las otras seis serían ollas con cuello. En la vajilla decorada logramos distinguir dos grandes tendencias: los tiestos decorados de engobe rojo sin incisión conciernen a cuencos y ollas con cuello, mientras que los tiestos con decoración inciso, con o sin color, provienen probablemente todos de cuencos. La decoración en incisión estará por lo tanto reservada a los cuencos y a los grandes y pequeños recipientes abiertos. Aunque no tenemos recipientes enteros, parecería que en este caso muchos cuencos tenían carenas ya que son numerosas y siempre decoradas. Algunos recipiente raros, pero bien definidos, muestran un labio evertido y plano que tenía como objetivo llevar decoraciones incisas y pintadas. La aparente diversidad de este material está compensada por el dominio de cuencos hondos, probablemente carenados originalmente, con paredes evertidas o con paredes más o menos rectas. Las bases de las cuales disponemos son cóncavas en su mayoría, y algunas son planas. De los 545 tiestos decorados, censamos las cinco modalidades

decorativas siguientes (en orden de importancia), guardando en la mente que la se trata de una evaluación impresionista dado el aspecto muy fragmentario de la muestra: incisiones solas (con algunos casos de excisiones); engobe rojo con diseños incisos (con algunos casos de excisiones); franja roja entre incisiones; engobe rojo solo y pintura roja en franja sin incisión.

Notamos finalmente, la presencia de algunos tiestos bicolores con castaño rojo y beige. La presencia de huellas de pintura blanca es excepcional.

Los diseños decorativos más comunes son geométricos y a menudo con ángulos: encontramos líneas incisas, líneas en diagonales intercaladas con “escaleras”, zonas achuradas a veces alternadas, líneas muescadas (Figura 3.5 y 3.7), círculos punteados, franjas rojas entre incisiones, franjas rojas sin incisión, líneas rotas, figuras enrolladas serpentiformes (Figura 3.7), meandros, franjas con decoraciones reticuladas.

Disponemos de dos fechas.

NOMBRE DEL SITIO	CÓDIGO DE LABORATORIO	FECHA ANTES DEL PRESENTE SIN CALIBRAR	FECHA AC Y DC CALIBRADA 2σ , SEGÚN OxCAL v4.2.4
Tinajayacu	Lyon-4606	1565 ± 30 AP	419-560 dC
Tinajayacu	Lyon-4607	1785 ± 30 AP	135-332 dC

Dado que ambas fechas provienen de una capa de acumulación de basura, donde se registró una sola ocupación, aunque en profundidades distintas (respectivamente 20-35 y 65-80 cm), es posible suponer que la más antigua sería el inicio de esta ocupación.

Las referencias bibliográficas del complejo son Duche Hidalgo & Saulieu 2009, Saulieu 2013.

LA CULTURA PASTAZA

Un conjunto de tradiciones tienen decoraciones incisas sobre pasta fresca y fondo natural, especialmente cuencos. Los motivos geométricos son a veces muy complejos y detallados. Nunca se ve engobe o pintura. Fue identificado en Perú y en Ecuador al mismo tiempo. Así que en 1975, mientras que Pedro Porras definía la “fase Pastaza” proveniente de la provincia de Morona Santiago en Ecuador (Porras, 1975), DeBoer describía el complejo “Kamihun” en las orillas del río Huasaga en Perú (DeBoer, 1975). En los años 1980 Athens reveló en base a un trabajo de campo en Morona Santiago que el “Pastaza” o el “Kamihun”, estaba imbricado con un complejo “achurado zonal” sobre fondo natural; pero cuya pasta y tratamiento de superficie era más tosco y los motivos más sencillos. Empezaremos por ese último.

El “Pastaza achurado zonal” (Athens, 1984, 1986; Duche; Saulieu, 2009): los cuencos tienen paredes convexas, y diámetro de apertura de alrededor de 20/30 cm (Figura 3.10 y 3.11), con labio simple directo, perfil redondeado o con el labio adelgazado.

También existen, como lo demuestra Athens (Athens, 1986: Figura 32), recipientes hondos con paredes cóncavas. La decoración está dominada por líneas incisas (rectas o en zigzag), bandas incisas de 1 cm de ancho, achuradas en el interior. Los motivos tienen formas triangulares, con las extremidades orientadas hacia arriba o hacia abajo. A veces, las bandas achuradas dibujan grecas. Las líneas en zigzag están incisas debajo del labio, al interior y en el exterior del recipiente (Figura 3.11). Otras modalidades conocidas

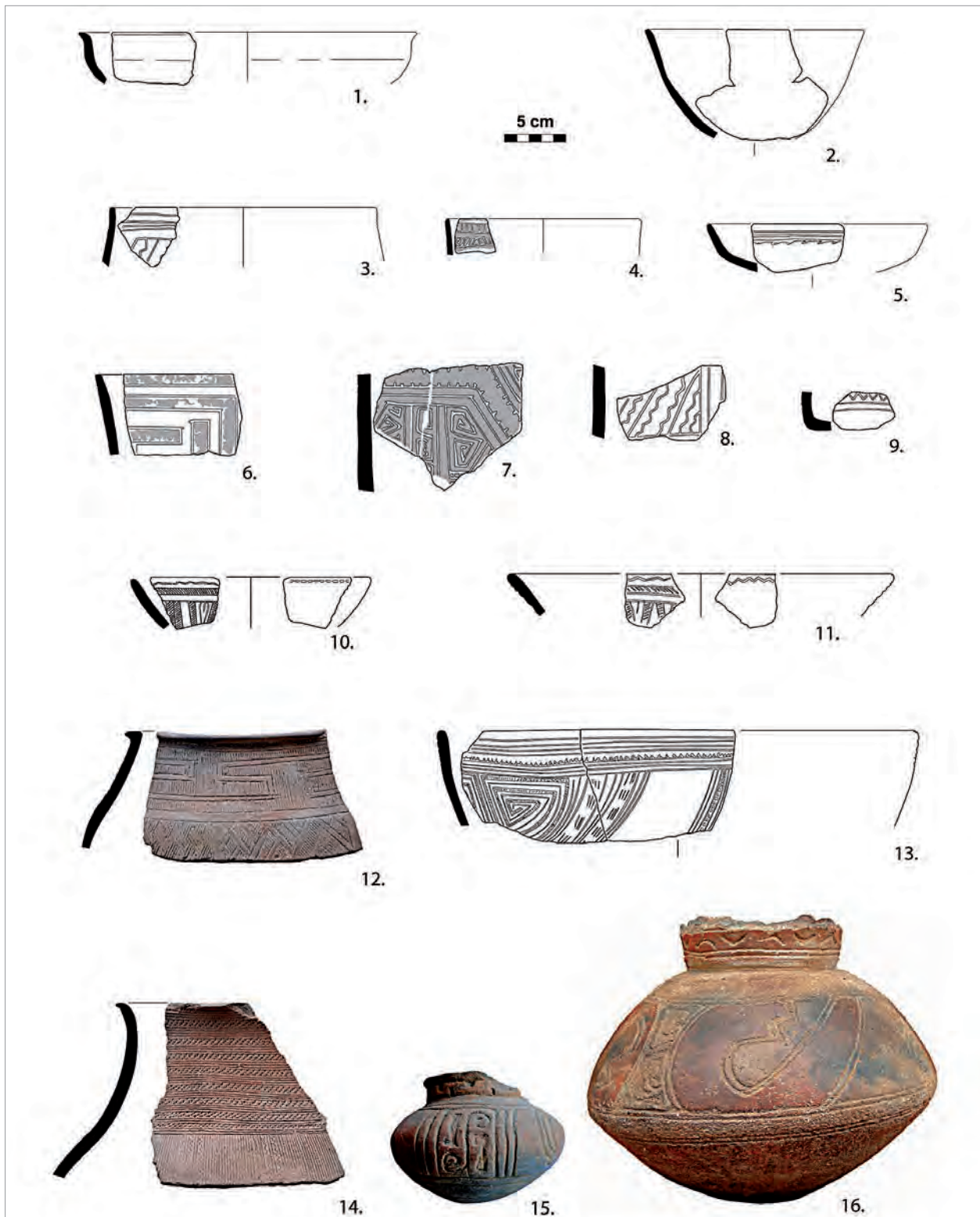


Figura 3. Cerâmica de la Tradición Incisa.

3.1 hasta 3.9) Complejo Tinajayacu; 3.10 y 3.11) Complejo Pastaza "hachurado zonal"; 3.12 hasta 3.14) Complejo Pastaza-Kamihun;. 3.15 y 3.16) Ollas proveniente del trans-Cutucú, provincia de Morona Santiago (colección privadas) ilustrando la presencia recurrente de un material cuya decoración es incisa y excisa con pintura roja. Vale mencionar que la ollita 4.15 que se encuentra hoy en día en el museo de Macas (Morona Santiago, Ecuador) fue recordada en 2006 por Santiago Rivas Panduro en las orillas del Morona en Perú (cf. Rivas Panduro, 2007: 35) (Foto: Saulieu y Rostain)

son: bandas alternas con achurados orientados de manera diferente, círculos impresos con carrizo. Esta tradición cerámica ha sido vista, únicamente hasta ahora, en la provincia de Morona Santiago (ribera derecha del Pastaza) desde el piedemonte en la región del Chiguaza, hasta Pumpuetza.

El fechamiento no está claro, y no se puede hasta ahora, distinguir del complejo Pastaza-Kamihun.

Lo que llamamos la tradición Pastaza-Kamihun (antiguo “Pastaza inciso y punteado” de Porras, 1975; y “*Pastaza Incised and Punctate*” descrito por Athens 1984, 1986) que se hizo famosa por las fechas formativas que Porras le atribuyó (Porras, 1975). Desafortunadamente hay que ponerlas en duda (para detalles ver Saulieu, 2006; Duche; Saulieu, 2009). La tradición Pastaza-Kamihun se caracteriza primeramente por una pasta muy fina (desgrasante a menudo inferior a 0,5 mm), compacta y homogénea. La cocción es muy a menudo reductora.

Se caracteriza también por una inversión decorativa muy importante sobre cuencos con paredes siempre convexas, labio simple directo y perfil hemisférico (Figura 3.13). Los cuencos son a veces pulidos en el interior y en el exterior. La pasta es fina y homogénea. Las técnicas decorativas utilizan y asocian el inciso, el exciso, la puntuación, el muescado, el achurado fino. Los motivos son muy diversos y es difícil conocerlos de manera entera dado que los cuencos completos son muy raros. En algunos de ellos, la decoración es a primera vista abstracta, pero parece tener un nivel simbólico que nos permite ver, con el juego de las asociaciones, la cabeza de un depredador carnívoro animal carnicero (carroñero?): la muescas se vuelven colmillos, los motivos geométricos son los ojos y el achurado la piel arrugada de algún un reptil (Duche; Saulieu 2009: 56). Algunas colecciones privadas sugieren que las ollas podían tener decoración tan importante, con cuellos invertidos y labios salientes (Figura 3.12 y 3.14).

La distribución del Pastaza-Kamihun es mucho más amazónica que la tradición del Pastaza achurado zonal, pues no se encuentra en el piedemonte es mucho más extensa en la región amazónica entre los ríos Huasaga y Pastaza en Ecuador y Perú.

Pese a algunos problemas de probable contaminación, las fechas más seguras para los complejos Pastaza hachurado zonal y Pastaza-Kamihun han sido publicadas por Athens (Athens, 1984, 1986; Saulieu, 2006), e indican un periodo que podría ubicarse entre los siglos II aC y VIII dC.

NOMBRE DEL SITIO	CÓDIGO DE LABORATORIO	FECHA ANTES DEL PRESENTE SIN CALIBRAR	FECHA aC y dC CALIBRADA 2σ, SEGÚN OxCAL v4.2.4
Pumpuetza	DIC-798	1210 ± 65 AP	673 - 968 dC
Pumpuetza	Beta-22015	1910 ± 110 AP	175 aC - 380 dC

Las referencias bibliográficas del complejo son Porras (1975); DeBoer (1975); DeBoer et al. (1977); Athens (1984, 1986); Saulieu (2006, 2013); Saulieu y Rampón Zardo (2006), Duche Hidalgo y Saulieu (2009); Rostain y Saulieu (2013).

LAS CULTURAS ESTILÍSTICAS DEL DESARROLLO REGIONAL

La presencia de numerosos complejos cerámicos en los que dominan las decoraciones geométricas con incisiones sobre fondo natural, sugiere la existencia de una especie de horizonte estilístico al principio de nuestra era.

Sin embargo, las recogidas en superficie, los encuentros fortuitos y las colecciones privadas muestran que todavía faltan por identificar numerosos complejos cerámicos en las provincias de Pastaza y Morona Santiago.

Destacamos en las cuencas de los Pastaza, Morona y Santiago la presencia recurrente de recipientes con decoraciones curvilíneas realizadas con incisiones y excisiones sobre fondo rojo (Figura 3.15 y 3.16). Los parecidos de estos objetos con los de los complejos Tinajayacu y Upano sugieren una cierta contemporaneidad. Así se podría pensar, que al mismo tiempo o un poco antes que el horizonte inciso, otro horizonte estilístico pudo existir, basado en el uso de incisiones/excisiones y de pintura roja (Saulieu, 2006; Duche Hidalgo; Saulieu, 2009; Saulieu 2013).

Las últimas culturas antes de la conquista

LA CULTURA MUITZENTZA

La tradición Muitzentza, fue definida por Geoffroy de Saulieu y Carlos Duche Hidalgo a base del estudio de la colección del Museo Etnoarqueológico de Puyo y del Pastaza, y de estudios de campos realizados cerca de Charapacocha el año 2006.

Se trata de un grupo con bandas anchas pintadas sobre fondo de engobe rojo o ante (Figura 4). Se ha encontrado cuencos con formas sencillas o compuestas, y tinajas con cuellos divergentes, decorados con motivos en bandas de 5 cm de ancho, pintados en blanco sobre fondo rojo, o pintados en rojo o blanco sobre ante. Las modalidades decorativas para los cuencos son iguales. Existen también materiales no decorados: ollas con cuellos divergente y convergente, y cuencos con formas compuestas. Las tinajas que son decoradas pueden alcanzar un tamaño de 60 cm de alto con una boca de 40 cm de diámetro. Se puede notar a menudo la presencia de un canal de 3 cm de alto, con 0,5 cm de profundidad entre el cuello y el hombro del recipiente. Los cuencos pintados alcanzan 10 cm de alto y 20 cm de diámetro. Una tinaja, sin decoración alcanza un tamaño de casi 70 cm de alto con una boca de más de 50 cm.

Algunos tiestos llevan decoración con incisiones, otros pocos, corrugado sencillo.

La distribución geográfica de la tradición Muitzentza muestra una concentración en las orillas del río Pastaza.

Dos dataciones son provenientes de Muitzentza indican un periodo entre los XI-XII siglos dC

NOMBRE DEL SITIO	CÓDIGO DE LABORATORIO	FECHA ANTES DEL PRESENTE SIN CALIBRAR	FECHA AC Y dC CALIBRADA 2σ, SEGÚN OxCAL v4.2.4
Muitzentza (Suritiak)	Lyon-4608	930 ± 30 AP	1025-1165 dC
Muitzentza (Suritiak)	Lyon-4609	660 ± 30 AP	1277-1393 dC

Las referencias bibliográficas son Duche Hidalgo y Saulieu, 2009; Saulieu y Duche Hidalgo (2012).

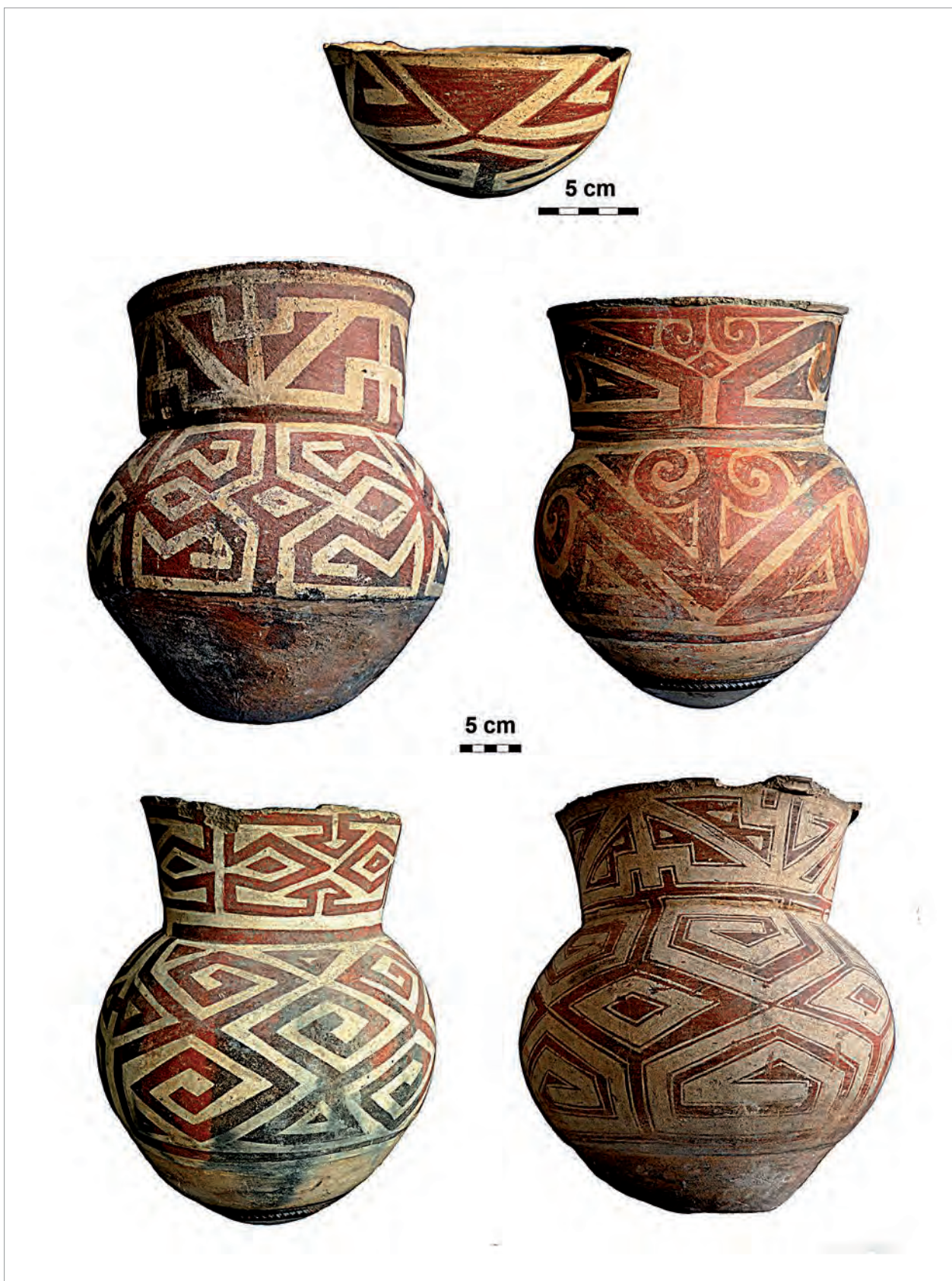


Figura 4. Cerâmica Muitzentza, cuenco y urnas funerarias. Foto: Rostain.

LA CULTURA PUTUIMI

Putuimi es un complejo que hace parte del Horizonte Corrugado, típico de los períodos tardíos de la Amazonia ecuatoriana, entre el siglo VIII y XXI. El corrugado es el término utilizado para describir las huellas dejadas intencionalmente en la parte superior de la vasija (cuello y borde), producto de la técnica de manufactura mediante rodetes sobrepuestos. El aspecto es una superficie a menara de depresiones escalonadas u onduladas, las cuales a veces están decoradas por medio de impresiones de uñas o dedos.

Normalmente los rodetes son unidos alisando ambas paredes de la vasija, aunque en algunos casos, todavía se pueden ver algunas huellas de esta técnica en la cara interna. El complejo corrugado representa la tercera y última ocupación de Colina Moravia en la comarca de Mera, Shell y Puyo. La mayoría de los fragmentos fueron encontrados en el estrato cultural del sitio Colina Moravia más superficial, especialmente en el talud oeste de la colina. Una urna probablemente funeraria y para un depósito secundario, fue encontrada casualmente durante una prospección, cerca de la comunidad de Puyo Pungo. Con un tamaño inicial probablemente de unos 60 cm de alto, tenía un fondo convexo, la olla tiene el hombro alto un cuello cóncavo invertido. Estaba tapado por un fragmento de otra urna, y tenía adentro un cuenco hemisférico sin decoración.

Debido a que el corrugado se encuentra normalmente cerca del borde o cuello de la vasija, los bordes son los mejores indicadores descriptivos. A partir del estudio morfológico, sabemos que las vasijas con cuello abierto, recto o cerrado constituyen las formas más representativas para este complejo. Los bordes más comunes son: borde directo, labio redondeado o aplanado y borde reforzado externo, labio redondeado. La boca de la vasija tiene un diámetro entre 12 a 24 cm (Figura 5.1).

Las formas abiertas casi nunca presentan corrugado, existen muy pocos ejemplos de cuencos abiertos con borde reforzado interno, provistos de una banda corrugada en el borde, es más frecuente observar cuencos abiertos con borde doblado y estampado de uñas.

El complejo corrugado no se lo puede asociar específicamente a un tipo de pasta. Si bien es más frecuente encontrar estas vasijas manufacturadas con una pasta, otras pastas también fueron utilizadas. Pero se debe destacar que una de las pastas fue encontrada casi exclusivamente asociada a este complejo.

La cocción del material fue por lo general desigual, aunque un 35% fue sometido a atmósferas oxidantes. La superficie de las vasijas con tonos primordialmente marrones, se encuentra alisada, aunque en la mayoría de los casos muy toscamente. La cara interior de los cuellos presenta un mejor acabado que la exterior. Ninguna de las superficies estuvo recubierta de engobe.

En el sitio Colina Moravia, hay siete dataciones asociadas con el material Putuimi.

NOMBRE DEL SITIO	CÓDIGO DE LABORATORIO	FECHA ANTES DEL PRESENTE SIN CALIBRAR	FECHA AC Y DC CALIBRADA 2σ, SEGÚN OxCAL v4.2.4
Colina Moravia	Lyon-9515	825 ± 30 AP	1163-1264 dC
Colina Moravia	Lyon-9516	990 ± 30 AP	989-1153 dC
Colina Moravia	UBA-20799	953 ± 28 AP	1023-1155 dC
Colina Moravia	UBA-20798	978 ± 26 AP	996-1154 dC
Colina Moravia	UBA-20796	938 ± 28AP	1028-1158 dC
Colina Moravia	UBA-20795	972 ± 26 AP	1016-1155 dC
Colina Moravia	Beta-324361	1100 ± 30 AP	887-1013 dC

Las referencias bibliográficas son Rostain y Saulieu (2013); Jaimes Betancourt et al. (2014); Rostain, Saulieu y Lézy (2014).



Figura 5. 5.1) Cerâmica corrugada do sitio de Colina Moravia (arriba); 5.2 y 5.3) cerâmicas Quichuas actuales (escalas diferentes). Foto: Jaimes Betancourt y Rostain.

De Puyopungo a Canelos

Tras el contacto, las guerras intertribales toman una nueva dimensión. No solamente están acompañadas por una crisis demográfica unida a la irrupción de enfermedades europeas, sino que, además, los misioneros intentan reagrupar las poblaciones, a veces de procedencias muy diversas, evangelizando en quichua. Numerosas familias amerindias de la región encuentran aquí un medio para sustraerse del sistema de venganzas que los diezmaban, adoptando esta nueva identidad. Así es como asistimos entre el siglo XVIII y el siglo XX a la etnogénesis de los Quichua-Canelos, visible arqueológicamente mediante la aparición de un complejo, llamado Puyopungo, compuesto por recipientes abiertos (*mucawas*) (Figura 5.2), vasijas de almacenamiento de cerveza de yuca pintadas en policromía (rojo, blanco y negro) y recipientes para cocinar a menudo corrugados. Así pues, podemos desvelar de esta tradición cerámica todavía muy viva hoy en día influencias procedentes de los complejos Muitzentza, Putuimi, pero también del policromo, lo que no es sorprendente ya que los misioneros instalaron en el Pastaza a familias procedentes de las riberas del río Napo.

Hoy, la cerámica Quichua-Canelos es la heredera directa de estas tradiciones (Figura 5.3).

Agradecimientos

A Christine Oberlin por su ayuda en las fechas ^{14}C , así como a Pascal Nlend por sus calibraciones, al Museo Etnoarqueológico de Puyo y su director Carlos Duche Hidalgo.



CERÂMICA ARQUEOLOGICA DE JAEN Y BAGUA, ALTA AMAZONIA DE PERU

Quirino Olivera Núñez

RESUMO

A cerâmica arqueológica de Jaen e Bagua, Alta Amazônia de Peru

Este artigo tem por objetivo apresentar os avanços no estudo das cerâmicas registradas como resultado de pesquisas arqueológicas nos sítios de Montegrande e San Isidro, na província de Jaen – Cajamarca, assim como em Casual e Las Juntas na província de Bagua - Amazonas, uma área geográfica conhecida como Alto Amazônia do Peru. As pesquisas realizadas de 2010 a 2014 permitiram descobrir antigos templos de caráter público-religioso, escondidos no interior de montículos recobertos, dando a impressão de que se tratavam de formações geológicas naturais. Os templos arquitetônicos descobertos datam de mais de 5000 anos AP, e encerram estruturas funerárias com cerâmicas de estilos variados, tanto locais como relacionadas a estilos mais distantes como Valdivia no Equador, ou Vicus na costa do Peru.

ABSTRACT

The archaeological ceramics of Jen and Bagua, Upper Amazonia of Peru

This article presents the results of the study of ceramics from research undertaken at Montegrande and San Isidro sites, located in the province of Jaen, (Cajamarca) , as well as in Casual and Las Juntas, in the province of Baguas, (Amazonas), an area known as the Upper Amazon of Peru. Research conducted between 2010 and 2014 allowed the discovery of ancient temples of public-religious nature, hidden under covered mounds, given the impression they were natural geological formations. These architectonic structures, dating of more than 5000 years BP, display funerary features where ceramics form both local and more distant styles (such as Valdivia, in Ecuador, or Vicus in costal Peru) were found.

Introducción

El presente artículo, está orientado a exponer un avance del estudio de la cerámica, registrada como resultado de las investigaciones arqueológicas realizadas en los sitios de Montegrande y San Isidro, en la provincia de Jaén – Cajamarca, así como en Casual y las Juntas en la provincia de Bagua – Amazonas, un espacio geográfico conocido como la Alta Amazonia de Perú (Figura 1).

Las investigaciones arqueológicas realizadas desde el año 2010 al 2014, han permitido descubrir antiguos templos de carácter público – religioso, ocultos al interior de montículos cubiertos de canto rodado dando la impresión que se trataba de montículos con formación geológica natural. Las excavaciones arqueológicas permitieron descubrir que estos montículos son artificiales y guardan en su interior monumentales templos arquitectónicos, construidos por el hombre, hace más de cinco mil años antes del presente (Figura 2).

Las sociedades que edificaron estos monumentales templos arquitectónicos, habrían logrado desarrollar una economía excedentaria basada en la agricultura, la misma que contribuyó al surgimiento de una elite dirigencial, con altos niveles de organización social, con capacidad para organizar y dirigir el trabajo colectivo y construir centros urbanos y edificios públicos de carácter religioso.

En los cuatro recintos arquitectónicos descubiertos en Jaén y Bagua, la cerámica aparece únicamente en los rellenos como parte del ritual de enterramiento de los templos. La arquitectura está acompañada de un conjunto de artefactos de piedra, los cuales fueron depositados como ofrendas en los contextos funerarios o colocados al interior de los recintos arquitectónicos como parte del ritual de enterramiento del templo.

La cerámica registrada como producto de las excavaciones arqueológicas realizadas en los montículos de Montegrande y San Isidro, así como Casual y Las Juntas en Bagua, está conformada por fragmentos de formas y estilos variados, al parecer fueron traídos desde distintos lugares para sacralizar el ritual de enterramiento de los templos antes de su abandono. Por esta razón, en los rellenos ha sido posible encontrar diversos fragmentos de cerámica inciso policroma, fragmentos de cerámica de estilo Cajamarca y en algunos casos estilos de cerámica correspondientes a Valdivia en Ecuador o vinculadas con la cerámica Vicús en la costa norte de Perú.

Antecedentes

El complejo cerámico más antiguo registrado en la Alta Amazonia de Perú, fue reportado por Donald W. Lathrap (1970), en el sitio arqueológico de Tutishcainyo, a medio kilómetro de Yarinacocha en Pucallpa, en el Ucayali central. Lathrap señaló que a partir del estudio pormenorizado de las semejanzas entre la cerámica más antigua de Kotosh y la cerámica de Tutishcainyo Temprano, es posible extrapolar la conocida secuencia cronológica de Huánuco y establecer un periodo entre 2000 y 1600 aC, para las ocupaciones del Tutishcainyo Temprano.

Ruth Shady (1971), a través del estudio estilístico de la cerámica estableció una secuencia completa para la ocupación arqueológica en Bagua, las fases denominadas Morerilla, Bagua I - II, La Peca y El Salado,



Figura 1. Alta Amazonía Peruana. Sitios Montegrande y San Isidro (Prov. Jaén – Cajamarca), Casual y las Juntas (Prov. Bagua – Amazonas).



Figura 2. Arquitectura de Montegrande. Alta Amazonía Peruana.

constituyen uno de los más valiosos aportes para el entendimiento de las poblaciones que estuvieron asentadas en la Cuenca baja del río Utcubamba, durante el periodo Formativo.

La Fase Morerilla fechada en 1.300 aC es la más antigua, los fragmentos presentan paredes delgadas, con formas de cuencos con cuellos evertidos relacionados con otros sitios como Pandanche, Monte Grande y Loma Alta. Shady afirma que el complejo morerilla de Bagua comparte rasgos con otros complejos tales como los del periodo C de Valdivia en Ecuador.

La fase Bagua estaría conformada por tres etapas que son Bagua I (900 aC), Bagua II (800-600 aC), La Peca (600-400 aC). La cerámica de la fase Bagua se caracteriza por fragmentos cerámicos Bagua llano rojo, Bagua inciso cortante, Bagua inciso fino, Bagua pintado policromo, y Bagua pulido. La Peca mantiene su identidad estilística, frente a la influencia de Pacopampa, tanto con sus propios diseños como son los de Pacopampa. El salado, presenta estilos de cerámica, relacionadas con las zonas de Orinoco, posiblemente por pobladores que llegaron de esa zona, hay botellas silbato de asa puente, figurinas zoomorfas y antropomorfas, la cerámica es policroma ya no es incisa, con bordes blancos limitados, con pintura blanca sobre superficie naranja. Utilizan una técnica del negro ahumado, con diseños escalonados, platos y morteros de piedra.

En la cuenca del río Chambira, en la alta Amazonia, Daniel Morales (1,998), reporta también un interesante complejo cerámico compuesto por vasos con formas restringidas, surtidores individuales dobles y diámetros de boca pequeña fechados en 1500 aC.

Cronología del complejo cerámico de Jaén y Bagua

Los contextos arqueológicos registrados en los montículos de Montegrande, y San Isidro en Jaén, así como Casual y Las Juntas en Bagua, están conformados por arquitectura monumental edificada con piedra, canto rodado, arcilla y caña. Los templos han sido construidos para venerar a sus dioses, por lo tanto la arquitectura descubierta en Casual y Las Juntas en Bagua, contiene extraordinarias pinturas murales policromas, convirtiéndose en los primeros murales amazónicos de la América precolombina, en el caso de Montegrande y San Isidro, la arquitectura mantiene vínculos estrechos con el antiguo recinto arquitectónico descubierta por Francisco Valdez en Palanda en la naciente del río Chinchipe en Ecuador. Es posible que la cerámica que se registre en el futuro asociada con la arquitectura Montegrande, tenga también, relación directa con las botellas de cerámica de asa estribo registradas por Valdez en cuyo interior se descubrió partículas de almidón de cacao, fechadas en 5.300 años antes del presente (AP).

El complejo Cerámico de San Isidro y Montegrande en Jaén

El número de fragmentos de cerámica obtenidos en San Isidro fue de 1.159, y 1.491 en Montegrande. El análisis se realizó en forma independiente sitio por sitio. El material procede de cuatro niveles de excavación para el primero y tres para el segundo. Se ha realizado la correlación estratigráfica determinándose que existe una clara correspondencia en la conformación de los estratos de los dos sitios en mención, que se fundamenta en la repetición de los tipos, no obstante existe algunas diferencias notables de orden estadístico. La ubicación de los montículos y su respectiva correlación estratigráfica estaría representando, algún tipo de organización de carácter dual que se aprecia también en los sitios tempranos del área central andina.

La clasificación de los fragmentos cerámicos ha determinado la existencia de dos grupos, una con pastas seleccionadas y estandarizadas mediante el agregado de temperantes o desgrasantes, acabados interiores y exteriores finos, decorados con incisiones y pinturas de diversos colores, con motivos decorativos complejos relacionados a un menaje con alta inversión de trabajo, tecnología y arte. El otro grupo está compuesto de vajilla culinaria, de manufactura sencilla, acabados simples, generalmente sin decoración, o decorados geométricos sencillos. El primer grupo se relaciona con cerámica ceremonial y el segundo grupo está sustentado por la cerámica doméstica.

La cerámica ceremonial

Este tipo de cerámica tiene el carácter festivo, vinculado a las elites gobernantes o religiosas, que en el marco del ejercicio de su alto status preparaban un conjunto de ceremonias para establecer y afianzar su condición de grupo gobernante, generando ocasiones propicias para establecer los rangos jerárquicos a nivel de escala social. Por esta razón una forma de diferenciarlos arqueológicamente viene a ser la calidad de los materiales, considerando que a mayor calidad, es también mayor el desgaste de tiempo laboral en las manos de los mejores especialistas.

La representación floreciente en las culturas peruanas, convierte a los objetos cerámicos como un valioso instrumento para representar la vida cotidiana, la cosmovisión y los conceptos religiosos; mostrando además gran versatilidad como medio difusor de ideas hacia otras culturas. La cerámica fue adoptada por las elites dirigentes, para mostrarlas durante sus ceremonias religiosas, y mortuorias.

Las formas cerámicas muy recurrentes en Jaén y Bagua, vienen a ser los vasos con diversas decoraciones, probablemente se debe al uso ritual que estos tuvieron en las ceremonias rituales que llevaron a cabo. Las formas y dimensiones están relacionadas con las bebidas alucinógenas que seguramente utilizaron como seres intermediadores con el mundo sobrenatural. Es posible que durante el episodio de trance los sacerdotes asumieran identidades descolantes y tenebrosas del universo circundante como felinos, serpientes o aves rapaces que constantemente están representadas en la cerámica.

La cerámica de San Isidro

Las excavaciones en San Isidro han llegado hasta la capa N° 03 (Capa superficial, Capa N° 01, Capa N° 02 y capa N° 03) siendo la capa N° 01, la que concentra las mayores evidencias de restos cerámicos con un porcentaje del 72 %, donde se aprecia la mayor concentración y diversidad de formas.

Las botellas - Expresan los mejores logros tecnológicos en el uso y manejo de las pastas, utilizando agregados o desgrasantes clasificados y estandarizados para garantizar solides y evitar las fallas en la cocción. Están cocidas por lo general en hornos abiertos o de amplia oxigenación, logrando pastas de colores estables variando entre el rojo anaranjado y marrón, los acabados siempre son muy finos y agradables a la vista habiéndose utilizado técnicas como: el alisado, pulido, y el engobe; las técnicas decorativas son diversas se usan en forma individual y combinadas, tenemos: La incisión, punteado, bruñido, pintura positiva, pintura negativa, aplicaciones, pintura pre cocción, post cocción y el modelado.

Entre las muestras de botellas más representativas en San Isidro tenemos: Botellas con incisión y punteado en pasta monocroma; de cuerpo globular y de base plana, con decoración profusa y abstracta; aun cuando son una muestra regular llama la atención que no se hayan encontrado restos de los golletes, probablemente porque estos fueron arrancados y depositados como ofrendas junto a los entierros, tal como se documentó en el contexto funerario del “Señor de los Caracoles”.

Las botellas inciso policromadas tienen la huella de la incisión muy superficial en donde las líneas paralelas que demarcan la figura no tienen la regularidad de las botellas monocromas, la pintura de color negro y blanco se coloca post cocción, de manera poco detallista sin respetar los límites impuestos por los trazos incisos. Entendiéndose claramente que existe una marcada diferencia entre los que fabrican y los que llenan los colores, siendo probable que, en la medida que los recipientes se encuentran trazados antes del quemado, puede sugerir la hipótesis que los objetos fueron trasladados de lugares lejanos al territorio de dominio de San Isidro llegando como parte de mercancías de intercambio, y que luego quien los obtuvo los pintó de acuerdo a su propio criterio.

Las botellas policromas presentan dos variantes, con engobe y sin engobe: Las primeras tienen acabado fino y brillante, con pintura post cocción en color blanco y negro sobre el engobe rojo. Es probable que las botellas de doble gollete y asa puente lleven un silbato en uno de los golletes. Sin embargo esta muestra que representa el 21.8 % de la muestra total de San Isidro y que constituye el índice porcentual

más representativo, carece del lado del gollete con silbato, de igual manera existe una total ausencia de los cuerpos de botellas con engobe. Cosa que resulta bastante inusual tratándose de estos porcentajes. Lo contrario sucede con los decorados sin engobe, los cuales son de acabados sencillos siempre empleando la pintura post cocción en blanco y negro, de estos no se encuentran los golletes no obstante el número de cuerpos porcentualmente es alto, destacando una figura que combina la decoración abstracta con la geométrica, resaltan los listones con puntos blancos cuyos motivos son similares a aquellos que muestran las botellas con decoración inciso policromado.

Las botellas con aplicaciones y pintura positiva se encuentran en el menor rango porcentual, en relación a las anteriores, al mismo tiempo son las que obtienen los mejores logros en términos de combinación de técnicas decorativas (Modelado, aplicado, incisiones y pintura positiva) obteniendo figuras realistas de aspecto impactante. No sucede lo mismo con la calidad de las pastas que se caracterizan por tener desgrasantes de tamaño irregular, cocción de temperatura media y poca consistencia; en otras palabras el nivel alcanzado en el desarrollo artístico no está a la par con la baja calidad de las pastas. En líneas generales es una botella silbato de doble gollete, en donde uno de ellos viene a ser una figura humana, la cual generalmente aparece asociado a un silbato, y el otro funciona como soplador. El asa es tipo puente recto y sólido, No se tienen partes de cuerpos, pero es probable que no se hayan tomado en cuenta durante la clasificación primaria por carecer de decoración.

La ausencia selectiva de determinadas partes de las botellas vendría a tener la explicación que estas fueron arrancadas para colocarlas como parte de las ofrendas del ritual de enterramiento de los templos, en el cual se aprecia que se está ofreciendo lo que simbólicamente sería lo más representativo del cuerpo de la vasija en función a las condiciones ceremoniales que se requiere para sacralizar la ceremonia del ritual de enterramiento de los templos. Los objetos de cerámica son fragmentados de manera intencional como un acto distintivo aludiendo el final de un evento y quizá marcando el inicio de una nueva vida.

Los platos - Vienen a ser la continuidad tecnológica de las botellas por cuanto se repiten no solamente las técnicas de decoración, sino también los motivos, como trazos incisos paralelos y campos triangulares relleno de puntos, y figuras abstractas de líneas ondulantes. No tienen evidencias que puedan establecer niveles de uso doméstico por lo que es sugerente su vinculación al menaje ceremonial.

Los platos Inciso policromados - Se trata de los objetos con los mejores logros tecnológicos y artísticos, observándose pastas íntegras de desgrasante uniforme, que no superan el tamaño medio, excelente cocción en hornos abiertos. La decoración muestra trazos incisos uniformes, equidistantes y armónicos, los colores destacados son el rojo y el negro, algunas veces alternando el color magenta, con motivos abstractos o humanos con rasgos felinos. Logrando recipientes de exquisita riqueza artística, y sin duda vinculado a la más alta jerarquía social vigente; el acto votivo con material de esta calidad formula claramente el rango y el contenido espiritual que habría tenido aquello que se quería sepultar en un ritual de enterramiento de los templos sagrados, sepultados intencionalmente para facilitar su largo recorrido hacia una nueva vida (Figura 3a, 3b, 3c).

Platos policromados - Se caracterizan porque llevan decoración con pintura blanca y negra post cocción ya sea sobre la pasta natural o sobre un ligero engobe tenue y ligero de poca calidad en color anaranjado considerado como una simple variante decorativa, toda vez que el principal distintivo viene a ser una figura en forma de "L" invertida pintado en color blanco, precedida de un ojo circular con la córnea desconcentrada al igual que los ojos de los personajes representados en Chavín; se puede considerar arriesgado pero no debemos dejar de mencionar la similitud que existe entre este motivo y los genitales masculinos

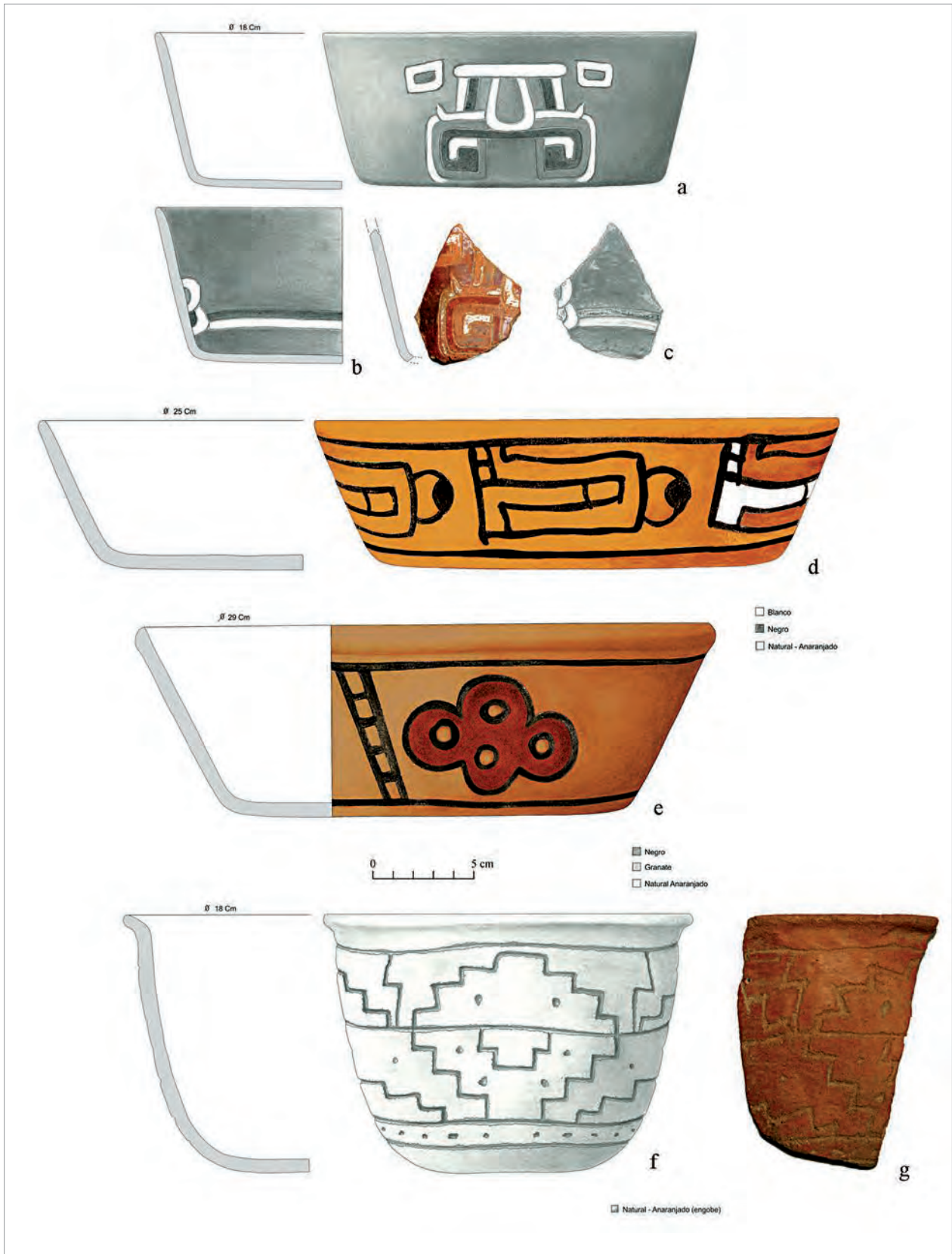


Figura 3. La cerámica de San Isidro: platos y cuenco incisos y policromados.

que apuntan en dirección de lo que prematuramente se lo asocia a un ojo pero que bien puede estar representando lo que sería un aparato reproductor femenino. Este motivo viene a ser el más completo procedente de las excavaciones en San Isidro, y nos permite apreciar una bella representación del arte figurativo, y una expresión viva del pensamiento mágico religioso de las sociedades que habitaron esta parte de la Alta Amazonia de Perú (Figura 3d).

Los cuencos morfológicamente se caracterizan por tener las paredes cóncavas, con diámetro menor a los platos; constantemente se repiten en la diversa tipología de la cerámica de San Isidro, mostrando que es una forma de ascendencia más sencilla, en referencia a los logros decorativos. Aun así, su presencia es significativa resaltando su decoración simple, geométrica y naturalista; que difiere notablemente de los motivos que se encuentran en los demás recipientes que son abstractos y figurativos. Las representaciones con la técnica de la incisión en pastas marrones con pulido exterior son cuadrados concéntricos, volutas o meandros de diseños geométricos; las representaciones en pintura positiva blanca post cocción sobre pasta roja pulida son: “Eses” echadas a las que anteriormente asociamos como símbolo del agua, motivos en zigzag siempre con trazos geométricos, cuando la decoración es policroma (blanco y negro sobre rojo) la representación es innegablemente naturalista, mediante una flor de cuatro pétalos rojos con el centro en blanco imprimiendo palmariamente un perfil decorativo a los recipientes de esta forma pero sobre todo se puede inferir que pudo haber tenido un empleo específico y diferente a los mencionados con anterioridad en el marco del universo ritual (Figura 3e).

Los vasos son recipientes de forma cilíndrica, base plana o irregular, con el borde ligeramente expandido, son objetos que solamente se encuentran en la cerámica ceremonial por tanto la calidad de sus acabados se encuentra entre los más sobresalientes y refinados, destacando aquellos con decorado inciso policromado, mediante diseños abstractos pintados de blanco y negro sobre pasta roja. Uno de los motivos más sobresalientes se encuentra en un vaso de pasta arenosa, color rojo anaranjado, con decorado inciso post cocción, representando a una chacana (Figura 3f). A diferencia del exterior que se encuentra en buen estado, el interior presenta un color oscuro desde una línea horizontal antes de tocar con el borde, la parte oscura se encuentra afectado notablemente por la exfoliación lo cual induce a sostener que fue intensamente usado como contenedor de líquidos para libación, no sucede lo mismo con los otros vasos registrados.

La cerámica domestica - Estos utensilios se caracterizan porque su uso está ligado al menaje para la producción de alimentos pudiendo ser utilizados para cocinar, transportar o almacenar líquidos, o para servir en forma cotidiana. Para su descripción en el presente artículo, utilizaremos el siguiente orden: Utensilios para almacenar o transportar líquidos, utensilios para cocinar alimentos, utensilios para racionar alimentos.

Utensilios para almacenar o transportar líquidos - Los cántaros y tinajas son vasijas de cuerpo esférico de cuellos angosto con mayor capacidad que una olla, utilizados para transportar o almacenar agua. Las tinajas son vasijas de mayor tamaño que por su volumen resulta menos factible que se pueda trasladar con facilidad usándose mayormente para almacenar líquidos. El índice porcentual de cántaros en San Isidro se encuentra entre los intermedios con una representación promedio del 4% de la colección, y las formas se presentan con cuerpo ovoide de base convexa, cuello alargado de borde evertido, siempre llevan decoración pictórica en líneas paralelas y achuradas tanto en el interior como en el exterior del borde, sobre una base de pintura blanca de poca consistencia. Los tamaños son muy variables encontrándose desde 10 cm hasta 22 cm de diámetro de la boca. Todos tienen huellas notables de uso, como abrasión, desportillado en los labios, pérdida de la decoración, pero sin impregnaciones ni adherencias en el interior, lo que sugiere claramente que fueron usados para transportar líquidos (Figura 4a).

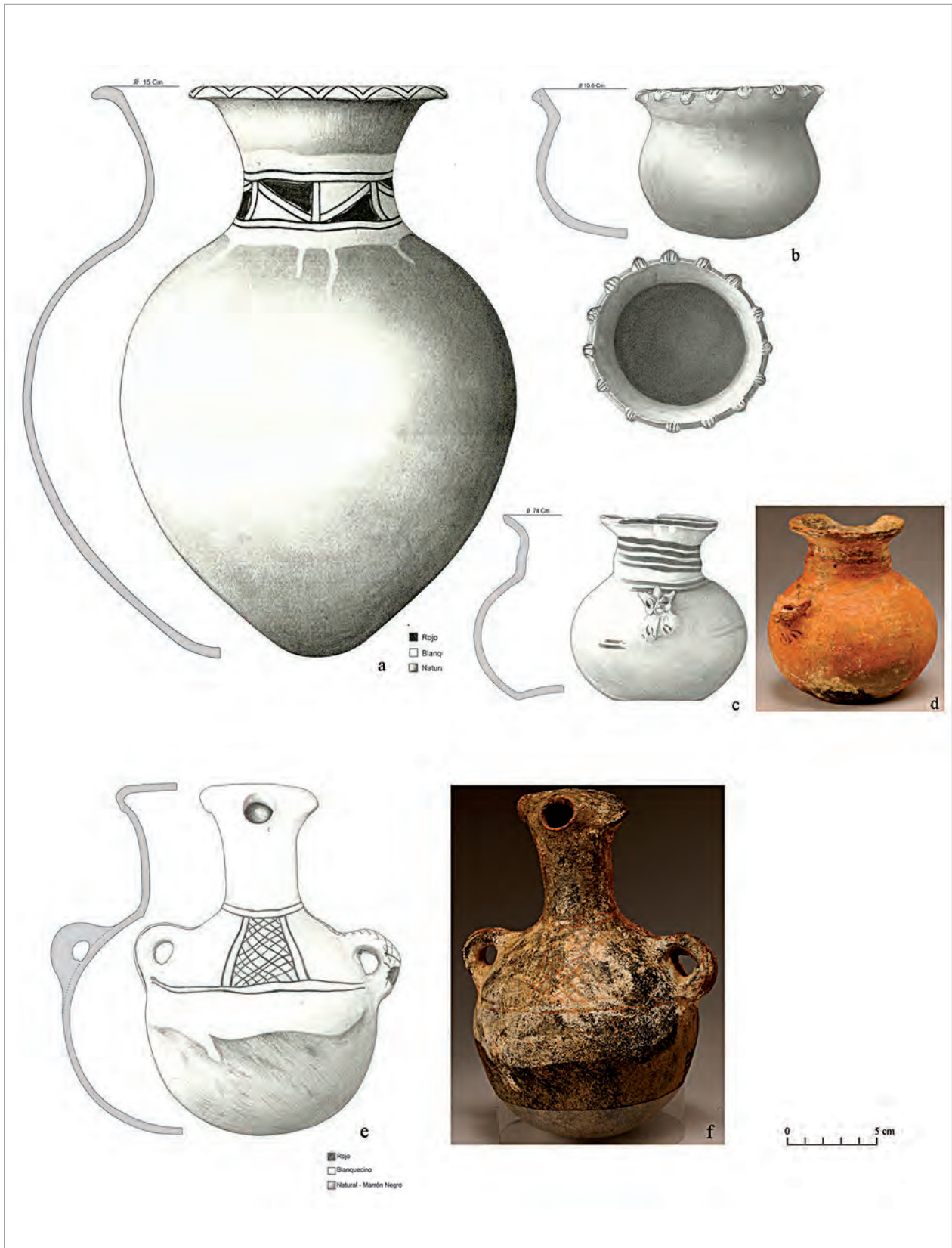


Figura 4. La cerámica de San Isidro y Montegrande: cántaros y botellas.

Un segundo grupo de tinajas se encuentra en los recipientes con labio reforzado exterior, que se caracterizan por tener mejores acabados que los anteriores y llevan una línea roja o blanca en el refuerzo del labio, destacando además por la ausencia de evidencias de uso. Otra variedad de cántaros son los decorados con pintura línea gruesa. Las tinajas se relacionan más bien con el estilo corrugado que es bastante difundido en esta región, son de boca amplia hasta de 54 cm de diámetro, se caracteriza porque se construye a base de rollos de arcilla, con decoración de listones planos de arcilla en el contorno superior externo con las huellas dactilares del fabricante, pastas arenosas de color rojo y superficie áspera.

Otro de los recipientes del género de las tinajas a cuya decoración provisionalmente se le denomina como “Achurado”, son recipientes de boca muy amplia entre 25 y 54 cm de diámetro de mediana profundidad y de cuerpo cónico y base convexa, no tienen evidencias notables de uso lo que sugiere que posiblemente haya sido por corto tiempo o simplemente fue elaborado para luego ser fragmentado y colocado en el relleno como parte del ritual enterramiento de los templos.

Utensilios para cocinar - Ollas de cuerpo globular con asas laterales y sin ninguna decoración., Otras tienen la misma estructura, la misma pasta y quemado, sin asas, pero con el agregado de un delgado cordón de arcilla en el exterior del labio en el que se insinúa una decoración al estilo pellizado. Este es el grupo de cerámica manifiesta las mayores evidencias de uso mediante adherencias de hollín en el exterior. Sin embargo, no reflejan la intensidad que podría haber generado el uso de la leña como combustible.

Utensilios para racionar alimentos - Los platos, cancheros no son tan numerosos. En teoría se considera que los platos debieran ser proporcionalmente mayores al número de ollas, pero en el caso de San Isidro es mucho menor. Sin embargo puede considerarse que su presencia relativa estaría en relación a la persona o personas de mayor ascendencia en el escalafón social porque inclusive están decorados con pintura roja o marrón en líneas ondulantes horizontales en el interior y exterior del borde, sobre una capa de pintura blanquecina. Otros se encuentran decorados con la técnica de aplicaciones, mediante figuras humanas en el borde exterior. Un tercer elemento en este grupo lo constituye un tipo de recipiente que es conocido como “Cancho”, aunque su denominación no tiene nada que ver con la cancha. Se trata de un recipiente de corta profundidad que se destaca por llevar un mango con el extremo bifurcado, tiene el interior ennegrecido como huella evidente de uso, mas no el exterior, lo que quiere decir que no ha servido para cocinar, sino para contener algún líquido. En la costa norte de Perú, es bastante conocido y está asociado con la racionalización de chicha.

La Cerámica ceremonial de Montegrando

Las botellas - Las muestras de botellas con incisiones en superficie monocroma de pasta marrón se encuentran ausentes en Montegrando, en su reemplazo se encuentra un fragmento que combina la decoración escultórica (Modelado) con la incisión, y para contrastar los tonos se hace un bruñido en las partes que se desea resaltar, la representación es una cara de boca grande y ojos circulares. La muestra de botellas aquí es menor que las registradas en San Isidro.

Otras formas de botella que se encuentra en Montegrando vienen a ser las que llevan decoración inciso policromado de blanco y negro sobre rojo, con el interior de la pasta en color negro. Estilísticamente viene a ser el mismo formato que en San Isidro, es decir líneas de incisión paralelas que definen bandas

curvas las cuales son rellenas con pintura blanca o negra post cocción. Uno de los fragmentos presenta decoración con puntos continuados sobre las bandas de color natural con los delineados e incisiones irregulares y los colores que sobrepasan el trazado, al igual que en San Isidro muestran poco cuidado en los acabados. Se puede decir en líneas generales que la muestra de botellas con decorado inciso y policromado de Montegrande coincide completamente con las documentadas en San Isidro, incluso la usencia de golletes, se repite de manera constante, afirmando una vez más las creencias y prácticas rituales que sostuvieron estas sociedades al momento de enterrar sus templos.

Las botellas con pintura blanco y negro sobre engobe rojo, vendrían a ser las más representativas y completas de la colección de Montegrande, por cuanto se tiene fragmentos de cuerpos los cuales tienen forma carenada formando un ángulo entre el punto de convergencia del hombro con la base, de igual manera se tienen fragmentos de asa estribo, partes de golletes que se complementan con el asa estribo, un gollete de botella silbato que viene ser el componente de una botella de doble gollete con asa puente. Este detalle puede observarse tanto en San Isidro, así como en Montegrande.

Botellas con pintura blanco y negro sin engobe - Se ha encontrado un fragmento de cuerpo de botella con la decoración en forma de "C" con bandas de puntos blancos cuyos diseños son iguales a los de San Isidro; golletes cónicos tubulares de boca angosta una de ellas con un silbato, con asa puente curvada, decoradas en la parte inferior con dos líneas horizontales en blanco y negro de pintura post cocción con las mismas características de los encontrados en San Isidro. De tal manera que contribuyen con la simetría estratigráfica entre San Isidro y Montegrande. La muestra de botellas registradas en San Isidro, resulta mucho más diversa que la muestra de Montegrande.

Los platos - Las técnicas decorativas son el inciso y el punteado, en algunos casos se aprecia el punteado con los espacios completamente rellenos. Una técnica nueva que ofrece Montegrande son los rellenos de los interiores con incisiones achuradas, pero aun cuando existe una variante se puede decir que San Isidro y Montegrande, mantienen una notable afinidad estilística. Platos con incisiones anchas y punteado, no como relleno sino como parte del conjunto decorativo, amplían el universo de estilo en la confección de los platos en Montegrande cuya variedad se va haciendo notoria en la medida que se exponen sus variantes.

Los polícromos con incisiones presentan diseños geométricos y abstractos, algunas veces combinando el blanco con el negro, otras solo el negro siempre sobre la pasta natural, con pintura post cocción, repitiendo de algún modo el formato conocido en San Isidro. En este tipo existe completa coincidencia con San Isidro inclusive son el tipo más frecuente en los contextos por niveles, encontrándose en un segundo nivel en el rango estadístico. La diferencia más notable de los platos de Montegrande con respecto a los de San Isidro radica en que los platos tienen incisión sobre pintura blanca pre cocción, con motivos en forma de bastones y rellenos de líneas cruzadas como si fueran mallas de pescar, que son reconocidos en el formativo del valle de Jequetepeque en la costa norte de Perú.

Los cuencos - Montegrande presentan dos tipos de cuencos claramente diferenciados por su pasta y por el tratamiento de la decoración: por una parte incisiones sobre pasta monocroma marrón y pintura blanco post cocción blanco sobre pasta roja pulida. Siendo lo más resaltante y unitario los motivos de carácter geométrico, mientras los primeros se asocian a triángulos, rombos o cuadrados, el segundo grupo tienen formas irreconocibles pero siempre en líneas rectas formando figuras geométrica. Conservando para ambos tipos el mismo formato que en San Isidro.

Una de las primeras vasijas de cerámica completa fue encontrada junto a los entierros múltiples. Se trata de un pequeño recipiente de forma globular, con algunos defectos de cocción y aplicaciones incisas alrededor del borde; en el cuello se aprecian algunos espacios pintados de color blanco (Figura 4b). La segunda vasija hallada junto a los restos óseos de un infante también es de forma globular, en el cuello presenta decoración con pintura de color negro y en la parte media de este aparece una pequeña escultura con la cabeza de un animal que no sido posible identificar (Figura 4c-d). La tercera vasija completa que aparece junto a dos piedras, es una botella de cerámica con el cuerpo en forma globular, tiene dos pequeñas asas en ambos lados del cuerpo; el cuello es de forma tubular y culmina con un orificio de entrada en el extremo superior (Figura 4e-f).

La cerámica registrada en Montegrando mantiene diversas formas y estilos, pero únicamente ha sido encontrada en las capas de relleno del lado Norte del montículo, y al parecer no está relacionada directamente con la arquitectura; lo cual indicaría que fue depositada al momento de realizar el ritual de enterramiento del templo antes de su abandono tal vez fueron depositadas o durante épocas posteriores como ofrendas en un ritual de reminiscência.

El complejo Cerámico de Casual y Las Juntas en Bagua – Amazonas

El complejo cerámico de Casual y las Juntas en Bagua, presenta similares características con las registradas en San Isidro y Montegrando en Jaén, también proceden de los rellenos colocados para enterrar a los templos. La costumbre de sepultar a las huacas o templos parece haber sido una práctica común en las culturas del bosque tropical en la alta Amazonía de Peru.

Una mañana mientras se realizaba el registro de los elementos arquitectónicos, descubiertos en la cima del montículo, Filomeno Lozano, propietario del terreno donde está ubicado el monumento, comunicó que en medio de una chacra de yucas a 150 m al Oeste del montículo (cerca del río Utcubamba, el hundimiento del terreno debido a las lluvias había dejado al descubierto una vasija de cerámica de grandes dimensiones. La novedad condujo a realizar un trabajo de rescate arqueológico. Los trabajos fueron intensos, por lo cual se debió destinar varias jornadas para poder realizar drenajes y construir una cobertura improvisada que permitiera realizar las excavaciones. Se tuvo la valiosa oportunidad de excavar una urna funeraria intacta.

Los trabajos se concentraron en la apertura de una de las urnas que estaba asociada a una pequeña olla de cerámica con evidencias de hollín. Al destapar esta urna se constató que se trataba de dos grandes vasijas, una de ellas funcionaba como tapa, que cerraba herméticamente su interior, para lo cual utilizaron arcilla fresca dispuesta alrededor de ambos bordes de las vasijas. Al realizar la apertura de la urna, se encontró un esqueleto colocado en posición sedente con las piernas flexionadas y el cráneo caído hacia adelante, siguiendo un eje Este–Oeste. figura N° 155. Este se encontraba en mal estado de conservación, mostrando gran fragilidad. El esqueleto perteneció a un individuo de más de 50 años de edad quien, probablemente, tenía su dentadura afectada por la evidente pérdida de varios dientes (antemortem); hubo reducción alveolar, adelgazamiento del tamaño de la mandíbula y cierta reacción periapical (Figura 5a-b).

La urna funeraria es un recipiente de cerámica de boca muy ancha fabricada mediante la técnica del enrollado, con un lisado simple en la superficie interna y externa, de cocción oxidante, de pasta anaranjada claro. Una de sus características es que lleva un doble reforzamiento en el labio, mediante la fijación de un rollo de arcilla de 4 a 5 cm de grosor. El diámetro de la boca es de aproximadamente 70 cm, al igual que su altura total; el cuerpo se va estrechando para terminar en una base convexa y angosta. Esta forma se encuentra relacionada con el mundo funerario, con una función sepulcral o como receptora de entierros secundarios.

En Las Juntas, la cerámica que aparece con mayor frecuencia son los fragmentos policromos, que en algunos casos mantienen los mismos colores de las pinturas murales expresadas en la arquitectura. Es posible que los óxidos minerales que utilizaron para lograr los colores rojo, blanco y negro hayan sido obtenidos bajo los mismos procedimientos, toda vez que el simbolismo religioso que marca a cada uno de ellos para las prácticas rituales haya jugado un rol preponderante para las sociedades que edificaron estos monumentales templos religiosos con pinturas murales que resultan únicos en la Alta Amazonia de Perú y en América del Sur.



Figura 5. La cerámica funeraria de Casual y las Juntas en Bagua.



COMPLEJO CERÁMICO: MAYO CHINCHIPE

Francisco Valdez

RESUMO

O Complexo cerâmico Mayo Chinchipe

O complexo Mayo Chinchipe registrado na alta Amazônia nas atuais repúblicas do Equador e do Peru é uma das primeiras manifestações cerâmicas do período formativo desta parte da América (5300/2300 AP). Suas características tecnológicas, estilísticas e simbólicas refletem uma sociedade bem heterárquica, coesa, que se expande ao longo de um vasto território, com diferentes nichos ecológicos (da floresta tropical úmida até a floresta seca de montanha). As interações regionais que se evidenciam chegam à costa do Pacífico, passando pela Cordilheira dos Andes (3000 m) para chegar ao sopé da baixa Amazônia Ocidental (400 m). O complexo cerâmico se caracteriza por finas paredes, bem-acabados, que coabitam com vasilhas um pouco mais grossas de uso utilitário. No início da sequência são monocromáticas, mas, mais tarde, incorporam pigmentos minerais para destacar zonas em vermelho, creme e branco. As técnicas de decoração plástica incluem incisos, impressão, excisos e uso moderado de apliques. Formas incluem recipientes abertos e fechados (vasos sem pescoço, jarros e garrafas) e abertas (tigelas e bacias). Sobressaem os vasos efigie e as primeiros vasos com alça estribo do continente.

ABSTRACT

The Mayo Chinchipe ceramic complex

The Mayo Chinchipe ceramic assemblage found in the upper Amazon of Ecuador and Peru is one of the first pottery manifestations of the Formative period in this part of America (5300/2300 BP). Its stylistic, technological and symbolic characteristics reflect a heterarchic society with a high degree of cohesion, which expanded over a vast territory that included different ecological niches (altitude tropical humid forest to low montane dry forest). The regional interactions that have been witnessed include the Pacific coast, the Andean cordillera (over 3000 m asl) and the low piedmont of western Amazonia (400 m asl). The pottery has thin walled wares, with well-finished surfaces that coexisted with coarser utilitarian wares. In the beginning of the sequence the wares are monochrome, but in time mineral pigments have been used to paint and highlight certain zones in red, cream or white colors. The plastic decoration techniques include incised, excised and printed motivated as well as a moderate use of appliques. The forms include open vessels (low and high bowls) and closed vessels (*ollas* pots with or without necks, jars and bottles). Outstanding forms are effigy bottles and the fist stirrup-spout vessels of the American continent.

La cultura Mayo Chinchiipe

El complejo Mayo Chinchiipe (5300/2300 AP) ha sido identificado en la alta Amazonia de la región fronteriza de Ecuador y Perú. La investigación arqueológica en esta parte de la Amazonia occidental ha sido efectuada por el Proyecto Zamora Chinchiipe que ha realizado el inventario arqueológico de la provincia del mismo nombre ubicada en el sur oriente ecuatoriano. Se ejecutó desde septiembre del 2001 dentro del marco de un convenio de cooperación científica y asistencia técnica suscrito entre el *Institut de Recherche pour le Développement* (IRD, Francia) y el Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC, Ecuador)¹. El proyecto ha realizado una prospección sistemática a lo largo de unos 9000 km², en la vertiente oriental de los Andes. Esta zona corresponde al flanco fuertemente inclinado y al pie de monte conocido como la *ceja de selva*; su altura se encuentra escalonada entre los 2700 y los 500 m de altura sobre el nivel del mar. La prospección se efectuó a lo largo de las cuencas fluviales de las dos principales redes hidrográficas de la provincia: el río Zamora y el río Chinchiipe, ambos confluyen a distintas alturas en el Marañón. Este importante afluente del inicio del Amazonas recorre en esta región una trayectoria de sur a norte y luego vira hacia el oriente en el departamento Amazonas en la República del Perú (Figura 1). En el transcurso estos trabajos se registraron más de 400 sitios arqueológicos de distintas épocas, pero la mayoría correspondían a ocupaciones de los pueblos del grupo lingüístico Jívaro (Taylor; Descola, 1981), que en la región fueron conocidos, en el siglo XVI, como los pueblos Bracamoro y Yaguarsongo (700/1950 AD). En la cuenca del Chinchiipe se identificaron 10 sitios pertenecientes al complejo Mayo Chinchiipe (5300/2300 BP), pero se conoce de una serie de otras localidades con materiales de esta época en los departamentos de Cajamarca y Amazonas en la República del Perú (Valdez, 2013).

El principal sitio que se ha estudiado hasta la fecha en Ecuador es el yacimiento Santa Ana-La Florida (SALF), ubicado en el cantón Palanda de la mencionada provincia (Valdez et al., 2005). El sitio ha sido trabajado desde octubre del año 2002 y en la actualidad se define como un centro ceremonial regional. El sitio se compone de una aldea nucleada, levantada en torno a una plaza central, con vestigios de una veintena de estructuras de piedra. En el sitio se construyeron dos plataformas artificiales que sirvieron como base para la realización de actividades cívico ceremoniales (Figura 2). Sobre la plataforma principal se construyó un templo circular de piedra. En el interior del montículo, se ha ubicado un cementerio de élite, con importantes ofrendas funerarias en materiales diversos. El estudio de los materiales excavados en los distintos contextos del sitio y las colecciones de la prospección regional han permitido definir mejor al complejo cerámico y ubicarlo en el tiempo con precisión.

La prospección regional demostró que el complejo cerámico aparece a lo largo del flanco oriental de los Andes en la parte sur de la provincia de Zamora Chinchiipe. Hay evidencias entre las poblaciones de Amaluza (en lo alto de la serranía, 1700 msnm), que bajan progresivamente hacia San Andrés, Solahuari, e Isimanchi (600 msnm) en la cuenca del río del mismo nombre. En las cabeceras del Chinchiipe se encontraron evidencias en el entorno de Valladolid, Pueblo Viejo y Palanda. En el curso de los ríos Numbala y Vergel hay restos de este complejo hasta la región de La Canela. En el bajo Mayo-Chinchiipe se detectaron evidencias entre

1. Los arqueólogos participantes fueron Jean Guffroy, Francisco Valdez (IRD, Francia); Julio Hurtado, Alexandra Yépez (investigadores asociados IRD, Ecuador); Geoffroy de Saulieu y Gaëtan Juillard (VCI, voluntarios civiles internacionales -IRD, Francia).

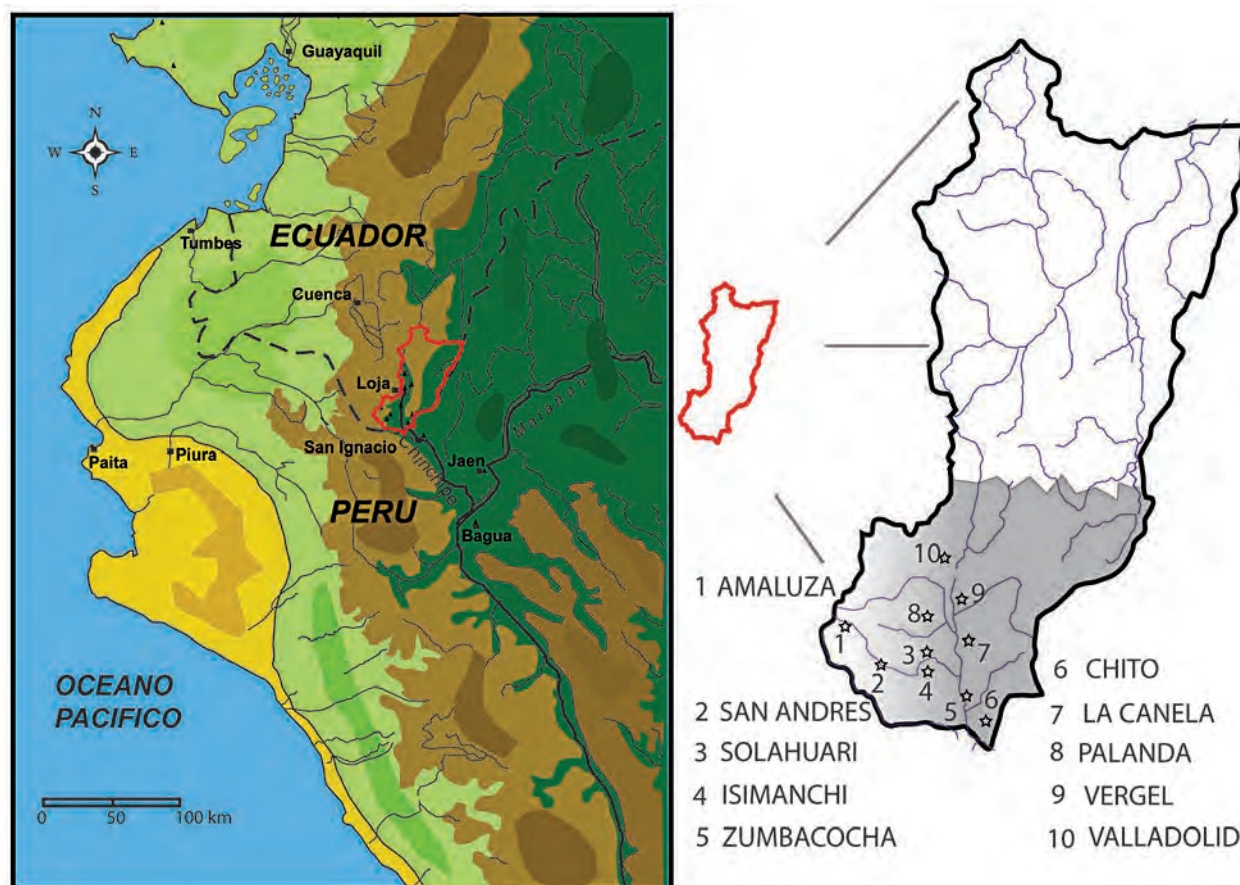


Figura 1. Mapa de ubicación del área de estudio con la extensión regional del Complejo Mayo Chinchipe.

Chito y la Quebrada de San Francisco poco antes de llegar a la frontera política entre Ecuador y Perú. Al otro lado del límite internacional hay indicios del complejo entre Namballe, San Ignacio y Jaén. El futuro de la investigación binacional dará una visión real de la extensión de este complejo cerámico.

Las primeras evidencias identificadas de la cerámica del complejo se encontraron en el transcurso de la prospección en la región del río Vergel, en que llamó la atención el contraste entre este material y la cerámica gruesa y burda de los llamados pueblos Bracamoros. La finura de sus paredes y su contextura bien cuidada rompe con la cerámica de la tradición *Corrugado*, que caracteriza a las ocupaciones tardías de los pueblos proto-jíbaros, asentados en la zona desde el siglo VII AD (Guffroy, 2006).

El estudio del material y de los contextos arqueológicos del complejo Mayo Chinchipe ha permitido ubicarlo cronológicamente con precisión en el lado ecuatoriano de la frontera internacional. Veinte y ocho fechas radiométricas obtenidas del yacimiento SALF y de otras localidades han dado el alcance de su larga duración (5300/2300 AP). Aunque no se conocen todavía todas sus modalidades a través del tiempo se ha podido hacer una primera división en dos fases cerámicas sucesivas: la temprana, denominada *Palanda*, y una algo más tardía llamada *Tacana* (Valdez, 2007a).

Los contextos registrados para los sitios del complejo cerámico incluyen tanto sitios domésticos como sitios ceremoniales con una organización espacial bien definida. En el sitio SALF hay una arquitectura monumental con uso de la piedra y de la tierra para la construcción de montículos, plataformas y espacios

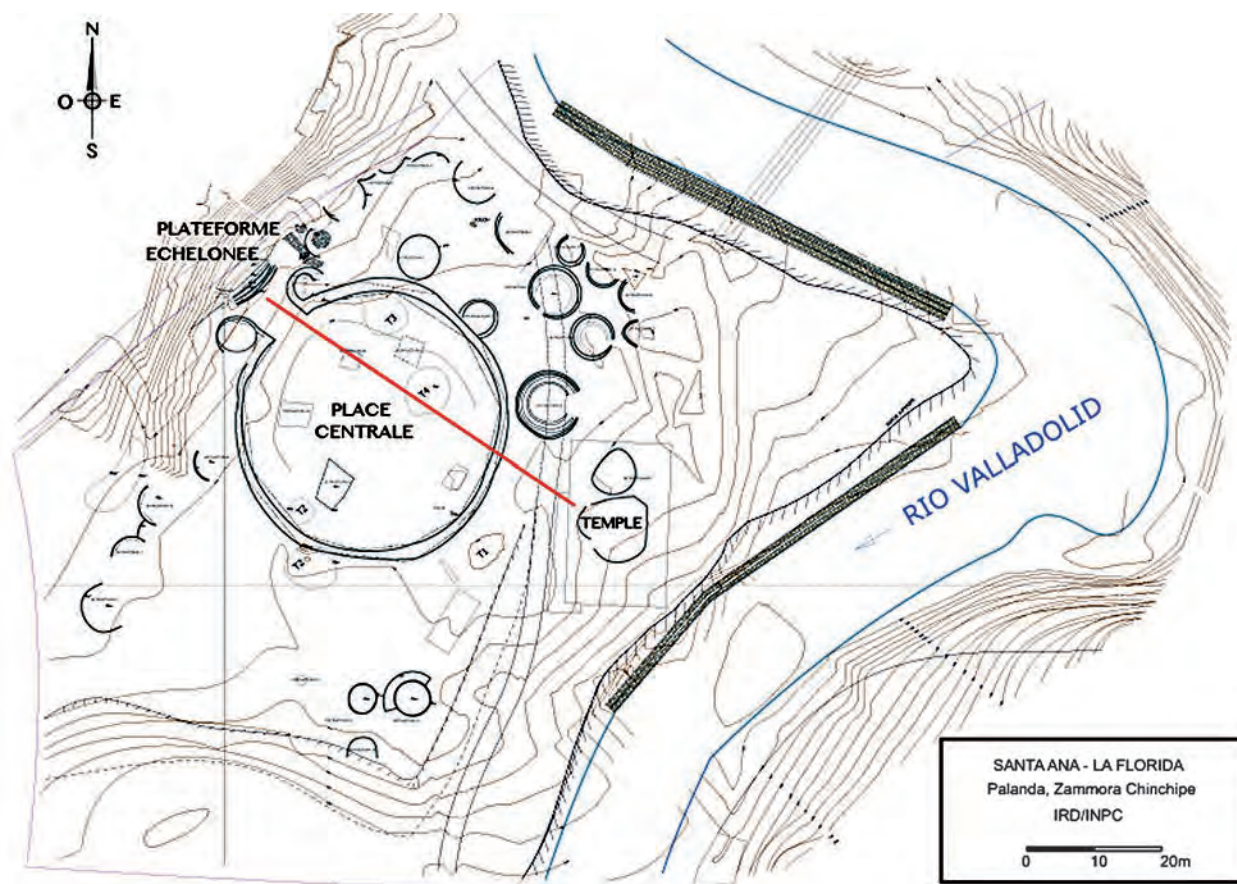


Figura 2. Centro ceremonial Santa Ana – La Florida (SALF), Palanda, Ecuador.

escalonados. La construcción de una plaza circular hundida (de 40 m de diámetro), con las paredes delimitadas por un doble muro de piedra es un rasgo arquitectónico notable. Las estructuras de habitación tienen una forma circular con diámetros que varían entre 5 y 12 m. Los cimientos y una parte de las paredes estuvieron hechas con hileras superpuestas de piedras.

Los sitios de ocupación doméstica tienen un patrón disperso en el bosque, incluye laderas inclinadas y superficies más regulares en los valles fluviales. Los espacios intermedios fueron probablemente zonas con jardines de cultivo y áreas de caza. La presencia de centros como el sitio SALF sugiere que desde el periodo Formativo había ya una diferenciación de espacios sociales – comunales y de las zonas domésticas. No se han encontrado evidencias de espacios específicos de almacenamiento en ningún tipo de asentamiento.

Los espacios funerarios que se conocen provienen de las excavaciones realizadas en la plataforma oriental del sitio SALF, donde hay tumbas de pozo, tumbas en fosas simples y depósitos funerarios hechos en la base de muros estructurales de la plataforma. En todos estos contextos se han encontrado ofrendas cerámicas del complejo Mayo Chinchi. En los espacios domésticos dispersos en el bosque hay evidencias funerarias de entierros encontrados fortuitamente por los campesinos locales y por lo tanto sin un registro preciso de los contextos funerarios. Por las descripciones locales se presume que se trató de fosas excavadas en el contorno del espacio doméstico.

Figura 3. Tabela de fechados radiocarbônicos.

# LABORATORIO	EDAD ¹⁴ C MEDIDA	EDAD ¹⁴ C CONVENCIONAL	CALIB 1 SIGMAS	CALIB 2 SIGMAS	CONTEXTO
Beta-312078 AMS 14,4%	4450 ± 30	4620 ± 30	3490 / 3360 BC (5440 / 5310BP)	3500/3330 BC (5500/5300BP)	X4 (17) basural - 60/80 cm
Beta-197175 AMS 24,6% SALF 013-04	4300 ± 40	4300 ± 40	3023 / 2876 BC (4972 / 4825BP)	3010/2880 BC (4960/4830BP)	XII 6 Nivel ocupacional - 150 cm
GX#30044 AMS 25,6%Florida 003-03	4000 ± 71	4000 ± 71	2617 / 2461 BC (4567/ 4411BP)	2857/2301 BC (4807/4449BP)	XIV 8 Piso quemado - 45/50 cm Plataforma E
GX#30043 AMS 24,9%Florida 002-03	3990 ± 70	3990 ± 70	2615 / 2459 BC (4565/4409 BP)	2841/2294 BC (4791/4422BP)	XIV 8 Piso quemado Plataforma E-90 cm
Beta-172587 AMS 23,1% La Florida 01 Sondeo 4 /90cm	3860 ± 40	3890 ± 40	2470 / 2270 BC (4420/4220BP) 2260 / 2220 BC (4210/4170BP)	2460/2300 BC (4410/4250BP)	XIV 8 Piso quemado Plataforma E-90 cm
Beta-188265 AMS 25,9% N454STANA07	3830 ± 70	3820 ± 70	2453 / 2152 BC (4423/3994BP)	2470/2040 BC (4420/3990BP)	XIII 6 Piso quemado - 50 cm Plataforma oriental
Beta-188263 AMS 25,6% N454STANA05	3820 ± 40	3810 ± 40	2334 / 2149 BC (4283/4098BP)	2395/2375 BC (4345/4325BP) 2355/2135 BC (4305/4085BP)	XII 6 Piso quemado - 90 cm Plataforma oriental
Beta-261400 AMS 24,7% SALF 01/09	3820 ± 40	3820 ± 40	2300 / 220 BC (4245/4150BP)	2450 /2140 BC (4440/4090BP)	XIII-10 Hoguera -45/47cm
Beta-261413 AMS 24,6% SALF 14/09	3810 ± 40	3820 ± 40	2300 / 2200 BC (4400/4090BP)	2450/2140 BC (4400/4090BP)	IX, X 6 / 7 Nivel N-Cocupacional -95/100 cm
Beta-210219 Radiometric 25,7% SALF 02-05	3790 ±160	3780 ±160	2466 / 2027 BC (4415/3976 BP)	2620/1750 BC (4570/3700BP)	IX 8 Nivel ocupacional terrace oeste -22/23 cm
Beta - 398107AMS 22,4%	3720 ± 40	3760 ± 40	2195 / 2170 BC (4145/4120BP) 2145/2110BC (4095/4060BP) 2100/2035 BC (4050/3985BP)	2265/2260 BC (4215/4210BP) 2205/2015 BC 1995/1980 BC (4155/3965BP) 3945/3930BP	IV 4 -80 cmNivel ocupacional
Beta-214742 Radiometric 19,1%SALF 04-05	3700 ± 60	3800 ± 60	2197 / 1983 BC (4146 /3932 BP)	2450 / 2040BC (4400/3990BP)	XII- 4 (8)Tumba pozo entrada -60 cm
Beta-261402 AMS 25,8%SALF 03/09	3710 ± 40	3700 ± 40	2140 / 2030 BC (4150/3920 BP)	2200/1970BC (4150/3920BP)	XIV- 4 (8,9) Tumba 4 material relleno -192 cm
Beta-261403 AMS 25,5% SALF 04/09	3710 ± 40	3700 ± 40	2140 / 2030BC (4090/3980BP)	2200/1970 BC (4150/3920BP)	III 5 (21,16) basural - 50/60 cm
Beta-197176 AMS 22,9%SALF 014-04	3700 ± 40	3730 ± 40	2141 / 2031 BC (4090/3980 BP)	2270/2260 BC (4220/4210BP) 2220/2020 BC (4170/3970BP)	XII- 4(8) Tumba pozo cámara-220 cm

Figura 3. Tabela de fechados radiocarbônicos.

# LABORATORIO	EDAD ¹⁴ C MEDIDA	EDAD ¹⁴ C CONVENCIONAL	CALIB 1 SIGMAS	CALIB 2 SIGMAS	CONTEXTO
Beta-261408 AMS 27,4%SALF 09/09	3700 ± 40	3660 ± 40	2130 / 2090 BC (4080/4040BP) 2050 / 1970 BC (4000/3920BP)	2140/1930 BC (4090/3880BP)	IX-8 piso ocupación quemado -30/45 cm
Beta-188266 AMS 25,4% N454STANA08	3690 ± 40	3680 ± 40	2139/2025 BC (4088/3974 BP)	2190/2170 BC (4140/4120BP)	XII 5 Hoguera ceremonial -75 cm
Beta-188264 Radiometric 28,4% N454STANA006	3660 ± 90	3610 ± 90	2205 / 1951 BC (4150/3900 BP)	2428/1781 BC (4377/3730BP)	XII 6 Piso quemado - 50 cm Plataforma oriental
Beta - 398108 AMS 28,4%	3690 ± 30	3640 ± 30	2010 / 2000BC (3960/3950BP) 1975 / 1915 BC (3925/3865BP)	2030/1885 BC (3980/3835BP)	IV 4 basural -85/90 cm
Beta-261412 AMS 26,2% SALF 13/09	3630 ± 40	3610 ± 40	2020 / 1920 BC (4070/3830BP)	2120 /1880 BC (4070/3830BP)	III-5 (16) basural -85/90 cm
Beta-261409 AMS 29,1%SALF 10/09	3620 ± 40	3550 ± 40	1940 / 1880 BC (3890/3840BP)	2010/2000 BC (3960/3950BP) 1980/1760BC 3930/3710 BP	X-5 (21) basural-80/85 cm
Beta-261410 AMS 26,5% SALF 11/09	3600 ± 40	3580 ± 40	1970 / 1980 BC (3920/3840BP)	2030/1780 BC (3980/3820BP) 1840/1820 BC 3790/3770 BP 1790/1780 BC 3740/3730 BP	XIV-6 Sondeo calle nivel ocupacional -50/80 cm
Beta-287173 AMS 25,5%VII-20 CLara	3580 ± 40	3570 ± 40	1960 / 1880 BC (3910/3830BP)	2020/1870 BC (3970/3820BP) 1850/1870 BC (3800/3730BP)	VI 17 (20) x piso ocupacional
Beta-287175 AMS 25,4%VIII-1 CLara	3570 ± 40	3560 ± 40	1950 / 1880 BC (3900/3830BP)	2020/1860 BC (3970/3810BP) 1850/1770 BC (3800/3720BP)	VII 8 (1) piso ocupacional -40 cm
Beta-261411 AMS 23,7%SALF 12-09	3530 ± 40	3550 ± 40	1940 / 1880 BC (3890/3830BP)	2010 /1760 BC (3930/3710BP)	X-5 basural ocupacional -60/ 75 cm
Beta-210217 Radiometric 26,7%GPS 401-05	3480 ± 70	3450 ± 70	1890 / 1695 BC (3460/3150 BP)	2007/1627 BC (3880/3550BP)	GPS 401-05
Beta-287172 AMS 24,1%VII5-12 CLara	3430 ± 40	3440 ± 40	1880 / 1650 BC (3830 / 3600BP)	1880/1650 BC (3830/3600BP)	VII 15 (12) pisoocupacional
Beta-210218Radiometric 27,1%SALF 01-05	3140 ± 70	3110 ± 70	1492 / 1319 BC (3441/3268 BP)	1501/1297 BC (3450/3246BP)	III-9 basural -20/30 cm

Figura 3. Tabla de fechados radiocarbónicos.

# LABORATORIO	EDAD ¹⁴ C MEDIDA	EDAD ¹⁴ C CONVENCIONAL	CALIB 1 SIGMAS	CALIB 2 SIGMAS	CONTEXTO
Beta-188267 AMS 26,1%N454STANA09	2280 ± 40	2260 ± 40	399 / 236 BC (2348/2185 BP)	405/ 208 BC (2354/2157BP)	XIV14 basural Tacana - 35/55 cm
Beta-287171 AMS 27,8%II12-3h CLara	2210 ± 40	2210 ± 40	370 / 200 BC (2320/2150BP)	390/170 BC (2340/2120BP)	VII 18 (22) nivel Tacana -55 cm
Beta-168289 Radiometric 25% N-366/01-02	1070 ± 70	1070 ± 70	900 / 1020 AD (1060 a 930 BP)	790/ 1050AD (1160/900BP) 1100/ 1140AD (850/810BP)	N-366 /01 Nangaritza Bracamoro
Beta-171893 Radiometric 25,7%N-239/09-02	1050 ± 80	1040 ± 80	910/920 AD (1040/1030BP) 960/1030 AD (1000/920BP)	810/840 AD (1140/1110BP) 860/1180 AD (1100/780BP)	N-239/09-02Bracamoro
Beta-197177 Radiometric 25,4% Quimi 01-04	1040 ± 60	1030 ± 60	897/1038 BC (1054/913 BP)	783/1158 AD (1167/ 793BP)	Quimi 01-04Bracamoro
Beta-171896 AMS 26,6%N-433/0902	650± 60	620± 60	1290/1410AD 660/540 BP	1280/1420AD 670/530 BP	N-433 Tacana Solahuari Bracamoro
Beta-261405 Radiometric 26,1%SALF 06/09	420± 60	440± 60	1430/1490AD 520/460 BP	1410/1640AD 540/310 BP	IX -5 basural -40/45 cm Bracamoro
Beta-261407 Radiometric 28,1%SALF 08-09	250± 60	300± 60	1540/1540AD 420/400 BP 1630/1670AD 320/280 BP 1780/1800AD 170/150 BP 1950/1950AD	1480/1690AD 470/260 BP 1730/1810AD 220/140 BP 1920/1950AD 30/0 BP	VII 4-5 -30/40 cm Nivel Bracamoro
Beta-168290Radiometric 25%N-375/01-02	270± 80	270± 80	1690/1730AD 464/0BP	1450/1700AD 504/250 BP 1720/1820AD 230/130 BP 1840/1880AD 110/70BP	N-375-01- 02 Nangaritza Bracamoro
Beta-168291Radiometric 25%N-381/01-02	140± 70	140± 70	1674/1942AD 276/9BP	1663/1930AD 287/0 BP	N-381-01-02 Nangaritza Bracamoro
Beta-261406AMS 28,6%SALF 07-09	130± 70	70± 70	1690/1730AD 260/220BP 1810/1930 140/20 BP 1950/1950 0/0	1660/1960AD 280/0 BP	V 6, 5 -35-45 cm Nivel Bracamoro
Beta-287174 AMS 26,5% VII721-22 CLara	90 ± 40	70 ± 40	1700/1720 AD (250 a 230 BP) 1820/1840 AD (130 a 110 BP) 1880/1920 AD	1680/ 1740AD (270/210BP) 1810/ 1930AD (140/20BP) 1950/ 1960AD	XIV 14 nivel Bracamoro -35/55 cm

Fechamientos ¹⁴C obtenidos del sitio Santa Ana-La Florida y otros sitios Zamora Chinchipe

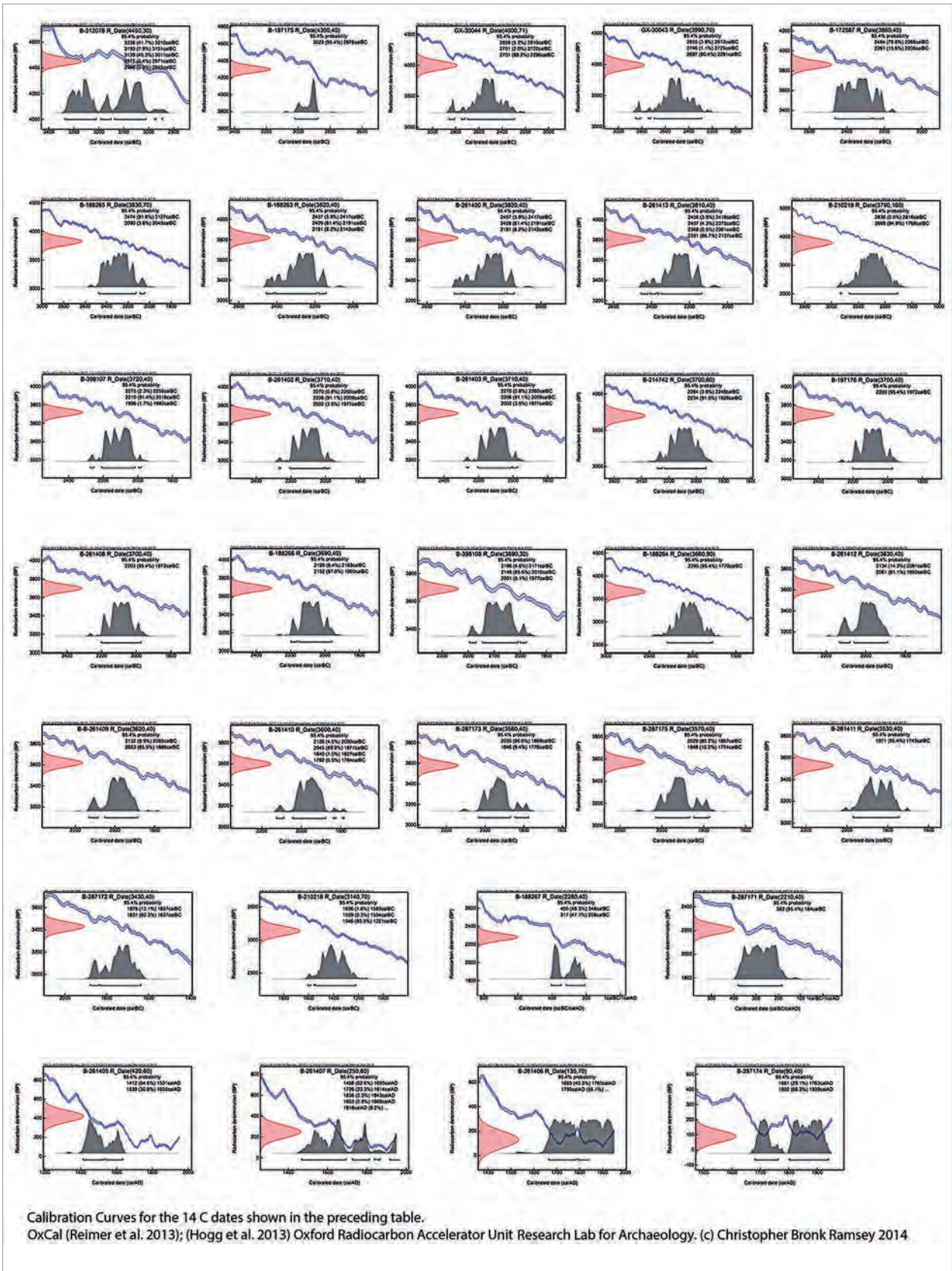


Figura 3. Tabela de fechados radiocarbônicos.

El complejo cerámico

ALFARERÍA DE LA FASE I - PALANDA

La evidencia del complejo cerámico proviene de dos tipos de contextos arqueológicos bien diferenciados: a) las zonas de habitación con sus basurales externos; y b) los conjuntos encontrados como ofrendas funerarias. Si bien hay una unidad tecnológica en ambos tipos de materiales hay una clara diferenciación en las formas, en la decoración y en los tratamientos de superficie de los objetos funerarios. La diferencia no sólo incumbe a la clásica división funcional entre objetos utilitarios y objetos suntuarios, sino sobre todo a un aspecto ideológico que se manifiesta en la calidad de la ejecución.

La relativa simpleza del conjunto cerámico utilitario contrasta fuertemente con la variedad de formas y decoraciones presentes en los depósitos funerarios, por lo que aquí se describen rápidamente algunas de sus características más notables que no se encuentran en los depósitos domésticos. Las ofrendas funerarias presentan una sofisticada amplitud de formas naturalistas y geométricas, así como motivos decorativos, que incluyen: modelado en sólido y hueco, acanalado, inciso, rastreado y punteado, bandas impresas y apliques, entre los que sobresale el botón. De los 11 recipientes encontrados, 4 tienen formas ordinarias de pequeñas ollas y cuencos, con una función claramente utilitaria; mientras que los 7 restantes tienen una morfología muy particular que entra en el dominio de lo simbólico. Seis son botellas de asa de estribo y un recipiente efigie cerrado, que ofició como caja de *llipta* o *poporo*.

La presencia de botellas de asa de estribo es una primicia morfológico-estilística, pues la antigüedad de sus contextos (con fechados radiométricos) las ubica como las primeras manifestaciones de esta forma tan particular en América (Valdez et al., 2005: 373; Valdez, 2007b: 338) La variedad de formas y motivos en las botellas es interesante, pues cada una refleja aspectos estéticos vinculados con la naturaleza, al mundo simbólico y a una geometría abstracta. Las botellas encontradas en las tumbas son notables por el realismo de los motivos figurados. Entre las más notables hay un recipiente efigie con una faz humana a cada lado (Figura 4). Tres botellas son fitomorfas, representando dos calabazas alargadas y un zapallo achatado. Las otras dos botellas tiene figuras geométricas: un rectángulo con paredes redondeadas y un círculo que se asemeja a un neumático.

Las asas del conjunto Mayo Chinchipe se diferencian de los ejemplares más tardíos de la costa del Pacífico (Valdivia 8, Machalilla; Staller, 1994; Meggers et al., 1965) y de la sierra norte ecuatoriana (Cotacollao: Villalba, 1988) por tener el pico largo y esbelto, emergiendo desde la cima de la argolla. El labio del pico tampoco presenta el reforzamiento pronunciado que tienen los ejemplares de las culturas antes mencionadas. Buena parte de los picos de las botellas encontradas en el sitio SALF tienen el labio biselado hacia el interior.

Las formas de los recipientes utilitarios son sencillas, cuerpo globular o semi-esférico, con diferencias en la proyección del hombro y del cuello. Los hay también de formas compuestas : semiesférico-carenado con un borde evertido. Otro recipiente compuesto es una efigie humana muy original. Un cuenco cerrado (tecomate) presenta cuatro soportes pequeños en la base, de un costado sale una cabeza humana perfectamente modelada al vacío. La cara tiene un carrillo abultado y los ojos circulares muy abiertos. Es la representación de un individuo que está masticando hojas de coca. En torno a la abertura del cuenco hay una decoración incisa y puenteada que cae sobre los lados, como imitando un poncho. En la parte superior de los soportes hay decoraciones incisas que recuerdan los brazaletes y ajorcas que adornaban

al ser humano (Figura 3). La factura delicada y el realismo de sus rasgos no tienen antecedentes en la alfarería precolombina de la costa o de las tierras altas de esta parte de América (Valdez, 2008: 882). El conjunto funerario de donde salieron los recipientes cerámicos descritos tiene fechados de ^{14}C entre 2200 y 2450 aC.

El conjunto de la alfarería doméstica es el complemento necesario al conjunto funerario para conocer la cerámica de la época Formativa. Las lozas de la fase Palanda han sido encontradas en depósitos residuales asociados a los primeros niveles de ocupación. En el sitio ceremonial SALF no fue fácil detectar los depósitos o los residuos de las actividades ordinarias, pues aparentemente se ponía mucho empeño en mantener el entorno libre de desechos. Sin embargo se identificaron por lo menos 3 zonas con acumulaciones de depósitos residuales secundarios. De estos contextos se han recuperado cerca de unos 4500 fragmentos de cerámica de la primera época, su análisis ha permitido caracterizar la alfarería de la fase Palanda.



Figura 4. Recipientes funerarios, botellas de asa de estribo y coquero.

Caracterización de las lozas (*wares*) de la fase Palanda

El estudio comprende los materiales recuperados de los trabajos de excavación en el sitio Santa Ana - La Florida hasta fines de septiembre de 2012. El cúmulo de estos materiales ha permitido diferenciar por lo menos dos tipos de lozas distintas, presentes en los depósitos culturales tempranos. Una loza delgada de acabado fino y otra más gruesa y quizás más utilitaria. Para sistematizar su descripción se procede a efectuar un examen detallado de los componentes físicos, siguiendo el esquema tradicional del análisis cerámico (Valdez, 2011). De manera general se puede afirmar que la materia prima utilizada para la fabricación de la cerámica es local. La arcilla abunda en la zona y tiene variantes según la ubicación altitudinal del depósito. Los geólogos han definido al conjunto de suelos de la provincia de Zamora Chinchipe como pisos arcillosos con fuerte alteración, con arcilla tipo kaolinita y geothita, y a veces gibsitita C.I.C < 18 me/g.; B.I.<6 me./100g. Su coloración natural varía entre rojos a marrón amarillento. Su grado de saturación es de medio a alto con bases < 35%. Los suelos de toda la región son clasificados como DYSTROPETS F2 (PRONAREG/ORSTOM, 1984)

Las pastas del complejo Mayo Chinchipe

La observación visual, con lupa de hasta 10 X, ha permitido diferenciar tres tipos de pastas, en el complejo temprano. Estos se definen por los componentes vistos en la arcilla cocida :

Pasta A: granulometría fina, arcilla bien seleccionada, quizás decantada para lograr una masa homogénea, con partículas bien cohesionadas, que se unen en una estructura compacta, casi linear. La cocción siempre oxidante, el color varía de naranja pálida a marrón rojizo (o ladrillo oscuro). La mayoría de los ejemplares son de color marrón rojizo. Los elementos añadidos como desgrasante son igualmente muy homogéneos. Se notan sobre todo partículas de cuarzo (arenas cristalinas) y feldespatos propios de las arenas de río color negro o gris oscuro. Hay partículas minerales de color marrón, rojo, dorado o gris traslucido (mica). La proporción de antiplásticos es más o menos de 2 o 3 por cada 2 mm, lo que no es una densidad muy alta. La mica suele ser constante, pudiendo estar o no presente como componente natural en la arcilla. Ocasionalmente se ven pocos elementos blancos, muy finos, que no son frecuentes en la arcilla común. Este tipo de pasta se generaliza en los ejemplares delgados (de 2,5 a 4 mm) y casi todos los medianos (de 5 a 6 mm). En las superficies que se han conservado bien, se nota un tratamiento cuidadoso. Los ejemplares examinados muestran tener la superficie bien alisada, no pulida. El tamaño de los fragmentos suele ser más bien pequeño, con un largo promedio entre 1,5 y 4,5 cm. Por el acabado externo e interno se puede diferenciar las formas cerradas de las abiertas, siendo estas últimas las que parecen predominar en la muestra de las pastas finas.

Pasta B: paredes siempre delgadas, la pasta es bien amasada y con una granulometría de los componentes bastante homogénea. Se diferencia del tipo A, por la presencia de una densidad más notable de elementos antiplásticos de mayor tamaño, que hace que la granulometría de estos sea algo más heterogénea. Proporcionalmente hay entre 10 y 20 partículas de elementos diversos por cada 2 mm. La cocción es usualmente oxidante total, pero se observan algunos ejemplares con núcleos negros, que no son comunes en la pasta A. El color usual varía entre naranja pálida y beige opaco. El grosor de las paredes de todos

estos ejemplares varía entre delgado (2,5 a 4,9mm) y mediano (5 a 7 mm), pero con una mayor proporción de los medianos. El tamaño de los fragmentos de este tipo varía entre 2 y 6 cm, pero en general son de dimensión mediana (entre 3 y 5 cm). Las formas abiertas y cerradas parecen estar representadas de manera equilibrada.

Pasta C: Este tipo tiene una granulometría gruesa, con una abundancia considerable de elementos añadidos de tamaño muy heterogéneo, donde los grandes son angulosos y llaman más la atención. Los cuarzos y los elementos blancos o grises oscuros son dominantes. La cocción es oxidante, pero con una alta frecuencia de oxidación incompleta, con núcleos negros o grises anchos. Las paredes son medianas -la gran mayoría entre 5 y 7 mm - con un acabado algo menos bien logrado y por ello la superficie es rugosa o está mal conservada. Por lo general han sido regularizados, a veces con un elemento húmedo que ha dejado una capa muy delgada de arcilla expandida, pero ésta siempre aparece craquelada. La erosión de las superficies deja a los elementos grandes y toscos muy visibles. En la muestra obtenida, este tipo de pasta no es dominante y tiene fragmentos de tamaño más grandes -entre 3 y 8 cm, que por lo general suelen ser de recipientes cerrados.

La acidez del suelo y la humedad constante han fragilizado a los fragmentos cerámicos encontrados en los depósitos antiguos. A pesar del grosor de las paredes, en muchos casos los tiestos se presentan como una masa semi blanda que se deshace al ser limpiada o retirada del estrato en que están inmersos. Esta característica contrasta con los recipientes enteros encontrados en los depósitos funerarios, que siempre tuvieron una solidez bien marcada. Esta particularidad sugiere que la temperatura de cocción no debió sobre pasar los 600 a 800°.

FASE I - PALANDA

La loza, o *ware*, reconocida para la fase Palanda ha sido identificada por varios elementos, como el acabado de superficie, el grosor de las paredes, el color de la superficie exterior y el tipo de pasta presente. Se trata de una loza de espesor delgado (entre 2,5 y 5 mm, el promedio y la generalidad es de 3,5 a 4 mm).

La pasta: de color naranja ladrillo, con tonalidades entre rojizas y beige. La cocción es oxidante y casi no se observan núcleos oscuros. Tampoco se han detectado espacio vacíos entre los componentes de la arcilla.

Cocción: La gran mayoría tiene una cocción oxidante, con un color naranja dentro y fuera de ambas paredes; en ocasiones la cocción es parcialmente oxidante en los fragmentos más gruesos. El color de la arcilla bien cocida es rojo ladrillo intenso y la menos cocida va de negro a marrón-gris pálido. El grado de conservación es pobre, quizás por una baja temperatura en la cocción.

Superficies: la gran mayoría ha sido simplemente regularizada con un instrumento de superficie lisa, que ha dejado una huella muy homogénea en la pared. Hay casos con un evidente alisado, muy esmerado que ha dejado una superficie lisa, pero sin llegar a ser brillante. Hay huellas de mini estrías paralelas que revelan el tratamiento aplicado sobre estas superficies. Los colores de las pastas y de las paredes varían por la intensidad del calor de cocción, entre un marrón naranja hasta un marrón negro. El color beige o marrón pálido predomina. Hay algunos fragmentos de cuencos con una superficie que presenta un acabado regularizado, sin mayor esmero, por lo que se los podría considerar como residuos más domésticos-utilitarios. En los recipientes cerrados, los acabados de superficie son buenos con un alisado homogéneo

externo y un regularizado interno. El grosor promedio, al igual que en los recipientes abiertos, suele ser de entre 3 y 6 mm. Su apariencia general sugiere que se trata de recipientes utilitarios de carácter doméstico.

Colores: Las tonalidades de las lozas vistas hasta ahora son: A) beige claro, beige rosado a naranja, beige gris y negro tiznado (voluntario o no) B) marrón rojizo a chocolate, y marrón gris a negro tiznado. Por la tonalidad y la intensidad de la coloración de las paredes se han diferenciado básicamente dos colores básicos: el **beige** (beige naranja 5 YR 5/8 y 6/8 *redish yellow*, a 5 YR 5/4 *redish brown*, muy común en la loza temprana; al igual que el 7.5 YR 5/4 *brown*) y el **marrón rojizo** (de color rojo tenue (*weak red*) 4/4 del Munsell hue 10R *redish Brown* 2.5YR, que es algo más oscuro en el lado interno de color ladrillo vivo, y el color marrón violeta 5 YR 3/2 *dark redish brown*). En ambos casos se trata del color natural de la arcilla, que al ser cocida a distintas temperaturas varía de tonos pálidos a intensos. Entre los beige van desde el beige gris pálido, hasta el beige naranja intenso. La variante marrón rojiza es más oscura, probablemente por un contenido mayor de ocre o de algún otro tipo de oxidación natural de los componentes de la arcilla.

Formas: La clasificación de la fragmentería no ayuda mucho para la reconstitución del cuerpo cerámico de la época temprana, pues entre los tiestos no hay muchos elementos diagnósticos que den una idea completa de la morfología de las piezas presentes. No obstante, al tomar en cuenta una serie de rasgos como el tratamiento de las superficies externa e interna, la presencia de bordes, los puntos de inflexión del cuerpo, las bases, y los pocos apéndices se puede hacer una primera gran división entre recipientes abiertos y cerrados.

Las formas que se distinguen entre los abiertos son **escudillas o cuencos** de tamaño pequeño (-10 cm diámetro) o mediano (11 a 19 cm diámetro) y **tazones** (+ 20 cm diámetro) probablemente altos con relación al diámetro de su apertura. La variedad de **cuenco o tazón carenado** es frecuente en los basureros tempranos. Sin embargo, el elemento dominante parece ser el **cuenco hemisférico**, no muy alto, con un diámetro inferior a los 15 cm. Esta medida es muy difícil de establecer con certeza debido al grado de fragmentación de los tiestos recuperados. Los cuerpos de perfil carenado tienen el punto de inflexión angular en la silueta superior del recipiente. Entre las modalidades de labios, hay directos, redondeados y en ojiva. Las bases son planas y convexas (Figura 5).

Los recipientes cerrados, comúnmente llamados **ollas**, se presentan con un borde recto o evertido, no muy inclinado en su orientación; que sugiere dos tipos de recipientes: **ollas sin cuello o de cuello corto** y **ollas de cuello alto con el borde reforzado** o saliente con relación al punto de inflexión del cuello. Hay **tres formas diagnósticas de recipiente cerrado: olla de cuello corto, de cuello largo y el cántaro**, donde el orificio de entrada es muy reducido con relación al diámetro del cuerpo y su cuello es relativamente corto y estrecho. Los cuerpos son visiblemente **globulares u ovoides** y las **bases son más bien convexas**. Una pequeña asa redonda sugiere un apéndice más decorativo que de uso funcional efectivo. Aunque hay fragmentos tubulares o angulares diagnósticos de las **botellas de asa de estribo**, pero son más bien pocos los tiestos de corte tubular que sugieren este tipo de asa.

Decoraciones: entre los fragmentos tempranos la decoración más común es el **punteado linear**, situado a menudo cerca del borde o en el cuello del recipiente. La **incisión fina**, el **acanalado profundo** y la **impresión de caña** aparecen también, pero en menor proporción; siendo posible que haya una diferenciación cronológica en el uso de estas técnicas decorativas. Sin embargo, aún no se puede ser categórico en esta constatación, pues se necesitan más contextos específicamente fechados para poder comprobar esta hipótesis.

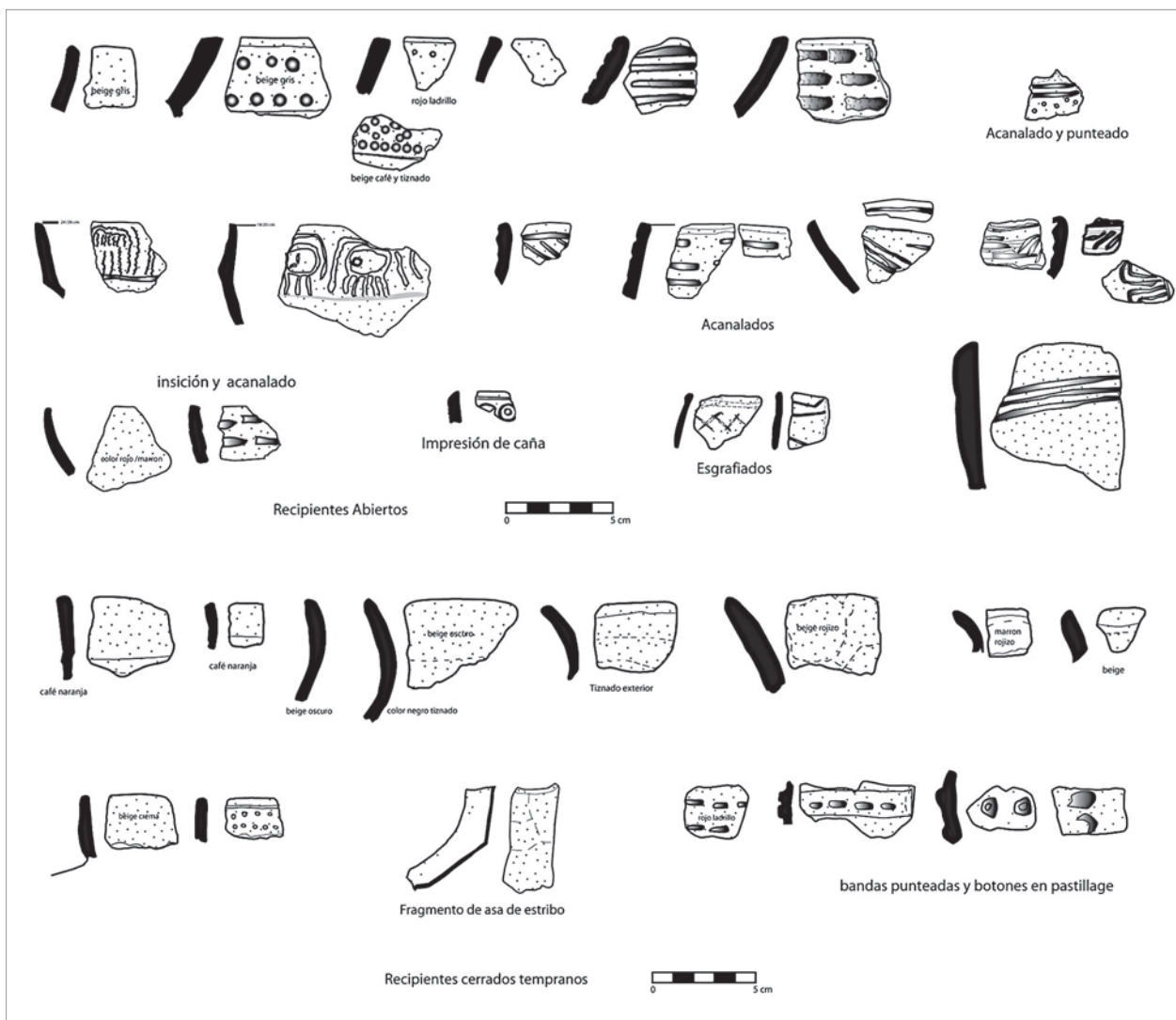


Figura 5. Formas de la loza Palanda.

Los **motivos son variados entre geométricos y figurativos** con patrones que deben reflejar una simbología hasta ahora no bien definida. El **esgrafiado**, es decir **incisiones realizadas post-cocción**, también figura entre las decoraciones registradas. Otra técnica registrada es el denominado **punteado y rastreado** (*drag and jab* en la literatura anglosajona). El efecto de esta acción es una banda no profunda, especie de acanaladura punteada, con relieves irregulares que se suceden intermitentemente a lo largo del campo decorativo. Entre los fragmentos con decoración acanalada, esta aparece sobre la pared y en partes del labio del recipiente. Algunas técnicas asociadas son el **punteado y la incisión**, o el **uso del acanalado y el punteado**. En menor proporción aún hay fragmentos con **pastillaje**: una banda sobrepuesta, punteada con el filo de una espátula; **botones poco pronunciados**; o **pequeños soportes** añadidos a la base. Para concluir la enumeración de las técnicas decorativas, se puede afirmar de manera categórica que en el conjunto de fragmentos cerámicos de la fase temprana **no existe ninguna modalidad del llamado corrugado o “falso corrugado”**. No hay bandas sobrepuestas, una junto a otra en relieve, o incisiones paralelas que dividan espacios horizontales lineares, de manera vertical.

FASE II - TACANA

La fase II corresponde a un conjunto de materiales encontrados a lo largo de las cuencas de los ríos Valladolid, Numbala, San Francisco, Palanda, Isimanchi y Zumbacocha. Al igual que la fase I tiene dos lozas asociadas, una delgada/fina (espesor entre 3 y 5 mm), y otra más gruesa y robusta (entre 6 y 10 mm). Este tipo de material fue identificado con anterioridad a los trabajos realizados en el yacimiento (SALF) y como tal sirvió de antecedente para reconocer el material Formativo en la región. A pesar de que ha sido identificado en varios sitios, su duración cronológica no está aún del todo bien definida, pues los contextos evidenciados en las prospecciones no han podido ser siempre bien fechados. Las únicas premisas provienen de tres sitios que tienen una estratigrafía, donde se encontraron materiales Tacana sobre y a veces casi juntos con el de la fase Palanda. Los sitios que han permitido ubicarlos cronológicamente son el # 401 de la cuenca de Numbala, con una fecha asociada de 3480 AP y contextos del yacimiento SALF, con fechas entre el 2280 y el 2210 ± 40 AP. Hipotéticamente se piensa que estas últimas fechas corresponden a la etapa terminal de esta fase.

El conjunto de materiales de esta fase tiene características muy similares a las de la fase Palanda, por lo que se estima que forman parte de una y misma tradición Formativa, que evoluciona en el tiempo y adquiere rasgos y modalidades tecnológicas distintas de las originales. Las diferencias tecnológicas entre las fases I y II no son, a primera vista, tan evidentes como para merecer un análisis detallado, pues para ello se necesitaría una muestra mayor de materiales fechados. Por ello, por ahora se puede decir que comparten los mismos rasgos generales de pasta, cocción y tratamientos de superficie. Hay diferencias más marcadas en lo que se refiere a las decoraciones y a las formas presentes.

La pasta: tiene un color naranja pálido, con tonalidades entre rosado y gris. La pasta es tecnológicamente bien amasada, y muestra una textura bien estructurada y compacta. Hay homogeneidad en los desgrasantes, entre los cuales hay arenas mixtas y feldespatos. No faltan la mica y elementos de color blanco y rojo.

Cocción: La cocción suele ser oxidante, con pocos ejemplares de cocción incompleta. El color de la arcilla bien cocida es naranja viva o pálida, y cuando la intensidad del calor es menor va de marrón-gris pálido a gris oscuro. Es probable que un mejor control de la temperatura haya incidido en una mejor compacidad y conservación de los materiales.

Superficies: Todas las superficies presentan un regularizado muy homogéneo que parece haber dado al lote una coloración naranja rosada bastante uniforme. La presión ejercida sobre las paredes suaviza la textura y refuerza su estructura interna. Por lo general, la apariencia general de estas lozas sugiere que se trata de recipientes utilitarios bien fabricados para su función cotidiana.

Colores: las tonalidades vistas en ambas superficies son homogéneas con un beige naranja rosado preeminente (5 YR 5/8 y 6/8 *redish yellow*, de la tabla Munsell). Al igual que en la fase precedente se trata del color natural de la arcilla, cocida a temperaturas constantes que le dan una tonalidad característica. Sobre esta base se aplican pinturas para decorar el recipiente.

Formas: La forma dominante en el material Tacana es la de un **cuenco hemisférico**, con el borde ligeramente entrante. Naturalmente hay también formas de recipientes cerrados, con una mayor cantidad de **ollas con cuellos rectos y labio reforzado** hacia el exterior. Ollas de forma globular u ovoide con un cuello corto o alto, ligeramente evertido son frecuentes.

Decoraciones: La gran diferencia entre la fase Palanda y la fase Tacana es la presencia de **pigmentos de color utilizados para decorar** las paredes de los recipientes. En los ejemplares encontrados en el sitio

epónimo (Tacana) se pudo identificar el uso de **pinturas roja, blanca y crema amarillenta** para delimitar espacios o marcar bandas. Al parecer, la pintura no cubre la totalidad del cuerpo, sino que se limita a determinadas zonas. A pesar de lo dicho, hay que recordar que el tamaño de la muestra no es tan amplio y en el futuro podrán aparecer otro tipo de evidencias. En los fragmentos Tacana la decoración más común es el **inciso fino**, recto y curvilíneo, situado por lo general cerca del borde o en el cuerpo medio superior del recipiente. La incisión fina, va a menudo acompañada por restos pintura roja o crema, pero esto tiene siempre una relación relativa a la buena conservación de la superficie original. Los diseños son líneas paralelas que abarcan la parte frontal del cuerpo. En algunos fragmentos se pueden ver motivos curvos, desgraciadamente incompletos, que podrían estar graficando una iconografía más compleja. En menor proporción aún hay fragmentos con **pastillaje** de apariencia más funcional que decorativa. **Falsas asas o apliques** fragmentados sugieren un uso bastante frecuente (Figura 6). Al igual que en la fase precedente en Tacana tampoco existe el uso del “corrugado o falso corrugado”.

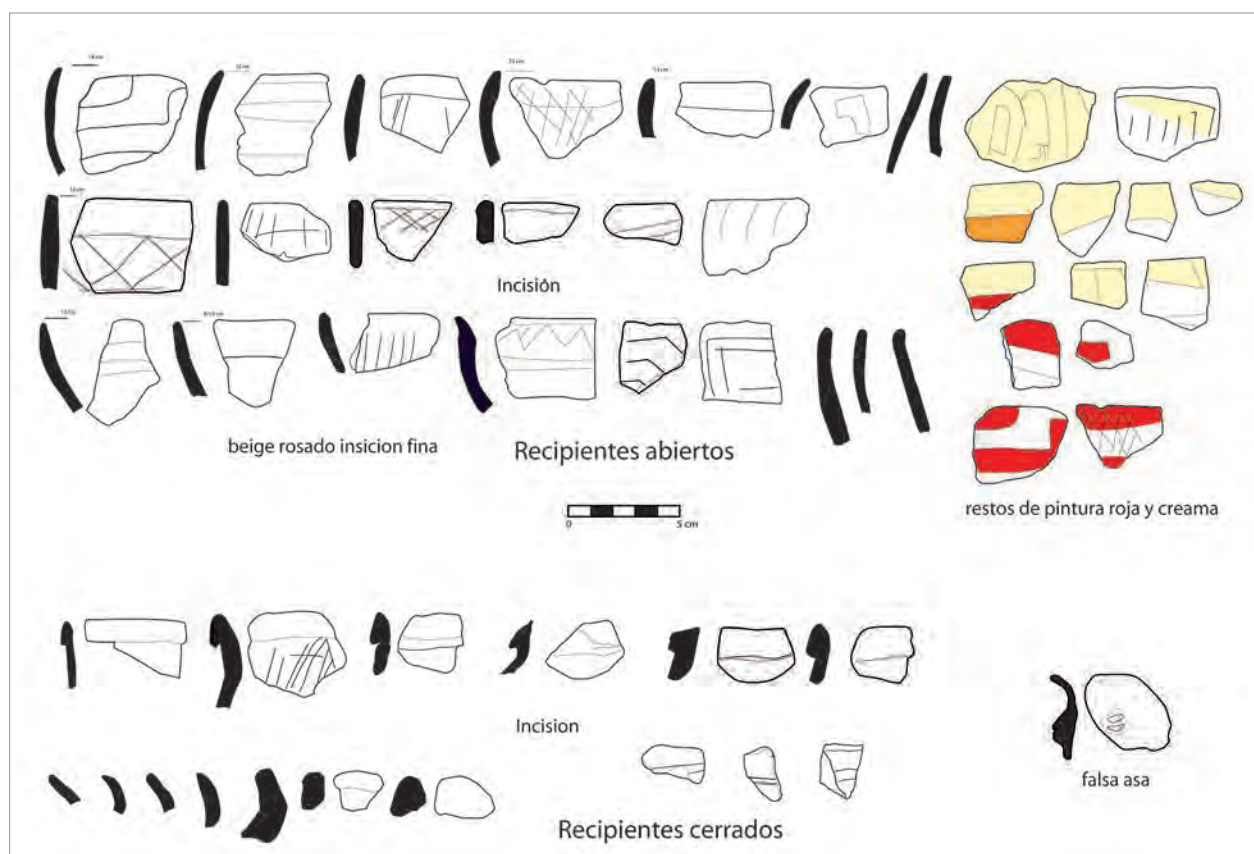


Figura 6. Formas de la loza Tacana.

En conclusión se puede decir que el Complejo Mayo Chinchipe es un conjunto cerámica homogéneo, tecnológicamente bien construido, con innovaciones morfológicas y estilísticas que caracterizan a la alfarería del periodo Formativo del noroeste de Sur América. Su presencia en la alta Amazonia y su dispersión regional hasta las márgenes del río Marañón son una novedad remarcable que subraya la importancia de la interacción temprana entre la costa del Pacífico, las tierras altas de la cordillera andina y las tierras bajas de la Amazonia occidental. Sus características tecnológico-estilísticas y simbólicas innovadoras cambian la visión tradicional que se tenía de la alfarería amazónica y marcan una identidad regional propia.



LA CERÁMICA DEL VALLE DEL UPANO, ECUADOR

Stéphen Rostain

RESUMO

A cerâmica do vale do Upano, Equador

Pesquisas arqueológicas realizadas há 20 anos no alto vale do Upano, na alta Amazônia equatoriana, permitem estabelecer uma sequência cultural que vai de 700 anos aC até os dias de hoje. Os primeiros habitantes do vale são da cultura Sangay. Entre 500 e 200 aC, as comunidades da cultura Upano constroem complexos de montículos ao longo das barrancas do rio. A decoração cerâmica Upano caracterizada por faixas vermelhas entre incisões, foi gradualmente substituída pelo estilo da cerâmica Kilamope. A cerca de 400-600 AD, os habitantes fugiram do vale por causa de uma forte erupção do Sangay. Entre 800 e 1200 dC, grupos de cultura Huapula ocuparam alguns dos montículos pré-existentes. Eles são os antepassados dos Ashuar que ainda vivem na região até hoje.

ABSTRACT

Ceramics from the Upano valley, Ecuador

Archaeological investigations conducted for 20 years in the Upper Upano Valley, in the Ecuadorian Upper Amazon, authorize us to define a cultural sequence, which began ca. 700 BC and continues until now. The first inhabitants of the valley were of Sangay culture. Between 500 and 200 BC, communities of the Upano culture built mound complexes along the river terraces. The Upano pottery, characterized by decoration of red banded incised, was progressively replaced by Kilamope style ceramic. Circa 400-600 AD, inhabitants fled the valley because a strong eruption of the Sangay. Between 800 and 1200 AD, groups of the Huapula culture occupied some of the pre-existent mounds. They are the ancestors of the modern Shuar, who still live today in the region.

Introducción

La región del Alto Upano, en el piedemonte oriental de los Andes ecuatorianos, destaca por la evidencia de una presencia prehispánica excepcionalmente fuerte en la Amazonía Occidental (Figura 1).

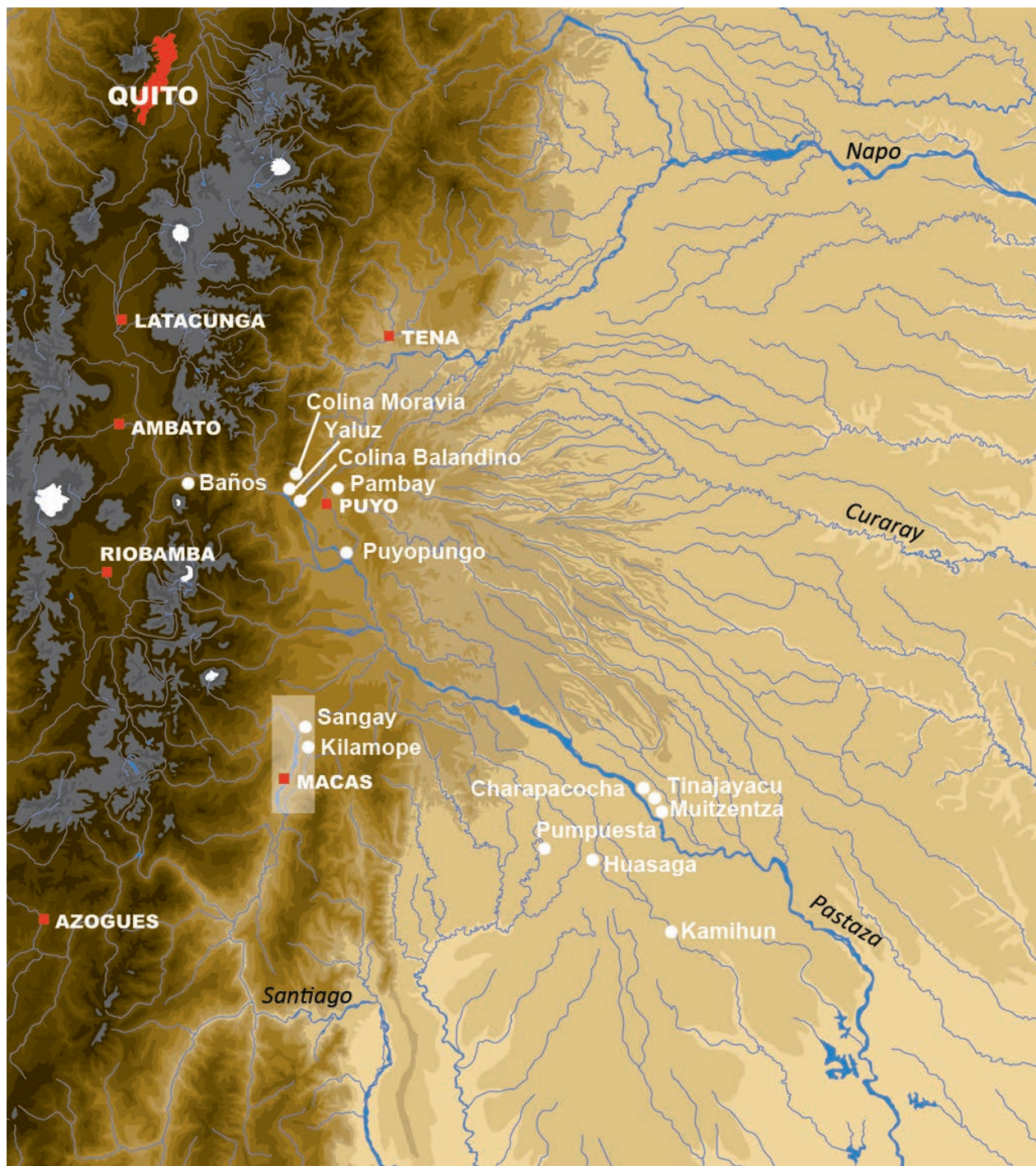


Figura 1. Mapa de la Amazonía meridional del Ecuador con los sitios arqueológicos señalados en los artículos “*La cerámica del valle del Upano*” y “*La cerámica de la cuenca del Pastaza*”. El rectángulo gris corresponde a la alta concentración de sitios en el valle del Upano (dibujo Billault y Rostain).

En los años anteriores a 1980, la arqueología del valle del Upano se limitaba en pequeños sondeos realizados en diferentes sitios y al estudio tipológico de colecciones cerámicas provenientes de sitios con montículos (Collier; Murra, 1943; Bushnell, 1946; Harner, 1978; Athens, 1984; Rampon, 1959; Herod, 1970; Moncayo Echeverría, 1994; Ledergerber-Crespo, 1995; Rostoker, 1995). Proyectos de investigaciones arqueológicas más amplios fueron llevados en la región a partir de 1980, produciendo más datos sobre las ocupaciones tempranas. Además de un proyecto por Rostoker en Sucúa y otro por Rostain a lo largo del barranco del Upano al norte de Macas, una buena parte de la información hoy disponible proviene de los proyectos efectuados por Porras, Rostain y Salazar especialmente en atención del sitio de Sangay (Porras, 1979, 1985, 1987, 1989; Salazar, 1998a-b, 1999, 2000, 2008; Ochoa et al., 1997; Rostain, 1997a-b, 1999a-c, 2005, 2006, 2008, 2010, 2011a-b, 2012; Rostoker, 2005; Rostain; Pazmiño, 2013; Rostain; Saulieu, 2013).

Aunque inicialmente se estableció una larga permanencia de una única tradición denominada Upano en el valle (Porras, 1987), recientes investigaciones (Rostain, 1999b, 2006) confrontan esa información y plantean la existencia de una dinámica cultural más variada. Luego de varios años de incertidumbre con respecto a la tipología y cronología establecida por Porras para la tradición Upano, nuevos estudios han permitido clarificar la secuencia de ocupación para el sitio de Sangay. A partir de una nueva tipología cerámica en conexión con los datos estratigráficos y de fechas ^{14}C existentes para el sitio, es posible establecer un cuadro cronológico acorde con las dinámicas culturales regionales (Rostain, 1999b, 2010; Pazmiño, 2008; Rostain; Pazmiño, 2013; Rostain; Saulieu, 2013). La división establecida conjuga los aspectos formales y estilísticos de los recipientes con la información estratigráfica y radiocarbónica. Los resultados sugieren de manera contundente la presencia de tres ocupaciones sucesivas en el sitio. Los marcos temporales ofrecen una secuencia de ocupación de aproximadamente 2000 años durante los cuales florecieron tres culturas distintas: Sangay (700 aC), Upano (500 aC-400 dC) y Huapula (800-1200 dC).

La cultura Sangay

Alrededor de 700 aC, algunas comunidades de la cultura Sangay se instalaron a orillas del Upano. Los primeros pobladores ocuparon directamente el espacio edificando sus viviendas sobre el suelo de las terrazas bordeando el río. Los restos de la cultura Sangay particularmente se encuentran en la base de las estratigrafías, lo cual es consistente con una ocupación previa a la construcción de montículos. De la misma manera los escasos vestigios recuperados de esta cultura no presentan una densidad homogénea por lo que es probable que mantuvieron asentamientos dispersos en toda la región.

Pese a la escasa información obtenida sobre la naturaleza de esta ocupación es posible destacar algunos detalles sobre su alfarería (Rostain, 2005, 2010; Pazmiño, 2008). La cerámica Sangay (Figura 2) generalmente se presenta burda y frágil. La pasta de color gris-blanco en el que se aprecia un desgrasante grueso de grava lisa y paredes finas presenta huellas de una mala cocción que destacan entre el color de su pasta. La decoración es sencilla y la más común es la aplicación de cordones ondulados o botones aplicados, e incisiones simples. Las formas reconocidas son ollas redondas de boca cerrada y a veces con abultamientos de la pared, platos de boca restringida, cuencos de boca restringida y cuerpo ligeramente carenado. Uno de los recipientes descritos por Porras se asemeja en forma general a una calabaza y en cuyos lóbulos incisos verticalmente aparecen representados rostros de animales.



Figura 2. Cerámica de cultura Sangay del sitio de Sangay. Arriba, olla de La Lomita (dibujo Pazmiño). Abajo, recipiente con decoración aplicada de las excavaciones de Pedro Porras en los años 1980 (Museo Weilbauer, Quito. Foto: Rostain).

Aunque la mayor parte de la cerámica Sangay ha sido encontrada en el sitio de Sangay, Porras (1987) reportó cerámica con estos rasgos en los poblados de Chiguaza y Paulo VI, hacia el norte del valle. No obstante, Rostoker (1996, 2005), en sus trabajos en la zona de Sucúa, en el sur del valle, no ha reportado material semejante; lo que probablemente define el área de asentamientos Sangay entre el río Palora y el cauce alto del río Upano.

La cultura Upano

Los grupos de la tradición Upano se asentaron en el valle alrededor del 500 y 200 aC. La llegada de estas nuevas comunidades produjo cambios significativos en la forma de organización política en la región. Para este período se estima una mayor densidad poblacional que contribuyó a la transformación paulatina del paisaje con el establecimiento de importantes poblados. Los numerosos asentamientos distribuidos a lo largo del valle reflejan una fuerte inversión de trabajo en la construcción de montículos de tierra, plazas bajas y caminos cavados, distribuidos en complejos con un modelo espacial preciso. Los montículos se encuentran generalmente distribuidos alrededor de una plaza central que en ocasiones incluye una pequeña plataforma central. En varios casos, se aprovechó el relieve natural del lugar para edificar las estructuras. Los complejos se encuentran atravesados por una red de caminos que conectan algunas plazas entre sí, permiten un acceso a fuentes de agua como arroyos cercanos, o incluso conectan con otros complejos.

La función de las plataformas hasta el momento no ha sido resuelta con claridad. Algunos datos provenientes de mis excavaciones realizadas en Sangay parecen indicar que la primera función de algunos montículos era habitacional (Rostain, 1997a, 1999a y c). Sin embargo, la existencia de montículos con una superficie pequeña como para albergar una casa en la cima, indica que no todos los montículos tuvieron un carácter habitacional (Rostain, 1999c). De ello se desprende que los complejos probablemente hayan albergado al mismo tiempo áreas de uso doméstico y otras de uso ceremonial.

La cerámica Upano (Figura 3) tiene una contextura bastante homogénea. La pasta es de color beige claro o café oscuro con desgrasante de arena fina, y generalmente presenta una buena cocción. Estas características la diferencian claramente de la cerámica Sangay. El análisis de Porras (1987) sobre esta cerámica definió una multitud de tipos basados en aspectos decorativos que impidieron una visión clara del material. Adicionalmente, las lagunas ocasionadas por la confusa relación de los tipos definidos con la estratigrafía y las dataciones de radiocarbono generaron dudas con respecto a la cronología organizada por Porras. No obstante, la atención dirigida en los últimos años sobre la cerámica Upano permite reconocer varios aspectos de interés. A pesar de la gran variedad de motivos presentes en esta vajilla, el tipo de bandas rojas entre incisiones se reconoce inmediatamente como el elemento diagnóstico de la cerámica Upano. Este tipo de decoración se caracteriza por la pintura roja entre líneas incisas que forman motivos geométricos en la superficie exterior de los recipientes. Excepcionalmente, se encuentra pintura negra, café y blanca entre las incisiones. La incisión sin segmentos pintados aparece como el segundo tipo de decoración más común de la cerámica Upano formando motivos geométricos o segmentos achurados. Los motivos geométricos son muy diversos incluyendo bandas rectas, triángulos, rectángulos, espirales, etc. En algunos casos, la sección interior de la incisión aparece pintada de rojo, detalle que se aprecia especialmente en algunos platos. Otros motivos decorativos tales como puntuaciones, botones aplicados, o solamente pintura



Figura 3. Cerâmica de cultura Upano. Cuencos de cerâmica de cultura Upano com incisões, com pintura negativa, com motivos rojos o com “bandas rojas entre incisões” del Complejo XI de Sangay (dibujo y foto: Rostain). En el centro, recipientes pintados de “bandas rojas entre incisões” (también llamada “RBI” en Inglés) (Museo Weilbauer, Quito; foto: Rostain). Abajo, grande olla pintada de “bandas rojas entre incisões” de La Lomita en Sangay (foto: Jones).

roja aparecen con cierta frecuencia. Entre la cerámica también se ha identificado varios fragmentos con decoración negativa sobre la superficie pintada de rojo y pulida. Los diseños generalmente se componen por bandas negras paralelas formando motivos triangulares o en rombos. Este tipo de decoración aparece principalmente en cuencos globulares o vasos, encontrándose probablemente asociada a los periodos terminales de Upano.

En lo que respecta a las formas de los recipientes existe una mayor variedad con la presencia de platos, cuencos, ollas, cazuelas, y fuentes. Algunos recipientes presentan formas muy complicadas indicando la habilidad que alcanzaron los alfareros para conseguir vasijas bastante elaboradas. La mayoría de las formas corresponden a recipientes para comer y beber, mientras que otras se relacionan con la conservación de líquidos (probablemente agua o chicha), así como con la preparación y cocción de alimentos. La forma cerámica más popular es el plato del que se conocen algunas variaciones. Puede ser redondeado o con fondo plano y paredes verticales rectas o sinuosas. El diámetro varía entre 15 y 30 cm. Se encuentran decorados ya sea con una simple incisión horizontal, motivos pintados o bandas rojas entre incisiones. Estos platos, probablemente usados para comer o tomar, fueron producidos en enormes cantidades. A pesar de que aparecen generalmente en la literatura como platos con fondo plano y sin base, tienen en realidad varios tipos de base: anular, pie troncocónico, o con tres botones. Como en otros recipientes Upano, y sobretodo del tipo de bandas rojas entre incisiones, los platos tienen el interior bruñido que resalta un color negro brillante. El borde interior presenta generalmente de una a tres incisiones anchas paralelas y a veces el fondo tiene incisiones anchas poco profundas con motivos simples, y eventualmente con botones. Otra forma recurrente es la olla con cuerpo globular abierto, cuello cerrado y borde largo fuertemente abierto en sentido horizontal. La cara interna del borde está típicamente decorada por una serie de triángulos pintados de rojo que la circundan.

De acuerdo a la información obtenida a partir de las investigaciones desarrolladas en el complejo de Sangay, se ha estimado que la ocupación del valle por parte de los grupos Upano vivió al menos dos fases distintas. La primera fase matizada por los asentamientos iniciales y la segunda marcada por la consolidación de importantes centros poblados y la construcción de montículos de tierra. Es posible que tras ir consolidando su dominio en el valle los grupos Upano paulatinamente incrementaron su poder político y económico caracterizado por contactos comerciales con otras regiones. Entre el 400 y 600 dC, una fuerte erupción del volcán Sangay depositó una gruesa capa de cenizas en el valle del Upano provocando el ocaso de esta cultura (Rostain, 1999b, 2006).

La cultura Huapula

Luego de un período en el que al parecer el valle del río Upano permaneció deshabitado, llegaron al valle producto de una nueva migración grupos de cultura Huapula entre 800 y 1200 dC, asentándose en algunos casos sobre los montículos dejados por los Upano. En todo el valle se encuentra evidencia de la ocupación Huapula, aunque es mucho menos densa que la Upano. La excavación por decapado de la Tola Central del Complejo XI en el sitio de Sangay reveló un suelo habitacional muy bien conservado, prueba de la presencia de una casa asociada a esta cultura en la cima del montículo (Rostain, 1999a y c, 2006).

La cerámica Huapula (Figura 4) se caracteriza por la pasta de color gris oscuro o café oscuro con un desgrasante de arena gruesa y granos de cuarzo. Las formas conocidas corresponden a cuencos globulares, así como ollas globulares de diferentes tamaños con cuello largo y recto (Rostain, 1997b). Los dos tipos principales de decoración son el corrugado, así como la pintura roja y blanca aunque excepcionalmente aparece también pintura negra y blanca. La decoración con pintura roja y blanca presenta motivos con bandas finas paralelas y puntos asociados generalmente a recipientes pequeños. La calidad de la pasta de estos recipientes se diferencia de las grandes ollas corrugadas. Las paredes son más finas y de color beige, mientras que el desgrasante arenoso es más fino. El corrugado en cambio se distingue por su alineación regular en bandas logradas con la impresión del dedo o la uña. Grandes ollas globulares con un cuello recto y corrugado fueron descubiertas en varios sitios del valle del Upano. La mejor muestra de esta cerámica como parte de un contexto claro proviene de la Tola Central del Complejo XI de Sangay, donde se recuperaron cinco ollas Huapula completas o casi completas. El exterior de estas ollas estaba cubierto por una espesa capa de hollín, producto de diversos pasos por el fuego. Un residuo de alimento pegado en la pared interna de un fragmento de olla, presentaba micro estrías características de la superficie de los granos de maíz, lo que demuestra que el maíz era uno de los componentes de los alimentos que este recipiente contenía (Leonard, 1997; Gómez de la Peña, 1998; Rostain, 1999c, 2011a). Si bien el maíz se cocina de múltiples formas, al parecer los Huapula lo utilizaban sobre todo para la elaboración de la chicha.

Debido a la inestabilidad por su base redonda, las ollas debían ser aseguradas al piso para no voltearse. Al igual que ahora en las casas amerindias, las ollas se hallaron parcialmente enterradas en una de las cuatro fosas encontradas en la casa. En la boca de una fosa, se encontró solamente la parte superior de una gran olla fragmentada horizontalmente debajo de la espalda del recipiente (Rostain, 2006). Se supone que esta mitad de cerámica cerraba un pozo probablemente usado para conservar productos alimenticios.

La decoración corrugada tiene una extensa difusión, incluyendo Venezuela, Colombia, Ecuador, Perú, Bolivia y hasta el sur de Brasil (Guffroy, 2006). Pero en nuestro caso, la afiliación de la cerámica Huapula y Jíbaro no tiene duda. La comparación etnográfica de un contexto doméstico y las viviendas Achuar de la amazonía ecuatoriana dejan entrever que los grupos Huapula no habrían sido muy distintos a los grupos de la familia Jíbaro contemporáneos (Rostain, 2006, 2011a). Las ollas corrugadas y los recipientes pintados con bandas blancas y rojas son claramente los antecesores de la cerámica Jíbaro actual.

Las culturas intrusivas: Cosanga, Kilamope, "Rostro"

Además de la evidencia que caracteriza las ocupaciones descritas, en el sitio se han encontrado varios restos cerámicos con distinta filiación cultural. La evidencia de cerámica de filiación Cosanga encontrada en Sangay sugieren algún tipo de contacto con los grupos asentados en el norte (Pazmiño, 2008). De cualquier modo el hallazgo de esta cerámica, sugiere que los grupos Upano habrían extendido sus contactos tanto con la región interandina como con los del piedemonte septentrional en el valle del río Quijos. Ya anteriormente la investigación llevada a cabo por Bray (1996) dejó relucir que la cerámica Panzaleo fue producida en la Amazonia y que la presencia de ella en contextos serranos obedece a dinámicas de intercambio. La aparición de esta cerámica en el sitio de Sangay (complejos XI y La Lomita) no sólo es un indicio de su amplia distribución, sino que puede tal vez ayudar a explicar la presencia de cerámica Upano en contextos serranos (Bruhns et al., 1994). (Figura 5).



Figura 4. Cerâmica de cultura Huapula del valle del Upano. Pequeñas ollas pintadas con blanco sobre rojo y grandes ollas para la chicha de maíz con corrugado. Fotos: Rostain y Jones.

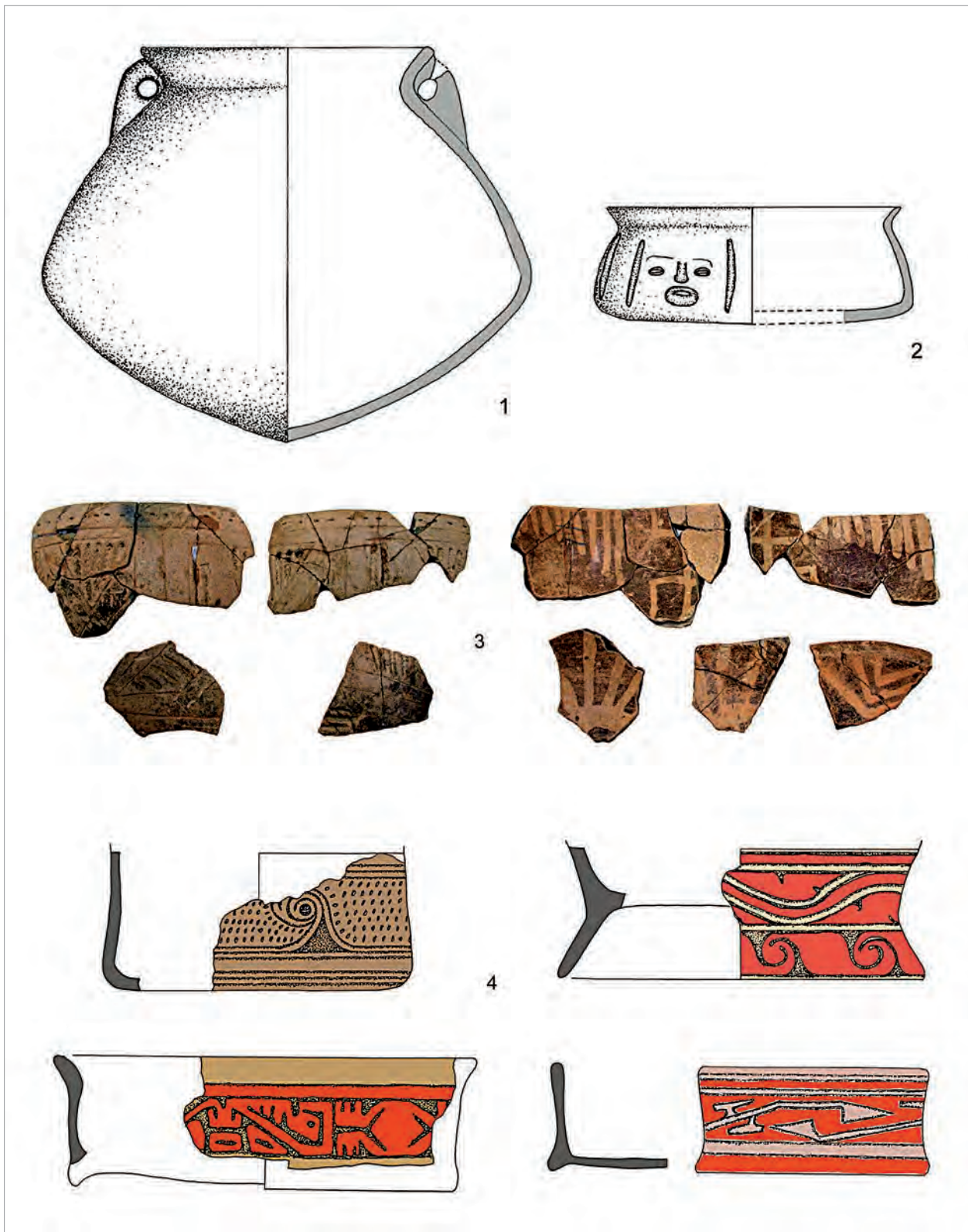


Figura 5. Cerâmica de culturas intrusivas no vale do Upano. 1) Olla de cultura Panzaleo (desenho Pazmiño). 2) Cuenco com um rosto aplicado (desenho Pazmiño). 3) Cerâmica de cultura Kilamope com decoração cordelada, incisa, excisa no exterior e pintada em negativo no interior (foto Rostain). 4) Cerâmica de cultura Kilamope com decoração incisa, excisa e pintada em vermelho (desenho Rostain).

Además de la cerámica Cosanga presente en el material del complejo de La Lomita en el sitio de Sangay, se han encontrado restos cerámicos intrusivos que no han podido ser identificados con otros materiales conocidos en la región (Pazmiño, 2008). Entre estos restos se encuentra un recipiente pequeño de profundidad media, de base plana, boca ligeramente cerrada y borde abierto. Llama la atención la pasta fina de tonalidad negra y textura distinta a la tradicional Upano. El recipiente está decorado con apliques en pequeñas tiras verticales. En un segmento destaca la presencia de un rostro formado por pequeños apliques en los que se ha realizado incisiones para definir los detalles de los ojos y boca. La superficie externa está caracterizada por un acabado en negro pulido. Los otros materiales intrusivos registrados se componen por unos pocos fragmentos con una decoración combinada de líneas incisas, puntos y estampado de uñas. La calidad de la pasta difiere de la de los grupos anteriormente mencionados, en la que se distingue el uso de un desgrasante grueso con inclusiones de pómez, baritina, granito, y óxido de hierro. El color de la pasta varía significativamente del resto de las cerámicas analizadas y corresponde al gris luminoso.

En algunos sitios, la cultura Kilamope reemplaza la cultura Upano en los primeros siglos de nuestra era. Está poca representada en el sitio de Sangay pero está importante en el sitio de Kilamope. Su cerámica presenta la misma pasta que aquella de la Upano al igual que una gran variedad de formas. Hay muchos casos de mezcla de motivos y formas Upano y Kilamope en un mismo recipiente, lo que conduce a pensar que la cultura Kilamope resulta de la influencia y la integración de otra cultura externa a la cultura Upano.

La decoración más común de la cerámica Kilamope es la incisión, pero tiene muchas técnicas asociadas y una multitud de motivos geométricos más elaborados que aquellos Upano. La decoración más típica del estilo Kilamope es la impresión cordelada. Es una línea ancha y profunda hecha con la impresión de una cuerda o con el vaivén de un punzón que imita el dibujo de una cuerda. Los motivos son líneas cortas y largas paralelas. La decoración cordelada está generalmente asociada a otras técnicas decorativas: incisión, puntuación y pintura. Las bandas anchas forman motivos paralelos rectos y curvos. Los platos Upano desaparecen en la cerámica Kilamope para ser reemplazados por vasos con base plana y paredes rectas verticales. Como en el estilo Upano, hay muchas formas muy elaboradas y originales. La cerámica Kilamope no se ha reportado fuera del valle del Upano.

Una historia cultural precolombina de 2000 años

Los datos registrados a partir de los estudios registrados en Sangay recrean una historia caracterizada por tres ocupaciones distintas. Aunque la secuencia presenta una sucesión cultural, los contextos que involucran a cada una de las ocupaciones establecen una transformación importante de los patrones de asentamiento así como de su estructura política y social. La distancia marcada por las comunidades Upano respecto de los antiguos asentamientos Sangay, así como de la posterior ocupación Huapula, representa un hiato en el desarrollo cultural del valle. Una reorganización del patrón de asentamiento, de la mano del surgimiento de una jerarquía política con mayor participación de las esferas socioeconómicas, sugiere de esta manera un modelo intermitente de desarrollo.

Los escasos elementos Sangay presentes en el registro arqueológico probablemente son consecuencia de una baja densidad poblacional y un sistema de asentamientos dispersos. A ello podemos sumar una limitada variedad en la alfarería en la que apenas se han logrado reconocer unas pocas ollas de tamaño medio así

como algunos cuencos. La utilización de desgrasantes gruesos y el poco tratamiento superficial en la cerámica conducen a pensar en una vajilla principalmente de uso doméstico. Estas características describen un modelo de organización probablemente con una estructura política simple, aunque también es cierto que los exiguos datos a nivel regional no permiten una aproximación más clara sobre este asunto.

En todo caso la distancia que la ocupación Sangay guarda con respecto a sus sucesores Upano es significativa. La presencia temprana de asentamientos dispersos durante la época Sangay posteriormente se ve irrumpida por un proceso de agrupamiento que deriva en el apareamiento de varios poblados. Esta transición señala el inicio del desarrollo de los grupos Upano en la región y llega a su punto más álgido con la construcción de montículos.

La construcción de los montículos debió incluir una transformación en la estructura misma del asentamiento. La tendencia de ocupación se adecua a un modo de habitación organizado acorde a un patrón espacial bien definido y una diferenciación tanto en la forma como en el tamaño de los montículos. Los cambios en el modelo de ocupación resaltan una fuerte inversión de trabajo así como una clara diferenciación jerárquica entre sitios. No obstante, la evidencia recabada hasta el momento, especialmente en Sangay, sugiere que la llegada y consolidación de los grupos Upano en el valle formó parte de un proceso paulatino del que se han identificado al menos dos etapas. En la primera etapa se produce el establecimiento de los primeros pobladores en la región entre el 500 y el 200 aC. Para ese momento es posible que los nuevos habitantes se asentarán ya sea en pequeñas aldeas, o en viviendas dispersas en la selva. La información obtenida en el nivel basal de la Tola Central (Rostain, 1999b) apunta a que el sitio de Sangay fue ocupado previa a la construcción de los montículos durante su periodo inicial. La cerámica típica con bandas rojas entre incisiones aparece desde los inicios de la ocupación Upano. Ollas medianas así como algunos platos y cuencos también son recurrentes.

La segunda etapa se ve representada por el apareamiento de los montículos. El inicio de la construcción de la plataformas artificiales sugiere un despunte en la economía política de los asentamientos. Los datos estratigráficos de algunos montículos en Sangay señalan que los montículos fueron construidos en varias etapas. Así por ejemplo, la estratigrafía de la Tola Central representa cuatro etapas sucesivas (Rostain, 1999a) sugiriendo que la configuración de los poblados formó parte de un proceso continuo de crecimiento y transformación. Notamos que para esta segunda fase también ocurren algunos cambios que se perciben en el material cerámico.

El análisis del material proveniente de La Lomita, describe un notable incremento en la cerámica, especialmente en los cuencos y las ollas. Por otro lado se percibe un aumento en el tamaño de los recipientes destinados al almacenamiento o cocción de alimentos (Pazmiño, 2008, 2010). La cerámica decorada con bandas rojas entre incisiones continua siendo popular en este período aunque se observa que algunas formas ya existentes tienen más variantes. Los datos de la Lomita también evidencian el apareamiento tardío de fuentes y la decoración negativa (Pazmiño, 2008). Si bien aún no se han encontrado elementos contundentes para ligar los cambios en la cerámica, especialmente almacenar y servir, con la construcción de montículos, no se puede descartar alguna asociación entre los mismos, considerando la existencia de costumbres que vinculan la organización de grandes fiestas comunales con la construcción de obras que requieren de bastante mano de obra.

La disposición de los montículos en razón de un patrón específico en torno a las plazas y caminos cavados, manifiesta un sistema de organización social mucho más complejo que el de sus predecesores. Numerosos asentamientos con monumentales plataformas han sido ubicados desde las inmediaciones del río Palora

en el norte hasta la cuenca baja del río Upano como testimonio de la fuerte interacción social que se vivió en toda la región. Este despliegue político y económico debió estar sostenido por la actividad agrícola y los contactos interregionales. El reporte de cerámica Upano encontrada en contextos serranos (Bruhns et al., 1994) y fechada entre el 400 aC y el 100 dC, sugiere un temprano contacto con los grupos andinos. Para ese entonces es posible que las comunidades Upano se encontraban ya distribuidas en toda la región con una creciente población y un jerarquizado sistema político.

Toda esta dinámica se vería interrumpida debido a un período de fuerte actividad del volcán Sangay (Rostain, 1999b, 2011b). Como consecuencia el valle entró en un ocaso que terminó con la desaparición de las comunidades Upano entre el 400 y el 600 dC. No es claro cuál fue el destino final de este grupo. Sin embargo, cerámica de bandas rojas entre incisiones del estilo Upano ha sido reportada en la cuenca del Ucayali (Lathrap, 1970), con lo que se abre la posibilidad de una migración de varios años que habría terminado en esa región (Rostain, 2010).

Con el despoblamiento del valle este habría quedado abandonado hasta que grupos de la comunidad Huapula empezaron nuevos asentamientos en la región. Con un patrón de asentamiento disperso, algunos de ellos aprovecharon los montículos dejados por los Upano para levantar sus casas. Como ya ha sido señalado existe una gran similitud de algunos elementos Huapula con la de las contemporáneas comunidades de la familia Jíbaro. El piso de habitación de la Tola Central del Complejo XI representa una vivienda de estructura ovalada con áreas de actividad y división de espacios parecidos en muchos aspectos con la de los grupos Achuar y Shuar (Rostain, 1999c, 2006). La variedad de formas y decoraciones es bastante limitada incluyendo vasijas para contener líquidos y cocinar de características netamente domésticas. Se presume un modelo de organización disperso basado en linajes familiares dedicados a las labores agrícolas en pequeñas chacras.

Desde una perspectiva diacrónica la secuencia de desarrollo presente en el sitio de Sangay, ilustra la compleja dinámica que se vivió en la alta Amazonía. Mas allá de establecer un continuo evolutivo, la información recopilada nos ofrece un escenario de intermitente desarrollo, matizado por la ocupación alternada de sociedades con un distinto nivel organizativo y diferentes respuestas culturales. La consolidación regional de los grupos Upano va más allá de los lineamientos tradicionales con los que frecuentemente se identifican a los grupos amazónicos. La transformación del modelo de asentamiento con la constitución de grandes poblados con un claro trazado proto-urbano debió de traer consigo cambios significativos en la organización política de la región. A diferencia de la cultura Sangay, la influencia de los Upano ha podido ser rastreada hasta la zona interandina evidenciando la extensión de sus contactos con otros pueblos y regiones. De manera similar, la extensión de la cultura Huapula (o corrugada), sus prolongaciones históricas y su paternidad del mundo Achuar fueron comprobados.

La ruptura, evidenciada por la sucesión dispar de asentamientos, no admite la idea de un continuo evolutivo ni la de un desenvolvimiento casi estático de las formas sociales en la Amazonía. Muy por el contrario nos permite reflexionar sobre la gran variedad de estructuras sociales en un escenario de amplia movilidad y fluctuaciones políticas.

Agradecimientos

A Belém Muriel por la traducción de este texto, al museo Weilbauer de Quito por su acogida, a Estanislao Pazmiño por sus dibujos y Ronald Jones por sus fotos.





PARA SEGUIR VIAGEM:
REFERÊNCIAS
PARA A ANÁLISE
DAS CERÂMICAS
ARQUEOLÓGICAS
DA AMAZÔNIA

Parte III





A CONSERVAÇÃO DE CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA

Silvia Cunha Lima

RESUMEN

La conservación de las cerâmicas arqueológicas de Amazonia

El artículo analiza el diálogo entre la conservación y la arqueología como ciencias complementarias en el análisis y tratamiento de material de cerámica arqueológica. Y resalta la importancia de la limpieza del material como parte integrante y esencial de la investigación arqueológica, ya que este procedimiento, así como la excavación, se caracteriza por su carácter irreversible.

ABSTRACT

The conservation of archaeological ceramics from the Amazon

The article discusses the dialogue between conservation and archeology as complementary sciences in the analysis and treatment of archaeological ceramic material. Furthermore, emphasizing the importance of investigative cleaning as an integral and essential part of archaeological research, since this procedure, as well as excavation, is characterized by its irreversibility.

A conservação pode ser definida como a atividade que visa prolongar a vida de um objeto prevenindo sua deterioração natural ou acidental pelo maior tempo possível. Restauração, por outro lado, pode ser considerada como uma operação especializada com o objetivo de preservar e revelar o valor estético e histórico de um objeto, devolvendo-o ao seu estado original ou autêntico (Berducou, 1996; Viñas, 2010; Carta de Veneza de 1966; Brandi, 1963). Na prática, a conservação e a restauração, em inúmeras situações, sobrepõem-se com frequência, de forma que nem sempre é possível distinguir as atividades entre ambas. Ou seja, uma mesma intervenção produz simultaneamente efeitos de tipo conservativo (prolongando a durabilidade de um objeto) e restaurativo (melhorando a legibilidade de um objeto). Em muitos casos a restauração é apenas um meio para se alcançar os objetivos da conservação (Viñas, 2010).

A Conservação se ocupa da parcela do patrimônio cultural dotada de materialidade, trata dos bens culturais materiais que possuem conteúdo descritivo e referencial (como documento etno-históricográfico) e também simbólico (como narrativa sociocultural ou pessoal) (Appelbaum, 2009; Pearce, 1994; Berducou, 1996). No caso da Conservação Arqueológica, os bens culturais são o registro arqueológico (p.ex. artefatos, biofatos, ecofatos), que é compreendido como um conjunto, também constituído por objetos culturalmente significativos (Hodder, 1994), que trazem em si atributos (ambientais, culturais, sociais, etc.) relacionados com o seu ciclo de vida e contexto pré e pós-deposicional que, por sua vez, podem ser apreendidos a partir de diferentes referenciais analíticos (Holtorf, 2002).

Para os arqueólogos, o registro arqueológico, bem como seu contexto pré e pós-deposicional são matéria-prima fundamental para a produção do conhecimento arqueológico. É a materialidade do registro arqueológico e de seu contexto que torna possível a compreensão de aspectos tangíveis e intangíveis de uma determinada cultura.

A Ciência da Conservação contribui para a construção deste conhecimento, na medida em que auxilia o arqueólogo a compreender os diversos aspectos físico-químicos, informacionais, estéticos, funcionais, tecnológicos – pré e pós-deposicionais – que definiram o ciclo de vida e a persistência dos bens arqueológicos, até a atualidade.

Conciliar a perspectiva arqueológica com a da Ciência da Conservação implica refletir sobre questões teórico-metodológico específicas, relativas à complexa relação dos bens arqueológicos e seu contexto pré e pós-deposicional (González-Varas, 2008; Berducou, 1990, 1996; Cronyn, 1990; Dowman, 1970). A irreversibilidade da escavação demanda a preservação de informações *in situ* e *a posteriori*, que tornem possível a compreensão do contexto de inserção dos bens arqueológicos, bem como dos processos naturais e culturais¹ que conjuntamente corroboraram para a configuração do registro arqueológico, desde a sua deposição até o momento da pesquisa. Portanto, a definição de tratamentos conservativos deve respeitar a sua integridade, sem afetar a sua natureza, seus materiais constituintes ou os significados que lhe são subjacentes.

A Conservação Arqueológica pode então ser definida como o conjunto de ações que visa preservar a integridade do registro arqueológico durante e após o processo de investigação, por meio de procedimentos conservativos diretos ou indiretos: 1) *in situ*, prevenindo que ao serem expostos às condições atmosféricas e à ação humana se deteriorem, perdendo consideravelmente o seu potencial informacional; 2) *a posteriori*,

1. Processos culturais definidos como comportamentos e atividades humanas que são subjacentes à produção, uso, reuso, armazenagem e descarte dos vestígios materiais duráveis e não duráveis; e processos naturais os eventos de intemperismo e processos de deterioração e conservação desencadeados pelo ambiente natural, que atuam sobre os vestígios materiais duráveis e não duráveis (Schiffer, 1987, 1995).

investigando sobre a sua natureza (p.ex. material, funcional, tecnológica) e suas possíveis alterações, objetivando a proposição de tratamentos compatíveis com o seu estado atual de conservação ou degradação e para contribuir com seu estudo etno-histórico, estético e simbólico; 3) *a posteriori*, colaborando para a adequada gestão do patrimônio, observando suas características materiais, seu ambiente de guarda e seus significados – simbólico, histórico e funcional – para proposição de estratégias de preservação (Cronyn, 1990; Stanley-Price, 1984; Berducou, 1990).

Para que esses objetivos sejam alcançados é fundamental que sejam compreendidos tanto os contextos nos quais os registros foram inseridos ao longo de sua trajetória de vida, reconhecendo os fatores de degradação pertinentes aos seus diferentes ambientes de deposição, como também as características físico-químicas e tecnológicas que compõem esses registros em si.

Cabe ressaltar, ainda, que quaisquer que sejam as medidas adotadas para a conservação, as ações devem partir de um estudo necessariamente interdisciplinar do registro arqueológico, tendo em vista a complexa relação entre os processos naturais e culturais de sua formação, que agem direta ou indiretamente em seu estado atual de preservação; ações que viabilizem, em última instância, o estudo e acesso ao patrimônio. Portanto, a gestão do patrimônio deve ser pensada através do diálogo entre os diversos agentes envolvidos, para uma compreensão abrangente do registro arqueológico.

Apesar das dificuldades enfrentadas nos primórdios da interlocução entre esses dois campos científicos, a contribuição da conservação arqueológica para o desenvolvimento do conhecimento técnico dos vestígios do passado é indiscutível. Da mesma forma, muitos dos conceitos teórico-metodológicos da conservação foram definidos no âmbito da pesquisa em conservação arqueológica.

Archaeologists welcome the conservators' ability to improve both the longevity and the interpretive potential of artifacts that might otherwise be lost, and they enjoy relief from some of the chores of cleaning, transporting, and cataloging their recoveries. Conservators welcome the opportunity to develop and refine treatment techniques through experimental use of 'test expendable' materials recovered from same environmental context as important artifacts. But, perhaps most important, the museum's conservation staff has induced its archaeologists to ask analytical questions they could not answer alone. (Bourque et al., 1980).

O entendimento das causas e significados da variabilidade artefactual encontrada no registro arqueológico é um dos principais objetivos da pesquisa arqueológica (Silva, 2008). Apesar disso, o entendimento da diversidade e dos efeitos dos processos culturais e naturais responsáveis por esta variabilidade ainda não têm sido intensivamente estudados sob a ótica da conservação. Para o estudo da variabilidade dos registros arqueológicos e seus significados é necessário compreender os processos culturais pré e pós-deposicionais que atuam no período de inserção dos vestígios em seu contexto sistêmico; e naturais pós-deposicionais que atuam no período de inserção dos vestígios no contexto arqueológico (Schiffer, 1987 e 1995; Renfrew; Bahn, 1993; Berdudou, 1990; Bergeron; Rémillard, 2000).

Se processos de formação culturais e naturais são responsáveis pela configuração e transformação do registro arqueológico, é preciso apreender o registro arqueológico como um fenômeno contemporâneo, que resulta de uma dinâmica transformacional ao longo do tempo. A padronização que ele apresenta no presente, portanto, não necessariamente reproduz o contexto sistêmico pretérito, mas sim suas transformações. Além disso, traços similares encontrados no registro arqueológico podem ter sido produzidos por diferentes processos naturais e culturais (Binford, 1981, 1991; Schiffer, 1987, 1995).

Para a arqueologia é fundamental identificar os processos de formação do registro arqueológico. Em primeiro lugar, para compreender os modos de vida no passado e, em segundo lugar, para entender o ciclo de vida deste registro material desde a sua deposição até o momento da pesquisa. A conservação arqueológica contribui para a construção deste conhecimento e, inclusive, pode “corrigir” ou “estabilizar” as ações transformacionais do tempo sobre os vestígios arqueológicos (Guinchen, 1984).

Para a conservação é fundamental a compreensão do maior número possível de variáveis que atuam na configuração do registro arqueológico. É através do estudo dos processos culturais (p.ex. tecnologia de produção e uso dos objetos, práticas de escavação e resgate dos objetos arqueológicos) e naturais (p.ex. ação de agentes físico-químicos, decomposição dos materiais e bioturbações), e sua interação no contexto arqueológico, que se torna possível a reflexão sobre os processos de degradação/conservação dos vestígios e, conseqüentemente, a definição de tratamentos conservativos pertinentes para o mesmo (Dowman, 1970; Cronyn, 1990).

Neste sentido, a conservação deve ser observada como parte integrante e essencial da pesquisa arqueológica, uma vez que sem ela informações cruciais poderiam ser perdidas ou inexploradas (Cronyn, 1990). A Arqueologia e a Conservação, juntas, ocupam-se de forma complementar do conhecimento sobre o registro arqueológico e dos seus processos de formação.

Para o arqueólogo, compreender determinada escolha tecnológica no processo de produção de um objeto pode constituir uma informação fundamental, por exemplo, para a construção de modelos interpretativos sobre filiação cultural, processos de migração ou expansão populacional, adaptabilidade, funcionalidade dos objetos, processos de aprendizagem, etc. (Lemmonier, 1992). Para o conservador, o conhecimento sobre uma determinada escolha tecnológica é essencial, por exemplo, para a investigação sobre os processos de degradação dos objetos, compreensão da interação da matéria-prima com o ambiente e suas alterações (Froner, 2012; Vaccaro, 1989).

Dentre os vestígios mais abundantes e importantes encontrados nos mais diversos contextos arqueológicos está a cerâmica. A matéria-prima constitutiva dos objetos cerâmicos pode ter uma estrutura muito diversificada devido às escolhas tecnológicas envolvidas em seu processo de produção (p.ex. escolha e processamento de argila, antiplástico, atmosfera e técnica de queima, técnicas e tratamentos de superfície e etc) e, conseqüentemente, apresentarem um comportamento peculiar perante o envelhecimento e a agressão de agentes ambientais (Skibo, 2013; Najera, 1988; Fabbri, 1993).

É evidente que as condições nas quais se produzem mudanças físico-químicas que degradam as matérias-primas são, por sua vez, das mais variadas, pois o contexto arqueológico também apresenta características (p.ex. tipo de solo, umidade ambiental, presença de sais solúveis, sistema hídrico, etc.) que são variáveis específicas de cada lugar. Assim, o processo de degradação de objetos cerâmicos que apresentam um mesmo tipo de pasta, mas que foram depositados em ambientes diferentes, ocorrerá de maneira distinta e, portanto, implicará em tratamentos de conservação também distintos (Berducou, 1990; Dowman, 1970). Porém, objetos cerâmicos depositados em contextos arqueológicos inseridos em ambientes com características semelhantes (p.ex. o ambiente amazônico) também podem apresentar diferentes processos de degradação que, neste caso, poderiam estar relacionados com diferenças na estrutura desses objetos, resultante de sua tecnologia de produção (Caprio, 2007; Rice, 1987).

Portanto, definir o estado de conservação de um objeto arqueológico sempre parte da seguinte equação: 1) identificar suas características tecnológicas; 2) observar as transformações decorrentes do uso; 3) avaliar o resultado da interação do objeto com seu ambiente de deposição.

Desse modo, é necessário compreender não apenas as especificidades ambientais de inserção do registro arqueológico (que podem acentuar as alterações físico-químicas do registro material), mas também as características tecnológicas do mesmo, na medida em que estas podem definir uma maior ou menor resistência dos objetos perante essas especificidades ambientais.

O estudo arqueométrico de materiais cerâmicos arqueológicos provenientes da Amazônia tem colaborado para determinação de características tecnológicas específicas da cerâmica, identificação de matérias-primas e observação de produtos de alteração desse material, com o intuito de elucidar os processos de interação entre objeto e ambiente de deposição, para a compreensão dos agentes modificadores do registro arqueológico e do estado de conservação dos objetos. Esses estudos também têm permitido a caracterização físico-química de complexos cerâmicos, gerando novos dados para a interpretação cronológica e espacial do registro arqueológico.

O ambiente amazônico impõe condições climáticas específicas, que atuam sobre os bens arqueológicos que, por sua vez, possuem características tecnológicas próprias. Mas como se dá a interação entre os vestígios arqueológicos e esse contexto? Quais os processos culturais e naturais que influenciam na conservação ou degradação desses vestígios? Quais as ações possíveis? Visando responder essas questões para a adequada preservação do patrimônio arqueológico em suas mais variadas dimensões, temos trabalhado em conjunto, arqueólogos e conservadores, em projetos de pesquisa na região amazônica.

As pesquisas sobre cerâmica arqueológica da Amazônia partem de estudos sobre um material cerâmico 'lavado'. Apesar do procedimento de higienização do material ou 'lavagem' (como geralmente é denominado) ser entendido como uma etapa imprescindível para a realização do estudo, dos complexos cerâmicos, muitas vezes o tratamento adotado não corresponde às necessidades específicas do material, devido ao seu estado de conservação ou às suas características tecnológicas.

Os processos de limpeza, mecânica e/ou química, fundamentais para a posterior análise do material arqueológico, constituem etapas complexas e irreversíveis. É durante a limpeza que investigamos e definimos quais vestígios são importantes para o estudo do material e, portanto, devem ser mantidos; e quais não são pertinentes, devendo ser removidos. A observação das camadas que se sobrepõem à superfície do objeto, sua textura, dureza e adesão ao material cerâmico deve também ser entendida como um processo investigativo, de coleta de informações sobre os processos pré e pós-deposicionais pertinentes para a avaliação da configuração e transformação do registro arqueológico, ou seu estado de conservação.

Uma avaliação das características tecnológicas dos artefatos ou fragmentos, mesmo que preliminar, devido às condições do material após a escavação, é fundamental, pois determinados aspectos irão influenciar na definição do procedimento de limpeza adotado, como, por exemplo: defeitos de fabricação do objeto ou processos de degradação da pasta ou do revestimento podem se agravar devido à variação de umidade brusca provocada durante o processo de limpeza (molha/seca); materiais cerâmicos cozidos a baixa temperatura são especialmente sensíveis ao tratamento com água, assim como a estrutura mais ou menos porosa do material também facilita a difusão de alterações; e tratamentos de superfície (pinturas, incisões, etc) podem ser alterados ou completamente removidos devido a uma limpeza inadequada.

A escavação é um processo investigativo irreversível e a limpeza deve ser realizada como uma 'microescavação', na qual a remoção de materiais e camadas é feita após a compreensão e registro das mesmas, revelando as estruturas abaixo (Cronyn, 1990). Os parâmetros para a limpeza dependem das condições do próprio objeto, mas também do tipo de informação pesquisada, e se está prevista ou não a exposição do material.

Estas definições podem interferir no grau ou nível de limpeza realizado, assim como no procedimento a ser adotado.

O processo de limpeza do registro arqueológico é o momento no qual o material cerâmico embalado *in situ* é exposto a novas condições ambientais, alterando novamente e drasticamente a sua condição. É também o primeiro contato e observação do material coletado em campo. Para a realização da limpeza investigativa, é necessário compreender que:

- Um processo de limpeza adequado é aquele realizado de maneira controlada, atenta à sobreposição de camadas de deposição e incrustação sobre o material, que pode dificultar a sua identificação. É preciso compreender o quê queremos remover, para definir a maneira adequada para esta ação.
- Não existem procedimentos pré-estabelecidos de limpeza, pois cada peça é única, e pode responder de maneira diferenciada a um mesmo tratamento.
- Este procedimento deve ser definido em função da condição do material e de sua preservação, sendo necessário identificar a natureza do objeto e do que se deseja remover e, através de testes, definir o procedimento mais idôneo, tendo sempre presente a irreversibilidade de tal ação.
- A limpeza de objetos arqueológicos também deve ser limitada pela não definição do que seria o aspecto original e pela reminiscência de resíduos que podem ser importantes para outros estudos posteriores dos fragmentos, objetos e seu uso.
- Durante a limpeza também é realizado o exame macroscópico das peças, quando se reconhece o seu estado de conservação e as alterações que possam ter ocorrido: observa-se a integridade do material, a presença de pinturas, incisões, rachaduras, manchas, incrustações, etc., que serão posteriormente analisadas.

Ainda é comum encontrarmos fragmentos e artefatos cerâmicos excessivamente limpos. O uso excessivo e desatencioso de métodos de limpeza mecânica pode levar à abrasão da superfície e de métodos de limpeza química pode enfraquecer a estrutura do material, alterar características de manufatura, remover vestígios de uso, etc. Apesar disso, a combinação de métodos de limpeza mecânica e química é o procedimento adotado para o tratamento de cerâmicas arqueológicas. Ressaltamos alguns cuidados que devem ser observados para a realização adequada destes procedimentos, considerando apenas os métodos de limpeza mais frequentemente utilizados nos laboratórios de arqueologia:

- Sempre que possível, a limpeza deve ser realizada mecanicamente, desde que com acurácia, pois este método é o que permite maior controle e não envolve a introdução de solventes químicos no material (Figura 1). Cerâmicas provenientes de contextos arqueológicos com sedimento argiloso ou argilo-arenoso geralmente apresentam uma camada espessa de sedimento aderido à superfície, que pode ser removido com auxílio de espátulas, desde que o sedimento ainda se encontre úmido (caso contrário, deve ser umedecido), e que seja mantida uma camada fina de sedimento ainda aderido, para remoção com outro método de limpeza, garantindo que a superfície não tenha sido danificada durante o processo. Cerâmicas provenientes de contextos arqueológicos com sedimento arenoso geralmente podem ser limpas com a utilização de pincel seco.
- Existe uma gama de instrumentos que podem ser utilizados para a limpeza mecânica, que devem ser escolhidos de acordo com a integridade da cerâmica e a resistência do material que se deseja remover.

- Para evitar a abrasão da superfície cerâmica é importante que o instrumento utilizado seja mais macio do que o material cerâmico que está sendo limpo. Portanto, é preferível o uso de pincéis – ao invés de escovas – que podem ter diferentes tamanhos, tipos e dureza de cerdas.
- Espátulas rígidas devem ser manipuladas com cuidado, pois podem criar marcas e arranhões que podem interferir na análise da cerâmica.
- Incrustações muito duras e resistentes são preferencialmente mantidas, pois a sua remoção pode acarretar danos à cerâmica.
- Em geral, a limpeza química é mais difícil de ser controlada. O produto utilizado (o mais comum é a água) pode provocar o enfraquecimento da superfície cerâmica através da dissolução de seus componentes e penetrar através de microfissuras, alcançando áreas internas do material.
- A água é um solvente com forte poder de dissolução. A limpeza química com água age ‘quebrando’ deposições e incrustações (mas também tratamentos decorativos) tornando-as materiais solúveis, que são, então, lavados.
- Os materiais raramente precisam ficar ‘de molho’ para a remoção de sujeira, sendo preferível a repetição do processo, pois o objetivo não é limpar o núcleo do objeto e sim a sua superfície (à exceção de tratamentos de dessalinização).

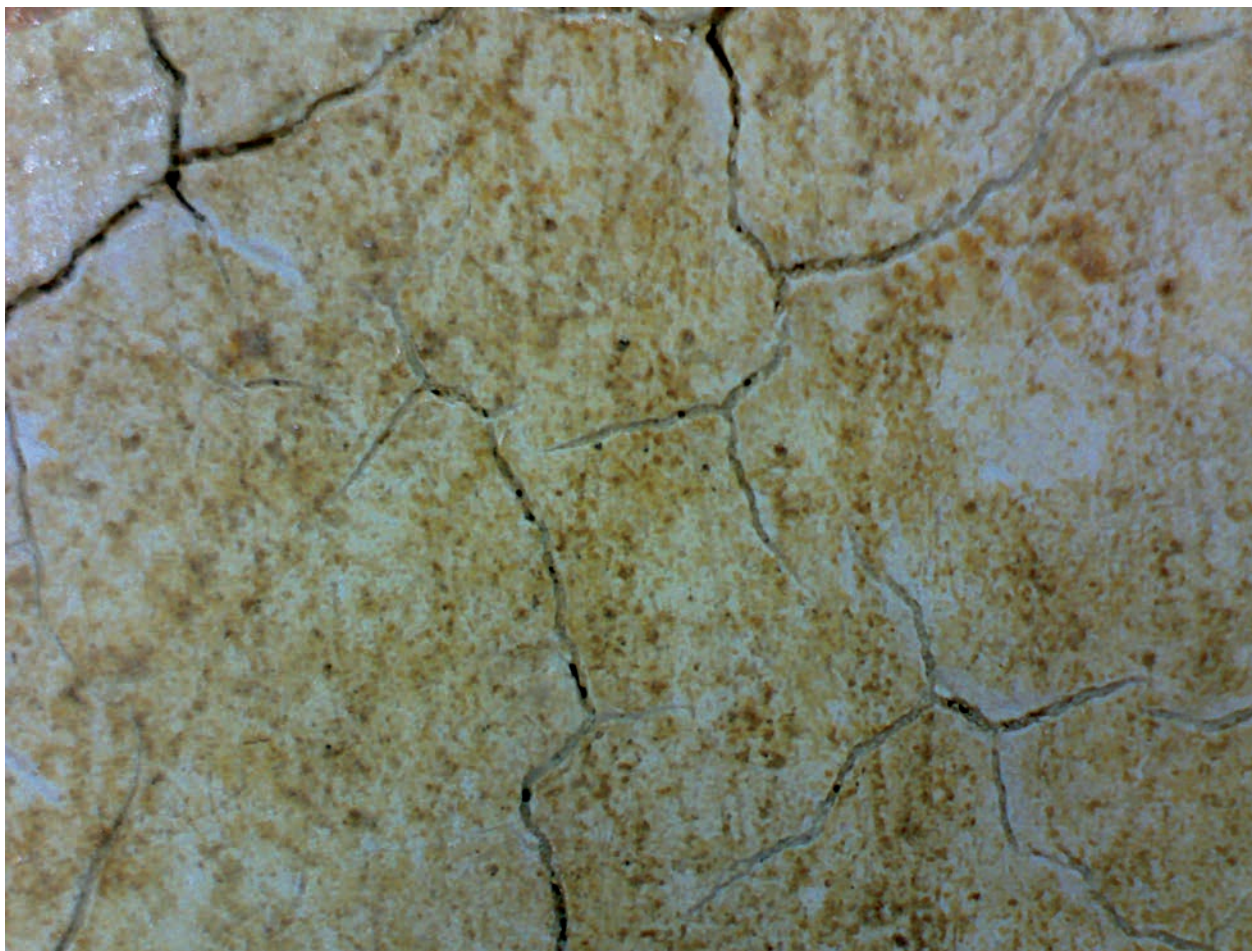


Figura 1. Engobo integro. Detalhe do engobo preservado. Foto: Silvia Cunha Lima. Acervo: IDSM.

- A limpeza com água e escovação delicada (com pincel) é normalmente o melhor método de limpeza de cerâmicas com sedimento aderido à superfície. Quando o material cerâmico apresenta-se íntegro, este procedimento pode ser repetido, porém é importante ressaltar que a cerâmica úmida sempre apresenta maior fragilidade, podendo ser necessário a secagem do material antes de repetir o procedimento. No caso de cerâmicas friáveis e/ou com pintura é importante observar se este procedimento não provoca a perda da camada superficial. Preferencialmente, o procedimento não deve ser repetido e a limpeza deve ser finalizada com outro método.
- O poder de dissolução da água pode ser parcialmente controlado através da limpeza com o uso de cotonetes de algodão umedecidos (ao invés de escovação em água corrente) e também com a adição de solventes mais voláteis, como álcool etílico, que impedem que o material seja encharcado.

O grande volume de material cerâmico que chega aos laboratórios para higienização, muitas vezes impõe a adesão de procedimentos de limpeza 'padronizados', que não consideram aspectos que são fundamentais para a conservação do registro arqueológico. Porém, a integração da Conservação nos projetos de Arqueologia tem demonstrado que o esclarecimento sobre os processos de degradação da cerâmica e sobre os procedimentos de acondicionamento e limpeza do material como parte integrante e essencial da pesquisa arqueológica, tem transformado esta situação (Figuras 2, 3 e 4).



Figura 2. Engobo lavado com craquelamento. Detalhe do craquelamento do engobo na área lavada. Foto: Sílvia Cunha Lima. Acervo: IDS.M.



Figura 3. Urna proveniente do sítio Tauary, Tefé. Superfície policroma preservada após limpeza superficial a seco com pincel. Foto: Erêndira Oliveira. Acervo: IDSM.



Figura 4. Mesma peça. Perda total da policromia em área lavada com escova e pano (segundo relato da comunidade). Foto: Erêndira Oliveira. Acervo: IDSM

Agradecimentos

À FAPESP pela bolsa de pós-doutorado, ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá pelo apoio à pesquisa. À Profa. Dra. Fabíola A. Silva e ao Prof. Dr. Eduardo Góes Neves, do MAE/USP, que sempre incentivaram e compartilharam a pesquisa em campo e em laboratório, viabilizando este estudo. E a todos os arqueólogos (Anne Py-Daniel, Bernardo Costa, Claide Moraes, Eduardo Tamanaha, Erêndira Oliveira, Fernando Almeida, Guilherme Mongeló, Helena Lima, Jaqueline Belletti, Jaqueline Gomes, Lorena Garcia, Marcia Arcuri, Marcio Castro, Marjorie Lima, Meliam Gaspar e Silvana Zuse) que compartilharam seus 'problemas de conservação' e complexos cerâmicos, permitindo a reflexão e a aproximação entre nossas áreas.

GLOSSÁRIO

Este glossário de autoria coletiva tem por objetivo estabelecer parâmetros terminológicos básicos para o estudo das cerâmicas arqueológicas amazônicas, de forma a fornecer referências padronizadas para a pesquisa e um melhor entendimento da bibliografia especializada.

Não se trata de um glossário terminológico de cerâmica, uma vez que existem obras bastante sistemáticas sobre o tema, tanto para o Brasil quanto para a América do Sul. Mantendo o foco na Amazônia, buscamos incluir os termos mais utilizados pelos especialistas, inclusive aqueles mais conceituais, mas nem sempre consensuais, e até mesmo polêmicos. Este glossário também não pretende ter um papel uniformizador, e tampouco exaustivo; ao contrário, procuramos manter, intencionalmente, certo grau de flexibilidade e generalidade nas definições mais técnicas, com o intuito de não cristalizar termos que podem ser declinados em diferentes variantes, dependendo dos materiais, contextos e questões de cada pesquisa.

Glossários refletem escolhas realizadas para elencar e sintetizar o que há de mais relevante a ser dito sobre o tema. Aqui, o caráter coletivo do texto deve refletir as preocupações e dilemas da atual geração de arqueólogos atuantes na Amazônia, que segue utilizando muitos dos termos e conceitos criados no passado, sobretudo entre as décadas de 1960 e 1980, mesmo reconhecendo as suas limitações e aplicabilidades a corpos de dados que hoje são bem mais complexos. Talvez isso se dê pela necessidade de continuarmos falando “a mesma língua” e que uma nova síntese que permita a criação de outra terminologia ainda esteja a caminho.

Neste sentido, a terminologia aqui apresentada foi construída a partir de conceitos consolidados por ceramólogos como Sheppard (1956) e Rye (1981), e por terminologias específicas para a Amazônia ou terras baixas, como as de Chymz (1976), Meggers (1970), Crucent e Rouse, J. Echeverría Almeida (2011), entre outros. Procuramos trazer estes conceitos e termos para os contextos das pesquisas recentes e em adamento em toda a bacia Amazônica.

Contudo, acreditamos que o esforço em definir parâmetros terminológicos deva ser constante e dinâmico, a fim de possibilitar não só o diálogo entre especialistas, mas também a extroversão do conhecimento científico para a sociedade em geral.

Para cumprir esta função, agrupamos os termos em quatro blocos, de forma a facilitar a consulta.

- 1) Processos tecnológicos
- 2) Denominações formais e funcionais das cerâmicas
- 3) Contextos arqueológicos das ocupações ceramistas
- 4) Conceitos e categorias classificatórias

GLOSARIO

Este glosario de autoría colectiva tiene por objetivo proporcionar parámetros de la terminología básica para el estudio de las cerámicas arqueológicas amazónicas, con el fin de proporcionar referencias iniciales para la investigación y una mejor comprensión de la bibliografía especializada.

No se trata de un glosario terminológico de la cerámica, porque existen obras para Brasil y América del Sur bastante sistemáticas sobre el tema. En este compendio concentrado en la Amazonía, tratamos de incluir los términos más utilizados por los especialistas, inclusive aquellos más conceptuales, pero no siempre consensuados (o de acuerdo mutuo), y por esta razón también controversiales. Este glosario tampoco intenta cumplir un papel unificador, ni absoluto; por el contrario, tratamos intencionalmente de mantener un cierto grado de flexibilidad y generalidad en las definiciones más técnicas, con el fin de no cristalizar términos que pueden declinar en diferentes variantes en función de los materiales, contextos y preguntas de investigación.

Los glosarios también reflejan decisiones que deben ser tomadas con el fin de sintetizar lo más importante de un tema. En este sentido, el carácter colectivo del texto debe reflejar las preocupaciones y dilemas de la actual generación de arqueólogos que investigan en la Amazonía y siguen utilizando muchos de los términos y conceptos creados en el pasado, sobre todo entre las décadas de 1960 y 1980. Probablemente, es la necesidad de seguir hablando “el mismo idioma” que coadyuva al uso de terminologías y conceptos que muestran sus debilidades y limitaciones de aplicabilidad a los nuevos datos arqueológicos generados en la cuenca Amazónica. Presentar los últimos resultados de las investigaciones sobre cerámica arqueológica en la Amazonia, ayudará a profundizar el debate, la reflexión y el cuestionamiento a las antiguas terminologías, permitiendo en un futuro próximo madurar y presentar nuevas propuestas conceptuales.

En este sentido, la terminología que aquí se presenta se construyó a partir de conceptos consolidados por ceramólogos como Sheppard (1956) y Rye (1981) y la terminología específica de la Amazonía o tierras bajas, como Chymz (1976), Meggers (1970), Cruxent y Rouse J. Echeverría Almeida (2011) entre otros. Buscamos traer estos conceptos y términos a los contextos de la reciente investigación en toda la cuenca del Amazonas.

Sin embargo, creemos que el esfuerzo para definir los parámetros de terminología debe ser constante y dinámico que permita no sólo el diálogo entre expertos, sino también la divulgación de los conocimientos científicos al público en general.

Para cumplir esta función, agrupamos los términos en cuatro bloques con el fin de facilitar la consulta.

- 1) Procesos Tecnológicos
- 2) Atributos formales y funcionales de la cerámica
- 3) Contextos arqueológicos de las ocupaciones de los ceramistas
- 4) Conceptos y categorías clasificatorias

PROCESSOS TECNOLÓGICOS

ACANALADO ACANALADO GROOVED



Decoração plástica feita nas faces (interna ou externa) das cerâmicas com instrumento de pontiagudo na superfície ainda em estado plástico para a retirada da pasta, formando um sulco ou canal em baixo relevo em linhas retas ou curvas. Por vezes o instrumento utilizado pode ter mais de uma ponta, deixando assim a superfície com várias estrias. Difere das incisões por retirar parte da matéria-prima no ato de riscar a superfície, e das excisões por retirar relativamente pouca matéria em um só gesto. Pode ser acompanhada ou não de pinturas em diferentes tons e/ou recoberta por engobos. Ocorre principalmente nos complexos policromos da Amazônia (e.g. fases Tefé, Guarita, Napo etc.).

Decoración plástica realizada en las caras (interna o externa) de la cerámica con un instrumento puntiagudo sobre la superficie, la cual se encuentra todavía en estado plástico y permite la remoción de la pasta. Esta técnica forma ranuras o canales en bajo relieve con figuras de líneas rectas o curvas. A veces, el instrumento puede tener más de una punta, dejando así varios surcos en la superficie. Se diferencia de las incisões porque elimina materia en el acto de rasgar la superficie; y de las excisiones porque quita relativamente poco material en un solo paso. Puede estar acompañada de pintura en diferentes tonos y/o estar recubierta por engobos. Aparece sobre todo en el complejo Amazónico Policromo (Ej. Fases Tefé, Guarita, Napo etc.).

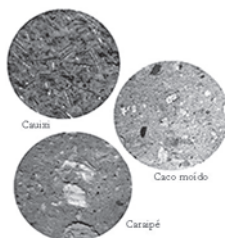
ALISADO ALISADO SMOOTHED



Processo de acabamento nas paredes das vasilhas, de forma a deixar a superfície mais lisa e menos porosa. Pode ser feito durante o processo de montagem da vasilha, com a argila ainda bastante plástica ou depois da secagem, antes da queima. As paredes podem ser alisadas com diversos instrumentos, sendo documentado etnograficamente entre ceramistas da Amazônia o uso de seixos, conchas e espátulas de madeira ou cuia. Dependendo da técnica e do instrumento utilizado, este processo pode deixar marcas como estrias ou brilho.

Proceso de acabado realizado en las paredes de los recipientes a fin de dejar una superficie más suave y menos porosa. Se puede realizar durante la manufactura del objeto, cuando la arcilla todavía se encuentra en estado plástico, o después del secado, antes de la cocción. Las paredes pueden ser alisadas con diversos instrumentos, habiéndose documentado etnográficamente, entre los alfareros de la Amazonía, el uso de piedras, conchas, espátulas de madera o calabaza. De acuerdo a cómo fue hecho el alisado y el instrumento utilizado, este proceso puede dejar marcas como estrías o brillo.

ANTIPLÁSTICO, TEMPERO, INCLUSÃO, ADITIVO ANTIPLÁSTICO, ATEMPERANTE, INCLUSIÓN TEMPER



Os temperos são os elementos que foram adicionados à pasta da cerâmica intencionalmente, enquanto podemos nos referir ao antiplástico como qualquer elemento não plástico que age contra o encolhimento dos corpos cerâmicos após a secagem e a queima, podendo ser adicionados intencionalmente ou estar contidos na argila. Nas cerâmicas amazônicas diversos elementos são adicionados à pasta ou mantidos na argila, para facilitar a perda de umidade, dar maior coesão entre os roletes e apliques, evitar fissuras e quebras na queima, aumentar a resistência a impactos, além

Los atemperantes son elementos agregados a la pasta cerámica intencionalmente, en cambio nos referimos al antiplástico como cualquier elemento no plástico que actúa en contra de la contracción de los cuerpos cerámicos después del secado y la cocción, pudiendo ser añadidos intencionalmente o estar contenidos en la arcilla. En las cerámicas amazónicas diversos elementos son adicionados a la pasta o son dejados en la arcilla, para facilitar la pérdida de humedad, dando una mayor cohesión entre los rodillos y apliques, prevenir fisuras y roturas durante la queima, aumentar la resistencia a

de aprimorar a capacidade térmica e de cocção das vasilhas que vão ao fogo. São comuns os temperos minerais (areia, rocha triturada, grãos de quartzo), o caco moído, a concha triturada, o caraipé e o cauixi. Podem ser combinados na mesma pasta em diferentes arranjos e proporções. Uma mesma vasilha pode apresentar pastas com temperos diferentes. A maneira como esses temperos são utilizados na cerâmica pode constituir um elemento identitário de um determinado complexo cerâmico, enquanto outros elementos da argila podem ajudar a definir o local de procedência.

impacto, con el fin de mejorar la capacidad térmica y la cocción de las vasijas que van al fuego. Los minerales son los atemperantes más comunes (arena, piedra triturada, granos de cuarzo), pero también elementos como cerámica molida, concha triturada, Caraipé y/o Cauixí. Una misma vasija puede presentar pastas con atemperantes diferentes. La manera cómo estos atemperantes son utilizados en la cerámica puede constituir un elemento de identidad de un determinado complejo cerámico, mientras que otros elementos de la arcilla puede ayudar a definir el lugar de procedencia.

APLICADO
APLIQUE
APPLIQUÉ



Técnica decorativa plástica na qual as porções de argila são modeladas de várias formas, sejam pequenos filetes e botões ou figuras mais volumosas, que são fixados à superfície da vasilha por pressão e alisamento. O applique pode ser fixado em diferentes partes da vasilha: borda, parede, flange, etc. A fixação geralmente é feita sobre a superfície preparada com ranhuras para melhor adesão, e com a pasta ainda úmida. Quase todos os complexos cerâmicos amazônicos apresentam apliques, sendo muito comuns nas cerâmicas Pocó-Açutuba, Borda-Incisa/Barrancoide e Inciso-Punteado.

Técnica decorativa plástica en la que porciones de arcilla son modeladas de diversas formas, sean pequeños botones, delgados filetes o figuras modeladas más voluminosas, que se adjunta a la superficie de la vasija por presión y alisamiento. El applique puede ser fijado en diferentes partes de la vasija: borde, pared, reborde mesial, etc. La fijación se hace generalmente en la superficie preparada con ranuras para una mejor adhesión, y cuando la pasta todavía se encuentra húmeda. Casi todos los complejos cerámicos amazónicos presentan apliques, siendo muy común en la cerámica Pocó-Açutuba, Borde-Incisa Barrancoide e Inciso Punteado.

ARGILA
ARCILLA
CLAY

A argila é a matéria-prima essencial para o fabrico da cerâmica. Formada pela alteração de rochas, como as que contêm feldspato, a argila pode ser encontrada próxima de rios, lagos e igarapés, muitas vezes formando barrancos nas margens. No solo, a fração de argila, componente comum das lamias ou barros, como são conhecidos popularmente, é formada por minerais e outros elementos cristalinos ou amorfos. Apresenta-se em diversas cores (branca, amarelada ou avermelhada) e constitui uma família de minerais de baixa cristalinidade e diminutas dimensões (partículas menores do que 1/256 mm ou 4 µm de diâmetro), como a caolinita, esmectita, montmorillonita, illitas, etc. Para o preparo da pasta cerâmica, a argila geralmente passa por diferentes tratamentos que influem de forma determinante no resultado final das cerâmicas, como limpeza, peneiramento, amassamento,

La arcilla es la materia prima esencial para la fabricación de cerámica. Formada por la alteración de rocas, como las que contienen feldspato, puede ser encontrada cerca de los ríos, lagos y arroyos, a menudo formando barrancos en las orillas. En el suelo, la fracción de arcilla, componente común del lodo o barro, como se conoce comúnmente, se compone de minerales y otros componentes cristalinos o amorfos. Se presenta en diferentes colores (blanco, amarillo o rojo) y constituyen una familia de minerales de baja cristalinidad y de diminutas dimensiones (partículas más pequeñas que 1/256 mm o 4 µm de diámetro), tales como caolinita, esmectita, montmorillonita, illitas etc. Para la fabricación de la pasta cerámica, la arcilla debe a menudo someterse a diferentes tratamientos que influyen decisivamente en el resultado final de la cerámica, como la limpieza, el cernido, el amasado, el

adição e mistura de temperos, entre outros. Na Amazônia indígena, apesar da fabricação de cerâmica ser uma atividade predominantemente feminina, a coleta da argila é frequentemente realizada pelos homens.

aditamento y la mezcla de atemperantes. En la Amazonía indígena, a pesar que la fabricación de cerámica es predominantemente una actividad femenina, la colecta de arcilla es frecuentemente hecha por los hombres.

BARBOTINA
BARBOTINA
SLIP

Várias técnicas de manufatura das cerâmicas amazônicas requerem uma mistura de argila e água, para facilitar a junção dos roletes ou para a fixação de apêndices ou apliques decorativos. Esta mistura, conhecida como barbotina, tem uma consistência quase líquida e textura muito suave, e é desprovida de inclusões. Em qualquer caso, a densidade da mistura de argila e água, pode tornar-se cremosa, dependendo da espessura da parede, do tamanho do recipiente, do tipo de pasta e, sobretudo, do efeito ou função que a barbotina terá na elaboração da vasilha cerâmica. Muitas vezes o desprendimento de roletes, apêndices, flanges ou suportes pode se dever ao uso de uma barbotina muito fluida.

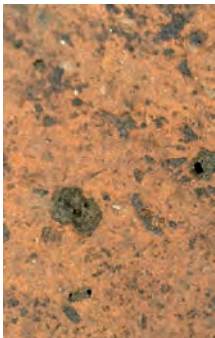
Varias técnicas de manufatura de la cerámica amazónica requiere emplear para la unión de rodetes o el añadido de soportes y aplicaciones decorativas, una mezcla de arcilla y agua. Esta mezcla conocida como barbotina, tiene una consistencia casi líquida y es de textura muy suave, carente de inclusiones. En todo caso, la densidad de la mezcla de arcilla y agua, puede incluso llegar a ser cremosa, dependiendo del grosor de las paredes y tamaño de la vasija, el tipo de pasta y especialmente el propósito o función que la barbotina debe cumplir en el pegado de los elementos. Muchas veces el desprendimiento de rodetes, apéndices, soportes puede deberse al uso de una barbotina bastante fluida.

BRUNIDURA
(ESFUMARADO)
AHUMADO
BURNISHED

Técnica de acabamento da superfície da cerâmica, com a finalidade de alterar a sua aparência, deixando-a escura e lustrosa através da exposição da vasilha à fumaça e da fixação da fuligem. As artesãs Tukano do Alto Rio Negro (Amazonas, Brasil) iniciam este processo depois da queima, expondo a vasilha alisada e banhada com resina vegetal à fumaça densa de combustão, durante o tempo necessário para a fixação da fuligem.

Técnica de acabado de la superficie de la cerámica, con el fin de alterar su apariencia, dejándola oscura y lustrosa a través de la exposición de la vasija al humo y la fijación de hollín. Este acabado se registra en los artesanos Tukano del Alto Río Negro (Amazonas, Brasil) y es ejecutado después de la quema, exponiendo durante bastante tiempo las vasijas alisadas y bañadas con resina vegetal a un intenso humo de combustión, permitiendo la fijación de hollín.

CACO MOÍDO
TIESTO MOLIDO
GROG



Trata-se da cerâmica triturada ou moída, reciclada como antiplástico (tempero), de granulometria variável, para a produção de novos vasilhames. Também conhecida como chamote. Em geral é usada a cerâmica que seria descartada (por quebra ou desgaste) e que reingressa no seu contexto de uso com uma nova função (i.e. o de antiplástico; cf. Schiffer, 1987). Como se trata de material já queimado (i.e. desidratado), o caco moído tem um papel importante no processo da secagem e queima do vaso, pois diminui a perda de água. Não deve ser confundido com argila moída ou saibro, um material que não foi previamente queimado e

También conocido como chamote, se trata de cerámica triturada o molida, reciclada como antiplástico (atemperante) de granulometría variable para la producción de nuevas vasijas. Por lo general, es utilizada la cerámica que se descarta (quebrada o desgastada) y reingresa a un nuevo contexto de uso con una función diferente (es decir, el antiplástico cf. Schiffer, 1987). Como se trata de material ya quemado (es decir, deshidratado), el tiesto molido juega un papel importante en el momento de secado y cocción del recipiente, ya que reduce la pérdida de agua. No debe ser confundida con la arcilla molida o arena, un material que no fue previamente quemado y por

que, portanto, é mais friável. Na cerâmica arqueológica das terras baixas é geralmente associada aos complexos cerâmicos dos Guarani e Tupinambá (Brochado, 1984), como também à cerâmica Marajoara (Meggers; Evans, 1957). Na Amazônia peruana, DeBoer e Lathrap (1979) sugerem que locais com cerâmica arqueológica são atraentes para o assentamento das ceramistas Shipibo-Conibo e suas famílias, devido ao acesso “ilimitado” ao caco moído.

lo tanto es más poroso. En la cerámica arqueológica de las tierras bajas está generalmente asociado a los complejos cerámicos Guaraní y Tupinambá (Brochado, 1984), así como a la cerámica Marajoara (Meggers y Evans, 1957). En la Amazonía peruana, DeBoer y Lathrap (1979) sugieren que los sitios con cerámica arqueológica son atractivos para el asentamiento de los alfareros Shipibo-Conibo y sus familias, debido al acceso “ilimitado” de tiesto molido.

**CAMPO
DECORATIVO**
CAMPO
DECORATIVO
**DECORATIVE
FIELD**



Trata-se da área em que um motivo específico é aplicado à superfície do objeto cerâmico, na sua parte interna ou externa. Podem ser delimitados por linhas ou faixas, ou ainda pelas inflexões na parede da peça. Nas cerâmicas amazônicas é comum que os campos decorativos correspondam a faixas das paredes com curvatura mais homogênea. Em algumas tradições a área das bordas tende a ser preterida para a aplicação de decoração plástica ou pintada.

Se trata del área en que un motivo específico es aplicado a la superficie del objeto cerámico, ya sea en su parte interna o externa. Puede ser delimitada por líneas o bandas, e incluso por las inflexiones de la pared. En la cerámica de la Amazonía es común que los campos decorativos correspondan a áreas de paredes con curvatura más homogénea. En algunas tradiciones de la región, los bordes son tomados en cuenta para la aplicación de decoración plástica o pintada.

CARIAPÉ
CARIAPÉ
CARIAPÉ



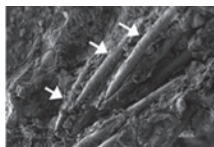
Cariapé, caraipé, ou caripé é a denominação de um dos antiplásticos mais recorrentes nas cerâmicas amazônicas. Trata-se das cinzas da casca e entrecasca de plantas do gênero *Licania* (*Licania scabra* sp.), que são adicionadas à pasta em proporções e granulações variadas, para a confecção de cerâmica. Algumas partes mais fibrosas da planta não queimam ao ponto de se transformar em cinzas. São justamente estas partes que permitem a identificação da presença do caraipé, pois são visíveis a olho nu ou com lupa binocular, se parecendo com fragmentos lenhosos parcialmente carbonizados. As cinzas de outra variedade de planta ainda não identificada foram também utilizadas como antiplástico; são fibras mais finas, semelhantes a espículas de cauixi, de aspecto leitoso, porém facilmente visíveis a olho nu e sem as extremidades afiladas. Esta variedade foi primeiramente mencionada por Irmhild Wust em suas pesquisas arqueológicas no Brasil Central. Para diferenciar da outra variedade de caraipé, Wust adotou a nomenclatura de caraipé (ou cariapé) “B”. Desde esta definição a outra variedade passou a ser chamada também de caraipé “A”. Portanto, o caraipé “A” seria o de aspecto mais lenhoso e o “B” o mais fibroso. Na

Cariapé, Caraipé o Caripe es el nombre de uno de los antiplásticos más recurrentes en las cerámicas amazónicas. Se trata de ceniza de corteza y parte interior de las plantas del género Licania (Licania scabra sp), que se añade a la pasta en proporciones y granulaciones variables para la fabricación de cerámica. Algunas partes más fibrosas de la planta no se queman hasta convertirse en ceniza. Son precisamente estas partes que permiten la identificación de la presencia de Cariapé porque son visibles a simple vista o lupa binocular, como pequeños fragmentos leñosos parcialmente carbonizados. Las cenizas de otra variedad de planta aún no identificada también fueron utilizadas como antiplástico; son fibras más finas, similares a las espículas de cauixí, de aspecto lechoso, pero fácilmente visible al ojo y sin los extremos afilados. Esta variedad fue primeramente mencionada por Irmhild Wust en sus investigaciones arqueológicas en Brasil Central. Para diferenciar de otra variedad de Cariapé, Wust adoptó la nomenclatura Cariapé (o cariapé) “B”. De esta definición la otra variedad paso a ser llamada Cariapé “A”. Por lo tanto, el Cariapé “A” sería de aspecto más lenhoso y “B” es más fibroso. En la cuenca del

bacia do rio Madeira, a variedade de caraipé “B” é bastante recorrente. Estudos antracológicos recentes sugerem que a variedade “B” pode ser derivada de cascas de frutos de palmeiras.

El río Madeira la variedad de Caraipé “B” es bastante recurrente. Estudios antracológicos recientes sugieren que la variedad “B” puede ser derivada de las cáscaras de los frutos de palmeras.

CAUXI
CAUXI
CAUXI



É um espongiário de água doce (*Demospongiae*, *Drulia* sp. ou *Parmula batesii* sp.) que prolifera em águas oxigenadas livres de sedimentos finos em suspensão. É comum nos rios amazônicos de águas pretas, como o rio Negro, e também em lagos e pequenos igarapés. É encontrado em suspensão nessas águas ou no solo inundado, ou preso aos troncos ou galhos de árvores na forma de “bolas de espinho”. Quando vistas em lupa binocular, as espículas silicosas do cauxi se parecem com pequenos bastonetes alongados de pontas agudas; possuem aspecto de cristal de rocha hialino, lisos e polidos (Hilbert, 1955). O cauxi também pode ser identificado pelo tato, pois torna a superfície das cerâmicas áspera e irritada à pele, o que explica a origem do termo que designa a coceira causada pelo cauxi: “mãe da coceira”, na língua Tupi (Viana; Oliveira, 2011). O uso do cauxi na cerâmica contribui para uma queima mais uniforme, aumenta a resistência ao choque térmico e ao impacto (Machado, 2006). É um antiplástico tipicamente amazônico, encontrado em profusão em grande parte dos complexos cerâmicos da região, em todos os períodos cronológicos. Ao contrário do caraipé, muito comum nos conjuntos tardios e ainda muito usado por oleiros tradicionais da Amazônia, o cauxi não é mais (ou é raramente) encontrado como aditivo nas cerâmicas; essa tecnologia parece ter sido abandonada depois do século XVI. Mesmo não ocorrendo nas águas barrentas do rio Solimões, Amazonas ou Madeira, cerâmicas com cauxi são encontradas nessas regiões, o que indica o seu uso como uma escolha cultural. Fora da Amazônia, o cauxi tem sido encontrado em cerâmicas do Mato Grosso, no alto rio Xingu, nos rios Manso e Araguaia e no pantanal sul-matogrossense.

Es una esponja de agua dulce (Demospongiae, Drulia sp o Parmula batesii sp) que prolifera en aguas oxigenadas libres de sedimentos finos en suspensión. Es común en los ríos amazónicos de aguas negras, como el Río Negro y también en lagos y pequeños arroyos. Se encuentra en suspensión en estas aguas o en el suelo inundado, o pegado a los troncos o ramas de los árboles en forma de “bolas de espinas.” Cuando se ve con la lupa binocular, las espículas silíceas de cauxi parecen pequeñas varillas con puntas alargadas; tienen aspecto de cristal de roca hialino, lisos y pulidos (Hilbert 1955). El cauxi también puede ser identificado al tacto, ya que torna las superficies de la cerámica ásperas e irritables a la piel, lo que explica el origen del término que designa a la picazón causada por cauxi, “mãe da coceira” (comezón madre) en la lengua Tupi (Viana y Oliveira 2011). El uso del cauxi en la cerámica contribuye a una cocción más uniforme, aumentando la resistencia al choque y el impacto térmico (Machado 2006). Es un antiplástico típicamente amazónico encontrado en abundancia en gran parte de los complejos cerámicos de la región, en todos los períodos cronológicos. A diferencia del Caraipé, más común en los complejos tardíos y todavía ampliamente utilizado por los alfareros tradicionales de la Amazonía, el cauxi no se encuentra más (o raramente) como un aditivo en la cerámica; es una tecnología que parece haber sido abandonada después del siglo XVI. De hecho no existe en las aguas turbias del río Solimões, Amazonas o Madeira, por lo tanto la cerámica con cauxi que se encuentran en estas regiones, indica su uso como una elección cultural. Fuera de la Amazonía, el cauxi también ha sido encontrado en la cerámica de Mato Grosso, en el alto río Xingú, el río Manso, Araguaia, y en el Pantanal de Matogrosso del Sur.

COLORAÇÃO
DA SUPERFÍCIE
COLOR
DE LA SUPERFICIE
SURFACE COLOR

A cor da superfície de um vaso depende da combinação de certas peculiaridades que ocorrem durante o processo de fabricação da cerâmica. A composição da argila, o acabamento

El color de la superficie de una vasija depende de la combinación de ciertas particularidades acontecidas durante el proceso de elaboración de la cerámica. La composición de la arcilla, el acabado

da superfície, o uso de engobos, assim como o ambiente de queima, têm efeito determinante na cor da superfície. Em alguns casos, a cor da superfície é produto da intenção da ceramista, enquanto que em outros a cor depende de fatores casuais ou circunstanciais, que se refletem numa vasta gama de tonalidades, dependendo da maior ou menor oxigenação das vasilhas durante as etapas de queima. No registro arqueológico da Amazônia, a cor da superfície cerâmica também pode sofrer alterações em decorrência dos processos pós-deposicionais e do estado de conservação.

CONCHA
CONCHA /
CARACOL
SHELL



Carapaças de moluscos de água salgada, doce ou terrestre são usadas nas cerâmicas de alguns sítios amazônicos, especialmente nas de sítios sambaquis (como na cerâmica da Tradição Mina), onde é recorrente o uso de conchas trituradas como antiplástico. Uma vez adicionada à pasta, a concha triturada propicia a diminuição da perda de água da argila durante a secagem e queima. Quando as cerâmicas são submetidas a altas temperaturas (entre 650-900 °C), a decomposição de carbonatos permite o surgimento de poros que evitam as fissuras (Shepard, 1995). Devido às trocas físico-químicas entre concha, argila e ambiente, potencializadas pela ação do fogo, os fragmentos cerâmicos tornam-se extremamente frágeis. Contudo é possível identificar os fragmentos de concha observando a textura, a cor (branca opaca) e o brilho da madreperla (quando houver) através de lupa binocular. Conchas também podem ser utilizadas para o alisamento das paredes das vasilhas, para tratamentos de superfície como os escovados rasos e até “carimbos”, e como instrumentos cortantes, e.g. para a realização de incisões e recortes. Na Amazônia brasileira, as conchas também são conhecidas pelas populações tradicionais pelos nomes ostra, mexilhão, sururu, cernambi, uruá e caramujo.

CORRUGADO
CORRUGADO
CORRUGATED

Aspecto de superfícies cerâmicas resultante de uma determinada técnica de acabamento em que uma pressão perpendicular aos roletes é aplicada (geralmente com o polegar) repetidamente em

de superficie, el uso de engobes, así como la atmósfera de cocción, influyen determinan-temente en el color de la superficie. Si bien, en algunos casos, el color de la superficie es producto de la intencionalidad del alfarero, en muchos de los casos dependen de factores casuales o circunstanciales, que se reflejan en una amplia gama de tonalidades producto de la mayor o menor oxigenación de las vasijas durante distintas etapas de su cocción. En el registro arqueológico de la Amazonía, el color de la superficie de la cerámica también puede sufrir alteraciones de acuerdo a los procesos post deposicionales y al estado de conservación.

Conchas de moluscos de agua salada, de agua dulce o terrestres son usados en la cerámica de algunos sitios de la Amazonía, especialmente en sitios de conchales (como en la cerámica de la Tradição Mina), donde es recorrente su uso de forma triturada como antiplástico. Una vez añadida a la pasta, la concha triturada propicia la disminución de pérdida de agua de la arcilla durante el secado y la cocción. Cuando las cerámica son sometidas a altas temperaturas (entre 650 a 900°C), la decomposición de los carbonatos permite la aparición de poros que evitan el agrietamiento (Shepard, 1995). Debido a los intercambios físicos y químicos entre la concha, la arcilla y el medio ambiente, potencializadas por la acción del fuego, los fragmentos cerámicos se vuelven extremadamente frágiles. Sin embargo, es posible identificar fragmentos de concha observando la textura, el color (blanco opaco) y el brillo de madreperla (si los hay) a través de la lupa binocular. Las conchas también fueron utilizadas para alisar las paredes de las vasijas, para tratamientos de superficie como los escobados, “sellos” e incluso como instrumentos cortantes, e.g. para la realización de incisiones y cortes. En la Amazonia brasileña las conchas son conocidas por las poblaciones tradicionales también con los términos de ostras, mejillones, sururu, cernambi, uruá y caramujo. En la Amazonía boliviana se las denomina caracoles o turos.

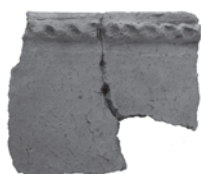
Aspecto de la superficie de la cerámica, resultado de una determinada técnica de acabado en la que se aplica una presión perpendicular a los rodetes (generalmente con el pulgar) repetidamente em



linhas sucessivas criando um efeito de ondas. O tratamento é sempre realizado na face externa, e pode cobrir toda ou parte da superfície. Ao se criar uma superfície irregular, e portanto expandida, esta técnica influi na condução térmica das paredes, ampliando a superfície aquecida, sendo usada em vasilhas que vão ao fogo (Rice, 1987). O corrugado pode também desempenhar um importante papel de identidade visual, um diagnóstico cultural (e.g. nas cerâmicas Guarani e Tupinambá). Além dos grupos Tupi-Guarani da costa e do Brasil Meridional e áreas de entorno (i.e. áreas da Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai), o corrugado está disseminado nas cerâmicas (arqueológicas e etnográficas) de diferentes grupos da Amazônia Oriental (e.g. grupos Pano Arawak, Jívaro, e outros grupos do tronco Tupi). O trabalho mais completo sobre o corrugado continua sendo “Cerâmica Guarani”, publicado por La Salvia e Brochado (1989). Os autores dividem os corrugados em vários tipos: corrugado simples, clássico, perpendicular, oblíquo, assimétrico, grosseiro e imbricado.

líneas sucesivas, creando un efecto de ondas. El tratamiento se realiza siempre en la cara externa, y puede cubrir toda o parte de la superficie. Al crear una superficie irregular y por tanto expandida, esta técnica influiría en la conducción térmica de las paredes, ampliando la superficie caliente, siendo usada en vasijas que van al fuego (Rice, 1987). El corrugado también puede desempeñar un papel importante de la identidad visual, un diagnóstico cultural (Ej. la cerámica Guaraní y Tupinambá). Además de dos grupos Tupí-Guaraníes de la costa y el sur de Brasil y sus alrededores (es decir, áreas de Argentina, Bolivia, Paraguay y Uruguay), la técnica del corrugado está muy diseminada en la cerámica (arqueológica y etnográfica) de los diferentes grupos de la Amazonia oriental (por ejemplo, grupos Pano Arawak, Jíbaros y otros grupos del tronco Tupi). El trabajo más completo sobre el corrugado sigue siendo “ Cerámica Guarani “, escrito por La Salvia y Brochado (1989). Los autores dividen el corrugado en varios tipos: corrugado simple, clásico, perpendicular, oblicuo, asimétrico, grueso e imbricado.

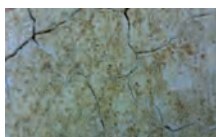
DIGITADO
DIGITADO
FINGER PRESSED



Tratamento de superfície que consiste em produzir marcas com a ponta dos dedos criando padrões decorativos. É feito com a cerâmica ainda em estado plástico, antes da queima. Entre o digitado e o ungulado (marcas de unhas), a nomenclatura digitungulado é utilizada para se referir às marcas de dedos e unhas. A impressão digitada é comumente aplicada como acabamento do lábio em cerâmicas do baixo Amazonas, e como forma de fixar os rodetes aplicados horizontalmente na superfície externa da vasilha, próximo à borda, em conjuntos pré-coloniais tardios e também em cerâmicas caboclas atuais, em várias partes da Amazônia brasileira.

Tratamiento de superficie, que consiste en producir marcas con la punta de los dedos para formar patrones decorativos. Se hace con la cerámica todavía en estado plástico antes de la combustión. Entre digitado y ungulado (marcas de uñas), la nomenclatura digito-ungulado se refiere a las marcas de los dedos y uñas. La impresión digital es comúnmente aplicada como acabado del labio en la cerámica del bajo Amazonas y como forma de fijar los rodetes aplicados horizontalmente en la superficie externa de la vasija, cerca del borde, en los conjuntos precoloniales tardíos y también en cerámicas mestizas actuales en varias partes de la Amazonia brasileña.

ENGOBO
OU BANHO
ENGOBE O BAÑO
SLIP OR ENGOBE



Técnica de acabamento ou decoração de superfícies cerâmicas, que consiste em aplicar, antes da queima, uma fina e rala camada de argila colorida, para formar uma película de acabamento com aspecto mais liso e uniforme. Têm por função diminuir a porosidade da parede, tanto para torná-la mais impermeável, como

Técnica de acabado o decorado de la superficie cerámica que consiste en aplicar antes de la cocción, una capa fina y rala de arcilla de color, para formar una película de acabado con aspecto más liso y uniforme. Tienen como función reducir la porosidad de las paredes, tanto para volverla más impermeable, como para facilitar la



ENTALHADO
DENTADO
DENTATE



ESCOVADO
ESCOBADO
COMBED



EXCISO
EXCISO
EXCISED



HACHURADO
HACHURADO
HACHURED



também facilitar a aplicação de desenhos pintados e realçá-los visualmente. Na Amazônia são mais comuns os engobos brancos, geralmente aplicados como base para a pintura de motivos em outras cores (como o preto e o vermelho da Tradição Policroma), e os engobos vermelhos em superfícies lisas ou sob decoração pintada.

Acabamento decorativo plástico, geralmente aplicado ao lábio que consiste em passar um instrumento na superfície ainda úmida do vasilhame, produzindo uma sequência de pequenos cortes paralelos. Lábios de bordas ou flanges entalhados aparecem de forma recorrente nas cerâmicas Saracá do rio Urubu.

Acabamento plástico decorativo da cerâmica, que consiste em passar na superfície ainda úmida do vasilhame, um instrumento de pontas múltiplas, ou outros objetos que deixem sulcos variados, agudos ou suaves, mantendo certo paralelismo e proximidade entre si. Esta técnica aparece em diversos complexos cerâmicos espalhados pela Amazônia.

Acabamento plástico decorativo obtido através da retirada de áreas de argila da superfície do vaso com instrumentos de pontas largas e robustas, de modo a produzir um efeito de baixo relevo, evidenciando os motivos gráficos. A superfície excisa muitas vezes apresenta estrias de retirada, compondo uma textura diferenciada na superfície. As cerâmicas amazônicas que apresentam decoração excisa são as mais antigas, da Tradição Pocó-Açutuba, e também as mais recentes, da Tradição Policroma (em especial Marajoara), ambas com enorme dispersão geográfica na Amazônia.

Acabamento plástico decorativo aplicado à superfície cerâmica utilizando linhas paralelas, transversais ou oblíquas, de forma a preencher um campo delimitado, compondo motivos geométricos ou não. O hachurado ocorre amplamente na decoração cerâmica e, dependendo da combinação resultante dessas linhas, pode ser classificado como hachurado-zonado, hachurado composto, hachurado cruzado, etc.

aplicación de diseños pintados y realzarlos visualmente. En la Amazonía son más comunes los engobos blancos, generalmente aplicados como base para la pintura en otros colores (como negro o rojo de la Tradición Policroma), y los engobos rojos en superficies lisas como también en la decoración pintada.

Acabado decorado plástico, generalmente aplicado a los labios. Consiste en pasar sobre la superficie todavía húmeda de la vasija, un instrumento que produce una secuencia de pequeños cortes paralelos. Labios de bordes o rebordes mesiales dentados aparecen recurrentemente en la cerámica Saracá río Urubu.

Acabado decorativo plástico de la superficie cerámica, que consiste en pasar sobre la superficie todavía húmeda de la vasija, una herramienta con múltiples puntas u otros objetos que dejen también múltiples ranuras profundas o suaves, manteniendo entre sí cierto paralelismo y proximidad. Esta técnica aparece en muchos complejos cerámicos dispersos por la Amazonía.

Acabado decorativo plástico obtenido a través de la eliminación de áreas de arcilla de la superficie de la vasija, con instrumentos de puntas largas y robustas con el fin de producir un efecto en bajo relieve, evidenciando de ese modo los motivos gráficos. La superficie excisa a menudo presenta estrias de eliminación, logrando una textura diferenciada de la superficie. Las cerámicas amazónicas que presentan decoración excisa son las más antiguas de la Tradición Pocó-Açutuba, y también la más recientes de la Tradición Policroma (especial-mente Marajoara), ambas con enorme dispersión geográfica en la Amazonía.

Acabado decorativo plástico aplicado a la superficie de la cerámica. Se utilizan líneas paralelas, transversales u oblicuas para llenar un campo delimitado, componiendo a veces motivos geométricos. El hachurado se presenta ampliamente en la decoración cerámica y dependiendo de la combinación resultante de las líneas son clasificadas en hachurado zonificado, hachurado compuesto, hachurado cruzado, etc.

INCISO
INCISO
INCISED



Acabamento plástico decorativo que consiste na composição de linhas incisivas, formando finos sulcos na superfície da cerâmica, por meio da extremidade adelgada de instrumentos de diferentes formatos e dimensões. Diferencia-se do acanalado e da excisão por não retirar matéria, mas apenas deslocá-la ao produzir os sulcos. Pode ser executada depois da queima ou, mais comumente, com a pasta ainda úmida, obtendo efeitos bastante distintos. Em alguns conjuntos, os sulcos produzidos pelas incisões são preenchidos com pintura. A variedade dos motivos ou padrões incisivos é extremamente ampla nas cerâmicas amazônicas, nas mais diversas regiões ou períodos cronológicos. As incisões podem se associar a diversas técnicas decorativas, em especial o ponteadado (especialmente na Tradição Inciso-Ponteadado) e o modelado (especialmente na Tradição Borda Incisa e em outros conjuntos que têm sido denominados de cerâmicas Inciso-Modeladas). De fato, a incisão é uma das técnicas decorativas plásticas mais recorrentes entre as cerâmicas da Amazônia.

Acabado decorativo plástico que consiste en la realización de líneas incisivas, formando ranuras finas en la superficie de la cerámica, mediante extremidades adelgazadas de instrumentos de diferentes formas y dimensiones. Se diferencia de la acanaladura y la excisión por no retirar la materia, sino únicamente moverla para producir las incisiones. Puede ser ejecutada después de la quema o más comúnmente cuando la pasta aún está húmeda, logrando efectos muy diferentes. En algunos conjuntos, las ranuras producidas por las incisiones fueron rellenadas de pintura. La variedad de motivos o patrones incisivos es extremadamente amplia en las cerámicas amazónicas, presentando variaciones regionales y cronológicas. Las incisiones pueden estar asociadas con una infinidad de otras técnicas decorativas, particularmente con el punteado (especialmente en la Tradición Inciso-Punteada) y el modelado (principalmente en la Tradición Borde Incisa y otros conjuntos que han sido denominados como cerámicas Inciso-Modeladas). De hecho, las incisiones son una de las técnicas decorativas plásticas más recurrentes entre las cerámicas de la Amazonía.

INSTRUMENTOS
PARA FABRICAÇÃO
DE CERÂMICA
INSTRUMENTOS
PARA LA
FABRICACIÓN
DE CERÂMICA
TOOLS FOR
MAKING POTTERY

Embora nem sempre conste no registro arqueológico, o emprego de instrumentos diversificados no acabamento de superfície das cerâmicas arqueológicas é um dado significativo, amplamente referenciado nos estudos sobre o material cerâmico (e.g. alisamentos, pinturas e decorações plásticas – incisões, excisões, entalhados, ponteados, acanalados, etc.). Os instrumentos podem ser de origem vegetal (e.g. sementes, madeiras, frutos, folhas, algodão, tecido), animal (e.g. ossos, conchas) e mineral (e.g. artefatos líticos, cerâmicas). Na Amazônia, dados etnoarqueológicos mostram que grande parte dos instrumentos utilizados é de origem vegetal ou mineral. Há registros do uso de pedaços de madeira para triturar a argila ou da parte traseira de machados para amassar a pasta, quando está molhada (e.g. Asurini do Xingu). Peneiras são utilizadas para limpar a argila (e.g. Asurini do Xingu) e para peneirar as cinzas no preparo do caraipé (e.g. Mati). As folhas de palma ou suportes de madeira servem para forrar

Apesar que no siempre está presente en el registro arqueológico, se ha observado ampliamente el empleo de diversos instrumentos para el acabado de superficie de la cerámica arqueológica (Ej. alisamientos, pinturas y decoraciones plásticas – incisiones, excisiones, entallados, punteados, acanalados, etc.). Los instrumentos pueden ser de origen vegetal (Ej. semillas, maderas, frutos, hojas, algodón, tejidos), animal (Ej. huesos, conchas) y mineral (Ej. artefactos líticos, cerámicas). En la Amazonía, los datos etnoarqueológicos muestran que la mayoría de los instrumentos utilizados eran de origen vegetal o mineral. Se ha registrado el uso de pedazos de madera para triturar la arcilla o de la parte trasera de una hacha para amasar la misma cuando está mojada (Ej. Asurini Xingu). Cernidores son utilizados para limpiar la arcilla (Ej. Asurini do Xingu) y para tamizar las cenizas en la preparación de Caraipé (Ej. Mati). Las hojas de palma o soportes de madera sirven para forrar el lugar de descanso de la arcilla después de haber sido procesada. Una espátula de madera o de

o local onde a argila fica em descanso após ter sido processada. A espátula de madeira ou cuia é utilizada na manufatura das vasilhas (e.g. Asurini do Xingu). Durante a etapa de secagem, o uso de sementes de palma (e.g. coco inajá, jarina), palhas de milho, folhas de arbusto (e.g. Wauja), conchas (e.g. Mati) e seixos servem para alisar paredes, e são colocados bastões para a sustentação das mesmas. A queima envolve o uso de vasilhas quebradas e outros suportes que apoiam as vasilhas no fogo. Para a pintura, utilizam vários tipos de pincéis, como pena de mutum, raque de babaçu ou inajá, talos de leguminosa (e.g. Asurini do Xingu), cada um serve para um traço diferente. O algodão também é utilizado para pintura de superfícies amplas. As ceramistas Asurini guardam os seus instrumentos dentro de casa ou junto nos espaços para a produção das cerâmicas.

calabaza se utiliza en la manufatura de vasijas (Ej. Asurini Xingu). Durante la etapa de secado, el uso de semillas de palma (Ej. Coco inajá, jarina), chalas de maíz, hojas de arbusto (Ej. wauja), conchas (Ej. Mati) y guijarros, sirven para alisar las paredes, colocando apoyos para sostenerlas, mientras se realiza esta tarea. La cocción implica el uso de contenedores rotos y otros soportes donde se apoyan los recipientes en el fuego. Para la pintura, se utilizan diferentes tipos de pinceles, como pena de mutum, raquis de babaçu o inajá, tallos de legumbres (Ej. Asurini Xingu), cada uno deja un trazo diferente. El algodón también se utiliza para pintar grandes superficies. Los alfareros Asurini guardan sus instrumentos en la casa o cerca de las áreas de producción de su cerámica.

MODELADO
MODELADO
MODELLED



Técnica de confecção de cerâmica que, a partir de massa uniforme, compõe, à mão livre, uma forma tridimensional. Nas cerâmicas indígenas amazônicas, esta técnica é utilizada principalmente na confecção de apêndices que são fixados sobre as paredes e bordas das vasilhas e estatuetas. Está presente em muitos dos complexos que se caracterizam pela profusão de apêndices, como as cerâmicas Pocó-Açutuba, Borda-Incisa/Barrancoides, Santarém, Konduri e Marajoara.

Técnica de manufatura alfarera, que a partir de una masa uniforme, crea a mano libre, una forma tridimensional. En las cerâmicas indígenas amazônicas, esta técnica es utilizada principalmente en la elaboración de los apêndices que son adheridos en las paredes y bordes de vasijas al igual que en figurinas. Se encuentra presente en los complejos que se caracterizan por la profusión de apêndices como la cerâmica Pocó-Açutuba, Borde-Inciso/Barrancoide, Santarém, Konduri y Marajoara.

MOTIVOS
GRÁFICOS
MOTIVOS
GRÁFICOS
GRAPHIC MOTIFS



Podem ser entendidos como desenhos padronizados que compõem um sistema gráfico, ou seja, um motivo é um arranjo particular de elementos gráficos distintos (linhas retas ou curvas, pontos, círculos, etc.). A combinação e disposição de motivos configuram, por sua vez, um padrão gráfico, cujo ritmo e simetria – ou assimetria – singularizam um estilo artístico. O esforço de usar tais conceitos visa superar as noções de representação e relações icônicas, aplicadas majoritariamente nas análises de decoração das cerâmicas. Nas cerâmicas amazônicas são comuns os motivos compostos por volutas, espirais, escalonados, linhas paralelas, etc. Contudo, sabemos que, na arte gráfica dos povos indígenas amazônicos contemporâneos, diversos motivos gráficos têm denominações que

Pueden ser entendidos como diseños estandarizados que componen un sistema de gráficos. Es decir, un motivo es una disposición particular de diferentes elementos gráficos (líneas rectas o curvas, puntos, círculos, etc.). La combinación y disposición de los motivos establece a su vez un patrón gráfico, cuyo ritmo y simetría – o asimetría – singulariza un estilo artístico. El esfuerzo de utilizar tales conceptos busca superar las nociones de representación y relaciones icônicas, mayormente aplicadas al análisis de la cerâmica decorada. En las cerâmicas amazônicas son comunes los motivos formados por volutas, espirales, escalonados, líneas paralelas, etc. Sin embargo, sabemos que en el arte gráfico de los pueblos indígenas amazônicos contemporâneos, muchos de los motivos gráficos tienen denominaciones que hacen referencia a seres

se referem a seres da natureza, como “espinha de peixe” ou “pele de onça”, e estão intimamente associados as suas narrativas orais e conhecimentos cosmológicos tradicionais.

de la naturaleza, como “espinha de pescado” o “piel de jaguar” y están íntimamente vinculados a sus narrativas orales y conocimientos cosmológicos tradicionales.

PASTA
PASTA
PASTE

É o elemento constitutivo da cerâmica, ou seja, a pasta de argila e outros componentes agregados a ela, quando modelados e expostos a altas temperaturas, dão origem à cerâmica. Diversos aspectos da pasta cerâmica podem ser observados durante a análise, tais como a composição e homogeneidade das argilas, a coloração da superfície, o antiplástico, a queima e a técnica de manufatura. Com base na análise desses elementos é possível reconstituir grande parte das escolhas envolvidas no processo de produção da cerâmica.

Es el elemento que constituye la cerámica. Es decir; la arcilla junto a componentes agregados, que expuestos a altas temperaturas, dan origen a la cerámica. Durante el análisis se pueden observar diversos aspectos de la pasta cerámica, tales como la composición y homogeneidad de la arcilla, el color de la superficie, el antiplástico, la atmosfera de cocción y la técnica de manufatura. A través del análisis de estos elementos es posible reconstruir muchas de las elecciones que participan en el proceso de fabricación de la cerámica.

PINTADO
PINTADO
PAINTED



Técnica decorativa que consiste em alterar a cor da superfície da cerâmica com a aplicação de pigmentos preparados a partir de elementos minerais e vegetais. A pintura pode ser aplicada sobre a superfície cerâmica limpa ou preparada com engobo ou banho, antes ou depois da queima, recobrimdo toda a vasilha ou algumas áreas, bandas ou faixas, ou ainda formando motivos diversos, com uma ou mais cores. Os motivos pintados podem ser feitos com pintura positiva (a parte pintada forma o desenho) ou negativa (o fundo ou parte não pintada, sobressai formando o desenho). Na Amazônia, a pintura aparece em quase todos os complexos cerâmicos, em geral feita antes da queima. É aplicada de forma mais característica na Tradição Pocó-Açutuba, predominando uma paleta em diferentes tons avermelhados (laranja, vermelho, vinho e marrom), e na Tradição Polícroma, destacando-se a pintura vermelha e preta sobre engobo branco.

Técnica decorativa que consiste en alterar el color de la superficie de la cerámica, mediante la aplicación de pigmentos preparados a partir de elementos minerales y vegetales. La pintura puede ser aplicada sobre la superficie de cerámica limpia o preparada con un engobe o baño antes o después de la quema. Puede aplicarse sobre toda la vasija o en algunas porciones, bandas o franjas, formando motivos diversos de uno o más colores. Los motivos pintados pueden ser hechos con pintura positiva (es la parte pintada que forma el diseño), o negativa (la que destaca el fondo, o la parte sin pintar, mostrando el diseño). En la Amazonía la pintura aparece en casi todos los complejos cerámicos, generalmente realizados antes de la quema. Emerge de forma característica en la tradición Pocó-Açutuba, donde predomina una paleta en diferentes tonos de rojizos (naranja, rojo, rojo vino y marrón) al igual que en la Tradición Polícroma, donde dominada la pintura de color rojo y negro sobre engobe blanco.

PLACA
PLACA
SLAB

Técnica de manufatura utilizada na produção de peças cerâmicas a partir de placas de argila. Estas podem ser obtidas por pressão e alisamento de porções de argila com rolos, placas de madeira ou com as mãos. Em algumas vasilhas as bases podem ser compostas por placas planas e circulares, às quais são agregados os roletes para compor as paredes. Contudo, nas

Técnica de manufatura utilizada en la producción de piezas cerámicas a partir de placas de arcilla. Estas pueden ser obtenidas por la presión y alisado de porciones de arcilla con rodillos, tablas de madera o con las manos. En algunas vasijas las bases pueden consistir en placas planas circulares, sobre las cuales se van agregando los rodetes para levantar las paredes.

cerâmicas amazônicas há uma predominância de bases modeladas a partir de bolotas de argila ou feitas pelo acordelamento em espiral de roletes. As placas podem também ser utilizadas na confecção de alguns tipos de estatuetas, tangas e bancos.

POLICROMIA
POLICROMÍA
POLYCHROME



Termo utilizado para descrever cerâmicas com superfícies pintadas em mais de duas cores, o que ocorre em diversos complexos cerâmicos da Amazônia. Em geral, os motivos pintados em diferentes cores são aplicados sobre uma superfície preparada com engobo mais claro, de forma a destacar os desenhos pintados. O termo deu origem à denominação da Tradição Policroma da Amazônia, uma vez que a policromia é um dos seus traços diagnósticos, mas este traço também aparece em outras cerâmicas, como Pocó-Açutuba e Inciso-Punteado.

Sin embargo, en la Amazonia hay un predominio de bases cerámicas modeladas a partir de bolas de arcilla o hechas por acordonamiento de rodets en espiral. Las placas también se pueden usar en la fabricación de determinados tipos de figurinas, tangas y bancos.

Término utilizado para describir cerámicas con superficies pintadas en más de dos colores, que se producen en diversos complejos cerámicos de la Amazonía. En general, los motivos pintados en diferentes colores son aplicados sobre una superficie preparada con un engobe más claro, para resaltar los diseños pintados. El término dio origen al nombre de la Tradición Policroma de la Amazonía, ya que la policromía es uno de sus rasgos diagnóstico, pero esta característica también está presente en varios otros complejos cerámicos como en la Tradición Pocó-Açutuba e Inciso-Punteado.

POLIDO
PULIDO
POLISHED

Depois de elaborados, os artefatos passam pela etapa de acabamento, que pode ser executada antes ou depois da queima. O acabamento polido é feito com o uso de diferentes instrumentos, como seixos, fragmentos de cerâmica, sementes ou coquinhos, que dão à superfície cerâmica o efeito desejado. Como uma técnica complementar ao alisamento, quando se nivela a superfície da cerâmica a fim de eliminar eventuais irregularidades, o polimento deixa a superfície da cerâmica lustrosa, podendo ou não deixar estrias.

Una vez manufacturados, los recipientes pasan por la etapa de acabado de superficie, que puede realizarse antes o después de la cocción. El acabado pulido se da a través del uso de diferentes instrumentos, como guijarros, fragmentos de cerámica, semillas o cocos, que dan a la superficie de la cerámica el aspecto deseado. Como complemento al alisado, encargado de nivelar la superficie de las cerámicas a fin de eliminar cualquier irregularidad, el pulido torna la superficie de la cerámica lustrosa, pudiendo o no dejar estrías.

PONTEADO
PUNTEADO
PUNCTATE



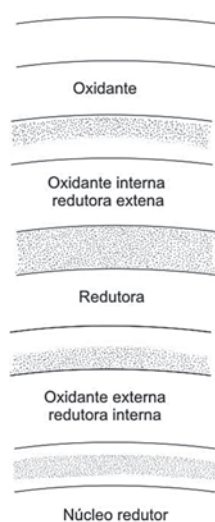
Acabamento decorativo obtido por instrumentos pontiagudos, deixando marcas diversificadas na superfície da cerâmica. Os instrumentos podem ter uma ou mais pontas e diversas formas e tamanhos, e se associam a uma ampla variedade de gestos, proporcionando variações de textura na superfície da cerâmica. Os ponteados podem ser classificados em ponteado simples, estampado, repuxado formando ou não nódulos, arrastado, entalhado, entre outros. Podem recobrir superfícies inteiras ou parciais, em linhas ou faixas, e por vezes cumpre a função de delimitar diferentes seções da vasilha. Aparecem também como acabamento do lábio.

Acabado decorativo que se obtiene con instrumentos puntiagudos, dejando marcas independientes sobre la superficie de la cerámica. Los instrumentos pueden tener una o más puntas, varias formas y tamaños, y se asocian con una amplia variedad de motivos, proporcionando variaciones de textura en la superficie de la cerámica. Los punteados pueden ser clasificados en: punteado simple, estampado, repujado formando o no nódulos, tallados, entre otros. Pueden cubrir superficies enteras o parciales, en filas o franjas, ya que a veces cumple la función de delimitar diferentes secciones de la vasija. También aparecen como en el acabado de labios.

Os ponteados são um traço estilístico marcante da Tradição Inciso-Ponteadado, Santarém e Konduri, por exemplo, embora também sejam observados em outros complexos. Destacam-se ponteados profundos aplicados dentro de esferas aplicadas nas cerâmicas Borda Incisa/Barrancoide, ponteados simples associados a incisões e modelagem nas cerâmicas Konduri e Santarém, e uma grande variabilidade de técnicas para os conjuntos Saracá. São também um traço distintivo das cerâmicas Koriabo e dos conjuntos Arauquinoides das Guianas, do norte amazônico e outros complexos do sudoeste da bacia Amazônica.

El punteado es un una característica estilística marcada en la Tradición Inciso-Punteado (Santarém y Konduri, por ejemplo), aunque también está presente en otros complejos. Destacan punteados profundos efectuados dentro de esferas aplicadas al borde de cerámica Borde Incisa / Barrancoide, punteados simples asociados a incisões y modelados en la cerámica Konduri y Santarém, y una gran variedad de técnicas para el complejo Saracá. También son una característica distintiva de la cerámica Koriabo y de los complejos Arauquinoides de las Guayanas, del norte Amazónico y otros complejos al suroeste de la cuenca amazónica.

QUEIMA COCCIÓN FIRING



Ação do fogo sobre a cerâmica para retirar a umidade e endurecê-la através da combustão e oxidação dos minerais e outros elementos contidos na pasta. A queima da cerâmica ocorre após um período de secagem, e pode ser feita em diferentes ambientes. Na Amazônia indígena predomina a queima a céu aberto, em fogueiras, com controle limitado do ambiente de oxidação, por isso são comuns as manchas escuras e a coloração irregular. A partir da observação da coloração da superfície e do núcleo da cerâmica, a queima pode ser classificada em três categorias: oxidante (as cerâmicas com minério de ferro tendem a ficar com colorações em tons de laranja, vermelho e marrom); redutora (em ambientes fechados, com ausência de oxigênio, onde a redução dos minerais resultam em superfícies de coloração branca a negra, passando por todos os tons de cinza) e irregular.

Acción del fuego en la cerámica para quitarle la humedad y endurecerla a través de la combustión y la oxidación de minerales y otros elementos que contiene la pasta. El proceso de cocción se produce después del período de secado, y puede realizarse en diferentes ambientes. En la Amazonía indígena predomina la quema a cielo abierto, en hogueras, con un control limitado del ambiente de oxidación, por lo que son comunes las manchas oscuras y la coloración irregular. A partir de la observación del color de la superficie y el núcleo de la cerámica, la cocción pueden clasificarse en tres categorías: oxidante (donde la cerámica con el mineral de hierro tienden a quedarse con coloraciones en tonos naranja, rojo y marrón); reductora (en ambientes cerrados con ausencia de oxígeno, donde la reducción de minerales da lugar a superficies de color blanco a negro, pasando por todos los tonos de gris); e irregular.

RESINA RESINA RESIN

Substância vegetal utilizada no acabamento de vasilhas para impermeabilizá-las, dar brilho à superfície e/ou fixar a pintura. Em geral são aplicadas na superfície já queimada, derretendo-se a resina e espalhando-a pela superfície em uma fina camada, dando um aspecto envernizado ou vitrificado à vasilha após o seu endurecimento. Na Amazônia brasileira foi documentado o uso da resina de jatobá (entre os Asurini) e jenipapo (entre os Surui). Em contexto arqueológico este tipo de acabamento é de difícil identificação, uma vez que a

Substancia vegetal utilizada en el acabado de las vasijas para impermeabilizarlas, dar brillo a la superficie, y/o fijar la pintura. En general se aplican sobre las superficies ya quemadas, derritiendo la resina y esparciéndola en una fina capa. Después de su endurecimiento, deja una apariencia vidriada o barnizada. En la Amazonia brasileña se ha documentado el uso de resina de jatobá (entre los Asurini) y jenipapo (entre los Surui). En el contexto arqueológico este tipo de acabado es difícil de identificar, ya que la resina tiende a despegarse con facilidad

REPRESENTAÇÃO
DUAL
REPRESENTACIÓN
DUAL
DUAL
REPRESENTATION



superfície com resina tende a descascar mais facilmente, levando consigo as películas de pintura e engobo.

A representação dual é a maneira encontrada por alguns povos amazônicos para representar a transformação de uma forma corporal em outra, humana, animal ou híbrida. Na cerâmica, caracteriza-se por volumes escultóricos ou modelados que, dependendo do ângulo de visão, percebe-se uma forma corporal ou outra. Este tipo de representação é comum na cerâmica Santarém, sobretudo nos apliques de vasos de cariatídes, em que formas humanas e animais (em geral de urubus-rei) são ou combinadas no mesmo aplique ou replicadas de forma alternada ao redor do vaso. A representação dual também ocorre em estatuetas cerâmicas e líticas (ou “ídolos”) encontrados no Baixo Amazonas, onde a representação de um ou mais seres ocorre de forma simbiótica no mesmo objeto (Barreto, 2014).

de la superficie, llevando consigo la película de pintura y engobe.

La representación dual es la forma encontrada por algunos pueblos amazónicos para representar la transformación de las formas corporales en humana, animal o híbrida. La cerámica, se caracteriza por volúmenes escultóricos o modelados que, dependiendo del ángulo de visión, se percibe una forma corporal u otra. Este tipo de representación es común en la cerámica Santarém, especialmente en apliques de vasos de cariatídes, en que formas humanas y animales (por lo general el cóndor real), son combinadas en el mismo apliqué, o replicadas de forma alternada alrededor del vaso. La representación dual también se produce en figurinas de cerámica y lítica (o “ídolos”) encontrados en el bajo Amazonas, donde la representación de uno o más seres ocurre simbióticamente en el mismo objeto (Barreto 2014).

RETOCADO
RETOCADO
RETOUCHED



Acabamento decorativo de superfícies cerâmicas em que retoques de pintura de cor contrastante são aplicados sobre linhas incisas, excisas ou acanaladas. Ocorre preponderantemente nos complexos policromos da Amazônia, como em alguns estilos das cerâmicas Marajoara (Pacoval Inciso e Arari Vermelho Inciso) e Napo.

Acabado decorativo de la superficie cerámica en que retoques de pintura de color contrastante, son aplicados sobre líneas incisas, excisas o acanaladas. Ocurre preponderantemente en los complejos policromos de la Amazonía, como en algunos de los estilos de la cerámica Marajoara (Pacoval Inciso y Arari Rojo Inciso) y Napo.

ROLETADO
APARENTE
RODETES VISIBLES
UNFINISHED
COILED



Trata-se de uma técnica de confecção de cerâmica caracterizada pela escolha deliberada em não alisar a superfície das paredes da vasilha após o acordelamento, mantendo evidentes os roletes que estruturam os vasos. Ocorre com maior representatividade nas cerâmicas Mina do litoral amazônico. Esta técnica é também conhecida como roletes não obliterados.

Se trata de una técnica de manufactura alfarera caracterizada por la elección deliberada de no alisar la superficie de las paredes de las vasijas después del enrollamiento, manteniendo visibles los rodetes que estructuran los vasos. Aparece con mayor representatividad en la cerámica Mina del litoral amazónico. Esta técnica es también conocida como rodetes no borrados.

ROLETADO,
ACORDELADO
ANILLADO,
ENROLLADO,
RODETE
COILED



Técnica de confecção de cerâmica que consiste na construção das paredes do vasilhame com a superposição horizontal de roletes, partindo da base até a borda. A espessura dos roletes pode variar consideravelmente resultando em paredes mais ou menos espessas ou, se bem alisados, nas áreas mais altas da parede. No caso de vasilhas muito grandes, é comum que se deixe secar a parte da vasilha em

Técnica de manufactura de cerámica, que consiste en la construcción de las paredes de la vasija mediante la superposición horizontal de rodetes, partiendo de la base a la boca. El espesor de los rodetes puede variar considerablemente resultando en paredes más o menos espesas y bien alisadas en las partes más altas de la pared. En el caso de las vasijas muy grandes, es común que se deje secar parte de la vasija durante la

confeção, para adicionar novos roletes, evitando que as paredes desabem ou deformem com o peso. Existem diferentes técnicas para garantir uma boa fixação e adesão dos roletes, sendo as mais comuns o encaixe do tipo macho-fêmea, em que o rolete é encaixado em um sulco feito na superfície do rolete anterior; e a confecção de ranhuras na superfície que recebe o rolete seguinte, para aumentar a área de adesão. É comum que as cerâmicas arqueológicas estejam fraturadas exatamente na área de adesão dos roletes, formando fragmentos com eixos horizontais paralelos. Quando a cerâmica não foi bem alisada, também é possível perceber as porções de parede que correspondem aos diferentes roletes. Na Amazônia indígena, este é o método mais comum utilizado para a manufatura de cerâmicas. No Brasil, tal técnica também é chamada de acordelado.

confección para la adición de nuevos rodetes, evitando que las paredes colapsen o se deformen por el peso. Existen diferentes técnicas para garantizar la buena unión y fijación de los rodetes, entre las más comunes son el ajuste del tipo macho-hembra, en el que el rodete es encajado en una ranura hecha en la superficie del rodete anterior; y se elaboran surcos en cada superficie para recibir al siguiente rodete aumentando la superficie de unión. Es común en la cerámica arqueológica, que se fracturen exactamente en el área de unión de los rodetes, formando fragmentos con ejes horizontales paralelos. Cuando la cerámica no fue bien alisada, también es posible realizar las porciones de paredes que corresponden a diferentes rodetes. En la Amazonía indígena es el método más común utilizado para la manufatura de cerámica. En Brasil esta técnica también se llama acordelado.

SERRILHADO
NOTCHED



O mesmo que dentado ou denteado. Trata-se de um acabamento com função evidentemente decorativa, aplicado às extremidades da vasilha, como bordas ou flanges. É obtido por meio de entalhes retangulares regularmente espaçados. O resultado é um lábio com pontas intercaladas por espaços de igual tamanho. Ocorrem em flanges mesiais das cerâmicas Saracá do rio Urubu.

Al igual que el dentado, se trata de un acabado con función evidentemente decorativa aplicado a las extremidades de las vasijas, como bordes o rebordes. Se obtiene por medio de ranuras rectangulares espaciadas regularmente. El resultado es un labio con puntas intercaladas por espacios de igual tamaño. Se encuentra en rebordes mesiales de la cerámica de Saracá del río Urubu.

SIMPLES
DOMÉSTICAS,
UTILITARIA
SPLAIN

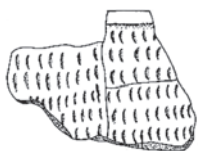
Termo referente às cerâmicas que não apresentam nenhum acabamento decorativo, tais como engobo, pintura, ou decoração plástica. Nos complexos cerâmicos da Amazônia, as cerâmicas simples são predominantes em geral associadas às atividades do cotidiano, especialmente ao preparo de alimentos, em peças como alguidares e assadores. Contudo, esta não é uma regra geral, visto que muitos contextos cerimoniais, como as estruturas funerárias podem apresentar cerâmicas simples.

Denomina a cerâmicas que no presentan ningún acabado de orden decorativo, tales como engobe, pintura, o decoración plástica. En los complejos cerámicos de la Amazonía, las cerámicas simples predominan en cantidad y en general están asociadas con las actividades diarias, especialmente con la preparación de alimentos en piezas como cuencos y tostadores. Sin embargo, esto no es una regla estricta y muchos contextos ceremoniales, tales como estructuras funerarias, pueden presentar cerámicas simples.

UNGULADO
UNGULADO
FINGERNAIL
PUNCTATE

Tratamento que consiste em imprimir, com a ponta das unhas, marcas agrupadas em diversas posições, na superfície do vasilhame, antes da queima. Podem aparecer no lábio ou no corpo da vasilha. Lábios com acabamento ungulado

Tratamiento que consiste en la impresión con la punta de las uñas, marcas agrupadas en diversas posiciones en la superficie de la vasija, antes de la combustión. Puede aparecer en el labio o el cuerpo de la vasija. Labios con acabado



ocorrem de maneira discreta nas cerâmicas Borda Incisa e Tupi (Almeida, neste volume). Cerâmicas com alta frequência de unguados no corpo, em apliques ou sobre roletes ou filetes aplicados são associadas às Tradições Inciso-Ponteado e Arauquinoide.

ungulado aparecen discretamente en las cerâmicas Borde Incisa y en las cerâmica Tupi (Almeida, en este volumen). Cerâmica con alta frecuencia de unguados en el cuerpo, en apliques o sobre rodetes o filetes aplicados están vinculados a la tradición Incisa Punteada y Arauquinoide

DENOMINAÇÕES FORMAIS E FUNCIONAIS DA CERÂMICA

**ABRASADOR
CERÂMICO
AFILADORES,
PULIDORES
CERAMIC
POLISHER**



Fragmentos cerâmicos reutilizados que apresentam sulcos em uma ou em ambas as faces. Eles são normalmente espessos, e tanto o seu tamanho quanto a orientação dos sulcos é variável. Supõe-se que os fragmentos tenham sido reaproveitados para amolar ou afiar gumes de objetos de madeira, ou calibrar objetos cilíndricos, tais como hastes de flechas e varas de pesca.

Fragmentos cerâmicos reutilizados que presentan ranuras en una o ambas caras. Por lo general son gruesos y su tamaño, así como la orientación de los surcos es variable. Se supone que los fragmentos han sido reutilizados para afilar o agudizar los bordes de los objetos de madera, o calibrar objetos cilíndricos tales como el astil de las flechas y canãs de pesca.

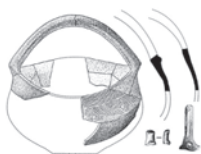
**ADORNO EM
CERÂMICA
ADORNOS DE
CERÂMICA
CERAMIC
ADORNMENT**



Objetos cerâmicos usados como adorno corporal, às vezes amarrados ou presos em cordões. Na Amazônia, eram comuns os alargadores de orelha circulares (por vezes com motivos incisos e perfurados), os bодоques e labretes, os pingentes e as contas de colar, com ampla dispersão regional e temporal. Alguns adornos de cerâmica parecem ser exclusivos de determinadas culturas, como as tangas marajoara. Outros parecem replicar objetos mais raros, feitos em pedra, como os muiraquitãs e os tembetãs de cerâmica encontrados em Santarém e Marajó. Também são encontrados fragmentos de cerâmica reutilizados, com polimento nas bordas e marcas de amarração, que sugerem terem sido aproveitados como adornos.

Objetos cerâmicos utilizados sobre el cuerpo, a veces atados o sujetos a cuerdas. En la Amazonia, eran comunes los escariadores circulares de orejas (a veces con motivos incisos y perforados), los ornamentos de labio, los colgantes y las cuentas de collar, con amplia dispersión regional y temporal. Otros adornos de cerâmica parecen ser exclusivos para ciertas culturas, como las tangas Marajoara. Algunos adornos parecen replicar objetos más raros hechos de piedra, como las muiraquitãs y las tembetãs de cerâmicas encontradas en Santarem y Marajó. También se tiene fragmentos simples de cerâmica reutilizados, con los bordes pulidos y marcas de amarre que sugieren que fueron objeto de un uso como adorno.

**ALÇA
ASA
HANDLE, LUG**



Alças podem ser entendidas como uma categoria mais ampla, como suportes de preensão para segurar a peça cerâmica. A produção da alça é feita à parte, modelada e aplicada na face externa do recipiente cerâmico, em dois pontos de junção diametralmente opostos. Podem ter ou não estrias nos pontos de colagem para aumentar a superfície de aderência ao corpo da vasilha. O formato do corpo pode ser angular ou curvo, além de apresentar decorações diversas. As alças podem localizar-se à altura do bojo, entre a borda e o bojo ou na borda,

Las asas pueden ser entendidas en una categoría más amplia, como soportes para sujetar las piezas cerâmicas. La producción de las asas es hecha por separado, modelada y aplicada en la superficie exterior de la vasija, a través de dos puntos de unión diametralmente opuestos. Pueden o no tener estrías en los puntos de unión para aumentar la superficie de adherencia al cuerpo del recipiente. La forma del cuerpo de las asas puede ser angular o curva, además de presentar decoraciones diversas. Las asas pueden localizarse a la altura del borde, entre el borde

como a alça ponte, comum nas cerâmicas Paredão, Saracá, Axinim e Konduri. Podem ser inseridas tanto paralela quanto perpendicular à boca da vasilha. A quantidade de alças em cada vasilha pode variar, porém são mais comuns as unitárias e os pares diametralmente opostos. Em alguns casos, devido ao grande formato e peso dos recipientes, a alça parece ser um elemento apenas decorativo.

y el cuerpo, o en el labio, como el asa puente, comunes en la cerámica Paredão, Saracá, Axinim y Konduri. Pueden ser insertadas ya sea paralelas a la boca del recipiente o perpendicular. La cantidad de las asas en cada vasija puede variar, pero son más comunes las individuales y los pares diametralmente opuestos. En algunos casos, por el gran peso de los objetos cerámicos las asas parecerían ser únicamente elementos decorativos.

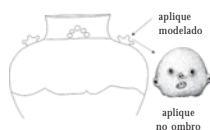
**ALGUIDAR
CAZUELA
LARGE PAN**



Alguidar em português, ou *cazuela* em espanhol, são denominações regionais atribuídas às grandes bacias utilizadas nas atividades domésticas. Trata-se de um recipiente de grandes dimensões, geralmente pouco profundo, com contorno simples e irrestritivo, paredes espessas e bordas sem inflexões. Raramente são decorados. Ocorre de forma generalizada na região. Na Amazônia Central, aparece na fase Açutuba da Tradição Pocó-Açutuba, porém é mais frequente nas fases Manacapuru, Paredão e Caiambé da Tradição Borda Incisa, assumindo diferentes funções, sendo registrado em contextos rituais, inclusive como tampa de urnas funerárias. Foram também documentados alguidares nas sequências cronológicas do sudoeste da Amazônia, a partir de 300 dC. Nos períodos tardios, os alguidares apresentam impressão de cestaria na superfície exterior da base.

Alguidar en portugués o cazuela en español, son denominaciones regionales atribuidas a grandes recipientes utilizados para las actividades domésticas. Es un recipiente de grandes dimensiones, por lo general poco profundo, de contorno simple e irrestricto, paredes gruesas y bordes sin inflexiones. Rara vez se encuentran decorados. Aparece de forma generalizada en la región de la Amazonía Central, durante la fase Açutuba de la Tradición Pocó-Açutuba, pero más comúnmente en las fases Manacapuru, Paredão e Caiambé de la Tradición Borde Incisa, asumiendo diferentes funciones, habiendo sido registrada en contextos rituales y también como tapa de urnas funerarias. Cazuelas fueron también documentadas en las secuencias cronológicas del sudoeste de la Amazonía, a partir del 300 dC. En los periodos tardíos las cazuelas presentan una impronta de cestería en la superficie exterior de la base.

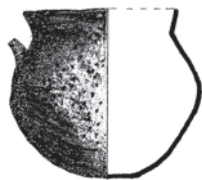
**APÊNDICE
OU APLIQUE
APÉNDICE
O APLIQUÉ
APPLIQUE**



Elemento plástico de alto apelo estético, adicionado ao contorno de vasilhas. É modelado e aplicado sobre bordas, flanges e paredes dos vasilhames, com a pasta ainda plástica. Pode ser decorado com diversas técnicas plásticas e pintadas. Geralmente têm maior ênfase figurativa, podendo ser zoomorfo, antropomorfo e também híbrido (com elementos humanos e animais) e abstratos, ou ainda com formas geométricas (esferas e bastões). Seu uso é extremamente difundido entre as cerâmicas da Amazônia, mas pode-se considerar como representativo dos complexos e fases mais antigas relacionadas às cerâmicas Barrancoide, Pocó-Açutuba e Borda Incisa. Contudo, na região do baixo Amazonas o uso é amplo e característico nas cerâmicas Santarém, Konduri e Marajoara.

Elemento plástico añadido al contorno de la vasija con un alto atractivo estético. Se modela y aplica sobre los bordes, rebordes y paredes de vasijas cuando todavía la pasta está moldeable. Se puede decorar con diversas técnicas plásticas y pintadas. Generalmente tiene un mayor énfasis figurativo, pudiendo ser zoomorfo, antropomorfo o híbrido (con elementos humanos y animales) y abstractos o con formas geométricas (esferas y varillas). Su uso es extremadamente difundido entre la cerámica de la Amazonia, pero puede ser considerado como representante de los complejos y fases más antiguas relacionadas con la cerámica Barrancoide, Pocó-Açutuba y Borde Incisa. Sin embargo, en la región del bajo Amazonas, el uso fue amplio y característico de las cerámicas Santarém, Konduri y Marajoara.

ASA
MANGO
WING, LUG



A asa pode ser entendida como um suporte de preensão, compondo também aspectos decorativos. São sempre maciças, compactas e aderem à vasilha em toda a sua extensão, diferentemente das alças. Servem de anteparos para a preensão da vasilha com a mão espalmada; ou poderiam ser agarrados diretamente por preensão palmar, para a suspensão do recipiente, dependendo do peso quando cheio. As asas podem compor figurações em seu conjunto, e também conter elementos figurativos diversos. Muitos formatos podem ser nomeados especificamente, para marcar diferenças na morfologia e também na forma de preensão (asa em bastonete, em C, em botão, em roldana, etc.).

El mango puede ser entendido como un soporte de presión acompañado de aspectos decorativos. Siempre son macizos, compactos y se adhieren al recipiente, a diferencia de las asas, a lo largo de toda su extensión. Sirve para sujetar la vasija con la palma de la mano o para suspenderla en función del peso cuando está llena. Los mangos pueden componer figuras en su conjunto y también tener varios elementos figurativos. Muchos formatos pueden ser nombrados específicamente para marcar diferencias en la morfología, así como la forma de asir (mango alargado, en C, en botón, en rodete, etc.).

ASSADOR
ASADOR
GRIDDLE



Objeto semelhante ao prato, mas de grandes dimensões. Caracteriza-se por ser bastante raso, com base espessa e plana, e paredes baixas, compostas por apenas um ou dois roletes. A base geralmente apresenta marcas de folha ou esteira na parte externa. Na literatura arqueológica é comum relacioná-los ao processamento da farinha de milho ou mandioca, cumprindo a função de torrador ou assador. O registro dos primeiros exemplares desse tipo de artefato está associado à Tradição Borda Incisa.

Objeto semejante a un plato, pero de grandes dimensiones. Se caracteriza por ser plano, con base gruesa y plana, y paredes bajas, compuestas por apenas uno o dos rodetes. La base suele presentar en la cara exterior improntas de hoja o de esteras. En la literatura arqueológica es común relacionarlos con el procesamiento de harina de maíz o mandioca, cumpliendo la función de tostador o asador. La aparición de los primeros ejemplares de este tipo de artefacto se asocia con la tradición Borde Incisa.

BANCO
BANCO
STOOL



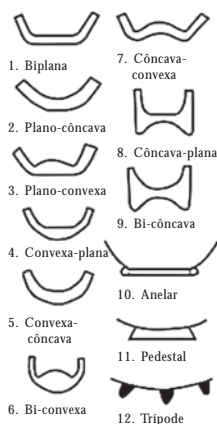
Bancos de cerâmica são itens recorrentes na cerâmica marajoara. Meggers os considerou um elemento de especialização desta fase. Os assentos correspondem a espessos discos circulares, planos ou ligeiramente convexos, sobre bases anulares, variando em média de 12 a 25 cm de diâmetro e 5 a 10 cm de altura. Alguns apresentam orifícios circulares de função desconhecida e, em geral, são decorados com motivos geométricos na superfície do assento (Alves; Schaan, 2012). As dimensões diminutas de alguns exemplares e a presença de apliques que formam rostos laterais sugerem que estes objetos podem ter sido usados como tampas ou “cabeças” de urnas antropomorfas. Personagens sentados sobre bancos também estão representados em urnas funerárias de cerâmica do Amapá (Maracá e Caviana) e de algumas fases da Tradição Policroma (Tefé e Napo). Bancos individuais são ainda fabricados em madeira por vários povos indígenas

Los bancos de cerámica son ítems comunes en la cerámica Marajoara. Meggers los considero un elemento de especialización de esta fase. Los asientos corresponden a gruesos discos circulares, planos o ligeramente convexos sobre bases anulares, su tamaño varía en promedio de 12 a 25 cm de diámetro y 5 a 10 cm de altura. Algunos presentan orifícios circulares de función desconocida, en general están decoradas con motivos geométricos en la superficie del asiento (Alves y Schaan, 2012). Las diminutas dimensiones de algunos ejemplares y la presencia de apliques que forman rostros laterales, sugieren que estos objetos pueden haber sido usados como tapas o “cabezas” de urnas antropomorfas. Personajes sentados sobre los bancos también están representados en urnas funerarias de cerámica en Amapá (Maraca y Caviana) y algunas fases de la Tradición Policroma (Tefé y Napo). Bancos individuales son todavía fabricados en madera por varios pueblos

amazônicos, por vezes compondo o conjunto de objetos usados em rituais xamânicos (McEwan, 2001; Barreto, 2015).

indígenas amazônicos, formando parte a veces del conjunto de objetos utilizados en rituales chamánicos (McEwan 2001, Barreto 2015).

BASE
BASE
BASE



Parte inferior da vasilha, que serve para a sua sustentação, sendo a primeira parte manufaturada. Nas cerâmicas amazônicas, em geral as bases são feitas manualmente, por modelagem ou acordelamento. São comuns as marcas de esteira ou de folha na face externa, contendo ou não algum tipo de decoração. As bases podem ser contínuas ou descontínuas dependendo do ângulo entre o bojo e a base. Na Amazônia, as bases contínuas são mais comuns, mas ocorrem também bases anelares, em pedestal e tripodes, como nas cerâmicas Santarém e Konduri. Algumas têm perfurações de diferentes diâmetros, que podem estar associadas ao preparo de alimentos específicos. Em geral, é uma porção propícia às alterações por uso, como crostas carbônicas e fuligens, bem como oxidação.

Parte inferior de la vasija que le sirve de apoyo y es la primera en ser manufaturada. En las cerâmicas amazônicas, las bases se realizan de forma manual por modelado o enrollamiento. En las superficie externa de algunas vasijas, son comunes las improntas de esteras o de hojas; mientras que otras formas de vasijas pueden o no presentar decoración. Las bases pueden ser continuas o discontinuas dependiendo del ángulo entre las paredes y la base. En la Amazonía las bases continuas son más comunes, pero también existen bases anulares, en pedestal y tripodes, como las cerâmicas de Santarém y Konduri. Algunas tienen perforaciones de diferentes diâmetros, que pueden estar asociadas a la preparación de alimentos específicos. En general se trata de una parte propicia a alteraciones por el uso, como crostas carbônicas y de hollín, o de oxidación.

BOCA
BOCA
MOUTH



Abertura superior do recipiente, que pode ser de forma circular, elíptica, quadrangular, retangular, irregular, etc. Na Amazônia, a grande maioria dos vasilhames tem boca circular, mas ocorrem bocas elípticas em complexos mais antigos, e as quadrangulares são comuns na Tradição Policroma da Amazônia. A variação do diâmetro da boca em relação ao diâmetro do bojo determina a forma dos contornos, que podem ser restritivos (em geral em vasilhas que servem ao armazenamento de líquidos) ou irrestritivos (nas vasilhas usadas para cozinhar servir e fermentar líquidos).

Abertura superior del recipiente, de forma circular, elíptica, cuadrada, rectangular, irregular, etc. En la Amazonía, la gran mayoría de los recipientes tienen boca circular. Sin embargo, bocas elípticas aparecen en complejos más antiguos y las cuadrangulares son comunes en la Tradición Policroma. La variación del diâmetro de la boca en relación al diâmetro mayor del cuerpo determina la forma de los contornos, que pueden ser restrictos (por lo general en vasijas que sirven para el almacenamiento de líquidos) o irrestrictos (en recipientes que sirven para cocinar, servir y fermentar líquidos).

BOJO
CUERPO
BODY

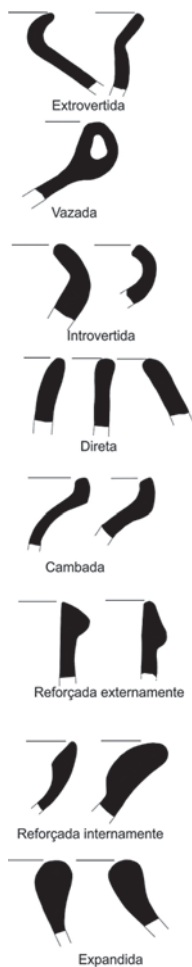
Parte do recipiente localizada entre a base e o pescoço ou borda, geralmente de maior diâmetro. Pode apresentar várias formas, como esférico, meia calota, ovoide, carenado, meia esfera, cônico, cilíndrico, complexo, etc.

Parte del recipiente situado entre la base y el cuello o borde, generalmente es la porción de mayor diâmetro. Puede tener varias formas tales como esférica, ovoide, carenado, media esfera, cónico, cilíndrico, complejo, etc. Mardok (Gurupá)

BORDA
BORDE
RIM

Parte superior da vasilha, junto à boca. É uma das últimas áreas a receber acabamento nas paredes da vasilha, sendo finalizadas com o lábio. As características das bordas constituem traços diagnósticos importantes para

Parte superior de la vasija, junto a la boca. Es una de las últimas partes en ser manufaturadas a partir de las paredes de la vasija y termina en el labio. Las características de los bordes constituyen rasgos diagnósticos importantes para



diferenciar os complexos arqueológicos. A forma da borda indica o tipo de uso das vasilhas, como manusear o conteúdo, como os líquidos são vertidos e como os recipientes podem ser tampados. A partir de um fragmento de borda é possível reconstituir, ao menos em parte, o contorno das vasilhas. A borda pode variar em relação à inclinação, à morfologia e ao espessamento. A inclinação pode ser vertical, inclinada internamente ou externamente; a morfologia varia entre direta (quando não há mudança de inclinação) ou infletida (introvertida ou extrovertida), cambada (quando há mudança gradual de inclinação) e carenada (quando há mudança em ângulo); a espessura da borda pode ser regular, expandida ou contraída (quando aumenta ou diminui na proximidade do lábio, respectivamente), reforçada interna e/ou externa (com incremento de argila), vazada (para bordas ocas). Alguns complexos cerâmicos amazônicos caracterizam-se pela maior frequência de decorações nesta parte da vasilha, como é o caso das cerâmicas da Tradição Borda Incisa, com incisões, mas também com apliques modelados fixados nas bordas, e também da Tradição Inciso-Punteado com incisões e ponteados acompanhando a linha da boca da vasilha.

diferenciar complejos arqueológicos. La forma del borde depende de la manera cómo se accede al contenido de los recipientes, cómo se vierten los líquidos, y cómo los recipientes pueden ser tapados. A partir de un fragmento de borde es posible reconstruir, al menos en parte, el contorno de las vasijas. Un borde puede variar en relación a la inclinación, la morfología y el espesor. De acuerdo a la inclinación puede ser: recto, evertido o invertido. La morfología varía entre: directo (cuando no hay cambio de inclinación), "cambada" (cuando hay un cambio gradual de inclinación) y carenada (cuando hay un cambio de ángulo abrupto); el grosor de borde puede ser: regular, engrosado o adelgazado (cuando hay un aumento o disminución en la proximidad del labio respectivamente); el engrosamiento interno y/o externo (con aumento de arcilla) y reforzado doblado (el dobles forma un hueco en el borde). Algunos complejos cerámicos de la Amazonía se caracterizan por presentar la mayor frecuencia de decoraciones en esta parte de la vasija, como la tradición cerámica Borde Incisa, que presenta además de incisiones, aplicaciones modeladas adheridas a los bordes y también la Tradición Inciso-Punteado con incisiones y punteados acompañando la línea de la boca de la vasija.

CACHIMBO
PIPA
PIPE



Objeto utilizado para fumar, confeccionado em cerâmica ou em outros materiais. Possui duas partes: o forninho, onde é colocado o fumo, e o tubo que conecta o forninho à boca. Os cachimbos de cerâmica podem ser tubulares (um tubo simples) ou angulares (formando um ângulo entre o forninho e o tubo), e assumir diferentes aspectos: antropomorfo, zoomorfo, falomorfo, etc. Na Amazônia, os cachimbos tubulares ocorrem no Marajó, desde a fase Mangueiras, enquanto que em Santarém são mais comuns os cachimbos angulares, muitos deles com motivos florais, o que pode indicar uma influência pós-colonial.

Objeto utilizado para fumar, confeccionado de cerámica u otros materiales. Posee dos partes: la cazoleta, donde es colocado el tabaco, y el caño, que conecta la cazoleta con la boquilla. Las pipas de cerámica pueden ser tubulares (un solo tubo) o angulares (formando un ángulo entre la cazoleta y el tubo) y tomar diferentes aspectos: antropomorfo, zoomorfo, falomorfo, etc. En la Amazonía las pipas tubulares aparecen en Marajó desde la fase Mangueiras, mientras que en Santarém son más comunes las pipas angulares, muchas de ellas con motivos florales, lo que puede indicar una influencia postcolonial.

CARENA
CARENA
CARINATED BODY

Porção angular no contorno do corpo da vasilha cerâmica, que forma um ponto de inflexão (o termo advém de *corner point*). Localiza-se, em geral, na porção mesial e proximal, sendo mais

Porción angular del contorno del cuerpo de la vasija cerámica que forma un punto de inflexión (el término deriva de corner point). Generalmente, se encuentra situado en la parte mesial y proximal,



raro na porção distal do recipiente. Pode ocorrer tanto na parte interna quanto externa, e uma ou mais vezes no contorno do pote, o que aumenta o grau de dificuldade para a sua execução. É comum essa mudança angular ser acompanhada de algum elemento decorativo, delimitando os campos decorativos específicos das vasilhas.

siendo más raro en la porción distal del recipiente. Puede aparecer tanto en la parte interna y externa, y una o más veces en el contorno de la vasija, lo que aumenta el grado de dificultad de su ejecución. A menudo este cambio angular es acompañado de algún elemento decorativo, delimitando campos decorativos específicos de las vasijas.

**CARIMBO
SELLO
STAMP**



Objeto cilíndrico confeccionado em cerâmica ou em outro material como madeira e osso apresentando desenhos em alto relevo. É utilizado para imprimir padrões gráficos tanto em vasos cerâmicos quanto no corpo. Pode ter vários formatos, ser perfurado ou maciço. É um artefato amplamente utilizado entre os povos indígenas contemporâneos da Amazônia.

Objeto cilíndrico elaborado en cerámica u otro material como madera o hueso, presentando diseños en alto relieve. Se utiliza para la impresión de patrones gráficos tanto en vasijas de cerámica como en el cuerpo. Puede tener varios formatos, ser perforado o sólido. Es un implemento ampliamente utilizado entre los pueblos indígenas contemporáneos de la Amazonía.

**COLHER
CUCHARA
SPOON**



Objetos cerâmicos compostos por um corpo no formato de uma pequena tigela com um orifício lateral que é acoplado a um tubo. Meggers e Evans (1957) denominaram “colheres” objetos deste tipo encontrados em sítios Marajoara, mas é possível que tenham tido outra função como, por exemplo, lâmpara, cachimbo ou inalador.

Objeto cerámico compuesto de un cuerpo en forma de un recipiente pequeño y un orificio lateral terminando en pequeño tubo. Meggers y Evans (1957) denominaron “cucharas” a objetos de este tipo que se encuentran en los sitios Marajoara, pero podrían haber tenido otra función, por ejemplo, lámpara, pipa o inhalador.

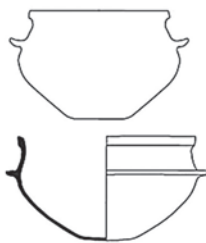
**ESTATUETA
FIGURINA
FIGURINE**



Esculturas cerâmicas que replicam corpos humanos, animais ou híbridos em dimensões reduzidas. Na Amazônia, as estatuetas geralmente são modeladas ou produzidas em roletes, por vezes combinando as duas técnicas, além do uso de apliques, incisões e pintura para compor detalhes do rosto e da decoração corporal. Podem ser sólidas ou ocas e, não raro, são usadas como chocalhos. Ocorrem como item raro em muitos complexos cerâmicos, mas no Marajó e em Santarém são extremamente recorrentes e padronizadas, com modos bem característicos de representar o corpo (Barreto, 2014). No Marajó há a típica simbiose entre a forma fálica e a do corpo humano, em geral feminino, enquanto em Santarém alguns personagens são retratados de forma mais detalhada e canônica, com destaque para os adornos corporais, incluindo muiraquitãs, e mulheres com ventres inchados indicando gravidez (Nascimento, 2012). No Marajó, muitas estatuetas são fraturadas no pescoço, sugerindo decapitação intencional no seu

Esculturas cerámicas que reproducen cuerpos humanos, animales o híbridos de pequeñas dimensiones. En la Amazonía, las figurinas son casi siempre elaboradas mediante las técnicas de modelado o rodete, combinando a veces ambas técnicas, además del uso de aplicaciones, incisiones y pintura para componer los detalles del rostro y la decoración corporal. Pueden ser sólidas o huecas y, a menudo, también son sonajeras. Se presentan como objetos raros en muchos complejos cerámicos, pero en Marajó y Santarém son muy recurrentes y estandarizados, con formas muy características de representar el cuerpo (Barreto, 2014). En Marajó hay la simbiosis típica entre la forma fállica y el cuerpo humano, en general femenino, mientras que en Santarém algunos personajes son retratados con más detalle y de forma canónica, destacando los adornos corporales, incluyendo muiraquitãs, y mujeres con vientres hinchados indicando embarazo (Nascimento, 2012). En Marajó, muchas figurinas se encuentran fracturadas del cuello, lo que sugiere la decapitación intencional

FLANGE
REBORDE
FLANGE



descarte. Em ambos os complexos, as estatuetas possivelmente são objetos de uso ritual, tanto por remeterem aos temas da reprodução sexual e da transformação corporal, quanto pelo seu uso como chocalhos.

Flanges são extensões da borda externa (flanges labiais) ou do corpo da vasilha (flanges mesiais) formando uma pequena superfície horizontal. As flanges labiais geralmente distam entre 2 e 5 cm do lábio. Podem ser contínuas (fabricadas na mesma sequência de roletes do vaso) ou produzidas separadamente, pela união de dois ou mais roletes, que são afixados posteriormente no corpo do vaso, já no estágio de secagem. A união entre o rolete do corpo e o rolete da flange é feita através de um encaixe: fissuras no sentido oposto ao rolete, obtidas por um instrumento pontiagudo ou pela própria unha. São aplicadas sobre as extremidades a serem unidas, criando um encaixe. Uma vez afixada a flange, o ponto de união é recoberto por uma camada de argila em estado bastante plástico, em seguida posta para secar. Flanges labiais são muito frequentes entre os materiais Pocó-Açutuba, enquanto que as mesiais são mais comuns nos vasos Guarita da Tradição Policroma, podendo ser consideradas como um dos traços diagnósticos dessas tradições cerâmicas. Uma variedade de técnicas e motivos decorativos são aplicados na sua face superior, a mais visível. Entre as técnicas utilizadas estão excisões, incisões e modelagens, muitas vezes com apêndices zoomorfos.

FUROS
PERFORACIONES
HOLES

Os furos nas vasilhas podem servir para diferentes funções e, por isso, podem surgir em diferentes etapas da vida útil dos vasilhames. Para a amarração, o furo geralmente é feito para que se possa suspender a vasilha sobre o fogo ou para facilitar seu armazenamento e transporte. Ocorrem também em urnas funerárias, para amarrar a tampa ao corpo da urna (e.g. urnas Maracá). Nesses casos, os furos são feitos antes da queima, geralmente no bojo superior ou na borda do vaso, com a argila ainda úmida, utilizando-se um artefato pontiagudo. Os furos também podem ter a função de dar uma “sobrevida” ao vasilhame, para reparar a fissura

de su descarte. En ambos complejos las figurinas parecen constituir objetos de uso ritual, tanto por referirse a las cuestiones de la reproducción sexual y la transformación del cuerpo, como por su uso de sonajeros.

Los rebordes son expansiones externas del borde (reborderes labiales) o del cuerpo de la vasija (reborderes mesiales) que forman una pequeña superficie horizontal. Los rebordes labiales generalmente se extienden entre 2 y 5 cm del labio. Estos pueden ser continuos (fabricados en la misma secuencia de rodetes del recipiente) o producirse por separado, por la unión de dos o más rodetes que son posteriormente fijados al cuerpo del recipiente, durante la etapa del secado. La unión entre el rodete del cuerpo y el rodete del reborde, se realiza a través de un engranaje creado mediante ranuras en sentido opuesto al rodete, obtenidas con un instrumento puntiagudo o por la propia uña, en los extremos a ser unidos. Una vez fijado el reborde, el punto de acoplamiento es cubierto por una capa de arcilla en estado suficientemente plástico y puesto a secar. Los rebordes labiales son muy frecuentes entre los materiales Pocó-Açutuba, mientras que los mesiales son más comunes en las vasijas Guarita de la Tradición Policroma y puede considerarse como una de las características diagnósticas de estas tradiciones cerámicas. Una amplia gama de técnicas y motivos decorativos se aplican en la parte superior y más visible. Entre las técnicas utilizadas son excisiones, incisões y modelados, a menudo con apéndices zoomorfos.

Las perforaciones en las vasijas pueden servir para diferentes funciones y por eso puede surgir en diferentes etapas de la vida de la vasija. Por lo general la perforación es hecha para atravesar un cordel y poder suspender el recipiente sobre el fuego o para facilitar el almacenamiento y el transporte. También se producen en urnas funerarias, con el fin de vincular la tapa al cuerpo de la urna (Ej. urnas Maraca). En tales casos, las perforaciones se hacen en la parte superior del cuerpo o en el borde del recipiente, antes de la cocción, cuando la arcilla está todavía húmeda, utilizando un artefacto puntiagudo. Las perforaciones también cumplen la función de alargar la vida de la vasija,

ou quebra de uma superfície. Nesse caso, os furos são feitos depois da queima do vaso, através de movimentos rotativos, de abrasamento, com perfurações em ambos os lados das rachaduras. Em geral, esses furos são realizados somente em vasos de manufatura complexa. Um caso recente foi identificado em uma urna policrômica em um sítio do alto Madeira (Zuse, 2014). Se os furos podem dar uma sobrevida a alguns vasos, eles podem igualmente tirar a vida de outros, inutilizando-os definitivamente, como tem sido identificado em alguns contextos amazônicos.

para reparar la fisura o ruptura de una superficie. En este caso, los agujeros son hechos después de la cocción del recipiente, mediante actos de rotación o desgaste y se llevan a cabo a lo largo de ambos lados de las grietas. En general, estas perforaciones no se realizan en recipientes de fabricación compleja. Un caso reciente fue identificado en una urna policroma en un sitio del Alto Madera (Zuse, 2014). Si las perforaciones pueden alargar la vida de algunos recipientes, ellos pueden también tomar la vida de otros, inutilizándolos definitivamente como ha sido identificado en algunos contextos amazónicos.

GARGALO
CUELLO DE
BOTELLA O
GARGANTA
BOTTLENECK



Parte superior de um vasilhame que possui uma abertura mais estreita que o bojo, podendo ser mais alongado (formando um cilindro) ou curto (formando uma seção anelar). Determinados tipos de vasos com gargalo são um elemento diagnóstico das cerâmicas Santarém e Konduri, no baixo Amazonas.

Parte superior de una vasija con una abertura más estrecha que el cuerpo, pudiendo ser más alargado (formando un cilindro) o corto (formando una sección anular). Determinados tipos de vasijas con cuello son elementos diagnósticos de la cerámica Santarém y Konduri en el bajo Amazonas.

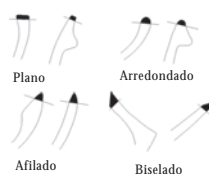
**INSTRUMENTO
MUSICAL**
INSTRUMENTO
MUSICAL
**MUSICAL
INSTRUMENT**



Objetos cerâmicos que produzem sons são identificados em alguns complexos cerâmicos da Amazônia, como as estatuetas-chocalho (comuns nas cerâmicas Marajoara e Santarém) e os pratos-chocalho (Marajoara e Shipibo-Conibo). Existem também instrumentos de sopro, como os apitos (também presentes em Santarém), e provavelmente outras peças cerâmicas com orifícios tenham sido usadas para este fim.

Objetos de cerámica que producen sonido son conocidos en algunos complejos cerámicos de la Amazonía, como las figurinas sonajeras (comunes en la cerámica Marajoara y Santarém), y platos sonajeros (Marajoara y Shipibo-Conibo). También hay instrumentos de viento, tales como silbatos (también presentes en Santarém), y es posible que otras piezas de cerámica con orificios también fueran usadas con este fin.

LÁBIO
LABIO
LIP



É a extremidade da borda. Na sua seção transversal pode apresentar diferentes morfologias: plano, arredondado, apontado, biselado, serrilhado, ondulado, com sulco, entre outros. Diz-se ainda que o lábio é recortado quando a linha do lábio ao longo da borda foi cortada na forma de algum desenho (ondulado, escalonado, em pétalas, etc.).

Es el extremo del borde. Su sección transversal puede presentar diferentes morfologías: plana, redondeada, punteada, biselada, aserrada, ondulada, acanalada, entre otros. Se dice, además, que el labio es recortado cuando la línea del labio a lo largo del borde fue cortado con el fin de hacer algún diseño (ondulado, escalonados, en pétalos, etc.).

MINIATURA
MINIATURA
MINIATURE

Objetos em dimensões diminutas, que replicam itens característicos do repertório cerâmico de um determinado grupo. Em geral são feitos em contextos de treino e aprendizado por jovens artesãs, que tentam replicar os gestos, técnicas e toda a sequência produtiva da cerâmica, experimentando com a argila repetidas vezes até

Réplicas en dimensiones diminutas de objetos característicos del repertorio cerámico de un determinado grupo. Generalmente son realizados en contextos de ensayo y aprendizaje por jóvenes artesanos que tratan de replicar aspectos, técnicas y toda la secuencia productiva, experimentando con la arcilla repetidas veces, hasta que puedan elaborar

OMBRO
HOMBRO
SHOULDER

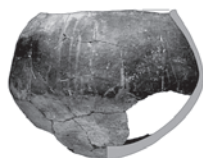
conseguir produzir os vários tipos de vasilhas, dentro dos padrões técnicos e estéticos aceitos pelo grupo. Ocorrem com maior frequência em alguns complexos cerâmicos, especialmente nos estilos mais elaborados da cerâmica Marajoara.

los diferentes tipos de vasijas dentro de las normas técnicas y estéticas aceptadas por el grupo. Se producen con mayor frecuencia en algunos complejos cerámicos, especialmente en aquellos estilos más elaborados de cerámica Marajoara.

Parte ressaltada da vasilha, abaixo de uma constrição e acima do bojo, formando uma inflexão curvilínea no seu contorno. Os ombros podem ser mais ou menos acentuados e servem de suporte para apêndices modelados, como, por exemplo, nas urnas funerárias Paredão e outros elementos decorativos.

Parte de la vasija que resalta, por debajo del borde o cuello y encima del diámetro máximo del cuerpo, formando una inflexión curvilínea en su contorno. Los hombros pueden ser más o menos acentuados y servir de apoyo para los apéndices modelados, como por ejemplo en las urnas funerarias Paredão, u otros elementos decorativos.

PANELA
OLLA
PAN



Termo utilizado na arqueologia amazônica para se referir, de modo genérico, às cerâmicas de origem indígena e não indígena. No caso das cerâmicas arqueológicas de origem indígena, o termo panela geralmente é utilizado para recipientes com maior abertura do diâmetro da boca e do corpo, maior profundidade, apresentando tamanhos variados, sendo produzidos especialmente para ir ao fogo. Entretanto, na relação entre forma e função, dados etnoarqueológicos da cerâmica dos Asurini do Xingu, na Amazônia Oriental, indicam que o termo panela é usado tanto para os recipientes que vão ao fogo (cozinhar) quanto aqueles que não vão ao fogo (servir). Na descrição das cerâmicas arqueológicas o termo panela está mais relacionado às características da forma das cerâmicas e menos às evidências de uso.

Término utilizado en la arqueología amazónica para referirse genéricamente a la cerámica de origen indígena y no indígena. En el caso de las cerámicas arqueológicas de origen indígena, el término olla, se utiliza generalmente para los recipientes de una mayor apertura de diámetro de la boca y el cuerpo, con mayor profundidad y de variadas dimensiones, producidas especialmente para estar en contacto con el fuego. Sin embargo, la relación entre forma y función, en los datos etnoarqueológicos de la cerámica Asurini de Xingu, en la Amazonía Oriental indican que el término "panela" es utilizado, tanto para las vasijas que van al fuego (para cocinar), como aquellas que no van al fuego (para servir). En la descripción de las cerámicas arqueológicas el término olla está más relacionado con las características de la forma de la cerámica y al menos evidencia de su uso.

PÉ
PATA O SOPORTE
FOOT

Apêndice colocado na base de recipientes para fins de sustentação. Quanto à manufatura, podem ser sólidos ou ocos; em relação à forma, cilíndricos, cônicos, esféricos, hiperbólicos, zoomorfos, etc. Recipientes com três pés (trípodes) são comuns nas cerâmicas de Llanos de Mojos (Bolívia) e nas cerâmicas Konduri (no baixo Amazonas).

Apéndice colocado en la base del recipiente para fines de apoyo. En cuanto a su manufactura pueden ser: sólidos o huecos; en cuanto a su forma: cilíndricos, cónicos, esféricos, hiperbólicos, zoomorfos, etc. Vasijas trípodes (tres soportes) son comunes en la cerámica de los Llanos de Mojos (Bolivia) y la cerámica Konduri (en el bajo Amazonas).

PESCOÇO
CUELLO
NECK

Parte estrangulada intermediária entre a borda e o bojo de uma peça cerâmica, muitas vezes demarcada por incisão ou linha pintada.

Parte angosta e intermedia entre el borde y el cuerpo de una pieza de cerámica, a menudo delimitada por una línea incisa o pintada

PESO DE REDE
PESAS DE RED
FISHNET WEIGH

Peça confeccionada em cerâmica ou outro material, utilizada em redes de pesca, especificamente nas redes de pesca de arrastão,

Pieza confeccionada de cerámica u otro material, utilizada en redes de pesca, concretamente en las redes de pesca de arrastre, emplazadas

posicionadas verticalmente dentro d'água, e que necessitam de pesos para se manter nesta posição. Podem ser feitos em forma esférica, cilíndrica ou bicônica, vazada ou não, com entalhes para encaixar o fio que liga o peso à rede.

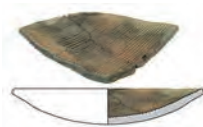
verticalmente y que necesitan de pesas, para mantenerse en esta posición dentro del agua. Las pesas pueden tener forma esférica, cilíndrica o bicónica, estar perforadas o no y presentan muescas para encajar el hilo que sujeta la pesa a la red.

PRATO
PLATO
PLATE

Termo utilizado na arqueologia amazônica para descrever, nomear ou classificar a morfologia dos recipientes cerâmicos rasos e irrestritivos (abertos), cujo corpo é em geral circular, e constituído por base e borda. São usados para servir alimento. Como 'pratos', na cerâmica de origem indígena identificam-se formas de diâmetros variados, em geral com tamanhos superiores aos pratos de origem europeia. Em alguns complexos cerâmicos os 'pratos' apresentam alças, bases anelares, bordas ocas ou recortadas. Os pratos presentes nos complexos associados à Tradição Polícroma e complexos cerâmicos Marajoara, Santarém e Tupi-Guarani, apresentam grafismos incisos e pintados, apliques e figuras modeladas de forte expressão simbólica e performance visual. Os torradores de cerâmicas, em alguns casos, também são identificados como pratos.

Término utilizado en la arqueología amazónica para describir, nombrar o clasificar la morfología de recipientes cerámicos planos e irrestrictos (abiertos), cuyo cuerpo es generalmente circular y consta de base y borde. Son utilizados para servir comida. En cerámicas de origen indígena, los platos tienen diámetros variables, generalmente con tamaños superiores a los platos de origen europeo. En algunos complejos cerámicos los platos presentan asas, bases anulares, bordes huecos o dentados. Los platos existentes en complejos asociados a la Tradición Polícroma y complejos cerámicos Marajoara, Santarém y Tupí-Guaraní, presentan decoraciones incisivas y pintadas, apliques y figuras modeladas de fuerte expresión simbólica y performance visual. Los tostadores de cerámica, en algunos casos, también son identificados como platos.

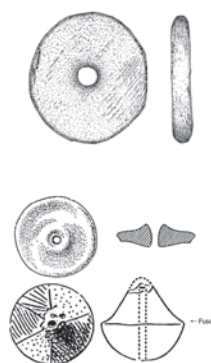
RALADOR DE
CERÂMICA
RALLADOR DE
CERÂMICA
CERAMIC GRATER



Tigelas rasas ou pratos cerâmicos com diâmetros entre 40 a 60 cm, em cuja base interior apresenta incisões paralelas e largas, em formato de "V". Foi a partir de Nimuendaju (2004) e Hilbert (1957) que tais peças cerâmicas foram interpretadas como "raladores" de mandioca, através de comparações etnográficas com antigos relatos dos índios Palikur do Oiapoque. Também foram realizados experimentos que permitiram observar que esfregando a mandioca nesta superfície se obtém uma pasta úmida e compacta (Dougherty; Calandra, 1981-82:43). Embora no Amapá, a maioria das peças seja encontrada em contextos funerários e não apresente marcas de uso nas incisões, centenas de fragmentos encontrados em Llanos de Mojos, ao longo de toda a sequência ocupacional (600-1400 dC) mostram um grande desgaste pelo uso (Jaimes Betancourt, 2012). Os resultados das análises de microvestígios botânicos apontaram um amplo espectro de plantas, sobressaindo-se o milho (Dickau et al., 2012:363).

Cuenca poco profundo o plato de cerámica cuyo diámetro oscila entre 40 a 60 cm. La cara interior tiene profundas incisiones paralelas y largas, en forma de "V". Fue a partir de Nimuendajú (2004) y Hilbert (1957) que estas piezas de cerámica fueron interpretadas como ralladores de yuca, a través de comparaciones etnográficas y antiguos relatos de indios Palikur de Oiapoque. También se llevaron a cabo experimentos que permitieron observar que frotando la yuca, se obtiene una pasta húmeda y compacta (Dougherty; Calandra, 1981-82: 43). Mientras que en Amapá, la mayoría de las piezas son encontradas en contextos funerarios y no presentan marcas de uso en las incisiones; los cientos de fragmentos encontrados en los montículos monumentales al sureste de los Llanos de Mojos, a lo largo de toda la secuencia ocupacional (600-1400 dC), se encuentran muy desgastados por el uso (Jaimes Betancourt, 2012). Los resultados del análisis de microrestos botánicos arrojaron un amplio espectro de plantas, sobresaliendo el maíz (Dickau et al., 2012: 363).

**RODELA OU
TORTUAL DE FUSO
TORTERA
SPINDLE WHORL**



Disco ou pequeno cilindro de cerâmica, com perfuração central, destinado a servir de peso na fiação de algodão e outras fibras. O orifício central serve para a fixação da vareta de madeira (ou haste) que é impulsionada com os dedos para fazer o movimento de rotação, e ajuda a retorcer a fibra e esticá-la em um fio. Na Amazônia são comuns as rodela feitas a partir de fragmentos de paredes de vasilhas cerâmicas, sendo encontradas em diferentes estágios de confecção. Apesar desta forma discoide perfurada ser a mais comum, há também tortuais em formatos mais globulares, cilíndricos, cônicos ou quadrados. Podem ser decorados com linhas incisais formando motivos geométricos, como muitas rodela de fuso encontradas em Marajó (Barbosa, 2007) ou em Llanos de Mojos (Jaimes Betancourt, 2012:186).

Disco o pequeño cilindro de cerámica, con perforación central, que sirve de peso en el hilado de algodón y otras fibras. El orificio central es para traspasar la varilla de madera (o huso) que es impulsado con los dedos para hacer el movimiento de rotación que ayuda a retorcer la fibra hasta que se extienda en un hilo. En la Amazonía son comunes las torteras hechas a partir de la reutilización de fragmentos de cuerpo de vasijas, habiéndose encontrado en diferentes estadios de elaboración. A pesar de ser la forma discooidal perforada la más común, existen también torteras globulares, cilíndricas, cónicas y cuadradas. Ellas pueden ser decoradas con líneas incisais formando motivos geométricos, como muchos de los registrados en Marajó (Barbosa, 2007), o en Mojos (Jaimes Betancourt, 2012: 186).

**TAMPA
TAPA
LID**



Peça feita para fechar o recipiente. É comum, também, a utilização de outras vasilhas emborcadas ou fragmentos grandes para a mesma função. Nas urnas funerárias antropomorfas, tanto nas da Tradição Policroma da Amazônia como nas do Amapá (Maracá e Caviana), a tampa corresponde à cabeça da figura antropomorfa.

Pieza elaborada para cerrar el recipiente. También es común el uso de vasijas volcadas u otros fragmentos grandes que cumplen la misma función. En urnas funerarias antropomorfas tanto en la Tradición Policroma de la Amazonía, como en Amapá (Maracá y Caviana) la tapa corresponde a la cabeza de la figura antropomorfa.

**TANGA
TANGA
PUBIC COVER**



Tangas de cerâmica são peças triangulares, ligeiramente côncavas, amarradas ao quadril e usadas como uma cobertura da região pubiana. São conhecidas somente no Marajó, mas o uso de objeto semelhante foi reportado por Métraux entre grupos Pano do rio Ucayali. Podem ser pintadas, exibindo faixas de desenhos geométricos ou, como é mais comum, tratadas apenas com um engobo avermelhado. Schaan (2006) sugere que esses objetos fossem usados de forma ritual pelas mulheres e que sua iconografia reflete diferenças de status social.

Tangas de cerámica son piezas triangulares, ligeramente cóncavas, atadas a la cadera y usadas como cubierta de la zona púbica. Sólo se conocen en Marajó, pero el uso de un objeto similar fue reportado por Métraux entre los grupos Río Ucayali Pano. Estas pueden estar pintadas, exhibiendo bandas con diseños geométricos o, como es más común, tratadas apenas con un engobe rojo. Schaan (2006) sugiere que se utilizaron estos objetos de manera ritual por las mujeres y que su iconografía refleja las diferencias de estatus social.

**TIGELA
CUENCO
BOWL**

Termo utilizado na arqueologia amazônica para descrever, nomear ou classificar a morfologia dos recipientes cerâmicos com diâmetro da boca maior, igual ou aproximado ao diâmetro do corpo; pouco profundos; apresentando contornos simples ou compostos; forma circular, quadrangular, retangular ou elíptica; base plana, convexa, em pedestal ou anelar (e.g. cerâmica Santarém); bordas

Término utilizado en la arqueología amazónica para describir, nombrar y clasificar la morfología de los recipientes de cerámica con un diámetro de la boca mayor, igual o aproximado al diámetro del cuerpo. Tiene paredes poco profundas, con contornos simples o compuestos; de forma circular, cuadrada, rectangular o elíptica; base plana, convexa, pedestal o anular (Ej. cerámica

com inclinações internas e externas; flange labial e dimensões variadas. Em geral, trata-se de recipientes de fácil manuseio. Conforme fontes históricas e etnográficas, as tigelas eram utilizadas para servir e beber. Em diversos complexos cerâmicos, as tigelas são associadas a rituais de sepultamento e, não raramente, utilizadas como tampas de urnas funerárias. Na Amazônia colonial, tigelas cerâmicas de pequenas dimensões foram empregadas no extrativismo da borracha natural, para a coleta da seiva das seringueiras. O termo tigela aparece em vocabulários Nheêngatú como *perisáua*.

Santarém); *bordes con inclinaciones evertidas o invertidas; rebordes labiales y dimensiones variadas. En general, se trata de recipientes de fácil manipulación. Según las fuentes históricas y etnográficas, los cuencos eran utilizados para servir y beber. En diversos complejos cerámicos, los cuencos están asociados a contextos funerarios y numerosas veces, utilizadas como tapas de urnas funerarias. En la Amazonia colonial, se emplearon pequeños cuencos de cerámica en la extracción del caucho natural de los árboles de goma para recoger la savia. El nombre "tigela" aparece en Nheêngatú como perisáua.*

TREMPE OU
SUPORTE DE
PANELA
ASIENTO DE OLLA
POT STAND



Trempe cerâmicas são suportes de forma cilíndrica, utilizados para apoiar panelas ou assadores que vão ao fogo. Três ou mais trempe são dispostas ao redor do fogo, permitindo a elevação e a estabilidade da vasilha. Podem ser maciças ou ocas, e por vezes perfuradas. São muito comuns nos sítios arqueológicos nas proximidades de Manaus, principalmente na fase Paredão (séc. VII ao XII), e nos montículos de Llanos de Mojos. Nestes casos, elas são suportes compactos, em forma de ogiva, medindo em média 20 cm de diâmetro e 30 cm de altura. Em geral são artefatos expeditos, feitos com argila de baixa qualidade e sem acabamento de superfície, sendo possível, muitas vezes, identificar impressões e marcas de dedos na superfície, e queimados com o próprio uso. Em contexto arqueológico é comum encontrar os fragmentos de trempe em elevado estágio de degradação, podendo ser facilmente confundidos com terra queimada.

Soportes cerámicos de forma cilíndrica utilizados para apoyar ollas o tostadores al fuego. Tres o más soportes son dispuestos alrededor del fuego, permitiendo la elevación y estabilidad de la vasija. Pueden ser macizos o huecos y a veces perforados. Son muy comunes en los sitios arqueológicos de cerca de Manaos, principalmente en la fase Paredão (Siglo VII a XII) y en los montículos de los Llanos de Mojos. En ambos casos, son los soportes compactos en forma de ojiva, midiendo 20 cm de diámetro y 30 cm de alto. Son generalmente artefactos toscos, hechos con arcilla de baja calidad y sin acabado de superficie, siendo muchas veces posible identificar impresiones y marcas de los dedos en la superficie, quemados con su propio uso. En contexto arqueológico es común encontrar fragmentos de soportes en un elevado estadio de degradación, pudiendo ser fácilmente confundido con tierra quemada.

URNA FUNERÁRIA
URNA FUNERARIA
FUNERARY URN



Trata-se de qualquer vasilha cerâmica utilizada para a inumação primária ou secundária de restos humanos. Na Amazônia, o termo “urna” muitas vezes é usado para designar recipientes de grandes dimensões, ainda que não se tenha certeza do uso funerário, podendo ter servido também para a estocagem e fermentação de líquidos. São encontradas em diversos contextos (poços, tesos, grutas, etc.), isoladas ou em conjuntos, contendo ossos em de um ou mais indivíduos, e em diferentes estados (inteiros, cremados ou semicremados), às vezes acompanhados de outros objetos e oferendas

Es cualquier recipiente de cerámica utilizada para el entierro primario o secundario de los restos humanos. En la Amazonia, el término "urna" se utiliza a menudo para referirse a grandes vasijas, aunque no se tenía la certeza del uso funerario, pudiendo haber servido también para el almacenamiento y fermentación de líquidos. Se encuentran en diversos contextos (pozos, montículos, cuevas, etc.), de forma individual o en conjunto, conteniendo huesos de uno o más individuos y en diferentes estados (enteros, incinerados o semicremados), a veces acompañados de otros objetos y ofrendas (vasijas,

(potes, lâminas de machado, etc.). O enterro de restos humanos (e às vezes de animais) em urnas é comum em toda a Amazônia, iniciando-se em complexos cerâmicos da Tradição Borda Incisa. Torna-se bem mais frequente no primeiro milênio AD e, sobretudo, com a expansão da Tradição Polícroma, por volta do ano 1000, durante a qual as urnas adquirem padrões antropomorfos, muitas vezes representando indivíduos sentados. Barreto (2009) associa os diferentes modelos de urna funerária a diferentes matrizes cosmológicas.

láminas de hacha, etc.). El entierro de los restos humanos (y a veces animales) en urnas, es común en toda la Amazonía, a partir del complejo cerámico de la Tradición Borde Incisa, tornándose más frecuente en el primer milenio de nuestra era, y sobre todo con la expansión de la Tradición Polícroma, alrededor del año 1.000, durante el cual las urnas adquieren patrones antropomorfos, muchas veces representando a individuos sentados. Barreto (2009) asocia los diferentes modelos de urna funeraria a diferentes matrices cosmológicas.

VASILHA
VASIJA
VESSEL

Termo empregado na descrição das coleções cerâmicas arqueológicas para designar qualquer recipiente cerâmico sem nenhuma característica morfológica implícita. Assim, uma vasilha cerâmica é qualquer recipiente, independente da sua forma, tamanho ou função.

Término empleado en la descripción de las colecciones de cerámicas arqueológicas para referirse a cualquier recipiente cerámico, sin ninguna característica morfológica implícita. Por lo tanto, una vasija de cerámica es cualquier recipiente, independientemente de su forma, tamaño o función.

VASO DE
CARIÁTIDES
VASO DE
CARIÁTICES
CARYATID VASE



Tipo de vaso característico da cerâmica Santarém, assim denominado por Frederico Barata na década de 1950, devido à posição semelhante das figuras antropomorfadas do vaso às das cariátides gregas, figuras femininas, pilares de templos que se sustentavam em suas cabeças. O vaso tapajônico é composto por três partes: 1) uma base de formato hiperbólico, em geral decorada com incisões e ponteados; 2) três pequenas figuras antropomorfadas (as cariátides) dispostas sobre a base; 3) um vaso em meia calota, apoiado sobre a cabeça das cariátides, com flange mesial suportando diferentes apêndices duais, contendo figuras humanas e pássaros. O vaso tem uma capacidade volumétrica média de 700 ml, e possivelmente teria sido usado como um tipo de taça para o consumo de bebidas. Gomes (2010) atribui a divisão tripartite do vaso à representação da estrutura do cosmos em céu, terra e mundo subterrâneo, comum em algumas sociedades ameríndias amazônicas até hoje. Este tipo de vaso também é muito característico da maneira tapajônica de representar a instabilidade ou transformação das formas corporais, que Gomes associa a ontologias perspectivistas.

Tipo de vaso característico de la cerámica de Santarém, denominado así por Frederico Barata en la década de 1950, debido a la semejanza de las figuras antropomorfadas del vaso con las cariátides griegas, figuras femeninas, que servían como pilares que sostenían el templo con sus cabezas. El vaso tapajónico se compone de tres partes: 1) una base de forma hiperbólica, generalmente decorada con incisiones y punteado; 2) tres pequeñas figuras antropomorfadas (las cariátides) dispuestas sobre la base; 3) un vaso de media cúpula que descansa sobre la cabeza de las cariátides, con reborde mesial, soportando diferentes apéndices duales, con figuras humanas y pájaros. El vaso posee una capacidad volumétrica de 700 ml en promedio, y pudo haber sido utilizado como una especie de taza para el consumo de bebidas. Gomes (2010) atribuye la división tripartita del vaso a la representación de la estructura del cosmos en cielo, tierra y el mundo subterráneo, común a algunas sociedades ameríndias de la Amazonía hasta la actualidad. Este tipo de vaso es también muy característico de manera tapajónica de representar la inestabilidad o la transformación de las formas corporales, que Gomes asocia a ontologías perspectivistas.

VASO DE GARGALO
VASO DE CUELLO
DE BOTELLA
BOTTLENECK VASE



Tipo de vaso característico da cerâmica Santarém, formado por um gargalo estreito, um bojo com colo, com a representação de uma face antropomorfa, apêndices laterais opostos figurando pequenos seres, sobre uma base em pedestal. É provável que tenham sido usados para fins cerimoniais, contendo líquidos, mas em pequena quantidade, haja vista a capacidade volumétrica reduzida (em torno de 300 ml). São decorados com tratamento plástico, algumas vezes representando rostos, figuras zoomorfas ou elementos não reconhecíveis (Guapindaia, 2004). A iconografia de caráter narrativo é organizada de modo bastante padronizado, sendo representados vários animais (urubu-rei, pássaros, cachorro do mato, etc.) e seres híbridos, sobrepostos às cabeças de jacarés que se prolongam nos apêndices laterais. Apêndices de rãs são também colocados em faces opostas da vasilha (Gomes, 2001).

Tipo de vaso característico de la cerámica Santarém, formado por un cuello estrecho, con un cuerpo globular con extensiones a ambos lados, con la representación de un rostro antropomorfo, apéndices laterales opuestos figurando pequeños seres, sobre una base pedestal. Es probable que haya sido utilizado para fines ceremoniales, conteniendo líquido, pero en pequeña cantidad, debido a su reducida capacidad volumétrica (unos 300 ml). Están decorados con técnicas plásticas, algunas veces representando rostros, figuras zoomorfas o elementos no reconocibles (Guapindaia, 2004). La iconografía de carácter narrativo está organizada de una manera muy estandarizada, siendo representados varios animales (cóndor real, pájaros, perro de monte, etc.) y seres híbridos superpuestos a cabezas de caimanes que se extienden a los apéndices laterales. También están colocados a los lados opuestos de la vasija apéndices en forma de ranas (Gomes, 2001).

CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS DAS OCUPAÇÕES CERAMISTAS

ALDEIAS
CIRCULARES
ALDEAS CIRCULARES
CIRCULAR VILLAGES



Aldeias circulares foram e continuam sendo recorrentes na Amazônia há pelo menos três mil anos. Quando os grupos humanos começaram a se estabelecer em assentamentos permanentes, com maior produção de cerâmica e contingentes populacionais mais elevados, esta forma de organização do espaço de moradias já estava presente. Pesquisas arqueológicas evidenciaram aldeias com casas distribuídas ao redor de um pátio central, desde o complexo cerâmico Pocó. A forma circular das aldeias pode ser evidenciada arqueologicamente através de concentrações de vestígios no próprio local das casas, nas lixeiras das imediações e por uma quase inexistência de vestígios arqueológicos na praça ou pátio central. De acordo com informações históricas, esta forma de organização de aldeias é mais recorrente entre grupos Arawak, na Amazônia (Heckenberger, 2007), e entre grupos Gê, no Brasil Central (Barreto, 2011)

Aldeas circulares han sido y siguen siendo recurrentes en la Amazonía durante por lo menos tres mil años. Cuando los grupos humanos comenzaron a establecerse en asentamientos permanentes, con mayor producción de cerámica y contingentes poblacionales más elevados, esta forma de organización del espacio de vivienda ya estaba presente. Investigaciones arqueológicas evidencian aldeas con casas, distribuidas alrededor de un patio central, ya desde el complejo cerámico Pocó. La forma circular de las aldeas se puede manifestar arqueológicamente a través de concentraciones de vestigios en el lugar de las casas, en los vertederos cercanos y una casi ausencia de restos arqueológicos en la plaza o patio central. De acuerdo con informaciones históricas, esta forma de organización de aldeas es más frecuente entre los grupos Arawak en la Amazonía (Heckenberger, 2007), y entre los grupos Gê en el centro de Brasil (Barreto, 2011).

CAMPOS ELEVADOS
CAMELLONES O
PLATAFORMAS
ELEVADAS DE
CULTIVO
RAISED FIELDS



É um sistema de agricultura no qual os terrenos são construídos acima da superfície natural da terra, com o objetivo de melhorar as condições de cultivo e drenar o solo para evitar inundações. Este tipo de obra foi documentada no Peru, Bolívia, Equador, Guianas, Colômbia, Venezuela, Belize, México e Estados Unidos. Os campos de cultivo apresentam diversas morfologias (ondulações, plataformas, e montículos) e têm dimensões variadas. Por exemplo, os campos elevados do Rio Iruyanez, Llanos de Mojos, são construções de 60 cm de altura, de 300 m de comprimento e 10 a 25 m de largura (Denevan 1968; Walker 2004).

Es un sistema de agricultura en el cual los terrenos son construidos por encima de la superficie natural de la tierra, con el objetivo de mejorar las condiciones de cultivo y drenar el suelo para evitar las inundaciones. Se han documentado este tipo de obras en: Perú, Bolivia, Ecuador, Guayanas, Colombia, Venezuela, Belice, México y Estados Unidos. Los campos de cultivo son de diversas formas (ondulaciones, plataformas y montículos) y tienen dimensiones variadas. Por ejemplo: Los campos elevados del Río Iruyañez, Llanos de Mojos, son construcciones de 60 cm de altura, 300 m de longitud y 10 a 25 m de ancho (Denevan 1968; Walker 2004).

CANAIS
CANALES
CANALS

Canais são obras de reestruturação recorrentes na paisagem amazônica. Podem se estender por vários quilômetros e estão geralmente associados a montículos, campos elevados de cultivo, ilhas e terrenos aplainados. Dependendo da região ou terreno, os canais artificiais serviram para encurtar distâncias, formando parte de uma rede fluvial de transporte ou foram construídos para o manejo e distribuição de águas captadas de rios, lagos e pântanos, tanto a nível local como regional.

Son obras de modificación recurrentes en el paisaje amazónico. Los canales pueden abarcar varios kilómetros y están generalmente asociados a montículos, campos elevados de cultivo, islas y terraplenes. Dependiendo de la región y terreno, los canales artificiales sirvieron para acortar distancias formando parte de una red fluvial de transporte o fueron construidos para el manejo y distribución de aguas captadas en ríos, lagos y pampas tanto a nivel local como regional.

ESTRADAS E
CAMINHOS
CALZADAS O
CAMINOS
CAUSEWAYS AND
PATHS

Estruturas ou vias formalmente construídas demarcadas e planejadas com a função de conectar locais específicos: aldeias, locais de agricultura, áreas domésticas, cemitérios, etc. Por meio das estradas ou caminhos cria-se uma rede de integração regional e inter-regional. Provavelmente esses caminhos eram usados para o deslocamento a pé. Abrangem extensões diferenciadas e estruturas complexas, construídas a partir do empilhamento de solo escavado em um ou ambos os lados. Desde o primeiro relato de Carvajal (1556) mencionando os caminhos subindo e descendo os barrancos e estradas que partiam dos assentamentos nas beiras do rio rumo ao interior, as estradas e caminhos têm sido documentados em várias partes da Amazônia, como nos Llanos de Mojos, na Venezuela, no litoral das Guianas, em Belterra (próximo a Santarém), nos rios Negro, Urubu, Trombetas, Xingu e no litoral do Pará. Eles são parte da transformação da paisagem feita pelas sociedades nativas da Amazônia para fins políticos, econômicos, sociais, simbólicos e cosmológicos.

Estructuras formalmente construidas, delimitadas y planificadas con el propósito de conectar lugares específicos: aldeas, zonas agrícolas con áreas domésticas, cementerios, etc. Mediante las calzadas o caminos se crea una red regional e interregional. Presumiblemente estos caminos fueron utilizados para el transporte a pie. Poseen diferentes tamaños y complejidades y fueron construidos apilando tierra excavada en uno o ambos lados. Desde el primer informe de Carvajal (1556) se mencionan los caminos hacia arriba y abajo de los barrancos, otros caminos que conducían de los asentamientos en las orillas del río hacia el interior, las calzadas y caminos se han documentado en muchas partes de la Amazonía, como en los Llanos de Mojos, Venezuela, en la costa de Guyana, en Belterra (cerca de Santarem), el río Negro, Urubu, Trompetas, Xingu, y la costa de Pará. Ellos son parte de la transformación del paisaje hecho por las sociedades nativas amazónicas con fines políticos, económicos, sociales, simbólicos y cosmológicos.

ESTRUTURAS DE
TERRA
ESTRUCTURAS DE
TIERRA
EARTHWORKS

Construções feitas com terra ou no solo escavado. Estas obras envolvem movimentação de terra para construir estruturas como terraços, plataformas, ilhas de terra ou tesos, caminhos, estradas elevadas, praças, canteiros elevados, barragens, restingas, poços, lagos artificiais e geoglifos. Essas feições arqueológicas foram primeiramente identificadas em regiões periféricas na Amazônia, em áreas de savanas sazonalmente alagadas, inclusive na Ilha de Marajó, nos Llanos de Mojos da Bolívia, nos Llanos da Venezuela e no litoral das Guianas. Pesquisas mais recentes têm identificado estruturas de terra no sopé dos Andes, nas calhas dos principais rios, nas cabeceiras do rio Xingu e no sudoeste da Amazônia (os geoglifos). Estas descobertas indicam que, em contraste com os povos dos Andes e da América Central, os povos da Amazônia não tinham costume de construir com pedras e, em vez disso, usavam a técnica de construir com terra, assim como os povos do rio Mississippi e do leste dos Estados Unidos.

Construcciones hechas de tierra. Estas obras implican movimientos de tierra para construir estructuras como montículos, plataformas, islas de tierra o tiestos, caminos, calzadas elevadas, plazas, campos elevados, represas, pantanos, pozos, estanques y geoglifos. Estas características arqueológicas fueron primero identificadas en regiones periféricas a la Amazonía, en áreas de sabanas inundadas estacionalmente, incluyendo la Isla de Marajó, los Llanos de Mojos de Bolivia, en los Llanos de Venezuela y la costa de Guayanas. Investigaciones más recientes han identificado estructuras de tierra al pie de los Andes, en las cabeceras de los principales ríos, las cabeceras del río Xingu, y en el suroeste de la Amazonia (geoglifos). Estos descubrimientos indican que, en contraste con los pueblos de los Andes y América Central, los pueblos de la Amazonía no tenían la costumbre de construir con piedras y en vez de eso, tenía un ethos de construir con tierra, así como los pueblos del río Mississippi y del este de los Estados Unidos.

ESTRUTURAS
DOMÉSTICAS
ESTRUCTURAS
DOMÉSTICAS
HOUSEHOLDS

Os materiais usados na construção de casas das sociedades indígenas da Amazônia constituem-se essencialmente de materiais orgânicos, principalmente madeira, cipó e palha, com raras exceções de estruturas feitas de pedra. As feições mais comuns encontradas são vários tipos e tamanhos de manchas escuras que consistem, notadamente, em marcas de antigos esteios ou postes, fogueiras ou “bolsões” que são buracos geralmente preenchidos com terra preta e artefatos.

Los materiales de construcción de las casas de las sociedades indígenas amazónicas consisten principalmente en materiales orgánicos: madera, lianas y paja, y de manera excepcional, estructuras de piedra. Las características más comunes encontradas son varios tipos y tamaños de manchas oscuras que consisten frecuentemente, en marcas de antiguos techos, postes, hogueras o “bolsones” que son por lo general agujeros llenos de tierra negra y artefactos.

FEIÇÕES OU
BOLSÕES
POZOS O BOLSONES
FEATURES

Feições são estruturas perceptíveis no registro arqueológico, quer pela coloração e compactação diferenciada do solo em relação à matriz estratigráfica, quer pela concentração de vestígios, ou ambos. São evidências muito comuns nos sítios cerâmicos da Amazônia e geralmente estão associadas entre si. As feições podem resultar de processos de deposição e descarte muito diversificados, correspondendo a lixeiras, enterramentos, e outros buracos escavados por diversos motivos, com dimensões bastante variadas. Também é comum que feições se formem com o processo de deterioração de uma casa, com a decomposição ou retirada de

Los pozos o bolsones son estructuras perceptibles en el registro arqueológico, ya sea por la coloración y compactación diferenciada del suelo en relación a la matriz estratigráfica, o por la concentración de vestigios o ambos. Son evidencias muy comunes en sitios cerámicos de la Amazonía y están frecuentemente asociadas entre sí. Los pozos pueden ser el resultado de procesos de deposición y descarte altamente diversificado, correspondiente a basurales, enterramientos y otros pozos excavados por diversos motivos, variando mucho en sus dimensiones. También es común la formación de bolsones con el deterioro de una casa, con la descomposición o retirada de postes. Algunos

**FORNOS DE
CERÂMICA
HORNOS DE
CERÂMICA
FIRE OVENS**

esteios. Algumas feições parecem resultar do descarte e enterramento intencional de objetos selecionados e dispostos em covas. Nos sítios tapajônicos da região de Santarém, são muito frequentes as feições tanto de descarte de lixo doméstico quanto as relacionadas a contextos simbólicos. Denominadas de bolsões ou bolsões de retenção, essas feições apresentam vasos de gargalo, estatuetas e uma série de objetos finamente decorados. Um dos poucos muiraquitãs identificados em contexto arqueológico na Amazônia foi encontrado em uma feição no sítio Porto na área urbana de Santarém.

Há dois tipos predominantes de fornos utilizados para produção de cerâmica: um em construções fechadas com uma câmara separada para o combustível; outro em área aberta, onde o combustível é colocado sobre ou em volta das vasilhas, em camadas sobrepostas. Há evidências arqueológicas destes últimos fornos, chamados fornos abertos ou tipo fogueira (*open firing or bonfiring method*), que consistem basicamente em superfícies de terra queimada, com manchas de cinzas. Mesmo que em muitos casos seja difícil atribuir as marcas de argila queimada a eventos relacionados à produção da cerâmica, os artefatos e materiais associados à elaboração, assim como a cerâmica vitrificada e detritos de produção, apoiam esta interpretação. A queima em fornos abertos é um método utilizado em quase toda a América do Sul, desde os tempos pré-coloniais. Ceramistas experientes desde então conseguiam controlar o fogo e as diferentes atmosferas de cocção.

**GEOGLIFOS
GEOGLIFOS
GEOGLYPHS**



Os geoglifos amazônicos são estruturas monumentais, chegando a 350 m de diâmetro. Esses sítios constituem-se de trincheiras ou valetas escavadas no solo argiloso formando figuras geométricas: círculos, retângulos, losangos, hexágonos, octógonos, às vezes com caminhos que as conectam. O solo retirado da trincheira normalmente é depositado ao lado da estrutura, formando uma mureta externa. O conjunto trincheira-mureta pode chegar a 20 m de extensão, evidenciando o enorme esforço coletivo na sua construção (Schaan, 2008: 15).

bolsones parecen ser el resultado de descarte y enterramiento intencional de objetos seleccionados y dispuestos en fosas de forma sistemática. En los sítios tapajônicos de la región de Santarém, son muy frecuentes los rasgos tanto de descarte de residuos domésticos como los relacionados a contextos simbólicos. Denominados bolsones o bolsos de apropiación, estos rasgos presentan vasos con cuello de botella, figurinas y una serie de objetos finamente decorados. Una de los pocas muiraquitãs identificadas en contexto arqueológico de la Amazonia fue encontrada en un bolsón en el sitio de Porto, en el área urbana de Santarém.

Existen principalmente dos tipos de hornos de cerámica: construcciones cerradas con una cámara separada para el combustible, o un área abierta, donde el combustible fue colocado sobre o alrededor de las vasijas, en capas de manera sobrepuesta. Se tiene evidencias arqueológicas de estos últimos hornos, llamados hornos abiertos o tipo hoguera (open firing or bonfire method), que consisten básicamente en superficies de tierra quemada con manchas de ceniza. Aunque en muchos casos es difícil atribuir manchas de arcilla quemada a eventos relacionados a la producción de cerámica, los instrumentos y materiales asociados a la elaboración, al igual que cerámica vitrificada y desechos de producción apoyan esta interpretación. Los hornos abiertos son un método utilizado casi en toda Sudamérica, desde tiempos prehispánicos. Alfareros experimentados consiguieron controlar el fuego y las diferentes atmósferas de cocción.

Los geoglifos amazônicos son estructuras monumentales de hasta 350 metros de diámetro. Estos sítios se componen de trincheras o zanjas excavadas en el suelo de arcilla formando figuras geométricas: círculos, rectángulos, rombos, hexágonos, octógonos, a veces con caminos que los conectan. El suelo retirado de la zanja normalmente es depositado al lado de la estructura que forma una muralla externa. La trincheira y la muralla pueden alcanzar hasta 20 metros de extensión, evidenciando un enorme esfuerzo colectivo en su construcción (Schaan, 2008: 15)

LAGOS ARTIFICIAIS
LAGOS ARTIFICIALES
ARTIFITIAL LAKES

São depressões nas proximidades dos rios ou em áreas com influência da maré, que represam a água por períodos de tempo. Foram escavadas ou construídas com barragens por populações nativas amazônicas para armazenar a água dos rios e reter peixes e outros recursos aquáticos. Os lagos artificiais são sistemas de controle das águas e dos recursos fluviais ou marinhos. Foram estudados na ilha do Marajó, onde se supõe que a terra retirada na escavação dos lagos era utilizada para construção de plataformas de terra, os tesos. Além do Marajó, também há registros de lagos artificiais no Alto Xingu e no litoral paraense (as gamboas ou currais).

Son depresiones cercanas a los ríos o en zonas con influencia de marea, que retienen el agua durante periodos de tiempo. Fueron excavadas o construidas con diques por las poblaciones indígenas amazónicas para almacenar agua de los ríos y retener a los peces y otros recursos acuáticos. Los lagos artificiales son sistemas de control de agua y de recursos fluviales o marinos. Se estudiaron en la isla de Marajó, donde se asume que la tierra retirada en la excavación de los lagos fue utilizada para la construcción de plataformas de tierra, conformando montículos. Además de Marajó, también fueron documentados lagos artificiales en el Alto Xingu y en el litoral Paraense (los canales de marea o represas).

MEGÁLITOS
MEGALITOS
MEGALITHS

São sítios nos quais grandes blocos rochosos foram intencionalmente posicionados. Na Amazônia, megálitos ocorrem no Amapá, tendo sido inicialmente identificados por Nimuendaju e escavados por Saldanha e Cabral (2012). Formam um arranjo circular composto por grupos de blocos de granito nas posições horizontal, vertical ou inclinada, dispostos no topo de colinas. Os tamanhos e composições são variáveis. Algumas estruturas são pequenas, com menos de 10 metros de diâmetro, formadas por blocos medindo menos de um metro. As maiores estruturas megalíticas medem mais de 30 metros de diâmetro, sendo formadas por grandes blocos, alguns deles com mais de 4 metros acima do nível do solo. Nestas, os blocos parecem estar posicionados de acordo com pontos astronômicos. No interior desses monumentos encontramos os poços funerários.

Son sitios donde grandes bloques rocosos fueron colocados intencionalmente. En la Amazonía, aparecen megalitos en Amapá, habiendo sido identificado inicialmente por Nimuendaju y excavados por Saldanha y Cabral (2012). Ellos forman una disposición circular de grupos de bloques de granito en posición horizontal, vertical o inclinada, dispuestos en la parte superior de las colinas. Los tamaños y composiciones son variables. Algunas estructuras son pequeñas, con menos de 10 metros de diámetro, formadas por bloques que miden menos de un metro. Las más grandes estructuras megalíticas miden más de 30 metros de diámetro, formadas por grandes bloques, algunos de ellos con más de 4 metros sobre el nivel del suelo. En éstos, los bloques parecen estar colocados de acuerdo a los puntos astronómicos. En el interior de estos monumentos se encuentran los pozos funerarios.

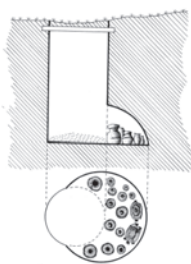
MONTÍCULOS
MONTÍCULOS
SMALL MOUNDS

Elevações artificiais construídas pelo acúmulo de terra e outros materiais. Nos sítios cerâmicos da Amazônia, as funções, formas e dimensões dos montículos são muito variadas. O processo de formação mais recorrente se dá com o descarte de lixo doméstico, como ocorre ainda hoje entre grupos indígenas, como os Kuikuro do Alto Xingu e os Zo'é da região de Oriximiná, resultando em uma série de áreas mais elevadas atrás das áreas residenciais. Em sítios da fase Paredão da Amazônia Central, montículos foram intencionalmente construídos como plataformas para casas. No processo construtivo

Elevaciones artificiales construidas con la acumulación de tierra y otros materiales. En los sitios cerámicos de la Amazonía, las funciones, formas y dimensiones de los montículos son muy variadas. El proceso de formación más recurrente es la acumulación de residuos domésticos, como ocurre en la actualidad entre los grupos indígenas de los Kuikuro del Alto Xingu y los Zo'é de la región de Oriximiná, conformando una serie de áreas más elevadas detrás de las zonas residenciales. En sitios de la fase Paredão de la Amazonía central, los montículos fueron intencionalmente construidos como plataformas para las casas. En

é possível observar principalmente o uso de fragmentos de cerâmica como matéria-prima, sendo que em muitos casos nota-se que a cerâmica foi cuidadosamente colocada em camadas. Além disso, há concentrações de fragmentos decorados que parecem intencionais. Nestes mesmos contextos, além de servir de plataformas para casas, os montículos também foram utilizados como cemitérios, sendo encontrados sepultamentos diretos e em urnas, primários e secundários, individuais e múltiplos, no mesmo contexto das plataformas domésticas. Em alguns sítios foram observados montículos construídos também com laterita ou com o próprio solo das áreas adjacentes.

POÇO FUNERÁRIO
POZO FUNERARIO
FUNERARY PITS



Estruturas negativas que se caracterizam pela sua forma (abertura circular, fundo plano, paredes retas e relação diâmetro – profundidade de 1:2). Podem conter somente ossos humanos ou ossos humanos dentro de urnas cerâmicas, associadas a outros vasilhames, que podem ser acompanhamentos funerários. Na maioria dos casos, os poços podem ter, no fundo, uma câmara lateral de forma abobadada, onde são depositados os restos funerários. No entanto, há casos de poços sem câmara. Embora os primeiros relatos de Goeldi (2005) mencionem uma preferência pelas câmaras direcionadas para oeste, escavações em 18 poços indicam que, apesar de se alinharem com pontos cardeais (principalmente leste, oeste e sul), ainda não há um padrão homogêneo reconhecido. Os poços podem, ainda, ser recobertos e demarcados na superfície por blocos rochosos, como nos sítios megalíticos do Amapá, relacionados às cerâmicas policromas Aristé.

PRAÇA
PLAZA
PLAZA

Espaço público aberto. Uma praça central, geralmente circular, é uma característica comum na Amazônia, e é onde se concentra a vida pública, ritualística e cerimonial das sociedades indígenas. Exemplos de praças foram identificadas em sítios arqueológicos na foz do rio Negro, onde uma possível praça retangular de grandes dimensões foi descrita no sítio Açutuba, e foram documentadas praças circulares. Praças circulares são frequentes em sítios arqueológicos

el proceso de construcción es posible observar principalmente el uso de fragmentos de cerámica como materia prima, y en muchos casos se observa que la cerámica fue colocada cuidadosamente en capas. Además, existen concentraciones de fragmentos decorados que parecen intencionales. En estos mismos contextos, además de servir como plataformas para casas, los montículos también fueron utilizados como cementerios, habiéndose encontrado entierros directos o en urnas; primarios y secundarios; individuales y múltiples, en el mismo contexto de las plataformas domésticas. En algunos sitios se observaron montículos construidos con laterita o el propio suelo de los alrededores.

Estructuras en negativo que se caracterizan por su forma (apertura circular, fondo plano, paredes rectas y relación diámetro profundidad de 1: 2). Pueden contener huesos humanos o huesos humanos dentro de urnas de cerámica, asociados con otras vasijas que pueden ser acompañamientos funerarios. En la mayoría de los casos, los pozos pueden tener, en el fondo, una cámara lateral de forma abovedada, donde se depositaron los restos funerarios. Sin embargo, existen pozos sin cámaras. A pesar que en los primeros informes de Goeldi (2005) se menciona una preferencia de la orientación de las cámaras al oeste, excavaciones en 18 pozos indican que aunque se alinean con los puntos cardinales (en su mayoría de este, oeste y sur) no hay un patrón homogéneo todavía reconocido. Los pozos pueden aún estar recubiertos o demarcados en la superficie por bloques de rocas, como los sitios megalíticos de Amapá, relacionados a las cerâmicas policromas Aristé.

Espacio público abierto. Una plaza central, generalmente circular, es una característica común en la Amazonía y es donde se concentra la vida pública, ritual y ceremonial de las sociedades indígenas. Se identificaron ejemplos de plazas en los sitios arqueológicos de la desembocadura del río Negro, donde una posible plaza rectangular de grandes dimensiones fue descrita en el sitio Açutuba, también fueron documentadas plazas circulares. Las plazas circulares son frecuentes en

no Alto Xingu, onde se articulam com as estradas, e nas aldeias circulares Gê do Brasil central.

**SAMBAQUIS
CONCHALES,
CONCHEROS
SHELLMOUNDS**

Tipo de sítio arqueológico configurado como colina de base elíptica, constituído predominantemente pelo acúmulo de restos faunísticos (carapaças de moluscos, ossos de fauna aquática e terrestre), além de enterramentos. Possuem dimensões e alturas variadas. A etimologia da palavra vem da família linguística Tupi-guarani: *tãba'ki* (Tambá = monte e qui = conchas). No Brasil, os sambaquis estão distribuídos na zona costeira, predominando em regiões litorâneas recortadas, como baías, enseadas, restingas e ilhas próximas à costa e/ou estuários. São encontrados também às margens de rios, sendo denominados sambaquis fluviais. Na Amazônia, os sambaquis são referenciados no meio acadêmico desde o século XIX, nos relatos de cronistas, reportando a existência no litoral dos estados do Pará e Maranhão, no curso dos rios Trombetas (PA), no baixo Amazonas (PA), baixo Xingu (PA), baixo Tocantins (PA), no pantanal do Guaporé (RO) e no arquipélago do Marajó (PA). Diferentemente dos sambaquis das demais regiões do país, na Amazônia estes sítios são indícios de que as populações produziam artefatos cerâmicos, sendo que as datações mais antigas para este tipo de vestígio estão relacionadas aos sambaquis Amazônicos (entre 8 e 2 mil anos AP). Os sambaquis são conhecidos pelas populações tradicionais amazônicas pelos termos: mina, sarnambi, cernambi, mina de cernambi.

los sitios arqueológicos del Alto Xingu, donde se articulan con los caminos y aldeas circulares Gê del Brasil central en general.

*Tipo de sitio arqueológico configurado como una colina de base elíptica, compuesto predominantemente por la acumulación de restos faunísticos (caparazones de moluscos, huesos de fauna acuática y terrestre), además de enterramientos. Poseen dimensiones y alturas variadas. La etimología de la palabra "sambaqui" como se lo conoce en Brasil, viene de la familia lingüística Tupi-guarani: *tãba'ki* (Tamba = monte y qui = conchas). En Brasil los conchales están distribuidos en zonas costeras, predominando en regiones del litoral recortadas, tales como bahías, calas, arrecifes e islas cerca de la costa y/o desembocaduras. También se encuentran en las orillas de los ríos, siendo denominados conchales fluviales. En la Amazonía, los conchales son conocidos en el medio académico desde el siglo XIX, a través de los relatos de los cronistas, reportando su existencia en el litoral de los estados de Pará y Marañón, en el curso de los ríos Trompetas (PA), en el bajo Amazonas (PA), bajo Xingu (PA), bajo Tocantins (PA), en el pantanal del Guaporé (RO) y el archipiélago de Marajó (PA). A diferencia de los conchales de las otras regiones del país, en la Amazonía estos sitios tienen indicios de que sus poblaciones producían artefactos de cerámica, siendo que las dataciones más antiguas para este tipo de vestigios están relacionadas con los conchales Amazónicos (entre 8000 y 2000 años AP). Los conchales son conocidos por las poblaciones tradicionales amazónicas con los términos: mina, samambi, cernambi, mina de cernambi.*

**TERRA PRETA OU
TIERRA PRETA DE
ÍNDIO
TERRA PRETA O
TIERRA NEGRA
BLACK EARTH**

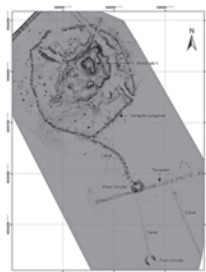
Como o nome indica, são extensões de solos escuros, que resultam da atividade humana. Estes solos se diferenciam notadamente dos solos amazônicos (que em muitos casos são oxissolos), considerados pobres em nutrientes e geralmente de cores avermelhadas ou amareladas. Por serem enriquecidos principalmente com material vegetal carbonizado e outros componentes identificados (cálcio, fósforo, manganês, potássio, estrôncio e zinco), sua fertilidade é mais alta, e hoje em dia são muito utilizados

Como su nombre lo indica, son extensiones de suelos oscuros resultado de la actividad humana. Estos suelos se diferencian notoriamente de los suelos amazónicos (que en muchos casos son oxisoles), considerados pobres en nutrientes y generalmente de colores rojizos o amarillentos. Al estar los suelos enriquecidos principalmente con material vegetal carbonizado y otros componentes identificados (calcio, fósforo, manganeso, potasio, estroncio y zinc), su fertilidad es más alta y hoy en día son muy

para práticas agrícolas. Os pesquisadores distinguem entre terras pretas, solos escuros em estratos espessos com muita cerâmica, e terras mulatas, que cobrem extensões adjacentes de maior tamanho, mas que carecem de artefatos arqueológicos, com níveis de nutrientes não tão altos quanto os da terra preta, mas ainda são melhores do que nos solos sobre os quais foram formados. Como foi comprovado que a formação de terras pretas é resultante dos assentamentos de sociedades pré-colombianas, sua disposição, profundidade e extensão nos fornecem parâmetros importantes sobre a intensidade da ocupação humana nesses assentamentos (Arroyo-Kalin, 2010, 2014). O interesse nos solos antropogênicos na Amazônia tem aumentado consideravelmente nas últimas duas décadas, com estudos de vários aspectos da terra preta, inclusive fertilidade, atividade biológica, vegetação e a criação de terra preta nova, com a intenção de promover agricultura sustentável e inspirou a indústria de biochar. Proponentes de biochar (*black carbon*, uma forma de carvão) reivindicam que a sua manufatura pode auxiliar no sequestro do carbono da atmosfera e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento da agricultura e manejo do solo de uma forma mais sustentável.

codiciados para prácticas agrícolas. Los investigadores distinguen entre: tierras negras, suelos oscuros de gruesos estratos con mucha cerámica, y tierras mulatas, que cubren extensiones adyacentes, de mayor tamaño pero que carecen de artefactos arqueológicos, con niveles de nutrientes menores que los de la tierra negra, pero todavía mejores que los suelos sobre los que se han formado. Como fue comprobado que la formación de tierras negras es el resultado de los asentamientos de sociedades precolombinas, su disposición, profundidad y extensión nos dan pautas importantes sobre la intensidad de la ocupación humana en esos asentamientos (Arroyo-Kalin 2010, 2014). El interés por los suelos antropogénicos de la Amazonía ha aumentado considerablemente en las últimas dos décadas con estudios de diversos aspectos de la tierra negra, incluyendo la fertilidad, la actividad biológica, la vegetación y la creación de la nueva tierra negra, con la intención de promover la agricultura sostenible e inspirar a la industria de biochar. Los defensores del biochar reivindican que su manufactura (black carbon, una forma de carbón) puede funcionar para secuestrar carbono de la atmósfera y, al mismo tiempo, contribuir al desarrollo de la agricultura y el manejo del suelo de una manera más sustentable.

TESOS
LOMAS
MOUNDS



Construções arquitetônicas com elevações de plataformas de terra, sobre as quais se desenvolveram atividades domésticas, agrícolas, rituais e festivas. Dependendo das regiões, as construções diferem consideravelmente no tamanho e no tempo de ocupação. Podem ter sido construídos aproveitando as elevações naturais como em Marajó, ou terem sido erigidas desde a base, como em Llanos de Mojos. Há tesos que foram habitados durante centenas de anos e submetidos a remodelações, ampliações e modificações constantes. Os tesos também são construções que refletem diferenças de poder ou funções sociopolíticas. Centros regionais ao sudeste dos Llanos de Mojos alcançaram 25 m de altura e cobriram 19 ha. Em geral, os tesos estão associados a aterros e canais (Prümers, 2013).

Construcciones arquitectónicas mediante elevaciones de plataformas de tierra en las cuales se llevaron a cabo actividades domésticas, agrícolas, rituales y festivas. Dependiendo de las regiones, las construcciones difieren considerablemente en el tamaño y en el tiempo que fueron ocupadas. Pueden haber sido construidas aprovechando elevaciones naturales como en Marajó, o han sido erigidas desde la base, como en los Llanos de Mojos. Existen lomas que fueron habitadas durante cientos de años y que fueron sometidas a remodelaciones, ampliaciones y modificaciones constantes. Las lomas también son construcciones que reflejan diferencias en el poder o funciones sociopolíticas desempeñadas. Centros regionales al sureste de los Llanos de Mojos alcanzaron 25 m de altura y cubrieron un área de 19 ha. Por lo general las lomas están asociadas a terraplenes y canales (Prümers, 2013).

VALAS
ZANJAS
DITCHES

Escavações lineares ou curvilíneas (*ditches*) encontradas em sítios arqueológicos em diversas regiões na Amazônia, inclusive no alto Xingu, no baixo rio Madeira e nos geoglifos do sudoeste da Amazônia (Acre, Rondônia, Bolívia e ao nordeste dos Llanos de Mojos). As valas podem ter diferentes profundidades e extensões, e geralmente estão situadas em torno de uma aldeia ou área habitacional, presumivelmente para fortificação. Existem valas circulares, elípticas, quadrangulares e, em alguns casos, várias trincheiras formando sistemas mais complexos e extensos, cobrindo áreas superiores a 200 hectares. As paredes das valas podem ser verticais e medir até quatro metros de altura. Outras são muito baixas e provavelmente continham paliçadas, como relatado na história oral dos povos indígenas do Alto Xingu, onde frequentemente existem valas se que estendem por mais de dois quilômetros, às vezes duas paralelas.

Son excavaciones lineales o curvilíneas (ditches) encontradas en sitios arqueológicos de diversas regiones de la Amazonía, inclusive en el alto Xingu, en el bajo río Madera, o al sudoeste de la Amazonía (Acre, Rondonia y al noreste de los Llanos de Mojos). Las zanjas pueden tener diferentes profundidades y extensiones, por lo general están rodeando una aldea o área habitacional presumiblemente a manera de fortificación. Existen zanjas circulares, elípticas, cuadrangulares y en muchos casos, varias construcciones de zanjas, conforman sistemas de zanjas más extensos y complejos, que encierran áreas mayores a 200 hectáreas. Las paredes de las zanjas pueden ser verticales y llegan a medir hasta 4 m de altura. Otras son muy bajas y probablemente contenían palizadas, como el relato de la historia oral de los pueblos indígenas del Alto Xingu, donde existen zanjas que se extienden por más de dos kilómetros, a veces paralelas.

ESTEARIAS
PALAFITOS

Sítios arqueológicos caracterizados pela presença de esteios (trancos de madeira), cuja função era sustentar a aldeia, dando origem às palafitas pré-coloniais. Geralmente feitos de madeira de lei, como o pau d'arco e maçaranduba, os esteios foram fincados nos leitos dos rios ou nos lagos da região chamada Baixada Maranhense (nas localidades de Santa Helena, Pinheiro e Penalva), a sudoeste da Ilha do Maranhão, numa área total de 26 mil km². As estearias possuem diversos tamanhos, sendo a maior delas a da Cacaria, na cidade de Penalva, com 2km². Datações radiocarbônicas situam-nas entre 770 a 1045 anos dC.

Sitios arqueológicos caracterizados por la presencia de pilares (trancos de madera), cuya función era sustentar la aldea, dando origen a los palafitos prehistóricos. Por lo general, están hechos de madera, tales como tajibo y balatá. Los pilares fueron clavados en el lecho de los ríos y lagos de la región llamada Baixada Maranhense (en las localidades de Santa Elena, Pinheiro e Penalva), al suroeste de la isla de Maranhão, com una área total de 26000 km². Los sitios en palafitos tienen diversos tamaños, siendo el más grande el de Cacaria, en la ciudad de Penalva, con 2km². Según dataciones radiocarbónicas se sitúan entre 770 a 1045 años dC.

CONCEITOS E CATEGORIAS CLASSIFICATÓRIAS

COMPLEXO
CERÂMICO
COMPLEJO
CERÁMICO
CERAMIC
COMPLEX

Termo utilizado nesta publicação para se referir a conjuntos cerâmicos que apresentam repertórios tecnológicos e estilísticos recorrentes e padronizados, dentro de um recorte espaço-temporal específico, de forma a permitir a sua identificação como um conjunto relativamente homogêneo.

Término utilizado en esta publicación para referirse a un conjunto cerámico que presenta un repertorio tecnológico y estilístico recurrente y semejante, dentro de un marco espacio-temporal específico, de manera que permite su identificación como un conglomerado relativamente homogéneo.

FASE
FASE
PHASE

O termo foi definido no âmbito do PRONAPA como “qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, relacionado no tempo e no espaço, em um ou mais sítios” (Chmyz, 1976). A partir dos anos 1960, com as pesquisas de Meggers e Evans, Hilbert, Simões e demais pesquisadores do PRONAPABA, a fase tornou-se a principal unidade classificatória para organizar os conjuntos cerâmicos da Amazônia. As fases foram definidas a partir de tipos, com base no conceito de tipo-variedade de Ford (1954). Os tipos cerâmicos eram caracterizados pela combinação de variedades de pasta e decoração, e eram usados como elementos diagnósticos das fases, de acordo com a sua distribuição quantitativa em sequências seriadas (Meggers, 1970). Não há um consenso sobre o significado sociológico a que tal unidade classificatória possa corresponder. De acordo com Brochado, as fases refletem a interação de grupos sociais, mas não necessariamente de natureza étnica (Brochado, 1968). Meggers (1987) aventou a possibilidade de representarem “entidades tribais ou linguísticas”. Hoje, o termo fase continua sendo bastante utilizado na arqueologia amazônica brasileira, embora muitos pesquisadores reconheçam a limitação conceitual do termo, tanto pela fragilidade da maneira como foi metodologicamente utilizado, quanto pelo questionamento do uso categorias classificatórias muito específicas para a Amazônia.

El termino fue definido en el ámbito de PRONAPA como “cualquier complejo de cerámica, lítico, patrones de vivienda, relacionado en tiempo y espacio, en uno o más sítios” (Chmyz 1976). A partir de 1960, con las investigaciones de Meggers y Evans, Hilbert, Simões y otros investigadores del PRONAPABA, la fase se convirtió en la principal unidad de clasificación para organizar los conjuntos cerámicos de la Amazonía. Las fases fueron definidas sobre todo a partir de tipos, con base en el concepto de tipo-variedad de Ford (1954). Los tipos cerámicos eran caracterizados por la combinación de variedades de pasta y decoración, siendo utilizadas como elementos diagnóstico de las fases, de acuerdo con su distribución cuantitativa en secuencias seriadas (Meggers y Evans 1969). No hay consenso sobre el significado sociológico a cuál unidad clasificatoria puede responder. De acuerdo con Brochado, las fases reflejan la interacción de los grupos sociales, pero no necesariamente de naturaleza étnica (Brochado 1968). Meggers (1987) planteó la posibilidad de representar “entidades tribales o lingüísticas”. Hoy en día, el término fase sigue siendo ampliamente utilizada en la arqueología amazónica brasileña, aunque muchos investigadores reconocen la limitación conceptual del término, tanto por la fragilidad de la manera en que se utilizó metodológicamente como por el cuestionamiento de las categorías clasificatorias muy estancadas para la Amazonía.

HORIZONTE
HORIZONTE
HORIZON

O termo foi originalmente aplicado à arqueologia amazônica por Meggers e Evans em seu texto de 1961, de forma experimental, adaptando o conceito de horizonte (ou *horizon style*) proposto por Kroeber (1944), para se referir a conjuntos de atributos cerâmicos com ampla distribuição espacial. Meggers e Evans propuseram quatro Horizontes para a Amazônia, com base na distribuição de 22 complexos cerâmicos então conhecidos, definidos a partir de técnicas decorativas diagnósticas: Hachurado-Zonado, Borda Incisa, Polícromo e Inciso-Punteado. O PRONAPA formalizou a definição como “elementos ou técnicas que se distribuem espacialmente, em tempo relativamente curto”

El término se aplicó originalmente a la arqueología amazónica por Meggers y Evans en el texto de 1961, de forma experimental, adaptando el concepto propuesto por Kroeber (1944) de horizonte (o estilo horizonte) para referirse a conjuntos de atributos de cerámica con una amplia distribución espacial. Meggers y Evans proponen cuatro horizontes para la Amazonía, basado en la distribución de 22 complejos cerámicos definido a partir de técnicas decorativas diagnósticas: Hachurado-Zonal, Borde Inciso, Polícromo e Inciso-Punteado. El PRONAPA formalizó la definición como “elementos o técnicas que se distribuyen espacialmente, en un tiempo relativamente corto”

(Chmyz, 1976). Mais tarde, devido ao reconhecimento de uma maior persistência temporal, os Horizontes propostos para a Amazônia foram reconsiderados em termos de Tradições (Simões, 1972). Após algum tempo em desuso, o conceito tem sido revisitado por alguns pesquisadores para se referir aos correlatos materiais correspondentes à rápidas expansões de determinados grupos linguísticos. (Almeida e Moraes, neste volume).

(Chmyz, 1976). Más tarde, en vista del reconocimiento de una mayor persistencia temporal, los horizontes propuestos para el Amazonas fueron reconsiderados en términos de Tradiciones (Simões, 1972). Después de algún tiempo de uso, el concepto ha sido revisado por algunos investigadores para referirse a materiales relacionados correspondientes a rápidas expansiones de determinados grupos lingüísticos. (Almeida y Moraes, en este volumen).

SÉRIE
SERIE
SERIES

O conceito de série foi originalmente usado por Cruxent e Rouse (1958-59), para organizar a cronologia regional da Venezuela e posteriormente estendido para outras regiões do norte da América do Sul, sobretudo para a área Circum Caribenha e Guianas. Cruxent e Rouse empregam o termo série para designar “*grupos de estilos similares e contíguos*”, de tal maneira que as características compartilhadas tenham difundidas de uma área para outra, e tenham persistido de um período para outro, e não inventadas de forma independente. Os autores justificam a escolha do termo série, ao invés de Horizonte (que enfatiza a dispersão espacial) ou Tradição (que enfatiza a persistência temporal), por combinar, em um único conceito, a distribuição espacial e temporal de características semelhantes. A ideia que norteia o conceito é justamente a de que os processos de rápida difusão de estilos cerâmicos apresentam menor variabilidade ao longo do espaço. Esta difusão teria se dado a partir de sítios ou locais específicos. Na cronologia venezuelana, eles estabelecem dez séries para o período cerâmico, sendo as séries Saladoide e Barrancoide as mais antigas para as terras baixas (por volta de 3.000 anos AP), seguidas pela série Arauquinoide (a partir de 1.600 anos AP). O conceito de série empregado por Rouse e seus associados na Venezuela é similar ao conceito de Tradição utilizado por Meggers no Brasil, podendo estes ser mutuamente comparáveis (Meggers; Evans, 1983).

El concepto de serie fue utilizado originalmente por Cruxent y Rouse (1958-59) para organizar la cronología regional de Venezuela y posteriormente se extendió a otras regiones del norte de América del Sur, especialmente en el área Circum Caribe y las Guayanas. Cruxent y Rouse emplean el término serie para designar a los “grupos de estilos similares y continuos”, de tal manera que las características compartidas hubieran sido transmitidas por difusión de un área a otra y persistido de un periodo a otro y no inventadas de forma independiente. Los autores justifican la elección de serie, en lugar de Horizonte (que enfatiza la dispersión espacial) o tradición (que enfatiza en la persistencia temporal) para combinar en un solo concepto de distribución espacial y temporal de características similares. La idea que guía el concepto es justamente la de proceso de rápida difusión de estilos cerámicos que producen menos variabilidad a través del espacio. Esta difusión tendría que darse a partir de sitios o localidades específicas. La cronología venezolana, establece diez series para el período cerámico, siendo las series Saladoide y Barrancoide, las más antiguas de las tierras bajas (alrededor de 3.000 años AP), seguido por la serie Arauquinoide (a partir de 1.600 años AP). El concepto de serie sugerido por Rouse y sus colaboradores en Venezuela es similar al concepto de Tradición utilizado por Meggers en Brasil, pudiendo ser estos mutuamente comparables (Meggers & Evans 1983).

TRADIÇÃO
TRADICIÓN
TRADITION

Na Amazônia, este termo foi amplamente utilizado para caracterizar repertórios tecnológicos e estilísticos cerâmicos com grande persistência

En la Amazonía, este término se ha utilizado ampliamente para caracterizar repertorios tecnológicos y estilísticos de cerámica con alta

temporal. Foi originalmente adaptado do conceito proposto por Willey e Phillips (1953) para diferenciar a estabilidade de atributos por longos períodos de tempo (*tradition*) da semelhança formal através de extensas áreas por um curto período de tempo (*horizon* ou *horizon style*). Adotado pelo PRONAPA, e depois pelo PRONAPABA como uma categoria classificatória abrangente, dentro das quais se alinham as diferentes fases. A partir dos horizontes anteriormente propostos por Meggers e Evans em 1961, foram definidas as quatro grandes Tradições ceramistas para a Amazônia, de acordo com as técnicas decorativas: Zonado-Hachurado, Borda Incisa, Polícroma, e Inciso-Punteado. Estas se sucedem ao longo do tempo com alguma sobreposição temporal e delimitações regionais. O conceito de Tradição, tal qual aplicado na arqueologia amazônica, vem sendo questionado por diversos pesquisadores, que propõem uma perspectiva mais dinâmica para se entender a variabilidade artefactual das cerâmicas e dos processos históricos de longa duração que levaram à persistência de grandes matrizes tecnológicas. Por outro lado, o conceito de Tradição talvez se aplique melhor a algumas áreas onde os complexos cerâmicos são mais persistentes, como na Amazônia Central, do que em áreas onde pode ter havido um fluxo estilístico mais intenso e complexo, como, por exemplo, na área estuarina e no baixo Amazonas.

BORDA INCISA
BORDE INCISO
INCISED RIM



A tradição Borda Incisa, definida por Meggers e Evans (1961, 1983), engloba cerâmicas datadas em torno dos primeiros séculos dC, que possuem em comum uma forte ênfase nas decorações modeladas, associadas com incisões e engobo vermelho. Ocorre na calha dos rios Amazonas e do Orinoco. Dentre as fases representadas na Amazônia, estão Manacapuru e Paredão (Amazônia central), Caiambé (médio Solimões), Axinim (baixo Madeira), Japurá (rio Japurá/Caquetá), Boim (médio Amazonas) e Mangueiras (na Ilha de Marajó). No Orinoco, a tradição Borda Incisa se manifestaria através das fases Nericagua, Cotua e Los Caros (Meggers; Evans, 1961). Outros autores, como Lathrap (1970) e Heckenberger (2002),

persistencia temporal. Fue originalmente adaptado del concepto propuesto por Willey y Phillips (1953) para diferenciar la estabilidad de atributos durante largos períodos de tiempo (tradición), que tiene una semejanza formal a través de extensas áreas por un corto periodo de tiempo (horizonte o Estilo Horizonte). Adoptada por PRONAPA, y posteriormente por PRONAPABA como una categoría clasificatoria amplia, dentro de las cuales se alinean las diferentes fases. A partir de dos horizontes anteriormente propuestos por Meggers y Evans en 1961, fueron definidas las cuatro grandes tradiciones ceramistas para la Amazonía, de acuerdo con las técnicas decorativas: Hachurado Zonal, Borde Incisa, Polícromo e Incisa-Punteada. Esto ocurre en un período de tiempo con cierta superposición temporal y las delimitaciones regionales. El concepto de tradición, tal cual aplicado en la arqueología amazónica, viene siendo cuestionado por diversos investigadores que proponen una perspectiva más dinámica para entender la variabilidad artefactual de las cerámicas y los procesos históricos de larga duración que llevaron a la persistencia de las grandes matrices tecnológicas. Por otra parte, el concepto de Tradición parece aplicarse mejor a algunas áreas donde los complejos cerámicos son más persistentes, como en la Amazonía central, que en áreas donde parece haber habido un flujo estilístico más intenso y complejo, como por ejemplo, en el bajo Amazonas y en el estuario.

La tradición Borde Incisa, definida por Meggers y Evans (1961, 1983) incluye cerámicas fechadas en torno a los primeros siglos dC, que tienen en común un fuerte énfasis en las decoraciones modeladas asociadas con incisiones y engobe rojo. Se encuentra representada en los afluentes de los ríos Amazonas y Orinoco. Entre las fases representativas de la Amazonía están Manacapuru y Paredão (Amazonia central), Caiambé (medio Solimões), Axinim (bajo Madera), Japurá (rio Japurá/Caquetá), Boim (medio Amazonas) y Mangueiras (en la Isla de Marajó). En el Orinoco, la tradición Borde Incisa se manifestaría a través de las fases Nericagua, Cotua y Los Caros (Meggers e Evans 1961). Otros autores, como Lathrap (1970) y Heckenberger (2002) proponen que la

propõem que a tradição Borda Incisa seja uma manifestação amazônica de um fenômeno mais amplo que incluiria o norte das terras baixas sul-americanas. Nessa perspectiva, a tradição Borda Incisa seria a manifestação local da série Barrancoide, definida por Cruxent e Rouse (1957), para depósitos datados a partir de 1000 aC no Orinoco. Entendendo essa ambigüidade terminológica, alguns autores brasileiros vêm trabalhando esses conjuntos sob a denominação Borda Incisa/Barrancoide da Amazônia (Lima; Neves, 2011).

tradición Borde Incisa es una manifestación amazónica de un fenómeno más amplio que incluiría el norte de las tierras bajas de América del Sur. Desde esta perspectiva, la tradición Borde Incisa sería la manifestación local de la serie Barrancoide, definido por Cruxent y Rouse (1957), para los depósitos datados a partir de 1000 aC en el Orinoco. Entendiendo esa ambigüedad terminológica, algunos autores brasileños han estado trabajando estos conjuntos bajo la denominación Borde Incisa / Barrancoide de la Amazonía (Lima y Neves 2011).

ARAUQUINOIDE ARAUQUINOIDE ARAUQUINOIDE



A série Arauquinoide espalhou-se a partir do Orinoco Médio em direção do Caribe, do Alto Orinoco e das Guianas, por volta de 650 dC. Mas esta data é hipotética, podendo ser mais recente. A cerâmica se caracteriza por formas decoradas recorrentes, o aparecimento de estatuetas modeladas claramente antropomorfas, diferente da tradição Barrancoide que a precede (Rostain, neste volume). Alguns conjuntos cerâmicos que compartilham características essenciais Arauquinoide são: Apostadero, Mabaruma Tardif, Hertenrits, Kwatta, Barbakoeba y Thémire (Rostain; Versteeg, 2004). Esses conjuntos revelam uma enorme diversidade e uma distribuição heterogênea para esta série. Por haver lacunas, sobretudo quanto às datações, os estudos da cerâmica são dedicados principalmente a modos decorativos. Alguns autores alegam que série Arauquinoide apresenta problemas de definição devido à falta de pesquisa arqueológica no Orinoco, apesar das escavações por Rouse, Cruxent (1963), Lathrap (1970) e Roosevelt (1997). Ela seria, antes, parte do modelo tripartite Saladoide-Barrancoide-Arauquinoide, que sintetiza a sequência cultural do rio Orinoco. O modelo é sustentado por características gerais, mas vem negligenciando o desenvolvimento local e possíveis influências provenientes de outras partes, como da foz do rio Amazonas, obscurecendo a diversidade regional.

La serie Arauquinoide se expande desde el Orinoco Medio en dirección al Caribe, el Alto Orinoco y las Guayanas, alrededor de 650 dC. Sin embargo, esta fecha es hipotética y pudiendo ser más reciente. Esta cerámica se caracteriza por formas decoradas recurrentes, o la presencia de figurinas modeladas claramente antropomorfas, diferentes de la tradición Barrancoide que le precede (Rostain, este volumen). Algunos conjuntos cerámicos que comparten características esenciales Arauquinoide son: Apostadero, Mabaruma Tardif, Hertenrits, Kwatta, Barbakoeba y Thémire (Rostain y Versteeg 2004). Estos conjuntos revelan una enorme diversidad y una distribución heterogénea de esta tradición. Debido a las lagunas temporales existentes, los estudios de cerámica se concentran principalmente en las formas decorativas. Algunos autores afirman que las características de la serie Arauquinoide presentan problemas de definición debido a la falta de investigaciones arqueológicas en el Orinoco, a pesar de las excavaciones por Rouse, Cruxent (1963), Lathrap (1970), y Roosevelt (1997). La serie Arauquinoide sería parte del modelo tripartito Saladoide-Barrancoide-Arauquinoide, que sintetiza la secuencia cultural del río Orinoco. El modelo se apoya en características generales, pero deja de lado el desarrollo local y las posibles influencias de otras partes, como de la desembocadura del río Amazonas, oscureciendo la diversidad regional.

BARRANCOIDE BARRANCOIDE BARRANCOIDE

Materiais associados à série Barrancoide foram identificados pela primeira vez em 1941, por Osgood e Howard, durante a escavação do sítio

Materiales relacionados con la serie Barrancoide se identificaron por primera vez en 1941 por Osgood y Howard, durante la excavación del



Los Barrancos, localizado no baixo curso do rio Orinoco, Venezuela. Tais trabalhos forneceram a primeira descrição detalhada dos vestígios arqueológicos da região, com cerâmicas decoradas por meio de uma combinação de modelagem e incisão (Howard, 1943). Estes dados foram reavaliados por Cruxent e Rouse (1963), cujas análises acabaram por definir as séries Barrancoide (a partir dos sítios Barrancas e Los Barrancos) e Saladoide (a partir do sítio Saladero). Posteriormente, cerâmicas arqueológicas com atributos e profundidade cronológica semelhantes foram encontradas em outras áreas da Amazônia, como no alto Amazonas (Lathrap, 1962), no médio Amazonas (Hilbert, 1968), na Guiana Inglesa (Evans; Meggers, 1960), e na Amazônia boliviana (Nordenskiöld, 1924), levando esses materiais a serem considerados como uma mesma Tradição (Brochado, 1970). Há uma dificuldade relacionada ao estabelecimento de uma cronologia para as cerâmicas do baixo e médio Orinoco, onde teoricamente estariam as datas mais antigas para a série Barrancoide, no próprio sítio de Barrancas (Barse, 2004; Boomert, 2001). Semelhanças entre as cerâmicas Barrancoide do Orinoco e Borda Incisa da Amazônia brasileira foram apontadas por Meggers e Evans (1961, 1983). Alguns pesquisadores avançaram na hipótese, sugerindo que se trataria de uma dispersão de populações agricultoras falantes de línguas do tronco Arawak (Lathrap, 1970; Heckenberger, 2003). Pesquisas atuais têm retomado a discussão sobre a associação entre língua e cultura material, tópico muito polemizado na arqueologia. Na Amazônia, algumas correlações desta natureza têm sido exploradas para as cerâmicas incisas e modeladas (Barrancoide e também Pocó-Açutuba) e as línguas Arawak.

yacimiento de Los Barrancos, situado en el curso inferior del río Orinoco, Venezuela. Este trabajo proporciona la primera descripción detallada de los restos arqueológicos de la región, con la cerámica decorada y una combinación de modelado e incisión (Howard, 1943). Estos datos fueron reevaluados por Cruxent y Rouse (1963), cuyo análisis llegó a definir la serie Barrancoide (a partir de los sitios Barrancas y Los Barrancos) y Saladoide (a partir del sitio Saladero). Más tarde, las cerámicas arqueológicas con atributos y profundidad cronológica semejantes fueron encontrados en otras áreas de la Amazonia, como en el Alto Amazonas (Lathrap 1962), en la cuenca central del Amazonas (Hilbert en 1968), en la Guayana Inglesa (Evans y Meggers 1960), y en la Amazonia boliviana (Nordenskiöld 1924), con lo que este material es considerado una tradición por Brochado (1970). Hay una aparente dificultad relacionada con el establecimiento de una cronología para las cerámicas del bajo y medio Orinoco, donde teóricamente estarían las fechas más antiguas de la serie Barrancoide, en el propio sitio de Barrancas (Barse 2004; Boomert 2001). Las similitudes entre la cerámica Barrancoide del Orinoco y Borda Incisa de la Amazonía brasileña fueron señaladas por Meggers y Evans (1961, 1983). Algunos investigadores han avanzado con la hipótesis, sugiriendo que se trataría de una dispersión de poblaciones agrícolas hablantes del tronco Arawak (Lathrap, 1970; Heckenberger, 2003). Las investigaciones actuales han reanudado el debate sobre la relación entre el lenguaje y la cultura material, tema muy polemizado en la arqueología. En la Amazonía, algunas correlaciones de esta naturaleza han sido exploradas para las cerámicas incisas y modeladas (Barrancoide y también Pocó-Açutuba) y las lenguas Arawak.

FORMATIVO
FORMATIVO
FORMATIVE

Período que se refere ao processo de sedentarização das sociedades pré-coloniais, tradicionalmente associado às mudanças ambientais, adaptativas, sociais e culturais que levaram à domesticação de plantas, ao desenvolvimento da agricultura, da vida sedentária e da produção da cerâmica. O conceito foi usado inicialmente no contexto da América Central e Peru na década de 1940,

Período que se refiere al proceso de sedentarismo de las sociedades pre-coloniales, tradicionalmente asociado con los cambios ambientales, adaptativos, sociales y culturales que llevaron a la domesticación de las plantas, el desarrollo de la agricultura, el sedentarismo y la producción de cerámica. El concepto fue utilizado por primera vez en el contexto de América Central y Perú en la década de 1940, llegando a ser

tornando-se relevante nas terras baixas tropicais vinte anos depois, com os trabalhos de Reichel-Dolmatoff (1965). Atualmente, intensifica-se um amplo e profundo debate entre os pesquisadores, em torno do uso desses e outros conceitos no contexto amazônico, onde se encontram as cerâmicas mais antigas do continente (a exemplo de Valdivia, no litoral do Equador; em San Jacinto e Puerto Hormiga, no baixo rio Magdalena, norte da Colômbia; sambaquis no litoral amazônico e sambaquis fluviais no baixo Amazonas, Brasil), com datas que remontam a 7 mil anos. Em contrapartida, na maioria desses contextos de produção cerâmica antiga, as evidências de plantas domesticadas são escassas, e ainda mais tênue a associação com a agricultura. Assim, a aplicação mecânica deste conceito é problemática, e pode mascarar a heterogeneidade e os múltiplos caminhos do desenvolvimento de sociedades pré-coloniais amazônicas (Neves, 2007).

relevante en las tierras bajas tropicales veinte años después con los trabajos de Reichel-Dolmatoff (1965). Actualmente un fuerte movimiento de crítica se ha construido en torno a la utilización de estos y otros conceptos en el contexto amazónico, donde tenemos las cerámicas más antiguas del continente (Ej. Valdivia, en la costa Ecuatoriana, San Jacinto y Puerto Hormiga, la parte baja del río Magdalena, en el norte de Colombia; sambaquis en el litoral amazónico y concheros fluviales en el bajo Amazonas, Brasil) con fechados que se remontan a 7000 años. Por el contrario, en la mayoría de estos antiguos contextos de producción cerámica, hay poca evidencia de plantas domesticadas y se vuelve más tenue la asociación con la agricultura. Por lo tanto, la aplicación mecánica de este concepto es problemático y puede enmascarar la heterogeneidad y los múltiples caminos de desarrollo de las sociedades precoloniales amazónicas (Neves, 2007).

GUARITA
GUARITA
GUARITA



O complexo cerâmico ou fase Guarita foi definido por Peter Paul Hilbert (1959, 1968), durante seus trabalhos na cidade de Manaus, no sítio arqueológico Refinaria, próximo à área de confluência dos rios Negro e Solimões. A cerâmica Guarita é caracterizada principalmente pelo uso da policromia (pinturas em preto, amarelo e diferentes tons de vermelho sobre um engobo branco), decoração plástica acanalada, bordas reforçadas externamente, uso de flanges mesiais, morfologias com bocas quadrangulares e urnas antropomorfas. As decorações (plásticas e pintadas) podem ser retilíneas ou curvilíneas, com motivos geométricos (singular ou espelhados), zoomorfos (sobretudo cobras) ou antropomorfos (Tamanaha, 2012; Neves, 2013). Vestígios semelhantes foram denominados Miracanguera, no século XIX, coletados no sítio homônimo por Barbosa Rodrigues (1877). As principais características são as decorações pintadas e as urnas antropomorfas, que Rodrigues correlacionou com a cerâmica Marajoara. Ao revisar esses dois conjuntos cerâmicos, Brochado (1984; 1989) os classifica em duas sub-tradições pertencentes à Tradição Policroma da Amazônia:

El complejo cerámico de la fase Guarita fue definido por Peter Paul Hilbert (1959, 1968) durante sus trabajos en la ciudad de Manaus, en el sitio arqueológico Refinaria, cerca de la zona de la confluencia de los ríos Negro y Solimões. La cerámica Guarita se caracteriza principalmente por el uso de la policromía (pinturas en tonos negro, amarillo y varios tonos de rojo sobre un engobe blanco), decoración plástica, acanalada, bordes reforzados externamente, el uso de rebordes mesiales, morfologías con bocas cuadrangulares y urnas antropomorfas. Las decoraciones (plásticas y pintadas) pueden ser rectilíneas y curvilíneas, con motivos geométricos (singulares o espejados), zoomorfos (especialmente serpientes) o antropomorfos (Tamanaha, 2012; Neves, 2013). Vestigios similares fueron recolectados y denominados Miracanguera en el siglo XIX, en el sitio del mismo nombre por Barbosa Rodrigues (1877). Las características principales son las decoraciones pintadas y las urnas antropomorfas, que Rodrigues correlaciona con cerámica Marajoara. En la revisión de estos dos conjuntos cerámicos, Brochado (1984; 1989) los clasifica en dos sub-tradiciones pertenecientes a la

HACHURADO-
ZONADO
HACHURADO
ZONAL
ZONED HACHURE



Guarita e Miracanguera. Atualmente, o termo subtradição está em desuso, e estas cerâmicas têm sido tratadas como parte de um único complexo com variações regionais.

Há cinquenta anos, evidências de cerâmicas antigas encontradas na Amazônia brasileira foram agrupadas por Meggers e Evans na Tradição Hachurado-Zonado, datada entre 500 aC e 500 dC (1961, 1983). Algumas das fases cerâmicas identificadas por estes autores são: Jaurí, proveniente de um depósito de conchas próximo a Alenquer (PA), Ananatuba, na Ilha de Marajó, que tem data terminal de 900 aC; Yasuní, no Equador oriental, e Tutishcainyo, no Peru Oriental (Hilbert, 1968: 272-273). Estes autores pleiteiam uma origem dos materiais associados à Tradição Hachurada-Zonada no noroeste da Colômbia, nas cerâmicas de Puerto Hormiga, datadas de 3.090-2.552 aC (Meggers; Evans, 1968: 88-92).

Tradicón Polícroma Amazónica: Guarita y Miracanguera. Hoy en día el término de subtradicón está en desuso y estas cerámicas han sido tratadas como parte de un único complejo con variaciones regionales.

Hace cincuenta años, evidencias de las cerámicas antiguas encontradas en la Amazonia brasileña fueron agrupadas por Meggers y Evans en la Tradición Hachurada Zonal, datada entre 500 aC. y 500 dC (1961, 1983). Algunas de las fases cerámicas identificadas por estos autores son: Jaurí, provenientes de un depósito de conchas cerca de Alenquer (PA), Ananatuba, en la isla de Marajó, que tiene fecha terminal del 900 aC, Yasuní, en el oriente Ecuatoriano y Tutishcainyo, al este del Perú (Hilbert, 1968, p. 272-273). Estos autores planteaban un origen de los materiales asociados con la Tradición Hachurada Zonal en el noroeste de Colombia, en las cerámicas de Puerto Hormiga, fechadas 3090 a 2552 aC (Meggers y Evans, 1968: 88-92).

INCISO-PONTEADO
INCISO-PUNTEADO
INCISED PUNCTATE



Como o seu nome sugere, a tradição Inciso-Ponteado definida por Meggers e Evans (1961), agrupa indústrias cerâmicas caracterizadas por decorações incisivas e ponteadas, que muitas vezes também possuem elementos modelados. As decorações modeladas são geralmente adornos antropomorfos, zoomorfos ou geométricos. O tratamento de superfície mais comum nessas cerâmicas é o engobo vermelho. Os temperos utilizados são o *cauixí*, o caco moído, a rocha triturada e/ou o caraipé. Cerâmicas pertencentes à Tradição Inciso-Ponteado foram datadas por volta de 1000-1500 AD, com base em indústrias cerâmicas da Venezuela e em datações radiocarbônicas (Meggers; Evans, 1961: 384). São encontradas no Orinoco, na Amazônia, na Guiana Inglesa e no Amapá. Segundo Meggers e Evans (1961), esta tradição originária da Colômbia teria se difundido pela boca do rio Orinoco até a bacia do rio Amazonas. Sua presença no Orinoco é ilustrada pelo complexo cerâmico Arauquín; na Guiana Inglesa está associada à fase Mabaruma; e no Amapá é encontrada na fase Mazagão. Na Amazônia brasileira, os complexos cerâmicos Santarém e

Como su nombre lo sugiere, la tradición Inciso-Punteado, establecida por Meggers y Evans (1961) agrupa industrias cerámicas caracterizadas por decoraciones incisivas y punteadas, que muchas veces también poseen elementos modelados. Las decoraciones modeladas son generalmente figuras antropomorfas, zoomorfas o geométricas. El tratamiento de superficie más común en estas cerámicas es el engobe rojo. Los atemperantes utilizados son cauixí, tiesto molido, roca triturada y/o caraipé. Las cerámicas pertenecientes a la Tradición Inciso-Punteado fueron datadas alrededor del año 1000-1500 AD, en industrias cerámicas de Venezuela (Meggers y Evans 1961: 384). Se encuentran en el Orinoco, la Amazonía, en la Guayana Inglesa y Amapá. Según Meggers y Evans (1961), esta tradición originaria de Colombia se habría extendido a través de la boca del Orinoco hasta la cuenca del río Amazonas. La presencia de esta tradición en el Orinoco es ilustrada por el complejo cerámico Arauquín, en la Guayana Inglesa está presente a través de la fase Mabaruma y en Amapá se encuentra en la fase Mazagão. En la Amazonia brasileña, el complejo cerámico Santarém en el bajo Amazonas

MARAJOARA
MARAJOARA
MARAJOARA



Konduri no Baixo Amazonas, pertencem todos a esta tradição.

O termo refere-se às culturas que floresceram na porção leste da ilha de Marajó, entre 350 e 1.400 AD, com estilos cerâmicos característicos e a construção de aterros. As cerâmicas exibem uma diversidade de técnicas decorativas, por vezes combinadas (pintura, excisão, incisão, retoques, etc.), que compõe um rico, porém rígido repertório de vasilhas. Meggers e Evans (1957), os primeiros a escavarem esses sítios de forma sistemática, criaram a Fase Marajoara, filiada à Tradição Polícroma da Amazônia. A complexidade das cerâmicas e dos sítios levaram Meggers a supor que essas culturas se originaram fora da Amazônia, nos Andes ou no Circum-Caribe, e teriam se deteriorado em território amazônico ao longo do tempo devido a limitações do ambiente tropical. Roosevelt (1991) escavou o Teso dos Bichos e contra-argumentou a tese de Meggers, não só a favor de uma origem local, mas também do desenvolvimento de sociedades complexas com base na agricultura intensiva, o que não chegou a ser comprovado. Schaan (2004), que escavou sítios do complexo Camutins, concluiu que vários cacicados se desenvolveram na ilha, mas ao invés da agricultura, apontou para o manejo e controle de recursos aquáticos. A iconografia da cerâmica Marajora foi objeto de inúmeros estudos, incluindo os de Schaan (1997) e Barreto (2009). Recentemente, alguns autores têm questionado a filiação da fase Marajoara à Tradição Polícroma, propondo uma visão mais dinâmica dos processos que desembocaram na diversidade de técnicas e estilos presentes na cerâmica Marajoara (Schaan, 2007; Barreto, 2010).

NEOBRASILEIRA,
CABOCLA OU DE
TRADIÇÃO LOCAL
COLONIAL
COLONIAL

Termos utilizados para se referir às tradições de cerâmicas fabricadas e usadas em contextos coloniais e pós-coloniais por populações caboclas da Amazônia. Guardam uma forte herança indígena, sobretudo no uso da técnica roletada, no uso do caraipé e na queima a céu aberto. Apresentam pouca variação morfológica, sendo mais comuns os recipientes de tamanho médio e boca restritiva para armazenar água, assim como

y Konduri en el Medio Amazonas pertenecen a esta tradición.

El término se refiere a las culturas que florecieron en la parte oriental de la isla de Marajó, entre 350 y 1400 dC, con estilos cerámicos característicos y la construcción de montículos. La cerámica exhibe una amplia gama de técnicas decorativas, a veces combinadas (pintura, excisión, incisión, retoques, etc.) y conforman un rico pero rígido repertorio de vasijas. Meggers y Evans (1957), fueron los primeros en excavar estos sitios de forma sistemática, crearon la fase Marajoara, afiliada a la Tradición Policromada de la Amazonía. La complejidad de la cerámica y de los sitios, llevaron a Meggers a suponer que estas culturas se originaron fuera de la Amazonia, en los Andes o en la región Circum-Caribe, y que se habrían deteriorado en el territorio amazónico a lo largo del tiempo, debido a las limitaciones del ambiente tropical. Roosevelt (1991) excavó Teso dos Bichos y contradijo a Meggers, no sólo a favor de un origen local, sino también sobre el desarrollo de las sociedades complejas basadas en la agricultura intensiva, que nunca fue comprobado. Schaan (2004), que excavó sitios del complejo Camutins, llegó a la conclusión de que varios cacicazgos se desarrollaron en la isla, pero en lugar de la agricultura, se refirió a la gestión y control de los recursos acuáticos. La iconografía de la cerámica Marajora ha sido objeto de numerosos estudios, incluyendo Schaan (1997) y Barreto (2009). Recientemente, algunos autores han cuestionado la filiación de la fase Marajoara a la Tradición Polícroma, proponiendo una visión más dinámica de los procesos que desembocaron en la diversidad de técnicas y estilos presentes en la cerámica Marajoara (Schaan, 2007 Barreto, 2010).

Términos utilizados para referirse a las tradiciones de cerámicas fabricadas y utilizadas en contextos coloniales y postcoloniales por poblaciones mestizas de la Amazonía. Estas mantienen una fuerte herencia indígena, sobre todo en el uso de la técnica del rodete, el uso de Caraipé, y la queima a cielo abierto. Presentan pocas variaciones morfológicas, siendo más comunes los recipientes de tamaño medio con boca restricta, utilizados para almacenar agua,

POCÓ-AÇUTUBA
POCÓ-AÇUTUBA
POCÓ-AÇUTUBA



as bilhas com alça. Podem ser lisas ou decoradas, em geral com alguns filetes digitados ou ponteados ao redor do gargalo e do bojo, ou ainda a presença de pinturas com motivos florais. O termo cerâmica Neobrasileira, muito utilizado pelo PRONAPA, atualmente está sendo revisto por pesquisas com abordagens pós-coloniais.

Denominação conferida a complexos cerâmicos antigos, que apresentam grande semelhança estilística e contextual, com ampla distribuição na Amazônia, datadas do primeiro milênio AC aos primeiros séculos AD. Cerâmicas Pocó-Açutuba ocorrem na Amazônia central (fase Açutuba) (Lima et al., 2006), no baixo Amazonas, nos rios Trombetas e Nhamundá (sítios Pocó e Boa Vista) (Hilbert; Hilbert, 1980, Guapindaia, 2008), em Santarém (Gomes, 2011), no lago Amanã, próximo a Tefé (Costa, 2012) e em La Pedrera, no rio Caquetá (Morcote-Ríos, 2011). Estes contextos apresentam uma padronização surpreendente, sobretudo nos aspectos estilísticos e contextuais dos conjuntos. Além da singularidade das cerâmicas, que caracteriza um amplo repertório decorativo, as ocupações Pocó-Açutuba distinguem-se por diversos elementos, recentemente sistematizados por Neves e colaboradores (2014), dentre os quais se destacam: 1) a amplitude da dispersão geográfica; 2) em muitos casos, estes são os primeiros sinais de ocupação humana após longos hiatos no Holoceno médio; 3) a absoluta diferença entre as cerâmicas Pocó-Açutuba e as cerâmicas mais antigas conhecidas na Amazônia (Taperinha, Mina, Parauá, Bacabal, etc.); 4) associação dessas ocupações com o início da produção de terras pretas; 5) habitação de áreas ao longo dos grandes rios ou lagos e, no caso do rio Trombetas, também em terra firme; e 6) a presença constante de feições (bolsões) com concentrações de cerâmicas decoradas. Na retomada da discussão sobre a associação entre língua e cultura material em pesquisas atuais, as cerâmicas Pocó-Açutuba têm sido associadas a povos falantes do troco linguístico Arawak, assim como outros complexos de cerâmicas incisadas e modeladas, como as da série Barrancoide.

así como jarras con asa. Pueden ser lisas o decorados, en general con algunas bandas digitadas o punteadas en torno al cuello o al cuerpo y algunos motivos florales pintados. El término cerámica Neobrasileira, ampliamente utilizados por PRONAPA, está ahora siendo revisado por investigaciones con enfoques poscoloniales.

Denominación conferida a los complejos cerámicos antiguos con gran parecido estilístico y contextual, de amplia distribución en la Amazonía, que data del primer milenio aC hasta los primeros siglos dC. Las cerámicas Pocó-Açutuba aparecen en la Amazonia central (fase Açutuba) (Lima et al., 2006), en el bajo Amazonas, en los ríos Trompetas y Nhamundá (sitios Pocó y Boa Vista) (Hilbert & Hilbert 1980, Guapindaia 2008), en Santarém (Gomes, 2011) en el Lago de Amanã, cerca de Tefé (Costa, 2012) y en La Pedrera, en el río Caquetá (Morcote-Ríos, 2011). Estos contextos muestran una sorprendente estandarización, incluyendo aspectos estilísticos y contextuales de los conjuntos. Además de la singularidad de la cerámica, que posee un gran repertorio decorativo, las ocupaciones Pocó-Açutuba se destacan por varios otros elementos, recientemente sistematizados por Neves y sus colaboradores (2014), entre las que destacan: 1) la amplitud geográfica; 2) en muchos de estos son los primeros indicios de ocupación humana después de largos hiatos en el Holoceno medio; 3) la absoluta diferencia entre la cerámica Pocó-Açutuba y las cerámicas más antiguas conocidas en la Amazonía (Taperinha, Mina, Parauá, Bacabal etc.); 4) asociación de esas ocupaciones con el inicio de la producción de la tierras negras; 5) ocupaciones en áreas a lo largo de los principales ríos y lagos, y en el caso del río Trombetas, también sobre tierra firme; y 6) la presencia constante de bolsones con concentraciones de cerámicas decoradas. En la investigación actual, se retoma la discusión sobre la relación lengua y cultura material. Las cerámicas Pocó-Açutuba han sido asociadas a pueblos hablantes del tronco lingüístico Arawak, así como otros elementos de cerámicas incisadas y modeladas, como a la serie Barrancoide.



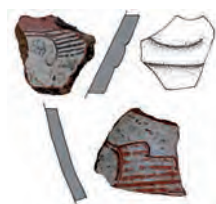
A Tradição Polícroma da Amazônia (TPA) foi identificada por Howard em 1947 e posteriormente refinada por Meggers e Evans, sobretudo na obra sobre o rio Napo (1968). Os elementos característicos das cerâmicas da TPA são a pintura vermelha e/ou preta sobre engobo branco, mas também outras técnicas decorativas, como incisão, excisão, acanalado e retocado sobre superfícies simples ou engobadas, bordas espessas, reforçadas externamente, cambadas ou vazadas; e as urnas antropomorfas. É uma Tradição com ampla dispersão geográfica, desde a foz do Amazonas até o sopé dos Andes, e ocorrência significativa no contexto regional desde 400 AD até o período colonial. Pesquisas realizadas em diferentes pontos da Amazônia identificaram mais de 300 sítios, cujas cerâmicas evidenciam os traços comuns, porém apresentam variações locais, sendo agrupadas em fases ou denominações locais. A mais conhecida é a fase *Marajoara* (400 a 1400 AD), no estuário; as outras são *Miracanguera* (na região de Silves, Itacoatiara e Uricurituba), *Guarita* (nas regiões de Manaus, baixo rio Negro, Manacapuru, Codajás e Coari); *Tefé* (nas proximidades da cidade de Tefé); *Borba* (no baixo Madeira), *Jatuarana* (no alto Madeira); *São Joaquim* e *Pirapitinga* (no alto Solimões); *Zebu* (em Leticia, Colômbia); *Nofurei* (orio Caquetá, Colômbia); *Caimito* (no alto Amazonas e Ucayali); e *Napo* (no rio Napo, Equador). Trabalhos recentes têm reavaliado a posição da Fase Marajoara dentro da TPA (assim como outras fases da área estuarina, antes classificadas nesta tradição, e.g. *Aristé* e *Koriabo*), (Barreto, 2009, Almeida, 2013; Neves, 2013). Lathrap (1970) e Brochado (1984) associavam a distribuição desta Tradição à expansão de grupos falantes de línguas Tupi, mas não há referência à região de origem. A associação com o tronco linguístico Tupi amplia o campo para novas pesquisas no sudoeste da Amazônia, em particular a região do Madeira (Neves, 2013; Almeida, 2013). A expansão dos grupos portadores de cerâmicas desta tradição parece ter se intensificado entre 800 e 1000 AD, e provavelmente se deu de forma belicosa, como

La Tradición Policroma de la Amazonía (TPA) fue identificada por Howard en 1947, pero más tarde fue refinada por Meggers y Evans, especialmente en su obra sobre el río Napo (1968). Los elementos característicos de la cerámica de TPA son pintura roja y/o negra sobre engobe blanco, pero también combinadas con otras técnicas decorativas como la incisión, excisión, el acanalado y retocado sobre superficies simples o engobadas, bordes gruesos, reforzados externamente, com huecos, y urnas antropomorfas. Es una tradición con una amplia dispersión geográfica, se extiende desde la desembocadura del Amazonas hasta el pie de los Andes y con desarrollos regionales desde 400 dC hasta el periodo colonial. Investigaciones llevadas a cabo en diferentes puntos de la Amazonía identificaron más de 300 sitios con cerámica, que aunque guardan características comunes, cuentan con variaciones locales, siendo agrupadas en fases o denominaciones locales. La más conocida es la fase Marajoara (400-1400 dC), en el delta; las otras fases son Miracanguera (en la región de Silves, Itacoatiara y Uricurituba), Guarita (en la región de Manaus, Bajo Río Negro, Manacapuru, Codajás y Coari); Tefé (en las proximidades de la ciudad de Tefé); Borba (en el Bajo Madera), Jatuarana (en el Alto Madeira); São Joaquim y Pirapittinga (en el alto Solimões); Zebú (en Leticia, Colombia); Nofurei (orio Caquetá, Colombia); Caimito (en el alto Amazonas y Ucayali); y Napo (en el río Napo, Ecuador). Estudios recientes han reconsiderado la posición de la fase Marajoara dentro de la TPA (así como otras fases del área del delta, antes clasificadas en esta tradición, por ejemplo Aristé y Koriabo) (Barreto, 2009, Almeida, 2013; Neves, 2013). Lathrap (1970) y Brochado (1984) creían que la distribución de esta tradición se relacionaba a la expansión de los grupos hablantes de la lengua Tupí, pero hasta ahora no se sabe cuál es su región de origen. La asociación del tronco lingüístico Tupí hecha con el suroeste de la Amazonía, en particular la región del Madeira, es una posibilidad a ser mejor investigada (Neves, 2013 Almeida, 2013). La expansión de los grupos portadores de las cerámicas de esta tradición parece haberse intensificado entre el 800 y 1000 dC, y es

sugerem as estruturas de defesa encontradas em sítios da Amazônia central (Moraes, 2013). O maior número de datações recentes, chegando ao período colonial, ocorre na alta Amazônia, indicando que esses grupos foram empurrados Solimões acima à época da conquista. Etnohistoriadores acreditam que os grupos descritos pelos primeiros exploradores europeus ao longo do Solimões eram fabricantes das cerâmicas policromas (Porro, 1996).

probable que se haya dado de manera belicosa, como sugieren las estructuras de defensa que se encuentran en sitios de la Amazonia Central (Moraes, 2013). Un mayor número de dataciones recientes, llegando hasta el período colonial, aparecen en la alta Amazonía, lo que indica que estos grupos fueron empujados a la desembocadura del Solimões en el momento de la conquista. Etnohistoriadores creen que el grupo descrito por los primeros exploradores europeos a lo largo del Solimões eran los fabricantes de la cerámica policroma (Porro, 1996).

SALADOIDE SALADOID



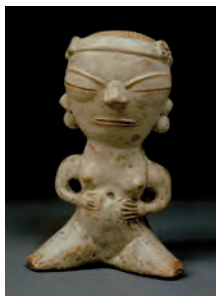
As cerâmicas Saladoide estão disseminadas pela Venezuela, Guianas e Antilhas, derivadas de uma suposta origem no baixo rio Orinoco. Foram associadas à tradição Tutishcainyo para explicar as expansões das línguas Maipure/Arawak na Amazônia (Lathrap, 1970; Rouse, 1985; Heckenberger, 2002; 2005; Eriksen, 2011). A sequência cultural e cronológica dos complexos Saladoide e Barrancoide no rio Orinoco têm sido foco de intensos debates. Foram propostas duas cronologias, uma longa, que propunha o início para o complexo Saladoide (la Gruta) em 4000BP (ca. 2400 BC) (Roosevelt, 1980). Em contraste, foi proposta uma cronologia curta, com início em torno de 2600 BP (ca. 600 BC) (Sanoja; Vargas, 1983; Gassón, 2002; Zucchi, 2002). Uma terceira, mais aceita atualmente, foi proposta por Boomert (Oliver, 2013). Trata-se de uma cerâmica fina, pintada de vermelho e branco, priorizando-se faixas ou áreas às linhas finas. Cruxent e Rouse (1958) consideraram as cerâmicas Saladoide (de estilo Saladero) como um componente independente e que precede Barrancas. Outros sugeriram que as cerâmicas Barrancoide e Saladoide representariam variações de uma única tradição cerâmica (sendo Saladoide a variante pintada e a Barrancoide com decoração plástica). Essas cerâmicas se assemelham com os complexos Pocó-Açutuba da Amazônia brasileira (Lima et al., 2006; Neves et al., 2014).

Las cerâmicas Saladoide se encuentran dispersas por Venezuela, Guayanas y las Antillas, derivadas de un supuesto origen del bajo río Orinoco. Fueron asociadas a la tradición Tutishcainyo para explicar las expansiones de las lenguas Maipure/Arawak en la Amazonía (Lathrap 1970; Eriksen 2011; Heckenberger 2002, 2005; Rouse 1985). La secuencia cultural y cronológica de los complejos Saladoide y Barrancoide en el río Orinoco fueron focos de debate extensivos. Se propusieron dos cronologías, una larga, que sugería el inicio del complejo Saladoide (la Gruta) en 4000 BP (ca. 2400 aC) (Roosevelt, 1980) y una cronología corta, que proponía sus inicios en torno del 2600 BP (ca. 600 aC) (Sanoja y Vargas, 1983; Gasson, 2002 Zucchi, 2002). Una tercera, más aceptada actualmente fue propuesta por Boomert (Oliver, 2013). Se trata de una cerámica fina, pintada rojo y blanco, dando prioridad a las áreas de líneas finas. Cruxent y Rouse (1958) consideran la cerámica Saladoide (de estilo Saladero) como un componente independiente y que precede a Barrancas. Otros han sugerido que la cerámica Barrancoide y Saladoide representan variaciones de una sola tradición cerámica (siendo Saladoide una variante pintada del Barrancoide con decoración de plástica). Estas cerâmicas se asemejan al complejo Pocó-Açutuba de la Amazonia brasileña (Lima et al, 2006; Neves et al, 2014).

SANTARÉM SANTARÉM SANTARÉM

A cultura Santarém é representada pelos vestígios arqueológicos associados aos grupos indígenas que habitaram a região de Santarém entre os séculos VIII ou IX e XVI. Os relatos

La cultura Santarém está representada por los restos arqueológicos asociados con los grupos indígenas que vivían en la región de Santarém entre los siglos VIII o IX y XVI. Los relatos



etnohistóricos descrevem vários grupos na região à época da conquista europeia, dentre os quais os Tapajó parecem ter sido predominantes (Heriarte, 1964 [1874]). Esses índios ocuparam o Baixo Amazonas, tendo o sitio Aldeia, onde está localizada a atual cidade de Santarém, como capital. Vestígios desta cultura foram encontrados por Nimuendaju (1952 [1939]: 9) ao sul de Santarém, na região de Alter do Chão e Samahuma, Arapixuna, na margem Sul do Lago Grande de Vila Franca, e na margem direita do Amazonas, entre o Lago Grande de Vila Franca e o Arapixuna. Estimativas da dispersão desta cultura foram atualizadas por pesquisas recentes, que identificaram a presença de cerâmicas da cultura Santarém no município de Itaituba, localizado a 230 km de Santarém (Martins, 2012). Três tipos de vasos característicos desta cultura foram descritos por Barata (1950): vaso de cariátides, vaso de gargalo e vaso globular. As estatuetas antropomorfas também são artefatos emblemáticos da cultura Santarém e podem ser classificadas em duas categorias: estatuetas femininas com base semi-lunar; e grandes vasos ou efígies ocas femininas ou masculinas em posição sentada (Gomes, 2001). Cerâmica com marcas de cestaria foram associadas ao uso doméstico (Hartt, 1885: 61) e testemunham de uma prática cujos vestígios materiais desapareceram. Apesar da rebuscada cerâmica ser o elemento mais conhecido desta cultura, os artefatos líticos demonstram também uma exímia e complexa tecnologia de polimento, como se pode perceber nos artefatos líticos mais típicos, que são os machados, os muiraquitãs de pedra verde e as rodelas de fuso confeccionadas com óxido de ferro (Moraes et al., 2014).

etnohistóricos describen varios grupos en la región en el momento de la conquista europea, entre los cuales los Tapajó parecen haber sido el grupo más numeroso (Heriarte, 1964 [1874]). Ellos ocupaban el Bajo Amazonas, teniendo su aldea donde se encuentra la actual ciudad de Santarém como capital. Vestigios de esta cultura fueron encontrados por Nimuendajú (1952 [1939]: 9) al sur de Santarém, en la región de Alter do Chão y Samahuma, Arapixuna, en el margen sur del Lago Grande de Vila Franca, y en el margen derecho del Amazonas, entre el Lago Grande de Vila Franca y Arapixuna. Las Estimaciones de la dispersión de esta cultura han sido modificadas por las recientes investigaciones que encontraron la presencia de la cerámica de la cultura Santarém, en el municipio de Itaituba, ubicada a 230 km de Santarém (Martins, 2012). Tres tipos de vasos característicos de esta cultura han sido descritos por Barata (1950): vaso de cariátides, vaso de gargalo y vaso globular. Las figurinas antropomorfas son también un artefacto emblemático de la cultura Santarém y pueden ser clasificadas en dos categorías: figurinas femininas con base semi-esférica y grandes vasos huecos o efígies femininas o masculinas en posición sentada (Gomes, 2001). Cerámica con marcas de cestería fueron asociadas al uso doméstico (Hartt, 1885: 61) y dan testimonio de una práctica cuyos restos materiales han desaparecido. A pesar de la elaborada cerámica el elemento más conocido de esta cultura, son los artefactos líticos, que demuestran también una excelente y compleja tecnología de pulimiento, como se puede percibir en los artefactos líticos más típicos que son las hachas, las muiraquitãs de piedra verdes y las torteras de huso confeccionadas con óxido de hierro (Moraes et al, 2014).

TUPIGUARANI
TUPI-GUARANI
TUPIGUARANI



Trata-se da cerâmica produzida pelos falantes de línguas relacionadas à família Tupi-Guarani: cerâmicas roletadas, com antiplástico de mineral (o caco moído predomina fora da Amazônia), queima incompleta (a céu aberto), vasos com ângulos (carenas, ombros), decorações plásticas (corrugados, ungulados, digitados, incisos) e pintadas (vermelho, preto e branco). Como se trata de uma cerâmica que abrange amplas áreas

Se trata de la cerámica producida por los hablantes de las lenguas relacionadas con la familia Tupí-Guaraní: cerâmicas de rodete, con antiplástico mineral o fragmentos molidos, que predominan fuera de la Amazonía, quema incompleta (al aire libre), vasos con ángulos (carenas, hombros), decoraciones plásticas (corrugado, ungulados, digitado, incisos) y pintados (rojo, negro y blanco). Al tratarse de una cerâmica que ocupa grandes

das terras baixas da América do sul, com uma profundidade cronológica que remete ao início da era cristã, pode-se denominar a cerâmica Tupi-Guarani de uma Tradição. Alguns autores utilizam subdivisões regionais (e.g. Subtradição Tupinambá da Amazônia, da Mata Atlântica ou Guarani). A diferença entre Tupi-Guarani e Tupiguarani não está relacionada à definição dos elementos que caracterizam esse estilo cerâmico, e sim a uma postura dos arqueólogos que trabalham com essa cerâmica: enquanto o uso de “Tupiguarani”, quando muito, remete a uma ligação indireta com os grupos históricos, a utilização do hífen (como utilizado para definir a família linguística) sugere que o pesquisador busca contextualizar os dados arqueológicos com dados históricos e etnográficos sobre os Tupi-Guarani. Isto é, busca discutir sobre a história de determinados grupos indígenas (Almeida, 2013).

extensiones de las tierras bajas de América del Sur, con una profundidad cronológica que se remonta a inicios de la era cristiana, se denominó a la cerámica Tupí-Guaraní como una Tradición cerámica. Algunos autores utilizan subdivisiones regionales (Ej. Subtradición Tupinambá de la Amazonía, de la Mata Atlántica o Guaraní). La diferencia entre Tupí-guaraní y Tupiguaraní no está relacionada con la definición de los elementos que caracterizan a este estilo cerámico, sino a una postura de los arqueólogos que trabajan con esta cerámica: mientras que el uso de “Tupiguaraní” se refiere a una relación indirecta con grupos históricos, la utilización del guion, indica el uso para definir a la familia lingüística. Esto sugiere que los investigadores buscan contextualizar los datos arqueológicos con datos históricos y etnográficos de los Tupí-Guaraní. Es decir, intenta discutir sobre la historia de determinados grupos indígenas (Almeida, 2013).

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, A. N. **Brasil: paisagens de exceção: o litoral e o pantanal matogrossense: patrimônios básicos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- ACUÑA, C. **Nuevo Descubrimiento del Gran Río de Las Amazonas**. Buenos Aires, Emecé editores, 1946.
- ADALBERT, Príncipe da Prússia [1811-1873]. Brasil: Amazonas - Xingu. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977 (Coleção Reconquista do Brasil, v. 34).
- ADAM, L. Matériaux pour servir à rétablissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille Tupi. **Bibliothèque Linguistique Américaine**, Paris, Paris, v. 6, n. 136, p. 83, 1896.
- ADAMS, W. Y; ADAMS, E. W. **Archaeological typology and practical reality. A dialectical approach to artifact classification and sorting**. Cambridge: Cambridge University Press. 1991.
- AECI-GOREL, **Mapa Hidrográfico de la Reserva Nacional Pacaya-Samiria**, Escala 1:500000. 2002.
- AGUILERA, María. Del San Miguel hacia el Norte. In: TUFÍÑO, PAUL (Ed.). **Cuyabeno Ancestral**. Quito: Imprenta Mariscal, 2003. p.49-122.
- AHLBRINCK, W. **Encyclopaedie der Karaiben**, Amsterdam, 1931.
- AIKENS, C. M. First in the World. The Jomon pottery of early Japan. In: BARNETT, W. K; HOOPEES, J. W. (Ed.). **The emergence of pottery. Technology and innovation in ancient societies**. Washington DC: Smithsonian Institution Press, 1995. p. 11-21.
- ALLAIRE, L. On the historicity of Carib migrations in the Lesser Antilles, **American Antiquity**, 45(2), Salt Lake City, 1980: 238-245.
- ALLAIRE, L. A reconstruction of early historical Island Carib pottery, **Southern Archaeology**, 3(2), 1984: 121-133.
- ALMEIDA, F. O. **O Complexo Tupi da Amazônia Oriental**. 2008. 356 f. Dissertação. (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ALMEIDA, F. O. Escrevendo um Capítulo da história cultural Tupinambá através da variabilidade cerâmica. **Boletim Técnico da Fundação Casa da Cultura de Marabá**, Marabá, v. 5, p. 41-55, 2010.
- ALMEIDA, F. O. **A Tradição Policroma no Alto Rio Madeira**. 2013. 650 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013a.
- ALMEIDA, F. O. Cerâmica Antiga na Periferia Leste da Amazônia: o sítio Remanso/MA. **Amazônica**. **Revista de Antropologia**, Belém, v. 5, n. 1, p. 72-96, 2013b.
- ALMEIDA, F. O; GARCIA, L. G. Aspectos do Espaço Tupinambá. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 97-119, 2008.
- ALMEIDA, F. O; NEVES, E. G. The Polychrome Tradition at the Upper Madeira River. In: ROSTAIN, S. (org.). **Amazonía: Memorias de las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica**, p. 175-182, 2014.
- ALMEIDA, F. O; NEVES, E. G. **Evidências Arqueológicas para a Origem dos Tupi-Guarani no Leste da Amazônia**. Manuscrito não publicado.
- ALVES, D. T. **A ocupação indígena na foz do rio Tapajós (3260-960 AP): estudo do sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas**. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal do Pará, 228 f., 2012.
- ALVES, D. T. e SCHAAN, D. Os bancos de cerâmica Marajoara. Seus contextos e possíveis significados simbólicos. **Amazônica**, 3(1), p.108-141, 2011.
- AMANCIO-MARTINELLI, S. G. **Processo de formação do sambaqui Ilha das Ostras no litoral Norte do estado da Bahia**. 2007. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- AMARAL, M. Levantamento Parcial do Sítio Andirobal e Inferência Sobre Conjunto Cerâmico, 16pag. Relatório não publicado gerado no âmbito do Lower Amazon Project - University of Illinois at Chicago, Santarém, Dezembro de 2004.

- AMARAL, M. Mapa do Sítio Arqueológico Urbano de Santarém, 2004-2011. Mapa não publicado elaborado no âmbito dos projetos de pesquisa: Lower Amazon Project - University of Illinois at Chicago e Projeto de Salvamento Sítio Porto – UFPA, Santarém, 2011.
- AMARAL, M. Notícias de campo, informes não publicados ou partilhados em projetos de pesquisa (relatório não publicado), 2008-2012.
- AMAT, H. La sociedad teocrática en los Andes Centrales. El águila arpía de Chavín. *Unay Rvna*, Lima, n. 7, p. 151-164, 2005.
- AMOROSO, M. R. Corsários no caminho fluvial: os Mura do rio Madeira. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. (org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ANDERSON & SASSAMAN. **Recent Developments in Southeastern Archaeology: From Colonization to Complexity**. Washington: The SAA Press, 2012.
- ANTHONY, D. **The Horse, the Wheel and Language: how Bronze-Age Riders from the Eurasian Steppes shaped the Modern World**. Princeton: Princeton University Press, 2007.
- APPELBAUM, B. **Conservation treatment methodology**. Oxford: Elsevier, 2009.
- AQUITUARI, E. **Patronímicos o apellidos kukama**. Manuscrito. Nauta. p. 1-31, 2014.
- ARAÚJO COSTA, F. J. **Projeto Baixo Tocantins: Salvamento Arqueológico na Região de Tucuruí – Pará**. 72f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.
- ARAÚJO COSTA, F. J.; CALDARELLI, S. B. **Programa de Estudos Arqueológicos na área do reservatório de Kararaô (PA)**. Relatório de Viabilidade. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1988.
- ARAÚJO COSTA, F. J.; CALDARELLI, S. B. **Relatório do Programa de Estudos Arqueológicos na Área do Reservatório de Kararaô (PA)**. Belém, MPEG, 2 vol., 1988.
- ARAÚJO, A; PILÓ, L; NEVES, W; ATUI, J.P. Human occupation and paleoenvironments in South America: expanding the notion of an “Archaic Gap”. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 15-16: 3-35, 2005-2006.
- ARELLANO, J. **Reconocimiento Arqueológico en la Cuenca del Río Orthon**, Amazonía Boliviana. Quito. 2002
- ARELLANO, J. Lago Agrio. In: TUFÍÑO, P. (Ed.). **Cuyabeno Ancestral**. Quito: Imprenta Mariscal, 2003. p.123-161.
- ARELLANO, J. **Culturas prehispánicas del Napo y El Aguarico, Amazonía Ecuatoriana: (transecta Yuturi Lago Agrio)**. Lima: Centro Cultural José Pío Aza, 2009. 321
- ARELLANO, J. La interacción cultural prehispánica de los valles interandinos, el subandino y la amazonía, norte de Ecuador. *Arqueología y Sociedad*, v. 26, p. 191-206, 2013.
- ARELLANO, J. Territorios prehispánicos en las regiones interfluviales, norte de la Amazonía del Ecuador. *Bulletin De L'Institut Français D'Etudes Andines*, v. 43, n. 1, p. 111-132, 2014.
- ARNAL, G. B. **Céramique et céramologie du Néolithique de la France Méditerranéenne**, Mémoire V du Centre de Recherche Archéologique du Haut-Languedoc, 1989.
- ARNOLD, D. E. Ethnominerology of Ticul, Yucatan Potters: Etics and Emics. *American Antiquity*, 36(1):20-40. 1971.
- ARNOLD, D. E. **Ceramic Theory and Cultural Process**. Cambridge: Cambridge University Press. 1985.
- ARNOLD, D. E. **Ecology and ceramic production in Andean community**. Cambridge: Cambridge University Press. 1993.
- ARNOLD, D. E; PRETTOL, K. Aboriginal Earthworks near the Mouth of the Beni, Bolivia. *Journal of Field Archaeology*, Vol. 15, No. 4: 457-465.1998.
- ARNOLD III, P. J. **Domestic ceramic production and spatial organization. A Mexican case study in ethnoarchaeology**. Cambridge: Cambridge University Press. 1991.
- ARONSON, M; SKIBO, J. M; STARK, M. production and use of technologies in Kalinga. In: LONGACRE, W. A; SKIBO, J. M. (Eds). **Kalinga Ethnoarchaeology. Expanding archaeological method and theory**. Washington/London: Smithsonian Institution Press, p.83-112, 1994.

- ARROYO-KALIN, M; RIVAS, S. Exploración arqueológica por el río Napo-Perú. Informe N° 001-2013/EARN/SRP/MA-K, del 27.12.2013. Informe a la Dirección Desconcentrada de Cultura de Loreto, Ministerio de Cultura, Iquitos, Peru., p.24. 2013
- ARROYO-KALIN, M; RIVAS, S. **Exploración arqueológica por el río Napo**. Amazonía peruana. Manuscrito. Iquitos, p. 1-25, 2014.
- ARROYO-KALIN, M; UGALDE, M. F. **¿Suelos Antrópicos Negros en el Oriente Ecuatoriano? Reconocimiento y Prospección Arqueológica de la Región Adyacente al Río Napo (fase 1)**. Informe presentado al Instituto de Patrimonio Cultural del Ecuador: 40 p. 2015.
- ARTHUR, J. **Living with pottery. Ethnoarchaeology among the Gamo of Southwest Ethiopia**. Salt Lake City: The University of Utah Press, 2006.
- ARVELO-JIMENEZ, N; HORACIO, B. (Eds). The impact of Conquest on Contemporary indigenous peoples of the Guiana shield: the system of the Orinoco regional interdependence. In: ROOSEVELT, A. C. **Amazonian Indians from Prehistory to the Present**. Tucson: University of Arizona Press, p. 55-78, 1994.
- ASTUHUAMÁN, C. **Asentamientos Inca en la Sierra de Piura**. 1998. 124 f. Tesis (Licenciatura en Arqueología) - Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 1998.
- ASTUHUAMÁN, C; Daggett, E. R. **Julio César Tello Rojas: Arqueólogo. Una biografía**. Artículo bajado del internet, p. 13-48, 2006. Disponible en: < http://sisbib.unmsm.edu.pe/BibVirtualData/libros/Historia/paracas_1/01_astuham%C3%A1n.pdf >. Acceso el: 01.06.2015.
- ATHENS, S. Pumpuenta: un sitio arqueológico cerca del río Macuma en el Oriente ecuatoriano, **Miscelánea antropológica ecuatoriana**, 4, p. 129-140, 1984.
- ATHENS, S. The site of Pumpuenta and the Pastaza phase in Southeastern lowland Ecuador, **Ñawpa Pacha**, 24, p. 111-124, 1986.
- ATWOOD, R. Top 10 Discoveries of 2010: Early Pyramids-Jaén, Peru. **Archaeology**, 64 (1), 2011.
- BALEÉ, W. The Culture of Amazonian Forests. In: POSEY, D. A; BALEÉ, W. (Ed.). **Resource Management in Amazonia: Indigenous and Folk Strategies**. Advances in Economic Botany, The New York Botanical Garden, Institute of Economic Botany, New York, p. 1-21, 1989. BALEÉ, W. **Footprints of the Forest: Ka'apor Ethnobotany – the historical ecology of plant domestication by an Amazonian people**. New York: Columbia University Press, 1994.
- BALEÉ, W. The Research Program of Historical Ecology. **Annual Review of Anthropology**, n. 35, p. 75-98, 2006.
- BALEÉ, W. Sobre a indigeneidade das paisagens. **Revista de Arqueologia**, Belém, v. 21, n. 2, p. 09-23, 2008.
- BALEÉ, W. **Cultural Forests of the Amazon: A historical ecology of people and their landscapes**. Tuscaloosa: The University of Alabama Press, 2013.
- BALFET, H. Des chaînes opératoires, pour quoi faire. In: BALFET, H. (Eds.). **Observer l'action technique. Des chaînes opératoires, pour quoi faire?** Paris: CNRS, p.11-20, 1991.
- BALFET, H; FAUVET-BERTHELOT, M-F; MONZON, S. **Pour la normalisation de la description des poteries**, Musée de l'Homme, Laboratoire d'Ethnologie, Département de Technologie Comparée, éditions du C.N.R.S., Paris, 1983.
- BALFET, H.; FAUVET-BERTHELOT, M ; MONZON, S. **Lexique et typologie des poteries, pour la normalisation de la description de la poterie**. Paris: CNRS Editions, 1989.
- BANDEIRA, A. M. **Ocupações humanas pré-históricas no litoral maranhense: um estudo arqueológico sobre o sambaqui do Bacanga na Ilha de São Luís-Maranhão**. 2008. 371f. Dissertação (Mestrado). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BANDEIRA, A. M. **Ocupações humanas pré-coloniais na Ilha de São Luís - MA: inserção dos sítios arqueológicos na paisagem, cronologia e cultura material cerâmica**. 2012. 1162f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BARATA, F. A Arte oleira dos Tapajó I: considerações sobre a cerâmica e dois tipos de vasos característicos. **Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará**, Belém, n. 2, p. 1-47, 1950.

- BARATA, F. A. Arte oleira dos Tapajó II: os cachimbos de Santarém. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, n. 5, p. 183-198, 1951.
- BARATA, F. A arte oleira dos Tapajó III. *Alguns elementos novos para a tipologia de Santarém*. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1953.
- BARATA, F. Uma análise estilística da cerâmica de Santarém. *Cultura*, São Paulo, n. 5, p. 185-205, 1953.
- BARATA, F. O Muiraquitã e as contas dos Tapajós. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, n. 8, p. 229-259, 1954.
- BARBOSA RODRIGUES, J. *Exploração nos rios Urubu e Japu*. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1875.
- BARBOSA RODRIGUES, J. Antiguidades do Amazonas. Sernambys. *Ensaios de Ciencia*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 23-34, 1876.
- BARBOSA-GUIMARÃES, M; GASPAR, M. D. Bibliografia brasileira sobre pescadores, coletores e caçadores pré-históricos. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, v. 1, n. 72, p. 1-55, 1998.
- BARBOSA, C. A. P. *As rodelas-de-Fuso do Acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi - Análise e Classificação*. In: I congresso Internacional da SAB, 2007, Florianópolis. I congresso Internacional da SAB, 2007.
- BARCELOS NETO, A. Panelas que cantam e devoram: a cerâmica wauja. In Joaquim Paes de Brito (org.), *Os índios e nós*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, pp.136-153, 2000.
- BARCELOS NETO, A. *Apapaatai Rituais de Máscaras no Alto Xingu*. São Paulo: FAPESP/EDUSP. 2008.
- BARLETTI, J. *Los pueblos amazónicos en tiempos de la llegada de los españoles*. Iquitos: Centro de Estudios Teológicos de la Amazonía. 1992.
- BARNETT, W. K; HOOPES, J. W. (Ed.). *The emergence of pottery. Technology and innovation in ancient societies*. Washington DC: Smithsonian Institution Press, 1995. 285 p.
- BARRETO, C. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista da USP*, São Paulo, n. 44, p. 32-51, dezembro/fevereiro 1999-2000.
- BARRETO, C. *Arte e Arqueologia na Amazônia Antiga*. Oxford: Centre for Brazilian Studies, University of Oxford. 2005.
- BARRETO, C. Caminos de la desigualdad: Perspectivas desde las tierras bajas de Brasil. In: Cristóbal Gnecco, Carl Langebaek. (org.). *Contra la tiranía del pensamiento tipológico*. Bogotá: Ediciones Uniandes, p. 1-30, 2006.
- BARRETO, C. *Meios Místicos de Reprodução Social: Arte e Estilo na Cerâmica Funerária da Amazônia Antiga*. Tese de Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 317f. São Paulo, 2009.
- BARRETO, C. Cerâmica e complexidade social na Amazônia Antiga: uma perspectiva a partir de Marajó. *Arqueologia Amazônica* 1, ed. E, Pereira e V. Guapindaia, Museu Paraense Emílio Goleddi: Belém, p. 193-212, 2010.
- BARRETO, C. *Beyond pots and pans: ceramic record and context in pre-colonial Amazonia*. Trabalho apresentado no 78th Annual Meeting of the Society for American Archaeology, Honolulu, 2013.
- BARRETO, C. Social Complexity in Ancient Amerindian Societies: Perspectives from the Brazilian lowlands. In: Cristobal Gnecco; Carl Langebaek. (org.). *Against Typological Tyranny in Archaeology. A South American Perspective*. Nova York: Springer, p.1-25, 2014a.
- BARRETO, C. Modos de figurar o corpo na Amazônia précolonial. In: Stéphen Rostain. (org.). *Antes de Orellana. Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos, p. 123-132, 2014b.
- BARRETO, C. Bancos Indígenas: entre arte e artefato. In: Bei Editota (ed.) *Bancos Indígenas do Brasil*. São Paulo: Editora BEI, pag 17-27, 2015.
- BARRETO, C. Figurine Traditions from the Amazon. In: Timothy Insoll (org.). *Handbook of Prehistoric Figurines*, Oxford: Oxford University Press, 2016 (no prelo).
- BARRY, I. *A preliminary report on archaeological investigations in the central Rio Napo, Ecuador, January-March 1979*. Informe presentado al INPC. 1979
- BASSI, F. S. *A tradição regional Saracá para além da cerâmica. Arqueologia do território e das estruturas domésticas em uma fronteira cultural pré-histórica na Amazônia*. Relatório de Qualificação para Doutorado em Arqueologia, 71f. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

- BASSI, F. S; CAVALLINI, F. S. Lugares persistentes na paisagem. In: LIMA, H.P (org.) **Fronteiras do Passado**. Aportes Interdisciplinares sobre a Arqueologia do Baixo Rio Urubu, Médio Amazonas, Brasil. Amazonas: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2013.
- BECK, M. E. Residential mobility and ceramic exchange: ethnography and archaeological implications. **Journal of Archaeological Method and theory**, 16(4):320-356, 2009.
- BECKER-DONNER, E. Archäologische Funde am mittleren Guaporei (Brasilien). In: *Archiv für Völkerkunde*, Band XI: 202-249. Viena. 1956.
- BECQUELIN, P. Arqueologia xinguana. In: COELHO, Vera Penteadó (org.). **Karl von den Steinen: um século de antropologia no Xingu**. São Paulo: Edusp, p. 224-232, 1993.
- BECQUELIN, P. Recherches Archéologiques Dans Le Haut Xingu, Mato Grosso, Brésil. **Journal de la Société des Américanistes** 86, p. 9-48, 2000.
- BELAUNDE, L. E. **Kené, arte, ciencia y tradición em diseño**. Lima: Instituto Nacional de Cultura. 2009.
- BELLWOOD, P. **First Farmers: The Origins of Agricultural Societies**. New York: Willey, 2006.
- BELLWOOD, P; RENFREW, C. (Eds.) **Examining the farming/language dispersal hypothesis**, Cambridge: McDonald Institute Monographs, 2002.
- BELLETTI, J. **Mapeamento Arqueológico do Lago de Tefé, Médio Rio Solimões (Amazonas-Brasil)**. Memorial de qualificação, 100f. (Mestrado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BELLETTI, J. **O que as morfologias podem nos dizer sobre a Tradição Policroma da Amazônia na calha do médio e alto Amazonas?** Trabalho apresentado na XVII Reunião da Sociedade Brasileira de Arqueologia, Aracaju, 2013.
- BELLETTI, JAQUELINE. Comparações entre morfologias da Tradição Policroma na calha do alto médio Amazonas: A procura de diferenças nas continuidades. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. Suplemento 20, p. 257-264, 2015.
- BERDUCOU, M. C. **La Conservation en archéologie: méthodes et pratiques de la conservation-restauration des vestiges archéologiques**. Paris: Masson, 1990.
- BERDUCOU, M. 'Introduction to Archaeological Conservation'. In: PRICE, N.S.; TALLEY JR, M.K; VACCARO, A.M. (Ed) **Historical and Philosophical Issues in Conservation of Cultural Heritage**. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 1996.
- BERGERON, A; RÉMILLARD, F. **L'archéologue et la conservation**. Québec: Centre de Conservation du Québec, 2000.
- BERTOLO, A. I. **Uma contribuição para a história da arqueologia em Porto Velho, Rondônia: sobre a prática e a produção de conhecimento**. Monografia 80f, (Conclusão de Curso de Bacharelado em Arqueologia) - Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014.
- BETTENDORF, J. P. Chronica da missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Tomo LXXII, parte I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1910 [1661].
- BIET, A. **Voyage dans la France Equinoxiale en l'isle de Cayenne entrepris par les français en l'année 1652**, Clouzier éditeur, Paris, 1664.
- BINFORD, L. R. 'Behavioral archaeology and the Pompeii premise'. In: **Journal of Anthropological Research**, 37, p. 195-208, 1981.
- BOLAÑOS, A. Observaciones generales sobre la Arqueología del río Napo. **Gaceta Arqueológica Andina**, Lima, v. 5, n. 17, p. 41-48, 1990.
- BOLIAN, C. **Archaeological excavations in the trapezio of amazonas the polychrome tradition**. Tese de Doutorado (PhD), University of Illinois at Urbana Champaign, 1975.
- BOOMERT, A. The Saladoid occupation of Wonotobo Falls, Western Surinam, **Compte rendu du 9^e Congrès International d'Études des Civilisations Précolombiennes des Petites Antilles**, Université de Montréal, p.97-120, 1983.
- BOOMERT, A. The Cayo complex of St Vincent: ethnohistorical and archaeological aspects of the island carib problem, **Antropológica**, 66, Fundación de Ciencias Naturales La Salle, Caracas, p.3-68, 1986

- BOOMERT, A. Gifts of the Amazons: "Green Stone" pendants and beads as items of ceremonial exchange in Amazonia and the Caribbean", *Antropológica*, Caracas: Fundación de Ciencias Naturales La Salle, n. 67, p. 33-54, 1987.
- BOOMERT, A. The Barbakoeba archaeological complex of Northeast Suriname. *OSO, Tijdschrift voor Surinaamse Taalkunde, Letterkunde, Cultuur en Geschiedenis*, v. 12, n. 2, p. 198-215, 1993.
- BOOMERT, A. Koriabo and the Polychrome Tradition : the Late-Prehistoric era between the Orinoco and Amazon mouths. *Late Ceramic Age Societies in the Eastern Caribbean*. A. Delpuech and C. Hofman. Paris, Monographs in American Archaeology 14. *BAR IS 1273*, 2004.
- BOURQUE, B. J; BROOKE, S.W; KLEY, R.; MORRIS, K. 'Conservation in archaeology: moving toward a closer cooperation'. *American Antiquity*, v. 45, n. 4, p. 794-799, 1980.
- BOWSER, B. J. *The Perceptive Potter: an Ethnographical Study of Pottery, Ethnicity, and Political Action in Amazonia*. Tese de Doutorado (PhD) em Antropologia, University of California, Santa Barbara, 2002.
- BOWSER, B. J., PATTON, J. Q. **Learning and transmission of pottery style: women's life histories and communities of practice in the Ecuadorian Amazon**. In: STARK, M; BOWSER, B; HORNE, L. (eds). **Cultural transmission and material culture. Breaking down boundaries**. Tucson, The University of Arizona Press, p. 105-129, 2008.
- BUSTOS SANTELICES, V. Investigaciones arqueológicas en Trinidad, Departamento del Beni. *Instituto Nacional de Arqueología* 22. La Paz, 1976.
- BUSTOS SANTELICES, V. Investigaciones arqueológicas en las tierras bajas de Bolivia. *Instituto Nacional de Arqueología* 23. La Paz, 1977.
- BRANDI, C. *Teoria del Restauro*. Roma: Edizioni Storia e Letteratura, 1963.
- BRAUN, D. P. Pots as Tools. In: MOORE, J. A; KEENE, A. S. (Eds). *Archaeological Hammers and Theories*. New York: Academic Press, p.108-134, 1983.
- BRAVO, E; MEJÍA, F; VARGAS, M. **Prospección, Resscate y monitoreo arqueológico de la zona de carga y descarga Edén y de la vía de acceso, Bloque 15, Provincia de Orellana**. Informe de Avance. Informe presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC) del Ecuador, 2007.
- BRAVO, E; VARGAS, M. **Estudio de impacto y plan de manejo ambiental para la sismica 3d del complejo Río Suno del Bloque 7, Provincia Francisco de Orellana: Prospección arqueologica. informe final**. Informe presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC) del Ecuador, 2012.
- BRAY, T. El problema Panzaleo: una cerámica no-local en la sierra norte del Ecuador. Langebaek, C; Cardenas, A, F. (eds.), **Caciques, Intercambio y Poder: Interacción Regional en el Área Intermedia de las Américas**, Universidad de Los Andes, Bogotá, 197-228, 1996.
- BROCHADO, J.J.J.P., Lathrap, D. W. *Amazonian Archaeology*. Manuscrito, 1982a.
- BROCHADO, J; LATHRAP, D. W. *Chronologies in the new world Amazonia*. Manuscrito não publicado, p. 108, 1982b.
- BROCHADO, J. P. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America*, 574f. (PhD Dissertation in Anthropology) – University of Illinois at Urbana-Champaign, 1984.
- BROCHADO, J. J. P. A Expansão dos Tupi e da Cerâmica da Tradição Policroma Amazônica. *Dédalo, Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 9, n. 17-18, p. 65-82, 1989.
- BROCHADO, J. P; MONTICELLI, G; NEUMANN, E. S. Analogia Etnográfica na reconstrução gráfica das Vasilhas Arqueológicas. *Veritas*, Porto Alegre, v. 35, n. 140, p. 727-743, 1990.
- BROCHADO, J. P. What did the Tupinambá Cook in their Vessels? A Humble Contribution to Ethnographic Analogy. *Revista de Arqueologia*, Belém, v. 6, n. 6, p. 40-88, 1991
- BRUHNS, K; BURTON, J; ROSTOKER, A. La cerámica "incisa en franjas rojas": evidencia de intercambio entre la Sierra y el Oriente en el Formativo tardío del Ecuador. *Tecnología y Organización de la Producción Cerámica Prehispánica en los Andes*, Shimada (ed.), Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 53-66, 1994.
- BROWNE-RIBEIRO, A. History of a Crossroads: An Amazonian City in Deep Time. Projeto de pesquisa submetido a National Geographic Foundation, 2013.

- BUARQUE, A. A cultura Tupinambá no estado do Rio de Janeiro. In: TENÓRIO, M. C. (Org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999. p. 307-320.
- BUARQUE, A. As estruturas funerárias das aldeias Tupinambá da região de Araruama, RJ. In: PROUS, A; LIMA, T. A (org.). **Os Ceramistas Tupiguarani, volume III – eixos temáticos**. Belo Horizonte: Superintendência do Iphan de Minas Gerais, p. 179-172, 2010.
- BUENO, L; A. DIAS; STEELE, J. **The Late Pleistocene/Early Holocene archaeological record in Brazil: A geo-referenced database**. *Quaternary International* 301: 74-93, 2013.
- BUENO, L; MACHADO, J. Levantamento Arqueológico da área de Implantação do Porto no Município de Juruti, PA. 60f. Relatório técnico. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2005.
- BUSHNELL, G. An archaeological collection from Macas, on the Eastern slopes of the Ecuadorian Andes. *Man*, 46(2), 2-6, 1946.
- CABODEVILLA, M. Á. **Culturas de ayer y hoy en el río Napo**. 1ra. ed. Quito: Ediciones Cicame, 1998.
- CABODEVILLA, M. Á. Tiputini, el Río de los Piratas. Ecuador: **Tierra Incognita**, v. 85, p. 24-39, 2013.
- CABRAL, A. S. A. C. Different Histories, Different Results: The origin and development of two Amazonian Languages. **PAPIA**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 9-22, 2011.
- CABRAL, M. P. Juntando cacos: uma reflexão sobre a classificação da fase Koriabo no Amapá. **Amazônica** 3(1):88-106, 2011.
- CABRAL, M. P; SALDANHA J. D. M. Paisagens megalíticas na costa norte do Amapá. **Revista de Arqueologia**, 21: 9-26, 2008.
- CABRAL, M. P; SALDANHA, J. D. M. Du corps à la céramique: un regard sur les objets funéraires Aristé. **Índios no Brasil - Catalogue**. L. H. v. Velthem and G. Verswijver. Ludion, Antwerpen, Europalia, 135-136, 2011.
- CALDARELLI, S. B. Relatório Final do Projeto de Levantamento e Resgate da Área de Inluência Direta do Polioduto Urucu-Coari, AM. Scientia Consultoria, São Paulo, 1998.
- CALDARELLI, S. B; ARAÚJO-COSTA, F; KERN, D. C. Assentamentos a Céu Aberto de Caçadores-Coletores Datados da Transição Pleistoceno Final / Holoceno Inicial no sudeste do Pará. **Revista de Arqueologia**, 18:95-108, 2005.
- CALDERÓN, V. **O sambaqui da Pedra Oca**. Salvador: Instituto de Ciências Sociais, UFBA, 1964. 87 p.
- CAPITAN, L. Sur les procédés qu'emploient les Galibis pour la fabrication de la poterie, **Bulletin de la Société d'Anthropologie de Paris**, V, 3ème série, Masson éditeur, Paris, p.649-651, 1882.
- CAPRIO, N. C. DI. **Ceramica in Archeologia 2: antiche tecniche di lavorazione e moderni metodi di indagine**. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2007.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. (org.) **História dos Índios no Brasil**. São Paulo, Fapesp/SMC, Cia das Letras, 1992.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. Introdução a uma história indígena. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. (org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras/FAPESP/SMC-SP, 1998. p. 9-24.
- CARNEIRO, R. L. The Evolution of the Tipiti: A Study in the Process of Invention. In: FEINMAN, G. M; MANZANILLA, L. (org.). **Cultural Evolution: Contemporary Viewpoints**. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, p. 61-93, 2001.
- CARNEIRO, R. L. A base ecológica dos cacicados amazônicos. **Revista de Antropologia**, v. 20, p. 117-154, 2007.
- CARNEIRO, R. L. A Theory of the Origin of State. **Science**, n. 169, p. 733-38, 1970.
- CARRERA, J. Hacia el suroeste de Nueva Loja. In: TUFUÑO, PAUL (Ed.). **Cuyabeno Ancestral**. Quito: Imprenta Mariscal, 2003. p.165-203.
- CARVAJAL, F. G.. **Discovery of the Orellana River**, Medina, Jose Toribio, 1934.
- CARVAJAL, F. G. **Relación del descubrimiento del famoso Río Grande que desde su nacimiento hasta el mar descubrió el Capitán Orellana en unión de 56 hombres**. Iquitos: Editorial Tierra Nueva, 2009.
- CARVAJAL, F. G. **Descubrimiento del río de las Amazonas por el Capitán Francisco de Orellana: "Relación de Gaspar de Carvajal" Agosto de 1.542**. Madrid: Babelia. Doc. 2011 [1542].
- CASPAR, F. **Tupari: entre os índios nas florestas brasileiras**. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

- CASTRO, M. W. M. **A cronologia dos sítios Lago de Iranduba e Laguinho à luz das hipóteses de ocupação humana para a Amazônia Central**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) 171f. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- CAWAY (association), **Caway, Culture, Artisanat Wayana**, Catalogue d'exposition-vente, Twenké, Maripasoula, 1988.
- CIPOLLETTI, M. S. Los Tucano del Alto Amazonas: un contramodelo al modelo de dinámica poblacional de Lathrap. In: CIPOLLETTI, MARÍA SUSANA (Ed.). **Resistencia y adaptación nativas en las tierras bajas latinoamericanas**. Cayambé, Ecuador: Abya-Yala, 1997.
- CHAMORRO, V. **Informe del Plan de Monitoreo Arqueológico en el Sector Norte del Lote 121 en: Campamento Base Logístico Pantoja, Campamento Subbase Logístico Arcadia, Plataforma Nashiño 5X y Plataforma Nashiño 6 X. Maynas, Loreto**. Informe Final presentado al Ministerio de Cultura, Lima, 2011.
- CHANTRE Y HERRERA, P. J. **Historia de las Misiones de la Compañía de Jesús en el Marañón Español**. Madrid: Imprenta de A. Avrial, 1901 [1637-1767].
- CHAUMEIL, J-P; FRAYSSE-CHAUMEIL, J. "La Canela y el Dorado": Les Indigenes du Napo et du Haut-Amazone – Au XVIe Siecle. **Bulletin de IFEA**, Lima, v. 10. n. 34, p. 55-86, 1981.
- CHAUMEIL, J-P. Khipu: ¿conexiones andino amazónicas? In: CHAUMEIL, J-P; ESPINOZA, O; CORNEJO, M (org.). **Por donde hay soplo**. Lima, IFEA, CAAAP, PUCP, EREA-LESC, p. 295-322, 2011.
- CHILTON, E. S. The cultural Origins of the Technical Choice: Unraveling Algonquian and Iroquian Ceramic Traditions in the Northeast. In STARK, M. (ed.). **The Archaeology of Social Boundaries**. Smithsonian Institution Press. Washington/London, p. 132-160, 1998.
- CHIRINOS, R. P. **Padrões de Assentamento no Sítio Osvaldo, Iranduba, Amazonas**. 2007. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CHMYZ, I. Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**, Ano I, nº.1, 1966.
- CLEMENT, C; DE CRISTO-ARAÚJO, M; EECKENBRUGGE, G. D; PEREIRA, A. A; PICANÇO-RODRIGUES, D. **Origin and Domestication of Native Amazonian Crops**, *Diversity* 2(1), 72-106, 2010.
- COELHO, V. P. Alguns Aspectos Da Cerâmica Dos Índios Waurá. In: HARTMANN, T; COELHO, V. P. (org.). **Contribuições à Antropologia em Homenagem Ao Professor Egon Schaden**. Sao Paulo: Universidade de São Paulo, p. 55-83, 1981.
- COLLIER, D; MURRA, J. **Survey and Excavations in Southern Ecuador**, Field Museum of Natural History, Anthropological Series, 35, Chicago, 213 p., 1943.
- COLLOMB, G; TALADOIRE, E. Notes sur quelques collections amérindiennes de Guyane dans les musées français. **Revue du Louvre et des Musées de France**, Paris, n. 3, p. 72-78, 2001.
- COLLOMB, G. Réflexions sur un 'style ethnique'. La céramique kali'na sur le littoral des Guyanes. **Journal de la Société des Américanistes**. Paris: Musée de l'Homme, v. 89, n. 1, p. 129-160, 2003.
- COLLOMB, G. **Les Indiens de la Sinnamary. Journal du Père Jean de la Mousse en Guyane (1684-1691). Introduction, édition et notes de Gérard Collomb**. Paris: Editions Chandeigne, 2006.
- COMBÈS, I. Candire, Condori y Condorillo: presencia incaica en la cordillera chiriguana. In: Chaumeil, J-P; Espinoza, O; Cornejo, M (org.). **Por donde hay soplo**. Lima, IFEA, CAAAP, PUCP, EREA-LESC, p. 271-293, 2011.
- CONSENS, M; SEDA, P. Fases, estilos e tradições na arte rupestre do Brasil: a incomunicabilidade científica. **Revista do CEPA**, 17(20):35-58, 1990.
- CORNETTE, A. Quelques données sur l'occupation amérindienne dans la région basse Mana, bas Maroni, d'après les sources ethno-archéologiques, **Equinoxe**, 24, CEGER, Cayenne, 70-99, 1987.
- CORNETTE, A. La céramique galibi en Guyane française, étude morpho-stylistique et technique, **Compte rendu du XIII^e C.I.A.C.**, E.N. Ayub e J.B. Havisser (eds.), part 2, reports of the Archaeological-Anthropological Institute of the Netherlands, Antilles, no 9, Curaçao, p. 509-524, 1991.
- CORRÊA, C. G. Estatuetas de cerâmica na cultura Santarém. **Publicações do Museu Paraense Emílio Goeldi**, publicações avulsas n. 4, 1965.

- CORRÊA, C. G; MACHADO, A. L; LOPES, D. F. As estearias do lago Cajari-MA. **Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro**, Clio Série Arqueológica n. 4, p. 101-103. Recife: UFPE, 1991.
- CORRÊA, A. A. **Pindorama Mboia e Îakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi**. 2014. 462f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- CORRÊA, C. M. G; SIMÕES, Mário Ferreira. Pesquisas arqueológicas na região do Salgado. A fase Areão do litoral de Marapanim. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, n. 48, p. 10-30, julho 1971. (Nova Série: Antropologia).
- CORRÊA, C. M. G. **Fases ceramistas não-sambaqueiras do litoral do Pará**. 1985. 220 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985.
- CORRÊA DA-SILVA, B. **Mawé/Awetí/Tupí-Guarani: Relações Linguísticas e Implicações Históricas**. 2010. 242 f. Tesis (Doctorado del Programa de Pós-Graduação em Linguística). Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Instituto de Letras. Universidade de Brasília. Brasília, 2010.
- COSTA, A. F. **Estudo da Variabilidade da cultura material cerâmica no sítio Veneza**. Projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, Universidade Federal de Rondônia, 2010.
- COSTA, A. F. **Entre artefatos e narrativas: a história Indígena do alto rio Madeira a partir dos relatos dos viajantes do século XVIII**. Monografia (Conclusão do curso de graduação em Arqueologia) Universidade Federal de Rondônia, 2013a.
- COSTA, A. F. **Multifuncionalidade das vasilhas cerâmica no sítio Ilha Dionísio**. Projeto de mestrado apresentado no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013b.
- COSTA, B. L. S. **Levantamento arqueológico na reserva de desenvolvimento sustentável (RDS) Amanã: Estado do Amazonas**. 160f. 2012a.
- COSTA, B. L. S. **Boa Esperança e Bom Jesus: o “Universo Borda Incisa” na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã – Estado do Amazonas**. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012b.
- COSTA, B; RAPP PY-DANIEL, A; GOMES, J; NEVES, E.G. Urnas funerárias no Lago Amanã: Contextos, gestos e processos de conservação. **Amazônica: Revista de Antropologia**, v. 4, nº 1, p. 60-91, 2012.
- COSTA, J. **Contribuições à arqueologia da Amazônia: tecnologia cerâmica e pedogeoquímica no sítio arqueológico Terra Preta 2, município de Juruti, Região do Baixo Amazonas**. Monografia (Especialização em Arqueologia) 55f. Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
- COSTA, J. **Mineralogia e geoquímica de Terra Preta Arqueológica para identificação de padrão ocupacional pré-histórico no Vale do Baixo Rio Amazonas (Juruti, Pará)**. Tese de Doutorado em Geologia e Geoquímica, 109f. Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.
- COSTA, J; COSTA, M; KERN, D. Analysis of the spatial distribution of geochemical signatures for the identification of prehistoric settlement patterns in ADE and TMA sites in the lower Amazon Basin. **Journal of Archaeological Science**, v.40, n. 6, p. 2771-2782, 2013.
- COSTIN, C. L. **Craft specialization: issues in defining, documenting, and explaining the organization of production**. **Archaeological Method and Theory**, 3:1-56. 1991.
- COUDREAU, H. [1896]. **Viagem ao Xingu**. Tradução de Eugenio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977. (Coleção Reconquista do Brasil, v. 49)
- COUDREAU, H. [1897]. **Viagem à Itaboca e ao Itacaiúnas**. Tradução de Eugenio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. (Coleção Reconquista do Brasil, v. 60)
- COUTET, C. Awala-Yalimapo, 2009: Découverte de l’urne Alatoe 1 sur le site de Yalimapo. **Bulletin Scientifique Régional**, Cayenne: Direction Régionale de la Culture, 2009.
- COUTET, C. **Archéologie du littoral de Guyane. Une approche technologique des techniques céramiques amérindiennes**. Thèse de doctorat, Sarrebruck: Editions Universitaires Européennes, 2011.
- COUTET, C. Un an de prospection à Awala-Yalimapo, Guyane: le site funéraire de Yalimapo. In: BERARD, B; LOSIER, C. **Archéologie Caraïbe, Taboui**, Paris, v. 9, n.2, p.201-222, 2014.

CREVELS, M; VAN DER VOORT, H. The Guaporé-Mamoré region as a linguistic area, in **From linguistic areas to areal linguistics**. Editado por P. Muysken. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, p. 151-179, 2008.

CRONYN, J. N. M. **The Elements of Archaeological Conservation**. London: Routledge, 1990.

CRUMLEY, C. L. Archaeology in the new world order: what we can offer the planet. In: ROBERTSON, E. C.; SEIBERT, J. D.; DEEPIKA, F. C.; ZENDER, CRUXENT, J. M; ROUSE, I. **An archaeological chronology of Venezuela**, Washington, Pan American Union, Social Science Monography 6, 604 p., 1958-59.

CRUMLEY, C. L. Historical Ecology: A Multidimensional Ecological Orientation. In: CRUMLEY, C. L. (Org.). **Historical Ecology: Cultural Knowledge and Changing landscapes**. School of American research advanced seminar series. Santa Fe, 1994, pp: 1-16.

CRUMLEY, C. L; MARQUARDT, W. H. **Regional Dynamics: Burgundian Landscapes in Historical Perspective**. New York: Academic Press, 1987.

CRUXENT, J. M; ROUSE, I. **An Archaeological Chronology of Venezuela**. Washington D.C.: Pan America Union, 1959.

CRUZ, D. **Lar Doce Lar? Arqueologia Tupi na bacia do Ji-Paraná (RO)**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, 174f. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CUÉLLAR, A. M. **The organization of agricultural production in the emergence of chiefdoms in the Quijos region, eastern Andes of Ecuador**. Tesis Doctoral (PhD). Departamento de Antropología, Universidad de Pittsburgh, 2006.

CUESTA, J. M. **Jaén de Bracamoros, dos volúmenes**. Librería Studium, 1984.

CYPRIANO, D. A. C. A. Almas, Corpos e Especiarias: a expansão colonial nos rio Tapajós e Madeira. **Pesquisas – Antropologia**, São Leopoldo, n. 65, p. 1-170, 2007.

DANTAS, V. J; LIMA, T. A. Pausa para um Banquete: Análise das marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do Sítio Justino, Canindé de São Francisco, **Museu de Arqueologia de Xingó**, Sergipe, v. 1, n.1, p. 147, 2006.

DAVID, N; STERNER, J; GAVUA, K. **Why pots are decorated?** *Current Anthropology*, 29(3):365-389. 1988.

DAVID, N; KRAMER, C. Style and the marking of boundaries: contrasting regional studies. In: DAVID, N; KRAMER, C. (Ed). **Ethnoarchaeology in action**. Cambridge, University Press, p. 169-224, 2011.

DE BLASIS, P; FISH, S; GASPAR, M. D; FISH, P. Some references for the discussion of complexity among the Sambaqui mound builders from the southern shores of Brazil. **Revista de Arqueologia Americana**, n. 15, p. 75-105, 1998.

DE BLASIS, P; KNEIP, A; SCHEEL-YBERT, R; GIANNINI, P. C; GASPAR, M. D. Sambaquis e paisagem. Dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. **Arqueologia Suramericana**, v. 3, n. 1, p. 29-61, 2007.

DE SAULIEU, G. Revisión del material cerámico de la colección Pastaza (Amazonía Ecuatoriana). **Journal De La Societé Des Américanistes**, v. 92, n. 1-2, p. 279-301, 2006.

DE SAULIEU, G; TESTART, A. **Innovations, food storage and the origins of agriculture**, *Environmental Archaeology*. 2015. <http://dx.doi.org/10.1179/1749631414Y.0000000061>

DEBOER, W. R. **Two ceramic collections from Rio Huasaga, Northern Peru: their place in the prehistory of the Upper Amazon**, informe no publicado del Queens College Laboratory of Archeology, CUNY, New York, 1975.

DEBOER, W. R; ROSS, ERIC; ROSS, J; VEALE, M. Two ceramic collections for the Río Huasaga, northern Peru. Their place in the prehistory of the upper Amazon. **El Dorado. A Newsletter-Bulletin on South American Anthropology**, v. 11, n. 2, p. 1-13, 1977.

DEBOER, W. R; LATHRAP, D. W. The Making and Breaking of Shipibo-Conibo Ceramics. In: KRAMER, C. (Ed.). **Ethnoarchaeology: implications of Ethnography for Archaeology**. Columbia University Press: New York, p. 102-138, 1979.

DEBOER, W. R. Buffer Zones in Cultural Ecology of Aboriginal Amazonia: an Ethnoarchaeological Approach. **American Antiquity**, United States, v. 46, n. 2, p. 364-377, 1981.

DEBOER, W. R. Interaction, Imitation, and Communication as Expressed in Style: The Ucayali Experience. In: CONKEY, M. W; HASTORF, C. A. (Eds.) **The Uses of Style in Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 82-104, 1990.

- DEBOER, W. R. The decorative Burden: design, medium, and change. In: LONGACRE, W. (Ed.). **Ceramic Ethnoarchaeology**. Tucson: University of Tucson Press, p. 144-161, 1991.
- DEBOER, W. R. Ceramic assemblage variability in the Formative of Ecuador and Peru. In: RAYMOND, J. SCOTT y BURGER, RICHARD L. (Ed.). **Archaeology of Formative Ecuador**. p.289-336. Washington DC: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 2003.
- DEGOY, L. **Tradition technique et complexe culturel. Étude technologique de collections céramiques de la côte Ouest du Surinam**. Diplôme d'étude approfondie, Université de Paris X-Nanterre, Paris, 1998.
- DEGOY, L. Technical traditions and cultural identity: an ethnoarchaeological study of Andhra Pradesh potters. In: STARK, M; BOWSER, B; HORNE, L. (Eds.). **Cultural transmission and material culture. Breaking down boundaries**. Tucson: The University of Arizona Press, p. 199-222, 2008.
- DELGADO, F. **Proyecto de desarrollo del Campo Villano – Fase de construcción. Prospección, rescate y monitoreo arqueológico**. Informe presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC) del Ecuador, 1999.
- DE LA CONDAMINE, C. M. **Relación abreviada de un viaje hecho por el interior de la América Meridional desde la costa del Mar del Sur hasta las costas del Brasil y de la Guayana, siguiendo el curso del Río de Las Amazonas**. Madrid: Calpe, 1921 [1745].
- DE LA CRUZ, L. **Nuevo Descubrimiento del Río de Marañón, llamado de Las Amazonas**. Madrid: Biblioteca de la Irradiación, 1901 [1653-1651].
- DENEVAN, W. M. **Cultivated Landscapes of Native Amazonia and the Andes**. Oxford Geographical and Environmental Studies. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DENEVAN, W.M. Pre-Spanish earthworks in the Llanos de Mojos of north-eastern Bolivia. **Revista Geográfica** 34(60): 17-25, 1964.
- DENEVAN, W.M. **The aboriginal cultural geography of the Llanos de Mojos of Bolivia**. Berkeley: University of California Press, 1966.
- D'ÉVREUX, Y. [1613-1614]. **Viagem ao Norte do Brasil: feita nos anos de 1613 e 1614**. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 379 p, 2002.
- DIAS, A. S. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 2, n. 1, p.59-76, 2007.
- DIAS, A. S. Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA. **Revista do Cepa (Santa Cruz do Sul)** 19 (22): 25-40, 2005.
- DIAS A. S; SILVA. F. A. Sistema Tecnológico e Estilo: as implicações desta inter-relação no estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. **Revista do MAE**, São Paulo, n.11, p.95-108, 2001.
- DIAS, O. Considerações a respeito dos modelos de difusão da cerâmica Tupiguarani no Brasil. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 113-132. 1994.
- DIAS, O. As Estruturas Arqueológicas de Terra no Estado do Acre - Amazônia Ocidental, Brasil. Um Caso de Resiliência? In: DIAS, O; CARVALHO, E; ZIMMERMANN, M. (org.). **Estudos Contemporâneos de Arqueologia**. IAB, Universidade do Tocantins, Palmas, p. 59-168, 2006.
- DIAS, O. Arqueologia do Estado do Acre. Primeiro Ano de Pesquisas do PRONAPABA - 1977. Trabalho apresentado no **II Simpósio Internacional Arqueologia da Amazônia Ocidental - Geóglifos 35 anos de Descobertas**. Rio Branco, Acre, 27- 30 de Junho de 2012.
- DIAS, O; CARVALHO, E. 1988. As Estruturas de Terra na Arqueologia do Acre. **Arqueo-IAB** 1, Rio de Janeiro, p. 14-28, 1988.
- DICKAU, R; BRUNO, M.C; IRIARTE, J; PRÜMERS, H; JAIMES BETANCOURT, C; HOLST, I; MAYLE, F.E. Diversity of cultivars and other plant resources used at habitation sites in the Llanos de Mojos, Beni, Bolivia: evidence from macrobotanical remains, starch grains, and phytoliths. En: **Journal of Archaeological Science** 39: 357-370, 2012.
- DIETLER, M; HERBICH, I. Tich Matek: the technology of Luo Pottery Production and the Definition of Ceramic Style. **World Archaeology**, v. 21, n. 1, p. 148-164, 1989.

DIETLER, M; HERBICH, I. Habitus, techniques, style: an integrated approach to the social understanding of material culture and boundaries. In: STARK, M. (Ed.). **The archaeology of social boundaries**. Washington: Smithsonian Institution Press, p. 223-263, 1998.

DILLEHAY, T. Profiles in Pleistocene History, In: Handbook of South American Archaeology, H. Silverman & Isbell, W. (Eds). New York: Springer, pp. 29-43, 2008.

DOLE, G. E. Techniques of Preparing Manioc Flour as a Key to Culture History in Tropical America. In: WALLACE, A. F. C. (org.). **Proceedings of the Fifth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1960.

DOLE, G. E. A Preliminary Consideration of the Prehistory of the Upper Xingu Basin. **Revista do Museu Paulista** XIII:399-423, 1961.

DOUGHERTY, B; CALANDRA, H. Excavaciones arqueológicas en la Loma Alta de Casarabe, Llanos de Moxos, Departamento del Beni, Bolivia. **Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología**, N.S., XIV (2): 9-48, 1981-82.

DOUGHERTY, B; CALANDRA, H. Ambiente y arqueología en el oriente boliviano: La provincia Itenez del departamento del Beni. T. **Relaciones de la sociedad argentina de antropología**, Tomo XVI, 1984-85.

DOUGHERTY, B; CALANDRA, H. Prehispanic human settlement in the Llanos de Moxos, Bolivia. **Quaternary of South America and Antarctic Peninsula** 2: 163-199, 1984.

DOWMAN, E. A. **Conservation in field archaeology**. London: Methuen & Co, 1970.

DRUMOND, C. A carta de Diogo Nunes e a Migração dos Tupi-guaranis para o Perú. São Paulo: Universidade de São Paulo, p. 95-102, 1950.

DURAM DA SILVA, E. **Ocupação pré-colonial na cachoeira do Teotônio: abordagem tecnológica da cultura material cerâmica dos sítios Santa Paula e Teotônio**. Relatório do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, Universidade Federal de Rondônia, 2013.

EBPA Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa. **Caracterização dos Solos da Área do Planalto de Belterra, Município de Santarém, Estado do Pará**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2001.

ECHEVERRÍA, J. **Informe del rescate arqueológico del derecho de vía (kh 97+800 hasta los pozos Iro y Ginta) que construye MAXUS Ecuador Inc. en el bloque 15, Provincia de Napo**. Informe presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC) del Ecuador, 1995.

ECHEVERRÍA, J. **Informe del Proyecto de Investigación arqueológica realizada en la plataforma Pata 1, en el derecho de vía de la carretera (8 km) y en la plataforma Palo Azul del bloque 18 de Cayman International Company, región Amazónica Ecuatoriana**. Informe presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC) del Ecuador, 1999.

ECHEVERRÍA, J. **Informe final del reconocimiento arqueológico en la ampliación de la Plataforma Ginta 1 (Ginta A) de Repsol, TPF Ecuador Inc. Bloque 16 Development, región Amazónica Ecuatoriana**; Quito: Instituto Nacional de Patrimonio Cultural. Informe presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC) del Ecuador, 2001.

ECHEVERRÍA, J. **Glossário de Arqueología e temas afines**. Instituto Nacional de Patrimônio Cultural, Quito, 2011.

EDER, F. **Breve descripción de las reducciones de Mojos**. J. M. Barnadas, Ed.; Historia Boliviana, Cochabamba. 1985[1772].

ERIG LIMA, L. F. **Levantamento arqueológico das áreas de interflúvio na área de confluência dos rios Negro e Solimões**. 2003. 445f. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003

ERIG LIMA, L. F. **Cerâmica Capão do Canga: uma nova indústria cerâmica na Bacia do Alto Guaporé, Mato Grosso, Brasil. Amazônica -Revista de Antropologia**, Belém, v.4, n. 1, p.187-220, 2012.

ERIKSEN, L. **Nature and Culture in Prehistoric Amazonia. Using G.I.S. to reconstruct ancient ethnogenetic processes from archaeology, linguistics, geography, and ethnohistory**. Lund University, Lund, 2011.

ESPINOZA, P. L. **Los Tupi del Oriente Peruano. Estudio Lingüístico y Etnográfico**. Madrid: Publicación de la Expedición Iglesias al Amazonas, 1935.

ESPINOZA, W. "Los señoríos étnicos de Chachapoyas y la alianza hispano-Chacha. Visita, informaciones y memoriales de 1572-1574". **Revista Histórica**, Órgano de la Academia Nacional de la Historia. Lima, Tomo XXX, Separata, p. 223-333, 1967.

- ESPINOZA, P. L. **Breve diccionario analítico Castellano-Tupí del Perú**. Iquitos: Ediciones C.E.T.A., 1989.
- ESPINOZA, W. **Amazonia del Perú. Historia de la Gobernación y Comandancia General de Maynas. (Hoy Regiones de Loreto, San Martín, Ucayali y Provincia de Condorcanqui). Del siglo XV a la primera mitad del siglo XIX**. Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, 2006.
- EVANS, C; MEGGERS, B. J. **Archeological investigations in British Guiana**. Washington DC: U.S. Govt. Print. Off., 1960. 418 p. (Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology Bulletin, 177).
- EVANS, C; MEGGERS, B. J. Use of Organic Temper for Carbon 14 Dating in Lowland South America. **American Antiquity** 28(2):243-244.1962
- EVANS, C; MEGGERS, B. J. **Archaeological Investigations on the Rio Napo, Eastern Ecuador**. Smithsonian Contributions to Anthropology: Washington, 1968.
- ERICKSON, C. Lomas de ocupación en los Llanos de Moxos. In: **Arqueología de las Tierras Bajas**, (Durán Coirolo, Alicia & Roberto Bracco Boksar eds.): 207-226. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura, Comisión Nacional de Arqueología, 2000.
- ERICKSON, C. The domesticated landscapes of the Bolivian Amazon. In: **Time and complexity in historical ecology: studies in the neotropical lowlands**. (William Ballé y Clark Erickson eds.): 235-278. Columbia University Press. New York, 2006.
- ERICKSON, C. The Transformation of Environment into Landscape: The Historical Ecology of Monumental Earthwork Construction in the Bolivian Amazon. **Diversity**, 2: 618-652. 2010.
- ERICKSON, C.; ÁLVAREZ P; CALLA, S. Zanjias circundantes: Obras de tierra monumentales de Baures en la Amazonia Boliviana. Informe del trabajo de campo de la temporada 2007. Ms. 2008.
- FABBRI, B; GUIDOTTI, C. R. **Il Restauro della Ceramica**. Fiesole: Nardini Editore, 1993.
- FAGUA, D. Diagnóstico sociolingüístico del sector de Los Lagos, municipio de Leticia. **Forma y Función**, Departamento de Lingüística, Facultad e Ciencia Humanas, Universidad Nacional de Colombia. Bogotá, n.13. p. 197-209. 2000.
- FARIA, E. S.S. Viagem etno-histórica e arqueológica ao Xingu: a ocupação (Pré-Colonial) da cidade de Altamira-PA. In: SCHAAN, D. P. (org.). **Arqueologia, Patrimônio e Multiculturalismo na Beira da Estrada: pesquisando ao longo das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará**. Belém: GKNoronha, p. 135-148, 2012.
- FAUST, N. **Gramática Cocama: Lecciones para el aprendizaje del Idioma Cocama**. 2da. ed. Pucallpa: Centro Amazónico de Lenguas Amazónicas Peruanas "Hugo Pesce", 1978.
- FAUSTO, C. Fragmentos de história e cultura Tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico. In: Manuela M. Carneiro da Cunha: **História dos índios no Brasil**, São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, p 381-396, 1992.
- FAUSTO, C. **Inimigos Fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia**. São Paulo: Edusp, 2001.
- FARABEE, William. Exploration at the Mouth of the Amazon. **The Museum Journal**, University of Pennsylvania, n. 12, p. 142-161, 1921.
- FEATHERS, J. K. Explaining Shell-Tempered Pottery in Prehistoric Eastern North America. **Journal of Archaeological Method and Theory**, Ohio, v. 13, n. 2, p.89-113, 2006.
- FERNÁNDEZ, E. Los Asháninca y Los Incas. Historia y Mitos. In: Bolaños, A. (org.). **Amazonas Ruta Milenaria**. Lima, Ediciones Copé, p. 329-348, 2013.
- FERNÁNDEZ DISTEL, A. Hábitos funerarios de los Sirionó (Oriente Boliviano). **Acta Prehistorica et Archaeologica** 16-17: 159-182, 1984-85.
- FERNANDES, F. **A Organização Social dos Tupinambás**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.
- FERNANDES, F. **A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá**. São Paulo: Pioneira, 1970.
- FIGUEIREDO, N. A. Cerâmica Arqueológica do Rio Itacaiúnas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia**, v. 27, p. 1-17, 1965.
- FILHO, Aiezer Duarte. **Do rio Nhamundá ao Amazonas e Tapajós: uma rota transversal pré-co-lonial na região do Baixo Amazonas**. Monografia de Especialização (Arqueologia) – Universidade Federal do Pará, 2010.

- FOLACE, M. **Les marins d'eau douce**, O. Diard, Rueil, 1963.
- FOLEY, K. 'Il compito del conservatore di reperti in campo archeologico'. In: Stanley-Price (Ed) **La conservazione sullo scavo archeologico**. Roma: ICCROM, 1984.
- FORD, J. A. **On the Concept of Types**. *American Anthropologist*. Vol. 56 (1): 42-57. 1954.
- FORD, J. A Comparison of Formative Cultures in the Americas: Diffusion or the Psychic Unit of Man. **Smithsonian Contributions to Anthropology**, vol. 11, 1969.
- FRANÇA, L. B. Costa. **Controle e Canibalismo: imagens da socialidade na Guiana**. 2006. 127f. **Dissertação de Mestrado**, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2006.
- FRANCO, J. R. C. **Segredos do rio Maracu. A hidrogeografia dos lago de reentrâncias da Baixada Maranhense, sítio Ramsar, Brasil**. São Luís: EDUFMA, 2012.
- FREITAS, M. V. **Charles Frederick Hartt, um Naturalista no Império de Pedro II**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.
- FRETEY, J; RENAULT-LESCURE, O. Présence de la tortue dans la vie des Indiens Galibi de Guyane française, **Journal d'agriculture traditionnelle et de botanique appliquée**, XXV(1), 11 p., 1978.
- FRIKEL, P. Notas sobre a situação atual dos índios Xikrin do Rio Caeteté. **Revista do Museu Paulista**, nova série, São Paulo, v. 14, p. 145-158, 1963.
- FRIKEL, P. **Os XikrIn**: Equipamentos e Técnicas de Subsistência. Belém (PA), Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, n. 7, 1968.
- FRIKEL, P. **Os Tiriyo**, Hanovre, 1973.
- FRITZ, P. S. **Mapa del Gran Río Marañón**. 1707
- FRITZ, P. S. **Diario de la Bajada del P. Samuel Fritz, Misionero de la Corona de Castilla en el río Marañón, desde San Joachim de Omaguas hasta la Ciudad del Gran Pará, por el año de 1689, y vuelta del mismo Padres desde dicha Ciudad hasta el Pueblo de La Laguna, cabeza de las Misiones, por el año de 1691**. In: Maroni, P. (org.). **Noticias Auténticas del famoso río Marañón (1738). Seguidas de las Relaciones de los P.P. A. de Zárate y J. Magnin (1735-1740)**. Iquitos: Monumenta Amazónica, B4, p. 313-326, 1988. [1689-1691].
- FRITZ, P. S. **Journal of the travels and labours of Father Samuel Fritz in the River of the Amazons between 1686 and 1723**. London: Hakluyt Society, 1922.
- FRONER, Y. A. et al. 'Conservação de acervo arqueológico: estudo de caso de uma vasilha tupiguarani'. In: **Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico**, vol 21 (1). Belo Horizonte: UFMG, p.59-90, 2012
- FUNARI, P. P. **Arqueologia**. Contexto: São Paulo, 2003.
- FURQUIM, L. **Análise Laboratorial do Material Cerâmico do Sítio São Miguel do Cacau e Monitoramento dos Sítios em Área de Comunidade no Lago Amanã – RDSA – AM**. Relatório Científico apresentado ao CNPq. Tefé, 2014.
- GALLOIS, D t. **Arte iconográfica Waiãpi**. In: VIDAL, LUX (Ed.). **Grafismo Indígena**. São Paulo: Stuido Nobel / Edusp / FAPESP, 1992. p.209-230.
- GALLOIS, D. T. (org.). **Redes de relação nas Guianas**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- GALVÃO, E. **Cultura e Sistema de Parentesco das Tribos do Alto Rio Xingu**. **Boletim de Museu Nacional (Antropologia)** 14:1-56.1953
- GALVÃO, E. **Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GARCÍA, L. **Historia de las Misiones en la Amazonia ecuatoriana**. 2da. edición ampliada. Quito: Ediciones Abya-Yala. 1999 [1542].
- GARCIA, L. G. **Guias de Análise**. São Paulo, 2010.
- GARCIA, L. G. **Arqueologia na região dos interflúvios Xingu-Tocantins: a ocupação Tupi no Cateté**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GARCIA, L. G. **Paisagens Históricas do Xingu**: Arqueologia das Narrativas Asurini. 2014. Relatório de Qualificação (Doutorado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

GARCIA, R. **Nomes de parentesco em língua Tupi**. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, vol. LXIV, p. 178-189, 1944/1942. Extraído de volume digitalizado pela Biblioteca Nacional do Rio. Disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú: < http://biblio.etnolinguistica.org/garcia_1944_nomes >.

GARCIA, R. Glosario das palavras e phrases da língua, contidas na "Histoire de la Mission des Pères Capucins en L'isle de Maragnan et terres circonvoisines". Do Padre Claude D'Abbeville. **Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**, Rio de Janeiro, t. 94, v. 148, n. 100 p. 1927/1923. Extraído de volume digitalizado pelo IHGB. Disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú: < http://biblio.etnolinguistica.org/garcia_1927_glossario >.

GASPAR, M. D. Considerations of the sambaquis of the Brazilian coast. **Antiquity**, v. 72, n. 277, p. 592-615, Sept. 1998.

GASPAR, M. D. **Sambaquis. Arqueologia do litoral**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2000a.

GASPAR, M. D; IMÁZIO, M. Os pescadores-coletores-caçadores do litoral Norte brasileiro. In: TENÓRIO, M. C. (org.). **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 247-260, 2000b.

GEBHART-SAYER, A. The Geometric Designs of the Shipibo-Conibo in ritual context. **Journal of Latin American Lore**, v. 11, n. 2, p. 143-175, 1985.

GELBERT, A. Tour et tournette en Espagne: recherche de macrotraces significatives des différentes techniques et méthodes de façonnage. In: AUDOUZE, F; BINDER D. **Terre cuite et Société. La céramique, document technique, économique et culturel**. XIVème Rencontres Internationales d'Archéologie et d'Histoire d'Antibes. Juan les Pins: Editions APDCA, p. 59-74, 1994.

GELBERT, A. **Traditions céramiques et emprunts techniques dans la vallée du fleuve Sénégal**. Paris: Episthèmes, MSH Editions, 2003.

GNECCO, C; MORA, S. Late Pleistocene/early Holocene tropical forest occupations at San Isidro and Peña Roja, Colombia. **Antiquity** 71, 683-690, 1997.

GOBIERNO REGIONAL DE LORETO. **Mapas Físico Político**. Departamento de Loreto (2005), Escala 1:1200000; Departamento de Loreto (2014), Escala 1:1150000; Provincia de Alto Amazonas (2005), Escala 1:550000; Datem del Marañón (2005), Escala 1:1200000; Provincia de Loreto (2001), Escala 1:600000; Provincia de Maynas (2004), Escala 1:900000; Provincia de Requena (2003), Escala 1:500000. Perú.

GOEJE, C. H. Philosophie, Initiation et Mythes des Indiens de la Guyane et des contrées voisines, **International Archiv für Ethnographie**, Vol. XLIV, Leiden, p.1-136, 1943.

GOMES, D. M. C.; VEJA, O. Dating Organic Temper of Ceramics by AMS: Sample Preparation and Carbon Evaluation. **Radiocarbon** 41(3):315-320.1999

GOMES, D. M. C. Santarém: Symbolism and Power in the Tropical Forest. In: MCEWAN, Colin; BARRETO, Cristiana; NEVES, Eduardo G. (Eds.) **Unknown Amazon: Nature in culture in ancient Brazil**. Londres: British Museum Press, p. 134-155, 2001.

GOMES, D. M. C. **Cerâmica Arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção Tapajônica MAE-USP**. São Paulo: EDUSP; FAPESP; Imprensa Oficial, 2002.

GOMES, D. M. C. **Análise dos Padrões de Organização Comunitária no Baixo Tapajós**: o Desenvolvimento do Formativo na área de Santarém, PA. Tese de Doutorado em Arqueologia, 325f. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GOMES, D. M. C. The diversity of social forms in pre-colonial Amazonia. **Revista de Arqueologia Americana**, n. 25, p. 189-225, 2007

GOMES, D. M. C. **Cotidiano e Poder na Amazônia Pré-Colonial**. São Paulo: Edusp. 2008.

GOMES, D. M. C. Os contextos e os significados da arte cerâmica dos Tapajó. In: PEREIRA, E. e GUAPINDAIA, V. (eds.), **Arqueologia Amazônica** 1, p. 213-234, 2010.

- GOMES, D. M. C. Cronologia e conexões culturais na Amazônia: as sociedades formativas da região de Santarém – PA. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 54, nº1, p. 1-46, 2011.
- GOMES, D. M. C. O perspectivismo ameríndio e a ideia de uma estética americana. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, n. 7, v. 1, p. 133-159, 2012.
- GOMES, D. M. C. Arqueologia Amazônica e Ideologia: Uma Síntese de suas Interpretações. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas, v. 7, p. 48-59, 2013.
- GOMES, D. M. C.; LUIZ, José G. Contextos domésticos no sítio arqueológico do Porto, Santarém, Brasil, identificados com o auxílio da geofísica por meio do método GPR. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, n. 8, v. 3, p. 639-656, 2013.
- GOMES, J. **Cronologia e mudança cultural no Médio Solimões: Um estudo das cerâmicas Caiambé da Tradição Borda Incisa/Barrancóide**. Memorial de Qualificação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- GOMES, J. **Arqueologia e Cultura Material na RDS Amanã: Análise Cerâmica dos Sítios Cacoal, Calafate e São Miguel**. Relatório Técnico Final apresentado ao CNPq. Tefé, 2012.
- GOMES, J. Is it true that this place used to be an Indian village? Ceramic analysis and preliminary chronology of Boa Esperança archeological site, located in Amanã SDR, Mid Solimões River, State of Amazonas, Brazil". **Uakari** 7(2):7-20, 2011.
- GÓMEZ DE LA PEÑA, A. **Sitio arqueobotánico Huapula, reporte sobre macrorestos**, Fundación Erigaie, Santa fé de Bogotá, 1998. 39 p.
- GONZÁLEZ-VARAS, I. **Conservación de bienes culturales: teoría, historia, principios y normas**. Madrid: Cátedra, 2005.
- GORDON, C. **Economia Selvagem: Ritual e Mercadoria entre os índios Xikrin-Mebêngokrê**. São Paulo: UNESP, ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2006.
- GOSELAIN, O. P. Technology and style: potters and pottery among Bafia of Cameroun. **Man**, v. 27, n. 3, p. 559-586, 1992.
- GOSELAIN, O. P. **Identités techniques. Le travail de la poterie au Cameroun méridional**. Thèse de doctorat, Université libre de Bruxelles, Bruxelles, 1995.
- GOSELAIN, O. P.; LIVINGSTONE SMITH, A. The 'Ceramic and society project': an ethnographical and experimental approach to technological choices. In: LINDHAL, H; STILBORG, O. (Eds). **The aim of laboratory analyses of ceramics in archaeology**, Stockolm: Kungl. Vitterhets Historie och Antikvitets Akademien Konferenser, p. 147-160, 1995.
- GOSELAIN, O. P. Social and technical identity in a clay crystal ball. In: STARK, M. (Ed.). **The Archaeology of Social Boundaries**. Smithsonian Institution Press. Washington/London, p.78-342, 1998
- GOSELAIN, O. P. Materializing identities: An African perspective. **Journal of Archaeological Method and Theory**, New York, v. 3, n. 7, p. 187-217, 2000.
- GOSELAIN, O. P. **Poteries du Cameroun méridional. Styles techniques et rapports à l'identité**. Paris: CNRS Editions/CRA, n. 26, Monographies, 2002.
- GOSELAIN, O. P. Mother Bella was not a Bella: inherited and transformed traditions in southwestern Niger. In: STARK, M; BOWSER, B; HORNE, L. (Eds). **Cultural transmission and material culture. Breaking down boundaries**. Tucson, The University of Arizona Press, p. 150-177, 2008.
- GOULD, S. J. **Time's Arrow, Time's Cycle: Myth and Metaphor in the Discovery of Geological Time**. Cambridge: Harvard University Press. 1987
- GOUPY DES MARETS, **Journal de Goupy des Marets (1675-1676 et 1687-1690)**, Manuscrit n° 2436 du classement général des manuscrits de la bibliothèque municipale de Rouen, 1690.
- GRAVES, M. W. Pottery production and distribution among the Kalinga: a study of household and regional organization and differentiation. In: LONGACRE, W. A. (Ed). **Ceramic Ethnoarchaeology**. Tucson: The University of Arizona Press, p. 112-143, 1991.

- GRAYSON, D. **The Establishment of Human Antiquity**. New York: Academic Press. 1983
- GREEN, L. F; GREEN, D. R. et al. Indigenous Knowledge and Archaeological Science: The Challenges of Public Archaeology in the Reserva Uaçá. **Journal of Social Archaeology** 3(3): 365-397, 2003.
- GRENAND, F. **L'art et les techniques culinaires des Indiens Wayãpi de Guyane française**, Archives et Documents, micro-édition n° 72.031.36, Institut d'ethnologie, Paris, 1972.
- GRENAND, F; GRENAND, P. La côte d'Amapá, de la bouche de l'Amazonie à la baie d'Oyapock, a travers la tradition orale Palikur. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi** 3(1), 1987.
- GROHS, W. **Los indios del Alto Amazonas del siglo XVI al XVIII. Poblaciones y migraciones en la antigua provincia de Maynas**. Bonn: Estudios Americanistas de Bonn. Editado por Udo Oberem, 1974.
- GUAPINDAIA, V. L. C. **Fontes Históricas e Arqueológicas Sobre os Tapajo de Santarém: A Coleção "Frederico Barata" do Museu Paraense Emilio Goeldi**. 1993. 294f. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 1993.
- GUAPINDAIA, V. L. C. Encountering the Ancestors. The Maraca Urns. In: **Unknown Amazon**. C. McEwan, C. Barreto and E. G. Neves (eds.), London, British Museum Press: 156-175, 2001.
- GUAPINDAIA, V. L. Os Tapajó: Arqueologia e História. **História e-História**, v. 1, p. 15/16, 2004. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores&id=15>
- GUAPINDAIA, V. L. C. **Além da margem do rio: a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA**. 2008. 203f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- GUAPINDAIA, V. L. C. Os Tapajó e os outros. In: MORALES, WF; MOI, F.P. (org.). **Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira**. São Paulo: Annablume, 2009. p. 239-260.
- GUAPINDAIA, V. L. C. Prehistoric Funeral Practices in the Brazilian Amazon: The Maracá Urns. In: SILVERMAN, H; ISBELL, W. H. (org.). **Handbook of South American Archaeology**. New York: Springer, p. 1005-1026, 2008.
- GUAPINDAIA, Vera; LOPES, Daniel. Estudos Arqueológicos na Região de Porto Trombetas, PA. **Revista de Arqueologia** (Sociedade de Arqueologia Brasileira. Impresso), v. 24, p. 50-73, 2011.
- GUFFROY, J. El Horizonte Corrugado: correlaciones estilísticas y culturales, **Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines**, Lima, v. 35 n. 3, p. 347-359, 2006.
- GUINCHEN, G. 'L'oggetto interrato, l'oggetto disinterrato'. In: Stanley-Price (ed) **La conservazione sullo scavo archeologico**. Roma: ICCROM, 1984.
- HAMMER, Ø; HARPER, AT, D; RYAN, P. D. **PAST: Paleontological statistics**, www.folk.uio.no/ohammer/past/, acesso em 06/2010.
- HANAGARTH, W. **Acerca de la geología de las sabanas del Beni en el noreste de Bolivia**. Instituto de Ecología. La Paz, 1993.
- HANKE, W. Einige Funde im Beni-Gebiet (Ostbolivien). **Archiv für Völkerkunde** 12: 136-143, 1957.
- HANKE, W. Archäologische Funde im oberen Amazonasgebiet. **Archiv für Völkerkunde**, Viena, v. 14, p. 31-66, 1959.
- HAOUR, A; MANNING, K; ARAZI, N; GOSSELAIN, O. P; GUËYE, N. S; KEITA, D; LIVINGSTONE SMITH, A; MacDONALD, K.; MAYOR, A; McINTOSH, S; VERNET, R. **African pottery roulettes past and present. Techniques, identification and distribution**. Oxford/Oakville: Oxbow Books, 2010.
- HARNER, M. J. **The Jivaro: People of the sacred waterfalls**. University of California Press, 1972.
- HARNER, M. J. **Shuar: Pueblo de las cascadas sagradas**, Ediciones Mundo Shuar, Quito, 237 p. 1978.
- HARTT, C. F. Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas. **Archivos do Museu Nacional**, n. 6, p. 1-174, 1885.
- HASTORF, C. Domesticated Food and Society in Early Coastal Peru, in: **Time and Complexity in Historical Ecology**. BALÉE, W; ERICKSON, C. (eds.). New York: Columbia University Press, pp. 86-126. 2006
- HECKENBERGER, M. **War and Peace in the shadow of empire: sociopolitical change in the Upper Xingu of Southeast Amazônia, A.D 1400-2000**. PhD Dissertation, Department of Anthropology, University of Pittsburgh, 1996.

- HECKENBERGER, M. The enigma of the great cities: body and state in Amazonia. In: **A outra margem do ocidente** (Brasil 500 anos: experiência e destino), Adauto Noves, ed., Companhia das letras, São Paulo. 1999.
- HECKENBERGER, M. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguana na longue durée, 1000-2000 d.C. In: FRANCHETTO, B; HECKENBERGER, M (org.). **Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura**. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 21-62. 2001.
- HECKENBERGER, M. Rethinking the Arawakan Diapora: Hierarchy, Regionality, and the Amazonian Formative. In: Hill, J; SANTOS- GRANERO, F. (Ed). **Comparative Arawakan Histories: Rethinking Culture Area and Language Group in Amazonia**. Urbana: University of Illinois Press, p. 179-201, 2002.
- HECKENBERGER, M. Ecologia do poder: a base simbólica da economia política na Amazônia. **Amazônia além dos 500 anos**. FORLINE, L. C; URRIETA, R. S. S; VIEIRA, I. C. G. (orgs.). Belém, p. 39-69, 2005.
- HECKENBERGER, M. **The ecology of power : Culture, place, and personhood in the southern Amazon, A.D. 1000-2000. Critical perspectives in identity, memory, and the built environment**. New York: Routledge, 2005.
- HECKENBERGER, M. History, Ecology, and Alterity: Visualizing Polity in Ancient Amazonia. In: ERICKSON, C.L.; BALÉE, W. (org.). **Time and Complexity in Historical Ecology: Studies in the Neotropical Lowlands**, New York: Columbia University Press, p.311-340, 2006.
- HECKENBERGER, M. Xinguano Heroes, ancestors, and others: Materializing the past in chiefly bodies, ritual space, and landscape. In: FAUSTO, C; HECKENBERGER, M. **Time and Memory in Indigenous Amazônia: Anthropological Perspectives**. Gainesville: University Press of Florida, 2007.
- HECKENBERGER, M. Lost Garden Cities: Pre-Columbian Life in the Amazon. In: **Scientific American**. 2009.
- HECKENBERGER, M. Deep history, cultural identities, and ethnogenesis in the southern Amazon. In: HORNBORG, A; HILL, J. D. (Eds). **Ethnicity in ancient Amazonia. Reconstructiing past identities from archaeology, linguistics, and ethnohistory**. Boulder: University Press of Colorado. 2011. P. 57-74.
- HECKENBERGER, M; NEVES, E; PETERSEN, J. De onde surgiram os modelos? As origens e expansões Tupis na Amazônia Central. **Revista de Antropologia**, USP, v. 41 n. 1, p. 69-96, 1998.
- HECKENBERGER, M; NEVES, E.G; PETERSEN, J. Village size and permanence in Amazonia: two archaeological examples from Brazil. **Latin American Antiquity**, United States, v. 10, n. 4, p. 353-376, 1999.
- HECKENBERGER, M. J; RUSSELL, J. C; FAUSTO, C; TONEY, J. R.; SCHMIDT, M. J.; PEREIRA, E; KUIKURU, Afukaka. Pre-Columbian urbanism, anthropogenic landscapes, and the future of the Amazon. **Science** 321(5893):1214-1217. 2008.
- HEGMON, M. Advances in ceramic ethnoarchaeology. **Journal of Archaeological Method and Theory**,7 (3):129-137, 2000.
- HEGMON, M; KULOW, S. Painting as Agency, Style as Structure: Innovations in Mimbres Pottery Designs From Southwest New México. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 12, n. 4, p. 313 -334, 2005.
- HERBICH, I; DIETLER, M. The long arm of the mother-in-law: learning, postmarital resocialization of women, and material culture style. In: STARK, M; BOWSER, B; HORNE, L. (Eds). **Cultural transmission and material culture. Breaking down boundaries**. Tucson, The University of Arizona Press,p. 223-244, 2008.
- HERIARTE, M. **Descrição do Estado do Maranhão, Pará e Corupá, e rio Das Amazonas**. Madrid: Imprensa do pilho do Carlos Gerold, 1662 [1874].
- HEROD, D. **The Versus style, a question of comparability**, Thesis of the degree Master of Arts, Faculty of San Francisco State College, 136 p.,1970.
- HERRERA, L; BRAY, W; MCEWAN, C. Datos sobre la arqueología de Aracuara (Comisaría del Amazonas Colombia). **Revista Colombiana de Antropología**, v. 23, p. 183-251, 1982.
- HEMMING, J. [1978]. **Fronteira Amazônica**. Tradução de Antônio de Padua Danesi. São Paulo: EDUSP, 2009.
- HIDALGO C. D; SAULIEU, G. **Pastaza Precolombino. Datos arqueológicos preliminares con el catalogo del Museo etnoarqueológico de Puyo y del Pastaza**, Abya Yala, Quito, 2009.
- HILBERT, P. P. **A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná: (com 1 mapa e 49 estampas)**. Publicação (Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará) n. 9. Pará, Brasil: Instituto de Antropologia e Ethnologia do Pará, Belém, 1955.

- HILBERT, P. P. "Contribuição à arqueologia do Amapá: Fase Aristé." *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Antropologia* 1, 1957.
- HILBERT, P. P. **Preliminary results of archaeological investigations in the vicinity of the mouth of Rio Negro, Amazonas.** Actas del 33º congreso Internacional de Americanistas, v. 2, p. 370-377. 1959a.
- HILBERT, P. P. Achados arqueológicos num sambaqui do baixo Amazonas. *Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará*, Belém, n. 10, 22 p.1959b.
- HILBERT, P. P. New stratigraphic evidence of culture change on the middle Amazon (Solimões). *Akten des 34º Internationalen Amerikanistenkongresses*, p. 471-476, 1962.
- HILBERT, P. P. **Archäologische Untersuchungen am mittleren Amazonas: Beiträge zur Vorgeschichte des südamerikanischen Tieflandes.** Mit 164 Abbildungen und 11 Karten (vom Verfasser). Berlin, Marburger Studien zur Völkerkunde; Bd. 1. Reimer, 1968.
- HILBERT, P.P. Pottery from the Cuminá River, Brazil and its affiliations with the Koriabo Phase of Guyana. *Journal of the Walter Roth Museum of Archaeology and Anthropology*, 5/2, p. 74-81, 1982.
- HILBERT, P. P.; HILBERT, K. Resultados Preliminares da Pesquisa Arqueológica realizada nos rios Nhamundá e Trombetas, baixo Amazonas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia*, Belém, v. 750 n. 75, p. 1-11, 1980.
- HILDEBRAND, M. **L'ensemble Arauquinoïde: tradition ou complexe culturel ? Essai d'analyse critique sur la formation d'un ensemble culturel de la zone orénoquo-guyanaise.** Mémoire de Maîtrise, Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, Paris, 1999.
- HILL, J. **History, Power, and Identity: Ethnogenesis in the Americas, 1492–1992.** Iowa City: University of Iowa Press, 1996.
- HILL, J. Etnicidade na Amazônia Antiga: reconstruindo identidades do passado por meio da arqueologia, da linguística e da etno-história. *ILHA* v. 15, n. 1, p. 35-69, 2013.
- HILL, J. e SANTOS-GRANERO, F. Introduction. In: HILL, J. & SANTOS-GRANERO, F. (Org). **Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language and Culture Areas in the Amazon.** Urbana: University of Illinois Press, p. 1-22, 2002.
- HODDER, I. (Ed.). **Archaeology as long-term history.** Cambridge: Cambridge University Press, (New Directions in Archaeology), 1987.
- HODDER, I. 'The contextual analysis of symbolic meanings'. In: Pearce, S. (Ed). **Interpreting objects and collections.** London: Routledge, 1994a.
- HODDER, Ian. **Interpretación en Arqueología. Corrientes actuales.** Crítica: Barcelona, 1994b.
- HOLTORF, C. 'Notes on the life history of a pot sherd'. In: *Journal of Material Culture*, vol.7, p.49-67, 2002.
- HOOPEs, J. W. Ford revisited: a critical review of the chronology and relationships of the earliest ceramic complexes in the New World, 6000-1500 B. C. In: *Journal of World Prehistory*. v. 8, n. 1, p.1-49, 1994.
- HORNBORG, A. Ethnogenesis, Regional Integration, and Ecology in Prehistoric Amazonia: Toward a System Perspective. *Current Anthropology*, n. 46, v. 4, p. 589-620, 2005.
- HORNBORG, A.; ERICKSEN, L. An Attempt to Understand Panoan Ethnogenesis in Relation to Long- Term Patterns and Transformations of Regional Interaction in Western Amazonia. In: HORNBORG, A; HILL, J. (org). **Ethnicity in Ancient Amazonia: Reconstructing Past Identities from Archaeology, Linguistics, and Ethnohistory.** Boulder: University of Colorado Press, p. 129-154, 2011.
- HORNBORG, A.; HILL, J. Introduction: Ethnicity in Ancient Amazonia. In: HORNBORG, A; HILL, J. (Org). **Ethnicity in Ancient Amazonia: Reconstructing Past Identities from Archaeology, Linguistics, and Ethnohistory.** Boulder: University of Colorado Press, p. 1-30, 2011.
- HORNBORG, Alf and HILL, Jonathan (eds.). **Ethnicity in ancient Amazonia: reconstructing past identities from archaeology, linguistics, and ethnohistory.** 1ªed. University Press of Colorado. Colorado, 2011.
- HOWARD, G. **Prehistoric Ceramic Styles of Lowland South America: Their Distribution and History.** New Haven: Yale University Press, Yale University Publications in Archaeology, v. 37, 1947.

HUYSECOM, E. Identification technique des céramiques africaines. In: AUDOUZE, F; BINDER, D. **Terre cuite et Société. La céramique, document technique, économique et culturel**. XIVème Rencontres Internationales d'Archéologie et d'Histoire d'Antibes. Juan les Pins: Editions APDCA, p. 31-45, 1994.

IMESC. Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. **Situação Ambiental da Ilha do Maranhão/ Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos**. São Luís: IMESC, 2011.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

INSTITUTO GEOGRÁFICO NACIONAL, Carta Nacional del IGN, Hoja 7-p (1985), Hoja 7-q (1985), Hoja 7-r (1990), Hoja 7-s (1990), Hoja 8-p (1995), Hoja 8-r (1990), Hoja 8-s (1990), Hoja 8-t (1990), Hoja 8-u (1995), Hoja 8-v (1995), Hoja 9-i (1995), Hoja 9-n (1985), Hoja 9-ñ (1985), Hoja 9-o (1985), Hoja 9-p (1985), Hoja 9-t (1990), Hoja 9-v (1995), Hoja 9-x (1995), Hoja 10-g (1995), Hoja 10-h (1995), Hoja 10-i (1995), Hoja 10-j (1990), Hoja 10-k (1990), Hoja 10-l (1985), Hoja 10-m (1985), Hoja 10-n (1985), Hoja 10-o (1990), Hoja 11-f (1995), Hoja 11-g (1995), Hoja 11-k (1985), Hoja 11-l (1995), Hoja 12-f (2000), Hoja 12-h (1995), Hoja 13-f (1979), Hoja 13-g (1995), Hoja 14-h (1995), Hoja 15-f (2002), Hoja 15-g (2000), Hoja 15-h (2000), Hoja 16-h (1998), Hoja 17-h (1990). Perú. Escala 1:100000.

INSTITUTO GEOGRÁFICO NACIONAL, Mapa Físico Político. Departamento de Amazonas (1986), Escala 1:600000; Departamento de Cajamarca (2001), Escala 1:480000; La Libertad (1981), Escala 1:420000; Departamento de Lambayeque (1993), Escala 1:300000; Departamento de Loreto (1986), Escala 1:1600000; Departamento de San Martín (1985), Escala 1:500000. Perú.

IRIARTE, J; HOLST, I; MAROZZI, O; LISTOPAD, C; ALONSO, R; RINDERKNECHT, A; MONTAÑA, J. Evidence for cultivar adoption and emerging complexity during the mid-Holocene in the La Plata basin, **Nature** 432, 614-617. 2004.

JAIMES BETANCOURT, C. **La cerámica de la Loma Salvatierra**. Ph.D. dissertation, Universität Bonn. (<http://hss.ulb.uni-bonn.de/2010/2354/2354.htm>), 2010.

JAIMES BETANCOURT, C. **La cerámica de los afluentes del Guapore en la colección de Erland von Nordenskiöld**. In: *Zeitschrift für Archäologie Außereuropäischer Kulturen*, Deutschland, v.4, p. 311-340, 2011.

JAIMES BETANCOURT, C. **La cerámica de la Loma Salvatierra, Beni – Bolivia**. Ed. Kommission für Archäologie Außereuropäischer Kulturen des Deutschen Archäologischen Instituts - Plural, La Paz, 2012a.

JAIMES BETANCOURT, C. **La cerámica de dos montículos habitacionales en el área de Casarabe, Llanos de Moxos**. In: ISENDAHL C. (Ed.), **The Past Ahead. Language, Culture and Identity in the Neotropics**, 161-184. Department of Archaeology and Ancient History. Uppsala University, 2012b.

JAIMES BETANCOURT, C. **Diversidad Cultural en los Llanos de Mojos**. In: F. VALDEZ **Arqueología Amazónica. Las civilizaciones ocultas del bosque tropical**. Instituto Francés de Estudios Andinos, Institut de Recherche pour le Développement, Abya-Yala. Quito. 2013.

JAIMES BETANCOURT, C. **Unidad en la Diversidad. Implicaciones de la variabilidad cerámica de la región del Iténez, Bolivia**. In: Rostain, S. (Ed.), **Antes de Orellana Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica**, Quito, p. 281-290, 2014.

JAIMES BETANCOURT, C. **Unidad en la Diversidad. Implicaciones de la variabilidad cerámica de la región del Iténez, Bolivia**. In: ROSTAIN, S. (Ed.), **Antes de Orellana Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica**, Quito, p. 281-290, 2014.

JAIMES BETANCOURT C. et all. **Informe de análisis de la cerámica de Colina Moravia**, informe no publicado, Pontificia Universidad Católica del Ecuador, 2014.

JAIMES BETANCOURT, C; PRÜMERS, H. **Los Llanos de Mojos**. En: **Bolivia. Su historia. Tomo I. De los orígenes a los Estados prehispánicos 10.000 a. C. – 1540 d. C.** Ximena Medinacelli (Coord.). Coordinadora de Historia y La Razón. La Paz, 2015.

JANIN, T. Awala-Yalimapo. Étude anthropologique de l'urne funéraire, **Bilan scientifique de la région Guyane 1999**, DRAC, Service Régional de l'Archéologie, Cayenne, 41, 2002.

- JORDAN, P; ZVELEBIL, M. Ex Oriente Lux: The Prehistory of Hunter-Gatherer Ceramic Dispersals, Jordan, P; Zvelebil, M (Eds). In: **Ceramics Before Farming: The Dispersal of Pottery Among Prehistoric Eurasian Hunter-Gatherers**. Walnut Creek: Left Coast Press, pp. 33-89. 2009.
- JUNQUEIRA, A. B. **Uso e Manejo da Vegetação Secundária sobre Terra Preta por Comunidades Tradicionais na Região do Médio Rio Madeira, Amazonas, Brasil**. 2008. 116f. Dissertação de Mestrado em Ciências Biológicas, área de concentração em Botânica, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2008.
- KANTNER, John. The Archaeology of Regions: From Discrete Analytical Toolkit to Ubiquitous Spatial Perspective. **Journal of Archaeological Research**, n. 16, p. 37-81, 2008.
- KARADIMAS, D. **La Raison du corps. Idéologie du corps et représentations de l'environnement chez les Miraña d'Amazonie colombienne**, PEETERS éditions, Selafo, Collection Langues et sociétés d'Amérique traditionnelle, n°9, 451 p., 2005.
- KATZER, F. K. Geologia do estado do Pará (Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi de História Natural e Etnografia**. Belém, v. 9, n. 1, p. 1-269, 1933.
- KERN, D. *et al.* O potencial espeleoarqueológico da região de São Geraldo do Araguaia-PA. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia**, v. 8, n. 2, 1992.
- KERN, D. C. **Geoquímica e Pedogeoquímica de Sítios Arqueológicos com Terra Preta na Floresta Nacional do Caxiuanã (Portel-Pará)**. Tese de Doutorado em Geologia e Geoquímica, Universidade Federal do Pará, Belém, 126f, 1996.
- KERN, D. C.; COSTA, M. L.; FRAZÃO, F. J. L. Evolution of the scientific knowledge regarding Black Earth soil in the Amazon. In: GLASER, B; WOODS, W. I. (Ed.). **Explorations in Amazonian Dark Earth**. Heidelberg: Springer, 2004.
- KIPNIS, R.; CALDARELLI, S. B.; OLIVEIRA, W. C. Contribuição para a Cronologia da Colonização Amazônica e suas Implicações Teóricas. **Revista de Arqueologia**, Belém, v. 18, p. 81-93, 2005.
- KIPNIS, R. *et al.* Aplicação das tecnologias de modelagem 3D conjugada às técnicas tradicionais para o registro das gravuras rupestres do rio Madeira, Rondônia, Brasil. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 8, n. 3, p. 605-619, 2013.
- KIRCH, P. **On the Road of the Winds: An Archaeological History of the Pacific Islands before European Contact**. Berkeley: University of California Press. 2000.
- KOBAYASHI, M. use-alteration analysis of Kalinga pottery: interior carbon deposits of cooking pots. In: LONGACRE, W. A; SKIBO, J. M. (Eds). **Kalinga Ethnoarchaeology. Expanding archaeological method and theory**. Washington/London: Smithsonian Institution Press, p. 127-168, 1994.
- KRAMER, C. **Pottery in Rajasthan. Ethnoarchaeology in two cities**. Washington: Smithsonian Institution Press. 1997.
- KRAATZ-KOSCHLAU, K.V; HUBER, J. Zwischen Ocean und Guamá; Beitrag zur Kenntniss des Staates Pará. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia**. Belém, v. 3, n. 1, 1900. 34 p. (Memórias do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia, 2).
- KROEBER, A. L. **Configurations of Culture Growth**. Berkeley. University of California Press, 1944.
- KRZANOWSKI, A; SZEMINSKI, J. La toponimia indígena en la cuenca del río Chicama (Perú). **Estudios Latinoamericano**, v. 4, p. 11-51, 1978.
- LADEIRA, M. I. **Espaço Geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso**. Maringá: UDUEM; São Paulo: EDUSP, 2008.
- LAGORIO, Consuelo; y José FREIRE. Aryon Rodrigues e as Línguas Gerais na historiografia lingüística. **DELTA**, São Paulo, v. 30, n. especial, p. 571-589. 2014.
- LAGROU, E. **A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- LAGROU, E. Podem os grafismos ameríndios ser considerados quimeras abstratas? Uma reflexão sobre uma arte perspectivista. In: SEVERI, C; LAGROU, E. (org.) **Quimeras em diálogo: grafismo e figuração nas artes indígenas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 67-109, 2013.
- LANGDON, JEAN. A cultura Siona e a experiência alucinógena. In: VIDAL, L. (Ed.). **Grafismo Indígena**, p.67-87. São Paulo: Stiuo Nobel / Edusp / FAPESP, 1992.

- LATHRAP, D. W; OLIVER, J. Agüerito: el complejo poicromo más antiguo de América en la confluencia del Apure y Orinoco, **Interciencia**, v. 12, n. 6, p. 274-289, 1987
- LATHRAP, D. W. **The Upper Amazon**. Ancient peoples and places. Vol. 70. Thames and Hudson, 1970.
- LATHRAP, D. W. Review of Archäologische Untersuchungen am Mittlern Amazonas, by Peter Hilbert. **American Antiquity**, Washington D.C.: Society for American Archaeology, v. 35, n. 4, p. 499-501, 1970.
- LATHRAP, D. W. **El Alto Amazonas**. Lima: Chätaro Editores, 2010.
- LOTHROP, S. (Ed.). **Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology**. Cambridge: Harvard University Press, 1961. p. 372-388.
- LATINI, R. M. **Caracterização, Análise e Datação de Cerâmicas Arqueológicas da Bacia Amazônica através de Técnicas Nucleares**. 1998. Tese (Doutorado em Geoquímica Ambiental) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.
- LATINI, R. M, BELLIDO, A; VASCONCELLOS, B; DIAS, O. Classificação de Cerâmicas Arqueológicas da Bacia Amazônica. **Química Nova**, São Paulo, v. 24, n.6, p. 724-729, 2001.
- LA SALVIA, F; BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Ed. Porsenato Arte e Cultura, 1989, 2ª edição.
- LEDERGERBER-CRESPO, P. Factores geográficos en la localización de sitios arqueológicos. El caso de Morona-Santiago, Ecuador, un informe preliminar. **Cultura y medio ambiente en el área andina septentrional**, Colección Biblioteca Abya-Yala, 21, Quito, p. 343-375, 1995.
- LECHTMAN, H. Style in technology. Some early thoughts. In: LECHTMAN, H; MERRILL, R. S. **Material culture. Style, organization, and dynamics of technology**. St Paul: West Publishing Company, p. 3-20, 1977.
- LEEUW, S. van der Giving the Potter a Choice. In: LEMONNIER, P. (Ed.). **Technological Choices. Transformation in Material Cultures since the Neolithic**. London, Routledge, p. 238-288, 1993.
- LEITE FILHO, D. C. **Ocupações pré-coloniais no litoral e nas bacias lacustres do Maranhão**, p. 231-262, 2010.
- LEMMONIER, P. The study of material culture today: Toward an anthropology of technical system. **Journal of Anthropological Archaeology**, New York, n. 5, p. 147-186, 1986.
- LEMONNIER, P. **Elements for an anthropology of technology**. Michigan: University of Michigan, Museum of Anthropological Research, (Anthropological Papers, 88), 1992.
- LEMONNIER, P. **Technological choices: transformation in material cultures since the Neolithic**. London: Routledge, p. 1-35, 1993.
- LEONARD, K. **Huapula site archaeological report 1**, IFEA, Department of Anthropology, University Mount Allison, Canada, Quito, 21 p., 1997.
- LEONARDOS, O. H. **Concheiros naturais e Sambaquis**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura; Departamento Nacional de Produção Mineral; Serviço de Fomento da Produção Mineral, 1938. 109 p. (Publicação Avulsa, n. 37).
- LE PENNEC J-L; SAULIEU G; SAMANIEGO, P; JAYA, D; GAILLER, L. A devastating plinian Eruption at Tungurahua Volcano reveals Formative Occupation at 1100 cal BC in central Ecuador, Proceedings of the 21st International Radiocarbon Conference. A J. T. Jull & C. Hatté (editores), **Radiocarbon**, Vol 55, Nr 2-3, p 1199-1214, 2013.
- LE ROUX, Y. **La poterie Bergrave à Rémire**, Mémoire de DEA à l'EHESS, multigr., 1989.
- LÉVI-STRAUSS, C. The Tribes of the Upper Xingu River. In: STEWARD, J. H. (org.). **The Handbook of South American Indians**. Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology Bulletin 143. vol. 3. 7 vols. Washington: United States Government Printing Office, p. 321-348, 1948.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1975.
- LÉVI-STRAUSS, C. **La potière jalouse**, Librairie Plon, Paris, 314 p., 1985.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1978) **O Mito e o significado**. Edições 70, 1987.
- LÉVI-STRAUSS, C. **The Naked Man: Mythologiques** (Vol. 4) University of Chicago Press, 1990.
- LIMA COSTA, K. **Ocupações indígenas no sítio arqueológico Vista Alegre: análise da cultura material cerâmica**. Projeto de pesquisa PIBIC/UNIR, Porto Velho, 2014.

- LIMA, H. P. **História das Caretas: A Tradição Borda Incisa na Amazônia Central**. Tese de Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 424f, São Paulo, 2008.
- LIMA, H. P. Solicitação de autorização de pesquisa apresentada ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Manaus, 2009.
- LIMA, H. P. A 'longue durée' e uma antiga história na Amazônia Central. In: PEREIRA, E; GUAPINDAIA, V. (Orgs.) **Arqueologia Amazônica**. v. 2. Belém. MPEG; IPHAN; SECULT, 2010. p. 605-627.
- LIMA, H. P. (org.) 2013. **Fronteiras do Passado: aportes interdisciplinares sobre a arqueologia do baixo rio Urubu, médio Amazonas, Brasil**. Manaus: Museu Amazônico, EDUA. 2013.
- LIMA, H. P. Variabilidade arqueológica e o estudo de fronteiras culturais na região do baixo rio Urubu. In: LIMA, H.P. (org.) 2013. **Fronteiras do Passado: aportes interdisciplinares sobre a arqueologia do baixo rio Urubu, médio Amazonas, Brasil**. Manaus: Museu Amazônico, EDUA, 2013 (no prelo).
- LIMA, H. P.; BROWNE-RIBEIRO, A; SCHMIDT, M. **OCA- Gurupá (Origens, Cultura e Ambiente)**. Projeto para autorização de pesquisa submetido ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Processo IPHAN 01492.000338/2014-43. 2014.
- LIMA, H. P.; NEVES, E.G. Cerâmicas da Tradição Borda Incisa/Barrancóide na Amazônia Central. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 21, n. 21, p. 205-230, 2011.
- LIMA, H.; NEVES, E. G.; PETERSEN, J. B. La Fase Açutuba: um Novo Complexo Cerâmico na Amazônia Central. **Arqueologia Suramericana**, Catamarca: Departamento de Antropología, Universidad del Cauca; Facultad de Humanidades, Universidad Nacional de Catamarca; World Archaeological Congress v. 2, n. 1, p. 26-52, janeiro, 2006.
- LIMA, H. P.; MORAES, B. Redes e Sistemas de Interação Regional no Médio Amazonas. Comunicação apresentada na Conferência da Society for the Anthropology of Lowland South America (SALSA). Belém, 2011.
- LIMA, L. F. E. **A ocupação pré-colonial na fronteira ocidental: adaptabilidade humana, territorialidade e aspectos geomorfológicos na microrregião do Alto Guaporé, Mato Grosso**. Tese de Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 672f, São Paulo, 2010.
- LIMA, M; TAMANAHA, E. K. Relatório final de atividades entregue ao PIATAM. PIATAM. Manaus. 2007.
- LIMA, M; TAMANAHA, E. K. Relatório parcial de atividades entregue ao PIATAM. PIATAM. Manaus. 2008.
- LIMA, M. N. **O Rio Unini na Arqueologia do Baixo Rio Negro, Amazonas**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 337f. São Paulo, 2013.
- LIMA, T. A. Cerâmica indígena brasileira, IN: Ribeiro, B. (ed.) **SUMA Etnológica brasileira. 2, Tecnologia indígena**, Vozes-Finep, Petrópolis, p.173-230, 1987.
- LIMA, T. A. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. **Revista da USP – Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira**, São Paulo, n. 44, v. 2, p. 270-327, 1999/00.
- LIMA, T. S. **Um peixe olhou pra mim: o povo Yudjá e a perspectiva**. São Paulo: UNESP, 2005.
- LINNÉ, S. Contribution à l'Etude de la céramique Sudaméricaine. **Revista del Institute de Etnologia**, n. VII, Tucuman, p. 199-239, 1932.
- LINNÉ, S. Recherches archéologiques de Nimuendajú au Brésil. **Journal de la Société des Americanistes**, n. 20, p. 71-91, 1928.
- LINS, A; MARCELIANO, M. L. V; MENDES, A. C; GORAYEB, S. I. (Org.). **Amazônia, zona costeira: termos técnicos e populares**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2014. 354p.
- LINS, JULIANA ; LIMA, HELENA P. ; BACCARO, FABRICIO B. ; KINUPP, VALDELY F. ; SHEPARD, GLENN H. ; CLEMENT, CHARLES R. ; PETRAGLIA, MICHAEL D. . Pre-Columbian Floristic Legacies in Modern Homegardens of Central Amazonia. **Plos One**, v. 10, p. e0127067, 2015.
- LOMBARDO, U; SZABO, K; CAPRILES, J. M; MAY, J; AMELUNG, W; HUTTERER, R; LEHNDORFF, E; PLOTZKI, A; VEIT, H. Early and Middle Holocene Hunter-Gatherer Occupations in Western Amazonia: The Hidden Shell Middens. **PLoS ONE** v. 8(8), p.e72746, 2013.

- LOMBARDO, U; DENIER, J-H; MAY, J; RODRIGUES, L; VEIT, H. Pre-Columbian human-environment interactions in the Llanos de Moxos, Bolivian Amazon. *Quaternary International* (312): 109-119, 2013.
- LOMBARDO, U; PRÜMERS, H. Pre-Columbian human occupation patterns in the eastern plains of the Llanos de Moxos, Bolivian Amazonia. *Journal of Archaeological Science*, 37 (8): 1875-1885, 2010.
- LONGACRE, W. A; SKIBO, J. M. (Eds). *Kalinga Ethnoarchaeology. Expanding archaeological method and theory*. Washington/London: Smithsonian Institution Press, 1994.
- LOPES, P. R. **Caracterização do modo de vida dos sambaquieiros que ocuparam o litoral amazônico**. Projeto de pesquisa (Doutoramento) em andamento. Rio de Janeiro: Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.
- LOPES, R. **O Torrão Maranhense**. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1916.
- LOPES, R. A civilização lacustre do Brasil. *Boletim do Museu Nacional*, v. 1, n. 2, p. 87-109. Rio de Janeiro, 1924.
- LOPES, R. **Uma região tropical**. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta, 1970.
- MACDONALD, R.H.. The order of things: an analysis of the ceramics from Santarém, Brazil. *Journal of the Steward Anthropological Society*, n. 4, v. 1, p. 39-55, 1972.
- McEACHERN, S. Scale, style, and cultural variation: technological traditions in the northern Mandara mountains. In: STARK, M. (Ed.). *The Archaeology of Social Boundaries*. Smithsonian Institution Press. Washington/London, p. 107-131, 1998.
- MACHADO, A. L. C. As tradições ceramistas da bacia amazônica: uma análise crítica baseada nas evidências arqueológicas do médio rio Urubu (AM). Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1991.
- MACHADO, J. S. **A Formação de Montículos Artificiais na Amazônia Central: um estudo de caso do sítio Hatahara**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 684f São Paulo, 2005.
- MACHADO, J. S. O Potencial interpretativo das análises tecnológicas: um exemplo amazônico. In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 15-16: 87-111, 2005-2006.
- MACHADO, J. S. Os significados dos sistemas tecnológicos: classificando e interpretando o vestígio cerâmico. *Arqueologia Sul-Americana*, v.3, n.1, p.62-83, 2007.
- MAHIAS, M. C. Pottery Techniques in India. Technical Variants and Social Choice. In: LEMONNIER, P. (Ed). *Technological Choices. Transformation in Material Cultures since the Neolithic*. London: Routledge, p. 157-180, 1993.
- MAGALHÃES, M. **Arqueologia de Carajás: A presença pré-histórica do homem na Amazônia**. Rio de Janeiro: Companhia Vale do Rio Doce, 1994.
- MANN, C. Ancient earthmovers of the Amazon. *Science*, (321): 1148-1152, 2008.
- MARCOS, J. **Un Sitio Llamado Real Alto**. Quito: Universidad Internacional del Ecuador. 2014.
- MARONI, P. **Noticias Auténticas del famoso río Marañón (1738). Seguidas de las Relaciones de los P.P. A. de Zárate y J. Magnin (1735-1740)**. Iquitos: Monumenta Amazónica, B4, Centro de Estudios Teológicos de la Amazonía. 1988.
- MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste brasileiro**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.
- MARTÍNEZ COMPAÑÓN, B. J. **Trujillo del Perú. Documentos de Baltazar Jaime Martínez Compañón relativos a su Obispado y Visita Pastoral al mismo. Volumen I**. Coordinado por Manuel Ballesteros Gaibrois. Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica, 1984.
- MARTÍNEZ COMPAÑÓN, B. J. **Trujillo del Perú. Documentos de Baltazar Jaime Martínez Compañón relativos a su Obispado y Visita Pastoral al mismo. Apéndice III**. Coordinado por Manuel Ballesteros Gaibrois. Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica, 1994.
- MARTINS, Cristiane M. P.; SCHAAN, Denise P.; LIMA, Anderson M. A.; BEZERRA, Ivonne A.; SILVA, Wagner F. S. Padrões de sepultamento na periferia do domínio Tapajó. *Revista Amazônica*, n. 2, v. 1, p. 167-171, 2010.
- MARTINS, C. M. P. **Arqueologia do Baixo Tapajós: Ocupação Humana na Periferia do Domínio Tapajônico**. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2012.

MAYOR, A. Durées de vie des Céramiques Africaines: Facteurs Responsables et Implications Archéologiques. **XIV Rencontres Internationales d'Archéologie et d'Histoire d'Antibes**. Juan-les-Pins: Éditions APDCA, p. 179-198. 1994.

MAZZ, J. M. L. Para uma Etnoarqueologia da Cerâmica Mati. **Revista de Arqueologia**, Nº 21, pp. 45-60, 2008.

MCEWAN, C. Seats of Power: Axiality and Access to Invisible Worlds. In: MCEWAN, Colin; BARRETO, C; NEVES, E. G. (Eds.) **Unknown Amazon: Nature in culture in ancient Brazil**. Londres: British Museum Press, p. 176-197, 2001.

MCMICHAEL, C. H; PIPERNO, D. R; BUSH, M. B; SILMAN, M. R; ZIMMERMAN, A. R; RACZKA, M. F; LOBATO, L. C. Sparse Pre-Columbian Human Habitation in Western Amazonia. **Science**, v. 336, p. 1429-1431, 2012.

MEGGERS, B. J. 1954 Environmental Limitations on the Development of Culture. In **American Anthropologist** 56: 801-824, 1954.

MEGGERS, B. J. Environmental and Culture in the Amazon Basin: An Appraisal of the Theory of Environmental limitations. In: A. Peleerm (ed.) **Studies in Human Ecology, Social Science Monograph**, 3, p.71-89. Panamerican Union, Washington D.C., 1957.

MEGGERS, B. J. Climatic Oscillation as a Factor in the Prehistory of Amazonia. **American Antiquity**, 44(2): 252-266. 1979a.

MEGGERS, B. J. **América Pré-Histórica**. Tradução Eliana Teixeira de Carvalho. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979b. 242 p

MEGGERS, B. J. El origen transpacífico de la cerámica Valdivia: una revaluación. **Boletín del Museo Chileno de arte precolombino**, Santiago de Chile, n. 2, p. 9-31, 1987a.

MEGGERS, B. J. **Amazônia: a ilusão de um paraíso**. Tradução Maria Yedda Linhares. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1987b. 239 p. (Coleção Reconquista do Brasil. 2. série, v. 113).

MEGGERS, B. J. La cerámica temprana em América Del Sur ¿invencción independiente o difusión? **Revista de Arqueología Americana**, México D.F., n.13, p. 7-40, 1997.

MEGGERS, B. J. O paraíso ilusório revisitado. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 8, p. 33-55, 1998.

MEGGERS, B. J. Mid-Holocene climate and cultural dynamics in Brazil and the Guianas, **Climatic change and cultural dynamics: a global perspective on mid-Holocene transitions**. ANDERSON, D. G; MAASCH, K. A; SANDWEISS, D.H. (Eds.), Elsevier, p. 117-155, 2007.

MEGGERS, B. J. Inferindo comportamento locacional e social a partir de seqüências seriadas. In: **Arqueologia Interpretativa**. Meggers, B. J. (org). Unitins, Porto Nacional, p. 17-34, 2009.

MEGGERS, B. J; EVANS, C. Archaeological investigations at the mouth of the Amazon. **Smithsonian Institution Bulletin** n. 167. Washington: Smithsonian Institution Press, 1957.

MEGGERS, B. J.; EVANS, C. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest Area of South America. In: LOTHROP, S. (Ed.). **Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology**. Cambridge: Harvard University Press, p. 372- 388, 1961.

MEGGERS, B. J; EVANS, C. **Guia para Prospecção Arqueológica no Brasil**. Museu Paraense Emilio Goeldi. Belém – Pará – Brasil, 1965.

MEGGERS, B. J; EVANS, C. Archeological Investigations on the Rio Napo, Eastern Ecuador. **Smithsonian Contributions to Anthropology**, v. 6. Washington: Smithsonian Institution Press, 1968.

MEGGERS, B. J; EVANS, C. **Como interpretar a linguagem da cerâmica: manual para arqueólogos**. Traducção de Alroino B. Eble. Desenhos humorísticos de George Robert Lewis. Smithsonian Institution, 1970.

MEGGERS, B. J; EVANS, C. A reconstituição da pré-história Amazônica: algumas considerações teóricas. In: SIMÕES, M. F. (Ed.). **O Museu Goeldi no ano do Sesquicentenário**. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Museu Paraense Emílio Goeldi, (Publicações Avulsas n.20), p. 51-69. 1973.

MEGGERS, B. J; EVANS, C. Lowland South America and the Antilles. **Ancient South America**. Editado por J. Jennings, 1983.

MEGGERS, B. J.; EVANS, C; ESTRADA, E. **Early Formative of Coastal Ecuador: Valdivia and Machalilla phases**. Smithsonian Institution, Washington D.C., 1965.

- MEGGERS, B. J. *et al.* Implications of Archaeological Distributions in Amazonia. In: HEYER, W. R.; VANZOLINI, P. E. (org.). **Proceeding of a Workshop of Neotropical Distribution Patterns**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 1988. p. 275-294.
- MELLO, A. A. S.; KNEIP, A. **Evidências Lingüísticas que apontam para a Origem dos Povos Tupi-Guarani no Leste Amazônico**. Estudo apresentado ao 52nd International Congress of Americanists, Sevilha, 2006.
- MENDES, A. C.; SILVA, M. S.; SANTOS, V. F. Análise do meio físico para gestão ambiental das ilhas de Algodal e Atalaia (NE do Pará). In: PROST, M. T.; MENDES, A. C. (Org.). **Ecosistemas costeiros: impactos e gestão ambiental**. Belém: Ministério da Ciência e Tecnologia, Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001. p. 104-111.
- MENÉNDEZ, M. Uma Contribuição para a Etno-História da Área Tapajós-Madeira. **Revista do Museu Paulista**, v. XXVIII, p. 289-388, 1981/1982.
- MENÉNDEZ, M. Contribuição ao Estudo das Relações Tribais na Área Tapajós-Madeira. **Revista de Antropologia**, v. 27/28, p. 271-286, 1984/1985.
- MENÉNDEZ, M. A área Madeira-Tapajós: situação de contato e a relação entre colonizador e indígenas. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. (org.). **História dos Índios do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 281-296, 1992.
- MESTRE, M. Les sites à fossé de Guyane française. **École des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Anthropologie sociale et historique de l'Europe**. Toulouse, Université Toulouse Le-Mirail: 60 + anexos, 1997.
- MESTRE, M.; HILDEBRAND, M.; DELPECH, S. **Katoury, Cayenne, Guyane française**, Rapport final de fouille INRAP, Ms., 2005.
- MESTRE, M.; DELPECH S. **Saint Laurent du Maroni "Plateau des Mines" Rapport de Fouille de INRAP**, 2008.
- MÉTRAUX, A. Migrations historiques des Tupí-guaraní. **Journal de la Société des Américanistes**, v. 19. Paris: Librairie Orientale et Américaine, 1927.
- MÉTRAUX, A. **La Civilisation Matérielle des tribus Tupi-Guarani**. Paris: Librairie Orientalist Paul Geuthner, 1928.
- MÉTRAUX, Alfred. Contribution à l'Étude de l'Archéologie du cours supérieur et moyen de l'Amazone. **Revista del Museu de La Plata**, n. 32, p. 145-185, 1930.
- MÉTRAUX, A. The native tribes of eastern Bolivia and western Matto Grosso. **Bureau of American Ethnology Bulletin**, v. 134, p.1-182, 1942.
- MICHAEL, L. On the Pre-Columbian Origin of Proto-Omagua-Kokama. **Journal of Language Contact**, v. 7, n. 2, 2014.
- MIGLIACIO, M. C. A ocupação indígena do Pantanal de Cáceres, Alto Paraguai – do período pré-colonial aos dias atuais. **Revista do Museu Antropológico**, Goiânia, v.5/6 nº1. p. 213-250. 2001/2002.
- MIGLIACIO, M. C. **O doméstico e o ritual: cotidiano Xaray no Alto Paraguai até o século XVI**. Tese de Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, 464f. Universidade de São Paulo, 2006.
- MIGLIAZZA, E. Linguistic Prehistory and the Refuge Model in Amazonia. In: PRANCE, G. T. (Ed.). **Biological Diversification in the Tropics**. New York: Columbia University Press, p. 497-519, 1982.
- MILLER, D. **Artifacts as categories. A study of ceramic variability in Central India**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- MILLER, E. T. **Relatório das Pesquisas Arqueológicas no Território Federal de Rondônia (Alto Rio Madeira, do Yata ao Cuniã)**. Resultados Preliminares. Programa Nacional Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica-PRONAPABA. 1978. Taquara, MARSUL, 1977.
- MILLER, E. T. **Banco de dados com informações sobre os sítios do PRONAPABA**. Não publicado, 1979.
- MILLER, E. T. **História da Cultura indígena do Alto-Médio Guaporé (Rondônia e Mato Grosso)**. Dissertação de Mestrado em História da Cultura Brasileira, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 317p. Porto Alegre, 1983.
- MILLER, E. T. Pesquisas arqueológicas paleoíndigenas no Brasil ocidental. In *Investigaciones Paleoindias al Sur de la Línea Ecuatorial*, edited by Lautaro Núñez and Betty J. Meggers. **Estudios Atacameños** 8: 37-61. 1987.

- MILLER, E. T. Projeto de Avaliação do Potencial Arqueológico na Área de Influência da Rodovia BR-429 - Presidente Meidici/Costa Marques, Rondônia, 1986. Relat. GERO/ SEPLAN, Porto Velho-Rondônia, 1987.
- MILLER, E. T. Adaptação Agrícola Pré-Histórica no Alto Rio Madeira. In: MEGGERS, B. J. (Ed.). *Prehistoria Sudamericana, Nuevas Perspectivas*. Taraxacum-Washington, p. 219-229, 1992.
- MILLER, E. et al. **Arqueologia nos Empreendimentos Hidrelétricos da Eletronorte**. Brasília, Eletronorte, 1992.
- MILLER, E. T. A limitação ambiental como barreira à transposição do período formativo no Brasil. Tecnologia, produção de alimentos e formação de aldeias no sudoeste da Amazônia. In: LEDERGERBER-CRESPO, P. (Ed.) **Formativo Sudamericano, una revaluación**. Ediciones Abya-Yala, Quito-Ecuador, p. 331-339, 1999.
- MILLER, E. T. A Cultura Cerâmica do Tronco Tupi no alto Ji-Paraná, Rondônia, Brasil: algumas reflexões teóricas, hipotéticas e conclusivas. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 1, n. 1, p. 35-136, 2009.
- MILLER, E. T. Pesquisas arqueológicas no Pantanal do Guaporé-RO, Brasil: a seqüência seriada da cerâmica da Fase Bacabal. In: MEGGERS, B. (Org.). **Arqueologia interpretativa. O método quantitativo para estabelecimento de seqüências cerâmicas: estudos de caso**. Porto Nacional: Unitins, 2009. p. 103-117.
- MILLER, E. T. Algumas Culturas Ceramistas, do Noroeste do Pantanal do Guaporé à Encosta e Altiplano Sudoeste do Chapadão dos Parecis. Origem, Difusão/Migração e Adaptação – do Noroeste da América do Sul ao Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 5, n. 2, p. 335-386, 2013.
- MINISTERIO DE EDUCACIÓN. **Documento Nacional de Lenguas originarias del Perú**. 1ra. ed. Lima: Corporación Gráfica Navarrete, 2013.
- MONCAYO ECHEVERRIA, P. Nuevas estructuras piramidales truncas en la margen izquierda del río Upano, provincia de Morona Santiago. **Sarance**, 20, Otavalo, p. 147-154, 1994.
- MONGELÓ, G. Z. Análise dos processos de interação entre os sítios Lago Grande e Osvaldo (AM) com base no material cerâmico. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, sup. 11, p. 109-114, 2011.
- MOORE, D; STORTO, L. As línguas indígenas e a pré-história. In: PENA, S. D. J. **Homo Brasilis**. São Paulo: FUNPEC, p. 73-92, 2002.
- MORAES, C. P. **Arqueologia na Amazônia Central Vista de uma Perspectiva da Região do Lago do Limão**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 243f. São Paulo, 2006.
- MORAES, C. P; NEVES, E. G. O ano 1000. Adensamento Populacional, Interação e Conflito na Amazônia Central. **Amazônica, Revista de Antropologia**, Belém, v. 4, n. 1, p. 122-148, 2012.
- MORAES, C. P. **Amazônia Ano 1000: Territorialidade e Conflito no Tempo das Chefias Regionais**. Tese de Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 347f. São Paulo, 2013.
- MORAES, C. P; LIMA, A. M. A.; SANTOS, R. A. Os Artesãos das Amazonas: a diversidade da indústria lítica dos Tapajó e o Muiraquitã. In: ROSTAIN, S. (org.). **Annales del III Encuentro Internacional de Arqueologia Amazonica Quito**, Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Embajada de EEUU, p.133-140, 2014.
- MORALES, D. Reconstruyendo algunos aspectos socioculturales de artefactos excavados en Bajo Ucayali-Perú. **Amazonía Peruana**, Lima, n. 31, p. 211-249, 2008.
- MORALES, D. Chambira: Alfareros tempranos de la Amazonia peruana». En: D. Bonavia (Ed.) **Estudios de Arqueología Peruana**, Lima: Fomciencias. p. 149-176, 1992.
- MORALES, D. **El dios felino en Pacopampa**». **Arqueología y Sociedad**. Lima: Museo de Arqueología y Antropología, Universidad Mayor de San Marcos, 16: 215-290, 2005.
- MORCOTE-RIOS, G; BERNAL, R. Remains of palms (Palmae) at archaeological sites in the New World: a review. **The Botanical Review**, New York, v. 67, n. 3, p. 309-350, 2001. NEVES ET AL 2014.
- MOREIRA, M. **Prospección Arqueológica Plataforma Yuca 27 y su vía de acceso, provincia de Orellana, Canton Francisco de Orellana, Parroquia Taracoa**. Informe presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC) del Ecuador, 2013.
- MOUTINHO, M; ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. **Memórias de Rondônia**. São Paulo: Arte Ensaio, 2010.

- MÜLLER, R. P. **Os Asurini do Xingu: história e arte**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- MÜLLER, R. P. Tayngava, a Noção de Representação na Arte Gráfica Asurini do Xingu. In: VIDAL, L. (org.). **Grafismo Indígena**. São Paulo: Studio Nobel/EDUSP/FAPESP, p. 231-248, 1992.
- MURGA, L. **Informe Final del Proyecto de Evaluación Arqueológica con excavaciones en el Campamento Base Logístico Norte, Base Pantoja, en el Sector Norte del Lote 121**. Maynas- Loreto. Adenda al Informe Final presentado al Ministerio de Cultura, Lima 2013.
- MYERS, T. P. Defended territories and No-Man's-Land. **American Anthropologist**, v. 78, n. 2, p. 354-355, Junho 1976.
- MYERS, T. P. **The expansion and collapse of the Omaguas**. Paper prepared for the symposium "Amazonian Synthesis: An integration of disciplines, paradigms and methodologies". Nova Friburgo, Brazil: Wenner-Gren Foundation 1989.
- MYERS, T. P. The Expansion and Collapse of the Omagua. **Journal of the Steward Anthropological Society**, Urbana, v. 20, n. 1-2, p. 129-147. 1992a.
- MYERS, Thomas P. Agricultural limitations of the Amazon in theory and practice. **World Archaeology**, v. 24, n. 1, p. 82-97, 1992b.
- NAJERA, M. S. 'La conservación em Arqueologia'. In: MUNIBE **Revista de Antropología y Arqueología**, suplemento nº6, San Sebastian, p. 65-71, 1988.
- NASCIMENTO, H. F. **Estudo Iconográfico da Figura Humana na Cerâmica das Coleções Arqueológicas de Santarém armazenadas na Reserva Técnica Mário Ferreira Simões/MPEG**. Relatório Final PCI/CNPq/MPEG, 2012.
- NAVARRO, A. G. O povo das águas: carta arqueológica das estearias da porção centro-norte da baixada maranhense. **Caderno de Pesquisas**, São Luís, v. 20, n. 3, set./dez. 2013.
- NAVARRO, A. G. O projeto arqueológico acadêmico "Carta arqueológica da estearias da porção centro-norte da Baixada Maranhense". IN: Bandeira, A. e Brandi (orgs.) **Nova Luz sobre a Arqueologia do Maranhão**. São Luís: Brandi & Bandeira, p. 133-148, 2014.
- NAVES, S. **A educação patrimonial como mediadora da informação no projeto de arqueologia preventiva na área de intervenção do projeto Juruti/Pará**. Monografia de Especialização em Arqueologia, História e Sociedade, Universidade de Santo Amaro, 62f. 2010.
- NEEDHAM, R. Polythetic Classification: Convention and Consequences. **Man**, v. 10, n. 3, p. 349-369, 1975.
- NELSON, B. A. Ceramic frequency and use-life: a highland Mayan case in cross cultural perspective. In: LONGACRE, W. A. **Ceramic Ethnoarchaeology**. The University of Arizona Press. p.162-181, 1991.
- NETHERLY, P. **Loma y Ribera: patrones de asentamiento prehistóricos en la Amazonía Ecuatoriana**. Fronteras de Investigación, v. 1, 1997. Quito: Fundación Alexander von Humboldt. NETHERLY, Patricia;
- ECHEVERRÍA, José. **Trabajo arqueológico realizado en el área de la comuna Pompeya, Provincia de Napo, para el Proyecto de Desarrollo del Bloque 16 de la Maxus Ecuador Inc**. Quito: Fundación Alexander von Humboldt. Informe preparado para Comunidad de Pompeya, 1995.
- NEUMANN, M. A. **Ñande Rekó: diferentes jeitos de ser Guarani**. Dissertação de Mestrado em História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- NEUMANN, M. Distribuição das Marcas de Uso e Especificidades Funcionais para a Cerâmica Guarani Pré-Colonial. **Revista de Arqueologia**, v.24, n.1, p. 52-65, 2010.
- NEUPERT, M. A. Clays of contention: an ethnoarchaeological study of factionalism and clay composition. **Journal of Archaeological Method and Theory**, 7(3): 249-272. 2000.
- NEVES, E. G. Arqueologia, História Indígena e o Registro Etnográfico: Exemplos do Alto Rio Negro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, Supl. 3, São Paulo, p. 319-330, 1999.
- NEVES, E. G. Indigenous Historical Trajectories in the Upper Rio Negro Basin. In: McEWAN, C; BARRETO, C; NEVES, E. G. **Unknown Amazon: Nature in Culture in Ancient Brazil**. London: British Museum Press, p. 266-286, 2001.

- NEVES, E. G. **Levantamento arqueológico da área de confluência dos rios Negro e Solimões, Estado do Amazonas: Continuidade das escavações, análise da composição química e montagem de um sistema de informações geográficas.** Relatório enviado à FAPESP. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2003.
- NEVES, E. G.; PETERSEN, J. B; BARTONE, R. N.; SILVA, C. A. Historical and Socio-cultural Origins of Amazonian Dark Earths. In: Lehmann, J; Kern, D; Glaser, B; Woods, W. (eds.). **Amazonian Dark Earths: Origins, Properties, Management.** Dordrecht: Kluwer, pp. 29-50. 2003.
- NEVES, E. G. **Arqueologia da Amazônia.** Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2006.
- NEVES, E. G. El Formativo que nunca terminó: la larga historia de la estabilidad en las ocupaciones humanas de la Amazonia Central. **Boletín de Arqueología**, v. 11, p. 117-142, 2007.
- NEVES, E. G. Ecology, Ceramic Chronology and Distribution, Long-Term History, and Political Change in the Amazonian Floodplain. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William. **Handbook of South American Archaeology.** London: Springer, p. 359-379, 2008.
- NEVES, E. G. **Cronologias regionais, hiatos e continuidades na história pré-colonial da Amazônia.** Segundo relatório do projeto temático encaminhado a FAPESP. São Paulo, 2008.
- NEVES, E. G. **Serviços de estudos de prospecção, avaliação, salvamento e resgate de patrimônio arqueológico na implantação de faixa e abertura de Valas no Gasoduto Coari-Manaus e no GLPDuto Urucu-Coari.** MAE-USP/IPHAN. São Paulo/Manaus. 2010.
- NEVES, E. G. A arqueologia da Amazônia central e as classificações na arqueologia amazônica. In: PEREIRA, E; GUAPINDAIA, V. (Orgs). **Arqueologia Amazônica (2).** Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi/IPHAN/Secretaria de estado de Cultura do Pará. Belém, p. 561-579, 2010.
- NEVES, E. G. Archaeological Cultures and Past Identities in Precolonial Central Amazon. In: Alf Hornborg; Jonathan Hill. (org.). **Ethnicity in Ancient Amazonia: Reconstructing Past Identities from Archaeology, Linguistics, and Ethnohistory.** Boulder: University of Colorado Press, p. 31-56, 2011.
- NEVES, E. G. Relatório da Visita Técnica. Análise de Material ósseo. Tefé, Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, OS/MCT, 2011.
- NEVES, E; ROSTAIN, S. Diversité linguistique et agrobiologique dans le passé amazonien In: **La préhistoire des autres: perspectives archéologiques et anthropologiques.** Paris : La Découverte, p. 119-136. 2012.
- NEVES, E. G. **Sob os tempos do Equinócio: Oito mil anos de história na Amazônia Central (6.500 a.C. – 1.500 d. C.).** Tese de Livre Docência, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 303f. São Paulo, 2013.
- NEVES, E. G; GUAPINDAIA, V. L. C; LIMA, H. P; COSTA, B; GOMES, J. Tradição Pócoi-Acutuba e os Primeiros Sinais Visíveis de Modificações de Paisagens na Calha do Amazonas. In: ROSTAIN, S. (org.). **Amazônia: Memórias de las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica.** Quito, p. 137-156, 2014.
- NÍCOLI, I. **Estudo de Cerâmicas de Sítios Arqueológicos Circulares da Bacia Amazônica por Meio de Métodos Geoquímicos: Datação e Caracterização.** Tese de Doutorado em Geoquímica Ambiental, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.
- NIMUENDAJÚ, C. Die Palikur Indianer und ihre Nachbarn, **Kongl. Vet. Vitt. Hand.**, 31 (2), Göteborg, 1926.
- NIMUENDAJÚ, C. Tribes of the lower and middle Xingú River. In: STEWARD, J. H. (Ed). **Handbook of South American Indians: The Tropical Forest Tribes**, v. 3. Washington: Smithsonian Institution, (Bureau of American Ethnology Bulletin, v. 143), p. 213-243, 1948.
- NIMUENDAJÚ, C. Os Tapajó. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi**, Belém, v. 4, n.10, p. 93- 106, 1949.
- NIMUENDAJÚ, C. The Tapajó. **Kroeber Anthropological Society Papers**, n. 6, p. 1-25, 1952 [1939].
- NIMUENDAJÚ, C. **Fragmentos de Religião e tradição dos índios Sipáia:** Contribuição ao conhecimento das tribus de índios da região do Xingu, Brasil Central. (Religião e Sociedade, n. 7), Rio de Janeiro: Tempo e Presença; São Paulo: Cortez, p. 10-47, 1981a.
- NIMUENDAJÚ, C. **Mapa Etnohistórico do Brasil e Regiões Adjacentes (1944).** IBGE, Rio de Janeiro, 1981b.

- NIMUENDAJÚ, C. **Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú**. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.
- NIMUENDAJÚ, C. **Cartas do Sertão de Curt Nimuendaju para Carlos Estevão de Oliveira**. Apresentação e notas: HARTMANN, Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.
- NIMUENDAJÚ, C. Comments on the Archaeological Finds. In: Stenborg, P. (Ed.) **Pursuit of a Past Amazon. Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region**. Göteborg: Etnologiska Studier 45, 2004.
- NISINGA, L. C. **Análise tecnológica da indústria lítica do Sítio Veneza**. Fundação Universidade Federal de Rondônia. Relatório do PIBIC, 2013/2014.
- NOELLI, F. S. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. **Revista de Antropologia**, FFLCH/USP, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 08-53, 1996.
- NOELLI, F. S.; BROCHADO, J. P. O Cauim e as Beberagens dos Guarani e Tupinambá: equipamentos, técnicas de preparação e consumo. **Revista do MAE**, v. 8, p. 117-128, 1998.
- NOELLI, F. S. The Tupi Expansion. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, W. H. (Ed.). **The Handbook of South American Archaeology**. London: Springer Science, p. 659-670, 2008.
- NOELLI, F.S. José Proenza Brochado: vida acadêmica e arqueologia Tupi. In: A. Prous e T. A. LIMA (Orgs.). **Os ceramistas Tupiguarani: Eixos temáticos**. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN de Minas Gerais, v. 1, p. 17-47, 2008.
- NORDENSKIÖLD, E. Urnengräber und Mounds im bolivianischen Flachlande. **Baessler-Archiv**, 3: 205-255, 1912.
- NORDENSKIÖLD, E. **Forschungen und Abenteuer in Südamerika**. Stuttgart.1924.
- NORDENSKIÖLD, E. **L'Archéologie du bassin de l'Amazone**. Paris: Les Éditions G. Van Oest, 1930.
- NORONHA, J, M. Roteiro de viagem da cidade do Pará até as ultimas colonias dos dominios portugueses em os rios Amazonas e Negro. In: **Collecções de noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas que vivem nos domínios portugueses**. Academia Real das Sciencias, Lisboa, 6, 1856. 85 p.
- NUNES, D. Carta de Diogo Nunes a D. João III de Portugal. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, t. II, 3a. edição, Rio de Janeiro, p. 375-379. S/F [1551?].
- OBEREM, U. Un grupo indígena desaparecido del oriente ecuatoriano. **Revista de Antropología**, São Paulo, n. 15-16, p. 149-170, 1967-68.
- OBEREM, U. **Los quijos: historia de la transculturación de un grupo indígena en el oriente ecuatoriano, 1538-1956**. Otavalo: banco central del ecuador, 1980.
- OSBERG, K. **Indian Tribes of Matto Grosso, Brazil**. Institute of Social Anthropology Publication No. 15. Washington, A.D.: Smithsonian Institution, 1953.
- OCHOA, M; ROSTAIN, S; SALAZAR, E. Montículos precolombinos en el Alto Upano. **Cultura**, 2, Quito, p. 54-61, 1997.
- OCHOA, M. **Informe de la Prospección, Rescate y Monitoreo Arqueológico del campo Edén Yuturi, Bloque 15, Provincia de Orellana**. Informe presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC) del Ecuador, 2003.
- OCHOA, MYRIAM. Redefiniendo la fase Pastaza. In: GARCÍA, Fernando (Ed.). **II Congreso Ecuatoriano de Antropología**. Quito: Abya-Yala/Banco Mundial, v.1, 2007. p.463-495.
- ODELL, G. Bewitched by mechanical site-testing devices. **American Antiquity**, United States, v. 57, n. 4, p. 692-703, 1992.
- OLIVER, J. Nuevos aportes a la arqueología del sitio El Saladero, bajo Orinoco, Venezuela. In: ROSTAIN, S. (Org). **Antes de Orellana: Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica**. Quito: Artes Gráficas Señal, p. 97-112, 2014.
- OLIVEIRA, A. E; GALVÃO, E. A Cerâmica dos Índios Juruna. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia**, Belém, v. 41, n. 1, p. 1-26, 1969.
- OLIVEIRA, E. R. Luz sobre o passado. **Revista Scientific American Brasil - Especial Amazônia**, São Paulo, v. 1, p. 50 - 55, 15 agosto 2008.
- OLIVEIRA, E. R. Cacos da pré-história litorânea: a cerâmica Mina na região do Salgado Paraense. In: SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO INSTITUCIONAL DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, 4, 2011, Belém.

- Dinamização das pesquisas estratégicas sobre a Amazônia. **Anais eletrônicos**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2012. p. 30-45. 1 CD-ROM.
- OLIVEIRA, E. R. A cerâmica Mina do litoral paraense. Oficina Internacional Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia. (Apresentação oral). Belém, 2014.
- OLIVEIRA, E. **A Variabilidade tecno-estilística da Tradição Policroma da Amazônia: Um estudo exploratório da Iconografia Guarita**. Memorial de qualificação para Mestrado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 106f, 2014.
- OLIVERA, Q. **Arqueología Alto Amazónica: Las Orígenes de la Civilización en el Perú**. Lima: Apus Graph Editores. 2014
- OLIVERA, Q. “Manifestaciones Arqueológicas Tempranas en el Alto Amazonas”, **resúmenes del I Encuentro de arqueólogos del norte del Perú y del sur del Ecuador, en la cátedra abierta de la Universidad de Cuenca**, Ecuador, del 17 al 19 de marzo del año 2010.
- OLIVERA, Q. Evidencias arqueológicas del periodo formativo en la cuenca baja de los ríos Utcubamba y Chinchipe. **Boletín de de arqueología PUCP**, Nº 2, 1998.
- ONUKEI Y; INOKUCHI, K. **Gemelos Prístinos, el Tesoro del Templo de Juntar Casi**. Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú y Minera Yanacocha, 2011.
- ORTIZ DE VILLABA, J. S. **Antiguas culturas Amazónicas Ecuatorianas. Fase Napo (1.188-1480 d.C)**. Quito: Centro de Investigaciones Culturales de la Amazonía Ecuatoriana (CICAME), 1981.
- ORTIZ DE VILLABA, J. S. **Cultura Quichua. Región Amazónica Ecuatoriana. Cerámica**. Pompeya: Centro de Investigaciones Culturales de la Amazonía Ecuatoriana (CICAME), 1987.
- ORTON, J. **Andes and the Amazon; or, Across the Continent of South America**. New York: Harpers & Brothers Publishers, 1975.
- ORTON, C; TYERS, P; VINCE, A. **Pottery in Archaeology**. United Kingdom: Cambridge University Press, 1993.
- ORTON, C; TYERS, P ; VINCE, A. **La cerámica en arqueología: Critica** (Grijalbo Mondadori, S.A.), Arago, Barcelona, 1997.
- OSGOOD, C; HOWARD, G. D. **An Archaeological survey of Venezuela**. New Haven: Yale University Press, 1943.
- OYUELA-CAYCEDO, A. Rocks versus clay: The evolution of pottery technology in the case of San Jacinto 1, Colombia, In: **The Emergence of Pottery. Technology and Innovation in Ancient Societies**, W. K. Barnett & J. Hoopes, eds. Washington: Smithsonian Institution Press, pp. 133-144. 1995.
- OYUELA-CAYCEDO, A; BONZANI, R. San Jacinto 1: A Historical Ecological Approach to an Archaic Site in Colombia, Tuscaloosa: University of Alabama Press. 2005.
- PAGAN-JIMENEZ, J; RODRÍGUEZ-RAMOS, R; REID, B, VAN DEN BEL, M; HOFMAN, C. Early dispersals of maize and other food plants into the Southern Caribbean and Northeastern South America. **Quaternary Science Reviews** 123: 231-246. 2015.
- PALACIO, J. L. **Los Omaguas en el Río Napo Ecuatoriano**. Quito: Centro de Investigaciones Culturales de la Amazonía Ecuatoriana (CICAME), 1989.
- PALACIO, J. L. **Muerte y Vida en el Río Napo**. Pompeya: Centro de Investigaciones Culturales de la Amazonía Ecuatoriana (CICAME), 1991.
- PALMATARY, H. C. Tapajo pottery. **Etnologiska Studier**, n. 8, p. 1-136, 1939.
- PALMATARY, H. C. The pottery of Marajó Island. **Transactions of the American Philosophical Society**, New Series, v. 39, 1949.
- PALMATARY, H. C. The Archaeology of the Lower Tapajós Valley, Brazil. **Transactions of The American Philosophical Society**, New Series, Philadelphia, v. 50, n. 3, p. 1-243, 1960.
- PANACHUK, L; CRUZ, D. Documento de Trabalho Scientia. Belém, 2010.
- PANACHUK, L. **Arqueologia preventiva e socialmente responsável! A musealização da arqueologia e meu mundo expandido. Baixo Amazonas, Juruti/Pará**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 266f, 2011.

- PANACHUK, L. **Fazeres e saberes: as cerâmicas arqueológicas e os mitos sobre a olaria**. Projeto de Doutorado em Arqueologia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.
- PAPAVERO, N. et al. **O Novo Éden: a fauna da Amazônia brasileira nos relatos de viajantes e cronistas desde a descoberta do rio Amazonas por Pizón [1500] até o Tratado de Santo Idelfonso [1777]**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002.
- PAPAVERO, N; OVERAL, W. **Taperinha: histórico das pesquisas de história natural realizadas em uma fazenda da região de Santarém, no Pará, nos séculos XIX e XX**. Belém: Editora do Museu Paraense Emílio Goeldi, 2012.
- PARÉS, C. **Huellas CA-TU-GUA. Cronología**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1995.
- PÄRSSINEN, M.; RANZI A.; SAUNALUOMA S.; SIIRIÄINEN A. Geometrically patterned ancient earthworks in the Rio Branco Region of Acre, Brazil. In: M. PÄRSSINEN & A. KORPISAARI (ed.); **Western Amazonia – Amazônia ocidental** (Renvall Institute Publications 143). Helsinki: Renvall Institute for Area and Cultural Studies, University of Helsinki. Pp. 97-13, 2003.
- PÄRSSINEN, M.; D. SCHAAN; A. RANZI Pre-Columbian geometric earthworks in the upper Purús: a complex society in western Amazonia. **Antiquity** 83: 1084-1095. 2009.
- PASSES, A. “The Gathering of the Calns: The Making of the Palikur Naoné.” **Ethnohistory** 51(2 (Spring)): 257-291, 2004.
- PAZMIÑO, E. **Análisis Cerámico del Sitio La Lomita, Morona Santiago, Ecuador**, Disertación de grado no publicada, PUCE, Quito, 110 p., 2008.
- PAZMIÑO, E. Desarrollo cultural prehispánico en el valle del alto Upano. Análisis Cerámico del Sitio “La Lomita”, Morona Santiago, Ecuador. **Cuaderno de Investigación**, 8, PUCE, Quito, p. 149-165, 2010.
- PEARCE, S. M. ‘Museum objects’. In: **Interpreting objects and collections**. London: Routledge, p. 9-11, 1994.
- PENNA, D. S. F. **Obras completas**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973. v. 1 e 2.
- PENNA, D. S. F. Breve notícia sobre os sambaquis do Pará. **Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**, v. 1, p. 85-99, 1876.
- PEREIRA, E. In: ELETROBRAS/ELETRONORTE. **CHE Belo Monte - Estudo de Impacto Ambiental**. Meio Socioeconômico. Dezembro/2001.
- PEREIRA, E. *et al.* A Tradição Tupiguarani na Amazônia. In: PROUS, André; LIMA, T. (org.). **Ceramistas Tupiguarani**. Belo Horizonte: IPHAN; Ministério da Cultura; Sigma, p. 49-66, 2008.
- PEREIRA, E. *et al.* **O sítio Domingos – uma aldeia Tupiguarani no sudeste do Pará, Amazônia, Brasil**. 15º CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, SAB, Caderno de Resumos, Simpósio Arqueologia Tupi (-Guarani) na Amazônia I: Estudos regionais, 2009.
- PEREIRA, E. **Arte Rupestre na Amazônia - Pará**. Belém: MPEG; São Paulo: UNESP, 2003.
- PEREIRA, E, NASCIMENTO, H. Inventário dos sítios arqueológicos nos municípios de Óbidos, Oriximiná, Juruti, Almeirim, Prainha, Monte Alegre, Alenquer e Curuá. Inventário preparado para o IPHAN, 2013.
- PEROTA, C. **Relatório de Trabalho de Campo, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica**. Vitória (ES), 1978.
- PEROTA, C. Adaptação Agrícola no baixo Xingu. In: MEGGERS, Betty J (Ed.). **Prehistória Sudamericana: Nuevas Perspectivas**. Santiago: Taraxacum, p. 221-218, 1992.
- PEROTA, C; BOTELHO, W. C. Os sambaquis do Guará e as variações climáticas no Holoceno. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 7, p. 49-59, 1994.
- PEROTA C; CASSIANO, B. W. Les “Sambaquis” de Guara et des variations climatiques pendant l’Holocène. In: PROST, M-T. (Ed.). **Evolution des littoraux de Guyane et de la zone caraïbe méridionale pendant le quaternaire**. Paris: ORSTOM, p. 379-395, 1992.
- PESSOA, C. Fragmentos da história pré-colonial do alto rio Madeira: ocupações na Ilha de Santo Antônio. Trabalho de Conclusão de curso. Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia, Porto velho, 2012.

- PESSOA, C. **Os contextos arqueológicos e a variabilidade artefactual da ocupação Jatuarana no alto rio Madeira**. Dissertação de Mestrado em Antropologia com ênfase em Arqueologia, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, 168f. Belém, 2014.
- PESSOA, C; COSTA, A. F. Um quadro histórico das populações indígenas no alto rio Madeira durante o século XVIII. **Amazônica, Revista Antropologia**, Belém, v. 6, n. 1, p. 110-139, 2014.
- PETERSEN, J. B.; NEVES, E. G.; HECKENBERGER, M. J. Gift from the Past: Terra Preta and prehistoric Amerindian occupation in Amazonia. In: McEWAN, C.; BARRETO, C.; NEVES, E. G. (eds.). *Unknown Amazon: culture in nature in ancient Brazil*. London: British Museum Press, p. 86-105, 2001.
- PETERSEN, J. B; HECKENBERGER, M. J; WOLFORD, J. A. Spin, Twist, and Twine: An Ethnoarchaeological Examination of Group Identity in Native Fiber Industries from Greater Amazonia. In: DROOKER, P. B. (org.). **Fleeting Identities: Perishable Material Culture in Archaeological Research**. Carbondale, IL: Center for Archaeological Investigations, Southern Illinois University, p. 226-253, 2001.
- PLEW, M. G. **The Archaeology of Guyana**, Bar International Series 1400, Oxford, 67 p., 2005.
- PIKIRAYI, I. Ceramics and group identities: towards a social archaeology in Southern African Iron Age ceramic studies. **Jornal of Social Archaeology**, Canadá, v. 7, n. 3, p. 286-301, 2007.
- PIPERNO, D. The Origins of Plant Cultivation and Domestication in the New World Tropics: Patterns, Process, and New Developments. **Current Anthropology** 52(4): 453-470. 2011.
- PONCE, P, R. La Huaca Huayurco, Jaén. In: SANTIESTEBAN, F. S et al (org.) **Historia de Cajamarca**. Cajamarca: Instituto Nacional de Cultura, Vol. I, Arqueología, p. 181-186, 1985.
- PORRAS, P. I. **Fase Cosanga**. Quito: Ediciones del a Universidad Católica, 1975a. 192
- PORRAS, P. I. Fase Pastaza: el Formativo en el Oriente Ecuatoriano. **Separata de la Revista de la Universidad Católica**, Quito, v. Año II, n. 10, 1975b.
- PORRAS, P. I. Scoperta recente di una 'citta perduta' sulle pendici del Sangay (sud est dell'Ecuador). **Incontro tra due civiltà. Passato storico e prospettive future**, Università degli studi di Cassino, p. 18-32, 1979.
- PORRAS, P. I. **Arte rupestre del alto Upano, valle del Misagualli, Ecuador**, Artes Gráficas Senal, Quito, 393 p., 1985.
- PORRAS, P. I. **Investigaciones arqueológicas a las faldas del Sangay**, Artes Gráficas Senal, Quito, p. 432. 1987a.
- PORRAS, P. I. **Manual de Arqueología Ecuatoriana**. Quito: Centro de Investigaciones Arqueológicas, 1987b.
- PORRAS, P. I. Investigations at the Sangay mound complex, Eastern Ecuador. **National Geographic Research**, 5(3), Washington, p. 374-381, 1989.
- PORRO, Antônio. Os Omaguas do Alto Amazonas. Demografia e padrões de povoamento no século XVII. En: **Contribuições à antropologia em homenagem ao Professor Egon Schaden**. São Paulo: Museu Paulista, v.Serie Ensaio 4: 207-231, 1981.
- PORRO, A. **Los Solimões o Jurimaguas. Territorio, Migraciones y Comercio Interétnico**. Lima: Chataro Editores & Santiago Rivas (Editores), 2014.
- POSEY, A. D. Contact before contact: typology of post-colombian interaction with northern Kayapó of the Amazon Basin. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia**, v. 3, n. 2, 1987.
- PRONAREG /ORSTOM. **Mapa de Suelos región de ZAMORA**, Ministerio de Agricultura y Ganadería. Programa Nacional de Regionalización Agraria, PRONAREG /ORSTOM, 1984.
- PROUS, A. Os artefactos líticos, elementos descritivos classificatorios, **Arquivos do Museu de História Natural**, XI, Belo Horizonte, p. 1-90, 1990.
- PROUS, A. P. **Arqueologia Brasileira**. UNB: Brasília, 1992.
- PRÜMERS, H. Hügel umgeben von „Schönen Monstern“: Ausgrabungen in der Loma Mendoza (Bolivien). Expeditionen in Vergessene Welten: **25 Jahre archäologische Forschungen in Amerika, Afrika und Asien**. AVA-Forschungen 10: 47-78, Linden Soft, Aachen, 2004.

- PRÜMERS, H. „Charlatanocracia” en Mojos? Investigaciones arqueológicas en la Loma Salvatierra. **Boletín de Arqueología PUCP** 11 (2007): 103-116, 2009.
- PRÜMERS, H. Die Untersuchungen der Jahre 2007–2008 zur vorspanischen Siedlungsgeschichte in den Llanos de Mojos (Bolivien). **Zeitschrift für Archäologie Ausereuropäischer Kulturen** 3: 233-244. 2010
- PRÜMERS, H. El Proyecto Lomas de Casarabe: Investigaciones arqueológicas en los Llanos de Moxos, Bolivia. In: **The Past Ahead. Language, Culture, and Identity in the Neotropics** (Christian Isendahl, ed.): 139-159; Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, Studies in Global Archaeology 18, 2012.
- PRÜMERS, H., – Volver a los sitios - el Proyecto Boliviano-Alemán en Mojos. In: „**Para quê serve o conhecimento se eu não posso dividi-lo?**” – Gedenkschrift für Erwin Heinrich Frank (KREKELER, B. et al., eds.), (= Estudios Indiana 5): 375-396, Ibero Amerikanisches Institut, Berlin, 2013.
- PRÜMERS, H. Sitios prehispánicos con zanjas en Bella Vista, Provincia Iténez, Bolivia. In: ROSTAIN, S. (org.). **Annales del III Encuentro Internacional de Arqueología Amazonica Quito**, Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Embajada de EEUU, p. 73-91, 2014.
- PRÜMERS, H.; JAIMES BETANCOURT, C.; PLAZA R. Algunas tumbas prehispánicas de Bella Vista, Prov. Iténez, Bolivia. **Zeitschrift für Archäologie Außereuropäischer Kulturen** 1: 251-284, Wiesbaden. 2006.
- PRÜMERS, H.; JAIMES BETANCOURT C. 100 años de investigaciones arqueológicas en los Llanos de Mojos. **Arqueoantropológicas** 4, N° 4: 11-53. 2014.
- PULGAR VIDAL, J. Las Tres Selvas del Antisuyo. **Boletín de Lima**, Lima, v. 7, n. 39, p. 59-72, 1985.
- PUTTKAMER, J. V. Man in the Amazon: Stone Age Present Meets Stone Age Past. **National Geographic**, United States, v. 155, n. 1, p. 60-83, 1979.
- QUINN, Ellen R. **Excavating “Tapajó” ceramics at Santarém: their age and archaeological context**. Tese de Doutorado (PhD) em Antropologia, University of Illinois, 2004.
- RAMIREZ, H. Etnônimos e topônimos no rio Madeira (séculos XVI-XX): um sem-número de equívocos. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Pelotas, v. 2, n. 4, p. 13-58, 2010.
- RAMOS, B. de A. da S. **Inscrições e Tradições da América Pré-histórica, especialmente do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, v. 1, 515 p. il., 1930.
- RAMPON, L. M. **Sitio arqueológico F.P.**, Cuadernos de Investigaciones Científicas, Misiones Católicas de la Amazonía, 1, Quito, 1959.
- RAPP PY-DANIEL, A. **Arqueologia da morte no sítio Hatahara durante a fase Paredão**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 134f., 2009.
- RAPP PY-DANIEL, A. **Os contextos funerários na arqueologia da calha do Rio Amazonas**. Tese de Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 394f., 2014.
- RAVINES, R. Yacimientos arqueológicos de la región nor oriental del Perú. **Amazonía Peruana**, Lima, v. 4, n. 7, p. 139-175, 1981.
- RAYMOND, J. S. Beginnings of sedentism in the lowlands of Northwestern South America. In: **Recent Advances in the Archaeology of the Northern Andes**. Edited by A. Oyuela Caycedo and J. Scott Raymond, The Institute of Archaeology, UCLA, Los Angeles, pp. 10. 1998.
- REBELLATO, L. **Interpretando a variabilidade cerâmica e as assinaturas químicas e físicas do solo no sítio arqueológico Hatahara**. 2007. 197f. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- REGAN, J. Una comparación entre algunos iconos mochicas y mitos jíbaros. In: Chaumeil, Jean-Pierre; Óscar Espinoza & Manuel Cornejo (org.). **Por donde hay soplo**. Lima, IFEA, CAAAP, PUCP, EREA-LESC, p. 255-269, 2011.
- REGAN, J. La presencia y ocaso de los cacicazgos Tupíes de la cuenca del Alto Amazonas en los siglos XVI y XVII. **Amazonía Peruana**, Lima, v. 15, n. 31, p. 57-100, 2008

- REICHEL-DOLMATOFF, G. Excavaciones Arqueológicas en Puerto Hormiga, Departamento de Bolívar, Vol. 2, Bogotá: Publicaciones de la Universidad de Los Andes, **Antropología**. 1965.
- REICHEL-DOLMATOFF, G. **Beyond the Milky Way. Hallucinatory Imagery of the Tukano Indians**. Los Angeles: UCLA Latin American Center Publications, 1978.
- RENFREW, C. Introduction: Peer-Polity Interaction and Socio-Political Change. In: RENFREW, C.; CHERRY, J.F. (org.). **Peer Polity Interaction and Socio-Political Change**, Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-18, 1986.
- RENFREW, C; BAHN, P. **Arqueología: teorías, métodos y prácticas**. Madrid: Akal, 1993.
- RENFREW, C. At the Edge of Knowability: Towards a Prehistory of Languages. **Cambridge Archaeological Journal** 10 (1): 7-34. 2000.
- RIBEIRO, B. Araweté: a índia vestida. **Revista de Antropologia**, n. 26, 1983.
- RIBEIRO, B. G. **Arte Indígena, Linguagem Visual**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1989.
- RIBEIRO, R. B. **Caracterização físico-química da cerâmica do sítio arqueológico São Paulo II**. Dissertação de Mestrado em Tecnologia Nuclear – Aplicações, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares da Universidade de São Paulo, 78f., 2013.
- RICE, P. **Pottery Analysis. A Sourcebook**. Chicago: The University of Chicago Press. 1987.
- RIVAS, R. Cultura Cocama. Manuscrito. Lima. p. 1-96. 1992.
- RIVAS, R. **Uwaritata. Los kukama-kukamiria y su bosque**. WWF-AIF/DK, FORMABIAP. Iquitos: Serie Un Instrumento, Un Mundo. Trampas de caza de los pueblos indígenas, 2003.
- RIVAS, R. **El gran pescador. Técnicas de pesca entre los cocamas-cocamillas de la Amazonia peruana**. Fondo Editorial de la PUCP. 1ra. ed. Lima: Colección Etnográfica, v. 2. 2004.
- RIVAS, S. **Los Asentamientos Prehispánicos de la cuenca del río Cachiyacu, Amazonía peruana**. 1ra. ed. Lima: Instituto Cultural Rvna, 2003.
- RIVAS, S; MYERS, T. Ocupación arqueológica en Orán, río Amazonas, Loreto-Perú. **Revista Supay**, Lima, v. 6, n. 5, p. 133-180, 2004.
- RIVAS, S; MEDINA, A; ABANTO, J; RÍOS, R; CALDAS, C. Arqueología de las cuencas del Pastaza y Morona. Reporte de Zonificación Ecológica Económica. **Amazonía Peruana**, Lima, n. 31, p. 269-302, 2008.
- RIVAS, S. Informe de visita al sitio arqueológico localizado en terreno de propiedad de la Marina de Guerra del Perú, colindante con la Comunidad Nativa Independenciarío Amazonas. **INFORME N° 026-2014/AA/MC-DDC-LOR/SRP**, Iquitos, 6 p., 2014.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. **A Ocupação Ceramista Pré-Colonial do Brasil Central: origens e desenvolvimento**. Tese de Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- RODRIGUES, A. D. A classificação do tronco linguístico Tupi. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 12, n.1-2, p. 99-104, 1964.
- RODRIGUES, A. D. Relações internas na Família Linguística Tupi-Guarani. **Revista de Antropologia**, No. 27-28, p. 33-53, 1984/1985.
- RODRIGUES, A. D. Hipótese sobre as migrações dos três subconjuntos meridionais da família Tupí-Guaraní. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 2°. Florianópolis, 2000. **Atas do II Congresso Nacional da ABRALIN**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, p. 1596-1605 (CD-ROM), 1999.
- RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. "Tupían". In: CAMPBELL, L.; GRONDONA, V. (Ed.). **The indigenous languages of South America: a comprehensive guide**. BerlIn: De Gruyter Mouton, p. 495-574, 2012.
- RODRIGUES, J. B. **Exploração e estudo do Valle do Amazonas. O rio Tapajós**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1875.
- RODRIGUES, J. B. **Antiguidades do Amazonas (1891-1892)**. Rio de Janeiro: Typ. Central Evaristo R. da Costa, 1879.
- RODRÍGUEZ, M. **El Marañón y el Amazonas. Historia de los descvbrimientos, entradas, y redvcción de naciones. Trabajos malogrados de algunos conquistadores y dichosos de otros, así como temporales como espirituales, en las dilatadas montañas y mayores ríos de la América**. Madrid: Imprenta de Antonio Gonçalez de Reyes, 1864.

- RODRÍGUEZ, S. Diagnóstico sociolingüístico en la zona ribereña del río Amazonas: Ronda, Mocagua y La Libertad. **Forma y Función**, Departamento de Lingüística, Facultad e Ciencia Humanas, Universidad Nacional de Colombia. Bogotá, v. 13. p. 217-228. 2000.
- RODRIGUES, S. F. S. **Mineralogia, química e fertilidade potencial de fragmentos cerâmicos de Terra Preta Arqueológica do sítio Jabuti (Bragança, Pará)**. 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Ciências Exatas e Naturais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.
- RODRIGUES, S. F. S. **Os fragmentos de cerâmica arqueológica como fonte potencial de fertilidade dos solos TPA**. 2014. 123 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geologia e Geoquímica, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- ROE, P. G. **The cosmic zygote: cosmology in the Amazon Basin**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1982.
- ROE, P. G. Style, Society, Myth and Structure. In: CARR, C; NEITZEL, J. E. (eds). **Style, Society and Person**. Nova York e Londres: Plenum Press, p. 27-76, 1995.
- ROSENGREN, D. Being and becoming: On conditions of Existence in the Amazon basin. **Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America**, v. 13, n. 1, p. 80-93, 2015.
- ROOSEVELT, A. **Parmana: prehistoric maize and manioc subsistence along the Amazon and Orinoco**. Nova York: Academic Press, 1980.
- ROOSEVELT, A. Resource Management in Amazonia before the Conquest: Beyond Ethnographic Projection. In POSEY, D.A; BALÉE, W. (org.). **Resource Management in Amazonia Indigenous and Folk Strategies**, Nova York: New York Botanical Garden, p. 30-62, 1989.
- ROOSEVELT, A. C. **Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajó Island, Brazil**, Academic Press, New York, 495 p., 1991.
- ROOSEVELT, A. C. Arqueologia amazônica. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992.
- ROOSEVELT, A. C. The Rise and Fall of the Amazon Chiefdoms. **L'Homme**, n. 33, p. 255-283, 1993.
- ROOSEVELT, A. C. Early pottery in the Amazon: twenty years of scholarly obscurity. In Barnett, W. K; HOOPES, J. (eds.). **The emergence of pottery. Technology and innovation in ancient societies**. Washington: Smithsonian Institution Press, p. 115-131, 1995.
- ROOSEVELT, A. C. et al. Paleoindian Cave Dwellers in the Amazon. The peopling of the Americas. **Science**, v. 271, p. 373-384, 1996.
- ROOSEVELT, A. C. **The Excavations at Coroza, Venezuela: Stratigraphy and Ceramic Seriation**. Yale University Publications in Anthropology Number Eighty-Three. New Haven: Department of Anthropology and the Peabody Museum Yale University, 1997a.
- ROOSEVELT, Anna C. The demise of the Alaka initial ceramic phase has been greatly exaggerated: response to D. Williams. **American Antiquity**, v. 62, n. 2, p. 353-364, 1997b.
- ROOSEVELT, A. C; DOUGLAS, J. E; BROWN, L. J. Migrations and adaptations of the first Americans: Clovis and pre-Clovis viewed from South America. In: Jablonski, N. (Ed.), **The First Americans: The Pleistocene Colonization of the New World**. Memories of the California Academy of Sciences, vol. 27. University of California, Berkeley, pp. 159-236. 2002.
- ROOSEVELT, A. C. A historical memoir of archaeological research in Brazil (1981-2007). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, n. 4, p. 1:155-170, 2009.
- ROOSEVELT, A. C; HOUSLEY, R. A; SILVEIRA, M. I; MARANCA, S; JOHNSON, R. Eighth Millennium Pottery from a Prehistoric Shell Midden in the Brazilian Amazon, **Science**, v. 254, n. 5038, p. 1621-1624, 1991.
- ROOSEVELT, A. C; COSTA, M. L; MACHADO, C. L; MICHAB, M.; MERCIER, N; VALLADAS, H; FEATHERS, J; BARNETT, W; SILVEIRA, M. I; HENDERSON, A; SILVA, J; CHERNOFF, B; REESE, D. S; HOLMAN, J. A; TOTH, N; SCHICK, K. Paleoindian cave dwellers in the Amazon: the peopling of the Americas. **Science**, vol. 272, n. 5260, p. 373-384, Apr. 19 1996.

- ROSA, C. **Ilusão e paraíso: História e Arqueologia na Amazônia (1948-1965)**. 2008. 112f. Dissertação (Mestrado em história) - Programa de Pós- graduação em história social da amazônia, Universidade Federal do Pará, 2008.
- ROSTAIN, S. **L'art de la céramique amérindienne en Guyane**, Document pédagogique, série Art & archéologie, n° 1, Inspection académique de la Guyane/Ministère de la Culture, 1990.
- ROSTAIN, S. **L'occupation amérindienne du littoral de Guyane**. Thèse de doctorat, Paris: ORSTOM, Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, 1994a.
- ROSTAIN, S. The French Guiana coast: a key-area in prehistory between the Orinoco and Amazon rivers. In: VERSTEEG, A. H. (EDS.). **Between St. Eustatius and the Guianas. Contributions to Caribbean Archaeology**, St. Eustatius: Publications of the St. Eustatius Historical Foundation, p. 53-99, 1994b.
- ROSTAIN, S. El Complejo XI del sitio de montículos de Huapula, nuevos datos sobre la prehistoria del Alto Upano. 49 Congreso Internacional de Americanistas, simposio **Intercambio y Comercio en los Andes: Tierras Altas-Tierras Bajas vista desde la arqueología y la etnohistoria**, Quito, multigr., 1997a. 20 p.
- ROSTAIN, S. **Arqueología del río Upano, Amazonía ecuatoriana**. IFEA, Quito, 12 p., 1997b.
- ROSTAIN, S. Excavación en área de un montículo de Huapula, proyecto Sangay-Upano. **Memorias del Primer Congreso Ecuatoriano de Antropología**, vol. 3, Simposio de Arqueología, SALAZAR, E. (Ed.), Museo Jacinto Jijón y Caamaño, Quito, p. 227-256, 1999a.
- ROSTAIN, S. Secuencia arqueológica en montículos del valle del Upano en la Amazonía ecuatoriana. **Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines**, 28(1), p. 1-37, Lima, 1999b.
- ROSTAIN, S. Occupations humaines et fonction domestique de monticules préhistoriques en haute Amazonie équatorienne. **Bulletin de la Société Suisse des Américanistes**, 63, Neuchâtel, p. 71-95, 1999c.
- ROSTAIN, S. Archéologie de la haute Amazonie équatorienne. **Archéologies. 20 ans de recherche française dans le monde**, Ministère des Affaires Étrangères, Maisonneuve & Larose, ADPF/ERC, Paris, p. 698-700, 2005.
- ROSTAIN, S. Etnoarqueología de la casa Huapula y Jivaro. **Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines**, 35(3), número temático "Avances de investigación en el Ecuador prehispánico" GUINEA, M; BOUCHARD, J-F. (Eds.), Lima, p. 337-346, 2006.
- ROSTAIN, S. The Archaeology of the Guianas. An Overview. In: SILVERMAN, H ; ISBELL, W. (EDS.). **Handbook of South American Archaeology**, New York: Springer, p. 279-302, 2008a.
- ROSTAIN, S. Les tertres artificiels du piémont amazonien des Andes, Équateur. **Les nouvelles de l'archéologie**, 111-112, número temático "Des mers de glace à la terre de feu. L'archéologie française en Amérique" ROSTAIN, S. (Ed.), éditions de la Maison des Sciences de l'Homme/éditions Errance, Paris, p. 83-88, 2008b.
- ROSTAIN, S. Cronología del valle del Upano, alta Amazonía ecuatoriana. **Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines**, 39(3), número temático "Culturas y pueblos del Ecuador prehispánico" GUINEA, M; BOUCHARD, J-F. (Eds.), Lima, p. 667-681, 2010.
- ROSTAIN, S. Ethnoarchaeology of the Amazonian house: pre-Columbian and Jivaro continuity in Ecuador. **Communities in contact. Essays in archaeology, ethnohistory & ethnography of the Amerindian circum-Caribbean**, HOFMAN, C. L; VAN DUIJVENBODE, A. (Eds.), Sidestone Press, Leiden, p. 455-475, 2011a.
- ROSTAIN, S. Los edificadores de la selva: obras precolombinas en Amazonía. **Por donde hay soplo**, Chaumeil, J-P; RIVERO, Ó. R; CHAPARRO, M.C. (eds.), Actes & Mémoires 29, IFEA, Lima, p. 69-87, 2011b.
- ROSTAIN, S. Que hay de nuevo al norte: apuntes sobre el Ariste. **Revista de Arqueología**, Sociedad de Arqueologia Brasileira, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 10-31, 2011c.
- ROSTAIN, S. Where the Amazon river meet the Orinoco river: Archaeology of the Guianas, **Amazônica**, v. 4, n. 1, Belém, p. 10-28, 2012a.
- ROSTAIN, S. Between Sierra and Selva: pre-Columbian landscapes in the upper Ecuadorian Amazonia. **Quaternary International**, 249, special issue "Human Occupation of Tropical Rainforests" CATTO, N. (Ed.), Elsevier, p. 31-42, 2012b.

- ROSTAIN, S. **Islands in the rainforest: Landscape management in Pre-Columbian Amazonia**. Walnut Creek, Left Coast Press, 2013a.
- ROSTAIN, S. **Ecuador Terra Incognita: una mirada diferente al Ecuador**. Quito: Imprenta Mariscal. 2013b.
- ROSTAIN, S; PAZMIÑO, E. Treinta años de investigación a las faldas del Sangay. **Arqueología Amazónica. Las civilizaciones ocultas del bosque tropical**, VALDEZ, F. (coord.), IFEA/ IRD/Abya-Yala, Quito, p. 55-82, 2013.
- ROSTAIN, S; SAULIEU, G. **Antes. Arqueología de la Amazonía ecuatoriana**, IFEA/IRD/IPGH, Quito, 206p., 2013.
- ROSTAIN, G; SAULIEU, G. El sol se levanta por el Este. Arqueología en la Amazonía ecuatoriana, INPC. **Revista del Patrimonio Cultural del Ecuador**, 5, Instituto Nacional del Patrimonio cultural, Quito, p. 42-55, 2014.
- ROSTAIN, S; SAULIEU, G; BETANCOURT, C. J; HIDALGO, C. D. **Manga allpa. Cerámica indígena de la Amazonía ecuatoriana**, IKIAM-MCCTH/ SENESCYT/ 3EIAA, Quito, 100p., 2014.
- ROSTAIN, S; SAULIEU, G; LÉZY, E. El alto Pastaza precolombino en el Ecuador: del mito a la arqueología, **Amazonía. Memorias de las conferencias magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica**, ROSTAIN, S (Ed), MCCTH/SENESCYT/3EIAA, Quito, p. 159-185, 2014.
- ROSTAIN, S; VERSTEEG, A. The Arauquinoid tradition in the Guianas. In DELPUECH, A; HOFMAN, C. (ED.). **Late Ceramic Societies in the Eastern Caribbean, British Archaeological Report International Series**, 1273, Paris: Paris Monographs in American Archaeology, p. 233-250, 2004.
- ROSTAIN, S; WACK, Y. **Céramique amérindienne de l'Approuague. Tentative de compréhension de la céramique archéologique du bassin de l'Approuague en Guyane française**, Cayenne, multigr. 24 p., 14 planches, 1988.
- ROSTOKER, A. G. Souvenirs from the Magic Mountain? 27th Annual **Conference of the Archaeological Association of the University of Calgary**, multigr., 15p., 1995.
- ROSTOKER, A.G. **An Archaeological Assemblage from Eastern Ecuador**, Treganza Anthropology Museum Paper, 18, San Francisco State University, 89,1996a.
- ROSTOKER, A; NETHERLY, P. **La cerámica procedente del sitio NOOP-1 (Indillama), Comuna de Pompeya, Provincia de Orellana**. Informe presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC) del Ecuador, 1996b.
- ROSTOKER, A. **Dimensions of prehistoric human occupation in the southern Ecuadorian Oriente**. PhD, The City University of New York, 613 p., 2005.
- ROUSE, I. Arawakan phylogeny, Caribbean chronology, and their implications for the study of populations movement. **Antropologica**, v. 63-64, p. 9-21, 1985.
- ROUSE, I. **Migrations in Prehistory: inferring population movement from cultural remains**. Yale University Press: New Haven & London, 1986.
- ROUSE, I.; CRUXENT, J. M. **Venezuelan Archaeology**. New Haven: Yale University Press, 1963a.
- ROUSE, I; CRUXENT, J. M. **Arqueología Venezolana. Altos de Pipe (Miranda)**: Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas, 1963b.
- ROUSE, I. **The Tainos: Rise & Decline of the People who Greeted Columbus**. New Haven: Yale University Press. 1992.
- ROUX, V; COURTY, M. Analyse techno-péetrographique céramique et interprétation fonctionnelle des sites: un exemple d'application dans le Levant Sud chalcolithique. In: BAIN, A; CHABOT, J; MOUSSETTE, M. (Ed). **La mesure du passé : contributions à la recherche en archéométrie (2000-2006)**, **British Archaeological Reports, International Series**, 1700, Québec, p. 153-168, 2007.
- RUIZ, A. **La alfarería de Kuelap: Tradición y Cambio**. 1ra. ed. Lima: Avqi Ediciones. 2009.
- RYDÉN, S. **A Study of the Siriono Indians**. Göteborg: Erlanders Boktryckeri, 1941.
- RYE, Owen S. **Pottery technology: principles and reconstruction**. Manuals on Archaeology, Washington D.C.: Taraxacum Editions, 1981.
- SACKET, J. The meaning of Style in Archaeology: a general model. **American Antiquity**, Washington, v. 42, n. 3, p. 369-380, 1977.

- SALAZAR, E. De vuelta al Sangay. Investigaciones arqueológicas en el Alto Upano, Amazonía ecuatoriana. **Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines**, 27(2), Lima, p. 213-240, 1998a.
- SALAZAR, E. Naturaleza y distribución de los montículos precolombinos de la cuenca del Alto Upano, Ecuador. **Intercambio y Comercio entre Costa, Andes y Selva**, Cárdenas-Arroyo & T. Bray (Eds.), Departamento de Antropología, Universidad de los Andes, Bogotá, p.185-211, 1998b.
- SALAZAR, E. De vuelta al Sangay: investigaciones arqueológicas en el alto Upano. **Memorias del Primer Congreso Ecuatoriano de Antropología**, vol. 3, Simposio de Arqueología, SALAZAR, E. (compilador), Museo Jacinto Jijón y Caamaño/PUCE/MARKA, Quito, 183-225, 1999.
- SALAZAR, E. **Pasado Precolombino de Morona Santiago**, Casa de la Cultura Ecuatoriana Benjamín Carrión, Macas, 84p., 2000.
- SALAZAR, E. **Informe de la Prospección, Rescate y Monitoreo Arqueológico del Campo Edén Yuturi, Bloque 15, Provincia Francisco de Orellana**. Informe presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC) del Ecuador, 2003.
- SALAZAR, E; OCHOA, M. **Informe final de la prospección, rescate y monitoreo de la vía de acceso y plataforma Pata 3, y del oleoducto de exportación Palo Azul B-Eno, Provincia de Orellana, Bloque 18**. Informe presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC) del Ecuador, 2007.
- SALAZAR, E. Pre-Columbian Mound Complexes in the Upano River Valley, Lowland Ecuador. **Handbook of South American Archaeology**, Silverman, H; Isbell, W. (Eds.), Springer/Kluwer/Plenum, New York, 263-278, 2008.
- SALAZAR, E; OCHOA, M; MANOSALVAS, O. **Arqueología de zona Este, zona Oeste, y San Francisco, para trabajos de Sísmica 3D y reconocimiento arqueológico de las plataformas Yanaquincha Este, Yanaquincha Oeste, Jivino Norte y Shira, Bloque 15 (OCEP), Provincia de Orellana y Sucumbios**. Informe presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC) del Ecuador, 2001.
- SALDANHA, J. D. D. M; CABRAL M. P. "Potes e pedras: uma gramática de monumentos megalíticos e lugares naturais na costa norte do Amapá." **Revista de Arqueologia** 25(1): 48-57, 2012.
- SANOJA OBEDIENTE, Mario, **Las culturas formativas del Oriente de Venezuela. La tradición Barrancas del bajo Orinoco**, Biblioteca de la Academia Nacional de la Historia, serie "Estudios, monografías y ensayos" 6, Caracas, 1979.
- SANTAMARÍA, Alfredo. **Informe técnico del rescate arqueológico en sitios Lago San Pedro 1 y Lago San Pedro 2 y monitoreo en la Plataforma Copal 1 y "by pass", Provincia de Orellana**. Informe presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC) del Ecuador, 2014.
- SANTOS, F. C. L. **Sítio do Brejo – Análise da cultura material cerâmica**. Relatório de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, Universidade Federal de Rondônia, 2013.
- SANTOS, Leinad O; ANDRADE, L. M. M. (org.). **As hidrelétricas do Xingu e os Povos Indígenas**. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo, 1988.
- SANTOS-GRANERO, F. (ed). **The occult life of things. Native Amazonian theories of materiality and personhood**. Tucson: The University of Arizona Press, 2009.
- SANTOS-GRANERO, F. Introduction: Amerindian constructional views of the world. In: SANTOS-GRANERO, F. (ed). **The occult life of things. Native Amazonian theories of materiality and personhood**. Tucson: The University of Arizona Press, 1-29, 2009.
- SANTOS-GRANERO, F. Introducción. Persepctivas construccionales del mundo en la Amazonia indígena. In: SANTOS-GRANERO, F. (ed.). **La vida oculta de las cosas. Teorías indígenas de la materialidade y la personeidad**. Quito: Abya-Yala, p.13-51, 2012.
- SAULIEU, G. Revisión del material cerámico de la Collection Pastaza (Amazonía ecuatoriana), **Journal de la Société des Américanistes**, 92-1, p. 279-301, 2006.
- SAULIEU, G. Sobrevuelo de las cerámicas antiguas del curso alto del río Pastaza. Reflexiones e hipótesis, F. Valdez (compilador), **Arqueología Amazonica. Las civilizaciones ocultas del bosque tropical**, p.83-97, Quito, 2013.
- SAULIEU, G; HIDALGO C. D. La tradición Muitzentza y el Período de Integración (700-1500 d. C.) en la alta cuenca del río Pastaza, Amazonía ecuatoriana, **Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines**, 41, 1, p. 35-55, 2012.

- SAULIEU, G; LE PENNEC, J-L. Nota descriptiva sobre un material formativo de las cercanías del volcán Tungurahua. Fernando García (compilador), **II congreso ecuatoriano de antropología y arqueología. Balance de la última década: Aporte, retos y nuevos temas**. AbyaYala Flacso, Quito, p. 371-383, 2007.
- SAULIEU, G; RAMPÓN ZARDO, L. **Colección arqueológica de Morona-Santiago del Museo Amazónico de la Universidad Salesiana de Quito, Una introducción a la Amazonía Ecuatoriana Prehispánica**, Abya-Yala, Quito, 2006.
- SAULIEU, G; ROSTAIN, S; LE PENNEC, J-L. El Formativo del Alto Pastaza (Ecuador), entre arqueología y vulcanología, **Antes de Orellana. Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica**, Rostain, S. (editor), IFEA/FLACSO/Embajada de los EEUU, Quito, p. 199-205, 2014.
- SAUNALUOMA, S. Pre-Columbian Earthworks in the Riberalta Region of the Bolivian Amazon. **Amazonica**, Universidade Federal do Pará, Belém, v. 2, n.1, p. 86-115, 2010.
- SAUNALUOMA, S. Geometric Earthworks in the State of Acre, Brazil: Excavations at the Fazenda Atlântica and Quinauá Sites, **Latin American Antiquity** 23 (4): 565-583. 2012.
- SAUNALUOMA, S. **Pre-Columbian Earthwork Sites in the Frontier Region Between Brazil and Bolivia, Southwestern Amazon**. Tese de Doutorado em Arqueologia, University of Helsinki, 65f., 2013.
- SAUNALUOMA S.; D. SCHAAN Monumentality in Western Amazonian formative societies: geometric ditched enclosures in the Brazilian state of Acre, **Antiqua** 2:e1. 2012.
- SCHAAN, Denise P. Relational ontologies, ritual practices, and the political landscape in pre-Columbian Amazonia. In BARBER, S.; JOYCE, A. (org.). **Religion and Politics in the Ancient Americas**, London: Routledge, (no prelo).
- SCHAAN, D. **A Linguagem Iconográfica da Cerâmica Marajoara**. Dissertação de Mestrado, Área de concentração em Arqueologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 232f., 1996.
- SCHAAN, D. P. **A linguagem iconográfica na cerâmica Marajoara. Um estudo de arte pré-histórica na ilha de Marajó, Brasil (400-1300 AD)**. Coleção Arqueologia, n.3. Porto Alegre: Edipucrs. 1997.
- SCHAAN, D. Sobre os cacicados Amazônicos: sua vida breve e sua morte anunciada. **Revista Jangwa Pana**, n. 9, p. 45-64, 2000.
- SCHAAN, D. Into the labyrinths of Marajoara pottery: status and cultural identity in an Amazonian complex society. In: McEWAN, BARRETO e NEVES (eds.) **Unknown Amazon, Nature in Culture in Ancient Brazil**, p. 108-133, British Museum Press, Londres, 2001a.
- SCHAAN, D. Estatuetas Marajoara: o Simbolismo de Identidades de Gênero em uma Sociedade Complexa Amazônica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia** 17(2):23-63, 2001b.
- SCHAAN, D. P. A ceramista, seu pote e sua tanga: identidade e papéis sociais em um cacicado marajoara. **Revista de Arqueologia** (Belém), São Paulo, v. 16, p. 31-45, 2003.
- SCHAAN, D. **The Camutins chiefdom: Rise and development of social complexity on Marajó Island, Brazilian Amazon**. Tese de Doutorado (PhD) em Antropologia, University of Pittsburgh, 2004.
- SCHAAN, D. P. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 2, n. 1, p. 77-89, 2007.
- SCHAAN, D. P. The Non-Agricultural Chiefdoms of Marajo Island. In: SILVERMAN, H; W. ISBELL. (Orgs). **Handbook of South American Archaeology**. New York: Springer, p. 339-357, 2008.
- SCHAAN, D. **Sacred geographies of ancient Amazonia: historical ecology of social complexity**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2012a.
- SCHAAN, D. Ponds, Lakes & Feasts: The Cultural Geography of Anthropogenic Soils. In: SCHAAN, D.P. (org.). **Sacred Geographies of Ancient Amazonia: Historical Ecology of Social Complexity**, Left Coast Press, Walnut Creek, p.105-140, 2012b.
- SCHAAN, D. Arqueologia para etnólogos: colaborações entre arqueologia e antropologia na Amazônia. **Anuário Antropológico**, n. 39, v. 2, p. 13-44, 2013.
- SCHAAN, D. Cronologia das transformações das paisagens amazônicas. In: ROSTAIN, S. (org.). **Annales del III Encuentro Internacional de Arqueologia Amazonica Quito**, Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Embajada de EEUU, p. 51-71, 2014.

- SCHAAN, D; ALVES, Daiana T. **Um Porto, Muitas Histórias: Arqueologia em Santarém**. Belém: Gráfica Supercores, 2015.
- SCHAAN, Denise e, MARTINS, Cristiane. **Muito Além dos Campos Arqueologia e História na Amazônia Marajoara**. Belém Pará: G. K. Noronha. 2010.
- SCHAAN, D; ROOSEVELT, A. C. **1º Relatório Parcial do Projeto Baixo Amazonas**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2007-2008.
- SCHAAN, D; ANDERSON, M. A. L. Programa de arqueologia & educação patrimonial. BR-163: Santarém-Rurópolis; BR-230/PA: Divisa TO/PA à Rurópolis (Excluindo trecho Altamira-Medicilândia); BR-422: Trecho: Novo Repartimento-Tucuruí. 5º relatório parcial, 2011.
- SCHAAN, D; ANDERSON, M. A. L. A Grande Expansão Geográfica dos Tapajó in *Arqueologia, Patrimônio e Multiculturalismo na Beira da Estrada: Pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá*, Pará, 2012.
- SCHAAN, D; A.M. BUENO, A. RANZI, S; BARBOSA, CASAGRANDE, A; RODRÍGZES, A; RAMPANELLI, I. Construindo Paisagens como Espaços sociais: o caso dos Geoglifos do Acre, *Revista de Arqueologia* 23 (1): 30-41. 2010.
- SCHAAN D.; M. PÄRSSINEN, A. RANZI; J. PICCOLI Geoglifos da Amazônia ocidental: evidência de complexidade social entre povos da terra firme, *Revista de Arqueologia* 20: 67-82. 2007.
- SCHEJELLERUP, I. **Urnas, arcilla y agua. Proyecto des Rescate Archeológico San Antonio, Napo, Ecuador**. Zurich y Badus, 1997.
- SHEPARD, A. O. **Ceramics for the Archaeologist**. Washington: Carnegie Institution of Washington Publication. 1995.
- SCHIFFER, M. B. **Formation Process of the Archaeological Record**. Salt Lake City: University of Utah Press, 1987.
- SCHIFFER, M. B. Archaeological Context and Systemic Context. In: Michael Schiffer. *Behavioral Archaeology. First Principles. Foundations of archaeological Inquiry*, p.25-34, 1995.
- SCHIFFER, M. B; SKIBO, J. Theory and Experiment in the Study of technical change. In: SCHIFFER, M. B. (Ed.) **Technological Perspectives on Behavioral Change**. Tucson, University of Arizona Press, p. 40-76, 1992.
- SCHIFFER, M. B.; SKIBO, J. The Explanation of Artifact Variability. *American Antiquity*, United States, v. 62, n. 1, p. 27-50, 1997.
- SCHMIDT, M. **Die Aruaken: Ein Beitrag zum Problem de Kulturverbrietung** Leipzig: Veit, 1917.
- SCHMIDT, M. J. **Reconstructing Tropical Nature: Prehistoric and Modern Anthrosols (Terra Preta) in the Amazon Rainforest, Upper Xingu River, Brazil**. Tese de Doutorado em Antropologia (Ph.D.), Ann Arbor: University of Florida, 2010.
- SCHMIDT, M.J., A. RAPP PY-DANIEL, C.P. MORAES, R.B.M. VALLE, C.F. CAROMANO, W.G. TEXEIRA, C.A. BARBOSA, J.A. FONSECA, M.P. MAGALHÃES, D.S.C. SANTOS, R. SILVA E SILVA, V.L. GUAPINDAIA, B. MORAES, H.P. LIMA, E.G. NEVES, M. HECKENBERGER, Dark earths and the human built landscape in Amazonia: a widespread pattern of anthrosol formation. *Journal of Archaeological Science*, 42:152-165, 2014.
- SCHMITZ, P. I. Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani. *Arqueologia do RGS, Brasil – Documentos (São Leopoldo)*, v. 5, p. 31-66, 1991.
- SCHMITZ, P.I. Ignai, Rogge, J. H., ROSA, A.O, BEBER, M. V. Aterros indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul. Pesquisas, *Antropologia*, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, v. n. 54, p. 271, 1998.
- SCHOEPE, D. Historique et situation actuelle des Indiens Wayana-Aparai du Brésil, *Bulletin du Musée d'Ethnographie de Genève*, 15, p.33-64, 1972.
- SCHOEPE, D. **La marmite wayana, cuisine et société d'une tribu d'Amazonie**, Musée d'Ethnographie de Genève, 107p. , 1979.
- SCHOEPE, D. Fusion inter-ethnique: réalité et transposition mythologique. Le cas des Wayana-Aparai du Brésil, *Bulletin de la Société Suisse des Américanistes*, 49, p. 49, 1985.
- SCHOFIELD, J. 'Heritage management, theory and practice'. In: Fairclough, G; Harrison, R.; Jameson, J.H.; Schofield, J. (Ed) **The Heritage Reader**. London: Routledge, p.15-30, 2013.
- SCHULTZ, H. Informações etnográficas sobre os Índios Suyá. *Revista do Museu Paulista* 13:315-332, 1961.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTIFICA. Relatório Final: Projeto de Salvamento dos Sítios Arqueológicos Localizados na Área Diretamente Afetada da Linha de Transmissão Tucuruí/PA – Presidente Dutra/MA (3º Circuito), 2008.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA. Projeto de Arqueologia preventiva nas áreas de intervenção do AHE Santo Antônio, RO. São Paulo, 2008.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA . Projeto de Arqueologia Preventiva nas Áreas de Intervenção do Projeto Juruti, Pará: Relatório final. Relatório técnico. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 296f.,2008.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTIFICA. Arqueologia Preventiva na Área de Intervenção da Mineração Onça Puma e Linha de Transmissão associada, Sudeste do Pará – Segunda etapa, Relatório Parcial 02/2010. 2010a.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTIFICA. Relatório Parcial 2 UHE. Santo Antônio, 2010b.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTIFICA. Projeto Arqueologia Preventiva nas Áreas de Intervenção do Complexo Hidrelétrico de Belo Monte, rio Xingu, PA. Projeto de pesquisa. São Paulo, 2010c.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTIFICA. Arqueologia preventiva nas áreas de intervenção do AHE Santo Antônio, RO: relatório do resgate arqueológico na área do canteiro. São Paulo, 2011a.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTIFICA. Arqueologia Preventiva nas áreas de intervenção do AHE Santo Antônio, RO: relatório da prospecção arqueológica na área do reservatório. São Paulo, 2011b.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTIFICA. Arqueologia preventiva nas áreas de intervenção do AHE Santo Antonio, RO: relatório do resgate arqueológico na área do reservatório. São Paulo, 2011c.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTIFICA. Arqueologia preventiva nas áreas de intervenção do AHE Santo Antonio, RO: relatório do registro rupestre e feições de polimento. São Paulo, 2011d.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTIFICA. Arqueologia Preventiva na área de intervenção da Linha de Transmissão 500 kV Oriximiná (PA) – Itacoatiara (AM) – Cariri (AM), etapa de resgate. Análise de Laboratório. Relatório Parcial 2. Relatório técnico. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,207f., 2013.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTIFICA. Arqueologia Preventiva na área de intervenção da Linha de Transmissão 500 kV Oriximiná (PA) – Itacoatiara (AM) – Cariri (AM), etapa de resgate. Análise de laboratório. Relatório Parcial 3. Relatório técnico. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 246f, 2014.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTIFICA. Projeto: Arqueologia Preventiva nas Áreas de Intervenção do Complexo Hidrelétrico de Belo Monte, rio Xingu, PA. Relatório Parcial 8. São Paulo, 2015.

SCOTT, J. R. Dos fragmentos às vasilhas: um primeiro passo para a construção de contextos culturais na arqueologia da floresta tropical. *Amazônica*, Belém, v. 1, n.2, p. 512-535, 2009.

SAUER, Carl Ortwin. The Morphology of Landscape (1925). In: LEIGHLY, J. (org.). **Land and Life: a Selection from the Writings of Carl Ortwin Sauer**. Berkeley: University of California Press. p. 315-350, 1969.

SEURIN, M. Étude d'un cordon littoral de l'Anse de Rémire (Guyane), **Connaissance de la Guyane**, 3, Revue Culturelle Départementale de l'Education en Guyane, Cayenne, 1976.

SHADY, R. **Bagua, una secuencia del periodo formativo en la cuenca inferior del Utcubamba**. Trabalho de conclusão de Bacharelado em arqueologia, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 1971.

SHADY, R. **La arqueología de la cuenca inferior del Utcubamba**. Tese de Doutorado em Arqueologia, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 1973.

SHADY, R. Tradición y cambio en las sociedades formativas de Bagua, Amazonas, Perú». **Revista Andina**, 5(2): 457-488,1987.

SHADY, R. **Sociedades formativas de Bagua-Jaén y sus relaciones andinas y amazónicas**». En: P. Ledergerber-Crespo (Ed.) *Formativo Sudamericano*, p. 201-211. Quito: Abya-Yala, 1999.

SHADY, R; ROSAS, H. **El complejo Bagua y el sistema desde establecimiento durante el Formativo en la Sierra Norte del Perú**. *Nawpa Pacha (Institute Of. Andean Studies)*, 17, p.109 – 142. Berkeley, 1979.

SHANKS, M; TILLEY, C. **Reconstructing archaeology: theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

- SHEPARD, A. **Ceramics for the Archaeologist**. Washington, D.C.: Carnegie Institution of Washington (Publication n. 609), 1956.
- SILLAR, B. The dead and the drying. Techniques for transforming people and things in the Andes. **Journal of material culture**, London, v. 1, n. 3, p. 259-289, 1996.
- SILLAR, B. Dung by preference: the choice of fuel as an example of how andean pottery production is embedded within a wider technical, social and economic practices. **Archaeometry**, Oxford: Université d'Oxford, n. 42, p. 43-60, 2000.
- SILVA, C.A. Territórios florísticos pré-cabralinos no Amazonas. In: LIMA, H.P (org.) **Fronteiras do Passado. Aportes Interdisciplinares sobre a Arqueologia do Baixo Rio Urubu, Médio Amazonas, Brasil**. Amazonas: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2013.
- SILVA, C. C. **Herança geológica como ferramenta para a prospecção de sambaquis no litoral Norte do estado da Bahia: o exemplo do sambaqui Ilha das Ostras**. 2000. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.
- SILVA, F. A. **As tecnologias e seus significados: Um Estudo da cerâmica dos Asurini do Xingu e da cestaria dos Kaiapó-Xikrin sob uma perspectiva Etnoarqueológica**. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 265f. 2000.
- SILVA, F. A. et al. A arqueometria e a Análise de Artefatos Cerâmicos: um estudo de fragmentos cerâmicos etnográficos e arqueológicos por fluorescência de Raios X (EDXRF) e transmissão Gama. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 17, p. 41-61, 2004.
- SILVA, F. A. O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Asurini do Xingú e a plumária dos Kayapo-Xikrin do Cateté. **Boletim do Museu Paraense E. Goeldi**, Ciências humanas, Belém, v. 2, n. 1, p. 91-103, 2007.
- SILVA, F. A. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi**, Belém, v. 2, n. 1, p. 91-103, 2007.
- SILVA, F. A. 'Ceramic technology of the Assurini do Xingu, Brazil: an ethnoarchaeological study of artifact variability', New York: Plenum Press, **Journal of Archaeological Method and Theory**, v.15, n.3, p.217-265., 2008.
- SILVA, F. A organização da produção cerâmica dos Asurini do Xingu: Uma reflexão etnoarqueológica sobre variabilidade e padronização artefactual. **Arqueologia Suramericana / Arqueologia Sul-americana** 5, 2, julho/julho, p. 121-137, 2009.
- SILVA, F. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. **MÉTIS: história & cultura**, v. 8, n. 16, p. 121-139, 2009.
- SILVA, F. A. A aprendizagem da tecnologia cerâmica entre os Asurini do Xingu. In: PROUS, A; LIMA, T. A. (Orgs.). **Os ceramistas Tupiguarani: Eixos temáticos**. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN de Minas Gerais, v. 3, p. 7-26, 2010.
- SILVA, F. A. *et al.* Arqueologia Colaborativa na Amazônia: Terra Indígena Kuatinemu, Rio Xingu, Pará. **Revista Amazônica**, Belém, v. 3, n. 1, p. 32-59, 2011.
- SILVA, F. A. Tecnologias em transformação: inovação e (re)produção dos objetos entre os Asurini do Xingu. **Boletim Museu Paraense Emilio Goeldi**, Belém, v. 8, n. 3, p. 729-744, 2013.
- SILVEIRA, M. I; SCHAAN, D. P. (2005). "Onde a Amazônia Encontra o Mar: Estudando os Sambaquis do Pará." **Revista de Arqueologia**(18): 67-79, 2005.
- SILVEIRA, M. I; SCHAAN, D. P. A vida nos manguezais: a ocupação humana na Costa Atlântica Amazônica durante o Holoceno. In: PEREIRA, E; GUAPINDAIA, V. L. (Org.). **Arqueologia Amazônica**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi: IPHAN: SECULT, 2010. v. 1. p. 35-48.
- SILVEIRA, M. I. et al. Sequencia cronológica de ocupação na área do Salobo (Pará). **Revista de Arqueologia**, Belém, v. 21, n. 1, p. 61-84, 2008.
- SILVEIRA, M, I; OLIVEIRA, E, R; KERN, D; COSTA, M. L; RODRIGUES, S. F. O sítio Jabuti, em Bragança, Pará, no cenário arqueológico do litoral amazônico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, Belém, v. 6, n. 2, p. 335-345, 2011.
- SILVEIRA, M. I; OLIVEIRA, E. R.; PICCININ, J. L. **Relatório final do Projeto PIATAM mar**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010.

SILVEIRA, M. I; SCHAAN, D, P. Onde a Amazônia encontra o mar: estudando os sambaquis do Pará. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 18, p. 67-79, 2005.

SILVEIRA, M, I; SCHAAN, D, P. A vida nos manguezais: a ocupação humana da costa Atlântica Amazônica durante o Holoceno. In: PEREIRA; E; GUAPINDAIA, V. (Org.). *Arqueologia da Amazônia*. vol. 1. Belém: MPEG: IPHAN: SECULT, 2010. p. 35-48.

SIMOPES, M. F. Considerações preliminares sobre a arqueologia do Alto Xingu. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do primeiro ano: 1965-1966. Belém: **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, vol. 6, p. 129-144, 1967.

SIMOPES, M. F. O Museu Goeldi e a arqueologia da Bacia Amazônica. IN: ROQUE, C, **Antologia da Cultura Amazônica**. Amazônia Edições Culturais, São Paulo, Antologia-Folclore, 6, p.173-189. 1971.

SIMOPES, M. F. Índice das fases arqueológicas brasileiras. 1950- 1971. Belém: **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n. 18, 1972.

SIMÕES, M. F. Pesquisa Arqueológica no Baixo Tocantins. Relatório preliminar, 2º parte. Belém (PA), Museu Paraense Emílio Goeldi , 1976.

SIMOPES, M. F. **Contribuição do Museu Goeldi à arqueologia da Amazônia**. Belém: MPEG, 1978 [S.P].

SIMOPES, M. F. Pesquisas arqueológicas nos rios Urubu, Uatumã e Jatapu (AM). Relatório preliminar. Belém: **Museu Paraense Emílio Goeldi**. 101 p. Il., manuscrito não publicado, 1979

SIMOPES, M. F. Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado (Pará). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Nova Seirie: Antropologia, Belém, v. 78, p. 1-26, 1981a.

SIMÕES, M. F. As pesquisas arqueológicas no Museu Paraense Emílio Goeldi (1870-1981). **Acta Amazonica**, Manaus, v. 11, n. 1, Suplemento, 1981b.

SIMÕES, M. F. **Fases arqueológicas brasileiras**. Coleções Museus Brasileiros, 4, Rio de Janeiro, Museu Paraense Emílio Goeldi, Funarte, p. 61-68, 1981c.

SIMÕES, M. F. Pesquisas arqueológicas no médio rio Urubu (AM). Relatório preliminar. Belém: **Museu Paraense Emílio Goeldi**. Manuscrito não publicado, 97 p. Il., 1981d.

SIMÕES, M. F. Pesquisa e Cadastro de Sítios Arqueológicos na Amazônia Legal Brasileira (1978-1982). **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 38, n. 89, p. 1-98, 1983.

SIMÕES, M. F. Salvamento Arqueológico Carajás: desafio político, Ecologia e Desenvolvimento. Brasília. In: ALMEIDA JR., J. M.G. (org.). *Brasiliense/CNPq*, p. 534-559,1986.

SIMÕES, M. F. Pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos na Amazônia Legal Brasileira. 1978-1982. Belém: **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, no. 38, 1987.

SIMÕES, M. F; ARAÚJO-COSTA, F. **Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos**. Belém (PA), **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 30, 1978.

SIMÕES, M. F.; ARAÚJO-COSTA, F. Pesquisas Arqueológicas no Baixo Rio Tocantins (Pará). **Revista Arqueologia**, Belém, v. 4, n. 1, p. 11-27, 1987.

SIMÕES, M; CORRÊA, C. Pesquisas Arqueológicas no Médio Rio Negro (Amazonas). **Revista de Arqueologia**, Belém, v.4, n. 1, p. 29-48, 1987.

SIMÕES, M. F.; CORRÊA, C. G.; MACHADO, A. L. Achados Arqueológicos no Baixo rio Fresco (Pará). **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 20, p. 113-141, 1973.

SIMÕES, M; KALKMANN, A. Pesquisas Arqueológicas no Médio Rio Negro (Amazonas). **Revista de Arqueologia**, Belém, v.4, n. 1, p. 83-116, 1987.

SIMÕES, M. F; LOPES, D. Pesquisas arqueológicas no baixo/médio Rio Madeira (Amazonas). **Revista de Arqueologia**, v.4, n.1, p. 117-133, 1987.

SIMÕES, M. F; MACHADO, A. L. A tradição regional Saracá: uma nova tradição ceramista da Bacia Amazônica. In: **Resumos Da 36a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**, SBPC, 36. Anais: comunicações. São Paulo: SBPC, p. 13-133, 1984.

SIMÕES, M; MACHADO, A. L. Pesquisas Arqueológicas no Lago de Silves (Amazonas). **Revista de Arqueologia**, Belém, v.4, n. 1, p. 29-48, 1987.

SIMONSEN, I; OLIVEIRA, A. P. **Modelos etnográficos aplicados à cerâmica de Miararré**. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1980.

SKIBO, J. M. **Pottery Function: A Use-Alteration Perspective**. New York: Plenum Publ.Co. 1992.

SKIBO, J. M. The Kalinga cooking pot: an ethnoarchaeological and experimental study of technological change. In: LONGACRE, W. A; SKIBO, J. M. (Eds). **Kalinga Ethnoarchaeology. Expanding archaeological method and theory**. Washington/London: Smithsonian Institution Press, p. 113-126, 1994.

SKIBO, J. M. **Understanding pottery function**. New York: Springer, 2012.

SKIBO, J. M; FEINMAN, G. M. (Eds). **Pottery and people. A dynamic interaction**. Salt Lake City: The University of Utah Press, 1999.

SKIBO, James M.; SCHIFFER, Michael; REID, Kenneth C. Organic-Tempered Pottery: An Experimental Study. **American Antiquity**, n. 54, p. 122-146, 1989.

SKIBO, J; SCHIFFER, M. B. Understanding artifact variability and change: a behavioral framework. In: SCHIFFER, M. B. (Ed.) **Anthropological Perspectives Ontechnology**. Albuquerque, University of New Mexico Press, p. 139-149, 2001.

SMITH, N. Anthrosols and Human carrying capacity in Amazonia. **Annals of the Association of American Geography**, Washington, v. 70, n. 4, p. 553-566, 1980.

SMITH, N. Palms and People along the Urubu River, Amazonas, Brazil. In LIMA, H.P (org.) **Fronteiras do Passado. Aportes Interdisciplinares sobre a Arqueologia do Baixo Rio Urubu, Médio Amazonas, Brasil**. Amazonas: Editora da Universidade Federal do Amazonas, p.109-142, 2013.

SMITH, R. **Donde nuestros ancestros alguna vez caminaron. Territorialidad y lugares sagrados amuesha en la Amazonia andina del Perú central**. Trabalho apresentado no Coloquio Internacional da Universidade de Paris III – Nouvelle Sorbonne, organizado por IHEAL-CREDAL, CEC, OPEA y CERVEPAS p. 1-10, 2004.

SMITH, R. ¿Un sustrato Arawak en los Andes centrales? La historia oral y el espacio histórico cultural yánesha. In: CHAUMEIL, J-P; Espinoza, Ó; CORNEJO, M. (org). **Por donde hay soplo**. Lima, IFEA, CAAAP, PUCP, EREA-LESC, p. 219-254, 2011.

SOLÍS, G. Apresentação. In: Zubieta, Filomeno (Org). **Cuestiones de Lingüística e historia andinas. Compilación de Artículos de Alfredo Torero Fernández de Córdova. Tomo I: Lingüística e historia**. Huacho: XVII Congreso Peruano del Hombre y la Cultura Andina y Amazónica, p. 1-22, 2011 [1970].

SOLÍS, G. **Lenguas en la Amazonía Peruana**. 1ra. ed. Lima: Visual Service S.R.L., 2003.

SOLÓRZANO, M. S. Arqueología de contrato una forma de minimizar el impacto durante el proceso de remoción de suelo. Estudio de caso en Orellana (Ecuador). **Praxis Archaeologica**, v. 2, p. 107-128, 2007a.

SOLÓRZANO, M. S. **Rescate y monitoreo arqueológico camino vecinal Edén**: Informe presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC) del Ecuador, 2007b.

SOMBROEK, Wim. **Amazon Soils. A Reconnaissance of Soils of the Brazilian Amazon Region**. Wageningen: Agricultural Publications and Documentation, 1966.

SOUZA, M. A. Dicionário de arqueologia. Rio de Janeiro: ADESA, 1997. 140 p.

SOUZA, C. M; CARDOZO, A. (org.). **Histórias do Xingu**: Fronteiras, Espaços e Territorialidades, séc. XVII-XXI. Belém (PA): Universitária UFPA, 2008.

SOUZA FILHO, P. W. M. Costa de Manguezais de Macromaré da Amazônia: cenários morfológicos, mapeamento e quantificação a partir de dados de sensores remotos. **Revista Brasileira de Geofísica**, v. 23, n. 4, p. 427-435, 2005.

- SOUZA FILHO, P. W. M.; LESSA, G. C.; COHEN, M. C. L.; COSTA, F. R.; LARA, R. J. The subsiding macrotidal barrier estuarine system of the eastern Amazon coast, Northern Brazil. In: DILLENBURG, S. F.; HESP, P. A. (Ed.). **Geology and geomorphology of Holocene coastal barriers of Brazil**. New York: Springer, 2009. p. 347-375.
- SOUZA, G. N. **Estudo das Lâminas de Pedra Polida do Brasil: diversidades regionais e culturais**. Tese de Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 239f. 2013.
- STEINEN, K. **Durch Zentral-Brasilien**. Leipzig: F.A. Brockhaus, 1886.
- STEINEN, K. **Unter den Naturvölkern Zentral-Braziliens**. Berlin: Dietrich Reimer, 1894.
- STAHL, A. B.; CRUZ, M. D.; NEFF, H.; GLASCOCK, M. D.; SPEAKMAN, R. J.; GILES, B.; SMITH, L. Ceramic production, consumption and exchange in the Banda area, Ghana: insights from compositional analyses. **Journal of Anthropological Archaeology**, 27(3):363-381, 2008.
- STAHL, P. Perspectival Ontology and Animal Non-Domestication in the Amazon Basin, In: **Antes de Orellana, Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica**. Rostain, S. (Ed) Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos, pp. 221-231. 2014.
- STALLER, J. E. **Late Valdivia occupation in southern coastal El Oro province, Ecuador: excavations at the Early Formative period (3500–1500 BC) site of la Emerenciana**, UNI dissertation, Southern Methodist University, 1994.
- STANLEY-PRICE, N. Scavo e conservazione. In: Stanley-Price (ed.), **La conservazione sullo scavo archeologico**. Roma: ICCROM, 1984.
- STARK, M. (ed.). **The Archaeology of Social Boundaries**. Smithsonian Institution Press. Washington/London. 1998.
- STARK, M. *et al.* Ceramic Technology and Social Boundaries: cultural practices in Kalinga clay selection and use. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 7, n. 4, p. 295-331, 2000.
- STARK, M. Current issues in ceramic ethnoarchaeology. **Journal of Archaeological Research**, 11(3):193-242. 2003.
- STARK, M.; BOWSER, B.; HORNE, L. (Eds). **Cultural transmission and material culture. Breaking down boundaries**. Tucson: The University of Arizona Press, 2008.
- STEERE, J. B. The archaeology of the Amazon. University of Michigan Official, **Michigan Official Publication**, Michigan, v. 29, n. 9. pp- 20-26, 1927.
- STEINEN, K. [1884] O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do Rio Xingu. Tradução de Catarina Baratz Cannabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Brasileira, v. 3, 379 p., 1942.
- STENBORG, P. Points of convergence, routes of divergence. Some considerations based on Curt Nimuendajú's archaeological work in the Santarém-Trombetas area and at Amapá. In: WHITEHEAD, N.L.; ALEMÁN, S.W. (org.). **Anthropologies of Guayana. Cultural spaces in northeastern Amazonia**, Tucson: University of Arizona Press, p. 55-73, 2009.
- STENBORG, P.; SCHAAN, D.; AMARAL, M. 2008, Precolumbian Land use and Settlement Pattern in the Santarem Region, Lower Amazon- **Amazonica**, Belém, v. 4, n.1, p. 222-250, 2012.
- STENBORG, P.; SCHAAN, D.; P.; ISENDAHL, C.; SODERSTROM, M.; ERIKSSON, J.E.; AMARAL, M.; OLMO, M. The Cultivated Wilderness Project. Hinterland archaeology in the Belterra Region, Pará, Brasil. In: ROSTAIN, S. (org.). **Annales del III Encuentro Internacional de Arqueología Amazonica Quito**, Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Embajada de EEUU, p. 149-155, 2014.
- STEWART, J. (Ed.). **The Handbook of South American Indians**, vol. 3: The tropical forest tribes. Washington DC: Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution, 1948. (Bulletin, 143).
- STOCKS, A. W. **Los Nativos Invisibles. Notas sobre la historia y realidad actual de los cocamilla del río Huallaga**. Perú. Lima: CAAAP, 1981.
- STOCKTON, J. Earth moving equipment in archaeological excavation. **Archaeology & Physical Anthropology in Oceania**, Australia, v. 9, n. 3, p. 238-241. 1974.
- STRADELLI, E. Vocabulários da língua geral português-nheengatú e nheengatú-português, precedidos de um esboço de Grammatica nheenga-umbê-sáua mirí e seguidos de contos em língua geral nheengatú porandua. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Tomo 104, Volume 158, p. 9-768, 1929.

- STUCHI, F. F. **A ocupação da terra indígena Kaiabi (MT/PA): história indígena e etnoarqueologia**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 333f, 2010.
- SULLIVAN, L. E. **Icanchu's Drum. An orientation to meaning in South American religions**. New York: Macmillan: 1003 p. 1988.
- SYMANSKI, L. C. P; GOMES, D. M. C. **Mundos mesclados, espaços segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no sítio Aldeia em Santarém (PA)**. *Anais do Museu Paulista*, n. 20, p. 53-90, 2012.
- TAMANAHÁ, E. K. **Ocupação Policroma no Baixo e Médio Rio Solimões, Estado do Amazonas**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 247f (2 volumes), São Paulo, 2012.
- TAMANAHÁ, E. K; NEVES, E. G. **800 anos de ocupação da Tradição Policroma da Amazônia: um panorama histórico no Baixo Rio Solimões**. *Anuário Antropológico*, Brasília, UnB, v. 39, n. 2, p. 45-67, 2014.
- TAVARES, M. G. C. **A formação territorial do espaço paraense: dos fortes à criação de municípios**. *Revista ACTA Geográfica*, ano II, p. 59-83, 2008.
- TAYLOR, A; DESCOLA, P. **El Conjunto jívaro en los Comienzos de la Conquista Española del Alto Amazonas**, *Bullétin de l'Institut Français d'Etudes Andines*, Lima, v. 10, n. 3-4, p. 7-54, 1981.
- TAYLOR, G. **La Lengua de los antiguos chachapuyas**. In: CERRÓN-PALOMINO, R; FONSECA, G. S. (org.). **Temas de Lingüística Amerindia**. Lima: Primer Congreso Nacional, p. 121-139, 1990.
- TAYLOR, A. C. **The Western Margins of Amazonia from the Early Sixteenth to the Early Nineteenth Century**. In: SALOMON, Frank y SCHWARTZ, Stuart (Ed.). **The Cambridge History of the Native Peoples of South America, part 2**. Cambridge: Cambridge University press, v.3, 1999. p.188-256.
- TEIXEIRA, Pedro. **Relación del general Pedro Teixeira de el rio de las Amazonas para el Sr. Presidente**, In: CORTEZAO, J. (org.). **O significado da expedição de Pedro Teixeira à luz de novos documentos**. Anais do IV Congresso de História Nacional, Rio de Janeiro. p. 173-204, 1950 [1639].
- TELLO, J. C. **Introducción a la historia antigua del Perú**. Lima: Editorial Euforion, 1921.
- TELLO, J. C. **Wira Kocha**. *Revista Inca*, Lima, vol. I, n. 1, p. 93-320, 1923.
- TELLO, J. C. **Cultura Matriz de la Civilización Andina**. *Publicación Antropológica del Archivo « Julio C. Tello » UNMSM*, II, Lima, 1960.
- TELLO, J. C. **Páginas escogidas**. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1967.
- TELLO, J. C. **Arqueología de Cajamarca: Expedición al Marañón – 1937**. Lima: Fondo Editorial de la UNMSM, 2004 [1937].
- TENÓRIO, M. C. **Identidade cultural e origem dos sambaquis**. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 14, p. 169-178, 2004.
- TENÓRIO, M. C. **O lugar dos aventureiros: identidade, dinâmica de ocupação e sistema de trocas no litoral do Rio de Janeiro há 3.500 anos antes do presente**. 2003. 535 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2003.
- THOMAS, J. **Awala-Yalimapo. Village et abords**, *Bilan scientifique de la région Guyane 1998*, DRAC, Cayenne, 15, 2002.
- TIZUKA, M. M. **Geoarqueologia e paleohidrologia da planície aluvial Holocênica do rio Madeira entre Porto Velho e Abunã**. Dissertação de Mestrado em Geociências e Meio Ambiente, Departamento de Geologia, Universidade do Estado de São Paulo, 158f., Rio Claro, 2013.
- TIZUKA, M. M; SANTI, J. R; KIPNIS, R. **Um olhar além rio: ocupações pretéritas entre ilhas e cachoeiras no Alto Rio Madeira, RO**. In: Julio Cesar Rubin de Rubin, Rosiclér Theodoro da Silva (org.). **Geoarqueologia**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, p. 113-134, 2013.
- TOBAR, O. **Prospección, rescate y monitoreo arqueológico en los 10 primeros kilometros de la via de acceso al bloque 31, provincia Francisco de Orellana**. Informe presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC) del Ecuador, 2005a

TOBAR, O. **Prospección, rescate y monitoreo en la zona del Muelle Chiru Isla, provincia Francisco de Orellana, Cantón Aguarico, Parroquia Capitan Augusto Rivadeneira.** Informe presentado al Instituto Nacional de Patrimonio Cultural (INPC) del Ecuador, 2005b

TONEY, J. R. **Pottery Technology in the upper Xingu, southern amazon, Brazil, A.D. 700-1770.** Tese de Doutorado (PhD), Department of Anthropology, University of Florida, 327f., 2012.

TORAL, A. A. De. Pintura corporal Karajá contemporânea. In: VIDAL, L. (Ed.). **Grafismo Indígena.** São Paulo: Studio Nobel / Edusp / FAPESP, 1992. p.191-208.

TORERO, A. **Cuestiones de Lingüística e historia andinas. Compilación de Artículos de Alfredo Torero Fernández de Córdova. Tomo I: Lingüística e historia.** 1ra. ed. Huacho: XVII Congreso Peruano del Hombre y la Cultura Andina y Amazónica.

TORERO, A. Lingüística e historia de la sociedad andina. In: Zubieta, Filomeno (org.). **Cuestiones de Lingüística e historia andinas. Compilación de Artículos de Alfredo Torero Fernández de Córdova. Tomo I: Lingüística e historia.** Huacho: XVII Congreso Peruano del Hombre y la Cultura Andina y Amazónica, 2011 [1970]. p. 55-90.

TORERO, A. Áreas toponímicas e idiomas en la sierra norte peruana. In: ZUBIETA, Filomeno (org.). **Cuestiones de Lingüística e historia andinas. Compilación de Artículos de Alfredo Torero Fernández de Córdova. Tomo I: Lingüística e historia.** Huacho: XVII Congreso Peruano del Hombre y la Cultura Andina y Amazónica, p. 55-90, 2011 [1970].

TRINDADE, T. **Os Sítios Hatahara e São Paulo II e a Expansão da Tradição Policroma no Rio Solimões.** Relatório de Iniciação Científica encaminhado à FAPESP – Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

TRINDADE T. **Sítios com estruturas de terra em vala no Sudoeste da bacia Amazônica: Levantamento geral de sítios já conhecidos e prospecção de novos sítios nos municípios de São Francisco do Guaporé e Costa Marques-RO.** Memorial de Qualificação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para aquisição do título de Mestre. Ms. 2014.

TURNER, T. Os Mebêngôkre Kayapó: História e Mudança Social: De comunidades autônomas para coexistência interétnica. Tradução de Beatriz Perrone-Móises. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. (ed.). **História dos Índios do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, p. 311-339, 1992.

UFMA. UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Zoneamento Costeiro do Estado do Maranhão.** Fundação Sossândrade de Apoio e Desenvolvimento da Universidade Federal do Maranhão. IICA/ GEAGRO/LABOHIDRO. 242p. 2003.

URBAN, G. A História da Cultura Brasileira Segundo as Línguas Nativas. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. C. (ed.). **História dos Índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, p. 87-102, 1992.

URBAN, G. On the Geographical Origins and Dispersion of the Tupian Languages. **Revista de Antropologia,** São Paulo, v. 39, n. 2, p. 61-104, 1996.

URIARTE, M. **Diario de un misionero de Maynas.** Iquitos: Ediciones CETA, 1986.

VACCARO, A. M. **Archeologia e Restauro: tradizione e attualità.** Milão: Mondadori, 1989.

VALDEZ, F. J; GUFFROY, G; HURTADO, J; YEPEZ, A. Découverte d'un site cérémoniel formatif sur le versant oriental des Andes. **C.R. Paleovol,** Paris, n.4, p. 369–374, 2005.

VALDEZ, F. Un Formativo Insospechado en la Ceja de Selva: El Complejo Cultural Mayo Chinchipe. In **II Congreso Ecuatoriano de Antropología y Arqueología. Balance de la última década : Aportes, Retos y Nuevos Temas,** GARCÍA, F. (ed.), Quito, FLACSO, p. 549-576, 2007a.

VALDEZ, F. Mayo Chinchipe: La puerta entreabierta. In **Ecuador. El Arte Secreto del Ecuador Precolombino,** KLEIN, D. e I. CRUZ (eds.), Milano, 5Continentes, p. 321-349, 2007b.

VALDEZ, F. **El formativo temprano y medio en Zamora, Chinchipe.** In: COLLIER D., MURRA, J. (eds.) Reconocimiento y Excavaciones en el Austro Ecuatoriano. Traducción de Dr. Benigno Malo Vega, Casa de la Cultura Ecuatoriana núcleo de Azuay, p. 425-465, 2007c.

VALDEZ, F. Inter-Zonal Relationships in Ecuador. In **Handbook of South American Archaeology,** SILVERMAN, H. e W. ISBELL (eds.), Chicago, Kluwer Academic Publishers, p. 865-887, 2008.

- VALDEZ, F. La cerámica Mayo Chinchipe, el Formativo Temprano de la Ceja de Selva Oriental. III Congreso de Antropología y Arqueología Ecuatoriana, Ecuador, territorio de contacto y convergencias: resignificaciones del pasado y el presente. *Revista Nacional de Cultura*, n.15-16, t. III, p. 685-705, Quito, 2011.
- VALDEZ, F. **Primeras Sociedades de la Alta Amazonía. La Cultura Mayo Chinchipe – Marañón**, INPC-IRD, Quito, 2013.
- VALENZUELA, P. ¿Qué tan “amazónicas” son las lenguas kawapana? Contacto con lenguas centro-andinas y elementos para una posible sub-área intermedia. **Paper presented at the 52nd International Congress of Americanists**, Viena, July, 2012.
- VALLEJOS, R. **Los kukama-kukamiria y su rol en la cultura e historia de Loreto**. Iquitos, Lima, p. 140-147, 2014.
- VAN DEN BEL, M. **Les occupations amérindiennes du site Eva 2 (Sinnamary), Rapport final de fouille**, INRAP, Cayenne, 112p., 2006.
- VAN DEN BEL, M. A Koriabo site on the Lower Maroni River: results of the preventive archaeological excavation at Crique Sparouine, French Guiana. In: PREREIRA, E; GUAPINDAIA, V. (eds.) **Arqueologia Amazônica 1**. Belém: MPEG; IPHAN; SECULT, 2010a.
- VAN DEN BEL, M. A Description of Late Archaic Rock-filled Pits in French Guiana. *Revista de Arqueologia* 23(1): 60-72, 2010b.
- VAN DEN BEL, M. Excavations at Poncel: an update of the Late Ceramic Age of Cayenne. In: ROSTAIN, S. **Antes de Orellana. Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazônica**. Quito: Institut Français des Etudes Andines, p. 75-88, 2014.
- VAN DEN BEL, M; DELPECH S. et al. **Les occupations amérindiennes du site EVA 2 Chantier Soyouz du CSG, Malmanoury Commune de Sinnamary, Guyane Française**. Cayenne, INRAP, 2006.
- VAN DEN BEL, M. **Archaeological Investigations between Cayenne Island and the Maroni River: a cultural sequence of western coastal French Guiana from 5000 BP to present**. Leiden: Sidestone Press, 2015.
- VAN DER LEEUW, S. E. Giving the potter a Choice. Conceptual aspects of pottery techniques. In: Lemmonier, P. (Org) **Techonological Choices. Transformations in material Culturure since the Neolithic**. Routledge, p. 238-288, 2002.
- VAN DER LEEUW, S. E.; TORRENCE, R. Introduction: what's new about innovation? IN: VAN DER LEEUW, S. E.; TORRENCE (eds.) **A closer look at the process of innovation**. London: Unwin Hyman, p. 1-15, 1989.
- VANPOOL, T. L. Style, function, and variation: identifying the evolutionary importance of traits in the archaeological record. **Style and Function: Conceptual Issues in Evolutionary Archaeology**, p. 119-40, 2001.
- VAN VELTHEM, L. H. Mulheres de cera, argila e arumã: Princípios criativos e fabricação material entre os Wayana. **Mana**, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, v.15(1), p. 213-236, 2009.
- VARGAS ARENAS, I. **La tradición Saladoide del oriente de Venezuela. La fase Cuartel**, Biblioteca de la Academia Nacional de la Historia, serie Estudios, monografías y ensayos 5, Caracas, 326p. , 1979.
- VARGAS ARENAS, I. **Investigaciones arqueológicas en Parmana. Los sitios de La Gruta y Ronquín, estado Guarico, Venezuela**, Biblioteca de la Academia Nacional de la Historia, serie Estudios, monografías y ensayos 20, Caracas, 574p., 1981.
- VASSOLER, O. J. P. Análise da iconografia em vasilhas cerâmicas da Subtradição Jatuarana: Tradição Policroma da Amazônia - no alto rio Madeira, Rondônia. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal de Rondônia, Rondônia, 97f., 2014.
- VERSTEEG, A. H. A distinctive kind of pottery in western Suriname, **Mededelingen Surinaams Museum**, 23-24, Paramaribo, 16-27, 1978.
- VERSTEEG, A. H. Raised field complexes and associated settlements in the coastal plain of werstern Suriname, **Drained field agriculture in Central and South America**, BAR International Series 189, J.P. Darch (Ed.), Oxford, 237-250, 1983.
- VERSTEEG, A. H. The prehistory of the young coastal plain of West Suriname. **Berichten Rijksdienst Oudheidkundig Bodemonderzoek**, Paramaribo, n. 35, 1985.
- VERSTEEG, A. H. The Prehistory of the Young Coastal Plain of West Suriname, **Ber. Rijksdienst Oudheidkundig Bodemonderzoek**, 35, Amsterdam, 653-750, 1985.
- VERSTEEG, A. H. **Suriname voor Columbus/Suriname before Columbus**, Libri Musei Surinamensis 1, Stichting Surinaams Museum, Paramaribo, 270p., 2003.

- VERSTEEG, A. H. **Werehpaí archaeological research**, Stichting Surinaams Museum/Conservation International, Paramaribo, 2007.
- VIANA, Sibeli A.; RIBEIRO, Cecília V.; OLIVEIRA, Sergio D. Cauixi em cerâmica arqueológica: uma questão de escolhas sociais. **Revista de Arqueologia**, n. 24, v.1, p. 32-51, 2011.
- VIDAL, L. **Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira: os Kayapó-Xikrin do Rio Cateté**. São Paulo: HUCITEC, 1977.
- VIDAL, S. M. Kuwé Duwákalmi: The Arawak Sacred Routes of Migration, Trade, and Resistance. **Ethnohistory**, v. 47, n. 3-4, p. 635-668, 2000.
- VIEIRA, A. **Cartas (vol. 1)**. AZEVEDO, J. L. (org.). Biblioteca de Autores Portugueses, [1655 a 1659], 1997.
- VILLALBA, M. **Cotocollao: una aldea formativa del valle de Quito**. **Miscelánea antropológico ecuatoriano**, Serie Monográfica 2, Museo del Banco Central del Ecuador, Quito, 1988.
- VIÑAS, S. M. **Teoría contemporânea de la Restauración**. Madrid: Sínteses, 2010.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. B. **Araweté: Os deuses Canibais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. B. Histórias Ameríndias. **Novos Estudos, CEBRAP**, n. 36, p. 22-33, 1993.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. Cosmological deixis and Amerindian perspectivism. **Journal of the Royal Anthropological Institute (NS)**, v. 4, n. 3, p. 469-488, 1998.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. B. Images of nature and society in Amazonian ethnology. **Annual Review of Anthropology**, n. 25, p. 179-200, 1996.
- WALLAERT, H. The way of the potter's mother: apprenticeship strategies among Dii potters from Cameroon, West Africa. In: STARK, M; BOWSER, B; Horne, L. (Eds.). **Cultural transmission and material culture. Breaking down boundaries**. Tucson, The University of Arizona Press, p.178-198, 2008.
- WALKER, J. H. The Llanos de Mojos. In: **Handbook of South American Archaeology**, (Helaine Silverman y William Isbell eds.): 927-939. Springer. New York, 2008a.
- WALKER, J. H. Pre-Columbian Ring Ditches along the Yacuma and Rapulo Rivers, Beni, Bolivia: A Preliminary Review. In: **Journal of Field Archaeology** 33 (4): 413-427. 2008b.
- WALKER, J. Amazonian Dark Earth and Ring Ditches in the Central Llanos de Mojos, Bolivia. In: **Culture, Agriculture, Food and Environment** 33 (1): 2-14. 2011.
- WASHBURN, D; CROWE, D. **Symmetries of Culture: Theory and Practice of Plane Pattern Analysis**. University of Washington Press, Seattle, 1988.
- WATTS, Christopher. Relational Archaeologies: Roots and Routes. In: WATTS, C. (Org). **Relational Archaeologies: Humans, Animals, Things**, London: Routledge, p.1020, 2013.
- WEBER, R. L. R. **Caimito: an analysis of the late prehistoric culture of the central Ucayali**. Tese de Doutorado (PhD) em Antropologia, University of Illinois, Urbana-Champaign, 1975.
- WEBER, R. L. R. Late Prehistoric Iconography in the Upper Amazon. **Journal of the Steward Anthropological Society**, v. 20, n. 1 e 2: 99-120, 1992.
- WELSCH, R. L; TERRELL, J. E. material culture, social fields, and social boundaries on the Sepik coast of New Guinea. In: STARK, M. (Ed.). **The Archaeology of Social Boundaries**. **Smithsonian Institution Press**. Washington/London, p.50-77, 1998.
- WHITEHEAD, N. L. Ethnic Transformation and Historical Discontinuity in Native Amazonia and Guayana, 1500-1900. **L'Homme**, n. 33, v. 126-128, p. 285-305, 1993.
- WHITEHEAD, N. L; HECKENBERGER M. J; SIMON, G. Materializing the Past among the Lokono (Arawak) of the Berbice River, Guyana, **Antropológica**, LIV(114): 87-127, 2010.
- WRIGHT, Robin. **Mysteries of the Jaguar Shamans of the Northwest Amazon**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2013.
- WILLEY, G; PHILLIPS, P. An Operational Basis for Culture-Historical Integration, in: **Method and Theory in American Archaeology**. Chicago: University of Chicago Press, pp. 11-57. 1958a.

- WILLEY, G ; PHILLIPS, P. **Method and Theory in American Archaeology**. Chicago: University of Chicago Press, 1958b.
- WILLIAMS, D. Excavation of the Barambina shell mound northwest district: an interim report. **Archaeology and Anthropology**, Georgetown: Walter Roth Museum of Anthropology, v. 4, n. 1-2, p. 13-38, 1981.
- WILLIAMS, D. El arcaico en el noroeste de Guyana y los comienzos de la horticultura, **Prehistoria Sudamericana. Nuevas Perspectivas**, B. J. Meggers (ed.), Taraxacum, Washington, p. 233-251, 1992.
- WILLIAMS, D. Early pottery in the Amazon: a correction. **American Antiquity**, v. 62, n. 2, p. 342-352, 1997.
- WILLIAMS, D. **Prehistoric Guiana**, Ian Randle Publishers, Kingston, Jamaica, 2003.
- WITTACKER, J. C; CAULKINS, D; KAMP, K. A. **Evaluating Consistency in Typology and Classification**. **Journal of Archaeological Method and Theory**, 5(2): 129-164, 1998.
- WOBST, H. M. Style in Archaeology or Archaeologists in Style. In: CHILTON, E. S. (Ed.) **Material Meanings: Critical Approaches to the interpretation of material culture**. Foundations of Archaeological Inquiry. University of Utah Press, p. 118-132, 1999.
- WOODS, William I.; MCCANN, Joseph M. The anthropogenic origin and persistence of Amazonian Dark Earth. **Yearbook, Conference of Latin Americanist Geographers**, v. 25, p. 7-14, 1999.
- WOODS, William I.; DENEVAN, William M. Amazonian Dark Earths: The First Century of Reports. In: Woods, W.I.; TEIXEIRA, W.G.; LEHMANN, J.; STEINER, C.; WINKLERPRINS, A; REBELLATO, L. (org.). **Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek's vision**, New York: Springer, p. 1-14, 2009.
- WÜST, I. **Continuidade e Mudança: para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do rio Vermelho, Mato Grosso**. Tese de Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 694f. São Paulo, 1990.
- WÜST, I. Continuities and discontinuities: archaeology and ethnoarchaeology in the heart of the Eastern Bororo territory, Mato Grosso, Brazil. **Antiquity, Special sections: Issues in Brazilian archaeology**, v. 72, n. 277, p. 663-675, 1998.
- WÜST, I. Etnicidade e Tradições Ceramistas: Algumas reflexões a partir das antigas aldeias Bororo do Mato Grosso. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, Supl. 3, São Paulo, p. 303-317, 1999.
- WÜST, I. Resgate dos sítios arqueológicos Guapé 1 e 2 na área das obras construtivas da UHE-Guaporé, MT. Primeira etapa. **Relatório Final**. Vol. 1. Goiânia, Grupo Rede Tangará, 2001.
- WÜST, I; BARRETO, C. The Ring Villages of Central Brazil: A Challenge for Amazonian Archaeology. **Latin American Antiquity** 10(1):1-23, 1999.
- YARROW, T. Not knowing as knowledge: asymmetry between archaeology and anthropology. In: GARROW, D; YARROW, T. (Eds). **Archaeology & Anthropology. Understanding similarity, exploring difference**. Okford/Oakville:Oxbow Books, p.13-28, 2010.
- YÉPEZ, Alden. **Wandel und Kontinuität der Keramik aus den Flusstälern Cosanga und Quijos, Provinz Napo, Ecuador**. Tesis Doctoral (PhD), Universidad de Bonn. 2008.
- ZIMMERMANN, M; DIAS, O. F. Introdução. In: **Arqueologia Interpretativa**. Meggers, B (Org). Unitins, p.12-16, 2009.
- ZIMPEL NETO, C. A. **Na direção das periferias extremas da Amazônia: Estudo da Arqueologia na Bacia do Rio Ji-Paraná, Rondônia**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 245f., 2009.
- ZUCCHI, A; TARBLE, K. Evolución y antigüedad de la alfarería con esponjilla en Agüerito, un yacimiento del Orinoco Medio, **Indiana**, 7, Gebr. Mann Verlag, Berlin, p. 183-199, 1982.
- ZUCCHI, A; TARBLE, K; VAZ, E. J. The Ceramic Sequence and New TL and C-14 Dates for the Agüerito Site of the Middle Orinoco, Venezuela, **Journal of Field Archaeology**, 11:155-180, 1984.
- ZUSE, S. **Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no Alto rio Madeira, Rondônia**. 2014. 435f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

AUTORES

- Barata, Frederico 253, 257, 258, 269, 270, 280, 605, 626, 422, 429.
- Brochado, José Proença 26, 37, 165, 182, 185, 189, 190, 191, 194, 198, 199, 378, 405, 422, 429, 499, 582, 585, 615, 619, 620, 624.
- Cruxent, José Maria 22, 61, 156, 191, 199, 231, 410, 577, 578, 616, 618, 619, 625.
- Evans, Clifford 22, 29, 69, 71, 72, 91, 92, 93, 94, 96, 99, 124, 125, 128, 129, 137, 138, 1389, 140, 142, 156, 199, 232, 250, 257, 266, 269, 281, 320, 326, 349, 353, 364, 366, 370, 376, 377, 392, 425, 429, 485, 487, 488, 489, 491, 492, 497, 498, 499, 507, 582, 598, 615, 616, 617, 619, 621, 622
- Goeldi, Emílio 9, 13, 15, 22, 24, 82, 92, 96, 127, 131, 135, 148, 149, 154, 170, 222, 235, 252, 253, 254, 259, 269, 276, 280, 281, 306, 307, 308, 318, 360, 361, 611, 684, 685.
- Heckenberger, Michael 3, 11, 21, 23, 35, 43, 130, 170, 184, 194, 198, 199, 205, 313, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 247, 263, 264, 322, 348, 378, 384, 404, 405, 418, 419, 422, 456, 607, 618, 620, 626, 692.
- Hilbert, Peter Paul 9, 27, 72, 96, 138, 191, 239, 242, 261, 270, 280, 281, 291, 296, 297, 307, 313, 320, 322, 326, 338, 339, 340, 345, 346, 348, 353, 361, 364, 366, 379, 383, 384, 385, 410, 425, 429, 499, 583, 603, 616, 620, 621, 522.
- Lathrap, Donald 13, 15, 22, 27, 37, 44, 190, 191, 194, 198, 199, 242, 244, 247, 266, 313, 320, 343, 352, 353, 356, 363, 366, 370, 372, 376, 378, 380, 383, 384, 386, 392, 395, 405, 410, 412, 417, 422, 425, 427, 488, 499, 500, 507, 520, 561, 582, 618, 619, 620, 625, 626.
- Meggers, Betty Jane 9, 13, 15, 22, 29, 36, 37, 61, 69, 71, 72, 91, 92, 93, 94, 96, 99, 124, 125, 128, 129, 137, 138, 139, 140, 142, 156, 165, 192, 194, 196, 197, 199, 232, 250, 257, 266, 269, 281, 320, 326, 349, 351, 352, 353, 356, 358, 360, 364, 366, 370, 376, 377, 392, 422, 425, 429, 485, 487, 488, 489, 491, 492, 497, 498, 499, 507, 541, 577, 582, 596, 599, 616, 617, 618, 620, 622, 623, 625.
- Miller, Eurico 22, 36, 39, 42, 131, 137, 190, 192, 318, 366, 368, 369, 370, 371, 376, 379, 384, 404, 410, 411, 415, 422, 423, 424, 425, 429, 431, 439, 441, 442, 444, 445, 446, 448, 449, 450, 451, 452, 456, 463, 465, 466, 499.
- Neves, Eduardo G. 3, 4, 13, 14, 15, 16, 21, 23, 26, 27, 28, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 48, 68, 89, 92, 127, 132, 170, 184, 191, 198, 199, 250, 263, 278, 279, 286, 294, 295, 295, 307, 310, 313, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 335, 336, 337, 338, 340, 345, 346, 347, 348, 349, 369, 370, 371, 372, 378, 381, 384, 385, 386, 3849, 396, 404, 410, 412, 417, 419, 422, 425, 429, 432, 441, 454, 480, 500, 501, 575, 619, 621, 624, 625, 626, 686, 688.
- Nimuendaju, Curt U. 9, 27, 104, 106, 109, 113, 156, 164, 192, 194, 196, 300, 211, 212, 227, 251, 252, 253, 255, 267, 268, 280, 287, 290, 307, 404, 432, 499, 603, 611, 627.
- Nordeskiold, Erland 21, 28, 256, 268, 441, 448, 456, 465, 471, 480, 481, 620.
- Palmatary, Helen 196, 252, 268, 269.
- Roosevelt, Anna C. 24, 26, 27, 35, 36, 37, 61, 64, 71, 104, 120, 124, 135, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 155, 156, 164, 170, 199, 205, 240, 250, 254, 263, 266, 270, 275, 276, 278, 279, 290, 619, 623, 626.
- Rostain, Stéphen 3, 4, 21, 25, 26, 29, 35, 37, 40, 59, 60, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 76, 84, 85, 86, 93, 94, 96, 98, 99, 101, 103, 104, 109, 114, 117, 120, 198, 232, 280, 291, 377, 488, 489, 501, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 510, 512, 513, 515, 516, 516, 517, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 560, 561, 619, 686, 694.

- Rouse, Irving 22, 37, 61, 156, 191, 199, 321, 410, 577, 578, 617, 619, 620, 626.
- Schaan, Denise P. 21, 23, 35, 36, 42, 43, 71, 92, 95, 100, 124, 126, 128, 131, 132, 138, 139, 142, 222, 223, 229, 232, 234, 250, 251, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 266, 268, 270, 271, 297, 405, 456, 466, 494, 596, 604, 610, 623.
- Simões, Mário 9, 13, 15, 22, 26, 36, 61, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 147, 148, 150, 154, 155, 156, 164, 165, 170, 177, 182, 192, 194, 196, 197, 198, 209, 210, 211, 315, 236, 238, 239, 244, 259, 306, 307, 309, 310, 313, 315, 317, 318, 360, 361, 364, 366, 367, 369, 370, 371, 378, 384, 423, 424, 425, 429, 431, 441, 444, 616, 617, 692.

LUGARES (VALES DE RIOS, MUNICÍPIOS, ESTADOS, PAÍSES E REGIÕES)

- Acre 5, 24, 29, 418, 433, 434, 435, 436, 438, 452, 456, 466, 515.
- Amanã (lago) 4, 337, 338, 339, 340, 341, 343, 345, 346, 347, 348, 349, 367, 624.
- Amapá 3, 24, 25, 26, 28, 68, 69, 71, 72, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 227, 232, 2364, 257, 280, 281, 288, 281, 596, 603, 604, 611, 612, 622, 687, 690, 691, 692, 692, 693.
- Amazonas (rio), Amazonas (Estado) 3, 4, 13, 14, 15, 16, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 35, 40, 55, 60, 61, 62, 68, 69, 71, 72, 74, 83, 86, 91, 92, 97, 109, 125, 127, 131, 132, 135, 138, 140, 141, 142, 151, 153, 161, 169, 179, 181, 184, 189, 190, 194, 199, 203, 205, 221, 222, 223, 229, 230, 232, 233, 234, 242, 247, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 262, 263, 266, 267, 268, 269, 270, 275, 278, 279, 281, 288, 289, 290, 291, 293, 294, 295, 298, 306, 308, 311, 316, 318, 320, 322, 329, 337, 338, 340, 346, 348, 349, 361, 367, 369, 370, 371, 372, 373, 376, 377, 378, 380, 383, 384, 386, 390, 392, 393, 398, 399, 400, 410, 422, 425, 431, 432, 434, 440, 480, 486, 519, 520, 521, 531, 534, 578, 581, 583, 585, 592, 595, 601, 602, 613, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 627, 688, 690, 692.
- Apostadero 64, 619.
- Bagua (Peru) 5, 519, 520, 521, 522, 523, 534, 231.
- Beni (rio) 5, 441, 455, 456, 469.
- Bolívia 5, 14, 16, 29, 418, 439, 440, 441, 446, 450, 451, 452, 455, 456, 480, 556, 585, 602, 608, 609, 615.
- Colômbia 30, 68, 108, 135, 156, 165, 175, 392, 488, 498, 556, 608, 621, 622, 625.
- Guaporé (rio) 5, 26, 28, 36, 39, 190, 194, 415, 419, 439, 440, 440, 441, 442, 444, 446, 447, 448, 449, 451, 452, 453, 454, 462, 466, 467, 613.
- Guiana 22, 59, 75, 135, 137, 138, 140, 145, 146, 147, 156, 165, 232, 244, 257, 620, 622.
- Guiana Francesa 40, 75, 92, 95, 103, 227, 232.
- Guianas 22, 24, 25, 26, 37, 59, 93, 96, 232, 233, 234, 279, 280, 281, 288, 591, 608, 609, 617, 619, 626.
- Iténez (rio) 5, 28, 440, 455, 456, 457, 463, 466, 467.
- Jaén (Peru) 5, 519, 520, 521, 523, 524, 531, 535.
- Japurá (rio) 338, 339, 340, 349, 410, 618, 690.
- Llanos de Mojos 5, 28, 440, 446, 448, 449, 451, 452, 455, 456, 457, 458, 369, 470, 471, 473, 477, 479, 480, 481, 602, 603, 604, 605, 608, 609, 614, 615.
- Madeira (rio) 6, 25, 27, 28, 29, 38, 39, 68, 126, 190, 194, 318, 349, 351, 353, 360, 361, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 374, 376, 377, 378, 380, 395, 403, 404, 405, 410, 411, 412, 415, 417, 418, 419, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 440, 452, 480, 499, 483, 601, 604, 615, 618, 625.

- Mamoré (rio) 440, 470, 471.
- Manaus 336, 338, 351, 377, 384, 385, 393, 432, 605, 621, 625.
- Marajó 21, 25, 35, 71, 72, 104, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 134, 192, 197, 222, 232, 254, 260, 262, 268, 269, 270, 278, 290, 594, 598, 599, 604, 609, 611, 613, 614, 618, 622, 623.
- Maranhão 3, 236, 28, 135, 138, 148, 155, 156, 157, 167, 168, 189, 171, 177, 183, 613, 615, 687.
- Marañón (rio) 29, 504, 534, 548, 613, 694.
- Monte Alegre 4, 26, 27, 226, 227, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 287, 288, 289, 290, 291, 688.
- Napo (rio) 5, 29, 125, 129, 130, 132, 366, 367, 370, 371, 373, 377, 392, 395, 399, 422, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 494, 497, 498, 499, 500, 503, 518, 625, 692.
- Negro (rio) 27, 60, 320, 322, 338, 349, 367, 368, 369, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 378, 380, 384, 389, 392, 395, 396, 418, 419, 422, 424, 425, 429, 431, 432, 581, 583, 608, 612, 625.
- Orinoco (rio) 25, 40, 59, 60, 61, 62, 64, 68, 72, 74, 76, 131, 236, 239, 244, 253, 357, 266, 231, 332, 402, 410, 418, 522, 619, 620, 622, 626.
- Pará (Estado) 3, 23, 24, 26, 28, 40, 61, 133, 134, 135, 136, 138, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 155, 156, 165, 170, 208, 255, 276, 295, 608, 613, 685, 688, 690, 691, 692.
- Pastaza (rio) 29, 503, 504, 507, 508, 513, 514, 518.
- Peru 14, 16, 29, 35, 36, 38, 68, 392, 394, 418, 500, 501, 504, 507, 511, 512, 513, 519, 520, 527, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 556, 608, 620, 622, 693, 694.
- Rondônia 24, 37, 190, 403, 415, 431, 439, 440, 441, 446, 454, 456, 615, 687, 688, 689, 693.
- Roraima 24.
- Santarém 21, 24, 27, 35, 37, 61, 131, 222, 232, 247, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 260, 261, 262, 266, 267, 269, 270, 271, 273, 276, 278, 279, 280, 284, 286, 290, 291, 320, 410, 594, 608, 610, 624, 626, 627, 691.
- Solimões (rio) 27, 28, 117, 320, 322, 332, 337, 338, 339, 346, 348, 349, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 380, 383, 384, 385, 386, 387, 389, 390, 392, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 410, 422, 424, 425, 429, 430, 431, 432, 486, 583, 618, 621, 625, 626, 688, 690.
- Suriname 36, 59, 66, 76, 85, 95, 99.
- Tapajós (rio) 131, 190, 194, 197, 203, 209, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 261, 263, 266, 267, 269, 270, 279, 419.
- Tefé (lago, rio, cidade) 27, 279, 286, 332, 339, 366, 367, 368, 379, 380, 381, 385, 398, 430, 624, 625.
- Trombetas (rio) 72, 131, 251, 253, 256, 263, 265, 266, 269, 270, 271, 279, 284, 286, 293, 294, 298, 310, 320, 404, 410, 608, 613, 624.
- Venezuela 22, 30, 61, 86, 135, 138, 156, 242, 244, 247, 266, 239, 340, 556, 608, 609, 617, 620, 622, 626.
- Ucayali (rio) 367, 370, 372, 392, 394, 395, 399, 410, 412, 427, 486, 488, 520, 561, 604, 625.
- Upano 488, 504, 549, 550, 551, 553, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561.
- Xingu (rio) 14, 16, 26, 44, 45, 49, 50, 88, 120, 138, 139, 140, 145, 146, 147, 182, 185, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 220, 221, 222, 223, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 418, 419, 446, 456, 583, 587, 588, 602, 608, 609, 611, 613, 615.

COMPLEXOS CERÂMICOS, CULTURAS, POVOS INDÍGENAS, E TRONCOS LINGUÍSTICOS

- Açutuba 4, 72, 263, 319, 320, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 335, 336, 340, 359, 361, 369, 387, 410, 411, 418, 430, 431, 595, 612, 624.
- Arawak 21, 26, 30, 37, 101, 126, 130, 242, 243, 244, 246, 247, 256, 322, 338, 340, 404, 418, 419, 441, 585, 607, 620, 624, 626.
- Aristé 25, 59, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 86, 93, 94, 96, 97, 101, 116, 232, 499, 612, 625.
- Aruã 68, 69.
- Aruak 78, 109, 193, 194, 196, 198, 203, 205, 210, 432.
- Arauquinoide 3, 22, 25, 59, 64, 66, 67, 68, 74, 75, 76, 77, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 245, 247, 591, 594, 617, 619.
- Ashuar 29, 549.
- Asurini 14, 16, 44, 45, 49, 50, 88, 183, 200, 587, 588, 591, 602, 691.
- Axinim 27, 318, 351, 358, 360, 361, 362, 363, 364, 372, 380, 412, 415, 424, 431, 432, 595, 618.
- Bacabal 5, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 446, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 624.
- Barbakoeba 3, 64, 66, 67, 74, 75, 76, 77, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 619, 688.
- Barrancoide 22, 25, 30, 59, 62, 64, 65, 126, 187, 236, 244, 247, 262, 266, 307, 310, 316, 317, 319, 320, 321, 322, 332, 340, 406, 407, 408, 411, 412, 413, 414, 415, 417, 418, 419, 580, 588, 591, 595, 617, 619, 620, 624, 626.
- Caiambé 4, 332, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 345, 346, 347, 348, 349, 378, 379, 385, 595, 618.
- Casarabe 5, 28, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 480, 481.
- Guarani 120, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 203, 205, 432, 499, 500, 582, 585, 603, 627, 628.
- Guarita 27, 126, 310, 313, 316, 328, 353, 360, 366, 373, 375, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 399, 423, 480, 499, 579, 600, 621, 622, 625.
- Hertenrits 64, 67, 74, 76, 83, 86, 619.
- Karib 26, 30, 101, 193, 194, 196, 198, 203, 205, 211, 291.
- Konduri 173, 242, 243, 252, 253, 254, 256, 257, 263, 269, 275, 280, 281, 282, 284, 286, 288, 289, 290, 291, 293, 294, 295, 297, 298, 200, 300, 359, 364, 588, 591, 595, 597, 601, 602, 623.
- Koriabo 25, 26, 30, 59, 72, 73, 94, 97, 99, 100, 101, 218, 226, 232, 233, 234, 275, 280, 281, 287, 288, 289, 290, 291, 366, 499, 591, 625.
- Kotosh 520.
- Kuikuro 237, 611.
- Kwatta 64, 66, 67, 74, 76, 619.
- Mabaruna 62, 64, 619, 622.
- Manacapuru 4, 310, 319, 320, 323, 324, 325, 326, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 339, 345, 346, 348, 361, 364, 374, 384, 385, 395, 397, 412, 430, 431, 480, 595, 618.
- Mazagão 69, 71, 94, 96, 97, 98, 101, 232, 622.
- Maracá 25, 68, 94, 96, 101, 232, 596, 600, 604, 645.
- Marajoara 3, 25, 71, 94, 95, 97, 98, 101, 104, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 192, 290, 238, 364, 366, 422, 499, 582, 586, 588, 592, 594, 595, 596, 599, 601, 602, 603, 621, 623, 625.

- Mayo-Chinchipe 29, 534.
- Montegrande 519, 520, 521, 522, 523, 529, 530, 531.
- Napo 130, 132, 366, 375, 395, 397, 399, 485, 487, 490, 491, 492, 494, 497, 498, 499, 500, 579, 592, 596, 625.
- Omágua 425, 432, 485, 486, 497, 499, 500.
- Pano 189, 394, 404, 418, 441, 585, 604.
- Palikur 71, 74, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 113, 114, 117, 118, 119, 603.
- Paredão 320, 332, 333, 348, 351, 353, 354, 355, 357, 358, 359, 361, 363, 364, 372, 378, 380, 385, 412, 415, 430, 431, 432, 480, 595, 602, 605, 611, 618.
- Pocó 72, 167, 262, 263, 270, 293, 294, 295, 301, 310, 313, 320, 329, 340, 348, 361, 364, 404, 410, 411, 418, 607, 624.
- Santarém 27, 222, 232, 347, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 251, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 275, 278, 279, 280, 281, 282, 284, 288, 289, 290, 588, 591, 595, 597, 598, 599, 601, 603, 604, 605, 606, 607, 622, 626, 627.
- Saladoide 22, 25, 40, 59, 61, 62, 63, 191, 266, 294, 300, 321, 329, 332, 340, 404, 410, 411, 413, 418, 419, 617, 619, 620, 626.
- Sangay 488, 489, 549, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 559, 560, 561.
- Saracá 27, 305, 306, 307, 309, 310, 313, 315, 316, 317, 318, 586, 591, 593, 595.
- San Isidro 519, 520, 521, 523, 524, 527, 529, 530, 531.
- Shipibo-Conibo 189, 356, 427, 492, 582, 601.
- Tapajó 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 260, 261, 263, 266, 267, 268, 269, 273, 627.
- Tefé 339, 340, 341, 345, 348, 366, 378, 385, 398, 399, 499, 579, 596, 625.
- Thémire 64, 66, 67, 68, 74, 75, 76, 77, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 619.
- Tradição Borda Incisa 23, 27, 28, 93, 126, 174, 196, 197, 199, 210, 218, 240, 270, 307, 309, 310, 312, 313, 316, 317, 320, 321, 335, 338, 340, 345, 346, 348, 349, 361, 378, 384, 395, 412, 424, 580, 587, 588, 591, 594, 595, 596, 598, 606, 616, 618, 619, 620, 637.
- Tradição Inciso-Ponteadado 23, 30, 196, 197, 199, 209, 213, 236, 240, 246, 247, 257, 263, 266, 269, 270, 271, 280, 281, 290, 291, 306, 309, 313, 315, 316, 317, 318, 360, 361, 580, 587, 590, 591, 594, 598, 616, 618, 622.
- Tradição Mina 3, 23, 25, 26, 28, 36, 38, 40, 61, 92, 93, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 210, 446, 584, 592, 624.
- Tradição Polícroma da Amazônia 25, 125, 126, 127, 129, 132, 190, 233, 281, 306, 328, 335, 339, 348, 366, 367, 384, 390, 392, 399, 404, 415, 416, 417, 422, 432, 590, 597, 604, 621, 623, 625.
- Tradição Pocó-Açutuba 27, 30, 40, 126, 129, 279, 286, 307, 313, 314, 319, 321, 322, 332, 335, 338, 340, 346, 348, 349, 413, 419, 429, 430, 500, 580, 586, 588, 589, 590, 595, 600, 620, 624, 626.
- Tradição Tupiguarani 137, 170, 181, 182, 185, 187, 190, 191, 196, 197, 209, 210, 218, 220, 446, 628.
- Tupi 26, 28, 30, 37, 126, 127, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 203, 205, 209, 211, 256, 261, 378, 383, 393, 394, 404, 418, 419, 422, 432, 441, 486, 499, 500, 583, 585, 594, 603, 613, 625, 627, 628.
- Tupinambá 181, 182, 183, 184, 185, 187, 192, 378, 582, 585, 628.
- Tutishcainyo (Peru) 395, 410, 507, 520, 622, 626.
- Upano (Equador) 29, 514, 549, 551, 553, 554, 555, 556, 559, 560, 561.

AGRADECIMENTOS

Esta publicação só foi possível graças ao esforço e cooperação de todos os participantes da oficina realizada no Museu Paraense Emílio Goeldi, em novembro de 2014, e dos autores convidados a participar do conteúdo desta obra. Muitos deles, além de contribuírem com seus artigos originais, também colaboraram nos verbetes do glossário e nos dados compilados para a confecção do mapa e da tabela cronológica. O livro reúne trabalhos de 45 autores e coautores, refletindo uma mobilização coletiva de excepcional expertise.

O **Museu Paraense Emílio Goeldi** foi, desde a realização da oficina, não só a casa institucional do projeto, mas também o porto seguro para todo tipo de apoio: a disponibilização do espaço e da estrutura necessária para a realização do evento, a liberação das coleções arqueológicas para as sessões práticas da oficina, as orientações da equipe editorial e o apoio fundamental de estudantes e estagiários, tanto na organização da oficina quanto na preparação do material para a publicação. Gostaríamos de agradecer nominalmente à Maura Imazio da Silveira (curadora do acervo arqueológico do MPEG), Regina Farias e Camila Fernandes (responsáveis pela Reserva técnica da Arqueologia), Edna Moutinho e Regina Noronha (secretaria da área de Arqueologia), Edithe Pereira (pesquisadora da Arqueologia), Ana Vilacy Moreira Galúcio (então coordenadora de Ciências Humanas), Maria Emília da Cruz Sales (coordenadora de Comunicação e Extensão) e à equipe do Núcleo Editorial de Livros do MPEG.

À **Wenner Gren Foundation for Anthropology** e à **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior** (CAPES) devemos agradecer pelo apoio financeiro para a realização da oficina, possibilitando-nos trazer pesquisadores dos quatro cantos do Brasil e de alguns cantos do mundo para o encontro que deu origem a esta publicação.

Ao **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** (IPHAN), por meio da Superintendência do Pará, que desde o início do projeto sinalizou o apoio para a publicação, compromisso aqui plenamente honrado, ao qual devemos a editoração e impressão desta obra.

Agradecemos ainda a Anna Browne Ribeiro, pelas traduções e apoio com imagens; Bruno Moraes pela confecção do mapa; Morgan Schmidt, pelos verbetes do glossário; Kevin McDaniel, pela revisão dos resumos em inglês; Hannah Nascimento, pela contribuição no glossário; Victor Fernandes Carrera, pela verificação e preparação dos textos; Raimundo Jorge Mardock e Erêndira Oliveira, pelos desenhos utilizados no glossário; e Glenn Shepard, pela fotografia da capa.



Participantes da oficina internacional *“Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese”* realizada no Museu Paraense Emílio Goeldi em Belém em novembro de 2014.

Da esquerda para a direita, em pé: Doracy M. Souza, Claide de Paula Moraes, Santiago Rivas Panduro, Fernando Ozório Almeida, Edithe Pereira, Eduardo Góes Neves, Stéphen Rostain, Helena Pinto Lima, Alexandre Guida Navarro, Cristiana Barreto, Arkley Bandeira, Carla Jaimes Betancourt, Fabíola Andrea Silva, Silvia Cunha Lima, Sanna Saunaluoma, Silvana Zuse, Gabriela Ortiz, Morgan Schmidt. Sentados: Carlos Augusto Zimpel, Erêndira Oliveira, Hannah Fernandes Nascimento, Jaqueline Belletti, Lorena Garcia, Bruna Rocha, Anna Browne Ribeiro, Claude Coutet, Manuel Arroyo-Kalin, Elisângela Regina de Oliveira, Lilian Panachuck.

SOBRE OS AUTORES E SUAS PESQUISAS

ADÍLIA DOS PRAZERES DA ROCHA NOGUEIRA
Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, INPA.

ALAN DA SILVA NAZARÉ
Graduando; bolsista técnico do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá.

ALEXANDRE GUIDA NAVARRO
Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutor em Antropologia pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Desenvolve pesquisa na área Maia, em especial no sítio arqueológico de Chichén Itzá e nos sítios palafíticos ou estearias da Baixada Maranhense, Brasil. Interessa-se pelos temas: formação do Estado na Mesoamérica, guerra, complexidade social, cacicados amazônicos e comércio de longa distância.

ARKLEY BANDEIRA
Brandi & Bandeira Consultoria Cultural e Casa da Memória do Instituto do Ecomuseu do Sítio do Físico, com sede em São Luís (MA). Graduado em História e especialista em Educação Ambiental pela Universidade Estadual do Maranhão – Campus de São Luís. Mestre e doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Desde 2005 coordena o projeto acadêmico Sambaquis do Maranhão, com a colaboração de instituições nacionais e internacionais. Atualmente é coordenador da Casa da Memória do Instituto do Ecomuseu do Sítio do Físico e diretor da Brandi & Bandeira Consultoria Cultural. O foco da sua atuação é o estudo dos grupos pescadores-coletores costeiros e povos ceramistas no Maranhão.

BRUNO MARCOS MORAES
Graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Desenvolve estudos sobre Arqueologia Pré-Colonial, especialmente na aplicação de geotecnologias em Arqueologia. Atualmente trabalha com arqueologia preventiva na região amazônica.

CARLA JAIMES BETANCOURT
Universidad Mayor de San Andrés, La Paz./Instituto Alemán de Arqueología. Realizó su doctorado de Estudios de Antropología y Arqueología Americana en la Universidad de Bonn, Alemania, después de haber culminado con la licenciatura en Arqueología de la Universidad Mayor de San Andrés. Desde hace más de diez años es codirectora del Proyecto Arqueológico Boliviano Alemán en Mojos, del Instituto Alemán de Arqueología. El proyecto investiga, desde hace más de quince años, sitios monumentales y habitacionales en la Amazonía boliviana. Actualmente su investigación está concentrada en sitios rodeados de zanjas en la Provincia Iténez.

CARLOS AUGUSTO ZIMPEL
Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Mestre em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é Professor Assistente I e chefe do Departamento de Arqueologia da Fundação Universidade Federal de Rondônia e membro do corpo editorial da revista Veredas Amazônicas. Tem experiência na área de Arqueologia, com ênfase em Arqueologia Pré-Histórica, atuando principalmente nos seguintes temas: Arqueologia, Rondônia, sudoeste amazônico.

CLAIDE DE PAULA MORAES

Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). É coordenador do curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e membro do Laboratório de Arqueologia dos Trópicos (Arqueotrop/MAE/USP). Desenvolve pesquisas em Arqueologia Amazônica, principalmente sobre o processo de formação de sítios arqueológicos, tecnologia cerâmica e tecnologia lítica.

CLAUDE COUTET

Asociación AIMARA para el inventario material, la arquitectura y la pesquisa arqueológica en la Guyana Francesa. Doctora en Arqueología Precolombina de la Universidad PARIS 1 Panthéon-Sorbonne. Sus temas de pesquisa son la tecnología cerámica amerindia (en colaboración con alfareras indígenas) y el desarrollo de la cultura Barbakoeba en la Guyana Francesa.

CRISTIANA BARRETO

Programa de Capacitação Institucional, Museu Paraense Emílio Goeldi e Laboratório de Arqueologia dos Trópicos, Arqueotrop (MAE/USP). Bacharel em História, mestre em Antropologia Social e doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP), realiza pesquisas arqueológicas em acervos cerâmicos da Amazônia, com foco nos significados simbólicos destes artefatos, tendo produzido trabalhos sobre cerâmicas funerárias, representação do corpo na cerâmica e outros usos rituais desses artefatos. Trabalhou com cerâmicas Marajoara e atualmente realiza as análises cerâmicas junto ao projeto Arqueologia de Monte Alegre, em parceria com pesquisadores do MPEG e da UFOPA.

EDUARDO GÓES NEVES

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). É professor titular de Arqueologia Brasileira do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, pesquisador do Centro de Estudos Ameríndios (CESTA) da USP e coordenador do Laboratório de Arqueologia dos Trópicos (Arqueotrop) do MAE/USP. Coordena projetos de pesquisa arqueológica na Amazônia há mais de 20 anos, tendo orientado mais de 40 mestrados e doutorados em temas relacionados à arqueologia amazônica, muitos deles decorrentes do Projeto Amazônia Central. Atualmente inicia novo programa de pesquisas no vale do Rio Guaporé, no sudoeste da Amazônia.

EDUARDO KAZUO TAMANAHA

Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM/MCTI). Graduado em História pela PUC-SP, mestre em Arqueologia e doutorando pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Trabalha há 13 anos com a arqueologia da região amazônica, especialmente no estado do Amazonas, bacia do rio Solimões, onde atua como arqueólogo junto ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM). É também pesquisador do Laboratório de Arqueologia dos Trópicos do MAE/USP.

ELISANGELA REGINA DE OLIVEIRA

Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Graduada em História e mestre em Arqueologia pela Universidade de São Paulo. Entre 2006 e 2011 foi pesquisadora visitante no Museu Paraense Emílio

Goeldi (Belém/PA), com bolsa PCI/CNPq. Entre 2012 e 2013 atuou como consultora PRODOC (UNESCO) no CNA/IPHAN, em Brasília. Atualmente é professora no Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e membro da Coordenação do Núcleo Regional Norte (2014-2016) da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB). Atua nas linhas de pesquisa: Significados e potencialidades dos artefatos; Organização social e uso do espaço em Arqueologia.

FABÍOLA ANDRÉA SILVA

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da USP; Pós-Doutorado em Arqueologia pelo MAE/USP. Desenvolve pesquisas em Antropologia (estudos de cultura material e curadoria de coleções etnográficas) e em Arqueologia (etnoarqueologia e arqueologias colaborativas). É docente, pesquisadora e coordenadora do Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT/MAE).

FERNANDO OZÓRIO ALMEIDA

Universidade Federal de Sergipe (UFS). Graduado em História pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), mestre e doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), e atualmente é docente do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Trabalha com a arqueologia (especialmente a cerâmica) dos grupos de línguas Tupi-Guarani (Tradição Tupi-Guarani) e com a chamada Tradição Polícroma da Amazônia. Em ambos os contextos, as pesquisas foram realizadas em sítios arqueológicos localizados na Amazônia meridional. Dentre os temas mais relevantes destacam-se: a busca da compreensão da variabilidade das cerâmicas pintadas da Amazônia, a ligação entre língua e cultura material, e o papel dos grupos de terra firme na história pré-colonial dos grupos indígenas.

FRANCISCO PUGLIESE

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Graduado em História pela Universidade de São Paulo, mestre e doutorando em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Participou de diversos projetos na Amazônia brasileira e no Brasil Central, especializando-se na Arqueologia da Floresta Tropical, com ênfase no sudoeste amazônico. Entre 2009 e 2013 atuou na gestão pública do patrimônio arqueológico junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

FRANCISCO VALDEZ

Institut de Recherche pour le Développement (IRD, França). É Antropólogo/Arqueólogo com PhD pela Universidade de Paris X, França. É antropólogo americanista, especialista em Arqueologia Tropical. Trabalhou principalmente nas seguintes áreas: La Tolita, em Esmeraldas, na costa do Equador (1982 a 1990); na bacia de Sayula, em Jalisco, México (1990 a 1997); e na Província de Zamora Chinchipe, na Alta Amazônia, no Equador (1999 a 2015).

GEOFFROY DE SAULIEU

Institut de Recherche pour le Développement (IRD, França). Investigador en el Instituto para la Investigación y el Desarrollo (IRD) en la Unidad Mixta de Investigación 208 “Patrimonios Locales”, es arqueólogo tropicalista. Se dedica a estudio del desarrollo de las sociedades agrocerámicas de los dos macizos forestales mas grandes del mundo, en particular en la Alta Amazonia y en el sur de Camerún.

GLENDA CONSUELO BITTENCOURT FERNANDES

Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG/MCTI). Mestre em Antropologia com ênfase em Arqueologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), especialista em Arqueologia pela UFPA e graduada em Licenciatura Específica em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Atualmente é bolsista do Programa de Capacitação Institucional (PCI/CNPq) do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG).

HANNAH FERNANDES NASCIMENTO

Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG/MCTI). Licenciada e bacharel em Ciências Sociais e especialista em Arqueologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Participou de projetos de arqueologia, principalmente no Baixo Amazonas. Desenvolve pesquisa relacionada à representação antropomorfa na Cerâmica Tapajônica. Atualmente é supervisora de laboratório do Projeto Arqueológico Carajás, desenvolvido pela área de Arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG).

HELENA PINTO LIMA

Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG/MCTI). Arqueóloga, pesquisadora adjunta do Museu Paraense Emílio Goeldi. Possui doutorado pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo MAE/USP. Mantém vínculo com a Universidade Federal do Amazonas como pesquisadora associada ao Museu Amazônico e professora de Licenciatura Indígena, Políticas Educacionais e Desenvolvimento Sustentável, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM). Desenvolve pesquisas acadêmicas ligadas à arqueologia amazônica e trabalhos de extensão, capacitação e educação ligados à gestão de patrimônio cultural material e imaterial.

JAQUELINE BELLETTI

Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP) e Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSME). É mestranda em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e pesquisadora associada ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Sua área de pesquisa é o Médio-Alto Solimões, desenvolvendo estudos sobre a Tradição Polícroma da Amazônia, com ênfase na formação do registro arqueológico, variabilidade artefactual, continuidade e mudanças nos conjuntos cerâmicos, escolhas tecnológica e seus significados.

JAQUELINE GOMES

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). É mestranda em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e pesquisadora do Laboratório Arqueologia dos Trópicos (Arqueotrop) do MAE/USP. Participa do grupo de pesquisa Organização Social e Manejo Participativo dos Recursos Renováveis e Não Renováveis na Amazônia, do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSME). Atuou como pesquisadora do CNPq na área de arqueologia do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSME), realizando trabalhos de campo (prospecção e escavação), análise cerâmica, conservação de material arqueológico e atividades de extensão em educação patrimonial para comunidades tradicionais em Unidade de Conservação da região do Médio Solimões e Baixo Japurá, no estado do Amazonas.

JELLY SOUZA LIMA

Graduanda, bolsista técnica do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA).

JOANNA TROUFFLARD

University of Florida. Mestre em arqueologia pela Universidade Nova de Lisboa e doutoranda em Antropologia, área de concentração em Arqueologia na University of Florida. Desenvolve pesquisas sobre indústrias cerâmicas de populações indígenas que ocuparam o platô de Belterra na região de Santarém nos períodos pré-colonial tardio e colonial. Tem experiência de campo e laboratório na França, Portugal e Brasil, com ênfase na Amazônia brasileira. Atua principalmente nas áreas de arqueologia amazônica pré-colonial, ecologia histórica, arqueologia pública, análise cerâmica e colecionismo. Atualmente é bolsista da CAPES.

JOÃO DARCY SALDANHA

Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA). Doutorando em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). É arqueólogo do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá. Trabalha com Arqueologia Amazônica, principalmente com análises espaciais e tecnologia cerâmica.

JOSHUA TONEY

University of Florida, Anthropology, Alumnus. Doutor em Arqueologia pela Universidade da Florida. Desenvolve pesquisas sobre cerâmicas do Alto Xingu e tem interesse em Arqueologia e Antropologia da Amazônia, da região Circum-Caribenha e do nordeste da América do Norte.

LETÍCIA MORGANA MÜLLER

Scientia Consultoria Científica Ltda. Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) e pesquisadora da Scientia Consultoria Científica Ltda. Desenvolve pesquisas em bioarqueologia e análise de material cerâmico.

LÍLIAN PANACHUCK

Graduada em Arqueologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e mestrado na Universidade de São Paulo. Entre os anos de 2007 e 2014 realizou pesquisas preventivas na região amazônica, compondo a equipe da Scientia Consultoria Científica. Desde então vem atuando em pesquisas arqueológicas na região do oeste paraense, com ênfase na cerâmica do presente e do passado.

LORENA GARCIA

Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. É membro do Projeto Território e Memória dos Asurini do Xingu: Arqueologia Colaborativa Na T.I. Koatinemo – Pará, Brasil. Trabalha com Arqueologia no Médio-Baixo Xingu, com ênfase no estudo das cerâmicas arqueológicas e sua inter-relação na formação de territórios indígenas e paisagens.

LUIZA ARAÚJO

Bolsista do Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG/MCTI). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

MANUEL ARROYO-KALIN

Institute of Archaeology, University College of London. Arqueólogo chileno, doutor em arqueologia pela Universidade de Cambridge e professor da UCL no Institute of Archaeology, Reino Unido. Atua em pesquisas sobre Arqueologia da Amazônia, com estudos nas áreas de etnoarqueologia e geoarqueologia. Atualmente dedica-se ao estudo da arqueologia do rio Napo, na Alta Amazônia.

MÁRCIO AMARAL

Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM). Graduando em Arqueologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Atua em pesquisas arqueológicas desde 2001, como associado a projetos de pesquisa, sobretudo na região do baixo curso do rio Amazonas. É autor de vários artigos e capítulos de livros, e atualmente é técnico em arqueologia no Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM).

MARIA DO CARMO MATTOS MONTEIRO DOS SANTOS

Scientia Consultoria Científica Ltda. Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa, Portugal; mestre em Ciências pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Atualmente é diretora da Scientia Consultoria Científica Ltda. e desenvolve pesquisas no âmbito da Arqueologia Preventiva, envolvendo as fases do licenciamento ambiental de empreendimentos potencialmente lesivos aos bens arqueológicos nacionais.

MARIANA PETRY CABRAL

Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA). Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). É arqueóloga do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá. Trabalha com Arqueologia Amazônica, com experiência em arqueologias indígenas e colaborativas.

MAURA IMAZIO DA SILVEIRA

Museu Paraense Emílio Goeldi. Graduada em Arqueologia pela Universidade Estácio de Sá; mestre e doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é representante da área de Arqueologia no Programa de Estudos Costeiros (PEC) do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), pesquisadora titular e curadora da Reserva Técnica de Arqueologia Mário Ferreira Simões da Coordenação de Ciências Humanas do MPEG; ministra disciplinas em cursos de pós-graduação e é membro da comissão de seleção (2013-2015) da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB). Tem experiência na área de Arqueologia, com ênfase em Arqueologia Pré-Histórica, atuando principalmente nos seguintes temas: Arqueologia Amazônica, sudeste do Pará, salvamento arqueológico e arqueologia do litoral.

MICHAEL HECKENBERGER

University of Florida. É professor associado do Departamento de Antropologia da Universidade da Flórida, em Gainesville. Trabalha com arqueologia e etnologia da Amazônia há 20 anos, tendo coordenado o projeto Etnoarqueológico do Xingu e atuado na Amazônia Central e Guiana. Contribuiu particularmente para a Arqueologia da Amazônia na interface da arqueologia, etnoarqueologia, etnologia e história, com temáticas sobre paisagens culturais, padrão de assentamento, complexidade social, história indígena e memória, poder e cosmologia. Seus estudos avançaram particularmente nas teorias sobre identidade e

história dos povos Arawak. Seu livro *The Ecology of Power* é referência obrigatória de estudos em Arqueologia da Amazônia.

MICHEL BUENO FLORES DA SILVA

Graduando; bolsista técnico do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA).

RENATO KIPNIS

Scientia Consultoria Científica Ltda. Doutor em Antropologia/Arqueologia pela University of Michigan, Ann Arbor; e pós-doutorado pelo Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é diretor da Scientia Consultoria Científica Ltda. e desenvolve pesquisas nas regiões do Brasil Central e Amazônia, nas áreas de evolução humana, ecologia humana, arqueologia, pré-história, caçadores-coletores, zooarqueologia e paleoecologia.

SANNA SAUNALUOMA

Doutora em arqueologia pela Universidade de Helsinque, Finlândia. Suas principais áreas de interesse em pesquisa são Arqueologia Amazônica, Arqueologia Ambiental e Arqueologia Etno-histórica.

SANTIAGO RIVAS PANDURO

Instituto Nacional de Cultura, em Loreto, Peru. Arqueólogo por la Universidad Mayor de San Marcos, Maestrante en Ciencias en Planificación y Manejo de Áreas Naturales Protegidas por la UNAP. Especialista en Arqueología de la Amazonía peruana. Arqueólogo y Sub Director de la Sub Dirección Desconcentrada de Patrimonio Cultural, Industrias Culturales e Interculturalidad del Ministerio de Cultura. Presidente de la organización del IV Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica (IV EIAA), que se llevará a cabo en la ciudad de Iquitos, en agosto de 2016.

SILVANA ZUSE

Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); mestre e doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professora efetiva da Universidade Federal de Rondônia.

SILVIA CUNHA LIMA

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Especialista em conservação e restauro de cerâmica e lítico pelo Instituto Palazzo Spinelli, na Itália; doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP). Trabalha com Conservação Arqueológica em projetos desenvolvidos pelo Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT/MAE/USP), Laboratório de Arqueologia dos Trópicos (Arqueotrop/MAE/USP) e Laboratório de Arqueologia do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM).

SOLANGE BEZERRA CALDARELLI

Scientia Consultoria Científica Ltda. Doutora em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é diretora da Scientia Consultoria Científica Ltda. Tem experiência na área de Ciências Humanas, com ênfase em arqueologia e história, e na área de Avaliação Ambiental, com ênfase em avaliação, prevenção, mitigação e compensação de impactos sobre o patrimônio arqueológico e histórico.

STÉPHEN ROSTAIN

Centro Nacional de Investigación Científica (CNRS), París, Francia. Arqueólogo, trabaja en la Amazonía desde hace 30 años. Es director de investigación en el CNRS de Francia y representó del 2011 al 2014 el Instituto Francés de Estudios Andinos (IFEA) en Ecuador. Ha organizado varios grandes proyectos arqueológicos e interdisciplinarios en diferentes países. En 2013, organizó y presidió el Tercer Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica (3EIAA) con sede en Quito. Ha publicado más de 150 artículos científicos o de difusión y 20 libros.

QUIRINO OLIVERA NÚÑEZ

Yanápay Andina Consultores, Perú. É coordinador do projeto “Investigación y Valoración del Patrimonio Cultural en la Zona no Oriental del Marañón” e presidente da Asociación Peruana de Arqueología y Desarrollo Social de la Amazonia. Pesquisa a ocupação antiga da Alta Amazônia no Peru. Atualmente é diretor geral da empresa Yanápay Andina Consultores.



Ministério da
Cultura

Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA